Departamento de Teoria e História Literária
Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas

Episódios da vida do Major Quaresma

(em dois volumes)

Dissertação de Mestrado



Volume I – Dissertação

Orientado: José Leonardo Sousa Buzelli.
Orientadora: Maria Eugenia Boaventura.

Área: Teoria literária (Literatura brasileira).

Campinas, 2009.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

B988e

Buzelli, José Leonardo Sousa, 1974-
Episódios da Vida do Major Quaresma / José Leonardo Sousa Buzelli. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria Eugenia Boaventura.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Episódios da vida do Major Quaresma (Manuscritos de Triste fim de Policarpo Quaresma) - História e crítica. 3. Corpus Polycarpiano. 4. Edição diplomática. I. Boaventura, Maria Eugenia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Episodes from Major Quaresma\'s Life.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Barreto, Lima, 1881-1922; Episodes from Major Quaresma's life - History and criticism; Polycarpian Corpus; Diplomatic edition.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Eugenia Boaventura (orientadora), Profa. Dra. Eliane Vasconcellos Leitão e Prof. Dr. Paulo Elias Allane Franchetti. Suplentes: Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado e Profa. Dra. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo.

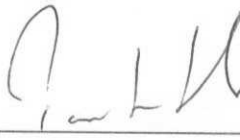
Data da defesa: 20/08/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias 

Eliane Vasconcellos Leitão 

Paulo Elias Allane Franchetti 

Antonio Arnoni Prado

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo

IEL/UNICAMP
2009

Ao "*mulato quase genial*",
pai de Polycarpo Quaresma
e do homem que sabia javanês...

...e aos meus pais,
José e Tania,
que me permitiram tantos anos
de ócio aristotélico.

Agradecimentos

À minha orientadora, Maria Eugenia, por mostrar o caminho e pela amizade; ao professor Paulo Franchetti, por primeiro acreditar que minha idéia poderia render uma dissertação de mestrado, e por participar de ambas as bancas (de qualificação e defesa); aos professores Alcir Pécora e Francine Ricieri, pelas aulas esclarecedoras; ao professor Arnoni Prado, que também participou de minha banca de qualificação; a Emerson Luís Marques da Costa, Ema Franzoni e aos demais funcionários do Arquivo Edgar Leuenroth, do IFCH / Unicamp, pela ajuda com os microfilmes; aos vários funcionários da Fundação Biblioteca Nacional, como Carmen Moreno, Anna Naldi, Monique, Tarso Tavares, Ana Lúcia Merege, Alberth Catharino da Silva, Vera Lucia Fallace e Jorge Luiz dos Santos, entre tantos outros, pela cortesia e eficiência com que me atenderam; ao amigo Asim Ullah, por ler meu "abstract"; à professora Eliane Vasconcelos, do Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa (que participou também de minha banca de defesa), à professora Carmem Lúcia de Negreiros, coordenadora da edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma* da *Coleção Archivos*, à editora José Olympio, a Cristina Antunes, bibliotecária de José Mindlin, e a Cristina Barbosa, herdeira de Francisco de Assis Barbosa, pela ajuda em localizar "O prêmio" – se não o encontrei, não foi por falta de ajuda.

Esta dissertação foi realizada com o auxílio de bolsa de estudos da **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo** (**FAPESP**) – à ela, meus especiais agradecimentos.

Resumo

A presente dissertação analisa o processo de escrita do romance *Triste fim de Polycarpo Quaresma* (1911), de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), levando em conta todos os testemunhos que chegaram até nós, a saber: a caderneta de apontamentos "O prêmio", os manuscritos *Episódios da vida do Major Quaresma*, o texto da obra tal como publicado no *Jornal do Commercio*, entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911, e em livro, publicado em 1916 (apesar de trazer a data de 1915). Além disso, transcreve e edita todo o *Corpus Polycarpiano*, inclusive com uma edição diplomática dos manuscritos.

Palavras-chave: Afonso Henriques de Lima Barreto; *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Episódios da vida do Major Quaresma*; *Corpus Polycarpiano*; edição diplomática; crítica genética; romance brasileiro do século XX (década de 1910).

Abstract

This dissertation first presents an analysis of the writing process of *Triste fim de Polycarpo Quaresma* (1911 – *Polycarpo Quaresma's sad ending*; a.k.a. *The patriot*), a novel by Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), and draws on all the historical source materials passed down to us, namely: the notebook "O prêmio" ("The prize"), the manuscripts *Episódios da vida do Major Quaresma* (*Episodes from Major Quaresma's life*), the text as published in *Jornal do Commercio* between 11th August and 19th October 1911, and as in the 1916 book (although its front page bears the year 1915). The dissertation then goes onto transcribe and edit the entire *Polycarpian Corpus*, including a diplomatic edition of the manuscripts.

Key words: Lima Barreto; *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *The patriot*; *Episódios da vida do Major Quaresma*; *Polycarpian Corpus*; diplomatic edition; genetic criticism; Brazilian novel from the XXth century (1910s).

Sumário

I. Apresentação.
página 11

II. *Corpus Polycarpiano*.
página 23

III. Processo de escrita.
página 41

IV. Conclusão.
página 139

V. Bibliografia.
página 145

Índice.
página 163

I. *Apresentação*

A idéia que teríamos de Lima Barreto, hoje, seria diferente se apenas contássemos com as obras publicadas em vida pelo autor – nada saberíamos sobre suas cartas, sobre seu *Diário do hospício*, sobre *O cemitério dos vivos*, sobre as notas que formariam o *Diário íntimo*. Dele, além dos romances – principalmente *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Polycarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* –, teríamos acesso a alguns contos – dentre os quais "O homem que sabia javanês" e "A nova Califórnia" se destacam – e às crônicas, algumas das quais continuaram saindo mesmo após a sua morte[1]. E seus manuscritos, tão importantes, quase não chegaram até nós.

Conservados até o fim pelo autor em "amarrados", os manuscritos terminaram com Evangelina Lima Barreto, sua irmã, que, quando da visita da comissão designada por Rubens Borba de Morais, então diretor da Fundação Biblioteca Nacional, para adquiri-los, os mantinha "num armário da sala de visitas, que servia também de sala de aula para as lições de piano às suas alunas, na modesta casa em que morava em Inhaúma"[2]. Citados em um inventário organizado por Lima Barreto, datado de primeiro de setembro de 1917, baixo o título geral "Manuscritos e Originais"[3], os dez amarrados se desfizeram e se desorganizaram, alguns mesmo sumiram antes de serem resgatados, em meados dos anos

[1] As duas últimas foram publicadas no periódico *Careta* no dia 9 de fevereiro de 1924, mais de um ano depois da morte de seu autor. BARRETO, Lima: *Toda crônica*, volume II, pp.581-584.
[2] "Lima Barreto – Homem e literato nos anos 20", texto organizado em forma de entrevista por Carmem Lúcia Negreiro de Figueiredo, com depoimentos de Francisco de Assis Barbosa. In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, 1997, p.410.
[3] O inventário está reproduzido em BARBOSA, F.A.: *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*, pp.348-370. A relação de manuscritos encontra-se na página 368

1940, pela supracitada comissão, formada por Francisco de Assis Barbosa – entusiasta da obra do autor carioca, que ajudou a elaborar as *Obras completas* para a Brasiliense, na década de 1950, e que escreveu *A vida de Lima Barreto*, de 1952[4] –, Gastão Cruls e Lúcia Miguel Pereira[5]. "Mas o que sobrava do naufrágio era precioso"[6].

Além das perdas causadas pelas condições inadequadas com que foram mantidos, é preciso salientar que não é de hoje que editoras, revistas e jornais têm o péssimo costume de perder originais... Como nota o biógrafo do autor de *Clara dos Anjos*, por exemplo, os manuscritos de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* "extraviaram-se nas oficinas de Monteiro Lobato e Cia., que imprimiram o livro"[7]. Ao analisarmos os manuscritos de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, por exemplo, fica claro, como se verá, que entre os que ainda existem e o texto impresso, houve pelo menos uma outra versão intermediária – uma cópia limpa –, hoje desaparecida, possivelmente nos arquivos do carioca *Jornal do Commercio*.

[4] Curioso perceber a evolução dos prefácios escritos pelo estudioso para esta biografia, como nota Luiz Ruffato: "[...] em 1952, em sua fundamental *A Vida de Lima Barreto*, Francisco de Assis Barbosa lamentava o quase esquecimento de seu biografado. [...] E no prefácio da sexta edição, de 1981, o autor já pode comemorar as edições bem cuidadas de Lima Barreto e sua publicação no exterior". "A história dos vencidos". In: *O Estado de S. Paulo*, edição de 2 de janeiro de 2005, p.D1.

[5] Pior sorte teve a biblioteca particular de Lima Barreto, chamada por ele de *Limana*: quando o autor morreu, seguido, poucas horas depois, pelo seu pai, a família, premida pelas dificuldades financeiras, se viu obrigada a aceitar que um amigo, José Mariano Filho, pagasse pelo duplo funeral. Sem ter outra forma de retribuir tamanha generosidade, os irmãos de Lima Barreto doaram a esse benfeitor os volumes da *Limana*. Mariano, aparentemente sem saber o que fazer com tão valioso presente – e sem se dar conta de sua importância –, transferiu tudo para sua chácara em Jacarepaguá, nos arredores do Rio de Janeiro, onde ficaram guardados por décadas, à mercê de traças, cupins e umidade: dos cerca de mil títulos, conforme Francisco de Assis Barbosa, sobreviveu "meia dúzia de volumes em péssimo estado. Eram os últimos destroços da *Limana*". O depoimento de Barbosa encontra-se em "Lima Barreto – Homem e literato nos anos 20", texto organizado por Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo para a edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.410.

[6] BARBOSA, F.A.: "Lima Barreto – Homem e literato nos anos 20". In: BARRETO, Lima: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.410.

[7] *Idem*, p.411. O estudioso diz ainda que a história dos manuscritos de *Clara dos Anjos* "é ainda mais obscura" (p.411), tendo se perdido ou na revista Sousa Cruz, ou nas mãos de Lucilo Varejão, a quem Lima Barreto teria presenteado.

Do mesmo modo se perdeu, talvez nas oficinas da Typographia "Revista dos Tribunaes", o texto preparado para a publicação em livro, com correções e emendas feitas a partir dos folhetins, como era hábito de Lima Barreto.

* * * * *

Triste fim de Polycarpo Quaresma foi escrito por Afonso Henriques de Lima Barreto entre janeiro e março de 1911, a conselho do jornalista João Melo, como forma de saldar as inúmeras dívidas do autor, que se avolumavam[8]. No mesmo período, como recorda Francisco de Assis Barbosa, o autor escrevera "O homem que sabia javanês" e "A nova Califórnia", duas obras-primas – segundo penso – da narrativa curta; ou seja, os anos de 1910 e 1911 foram o ápice da produção literária de Lima Barreto, com uma tal qualidade que não tornaria a se repetir. O que restou daqueles cerca de dois a três meses de escrita compõe um maço de cento e setenta folhas manuscritas à tinta e a lápis, hoje depositadas na Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que evidenciam o trabalho criativo do autor de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Entre 11 de agosto e 19 de outubro daquele mesmo ano, o *Jornal do Commercio* publicou a obra em

[8] Como o próprio autor nos conta: "A minha dor ou as minhas dores aumentavam ainda; e, cheio de dívidas, sem saber como pagá-las, o J.M. aconselhou-me que escrevesse um livro e o levasse para ser publicado no *Jornal do Commercio*. / Assim o fiz. Pus-me em casa dois meses e escrevi o livro. Saiu na edição da tarde e ninguém o leu, e só veio a fazer sucesso, para mim inesperado, quando o publiquei em livro". BARRETO, Lima: *O cemitério dos vivos*; 2004, p.37. Em nota incluída pelos organizadores do *Diário íntimo* em março de 1916, Lima Barreto escreve: "O *Policarpo Quaresma* foi escrito em dois meses e pouco, depois publicado no Jornal do Comércio da tarde, em 1911. Quem o publicou foi o José Félix Pacheco. Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cismei em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali, inclusive do Santos, que me emprestou trezentos mil-réis, e o Benedito imprimiu-o. Os criticos generosos só se lembravam diante dele do Dom Quixote". In: *Um longo sonho do futuro*, pp.126-127.

cinqüenta e dois números de sua edição vespertina; quatro anos depois, em fevereiro de 1916 (apesar de o frontispício trazer a data de 1915[9]), o romance finalmente tornou-se livro, numa edição mal cuidada, repleta de erros e gralhas, custeada pelo próprio autor[10] – infelizmente, a única publicada em vida.

São evidentes os paralelos entre os governos de Floriano Peixoto e de Hermes da Fonseca, eleito presidente em 1910, e entre a *Revolta da Armada* e a *Revolta da Chibata*, terminada de maneira similar à descrita no romance em dezembro daquele mesmo ano, cerca de um mês antes de Lima Barreto começar a escrevê-lo. Quando *Triste fim de Polycarpo Quaresma* começou a ser publicado no *Jornal do Commercio*, a revolta naval liderada pelo "Almirante Negro" e sua repressão pelas forças "legalistas" não haviam ainda perdido a atualidade, e os leitores do diário carioca podiam perceber as críticas ao governo. Talvez por isso não tenha feito sucesso senão quando saiu em livro, vindo a ser elogiado e comparado mesmo ao *Dom Quixote*[11]. Chegou a ser citado em uma tese universitária sobre Machado de Assis, como atesta o próprio Lima Barreto...[12]

---

[9] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.122. "O Policarpo Quaresma apareceu em 26 de fevereiro de 1916".

[10] A impressão custou ao autor, segundo ele mesmo anota, "um conto e oitocentos mil-réis" (p.134), dos quais "quatrocentos e quarenta e dois mil" foram emprestados por um amigo de nome Lima (p.130), e "trezentos mil" por outro, Santos (p.127). Dinheiro que, devido ao sucesso do livro, Lima Barreto conseguiu devolver: "Nada mais devo da impressão do meu livro", anota em 18 de junho de 1917 (p.134). Para se ter um parâmetro do que significa esta quantia, observe-se a seguinte nota do autor: "Preço médio do açúcar exportado é de 462 réis o quilo. Vide *Correio da Manhã*, de 15-9-17" (p.131). BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*. E um exemplar da edição da tarde do *Jornal do Commercio* do dia 11 de agosto de 1911 custava cem réis.

[11] Primeiro por Oliveira Lima, em artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, no dia 13 de novembro de 1916.

[12] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.138. Anotação referente ao ano de 1918: "O doutor Luís Ribeiro do Vale, na sua tese de doutoramento em 1918 (ano letivo de 1917), refere-se ao meu livro – *Policarpo Quaresma*. O título é *Psicologia Mórbida na Obra de Machado de Assis*". Lima Barreto possuía uma cópia da tese na *Limana*: "724 – Psicologia Mórbica na Obra de Machado de Assis. Dr. Luis Ribeiro do

Porém, mesmo com o entusiasmo imediato[13] de pessoas como Monteiro Lobato (que lhe pediu, em uma carta, "contos, romances, o diabo, mas à moda do *Polycarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc."[14]), o romance caiu em um quase esquecimento, vindo a ser republicado apenas em 1943 e ganhando uma edição dita "definitiva" não antes de 1956, pelas mãos de Francisco de Assis Barbosa, Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença, publicada pela editora Brasiliense. Mais recentemente, em 1997, o Major Quaresma ganhou uma belíssima edição crítica – com anotações de variantes dos manuscritos, dos folhetins e do livro – graças ao projeto *Allca XX*, que, através da *Coleção Archivos*, dedica-se a publicar clássicos recentes das literaturas de línguas neo-latinas (principalmente do Português e do Espanhol); também a editora Nova Aguilar introduziu o romance, há bem pouco tempo, em sua canônica coleção em papel-bíblia, no volume *Prosa seleta*. A obra, portanto, impõe-se como um clássico de nossa literatura, ocupando espaço ao lado de *Memórias de um sargento de milícias*, de *Dom Casmurro* e de *Grande sertão: veredas*, entre outros.

Essa canonização – relativamente recente – do escritor, no entanto, esconde um aspecto que deve ser explicitado: a crítica à obra de Lima Barreto levou relativamente

---

Vale. Brochado" (In: BARBOSA, F. A.: *A vida de Lima Barreto*, p.369). O "Inventário" da *Limana* sendo do ano anterior, talvez devêssemos passar a anotação para 1917.

[13] Sucesso imediato quando da publicação em livro, já que, como explica Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, ao sair no *Jornal do Commercio* a obra "não provoca nenhuma sensação, merecendo a crítica, apenas, de Alcindo Guanabara, em um artigo do jornal *A Imprensa*, do Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1911". "Cotidiano e ficção: escrita de vida e morte". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.275.

[14] A carta está reproduzida no volume *Um longo sonho do futuro*, organizado por Bernardo de Mendonça, p.247.

pouco em consideração suas capacidades literárias – ressalta-se, quando muito, seu estilo "descuidado", seu papel como "precursor dos modernistas" (em uma leitura teleológica), e só. Boa parcela dos críticos e comentadores compara *Triste fim de Polycarpo Quaresma* ao *Dom Quixote*, de Cervantes, muitos lembram o gosto do autor pela literatura russa – Dostoiévski, Tólstoi, Gogol, Tugueniév –, comentam sua má-vontade para com Machado de Assis (e vários fazem disso uma "partida de futebol" literária, com torcidas organizadas de ambos os lados, como se a admiração a um impedisse o admirar o outro[15]), suas brigas com Coelho Neto[16], mas pouquíssimos usam esses dados para definir o "escritor" Lima Barreto – ou seja, seu fazer literário, como ele cria seus romances, contos, crônicas e cartas.

O que interessa à maioria (e aí a bibliografia é abundante) é descrevê-lo como "pensador social"[17], "um artista militante"[18] de "função profética e revolucionária"[19], um "rebelde imprescindível"[20], como uma "figura polêmica"[21], um "escritor sempre em

[15] Como, por exemplo, Jackson de Figueiredo e Tristão de Athayde (que contrasta o "elitismo" de Machado com o "massismo" – os termos são seus – do auto de *Clara dos Anjos*), *torcedores* de Lima Barreto.
[16] Em crônica publicada poucos dias após a morte do suposto desafeto, Coelho Neto, embora criticasse o descuido "da obra que construiu, não procurando corrigi-la de vícios de linguagem, dando-a como lhe saía da pena fácil, sem a revisão necessária" etc., o elogia como "esse grande Lima Barreto", "escritor pujante", "um boêmio de gênio", cujas falhas comprometeriam sua beleza, sem todavia destruí-la ou "tirar-lhe a grandiosidade". Coelho Neto, "A sereia". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.428.
[17] É como Maria Cristina Teixeira Machado o descreve já no título de seu livro: *Lima Barreto – um pensador social na Primeira República*.
[18] FANTINATI, Carlos Erivany: *O profeta e o escrivão*, p.3.
[19] *Idem*, p.17.
[20] LEITÃO, Luiz Ricardo: *Lima Barreto – o rebelde imprescidível*.
[21] SILVA, Maurício: *A Hélade e o subúrbio*, p.11. É sintomático que, embora Silva busque explicitamente "privilegiar, antes, sua [de Lima Barreto] obra literária propriamente dita, em detrimento de questões extra-literárias eventualmente ligadas à sua biografia e/ou relacionadas ao conjunto de idéias defendidas pelo autor em diversos escritos de natureza ensaística" (pp.11-12), ele prefira descrevê-lo como uma "figura polêmica", e não como um "escritor polêmico".

ofensiva"[22], um "analista social [...] que combate"[23] e que "lançou entre nós [o] romance de crítica social sem doutrinarismo dogmático"[24], o "grande amigo dos desgraçados"[25], um "guerreiro"[26], e não como romancista ou contista (muito embora suas obras mais famosas sejam, hoje, um romance – justamente *Triste fim de Polycarpo Quaresma* – e dois contos – "O homem que sabia javanês" e "A nova Califórnia"); fala-se muito de sua atuação política – na imprensa, como jurado – e de seus problemas com a bebida e de suas internações (que lhe levaram à morte precoce), e pouco de seu estilo, de seu fraseado, de seu processo de escrita, de suas leituras[27]. Uma parte não desprezível dos críticos contenta-se mesmo com o meramente anedótico. Como se ele fosse um grande escritor porque sofreu na pele o que descreve, e não porque dominasse com maestria a arte literária, produzindo os efeitos que desejava com relativa facilidade (sempre que sua letra – seria melhor dizer, seus garranchos – não impedia, como ele próprio confessa em uma crônica[28], a decifração dos textos pelos

[22] Lúcia Miguel-Pereira, "Lima Barreto". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.443.
[23] Jackson de Figueiredo, "Impressões literárias". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p. 420.
[24] Monteiro Lobato, "Lima Barreto". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.425.
[25] Assim o escritor é descrito por um anônimo que compareceu a seu velório. *Apud* BARBOSA, F.A.: *A vida de Lima Barreto*, p.335.
[26] BARBOSA, F.A.: *A vida de Lima Barreto*, p.160.
[27] Uma exceção é o livro de Osman Lins, *Lima Barreto e o espaço romanesco*, com seus capítulos dedicados à linguagem, à temática, às "repercussões bibliográficas na obra", à ambientação, às "relações personagem/espaço" etc. Osman Lins, aliás, é autor da tese, interessante, de que *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Polycarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* constituiriam "uma trilogia involuntária da incomunicabilidade" (p.40), já que suas personagens fechar-se-iam em "ilhas" isoladas umas das outras, impedindo-lhes a comunicação de temores e desejos e dificultando o entendimento mútuo.
[28] E eu tive a possibilidade de constatar... BARRETO, Lima: "Esta minha letra...". In: *Toda crônica*, volume I, p.90. "A minha letra é um bilhete de loteria. Às vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Eu devia esta explicação aos meus leitores, porque, sob a minha responsabilidade, tem saído cada cousa de se tirar o chapéu. Não há folhetim em que não venham cousas extraordinárias". Essa crônica saiu, originalmente, na *Gazeta da Tarde* do dia 28 de junho de 1911, menos de dois meses antes de iniciada a publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresm*a pelo *Jornal do Commercio*. Também Monteiro Lobato deixou testemunho reclamando da letra do romancista, à qual descreve como "infamérrima e irregularíssima" (*op.cit.*, p.28).

tipógrafos, que então compunham verdadeiros disparates que nem o próprio autor era capaz de compreender ou reconhecer como seus quando saíam nas páginas dos jornais).

Sim, o criador do pseudo-alquimista Raimundo Flamel foi um escritor combativo, crente no poder transformador da literatura, um entusiasta de primeira hora da Revolução Russa de 1917 – sobre a qual escreveu uma belíssima crônica, "No ajuste de contas...", que acaba com um "Ave Rússia!" já famoso[29] –, alguém que desafiou abertamente – principalmente através da revista *Floreal*, dos jornais e do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*[30] (de 1909) – a intelectualidade de sua época; não é, portanto, intenção deste mestrando tentar tornar irrelevantes os estudos que o vêem sob essa perspectiva. Creio mesmo ser impossível entender completamente sua ficção sem entender esse seu aspecto[31]; mas creio também que apenas esse aspecto não baste: o autor de *Numa e a ninfa* era, também, um grande leitor, constantemente dialogando com os livros que lia em sua biblioteca pessoal, nas públicas, na do hospício, nas livrarias, neles buscando modelos de escrita e de ação, principalmente nos autores que mais admirava. Era alguém que dominava o processo de escrita e seus mecanismos, um escritor infatigável que deixou dezessete volumes de textos e que, ao contrário da opinião geral, trabalhava e retrabalhava

[29] "No ajuste de contas..." saiu no periódico *A.B.C.* no dia 11 de maio de 1918. In: BARRETO, Lima: *Toda crônica*, volume I, pp.336-343.
[30] *Roman à clef*, embora Lima Barreto o negue, que ridiculariza os jornalistas e o proprietário do carioca *Correio da Manhã*, disfarçado sob o nome *O Globo*.
[31] Parece oportuno, a esse respeito, citar "Uma leitura do povo para o povo", do professor Antônio Arnoni Prado: "Em Lima Barreto, de fato, fica difícil simbolizar os limites entre o intelectual profundamente consciente das questões políticas e sociais de seu tempo e o estilista que insistia em não ter estilo algum; entre o repórter extremamente impiedoso e mordaz que atacava de frente o lado grotesco dos homens, e o mulato oprimido que chorava às escondidas na solidão de seu quarto, enchendo as páginas do diário de angústias, vergonha e ressentimentos". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.525.

constantemente sua redação, até dar-se por satisfeito, muito embora não alcançasse a obsessão de um Euclides da Cunha. E é na análise literária "desse extraordinário suburbano de Todos os Santos"[32] – ou, mais especificamente, na de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* – que está o diferencial desta dissertação: sem ser o único estudo dedicado ao Lima Barreto escritor, ela é um dos poucos – talvez o único – voltados exclusivamente a uma única obra literária, e a fazer uso, nisso, dos seus vários testemunhos que chegaram até nós – a caderneta de apontamentos, os manuscritos, os folhetins e a publicação em livro –, além de diversas notas esparsas, de trechos de outras obras, de crônica e de cartas que fazem referência ao romance e à sua escrita.

Além do mais, juntamente com a análise da obra e de seu processo de escrita, preparei a edição diplomática[33] dos manuscritos do romance, os *Episódios da vida do Major Quaresma*, que trazem um texto consideravelmente mais curto do que o impresso nas páginas do *Jornal do Commercio* e em livro.

Confesso que não sei a quem se direciona tal edição; mas a publicação dos manuscritos, em particular, talvez desperte o interesse – eu mesmo fui levado a publicá-los pelo desejo de lê-los. Até agora o que havia disponível para os leitores em geral eram apenas descrições – no geral brevíssimas – desse material, em especial as contidas nas

[32] Nas palavras de M. Cavalcanti Proença. "Giros de eixo em Lima Barreto". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.483.

[33] Aqui entendida como "reprodução tipográfica do texto manuscrito, como se fosse completa e perfeita cópia do mesmo, na grafia, nas abreviações, nas ligaduras, em todos os seus sinais e lacunas, inclusive nos erros e nas passagens estropiadas". SPINA, Segismundo: *Introdução à edótica*, p.85. A única liberdade tomada em relação a esses preceitos foi a atualização ortográfica, imposta em parte pela letra de Lima Barreto e pelo tempo desta dissertação – no resto, segui-os fielmente, inclusive quando Spina recomenda "que uma edição diplomática se faça acompanhar dos fac-símiles do original" (*idem*).

edições da Brasiliense e da *Coleção Archivos*, principalmente a desta última, assinada por Francisco Venceslau dos Santos[34], que lhe dedica três páginas. Cuidadoso como ele é, o Professor Santos, no entanto, comete algumas (graves) incorreções, mais incompreensíveis quando se percebe a minúcia e o acerto de muitas de suas observações. Diz que os *Episódios da vida do Major Quaresma* são compostos por "254 fólios manuscritos no reto, a caneta"[35], quando o número de fólios é de cento e setenta e muitos estão manuscritos a lápis, e nas duas faces; afirma que "não se encontram borrões"[36], quando um enorme tornou ilegíveis cerca de oito linhas da folha quarenta e um; chama os manuscritos de "um autógrafo limpo"[37], quando ele é tudo, menos isso, e fica evidente que o autógrafo limpo se perdeu; escreve que o "capítulo 'O *bibelot*', da 'Primeira Parte', só aparece nos folhetins, e na edição em livro, portanto não há manuscrito dele"[38], quando uma simples consulta à minha edição comprovará que o capítulo está lá[39]; deixa de mencionar, por outro lado, a ausência do quinto capítulo da terceira parte, "A afilhada". Embora anote mudanças de nomes de várias personagens (por exemplo, o da afilhada de Quaresma, de *Lúcia* para *Olga*), deixa de reparar a que sofreu o seresteiro, que de *Tibullo* passou a ser *Ricardo*. Tudo indica que Venceslau dos Santos viu não os manuscritos em si, mas uma cópia preto-e-branco – daí porque não tenha percebido o uso tanto de tinta quanto de lápis na escrita (que conta, além disso, com lápis vermelho e azul em alguns momentos) e o número absurdo de

[34] "Nota filológica – procedimentos de edição". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, pp.XXIII-XXXV.
[35] *Idem*, p.XXV.
[36] *Ibidem*, p.XXV.
[37] *Ibidem*, p.XXV.
[38] *Ibidem*, p.XXVI.
[39] Temos aqui um evidente lapso de Santos, já que a própria edição que ele introduz – e cujo texto ele próprio estabelece – utiliza os manuscritos para anotar nada menos do que quinze variantes nesse mesmo capítulo, "O *bibelot*". Para as variantes ver BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, pp.74-89.

fólios, já que não teria podido observar o que eram folhas diferentes e o que eram faces opostas de uma mesma folha (embora os manuscritos contem com apenas duzentas e dezoito páginas e duas capas, ficando ainda bem aquém das "254" por ele indicadas). Diria ainda que a cópia era em microfilme, e que, portanto, ele não a tinha ao seu lado quando descreveu o material – o que explicaria a confusão entre o quinto capítulo da terceira parte com o da primeira. Imperfeita como está, a descrição de Santos foi, ainda assim, de valia na localização dos manuscritos e da compreensão de alguns trechos mais obscuros.

* * * * *

Tratarei cada testemunho como um texto completo em si, íntegro e com seu próprio interesse – mesmo que comparações entre as versões apareçam forçosamente –, desconsiderando as etapas da escrita como partes coerentes de um processo unificado e ordenado, e evitando a armadilha teleológica através da noção de aleatoriedade. Não trabalharei com a idéia – muito disseminada ainda – de que a última versão do texto publicada em vida pelo autor corresponde à sua última vontade: no caso específico de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, em que a última edição, pela Typographia "Revista dos Tribunaes", saiu às pressas, repleta de erros e gralhas, esta idéia é particularmente problemática.

Minha dissertação está dividida em:

a) Descrição do *Corpus Polycarpiano*, composto de todos os testemunhos do romance que chegaram até nós.

b) Crítica e análise do processo de escrita de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*.

c) Bibliografia, contendo uma lista de edições, traduções e adaptações conhecidas do romance.

d) A transcrição da caderneta de apontamentos "O prêmio"[40].

e) Edição "corrida" do texto dos manuscritos *Episódios da vida do Major Quaresma*, obedecendo às orientações do autor em seu interior.

f) A edição diplomática dos manuscritos, com sua reprodução fac-similar na página oposta.

g) Edição do texto do romance publicado no *Jornal do Commercio*, com as principais variantes do livro anotadas.

[40] Infelizmente realizada a partir da edição impressa dentro de *Diário íntimo*.

II. *Corpus Polycarpiano*

Aquilo que chamo de *Corpus Polycarpiano* compõe-se de todos os escritos relativos ao romance *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, incluindo os apontamentos de *O prêmio*, os manuscritos de *Episódios da vida do Major Quaresma*, e as duas únicas impressões em vida de Lima Barreto, no *Jornal do Commerco* e em forma de livro, além de uma ou outra nota esparsa incluída em *Diário íntimo*[41] na edição da Brasiliense, na década de 1950; descrevo-os abaixo:

* * * * *

1. "O prêmio".

Um caderno de dimensões pequenas, com o título "O prêmio" manuscrito a lápis na capa verde, onde também se lê *The original reporter's notes book*, impresso pelo fabricante[42], e que, infelizmente, não consegui localizar. Contém várias páginas com apontamentos, sugestões, notas e rascunhos para a elaboração do romance. Nele aparece a única versão manuscrita do título final do romance, antecedido de artigo definido (*O triste fim de Polycarpo Quaresma*). Passarei a me referir a ele, a partir de agora, como "O

[41] Volume constituído a partir de escritos de diversas procedências, e publicado em 1953.
[42] "Destacam-se os apontamentos para o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, extraídos de um caderno de notas, de capa esverdeada que trazia impresso o título: 'The original reporter's notes book'. A lápis, também na capa, Lima Barreto escreveu: 'O Prêmio'". In: BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, nota de rodapé na p.93.

prêmio" ou como "apontamentos". Segundo Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, que o viu quando ainda na coleção de Francisco de Assis Barbosa:

> O *caderno de anotações* do escritor registra uma letra calma de quem apenas copia – quando transcreve as lendas – e agitada, forte, que não respeita os limites das linhas, de quem pensa e cria os temas de um romance. [...]
>
> A um total de 12 (doze) lendas, copiadas e numeradas pelo autor, misturam-se anotações sobre literatura e referências bibliográficas, assim como ensaios de títulos para os capítulos e resumo da trama.[43]

Seu texto foi tirado de *Diário íntimo*, republicado dentro do volume *Um longo sonho do futuro*[44], sem qualquer alteração. Deixei de fora as fábulas, com exceção de "Os macacos que salvaram a onça", reaproveitada no romance como "O macaco perante o juiz de direito", contada pelo "velho poeta" ao General Albernaz e ao Major Quaresma no capítulo II da primeira parte: "Reformas radicais"[45] (fábula curiosamente ausente tanto dos *Episódios da vida do Major Quaresma* quanto da publicação no *Jornal do Commercio*).

O que os poucos fac-símiles publicados demonstram é que nem todo o texto dos apontamentos foi transcrito: há dois endereços ("Barroso – Rua da Misericórdia, 59, 2º.

[43] FIGUEIREDO, C. L. N.: "Cotidiano e ficção: escrita de vida e morte". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, pp.279 e 281. No mesmo artigo a autora apresenta o fac-símile de quatro folhas dos apontamentos, nas pp.280, 283, 284, e de uma linha ("Olhos cheios d'água") na p.285.
[44] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*. Pp.93-107.
[45] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.32-33.

andar"[46] e "Chrispim – Rua Maxwell, 219, Aldeia Campista"[47]) que não estão em *Diário íntimo*. Além disso, o fac-símile de duas páginas juntas[48] parece indicar que as fábulas e as anotações estavam intercaladas umas às outras (talvez ocupando frente e verso das mesmas folhas), e não separadas do modo como publicadas.

* * * * *

2. *Episódios da vida do Major Quaresma*.

Os únicos manuscritos do romance que subsistem. A primeira menção a eles ocorre no inventário da *Limana*, de 1o. de setembro de 1917, onde encontramos uma pequena relação de "Manuscritos e Originais" na qual figura, como item III:

> *Polycarpo Quaresma*, romance meu (Publicado no *Jornal do Comércio*, ed. da tarde, 1911; e em livro, 1916).[49]

Os manuscritos são compostos por cento e setenta folhas, a maior parte das quais manuscritas em apenas um dos lados, de dimensão média de 36 por 22 centímetros,

[46] BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.280.
[47] *Idem*, p.284.
[48] *Ibidem*, p.280.
[49] BARBOSA, F. A.: *Vida de Lima Barreto*, p.368. Tomei a liberdade de, em todas as citações, modernizar a ortografia. Entretanto, devido à natureza desta dissertação, mantenho escrupulosamente a pontuação e outras idiossincrasias do autor do romance. Quando cito os manuscritos, indico a mudança de lado de uma mesma folha com um traço inclinado – / –, e a mudança de folha com dois – //; não marco as mudanças de linha. Os trechos que não consegui decifrar (a letra de Lima Barreto muitas vezes se resume a linhas breves e sinuosas...) estão indicados pela palavra *ilegível* entre colchetes e em itálico – [*ilegível*].

localizadas na Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, sob o número de chamada 22,4,11 e o registro 55/1949. Os manuscritos foram adquiridos para esta instituição, juntamente com outros materiais, por uma comissão organizada por Rubens Borba de Morais.

As duas primeiras folhas são capas: a primeira traz o nome do autor, seguido do título *Episódios da vida do Major P. Quaresma e outras histórias*, e de uma epígrafe de Alphonse Jean-Baptiste Karr (1808-1890) ("Qui est content n'a rien a dire"[50]) – tanto o nome do autor quanto o título estão riscados –; a segunda traz apenas o nome de Lima Barreto e o título, levemente alterado para *Episódios da vida do Major Quaresma e outras histórias*, sem a epígrafe. Ambas as folhas estão manuscritas à tinta preta, apenas na frente.

As folhas 3 a 22 contêm o primeiro capítulo da primeira parte, já aqui intitulado "A lição de violão", todas manuscritas à tinta (a tinta utilizada é sempre nanquim preta) e apenas na frente, com exceção das folhas 4 (cujo verso apresenta um início alternativo e abandonado do mesmo capítulo) e 8 (cujo verso apresenta uma nota manuscrita a lápis – "Ver o curso do Nilo"). Todas as folhas são pautadas, com correções e emendas feitas à tinta e, principalmente, a lápis, e estão numeradas, a partira da segunda, de 2 a 20.

"Reformas radicais", o segundo capítulo, está manuscrito à tinta nas folhas 23 a 35, com correções e emendas a lápis e à tinta, apenas na frente. Estas folhas foram inicialmente numeradas à tinta de 1 a 13 e depois, a lápis, de 21 a 33, dando prosseguimento à

[50] "Quem está / é contente não tem nada a dizer".

numeração do primeiro capítulo. O nome *Quaresma* vem escrito a lápis vermelho no alto da folha 23.

A folha 36 traz o título "Desastrosas conseqüências de um requerimento" riscado (este passou a ser o título do capítulo seguinte, o deste se tornando "A notícia do Genelício"); este terceiro capítulo está totalmente manuscrito, corrigido e emendado a lápis, e ocupa a frente e o verso das folhas 36 a 39, e apenas a frente da 40. As folhas estão numeradas, apenas na frente e a partir da 37, de 2 a 5.

As folhas 41 a 55 trazem o quarto capítulo da primeira parte, "Desastrosas conseqüências de um requerimento", totalmente manuscrito à tinta na frente, com correções e emendas à tinta e a lápis. O capítulo teve um título anterior, riscado, e do qual apenas consegui ler o final: "[...] e desgraças". As folhas foram primeiramente numeradas à tinta de 1 a 15, e depois, dando prosseguimento à numeração do segundo capítulo, de 34 a 48, a lápis. Um imenso borrão de tinta preta dificulta a leitura das últimas treze linhas da folha 41. Na mesma folha, o nome Quaresma e os número 57, 43 e 14, arranjados em uma operação de subtração, estão escritos, no alto, com lápis vermelho.

O último capítulo da primeira parte, "O *bibelot*", não possui aqui título. Manuscrito, corrigido e emendado inteiramente a lápis na frente e no verso das folhas 56 a 60, e na frente da folha 61, com exceção do verso da folha 59, onde há, no alto, um trecho escrito à tinta, relativo à segunda parte, e riscado a lápis. Na frente da folha 57 o seresteiro, até então chamado de Tibullo, é pela primeira vez tratado por seu nome definitivo, Ricardo. As

folhas estão numeradas a lápis, de 1 a 6 e apenas na frente, embora o verso da folha 59 traga o número 54 manuscrito à tinta e riscado a lápis.

As folhas 62 a 76, numeradas de 49 a 63 – dando prosseguimento à numeração do quarto capítulo – trazem, manuscrito à tinta, o primeiro capítulo da segunda parte, com correções e emendas a lápis e tinta. No alto da folha 62 temos quatro números de capítulo diferentes: IV (o que indica que os capítulos três e cinco da primeira parte não faziam parte da estrutura inicial do romance), VI (o que indica que a trama não seria dividida, em um primeiro momento, em partes), e 2ª. parte - I (indicando a estrutura final da obra). O capítulo recebeu, aqui, dois títulos diferentes – primeiro "Iniciativa agrícola", riscado e substituído por "Na 'Fartura'" –, nenhum dos quais acabou impresso (o título final será "No Sossego", fazendo menção ao sítio de Polycarpo, que aqui ainda se chama "Fartura"). Há algumas anotações e emendas a lápis azul e vermelho; os versos das folhas estão em branco.

O primeiro título do segundo capítulo da segunda parte, manuscrito a lápis na frente e no verso das folhas 77, 78 e 81 a 84, e na frente das folhas 79, 80 e 85 (há outro texto de Lima Barreto manuscrito à tinta no verso das folhas 79 e 80), é "Espinhos da glória", riscado e substituído pelo definitivo "Espinhos e flores". A parte inferior da folha 77 foi rasgada, deixando-a com 29 centímetros de altura; há um rascunho de procuração manuscrito à tinta no verso da folha 78, dando poderes a Lima Barreto para receber a aposentadoria de seu pai (a letra não é a do autor); as folhas estão numeradas, na frente, de

1 a 9; afora uns riscos à tinta na frente da folha 79 e "2ª. parte" manuscrito com lápis azul no alto da 77, todas as emendas e correções estão também a lápis.

O terceiro capítulo da terceira parte sofre duas alterações de título nos manuscritos: passou de "Até quando [*ilegível*]" para "Grandes luares" e, finalmente, "O gigante Golias" (será apenas "Golias", no livro). Todo manuscrito à tinta, com emendas e correções à tinta e a lápis, ocupa apenas a frente das folhas 86 a 102, numeradas de 65 a 81, à tinta, quase prosseguindo a numeração do capítulo "Na 'Fartura'" (falta a página 64). Originalmente este era o "Cap. VIII", a lápis, e depois o "2ª. parte III", à lápis azul. No alto da folha 65, há ainda uma conta de subtração (81 - 65 = 16), aparentemente para o autor ter uma idéia rápida da extensão do capítulo. Na mesma folha está "Quaresma" escrito a lápis, em tamanho ligeiramente maior, decerto para auxiliar na organização de seus manuscritos. Na penúltima linha da folha 91, Lima Barreto escreveu "Floriano" e "Deodoro" à tinta, um por cima do outro, e daí "Floriano" a lápis – é certo que o nome a lápis veio depois, quando os manuscritos foram revisados, mas qual dos dois nomes à tinta precedeu o outro é impossível dizer. As linhas da folha 96 foram numeradas de 1 a 25 à lápis, e o verso da folha 98 traz algumas anotações bibliográficas, das quais consegui ler apenas "[...] Michelet, Pág. 84 [...]".

As folhas 103 a 119 trazem o capítulo "Peço energia. Sigo Já", o quarto da segunda parte, manuscrito à tinta e com emendas à tinta e a lápis. As folhas, utilizadas somente na frente, estão numeradas de 82 a 98, seguindo a numeração do capítulo anterior. "2ª. parte IV" está manuscrito a lápis azul no alto da folha 103.

O último capítulo da segunda parte, "O trovador", está manuscrito, corrigido e emendado a lápis na frente e no verso das folhas 120 a 126, numeradas de dois a sete a partir da segunda. Lápis azul foi utilizado para escrever "2ª. parte" no alto da frente da folha 120, e em algumas emendas nos versos das 122 e 125. As folhas 120, 123 e 125 são timbradas do *Ministério dos Negócios da Guerra*.

Lima Barreto alterou já nos *Episódios da vida do Major Quaresma* o título do primeiro capítulo da terceira e última parte, de "Um patriota" para "Patriotas". O capítulo ocupa as folhas 127 a 142, e retoma a numeração interrompida no quarto capítulo da parte anterior: 99 a 114. Manuscritas à tinta, trazem correções e emendas a lápis e tinta, além de "Cap. I" a lápis azul, no alto da folha 127 (anteriores havia "VIII" à tinta, e "XI" a lápis), onde está escrito, na margem e a lápis, "É o Apa. Bãº. Cruzeiro do Sul". Os versos das folhas 129 a 131 trazem uma redação anterior do texto das folhas 134 e 135, recebendo a mesma numeração (respectivamente 106, 107 e, novamente, 106).

"Você, Quaresma, é um visionário", o próximo capítulo, está manuscrito a lápis na frente e no verso das folhas 143 a 151, numeradas, na frente, de um a nove. A única exceção é uma frase manuscrita à tinta na frente da folha 144. No verso da folha 149 há outro trecho, alheio ao capítulo, de ponta-cabeça, manuscrito à tinta, com o número de folha 213 logo acima. As folhas 143 a 145 são timbradas do *Ministério*. No verso da folha 157, há uma versão manuscrita à tinta do início deste capítulo, com dois títulos: "A defesa do [*ilegível*]", rasurado, e, acima, "Você é um visionário, Quaresma!".

O terceiro capítulo da terceira parte vem manuscrito a lápis nas duas faces das folhas 152 a 160, numeradas com lápis vermelho de um a nove, só na frente. "Qma 3ª." está a lápis azul no alto da folha 152, na frente. O verso da folha 158 um trecho do conto "Cló", também à tinta.

O último capítulo a existir nos manuscritos é o quarto da terceira parte, "O Boqueirão" (alterado com o corte do artigo para "Boqueirão"), manuscrito a lápis nas duas faces das folhas 161 a 170, numeradas de um a nove. O verso da última folha traz também um trecho abandonado, manuscrito à tinta, correspondente ao quinto capítulo da primeira parte. E o verso da penúltima traz uma curiosidade – um manuscrito à tinta do final de "O homem que sabia javanês", composto, segundo informa Francisco de Assis Barbosa, mais ou menos no mesmo período.

A Fundação Biblioteca Nacional microfilmou todos os manuscritos de Lima Barreto em sua guarda, com cuidado e esmero, tomando o cuidado de dividir as folhas por obras. A qualidade da reprodução é muito boa, permitindo, sem maiores obstáculos, a transcrição do texto – tanto quanto é possível transcrever a péssima letra de Lima Barreto. De se lamentar, apenas, que a ordem de algumas folhas esteja trocada (o segundo capítulo da segunda parte, "Espinhos e flores", aparece antes do primeiro, "Na 'Fartura'", por exemplo). E talvez – apenas talvez – os microfilmes pudessem ter indicado quando duas páginas pertencem à mesma folha, informação relevante quando se tem em conta que Lima Barreto nem sempre manuscrevia em ambos os lados. Como comentado na introdução a esta dissertação, os

equívocos cometidos por Francisco Venceslau dos Santos se devem, com toda a certeza, à consulta apenas aos microfilmes, e não aos originais.

* * * * *

3. *Triste fim de Polycarpo Quaresma* (folhetins).

O romance foi publicado pela primeira vez na *Edição da Tarde* do carioca *Jornal do Commercio*, entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911, totalizando cinqüenta e dois números, sempre na metade inferior da quarta e última página, na seção *Folhetim do Jornal do Commercio*. O jornal, quando fechado, media 66 por 51 centímetros. Os exemplares da Fundação Biblioteca Nacional, em estado infelizmente precário, estão encadernados em dois volumes, um contendo os exemplares de julho a setembro e cujo número de chamada é 1-239,03,13, e outro contendo os números de outubro a dezembro, cujo número é 1-239,03,14. O romance saiu nos dias 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 24, 25, 26, 28, 29 e 30 de agosto, nos dias 1º., 2, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29 e 30 de setembro, e nos dias 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18 e 19 de outubro. Cada folhetim, como passarei a chamá-los daqui em diante, saiu em quatro (com cerca de 47 linhas cada) ou oito colunas (com cerca de 31 linhas cada).

As divisões do romance – "Primeira parte", "Segunda parte" e "Terceira parte" no livro – são aqui chamadas de "Livro primeiro", "Livro segundo" e "Livro terceiro". Nem

sempre os folhetins trazem o nome do capítulo cuja publicação iniciara-se em números anteriores, muitas vezes contentando-se os editores a indicar apenas seu número ("Livro primeiro – I"; "Livro primeiro – IV" etc.). O texto do jornal é ligeiramente mais curto do que o do livro, com muitas frases e parágrafos a menos (por exemplo, falta a fábula "O macaco perante o juiz de direito"). Os capítulos saíram assim publicados: "A lição de violão" apareceu nos dias 11, 12, 14 e nas três primeiras colunas do dia 15 de agosto; "Reformas radicaes" começa a ser publicado no final da terceira coluna do dia 15 e segue pelos dias 16 e 18; nos dias 19, 21 e 24 de agosto apareceu o capítulo "A notícia do Genilicio"; "Desastrosas consequencias de um requerimento" saiu nos dias 25, 26, 28 e 29 de agosto; "O *bibelot*" apareceu nos dias 30 de agosto, 1º. e 2 de setembro. O "Livro segundo" saiu publicado no mês de setembro, nos dias 5, 6 e 7 ("No 'Socego'"); 8, 9 e 12 ("Espinhos e flores"); 13, 14, 15 e 16, até a quarta coluna ("Golias"); 16, a partir da quarta coluna, 18, 19, 20, 21 e 22, até a terceira coluna ("Peço energia. Sigo Já"); e 22, a partir da terceira coluna, 23, 25, 26 e 27, até a segunda coluna ("O trovador"). O "Livro terceiro" inicia-se com "Patriotas" na segunda coluna do dia 27 de setembro, capítulo que segue pelos dias 28, 29 e 30 de setembro, e até a terceira coluna do dia 2 de outubro; "Você, Quaresma, é um visionário" foi publicado nos dias 2, a partir da terceira coluna, 3, 4, 5 e 7, também até a terceira coluna; a partir daí, e nos dias 9, 10 e 11 de outubro, sai "... E tornaram logo silenciosos..."; "O Boqueirão" apareceu no mesmo mês, nos dias 12, 13, 14 e 17, até a segunda coluna; finalmente, "A afilhada", o último capítulo da obra, saiu nos dias 17, a partir da segunda coluna, 18 e 19 de outubro, quando acaba a serialização de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*.

Ao final de cada folhetim era impressa a palavra "Continua" entre parênteses, com exceção do último, em que imprimiu-se "fim" em caixa alta.

Na edição do dia 11 de agosto saiu, na segunda coluna da primeira página, um resumo do romance, por autor anônimo, ocupando um total de cento e quinze linhas, mais duas linhas com o título do romance, em tipo bem maior ao do texto, e uma com a chamada "Romance de Lima Barreto", em tipo de tamanho intermediário.

* * * * *

Lima Barreto tinha por hábito utilizar os folhetins de seus textos, que recortava e colava em uma folha branca, para corrigir e preparar as edições em livro dos mesmos, como comprovam os exemplos de *Numa e a Ninfa* e de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, também guardados na *Biblioteca Nacional*. Como diz a "Nota prévia" à edição da Brasiliense, "não há dúvida quanto ao fato de que a lição dos folhetins serviu para a preparação da primeira edição [de *Triste Fim de Polycarpo Quaresma*], provam-no gralhas e erros tipográficos reproduzidos ou mal interpretados no texto saído em livro. [...] A primeira edição em livro, contudo, revela alguns acréscimos, várias correções e, infelizmente, algumas novas deformações"[51]. Esta correção, no caso de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, porém, perdeu-se, deixando os editores da obra órfãos de um autógrafo com a redação final do romance, causando sério revés ao estabelecimento do seu texto, que passou a depender quase que exclusivamente da primeira edição em livro,

[51] In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Brasiliense, 1959, p.17.

devidamente cotejada com os folhetins – digo revés porque, segundo a mesma "Nota prévia", "Lima Barreto nunca foi um revisor *pro domo sua* muito minucioso"[52].

* * * * *

4. *Triste fim de Polycarpo Quaresma* (livro).

Publicado alguns anos depois, em fevereiro de 1916 (embora traga a data de 1915 na folha de rosto), às custas do próprio autor, pela Typographia "Revista dos Tribunaes", do Rio de Janeiro, o livro tem 354 páginas, numeradas a partir da página 10 e até a 352, e traz, além do romance *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, que ocupa as páginas 1 a 240, os contos "Um especialista" (pp.241-253), "O filho da Gabriela" (pp.255-270), "A nova Califórnia" (pp.271-284), "O homem que sabia Javanês" (pp.285-297), "Um e outro" (pp.299-312), "*Miss* Edith e seu tio" (pp.313-329), e "Como o 'homem' chegou" (pp.331-352). A qualidade do volume, se não é ruim, deixa ainda assim a desejar, com páginas inteiras nas quais se pode apenas vislumbrar a letras impressas pela raridade de tinta (ou talvez pela tinta tão vagabunda). Utilizei exemplar adquirido no segundo semestre de 2004, na Livraria Sebo Nova Floresta, localizado na Praça João Mendes, em São Paulo, exemplar que, infelizmente, não possui mais a capa original, trocada por uma capa dura. As dimensões do volume são de 18 por 13 centímetros.

[52] *Idem*, p.18.

Como dito acima, a edição, pobre e mal cuidada, está repleta de erros e gralhas, muitos dos quais repetidos dos folhetins. A julgar pelo depoimento do próprio autor em trecho de *Diário do hospício*[53], o sucesso da edição o pegou de surpresa, depois do relativo fracasso da serialização folhetinesca, o que talvez ajude a explicar o desmazelo da edição.

Os capítulos estão assim distribuídos – primeira parte, capítulo I, páginas 9 a 23; capítulo II, páginas 24 a 39; capítulo III, da página 40 à 54; capítlo IV, páginas 55 a 69; capítulo V, da página 69 à 83; segunda parte, capítulo I, páginas 87 a 99; capítulo II, da 99 à página 112; capítulo III, da página 112 à 128; capítulo IV, páginas 129 a 143; capítulo V, páginas 143 a 158; terceira parte, capítulo I, da 161 à página 177; capítulo II, da página 178 à 193; capítulo III, páginas 193 a 210; capítulo IV, da página 210 à 227; e capítulo V, páginas 227 a 240.

* * * * *

5. "As formigas e o prefeito".

Um último item do *Corpus Polycarpiano*, quase sempre despercebido, é uma curiosidade: uma crônica publicada no periódico *Lanterna*, no dia 4 de maio de 1918, na qual o Major Quaresma figura como um velho conhecido de seu criador. A íntegra do texto

[53] BARRETO, Lima: *O cemitério dos vivos*; 2004, p.37: "Saiu na edição da tarde e ninguém leu, e só veio a fazer sucesso, para mim inesperado, quando o publiquei em livro.

pode ser encontrada no volume *Toda crônica*[54], mas julgo conveniente transcrever o trecho abaixo:

> Esse negócio de saúvas preocupa-me desde menino, quando o meu velho amigo Policarpo Quaresma narrou à minha infância curiosa os suplícios que elas o fizeram sofrer, ao mesmo tempo em que se improvisou agricultor.
>
> Já narrei alguns dos episódios da sua luta com elas, em um modesto livro onde expus grande parte de sua vida e descrevi o seu triste fim.
>
> De uns tempos a esta parte, toda gente, especialmente os agricultores da administração, deu em se preocupar com tão daninhos e inteligentes insetos; e, se Policarpo vivesse, ficaria exuberantemente satisfeito com isso.
>
> [...]
>
> Sem ser versado em leis, julgo que já existia uma velha postura municipal nos mesmos termos.

Além do material descrito acima, os interessados especialmente em *Triste fim de Polycarpo Quaresma* deveriam ler duas crônicas, ambas publicadas em *Bagatelas*: "A matemática não falha"[55], a que irei me referir na conclusão, e "Homem ou boi de canga?"

[54] In: BARRETO, Lima: *Toda crônica*, volume I, pp.334-335.
[55] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, pp.345-350.

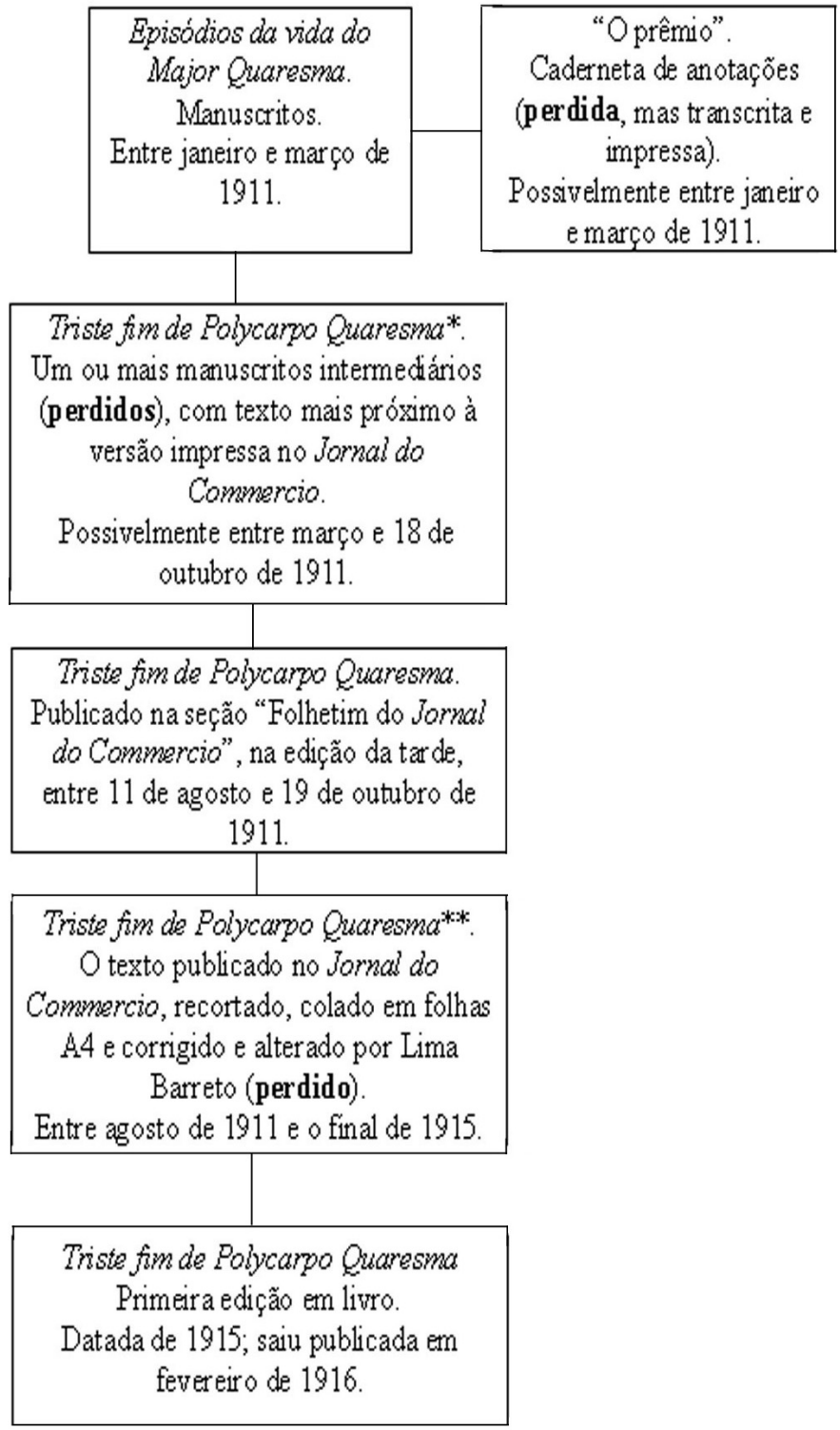
[56], que traz as lembranças pessoais do autor sobre a Revolta da Armada, vista desde a Ilha do Governador, onde seu pai era, na época, "almoxarife das Colônias de Alienados" [57].

* * * * *

6. *Stemma*.

Podemos elaborar o seguinte *stemma*[58] de nosso material:

[56] *Ibidem*, pp.323-325.
[57] *Ibidem*, p.323.
[58] Um *stemma* é uma "árvore genealógica" de um determinado texto, identificando interdependências dos chamados testemunhos manuscritos, impressos e eletrônicos, da elaboração textual, do mais antigo conhecido ao mais recente. O *stemma* que apresento, no entanto, se limita ao material produzido e impresso enquanto o autor ainda vivia (i.e. até 1º. de novembro de 1922).



* Inferido pelas diferenças textuais entre a redação dos *Episódios da vida do Major Quaresma* e a publicada no *Jornal do Commercio*.

** Inferido com base no método de trabalho de Lima Barreto.

III. *Processo de escrita*

Infelizmente para esta dissertação, não se pode contar com nenhum depoimento mais extenso de Lima Barreto sobre seu processo de criação de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* que esclarecesse seus métodos e idéias para a obra – como criou suas personagens, a trama, como e porque escreveu o que escreveu. Óbvio que não se espera de um autor uma percepção muito clara de um processo que é, na base, intuitivo (o que não significa afirmar que uma obra surja "por acidente", como se coubesse aos críticos desvendar-lhes ou criar-lhes as intenções). Podemos contar somente com o *Corpus Polycarpiano*.

* * * * *

1. *Análise dos testemunhos.*

1.a. *Os apontamentos*.

Pouco se sabe em que condições os apontamentos foram escritos. A edição da Brasiliense de 1956 os incluiu em *Diário íntimo*, sob o ano de 1910 – porém, levando-se em consideração que Lima Barreto, segundo ele próprio data[59], escreveu o romance entre janeiro e março de 1911, o mais provável é que o "O prêmio" tenha sido escrito na mesma

[59] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.240: "Todos os Santos (Rio de Janeiro), Janeiro – Março de 1911". Esta datação não aparece nos folhetins.

época, paralelamente aos manuscritos, iniciado um pouco depois de iniciada a redação dos *Episódios da vida do Major Quaresma*, e talvez, cronologicamente, finalizado depois deles, avançando pela segunda redação ("limpa") do romance, hoje perdida, já que encontramos nos apontamentos idéias incorporadas aos folhetins e ao livro ausentes ainda dos *Episódios da vida do Major Quaresma*.

Por exemplo: embora os manuscritos se intitulem *Episódios da vida do Major P. Quaresma* e *Episódios da vida do Major Quaresma*, o caderno de apontamentos já traz, escrito de forma legível, o título final, precedido de artigo definido: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*[60].

É a existência deste caderno que torna mais provável a hipótese de que, desde o início, o Major Quaresma estava destinado a morrer fuzilado como traidor: as contingências que cercaram a preservação dos manuscritos de *Episódios da vida do Major Quaresma* fizeram com que o quinto e último capítulo da terceira parte, "A afilhada", não chegasse até nós, o que poderia sugerir que a intenção original de Lima Barreto fosse terminar o romance de forma abrupta com a partida dos marinheiros aprisionados para o Boqueirão, ao fim do quarto capítulo da terceira parte. Tendo *episódios da vida* em lugar do *triste fim* do título definitivo, além disso, daria à obra um aspecto episódico e circular – embora ao final de "O Boqueirão" Polycarpo se mostre decepcionado e melancólico, poderíamos supor, com base em suas decepções anteriores, que ele mudaria mais uma vez o rumo de suas reformas, focando alguma outra realização "patriótica"; seríamos privados, assim, de seu

[60] In: BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.99.

amadurecimento final e trágico. Os apontamentos, por outro lado, quando Lima Barreto parece ter chegado a um plano geral que lhe agradasse, trazem a seguinte anotação: "Cap. XV – Fuzilamento de Quaresma, por ter protestado"[61].

Diversas outras anotações de "O prêmio" indicam uma data posterior à sugerida em *Diário íntimo*, quando os *Episódios da vida do Major Quaresma* já iam bem adiantados. Por exemplo: a terceira anotação nele contida é relativa ao mencionado quarto capítulo da terceira parte, sobre a chegada do enviado oficial de Floriano Peixoto à Ilha das Enxadas, para levá-los à execução sumária. Outro exemplo: na anotação referente ao episódio da visita à antiga serviçal do General Albernaz, Maria Rita, aparece uma menção à sua neta, personagem ausente nos *Episódios da vida do Major Quaresma*. Um pouco depois Lima Barreto lista os capítulos do romance, a partir do sétimo, indicando já os capítulos que escreveu depois, a lápis, com a nova numeração e indicando quais mudaram de número (por exemplo: "Cap. VIII – É o 5º. antigo"). Procura, o autor, organizar assim a estrutura da obra, muito embora os capítulos apareçam numerados de forma contínua, sem qualquer indicação da divisão em três partes – ou "livros" – já utilizada nos folhetins do *Jornal do Commercio*. Infere-se a partir desses elementos que "O prêmio" começou a ser escrito para ajudar o autor a organizar o romance que já se avolumava à sua frente, indicando alterações, revisões, novas idéias, nem todas aproveitadas (como o passeio aéreo num balão pelo Rio de Janeiro, ou a procuradoria de Quaresma no Amazonas). Por outro lado, a fábula sobre "O macaco perante o juiz de direito"[62], contada pelo velho poeta a Albernaz e a

[61] *Idem*, p.96.
[62] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.32-33.

Quaresma, pouco depois do episódio de Maria Rita, ausente nos manuscritos – e nos folhetins –, encontra-se nessa caderneta, juntamente com outras fábulas recolhidas e compiladas por Lima Barreto entre colegas e amigos.

Um dado interessante mostrado por "O prêmio" quando o datamos como redigido paralelamente aos *Episódios da vida do Major Quaresma*, é observar que o título só foi decidido muito à frente, talvez quando a obra já estava terminada – de fato, "O triste fim de Polycarpo Quaresma" é uma das últimas anotações referentes ao romance contidas nas folhas, a quinta a contar do fim, antes do início das fábulas. Opções anteriores são as "Polycarpo Quaresma", "Idéia que mata", "A decepção", "O prêmio", "Ilusões que morrem", "Ilusões e fatos" e "Desenganos". Prova-as como idéias para o título o modo como aparecem, em listas curtas. Dessas sugestões, "Polycarpo Quaresma" é a mais neutra, digamos, e aproximaria o romance de *Dom Quixote* e de outras obras intituladas a partir do protagonista; "O prêmio" é, de longe, a mais irônica, mais ao estilo do autor (não por acaso aparece repetida, manuscrita a lápis na capa da caderneta); "Ilusões que morrem" e "Ilusões e fatos", semelhantes entre si, indicariam, se usadas, o caráter cíclico e teimoso das iniciativas do protagonista, e, na ausência do capítulo "A afilhada", orientariam a leitura do romance como uma obra episódica; "Idéia que mata", por outro lado, explicitaria a morte do Major Quaresma e o fracasso de Lúcia-Olga em salvá-lo, negando a reflexão esperançosa do parágrafo final do texto impresso; quanto às demais opções, "A decepção" e "Desenganos", são por demais óbvias e explicativas, carecendo da ironia típica de Lima Barreto. Difícil – impossível – dizer, apenas, quando *Episódios da vida do Major Quaresma* foi abandonado; se *O prêmio* chegou a figurar em uma capa dos manuscritos,

hoje perdida (talvez em uma folha reaproveitada posteriormente); e quando *Triste fim de Polycarpo Quaresma*[63] se impôs definitivamente. A perda dos manuscritos finais do romance, infelizmente, deixa perguntas como esta definitivamente sem resposta. No entanto, está claro pelas opções de títulos que o autor do romance não sabia desde o início qual o desfecho que daria à sua trama, se otimista ou pessimista, se episódico ou escatológico (da perspectiva do protagonista).

1.b. *Episódios da vida do Major Quaresma*.

Observando as diferenças entre o texto dos folhetins e dos manuscritos, é evidente que havia pelo menos um outro manuscrito intermediário, com uma redação mais próxima da que conheceu a impressão. Porém, esse se perdeu em algum lugar, e continua perdido até hoje. Enquanto isso, os *Episódios da vida do Major Quaresma* são a única redação manuscrita de que dispomos do romance, e com grande probabilidade a primeira. Muitíssimo menos conhecida do que as duas posteriores, impressas, as únicas informações disponíveis ao público sobre os manuscritos são as fornecidas pelos editores de duas edições críticas, a da Brasiliense e a da *Coleção Archivos*; e tudo o que encontramos nelas são breves notícias e descrições, nem sempre confiáveis, sem a apresentação de seu texto – muito embora a última apresente várias variantes redacionais.

[63] O escritor Moacyr Scliar, em ensaio sobre o livro, faz um interessante paralelo entre *Triste fim de Polycarpo Quaresma* e o título de uma obra de Leon Tólstoi, *A morte de Ivan Ilitch*, na qual, como no romance de Lima Barreto, "a revelação de que o personagem vai morrer não é o essencial; essencial é sabermos como ocorrerá este triste fim". SCLIAR, M.: "Policarpo Quaresma: triste fim, gloriosa permanência". In: MOTA & ABDALA Júnior: *Personae*, p.103.

Podemos, a partir da mera descrição física dos manuscritos, tecer já algumas hipóteses sobre o processo de escrita de Lima Barreto: os materiais usados na escrita, por exemplo – tinta ou lápis –, parecem indicar períodos diferentes de redações, assim como o uso ou não das duas faces das folhas (o que só ocorre nos capítulos a lápis). É como se Lima Barreto tivesse ficado sem tinta e escasseassem as folhas utilizáveis. Esta suspeita aumenta com a numeração das folhas, contínua da um a 114 nos manuscritos à tinta (com a ausência apenas da 64) e interrompida nos a lápis, cuja numeração inicia-se e fecha-se em cada capítulo. Assim, em um primeiro momento teríamos a redação – possivelmente seguida – dos capítulos um, dois e quatro da primeira parte, um, três e quatro da segunda, e um da terceira. Os demais viriam em seguida – talvez primeiro o restante da terceira parte, cuja trama segue de perto Polycarpo, e daí os demais, nos quais nos afastamos do protagonista e passamos a seguir outras personagens – os amigos e familiares do general Breves-Albernaz, Lúcia-Olga e Coleone, Adelaide Quaresma e Tibullo-Ricardo Coração dos Outros.

Se essa suposição for correta, então Lima Barreto não pretendia originalmente internar seu protagonista em um hospício, e a única conseqüência de sua carta ao Congresso e do ofício em tupi seria uma mera – porém profunda – decepção; não a loucura. Isso impede qualquer tentativa de crítica teleológica do romance, já que esta pressupõe uma meta final a ser perseguida pelo autor, e o nosso criava de maneira mais ou menos caótica, "ao sabor da pena" (o que não implica dizer que sem método ou planejamento). A estrutura

do texto, por exemplo, é tri-partida, planejada para que cada parte apresente, grosso modo, uma etapa do projeto nacionalista de Polycarpo – cultural, econômico e político.

Outro aspecto que uma análise prévia dos manuscritos revela é o estilístico: Lima Barreto, ao contrário da imagem de escritor descuidado que em geral se faz dele, preocupava-se e muito com o seu texto, eliminando palavras, frases e até passagens inteiras consideradas inadequadas, limando (com o perdão do trocadilho involuntário) períodos e expressões e procurando sempre o tom certo, coloquial e fluente, mesmo que para isso precisasse sacrificar a correção gramatical. O romance – e praticamente todo o *corpus* literário de Lima Barreto – é caracterizado por uma escrita fluente, quase quotidiana, oral, com vários desvios em relação à norma culta ou padrão da época, que, no entanto (salvo quando sua letra interfere), não atrapalha a legibilidade das idéias, dos conceitos, das personagens ou da trama. Ao contrário do que se poderia pensar à primeira vista, este estilo solto não decorre de uma incapacidade do autor de manejar a Língua Portuguesa, mas de uma escolha estilística consciente e premeditada, surgida em parte da leitura de seus autores favoritos – Júlio Verne, Miguel de Cervantes, François Rabelais, Petrônio, Aristófanes etc. Todos esses autores serviram-lhe de bússola na escolha de temas, na elaboração de um estilo de escrita pessoalíssimo, corrente (e muitas vezes apressado por contingências econômicas), na construção de suas tramas e subtramas (por exemplo, o emprego de aspectos da literatura e da cultura populares e orais, comum em Aristófanes, Rabelais e Cervantes, sentido principalmente, em *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, no capítulo "Reformas radicais" – com a figura do "teimoso cultivador dos contos e canções populares

do Brasil"[64] –, mas também nos estudos culturais e na iniciativa agrícola do protagonista). Ademais, tendo o autor passado pela imprensa, podemos observar que o estilo do romance é quase todo jornalístico, resvalando para o coloquial em muitas ocasiões. O fato de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* ter saído primeiramente seriado talvez explique em parte porque o texto aproxima-se mais do estilo paratático, com sua seqüência de orações independentes, do que do hipotático, mais "culto", no qual predominam orações subordinadas – apesar de encontrarmos ambas as formas estilísticas no romance. Os manuscritos estão repletos de emendas que reforçam essa coloquialidade, enquanto centenas de outras alterações aparecem quando da publicação no *Jornal do Commercio*, e ainda dezenas de mudanças ocorrem quando da publicação em livro. E desmentindo (ao menos em parte) a fama de revisor relapso de Lima Barreto, encontramos inúmeros pequenos lapsos corrigidos no interior dos próprios manuscritos ou nos textos impressos (como quando escreveu *filho* no lugar de *milho*, *mãe* no de *manhã*, ou quando tranformou Vivi, filha do General Breves-Albernaz, em filha de Quaresma, e Lúcia-Olga em sua sobrinha etc.).

Seu estilo, portanto, como se percebe, não é mero acidente causado pelo abandono prematuro do curso de engenharia civil, ou pela segregação sócio-racial de que era vítima, mas cultivado em leituras e na participação algo precoce em periódicos – como os estudantis *A Lanterna* e *A Quinzena*, nos quais já afiava a verve cômica e irônica, caricaturando colegas e professores de Escola Politécnica. Prova de que Lima Barreto dominava seu estilo é a facilidade com que reproduz o estilo poético alheio, como o de João

[64] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.31.

do Rio, em uma quadra publicada no meio de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, à qual o próprio narrador chama a tenção "pela perfeição dos seus versos, pelo seu humor boêmio e veia satírica"[65]:

P.R.

(A.A.)

"Quando ele se viu sozinho
Da cova na escuridão,
Surrupiou de mansinho
Os bordados do caixão."

A maior diferença textual entre os manuscritos, os folhetins e o livro está na extensão: os *Episódios da vida do Major Quaresma* são substancialmente mais curtos do que a redação do *Jornal do Commercio*, que por sua vez é um pouco mais curta do que a do livro, com frases e parágrafos inteiros acrescentados posteriormente. O que isso demonstra é a continuidade da redação de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, continuidade que se daria ainda, caso Lima Barreto conseguisse publicar uma segunda edição de sua obra, como provam algumas notas com idéias para o romance.

[65] BARRETO, Lima: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*; Ática, p.115. O poema de João do Rio, aliás Paulo Barreto, aparece copiado por Lima Barreto – que lhe desconhecia a autoria – em uma anotação incluída pelos organizadores de *Diário íntimo* no ano de 1913 (talvez fosse mais correto, dada a data de conclusão do romance, incluí-lo no ano de 1908). É o seguinte:

J.R. (P.B.) / "Quando ele caiu na cova / Remexeu-se bem dengoso / Os vermes logo provaram / O gordo 'ioiô' gostoso". (In: BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.117).

1.c. *Jornal do Commercio*.

Embora a obra tenha sido publicada seriada no *Jornal do Commercio*, na seção destinada aos folhetins, seu autor nunca a planejou folhetinesca, estando ausentes todas as convenções do gênero, tais como observadas em Alexandre Dumas (*O conde de Monte Cristo*, *Os três mosqueteiros*) e em Manoel Antonio de Almeida (*Memórias de um sargento de milícias*), entre tantos outros. Não há, por exemplo, o "enredo caprichosamente enovelado"[66], os "heróis românticos, mosqueteiros e vingadores, [...] heróis canalhas, [...] mulheres fatais e [...] sofredoras, [...] crianças trocadas, raptadas, abandonadas, [...] ricos maldosos e pobres honestos"[67], e os *ganchos* que procuram prendem a atenção do leitor para os capítulos futuros e ganhar-lhe a fidelidade. Tampouco buscava Lima Barreto alimentar "a imaginação de leitores menos exigentes"[68], como a telenovelas de hoje fariam.

Por exemplo – o texto publicado em uma segunda-feira termina com uma resposta do Almirante Caldas, um dos convivas do General Albernaz, ao também militar Innocencio Bustamante:

> – Assim de pronto, não sei. Não é a minha especialidade, mas vou ver. Isto anda tão atrapalhado![69]

[66] MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*, p.190.
[67] MEYER, M. *Folhetim – uma história*, p.16.
[68] MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*, p.190
[69] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 21 de agosto de 1911, p.4.

Na quinta-feira, três dias depois, quando o leitor possivelmente já se esquecera do que lêra, o texto prossegue assim:

> Acabando de responder coçava um dos seus favoritos brancos, que lhe davam um ar de comodoro ou de chacareiro português, pois era forte nele o tipo lusitano.[70]

Não há nenhuma tentativa real de trabalhar o romance como uma obra seriada; não se recorda sequer quem era a personagem que acabara de responder. Cabe ao leitor buscá-la na edição de segunda, ou deduzi-la quando, doze linha abaixo, Caldas novamente aparece, "cofiando os favoritos"[71]. Em outro momento, sem que haja outra razão aparente para isso além de sua longa extensão, o diálogo entre Polycarpo Quaresma e o Tenente Antonino Dutra é interrompido no meio:

> – Venho Pedir-lhe um pequeno auxílio, um óbulo, para a festa da Conceição, a nossa padroeira, de cuja irmandade sou tesoureiro.
>
> – Perfeitamente. É muito justo. Apesar de não ser religioso, estou...
>
> – Uma cousa nada tem com a outra. É uma tradição do lugar que devemos manter.
>
> – É justo.[72]

[70] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 24 de agosto de 1911, p.4.
[71] *Idem*.
[72] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 6 de setembro de 1911, p.4.

> – O senhor sabe, continuou o escrivão, a gente daqui é muito pobre e a irmandade também de forma que somos obrigados a apelar para a boa vontade dos moradores mais remediados. Desde já, portanto, Major...
>
> – Não. Espere um pouco...[73]

Esses são apenas alguns dos muitos outros exemplos que podem ser encontrados.

Outro aspecto inusitado – pelo menos para nós, leitores de hoje[74] – é o resumo contido na primeira página da edição de 11 de agosto, que conta *toda* a trama: meticuloso em muitos aspectos, ele comete alguns equívocos e omissões (Olga não é mencionada, assim como o requerimento ao Congresso). Mais relevante, termina dizendo:

> [...] vê, alta madrugada, embarcar para ser fuzilada uma leva de marinheiros. Isto revolta-o; escreveu caratas ao Marechal, protestando, pelo que é também fuzilado, apesar dos passos que os amigos dão em seu favor.[75]

Ora, Polycarpo Quaresma não é fuzilado no interior do romance; sua morte é apenas uma suposição, uma expectativa, possivelmente desmentida por alguns elementos no interior da narrativa, e possivelmente confirmada por outros (como analisarei adiante). Do jeito como está redigido, o resumo chega a sugerir que Lima Barreto pode ter revisto o

[73] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 7 de setembro de 1911, p.4.
[74] Os leitores de hoje reclamariam de uma chamada que, como se diz em inglês, contivesse um *spoiler*...
[75] *Idem*, 11 de agosto de 1911, p.1.

capítulo final, "A afilhada", retrabalhando-o intensamente entre os dias 11 de agosto e 17 de outubro, quando ele finalmente saiu impresso. O mais provável, no entanto, é que o romance já estivesse acabado no dia 11 de agosto, e que o lapso deva-se ao fato de não ser Lima Barreto o seu autor, e sim algum anônimo redator do próprio *Jornal do Commercio*.

* * * * *

Textualmente há relativamente poucas alterações no texto publicado em 1916 em relação ao dos folhetins – ainda assim, elas existem e evidenciam o constante trabalho de revisão e apuro redacional realizado pelo escritor. Analisarei algumas dessas alterações adiante.

1.d. "As formigas e o prefeito".

A crônica "As formigas e o prefeito", mesmo que não façam parte propriamente dos testemunhos do romance aqui analisado, oferecem elementos interessantes para esta análise; por exemplo, o autor aqui diz que, em seu "modesto livrinho", descreveu "o seu [de Polycarpo] triste fim"[76] – ora, se ele afirma ter descrito o triste fim do Major Quaresma, e não apenas insinuado-o, então podemos inferir que é a prisão esse fim, não o fuzilamento. Isso viria ao encontro da opinião do protagonista, expressa em um discurso direto indireto livre:

[76] In: BARRETO, Lima: *Toda crônica*, volume I, p.334.

> Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim?[77]

Embora escreva também "se Policarpo vivesse", não afirma que a morte tenha sido trágica – na verdade, fazendo de sua personagem um amigo de infância, deixa espaço para interpretarmos essa morte como decorrente da velhice, e para darmos razão à crença no *omnia mutantur* de Lúcia-Olga, a afilhada.

* * * * *

2. *As personagens*.

Como nota Francisco Venceslau dos Santos, várias personagens do romance mudam de nome conforme passam dos manuscritos para os folhetins, e desses para o livro:

> [...] O general que nunca foi à guerra, jamais assistiu a uma batalha, chama-se "Breves" nos autógrafos. Na edição de 1915, troca este nome pelo de "Albernaz". As três filhas deste militar "Xandoca", "Dudu", e "Maricas" tornaram-se "Quinota", "Zizi" e "Lalá", respectivamente.

[77] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.227.

> Apenas Vivi e Ismenia conservam nomes idênticos nas três fases da elaboração do romance. [...]
>
> A filha de Coleoni chama-se "Lúcia" nos manuscritos e nos folhetins e Olga, no livro.[78]

Na verdade, já nos folhetins Olga e Albernaz[79] aparecem com o nome trocado... Além deles, o alferes do destacamento de Quaresma, na última parte, muda seu nome de Possidônio, nos manuscritos, para Polydoro, nos impressos; o nome de batismo do Coronel Bustamante muda, no verso da folha 131, de Azevedo para Innocencio; o batalhão "patriótico" por ele comandado muda duas vezes de nome nos manuscritos: de "Pedro Ivo", passa para "Vidal de Negreiros" e, finalmente, para o definitivo "Cruzeiro do Sul"; e o sítio do protagonista em Curuzu passa de "Fartura" para "Sossego", também no interior dos manuscritos. Nem sempre eram apenas os nomes que mudavam; no quarto capítulo da primeira parte ("Desastrosas conseqüências de um requerimento"), somos apresentados aos hábitos do pai de Olga, e ao pequeno grupo que se formou em sua casa para jogar pôquer. Assim é o trecho nos manuscritos:

> Uma vez ou outra um mais delicado propunha-lhe jogar o *poker*; aceitava a sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma // roda em casa, de que fazia parte o conhecido Senador Bezerra. Perdeu e muito, mas não foi isso que fez ele suspender o jogo. O que ele perdia? Um conto ou dois

[78] SANTOS, F. V.: "Nota filológica / Procedimentos de edição". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.XXVII.

[79] O primeiro nome do General, no entanto, parece ter sido Vega – embora rasurado, o nome está bem legível na única ocasião em que surge (folha 25, frente). Na frente da folha 138, sua filha é chamada, por descuido do autor, de Ismenia Neves...

> contos – uma ninharia! A questão, porém, é que o senador jogava com seis cartas. A primeira vez que Coleoni deu com isso pareceu-lhe distração do parlamentar; um homem honesto não ia fazer aquilo! E a segunda seria também? e a terceira? e a quarta? Não era possível tanta distração! Adquirindo a certeza do *Tripot*, calou-se, conteve-se com uma dignidade que não era de esperar num antigo quitandeiro e esperou. Quando vieram a jogar outra vez e o passe senatorial foi posto em prática, Vicente Coleoni acendeu o charuto e fez com a maior naturalidade deste mundo:
>
> – Os Srs. sabem que há agora, na Europa, um novo sistema de *poker*?
>
> – Qual é? perguntou alguém da roda.
>
> – A diferença é pequena: joga-se com seis cartas.
>
> O senador fez-se de desentendido, continuou a jogar e ganhar, despediu-se à meia-noite cheio de delicadeza, ainda fez de brincadeira alguns comentários sobre o jogo e não quis mais o parceiro.[80]

O trecho acima, escrito à tinta, está repleto de emendas, a maioria também à tinta, revelando um processo constante e talvez concomitante de revisões; algumas poucas, porém, estão a grafite, indicando um trabalho posterior, talvez de quando os capítulos a lápis (como o III da primeira parte) foram compostos. Entre as mudanças efetuadas há supressões (do pronome *ele* de "ele aceitava e sempre perdia"; do *e* de "e adquirindo a certeza"), acréscimos (de *conhecido* em "de que fazia parte o conhecido Senador Bezerra";

[80] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, ff.45-46.

de *Coleoni* em "A primeira vez que Coleoni deu com isso"; de *do Tripot* em "Adquirindo a certeza do *Tripot*"; de *outra vez* em "Quando vieram a jogar outra vez"; do pronome oblíquo *-se* em "O senador fez-se de desentendido"; do trecho "cheio de delicadeza, ainda alguns comentários sobre o jogo", depois alterado a lápis para "cheio de delicadeza, ainda fez de brincadeira alguns comentários sobre o jogo") e alterações de toda ordem (de "mas não foi isso que fez com que ele" para "mas não foi isso que lhe fez"; de "Dois ou três contos" para "Um conto ou dois contos"; de "e ele viu o passe senatorial, acendeu o charuto e perguntou" para "e o passe senatorial foi posto em prática, Vicente Coleoni acendeu o charuto e fez"; de "Não era possível; e adquirindo" para "Não era possível tanta distração! Adquirindo"). Percebe-se de pronto, nestes poucos exemplos, uma preocupação estilística de busca constante por uma melhor fluência.

Eis agora como o mesmo trecho aparece, respectivamente, no *Jornal do Commercio* e na edição em livro:

> Uma vez ou outra um mais delicado propunha-lhe jogar o *polker* [sic], aceitava e sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma roda em casa, de que fazia parte o conhecido advogado Pacheco. Perdeu e muito, mas não foi isso que o fez suspender o jogo. Que perdia? Uns contos – uma ninharia! A questão, porém, é que Pacheco jogava com seis cartas. A primeira vez que Coleoni deu com isso, pareceu-lhe simples distração do distinto parlamentar e do famoso advogado. Um homem honesto não ia fazer aquilo! E na segunda, seria também? e na terceira?

Não era possível tanta distração. Adquiriu a certeza da trampolinagem, calou-se, conteve-se com uma dignidade não esperada em um antigo quitandeiro, e esperou. Quando vieram a jogar outra vez e o passe foi posto em prática, Vicente acendeu o charuto e observou com a maior naturalidade deste mundo:

– Os Srs. sabem que há agora, na Europa, um novo sistema de jogar o *poker*?

– Qual é? perguntou alguém.

– A diferença é pequena: joga-se com seis cartas, isto é, um dos parceiros, somente.

Pacheco deu-se por desentendido, continuou a jogar e ganhar, despediu-se à meia-noite cheio de delicadeza, fez alguns comentários sobre a partida e não voltou mais.[81]

Uma vez ou outra um mais delicado propunha-lhe jogar o *poker*, aceitava e sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma roda em casa, de que fazia parte o conhecido advogado Pacheco. Perdeu e muito, mas não foi isso que o fez suspender o jogo. Que perdia? Uns contos – uma ninharia! A questão, porém, é que Pacheco jogava com seis cartas. A primeira vez que Coleoni deu com isso, pareceu-lhe simples distração do distinto jornalista e do famoso advogado. Um homem honesto não ia fazer aquilo! E na segunda, seria também? e na terceira?

Não era possível tanta distração. Adquiriu a certeza da

[81] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 28 de agosto de 1911, p.4.

> trampolinagem, calou-se, conteve-se com uma dignidade não esperada em um antigo quitandeiro, e esperou. Quando vieram a jogar outra vez e o passe foi posto em prática, Vicente acendeu o charuto e observou com a maior naturalidade deste mundo:
>
> – Os Srs. sabem que há agora, na Europa, um novo sistema de jogar o *poker*?
>
> – Qual é? perguntou alguém.
>
> – A diferença é pequena: joga-se com seis cartas, isto é, um dos parceiros, somente.
>
> Pacheco deu-se por desentendido, continuou a jogar e a ganhar, despediu-se à meia-noite cheio de delicadeza, fez alguns comentários sobre a partida e não voltou mais.[82]

A mudança do Senador Bezerra dos manuscritos para o advogado Pacheco do texto impresso também já fôra notada por Francisco Venceslau dos Santos[83]; a esse respeito, um lapso na redação do texto publicado no *Jornal do Commercio* indica uma redação intermediária que difere tanto da de *Episódios da vida do Major Quaresma* quanto da de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*: trata-se de "pareceu-lhe distração do distinto parlamentar e do famoso advogado", pela qual percebemos que o ilustre trapaceiro Bezerra-Pacheco continuou sendo um senador até bem tarde no plano da obra. Prova de que é um lapso é a correção de *parlamentar* para *jornalista* na edição em livro. Porque Lima Barreto

[82] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.62-63.
[83] SANTOS, F. V.: "Nota filológica / Procedimentos de edição". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Allca XX / Scipione Cultural, pp.XXVII. "O corrupto senador 'Pacheco' (nos manuscritos) que jogava *pocker* com seis cartas, vira jornalista nos folhetins e advogado no romance". Curioso que Santos não note a mudança do nome, de *Bezerra* para *Pacheco*, embora faça isso com várias personagens no mesmo parágrafo.

decidiu mudar-lhe a profissão só pode ser conjeturado (particularmente não creio que alguém que trate Floriano Peixoto de forma tão irreverente, e que já tenha retratado o Congresso republicano comicamente em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, fosse movido a isso por algum "temor"; minha opinião é a de que a decisão se deve à verossimilhança – por que um Senador iria se "rebaixar" a jogar cartas com um simples quitandeiro enriquecido, estrangeiro, ainda por cima?).

As duas únicas outras alterações feitas no folhetim quando da publicação em livro são a correção de *polker* para *poker* e a mudança de "continuou a jogar e ganhar" para "continuou a jogar e a ganhar"; nada relevante. Passemos, pois, às demais alterações realizadas entre os manuscritos e o texto impresso – para permitir uma melhor visualização, reproduzo abaixo o trecho tal como aparece nos manuscritos e em livro, com os trechos eliminados sublinhados, e os acréscimos finais entre [colchetes]:

> Uma vez ou outra um mais delicado propunha-lhe jogar o *poker*; [,] aceitava a sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma roda em casa, de que fazia parte o conhecido Senador Bezerra [advogado Pacheco]. Perdeu e muito, mas não foi isso que [o] fez ele suspender o jogo. O que ele [Que] perdia? Um conto ou dois contos [Uns contos] – uma ninharia! A questão, porém, é que o senador [Pacheco] jogava com seis cartas. A primeira vez que Coleoni deu com isso[,] pareceu-lhe [simples] distração do parlamentar; um [distinto jornalista e do famoso advogado. Um] homem honesto não ia fazer aquilo! E a [na] segunda[,] seria também? e a

> [-na] terceira? e a quarta? [*novo parágrafo*] Não era possível tanta distração![.] Adquirindo [Adquiriu] a certeza do *Tripot* [da trampolinagem], calou-se, conteve-se com uma dignidade que não era de esperar num [não esperada em um] antigo quitandeiro[,] e esperou. Quando vieram a jogar outra vez e o passe senatorial foi posto em prática, Vicente Coleoni acendeu o charuto e fez [observou] com a maior naturalidade deste mundo:
>
> – Os Srs. sabem que há agora, na Europa, um novo sistema de [jogar o] *poker*?
>
> – Qual é? perguntou alguém da roda.
>
> – A diferença é pequena: joga-se com seis cartas[, isto é, um dos parceiros, somente].
>
> O senador fez-se de [Pacheco deu-se por] desentendido, continuou a jogar e [a] ganhar, despediu-se à meia-noite cheio de delicadeza, ainda fez de brincadeira alguns comentários sobre o jogo [a partida] e não quis mais o parceiro [voltou mais].

As alterações tendem a diminuir o texto, deixando-o mais enxuto ("Que perdia" no lugar de "O que ele perdia"; "Uns contos" no de "Um conto ou dois contos"; a eliminação de várias palavras e expressões, como *ele*, *e a quarta?*, *senatorial*, *da roda* etc.) e elegante (principalmente com a troca de "que não era de esperar num" por "não esperada em um"), embora a simplicidade de estilo permaneça. Duas vezes Lima Barreto elimina o verbo *fez*, que já aparecera antes, uma por *observou*, a outra por *deu-se*, evitando a repetição. Uma mudança de certa curiosidade é a de duas ocorrências de *senador* não por *advogado*, como

seria de se esperar, mas pelo nome deste, *Pacheco* – perdido o alto cargo simbólico, a personagem parece que ganhou maior individualidade (de fato, o nome próprio, *Bezerra*, nunca é repetido nos manuscritos...).

2.a. *Polycarpo Quaresma*.

A personagem-título do romance é, do trio principal (junto com Olga e Ricardo), a única a manter seu nome intacto em todo o *Corpus Polycarpiano*. Embora no que parece ser a primeira tentativa de começo do romance não haja nenhuma menção ao trágicômico Major[84], Polycarpo Quaresma surge rápido, tanto nos *Episódios da vida do Major Quaresma* – já nas capas (como *Major P. Quaresma* e *Major Quaresma*) e na primeira linha da segunda redação da primeira frase[85] –, quanto na caderneta de anotações, desacompanhado de qualquer comentário que pudesse lançar uma luz sobre o porquê de Lima Barreto tê-lo escolhido. Não sabemos sequer quando o nome foi criado. Conseqüentemente, muito já foi escrito sobre o seu significado – não me deterei em longas considerações desse tipo, mas gostaria de apresentar brevemente minha hipótese.

Primeiramente, é interessante registrar a existência de duas personagens históricas chamadas Polycarpo, nas quais o autor poderia estar pensando quando escreveu o romance: a primeira foi um mártir cristão, bispo de Esmirna, cidade helênica da Ásia Menor, morto

[84] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.4 (verso).
[85] *Idem*, f.3. "Como de hábito, Polycarpo Quaresma bateu em casa às 4 e 15".

na fogueira em meados do século II d.C. por se recusar a abandonar a fé cristã[86]; a segunda foi um monomaníaco, músico da Capela Imperial, mencionado por Mello Moraes em *Festas e Tradições Populares do Brasil*,[87] que saía com um companheiro pelas ruas do Rio de Janeiro, atormentando a todos com sua rabeca na época de D. Pedro II.

Obviamente, é difícil − senão impossível − afirmar com segurança que Lima Barreto conhecia um ou outro na época em que escreveu o romance, ou que os tinha em mente quando criou o Major Quaresma, mas o martírio do bispo que se recusa a abandonar sua fé guarda semelhanças com o patriota que acaba preso – e que possivelmente será executado – por não abandonar seu patriotismo de altos princípios morais e humanísticos. A monomania do Polycarpo carioca pode, também, estar por trás da obseção nacionalista de Quaresma. Lima Barreto possuía um livro intitulado *Os mártires*, de Chateaubriand, mesmo autor de *O gênio do cristianismo* (que também possuía[88]), e dá testemunho de conhecer a obra de Mello Moraes, durante a sua segunda passagem pelo Hospital Nacional de Alienados, iniciada em dezembro de 1919[89].

---

[86] "*POLICARPO* (Polycarpus) (aprox. 69-155/156 ou 167/168 d.C.), bispo e mártir. / Bispo de Esmirna e principal figura cristã da Ásia romana, na metade do século II d.C., Policarpo foi preso em sua sé durante um festival, ao chegar de uma viagem a Roma. Já com oitenta e seis anos, recusou-se a renegar sua fé e morreu na fogueira. Foi conservado um relato de seu martírio: a data tradicionalmente aceita é 23 de fevereiro de 155/156, mas Eusébio afirma ter ocorrido durante o reinado de Marco Aurélio (167/168). Policarpo foi um vigoroso crítico de várias heresias, e escreveu a Carta aos Filipenses". BOWDER, Diana: *Quem foi quem na Roma Antiga*, p. 214. Ver bibliografia.

[87] MORAES Filho, Mello: "O Policarpo". In: *Festas e tradições populares do Brasil*, pp.278-279. Ver bibliografia.

[88] BARRETO, Lima. "Inventário". In: BARBOSA, F. A.: A vida de Lima Barreto, p.351. "121 – Le Génie du Christianisme. Chateaubriand. Encadernado", e "122 – Les Martyrs. Idem. Encadernado".

[89] BARRETO, Lima: *O cemitério dos vivos*; 2004, p.30. "Não havia mais [...] um livro de Mello Moraes, *Festas e Tradições Populares do Brasil*".

Pena que a menção acima surja oito anos depois da escrita de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, e que, igualmente, o inventário seja de setembro de 1917...

Mas por que Quaresma? Embora tampouco seja possível comprovar, creio que sua origem esteja em um dos mais importantes editores cariocas da época, responsável pela publicação de "páginas de sensação", livros populares ou pornográficos "baratíssimos", como *Elzira, a morta virgem*, de Pedro Ribeiro Vianna, e mesmo as obras de Rabelais, com "luxuosíssima capa e finíssima gravura colorida": Pedro da Silva Quaresma, ou apenas Pedro Quaresma, proprietário da Livraria do Povo-Quaresma. O nome de nosso patriota pode ter surgido quando, andando com o bispo mártir ou o monomaníaco seresteiro na cabeça, Lima Barreto deparou-se com algum cartaz publicitário, anúncio de jornal ou mesmo capa ou sobrecapa de livro no qual o nome do editor aparecesse como "P. Quaresma"[90].

Mas tudo isto é mera hipótese, que, infelizmente, nunca poderá ser comprovada. Mais concretamente, vejamos como Polycarpo Quaresma é apresentado no romance. No verso da quarta folha dos manuscritos, lemos o seguinte:

> Aquela rua de S. Cristóvão tão plácida e silenciosa, dentro do seu[91]

[90] Para notícias sobre Pedro Quaresma e suas aventuras editoriais, consultar EL FAR, Alessandra: *Páginas de sensação – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. Ver bibliografia.
[91] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.4 (verso).

A frase acaba abruptamente, mas podemos supor que Lima Barreto fosse iniciar o romance pela comoção causada na vizinhança pela chegada do Major com "um violão debaixo do braço"[92], quando as janelas de sua "plácida e silenciosa" rua "se povoaram rápida e repentinamente, de um e de outro lado"[93]. Seja como for, está claro que o romance iniciar-se-ia pelo entorno, para daí apresentar a personagem; e que a estrutura do capítulo já estava, ao menos parcialmente, delineada – uma vez que o título aqui manuscrito é já o definitivo "A lição de violão".

A segunda redação, mais próxima da impressa, apresenta de imediato o protagonista:

> Como de hábito, Polycarpo Quaresma bateu em casa às 4 e 15. Há mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, parava aqui e ali, bongava pelas confeitarias algumas frutas (maçãs), comprava um queijo e sempre o pão da padaria francesa, tomava o bonde de 3 e 40 e, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira de sua casa numa rua afastada de S. Januário, às quatro e quinze da tarde, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse ou outro fenômeno astronômico.
>
> A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se às 4 ½, logo que o viam, a

[92] *Idem*, f.4 (frente).
[93] *Ibidem*, f.4 (frente).

> dona gritava à criada: "Alice, olha são horas de pôr a mesa, o Major Quaresma já passou". Era assim todo o dia, há quase trinta anos.[94]

Observemos logo que o bairro onde mora o Major muda entre os dois inícios acima transcritos: deixa de ser São Cristóvão (por ser muito central, talvez?) e passa a ser São Januário[95], mais afastado, suburbano. No mais, acentua-se prontamente o caráter metódico da personagem, sua rotina pontual, previsível e repetitiva de funcionário público, a tal ponto de servir de substituto do relógio na casa de um vizinho. Lima Barreto realizou, ainda nos *Episódios da vida do Major Quaresma*, uma série de alterações no corpo do texto, a mais importante das quais é a inclusão entrelinhas do longo período "como se fosse a aparição de um astro, um eclipse ou outro fenômeno astronômico", exagerando a previsibilidade de Polycarpo.

No mais, as demais mudanças são de ordem estilística: o preciso "há trinta anos que isso acontecia" é trocado pelo impreciso "Há mais de vinte anos [...]"; elimina-se um pronome pessoal ("[...] era subsecretário, ~~ele~~ parava [...]"); troca-se uma expressão ("bater à porta") por outra ("pisar a soleira"), mais apropriada ao contexto; a palavra "hábito", que já aparecera, no plural, duas linhas antes, é trocada por "costume". Mais tarde, a lápis, a frase "[...] comprava frutas, um queijo e sempre um pão especial [...]" passa por considerável reelaboração, até assumir a forma "[...] bongava pelas confeitarias algumas frutas (maçãs), comprava um queijo e sempre o pão da padaria francesa [...]".

---

[94] *Ibidem*, f.3 (frente).
[95] Notemos, no entanto, que em mais de uma vez Lima Barreto parece se esquecer de São Januário e desloca Polycarpo para São Cristóvão.

Quando impresso no *Jornal do Commercio*, o texto está assim:

> Como de hábito, Polycarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às 4 e 15 da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa.
>
> Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às 3 e 40, por aí assim, tomava o bond e, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de S. Januário, bem exatamente às 4 e 15, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matemático determinado, previsto e predito.
>
> A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: "Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou".
>
> E era assim todos os dias, há quase trinta anos.[96]

O livro traz a palavra "Major" grafada com minúscula, e grafa "bonde" em vez de "bond" – mas, como o aditivo "e" desaparece, suponho que se trata de mero erro tipográfico[97]. Embora ainda reconheçamos aí a redação dos manuscritos, o texto impresso

[96] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 11 de agosto de 1911, p.4.
[97] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.9.

apresenta inúmeras alterações, crescendo de 12 para 15 linhas. A divisão dos parágrafos mudou – em vez de dois, temos quatro (Lima Barreto indica no manuscrito, com sinal gráfico específico, a quebra do segundo parágrafo: "[...] há quase trinta anos. **[**Vivendo em casa própria e tendo [...]"[98], mas por algum motivo abandona essa divisão no texto impresso). Para facilitar a comparação entre as duas redações, reproduzo o trecho, indicando os trechos eliminados com um sublinhado, e os acréscimos com [colchetes]:

> Como de hábito, Polycarpo Quaresma[, mais conhecido por Major Quaresma,] bateu em casa às 4 e 15 [da tarde]. Há [Havia] mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, parava aqui e ali, bongava pelas confeitarias algumas frutas (maçãs), comprava um queijo[, às vezes,] e sempre o pão da padaria francesa[.
>
> Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às 3 e 40, por aí assim], tomava o bond de 3 e 40 e, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira [da porta] de sua casa, numa rua afastada de S. Januário, [bem exatamente] às 4 e 15, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse ou outro fenômeno astronômico[, enfim um fenômeno matemático determinado, previsto e predito].
>
> A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se às 4 ½ [aí pelas quatro e meia], logo que o viam [passar], a dona gritava à criada: "Alice, olha [que] são horas de pôr a mesa; o Major Quaresma já passou".

[98] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.3 (frente).

> E era assim <u>todo o dia</u> [todos os dias], há quase trinta anos.

Algumas alterações fornecem um maior detalhamento ao leitor ("mais conhecido como Major Quaresma", "4 e 15 da tarde", "Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora", "bem exatamente às 4 e 15"), outras são reelaborações que visam uma melhor fluência literária e elegância narrativa ("Havia mais de vinte anos", "às 3 e 40, por aí assim", "ia pisar a soleira da porta de sua casa", "enfim um fenômeno matemático determinado, previsto e predito", "aí pelas quatro e meia", "olha que são horas", "todos os dias" etc.), alongando o texto na maioria das vezes – há apenas duas supressões (de "parava aqui e ali" e "de pôr a mesa"); o restante são alterações ou acréscimos.

A abertura de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* diz-nos, logo, que não estamos diante de um herói romântico, dado a arroubos e imprevistos – muito pelo contrário: é justamente esse caráter metódico, previsível, rotineiro, que tornam mais surpreendentes as ações futuras da personagem, a ponto de entrar, de livre e espontânea vontade, em uma sangrenta guerra civil, chegando, ele mesmo, a matar em combate.

O nacionalismo do irmão de Adelaide torna-se radical com os anos – tornou-se amigo e compadre de um estrangeiro, Vicente Coleoni, ainda jovem:

> Inútil é dizer que Quaresma não notou a contradição entre as suas idéias [patrióticas, políticas] e o seu ato. É verdade que ele não [as] tinha [ainda muito] firmes, mas ~~viviam esparsas~~ [já flutuavam] na sua cabeça e

> [reagiam] sobre a sua consciência como veleidades, tênues desejos, que fincavam raízes e só esperavam os anos para desabrochar em atos.[99]

Com pequenas alterações que lhe apuram o estilo, o parágrafo acima conta que, assim como ocorrerá com Lúcia-Olga ao escolher seu noivo (em trecho analisado adiante), Polycarpo não tinha bem definido na mente, desde cedo, seu patriotismo, que se delineia com os anos. O texto impresso está assim:

> [...] Inútil é dizer que Quaresma não notou a contradição entre as suas idéias patrióticas e o seu ato.
>
> É verdade que ele não as tinha ainda muito firmes, mas já flutuavam na sua cabeça e reagiam sobre a sua consciência como tênues desejos, veleidades de rapaz de pouco mais de vinte anos, veleidades que não tardariam tomar consistência e só esperavam os anos para desabrochar em atos.[100]

O estilo torna-se ainda mais apurado, principalmente no final, quando ganha maior elegância pela alteração da ordem dos termos em uma nova redação. Além disso, o texto impresso especifica a idade em que o italiano e o brasileiro se tornaram compadres, e apressa ("não tardariam") a tomada de consistência das "veleidades patrióticas". O Major Quaresma chega finalmente ao ponto de definir o caráter brasileiro "por subtração", ou seja, de eliminar da cultura brasileira tudo o que não tenha surgido no Brasil – daí porque

[99] *Idem*, f.31 (frente). Indico com [colchetes] as inserções entrelinhas, e com ~~tachado~~ os trechos riscados.
[100] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.36.

recebe o compadre e a afilhada, no trecho em que o parágrafo acima se situa, "com o mais legítimo cerimonial guaitacás"[101]:

> O acidente [i.e. o desmaio ao executar o *Tangolomango* na casa do General Albernaz], entretanto, não lhe deu nenhum desgosto pelo folk-lore. Comprou livros, leu todas as publicações a respeito, mas a decepção lhe veio ao fim de algumas semanas de estudo.
>
> Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras; o próprio *Tangolomango* o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma cousa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares.
>
> Essa idéia levou-o a estudar os costumes tupinambás; [...] organizando um código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis.[102]

O mesmo radicalismo existe na administração do sítio que compra em Curuzu, chamado de "Fartura" na maior parte dos *Episódios da vida do Major Quaresma* (mas não em todo ele), e de "Sossego"[103] nos textos impressos; conversando sobre a fertilidade das terras, o Dr. Borges, marido da afilhada, sugere-lhe que use alguns adubos, causando sua indignação:

---

[101] *Idem*, p.36. No manuscrito o cerimonial é "Tupinambá" (f.31).
[102] *Idem*, p.34.
[103] "Sossego" é também o nome, com o mesmo efeito cômico, do cemitério do conto "A nova Califórnia", impresso no mesmo volume em que saiu *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, em 1916, nas pp.273-284.

> – Adubos! É lá possível que um brasileiro tenha tal idéia! Pois se temos as terras mais férteis do mundo!
>
> – Mas se esgotam, Major! fez o doutor.
>
> – Qual! Em tão pouco tempo, em menos de três séculos! Qual! Isto é uma injúria!
>
> – Eu, se fosse o senhor, acrescentou o doutor, ensaiava uns fosfatos nas suas culturas.
>
> [...]
>
> – Sr. doutor o Brasil é o país mais fértil do mundo, e o mais bem dotado do mundo e as suas terras não precisam empréstimos para dar sustento ao homem. //
>
> – Eu creio que o Major se engana, retrucou o doutor. Há terras mais férteis que as do Brasil.
>
> – Onde?
>
> – Na Europa...
>
> – Na Europa – qual!
>
> – Há, sim senhor. As terras negras, no sul da Rússia, são de fazer inveja a todas as maravilhosas terras do seu Brasil.
>
> – O Sr. não é patriota, fez o Major agastando-se. [...][104]

O trecho acima sofreu apenas uma emenda nos manuscritos, sugerindo uma segurança do autor sobre o desenrolar do diálogo; e, quando impresso, sofre bem poucas alterações:

[104] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, ff.100-101.

– Adubos! É lá possível que um brasileiro tenha tal idéia! Pois se temos as terras mais férteis do mundo!

– Mas se esgotam, Major, observou o doutor.

[...]

– Que zanga é essa, padrinho?

– É teu marido que quer convencer-me que as nossas terras precisam de adubos... Isto é uma injúria!

– Pois fique certo, Major, se eu fosse o senhor, aduziu o doutor, ensaiava uns fosfatos...

[...]

– Sr. doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem dotado e as suas terras não precisam *empréstimos* para dar sustento ao homem. Fique certo!

– Há mais férteis, Major, avançou o doutor.

– Onde?

– Na Europa.

– Na Europa!

– Sim, na Europa. As terras negras da Rússia, por exemplo.

O Major considerou o rapaz durante algum tempo e exclamou triunfante:

– O Sr. não é patriota! Esses moços...[105]

[105] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.126-127.

O texto dos diálogos encurtou um pouco, principalmente na parte final, quando a menção às terras russas perde a provocação do marido de Olga ao patriotismo cego de Polycarpo – quando diz, não "do Brasil", mas "do seu Brasil" –, e quando a afirmação final do Major ganha um "triunfante". Não fosse a intervenção de Olga e o trecho impresso seria um pouco mais curto do que o manuscrito.

Como se verá adiante, essa cegueira fará com que nosso protagonista veja no violento Marechal Floriano Peixoto uma envergadura política e intelectual que este simplesmente não possui.

Noto, finalmente, uma modificação que aumenta ainda mais a solidão e a incompreensão de que Polycarpo é vítima: nos textos impressos, as únicas personagens que vêem com certa simpatia suas iniciativas são Ricardo e a afilhada – havia, porém, uma terceira nos manuscritos, o colega de repartição Agenor, cuja supressão deixa o pacato idealista sozinho em meio a maledicentes, invejosos e mesquinhos funcionários públicos.

2.b. *Olga Coleoni*.

A afilhada, Lúcia nos manuscritos, muda o nome para Olga nas edições impressas, talvez como uma homenagem às heroínas russas dos romances que o autor tanto admirava. Compreensível e um pouco óbvio que a personagem se chame Lúcia, já que ela se apresenta como uma das mais lúcidas de todo o romance, vendo com clareza o que parece

escapar aos demais, cegados ou pelo idealismo – como seu padrinho –, ou por interesses mesquinhos – como seu marido. É ela quem verdadeiramente entende a natureza do Major Quaresma, por exemplo, e a única, ao lado de Ricardo, com coragem e nobreza suficientes para interceder por ele, com todas as demais personagens (masculinas) amedrontando-se. Como expresso por uma simples imagem dos *Episódios da vida do Major Quaresma* (suprimida na versão impressa), o patriota e sua afilhada tinham a mesma estatura física, mas também moral, e a mesma generosidade:

> E os dois abraçaram-se muito; eram quase da mesma altura, de forma que o abraço não fez nenhum esticar-se ou abaixar-se.[106]

Lima Barreto parece tê-la transformado em uma espécie de porta-voz – são dela algumas das mais belas reflexões da obra, como a elaborada no final, uma bela variação do *omnia mutantur* das *Metamorfoses* Ovídio, sobre a transitoriedade de tudo, inclusive das injustiças:

> Saiu e andou. Olhou o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, e se lembrou que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos. Fora há quatro séculos. Olhou de novo o céu, os ares, as árvores de Santa Tereza, as casas, as igrejas; viu os bondes passarem; uma locomotiva apitou; um carro, puxado por uma linda parelha, atravessou-

[106] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.93 (frente).

> lhe na frente, quando já a entrar no Campo... Tinha havido grandes e inúmeras modificações. Que fôra aquele parque? Talvez um charco. Tinha havido grandes modificações nos aspectos, na fisionomia da terra, talvez no clima... Esperemos mais, pensou ela: e seguiu serenamente ao encontro de Ricardo Coração dos Outros.[107]

No mesmo capítulo, curiosamente, motivado por suas decepções, Polycarpo expressa um pensamento oposto algumas páginas antes:

> [...] Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele, se vinham oferecendo, sacrificando e as cousas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza.
>
> E ele se lembrava que há bem cem anos, ali, naquele mesmo lugar onde estava, talvez naquela mesma prisão, homens generosos e ilustres estiveram presos por quererem melhorar o estado de cousas de seu tempo. Talvez só tivessem pensado, mas sofreram pelo seu pensamento. Tinha havido vantagem? As condições gerais tinham melhorado? Aparentemente sim; mas, bem examinado, não.[108]

Preferindo não narrar a execução de seu protagonista, Lima Barreto deixa a cargo do leitor decidir qual das duas opiniões prevalecerá, se o otimismo da jovem senhora, ou o

[107] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.239-240.
[108] *Idem*, p.231.

pessimismo do desiludido patriota, mas é sintomático que a reflexão "ovidiana" feche o romance. De se lamentar que os manuscritos desse capítulo estejam perdidos...

Lúcia-Olga é citada já na primeira página dos *Episódios da vida do Major Quaresma*, de forma breve e dúbia – da forma como está, o texto não deixa claro se a "filha" é do compadre ou do patriótico funcionário público[109] –, e é só no segundo capítulo que ela é de fato apresentada, e a dubiedade se quebra; após Polycarpo receber Vicente Coleoni – o compadre – e a afilhada com o cerimonial indígena – chorando copiosamente –, o narrador explicita a afinidade de espírito entre ambos:

> Havia entre os dous uma grande afeição. A menina sentia confusamente alguma cousa de superior no padrinho, uma ânsia, um sonho. // Aqueles seus livros, aquela sua atividade, parecia-lhe desenvolver nele um vôo para as altas regiões do espírito. ~~Decerto, ele tinha com a afilhada pequenos abrandamentos, certas doçuras. A~~ Lúcia habituara-se a ele, às suas predileções e, com a idade, quisera ver bem o padrinho, descobrir-lhe o pensamento, o sonho íntimo. [...][110]

Eliminando a frase tachada acima, o romancista dá outro caráter à admiração da moça, baseado também na admiração à nobreza de espírito de Polycarpo, e não só em uma mera reciprocidade de sentimentos. O texto impresso, por sua vez, expande essa relação

[109] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.3. A dubiedade se mantém nos textos impressos.
[110] *Ibidem*, ff.31-32.

entre os dois, tornando o padrinho mais reservado e "econômico" no afeto do que nos manuscritos:

> Havia entre os dous uma grande afeição. Quaresma era um tanto reservado e o vexame de mostrar os seus sentimentos faziam-no econômico nas demonstrações afetuosas. Adivinhava-se, entretanto, que a moça ocupava-lhe no coração o lugar dos filhos que não tivera nem teria jamais. A menina vivaz, habituada a falar alto e desembaraçadamente, não escondia a sua afeição tanto mais que sentia confusamente nele alguma cousa de superior, uma ânsia de ideal, uma tenacidade em seguir um sonho, uma idéia, um vôo enfim para as altas regiões do espírito que ela não estava habituada a ver em ninguém do mundo que freqüentava. Essa admiração não lhe vinha da educação. Recebera a comum às moças de seu nascimento. Vinha de um pendor próprio, talvez das proximidades européias do seu nascimento, que a fizeram um pouco diferente das nossas moças.[111]

Embora da mesma estatura, padrinho e afilhada têm temperamentos opostos – ela comunicativa e desembaraçada; ele reservado e quieto –, o que, contraditoriamente, só acentua sua afinidade de espírito. Ademais de melhorar a redação e da inclusão de um traço do caráter do protagonista, o parágrafo extende a descrição da moça, elogiando nela – e portanto criticando nas demais – uma característica que o narrador associa à sua origem européia recente, ao fato de ser filha de um italiano.

[111] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*;1915, pp.36-37.

No quinto capítulo da primeira parte – "O *bibelot*" –, Lúcia-Olga possui um protagonismo só repetido no último do romance – "A afilhada". Ao visitar o Major Quaresma no Hospício, na companhia de seu pai, percebendo que, entre os demais visitantes, havia pessoas "bem vestidas" e "mal vestidas", "elegantes" e "pobres", "os feios e os bonitos"[112], ela demonstra agudeza na sua observação:

> E ela julgava que como esta nossa vida é vária e diversa, como ela mais rica de aspectos tristes que alegres, e como na variedade da vida a tristeza pode mais variar que a alegria. Verificando isso, quase teve satisfação, tanto sua natureza inteligente e curiosa se comprazia nas descobertas levadas a cabo por ela mesma.[113]

Há, na idéia exposta pela personagem, uma grande similaridade com o primeiro parágrafo de *Ana Karênina*, de Leon Tólstoi:

> Todas as famílias felizes são parecidas entre si. As infelizes são infelizes cada uma a sua maneira.[114]

Manuscrito a lápis, esse trecho dos manuscritos nos dá uma boa amostra da pressa e descuido com que Lima Barreto elaborou o primeiro esboço de seu livro, realizando

[112] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.57 (verso).
[113] *Idem*.
[114] TÓLSTOI, Leon: *Ana Karênina*, volume I, p.15.

alterações na medida em que escrevia, mas esquecendo-se de corrigir o restante do período quando o faz − como a troca de "que" por "como" na primeira linha, sem a eliminação daquele; ou a inclusão entrelinhas de "mais", na segunda, mas esquecendo-se do verbo "é". De resto, evidencia-se mais uma vez a coloquialidade do estilo, como o uso do "que" em vez de "do que de" na terceira, e "do que" na quarta linha.

Vejamos agora como o mesmo trecho aparece na sua forma final, impressa:

> E ela pensava como esta nossa vida é variada e diversa, como ela é mais rica de aspectos tristes que de alegres, e como na variedade da vida a tristeza pode mais variar que a alegria e como que dá o próprio movimento da vida.
>
> Verificando isso, quase teve satisfação, pois a sua natureza inteligente e curiosa se comprazia nas mais simples descobertas que seu espírito fazia.[115]

Percebemos o apuro estilístico por que passou − sem, no entanto, eliminar a coloquialidade −, como a troca do primeiro verbo, "julgava", por "pensava", a eliminação do elemento ("que") redundante, a troca de "vária" por variada, a inclusão do verbo faltante "é" e de um "de" ligando o primeiro "que" a "alegres". As alterações mais marcantes, no entanto, são a inclusão de todo um período, "e como que dá o próprio movimento da vida", responsável por uma maior elegância e complexidade no raciocínio de Lúcia-Olga, a

[115] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.73.

divisão do parágrafo em dois, e a atribuição das descobertas – mesmo as "mais simples" – não a ela, mas ao seu espírito.

Arrisco-me a afirmar que Lúcia-Olga é a mais complexa personagem de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, a que maior profundidade possui, mais ainda do que o protagonista, com sua monomania patriótica. Por exemplo: mais adiante no mesmo capítulo, quando conta que fôra pedida em casamento e Polycarpo pergunta se ela gostava do noivo, Armando Borges, lemos:

> Ela não sabia bem responder aquilo {aquela pergunta}. Queria sentir que gostava, mas sentia {estava} que não gostava. Mas {E} por que casava? Não sabia... Um impulso do seu meio, uma cousa que não vinha dela – não sabia.{...} Mas gostava {Gostava} de outro? Também não. Nem do Tte. Gaspar, da marinha; nem do engenheiro Casteli, de [*ilegível*]. // Ela parecia ir para aquele casamento com a mesma inocência que fôra para o batismo. {Todos os rapazes que ela conhecia, não possuíam relevo que a ferisse, não tinham o que, ainda indeterminado na sua emoção e na sua inteligência, que a fascinasse ou subjugasse. Ela não sabia bem o que era, não chegava a extremar na percepção das suas inclinações a qualidade que ela queria ver dominante no homem. Era o heróico, era o fora do comum, era a força de projeção para as grandes cousas; mas nessa confusão mental dos nossos primeiros anos, quando as idéias e os de//sejos se entrelaçam e se embaralham, Olga não podia

> colher e registrar esse anhelo, esse modo de se lhe representar e de amar o indivíduo masculino.
>
> E tinha razão em se casar sem obedecer à sua concepção. É tão difícil ver nitidamente num homem, de 20 a 30 anos, o que ela sonhara que era bem possível tomasse a nuvem por Juno...} Obedecia a um {Casava por} hábito {de sociedade, um pouco por curiosidade e para alargar o campo de sua vida e aguçar a sensibilidade}. O amor, aquele que via nos livros, ela não sentia, nem uma outra atração, simpatia – o mesmo lhe era indiferente. Obedecia à pressão externa. Enfim {Lembrou-se disso tudo rapidamente e} respondeu {sem convicção} ao padrinho:
>
> – Gosto muito.[116]

Lúcia-Olga, embora espiritualmente superior às outras moças, casa-se "por hábito", para agradar a sociedade na qual vive, que espera dela essa atitude. O narrador aprova sua atitude – mais no texto impresso do que no manuscrito, é verdade –, uma vez que, para ele, seria impossível a alguém tão jovem como ela entender os próprios sentimentos, e encontrar nos homens aquilo que nem ela sabia bem o que era. Sua escolha, por marido, de um doutorando que se revelaria interessado apenas nas aparências de sabedoria, ávido por "posições, títulos oficiais"[117], termina em um casamento, se não infeliz, indiferente. E, no entanto, essa mesma mulher, esse mesmo *bibelot* – como lhe crê o esposo – insurge-se contra a opinião geral, de aprovação hipócrita do governo do Marechal Floriano Peixoto, e

[116] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, ff.58 (verso)-59 (frente); *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.75-76. Os trechos que estão apenas nos manuscritos foram sublinhados, enquanto os que estão apenas em livro aparecem entre {chaves}.
[117] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.139.

se levanta para tentar salvar o único que, mesmo ingênuo, possui a mesma altura de espírito que ela.

2.c. *Ricardo Coração dos Outros*.

O compositor de modinhas do romance foi reconhecido desde cedo, por parte da crítica, como um retrato algo afetivo, algo mordaz de Catulo da Paixão Cearense, poeta muito lido e admirado na virada do século XIX para o XX[118], a quem Lima Barreto chama, em uma crônica, de "o meu amigo Catulo"[119]. E isto sem que se soubesse o nome com que a personagem fôra originalmente batizada nos manuscritos: Tibullo Coração dos Outros[120].

"Tibullo" demonstra o bom conhecimento que Lima Barreto tinha da literatura clássica – especialmente latina –, pois Aulus Albius Tibullus (c. 60-19 a.C.) e Gaius Valerius Catullus (c. 84-c. 54 a.C.) foram dois dos maiores poetas líricos romanos – daí o jogo entre Catulo e Tibullo. Não bastasse esse paralelismo, há ainda outro entre "Paixão Cearense" e "Coração dos Outros", evidente com "Paixão" e "Coração", talvez nem tanto

[118] "Acreditam alguns críticos que a personagem Ricardo Coração dos Outros tenha sido, na vida real, o maranhense Catulo da Paixão Cearense, compositor e cantor de modinhas, que viveu no Rio de Janeiro onde chegou em 1880, aos 17 anos". In: Barreto, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Ática, 1991, nota de rodapé à página 24.
[119] BARRETO, Lima: *Toda crônica*, volume I, p.94.
[120] A edição Allca XX / Scipione Cultural de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, embora traga as variantes dos nomes de inúmeras personagens – incluindo Olga-Lúcia –, não faz qualquer menção ao rebatismo de Ricardo. Não é de se admirar, devido à péssima letra de Lima Barreto, que apenas nos deixa ver que não se trata de Ricardo – eu mesmo só consegui decifrar o nome em parte com a ajuda da transcrição dos apontamentos de "O prêmio". Mas mesmo quem o transcreveu não pareceu se dar conta de que Tibullo fosse Ricardo. In: BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*, p.95.

com "Cearense" e "dos Outros", a não ser que olhemos os nomes a partir do ponto de vista carioca da virada do século XIX (quando se passa a ação) para o XX (quando escreve Lima Barreto), época em que o Rio de Janeiro era a Capital Federal – uma capital ainda com ares de côrte –, destacada do restante do país, principalmente dos distantes Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Nesse contexto, os termos "cearense" e "outros" deviam ser quase sinônimos.

Como se não bastasse, Lima Barreto, em um revelador lapso, escreve, na folha cento e quatro: "[...] não a vendo há tanto tempo quanto Catullo". Percebendo a distração, risca o nome e o substitui por "o trovador".

Ao trocar Tibullo Coração dos Outros por Ricardo Coração dos Outros, o romancista abandona a associação direta – explícita – de seu seresteiro com Catulo da Paixão Cearense, mas o modelo não passou despercebido aos críticos mais atentos. O nome agora passa a ter consonância com o do rei inglês Ricardo Coração de Leão, criando outras associações possíveis (se o *leão* é o guerreiro, os *outros* seriam os que odeiam a guerra?).

Ricardo desempenha, em parte, o papel de amigo do herói, introduzido na literatura ocidental (ou pelo menos cristalizado) por Miguel de Cervantes em seu *Dom Quixote*: seria, dito de outra forma, uma espécie de Sancho Pança, contrapondo a cultura livresca do Major Quaresma com sua sabedoria de trovador popular[121], o idealismo e nacionalismo daquele

[121] Cumpre lembrar aqui o tratamento que Lima Barreto dispensa a Cassi Jones, o seresteiro de *Clara dos Anjos*: corrupto, imoral e devasso, é ele quem causa a perdição não só da protagonista, mas de inúmeras

com seu desencanto "pé no chão" e seus interesses pessoais – mas não mesquinhos (ou não se arriscaria ao tentar salvar o amigo no último capítulo do livro).

Uma edição que trouxesse toda a produção poética de Lima Barreto teria escassas páginas – embora fosse contemporâneo dos poetas parnasianos, e soubesse, como dito acima, imitar à perfeição o estilo alheio, o autor de "A nova Califórnia" poetou pouco. Nesse contexto, *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, graças à figura de Tibullo-Ricardo, quase chega a ser uma exceção. Porém, devemos lembrar que a personagem é um seresteiro, cujo principal preceito poético é explicitado por ele próprio:

> – [...] O Bilac – conhecem? – quis fazer-me uma modinha, eu não aceitei. V. não entende de violão, *seu* Bilac, disse-lhe eu. A questão não está em escrever uns versos certos que digam cousas // bonitas; o essencial é achar as palavras que o violão quer[, pede e deseja].[122]

Além de ser uma crítica a Olavo Bilac – e o "conhecem?" deve ter soado hilário aos contemporâneos –, a simples menção ao *Príncipe dos Poetas* explicita, de forma concisa, a diferença que há entre compor "poesias" e compor modinhas. Mais tarde, ao ser apresentado a Lúcia-Olga, moça rica e educada, explicou-lhe:

---

outras mulheres – donzelas e casadas –, desencadeando suicídios, assassinatos e "enchendo os bordéis" de moças "culpadas" diante de uma sociedade machista e patriarcal. Cassi, na verdade, não era o artista popular que é Ricardo – não compõe as modinhas que canta, e sua execução é apenas mediana (que nada seriam sem a ajuda de seus olhos), mas suficientemente boa para a sedução de suas jovens vítimas.

[122] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, ff.20-21. O trecho entre colchetes foi incluído posteriormente, no próprio manuscrito.

> – Todos os críticos se atêm a essa questão da metrificação. Dizem que os meus versos não são versos... São{,} sim,{;} mas são versos para violão. V. Ex[a]. {Ex.} sabe que os versos para música têm alguma diferença {cousa de diferente} dos versos comuns, {não é?} não {Não} há, portanto, nada a admirar que os meus {versos}, feitos para violão, sigam outra métrica e outro ritmo {sistema}, não acha?[123]

Ao que a moça responde, caçoando da teoria:

> – Decerto. Existe. Mas parece[-me] que o Sr. faz versos para a música e não música para os versos.[124]

Para exemplificar sua poética, Ricardo-Tibullo entoa para sua minúscula platéia, composta pelos irmãos Quaresma, um verso de uma de suas composições, *O pé*:

> O teu pé é um trevo [rosa] de mirra.[125]

Segundo ele, queria ter usado "o teu pé é uma folha de trevo", mas isso "não ia com o violão"[126].

---

[123] *Idem*, f.33; Triste fim de Polycarpo Quaresma;1915, p.38. Indico com um sublinhado os termos que só existem nos manuscritos, e com {chaves} os que só há no livro.
[124] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.33. A palavra sublinhada foi riscada pelo autor; o pronome entre colchetes foi inserido posteriormente.
[125] *Ibidem*, f.21. A forma impressa do verso é "o teu pé é uma rosa de mirra" (p.22).
[126] *Ibidem*, f.21. Seria interessante saber se Lima Barreto alguma vez procurou Catulo da Paixão Cearense para mostrar-lhe as suas "modinhas", atrás de um "parecer".

Lima Barreto queria que seu seresteiro fosse muito bom e aclamado, e foi sábio o bastante para deixar de fora do texto suas composições (já que inseri-las poderia atiçar o senso crítico de seus leitores). Afinal, era o próprio Lima Barreto, que nunca escrevera, ao que se saiba, uma modinha na vida, o verdadeiro "compositor". Apenas vemos, aqui e ali, um ou outro verso, pinçado a esmo e logo abandonado pela narrativa.

Simpático, Coração dos Outros possui, mesmo assim, seus defeitos: ele contenta-se quando alguém como a filha de Vicente Coleoni, que "parescia rica, era fina e bonita, conhecia-o – que satisfação"[127], e ao mesmo tempo em que magoa-se quando um "tal preto continuava na sua mania de querer fazer a modinha dizer alguma cousa"[128], suplantando-o na admiração popular. Mas a mágoa desaparece rápido – bastou que uma pobre "rapariga preta"[129], lavadeira, entoasse uma de suas modinhas para sentir-se melhor:

> Da doçura dos teus olhos
>
> A brisa inveja {já} tem...
>
> {.....}
>
> Oh! Era dele. Ricardo sorriu contente {satisfeito} e teve vontade de ir beijar aquela pobre mulher, abraçá-la...[130]

[127] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.38.
[128] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.79; *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.102.
[129] *Idem*, f.81 e p.103.
[130] *Ibidem*, f.81 e p.103. Os trechos exclusivos dos manuscritos estão sublinhados, e os do livro, entre {chaves}.

Há uma versão mais prosaica desses dois versos logo acima, riscada com um único e enérgico traço:

> A brisa inveja a doçura dos teus olhos[131]

A descrição da estadia do seresteiro em Curuzu expressa ainda melhor sua satisfação com o reconhecimento público:

> [...] Os dias que o mestre passou na "Fartura" foram um triunfo para ele. A fama do seu nome precedia-o, de forma que não teve [*ilegível*] a medir, para atender ao convite das pessoas importantes.[132]

A redação posterior, impressa, é a seguinte:

> Passou um mês com o Major, e foi um triunfo. A fama do seu nome precedia-o, de forma que todo o município o disputava e festejava.[133]

Não é preciso dizer que Ricardo estava contente com isso – o simples "um triunfo" já indica, um pouco indiretamente, seu estado de ânimo. Das alterações, consideráveis para um trecho tão curto, chama mais a atenção a mudança do público que disputava sua atenção – no manuscrito, são as "pessoas importantes"; no livro, é "todo o município".

---

[131] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.81 (frente).
[132] *Idem*, f.87 (frente).
[133] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.114.

Os apontamentos, por sua vez, também trazem uma composição atribuída a Tibullo; trata-se da seguinte quadra:

> Ouve, meu anjo, o canto meu
> Como as cotovias sobre o mar
> Quando escutam os gemidos
> Das ondas de Trafalgar [?][134]

A interrogação entre colchetes, incluída na edição de *Diário íntimo*, não deixa claro se a dificuldade relaciona-se a toda a linha ou apenas à palavra "Trafalgar" – é-nos, de fato, difícil imaginar o popular seresteiro incluindo uma referência a algo tão distante de seu amplo e suposto público (excetuando-se, talvez, o General Albernaz e seus marciais convivas); porém, o lirismo marcado pela associação da amada com um "anjo" e com pássaros, e pelas imagens das "cotovias", do "mar" e das "ondas" – humanizadas como gemendo – está de acordo com o que esperaríamos. Curioso o jogo com as expectativas do leitor: imagina-se, após a expressão "o canto meu", no primeiro verso, que o paralelismo seria do poeta com "as cotovias" cantoras, e não com "os gemidos / Das ondas de Trafalgar".

[134] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.95.

Mesmo com seus defeitos, Ricardo Coração dos Outros é a única personagem, ao lado da afilhada, com grandeza suficiente para tentar livrar o Major Quaresma de ser executado pelo sanguinário Marechal de Ferro.

2.d. *Ismenia Albernaz.*

Apesar do que sua importância relativa dentro do romance dá a entender, Ismenia, a apagada filha do General Breves-Albernaz, que morre "quase sem ruído", depois de definhar lentamente de tristeza, tendo sido abandonada pelo noivo Cavalcanti, surge relativamente tarde nos *Episódios da vida do Major Quaresma*. Os capítulos mais importantes onde ela atua ("A notícia do Genelício", "O *bibelot*", "Espinhos e flores", "Você, Quaresma, é um visionário" e "... E tornaram logo silenciosos...") estão todos manuscritos a lápis; a única exceção, à tinta, é o primeiro capítulo da terceira parte: "Patriotas". No trecho em que, no romance impresso, ela é apresentada ao leitor, quem surge nos manuscritos é simplesmente "uma moça [...] procurando D. Adelaide":

> Era o vizinho general Breves que, por aquela sua filha, mandava convidar o trovador para cantar na casa dele.[135]

[135] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.22.

Todas as vezes em que Ismenia aparece como tal nos *Episódios da vida do Major Quaresma*, Tibullo já trocara seu nome para Ricardo, mais uma evidência da origem tardia da personagem no plano da obra. Se, como penso, os capítulos manuscritos à tinta precederam os a lápis, então Ismenia faz sua estréia na folha 137, no capítulo "Patriotas", referida em uma conversa entre Polycarpo e o General Breves-Albernaz:

> – Como vai a família?
>
> – Sabe que Quinota casou-se.
>
> – Sabia. E D. Ismenia?
>
> A fisionomia do general toldou-se um instante; os seus olhos se iluminaram e respondeu:
>
> – Vai no mesmo.
>
> O pudor de pai tinha-o impedido de // dizer toda a verdade. A filha enlouquecera. Uma loucura mansa e infantil. Passava dias calada; a um canto a olhar estupidamente tudo, numa inércia, numa atonia de cousa morta, caíra em imbecilidade. Vinha uma hora, porém, que ela penteava-se, enfeitava-se, agarrava umas folhas, grampos, ajustava-as ao jeito de coroa com que cingia a cabeça; e corria à mãe a dizer: Apronte-se, mamãe. O meu noivo não deve tardar... É hoje o meu casamento. Outras vezes recortava o papel em forma de participação e escrevia: D. Ismenia Neves e o Dr. F. (variava de noivo) participam o seu casamento. E as manifestações de loucura variavam, tendo sempre por base o casamento, aquele sonho de uma vida que não pudera atingir.[136]

[136] *Idem*, f.137-138 (frente).

Uma frase riscada explica que o "casamento era a sua idéia fixa, a sua mania"[137]. Seria a partir daí que Lima Barreto criou toda a história da pobre moça? Ou ela já teria sido esboçada em outra parte, já estaria estruturada quando dessa redação? De novo, impossível dizer. Curioso que não haja qualquer menção a Cavalcanti (por que o nome do noivo varia nas participações?), ou ao noivado rompido – na verdade, por esse trecho não sabemos sequer se ela um dia chegou a ficar noiva.

Monomaníaca como o protagonista – com o casamento ocupando nela o lugar que a Pátria ocupa nele –, Ismenia é a única personagem do romance cujo fim e explicitamente trágico, deprimente.

* * * * *

3. *O sinistro alicerçar do regime*.

Há um trecho específico do romance que é encontrado nos três testemunhos e que, por isso, é particularmente elucidativo do processo de composição de Lima Barreto – trata-se do que denomino aqui de "o sinistro alicerçar do regime". Assim aparece nos *Episódios da vida do Major Quaresma*:

[137] *Ibidem*, p.138.

> Vinha-lhe disso pensar então por que força misteriosa, porque injunção irônica ele se tinha vindo misturar a tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar da pátria e do regime.
>
> De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar e vendo a cidade sumir no abraço sangrento do ocaso; e vinha a noite e ele continuava a passear, a meditar, a pensar, a sofrer com aquelas lembranças de ódios, de sangueira e ferocidade. A vida e a sociedade pareceram-lhe cousas horrorosas e pareceu-lhe que vinham dos seus exemplos os crimes [*ilegível*] que esta última punia, castigava e procurava restringir.[138]

Além de trocar "[...] tão tristes acontecimentos [...]" por "[...] tão tenebrosos acontecimentos [...]", e de eliminar duas palavras, ilegíveis devido aos riscos que as cobrem, o romancista ainda indica, com um grande traço, o câmbio de posição entre os dois parágrafos. O texto final, se seguíssemos apenas os manuscritos, ficaria o seguinte:

> De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar e vendo a cidade sumir no abraço sangrento do ocaso; e vinha a noite e ele continuava a passear, a meditar, a pensar, a sofrer com aquelas lembranças de ódios, de sangueira e ferocidade. A vida e a sociedade pareceram-lhe cousas horrorosas e pareceu-lhe que vinham dos seus exemplos os crimes [*ilegível*] que esta última punia, castigava e procurava restringir.

[138] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.169 (frente).

> Vinha-lhe disso pensar então por que força misteriosa, porque injunção irônica ele se tinha vindo misturar a tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar da pátria e do regime.

A redação de "O prêmio", embora muito alterada, mantém a ordem invertida dos parágrafos – mais um indício de que ele começou a ser escrito quando os *Episódios da vida do Major Quaresma* já iam bem adiantados:

> Os barcos passavam. Ora, eram lanchas fumarentas; ora, pequenos botes ou canoas, com as suas velas alvas, roçando carinhosamente pela superfície das águas, pendendo para um lado ou outro, como se as quisessem afagar um instante. Os Órgãos vinham suavemente morrendo na violeta macia; e o resto era azul, um azul imaterial de inebriar, de embriagar, como um licor capitoso.
>
> Ele se voltava, depois, para a cidade, que entrava na sombra, aos beijos sangrentos do ocaso.
>
> Vinha-lhe então pensar por que força misteriosa, por que injunção irônica, ele se tinha misturado em tão tenebroso acontecimento, assistindo ao sinistro alicerçar do regime.[139]

Maior alteração ocorre no texto impresso, quando os parágrafos acima são separados, o último ("Vinha-lhe disso pensar...") transferido para o final do capítulo:

[139] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.98.

De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar. A viração soprava ainda e as gaivotas continuavam a pescar. Os barcos passavam. Ora, eram lanchas fumarentas que lá iam para o fundo da baía; ora pequenos botes ou canoas, roçando carinhosamente a superfície das águas, pendendo para lá e para cá, como se as suas alvas velas enfunadas quisessem afagar a espelhenta superfície do abismo. Os Órgãos vinham suavemente morrendo na violeta macia; e o resto era azul, um azul imaterial que inebriava, embriagava, como um licor capitoso.

Ficava assim um tempo longo, a ver, e quando se voltava, olhava a cidade que entrava na sombra, aos beijos sangrentos do ocaso.

A noite chegava e Quaresma continuava a passear na borda do mar, meditando, pensando, sofrendo com aquelas lembranças de ódios, de sangueiras e ferocidade.

A sociedade e a vida pareceram-lhe cousas horrorosas, e imaginou que do exemplo delas vinham os crimes que aquela punia, castigava e procurava restringir. Eram negras e desesperadas, as suas idéias; muita vez julgou que delirava.[140]

Não deixou de pensar então por que força misteriosa, por que injunção irônica ele se tinha misturado em tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar do regime...[141]

[140] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.224-225.
[141] *Idem*, 226-227.

A frase central deste trecho, porque representa a conscientização do Major Quaresma, a sua percepção de que ele e seu patriotismo foram usados pela ditadura do Marechal Floriano Peixoto no seu brutal processo de solidificação, é:

> Vinha-lhe disso pensar então por que força misteriosa, porque injunção irônica ele se tinha vindo misturar a tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar da pátria e do regime.

> Vinha-lhe então pensar por que força misteriosa, por que injunção irônica, ele se tinha misturado em tão tenebroso acontecimento, assistindo ao sinistro alicerçar do regime.

> Não deixou de pensar então por que força misteriosa, por que injunção irônica ele se tinha misturado em tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar do regime...

Percebe-se aí o processo de depuração levado a cabo pelo autor na escrita de sua obra, eliminando alguns termos (“da pátria”), trocando outros (“tristes acontecimentos” por “tenebrosos acontecimentos”, como já dito), ensaiando números (“tenebroso acontecimento”) e formas verbais (“ele se tinha vindo misturar” para “ele se tinha misturado”). A maior variação está no início, que de “Vinha-lhe disso pensar então”, passa para “Vinha-lhe então pensar” e, finalmente, “Não deixou de pensar então”. A mudança de posição do parágrafo no interior do capítulo, mais importante, demonstra o modo como

Lima Barreto estrutura seu romance; o "Boqueirão" termina do seguinte modo nos manuscritos:

> Quaresma não atinou logo com o sentido daquela cena e foi após o afastamento da lancha que ele encontrou explicação.
>
> A embarcação não ia longe. O mar gemia demoradamente de encontro às pedras do cais. A esteira da embarcação estrelejava fosforescente. No alto num céu negro e tranqüilo, as estrelas brilhavam serenamente.
>
> A lancha desapareceu nas trevas. Para onde ia? Para o Boqueirão...[142]

Há uma única grande alteração no trecho acima no interior dos *Episódios da vida do Major Quaresma* – a troca de "e foi depois que a lancha se afastou" para "e foi após o afastamento da lancha", mantida na versão impressa. O texto da edição em livro é quase idêntico – a diferença está na inclusão do parágrafo com a conscientização do Major:

> Quaresma não atinou de pronto com o sentido da cena e foi, após o afastamento da lancha, que ele encontrou uma explicação.
>
> Não deixou de pensar então por que força misteriosa, por que injunção irônica ele se tinha misturado em tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar do regime...

[142] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.170 (verso).

> A embarcação não ia longe. O mar gemia demoradamente de encontro às pedras do cais. A esteira da embarcação estrelejava fosforescente. No alto, num céu negro e profundo, as estrelas brilhavam serenamente.
>
> A lancha desapareceu nas trevas do fundo da baía. Para onde ia? Para o Boqueirão...[143]

Movendo-o para o fim, para depois que o "*home* do Itamarati" vem, na calada da noite – acentuando a arbitrariedade, a ilegalidade e a imoralidade do ato – buscar os marinheiros presos que seriam levados para o Boqueirão, para serem sumariamente executados, Lima Barreto dá maior força e pungência ao desencanto de Polycarpo, e confere ao "sinistro alicerçar do regime" outra conotação, mais sombria, brutal e desumana.

Finalmente, a frase abaixo, embora muito próxima nas redações dos manuscritos e do livro, ainda assim passou por uma reelaboração que a deixou mais elegante e fluente:

> A vida e a sociedade pareceram-lhe cousas horrorosas e pareceu-lhe que vinham dos seus exemplos os crimes [*ilegível*] que esta última punia, castigava e procurava restringir.

> A sociedade e a vida pareceram-lhe cousas horrorosas, e imaginou que do exemplo delas vinham os crimes que aquela punia, castigava e procurava restringir.

[143] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.226-227.

Lima Barreto troca "pareceu-lhe" por "imaginou", para evitar a repetição, e inverte a ordem de "vinham dos seus exemplos os crimes" para "do exemplo delas vinham os crimes"; tendo invertido a ordem de "a vida e a sociedade", altera o texto de "que esta última punia" para "que aquela punia". Além disso, um adjetivo – infelizmente ilegível (julgo que seja "indizíveis") – foi eliminado.

* * * * *

4. *"Momentos antecipatórios".*

Uma característica interessante da narrativa de Lima Barreto são os "momentos antecipatórios", como denomino, cenas ou imagens que adquirem um novo sentido depois que todo o romance foi lido, à luz de eventos descritos páginas depois. Há dois importantes em *Triste fim de Polycarpo Quaresma* – a fábula sobre os macacos que salvam uma onça caída em uma armadilha, no segundo capítulo da primeira parte, e o final do capítulo "O *bibelot*". Ambos explicitam o constante trabalho de reelaboração, não só estilística, mas também estrutural, pelo que passou o romance.

Tratemos primeiro da fábula: em "O prêmio", há várias fábulas cujos protagonistas são animais, coligidas pelo romancista, com o intuito aparente de publicá-las em uma coleção ao estilo de La Fontaine, entre amigos e conhecidos. No meio delas está a seguinte,

que Lima Barreto intitula "Os macacos que salvaram a onça", contada por um colega da Secretaria de Guerra:

> Andava uma vara de macacos em troça por sobre umas grotas. Eis senão quando, eles vêem, no fundo de uma armadilha, uma onça que lá caíra em aventura de caça. Penalizaram-se e resolveram salvá-la. Para isso, cortaram cipós e, amarrando-se às cintura, atiraram uma ponta ao felino que se agarrou a ela e salvou-se. Chegado à superfície do solo, agarrou um dos macacos que fôra tardo em soltar-se da laçada que fizera na cintura.
>
> A onça disse:
>
> – Compadre, tenha paciência, estou com fome e você vai ser comido.
>
> O macaco chorou e afinal resolveram submeter a questão ao juiz de direito. Era este o cágado, que dava audiência no centro de uma lagoa, num ilhote. Lá foram ambos. O juiz ouviu primeiro o macaco, que sempre a onça segurava pelo braço. No fim disse:
>
> – Bata palmas.
>
> Apesar de seguro, o macaco pôde bater palmas. Veio a vez da onça. Ela se explicou e por fim o juiz ordenou:
>
> – Bata palmas.

> Para o que, teve que largar o macaco, que se aproveitou e fugiu, assim como o juiz que se atirou n'água.[144]

Vemos um verdadeiro folclorista em ação, que registra não apenas a fábula, mas quem a contou e, inclusive, de onde esta pessoa é natural – um procedimento que evidencia uma certa preocupação "científica" do pai de Clara dos Anjos. Infelizmente ausente dos *Episódios da vida do Major Quaresma* e dos folhetins do *Jornal do Commercio*, essa curta narrativa popular consta do segundo capítulo da primeira parte ("Reformas radicais") do texto publicado em livro, com o título alterado para "O macaco perante o juiz de direito". Polycarpo e o General Albernaz saem em busca de tradições "brasileiras" depois que "a visita do Ricardo e do seu violão ao bravo militar veio despertar no general e na família um gosto pelas festanças, cantigas e hábitos genuinamente nacionais, como se diz por aí"[145]; após uma infrutífera visita à "tia" Maria Rita, uma antiga escrava que trabalhara para o militar e que já se esquecera de todas as cantigas que sabia quando jovem ("– Já mi esqueceu"[146], diz ela com simplicidade), encontraram o *velho poeta*, "um literato, teimoso cultivador dos contos e canções populares do Brasil", e que lhes conta a fábula.

---

[144] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, pp.102-103. Contada a Lima Barreto, juntamente com "O macaco e a raposa", por "Santos, servente da Secretaria da Guerra, natural do Ceará" (p.103).

[145] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.25. É curioso como Lima Barreto já demonstra seu ceticismo quanto à existência de "festanças, cantigas e hábitos genuinamente nacionais" ao adicionar um "como se diz por aí" logo em seguida.

[146] *Idem*, p.30. Polycarpo não consegue entender (mas Lima Barreto sim) como "é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados", o que, para ele, era "bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardam [i.e. os seus folgares e as suas canções] durante séculos". Não lhe passou pela cabeça que Maria Rita, tendo sido escrava, não quisesse conservar lembranças do cativeiro degradante, e que o que Polycarpo considerava "sua" cultura fosse, para a velha, algo estranho e imposto. Tanto é assim que a única cantiga de que Maria Rita se lembra ("E vem tutu", p.30) é sobre uma entidade mitológica africana que vem eliminar o senhor de escravos ("P'ra cumê sinhozinho", idem). Um bom exemplo da ironia que perpassa todo o romance.

Vejamos como ela aparece impressa:

> "*O macaco perante o juiz de direito*. Andava um bando de macacos em troça, pulando de árvore em árvore, nas bordas de uma grota. Eis senão quando, um deles vê no fundo uma onça que lá caíra. Os macacos se enternecem e resolvem salvá-la. Para isso, arrancaram cipós, emendaram-nos bem, amarraram a corda assim feita à cintura de cada um deles e atiraram uma das pontas à onça. Com o esforço reunido de todos, conseguiram içá-la e logo se desamarraram, fugindo. Um deles, porém, não o pôde fazer a tempo e a onça segurou-o imediatamente.
>
> – Compadre Macaco, disse ela, tenha paciência. Estou com fome e você vai fazer-me o favor de deixar-se comer.
>
> O macaco rogou, instou, chorou; mas a onça parecia inflexível. Simão então lembrou que a demanda fosse resolvida pelo juiz de direito. Foram a ele; o macaco sempre agarrado pela onça. É juiz de direito entre os animais, o jabuti, cujas audiências são dadas à borda dos rios, colocando-se ele em cima de uma pedra. Os dous chegaram e o macaco expôs as suas razões.
>
> O jabuti ouviu-os e no fim ordenou:
>
> – Bata palmas.
>
> Apesar de seguro pela onça, o macaco pôde assim mesmo bater palmas. Chegou a vez da onça, que também expôs as suas razões e motivos. O juiz, como da primeira vez, determinou ao felino:
>
> – Bata palmas.

> A onça não teve remédio senão largar o macaco, que se escapou, e também o juiz, atirando-se n'água."[147]

Embora as alterações realizadas sejam pequenas, nota-se, mesmo assim, que nosso autor aumentou-lhe um pouco a extensão (de 20 para 24 linhas), e que efetuou alguns câmbios, o maior deles sendo a troca do cágado pelo jabuti (porque o cágado seria por demais regionalista? Ou por medo de que o impressor esquecesse o acento e involuntariamente criasse uma cacofonia?).

A definição dessa fábula como "momento antecipatório" depende de aceitarmos que ela seja lida metaforicamente – seriam os macacos os voluntários (e nem tão voluntários) que salvam a onça-Floriano Peixoto da armadilha política da Revolta da Armada? Se forem, então o macaco mais lento que ela agarra para comer só pode ser Quaresma. Mas quem seria o juiz-jabuti que, com um ardil, salva a vida do pobre macaco? Seria Olga? Ou o matreiro e popular seresteiro, que, mesmo sabendo "perfeitamente que corria grande risco", "não se intimidou" e "procurava soltá-lo"[148]? Perceba-se o tom otimista que, com a reflexão ovidiana final da afilhada no último parágrafo do livro, a fábula dá ao final da trama: a possibilidade da salvação do desiludido e não mais ufanista Major. O fuzilamento de Quaresma, afinal, é só inferido, jamais narrado, e a própria personagem chama de "triste fim" sua prisão por ter protestado contra as execuções dos marinheiros revoltosos no Boqueirão:

---

[147] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.32-33.
[148] *Idem*, p.231.

> Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim?[149]

Mais adiante, após o prisioneiro político duvidar que voltasse a ver Ricardo, Olga, Adelaide e Anastácio ("Nunca mais vê-los-ia, nunca!"[150]), ao introduzir as providências do seresteiro para conseguir sua libertação, o narrador diz:

> Quaresma, porém, enganava-se em parte.[151]

Em que parte estava o engano do Major? A se confirmar na fábula, ele os verá novamente... Isso dito, não devemos esquecer a ironia que perpassa a prosa de Lima Barreto, e que pode ter ridicularizado a "sabedoria popular" contida nas fábulas – onça nenhuma largaria uma presa para "bater palmas".

* * * * *

O segundo momento antecipatório ocorre quando, ao final do quinto capítulo da obra, Ismenia visita Adelaide Quaresma e lá encontra, com ela, Coleoni, Lúcia-Olga e

[149] *Ibidem*, p.227.
[150] *Ibidem*, p.231.
[151] *Ibidem*, p.231.

Ricardo. Nos *Episódios da vida do Major Quaresma*, o capítulo, ainda sem título, termina assim:

> – Como vai o general?
>
> D. Adelaide respondeu:
>
> – Não sei... Não tem vindo aqui e eu não vou lá. A filha é que vem sempre aqui... Anda desolada, coitadinha!
>
> – Por que, D. Adelaide?
>
> – Não sei... O noivo foi para fora, disse que ia visitar a mãe e não escreveu mais.
>
> – Eu penso que ele volta, disse Ricardo.
>
> Coleoni interveio com a sua brandura e boa fé:
>
> – Não há razão pra isso, Sr. Ricardo. Há quanto tempo foi?
>
> – Há três meses, disse D. Adelaide. //
>
> – Então?
>
> – É o que eu digo.
>
> A filha do general veio a entrar. Falou com todos e todos sentiram que ela sofria. O sofrimento dava-lhe uma atividade à fisionomia que ela não tinha anteriormente, [*ilegível*] olhava e os olhos mesmo tinham mais brilho. Perguntou também por Quaresma e depois calaram-se.
>
> – Recebeste carta, Ismenia? indagou a irmã de Quaresma.
>
> – Ainda não, respondeu ela, com voz parcimoniosa.
>
> – Não tenhas cuidado, talvez sejam extravios e mais nada.

> Ela não respondeu, olhou o céu muito doce e azul, enquanto Ricardo abundava em considerações sobre o relaxamento do Correio.[152]

Antes de qualquer comentário, vejamos como o texto saiu impresso:

> – Como vai o General?
>
> – Não o tenho visto, mas a filha vem sempre aqui. Ele deve andar bem, a Ismenia é que anda triste, desolada – coitadinha!
>
> D. Adelaide contou então o drama que agitava a pequenina alma da filha do General. Cavalcanti, aquele Jacó de cinco anos, embarcara para o interior, há três ou quatro meses e não mandara nem uma carta nem um cartão. A menina tinha aquilo como um rompimento; e ela, tão incapaz de um sentimento mais profundo, de uma aplicação mais séria de energia mental e física, sentia-o muito, como cousa irremediável que absorvia toda a sua atenção.[153]

Seis parágrafos, totalizando cinqüenta e três linhas, descrevem o sofrimento de Ismenia com o rompimento presumido, principalmente durante o Carnaval. Daí prossegue:

> Nas horas da entrega da correspondência, tinha ainda uma alegre esperança. Talvez? Mas a carta não vinha, e, voltava ao pensamento: não casar.

[152] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, ff. 60 (verso) e 61 (frente).
[153] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.81.

D. Adelaide, terminando de contar o desastre da triste Ismenia, comentou:

– Merecia um castigo isso, não acham?

Coleoni interveio com brandura e boa vontade.

– Não há razão para desesperar. Há muita gente que tem preguiça de escrever...

– Qual! fez D. Adelaide. Há três meses, sr. Vicente!

– Não volta, disse Ricardo setenciosamente.

– E ela aindo o espera, D. Adelaide? perguntou Olga.

– Não sei, minha filha. Ninguém entende essa moça. Fala pouco, se fala diz meias-palavras... É mesmo uma natureza que parece sem sangue nem nervos. Sente-se a sua tristeza, mas não fala.

– É orgulho? perguntou ainda Olga.

– Não, não... Se fosse orgulho, ela não se referia de vez em quando ao noivo. É antes moleza, preguiça... Parece que ela tem medo de falar para que as cousas não venham acontecer.

– E os pais que dizem a isso? indagou Coleoni.

– Não sei bem. Mas pelo que pude perceber, o incômodo do General não é grande e D. Maricota julga que ela deve arranjar *outro*.

– Era o melhor, disse Ricardo.

– Eu creio que ela não tem mais prática, disse sorrindo D. Adelaide. Levou tanto tempo noiva...

E a conversa já tinha virado para outros assuntos, quando a Ismenia veio fazer a sua visita diária à irmã de Quaresma.

> Cumprimentou todos e todos sentiram que ela penava. O sofrimento dava-lhe mais atividade à fisionomia.
>
> As pálpebras estavam roxas e até os seus pequenos olhos pardos tinham mais brilho e expansão. Indagou da saúde de Quaresma e depois calaram-se um instante. Por fim D. Adelaide lhe perguntou:
>
> – Recebeste carta, Ismenia?
>
> – Ainda não, respondeu ela com grande economia de voz.
>
> Ricardo moveu-se na cadeira. Batendo com o braço num *dunkerque*, veio atirar ao chão uma figurinha de *biscuit*, que se esfacelou em inúmeros fragmentos, quase sem ruído.[154]

Além da ampliação do texto – de algumas poucas linhas para três páginas completas –, é extraordinária a reelaboração do trecho final: passamos de uma banal conversa sobre a ineficiência do Correio para a imagem de Ricardo acidentalmente derrubando e destruindo uma figurinha de *biscuit*, "quase sem ruído". Imagem tão poderosa que dá título a todo o capítulo – "O *bibelot*".

Manuscrito a lápis, esse capítulo é de elaboração tardia nos *Episódios da vida do Major Quaresma* – o seresteiro já mudara seu nome aqui para Ricardo, muito embora ainda seja Tibullo no capítulo seguinte, manuscrito à tinta[155]. Interessante notar, entre outras coisas, que o nome, "Ismenia" aparece apenas quando Adelaide lhe dirige a palavra,

[154] *Idem*, pp.82-83. Mantive a pontuação do livro; itálicos de Lima Barreto.
[155] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.76 (frente).

estando ausente quando da conversa anterior sobre ela, e mesmo da descrição de sua entrada em cena – ela era referida até então simplesmente como a "filha" do militar.

A interpretação deste trecho como antecipatório, embora mais óbvia do que a fábula, ainda assim é complexa – pela proximidade com a entrada de Ismenia em cena, somos levados a associar a "figurinha de *biscuit*, que se esfacelou [...] quase sem ruído" a ela, e essa associação encontra respaldo na narrativa, pela forma como a personagem acaba, com sua loucura e morte prematura; porém, não devemos esquecer que o evento principal desse capítulo é a visita que Coleoni e a filha fazem ao padrinho desta no Hospício. Lembro mais uma vez, mesmo sob o risco de ser muito repetitivo, que Polycarpo não é, em momento algum, fuzilado no interior do romance, e parece que nem o autor decidira-se em definitivo sobre sua sorte "futura", dando indícios tanto de sua provável execução, quanto salvação. E a figurinha que se quebra quase sem ruído pode, também, ser interpretada plausivelmente como o ingênuo útil (um *bibelot*) destruído no final, sem que quase ninguém interceda por ele.

Ambas as interpretações encontram sustentação no interior da trama, e nenhuma exclui a outra – Lima Barreto, aqui, claramente associa e aproxima o final melancólico e triste das duas personagens.

* * * * *

5. *Peregrinação folclórica.*

A "peregrinação folclórica" de Polycarpo e do General foi um dos trechos mais retrabalhados por Lima Barreto entre a redação dos manuscritos e o texto impresso em livro, sensivelmente maior do que o publicado no *Jornal do Commercio*. Para deixar mais claro a quantidade de alterações efetuada, transcrevo a seguir o texto dos manuscritos (folhas 25 a 28), intercalando-o com o texto do livro (páginas 25 a 34). Sublinho as passagens dos manuscritos excluídas e incluo entre [colchetes] as passagens que só existem no texto impresso:

> Caso foi que a visita do Tibullo [Ricardo] e do seu violão ao general [bravo militar] veio despertar em toda redondeza uma paixão pelo *Folk-Lore* nacional [no general e na família um gosto pelas festanças, cantigas e hábitos genuinamente nacionais, como se diz por aí]. Aquela sua entrada (*ilegível*) triunfal pela sala do bravo militar do instrumento que o padre Caldas e Gregório de Matos humilharam, despertou [Houve] em todos o [um] desejo de sentir, de sonhar, de poetar à maneira do povo que ainda o fazia [popular dos velhos tempos. Albernaz, o general, lembrava-se de ter visto tais cerimônias na sua infância: D. Maricota, sua mulher, até ainda se lembrava de uns versos de Reis; e os seus filhos, cinco moças e um rapaz, viram na cousa um pretexto de festas e, portanto, aplaudiram o entusiasmo dos progenitores]. A modinha era pouco; exigiu-

> se [os seus espíritos pediam] cousa mais plebéia, mais característica da alma nacional [e extravagante].
>
> Quaresma ficou encantado, quando o general lhe [Albernaz] falou em fazer [organizar] uma chegança, à moda do Norte[, por ocasião do aniversário de sua praça. Em casa do general era assim: qualquer aniversário tinha a sua festa, de forma que havia bem umas trinta por ano, não contando domingos, dias feriados e santificados em que se dançava também].
>
> Ele [O major] pensara até ali pouco nisso, nessas cousas de festas, de tradições, de danças, mas [e danças tradicionais,] entretanto viu logo a significação altamente patriótica do intento. [Aprovou e animou o vizinho.] Mas quem havia de ensaiar, de dar os versos e a música? Alguém lembrou a tia Maria Rita, uma velha preta [velha], que morava em Benfica[, antiga lavadeira da família Albernaz]. {Falar no lugar aqui (*ilegível*), (*ilegível*) f., Imp. A estrada de (*ilegível*) Cruz. (*ilegível*).} Lá foram os dous, o general Breves [Albernaz] e o Major [major] Quaresma[, apressados, por uma linda e cristalina tarde de Abril].

Seguem-se, no livro, dois parágrafos nos quais nos é oferecida uma descrição do general Albernaz, de como chegou à patente, de seus modestos hábitos e pretensões; outros seis parágrafos descrevem a viagem até a casa de Maria Rita, com a apresentação da paisagem, de uma anedota sobre a passagem de Dom João VI pela região, em "lamentável majestade", e da pobre moradia da velha. Quem os recebe à porta é uma "pretinha moça",

neta de Maria Rita, personagem inexistente nos manuscritos. Outros dois parágrafos de diálogo e outros dois de narrativa depois, aparece a velha:

> [Não tardou vir a velha. Entrou em camisa de bicos de rendas, mostrando o peito descarnado, enfeitado com um colar de miçangas de duas voltas. Capengava de um pé e parecia querer ajudar a marcha, com a mão esquerda pousada na perna correspondente.]
>
> – Boas tardes, minha velha [tia Maria Rita, disse o General]. //
>
> – Boas tarde, meus brancos, respondeu a preta.
>
> E a velha preta olhou espantada para aqueles dois desconhecidos bem vestidos que lhe penetravam tão fora de propósito pela cabana adentro. Que diabo queriam eles? Quem sabe lá se não são da polícia e julgam que sou feiticeira? falava ele de si para si. O general adiantou-se.
>
> [Ela respondeu, mas não deu mostras de ter reconhecido quem lhe falava. O General atalhou:]
>
> [– Não me conhece mais? Sou o General, o Coronel Albernaz.]
>
> [– Ah! É sô coroné!... Há quanto tempo! Como está nhã Maricota?]
>
> [– Vai bem.]
>
> – Minha velha, nós queríamos que V. [você] nos ensinasse umas cantigas.
>
> – Quem *sô* [sou] eu, Ioiô [ioiô]!
>
> – Ora! Vamos[, tia Maria Rita]... Não [você não] perde nada, (*ilegível*)...V. [você] não sabe o *Bumba meu boi*?
>
> – Quá, Ioiô [ioiô], já *mi esqueceu* [mi esqueceu].

– E o *Boi Espácio* [*espácio*]?

– Cousa *véia*[,] do tempo do cativeiro, e [–] p'ra que Ioiô *qué sabê* [sô coroné qué sabê] isso?

[Ela falava arrastando as sílabas, com um doce sorriso e um olhar vago.]

– É para uma festa... Qual é [a] que V. [você] sabe?

[A neta que até ali ouvia calada a conversa animou-se a dizer alguma cousa, deixando perceber rapidamente a fiada reluzente de seus dentes imaculados:

– Vovó já não se lembra.

O General, que a velha chamava Coronel, por tê-lo conhecido nesse posto, não atendeu à observação da moça e insistiu:

– Qual esquecida, o quê! Deve saber ainda alguma cousa, não é, titia?]

– Só sei o bicho "Tutu"[156][, disse a velha].

– Cante lá.[!]

– Ioiô [sabe! N]não sabe? Q[q]uá, sabe!

– Qual, n[N]ão sei, cante![. Se eu soubesse não vinha aqui. Pergunte aqui ao meu amigo, o Major Polycarpo, se sei.

Quaresma fez com a cabeça sinal afirmativo e] E a preta velha, talvez com que grandes saudades, do tempo que era [escrava e] ama de alguma grande casa, farta e rica, [ergueu a cabeça, como para melhor recordar-se, e] entoou:

[156] Câmara Cascudo assim o define em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, p.704: "Bicho-tutu, papão assombrador de crianças. Citado nos acalantos. Há vários tutus espantosos: tutu-zambeta, tutu-marambá, tutu-do-mato".

["]É vêm tutu

Por detrás de murundu

P'ra cumê sinhozinho

C'um bucado de angu. //

– Ora! fez o g[G]eneral com enfado, isso é cantiga [cousa antiga] de embalar crianças. V. [Você] não sabe outra?

– Não, *sinhô* [sinhô]. Já *mi esqueceu* [mi esqueceu].

Os dous saíram tristes. Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava [as] tradições de trinta anos passados? Com que rapidez esqueciam as suas festas e os seus cantos [morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções]? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles outros povos [tenazes] que os guardavam [guardam] durante séculos e séculos. Era [Tornava-se] preciso reagir[, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes..].

O general Breves [Albernaz] vinha simplesmente contrariado. Contava arranjar aí um pretexto decente [número bom] para dar uma [a] festa [que ia dar,] e escapava-lhe. Era quase a esperança de casamento de uma das sete [quatro] filhas que se esvaía. [ia, das quatro, porque uma delas já estava garantida, graças a Deus!]

O crepúsculo chegava e eles entraram em casa mergulhados na melancolia da hora.

A decepção, porém, durou [demorou] dias; tiveram notícia de que, [. Cavalcanti, o noivo de Ismânia, informou que] nas imediações, morava um sábio literato, teimoso cultor [cultivador] dos contos e de canções

> populares do Brasil. Foram a ele. Era um antigo [velho] poeta de antes de [que teve sua fama aí pelos] setenta [e tantos, homem doce e ingênuo] que se fizera [deixara] esquecer em vida[, como poeta,]. Signo de que o seu intelecto não mais se aficionada com o mundo dos tempos passado, encaminhava a sua atividade para a poesia popular. Vivia a colecionar contos, canções, tradições, ditados e adágios. De quando em quando, publicava em volumes [e agora se entretinha em publicar coleções] que ninguém lia[, de contos, canções, adágios e ditados populares].
>
> Como ficou alegre em receber aquelas visitas; // eram dois discípulos, dois irmãos do seu espírito; em seus sessenta anos, incendiava-se de satisfação e (*ilegível*), vendo na pessoa daqueles dois novos homens o sentido de 20 anos de trabalho. Falaram-lhe.
>
> [Foi grande a sua alegria quando soube o objeto da visita daqueles senhores. Quaresma estava animado e falou com calor; e Albernaz também, porque via na sua festa, com um número de folk lore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente e... casar as filhas.]

Lima Barreto estende consideravelmente a cena, descrevendo a sala onde foram recebidos, mostrando a excitação do velho poeta, que lê um exemplo de canção popular ("Se Deus enxergasse pobre"), a fábula "O macaco perante o juiz de direito" (existente só no livro), a satisfação de Quaresma (de alguém "que encontrou um semelhante no deserto") e de Albernaz, e a sugestão a algum "literato de gênio" de fixar o *fabliaux* nacional. Ao todo, Lima Barreto inclui setenta e oito novas linhas ao relato.

– Vamos por partes, disse ele, [Agora, continuou ele, depois de passada a emoção – vamos ao que serve.] *O Boi Espácio* [*boi espácio*] ou *Rancho de* (*ilegível*) [o *Bumba meu boi*] ainda é muito [muita cousa] para vs. [vocês...] Façamos um (*ilegível*). É melhor [irmos devagar,] começarmos [começar] pelo [mais fácil... Está aí o] *Tangolomango*[, conhecem?

– Não, disseram os dous.

– É divertido]. Arranjem dez crianças, uma máscara de *velho* [velho], uma roupa estrambólica para um dos srs. [Srs.] que eu ensaio.

Assim fizeram. [O dia chegou. A casa do General estava cheia. Cavalcanti viera; e ele e a noiva, à parte, no vão de uma janela, pareciam ser os únicos que não tinham interesse pela folia. Ele, falando muito, cheio de trejeitos no olhar; ela, meio fria, deitando de quando em quando, para o noivo, um olhar de gratidão.

]Quaresma[,] fez o *Tangolomango*, isto é[,] vestiu uma velha sobrecasaca do general [General], pôs uma imensa máscara de *velho* [velho], agarrou-se a um bordão [curvo, em forma de báculo,] e entrou na sala. As [dez] crianças cantaram [em coro]:

Uma mãe teve dez filhos [*Uma mãe teve dez filhos*]

Todos dez dentro de um pote: [*Todos os dez dentro de um pote:*]

Deu o Tangolomango neles [*Deu o Tangolomango nele*[157]]

Não ficaram senão nove. [*Não ficaram senão nove.*]

[157] O erro de concordância de número está no livro apenas.

> Quaresma [Por aí, o major] avançava, batia [com] o bordão [báculo] no assoalho, fazia: Ú! Ú! Ú! [hu! hu! hu!]; as crianças fugiam, afinal ele agarrava uma e levava p'ra [para] dentro. Assim foi fazendo [ia executando] com grande alegria da sala (*ilegível*); mas, quando chegou na [, pela] quinta estrofe, [lhe] faltou-lhe o ar, [lhe] ficou-lhe a vista turva, tropeçou [escura] e caiu. Tiraram-lhe a máscara, deram-lhe algumas sacudidelas, fizeram-lhe uma (*ilegível*) sais e Quaresma escapou assim da apoplexia [voltou a si].

Curioso notar, como já o fizera Francisco Venceslau dos Santos[158], a mudança de posição dos pronomes obliquos para dar maior coloquialidade ao texto – do mais formal "faltou-lhe o ar", "ficou-lhe a vista turva", passamos ao mais quotidiano "lhe faltou o ar", "lhe ficou a vista turva" –, o que desmente a crença de que Lima Barreto desconhecia a norma culta de sua época.

Há algumas pequenas variações, no episódio da visita ao velho poeta, entre o texto dos folhetins e do livro, como a mudança de posição de "que ninguém lia" no final do seguinte período:

> [...] e agora se entretinha em publicar coleções de cantos, canções, adágios, ditados populares que ninguém lia.[159]

[158] SANTOS, F. V.: "Nota filológica: procedimentos de edição". In: BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.XXVII.
[159] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 16 de agosto de 1911, p.4.

para

> [...] e agora se entretinha em publicar coleções que ninguém lia, de contos, canções, adágios e ditados populares.[160]

A maior de todas as alterações, no entanto, é a inclusão da fábula, cujo trecho correspondente, no *Jornal do Commercio*, está assim:

> – Não é bonito?... Muito! Se os Srs. conhecessem então o ciclo do macaco, a coleção de histórias que o povo tem sobre o símio?... Oh!
>
> Dizendo isto, errava nas suas faces um demorado sorriso de satisfação e nos seus olhos abrolhavam duas lágrimas furtivas.[161]

Já em livro a redação se expande consideravelmente:

> – Não é bonito?... Muito! Se os Srs. conhecessem então o ciclo do macaco, a coleção de histórias que o povo tem sobre o símio?... Oh! Uma verdadeira epopéia cômica!
>
> Quaresma olhava para o velho poeta com o espanto satisfeito de algum [*sic*] que encontrou um semelhante no deserto; e Albernaz, um

[160] BARRETO, Lima. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.31.
[161] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; *Jornal do Commercio*, edição da tarde, 16 de agosto de 1911, p.4.

> momento cantagiado pela paixão do folclorista, tinha mais inteligência no olhar com que o encarava.
>
> O velho poeta guardou a canção de Urubu de Baixo, numa pasta; e foi logo à outra, donde tirou várias folhas de papel. Veio até junto aos dous visitantes e disse-lhes:
>
> – Vou ler aos senhores uma pequena história do macaco, das muitas que o nosso povo conta... Só eu já tenho perto de quarenta e pretendo publicá-las, sob o título *Histórias do Mestre Simão*.
>
> E, sem perguntar se os incomodava ou se estavam dispostos a ouvir, começou:[162]

Aqui é contada a fábula, já transcrita e analisada acima. Daí o texto continua:

> Acabando a leitura, o velho dirigiu-se aos dous:
>
> – Não acham interessante? Muito! Há no nosso povo muita invenção, muita criação, verdadeiro material para *fabliaux* interessantes... No dia em que aparecer um literato de gênio que o fixe numa forma imortal... Ah! Então!
>
> Dizendo isto, brincava nas suas faces um demorado sorriso de satisfação e nos seus olhos abrolhavam duas lágrimas furtivas.[163]

Pulamos de quatro para 46 e seis linhas de texto (contando com a fábula), ampliando o retrato do velho poeta e monstrando a afinidade intelectual – ainda que, no

[162] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.32.
[163] *Idem*, p.33.

contexto do romance, provisória – existente entre ele e o Major Quaresma. Na personagem do folclorista, Lima Barreto parece indicar um futuro possível ao seu protagonista, no qual ele se deixaria "esquecer em vida", publicando livros que ninguém leria sobre suas conclusões patrióticas – um futuro que o radicalismo cada vez maior da personagem afasta. Como para Aquiles, as opções de Polycarpo parecem ser uma vida longa e apagada, ou (relativamente) curta e aventurosa. Como Luciano Canfora escreveu a respeito do Dom Quixote[164], a grande diferença entre nosso protagonista e os demais sábios era que o irmão de Adelaide pretendia "fazer" algo com seu conhecimento (notemos, por exemplo, que o velho poeta sequer se propõe fixar o texto das fábulas, esperando que algum "literato de gênio" o faça...).

Nos parágrafos que se repetem nos folhetins e no livro, chama a atenção a inclusão de "Uma verdadeira epopéia cômica!" no primeiro, e a troca do verbo "errava" por "brincava" no segundo, dando maior intencionalidade ao sorriso do poeta – esta última alteração indica ainda que o processo de revisão do autor, depois do texto publicado no *Jornal do Commercio*, não se limitou às grandes alterações, como a inclusão ou exclusão de frases e parágrafos.

* * * * *

[164] CANFORA, L.: *Livro e liberdade*, pp.9-10. "Dom Quixote foi compelido a agir pela contínua e cada vez mais envolvente leitura de livros. [...] Já o sábio da Antigüidade, assim como o humanista seu êmulo, lia para robustecer a sua sabedoria. Não para agir. [...] Na opção de vida do ingenioso higalgo, pode-se talvez discernir um poético precedente da tese, aforisticamente expressa dois séculos depois, segundo a qual 'até aqui os filósofos se limitaram a interpretar o mundo, o importante agora é mudá-lo'. Ambos devem muito a um dito freqüentemente repetido, mesmo por aqueles que pouco o compreendem: 'A verdade nos fará livres'. Onde a ênfase está no *fazer*".

6. *Floriano Peixoto e a Revolta da Armada*

Existe algum debate sobre se *Triste fim de Polycarpo Quaresma* é ou não um romance histórico, como o são *Ivanhoé*, de Walter Scott, ou *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas – de fato, o "Marechal de Ferro" e a Revolta da Armada despontam na trama apenas no final do quarto capítulo da segunda parte, "Peço energia, sigo já"; até então, as desventuras patrióticas do Major Quaresma poderiam se passar em qualquer momento da recente República, inclusive ser contemporâneas à publicação da obra no *Jornal do Commercio*. Como dito na introdução, há paralelos evidentes entre Floriano Peixoto e Hermes da Fonseca e entre a Revolta da Armada e a Revolta da Chibata, inclusive na forma cruel como os revoltosos vencidos foram tratados em ambas as ocasiões, e está claro que Lima Barreto usa eventos passados para criticar seu presente.

Nos manuscritos do primeiro capítulo do romance, durante a apresentação da personagem e de seu patriotismo exagerado, vemos um trecho que indica uma certa hesitação quanto à época em que a ação ocorreria. A primeira redação do trecho está assim:

> Logo aos 18 anos quis fazer-se militar, mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse o governo e a pátria. Continuou republicano e continuou mais do que nunca a amar a *terra que*

> *o viu nascer*. Impossibilitado de fazer-se militar, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.[165]

A primeira alteração parece ter sido a supressão da primeira ocorrência de "continuou", com a alteração para "Fez-se republicano". Depois, insere um termo após "republicano", infelizmente ilegível (parece "encapotado"), risca "Fez-se republicano [*ilegível*] e" e altera a redação para "O Ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a *terra que o viu nascer*". A idade passa de "18" para "16".

"Continuou republicano", situa a juventude de Polycarpo já na República, o que impossibilitaria que a personagem repetisse seus hábitos de funcionário do Arsenal de Guerra "há quase trinta anos"[166], já que a Revolta da Armada ocorreu em 1893, apenas quatro anos depois de proclamado o novo sistema político; "fez-se republicano", por sua vez, além de eliminar a repetição do verbo, transfere os "18/16 anos" para a Monarquia, mais precisamente para a década de 1860, época da Guerra do Paraguai (1864-1870, o que talvez ajude a explicar o interesse do protagonista pela carreira militar). A redação final – mantida no texto impresso[167] – fixa a época no Império, recorrendo à menção ao "Ministério" (que se altera sem que se altere o governante) e à oposição política entre liberais e conservadores, ganhando certa complexidade.

[165] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.8 (frente).
[166] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*;1915, p.9.
[167] *Idem*, p.14.

A frase final do trecho transcrito, que marca a decisão do Major Quaresma de entrar no serviço público, foi retrabalhada para dar-lhe maior elegância estilística: primeiro, "de fazer-se militar" é riscado, para evitar a repetição (além de "quis fazer-se militar", "fez-se" aparece antes de ser suprimido, e "militar" repete-se logo depois), e substituído por "de envergar os dourados do Exército"; depois, "envergar" é riscado e trocado por "cobrir-se com". Todas as alterações feitas, o trecho fica assim:

> Logo aos 16 anos quis fazer-se militar, mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a pátria. O Ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a *terra que o viu nascer*. Impossibilitado de cobrir-se com os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.[168]

As alterações para o texto impresso foram poucas – a idade volta a ser "dezoito anos" e o verbo "cobrir-se" é trocado por "evoluir-se"[169]. No mais, há duas pequenas alterações, duas de grafia ("18 anos" no *Jornal do Commercio*, "dezoito anos" no livro; e "Pátria" em ambos) e uma de pontuação ("quis fazer-se militar; mas").

* * * * *

[168] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.8 (frente).
[169] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*;1915, p.14. O trecho correspondente no *Jornal do Commercio* saiu no dia 12 de agosto de 1911, na quarta coluna.

Mais adiante, no capítulo "O gigante Golias", quando Polycarpo e Felizardo conversam sobre a política de Curuzu, há mais uma possível indicação de que Lima Barreto, no princípio, não sabia ao certo quando situar sua narrativa. Tendo ouvido o motivo da disputa entre o Tenente Antonino e o Capitão Justino (futuro Dr. Campos), Quaresma pergunta ao seu ajudante no sítio:

> – E você, por quem é?
>
> – Eu! Sei lá... Urubu pelado não se mete no meio dos coroados. Isso é bom pro *sinhô*.
>
> – Eu sou como V., Felizardo.
>
> – Quem me dera, meu sinhô. Inda *trás-antonte* ouvi dizê que o patrão é amigo do Marechá...
>
> [...]
>
> – Mas é falso, Felizardo. Eu não sou amigo cousa alguma, conheci-o há muito tempo, por causa do emprego que tive. Que amigo!
>
> – Quá! O patrão *tá* varrendo a testada...
>
> Apesar de todo o esforço do Major, não houve meio de tirar daquela cabeça infantil a crença de que Quaresma era íntimo do Marechal Floriano/Deodoro.[170]

O que interessa aqui é a indecisão, no texto, entre os dois primeiros presidentes da República, os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. O capítulo está manuscrito à tinta, e é à tinta que os dois nomes aparecem, um sobre o outro – infelizmente,

[170] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.91 (frente). Itálicos indicados pelo autor.

por isso não é possível dizer se Lima Barreto escreveu Deodoro primeiro, e Floriano depois, por cima, ou Floriano primeiro e Deodoro sobreposto. Quando o trecho foi emendado posteriormente, o nome de Floriano é reescrito, desta vez a lápis, de modo a não deixar dúvidas sobre a qual Marechal Felizardo e o patrão se referiam.

A única outra revisão notada nos manuscritos é a substituição de "conheci-o há anos" por "conheci-o há muito tempo". Na edição em livro, o final do trecho acima assim aparece impresso:

> – Mas é falso, Felizardo. Eu não sou amigo cousa alguma... Conheci-o... E nunca disse isso aqui a ninguém... Qual amigo!
>
> – *Quá*! fez Felizardo com um riso largo e duro. O patrão *tá* é varrendo a testada.
>
> Apesar de todo o esforço de Quaresma, não houve meio de tirar daquela cabeça infantil a idéia de que ele fosse amigo do Marechal Floriano. "Conheci-o no meu emprego" – dizia o Major; Felizardo sorria grosso e por uma vez dizia: "*Quá*! o patrão é fino que nem cobra".[171]

A redação, como se percebe, sofreu consideráveis alterações, tenso sido expandida e polida, mas não a ponto de torná-la irreconhecível a quem lê os manuscritos. E confirma, de uma vez por todas, o Marechal Floriano Peixoto como o suposto amigo de Polycarpo.

[171] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.119.

* * * * *

Como no texto impresso, a Revolta da Armada aparece nos *Episódios da vida do Major Quaresma* apenas no final de "Peço energia. Sigo já", na última folha:

> Felizardo vinha lhe trazer o jornal. As saudades do Rio tinham-lhe feito comprar uma folha diária. Abriu-a e logo deu com a notícia da revolta da Armada. O Almirante Custódio, tomando posse dos navios [*ilegível*] na Bahia, se insurgia contra o governo legal.
>
> Quaresma lembrou-se dos seus pensamentos de ainda agora: um governo respeitado, forte até a tirania, medidas agrárias. Os olhos brilhavam, deixou o jornal, saiu pela porteira de vacas e correu à estação. Chegou ao telégrafo e pôs-se a escrever:
>
> "Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. Quaresma".[172]

Lima Barreto apresenta a insurreição de forma um tanto didática – chama-a já pelo nome com que ficou conhecida, e explica em poucas palavras do que se trata, nomeando inclusive o seu líder. Logo antes do primeiro parágrafo, anota entrelinhas "Dia da Independência", pela razão que se verá abaixo. Quando publicado, o texto perde esse caráter didático e ganha maior vivacidade e espontaneidade:

[172] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.119 (frente).

> Felizardo entregou-lhe o jornal que toda a manhã mandava comprar à estação, e lhe disse:
>
> – Seu patrão, amanhã não venho *trabaiá*.
>
> – Por certo; é dia feriado... A Independência.
>
> – Não é por isso.
>
> – Por que então?
>
> – Há *baruio* na Côrte e dizem que vão *arrecutá*. Vou pro mato... Nada!
>
> – Que barulho?
>
> – *Tá* nas *foias*, sim sinhô.
>
> Abriu o jornal e logo deu com a notícia de que os navios da esquadra se haviam insurgido e intimado ao Presidente a sair do poder. Lembrou-se das suas reflexões de instantes atrás; um Governo forte, até à tirania... Medidas agrárias... Sully e Henrique IV...
>
> Os seus olhos brilhavam de esperança. Despediu o empregado. Foi ao interior da casa, nada disse à irmã, tomou o chapéu, e dirigiu-se à estação.
>
> Chegou ao telégrafo e escreveu: "Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. – Quaresma".[173]

A Revolta agora é introduzida obliquamente pelo empregado, que, temeroso, anuncia que não virá trabalhar no dia seguinte, não por causa das festividades do Sete de Setembro, como pensa o patrão (e aqui o autor faz uso da nota manuscrita entrelinhas), mas

[173] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.142-143.

para fugir do "barulho" que há no Rio (chamado, com um toque de ironia característico de Lima Barreto, de "Côrte"), ao recrutamento compulsório que ele acarretaria. O que Polycarpo lê no jornal, a seguir, não é sobre a Revolta da Armada enquanto episódio histórico plenamente identificado e explicado, mas sobre um fato aparentemente ainda não conhecido inteiramente nem pelo jornal: uma insurgência de "navios da esquadra" (não se diz quantos, liderados por quem, ou quão grave é a situação), que exigem a saída do Marechal Floriano da Presidência da República. Não há menção a "saudades do Rio" que expliquem a compra do diário, mas, por outro lado, diz-se que os seus olhos "brilhavam de esperança" – o texto impresso ora tende a ser menos "informativo", como que convidando o leitor a encontrar suas próprias relações de causa e efeito, ora explica um pouco mais do que os manuscritos.

Percebem-se alterações que buscam dar maior literariedade à redação – a troca de "Quaresma lembrou-se dos seus pensamentos de ainda agora" por "Lembrou-se das suas reflexões de instantes atrás", por exemplo, ou de "Chegou ao telégrafo e pôs-se a escrever" pelo mais sintaticamente simples "Chegou ao telégrafo e escreveu".

* * * * *

A imagem desenhada de Floriano Peixoto pelo autor é, ainda hoje, surpreendente na sua irreverência – tratar um Presidente da República que, além disso, era um alto oficial do Exército, da forma como o "Marechal de Ferro" é tratado requer um destemor ou um

comprometimento artístico considerável.[174] Principalmente se, através dele, critica-se e ridiculariza-se de maneira não tão velada outro Presidente, contemporâneo do autor.

A primeira crítica ao Marechal Peixoto ocorre quando se descreve o palácio presidencial:

> [...] O palácio tinha um ar de intimidade, de quase relaxamento, muito singelo. Não era raro ver-se pelos divãs ajudantes-de-ordens, ordenanças, contínuos, deitados, meio desabotoados. Tudo nele era desleixo e moleza. Os cantos dos tetos tinham teias de aranha; dos tapetes quando pisados com mais força, subia um pó de rua nunca varrida.[175]

No texto impresso , o ar "quase de relaxamento" deixa de ser "muito singelo" e se torna "representativo e eloqüente"[176], e os subalternos deitavam pelos divãs "em outras salas"[177], mas, além de se deitarem, também cochilavam... Depois de algumas menções desairosas – sobre o palito de dentes na boca[178], sobre o "grosso e difícil sorriso de roceiro"[179] (de taberneiro[180], nos manuscritos), o imobilismo no trato com os demais, a familiaridade com os subalternos, principalmente com os cadetes da Escola Militar, que

[174] Basta pensarmos que retaliações não sofreria um romancista que, hoje, retratasse José Sarney ou Fernando Collor com a mesma verve cômica...
[175] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.127 (frente).
[176] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*;1915, p.161.
[177] *Idem*.
[178] *Ibidem*, p.162.
[179] *Ibidem*, p.163.
[180] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.128 (frente).

abusariam dessa proximidade[181] –, o militar é descrito longamente (para dar uma idéia das transformações por que passou a redação, indico ous trecho que só aparecem nos Episódios da vida do Major Quaresma com um sublinhado, e os que só estão no texto impresso com {chaves}):

> Quaresma pôde {então} ver {melhor} a fisionomia do homem que ia enfeixar nas {em} suas mãos tão fortes poderes, durante quase um ano{, tão fortes poderes, poderes de Imperador Romano, pairando sobre tudo, limitando tudo, sem encontrar obstáculo algum aos seus caprichos, às suas fraquezas e vontades, nem nas leis, nem nos costumes, nem na piedade universal e humana.
>
> } Era vulgar e desoladora. O bigode caído{; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande *mosca*;} os traços empastados e parcos {flácidos e grosseiros}; não havia nem o desenho do queixo ou o olhar que fosse próprio{, que revelasse algum dote superior}. Era um olhar vazio {mortiço, redondo}, pobre de expressões, a não ser a de tristeza que não {lhe} era própria {individual}, mas nativa, de raça; e todo ele era lento e [*ilegível*] {gelatinoso –} como se não tivesse {parecia não ter} nervos.
>
> Quaresma não {Não} quis {o Major} ver nisso {em tais sinais} nada que lhe denotasse o caráter, a inteligência e o temperamento. Essas cousas não vogam, disse ele de si para si.{

[181] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*;1915, pp.163-164.

> } O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte e{,} sincero {e desinteressado}.
>
> Tinha-o na conta de enérgico, de fino, de [*ilegível*] e {supervidente,} tenaz {e conhecedor das necessidades do país, manhoso talvez um pouco,}; uma espécie de Luís XV {XI} forrado de um Wellington {Bismarck}. Entretanto, não era assim. Com uma ausência total de qualidades intelectuais{,} havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade predominante{:} a tibieza de ânimo; e no seu temperamento{,} muita preguiça. Não era a preguiça comum, essa preguiça de {nós} todos nós; era uma preguiça mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa, provinda de uma insuficiente quantidade de fluído no seu organismo. Pelos lugares que passou, tornou-se notável pela indolência {e desamor às obrigações dos seus cargos}.[182]

A descrição segue por mais duas páginas e meia, criticando sua atuação anterior à presidência da República, as intimidades com os subordinados, que vencera pela teimosia e pela imobilidade – somos, no meio disso, apresentados à sua visão muito particular de poder, chamada pouco adiante de "infantil":

> A sua concepção de governo não era nem o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia{;} era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se, pois se são homens mata-se {. Levada a cousa ao grande o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às

[182] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*;1915, pp.164-165; *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.129 (frente).

> suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte}. Não há dinheiro, manda buscar no Tesouro; o Tesouro não tem, ponha {ponham-se} as notas velhas {recolhidas} em circulação, assim como se faz em casa quando as {chegam} visitas excedem a capacidade da {e a} sopa {é pouca}: põe-se mais água.[183]

Conhecendo as brutalidades cometidas em seu governo, concordamos com o retrato e a ridicularização levados à cabo por Lima Barreto.

* * * * *

Quando o Coronel Innocencio Bustamante, que o Major Quaresma conhecera na casa do General Breves-Albernaz, aproxima-se do Marechal e pede-lhe um quartel para seu batalhão de "voluntários", o Presidente escreve um bilhete para que entregue ao "Rufino", seu Ministro da Guerra, a fim de que este o providencie. Há, caso insólito, nada menos do que três redações desse trecho nos *Episódios da vida do Major Quaresma*:

> – Que há, Bustamante? E o batalhão?
>
> O homem levantou-se, chegou-se um pouco amedrontado e explicou:
>
> –Vai bem, Marechal. Precisamos de um quartel... Se V. Exª...

[183] *Idem*, p.167 & ff.131-132 (frente de ambas).

> – Bem! Fala ao Rufino em meu nome; ou antes: leva-lhe este bilhete.
>
> Rasgou um pedaço de papel[184]

A frase termina abruptamente, sem ponto ou vírgula – a redação é simplesmente abandonada e riscada com um enorme xis. Outra redação, também rejeitada com três enormes traços que tomam a página inteira, é apenas ligeiramente diferente:

> – Que há, Bustamante? E o batalhão?
>
> O homem levantou, chegou-se um pouco amedrontado e explicou:
>
> –Vai bem. Precisamos um quartel... Se V. Ex[a]...
>
> – Bem! Fala ao Rufino em meu nome... Ou antes: leva-lhe este bilhete.
>
> Rasgou um pedaço de papel, e assim mesmo mal roto, escreveu a lápis azul algumas palavras. Acabando, acrescentou logo:[185]

Embora o segundo testemunho esteja mais completo do que o primeiro, é impossível estabelecer qual foi escrito antes – posso apenas aventurar-me a supor que o primeiro, embora abandonado logo, seja posterior, por causa das correções ("levantou-se" e "Precisamos de um quartel") e do acréscimo do vocativo ("Marechal") que traz, mas isso não passa de mera suposição. A última redação encontrada nos manuscritos é a seguinte:

[184] *Ibidem*, f.129 (verso).
[185] *Ibidem*, f.131 (verso).

> – Que há, Bustamante? e o batalhão, como vai?
>
> O homem levantou, chegou-se um pouco amedrontado do *bureau* do presidente e explicou:
>
> – Vai bem, Marechal. Precisamos de um quartel... Se V. Ex[a]...
>
> – É exato. Fala ao Rufino em meu nome; ou antes: leva-lhe este bilhete.
>
> Rasgou um pedaço de papel de um ofício ~~já escrito~~, que estava sobre a mesa bem perto da mão; e, assim mesmo, sobre o papel mal roto, escreveu a lápis azul (não encontra o preto) algumas palavras. Acabando, acrescentou:

Embora o pronome reflexivo tenha tornado a sumir de "levantou", a redação aproxima-se mais da primeira do que da segunda, reforçando a hipótese de que aquela é intermediária (inclusive na pontuação – "nome; ou antes: leva-lhe"). Nota-se, em todo caso, o considerável processo de reelaboração do texto, que aumenta com a inclusão de expressões ("como vai", "do *bureau* do presidente", "de um ofício, que estava sobre à mesa bem perto da mão", "sobre o papel", "(não encontra o preto)"), a troca de "Bem!" por "É exato." e a eliminação de "logo". Porém, se a escrita do bilhete – um papel oficial tão desleixado – já indica a indolência do ditador, no livro a essa indolência se junta o descaso para com os demais: afinal, no texto impresso Polycarpo apresenta a Peixoto um memorial, inexistente nesse capítulo dos manuscritos, em que

> expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das // exacções fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas.[186]

Eis o trecho conforme publicado em livro:

> – Que há, Bustamante? e o batalhão, vai?
>
> O homem aproximou-se mais, um tanto amedrontado:
>
> – Vai bem, Marechal. Precisamos de um quartel... Se V. Ex. desse ordem... //
>
> – É exato. Fala ao Rufino em meu nome que ele pode arranjar... Ou antes: leva-lhe este bilhete.
>
> Rasgou um pedaço de uma das primeiras páginas do manuscrito de Quaresma, e assim mesmo, sobre aquela ponta de papel, a lápis azul, escreveu algumas palavras ao seu ministro da guerra. Ao acabar é que deu com a desconsideração:
>
> – Ora! Quaresma! rasguei o teu escrito... Não faz mal... Era a parte de cima, não tinha nada escrito.
>
> O Major confirmou e o presidente, em seguida, voltando-se para Bustamante:[187]

[186] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.161-162.
[187] *Idem*, pp.168-169.

O mero "pedaço de papel de um ofício, que estava sobre a mesa", torna-se nada menos do que o "pedaço de uma das primeiras páginas do manuscrito de Quaresma", de seu memorial. Quando percebe o que fez, o Marechal parece consternado com a própria distração, mas apressa-se em se auto-desculpar – "Não faz mal...".

Mais adiante, quando, após uma inspeção-surpresa ao batalhão de Bustamante, Quaresma pergunta-lhe se lera o memorial, a reação que encontra do Presidente é a incompreensão, o mau humor e a má-vontade:

> – V. é um visionário, Quaresma.[188]

A cena, existente nos *Episódios da vida do Major Quaresma*, parece indicar que Lima Barreto já reescrevera, ao menos em parte, o capítulo "Patriotas", incluindo o memorial, antes de terminar a redação do capítulo seguinte, sugerindo que seu método de trabalho era mais desordenado do que os testemunhos que chegaram até nós dão a entender. De fato, duas folhas antes, manuscrito à tinta, portanto cronologicamente anterior à escrita da frase presidencial acima, lemos a seguinte frase, riscada:

> O Major apertava o manuscrito na mão e lembrava-se da sua casa. [...][189]

[188] BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.151 (verso). Manuscrito a lápis. Na folha 157, em meio aos manuscritos a lápis do capítulo terceiro da terceira parte, aparece o título, à tinta (portanto anterior), "Você é um visionário, Quaresma!"; porém, na frente da folha 143, a frase já aparece alterada, no título do capítulo (que, por sua posição na página, foi acrescentado posteriormente), para "Você, Quaresma, é um visionário!", que se manteria, sem a exclamação, no livro.

* * * * *

Polycarpo esperava encontrar no seu ídolo político um Sully ou um Henrique IV, mas encontrou apenas um Floriano Peixoto...

[189] *Idem*, f.149 (verso).

IV. *Conclusão*.

Os manuscritos de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* ampliam as possibilidades de leitura da obra – as idas e vindas da redação, a escrita, a correção e a alteração de termos, frases e parágrafos, o constante apuro estilístico, a busca deliberada por uma coloquialidade desmentem alguns mitos muito difundidos sobre o autor carioca, como o do escritor desleixado, pouco preocupado com seu fraseado, desconhecedor da norma culta (está claro, por exemplo, que antecipa os pronomes obliquos intencionalmente), e confirmam outros, como o da infame letra de Lima Barreto.

Um exemplo eloqüente do conhecimento gramatical de Lima Barreto pode ser encontrado na seguinte anotação, datada de 26 de setembro de 1913, em que ele comenta um artigo alheio (não especifica de quem):

> Desagradar é verbo intransitivo. Pede, portanto, objeto indireto. É o mais grave erro do artigo, pois o pronome devia ser "lhe" e não "o". Que clássico! Todos são assim. Quanto mais falam em gramática, mais erram por conta própria.[190]

Narrativamente, percebemos como a trama passou de uma estrutura episódica – daí o título dos manuscritos – para outra mais coesa; acompanhamos o constante processo de produção do criador de Isaías Caminha, elaborando metáforas e aperfeiçoando imagens –

[190] BARRETO, Lima: *Um longo sonho de futuro*, p. 118.

como a associação entre o *bibelot* que se quebra silenciosamente com a sorte de Ismenia e, possivelmente, de Polycarpo, ou a inclusão da fábula sobre o macaco e a onça, com suas inúmeras possibilidades de interpretação no interior do romance.

O processo não foi tão linear quanto o texto impresso – pronto e estático (e o único a que a imensa maioria dos leitores tem hoje acesso) – poderia sugerir; ao contrário, o que os *Episódios da vida do Major Quaresma* demonstram é uma elaboração um tanto caótica, com personagens importantes despontando na narrativa quando o curso da escrita já estava bem adiantado – como Ismenia, presente em apenas um dos capítulos manuscritos à tinta[191]. Aparentemente, como o episódio do memorial que é entregue por Polycarpo ao Marechal Peixoto no capítulo "Patriotas" sugere, porções do texto – talvez mesmo capítulos inteiros – foram reescritos antes que esta primeira elaboração do romance tenha chegado ao fim[192].

O *Corpus Polycarpiano* ilustra também o perigo que ronda os manuscritos de obras literárias, por serem únicos – o perigo de desaparecerem, como desapareceram não só as folhas contendo o último capítulo, mas o(s) manuscrito(s) posterior(es), com a redação mais próxima da publicada, na sua completude. Não bastasse isso, a caderneta de apontamentos, que sobreviveu para ser transcrita na década de 1950 e para ser fotografada na de 1990, está

[191] Como argumentei anteriormente, os capítulos manuscritos à tinta são – seguramente – anteriores aos manuscritos a lápis.

[192] Com argumentei acima, o memorial de Quaresma desempenha um importante papel ao indicar, pela primeira vez, o desinteresse do Marechal Floriano Peixoto pelas idéias do subordinado, mas só aparece pela primeira vez, nos manuscritos, no verso da folha 149, que contém o capítulo seguinte: "Você, Quaresma, é um visionário". Como, duas páginas adiante (no verso da folha 150), o memorial já está incorporado à narrativa, o início do capítulo "Patriotas" deve ter sido reescrito nesse meio tempo.

desaparecida, pelo menos (espero) temporariamente – por mais cuidadosa que a transcrição que consta nas páginas de *Diário íntimo* seja (e não duvido que o seja), o editor ou estudioso do romance perde muito por não poder analisá-la e, ele mesmo, efetuar sua transcrição.

Com minha dissertação, finalmente, busquei lembrar que a qualidade de um romance depende mais da capacidade literária de um autor do que de sua história de vida – há grandes autores que nunca passaram privações, levando uma vida confortável, e há autores que morreram na sarjeta sem nunca terem produzido uma única linha digna de nota. Como notou um editor, Gógol nunca esteve nas aldeias russas que descreve, durante sua estadia em Roma, em *Almas mortas*, mas ainda assim conseguiu passar aos seus leitores uma verossimilhança, graças exclusivamente à sua habilidade narrativa. Não creio que nosso autor teria sido um escritor pior sem o alcoolismo que o matou – pelo contrário, embora talvez (e só talvez) fosse privado da temática de *O cemitério dos vivos* (que, de qualquer forma, deixou inacabado, como uma promessa não cumprida).

Um exemplo do cuidado com que a relação entre vida e obra deve ser tratada encontra-se no próprio romance aqui analisado. Na edição em livro de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, um parágrafo acrescido em relação ao texto saído no *Jornal do Commercio* descreve como um demandista renitente, o Coronel Innocencio Bustamante, não

> se prezou mesmo de tratar do pedido de um maníaco que, por ser tenente honorário e também da Guarda Nacional, requereu lhe fosse passada a patente de major, visto que dous galões mais outros dous fazem quatro – o que quer dizer: Major.[193]

Em "A matemática não falha"[194], longa crônica que integra o volume *Bagatelas*, Lima Barreto conta fatos que teriam se passado no período de quinze anos em que foi funcionário da Secretaria da Guerra. Nos dois últimos parágrafos, narra um caso que, "por ser sobremodo grotesco, viveu-me sempre na minha lembrança e, ainda hoje, quando dele me recordo, causa-me riso":

> [...] Um voluntário da Pátria chamou em seu auxílio ou tentou chamar, a aritmética para obter o justo honorário a que se julgava com direito. O Senhor José Dias de Oliveira, porteiro adido do extinto Hospital do Andaraí, vivo ainda, [...] era um velho pesadão, curto de membros e de corpo, com umas abundantes e longas barbas mosaicas, ventre proeminente e acentuado na sua redondeza, voz cava, que, de quando em quando, aparecia na secretaria, a fim de procurar com um seu amigo,

[193] BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, p.48. Em *Diário íntimo*, incluída no ano de 1917, está transcrita a seguinte nota: "Há dois acréscimos a fazer no *Policarpo*: o requerimento do maníaco que quer ser major por ter dous galões, como tenente honorário, e outros dous, como tenente reformado, pois a soma 2+2=4 dá o número de galões de major; e falar nas cobras – a morte de Dicomarte." (*Um longo sonho do futuro*, p.132). Como, conforme já dito, o episódio "do maníaco que quer ser major" encontra-se no texto do livro – embora não no do *Jornal do Commercio* –, esta nota deve datar de algum momento entre o final de 1911, depois da publicação dos folhetins, e 1915, quando o texto já fora emendado para a publicação pela *Revista dos Tribunaes*, e não de 1917, como editada em *Diário íntimo*.

[194] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, pp.345-350.

> funcionário dela, "o livro dos voluntários da Pátria". Só ele conhecia esse livro e ele o pedia com a máxima insistência. [...]
>
> Queria o tal "livro" para resolver ou justificar os seus direitos, que tinham o apoio da matemática. Era, argumentava, tenente honorário e fôra tenente da polícia do Paraná. Ora, 2 + 2 são quatro. Logo, ele possuía quatro galões, o que equivale a dizer que era major e, como tal, tinha direito à patente desse posto. De alguma forma, penso eu agora, o Senhor José Dias de Oliveira tem razão. Se o esoterismo positivista da geometria e do cálculo tanto concorreu para o 15 de Novembro, não é demais que a cabala da tabuada de somar auxiliasse a pretensão do porteiro adido do antigo Hospital do Andaraí. 2 + 2 = 4; ele é, portanto, major. A matemática não falha...[195]

Embora seja possível que o autor de *Cemitério dos vivos* tenha, de fato, aproveitado uma ocorrência de sua vida em sua obra ficcional, é igualmente provável que ele, satisfeito com a própria engenhosidade – e querendo dar maior vivacidade a uma existência por demais monótona como burocrata do serviço público –, tenha, aqui, produzido uma falsa memória a partir de um trecho de sua obra. A crônica, afinal, está datada de 1919, pelo menos três anos posterior à publicação do romence em livro.

É-me forçoso reconhecer que a obra de Lima Barreto, do modo como nos chegou, é irregular, tocando vez ou outra a genialidade (como em *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, "O homem que sabia javanês" e "A nova Califórnia"), mas não passando de mediana

[195] *Idem*, pp.349-350.

quando o tom "panfletário" assume relevo, como acontece em muitas de suas crônicas (embora reconhecendo a generosidade da intenção). Se Lima Barreto não fez todo o sucesso que queria em vida, a culpa é em parte dele próprio: se em muitos momentos ele se mostrou agudo em suas análises e observações, em outros sua amargura lhe tornou maledicente e mesmo injusto. Afinal, embora reclamasse ser vítima, muitas vezes, da covardia com que era atacado por outros literatos[196], o romancista não hesitou em tachar Coelho Neto, seu pior desafeto, de "nefasto".

Triste fim de Polycarpo Quaresma, sua obra mais conhecida hoje, permaneceu praticamente ignorada durante grande parte da primeira metade do século passado, possivelmente por atacar um republicanismo autoritário e um nacionalismo, nas palavras do próprio autor, "religioso" – não é por acaso que Lima Barreto só tenha começado a ser reeditado na década de 1940 (a segunda edição em livro, pela editora O Livro de Bôlso, é de 1943), quando os desastres dos regimes nazi-fascistas ocorridos na Europa expuseram seus horrores e brutalidades, não muito diferentes (a não ser na escala) dos perpetrados pelo sanguinário e flácido Marechal de Ferro.

[196] *Ibidem*, pp.62-63. No mesmo trecho, datado de 1905, o autor expõe sua ojeriza a uma literatura que siga os modelos lusitanos: "Eu tenho notado nas rodas que hei freqüentado, exceto a do Alcides, uma nefasta influência dos portugueses. Não é o Eça, que inegavelmente quem fala português não o pode ignorar, são figuras subalternas: Fialho e menores. / Ajeita-se o modo de escrever deles, copiam-se-lhes os cacoetes, a estrutura da frase, não há dentre eles um que conscienciosamente procure escrever como o seu meio o pede e o requer, pressentindo isso na tradição dos escritores passados, embora inferiores. É uma literatura de *concetti*, uma literatura de clube, imbecil, de palavrinhas, de coisinhas, não há neles um grande sopro humano, uma grandeza de análise, um vendaval de epopéia, o cicio lírico que há neles é mal encaminhado para a literatura estreitamente pessoal, no que de pessoal há de inferior e banal: amores ricos, mortes de parentes e coisas assim. A pouco e pouco, vou deixando de os freqüentar, abomino-lhes a ignorância deles, a maldade intencional, a lassidão, a covardia dos seus ataques".

V. *Bibliografia*

_____

Obras de Lima Barreto

A. Edições e manuscritos do livro, em uma apuração preliminar.
A.1. *Manuscritos*:

- *The original reporter's notes book* (*O prêmio*). Caderneta de anotações, de capa esverdeada, com o título *O Prêmio* manuscrito a lápis.
- *Episódios da vida do Major Quaresma*. Na *Seção de Manuscritos* da *Fundação Biblioteca Nacional*. Escrito entre janeiro e março de 1911.

A.2. *Folhetins*:

- *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: *Jornal do Commércio*, edição da tarde, de 11 de agosto a 19 de outubro de 1911. 52 folhetins, publicados com intervalos irregulares. A edição de 11 de agosto traz, na primeira página, um resumo do romance.

A.3. *Edições brasileiras*.
A.3.a. *Datadas*:

- *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. Contém vários contos, como "A nova Califórnia" e "O homem que sabia javanês". Rio de Janeiro: Typ. "Revista dos Tribunaes", 1915. 330pp. 19,5x13,5cm.
- *O triste fim de Policarpo Quaresma*. "Antes do romance", por Eloí Pontes. São Paulo: O Livro de Bôlso, 1943. 253pp. 16x10,5cm. [Capa com desenho anônimo em cores].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Gráfica Editôra Brasileira, 1948. [Edição privativa dos sócios do *Livro do Mês*]. 297pp. 19,5x13cm.
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Com introdução de Oliveira Lima. Rio de Janeiro: Editôra Mérito, 1948. 297pp. 21x13cm.
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Texto estabelecido por Francisco de Assis Barbosa, Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editôra Brasiliense, 1956. 320pp. [*Obras Completas de Lima Barreto*, 2]. (& 1959 [2x], 1965 [3a. ed.], 1969 [7a. ed.], 1970 [232pp.], 1974 [11a. ed.], 1976 [16a. e 17a. ed.], 1977 [18a. e 19a. ed.], 1978 [21a. ed.], 1979 [22a. ed.], 1980 [23a. ed.], 1981 [24a. e 25a. ed.], 1982 [26a., 27a. e 28a. ed.]).
- *Triste fim de Policarpo Quaresma - volumes I & II*. "Nota explicativa" de Mário Graciotti no volume II. São Paulo: Clube do Livro, janeiro/fevereiro de 1967. 138pp. + 141pp.

- *Triste fim de Policarpo Quaresma* (trechos). In: *Romance*. Antologia preparada por Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1972. [*Nossos Clássicos*]. 93pp.
- #[197] Tecnoprint, 1977. [*Coleção Prestígio*]. (& 1988 [5a. ed.]).
- *Triste fim de Policarpo Quaresma* (trechos). In: *Lima Barreto*. Edição de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Abril Educação, 1980. [*Literatura Comentada*]. 108pp.
- # Ática, 1983. [*Série Bom Livro*]. (& 1987 [3a. ed.]).
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Notas e orientação de leitura de Douglas Tufano. São Paulo: Editora Moderna, 1984. 112pp. [*Travessias*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Nova Cultural (Abril Cultural), 1984. 255pp. [*Grandes Sucessos: Clássicos da Literatura Brasileira*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1989. 251pp. [*Coleção dos Autores Modernos da Literatura Brasileira*].
- # São Paulo: Fundação Para o Livro do Cego no Brasil, 1989. [Quatro volumes impressos em braile].
- # São Paulo: Moderna, 1990. [*Coleção Travessias*].
- *Três romances: 1. Isaías Caminha, 2. Policarpo Quaresma, 3. Numa e a Ninfa*. Textos estabelecidos por Francisco de Assis Barbosa e Antonio Houaiss; ilustrações de Poty. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Granier, 1990. [*Biblioteca de Literatura Brasileira*, 1]. 226pp. *Triste fim de Policarpo Quaresma* está nas pp.233-251.
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Com introdução de Carmen Lydia de Souza Dias ("Quaresma/Ressurreição"). São Paulo: Editora Ática, 1991. 160pp. [*Série Bom Livro*]. 20,7x13,7cm.
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Apresentação de Célia A. N. Passoni. São Paulo: Editora Núcleo, 1993. 179pp. [*Coleção Núcleo de Literatura*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Introdução de Francisco Achcar. São Paulo: Objetivo-CERED, 1994. 197pp. [Mesma edição, com capa diferente, s.d., co-editada pelo Objetivo e pela Sol Editora].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma – Clara dos Anjos*. Introdução e comentários de José de Nicola. São Paulo: Editora Scipione, 1994. 163pp. + 108pp. [*Clássicos Scipione*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Editora Núcleo, 1995. 156pp. [*Coleção Núcleo de Literatura*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. 301pp. [*Letras do Brasil*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: O Estado de S. Paulo / Klick Editora, 1997. 192pp. [*Coleção Ler É Aprender*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Adaptado por José Louzeiro. São Paulo: Editora Scipione, 1998. 104pp. [*Série Reencontro*]. 20,2x13,8cm.
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica de Antonio Houaiss e de Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, com colaborações de Francisco de Assis Barbosa,

[197] O símbolo # indica que conheço a edição apenas por menção em outras obras.

Ronaldo Lima Lins, Robert J. Oakley, Dirce Côrtes Riedel, Francisco Venceslau dos Santos, Nicolau Sevcenko e Lauiz Antônio de Souza. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, São José da Costa Rica, Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997. [*Coleção Archivos*, 30]. Anota as variantes do manuscrito e dos folhetins, quando as encontra. 682pp.

- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Editora FTD, 1998. 215pp. [*Grandes Leituras*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Editora Record/Altaya, 1998. 236pp. [*Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1999. 301pp. [*Coleção L&PM Pocket*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: O Estado de S. Paulo / Klick Editora, 1999. 192pp. [*Coleção Vestibular*; igual à edição de 1997 – *Coleção Ler É Aprender*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. 236pp. [*Coleção Descobrindo os Clássicos*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Prefácio de M. de Oliveira Lima. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1999. 136pp. [*Coleção Prestígio*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Editora Abril / Klick Editora, 1999. 242pp. [*Livro Vivo*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. In: *Prosa Seleta*. Organização de Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. 1518pp. [*Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Prefácio de Ivan Teixeira. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, Ateliê Editorial, 2001. 213pp.
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Paulus, 2002. 199pp. [*Nossa Literatura*].
- *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2002. 215pp. [*Coleção Formando Novos Leitores*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Martin Claret, 2003. 199pp. [*Coleção a Obra-Prima de Cada Autor*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Barcelona: Editorial Sol 90, 2004. 224pp. [*Clássicos da Literatura*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Com "Diários de um clássico" e "Contextualização histórica", anônimos, e "Entrevista imaginária" com Lima Barreto, por Vicente Luís de Castro Pereira; acompanha "Suplemento de atividades". São Paulo: Editora Saraiva, 2007. 248pp. [*Clássicos Saraiva*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Texto da quarta capa de Sylvia Colombo. Rio de Janeiro: MediaFashion, 2008. 256pp. [*Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros*, 8].

A.3.b. Não datadas:

- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Prefácio de M. de Oliveira Filho. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint (Edições de Ouro), s.d. 281pp. [*Coleção Prestígio*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Prefácio de M. de Oliveira Filho. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint (Ediouro), s.d. (1981?). 144pp. [*Coleção Prestígio*].
- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Erechim (RS): Edelbra, s.d. 253pp. (*Letras do Brasil*).
- # *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Páginas Amarelas.

A.4. Edições estrangeiras.
A.4.a. Traduções:

- *Smutny Konec Snaziveho Policarpa*. Tradução para o Tcheco de Jarmila Vojtiskova. Praga: Odeon, 1974. 245pp.
- *El triste fin de Policarpo Quaresma*. In: *Dos Novelas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho; São Paulo: Brasiliense, 1978. 390pp. (*Biblioteca Ayacucho*).
- *The patriot*. Traduzido para o Inglês por Robert Scott-Buccleuch. Londres: Rex Collings; Rio de Janeiro: Sel. Ed., 1978. 216pp.
- *Smutny Konied Polikarpa Quaresmy*. Tradução para o Polonês de Janina Zofia Klave. Cracóvia: Wydawnietwo Literackie, 1984. 239pp.
- *Tristul Sfirsit Lui Policarpo Quaresma*. Tradução para o Romeno de Alexandru Lincu. Bucareste: Sturion, 1991. 187pp.
- *Sous la bannière étoilée de la Croix du Sud*. Tradução para o Francês por Monique Le Moing e Marie-Pierre Mazeas. Paris: L'Harmattan, 1992. 223pp.
- *Das traurige Ende des Policarpo Quaresma* (Roman). Tradução para o Alemão de Berthold Zilly. (Suíça): Ammann.

B. Adaptações para outros meios.
B.1. *Cinema*:

- *Policarpo Quaresma - Herói do Brasil*. Comédia, colorido, 35mm, 124 min. aprox. Dirigido por Paulo Thiago; roteirizado por Alcione Araújo; fotografado por Antonio Penido; montado por Gilberto Santeiro; produzido por Gláucia Camargos. Com: Paulo José (Policarpo Quaresma); Ilya São Paulo (Ricardo Coração dos Outros); Giulia Gam (Olga); Othon Bastos (Floriano Peixoto) etc. Produtora: Vitória Produções Cinematográficas. Co-produtoras: Abril Vídeo; Post Plus Finish House; TV Cultura; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

B.2. *Teatro*:

- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Teatro. Adaptação e direção de Buza Ferraz. 1978.

B.3. *Quadrinhos*:

- *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Adaptação de Lailson de Holanda Cavalcanti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. [*Coleção Quadrinhos Nacional*]. 72pp.

B.4. *Telenovela*:

- *Fera ferida*. Telenovela de Aguinaldo Silva, exibida pela Rede Globo entre 1993 e 1994, cuja narrativa trazia elementos de vários livros de Lima Barreto mesclados, inclusive de *Triste fim de Polycarpo Quaresma*.

C. Outras obras de Lima Barreto.
C.1. *Romances*.
C.1.a. *Edições em vida de Lima Barreto*:

- *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Lisboa: Livraria Clássica Editora [*A. M. Teixeira & C.ta*.], 1909. 316pp. 19x12cm.
- *Numa e a nympha - romance da vida contemporânea*. Rio de Janeiro: Officinas d'A Noite, 1915. [Escripto especialmente para *A Noite*...]. 73pp. 27x18cm.
- *Numa e a nympha - romance da vida contemporânea*. Rio de Janeiro: Officinas d'A Noite, 1915. [Escripto especialmente para *A Noite*...; nova tiragem com capa desenhada por Ivan e com a frase *Romance sugestivo de escandalos femininos*]. 73pp. 24,7x16,7cm.
- *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1917. [2a. edição, revista e augmentada]. 234pp. 18x11cm.
- *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: A. de Azevedo, & Costa Editores, 1917. [2a. edição, revista e augmentada; nova tiragem com retrato do autor na capa]. 234pp. 18x11cm.
- *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1919. [Capa com desenho de W. R.]. 203pp. 19x14cm.
- *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1919. [Nova tiragem com *Romance, menção honrosa da Academia Brasileira de Letras* na capa]. 203pp. 17,3x12,4cm.

C.1.b. *Edições póstumas*:

- *Clara dos Anjos*. Prefácio de Sérgio Buarque de Hollanda. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; V]. (Com diversas reimpressões).
- *Numa e a ninfa*. Prefácio de João Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; III]. (Com diversas reimpressões).
- *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Prefácio de Francisco de Assis Barbos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; I]. (Com diversas reimpressões).

- *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Prefácio de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; IV]. (Com diversas reimpressões).
- *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Introdução de Irineu Eduardo Jones Corrêa. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, s.d. [1999]. [*Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa*]. 240pp. 20x12,5cm.
- *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. "O outro trabalho de Hércules", por Carmen Lydia de Souza Dias; ajuda didática de Carlos Faraco. São Paulo: Editora Ática, 2002. 168+32pp. 20,5x13,5cm.
- *Clara dos Anjos*. Com consultoria de Frederico Barbosa; apoio didático "Para entender Clara dos Anjos". São Paulo: distribuído por Galex, s.d. [c.2002]. [*Coleção Clássicos da Literatura*; sem indicação de editora]. 194pp. 20,5x12,5cm.

C.2. *Humorismo*:
C.2.a. *Edições em vida de Lima Barreto*:

- *Aventuras do Dr. Bogoloff*. Publicação semanal às têrças-feiras. Original de Lima Barreto. Episódios da vida de um pseudo-revolucionário russo. Narrativas humorísticas. Rio de Janeiro: Edição de A. Reis & C., s.d. [1912]. [Primeiro fascículo: *Fiz-me, então, Diretor da Pecuária Nacional*; capa em cores, desenhada por Klixto]. 15pp. 23x16cm.
- *Aventuras do Dr. Bogoloff*, por Lima Barreto. Resumo do Capítulo I... Fasciculo II. *Como escapei de "salvar" o Estado dos Carapicus*... Rio de Janeiro: Edição de A. Reis & C., s.d. [1912]. [Capa colorida, desenhada por Klixto]. 15pp. 23x16cm.

C.2.b. *Edição póstuma*:

- *Aventuras do Dr. Bogoloff*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 2001. [Coleção *Páginas Amarelas*, 16]. 168pp.

C.3. *Contos*.
C.3.a. *Edições em vida de Lima Barreto*:

- *Histórias e sonhos*. Contos... Rio de Janeiro: Livraria Editôra de Gianlorenzo Schettino, s.d. [1920]. 186pp. 19x14cm.

C.3.b. *Edições póstumas*:

- *Histórias e sonhos*. Prefácio de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; VI]. (Com diversas reimpressões).
- *"O homem que sabia javanês"*. Seleção de contos e crônicas; nota explicativa de Austregésilo de Athayde. São Paulo: Editôra Clube do Livro, 1965. 144pp.
- *"A nova Califórnia" – contos*. Revisão de Newton T. L. Sodré, com base nos textos da *Coleção Lima Barreto*, da mesma editora. São Paulo: Brasiliense, 1979. 148pp.

- *"A nova Califórnia" e outros contos*. Seleção, apresentação e notas de Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1993. [Capa com foto do Rio de Janeiro do início do século XX]. 200pp. 20,5x14cm.
- *Contos*. Os personagens e as estórias que deram origem à telenovela *Fera Ferida*. Seleção e introdução de José Emílio Major Neto. São Paulo: Principio Editora, 1994. [*Coleção O Prazer do Texto*; 9]. 120pp.
- *Melhores contos*. Seleção e introdução de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Global, 2001 (7ª.ed.). [*MC – Melhores Contos*]. 172pp.
- *Contos reunidos*. Reúne todos os contos escritos pelo autor. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.
- *Histórias e sonhos*. Edição preparada por Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

C.3.c. *Traduções*:

- *"La nueva Califórnia" – "El hombre que sabía javanés" – cuentos*. "Introduccion" anônima. Buenos Aires (Argentina): Centro de Estudios Brasileños / Sector Cultural de la Embajada del Brasil, s.d. [1981]. [*Escritores del Brasil*; 1]. 24pp.

C.3.d. *Adaptações*:

- *O homem que sabia javanês*. Teledramaturgia dirigida por Guel Arraes e exibida como um especial pela Rede Globo de Televisão. Década de 1990.

C.4. *Sátira* (todas edições póstumas):

- *Os bruzundangas*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1922. 191pp. 19x13,4cm.
- *Bruzundangas*. Com "Explicação necessária" de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo; Rio de Janeiro: Editôra Mérito, 1952. [*I Parte: Notas Sobre a República das Bruzundangas*; *II Parte: Coisas do Reino de Jambon*]. 286pp. 20,5x14,5cm.
- *Os bruzundangas*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint (Ediouro), s.d. (depois de 1985). [*Coleção Prestígio*]. 128pp. 20,7x12,2cm.
- *Subterrâneo do Morro do Castelo*. Introdução de Beatriz Resende; posfácio de Carlito Azevedo; texto estabelecido por Raquel Valença. Rio de Janeiro: Dantes Livraria e Editora, 1999 (3ª. ed.). 140pp.

C.5. *Crônicas* (todas edições póstumas):

- *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923. 217pp. 22,9x15,9cm.
- *Bagatelas*. Prefácio de Astrojildo Pereira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; IX]. (Com diversas reimpressões).

- *Feiras e mafuás*. Prefácio de Jackson de Figueiredo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; X]. (Com diversas reimpressões).
- *Impressões de leitura*. Prefácio de M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; XIII]. (Com diversas reimpressões).
- *Marginalia*. Prefácio de Agrippino Grieco. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; XII]. (Com diversas reimpressões).
- *Vida urbana*. Prefácio de Antônio Houaiss. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; XI]. (Com diversas reimpressões).
- *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Folha de S. Paulo; Editora Ática, 1995. [Capa com retrato do autor]. 160pp. 21x13,7cm.
- *Toda a crônica - volume I (1890-1919).* Apresentação e notas de Beatriz Resende e organização de Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2004. [Capa com caricatura do autor por Loredano]. 600pp. 24,5x17,5cm.
- *Toda a crônica - volume II (1919-1922).* Apresentação e notas de Beatriz Resende e organização de Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2004. [Capa com caricatura do autor por Loredano]. 608pp. 24,5x17,5cm.

C.6. *Memórias* (todas edições póstumas):

- *Diário íntimo*. "Nota prévia" de Francisco de Assis Barbosa; contém: *Diário íntimo*; *Diário do hospício*; *Cemitério dos vivos*; inventário da *Limana*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Mérito, s.d. [1953].
- *Cemitério dos vivos*. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; XV]. (Com diversas reimpressões).
- *Diário íntimo*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*; XIV]. (Com diversas reimpressões).
- *Cemitério dos vivos*. Organização e notas de Diogo de Hollanda e prefácio de Fábio Lucas. São Paulo: Editora Planeta do Brasil; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. [*Biblioteca Invisível*]. 23x14cm.

C.7. Correspondência:

- *Correspondência (ativa e passiva).* Tomo 1. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*]. (Com diversas reimpressões).
- *Correspondência (ativa e passiva).* Tomo 2. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. [*Obras Completas de Lima Barreto*]. (Com diversas reimpressões).

C.8. *Miscelânea*:

- *Um longo sonho do futuro*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1998 [2a. edição]. 408pp. [*Série Revisões*; contém os

textos de *Diário íntimo* e de *Diário do hospício*, além de parte da correspondência, das entrevistas e das confissões dispersas do autor]. 21x14cm.

C.8. *Manuscritos de Lima Barreto depositados na Fundação Biblioteca Nacional*[198]:

Rolo 1:

- "Mariápolis", conto, 7ff., I-6,35.
- "O cemitério" e "O domingo", contos, 6ff., I-6,36.
- "O pecado", conto, 8ff., I-6,36.
- "O general", conto, 2ff., I-6,36.
- *O nevoeiro*, teatro, 3ff., I-6,36.
- "O último tamoio", conto, 11ff., I-6,36.
- "O paladino", conto, 3ff., I-6,36.
- "A nota (A caixa de conversão)", crônica, 8ff., I-6,34.
- "História de um soldado velho", conto, 2ff., I-6,35.
- "A vingança (História de carnaval)", conto, 3ff., I-6,34.
- "Babá", conto, 5ff., I-6,34.
- "Os bororós", estudo, 3ff., I-6,36.
- *Os negros*, teatro, 24ff., I-6,36.
- "O escravo", conto, 3ff., I-6,36.
- *Numa e a ninfa* (folhetins corrigidos), romance, 271ff., I-6,36.
- *Opiniões e idéias de J. Gonzaga de Sá*, romance, 56ff., I-6,36.
- *Itinerário do escrivão Isaías Caminha*, romance, 403ff., 20,2,10.

Rolo 2:

- "A avenida", conto, 3ff., I-6,36.
- *Marco Aurélio e seus irmãos*, romance, 7ff., I-6,35.
- *Episódios da vida do Major Quaresma* (+ "Miss Edith e seu tio"), romance, 204ff., I-6,35.
- "Mambembes", estudo, 5ff., I-6,35.
- "Máquina", estudo, 3ff., I-6,36.
- *Clara dos Anjos*, romance (dois originais), 166ff., I-6,34.
- "Notas de Lima Barreto sobre o 13 de maio de 1888", 8ff., I-6,36.
- "O diamante oculto", conto, 2ff., I-6,36.
- "Dr. Laranjinha", conto, 2ff., I-6,36.
- "O profeta e o bloco", conto, 3ff., I-6,36.
- "No tronco", conto, 1f., I-6,35.
- "Como o homem chegou de Manaus", conto, 21ff., I-6,34.
- "A última de Satanás (Califórnia)", conto, 11ff., I-6,36.

[198] Descritos conforme informações constantes nos microfilmes dos materiais produzidos pela própria instituição. Fotografados em três rolos. O Arquivo Edgar Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, possui cópia dos três rolos.

- "Clara dos Anjos", conto, 5ff., I-6,34.
- "Um músico extraordinário", conto, 8ff., I-6,36.
- *O soneto*, teatro, 3ff., I-6,36.
- "Dr. Fonseca", conto, 7ff., I-6,35.
- "Dr. Pio Macieira", conto, 14ff., I-6,35.
- "O homem que sabia javanês", conto, 14ff., I-6,36.
- "Ópera ou circo", crônica, 2ff., I-6,36.
- "O restaurante e os galeões do México", conto, 4ff., I-6,34.
- *A apólice*, teatro, 10ff., I-6,34.
- *A casa dos poetas* (comédia em um ato), teatro, 5ff., I-6,34.Cemitério dos vivos, romance, 81ff., I-6,34.
- "Vidas prováveis de 25 crianças que o Dispensário Castrioto arrancou à morte", estudo, 9ff., I-6,36.
- "Porque razão o meu amigo Harakashi resolveu voltar à escola de sapadores", 6ff., I-6,36.

Rolo 3:

- Correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato (29 cartas, a maioria de Lobato).
- "Clara dos Anjos", 5pp., I-6,34,906.
- "Bordejos", conto (ass. Histrião), 4pp., I-6,33,62.
- "Uma nomeação justa", conto, 17pp., I-6,34,5.
- "Quando eu fui ministro no Cambodja – impressões de Theopompo Jatobá", 18pp., I-6,34,43.
- "Um e outro", 13pp., I-6,35,2 no.2.
- I. Dois texto fragmentários & II. "D. Garça", notas, 117pp., I-6,35,4.
- *Diário do hospício*, 62pp., I-6,34,48 no.1.
- "O velho códice", crítica, 3pp., I-6,33,15.
- "A ave estranha (uma anedota do reino dos perus)", 8pp., I-6,34,28.
- "O profeta e o bloco", conto, I-6,34,16.
- "O Theatro Lyrico", crônica, 14pp., I-6,35,12.
- *Clara do Anjos*, fragmentos, planos e notas, 96pp.+21pp.+19tiras+10recortes, I-6,34,907 /909/910.
- Caderno com ista de exemplares de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* distribuídos a amigos, livreiros e críticos, 10pp., I-6,33,885.
- "*Agaricus auditae*" (várias versões), 41tiras, I-6,34,897.
- *Aventuras do Dr. Bogoloff*, 55pp.+30tiras impressas, I-6,34,901.
- "A exposição...", 8tiras, I-6,34,892.
- "A escola Samoyeda", 11tiras, I-6,34,891.
- "A conferência do Sr. Assis Brazil", 8tiras, I-6,34,890.

D. *Bibliografia de apoio*.

D.1. *Sobre Lima Barreto e sua obra* (não se mencionam aqui os estudos publicados nas edições da obra, como introdução, posfácio etc.; para isso, ver lista acima):

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952. [*Coleção Documentos Brasileiros*, número 70; edição ilustrada]. 407pp.
- BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2002. [*Coleção Biblioteca Carioca*; vol.44. *Série Literatura*]. 240pp.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1971 (4ª. edição; reimpressão). 336pp. [*Clássicos Brasileiros*, 846]. Bibliografia sobre Lima Barreto nas pp.257-260, com 52 livros, artigos e capítulos escritos até 1960 listados.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no Reino de Jambom (as classes sociais na obra de Lima Barreto).*
- DUMRICK, Ralph. "Social satire in the world of Lima Barreto". In: *Proceedings of the International Colloquium on Luso-Brazilian Studies*. Washington D.C.: 1950. Pp.155-156.
- FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão – estudo sobre Lima Barreto*. Assis (SP): Publicações do Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis; São Paulo:Editora Hucitec, 1978. 188pp.
- FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 140pp.
- HIDALGO, Luciana. *Literatura de urgência – Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2009. 247pp.
- LEITÃO, Luiz Ricardo. *Lima Barreto – o rebelde imprescindível*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006. [*Viva o Povo Brasileiro*]. 112pp.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Editora Ática, 1976. [*Ensaios*, 20]. 160pp.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto – um pensador social na primeira República*. Goiânia: Editora UFG; São Paulo: EdUSP, 2002. 216pp.
- MORAIS, Regis de. *Lima Barreto – o elogio da subversão*. São Paulo: Editora Brasiliensa, 1983. [Coleção *Encanto Radical*, 42]. 108pp.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto – o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 98pp. [*Leituras*].
- _____. "Mário de Andrade, *Klaxon*, Lima Barreto". In: *Cult – revista brasileira de cultura*, ano V, no.58. São Paulo: Editora 17, junho de 2002. Pp.56-57.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1993. 212pp.
- _____. "O panfletário Lima Barreto". In: *Nossa História*. São Paulo: Editora Vera Cruz, janeiro de 2005 (ano 2, número 15). Pp.72-75.

- RUFFATO, Luiz. "A história dos vencidos". In: *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: OESP, (domingo) 2 de janeiro de 2005. *Caderno 2 – Cultura* (ano XXIV, número 1262), p.D1.
- SCLIAR, Moacyr. "Policarpo Quaresma: triste fim, gloriosa permanência". In: MOTA, Lourenço Dantas & ABDALA Júnior, Benjamin (org.). *Personae – grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001. Pp.101-118.
- SILVA, Maurício. *A Hélade e o subúrbio – confrontos literários na* Belle Époque *carioca*. São Paulo: EdUSP, 2006. 136pp.
- VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta – a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999. 369pp.

D.2. *Teoria literária*:

- AGUIAR, Flávio. "Murmúrios no espelho". In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos*. Seleção de Deomira Stefani. São Paulo: Editora Ática, 1987. Pp.5-7.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis - a representação da realidade na literatura ocidental*. Omite o nome do tradutor. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. [*Coleção Estudos*]. 512pp.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi, a partir da edição francesa. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnb, 1996. [3a. ed.; *Coleção Linguagem e Cultura*]. 424pp.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra, prefácio de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 478pp.
- BOOTH, Wayne C.. *A rhetoric o fiction*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1975. 460pp.
- _____. *A rhetoric of irony*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1974. 294pp.
- BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (org.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e de Paulo Soares. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. 304pp.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [4a. reimpressão]. 142pp.
- CONNERY, Brian A. & COMBE, Kirk (org.). *Theorizing satire – essays in literary criticism*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1995. 212pp.
- DRAITSER, Emil A. *Techniques of satire – the case of Saltykov-Scedrin*. Berlim; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1994. [Humor Research; 2]. 216pp.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 376pp.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria – construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual Editora, 1987. [*Série Documentos*]. 114pp.

- _____. "Forma romântica e psicologismo crítico". In: ALVES, Cilaine. *O belo e o disforme – Álvares de Azevedo e a ironia romântica*. São Paulo: Fapesp; EdUSP, 1998. Pp.9-23.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica – grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 552pp.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 2003 (1ª. reimpressão). [*Coleção Espírito Crítico*]. 240pp.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. *Literatura e sociedade*. Contém "guia de leitura" de Susani Silveira Lemos França. São Paulo: T.A. Queiroz Editor; PubliFolha, 2000. [*Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro*]. 182pp.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 (2a. edição). 482pp.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Cultrix, 2004 [12a. ed.]. 529pp.
- RICIERI, Francine. "Prefácio". *In*: RICIERI, Francine (org.). *Antologia da poesia simbolista e decadente brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli Editora, 2007. 224pp. Pp.13-37.
- ROSE, Margaret A. *Parody: ancient, modern, and post-modern*. Cambridge (Reino Unido): Cambridge University Press, 1995 (reimpressão). [*Literature, Culture, Theory*; 5]. 316pp.
- RUDDER, Robert S. "Introduction". In: *The life of Lazarillo of Tormes, his fortunes and misfortunes as told by himself*. Frederick Ungar Publishing. No endereço eletrônico: http://www.inform.umd.edu/EdRes/ReadingRoom/Nonfiction/Lazarillo/LifeLazarillo/contents.txt/.
- SIMÕES Júnior, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso*. Prefácio de Regina Zilberman São Paulo: Editora Unesp; Fapesp, 2007. 336pp.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975. [*Biblioteca Tempo Universitário*, 16]. 200pp.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance – estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Editora Schwarcz (Companhia das Letras), 1996. 280pp.

D.4. *Vários*:

- BOWDER, Diana. *Quem foi quem na Roma Antiga*. São Paulo: Círculo do Livro / Art Editora, 1986. 306pp.
- CANFORA, Luciano. *Livro e liberdade*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. [*Coleção Bibliomania*; 4]. 104pp.

- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Revisto e atualizado sob coordenação de Laura Della Monica. São Paulo: Global, 2001 [10a. ed.]. 774pp.
- _____. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984 [3a. edição]. 440pp.
- LA FONTAINE, Jean de. *Fables*. Introdução e cronologia de Alain-Marie Bassy; bibliografia e notas de Yves Le Pestipon. Paris: GF-Flammarion, 1995. 542pp.
- MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. Prefácio de Sílvio Romero; revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1999. [*Coleção Reconquista do Brasil*, vol. 55 da 1a. Série]. Pp. 278-279.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Bocage; introdução de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2000. [*Coleção Tradutores*]. 224pp.
- ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. Anotados por Luís da Câmara Cascudo. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1985. [*Coleção Reconquista do Brasil – Nova Série*; 87].
- _____. *Folclore brasileiro – cantos populares do Brasil*. Contém prefácio e notas de Luís da Câmara Cascudo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP; 1985. [*Coleção Reconquista do Brasil – Nova Série*; 86]. 308pp.
- SMITH, William (editor). *Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Em três volumes. Londres: Wolton and Maberly, 1861. 1416pp.
- TIBULLO. *Tibulli aliorumque carminum libri tres*. Edição e notas de John Percival Postgate. Oxford: Oxford University Press, s.d. (Segunda edição de 1915). [*Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis*]. 80pp.
- TÓLSTOI, Leon Nikolaievitch. *Ana Karênina – volume I*. Tradução de Manuel Siqueira Paranhos. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1995. 416pp.
- _____. *A morte de Ivan Ilitch & Senhores e servos*. Tradução de Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: PubliFolha, 1998. [*Biblioteca Folha – Clássicos da Literatura Universal*, 4]. 144pp.

_____

E. *Crítica genética e edição de manuscritos*:

E.1. *Livros estrangeiros*:

- ALBALAT, Antoine. *La formation du style par l'assimilation dês auteurs*. Paris: Armand Colin, 1991.
- _____. *Le travail du style enseigné par les corrections manuscripts des grands écrivains*. Paris: Armand Colin, 1991.
- CARROLL, Lewis (Charles Lutwidge Dodgson). *Alice's adventures in Wonderland*. Editado por Richard Kelly, traz os textos de *Alice's adventures in Wonderland*, de *Alice's adventures under ground* e de *The nursery Alice*. Ontário (Canadá): Broadview Press, 2000. [*Broadview Literary Texts*].
- COLETTE, Sidonie Gabrielle. *Sido*. Apresentação, transcrição e notas de Maurice Delcroix. França: CNRS Éditions; Biblioteca Nacional da França; Zulma, 1994.

- ELIOT, T.S. *The Waste Land: a facsimile and transcript of the original drafts, including the annotations of Ezra Pound*. Editado e introduzido por Valerie Eliot; contém fac-símiles dos manuscritos e sua transcrição. Londres: Faber and Faber, 1980.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Apresentação e transcrição de Pierre-Marc de Biasi. França: Imprimerie Nationale, 1994.
- _____. *Plans et scénarios de* Madame Bovary. Apresentação, transcrição e notas de Yvan Leclerc. França: CNRS Éditions, Zulma, 1995.
- GOODY, Jack. *Entre l'oralité et l'écriture*. Paris: PUF, 1994.
- GRÉSILLON, Almuth. *Élements de critique génétique*. Paris: PUF, 1994.
- _____ (edição). *De la genèse du texte littéraire: manuscrit, texte, auteur, critique*. Tusson (França): Du Lérot, 1988.
- HAY, Louis (organização). *La naissance du texte*. Atas do colóquio internacional do CNRS. Paris: Corti, 1989.
- JAURALDE, Pablo & NOGUERA, Dolores & REY, Alfonso (editores). *La edición de textos – actas del I Congreso Internacional de Hispanistas del Siglo de Oro*. Londres: Tamesis Books Limited, 1990.
- PESSOA, Fernando. *O manuscrito de* O Guardador de Rebanhos *de Alberto Caieiro*. Edição de Ivo Castro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
- PICKERING, Robert. *Paul Valéry: la page, l'écriture*. Clermont-Ferrand (França): Université Blaise-Pascal, 1996.
- SADE, Marquês de. *Les infortunes de la vertu*. Apresentação, transcrição e notas de Jean-Christophe Abramovici. França: CNRS Éditions, BNF, Zulma, 1995.
- SÉRODES, Serge. *Les manuscrits autobiographiques de Stendhal: pour une approche sémiotique*. Genebra (Suíça): Droz, 1993.

E.2. *Livros nacionais*:

- ALMEIDA, Manoel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição crítica de Cecília de Lara. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1978. [*Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira*]. 375pp.
- _____. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição e posfácio de Reginaldo Pinto de Carvalho; traz a versão do texto dos folhetins d'*A Pacotilha*. São Paulo: Editora Globo, 2004. [*Clássicos Globo*]. 286pp.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica coordenada por Telê Porto Ancona Lopez. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro: Allca XX, 1996 [2a. ed.]. [*Coleção Archivos*; 6]. 608pp.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro – princípios da técnica de editoração*. Prefácio de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1986. 676pp.
- GRIGERA, Luisa López. *Anotações de Quevedo à* Retórica *de Aristóteles*. Contém estudo preliminar e edição das anotações em versão paleográfica e moderna com notas; tradução do latim de Paulo Vasconcellos; tradução do espanhol de Cássio Borges. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2008. 208pp.

- GUIMARÃES Júnior, Luís. *A família Agulha – romance humorístico (1870)*. Organização, edição e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003 (3ª. ed., revista e ampliada).
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética, uma introdução – fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. São Paulo: EDUC, 1992.
- SPINA, Segismundo: *Introdução à edótica – crítica textual*. São Paulo: Ars Poetica; Editora da USP, 1994 (2ª. ed. rev. e atual.). 168pp.

E.3. *Artigos em revistas estrangeiras*:

- ANGREMY, Annie & BESNIER, Patrick. "La Seine: le manuscript fleuve d'une pièce abandonnée" In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no. 5. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1994. Pp.123-152.
- ANZIEU, Didier. "De l'avant-texte imaginaire au texte fini. Perspective psychanalytique sur la génétique des textes". In: *Bulletin de Psychologie*, tomo XLVI, no. 410. França: 1993.
- BECKER, Colette. "Quelsques perspectives sur la critique génétique". In: *Revue d'histoire littéraire de la France*, no. 6. 1995. Pp.163-168.
- BRUN, Bernard. "La datation des cahiers de brouillon de Marcel Proust: un détail". In: *Bulletin Marcel Proust*, no. 44. 1994. Pp.123-125
- CASTRO, Ivo. "Parole d'auteur contre parole de dossier: sémiotique de l'archive chez Fernando Pessoa". In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no.10. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1996. Pp.59-72.
- CHOLLET, Roland. "À travers les premiers manuscrits de Balzac (1819-1829). Um apprentissage". In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no.11. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1997. Pp.9-40.
- DEBRAY GENETTE, Raymonde. "Frontières de la critique génétique: cris et chuchotements dans *Madame Bovary*". In: *Romanic Review*, vol. 86, no. 3. Maio de 1995. Pp.561-570.
- _____. "Histoire littéraire et critique génétique". In: *Revue d'histoire littéraire de la France*, no. 6. 1995. Pp.157-162.
- FALCONER, Graham. "La critique génétique, un retour à l'histoire?". In: *Romanic Review*, vol. 86, no. 3. Maio de 1995. Pp.429-436.
- FERRAND, Nathalie. "Le rêve de Zola à Weimar: des épreuves inédites". In: *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, no.11. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1997. Pp.143-148.
- GRÉSILLON, Almuth. "Critique génétique et 'textual criticism': une reencontré". In: *Romanic Review*, vol. 86, no. 3. Maio de 1995. Pp.597-601.
- HAY, Louis. "Critiques de la critiques génétique". In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no. 6. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1994. Pp.11-24.
- LERNOUT, Geert. "La critique textuelle anglo-américaine: une étude de cas". In: *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, no.9. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1996. Pp.45-66.

- MAUBON, Catherine. "De *Lucrèce*, *Judith et Holopherne* à *L'Âge d'Homme* ou comment recoller la tête d'Holopherne". In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no.11. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1997. Pp.107-122.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. "Notes de cours 'Sur Claude Simon': fac-similé et transcription". In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no. 6. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1994. Pp.135-165.
- MITTERAND, Henri. "Lê méta-texte génetique dês *Ébauches* de Zola". In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no. 6. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1994. Pp.47-60.
- MORTIMER, Armine Kotin. "Le manuscrit du Plaisir du Texte de Roland Barthes et l'ordre de l'écriture". In: *Genesis – revue internationale de critique génétique*, no.9. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1996. Pp.105-116.
- NEEFS, Jacques. "La critique génétique entre histoire et esthétique". In: *Romanic Review*, vol. 86, no. 3. Maio de 1995. Pp.419-428.
- PICHOIS, Claude. "La tradition française de l'édition critique". In: *Romanic Review*, vol. 86, no. 3. Maio de 1995. Pp.571-580.
- RABATÉ, Jean-Michel. "Pound, Joyce and Eco: Modernism and the 'ideal genetic reader'". In: *Romanic Review*, vol. 86, no. 3. Maio de 1995. Pp.485-500.
- REY, Alai. "Du narcissisme à l'autopsie: le manuscrit en proie aux sémiotiques". In: *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, no.10. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1996. Pp.11-24.
- RIFFATERE, Michael. "Avant-texte et littéralité". In: *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, no.9. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1996. Pp.9-28.
- TANSELLE, G. Thomas. "Critical editions, hypertexts and genetic criticism". In: *Romanic Review*, vol. 86, no. 3. Maio de 1995. Pp.581-595.
- TOURNIER. "Titres et titrage balzaciens. Autour d'un dossier peu connu du fonds Lovenjoul". In: *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, no.11. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1997.Pp.41-60.
- VACHON, Stéphane. "Les enseignements des manuscrits d'Honoré de Balzac. De la variante". In: *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, no.11. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1997. Pp.61-80.

E.4. *Artigos em revistas nacionais*:

- BARRENECHEA, Ana Maria. "Comentário de la ponencia: 'Aux limites de la génèse: de l'écriture du texte de théâtre à la mise en scène' de Almuth Grésillon". In: *Manuscrítica - revista de crítica genética*, no. 5. São Paulo: Annablume; APML, junho de 1995. Pp.25-29.
- FORTUNA, Marlene. "a crítica genética sob o olhar do artista". In: *Manuscrítica – revista de crítica genética*, no. 5. São Paulo: Annablume; APML, junho de 1995. Pp.43-46.
- GRÉSILLON, Almuth. "Nos limites da gênese: da escritura do texto de teatro à encenação". In: *Estudos Avançados*, no. 23. São Paulo: USP, 1995. Pp.269-288.

- HAZIN, Elizabeth de Andrade Lima. "Rasura: o caminho tortuoso da escrita". In: *Anais do VII Encontro Nacional da Anpoll*. Goiânia (GO): 1993. Pp.446-451.
- IGNÁCIO, Guilherme. "Lendo manuscritos de Marcel Proust". In: *Manuscrítica - revista de crítica genética*, no. 9. São Paulo: Annablume; APML, março de 2001. Pp.53-85.
- LIMA, Sônia Maria van Dijck. "Introdução à história de *Sagarana*". In: *D.O. Leitura*, ano 17, número 3. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, julho de 1999. Pp.32-43.
- _____. "Memória crítica de Sagarana". In: *Manuscrítica - revista de crítica genética*, no. 10. São Paulo: Annablume; APML, junho de 2001. Pp.155-164.
- MACEDO, Lino de. "Da natureza complexa da produção de um texto". In: *Manuscrítica – revista de crítica genética*, no. 5. São Paulo: Annablume; APML, junho de 1995. Pp.9-15.
- PEREZ, Celso Martinez. "A escritura em processo: um estudo genético – o caso de 'Gaetaninho' de Alcântara Machado". *Manuscrítica – revista de crítica genética*, no. 2. São Paulo: Annablume; APML, 1991. Pp.49-64.
- PINO, Claudia Amigo. "Crítica genética francesa: revolução e reação". In: *Manuscrítica - revista de crítica genética*, no. 9. São Paulo: Annablume; APML, março de 2001. Pp.153-176.
- SALLES, Cecília Almeida. "Diálogo na crítica genética". In: *Manuscrítica – revista de crítica genética*, no. 5. São Paulo: Annablume; APML, junho de 1995. Pp.29-36
- WILLEMART, Philippe. "Crítica genética e história literária". In: *Manuscrítica - revista de crítica genética*, no. 10. São Paulo: Annablume; APML, junho de 2001. Pp.165-185.

E.5. *Artigos na internet*:

- SILVA, José Pereira da. "Projeto de edição diplomática dos códices atribuídos a Gregório de Matos e Guerra". In: www.filologia.org.br/revista/artigo/3(9)15-34.html. Acessado em 4 de setembro de 2008;
- _____. "Crítica textual e edição de textos". In: www.filologia.org.br/viisenefil/03.htm. Acessado em 4 de setembro de 2008.

E.6. *Capítulos em livros estrangeiros*:

- BIASI, Pierre-Marc de. "Manuscrits modernes: les techniques d'analyse scientifique de l'écriture". In: *I moderni ausili dell'ecdotica*. Organizado por Vincenzo Placella e Sebastiano Martelli. Itália: Edizioni Scientifiche Italiane, 1994. Pp. 507-517.
- BONACCORSO, Giovanni. "Classement diachronique dês manuscrits". In: BONACCORSO, G. *Corpus Flaubertianum II. Hérodias*. Édition diplomatique et génétique des manuscripts, Tomo II. França: SICANIA, 1995. Pp.XVII-XLIII.
- GIAVERI, Maria Teresa. "L'edizione 'genetica': miti, problemi, proposte". In: *I moderni ausili delkl'ecdotica*. Organizado por Vincenzo Placella e Sebastiano Martelli. Itália: Edizioni Scientifiche Italiane, 1994. Pp.519-535.

ÍNDICE

Resumo / Abstract p.7

Sumário p.9

I. Apresentação p.11

II. *Corpus Polycarpiano* p.23

- **1**. "O prêmio" p.23
- **2**. *Episódios da vida do Major Quaresma* p.25
- **3**. *Triste fim de Polycarpo Quaresma* (folhetins) p.32
- **4**. *Triste fim de Polycarpo Quaresma* (livro) p.35
- **5**. "As formigas e o prefeito" p.36
- **6**. *Stemma* p.38

III. Processo de escrita p.41

- **1**. Análise dos testemunhos p.41
  - **1.a**. Os apontamentos p.41
  - **1.b**. *Episódios da vida do Major Quaresma* p.45
  - **1.c**. *Jornal do Commercio* p.50
  - **1.d**. "As formigas e o prefeito" p.53
- **2**. As personagens p.54
  - **2.a**. Polycarpo Quaresma p.62
  - **2.b**. Olga Coleoni p.74
  - **2.c**. Ricardo Coração dos Outros p.83
  - **2.d**. Ismenia Albernaz p.90
- **3**. O sinistro alicerçar do regime p.92
- **4**. "Momentos antecipatórios" p.99
- **5**. Peregrinação folclórica p.110
- **6**. Floriano Peixoto e a Revolta da Armada p.121

IV. Conclusão p.139

V. Bibliografia p.145

Departamento de Teoria e História Literária
Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas

Episódios da vida do Major Quaresma

(em dois volumes)

Dissertação de Mestrado



Volume II – Corpus Polycarpiano

Orientado: José Leonardo Sousa Buzelli.
Orientadora: Maria Eugenia Boaventura.

Área: Teoria literária (Literatura brasileira).

Campinas, 2009.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

B988e

Buzelli, José Leonardo Sousa, 1974-
Episódios da Vida do Major Quaresma / José Leonardo Sousa Buzelli. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria Eugenia Boaventura.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Barreto, Lima, 1881-1922. 2. Episódios da vida do Major Quaresma (Manuscritos de Triste fim de Policarpo Quaresma) - História e crítica. 3. Corpus Polycarpiano. 4. Edição diplomática. I. Boaventura, Maria Eugenia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Episodes from Major Quaresma\'s Life.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Barreto, Lima, 1881-1922; Episodes from Major Quaresma's life - History and criticism; Polycarpian Corpus; Diplomatic edition.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Eugenia Boaventura (orientadora), Profa. Dra. Eliane Vasconcellos Leitão e Prof. Dr. Paulo Elias Allane Franchetti. Suplentes: Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado e Profa. Dra. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo.

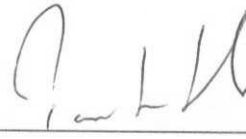
Data da defesa: 20/08/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias 

Eliane Vasconcellos Leitão 

Paulo Elias Allane Franchetti 

Antonio Arnoni Prado

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo

IEL/UNICAMP
2009

Sumário

I. Procedimentos de edição e transcrição.
página 5

II. "O prêmio".
página 9

III. *Episódios da vida do Major Quaresma*.
a. Edição corrente
página 23
b. Edição diplomática
página 107
c. Exemplos da edição diplomática em curso
página 549

IV. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*.
página 557

Índice.
página 711

I. *Procedimentos de edição e transcrição.*

Este volume traz todo o *Corpus Polycarpiano*, conforme descrito na dissertação, com exceção do texto da crônica "As formigas e o prefeito", na seguinte ordem: **a)** a caderneta de apontamentos "O prêmio"; **b)** os *Episódios da vida do Major Quaresma*, em duas edições – uma corrente, em que o texto é editado conforme as vontades expressas no seu interior pelo autor, e uma diplomática, em que todas as variantes, emendas, acréscimos e supressões são mantidos –; e **c)** o texto de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* tal como publicado nas páginas do *Jornal do Commercio*, com as variantes da edição em livro anotadas em notas de pé de página.

* * * * *

a) "O prêmio".

Não consegui encontrar a caderneta de apontamentos na qual estão as notas do romance e algumas fábulas coletadas pelo autor. Impossibilitado, por isso, de realizar minha própria transcrição, sigo a de *Diário íntimo*, na edição do volume *Um longo sonho do futuro*, organizado por Bernardo de Mendonça, que informa que os "trechos ilegíveis, numerosos, aparecem assinalados por reticências entre barras"[1]. A interrogação entre colchetes após o poema de Tibullo é dessa mesma edição, e não minha. Incluí alguns comentários próprios, em notas de pé de página, sempre que considerei pertinente, e permiti-me alterar a grafia dos nomes, para conformá-los a este trabalho.

Além dos apontamentos, a caderneta traz uma pequena coleção de fábulas, recolhidas entre amigos e conhecidos do autor[2]. São elas: "História do macaco que arranjou viola", "História do diabo que foi ao baile", "O macaco e a onça", "O macaco e a raposa", "Os macacos que salvaram a onça", "O príncipe Tatu", "A aranha", "Macacos no roçado do milho", "O macaco e o aluá", "História do casamento da princesa Chelminaza", "História do príncipe Benalcaza", e "O escravo persa". A única que reproduzo, porque aproveitada no romance aqui estudado, é "Os macacos que salvaram a onça".

Logo após, reproduzo uma nota tirada de *Diário íntimo*, com duas sugestões de alterações para o romance, uma das quais realizada quando da edição em livro.

* * * * *

b) *Episódios da vida do Major Quaresma*.

[1] In: BARRETO,Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.93. A transcrição da caderneta ocupa as páginas 93 a 107.
[2] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, pp.100-107.

Como sabem todos aqueles que já estabeleceram um texto de Lima Barreto, essa não é uma tarefa fácil; como nota Rachel Valença:

> [...] não se está diante de um autor que tenha acompanhado atentamente a publicação de seus livros, corrigindo-lhes as imperfeições e introduzindo aperfeiçoamentos.[3]

A tarefa de transcrever seus manuscritos é dificultada pela péssima letra do autor, que muitas vezes se resume a garranchos que impedem que se diferencie claramente, por exemplo, o *r* do *s*, ou o *a* do *o*. Quando os *Episódios da vida do Major Quaresma* caminham próximos do texto impresso, é possível decifrá-los com certa desenvoltura (que pode levar, porém, a enganos); no entanto, quando os textos afastam-se um do outro, aí o trabalho de leitura pode levar até dois dias – ou mais – por página, principalmente no início, quando ainda não estamos familiarizados com a sua grafia (e com a ortografia da época).

Por sugestão do Professor Paulo Franchetti, apresento, antes da edição diplomática, uma edição corrente, na qual obedeço às orientações de Lima Barreto constantes no interior dos manuscritos, sem as marcações de emendas, rasuras etc. Apenas indico os trechos ilegíveis com – [*ilegível*] – e as mudanças de página com o número da folha seguido de *frente* (fr.) ou *verso* (vs.) entre duas barras diagonais. Assim, – /4fr./ – indica que se inicia a transcrição da frente da folha quatro, e – /56vs./ –, do verso da folha cinqüenta e seis. Lembro que a numeração das folhas foi dada por mim, para facilitar a localização das transcrições, não constando nos manuscritos originais. Uniformizei o nome das personagens que possuem mais de um no interior dos manuscritos – Tibullo-Ricardo e Capitão Justino-Doutor Campos –, mantendo sempre a forma não encontrada nos textos impressos (o mesmo vale para o sítio de Quaresma, "Fartura"-"Sossego"). No caso do corrupto político de Curuzu, chamo-o "Doutor Justino", e não "Capitão", por causa do seu papel no capítulo "Boqueirão". Na folha quarenta e um, completei os trechos ilegíveis, por causa do grande borrão de tinta preta, com o texto de 1916, transcrito dentro de colchetes simples – [ ].

Ao transcrever e editar o texto dos manuscritos de *Episódios da vida do Major Quaresma*, procurei unir, na edição diplomática que se segue à corrente, a fidelidade à clareza; para tanto, apresento sempre o fac-símile dos manuscritos na página oposta à de sua respectiva transcrição, para que o próprio leitor possa, inclusive, discordar da leitura deste editor. Ainda: no tocante à fidelidade, deixei inalteradas a pontuação e outras idiossincrasias de Lima Barreto, não tendo tentado nenhuma "correção" ou atualização nesse sentido; no tocante à clareza, busquei atualizar completamente a ortografia das palavras[4] – permiti-me apenas manter a grafia original do nome de algumas personagens, como o do protagonista, *Polycarpo*, o do seresteiro, *Tibullo*, de *Ismenia* etc.

[3] VALENÇA, Rachel: "Esta edição". In: BARRETO, Lima:, *Toda crônica*, pp.26-27.
[4] Que o novo acordo ortográfico, porém, já tornou em parte obsoleta...

Embora os preceitos da edição diplomática recomende que a transcrição obedeça, espacialmente, a ordem das palavras na folha do manuscrito, por questão de tempo e de algumas dificuldades técnicas, apresento aqui uma *transcrição linearizada*. Aviso, no entanto, que uma edição apropriada, realizada com um programa gráfico, deve ficar pronta em breve. Para que a banca tenha uma idéia de como ela será, apresento duas páginas dessa nova transcrição ao final, antes do texto dos folhetins.

Os seguintes símbolos foram usados na edição diplomática:

- ~~tachado~~ – para palavra rasurada;
- [*rasurado*] – para quando a palavra rasurada está ilegível;
- [*trecho rasurado*] ou [*termos rasurados*] – para duas ou mais palavras em seqüência rasuradas e ilegíveis;
- [*linha rasurada*] – para linha inteiramente rasurada e ilegível;
- [*restante da linha rasurada*] – para restante da linha rasurado e ilegível;
- [*número rasurado*] – para número de página rasurado e ilegível;
- [*ilegível*] – para palavra que não pôde ser decifrada;
- [*ilegível*]**/** – para quando a palavra ilegível está dividida em duas linhas;
- [*termos ilegíveis*] ou [*trecho ilegível*] – para seqüência de palavras ilegíveis;
- [*linha ilegível*] – para toda uma linha não decifrada;
- [*ilegível – linha rasgada*] – para a última linha da frente da folha 158;
- [*borrão*] – para a enorme mancha de tinta na folha 41;
- **/** – para quebra de linha;
- [[ ]] – para emendas no interior do manuscrito, geralmente entrelinhas, mas às vezes sobrescritas;
- [[[*ilegível*]]], [[[*termos ilegíveis*]]] ou [[[*trecho ilegível*]]] – para emendas não decifradas;
- [[[*rasurado*]]] – para emenda rasurada e ilegível;
- [[~~tachado~~]] – para emenda decifrada, mesmo rasurada;
- {{ }} – para emenda maior – como uma linha inteira –, muitas vezes com suas próprias emendas e rasuras no interior.

Lima Barreto às vezes indica a quebra de um parágrafo com um colchete inicial – [–, mantido aqui. Outros sinais, difíceis de reproduzir em um programa editor de textos, são indicados em notas de rodapé – como anotações nas margens, riscos diagonais sobre parágrafos inteiros, inversão da ordem de palavras etc.

* * * * *

c) *Triste fim de Polycarpo Quaresma*.

Finalizando este volume, transcrevo o texto do romance publicado em 1911 na edição da tarde do carioca *Jornal do Commercio*, anotando várias das variantes do livro de

1916 em notas de rodapé. A edição do texto impresso não se pretende diplomática, e eu permito-me corrigir alguns erros mais evidentes de pontuação, lembrando que a ortografia foi atualizada. Os trechos estão divididos por dia de publicação, com a data correspondente vindo logo acima. Embora a epígrafe tirada do *Marco Aurélio* de Renan se repita todos os dias, transcrevo-a apenas na sua primeira ocorrência, para evitar a redundância.

Aqui e na edição corrente dos manuscritos, regularizo o uso caótico que Lima Barreto faz das letras maiúsculas e minúsculas em major Quaresma-Major Quaresma, general Breves-General Breves, dr. Campos-Dr. Campos etc., optando pelas maiúsculas.

Antes do romance incluí o resumo da obra, publicado na primeira página da edição de 11 de agosto.

* * * * *

Tanto os manuscritos de *Episódios da vida do Major Quaresma*, quanto os folhetins de *Triste fim de Polycarpo Quaresma* aqui utilizados pertencem ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, que forneceu os microfilmes de ambos. Procedi, ainda, ao cotejo dos manuscritos em viagem à capital fluminense.

II.

"O prêmio".

A tarde, um *après midi* de verão, *assoupissant*, todas as vidas param e dormem, para que o [...] dos trópicos venha aparecer e agradeça a fecundidade que demorava pelas suas terras.

* * *

Discussões literárias.
Estilo.
Gramática.
Critério [?] filosofia.

* * *

Fuzilamento. Ilha das Enxadas. O enviado do Marechal. Este, aquele. A lanterna. A leva. O batelão. Quaresma. [...]. A presença do poente [?]. Soluço. Será o mar?[5]

* * *

Malaiala ou telugo.

* * *

A conveniência do estilo consiste em escrever sobre os mesmos assuntos que o fizeram os escritores clássicos, com as mesmas expressões e conforme o mesmo plano.
Herculano [?], 117.

* * *

Dissonância do desespero.

* * *

Pathos.

* * *

Ele pensava criar ambiente, a sua casa. O seu sonho é tão forte!

[5] Anotações referentes ao quarto capítulo da terceira parte, "O Boqueirão" (*Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.210-227). Para mim é o mais convincente argumento a favor do início tardio da redação desta caderneta, talvez em finais de fevereiro ou início de março de 1911, a se acreditar na data de escritura do romance (janeiro a março de 1911), indicada pelo próprio autor.

* * *

Quando sobe em balão e vê o Rio, ele recorda as leituras, evoca a grandeza do Brasil e o seu sonho volta com força, etc.[6]

* * *

Ele não percebia que via com os olhos do sonho, não descontava a refração dessa atmosfera especial, para avaliar a realidade.

* * *

Anastácio.
Observações.
[.....]

* * *

Floriano preguiçoso. Fraqueza. Fuzilamentos. Paternalidade [?] com os alunos da Escola Militar.[7]

* * *

Quaresma é feito procurador do Amazonas pelo partido da concentração. Os partidos. Brasileiros, peruanos e bolivianos [.....]
A trama do céu se tinha alargado.[8]

* * *

Tibullo[9]

Ouve, meu anjo, o canto meu

[6] Episódio inteiramente abandonado – não o encontramos sequer nos *Episódios da vida do Major Quaresma* (o que não quer dizer que não tenha havido um rascunho em algum momento, descartado).
[7] Anotações referentes ao início do capítulo "Patriotas", em que somos apresentados ao "Marechal de Ferro" e ao seu entorno. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.161-167.
[8] Outro episódio completamente abandonado...
[9] Esse é o nome original de Ricardo Coração dos Outros, sempre garrancheado pelo autor nos *Episódios da vida do Major Quaresma*. Tibullo foi um poeta romano contemporâneo de Catulo, o que reforça a tese de que o seresteiro ficcional era um "retrato" afetivo de Catulo da Paixão Cearense, amigo do autor. Além disso, Lima Barreto escreve uma vez, por descuido, "Catullo" nos manuscritos, mas imediatamente o risca (folha 104, frente).

Como as cotovias sobre o mar
Quando escutam os gemidos
Das ondas de Trafalgar [?]

* * *

Esmeralda.
O exército. A matemática. A luta com os [...] A marinha. Monge e Lagrange.[10]

* * *

A Duquesa, pata, parece arrastar um manto de arminho.[11]

* * *

Os [...]
Na retirada, todos se põem a gritar: metafísicos. O general chega, repreende severamente: são fetichistas.

* * *

Falar nas matas devastadas.

* * *

[...] indaga de Felizardo: por que não planta nas suas terras?[12]

* * *

[10] Caso esta nota refira-se, como creio, ao capítulo segundo da terceira parte, onde Quaresma se põe a aprender noções "matemáticas" de artilharia que se mostrarão, depois, completamente inúteis, então podemos especular que a "luta com os [...]" é a luta de Quaresma com os subalternos insubordinados. *Episódios da vida do Major Quaresma*, f.143.

[11] No capítulo "Peço energia, sigo já", Lima Barreto descreve a morte "de uma grande pata branca" que fora apelidada por Lúcia-Olga de "Duquesa". *Episódios da vida do major Quaresma*, ff.116-117; e *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.140-141. A imagem do "manto de arminho" existe em ambos.

[12] A transcrição não traz o nome da personagem que "indaga de Felizardo", mas sabemos, graças aos *Episódios da vida do Major Quaresma*, que era a afilhada de Quaresma, Lúcia-Olga ("Felizardo – Razões porque não planta suas terras", f.99), que andava curiosa pelo sítio, conversando com os empregados. O episódio foi retrabalhado nas redações impressas: "– Você porque não planta para você?" (p.126). *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.125-126.

Casa de Maria Rita. A neta.[13] Chateaubriand. O inventário, etc. etc.

* * *

Eschwege.
Grupiaras – cascalho aurífero solto.

* * *

Choros, folhinhas, registros, retratos [...][14]

* * *

Capítulo VII – Continuam os desgostos de Ricardo[15].
Cap. VIII – É o 5o. antigo.
Cap. IX – É o 6o. "
Capítulo X – A revolta, etc. Casa de Cavalcanti, etc.
Cap. XI – É o 7o. antigo.
Cap. XII – A defesa da legalidade.
Capítulo XIII – Morte e enterro de Ismenia, etc. etc.[16]

* * *

Cap. XIV – Armação, guerra, etc. Ferimento de Quaresma. Ilha das Enxadas. Fuzilamento.

* * *

Cap. XV – Fuzilamento de Quaresma, por ter protestado.[17]

---

[13] A personagem da neta de Maria Rita não existe nos manuscrito, o que indica que este apontamento refere-se já a uma alteração no episódio original.

[14] Apontamentos parentemente referentes ao capítulo "Espinhos e flores". BARRETO, Lima: *Episódios da vida do Major Quaresma*, ff.81-82).

[15] Perceba-se que esta é a primeira vez nos apontamentos em que o nome do seresteiro é *Ricardo*, e não mais *Tibulo*.

[16] Esta lista já dá a ordem final dos capítulos da obra – respectivamente "Espinhos e flores", "Golias", "'Peço energia, sigo já'", "O trovador", "Patriotas", "Você, Quaresma, é um visionário", e "... E tornaram logo silenciosos...". Abaixo estão indicados os dois últimos, "O Boqueirão" e "A afilhada".

[17] Percebe-se que, ao chegar a este ponto do caderno de notas, Lima Barreto já tinha o livro, se não todo rascunhado, ao menos estruturado. É esta anotação, aliás, que nos dá a certeza de que havia, já nos *Episódios da vida do Major Quaresma*, uma versão manuscrita do último capítulo da obra, que se perdeu. Curioso que este apontamento dê a entender que

* * *

Desgostos de Ricardo. Subúrbios – sua moradia. Razões dos desgostos. A glória. As preocupações. O seu triunfo em casa do general. Casamento de Genelício. Florêncio, Breves, Caldas, Innocencio Bustamante.

Ismenia.

Apesar desse triunfo, sempre desgosto. Motivos por que foi procurar Quaresma.[18]

* * *

As unhas nacaradas dos seus longos dedos mergulhavam na maciez de cabelos negros.

* * *

Pombos, quando sai o enterro de Ismenia, voam.[19]

* * *

Ismenia vai à casa da cartomante.[20]

* * *

A lua. Cap. II – 3a. Parte.

No silêncio da noite, a lívida lua dourava tudo, o céu e árvores e cousas, homens e as casas, com a sua luz emprestada e fria.

* * *

Feitiçaria, etc.

* * *

Quaresma seria fuzilado no interior do capítulo, o que não ocorre no texto final, em que a execução é apenas deduzida.

[18] Notas referentes ao segundo capítulo da segunda parte, "Espinhos e flores". BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.99-112.

[19] Ver o último parágrafo do capítulo II da terceira parte, "... E tornaram logo silenciosos...". *Idem*, p.210.

[20] *Ibidem*, parágrafo na p.206 (capítulo III da terceira parte, "... E tornaram logo silenciosos...").

As suas terras eram de soalheira, expostas ao poente, o que não contentava Anastácio, que as queria olhando para o levante, de "noruega", melhores. Variavam muito quanto à proporção de argila, areia, húmus e calcário, de pedaço a pedaço.

Em geral, eram areno-argilosas, pouco calcário e pobres em húmus.

* * *

Queria o incrível. Tácito.

* * *

Revue de Deux Mondes, 1-8-08. Gaston Rougeot. Sobre os resultados da psicofisiologia.

* * *

Polycarpo Quaresma.
Idéia que mata.
A decepção.
O prêmio.[21]

* * *

As paineiras estavam cobertas de flores, rosadas e brancas, que, a espaços, caíam com a doçura de ave ferida.

* * *

Bernardin de Saint-Pierre, artigo sobre a sua vida e caráter. *Natura ed Arte* – Setembro de 1906 a outubro.

* * *

Artigo sobre a vida, experiência de renascimento. *Natura ed Arte* – 5-12-06.

* * *

Os barcos passavam. Ora, eram lanchas fumarentas; ora, pequenos botes ou canoas, com as suas velas alvas, roçando carinhosamente pela superfície das águas, pendendo para um lado ou outro, como se as quisessem afagar um instante. Os Órgãos vinham suavemente

[21] Sem dúvida outros títulos nos quais Lima Barreto pensou antes de se decidir pelo definitivo. O último está manuscrito também na capa desta caderneta de apontamentos, segundo Bernardo de Mendonça. In: BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, nota de rodapé na p.93.

morrendo na violeta macia; e o resto era azul, um azul imaterial de inebriar, de embriagar, como um licor capitoso.

Ele se voltava, depois, para a cidade, que entrava na sombra, aos beijos sangrentos do ocaso.

Vinha-lhe então pensar por que força misteriosa, por que injunção irônica, ele se tinha misturado em tão tenebroso acontecimento, assistindo ao sinistro alicerçar do regime.[22]

* * *

O processo da vida devia ser outro. Se fosse de doçura, de bondade, talvez a humanidade depurasse [?].

* * *

Ilusões que morrem.
Ilusões e fatos.
Desenganos.[23]

* * *

Um oficial no hospício como deve ser considerado? Louco.
Doutrina da solidão.

* * *

Consultar a toda a hora o dicionário. Livros empregados.

* * *

Sobre os negros, em geral, e principalmente sobre as populações coloniais da Ásia e Oceania, é bom ver a *Revue Scientifique*, de julho de 1906. M. Louis Lapicque.

* * *

Sobre a literatura em geral, ler Brunetière, *Revue de Deux Mondes* – Janeiro e fevereiro de 1892.

* * *

[22] Este trecho aparece tanto nos *Episódios da vida do major Quaresma* quanto em *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, e com a redação mais próxima do último do que do primeiro, o que parece indicar que já é uma reelaboração daquele, anterior. Ver análise específica no corpo da dissertação.

[23] Outras tentativas de título.

Nietzsche: *Revue des Deux Mondes* – Setembro a outubro de 1892.

* * *

Pascal: *Revue des Deux Mondes* – 15 agosto 1879, Brunetière.

* * *

Como se deve escrever a história do Brasil, tomo VI da *Revista do Instituto Histórico*.

* * *

Artigo de Littré sobre árias e semitas, 1o. de julho de 1857.

* * *

O triste fim de Polycarpo Quaresma.[24]

* * *

Leme. Pescadores seguiam as ondas com a tarrafa.

* * *

Olhos cheios d'água.

* * *

El negro se ha ido cuando se fue la fiebre, que excluía la concurrencia dominante del trabajador europeo.
El Brazil, M. Bernárdez, pág. 6.

* * *

Rouché. *L'Art Théatrale Moderne*.

* * *

Os macacos que salvaram a onça[25]

[24] Esta é a primeira evidência do título final do romance, tal como já apareceria nos folhetins.

Andava uma vara de macacos em troça por sobre umas grotas. Eis senão quando, eles vêem, no fundo de uma armadilha, uma onça que lá caíra em aventura de caça. Penalizaram-se e resolveram salvá-la. Para isso, cortaram cipós e, amarrando-se às cinturas, atiraram uma ponta ao felino que se agarrou a ela e salvou-se. Chegado à superfície do solo, agarrou um dos macacos um dos macacos que fôra tardo em soltar-se da laçada que fizera na cintura.

A onça disse:

– Compadre, tenha paciência, estou com fome e você vai ser comido.

O macaco chorou e afinal resolveram submeter a questão ao juiz de direito. Era este o cágado, que dava audiência no centro de uma lagoa, num ilhote. Lá foram ambos. O juiz ouviu primeiro o macaco, que sempre a onça segurava pelo braço. No fim disse:

– Bata palmas.

Apesar de seguro, o macaco pôde bater palmas. Veio a vez da onça. Ela se explicou e por fim o juiz ordenou:

– Bata palmas.

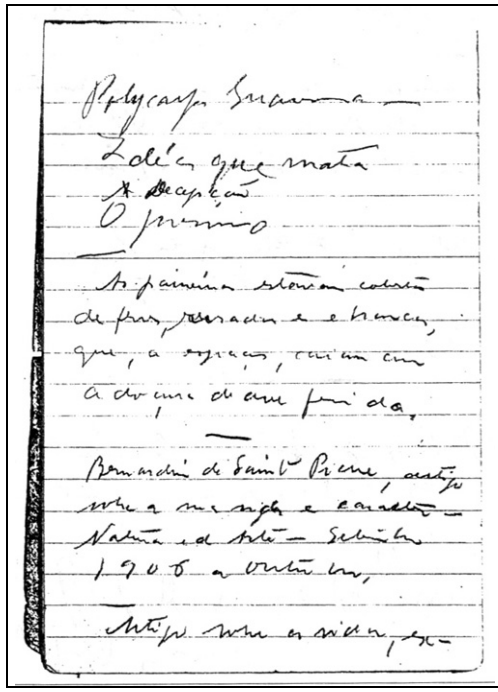
Para o que, teve que largar o macaco, que se aproveitou e fugiu, assim como o juiz que se atirou n'água.

(Contadas [juntamente com "O macaco e a raposa"] pelo Santos, servente da Secretaria da Guerra, natural do Ceará).

---

[25] É esta a fábula contada pelo velho poeta ao General Albernaz e ao Major Quaresma, no capítulo "Reformas radicais". BARRETO, Lima: *Triste fim de Polycarpo Quaresma*; 1915, pp.32-33. Ver análise específica no corpo da dissertação. Bernardo de Mendonça informa que outras das fábulas foram aproveitadas "na série de crônicas sobre o folclore, publicadas em 1919, na revista *Hoje*, sob o título de 'Mágoas e sonhos do povo'". In: BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.100.

A edição da coleção *Archivos*, como dito, traz o fac-símile de algumas poucas páginas da caderneta; abaixo reproduzo uma, com a respectiva transcrição[26].



Polycarpo Quaresma

Idéia que mata
A decepção
O prêmio

___

As paineiras estavam cobertas de flores, rosadas e brancas, que, a espaços, caíam com a doçura de ave ferida.

_____

Bernardin de Saint-Pierre, artigo sobre a sua vida e caráter – Natura ed Arte – Setembro 1906 a outubro.

___

Artigo sobre a vida, ex-

Abaixo transcrevo uma nota, incluída pelos editores da Brasiliense em *Diário íntimo*. *Triste fim de Polycarpo Quaresma* aparece citado algumas vezes nos escritos de Lima Barreto, mas em contextos que não nos interessam aqui (como de distribuição de exemplares e brevíssimas referências a críticos que a comentaram em periódicos e dissertações).

1917

Sem data

Há dous acréscimos a fazer no *Polycarpo*: o requerimento do maníaco que quer ser major por ter dous galões, como tenente honorário, e outros dous, como tenente reformado, pois a soma 2 + 2 = 4 dá o número de galões de major; e falar nas cobras – a morte do Dicomarte.[27]

[26] BARRETO, Lima: *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Allca XX / Scipione Cultural, p.283. Outras folhas estão facsimiladas nas pp.280, 284 e 285.
[27] BARRETO, Lima: *Um longo sonho do futuro*, p.132.

III.

Episódios da vida do Major Quaresma

a.

Edição corrente.

Qui est content n'a rien à dire.
A. Kan.

Folha 3, frente.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I

A lição de violão

_____

COMO DE HÁBITO, POLYCARPO QUARESMA bateu em casa às 4 e 15. Há mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, parava aqui e ali, bongava pelas confeitarias algumas frutas (maçãs), comprava um queijo e sempre o pão da padaria francesa, tomava o bonde de 3 e 40 e, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira de sua casa, numa rua afastada de S. Januário, às quatro e quinze da tarde, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse ou outro fenômeno astronômico.

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se às 4 1/2, logo que o viam, a dona gritava à criada: "Alice, olha são horas de pôr a mesa: o Major Quaresma já passou". Era assim todo o dia, há quase trinta anos.

Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos que não o seu ordenado, o Major gozava na vizinhança de certa consideração e respeito. Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos, que o julgavam esquisito e misantropo. Ultimamente, porém, mudara um pouco; e isso provocara comentários no bairro. Além do compadre e a filha, /4fr./ as únicas pessoas que o visitavam até então, nos últimos dias era visto entrar em sua casa, três vezes por semana, em dias certos um senhor com um violão agasalhado numa bolsa de-camurça. Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria? E, na mesma tarde, uma das mais lindas vizinhas do Major convidou uma amiga e ambas levaram um tempo perdido de cá para lá, a palmilhar o passeio, esticando a cabeça quando passavam diante da janela aberta do esquisito subsecretário.

Não foi inútil a espionagem. Sentado no sofá, tendo ao lado o tal sujeito, empunhando o pinho na posição de tocar, o Major atentamente ouvia: "Olhe, Major, assim é *ré*". E as cordas vibravam vagarosamente a nota ferida. Mais não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o Major aprendia a tocar violão. Mas que cousa! Um homem tão sério, metido nessas malandragens!

Uma tarde de sol – que sol! Claro de Março, forte e implacável –, ali pelas horas em que chegava o Major, as janelas se povoaram rápida e repentinamente, de um e de outro lado da rua. Até da casa do General, vieram as moças à janela. Que era? Um batalhão? Um incêndio? Nada disso: O Major Quaresma de cabeça baixa, em pequenos e seguros passos de boi do campo, subia a rua com um violão debaixo do braço.

/5fr./ É verdade que a guitarra vinha pudicamente embrulhada, mas o embrulho não lhe escondia inteiramente as formas. À vista disso, a consideração e o respeito que o Major Polycarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa diminuíram um pouco. Estava devidamente [*ilegível*]... Ele, porém, continuou serenamente nos seus estudos, mesmo porque não percebeu essa diminuição.

Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava *pince-nez* e olhava baixo, como se se guiasse pela ponta do *cavaignac* que lhe enfeitava o queixo. Vestia-se sempre de fraque e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas.

Quando entrou, sua irmã lhe perguntou:

– Jantas já?

– Ainda não. Espere um pouco, o Tibullo, que vem jantar conosco.

– Você não deixa esse seresteiro, esse capadócio...

– Seresteiro! Capadócio! Eis aí o preconceito e a ignorância! A modinha é o gênero poético verdadeiramente nacional, mana! Já esteve em fama nos salões de Lisboa, [*ilegível*] pela nobreza de Roma... Que culpa tem ela agora que os malandros a estragaram!

– Bem, bem, Polycarpo, eu não /6fr./ te quero contrariar. Continua lá com as tuas idéias...

O Major entrou para um aposento próximo, enquanto sua irmã seguia em direitura do interior da casa, despiu-se, lavou-se, enfiou a roupa de casa e veio a sentar-se numa cadeira de balanço, no centro de sua biblioteca.

Era uma sala vasta, forrada em toda extensão de estantes de ferro. Havia perto de dez grandes; fora as pequenas com os livros de maior tomo. Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros, havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião. Havia, na ficção, só autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopéia*; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar todo, o Macedo, o Gonçalves Dias todo, além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de 70 para lá faltava nas estantes. De Histórias do Brasil, era farta a messe: os cronistas, o Rocha Pita, o Frei Vicente de Salvador, o Southey, o Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. Então, no tocante a viagens /7fr./ pelo Brasil, que riqueza! Lá estavam o Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, o Maximiliano von Neuwied, o von Eschwege, o Agassiz; e se se encontravam também Darwin, Cook, Bougainville, é porque vividamente eles tocaram no Brasil. Nem o Pigafetta, o cronista de viagem de Magalhães, escapou.

Vê-se logo que a sua predileção pela poética do *Colombo* e da *Confederação dos Tamoios* não lhe vinha de uma ignorância irremediável nas línguas literárias da Europa. Ao contrário: o Major conhecia bem sofrivelmente francês, inglês e alemão; e se não falava tais idiomas, lia-os corretamente. A razão tinha de ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento que guiava sua vida. O Major Polycarpo Quaresma era patriota.

Desde moço, ele se sentira tomado de um grande amor pelo argumento político que presidia os seus destinos. Não se sabia bem onde nasceu, mas não fôra decerto nem em S. Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Não era bairrista; era brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de sua terra, tanto assim que o que lhe fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, /8fr./ não era o café de S. Paulo, não

eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a grandeza do Amazonas, não era a beleza da Guanabara, não era a cachoeira de Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias nem a composição de Carlos Gomes ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso junto, reunido, fundido sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos 16 anos quis fazer-se militar, mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a pátria. O Ministro era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a *terra que o viu nascer*. Impossibilitado de cobrir-se com os dourados do Exército, procurou a administração, e dos seus ramos escolheu o militar. Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de gôsto de pólvora, de nomes de canhões, de termos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da pátria.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política.

/9fr./ Sabia as espécies de minerais que existiam nas entranhas do Brasil, sabia o valor do ouro que Minas tinha exportado, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai e as nascentes e o curso de todos os rios do Brasil. Não havia quem o batesse na geografia comparada. Defendia a proeminência do Amazonas sobre os demais rios do mundo. Se alguém lhe dissesse que o seu curso era inferior ao do Nilo, procurava mostrar-se tão original em sua avaliação. Mesmo que assim seja, acrescentava orgulhoso, o nosso grande rio equatorial é o primeiro em volume d'água.

Havia um ano a esta parte que /10fr./ se dedicava ao Tupi, à língua geral. Não se sabia bem qual o destino que iria dar a essa sabedoria, mas o certo é que com aquilo ele passava a noite sobre velhos alfarrábios jesuíticos em que essa língua é ensinada. Na repartição, os pequenos amanuenses e escreventes, tendo sabido desse seu estudo do tupiniquim, já brincavam a chamá-lo de Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto distraído, não reparando com quem falava, disse em tom chocarreiro: "Você já viu? Hoje o Ubirajara não veio".

Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de sua vida impunham que se lhe respeitasse. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em insultos e doestos. Endireitou-se, consertou o *pince-nez*, levantou o dedo no ar e respondeu:

– Sr. Azevedo, não seja leviano. Não leve ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio para a grandeza e emancipação da pátria.

Nesse dia, Quaresma pouco conversou. Era costume seu, assim pela hora do café, /11fr./ transmitir aos companheiros o resultado de seus estudos, as descobertas feitas no seu gabinete de trabalho sobre a riqueza e grandeza do Brasil. Um dia era o petróleo, que ele lêra não sei onde que se encontrava no sertão da Bahia; outra vez, era um outro exemplar de árvore de borracha, existente nas margens do S. Lourenço, em Mato Grosso; outra era um sábio, uma notabilidade, cuja bisavó era brasileira; e quando não tinha descoberta a trazer, contava o curso dos rios, as sua extensão de navegabilidade, os melhoramentos insignificantes de que careciam para se prestarem ao percurso de grandes bacias desde a foz à nascente. Ele amava sobremodo os rios; as montanhas eram-lhe indiferentes. Pequenas.

Os outros ouviam-no calados e ninguém, a não ser o tal Azevedo, se animava na sua frente a lhe fazer a mínima objeção. Ao voltar ele as costas, vingavam-se os companheiros da cacetada, cobrindo-o de imprecações e [*ilegível*]:

– Este Quaresma! Que cacete! Porque não vai ensinar geografia a meninos! Leva-nos cá a andar com [*ilegível*], [*ilegível*], S. Franciscos!

/12fr./ Naquele dia, porém, o suboficial chamá-lo de Ubirajara fizera-o sofrer. Manteve-se calado, fazendo o seu expediente, e só veio a falar quando alguém, suspirando, disse na sala: "Ah! Meu Deus! Quando poderei ir à Europa!". Quaresma não se conteve: levantou o olhar, concertou o *pince-nez* e falou:

– Ingrato! Tens uma terra tão bela e queres visitar a dos outros! Eu, quando tiver dinheiro, hei de visitá-la todinha.

– Ora! disse o outro. Já vem ter com o teu patriotismo... Neste país aí só tem mosquitos e febres... O senhor pensa...

– Qual, objetou Quaresma, é um clima caluniado; ao contrário, é um dos mais saudáveis do globo.

E provou exuberantemente que o clima do Amazonas era o melhor do globo, e as moléstias lá reinantes eram devidas unicamente aos abusos alcoólicos e de outra natureza.

Era assim o nosso amigo Major Polycarpo Quaresma que acabava de chegar /13fr./ à sua residência às 4 e 15 da tarde, exatamente, como se fosse a aparição de um astro ou [*ilegível*] um eclipse. No mais, era um homem como todos os outros de instrução, a não ser aqueles que têm ambições políticas ou monetárias, porque ele as não tinha em mínimo grau.

Chegando à biblioteca, sentou-se e abriu num instante o seu poeta favorito, o Porto Alegre, das *Brasilianas*. Começou a ler uma delas, mas não pôde ir até o fim. Batiam à porta.

– Tardei, Major? perguntou o visitante.

– Não. Chegaste à hora.

A pessoa que acabava de chegar chamava-se Tibullo Coração dos Outros e era uma celebridade. No começo, a sua fama estivera limitada a um pequeno subúrbio da cidade, em cujos saraus ele e o seu violão figuravam como Paganini e a sua rebeca em festas de Duques. Aos poucos, passou dos [*ilegível*] para toda a extensão dos subúrbios; mas não se julgue que ele fosse um cantor de modinhas por aí, um capadócio de engenho. Não; era um artista a freqüentar e a honrar as melhores famílias do Méier, Piedade e Riachuelo. Rara era a noite em que não tivesse um convite. Fosse na casa /14fr./ Capitão Rocha, do Tenente Gastão, do Doutor Bulhões, ele sempre constituía um belo [*ilegível*] e era renomado. O Doutor Bulhões até tinha pelo Tibullo uma admiração especial, um delírio, um frenesi; e, quando o trovador cantava, ficava em êxtase.

– Gosto muito de canto, dizia o doutor, mas só duas pessoas me enchem as medidas: o Camilo e o Tibullo.

Esse doutor tinha uma grande reputação nos subúrbios; não como médico, porque nem óleo de rícino receitava; mas como entendido em cousas do Telégrafo Geral, de cuja Secretaria era chefe de seção.

Dessa forma, Tibullo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos com casa própria, de pequenos negociantes do lugar e de fora, de médicos com alguma clínica, de proprietários de uma avenida; e é essa gente que

formava a nata, a elite, o suco dos subúrbios, em cujas ruas, bailes e festas impa com tanto contentamento, e com mais força que a burguesia de Botafogo e de Petrópolis. Isto é só lá, nos bailes, ou nas ruas, nas festas e nos [*ilegível*], onde se algum deles vê um tipo mais ou menos, /15fr./ olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que eu te dou um prato de comida. Porque o orgulho deles está em ter todo o dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne seca, muito ensopado – aí, julgam eles, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção. Fora dos subúrbios, na rua do Ouvidor, na Avenida, nos teatros, não há gente mais humilde, mais chata, chegando até as suas mulheres e filhas a perderem a beleza com que animam diariamente os inumeráveis bailes daquelas redondezas.

Tibullo, depois de ser o poeta e o cantor dessa gente, extravasou e passou à cidade. Já tinha chegado a S. Cristóvão, em breve Botafogo (ele esperava) convidá-lo-ia, pois os jornais já falavam nele e comentavam o alcance de sua obra e o valor de sua poesia. Mas que vinha fazer ele ali, na casa de pessoa de propósitos tão altos e tão severos hábitos? Não é difícil atinar.

Decerto, não vinha auxiliar o Major Quaresma nos seus estudos de geologia, de poética, de mineralogia, de história brasileira. Embora Tibullo se julgasse fisiologista, /16fr./ porque sabia que o coração é como uma bomba que irriga de sangue todo o corpo humano, não vinha ali senão para ensinar ao Major Quaresma tocar violão e cantar modinhas. Era esse o fim de suas visitas.

O Major, conforme a sua paixão dominante, estivera muito tempo a estudar a expressão poético-musical genuinamente brasileira. Inclinara-se para o recitativo; mas, em poucos dias, adquiriu a certeza que era a modinha com violão. Não teve dúvidas: procurou saber quer era o primeiro tocador da cidade e contratou as musicais lições. Naquele dia, Tibullo, antecedendo a lição, iria jantar com o seu discípulo, e fôra por isso que viera mais cedo.

– Já sabe dar o *ré* sustenido, Major?

– Já.

– Vamos ver.

Não houve tempo. D. Adelaide, a irmã do Major, entrou, convidando-os a jantar. A sopa já fumegava na mesa, que fossem!

/17fr./ – O Sr. Tibullo há de nos desculpar, disse D. Adelaide, a pobreza do nosso jantar. Polycarpo não quis senão artigos nacionais, de modo que não lhe pude dar um jantar como quis.

– Como, Adelaide? A sua terra, que tem todos os produtos do mundo, não pode fornecer um jantar que preste?

– A manteiga, já não está boa...

– É porque é de leite... Se fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas com gorduras de esgotos, talvez não se estragasse... É isto, Tibullo, essa gente não quer nada nacional.

– Em geral é assim, disse Tibullo.

– Cá comigo não há isso... De tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Olhe, está vendo essa bota, é do [*ilegível*], estes sapatos do Cuiabá – tudo comigo é nacional.

Sentavam-se agora. Quaresma agarrou uma pequena garrafa de cristal e serviu dous cálices de parati.

– É do programa nacional, fez D. Adelaide.

– Decerto, e muito bom. Esses vermutes por ai, /18fr./ drogas! Isto aqui é álcool puro, bom, de cana, não é cá de batatas ou milho...

Tibullo agarrou o cálice naturalmente, levou-o aos lábios na ponta dos dedos, e foi como se todo ele bebesse o licor nacional.

– Está bom, hein? indagou o Major.

– Magnífico, fez Tibullo, estalando os lábios.

– É de Angra. Agora tu vais ver que magnífico vinho do Rio Grande temos... Qual Borgonha! Qual Bordeaux! Temos aqui melhores...

E o jantar correu assim nesse tom. Quaresma não se cansava de elogiar os produtos nacionais, a banha, o arroz, a [*ilegível*]. D. Adelaide fazia pequenas objeções e Tibullo dizia – "é, é, não há dúvida" – rolando muito os olhos pequenos, franzindo a testa diminuta que se sumia no cabelo áspero, forçando toda a sua fisionomia medida a adquirir uma expressão sincera de delicadeza e satisfação.

Acabado o jantar, foram ver o jardim. Era uma maravilha; não tinha nem uma flor. Certamente não se podia tomar por tal míseros beijos-de-frade, palmas-de-santa-rita, tristes manacás rosas e brancos, e outros /19fr./ belos espécimes dos nossos campos e prados. Como em tudo o mais, o Major Quaresma era em jardinagem essencialmente nacional. Nada de rosas, crisântemos, magnólias, cravos – flores exóticas; as nossas terras tinham outras mais belas, mais expressivas, mais olentes, como aquelas que ele tinha ali.

Tibullo ainda uma vez concordou e os dous entraram para a sala, quando o crepúsculo vinha vindo devagar, muito vagaroso, lento, como se fosse saudoso adeus do sol ao deixar a terra.

Mal foi aceso o gás, Tibullo empunhou o violão, afinou, apertou as cravelhas, correu a escala, abaixando-se sobre o instrumento, como se quisesse beijá-lo. Tirou acordes e dirigiu-se ao discípulo, que já tinha o seu em posição:

– Vamos ver. Tire a escala, Major.

O Major Quaresma preparou os dedos, afinou um instante, mas não havia nele nem apuro ou firmeza, nem o aquele dengue, o langor com que o mestre fazia a operação.

– Olhe, Major, é assim.

E mostrava a posição do instrumento, indo do colo ao braço esquerdo estendido, seguro levemente pelo direito; em se/20fr./guida acrescentou:

– Major, o violão é o instrumento da paixão. Precisa de peito para falar... É preciso encostá-lo, mas encostá-lo como se fosse a amada, a noiva, para que diga o que sentimos... Ele não tem voz, somos nós que falamos nele.

Diante do violão, Tibullo ficava loquaz, cheio de sentenças, todo ele fremindo de paixão pelo instrumento desprezado.

A lição durou uns cinqüenta minutos. O Major sentiu-se cansado e pediu que o mestre cantasse. Era a primeira vez que o Major lhe fazia esse pedido; Tibullo sentiu-se lisonjeado, mas, [*ilegível*] de acordo com sua fama e prestígio, negou-se:

– Oh! Não tenho uma nova composição minha. É melhor outra vez.

D. Adelaide entrava: e falou assim:

– Cante uma de outro.

– Oh! Por Deus, minha senhora! Eu só canto as minhas. O Bilac – conhecem? – quis fazer-me uma modinha, eu não aceitei. Você não entende de violão, *seu* Bilac, disse-lhe eu. A questão não está em escrever uns versos certos que digam cousas /21fr./ bonitas; o

essencial é achar as palavras que o violão quer, pede e deseja. Por exemplo: se eu dissesse, como em começo quis, n'*O Pé*, uma modinha minha; "o teu pé é uma folha de trevo" - não ia com o violão. Quer ver?

E ensaiou em voz baixa, acompanhado pelo instrumento: "o teu pé é u-ma fo-lha de tre-vo".

– Vê, continuou ele, não dá; agora vejam: "o teu pé é uma ro-sa de mir-ra". É outra cousa, não acham?

– Não há dúvida, disse-lhe D. Adelaide.

– Cante esta, convidou o Major.

– Não, objetou Tibullo. Está velha. Vou cantar a *Promessa*, conhecem?

– Não.

– Oh! Anda por aí como as Pombas do-Raimundo.

– Cante lá, Sr. Tibullo, pediu D. Adelaide.

– Vamos lá, disse ele.

Afinou o violão, fez a entrada e começou em voz fraca:

Prometo pelo Santíssimo Sacramento
Que serei tua paixão.

– Vão vendo, disse ele, num intervalo, /22fr./ quanta imagem; e continuava.

As janelas estavam abertas, moças começaram a chegar, a calçada encheu-se; e, sentindo que a rua se interessava, Tibullo foi levantando a voz, apurando a dicção, [*ilegível*] as sílabas, dando grandes estalos com as cordas. Os olhos estacavam-lhe esbugalhados, a saltar das órbitas, como se o enforcassem; e, quando acabou, as palmas soaram de todos os lados e uma moça bateu procurando D. Adelaide.

Era o vizinho General Breves que, por aquela sua filha, mandava convidar o trovador para cantar na casa dele.

* * * * *

Folha 23, frente.

PRIMEIRA PARTE
Capítulo II

Reformas radicais

_____

HAVIA BEM DEZ DIAS QUE O MAJOR Quaresma não saía de casa. Na sua meiga e sossegada casa de S. Cristóvão, ele enchia os dias da forma mais útil e agradável às

necessidades do seu espírito e do seu temperamento. De manhã, depois da *toilette* e do café, sentava-se no divã da sala principal e lia os jornais. Lia-os todos, porque não havia um em que não esperasse encontrar uma notícia curiosa, uma idéia útil à sua cara Pátria. Os seus hábitos burocráticos faziam-no almoçar cedo, e, embora estivesse de férias, para os não perder, continuava a tomar a primeira refeição de garfo às nove e meia da manhã. Acabado o almoço, dava umas voltas pela chácara, chácara de frutas nacionais, em que a pitanga e o cambuí recebiam o mais cuidadoso tratamento da pomologia, como se fossem cerejas e figos.

O passeio era demorado e filosófico. Conversando com o preto Anastácio, que o servia, sobre cousas antigas, o casamento das princesas, a quebra do Souto e outras. O Major continuava a pensar nos problemas que o ocupavam ultimamente. Após uma hora e pouco, voltava à sua biblioteca e mergulhava nas *Revistas do Instituto*, /24fr./ no Fernão Cardim, nas cartas de Nóbrega, nos *Anais da Biblioteca*, no von den Stein, no [*ilegível*], no Lévy, no Hans Staden, e tomava notas sobre notas, que ia guardando numa pequena pasta ao lado. Estudava os índios. Não fica bem dizer que estudava, porque isso já o fizera há bem anos, não só no tocante à língua, que já quase falava, como também nos simples aspectos etnográficos e antropológicos. Recordava (é melhor dizer assim), afirmava certas lembranças dos seus estudos, visto estar organizando um sistema de cerimônias e festas que se baseasse nos costumes dos nossos silvícolas e abrangesse todas as relações sociais.

Para bem se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o Major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões; chegava agora ao período da frutificação. O sentimento que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo, o seu grande amor à pátria vinham no momento impeli-lo a árduas empresas em favor dela. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque, em si (era a sua opinião), a grande pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra. Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais, todos os animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira e mais doce do mundo – o que /25fr./ precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade. Portanto, dúvidas não flutuavam mais no seu espírito quanto aos frutos essenciais, mas no que se referia à originalidade de costumes e usanças, absolutamente não se tinham elas dissipado, antes se transformaram em certeza dias depois de assistir em casa do General a folia do *Tangolomango*.

Caso foi que a visita do Tibullo e do seu violão ao General veio despertar em toda redondeza uma paixão pelo *folk-lore* nacional. Aquela entrada triunfal pela sala do bravo militar do instrumento que o padre Caldas e Gregório de Matos humilharam, despertou em todos o desejo de sentir, de sonhar, de poetar à maneira do povo que ainda o fazia. A modinha era pouco; exigiu-se cousa mais plebéia, mais característica da alma nacional.

Quaresma ficou encantado, quando o General lhe falou em fazer uma chegança, à moda do Norte.

Ele pensara até ali pouco nisso, nessas cousas de festas, de tradições, de danças, mas em instantes viu logo a significação altamente patriótica do intento. Mas quem havia de ensaiar, de dar os versos e a música? Alguém lembrou a tia Maria Rita, uma preta velha, que morava em Benfica. Lá foram os dous, o General Breves e o Major Quaresma.

– Boas tardes, minha velha.

/26fr./ – Boas tarde, meus brancos, respondeu a preta.

E a velha preta olhou espantada para aqueles dous desconhecidos bem vestidos que lhe penetravam tão fora de propósito pela cabana adentro. Que diabos queriam eles? Esses sabe lá se não são da polícia e julgam que sou feiticeira? falava ela de si para si. O General adiantou-se.

– Minha velha, nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas.

– Quem *sô* eu, Ioiô!

– Ora! Vamos... Não perdes nada, [*ilegível*]... Você não sabe o *Bumba meu boi*?

– *Quá*, Ioiô, já *mi esqueceu*.

– E o *Boi Espácio*?

– Cousa *veia*, do tempo do cativeiro, – *pra* que Ioiô *qué sabê* isso?

– É para uma festa... Qual é que você sabe?

– Só sei o *Bicho Tutu*.

– Cante lá.

– Ioiô não sabe? *Quá*, sabe!

– Qual, não sei, cante!

E a preta velha, talvez com que grandes saudades do tempo que era ama de alguma grande casa, farta e rica, entoou:

É vêm tutu
Por detrás de murundu
Pra cumê sinhozinho
C'um bocado de angu.

/27fr./ – Ora! fez o General com enfado, isso é cantiga de embalar crianças. Você não sabe outra?

– Não, *sinhô*. Já *mi esqueceu*.

Os dous saíram tristes. Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava tradições de trinta anos passados? Com que rapidez esqueciam as suas festas e os seus cantos? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles outros povos que os guardavam durante séculos e séculos. Era preciso reagir.

O General Breves vinha simplesmente contrariado. Contava arranjar aí um pretexto decente para dar uma festa e escapava-lhe. Era quase a esperança de casamento de uma das sete filhas que se esvaia.

O crepúsculo chegava e eles entraram em casa mergulhados na melancolia da hora.

A decepção, porém, durou dias; tiveram notícia de que, nas imediações, morava um sábio literato, teimoso cultor dos contos e canções populares do Brasil. Foram a ele. Era um antigo poeta de antes de setenta que se fizera esquecer em vida. Signo de que o seu intelecto não mais se aficcionava com o mundo dos tempos presentes, encaminhava a sua atividade para a poesia popular. Vivia a colecionar contos, canções, tradições, ditados e adágios. De quando em quando, publicava em volumes que ninguém lia.

Como ficou alegre ao receber aquelas visitas; /28fr./ eram dous discípulos, dous irmãos do seu espírito; em seus sessenta anos, incendiava-se de satisfação e [*ilegível*], vendo na pessoa daqueles dous homens o sentido de 20 anos de trabalho. Falaram-lhe.

– Vamos por parte, disse ele, *O Boi Espácio* ou *Ranchos de Reis* ainda é muito para vocês. Façamos com paciência. É melhor começarmos pelo *Tangolomango*. Arranjem dez

crianças, uma máscara de velho, uma roupa estrambótica para um dos senhores que eu ensaio.

Assim fizeram. Quaresma fez o *Tangolomango*, isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do General, pôs uma imensa máscara de velho, agarrou-se a um bordão e entrou na sala. As crianças cantaram:

Uma mãe teve dez filhos
Todos dez dentro de um pote;
Deu o Tangolomango neles
Não ficaram senão nove.

Quaresma avançava, batia o bordão no assoalho, fazia: Ú! Ú! Ú! ; as crianças fugiam, afinal ele agarrava uma e levava para dentro. Assim foi fazendo com grande alegria da sala repleta; mas, quando chegou na quinta estrofe, faltou-lhe o ar, ficou-lhe a vista turva, tropeçou e caiu. Tiraram-lhe a máscara, deram-lhe algumas sacudidelas, fizeram-no aspirar sais e Quaresma escapou assim da apoplexia.

O acidente, entretanto, não o fez desanimar. /29fr./ Pôs-se a estudar o *folk-lore*, comprou livros sobre livros; mas a decepção lhe veio ao fim de algumas semanas de estudo. Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras; o próprio *Tangolomango* o era. Tornava-se preciso arranjar alguma cousa própria, original, saída da nossa própria terra. Essa idéia levou-o a estudar os costumes tupinambás; e, como uma idéia traz outra, ampliou o seu propósito e eis a razão porque estava organizando um código relações, de cumprimentos, de cerimônias e festas, calcado nos preceitos dos tupis. Desde dez dias que se estava ele entregue a essa árdua tarefa, quando lhe bateram à porta, no meio do trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido o filho mais moço. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha ficaram estupefatos na soleira da porta.

– Mas que é isso, compadre?

– Que é isso, Polycarpo?

– Que é isso, meu padrinho?

Ele ainda chorou um pouco, depois, explicou:

– É isso. Vocês não têm a mínima noção das cousas da nossa terra. Queriam que eu apertasse /30fr./ a mão do Vicente e beijasse a filha – isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos; era assim que faziam os Tupinambás.

O seu compadre Vicente, a filha e D. Adelaide entreolharam-se. O homem estaria doido? Que extravagância!

– Mas, Sr. Polycarpo, disse-lhe o compadre, é possível que isto seja muito brasileiro, mas é bem triste.

– Decerto, padrinho, acrescentou a moça, parece agouro...

Esse seu compadre era italiano. A história das suas relações vale a pena contar. Quitandeiro ambulante, fôra fornecedor da casa de Quaresma havia vinte e tantos anos. O Major já tinha as suas idéias patrióticas, mas não desdenhava conversar com o quitandeiro e até gostava de vê-lo sujo suado, com duas rosas vermelhas nas faces muito brancas de europeu recém-chegado. Um belo dia, o Major ia pelo Largo do Paço, muito distraído, a pensar nas maravilhas arquitetônicas do chafariz do Mestre Valentim, quando veio a

encontrar-se com o mercador ambulante. Falou-lhe com aquela simplicidade d'alma que era bem sua, e notou que o rapaz tinha alguma preocupação séria. /31fr./ Não só de quando em quando soltava interjeições como também cerrava os lábios e crispava raivosamente os punhos. Interrogou-o e veio a saber que tivera uma questão de dinheiro com um seu colega, estando disposto a matá-lo, pois perdera o crédito e em breve estaria na miséria. Quaresma acalmou-o, dissuadiu-o de seu propósito assassino e emprestou-lhe quinhentos mil-réis. Vicente Coleoni pôs uma quitanda, ganhou uns contos, fez-se empreiteiro, enriqueceu, casou e convidou para compadre o seu benfeitor. Inútil é dizer que Quaresma não notou a contradição entre as suas idéias patrióticas, políticas, e o seu ato.

É verdade que ele não as tinha ainda muito firmes, mas já flutuavam na sua cabeça e reagiam sobre a sua consciência como veleidades, tênues desejos, que fincavam raízes e só esperavam os anos para desabrochar em atos.

Fôra pois ao seu compadre Vicente e à sua afilhada Lúcia que ele recebera com o mais legítimo cerimonial Tupinambá, e se não envergara o traje de rigor de tão interessante povo motivo não foi o não tê-lo. Estava até à mão, mas faltou-lhe tempo para despir-se.

– Lê-se muito, padrinho? perguntou-lhe a afilhada.

Havia entre os dous uma grande afeição. A menina sentia confusamente alguma cousa de superior no padrinho, uma ânsia, um sonho. /32fr./ Aqueles seus livros, aquela sua atividade, parecia desenvolver nele um vôo para as altas regiões do espírito. Lúcia habituara-se a ele, às suas predileções e, com a idade, quisera ver bem o padrinho, descobrir-lhe o pensamento, o sonho íntimo. Fôra com aquele seu olhar frio a sair-lhe como uma flecha dos grandes olhos meigos que perguntou:

– Então, padrinho, lê-se muito?

– Muito, minha filha. Imagina tu que medito grandes obras, uma reforma, a emancipação de um povo.

Vicente fôra com D. Adelaide para o interior da casa e os dous conversavam a sós na sala dos livros. A afilhada notou que Quaresma tinha alguma cousa de mais. Falava com tanta segurança, ele que antigamente era tão modesto, hesitante no falar. – Que diabo! Não, não era possível... Mas, quem sabe? Que singular alegria havia nos seus olhos – uma alegria de matemático que resolveu um problema, de inventor feliz...

– Não se vá meter em alguma conspiração, disse Lúcia gracejando.

– Não, não te assustes. A cousa vai naturalmente, não é preciso violências.

O Tibullo bateu à porta e Quaresma foi abri-la. Ele entrou com o seu longo e rabudo fraque de sarja, /33fr./ e o seu violão encapotado em camurça. Quaresma fez as apresentações.

– Já o conhecia de nome, Sr. Tibullo, fez a moça.

Tibullo encheu-se de um estranho contentamento.

A sua fisionomia minguada dilatou-se ao brilho satisfeito do olhar. Aquela moça que parecia rica, fina e bela conhecia-o – era uma satisfação. Ele, [*ilegível*], tão parvo, tão atrapalhado, quando se encontrava diante das moças, fossem de condição fina, animava-se, soltava a língua e falava muito.

– Leu então os meus versos, não é minha senhora? perguntou ele.

– Não tive esse prazer, mas li há dias uma apreciação sobre um trabalho seu.

– No "Tempo", não foi?

– Foi.

– Muito injusta! Todos os críticos se atêm a essa questão de metrificação. Dizem que os meus versos não são versos... São, sim, mas são versos para violão. Vossa Excelência sabe que os versos para música têm alguma diferença dos versos comuns, não há, portanto, nada a admirar que os meus, feitos para violão, sigam outra métrica e outro ritmo, não acha?

– Decerto. Mas parece-me que o senhor faz versos para a música e não música para os versos.

E ela sorriu devagar, enigmaticamente, enquanto /34fr./ Tibullo lhe sondava a fisionomia com os seus miúdos olhos de pequeno roedor. Quaresma, que até ali estava calado, interveio:

– O Tibullo, Lúcia, é um artista, tenta levantar o violão...

– Eu sei, meu padrinho.

– Entre nós, minha senhora, falou Tibullo, não se levam a sério essas tentativas nacionais; mas, na Europa, todos respeitam e auxiliam. Como se chama aquele poeta que escreveu em francês popular, Major?

– Mistral, Tibullo; mas não é francês popular; é a *langue d'oc*, o provençal.

– Sim, é sim. Pois o Mistral não é considerado, respeitado? Eu, no tocante ao violão, estou fazendo o mesmo trabalho.

– Continue na tentativa, Sr. Tibullo, que é muito simpática.

– Obrigado. Fique certa, minha senhora, que o violão é um belo instrumento e tem dificuldades muito grandes. Por exemplo...

– Qual! interrompeu Quaresma. Há outros mais difíceis...

– O piano? fez Tibullo.

– Que piano! O maracá, a inúbia...

– Não conheço.

– Não conheces? Os instrumentos mais nacionais /35fr./ possíveis – instrumentos dos nossos antepassados, daquela gente valente que se bateu e ainda se bate pela posse desta linda terra – os caboclos!

– Instrumento de caboclo, ora! disse Tibullo.

– De caboclo! O Léry diz que são muito sonoros e agradáveis de ouvir... Se é por ser de caboclo, o violão é um instrumento de capadócio.

– De capadócio, Major! Não diga isso...

E dous ainda discutiram acaloradamente diante da moça, surpresa, atarantada, sem atinar, sem explicar aquela inopinada transformação de gênio do seu doce e sossegado padrinho...

* * * * *

Folha 36, frente.

PRIMEIRA PARTE
Capítulo III

[A notícia do Genelício][28]

_____

– ENTÃO, QUANDO SE CASA, D. ISMÊNIA?

– Em Março. Cavalcanti já está formado.

Afinal a filha do General podia responder com segurança à pergunta que se lhe fazia há cinco anos. O noivo finalmente encontrara o fim do seu curso de dentista e marcara o casamento para dali a três meses. A alegria foi grande na família, e, como em tal caso, uma alegria não podia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para oito dias depois do pedido da pragmática, um sábado.

As irmãs da noiva, Xandoca, Dudu, Maricas e Vivi estavam mais contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fôra a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem.

/36vs./ Noiva há quatro anos, Ismenia já se sentia meio casada. Esse sentimento junto à sua natureza pobre não lhe fazia ter mais [*ilegível*] nem mais alegria. Casar, para ela, não era negócio de paixão, não era cousa que se inseria em sentimentos ou em sentidos; era uma idéia. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, porque quando se casar"; ou senão: "Você precisa aprender a pregar botões, porque, quando você se casar, se seu marido não puder..."

De mais, no colégio, a preocupação era a mesma, pois de cá àquela palha se falava de casar. Ainda, o mundo, a sociedade inteira dos sentimentos e das idéias, para aquele cerebrozinho nada era; casar era tudo.

De natureza pobre, sem capacidade para sentir qualquer cousa intensamente, sem quantidade para a paixão ou para um grande afeto, só uma cousa se incrustou teimosamente na sua inteligência, pontuou por toda ela, como uma mania, uma obsessão: casar.

Era até instigante, com os seus traços miúdos, o seu narizinho mal feito, mas /37fr./ galante, não muito baixa nem muito magra; e com sua aparência de bondade preguiçosa, de indolência de corpo, de idéia e de sentidos. Aos dezoito anos arranjou aquele namorado, e à fraqueza de sua energia e ao temor de não encontrar marido o futuro dentista apareceu-lhe como uma salvação.

O pai fez má cara. Soube logo, pois ele estava sempre ao par dos namoros das filhas: "Diga-me sempre Maricota", dizia ele, "quem são, melhor prevenir que curar... Pode ser um valdevinos e..." Que era um dentista? Um cidadão semiformado; demais, não tinha montepio, nem meio soldo. Ele preferia um alferes, mas a mulher convencera-o que dentista dava, ganhava muito dinheiro e ele acedeu. O noivo começou a freqüentar a casa como noivo *paisano*, isto é, ainda que não pediu, que não é oficial; e no fim do primeiro ano, sabendo das dificuldades com que lutava para acabar os seus estudos, o General foi em seu socorro, pagou-lhe matrículas, /37vs./ livros e outras cousas. Até para evitar-lhe despesas, convidou-o a jantar todo o dia em casa e assim o namoro foi correndo até ali.

[28] O capítulo não possui título no manuscrito, por isso reproduzo o da versão impressa. Noto, no entanto, que a "prestativa" personagem, Genelício, futuro cunhado do General, não existe ainda aqui.

"Enfim", dizia ele na noite do pedido à mulher, "a cousa vai acabar". "Felizmente", respondia-lhe D. Maricota, "descontamos esta letra".

Esta sua satisfação resignada era, porém, falsa. O General estava radiante. Na rua, se encontrava alguém, um camarada, no primeiro momento lá dizia ele: "É um inferno, esta vida, Castro. Ainda por cima ainda tenho que casar uma filha em Março..." "Qual delas?" perguntava o amigo. "A segunda, a Ismenia"; e logo acrescentava. "Você é que é feliz: só teve filhos". "Ah! meu amigo", fazia o outro com malícia, aprendi a receita com feiticeira..."

Despedindo-se, corria à Cooperativa Militar fazia uma encomenda de [*ilegível*], ia a uma loja de louça, comprava mais um prato, mais garfos, porque a festa devia ser imponente e ele queria que ela se revestisse de um ar de abundância, de riqueza, que bem traduzisse o seu contentamento. D. Maricota, na manhã em que ia dar festa comemorativa do pedido, ao fazer os últimos preparativos, dizia à filha:

/38fr./ – Mas, minha filha, até parece que não é você que se vai casar! Você leva com essa cara...

– Mamãe, que quer que eu faça?

– Que se mostre contente, ora. Você é o contrário de todas as noivas. Ainda está em tempo...

– Não estou triste, não, mamãe.

Durante uma hora ela se esforçou por se mostrar alegre, mas veio-lhe logo a apatia, o natural de seu temperamento, ela caía naquele semitorpor de sempre até que começaram a chegar os convidados. Além das moças, vieram o General Caldas, o Doutor Florêncio, o Capitão honorário Innocencio Bustamante, o Sr. Bastos, irmão de Dona Maricota, outras pessoas importantes com as respectivas famílias. Cavalcanti jantara com os futuros sogros e Quaresma, embora convidado, não viera.

As moças cercavam Ismenia, faziam-lhe perguntas sobre perguntas, aconselhavam casas para comprar o enxoval, os móveis, até o vestuário do futuro bebê.

Uma parte dos homens cercava Cavalcanti.

– Então, Doutor, acabou, hein?

– É verdade! Trabalhei, o senhor não /38vs./ imagina os tropeços, os embaraços, fui de um heroísmo.

– É muito bonito ser formado, dizia este. Se eu tivesse ouvido meu pai, não estava hoje a quebrar a cabeça no *Deve* e *Haver*. Hoje, torço a orelha e não sai sangue...

– O senhor estudou? perguntava Cavalcanti.

– Tinha vontade de estudar Direito.

E nos intervalos da conversa todos eles olhavam o novel dentista como se fosse um ente sobrenatural. Para o lado de Cavalcanti vinham os menos importantes; os outros cercavam o General, e enchiam de parabéns. O Capitão Innocencio aproveitou a ocasião para fazer uma consulta ao General Caldas. Caldas era entendido em legislação militar, tendo até publicado um Repertório de Legislação, e Bustamante era um demandista teimoso e renitente. Antigo voluntário da pátria, possuindo honras de Capitão, não havia dia que ele não fosse ao Quartel-General ver o andamento dos seus requerimentos. Num pedia etapa, noutro honras de Coronel, /39fr./ noutro Asilo, noutro um emprego, e assim vivia. Caldas ouviu a consulta, esteve um tempo a pensar e respondeu:

– Assim de pronto, não sei; mas vou ver. Isto anda tão atrapalhado que...

– Ah! nosso tempo, observou Breves. Quanta ordem! Quanta disciplina!

– Não há mais gente que preste, disse Bustamante.

– Onde está um Porto Alegre, um Caxias? observou Caldas.

– Eu queria ver esses meninos bonitos, cheios de matemática, em Curupaiti, hein Caldas, e você também, Innocencio?

– O senhor assistiu, não foi, General? perguntou Castro, o único paisano da roda.

– Não assisti. Adoeci e vim para o Brasil nas vésperas. Mas tive muitos amigos lá.

– Este país não vale mais nada, meus amigos, disse Bustamante. Imaginem que o meu /39vs./ requerimento pedindo [*ilegível*], está no Ministério há seis meses...

– Uma desordem, exclamaram todos.

D. Maricota aproximou-se do marido com o seu busto curto, o seu nariz levantado, [*ilegível*] seus [*ilegível*]. Pediu licença e levou-o até um canto da sala.

– Se não dançam, é porque não querem.

Deixou os amigos e foi à sala dar começo ao baile. Voltou e convidou os amigos para jogar o solo. Começaram a primeira e estavam jogando silenciosamente, enquanto o piano vibrava uma valsa cantada e [*ilegível*] na sala, quando entrou o Evans, escriturário de Búzios, homem refinado e [*ilegível*]. Descansou sua perna e falou assim:

– Sabe de uma cousa, General? O Major Quaresma está doido.

– O quê?

/40fr./ Só contou porque afirmavam. Não era só ele que assim pensava; a impressão geral era essa, quando se teve notícia do seu requerimento feito ao Congresso.

* * * * *

Folha 41, frente.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo IV

Desastrosas conseqüências de um requerimento

_____

AO ABRIR-SE A SESSÃO DAQUELE DIA da Câmara, a mesa teve que proceder à leitura de um requerimento extravagante. O burburinho e a desordem que caracterizam o recolhimento indispensável ao elevado trabalho de legislar, não permitiram que os deputados o ouvissem; os jornalistas, porém, que estavam próximos à mesa, ao ouvi-lo, prorromperam em gargalhadas, certamente inconvenientes à majestade augusta do lugar. A

sessão careceu de importância e por isso as seções dos jornais referentes à Câmara publicaram o requerimento e glosaram-no em todos os tons. Era assim concebida a petição:

> [Eu,] Polycarpo Quaresma, cidadão brasileiro, [funcionário público, certo de que a] Língua Portuguesa é em[prestada ao Brasil; certo também de que,] por esse fato, [o escrever e] o falar [em geral, sobretudo] entre as letras, se vêem na [humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos] proprietários da língua, sabendo [além, que, dentro] de meu país, os autores e es[critores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante] à correção gramatical, vendo[, diariamente, surgir] agudos problemas entre os mais [profundos estudiosos] de nosso idioma, usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir ao Congresso Nacional decrete o /42fr./ tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.
>
> O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é o mais alto expoente da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e conseqüência a sua emancipação glotológica.
>
> Srs. Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante é verdade, mas a que o polissintetismo ou [*ilegível*] dá uma feição de riqueza e originalidade, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de se pôr em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, já por ser criação de povos que aqui viviam e vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando dessa forma as controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação da língua de outros climas às nossas [*ilegível*] e ao nosso aparelho vocal, controvérsias aquelas que tantas dúvidas põem em nossas letras e tanto empecem o seu progresso.
>
> Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão perfeitamente o alcance e a utilidade da medida,
>
> P. e E. Deferimento.

Estava assinado e datado sobre duas estampilhas de 300 réis.

/43fr./ Publicado em todos os jornais, com comentários facetos, o requerimento do Major Quaresma foi, durante uma semana, o assunto de todas as conversas. Não havia quem não fizesse uma pilhéria sobre ele, quem não ensaiasse um espírito à custa da singela idéia do Major. Indagou-se quem era, de que vivia, se era casado, se era solteiro. Os jornais ilustrados encheram-se de troças à sua custa. Um caricaturista publicou até uma página de

sensação. Intitulava-se: "O Matadouro de Santa Cruz, conforme o gesto do Major Quaresma", e o desenho representava uma fila de homens a marchar para o sangradouro. Não era esta a única página referente ao caso do Quaresma; noutra havia que apresentava um açougue – "O Açougue Quaresma", chamava-se. Uma cozinheira falava ao açougueiro – "O senhor tem mão de vaca"; o carniceiro respondia: – "Não, só temos de moça, quer?"

Se os jornais tinham recebido o requerimento com facécias inofensivas, a repartição não foi assim. Aquela popularidade, aquele sucesso e aquela nomeada efêmera foram encher os seus colegas de inveja, ou secreto rancor contra ele.

– Rá! Já se viu! dizia o secretário. Este tolo dirigir-se ao Congresso e propor /44fr./ tal tolice. Pretensioso!

O arquivista declarou-o doido; o porteiro não o cumprimentava mais, e só o Agenor ficou admirado com a sua coragem de opinião, com a firmeza do seu gesto.

Os militares riram-se; houve até um diplomata doutor, que disse: a idéia não é má, mas é de um escriturário...

A extensão que o acontecimento tomou na cidade, atingiu também o palacete de Real Grandeza, onde morava o compadre Coleoni. Rico sem empreitadas e viúvo, o antigo quitandeiro retirara-se dos negócios e vivia sossegado na sua ampla casa de Botafogo. Viúvo, havia alguns anos, era uma velha cunhada quem dirigia a casa e era a filha quem encaminhava o pai nas distrações e nas festas.

Coleoni aceitava de bom coração aquela doce tirania. Queria casar a filha, casá-la a seu gôsto e bem, e não havia, portanto, de sua parte nenhum impedimento às fantasias de Lúcia.

Em começo, ele pensou em dá-la a um seu ajudante ou contramestre, uma espécie de arquiteto que não desenhava, mas projetava casas e grandes edifícios. Primeiro sondou a filha, mas, se não viu resistência, não viu assentimento e convenceu-se de que aquela vaporosidade /45fr./ da menina, aquele seu ar distante de heroína, a sua inteligência e fineza de gestos não se dariam bem com a rudeza e a simplicidade campônia de seu auxiliar. Ela quer um doutor – pensou ele, que arranje! Com certeza, não terá ceitil; mas eu tenho, e as cousas se acomodam.

Dessa forma, ele que gostava de dormir cedo, perdia noites e noites no Lírico e Bailes; ele, que gostava de estar sentado em chinelas a fumar cachimbo, consentia em andar horas e horas pelas ruas, saltitando de casa em casa de modas, e de jóias, atrás da filha. O que ele mais aborrecia, porém, era quando lhe vinham em casa as colegas de Lúcia, com suas mães, com suas irmãs; aí em tal ocasião é que sentia bem o quanto era diferente da filha, como ele estava longe da sua sociedade. Não se aborrecia muito, ele assim o quisera e a fizera, mas não deixava de afastar-se com o desprezo: era o velado desdém com que as amigas da filha e os seus parentes o tratavam.

Uma vez ou outra um mais delicado propunha-lhe jogar o *pocker*; aceitava e sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma /46fr./ roda em casa, de que fazia a frente o conhecido Senador Bezerra. Perdeu e muito, mas não foi isso que o fez suspender o jogo. O que ele perdia? Um conto ou dous contos – uma ninharia! A questão, porém, é que o Senador jogava com seis cartas. A primeira vez que Coleoni deu com isso pareceu-lhe distração do parlamentar; um homem honesto não ia fazer aquilo! E a segunda seria também? E a terceira? E a quarta? Não era possível tanta distração. Adquirindo a certeza do *Tripot*, calou-se, conteve-se com uma dignidade que não era de esperar num antigo quitandeiro e

esperou. Quando vieram a jogar outra vez e o passe senatorial foi posto em prática, Vicente Coleoni acendeu o charuto e fez com a maior naturalidade deste mundo:

– Os Srs. sabem que há agora, na Europa, um novo sistema de *pocker*?

– Qual é? perguntou alguém da roda.

– A diferença é pequena: joga-se com seis cartas.

O Senador fez-se de desentendido, continuou a jogar e ganhar, despediu-se à meia noite cheio de delicadeza, ainda fez [*ilegível*] alguns comentários sobre o jogo e não quis mais o parceiro.

Coleoni lia de manhã os jornais, quando se deparou o requerimento do compadre. Em começo, /47fr./ não quis acreditar que fosse seu compadre o autor. Era tão extravagante o caso, e os jornais ainda tornavam-no mais, que ele não quis admitir que fosse o seu antigo benfeitor o autor da história. É verdade que a última vez que o visitou... Aquilo podia bem ser pilhéria! Ele sempre o conhecera austero; sisudo, sentado com os seus livros, como é que agora ia de um instante para outro sendo, fazer-se de mistificador? Porque Coleoni, apesar de rico, tinha em grande conta o seu obscuro compadre. Havia nele não só a gratidão de camponês que recebe um grande benefício, como um duplo respeito pelo Major, oriundo da sua qualidade de funcionário e de sábio.

Europeu, de origem humilde e aldeão; guardava dentro de si aquele sagrado respeito dos camponeses seus patrícios pelos homens que recebem a investidura do Estado; e, como, apesar dos anos, ainda não tinha podido entrar na nossa nobiliarquia sabedora, tinha em grande consideração o saber do compadre, embora o soubesse sem nenhum título universitário.

Foi, portanto, com grande espanto que ele se convenceu de que tão enorme extravagância tinha partido do respeitável Major. Chamou a /48fr./ a filha, que não tardou a vir.

– Parece que teu padrinho endoideceu, disse–ele com aquela mansidão que punha nas palavras portuguesas. Lê isto.

Lúcia sentou-se a uma cadeira próxima e leu o trecho jornal; o requerimento e os comentários.

– Mas não há loucura alguma, papai.

– Como? Pois não achas? Então fazer mudar um povo de língua, *ecco*!

– Mas o padrinho naturalmente não quer fazer de uma hora para outra. Irá com o tempo...

– *Per Baccho*! Então tu achas isso cousa de juízo, hein?

– De juízo, não; mas de doido também não.

– O quê! Entenda-se?!

– É uma idéia, meu pai, é um plano, talvez à primeira vista absurdo, fora dos moldes, mas não de todo doido. É ousado, talvez...

Lúcia não julgava extravagante o ato do padrinho. Se não aprovava a idéia, sentia-a confusamente naquele gesto desordenado, o grande sonho, o grande pensamento que o determinavam. Lembrou-se de que Quaresma falava em emancipação, /49fr./ numa grande obra; e, se houve algum sentimento ao saber daquele requerimento, não foi de reprovação, ou lástima, foi de piedade simpática por aquele homem que desde a infância ela viu seguir um obscuro sonho, isolado, paciente e tenaz.

– Isto vai causar-lhe transtorno, observou Coleoni. Que dirão na repartição? Vão chamá-lo doido e não faltarão candidatos.

Coleoni tinha razão. O requerimento pôs em suspeição o juízo de Quaresma. Suspeitavam-no doido e logo os candidatos apareceram ao seu lugar. O Diretor tinha um, o Ministro outro, o Senador F. outro.

De resto, Quaresma tornou-se imitável. Desacostumado a essas cousas de troças e pilhérias das pessoas, aquele chocarreirar contínuo com ele pareceu-lhe uma injúria, [*ilegível*] até. A isso, juntavam-se as [*ilegível*] dos colegas, as risotas dos superiores, os olhares dos inferiores para enchê-lo de fúria que mal se continha. Aborrecia-o ainda mais a suspeita geral de que ele não sabia tupi. Como eram cegos os homens! Ele que há trinta anos estudava o Brasil! Ele que, por amor ao Brasil, estuda o rebarbativo alemão, não saber tupi, a /50fr./ língua brasileira, a única que o era de direito! Teve vontade de pedir que o examinassem em banca pública e das mais rigorosas.

Veio um dia, porém, que quis demonstrar que sabia a língua dos tamoios e [*ilegível*]. O Secretário faltara e Quaresma lhe fazia as vezes; o expediente era grande. Ele leu todos aqueles ofícios, um a um, antes de subir ao Diretor; dentre eles, um lhe chamou a atenção. Havia neste cerca de dez palavras indígenas; tratava-se do Mato Grosso e falava-se em Ponta-Porã, Aquidauana, Tenente Arimbiré Caiuby etc. Estava quase escrito em tupi. Se estivesse todo, porém, que língua! Não se deteve: a idéia veio e, imediatamente, pegou da pena e pôs-se a escrevê-lo em tupi, no papel oficial. No [*ilegível*] o expediente, por engano, mandou o ofício em tupi em vez do que estava em português. O diretor não reparou, assinou e o tupi seguiu para o Ministério.

Quando a Secretaria o recebeu, houve um grande rebuliço. Que língua era? Mandou-se chamar o Doutor Rocha, 1º Oficial, para deslindar a questão. O Doutor Rocha agarrou o papel, soletrou duas ou três palavras e concluiu que era grego, /51fr./ por causa dos "yy".

– Mas, indagou o Diretor, oficialmente as autoridades se podem comunicar em línguas estrangeiras? Creio que há um aviso de 84...

Consultou-se todas as sinopses de legislação, nada foi encontrado. O Doutor Rocha disse então com solenidade:

– O aviso de 84 trata de ortografia.

O Diretor olhou o subalterno admirado e ficou tendo em maior consideração tão inteligente empregado.

– E sobre língua?

– Não há nada.

E foi informado à margem do ofício que, embora não parecesse regular dirigir-se ao Ministro uma autoridade brasileira e subordinada em língua estranha, sobre o caso era omissa a legislação em vigor. O Ministro, tendo em vista a informação da Secretaria e também o parecer do seu Consultor particular, censurou em aviso o Diretor do Arsenal, devolvendo-lhe o ofício.

O Coronel encheu-se de fúria, de raiva, de ódio... Ele que era /52fr./ candidato a general, ser censurado! Perdia assim uma ocasião magnífica, agora que o Salvador estava na [*ilegível*]... Ainda se houvesse uma revolução, mas as cousas iam tão bem que não era de esperar. Ah! Se soubesse quem foi! Mandou chamar o Secretário. Examinando a letra, o

funcionário viu logo quem fizera o ofício – o Major Quaresma. "Mande-o cá", disse furioso o Diretor. Quaresma foi. Quaresma não tardou.

– Então, o senhor leva a divertir-se comigo, não é?

– Como?

– Quem escreveu isso?

Quaresma examinou o papel e disse com firmeza:

– Fui eu.

– Então confessa?

– Pois não. Mas Vossa Excelência não sabe...

– Não sabe! Que diz?

O diretor tinha sido ofendido triplamente: na sua honra individual, na honra de sua casta e na do estabelecimento de que foi aluno, a Escola da Praia Vermelha, o 1º. estabelecimento de ensino científico do mundo.

Bacharel em ciências físicas e matemáticas, com o /53fr./ curso de três anos e meio, era um aviltamento vir um seu escriturário dizer-lhe – não sabe. Além do que não eram só esse títulos que o faziam [*ilegível*]; tinha outros: escrevera no *Pritaneu*, a revista da escola, um conto – "A Saudade" – produção muito elogiada pelos alunos. Dessa forma, tendo todos os exames [*ilegível*] e [*ilegível*] e sendo autor de um conto festejado na Praia Vermelha há vinte anos, uma dupla coroa de artista e de sábio cingia-lhe a fronte. Era um poeta, como é que então um amanuense, um escriturário vinha dizer-lhe – não sabe.

– Não sabe! Como é que o senhor ousa dizer isso a um Coronel do Exército. Tem o senhor porventura o curso de Benjamim Constant? Freqüentou o senhor a Escola Vermelha, cujo curso provocava a inveja da Alemanha? Sabe o senhor Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia e Moral? Como ousa então? Pois o senhor pensa que por ter lido uns romances e saber um francesinho, pode ombrear-se com quem tirou grau 9 em Cálculo, 10 em Mecânica, 8 em Astronomia, 10 em Hidráulica, 9 em Descritiva? Então?!

/54fr./ – Mas, Sr. Coronel!...

– Não tem mais, não tem nada! Considere-se suspenso até segunda ordem.

Quaresma era doce, bom e modesto. Nunca fôra propósito seu duvidar da sabedoria do seu diretor. Pronunciara a frase para começar a desculpa, mas quando viu aquela enxurrada de saber, de títulos, a sair de águas tão furiosas, perdeu o fio do pensamento, a fala, as idéias e nada mais soube e pôde dizer.

Saiu abatido, como um criminoso, do gabinete do Coronel, que não deixava de olhá-lo com aqueles seus olhos redondos e [*ilegível*] de peixe, cheio de fúria, de indignação, de quem fôra ferido no seu duplo amor próprio de sábio e artista.

Chegando à sala do trabalho, nada disse. Pegou o chapéu, a bengala e saiu pela porta trôpego como se fosse empurrado com força por mão oculta. Deu umas voltas pela rua, foi ao livreiro buscar uns livros e, quando ia tomar o bonde, encontrou o Tibullo.

– Cedo pra casa hoje, hein Major?

– É verdade.

E calaram-se, ficando um diante /55fr./ do outro num mutismo contrafeito. Tibullo avançou:

– O Major, hoje, parece que tem uma idéia, um pensamento muito forte.

– Tenho, filho, não de hoje, mas de há muito tempo.

– É bom pensar, sonhar - consola.

– Consola, sim; mas também nos faz estranhos uns aos outros.

E os dous se separaram. O Major tomou o bonde e Tibullo desceu descuidado a Rua do Ouvidor, com seu passo acanhado e as suas calças dobradas nas canelas, sobraçando o violão na sua armadura de camurça.

* * * * *

Folha 56, frente.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo V

[O *bibelot*][29]

NÃO ERA A PRIMEIRA VEZ QUE ELA VINHA ALI. Umas quatro ou cinco já subira aquela larga escada de pedra, atravessara por entre aquelas duas estátuas de Esquirol e Pinel, subira outra escada encerada e fôra ter com o padrinho. O seu pai a trazia às vezes, aos domingos, quando a visita era permitida.

Há quanto tempo estava seu padrinho ali? Ela não se lembrava ao certo, mas havia uns quatro para cinco meses. Só o nome da casa metia medo. O hospício! Com que terror ela não ouvia a gente pobre falar daquela casa. Antes uma boa morte, diziam eles. No primeiro aspecto, não se compreendia bem o terror religioso do povo por aquela casa imensa, meio hospital, meio prisão, com seu alto gradil, suas janelas gradeadas, a estender por uma centena de metros, diante da faixa partida do mar, lá na entrada da baía, marcando a praia que ironicamente se chamava de Saudade.

Entrava-se, via-se uns homens calmos, vestes simples de brim barato, moverem-se lentamente, pensativos, como monges em meditação. De resto, com aquela entrada silenciosa, clara, perdia-se logo a idéia popular da loucura: um escarcéu, um que diz tolices pra aqui, outro que /56vs./ faz trejeitos por ali. Não havia nada disso; era uma calma, um silêncio, uma ordem, de convento antigo. No fim, porém, quando se examinava bem, na sala das visitas, aquelas faces transtornadas, aqueles ares aparvalhados diante dos parentes, a calma de uns, a excitação de outros, às vezes crescer uma [*ilegível*], é que se sentia bem o horror da loucura, o angustioso mistério, esse enigma da nossa própria natureza que parece indecifrável, para o qual não se encontra explicação, que nos amedronta, altera, pasma, pois sabemos estar depositado em todos nós como a mente redentora.

[29] Novamente copio o título do capítulo da versão impressa, lembrando que a cena que lhe dá nome, a quebra da figurinha de *biscuit* pelo seresteiro, não existe aqui.

E essa cura não começa e quase nunca acaba. Com o padrinho, como fôra? A princípio, aquele requerimento... Mas que era? Um capricho, uma fantasia. Depois aquele ofício? Não tinha importância, uma distração... E enfim? A loucura declarada, a exaltação do eu, a mania de não sair, de se dizer perseguido, de imaginar como inimigos, os amigos. Como fôra doloroso aquilo? A velha /57fr./ irmã, atarantada, atordoada, sem direção, sem saber que alvitre tomar. Ao mesmo tempo, na sua inexperiência e [*ilegível*] de mulher antiga, oscilando entre a crença de que tudo aquilo que ele dizia era verdade e a percepção de que fosse delírio. Se não fosse seu pai que se interessou, que procurou, evitou a demissão, transformando-a em aposentadoria e o recolheu como pensionista ao grande manicômio oficial, como acabaria aquilo? Que drama, meu Deus!

Quando a irmã adquiriu a certeza de que o padrinho estava louco, que sofrimento! Que angústia! Parece que ela iria também endoidecer. Ainda agora mesmo ela não podia vir ali, era tal o abalo de nervos, era tal a emoção ao vê-lo ali naquela meia-prisão, que ataque se seguia e não podia ser evitado.

Vinham ela e o pai, às vezes o pai só, algumas vezes Tibullo; e eram só os três a visitá-lo.

Aquele domingo estava excepcionalmente lindo. Os ares estavam macios, e as praias e as montanhas se recortavam num céu de seda. O pai vinha lendo os jornais e ela, pensando, de quando em quando, folheava as revistas ilustradas que trazia para Quaresma.

No bonde vinham outros visitantes e todos não tardaram em saltar no portão /57vs./ do Hospício. As bem vestidas e as mal vestidas, as elegantes e as pobres, os feios e os bonitos, entravam ali com o respeito, com uma concentração, com uma ponta de pavor nos olhos, como se penetrassem n'outro mundo. Quando chegavam aos parentes eram guloseimas, fumo, livros. Uns conversavam com os parentes; outros mantinham-se calados; outros indiferentes, e era tal a variedade de aspectos dessas recepções que se chegava a esquecer o império da doença, tanto ela variava neste ou naquele, para se pensar em caprichos pessoais, em vontades de cada um.

E ela julgava que como esta nossa vida é vária e diversa, como ela é mais rica de aspectos tristes que alegres, e como na variedade da vida a tristeza pode mais variar que a alegria. Verificando isso, quase teve satisfação, tanto sua natureza inteligente e curiosa se comprazia nas descobertas levadas a cabo por ela mesma.

Quaresma estava melhor. A exaltação passara e o delírio parecia querer ceder. Chegando-se naquele meio, houve logo uma reação salutar. /58fr./ Ele viu bem que muitas das cousas que lhe entravam na cabeça não eram certas. O antigo subsecretário até os recebeu com alegria; em geral, tão seco, tão [*ilegível*], naquele dia disse até amavelmente:

– Então vieram sempre... Estava à espera...

Cumprimentaram-se e ele deu mesmo um abraço na afilhada.

– Como vai Adelaide?

– Bem.

– E o Tibullo?

A afilhada apressou-se em atender ao padrinho, que já julgava com alegria escapo à sepultura de insânia:

Procurou, papai, ontem e disse que a sua aposentadoria já está quase acabada.

Coleoni tinha se sentado. Quaresma estava sentado também e a menina de pé. Os guardas vigiavam muito os pacientes. Havia muitos visitantes, em grupos, em torno dos

parentes recolhidos. Não se olhavam, pareciam que não queriam se conhecer lá fora. Coleoni falou:

– O compadre já sente melhora, quer sair?

Ele calou-se um instante, pensou, e respondeu com firmeza:

– É melhor esperar um pouco. Vou melhor... Sinto incomodar-te tanto, mas vocês que têm sido tão bons hão de levar /58vs./ isso para conta da própria bondade.

A cabeça lhe caiu sobre o peito e duas lágrimas quentes rolaram. O velho italiano comoveu-se, mas a filha pareceu fugir à influência sentimental do momento e disse até com alegria:

– Sabe, padrinho, vou casar-me.

– É verdade, confirmou Vicente, a Lúcia foi pedida, nós vínhamos participar ao senhor.

– Quem é teu noivo?

– É um rapaz...

– Decerto que deve ser.

E os três riram-se com familiaridade e contentamento.

– É o Sr. Armando Borges, que se forma em medicina este ano.

– Então é lá para o fim do ano.

– Esperamos ser lá.

– Gostas muito dele?

Ela não sabia bem responder aquilo. Queria sentir que gostava, mas sentia que não gostava. Mas por que casava? Não sabia... Um impulso do seu meio, uma cousa que não vinha dela – não sabia. Mas gostava de outro? Também não. Nem do Tenente Gaspar, da Marinha; nem do engenheiro Casteli, de [*ilegível*]. /59fr./ Ela parecia ir para aquele casamento, com a mesma inocência que fôra para o batismo. Obedecia a um hábito. O amor, aquele que se via nos livros, ela não sentia, nem uma outra atração, simpatia – o mesmo lhe era quase indiferente. Obedecia à pressão externa. Enfim respondeu ao padrinho:

– Gosto muito.

– Sejam felizes, é que eu desejo.

– Obrigada. Mas padrinho há de ir assistir.

— Veremos.

A visita não demorou mais. Era conveniente que fosse rápida, não convinha fatigar-lhe a atenção com perguntas e os dous saíram. Na porta já tinham alguns visitantes à espera do bonde. Havia uma preta velha a chorar. Coleoni, muito bom, chegou-se a ela:

– Que tem, minha velha?

– Ah! meu sinhô... É triste... Um filho, tão bom, coitado!

– Morreu? perguntou a moça com aquele ar sério, fixando sobre a velha os seus olhos luminosos.

– Antes fosse, sinhazinha!

E, no meio do choro, deu a entender que o filho não a conhecia mais, não lhe dizia nada. Enxugou as lágrimas e comentou:

– Isso é cousa feita.

/59vs./ O bonde aproximou-se e a velha veio, chamando, tomá-lo.

O dia estava lindo e fresco e eles voltavam m até a cidade. É bom vê-la num dia de descanso, com os seus armazéns fechados, as suas ruas desertas, onde os passos ressoam como em claustros conventuais. Não havia ainda os hábitos de se procurar as praias, os arrabaldes pitorescos, mas havia sempre um movimento de visitas. Quase sempre Coleoni ia na segunda-feira, dar notícias do irmão à irmã em S. Cristóvão. Tendo descido, resolveram pai e filha ir no domingo mesmo. Lá foram. O bonde atravessava as ruas da cidade nova e S. Cristóvão, ao centro das [*ilegível*]. A tarde já se aproximava e as *toilettes* domingueiras das meninas já apareciam nas janelas, mesmo onde havia sombra, as cadeiras já atravancavam os passeios com os seus [*termos ilegíveis*] a teimar [*ilegível*].

D. Adelaide não estava só. Tibullo viera visitá-la e aproveitava a chegada /60fr./ para lhe dar notícias do estado andamento da aposentadoria de Quaresma. Coleoni era o procurador do Major, mas nunca entendido em cousas oficiais dera ao Coração dos Outros o encargo de tratar da causa nas repartições. Ele levava a cousa a bom caminho: graças à sua popularidade e à sua lhaneza vencera a máquina burocrática, e a liquidação não tardaria.

Pediram notícias de Quaresma e quando as receberam boas ficaram satisfeitos.

A irmã que nunca entendera o irmão, com a crise não o ficou compreendendo melhor, mas sentira com o sentimento simples de irmã e desejava unicamente a sua cura.

O menestrel gostava do Major, tinha nele um certo apoio moral e intelectual. Os outros gostavam de seu canto, apreciavam como diletantes, mas Quaresma era o único que ia ao fundo da sua tentativa, que compreendia a sua grandeza.

– Não pude ir hoje, dizia ele, mas irei no domingo. Está mais gordo?

– Pouca cousa.

– Mas conversou bem. Ficou mesmo contente quando soube que Lúcia ia casar-se.

– Vai casar-se, D. Lúcia? Parabéns.

/60vs./ – Quando é Lúcia? perguntou D. Adelaide.

– Lá para o fim do ano... Tem tempo.

E logo vieram perguntas sobre o noivo, e ela já se sentia um pouco vexada. Queria fugir às perguntas, mas elas saíam da boca de D. Adelaide, à [*ilegível*] que Tibullo desenvolvia as suas teorias sobre o casamento. Enfim a moça achou um subterfúgio, perguntando:

– Como vai o General?

D. Adelaide respondeu:

– Não sei... Não tem vindo aqui e eu não vou lá. A filha é que vem sempre aqui... Anda desolada, coitadinha!

– Por que, D. Adelaide?

– Não sei... O noivo foi para fora, disse que ia visitar a mãe e não escreveu mais.

– Eu penso que ele não volta, disse Tibullo.

Coleoni interveio com a sua brandura e boa fé:

– Não há razão pra isso, Sr. Tibullo. Há quanto tempo foi?

– Há três meses, disse D. Adelaide.

/61fr./ – Então?

– É o que eu digo.

A filha do General veio a entrar. Falou com todos e todos sentiram que ela sofria. O sofrimento dava-lhe uma atividade à fisionomia que ela não tinha anteriormente. Tinha

olheiras e os olhos mesmo tinham mais brilho. Perguntou também por Quaresma e depois calaram-se.

– Recebeste carta, Ismenia? indagou a irmã de Quaresma.

– Ainda não, respondeu ela, com voz parcimoniosa.

– Não tenhas cuidado, talvez sejam extravios e mais nada.

Ela não respondeu, olhou o céu muito doce e azul, enquanto Tibullo abundava em considerações sobre o relaxamento do Correio.

* * * * *

Folha 62, frente.

SEGUNDA PARTE

Capítulo I

Na "Fartura"

_____

ERA BEM LINDO O LUGAR. A CASA ficava num socalco de uma pequena colina que se erguia em degraus; em frente, por entre os bambus da cerca, se estendia uma vasta planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas cortava-lhe ao meio, paralelo à casa. Mais adiante o trem passava pelo meio da planície, alinhava [*ilegível*] a estrada, serpenteando entre ela feito um tapete verde, com um friso branco e largo. A habitação de Quaresma era assim risonha e clara também nos seus muros caiados. Edificada com a indigente simplicidade das nossas casas de campo, tinha, porém, vastas salas, amplos quartos, todos com janelas. Por fora, havia outras pequenas edificações: a velha casa de farinha, que ainda tinha seu forno intacto e a roda desmontada, a casa dos escravos, a pequena senzala dos velhos sítios; e uma estrebaria coberta de sapê.

Não havia três meses que a viera habitar. Amigos e pessoas caridosas, depois daquele requerimento à Câmara e daquele ofício em tupi, intervieram – e evitaram que fosse demitido. Aposentaram-no e passara seis meses numa casa de saúde, para tratar-se de enfermidade mental que os médicos da injustiça julgaram sofrer ele. Fôra o compadre que o aconselhou a internar-se e [*ilegível*]; mas aquilo foram mais seis meses de repouso que de terapia psiquiátrica.

Há alguém que cure as extravagâncias que um sonho, [*ilegível*] trinta anos, põe na cabeça de um homem? /63fr./ Quaresma viveu ali os dias resignadamente, conversando [*ilegível*] com os seus colegas de manicômio, onde via ricos que queriam ser pobres, pobres que queriam ser ricos, sábios que maldiziam a sabedoria, ignorantes que deliravam sabedoria; mas, de todos eles, o que mais se admirou, foi um velho e plácido negociante da rua dos Pescadores que se supunha Átila. Eu, dizia o pacato velho, sou Átila, sabe? Sou

Átila! Tinha fracas notícias da personagem em que se encarnou; sabia o nome e nada mais. Sou Átila, matei muita gente – e era só.

O Major saiu no fim de seis meses, mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as cousas tristes da vida a mais triste de ver é a loucura. Aquela continuação da nossa vida tal e qual, com um desarranjo tão imperceptível e insondável que a inutiliza inteiramente, faz pensar em alguma cousa mais forte além de nós, que nos guia, que nos impele, e em cujas mãos nada somos ou valemos. Em todos os tempos, a loucura foi considerada como sagrada e deve haver razão disso no sentimento que se apodera de nós quando ao vermos um louco desarrazoar, pensamos logo que já não é ele mais quem fala, é *alguém*, alguém que vê por ele, que interpreta as cousas por ele, que julga, que odeia e ama por ele, atrás dele, invisível.

Acabadas as delongas de sua aposentadoria, recolhera-se àquela risonha casa de roça, onde se dedicava à própria lavoura. Mas não foi ele quem se lembrou, foi a afilhada quem lhe trouxe à idéia aquele doce acabar para a sua vida. Um dia, dando com Quaresma triste, taciturno, num canto de sua casa em S. Cristóvão, Lúcia dirigiu-se ao padrinho com muita meiguice e diligência:

– O padrinho, por que não compra um sítio?

A sua fisionomia, até ali tão taciturna, iluminou-se /64fr./ repentinamente:

– É verdade, minha filha. Há aí tantas terras férteis sem emprego. O Brasil tem as terras mais férteis do mundo.

A moça esteve quase a arrepender-se da lembrança, pareceu-lhe que ela ia atiçar no seu espírito aquelas manias já extintas.

– Em toda a parte há terras férteis, disse ela.

– É, mas como no Brasil não há. Vou fazer o que tu dizes. Vou comprar um sítio, faço um [*ilegível*] e vou mostrar como ganho dinheiro com o produto da terra.

No dia seguinte, indagou no mercado dos preços correntes das frutas, dos legumes, da batata, do aipim, do tomate. Calculou que com cinqüenta laranjeiras, trinta abacateiros, oitenta pessegueiros, outras árvores frutíferas, além dos abacaxis (que mina!), das abóboras, batatas, aipins, [*ilegível*] e frangos, podia ter um rendimento anual de mais quatro contos, tirando as despesas. Seria ocioso trazer para aqui os cálculos que o Major Quaresma fez. Em tudo ele seguiu o que vem estabelecido nos boletins da Associação de Agricultura Nacional, no tocante à produção média de pé de fruteira, de hectare cultivado com gêneros de pequenas lavouras, de [*ilegível*] mensal e anual da galinha, e, quanto aos preços, como já foi dito acima, ele formalmente os inquiriu na praça do mercado.

E foi assim que ele comprou aquela rústica e bucólica casa que a estrada de ferro punha a uma hora da nossa boa cidade do Rio de Janeiro.

/65fr./ Com que alegria ele foi para lá! Quase não teve saudades de sua velha casa de S. Januário, agora propriedade de outras mãos, talvez destinada ao mercenário mister de lar de aluguel. Não sentiu que aquela vasta sala que abrigou os seus livros tantos anos fosse servir, daquela hora em diante, de salão de baile fútil, fosse testemunhar talvez rixas de casais desentendidos, ódios de família – ela tão boa, tão doce, tão simpática, com o seu teto alto e as suas paredes lisas, em que se tinham incrustado os desejos de sua alma e toda ela penetrada da exalação do seu sonho...

Ele foi contente. Como era tão simples viver na nossa terra! Quatro contos de réis por ano, tirados da terra facilmente! Como é que toda a gente queria ser empregado

público, apodrecer numa banca, sofrer na sua independência e no seu orgulho? Como é que se preferia viver em casas apertadas, no centro da cidade, sustentar-se de maus alimentos, quando se podia ter tão facilmente uma vida feliz, ampla, livre, farta e alegre?

E era agora também que ele chegava a tal conclusão. Ainda era tempo, enfim, de deixar aqueles seus sonhos de grandeza política para o Brasil, de reformas capitais nas suas instituições e costumes; o que era principal [*ilegível*] para a grandeza da sua pátria era uma forte base agrícola, um carinho constante pelo seu solo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha /66fr./ de preencher. Demais, onde havia terras mais férteis? Onde havia agricultura mais fácil? Onde havia mais variedade de culturas?

E ele viu diante dos seus olhos as laranjeiras olentes a enfileirar-se muito brancas, pelas encostas das colinas como umas teorias de noiva; os abacateiros de troncos rugosos, a sopesar com esforço grandes pomos verdes; as jabuticabas negras a estalar dos caules rijos; os abacaxis coroados que nem reis, a receber o beijo quente do sol; as abobreiras a se arrastarem com flores carnudas cheias de pólen; as melancias de um verde tão fixo que parecia pintado; os pêssegos veludosos; as [*ilegível*] jacas e dentre tudo aquilo saía uma linda mulher, com o regaço cheio de frutos e um dos ombros nus, a lhe sorrir agradecida com um imaterial sorriso – era Pomona, a deusa dos vergéis e dos jardins...

E Quaresma dispôs as cousas na sua casa como quem não tinha mais de sair dela. Arrumou os livros, os móveis, com meticulosa unidade, e, ao fim de um mês, entregou-se de corpo e alma aos seus trabalhos agrícolas. Não quer dizer que ele se pusesse de enxada na mão a capinar, a destocar e a plantar. Dedicou-se primeiramente a trabalhos preliminares. Comprou livros, livros sobre livros, em francês, em inglês, em alemão sobre agricultura, como esses tratados referiam-se às culturas européias, Quaresma teve que voltar atrás e procurar os autores nacionais.[30]

/67fr./ Havia três meses que estava no seu sítio da "Fartura", como era conhecido no lugar. Deu logo começo à sua atividade agrícola.

De manhã, logo ao amanhecer, ele e mais o Anastácio lá iam pela encosta do morro acima na faixa de campo. Havia na fazenda terras bastantes, velhas árvores frutíferas, um capoeirão grosso com camarás, [*ilegível*], bacurubus e outros exemplares da mata virgem que desaparecia. Os laranjais, os abacateiros, os frutos do conde, os [*ilegível*] estavam sujos e, em geral, cobertos de uma espessa cabeleira de erva de passarinho; assim, como não fosse ainda época de poda e corte, Quaresma limitou-se a capinar por entre os pés das fruteiras. E assim ele fazia o seu primeiro ano de aprendizagem agrícola. Era de vê-lo atracado a um grande enxadão de cabo nodoso, muito pequeno, míope, a dar golpes sobre golpes para arrancar um teimoso pé de guaximba. A sua enxada parecia uma draga, uma picareta, um aparelho escavador enfim. Eram enormes torrões de terra que ela arrancava daqui, dali, e quando o golpe falhava e a lâmina roçava a terra, era uma poeirada que fazia supor a passagem por aquelas /68fr./ alturas de um pelotão de cavalaria. Anastácio, então, intervinha:

– Não é assim, *seu Majó*. Não se mete a enxada pela terra adentro, é de leve, assim.

E ensinava aquele Fábio inexperiente o jeito de servir-se do velho instrumento de trabalho. Quaresma agarrava-o, procurando usá-lo da maneira ensinada. Era em vão. O *flange* batia na erva, a enxada saltava e o capim parecia que sorria irônico. O Major

[30] Parágrafo riscado por Lima Barreto.

enfurecia-se, tentava outra vez, suava, fatigava-se, enchia-se de fúria e batia com toda a força; e houve uma destas vezes que a enxada, escapando da terra, fez-lhe perder o equilíbrio, cair, e beijar a terra, mãe dos frutos e dos homens.

Tanto, porém, é em nossos músculos firme a lembrança desse sagrado trabalho de tirar da terra o sustento de nossa vida, que não foi difícil a Quaresma acordar nos seus o jeito, a maneira, de empregar a enxada vetusta. Ao fim de quinze dias, ele capinava razoavelmente, não seguido, de sol a sol, mas com grandes repousos de hora em hora que a sua idade e falta de hábito pediam e exigiam.

/69fr./ Interrompia entretanto a tempo, às nove, para almoçar, e, às quatro, para jantar. No almoço, pouco se demorava; havia nele um entusiasmo sincero, aquele ardor pelo mister que abraçara. Não se agastara até ali com as primeiras ingratidões da terra, aquela insistência em se desembaraçar das ervas más, aquela [*ilegível*] incompreensível diante do instrumento fecundante. Quaresma não sentia e, mal acabava a refeição, corria ao eito e capinava com o calor, com o fel sagrado de quem está executando uma obra.

Pelo jantar, porém, demorava-se mais. Conversava com a irmã, contava-lhe a tarefa do dia, sempre a mesma cousa, consistindo em avaliar a área capinada e limpa.

– Sabes, Adelaide, amanhã estará tudo limpo, não me ficará nem uma touceira de mato entre as laranjeiras.

A irmã, mais velha que ele, não partilhava aquele seu entusiasmo pelas cousas da roça. Seguia-o silenciosa, e, se viera viver com ele, não foi pelas grandes esperanças que depositava na limpeza do irmão. Decerto, ela o estimava, mas não o compreendia. Por que não seguia ele o caminho dos outros? Não se formara, não tivera um anel? Era /70fr./ tão bonito... Seguira-o e, para se entreter, criava galinhas, com grande aprovação do irmão cultivador.

– Está direito... Não vá ficares doente, respondia ela ao irmão. Neste sol, todo o dia...

– Qual, doente, Adelaide! Você não está vendo como essa gente tem tanta saúde; e, se adoecem, é porque não trabalham.

Acabado o jantar, Quaresma chegava à janela que dava para o galinheiro, atirando migalhas de pão às galinhas.

– Já nasceram os patos, Adelaide?

– Ainda não. A perdiz está choca...

E acrescentava imediatamente:

– Tua afilhada deve casar-se sábado, tu não vais, Polycarpo?

– Não. Não posso... Vou incomodar-me, luxo... Não vou... Vou mandar-lhe um porco e um peru...

– Ora, tu! Gente de luxo...

– Que é que tem? É da tradição.

Estavam os dous irmãos assim a discutir na sala de jantar, quando Anastácio veio avisar-lhes /71fr./ que estava um cavalheiro na porteira. Durante os noventa dias que ali estava, nenhuma visita fôra lhe bater à porta, a não ser a gente pobre do lugar, a pedir uma ou outra cousa sem valor. Não tinha travado conhecimento em toda a extensão do município; foi, portanto, com surpresa que receberam o aviso do Anastácio.

Quaresma abandonou aquele espetáculo do galinheiro, tão simpático aos seus olhos, pôs um paletó e foi receber o visitante que já subia os degraus da escada da frente.

– Boa tarde, Sr. Major.

– Faça o favor de entrar.

O desconhecido entrou e Quaresma fê-lo sentar-se. Era um tipo comum, mas o que nele havia de estranho era a sua gordura. Não era desmedida, mas tinha um ar desonesto. Parecia que a fizera de repente e que comia a mais não poder com medo de a perder de um dia para outro. Através da gordura de suas grandes bochechas, via-se perfeitamente a sua magreza natural, normal, e que se ele devia ser gordo não seria naquela idade, com pouco mais de trinta anos e sem dar tempo que todo ele engordasse. Porque, se as faces eram gordas, /72fr./ as mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes. O visitante falou:

– Eu sou o Antonino Bastos, escrivão do juiz de paz...

– Alguma formalidade? perguntou Quaresma.

– Nenhuma. Já sabemos quem o senhor é, não há novidade, nem a lei exige. Sabendo que o Major veio estabelecer-se aqui, tomei a iniciativa de vir pedir-lhe um pequeno auxílio, um óbolo, para a festa da Conceição...

– Pois não.

– O senhor sabe a gente daqui é muito pobre e a irmandade também, de forma que...

– Faça o favor de esperar.

– Oh, Major, não se incomode. Não é pra já. Tem-se dado bem aqui, Sr. Quaresma?

– Bem, muito bem.

– Pretende dedicar-se à agricultura?

– Pretendo e foi mesmo por isso que vim parar aqui.

– Isto hoje não presta, mas n'outro tempo... Este sítio era uma lindeza, Major! Quanta fruta! Quanta farinha! As terras estão cansadas...

/73fr./ – Qual cansadas, *seu* Antonino. Não há terras cansadas... A Europa é cultivada há mais de dous mil anos e...

– Mas lá trabalha-se.

– Por que não se há de trabalhar aqui, também?

– Lá isso é verdade, mas há tantas contrariedades?

– Qual, não há nenhuma, ou antes, não há guerra que não se vença.

– O senhor verá com o tempo. Na nossa terra, não se vive senão de política, e fora disto babau. Ainda agora tudo aqui está brigado por causa da questão das eleições de deputados...

Ao dizer isto, o escrivão lançou por baixo das suas pálpebras gordas um olhar pesquisador sobre a ingênua fisionomia do Major.

– Que questão é? indagou Quaresma.

O escrivão esteve olhando com um [*ilegível*] de canalha o seu interlocutor.

– Então não sabe?

– Não.

– Eu lhe explico. O candidato do governo é o Dr. Castrioto, /74fr./ moço honesto, bom orador; mas entenderam aqui certos Presidentes de Câmaras Municipais do Distrito que hão de se sobrepor ao governo, só porque o Senador Guariba rompeu com o governador – e apresentaram um tal Neves que não tem serviço algum ao partido. O que pensa o senhor?

– Eu! Nada...

O serventuário ficou espantado. Havia no mundo um homem que, sabendo isso, morando no Município de Curuzu, não se incomodasse com tão transcendente questão. Pensou e sorriu. Com certeza, achou, este malandro queria ficar bem com os dous, para depois se arranjar sem dificuldade. Estava tirando sardinha com mão de gato; aquilo devia ser um ambicioso. Era preciso cortar-lhe as asas, esse estrangeiro!

– O major é um filósofo, disse o escrivão com malícia.

– Quem me dera? fez com ingenuidade Quaresma.

Antonino, desanimado de penetrar nas tenções ocultas de Quaresma, apagou a fisionomia e disse em ar de despedida:

/75fr./ – Então o Major não se recusa a concorrer para a nossa festa, não é?

– Pois não.

Depois de receber a [*ilegível*], despediu-se o alto e poderoso Sr. Antonino Bentes da Silva, escrivão do juiz de paz do Município de Curuzu, grande eleitor da nação brasileira. Aquela visita fez impressão no [*ilegível*] do antigo subsecretário. Onde é que estava o sossego da roça, a decência dos costumes, pois se uma miserável [*ilegível*] eleitoral fazia brigas? Qual não era possível! Aquele sujeito tinha intenções ocultas na questão, certamente.

Acabaram de almoçar, quando chegou o primeiro trem do Rio. Parou na janela, olhou demoradamente a longa fila de carros, com as suas portinholas de comprido, a locomotiva a fumegar; e, por um instante, teve saudades do Rio. Quem lhe dera um jornal? Uma notícia qualquer? Ficou parado, olhando. O trem partiu e ele ia dirigir-se para roça, quando viu distante, na estrada, um vulto que lhe chamou a atenção. Dirigia-se para a sua casa. Quem podia ser? Apa/76fr./nhou o *pince-nez*, limpou-o bem e assestou para o homem que caminhava. Aquele chapéu no alto... Aquela sobrecasaca... Aquele passo miúdo... Um violão! Era ele.

– Adelaide, está aí o Tibullo, gritou alegre para o interior da casa.

* * * * *

Folha 77, frente.

SEGUNDA PARTE

Capítulo II

Espinhos e flores

OS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO SÃO a mais curiosa cousa em matéria de edificação de cidades. Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer pode ser imaginado. As ruas começam largas como *boulevards* e acabam em vielas, dão voltas,

circuitos inúteis e parecem fugir à linha reta com um ódio sagrado. Às vezes se sucedem na mesma direção, sem necessidade alguma muito [*ilegível*], outras vezes há entre elas longos intervalos fechados e coesos de casas. Num trecho, tem casas amontoadas umas sobre outras, logo adiante, sem causa aparente, sucede uma vasta extensão de terrenos baldios. Tudo marcha ao acaso, [*ilegível*] das edificações. Há casas de todos os gostos e construídas com todos os materiais. Vai-se por uma rua a ver um correr de *chalets*, de /77vs./ porta e janela, parede de frontal, humildes e acanhados, de repente se nos depara uma casa burguesa, dessas de compoteiras na cimalha rendilhada, a se erguer sobre um porão alto com mezaninos. Essa surpresa passada, olha-se acolá e dá-se com uma choupana de taipa, coberta de sapê ou folhas de zinco, em torno da qual formiga uma população; adiante, é uma casa de roça, com varanda, colunas de um estilo pouco classificável, que parece se abater sob aquela onda de edifícios disparatados.

Não há cousa alguma que nos lembre os famosos subúrbios das grandes cidades européias, com suas vilas, de ar repousado e satisfeito, as suas estradas e ruas macadamizadas e cuidadas, nem mesmo aqueles jardins, cuidados, aparados, recortados, porque, nos nossos subúrbios, se os /78fr./ há, são pobres, feios, maltratados, e demonstram pobreza ou desleixo.

Os cuidados municipais também são variáveis. Às vezes há passeios, outras vezes não há. Encontra-se um pontilhão bem cuidado aqui sobre um riacho seco, mais adiante se tem que atravessar um ribeirão sobre uma pinguela de trilhos. A população que passeava as ruas denuncia o disparate do aspecto geral. Certas ruas há que se encontram ao lado um do outro a elegante de vestido *fashionable*, o peralvilho bem posto, o pobretão de tamancos e a preta de vestido de chita, todos eles a entrar nas suas casas da mesma rua, e nem sempre o mais bem vestido é que entra na melhor casa.

Com essa curiosa edificação, o subúrbio tem outros aspectos interessantes. Sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico, as casas de cômodos constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida em que a miséria paira com um poder londrino.

/78vs./ Não se pode imaginar as profissões mais variadas e mais tristes das pessoas que vão habitar esses cômodos. Não se encontram tropeiros, apanhadores de pontas de cigarros, mas pode-se deparar velhas fabricantes de renda de bilros, compradores de garrafas vazias, ratos, castradores de galos e porcos, serventes de repartições públicas, enfim, uma variedade de pequenas profissões pouco [*ilegível*] que a nossa pequena e grande burguesia não podem adivinhar. Às vezes, num cubículo daqueles, se amontoa uma família e há algumas vezes que os seus chefes vão a pé à cidade por falta de um níquel para o trem.

Tibullo morava numa pobre casa de cômodos de um dos subúrbios. Não era das sórdidas, mas era uma casa de cômodos dos subúrbios. Havia anos que ele se escondera ali, trepado numa colina, a olhar pela sua janela desde a Piedade ao Encantado. Visto assim do alto, o subúrbio tem a sua graça. As casas pequeninas, pintadas, engastadas nas copas das mangueiras /79fr./ que surgem, as palmeiras e coqueiros esguios e altos, a vista boa e tem o encanto dessa confusão de uma festa pública em que todos e tudo se misturam num vasto desejo de se tocarem e sentirem perto uns dos outros.

Era dessa janela que Tibullo espraiava as suas alegrias, as suas satisfações, os seus triunfos e também os seus sofrimentos.

Ele ainda agora estava lá, debruçado com a mão em concha no queixo, a apanhar com a vista uma parte daquela bela, grande e original cidade, capital de um grande país, de que ele era de alguma forma a alma, encarnando os seus tênues sonhos e os desejos comuns nuns versos discutíveis, mas que a plangência do violão, se não lhes dava sentido, dava o balbuciamento, queixume inconsistente ainda na sua organização.

Em que pensava ele? Não pensava só, sofria também.

Aquele tal preto continuava na sua mania de querer fazer a modinha dizer alguma cousa e tinha adeptos. Alguns já o citavam como um rival, outros já diziam que ele, Tibullo, era inferior a ele, e algumas vezes – ingratos! – já esqueciam os seus trabalhos, o seu tenaz batalhar /80fr./ de tantos anos. Ele se lembrava então de sua infância, daquela sua aldeia do Norte, da casinha de seus pais, com seu curral e sua riqueza em gado... Oh! os vitelos!... E o queijo? Aquele queijo tão substancial, tão forte, feio como aquela terra, mas feraz como ela, tanto que lhe bastava comer um pedaço para ficar almoçado... Quantas vezes ele não saía pelo canavial afora, cavalgando um tordilho ligeiro, atrás de uma rés recalcitrante que ele derrubava pelo rabo, amansava e trazia ao redil!

E o violão, como aprendeu? O seu mestre Maneco Braga não lhe predisse o futuro: Irás longe, Tibullo: A viola quer teu coração... Por que aquele encarniçamento, aquele ódio contra ele, ele que trouxera para esta terra de estrangeiros a alma, o suco, a substância do país!

E as lágrimas lhe correram quentes dos olhos; Tibullo olhou um pouco as montanhas, [*ilegível*] o mar. Era bela a terra, era linda, era majestosa, mas parecia ingrata e dura no seu granito onipresente que se fazia negro quando as árvores verdes o não cobriam.

/81fr./ E ele estava ali só com a sua glória, sem amor, sem confidente, sem amigo, só como um deus, como um apóstolo de religião nova em terra que não quer ouvir a boa nova.

Sofria em não se poder confessar, em não ter um peito amado em que derramasse aquelas lágrimas que iam cair naquele solo indiferente. Ele se lembrou dos famosos versos:

Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
Talvez... pra que o meu pranto...

Ele baixou um pouco o olhar, olhou a terra e viu que, no tanque da casa, uma rapariga preta lavava. Ela abaixava o corpo sobre a roupa, carregava com força todo o seu peso sobre ela, ensaboava ligeira, batia de encontro à pedra e recomeçava. Ele teve pena daquela pobre mulher, duas vezes triste na sua condição e na sua cor, e pôs-se a pensar no mundo, nas desgraças, e ficou um instante envolvido no incompreensível, na indiferença do nosso triste destino humano. A rapariga não o viu, mas de repente pôs-se a cantar:

Da doçura dos teus olhos
A brisa inveja tem...

Oh! Era dele! Tibullo sorriu contente e teve vontade de ir beijar aquela pobre mulher, abraçá-la... E como são /81vs./ as cousas? Ele recebia lenitivo daquela pobre e

humilde rapariga. Vieram-lhe à memória aqueles versos do Padre Caldas, aquele seu antecessor glorioso que decantava às fidalgas portuguesas do século XVIII:

> *Sereno fez rir os outros*
> *E nunca teve alegria.*
> . . . . . .

Quando a rapariga acabou, Tibullo não se pôde conter, disse-lhe:

– Vai bem, D. Alice, vai bem. Se não fosse, por que lhe pedia *bis*.

A rapariga levantou os olhos e conheceu-o:

– Eu não sabia que o senhor estava aí, senão não cantava.

– Qual o quê! Eu lhe posso dizer que está muito bom. Cante.

– Deus me livre. Para o senhor me *acriticar*.

Embora insistisse, a rapariga não quis continuar. Tibullo veio para o interior do quarto e pôs-se à sua mesa, com intento de escrever. O seu quarto tinha uma rede, um violão, uma mesa de /82fr./ pinho, tinteiros, penas, uns livros e alguns retratos de pretos pelas paredes. Sentou-se quis começar uma modinha sobre a Glória, essa cousa fugace, que se tem e se pensa que não se tem, que se pensa que tem e não tem, alguma cousa como um sopro, como um beijo...

Tentou começar, mas não pôde. Veio de novo à consciência aquela rivalidade e ele continuava a pensar sentado. A manhã já ia alta. O dia estava fresco, doce e azul, mas ele sofria sempre. Quis sair, procurar um amigo, distrair-se, mas quem? Ainda se o Quaresma... Ah! o Quaresma, esse sim, trazia-lhe conforto. Mas ele estava longe. Iria lá, arranjaria uma passagem. Começou a vestir-se, mas bateram à porta. Era o Correio. Abriu o envelope e leu:

> Meu caro Tibullo. Minha filha Quinota casa-se amanhã, quinta-feira. Ela e o noivo fazem gôsto /82vs./ que você apareça. Se o amigo não tiver objeção que fôsse, agarre o seu violão e venha cá.
>
> Seu amigo, Breves.

Tibullo ficou contente. Esse ao menos não o abandonara. Iria lá e o General arranjar-lhe-ia passagem para Curuzu. Contemplou o violão demoradamente, ternamente, agradecidamente, como se contemplasse um ídolo benfazejo.

Quando Tibullo Coração dos Outros penetrou na casa do General Breves, o último brinde havia sido feito e todos se dirigiam para a sala de visitas em pequenos grupos. D. Maricota vestia seda malva e o seu busto curto parecia ainda mais abafado naquele tecido caro que parece requerer corpos flexíveis. Quinota estava radiante no vestido de noiva. Ela era alta, de feições mais regulares que a irmã Ismenia, mas menos interessante e vulgar. Genelício dava-lhe o braço, muito [*ilegível*], dentro de sua casaca amarrotada. O General tinha seu segundo uniforme dos grandes dias, mas quem tinha um ar importante, um /83fr./ ar ao mesmo tempo marcial e palaciano, era o Contra-Almirante Caldas. Aquelas suas âncoras do uniforme reluziam e tinham mesmo o brilho de quem nunca trava conhecimento com os ventos do mar; os seus favoritos, penteados, alargavam a sua face e abriam o

horizonte de seu olhar como um marinheiro navegado. Ismenia estava de rosa e corria as salas com o seu ar dolente, dando ordens e providências. O General não tardou em falar com o Tibullo. Agradecia-lhe muito ter vindo, Genelício disse-lhe o mesmo e Quinota atirou-lhe – *Como sou feliz* – com os seus olhos de amêndoa que fez o trovador esquecer as amarguras que curtia.

Deram começo às danças e o General, o Almirante, o Major Innocencio Bustamante, que também viera com o seu uniforme de honorário, banda roxa, e franjas douradas, o Doutor Florêncio e Tibullo foram para a sala de jantar. Aos cumprimentos, o General respondia:

– Estou muito contente. Casei bem a menina: rapaz formado, bem encaminhado e inteligente.

O Almirante acudia:

– E que carreira! Não é por ser meu parente, mas com trinta anos 1º escriturário do Tesouro, é cousa nunca vista.

– Ele não passou para o Tribunal, perguntou Florêncio.

– Passou, é a mesma cousa.

De fato, Genelício tinha arranjado a transferência e não fôra só isso que o decidira a casar-se. Tendo escrito uma obra – *Síntese de Contabilidade Pública Científica* – viu-se elogiado /83vs./ pela imprensa desta Capital, elogiado pelo Ministro, que lhe mandou dar dous contos de réis de gratificação. A sua obra era de grande fôlego; tinha 400 páginas recheadas de decretos e avisos. O começo fôra até muito notado pelos críticos, não só pela novidade da idéia, como pela sua justeza. Dizia assim: "A Contabilidade Pública é a arte ou ciência de escriturar convenientemente as despesas e receitas do Estado". Além do prêmio e da transferência, ele já tinha promessa de ser subdiretor, na primeira vaga.

Ouvindo tudo aquilo que haviam dito o General e o Almirante, o Major Innocencio não pôde deixar de observar:

– Depois da militar, a melhor carreira é a de Fazenda, não acha?

– Sim, bem entendido, fez o Doutor Florêncio.

– Eu não quero falar dos formados, apontou o Major. Esses...

Tibullo não sabia que dizer. Fora do violão, nada lhe interessava; entretanto disse:

– Quando se prospera, todas as profissões são boas...

– Não é para desfazer nas outras, mas a nossa, hein Breves? Hein Innocencio?

– Tem os seus precalços, disse Breves. Quando a gente está atrapalhado com o inimigo, tiro daqui, tiro dali, um fogo aceso, como em Curupaiti,...

– O senhor esteve lá, General? perguntou Tibullo.

– Não estive. Adoeci e vim para o Brasil. Mas o Camisão...

/84fr./ As danças continuavam sem cessar. De quando em quando um par atravessava a sala de jantar, bebia água ou seu licor e voltava. D. Maricota veio muito diligente, muito altiva e dirigiu-se ao marido:

– Então, Chico, que é isso? Pra sala! Vá seu Caldas, seu Tibullo... A filha do Lemos vai cantar, depois o senhor, *seu* Tibullo.

No caminho o General parou um pouco e chegou-se ao Tibullo:

– Diga-me uma cousa: como vai o Quaresma.

– Vai bem.

– Tem-lhe escrito.

– Pouco. Eu queria, General...

– O quê?

– Eu queria que o senhor me arranjasse uma passagem para visitá-lo.

– Isso é difícil, mas você apareça-me lá amanhã, no Quartel-General.

– Estou com saudades deles, depois tenho meus desgostos e queria espairecer. Se o senhor pudesse...

– Vá lá.

E os dous continuaram a andar; quando chegaram à sala de visitas o General ainda disse:

– Aquele Quaresma podia estar bem, mas foi meter-se com livros... É isto!

/84vs./ A moça começava a cantar. Era uma *romanza* italiana que ela cantava com vozinha pobre e com um acanhamento de gestos de uma colegial. Acabando, houve palmas e o Doutor Florêncio observou:

– Tem uma bela voz esta moça. Quem é?

– É a filha do Lemos, do Doutor Lemos da Higiene, disse o General.

– Pois canta muito bem.

– Está no último ano do Conservatório, observou ainda o General.

Chegou a vez de Tibullo. Ele empunhou o violão, afinou-o, correu a escala e falou primeiro em prosa:

– Meus senhores. Vou cantar "Os teus braços", modinha de minha composição, música e verso. Espero que não haja nenhum rumor, porque senão a minha inspiração se evola.

Começou dentro de um silêncio absoluto. Ao findar, todos, sinceramente entusiasmados, deram palmas, abraçaram-no e Tibullo ainda cantou uma vez.

Para descansar, ao fim da segunda, veio para a sala de jantar. Uma moça acompanhou-o.

– Sr. Tibullo, Sr. Tibullo!

– Que é minha senhora?

– O senhor tem essa modinha escrita?

– Não, minha senhora.

– Não me podia dar uma cópia?

– Pois não, minha senhora.

/85fr./ – O senhor não se esqueça. Não imagina como eu gosto das suas modinhas... São tão ternas! Tão delicadas... Olhe: entrega à Ismenia.

Ela se aproximava com o seu langor, a sua tristeza, como que desmaiada no seu vestido novo. Ouvindo o seu nome, perguntou:

– Que é Dulce?

A outra explicou-lhe. Ela aceitou a incumbência e perguntou com a sua voz e [*ilegível*] mole:

– *Seu* Tibullo, quando o senhor estará com D. Adelaide?

– Depois de amanhã, espero.

– Ah! Vai lá!

– Vou.

– Pois então diga a ela que me escreva. Eu queria tanto receber uma carta...

* * * * *

Folha 86, frente.

SEGUNDA PARTE
Capítulo III

O gigante Golias

_____

LÚCIA ESTAVA CASADA HAVIA BEM UMA SEMANA. A cerimônia correra com a pompa e a riqueza que exigia as côrtes de reis do velho Coleoni. Ela, porém, não fôra uma noiva majestosa. Pequena, muito mesmo, ao lado do noivo, quase desaparecia dentro do vestido, dos véus e daqueles atavios com que se arreiam as moças que se vão casar. De resto, a sua beleza não era bem a grande beleza – aquela que nós exigimos das noivas ricas, segundo o modelo das estampas clássicas. Na sua fisionomia, não havia nada desses narizes, dessas faces de [*ilegível*] bem desenhada. Ela nada tinha de grego, desse grego de pacotilha, era [*ilegível*], havia nos seus traços muita irregularidade, mas a sua fisionomia era bela e profunda. Não só a luz dos seus grandes olhos negros, que quase cobriam toda a cavidade orbitária, iluminava o seu rosto com muito fulgor, como a sua pequena boca, de um desenho fino, com as [*ilegível*] dos lábios dobrando-se em *covinhas* – exprimiam bondade e malícia, e o seu ar geral era de reflexão curiosa. Ao contrário do costume, não saíram da cidade e ficaram morando em casa do antigo empreiteiro.

Quaresma não fôra, mandara o peru e o porco da tradição; escrevera uma longa carta. O sítio empolgara-o, o calor ia passar, vinha a época das plantações e não queria afastar-se de suas terras. A viagem seria breve, mas /87fr./ assim mesmo, perdendo horas, era como se começasse a desertar da batalha. A visita de Tibullo veio distraí-lo um pouco, sem desviá-lo, contudo, de suas obrigações agrícolas. Os dias que o mestre passou na "Fartura" foram um triunfo para ele. A fama do seu nome precedia-o, de forma que não teve mãos a medir para atender ao convite das pessoas importantes. Quaresma não o acompanhava, mas gozava a sua vitória. Se bem que tivesse abandonado o violão, ainda continuava a prezar aquele instrumento essencialmente nacional. As conseqüências desastrosas do seu requerimento em nada tinham abalado as suas convicções patrióticas. Continuavam as suas idéias profundamente arraigadas, tão somente ele as escondia, para não sofrer com a incompreensão e maldade dos homens. Uma manhã Tibullo falou-lhe assim:

– Major, foi uma boa idéia vir para a roça. Vive-se bem, e depois pode-se subir.

– Não tenho nenhum desejo disso. Você sabe bem que nunca ambiciono nada.

– É verdade. Não digo que se peça, mas, quando nos oferecem, a gente não deve *enjeitar*, não acha?

– Conforme, meu caro Tibullo. Eu não podia aceitar o encargo de comandar uma esquadra.

– Até aí não vou. Olhe: eu gosto muito de violão, mesmo dedico a minha vida ao seu levantamento moral e intelectual, entretanto, se amanhã, o Presidente da República dissesse: *Seu* Tibullo, você /88fr./ vai ser deputado – o senhor pensa que eu não aceitava, sabendo perfeitamente que não podia mais desferir os trenos do meu instrumento? Ora, se não! A gente nunca deve perder vaza, Major.

– Cada um tem as suas teorias.

– Decerto. Outra cousa, Major. Conhece o Doutor Justino?

– Não.

– Mora daqui a meia-légua. Ontem toquei em casa dele. É um fidalgo. É rico, influente, generoso... Ele queria conhecer o senhor. Posso trazê-lo aqui?

– Pois não.

Tibullo não acompanhava o Major em seus trabalhos agrícolas. Enquanto ele se ocupava com a capinagem no roçado, o menestrel deixava-se ficar em casa, a ler ou a dormir ou mesmo a meditar uma nova modinha. O seu poeta era Casimiro de Abreu, era nele que bebia inspiração, sem ser, porém, um imitador servil. Punha variedade na métrica, seguindo o desejo do violão, e espalhava comparações a mancheias, aqui e ali, comparações de uma substância esquisita e metáforas de uma transcendência pouco comum. A voz do violão, entretanto, aclarava tanto as comparações como as metáforas e a semi-significação de suas modinhas era a marca certa do grande valor delas.

/89fr./ Conquanto fosse ele mesmo criança da roça, Tibullo não a amava. Não ia até o ódio da do milho, da batata, mas não entrava no seu entendimento nenhuma [*ilegível*] superior, nenhum sentimento da beleza do cultivo da terra, sempre vão e sempre virgem. A não ser a juriti e a rola, a sua poética nada continha que lembrasse a selva, a fauna ou agricultura nacionais. Ele gostava muito do sândalo, da [*ilegível*], do lírio, do rouxinol e se falava em mulher loura, vinha-lhe logo aos lábios uma trigal madona que ele nunca vira. Quaresma deixava-o e seguia acompanhado dos seus dous empregados, pois eram agora dous, pois, além do Anastácio que não era bem um empregado, mas um agregado, admitira o Felizardo.

Era este um camarada magro, alto, de longos braços e longas pernas, como um símio. Tinha a face cor de cobre, a barba rala e não havia ninguém tão valente como ele na [*ilegível*] a roçar. Com isto, era um falador incansável e, de manhã, quando chegava já sabia todas as intriguinhas do município inteiro. Quaresma admitira-o para auxiliar a [*ilegível*] que estava fazendo. Resolvera plantar /90fr./ um milharal e um mandiocal e tinha que ganhar terreno ao capão novo que invadira o lado do norte do sítio. Há oito dias que trabalhava; o mato estava derrubado e o aceiro aberto; mas Quaresma não lhe quisera atiçar fogo. Estava separando os paus grossos; os galhos e folhas; ele os ia acumulando um pouco distante, fazendo pequenas coivaras para queimar mais tarde. Não queria calcinar o terreno.

Isso levava tempo, custava tombos ao seu corpo mal habituado aos cipós e tocos, mas prometia dar um rendimento maior ao plantio; e Felizardo, durante o trabalho, ia contando as suas novidades para distrair.

– Essa gente por aí, dizia ele, anda acesa.

Quaresma gostava de [*ilegível*] com os humildes e não lhes recusava conversa. Anastácio era silencioso e grave. Trabalhava e, de quando em quando, parava, considerava o trabalho feito, numa postura grave de estátua de basalto:

– Que é que há, Felizardo? perguntou Quaresma.

O camarada respondeu então com a sua fala preguiçosa, de sons brandos – com [*ilegível*] e sons arrastados.

– Negócio de política. *Seu* Tenente Antonino quase briga ontem com seu Doutor Justino.

– Onde?

/91fr./ – Na estação.

– Por quê?

– Negócio de partido. *Seu* Tenente Antonino é pelo Governador, *seu* Doutor Justino é pelo Senador Guariba – um *sarcero*, patrão.

– E você, por quem é?

– Eu! Sei lá... Urubu pelado não se mete no meio dos coroados. Isso é bom pro *sinhô*.

– Eu sou como você, Felizardo.

– Quem me dera, meu *sinhô*. *Inda trasantonte* ouvi *dizê* que o patrão é amigo do *Marechá*...

– Quem disse?

– Não sei. Ouvi a modo de *dizê* lá na venda do Espanhol, tanto assim que dizem que *seu* Doutor Justino *tá* inchado que nem sapo, com sua amizade...

– Mas é falso, Felizardo. Eu não sou amigo cousa alguma, conheci-o há muito tempo, por causa do emprego que tive. Que amigo!

– *Quá*! O patrão *tá* varrendo a testada...

Apesar de todo o esforço do Major, não houve meio de tirar daquela cabeça infantil a crença de que Quaresma era íntimo do Marechal Floriano. A hora do jantar chegou e os três se encaminharam para a casa.

/92fr./ O jantar corria rapidamente. D. Adelaide sentava-se à cabeceira, Quaresma à sua direita e à esquerda, Tibullo.

– Então, Sr. Tibullo, tem gostado?

– Muito.

– É uma vida deliciosa. Não sei como os nossos poetas não gostam do campo... Aqui, na roça, é que se tem inspiração...

– Tens composto muito? perguntou Quaresma.

– Hoje, acabei uma modinha.

– Como se chama? indagava D. Adelaide.

– "Meu Anjo".

– Já tens a música, hein Tibullo?

– A música é a primeira cousa que eu faço, Major.

– Logo há de nos cantar a sua modinha nova – não é, Sr. Tibullo?

– Pois não.

Depois do jantar, Quaresma e o trovador saíam a passear no sítio. O Major gostava de visitar o galinheiro. Ele levava sempre o pedaço de pão, que esfarelava em migalhas, para ver as galinhas disputarem-nas entre si. Isso lhe dava uma imagem encantada da vida e

dos prêmios de suas lutas. Ele sorria para os frangos, quase beijava os pintinhos vivos e ávidos; demorava-se a olhar a estupidez do peru, muito imponente, a /93fr./ entesar as penas e a dar estouros de orgulho. Em seguida ia ao chiqueiro. Assistia Anastácio dar a ração despejando-a nos cochos. O enorme cevado, de grandes orelhas pendentes, levantava-se vagarosamente, solenemente, [*ilegível*] e lá vinha mergulhar a grande cabeça na caldeira; n'outro compartimento os bacorinhos grunhiam e deixavam de [*ilegível*] com força a mãe deitada sobre o dorso, para chafurdar-se na comida. Tibullo acompanhava Quaresma, com as mãos para trás, quase sem olhar para aquelas formas inferiores de vida. Voltavam quando ouviram vozes estranhas na sala. Apertaram o passo. Entraram.

– Oh! És tu, Lúcia!

– Oh! meu padrinho.

E os dous se abraçaram muito; eram quase da mesma altura, de forma que o abraço não fez nenhum esticar-se ou abaixar-se.

– Vieste sempre, hein?

– Vim. Está bonito... Belo lugar... Como se chama aquele riacho?

– E o *Doutô*? *Quedê* teu marido?

– Está lá dentro. Armando, meu padrinho.

Os dous se cumprimentaram e Tibullo foi também apresentado. O marido, o Doutor, era alto e grave. Disse algumas palavras cerimo/94fr./niosas e ficou um tempo perdido a rodar em torno do dedo o anel anunciador de sua casta. Lúcia ficou com D. Adelaide a visitar a casa e os homens foram correr a roça. Falando, perguntando e respondendo, o Doutor não deixava nunca de rodar o anel em torno do dedo indicador.

Quaresma recolhia-se cedo no quarto. Oito horas, oito e meia, depois de [*ilegível*], ele já estava na cama a ler. Naquele dia, porém, a silenciosa casa da "Fartura" conservou-se acesa até perto de meia-noite.

– Aquilo lá, pela cidade, não anda bem. Dizem que vai haver revolução. O Congresso está fazendo uma oposição terrível ao Presidente... O senhor é que está bem aqui, padrinho, dizia Lúcia.

Quaresma então perguntava ao marido da moça:

– Mas por que é a desinteligência, Doutor?

O Doutor dava uma volta ao anel e falava devagar:

– A questão é com o Lucena, é com monarquistas, o Major sabe?

D. Adelaide de seu lado contava os arranjos da casa, as dificuldades da mudança, /95fr./ os móveis quebrados, os objetos partidos.

– Um inferno, dizia, diabo leve quem gosta de mudar-se.

Tibullo mantinha a conversa, dando uma ou outra opinião e teve tristeza em não ser convidado a cantar.

O Major recolheu-se contente e naquela noite dormiu com mais satisfação. Acordou cedo, ainda escuro, e, sem se apartar dos seus trabalhos dirigiu-se ao roçado. Anastácio e Felizardo já lá estavam. Quando voltou, sua irmã disse-lhe:

– Polycarpo, tem aí um jornal que o Correio trouxe para ti.

– Quem mandou?

– Não sei. Foi o correio que trouxe.

Ele rasgou a cinta, leu o título: *O Município*. Era o órgão local, filiado ao partido situacionista. Pôs o *pince-nez* e correu os olhos pelo artigo de fundo. Intitulava-se "Os

intrusos" e consistia numa grande descompostura aos estranhos, "verdadeiros estrangeiros que se vinham intrometer na vida particular e social da família curuzuense". Quaresma ia pôr fora o jornaleco, quando deu na penúltima página com uns versinhos marcados a lápis vermelho. /96fr./ Diziam eles:

"Política de Curuzu"

Quaresma, meu bem, Quaresma!
Quaresma do coração!
Deixa as batatas em paz,
Deixa em paz o feijão.

Jeito não tens para isso,
Quaresma, meu cocumbi,
Volta à mania antiga
De redigir em tupi.

"Olho vivo"

Ele leu isso duas ou três vezes, mas não atinava, não compreendia porque estava metido o seu nome naquilo. Que fizera? Que inimizade provocara? Não atinava, não achava razão, motivo, causa para semelhante ataque. Sua irmã voltava acompanhada de sua afilhada.

– Vê isto, Adelaide.

– Que é?

– Lê.

A velha senhora tomou o jornal e leu. Lúcia também leu e os três ficaram um instante a olhar um para outro.

– Mas que fiz eu? disse à toa Quaresma, coçando os fartos cabelos castanhos que começavam a embranquecer.

/97fr./ – Nada, meu padrinho. É por isso mesmo... O senhor se meteu algum dia nessa política daqui?

– Eu nunca. Não é Adelaide?

– Nunca, Lúcia. Ele até evita conversar a tal respeito. Chega um de um partido, ele não diz nem sim, nem não; chega outro e outro, é o mesmo.

– É por isso. Querem obrigar o padrinho a se manifestar.

– Vou declarar, disse Quaresma, que não me meto nessas cousas.

– Está doido! fizeram as duas mulheres a um tempo.

– Não faça isso, meu padrinho. É uma fraqueza!

– Decerto, fez D. Adelaide. Você nada tem que dar satisfações. Deixe-os falar por aí.

Tibullo e o doutor vinham encontrar os três nessas considerações. Era hora do almoço e todos chegavam. Tibullo notou logo a alteração de Quaresma. Estava pálido, com os olhos úmidos, e coçava sucessivamente a nuca.

– Que há, Major?

/98fr./ As senhoras explicaram e deram-lhe os versos a ler. Tibullo então contou o que ouvira na vila do Tenente Antonino. Acreditava este que Quaresma viera ali para fazer política, tanto assim que dava esmolas, deixava o povo fazer lenha no seu mato. Estava emburacado, era bicho de concha, mas ele, Antonino, havia de desmascará-lo.

– E você não desmentiste? perguntou Quaresma.

O trovador afirmou que sim, mas o escrivão não quisera acreditar. O jantar começou triste, mas pelo fim Lúcia conseguiu espantar a nuvem negra que o cobria. O incidente foi esquecido; a moça, durante os dias que lá esteve, [*ilegível*] alegria em toda a "Fartura" e fê-lo esquecer completamente. Ela ia a um, ia a outro; fazia este conversar, indagava isto daquele. Anastácio, tão silencioso e reservado na sua taciturnidade africana, era com quem ela mais gostava de fazer falar.

– Isto aqui é bom, não é, *seu* Anastácio?

O preto procurava uma função de entrada: *sim*, *para falar a verdade*, *então*, *eu digo que*; por fim dizia:

– Para *falá* verdade é, Sinhazinha. /99fr./ Sabe é como minha terra: só tem barulho da fala da gente e dos passarinhos.

– Então a cidade era muito barulhenta?

– Então não é? Bandos de carroça, de trem, de *vapô*, de bonde... Minha terra não é assim.

Quaresma, que nunca saía, consentiu a vontade da afilhada, em andar pelos arredores do seu sítio. Não havia nada mais desagradável e triste. Quase não se encontravam culturas, nem pastos. Em torno das choupanas, [*ilegível*] a custo um milharal amarelo, quatro ou cinco pés de frutas. Sobre os regatos não havia pontes e as estradas eram míseros atalhos que mal davam passagem a um carro. Um ou outro sítio fazia exceção e tinha cultura, gado; em geral, era de estrangeiro. As casas das fazendas e sítios antigos caíam, tinham as paredes esburacadas, o [*ilegível*] a cair como se tivessem sofrido um bombardeio, e as terras viviam abandonadas. As matas, por toda a parte, devastadas. A população, aquela que viva ali desde os primeiros tempos coloniais, metia dó vê-la. Suja, maltrapilha, triste, baça, quando de cor, amarela, quando branca, eram como aqueles chimpanzés de La Bruyère que tinham alguma semelhança à voz articulada e quando se levantavam mostravam uma face humana.

Naquela tarde, quando se reuniram na sala, para /100fr./ conversar, o Doutor que, de uns tempos a esta parte, se dispunha a dizer alguma cousa, sempre rodando o amuleto no dedo indicador, quis atribuir aquela situação desesperadora à pobreza da terra. Quaresma indignara-se.

– Adubos! É lá possível que um brasileiro tenha tal idéia! Pois se temos as terras mais férteis do mundo!

– Mas se esgotam, Major! fez o Doutor.

– Qual! Em tão pouco tempo, em menos de três séculos! Qual! Isto é uma injúria!

– Eu se eu fosse o senhor, acrescentou o Doutor, ensaiava uns fosfatos nas suas culturas.

– Decerto, Major, interveio Tibullo. Eu, quando comecei a tocar violão, não queria saber de música... Qual música, qual nada! Mas depois vi que era necessário e aprendi. É assim.

Todos se entreolharam, exceto Quaresma que avançou:

– Sr. Doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, e o mais bem dotado do mundo, e as suas terras não precisam empréstimos para dar sustento ao homem.

/101fr./ – Eu creio que o Major se engana, retrucou o Doutor. Há terras mais férteis que as do Brasil.

– Onde?

– Na Europa...

– Na Europa – qual!

– Há, sim senhor. As terras negras, no sul da Rússia, são de fazer inveja a todas as maravilhosas terras do seu Brasil.

– O senhor não é patriota, fez o Major agastando-se. Este sim, até quando os caprichos.

Nem Lúcia interveio. O padrinho ameaçava a se enfurecer e ela teve medo de uma recaída. Procurou um rodeio, despediu-se e recolheu-se ao quarto.

Quaresma não tardou a ir. Despiu-se, enfiou a camisola e pôs-se a ler um velho ditirambo patriótico. A casa estava em silêncio. Do lado de fora, num morro as corujas piavam, os sapos tinham-se calado no riacho próximo. Quaresma lia. O seu quarto ficava perto da despensa. Pareceu-lhe que dali vinha um [*ilegível*] ruído. Apurou o ouvido e prestou atenção. Que era? Eram uns estalidos, muito tênues, pareciam que quebravam gravetos, que deixavam outros cair no chão... Apurou os ouvidos mais, Não havia dúvida, havia bulha! Levantou-se, agarrou /102fr./ o castiçal e assim mesmo em camisola se encaminhou para lá. Moveu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando lhe morderam seus pés. Quase gritou. Abaixou a vela e viu uma grande saúva furiosamente atracada ao peito do seu pé. Eram formigas que tinham dado na lata de milho. Centenas e talvez milhares, enchiam a despensa, carregando a sua provisão de milho pelas frestas da janela e por buracos no solo. Quis afugentá-las, [*ilegível*] a pontapés. Veio uma mordeu-o, veio outra, outra, outra e a dor fez com que ele deixasse cair a vela.

Estava no escuro, elas não o deixavam e Quaresma, com seu metro e pouco de altura, fugiu àquele inimigo minúsculo que talvez, nem à luz radiante do sol, o visse perfeitamente...

* * * * *

Folha 103, frente.

SEGUNDA PARTE

Capítulo IV

“Peço energia. Sigo já”

D. ADELAIDE, A IRMÃ DE QUARESMA, era uns quatro anos mais velha do que ele. Alta, sem imaginação mas de inteligência lúcida e positiva, em tudo formava um grande contraste com o irmão; contudo sempre viveram juntos e se entenderam bem. Ela já chegara aos cinqüenta e ele para lá marchava, mas ambos, ela mais que ele, pareciam com menos anos.

A vida calma, doce e regrada que tinham levado até ali, concorrera muito para o ar saudável de ambos. Quaresma incubou suas manias até depois dos quarenta e ela nunca tivera uma qualquer. A vida, para D. Adelaide, era cousa simples: uma casa, jantar e almoço, e vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos; e se a mulher é [*ilegível*] de natureza, como diz G. Sand, ela não era porque nunca tivera no coração os sonhos e quimeras de mulher. Moça, não sonhara príncipes, nem belezas, nem [*ilegível*]. Se não se casou foi porque não tinha a necessidade de casamento. O sexo nunca lhe pesava e ela sempre se sentiu completa.

Isso lhe dava uma fisionomia calma, um aspecto tranqüilo, e aos seus observadores, um sossego seguro – os últimos contrastes que se vinham opor à agitação [*ilegível*] e à inquietude recentes do irmão.

Não se vá supor que Quaresma andava agitado, transtornado, como um doido. Na aparência até poder-se-ia imaginar que nada conturbava ~~a~~ sua alma; mas se se examinasse mais detidamente os seus hábitos, gestos e as suas atitudes, logo se havia de ver que o sossego não morava no seu pensamento.

/104fr./ Ocasiões havia em que ficava a olhar, durante minutos seguidos, ao longe o horizonte sem fim; outras havia, isso quando no trabalho da roça, que suspendia todos os movimentos, fincava o olhar no chão, demorava-se assim um instante, dava depois um muxoxo e continuava. Anastácio, nesses momentos, olhava por baixo dos olhos o patrão, engolia o pensamento, e nada observava. Felizardo cousa alguma notava, e inútil é dizer que D. Adelaide não fazia reparo nisso e as outras pessoas de sua amizade não o podiam fazer, porque estavam longe.

Tibullo há seis meses que não lhe visitava e da afilhada a última carta que recebera, datava de uma semana, não a vendo há tanto tempo quanto o trovador.

Durante esse tempo, Quaresma não cessou de se interessar pelo aproveitamento de suas terras. Os seus hábitos não foram mudados e a sua atividade continuava a mesma. A campanha contra ele tinha deixado de ser pública, mas ele percebia que lavrava ocultamente. De resto, a situação geral que o cercava, aquela miséria da população campestre, aquele abandono de terras, aquelas atividades opressoras, tudo isso levava à sua inteligência /105fr./ preocupações angustiosas. Pelo seu caso, ele via bem as dificuldades, os óbices de toda a ordem e perseguia meios de melhorar. Um fato veio mostrar-lhe com eloqüência um dos muitos óbices, um dos muitos obstáculos. Vencendo a erva de passarinho, os maus-tratos e o abandono de tantos anos, os abacateiros de suas terras conseguiram frutificar, fracamente é verdade, mas superior às necessidades de sua casa. A sua alegria foi grande. Pela primeira, ia passar-lhe pelas mãos dinheiro que a terra lhe dava. Tratou de vender, mas como? A quem? Que dificuldades! Dous dias andou pelo Rio, de porta em porta. Os preços eram baixos, míseros; enfim, enviaram-lhe a um tal Sr. Azevedo, do Mercado, o rei das frutas. Lá foi.

– Abacates! Ora! Tenho muitos... Estão muito baratos...

– Entretanto, disse Quaresma, ainda hoje indaguei numa confeitaria e pediram-me pela dúzia cinco mil-réis.

– Ah, sim, nas confeitarias! Vá vendê-los lá... Por que não vende?

/106fr./ – Em porção, o senhor sabe...

– É isso... Enfim, se o senhor quer mande-os que depois lhe farei o preço.

Tilintou a corrente, pôs as mãos na cava do colete e acrescentou:

– É preciso vê-los, o tamanho influencia.

Quaresma os mandou e, quando lhe veio o dinheiro, tirando os fretes, de estrada de ferro e carroça, o custo das embalagens, a paga do auxiliar que os ajudou a apanhar, o lucro era diminuto, reduzido, de 1$500. O seu contentamento foi de um rapaz que recebe o ordenado a primeira vez. Aqueles parcos mil réis tinham uma eloqüência especial, falavam mais à sua energia e ao seu valor do que um avultado ordenado, e foi com redobrada atividade que ele se pôs em campo, plantando, capinando, [*ilegível*] as safrosas terras de seu sítio.

Limpou as árvores, tirou-lhes as espessas cabeleiras de ervas daninhas, cortou-lhes os galhos velhos; e, por um momento aquele velho sítio, semi-abandonado há quase 25 anos, [*ilegível*], todo ele reverdaria e o renascimento das árvores parecia que levava o contentamento às aves e ao passaredo solto. De manhã, eram os tiés vermelhos, as rolas pardas /107fr./ a esvoaçar de árvore em árvore; pelo correr do dia era os sanhaços azulados nas grimpas das árvores, os colibris negros pelas cabeleiras do milharal; e de tarde, como que todos os pássaros se reuniam a um sinal, e eram então de todas as cores, de todas as vozes, chilreando, pelas altas mangueiras, pelos cajueiros, pelas laranjeiras, pelos abacateiros, ainda amputados aqui e ali, dos galhos [*ilegível*] ou daqueles em que vegetações parasitas lhes furtavam até a seiva e o ar.

Um dia, porém, um inimigo veio a aparecer inopinadamente. Até ali ele se mostrara tímido, parecia que somente avançava batedores. Desde aquela noite em que deram no depósito de milho, afugentadas logo, não mais as formigas apareceram; mas, naquela manhã, quando ele foi ver o milho que começava a repontar da terra, muito verde, pequenino, com uma timidez de criança, a sua tristeza foi profunda, vendo que quase todo o seu plantio estava cortado, triturado até a flor da terra, como se mãos humanas tivessem cortado, /108fr./ com aparelhos afiados, um a um, dos pés que saíam das covas. Eram as saúvas, os terríveis himenópteros, os saqueadores e beneficiários do seu trabalho. Quaresma logo se pôs em campo, descobriu as aberturas do formigueiro e em cada uma queimou o formicida mortal. Passaram-se dias; os inimigos pareciam derrotados; mas certa noite, indo ao pomar para bem sorver a olência das laranjeiras em flor, Quaresma ouviu uma bulha esquisita; era como se alguém pisasse e esmagasse com cutela as folhas mortas das árvores. Acendeu fósforo e o que viu, meu Deus! Quase todas as laranjeiras estavam negras de imensas saúvas; havia pelos troncos e pelos galhos acima uma agitação de pessoas de grande cidade: umas subiam, outras desciam. Nada de atropelos, de confusão, de desordem. O trabalho era como que regulado a toque de corneta. Em cima umas cortavam as folhas pela haste, embaixo outras serravam-nas e afinal os pedaços, levantados acima das enormes cabeças dos terríveis insetos, eram levadas em /109fr./ em longas fileiras de carregadoras pelo trilho limpo, aberto entre a erva rasteira.

O Major ficou triste. Aquele inimigo não estava em seus cálculos e agora tinha que os combater. Não desanimou, dispôs-se ao combate. Comprou ingredientes, alugou mais

dous empregados e ei-lo a injetar formicida pelos caminhos dos himenópteros, a abrir trilhas na mata para descobrir a rede dos formigueiros, *as panelas*, trabalho difícil e caro, mas indispensável e [*ilegível*] se ele quisesse continuar a trabalhar a terra. E daí em diante foi uma batalha sem tréguas. Se aparecia uma abertura, um *olho*, logo apelava para o sulfato de carbono, ateava-lhe fogo e logo uma veia da estrada vinha mostrar que aqueles piratas de muitas pernas tinham sido afugentados. O trabalho tinha que ser incessante, porque dos formigueiros das vizinhanças vinham ramificações para as suas terras. Era um suplício, um castigo e viu bem que só com guerra qualquer, podia exterminar aquele flagelo, pior que a saraiva, que geada, que a seca, pois estava sempre presente, inverno, verão, outono ou primavera.

/110fr./ Apesar dessa luta prolongada Quaresma não desanimou e pôde mesmo colher alguma cousa das plantações que tinha feito. Se, por ocasião das frutas, a sua alegria foi grande, mais expressiva e mais profunda ela foi, quando viu partir para a estação, em sucessivas carretas, as abóboras, os aipins, as batatas doces, em cestos caros, [*ilegível*], uns sobre outros, a se alçar como paredes [*ilegível*], até a altura das paredes dos grandes carretos de bois. Ao acabar a remessa, ele foi ver o produto de seu trabalho, arrumado nos cais da estação, com a satisfação de um pai que vê um filho crescer e subir. Não esperou muito pela remuneração de seu esforço. Recebeu o dinheiro, contou-o e esteve deduzindo o lucro. Nesse dia, ele não foi ao roçado; o trabalho de guarda-livros absorveu o de cultivador e a sua atenção já um tanto lerda não lhe favorecia a tarefa das cifras. Enfim, pelo meio do dia, pôde dizer à irmã.

– Sabes qual meu lucro, Adelaide?

– Não. Menor do que os abacates?

– Muito menos.

– Quanto?

/111fr./ – 2.570 réis.

– O quê?

– Foi isso. Só de frete, paguei 79.500.

D. Adelaide esteve um tempo com os olhos baixos, seguindo a costura, demorou-se assim alguns minutos, depois levantou o olhar e disse.

– Homem, Polycarpo, o melhor é deixares isso. Já tens gasto um dinheirão em empregados, em ferramentas, só em mata-formigas gastaste mais de um conto de réis...

– Ora, Adelaide. Pensas que eu faço isto para ganhar dinheiro; faço para dar exemplo, para levantar a agricultura, aproveitar a nossa terra.

– É isto, sempre teimas. Acaso tu vês os grandes fazerem isso? Qual! Metem-se no café, que é pela certa... Isso de plantar, não é pra todos; depois isto aqui não presta – terra velha, cansada... Ora, admita isso...

– Não há terras cansadas, a questão é de persistência.[31]

D. Adelaide prestou mais atenção à costura, o Major levantou-se, foi até a janela que dava para o galinheiro, concertou o *pince-nez*, e de lá dirigiu-se à irmã:

/112fr./ – Ô Adelaide, aquilo não é uma galinha morta?

[31] Lima Barreto escreveu esta linha à tinta, e sobrescreveu outra, a lápis, parcialmente ilegível: "Mas podes fazer outra [*termos ilegíveis*].". Por essa razão, optei por usar, aqui, a primeira redação, mesmo que abandonada.

A irmã ergueu-se, foi até a janela e verificou:

– É... É já a quinta que morre esta semana.

Quaresma, após esta leve conversa com a irmã, voltou à sua sala de estudos. Meditava grandes reformas agrícolas. Recebera ultimamente uma porção de catálogos e examinava os aparelhos oferecidos. Tinha já em mente uma charrua dupla, um capinador mecânico, um plantador e um destocador apropriado, grades – tudo americano, de aço, dando o rendimento do trabalho de 20 homens. Até aí não quisera essas inovações; as terras mais ricas do mundo não precisavam desses processos artificiais para render, mas a prática lhe estava mostrando que era preciso empregá-los. Aos adubos, porém, o seu espírito resistia; aquilo lhe parecia uma profanação, uma infâmia, uma ofensa à fertilidade consagrada das terras brasileiras. Estava assim entregue a seu exame, quando lhe anunciaram o Doutor Justino.

Vereador e fazendeiro, era o Doutor Justino uma das poucas pessoas que eram do lugar que se ligaram a Quaresma. O seu todo era manso, doce e jovial, e se nos seus olhos havia muita esperteza, no seu falar havia tanta mansidão que se o julgaria um matuto [*ilegível*]. /113fr./ No resto, o homem aparecia forte, com ombros largos, trigueiro e cabelos lisos. Um caboclo, um espécime nacional. Quase sempre procurava o Major e este foi duas ou três vezes à sua casa, que ficava próxima.

– Ora, viva, o Major! disse ele com mostras de grande alegria e deixando ver os dentes muito claros. Como vai isto por aí? Muita formiga?

Quaresma respondeu com menos entusiasmo e jovialidade.

– Sabe o que me traz aqui, Major? Não sabe, não é? Preciso de um pequeno obséquio seu.

O Major olhou um instante o homem, mas a sua fisionomia era tão natural, que ele se abriu em oferecimentos.

– Como o Major sabe, as eleições devem realizar-se no domingo. A vitória é nossa. Todas as mesas estão conosco, exceto uma... Isto depende do Major...

– Qual! Eu! fez com modéstia e [*ilegível*] Quaresma.

– Exatamente, continuou o Capitão com a sua voz [*ilegível*]. Exatamente: onde funciona a seção é ali na escola, na sua vizinhança.

/114fr./ – E dai?

– Tenho aqui uma carta do Neves e o Major podia responder, já [*ilegível*], dizendo que não tinha havido eleição. Está disposto?

Quaresma olhou o Capitão com firmeza, passou a mão pelo cavanhaque e disse claramente:

– Absolutamente não.

Justino não esperava encontrar tanta decisão no Major. Considerou-o algum minuto com seu olhar vivo e penetrante e falou, ainda [*ilegível*]:

– Mas, Major, é para servir o nosso partido.

O antigo subsecretário explicou então que não se queria meter em política, que lhe eram absolutamente antipáticas as [*ilegível*] eleitorais, o seu maior [*ilegível*] era viver sossegado no seu sítio. O vereador ouviu-o, levantou-se, e, a jeito de quem inimigalamos, aconselhou-o:

– Olhe, Major, o senhor vai arrepender-se. Quem não é por mim é contra mim. O senhor fica incompatível com os dous partidos e vai sofrer pelos dous lados. Ainda está em tempo...

Isto se passou numa terça-feira, um lindo dia de sol, a brilhar num céu muito alto e de um azul fino. Pela tarde, um pouco depois da saída do Doutor, se [*ilegível*] e tendo [*ilegível*] bruscamente, vindo a chuva a cair com uma força que não era da estação. /115fr./ Na quinta-feira, Quaresma foi surpreendido com a visita de um sujeito apoucado, muito apertado numa farta [*ilegível*], e que era portador de um papel oficial para ele. Tratava-se de uma intimação da Câmara Municipal. Em virtude das posturas e leis municipais em vigor no Município de Curuzu, o proprietário do sítio "Fartura", Polycarpo Quaresma, era intimado a roçar e capinar as testadas do seu sítio que confrontavam com as vias públicas. Tinha, portanto, Quaresma de capinar cerca de quilômetro e meio, pois seu sítio dava frente para uma estrada e um dos lados acompanhava uma outra na extensão de oitocentos metros.

O Major atarantou-se; ficou sem pensamento, sem saber como atender aquela espécie de corvéia. Consultando sua irmã, ela lhe aconselhou que falasse ao Doutor Justino. Ele então lhe contou a conversa que tivera com o vereador, dias antes.

– Mas tu és tolo, Polycarpo. Foi ele que te arranjou essa intimação...

A conclusão da irmã lançou-lhe luz no pensamento. Aquelas reticências de falar, aquelas /116fr./ ameaças veladas... Era assim que a rede de leis, de posturas e códigos, nas mãos das autoridades se transformava em potro, em [*ilegível*], em aparelho de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações, crestar-lhes a iniciativa e a independência, abatendo-as e desmoralizando-as.

Pelos seus olhos passaram então aquelas faces amarelas que se encostavam pelas vendas preguiçosamente; viu também aquelas crianças maltrapilhas e sujas, de olhos baixos, a esmolar vintém pelas estradas; viu ainda aquele *seu* Felizardo, bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho nas terras que comprara e bebendo todo o dinheiro que obtinha...

Não se demorou, porém, nos pensamentos. O carteiro lhe trouxera uma carta; era da afilhada, vinha muito alegre e viva. Contava-lhe pequenas histórias da sua vida, o teatro, os bailes; o Doutor, dizia ela, já se esqueceu do anel e mandava-lhe lembranças. Em *post-scriptum*, pedia notícias da "Duquesa" e recomendava a D. Adelaide tivesse muito cuidado com o seu manto de arminho.

A "Duquesa" era uma grande pata branca, que pela lentidão e majestade do andar com o pescoço alto e as penas alvas e macias de /117fr./ ver merecera da afilhada esse título nobiliárquico. Quaresma então lembrou de sua morte. A peste lhe levou, uma espécie de paralisia, que tomava primeiro as pernas e por fim o corpo todo. Três dias levou o animal a agonizar. Deitada sobre o peito, com o bico colado ao chão, atacada pelas saúvas, ela só dava sinal de vida por uma lenta e fraca oscilação do pescoço. Naquele busto, a sua vida que se lhe extinguia penetrava na nossa. Sentia-se-lhe o sofrimento e aquela longa agonia encheu Quaresma de compaixão. Ele quis curar, dar-lhe beberagens a esmo, [*ilegível*], chamou um mais entendido, mas ninguém sabia tratar aquela terrível moléstia. E assim foram muitos; aquele galinheiro tão povoado há seis meses, era agora um deserto, nem mais dez cabeças tinha. Era como uma aldeia em que tivesse dado as [*ilegível*] e a peste.

Esses contratempos, essas contrariedades abateram um tanto Quaresma. O cultivador entusiástico que viera há quase um ano do Rio de Janeiro, ficara só um agricultor

[*ilegível*] e refletia. Contudo, não lhe passara pela mente abandonar seu plano. Tratava de mandar comprar máquinas, compêndios de veterinária e ia recomeçar.

/118fr./ Estava até à espera da junta de bois que compra para o trabalho do arado, quando lhe apareceu um soldado de polícia. Vinha da parte da coletoria e trazia aquele papel. O Sr. Polycarpo Quaresma, proprietário do sítio "Fartura", era intimado a pagar 200 mil de multa, por ter expedido produtos agrícolas para o Rio de Janeiro, sem pagamento dos impostos locais.

O Major não leu a assinatura do Doutor Justino, mas descobriu a parte que o político tinha no caso. O seu pensamento foi logo para as cousas gerais. O seu patriotismo devia [*ilegível*]-lhe. Pois aquilo era país? A quarenta quilômetros do Rio, [*ilegível*], se precisava pagar impostos para se enviar umas humildes batatas? Como era possível prosperar a agricultura, se as barreiras eram tantas? Se ao monopólio dos atravessadores do Rio, se juntavam as exações do estado, como era possível tirar da terra remuneração que consolasse?

Pensando isso, Quaresma veio a recordar-se do seu tupi, do seu *folk-lore*, da modinha – tudo aquilo lhe pareceu insignificante /119fr./ pueril, infantil, à vista dos grandes trabalhos que a pátria exigia. Aquela exaltação antiga nele em parte e logo sua imaginação criou as medidas necessárias: um governo respeitado, forte até à tirania, medidas agrárias, de acordo com o meio: Sully e Henrique IV.

Felizardo vinha lhe trazer o jornal. As saudades do Rio tinham-lhe feito comprar uma folha diária. Abriu-a e logo deu com a notícia da revolta da Armada. O Almirante Custódio, tomando posse dos navios [*ilegível*] na Bahia, se insurgia contra o governo legal.

Quaresma lembrou-se dos seus pensamentos de ainda agora: um governo respeitado, forte até a tirania, medidas agrárias... Os olhos brilhavam, deixou o jornal, saiu pela porteira de vacas e correu à estação. Chegou ao telégrafo e pôs-se a escrever:

"Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. Quaresma."

* * * * *

Folha 120, frente.

SEGUNDA PARTE

Capítulo V

O trovador

– DECERTO, GENERAL, NÃO É POSSÍVEL continuar assim... Então mete-se um sujeito num navio, assesta os canhões pra terra e diz – sai daí, *seu* Presidente de terra – e o homem vai saindo... Não! É preciso um exemplo.

– Eu também penso assim, Caldas. Esta terra precisa de um governo e de governo que se faça respeitar. É incrível, um país tão rico, o país mais rico do mundo, é pobre, deve a todo mundo... Por quê? Por causa dos governos que temos tido que não se fazem respeitar.

Continuaram a andar, à sombra das grandes majestosas árvores do parque abandonado. Breves, depois de um curto intervalo, recomeçou:

– Você viu o Imperador... Não havia jornaleco, pasquim que o não chamasse de *banana*... Saía no Carnaval... Um desrespeito... Que aconteceu? Foi-se que nem um intruso.

– Era um bom homem... Amava o seu país... O Deodoro não soube o que fez...

– Morreu arrependido... Nem a farda quis ir para a cova...

/120vs./ – Breves, você quer que eu te diga uma cousa: estávamos melhor naquele tempo...

– Decerto. Onde está um Caxias? Um Porto Alegre?... [*ilegível*]. A vida era mais barata... Hoje, tudo está pela hora da morte.

Eles olharam um instante as velhas árvores da Quinta Imperial, por onde vinham atravessando. Nunca as contemplaram e agora parecia-lhes que jamais tinham visto árvores tão calmas, tão belas, tão seguras de si, como aquelas que espalhavam sob os seus grandes ramos uma sombra, deliciosa, carinhosa e ampla. Pareciam que medravam sentindo-se seguras, em terra de que nunca seriam desalojadas a machado, para edificação de casebres que levasse o tifo e a [*ilegível*] aos homens miseráveis. A terra era delas e agradeciam a terra estendendo muito as suas ramadas, dando-lhe frescura e abrigo contra a inclemência do sol. As mangueiras eram as mais gratas, os ramos longos e cheios de folhas quase beijavam o chão; as jaqueiras espreguiçavam, os bambus se inclinavam e cobriam o caminho como uma ogiva verde...

O velho edifício imperial se erguia sobre a pequena colina. Eles o viam do fundo, daquele lado de construção mais antiga, joanina. Não era belo o edifício, não tinha uma arquitetura qualquer. As janelinhas acanhadas daquela fachada joanina, com andares de pouca altura impressionavam mal; mas /121fr./ ele todo tinha uma segurança de si pouco comum nas nossas habitações, um ar de dignidade, alguma cousa de quem se sente viver, não para um instante, mas para anos e séculos. As palmeiras cercavam-no, eretas, firmes, orgulhosas, com os seus penachos verdes, como uma guarda imperial, orgulhosa do seu mister.

– Em que dará isto tudo, Caldas?

– Sei lá.

O *homem* deve estar atrapalhado... Já tinha o Rio Grande, agora o Custódio...

– Poder é o poder, Breves.

O Almirante e o General continuaram a andar pelo parque, demandando a estação de S. Cristóvão. Eles o iam atravessando transversalmente do portão do Pedregulho à linha da estrada de ferro. Iam andando. Pouco antes de saírem, deram com um soldado a dormir numa moita. Acordaram: camarada! Camarada! O soldado levantou-se estremunhado e, dando com aqueles dous oficiais generais fardados, concertou rapidamente, fez a continência e ficou firme.

– Abaixe a mão, fez o General. Que faz você aqui?

O soldado explicou tinha estado de ronda ao litoral toda a noite. A praça recolhera ao quartel e ele pedira licença para ir em casa, mas o sono fôra muito e descansava ali um pouco.

– Então como vão as cousas?

– Não sei, não senhor.

/121vs./ – Os homens desistem ou não?

– Não sei, não senhor.

O General esteve um instante examinando o soldado. Era branco e tinha os cabelos alourados, as feições eram feias, os molares salientes, a testa óssea e todo ele anguloso e desconjuntado.

– Donde você é?

– Do Piauí, sim *sinhô*.

– Da capital?

– Do sertão, de Paranaguá, sim *sinhô*.

O Almirante até ali não fizera pergunta alguma. O soldado continuava amedrontado. Caldas, para acalmá-lo, falou mais doce.

– Você não sabe, camarada, quais são os navios que eles têm?

– O Aquidabã... O Aquidabã... Um *bandão* deles, sim *sinhô*.

– Bem, descansa, meu filho. É melhor ires para casa... Podem furtar-te o sabre e estás na inácia, falou o General.

Os dous generais continuaram o seu caminho e em breve estavam na plataforma da estação. A pequena estação tinha um grande movimento. Um grande número de oficiais ativos morava por ali e os editais chamavam todos se apresentar às autoridades respectivas. Breves e Caldas atravessaram a plataforma no meio de continências. Breves era mais conhecido, Caldas não. Quando passavam, ouviam que perguntavam: /122fr./ quem é aquele Almirante? Caldas ficava contente e orgulhava-se um pouco com o seu posto e o seu incógnito. Os trens passavam, pejados de soldados, de uniformes de todas as castas. Não tardou o Major Bustamante a aparecer. Ele morava nos arredores e, com os seus amigos, ia também apresentar-se.

Vinha de uniforme, aquele velho uniforme do Paraguai, talhado segundo os moldes dos guerreiros da Criméia. A barretina era um tronco de cone que avançava para frente, e com aquela banda roxa de franjas douradas e uma casaquinha curta, Bustamante parecia ter saído, fugido saltado de um quadro de Vítor Meireles.

– Então por aqui... Que é isso? perguntou Bustamante.

– Viemos pela Quinta, disse o Almirante.

– Nada, meu amigo, esses bondes andam muito perto do mar... Não me importo de morrer, mas quero morrer combatendo; isso de morrer aí, à toa, sem saber como, não vai comigo...

Ele falara um pouco alto e os jovens oficiais que estavam perto, olharam-no com tom de censura.

– Já vi muito fogo, meu amigo... Em Curuzu... Tu sabes, hein, Bustamante?

– A cousa foi terrível.

/122vs./ O trem atracava na estação, veio chegando manso, vagaroso, bufando, depois estremeceu todo e por fim parou. Estava cheio, repleto, muitas fardas. Os militares

palravam alegres e os civis estavam calados, com olhos apavorados. Havia neles muito medo e desconfiança.

A cidade andava inçada de secretas *familiares* e as delações eram contínuas. Bastava a mínima critica, para perder-se tudo emprego, liberdade e, mais tarde, a vida. Ainda estava no começo, mas a cidade toda sabia que o chefe de polícia organizava lista dos suspeitos. Não havia distinção de posição e talentos. Mereciam a mesma importância do governo o contínuo e o jornalista famoso; um lente e um simples empregado de escritório. Demais, surgiam as vinganças, as pequenas implicâncias. Os civis se acautelavam. Tudo mandava, tudo tinha autoridade. Em nome do Marechal, qualquer oficial, fosse das classes armadas ou fosse de simples milícias suburbanas, prendia e – ai! – de quem caía na prisão, lá ficaria esquecido, maltratado, sob o angustioso e permanente suplício da ameaça de morte todo o dia.

Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os alferes, os tenentes e os capitães. Em muitos havia mesmo sinceridade e nenhum cálculo. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, /123fr./ limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassínios, todas as ferocidades, em nome da manutenção da ordem, condição necessária, diz lá ele, ao progresso e ao advento do regime normal, a religião da humanidade, o Paraíso, o Deus, os Campos Elíseos, onde se encontrará humanidade e onde os sapatos terão sola de borracha. Falavam empregando o seu *jargão*, [*ilegível*], [*ilegível*], *altruísmo*, *reforma*, *comunidade*; e, de vez em quando, puxavam teoremas de mecânica para justificar as suas idéias de governo, em tudo semelhantes aos canatos e emirados orientais. A matemática do positivista foi um simples falatório que amedrontava todo o mundo nos começos da seita; hoje, porém, vai-se vendo que o ogre não é tão feio como se pensava...

O trem correu, parou inda numa estação e veio ter à Praça da República. O Almirante, cosido com as paredes, seguiu para o Arsenal de Marinha; Breves e Bustamante foram para o Quartel-General.

Eles entraram no grande casarão, no meio do retinir de espadas, de toques de cornetas. O grande pátio estava cheio de soldados, armas ensarilhadas, canhões, feixes de armas ensarilhadas, baionetas a reluzir ao sol alto.

Lá no alto, nas proximidades do gabinete do Ministro, havia um vaivém de fardas, de uniformes brilhantes, de cores vivas e [*ilegível*], no meio dos quais os trajes escuros dos civis eram como uma mancha. Misturavam-se todos oficiais da guarda nacional, da polícia, do exército e os dos batalhões Tiradentes e acadêmico.

A maioria vinha por dever, mas grande /123vs./ parte vinha fazer oferecimento, mostrar o seu patriotismo ao Ministro, a atividade mais importante depois do Presidente da República. Depois de se apresentarem, os dous amigos ficaram a conversar nos corredores, tanto mais que tinham encontrado o Tenente Fontes, já noivo de Vivi, a terceira filha do General. Fontes estava indignado, pasmo, todo ele era horror, maldição pelos insurgentes.

– Eles hão de ver o castigo... Piratas! No caso do Marechal, se os pegasse... Ai! deles!

O Tenente não era feroz nem mau, antes bom e até generoso; mas era positivista e tinha da República uma idéia religiosa e transcendente. Fazia repousar nela toda a felicidade humana e não admitia que a quisessem de outra forma que não aquela que ele imaginava boa. Fora daí não havia boa fé, sinceridade, era uma [*ilegível*] e [*ilegível*]

República. Dominicano raivoso por não poder queimá-los em autos de fé, via passar por seus olhos uma série enorme de réus confitentes, relapsos, falsos, simulados, confictos, pertinazes, contumazes.

Breves não tinha tanta fúria contra os adversários. No fundo d'alma, ele os queria até, porque o tinham–vindo tirar de seus embaraços. Financeiramente atrapalhado, ele esperava arranjar uma comissão, um emprego com boas vantagens, permitindo-lhe /124fr./ organizar o enxoval da filha que se ia casar com o Tenente. O Almirante tinha a secreta esperança de reverter o quadro [*ilegível*] do seu fascínio [*ilegível*]. O governo tinha necessidade de oficiais de marinha, talvez lhe dessem o comando de uma esquadra... É verdade que... Mas, uma esquadra! É fácil... Se fosse aí um barco ou um navio, isto sim; mas uma esquadra, a gente é ter coragem para o combate.

Bustamante também tinha a sua esperança: o seu plano era organizar um batalhão patriótico, "Cruzeiro do Sul". Como seu comandante, ainda, ele receberia as vantagens do posto.

Essas secretas esperanças eram mais gerais do que se supõe. A revolta representava um [*ilegível*] nos empregos, nas honrarias que o estado espalha. Não só os simpáticos a ela abririam vagas, como o governo precisando de dedicações, tinha que gastar, nomear, prodigalizar funções, ordenados e gratificações.

O próprio Doutor Armando, o marido de Lúcia, depositara nas revoltas secretas esperanças para realização dos seus ideais. Ele não se julgava satisfeito com o ser simples doutor e já rico pelo casamento, queria mais posição, um cargo oficial de médico, doutor de Hospital e lente de Faculdade.

Punha em prática todos os recursos, todos os truques. De quando em quando, publicava um folheto, "O Cobreiro. Etiologia, Profilaxia e tratamento" ou "Contribuição para o estudo da Malária no Brasil"; e mandava-os aos /124vs./ jornais que se ocupavam dele dessa maneira, duas e três vezes por ano. Não contente com isso, escrevia artigos, estiradas compilações, sem nada próprio, resultado de leituras aprovadas e mal digeridas. O lugar de lente é que o tentava mais; o concurso, porém, metia-lhe pavor. Tinha elementos, estava relacionado na Congregação, mas aquela história de argüição... Comprava livros, em francês, inglês e italiano; mas faltava-lhe energia para um estudo prolongado e a sua felicidade pessoal diminuiu o prazer que tinha.

Precisava, porém, iludir-se a si mesmo e à mulher. Então fazia cursos clínicos. Mandava encadernar romances de Paulo de Kock com títulos [*ilegível*], e ficava horas seguidas a lê-lo.

A sua clínica ia até prosperando. De sociedade com o tutor, chegou a ganhar uns seis contos, tratando um febrão de uma órfã rica.

Entrara-lhe então assim, a mulher intuitivamente no seu caráter, e via-lhe sua simulação de inteligência; que ela desconfiava. Já lhe tinha suspeitado o sentimento e despeito, passou a ter um grande desprezo por ele e, quando soube dessa manobra indecorosa, então, foi uma repugnância, um nojo, que ela recalcou por dignidade, percebendo toda a baixeza do marido e a sua verdadeira natureza em que não havia nada de superior, de grande ou heróico.

Tudo era símile, *trompe l'oeil*, armado. /125fr./ Aquelas cousas de amor ao estudo, à profissão, aquelas ambições heróicas de descobertas eram vãs, superficiais, estavam à flor

da pele; nele o charlatão vencia tudo. Passou-lhe um pensamento mau, mas de que valia essa indignidade: todos os homens deviam ser iguais.

Naquele caminho para a [*ilegível*], ele não deu pela modificação da esposa, mesmo porque ela dissimulava com tanta habilidade quanto ele simulava saber e superioridade. Continuava nos seus processos e, desde dias, tantos havia que rebentara a revolta, que meditava num meio de se aproveitar do acontecimento para a sua ascensão.

O sogro suspendera a viagem para a Europa e naquela, manhã, enquanto o genro se vestia, após o almoço, ele lia os jornais. Lúcia ocupava-se com a sua correspondência, quando o pai lhe disse:

– Sabes quem vem por aí?

– Quem?

– Teu padrinho.

O velho leu alto o telegrama de Quaresma que vinha nos jornais.

– Aquele meu padrinho...

– Está doido, disse Coleoni. Pois um homem que está no seu sossego, vem meter-se aqui, neste inferno de tiros, guerras... *Per la Madona*!

/125vs./ O doutor voltara vestido, [*ilegível*] aprumado e ainda ouviu as últimas palavras do sogro.

– Que há?

Coleoni explicou e repetiu os comentários que já fizera:

– Mas não há tal, disse o jovem médico.

– É o dever de todo patriota... Então a idade? Quarenta e poucos anos não é velho...

– Mas não tem interesse nisso, disse o velho.

– Quem disse ser só quem tem interesse que sustenta a República?

– Decerto, disse a moça.

– E vem você com tuas teorias, filhinha. O patriotismo não está na barriga...

– Mas são só vocês que são patriotas, os outros...

– Decerto. Se eles fossem, não estariam agora a despejar balas sobre a cidade.

– Deviam continuar a presenciar as prisões, os fuzilamentos, toda a série de violências que se vêm cometendo, aqui e no sul? Bom patriotismo! Patriotismo de turco ou de chinês!

– Você, no fundo, é uma revoltosa.

A simpatia geral era pelos revoltosos. Não só isso sempre acontece, como particularmente, no Brasil, há de /126fr./ sempre ser assim. Os governos, com os seus processos de violências, de cinismo, de hipocrisias, hão de sempre ficar alheados da massa, [*ilegível*] ainda mais que eles não podem distribuir os empregos que todo o mundo pede. Não era, pois, de admirar que a moça levasse a sua simpatia para a gente da esquadra, e Coleoni, estrangeiro e conhecendo bem as nossas autoridades, calasse as suas num mutismo prudente.

O Doutor beijou a mulher, despediu-se do sogro e, ao sair, disse em tom risonho:

– Não vá me comprometer, hein Lúcia?

Ela deitou-lhe os seus olhos luminosos, sorriu maliciosamente e respondeu:

– Sabes bem que eu não te comprometo.

O Doutor desceu a escada da varanda, atravessou portão, fechou-o e ainda disse adeus à mulher, que o esperava sair da varanda, conforme o ritual dos bem ou mal casados.

Tibullo vivia ainda na sua casa de cômodos dos subúrbios. O rival tinha desaparecido e desde que ele viera da casa de Quaresma, não tivera motivos de mágoa. O seu triunfo era agora sem contestação. Toda a cidade o tinha na /126vs./ consideração devida e ele se considerava quase no termo da sua carreira. Já publicara mais de um volume de modinhas e, agora, pensava em publicar mais outro.

Há dias vivia em casa, pouco saindo, organizando o seu livro. Desde o dia 5 vivia confinado no seu quarto, almoçando café e pão, e de tarde indo jantar numa tasca próxima à estação. Apesar de popular no lugar, evitava falar com qualquer pessoa. Ele gostava de passar assim dias metido em si mesmo e ouvindo o seu coração. Não lia jornais; e, nada observando, não notara nenhuma cousa anormal. Pensava nas suas modinhas, e no seu livro que havia de ser mais um triunfo para ele e para o violão estremecido. Ele estava sentado à mesa, corrigindo um dos seus últimos trabalhos: "Os lábios de Carola".

Ele leu toda a produção, cantarolando, voltou a lê-la, agarrou o violão para melhor apanhar o efeito e empacou nestes versos:

Eu vejo, Carola, em teus lábios,
Ilusões que adoçam a vida.

Nisto ouviu um tiro, depois outro, outro... Que diabo? pensou. Hão de ser salvas a algum navio estrangeiro. Repenicou o violão e cantou:

Eu vejo, Carola, em teus lábios,
Ilusões que adoçam a vida.

* * * * *

Folha 127, frente.

LIVRO III
Capítulo I

Patriotas

_____

HAVIA MAIS DE UMA HORA QUE ELE ESTAVA ALI, sentado, num grande salão, vendo o Marechal, mas sem lhe poder falar. Quase não se encontravam dificuldades para se ir à sua presença do Presidente, mas falar-lhe a cousa não tão fácil. O palácio tinha um ar de intimidade, de quase relaxamento, muito singelo. Não era raro ver-se pelos divãs ajudantes de ordens, ordenanças, contínuos, deitados, meio desabotoados. Tudo nele era desleixo e

moleza. Os cantos dos tetos tinham teias de aranha; dos tapetes, quando pisados com mais força, subia um pó de rua nunca varrida.

O Major apertava o manuscrito na mão e lembrava-se da sua casa, lá longe, no fim daquela planície feia, a olhar as montanhas que mergulhavam no nevoeiro pardo-azul pelas tardes claras; lembrava-se de sua irmã com os seus olhos verdes e cândidos que o viram partir com uma impassibilidade que não era verdadeira natural; mas do que se lembrava mais era do olhar de Anastácio, o seu velho preto, do seu longo olhar, não mais [*ilegível*], mas cheio de espanto, assombro e de ternura, rolando nas [*ilegível*] muito brancas, quando viu penetrar no vagão da estrada de ferro. Parecia que ele farejava desgraça... Não lhe era comum aquela atitude; como que tinha descoberto nas coisas sinais de dolorosos acontecimentos a vir... Ora![32]

Quaresma ficara a um canto, vendo entrar um e outro, à espera que o Marechal o chamasse. Era cedo, pouco antes do meio dia, e o Presidente tinha ainda por sinal do almoço o palito entre os dentes. Falou em primeiro lugar a uma comissão de senhoras que vinham oferecer o seu braço e o seu sangue em defesa das instituições e da pátria. A oradora era mulher baixa, mas gorda, [*ilegível*], tendo o busto curto e grandes seios. Não se podia bem dizer qual a sua cor, ao menos a sua raça; andavam tantas nela que uma escondia a outra, furtando toda ela a uma classificação honesta. /128fr./ Enquanto falava, a mulherzinha deitava sobre o Marechal os grandes olhos cheios de chispas. Floriano parecia incomodado com aquele chamejar; era como se temesse derreter-se ao calor daquele olhar que queimava mais sedução que patriotismo. Ele fingia olhá-la, abaixava o rosto, batia com os dedos na mesa. Quando lhe chegou a vez de falar, levantou o rosto e, com um grosso e difícil sorriso de taberneiro, declinou a oferta à vista da República ainda ter bastante força para vencer. A última frase ele a disse com vagar e quase ironicamente.

Ao sair a comissão de damas patrióticas, o Presidente girou o olhar em torno do salão e deu com Quaresma. Então, Quaresma? fez ele familiarmente. O Major ia aproximar-se, mas não pôde. Uma chusma de cadetes e oficiais subalternos cercou a alta autoridade e a sua atenção foi tomada por eles. Quaresma não podia ouvir o que diziam. Falavam ao ouvido do Marechal, cochichavam, batiam-lhe no ombro. Um deles ao despedir-se, apertou com força a sua mão mole e disse com ênfase: Energia, Marechal!

O bando dispersou-se; um, porém, ficou /129fr./ e demorou-se. Era um cadete da Escola Militar, com a sua farda azul turquesa, talim e sabre. Quaresma pôde ver a fisionomia do homem que ia enfeixar nas suas mãos tão fortes poderes, durante quase um ano. Era vulgar e desoladora. O bigode caído, os traços empastados e parcos; não havia nem o desenho do queixo ou o olhar que fosse próprio. Era um olhar vazio, pobre de expressões, a não ser a de tristeza que não era própria, mas nativa, de raça; e todo ele era lento e mole, como se não tivesse nervos.

Quaresma não quis ver nisso nada que lhe denotasse o caráter, a inteligência e o temperamento. Essas cousas não vogam, disse ele de si para si. O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte e sincero.

Tinha-o na conta de enérgico, de fino, de [*ilegível*] e tenaz; uma espécie de Luís XI forrado de um Wellington. Entretanto, não era assim. Com uma ausência total de

[32] Este parágrafo está manuscrito no verso da folha 149. Incluo-o aqui seguindo o texto impresso, mas noto que o memorial de Quaresma a Floriano não existe neste capítulo.

qualidades intelectuais, havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade determinante, tibieza de-ânimo; e no seu temperamento muita preguiça. Não era a preguiça comum, essa preguiça de todos nós; era uma preguiça mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa, provinda de uma insuficiente quantidade de fluido no seu organismo.

Pelos lugares por que passou, tornou-se notável pela indolência. Quando diretor /130fr./ do Arsenal de Pernambuco, nem energia tinha para assinar o expediente respectivo; e, durante o seu ministério da guerra, passava meses e meses sem lá ir, deixando tudo por assinar. Quem conhece a atividade papeleira de um Colbert, de um Napoleão, de um Filipe II, de um Guilherme I, da Alemanha, fica assombrado que em nosso grande estadista fosse assim. Dessa sua preguiça de agir e de pensar, vinha o seu mutismo, os seus misteriosos monossílabos, as *famosas* encruzilhadas dos *talvezes*, que tanto reagiram sobre as inteligências e sobre as imaginações. Os seus inimigos dizem que ele traía; é um combinado engano: ele tinha preguiça de se agitar, de se mover. Essa medida e doentia preguiça fazia-o andar de chinelos e elevou-o à presidência. Toda a gente sabe como foram os seus primeiros meses. A braços com o levante numa fortaleza, tendo mandado fazer um inquérito; ele o abafou com medo de outra sedição e os apontados como instigadores tiveram as melhores e as mais altas recompensas. O homem forte!

Demais, ninguém pode admitir um homem forte, um César, um Napoleão, que tenha com os seus subalternos as intimidades, as condescendências que ele tinha. /131fr./ Sabe-se bem sob que atmosfera de má vontade Napoleão assumiu o comando do exército da Itália. Augereau, que o chamava "general de rua", disse a alguém, depois de lhe ter falado: o homem meteu-me medo.

De mais, a lentidão com que sufocou a Revolta da Esquadra, um homem medianamente enérgico, com os seus recursos, vencê-la-ia em uma vez. Bastava ocupar a Ilha das Cobras, operação insignificante e relativamente fácil.

Há uma outra face do Marechal Floriano que muito explica os seus movimentos e os seus atos. Era o seu amor à família. Dizem que a sua situação não era próspera, devido a um insucesso nas suas explorações agrícolas. Honesto como era, a única esperança que lhe restava estava nas economias feitas sobre os seus ordenados. A sua preguiça, a sua tibieza de ânimo e o seu amor fervoroso pelo lar, deram em resultado esse tipo dúbio, esse homem-talvez, que se acorrentava aos lugares, por meio de deserções, e que se atarraxara ao último tenazmente, resistindo com mais teimosia que vigor, despertando entusiasmo. Esse entusiasmo que o amparara, que o animara, só teria sido possível depois de ter ele sido Ajudante-General, Senador, Ministro, isto é, depois da lenda se ter firmado e cristalizado na imaginação nacional.

A sua concepção de governo não era nem o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia: era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se, pois se são /132fr./ homens, mata-se. Não há dinheiro, manda buscar no Tesouro; o Tesouro não tem, ponha as notas velhas em circulação, assim como se faz em casa quando as visitas excedem a capacidade da sopa: põe-se mais água. De resto, a sua educação militar, e a sua absoluta falta de cultura deram mais realce a essa sua concepção infantil, raiando-a de sangue, não tanto por ele em si, pela sua perversidade, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas.

Quaresma não pensava nisso; no momento, o seu pensamento andava fixo na imagem da guerra. Via-lhe o expectado homem e sentia. Passavam pelos seus olhos

cadáveres decapitados e sangrentos, homens estripados, sonhos afugentados, abandonados dos respectivos corpos – todo um sangrento espetáculo fazia-o sofrer mais que a própria morte de que estava ameaçado. Ele saíra de casa, com falta de entusiasmo, a pensar num governo forte que restringiria o abuso das pequenas autoridades, mantivesse ordem, para então! para então o *colosso* se mover e crescer.

Não se demorou muito assim. Um seu companheiro de espera, que o olhava muito /133fr./ desde que o Marechal lhe falou familiarmente, animou-se a observá-lhe:

– Eles vão ver o *caboclo*... O senhor veio de fora?

Quaresma respondeu e outro ainda fez uma outra pergunta, mas o Presidente ficara só e o Major avançou.

– Então, Quaresma? fez Floriano.

– Venho oferecer a Vossa Excelência os meus préstimos.

Na vulgaridade de seus olhos, passou um luar de satisfação. Era como que se sentisse por aí a força de sua popularidade e de seu prestígio.

– Agradeço muito... Onde tens andado? Sei que deixaste o Arsenal.

Floriano tinha essa capacidade de guardar fisionomias, nomes, empregos, situações da família dos subalternos com quem lidava. Era um verdadeiro capitão-mor; conhecia a sua aldeia. Quaresma respondeu e falou-lhe nas necessidades de Curuzu, as barreiras fiscais, a oposição partidária, animou-se a lembrar ao Presidente medidas. Floriano teve um gesto de mau humor, um quase não amole e disse com preguiça: "Havemos de ver"; e logo, dirigindo-se ao / 134fr./ interlocutor do Major de ainda agora, perguntou:

– Que há, Bustamante? e o batalhão, como vai?

O homem levantou, chegou-se um pouco amedrontado ao *bureau* do Presidente e explicou:

– Vai bem, Marechal. Precisamos de um quartel... Se Vossa Excelência...

– É exato. Fala ao Rufino em meu nome; ou antes: leva-lhe este bilhete.

Rasgou um pedaço de papel de um ofício, que estava sobre a mesa, bem perto da mão; e, assim mesmo, sobre o papel mal roto, escreveu a lápis azul (não encontra o preto) algumas palavras. Acabando, acrescentou:

– Aproveita o Quaresma no teu batalhão, Bustamante. Que posto queres, Quaresma?

– Eu, fez Quaresma, qualquer.

– Bem. Vs. lá se entendam.

Os dous se despediram e desceram as escadas do Itamarati. O dia estava claro e quente; o movimento da cidade parecia nada ter sofrido; mas pairava nas fisionomias um terror, um espanto, alguma cousa de tremendo ameaçava e parecia estar suspenso nos ares.

Bustamante deu-se a conhecer a Quaresma. Era o Coronel Innocencio Bustamante, velho amigo do Marechal, seu companheiro do Paraguai, /135fr./ tendo recebido dele o encargo de organizar o batalhão patriótico "Cruzeiro do Sul".

– O senhor quer fazer parte?

– Pois não.

– Estamos em dificuldades... Fardamento, calçado, nas primeiras despesas com praças devemos auxiliar o governo... Não convém sangrar o Tesouro, não acha?

– Certamente, disse com entusiasmo Quaresma.

– Folgo muito que o senhor concorde comigo... Vejo que é um patriota... Resolvi por isso fazer um rateio pelos oficiais, em proporção ao posto. Um alferes, por exemplo, contribui com 200, tenente com 250 e assim por diante. O senhor com quanto entra?

Então porque o chamavam Major, Quaresma , quis conferir o posto e indagou:

– E Major?

– 400 mil réis. É um pouco forte, mas... O senhor sabe: é um posto importante.

– Bem. Quero ser Major.

Bustamante tirou a carteira, tomou nota; e, ao despedir-se, assim falou:

– Então, Major, logo, às 6 ½, no quartel não é assim?

A conversa se havia passado na esquina /136fr./ da Rua Larga com o Campo de Sant'Ana. Quaresma pretendia tomar um bonde que o levasse ao centro da cidade. Era sua tenção visitar o compadre em Botafogo, mas as explicações do Itamarati o tinham feito perder mais de um *trainway*.

A praça estava quase deserta; os bondes passavam ao chouto compassado das mulas; de vez em quando ouvia-se um toque de corneta, um rufar de tambores, no interior do Quartel-General, e do seu portão central saía uma força, armas ao ombro, baionetas, descansando nos ombros dos recrutas, faiscando com um brilho duro e [*ilegível*].

Quando afinal o Major pôde tomar o veículo, ouviram-se alguns disparos de artilharia para as bandas do mar e o seco pipocar de fogos. Não durou muito; antes que o bonde atingisse a Rua da Constituição, todos esses rumores guerreiros cessaram e quem não estivesse avisado havia de supor-se em tempos normais.

Quaresma chegou-se para o meio do banco e ia ler um jornal que comprara. Desdobrara-o vagarosamente, mas foi logo interrompido. Voltou-se.

– Oh! General!

O encontro foi tocante. O coração do General.

– Então veio ver a cousa?

– Vim. Fui apresentar-me ao Marechal.

– *Eles* vão ver com quem se meteram; não /137fr./ é nenhum Deodoro. O caboclo é de ferro... No Paraguai...

– O senhor conheceu-o lá, não foi?

– Não. Estive, isto é, no começo, mas sei... O Campo... Ainda tento falar com ele... Ele me encarregou das munições... É fino, o homem; ele sabe bem que pode contar comigo e ninguém lhe há de velar melhor pelas munições... Na guerra, o segredo da vitória está na intendência... Lá do depósito, não me sai um saco de pólvora que não examine... É necessário... No Paraguai, houve muita desordem e comilança: mandou-se muita cal por pólvora – não sabia?

– Não.

– Pois foi. O meu gôsto era ir para o litoral; mas o homem quer que eu fique com as munições... Ele sabe lá...

– Como vai a família?

– Bem. Sabe que Quinota casou-se.

– Sabia. E D. Ismenia?

A fisionomia do General toldou-se um instante; os seus olhos se iluminaram e respondeu:

– Vai no mesmo.

O pudor de pai tinha-o impedido de /138fr./ dizer toda a verdade. A filha enlouquecera. Uma loucura mansa e infantil. Passava dias calada, a um canto a olhar estupidamente tudo, numa inércia, numa atonia de cousa morta, caíra em imbecilidade. Vinha uma hora, porém, que ela penteava-se, enfeitava-se, agarrava umas folhas, grampos, ajustava-as ao jeito de coroa com que cingia a cabeça; e corria à mãe a dizer:

– Apronte-se, mamãe. O meu noivo não deve tardar... É hoje o meu casamento.

Outras vezes recortava o papel em forma de participação e escrevia: D. Ismenia Breves e o Doutor F. (variava de noivo) participam o seu casamento.

E as manifestações de loucura variavam, tendo sempre por base o casamento, aquele sonho de uma vida que não pudera atingir. O General, porém, continuou com tom natural:

– Se eu não tivesse família, Major, ia ao lado do Aquidabã e fazia voar o paiol. Duvida?

– Absolutamente não.

/139fr./ – É preciso, Major, dar um exemplo, consertar o prestígio da autoridade entre nós.

O bonde chegara ao Largo de S. Francisco e os dous se despediram. Quaresma procurou, no Largo da Carioca, o elétrico que o levasse à casa do compadre Coleoni e o General tomou a rua dos Andradas à cata de uma casa de móveis.

Logo que rebentou a revolta, o velho italiano quis embarcar para a Europa, com a filha e o genro; mas este apresentou objeções e resistiu. Com a sagacidade particular de quem está à procura de posições, via bem que o momento não era de fugir, mas de ficar. Naquela desordem, naquele entrechoque de posições, um homem calmo e frio se arranjaria. Não era bem os ordenados que ele visava; dinheiro ele já tinha com o dote da mulher. O que ele queria era posições, títulos oficiais, um cartão mais óbvio do que aquela [*ilegível*] mulher rica e seu título de doutor; assim diretor de qualquer cousa, professor, enfim um endosso governamental que desse na vista e o realçasse. Assim se fez logo florianista, *enrangé*, mas a mulher que não lhe podia suportar a sua apologia da tirania, incomodava-o um pouco com a sua oposição.

Quando Quaresma entrou, eles discutiam. Lúcia dizia:

/140fr./ – Eu não posso compreender esse tom divino com que Vs. falam da autoridade. Não se governa mais em nome de Deus, por que então esse respeito, esse ar sagrado com que Vs. querem revestir os governantes?

– Mas é preciso, Lúcia, objetou o marido. Se não isto tudo vai por água abaixo. Olha, está aí teu padrinho que vai servir de árbitro.

O Major acabava de entrar e, depois dos cumprimentos, a questão foi lhe perguntada.

– Mas decerto, minha filha, é preciso prestigiá-lo; tanto julgo assim que vim oferecer o meu braço e o meu sangue.

– O senhor não acha que é singular, esse Presidente, essa autoridade, essa cousa necessária e fatal, que precisa de violências, de crimes, de sangueiras para se manter?

– Que se fazer, Lúcia? É assim e a gente tem que se conformar, fez o marido.

– Ainda se ela desse felicidade a todos, trouxesse abundância, afugentasse a miséria – ainda vá!

– Há de trazer, disse o padrinho; a questão principal é que ela fique consolidada.

O velho italiano veio interrompê-los. A sua carreira feliz de quitandeiro a capitalista foi feita com esse contato muito íntimo com /141fr./ as autoridades brasileiras, desde o subdelegado até os Ministros de Estado; e ele não gostava de discutir política, mesmo se tratasse de apoiar o governo. Havia tanta surpresa... Quaresma pôde contar então a sua entrevista com o Presidente, sublinhou a intimidade com que fôra tratado. O Doutor olhou-o admirado, invejoso daquela relação, e quando o velho disse que se alistara no batalhão de Innocencio, ele perguntou imediatamente:

– Já tem médico?

– Não sei, posso perguntar.

– Pois não tiver, eu me ofereço.

Depois de jantar, Quaresma saiu apressado. Estava quase na hora de chegar ao quartel e ele não queria dar uma má idéia de seu espírito de disciplina, chegando tarde. Foi. O Quartel. O Coronel já lá estava e logo que chegou passou às suas mãos a importância de sua quota para formar o batalhão.

– Já temos muita gente? perguntou.

– Umas cem praças. Quer ver?

E os dous saíram. O Coronel ia muito ancho no seu fardamento bonito, com guarnições de brilhantina verde garrafa; o Major, ainda em civil, com o seu fraque e a /142fr./ sua cartola. Mal tinham saído da casa da ordem, uma gritaria, um tumulto veio até os seus ouvidos da porta de entrada. Foram até lá. Entre dous soldados, um tipo se debatia, chorava, mordia.

– Que é isto, Coronel?

– É um voluntário recalcitrante.

Os soldados entraram com o voluntário, com o patriota que parecia renegar um pouco. Quaresma pôde ver quem era. Era o Tibullo. Assim que deu com o amigo, o pobre menestrel não pôde segurar as lágrimas.

– Salve-me Major, implorou ele.

Quaresma trocou algumas palavras com o Coronel, que foi inflexível. Lembrou que ele o conhecia da casa de Breves. Não era possível, faltava gente, era preciso. Mas ele o fazia cabo. Tibullo adivinhou a recusa e antes que o levassem preso, disse com voz de choro:

– Eu sirvo, sim, mas me dêem meu violão.

* * * * *

Folha 143, frente.

TERCEIRA PARTE

Capítulo II

Você, Quaresma, é um visionário!...

_____

OITO HORAS DA MANHÃ. A CERRAÇÃO AINDA envolve tudo. Do lado da terra, mal se enxergam as partes baixas dos edifícios; para o mar então a vista não atravessa aquela treva branca, aquela muralha flocosa, que se condensa aqui em aparições, em semelhanças de cousas. O mar está silencioso; há grandes intervalos entre o seu fraco marulho. A praia está suja, coberta de algas, o odor de marina parece mais forte com a cerração.

Em todo o caso, naquela noite uma claridade polar está povoada de ruídos. O chiar da serra próxima, o rodar das carroças e dos carros da estrada de ferro, apitos de fábricas e trens, o guinchar de guindastes do navio enchem aquela manhã taciturna e fantástica, e mesmo próximo se ouve o ruído de remos. Atenção! Parece que se afastou o escaler; não se ouve mais nada. O sol já está alto, mas sua luz, como todas as luzes, pouco pode com aquela noite que morre, com aquela manhã que não é dia.

Os ruídos continuam e como nada se vê, parecem que vêm do fundo terra ou são alucinações auditivas. O mar marulha com grandes intervalos, fracamente, tenuemente, de encontro à areia da praia suja de bodelha, algas, sargaços.

/143vs./ Os soldados estão deitados em grupos, pela relva na orla da praia. Alguns dormem, outros pensam. O cabo Tibullo Coração dos Outros, de rifle e gorro, está sozinho e olha aquela manhã misteriosa. A sua situação não o aborrece muito. Aquela vida solta da caserna vai-lhe bem n'alma. O violão está lá dentro, e em horas de folga, ele o experimenta e cantarola em voz baixa. [*ilegível*] e está relacionado no lugar e, quase sempre, obtem licença para ir às festas. O comandante do destacamento é Quaresma.

O Major no interior do posto lia. O seu estudo predileto é agora artilharia. Comprou compêndios, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e geometria analítica, daí à trigonometria, à geometria e à álgebra e aritmética. Ele percorre essa cadeia de ciências entrelaçadas com uma fé de inventor. Aprende uma noção elementar e logo desaprende, e leva assim aqueles dias de ócio enfronhado na matemática, nessa matemática que só aprende muito moço ou nunca mais. Quer servir à legalidade com proficiência e perfeição, daí a sua teimosia.

Há um canhão Krupp no destacamento; mas ele nada tem a ver com o aparelho mortífero. É encarregado dele, um tenente de artilharia em comissão, na verdade aluno da escola militar, que não dá obediência alguma ao patriota. Quaresma não se incomoda, aprende a nomenclatura da peça e submete-se à arrogância do cadete. O comandante do "Cruzeiro do Sul" continua no quartel, a superintender a /144fr./ vida do batalhão. A unidade tem poucos oficiais e muito poucas praças; mas o estado paga o preço de quatrocentas. Há falta de capitães, o número de alferes está justo, o de tenentes quase, mas já há major e o comandante, que, por modéstia, se fez simplesmente tenente-coronel.

O destacamento tem efetivamente 40 praças, três alferes, dous tenentes e comandante – o Quaresma, na sua qualidade de major; os outros oficiais, porém, estão doentes, licenciados, e só ele e um alferes, pequenino, magro, amarrado, estão a postos. Um soldado entrou:

– Sr. Comandante posso ir almoçar?

– Pode. Chama-me o Cabo Tibullo.

A praça saiu capengando em cima de umas grandes botinas; o pobre homem usava aquilo como um castigo. Assim que se pôs na rua, tirou-as e foi escondido pelo mato para a casa da família aí perto. O sol começa a aparecer, com um brilho chato de ouro fosco.

Tibullo Coração dos Outros estava engraçado dentro do seu fardamento de cabo. A blusa era curtíssima, sungada, os punhos lhe apareciam; e as calças eram compridíssimas. Veio. Quaresma deixou o instante aquela ruma de compêndios que se teciam e encadernavam e falou ao menestrel:

– Como vais, Tibullo?

– Bem. E o Sr. Major?

/144vs./ – Assim.

– Andas aborrecido, não é?

– Não... Pra que dizer, se a cousa for assim até ao fim, não é mau. O diabo é quando há tiros... Major, não podia cantar?

– Queres ser sargento?

– Seria melhor.

– Vou arranjar-te isso. Eu te chamei para que mandasses uma praça buscar o meu almoço.

Quaresma almoçava e jantava ali mesmo. Não era raro também dormir. As refeições eram-lhe fornecidas por um *frege* próximo e ele dormia a um quarto daquela antiga edificação imperial. Porque a casa em que se acantonara o destacamento, era o pavilhão de banhos do ex-imperador, situado na Ponta do Caju. Ficavam aí também a estação da estrada de ferro Rio D'Ouro e grande e bulhenta serraria. Tibullo saiu. Quaresma veio até a porta, olhou a praia suja e ficou admirado que o imperador a quisesse para banhos. A cerração ia se dissipando. As formas das cousas pareciam sair modeladas do seio daquela massa de bruma, de névoa pesada. Primeiro surgiam as partes baixas, aos poucos as altas.

À direita, era a Saúde, a Gamboa, os grandes navios de comércio, galeras de três mastros, cargueiros a vapor, barcos de alta mastreação, que iam saindo da bruma, e por instantes aquilo tudo tinha um ar de paisagem holandesa; à esquerda, era o Saco da Raposa, a Ilha de Bom Jesus, a Sapucaia, a Ilha do Governador, os Órgãos azuis, altos de tocar no céu; em frente, a Ilha dos Ferreiros, com os seus depósitos de carvão de /145fr./ pedra, imensas [*ilegível*] negras de hulha sob grandes telhados de zinco, suportados por colunas de ferro. Além, alongando a vista sob o mar prateado, Niterói, cujas montanhas altas acabam de recortar-se no céu azul, à luz daquela manhã atrasada.

O sol acabou de surgir, a neblina foi-se, um galo cantou. Era como se a alegria voltasse à terra, aqueles chiados, aqueles apitos, o retinir das [*ilegível*] dos guindastes tinham outra expansão, eram canteiros, lugares de trabalho e alegria.

O almoço chegou e o Sargento veio dizer a Quaresma que havia duas deserções.

– Mais duas? fez assustado o Major.

– Sim, senhor. O 125 e 426 não responderam hoje à revista.

– Faça a parte.

Acabado o almoço, chegou o Tenente Fontes, o homem do canhão, o subalterno indigente de Polycarpo. Quase nunca dormia ali; ia sempre pernoitar em casa, lá para as bandas de Campos, depois de ter ido visitar a noiva, a Vivi, filha de Breves.

Uma noite, ele não estava. Passava da meia noite. O soldado de vigia viu lá ao longe, um vulto que se movia na terra, resvalando sobre as águas negras do mar. Não trazia

uma luz; só o movimento daquela massa escura revelava uma embarcação, e também uma ligeira /145vs./ fosforescência das águas escuras. O soldado deu rebate, o pequeno destacamento formou; Quaresma era o único oficial presente e não tardou a chegar.

– O canhão! Já assestem! ordenou o comandante.

E em seguida, nervoso, recomendou:

– Esperem um pouco!

Correu à casa e foi consultar os seus compêndios; mas foi de um em um, da artilharia, para a balística e até aritmética. Demorou-se; o soldado tomou a iniciativa. Não esperou o comandante; meteu a carga, puxou o detonador e a bala partiu silvando.

– Fizeram mal, disse Quaresma ao chegar. É preciso ter sempre em vista a eficiência do fogo... Assim a esmo, não é de boa prática.

Fontes soube no dia seguinte o caso e riu-se muito:

– Ora, Major, você pensa que está em um polígono? É melhor bala para adiante...

E assim era. Quase todas as tardes havia bombardeio, do mar para as fortalezas, de fortaleza para o mar; e tanto os navios como os fortes saiam quase incólumes de tão terríveis provas. Lá vinha uma ocasião que acertavam, então os jornais noticiavam: "Ontem, o Forte Acadêmico, fez um maravilhoso disparo. Com o canhão tal, meteu uma bala no "Guanabara"". No dia seguinte, vinha uma retificação; a bateria do cais de *Pharoux* protestava; não /146fr./ tinha sido o Forte Acadêmico; mas um dos seus canhões. Passavam-se dias, a cousa já estava esquecida, mas lá vinha uma carta de Niterói, reclamando: a bala partira da Fortaleza de Santa Cruz.

Fontes esteve um instante na linha de fogo, examinando o canhão e o horizonte. Havia uma trincheira de fardos de alfafa e a boca do canhão saía de dentro daquela palha como a goela aberta de um animal feroz. Olhava para o horizonte, lá, para a entrada da baía, estendida pela grande massa da Ilha das Cobras, quando ouviu o gemer do violão e uma voz que dizia:

Prometo pelo Santíssimo Sacramento...

Dirigiu para o local donde partiam os sons e se lhe deparou esse lindíssimo quadro. À sombra de uma grande árvore, os soldados deitados ou sentados em círculo, ao centro do qual Tibullo Coração dos Outros empunhava o pinho e cantava. As praças tinham acabado de almoçar e beber a pinga, e estavam tão embevecidas na canção de Tibullo que nem viram o oficial chegar.

– Que é isto? disse ele severamente.

Os soldados levantaram-se todos, em continência; e Tibullo, com a mão direita no *képi*, perfilado, e a esquerda segurando o violão, explicou:

– *Seu* Tenente. Foi o Major que permitiu. Vossa Senhoria sabe que, se nós não tivéssemos ordem, não iríamos brincar.

– Bem. Não quero mais isto...

– Mas, objetou Tibullo, o Sr. Major Quaresma...

/146vs./ – Não temos aqui, Major. Não quero, já lhe disse!

Os soldados debandaram e o Tenente Fontes seguiu para a velha casa imperial. Quaresma continuava seus cálculos. O Tenente foi entrando e dizendo:

– Que é isto, Sr. Quaresma? Então o senhor permite cantorias no destacamento...

O Major já não se lembrava mais da cousa e ficou espantado com o ar severo e ríspido do oficial. Ele repetiu:

– Então o senhor permite que os inferiores cantem modinhas e toquem violão, em pleno serviço?

– Mas que tem isso? Ouvi dizer que, em campanha, desde que não [*ilegível*], se permitia.

– E a disciplina? e o respeito?

– Bem, vou proibir, disse Quaresma.

– Não é preciso. Já proibi.

Quaresma não se deu por agastado, não percebeu nenhum motivo para zanga e disse com doçura:

– Fez bem.

Em seguida, perguntou ao oficial o modo de extrair a raiz quadrada de uma fração decimal e os dous estiveram conversando cordialmente sobre cousas vulgares, interesses de família, a saúde de Ismenia, durante uma hora. Subitamente, o corneta estrondou. Fontes assestou o ouvido:

– Que toque é? perguntou o Major.

– Sentido!

Os dous saíram. Fontes perfeitamente fardado; o Major abotoando-se e apertando o talim, tropeçando /147fr./ na espada, que teimava em se lhe meter pelas pernas adentro. Os soldados já estavam nas trincheiras, armas à mão; o canhão tinha ao lado a munição necessária. Uma lancha avançava, vagarosa, com a proa alta assestada para o posto. De repente, saiu do seu nariz uma fumaça branca:

– Queimou! gritou uma voz. Todos se abaixaram, a bala passou alto, zunindo, cantando, inofensiva. Ela continuava a avançar. Além dos soldados; havia curiosos, moleques a assistir o tiroteio. Era assim sempre; às vezes mesmo eles chegavam bem perto à tropa, às trincheiras, atrapalhando o serviço. Outras, um cidadão qualquer, chegava ao oficial, e muito delicadamente pedia: O senhor dá licença que dê um tiro? O oficial acedia, carregava a peça e o homem fazia *zás*! tiro.

Com tempo, aquilo ficou sendo uma festa, um divertimento da cidade. Quando se anunciava um bombardeio mais seguido, o terraço do passeio público se enchia. Era como se fosse uma noite de luar, no tempo em que era de gôsto se apreciá-las no velho jardim de D. Luís de Vasconcelos. Alugavam-se binóculos e tanto os velhos e moços, as moças e as velhas, seguiam aquilo como uma representação de teatro: queimou Santa Cruz! Agora, o Aquidabã! Lá vai! e era assim.

No cais de *Pharoux*, os pequenos garotos, /147vs./ vendedores de jornais, engraxates, quitandeiros, ficavam atrás das portadas a ver, quando caía uma bala todos corriam para apanhá-la ainda quente, como se fosse uma moeda, uma guloseima. As balas ficaram na moda; eram alfinetes de gravata, berloques de relógio, lapiseiras, feitos com as pequenas balas de fuzis; faziam-se também coleções das médias, e com os seus invólucros de metal, areadas, polidas, lixadas, eram postas sobre os consolos, sobre os dunkerques; as grandes, as abóboras, guarneciam os jardins, como vasos de flores.

A lancha continuava a atirar; Fontes fez um disparo. O canhão vomitou o projétil e recuou um pouco, e logo foi posto em posição. O rapazote gritou mais uma vez: Queimou!

Eram sempre esses garotos que cuidavam dos tiros. Viam o fuzilar breve e a fumaça, lá longe, no navio, subir devagar, muito pesada, gritavam logo: Queimou!

Houve um em Niterói que ficou famoso. Chamam-no trinta réis, os jornais do tempo ocuparam-se com ele, fizeram-se subscrições em seu favor. Passou a revolta e o homem foi esquecido, tanto ele como *Lucy*, uma lancha que se chegou a fazer forma na imaginação da cidade, a interessá-la, como se fosse vivente.

A lancha deixou de atirar e Fontes foi-se embora.

/148fr./ Os dias que ele passou naquele extremo da cidade não eram diferentes deste. A espaços, quando o aborrecimento lhe vinha saía, vinha até o centro da cidade e deixava o posto entregue ao Alferes Possidônio, o único do seu batalhão que por lá aparecia.

Era sempre à noite, porque Possidônio, marceneiro numa fábrica de móveis, obtivera a concessão de só servir à noite, para não perder o emprego.

As noites, mais que os dias, eram animados e alegres. Havia muito dinheiro, o governo pagava soldos dobrados, distribuía gratificações; a morte estava sempre presente nas trincheiras, nas ruas, em toda a parte, na vasta zona do alcance do canhão, de forma que todos eram levados a procurar diversões mundanas, teatros, boates, cervejadas e raparigas. Quaresma passeava silencioso com o seu uniforme verde-musgo, ia às vezes ao teatro e voltava ao posto no último bonde.

Outras ocasiões, logo que Possidônio chegava, ele saía a pé, vendo o longo crepúsculo mergulhar as casas em violeta, a pé, pelas ruas, pelas praias. Houve um dia que os seus passos levaram-no para o campo de S. Cristóvão.

Ele foi vendo pela praia aquela sucessão de cemitérios, com as suas campas alvas que sobem montanhas como carneiros limpos e tosados a pastar, aqueles meditativos ciprestes que as guardam; e como que sentia que aquele pedaço da cidade era feudo e senhorio da Morte. As casas tinham um aspecto fúne/148vs./bre, recolhidas, concentradas; o mar marulhava lugubremente, as palmeiras ciciavam doridas, e até o tilintar da campainha dos bondes era triste e lúgubre. A paisagem estava toda impregnava da Morte e ela pairava sobre as cousas semi-mortas vitoriosamente.

Ele foi vindo até ao Campo, no Campo deu-lhe vontade de ver a sua antiga casa e foi dar na residência do General. Devia-lhe aquela visita e aproveitou o ensejo. Eles tinham acabado de jantar e jantara com eles, além do Tenente Fontes, o Almirante e o comandante de Quaresma, o Tenente-Coronel Innocencio Bustamante.

Bustamante era um comandante ativo, mas dentro do quartel. Não havia quem como ele se interessasse pelos livros, pela escrita casernista, folhas de mostra, mapa geral e outros documentos. Com auxílio deles, a organização do seu batalhão era irrepreensível; e, quando o tempo lhe sobrava, aparecia pelos lugares em que andavam destacamentos dos seus corpos, apertava dos seus oficiais e voltava. Após os cumprimentos, ele logo perguntou ao seu Major:

– Quantas deserções?

– Até hoje, nove, disse Quaresma.

Bustamante coçou a cabeça desesperado e refletiu:

– Eu não sei o que tem essa gente... É um desertar geral... Falta de patriotismo!

– Fazem muito bem... Ora! disse o Almirante.

/149fr./ O Almirante andava aborrecidíssimo. Até agora não lhe tinham dado nada e já lhe parecia vão o tal patriotismo. É verdade que a esquadra legal ainda não se organizara, mas pelo que se murmurava, não seria ele o comandante; entretanto, ninguém melhor do que ele podia levar a cousa a bom termo. Era velho, um pouco, é verdade; mas jovem em matéria de comando, podia despender toda uma energia de moço.

– O Almirante não deve falar assim... A pátria vem logo depois da humanidade!

– Meu caro, Tenente, o senhor é moço... Eu é que sei essas cousas...

– Não se deve desesperar... A dedicação à pátria, os nossos serviços enfim, são os outros, os vindouros...

– Que tenho eu com eles? disse agastado o Almirante.

Bustamante, o General e Quaresma estavam calados:

– Muito. Nós todos devemos trabalhar para que surjam épocas melhores, de felicidade geral, de elevação moral...

– Nunca houve e nunca haverá!

Fontes, ao contrário dos seus congêneres de seita, estava manso, e manso respondeu:

– Já.

– Quando.

– Na Idade Média.

/149vs./ Ninguém ali lhe podia contestar. Quaresma só sabia história do Brasil e os outros, nenhuma. E a sua afirmação fez calar o Almirante, que admitiu que tinha havido mesmo aquela Idade Média dos positivistas.

É uma curiosa Idade Média, essa. Não se sabe em qual século fica. Se a gente diz – no tempo de Clotário – ele próprio queimou, com suas mãos, a cabana em que ele encerrara o filho, Crame, mulher e filhos. Eles respondem: ainda não estava estabelecido o ascendente moral da Igreja. Se se diz: S. Luís quis enforcar o senhor porque executou três crianças, cujo único crime era terem matado um coelho nas suas matas; eles dizem: já estava em decadência. Citam-se as epidemias de moléstias as alucinações do milênio, [*ilegível*], a ladroagem dos senhores. Carlos Magno fez degolar, em um só dia, 4.500 invasores saxões; e eles respondem na hora: que ainda não era propriamente a Idade Média; noutra hora que já tinha passado.

/150fr./ Nada foi objetado ao oficial positivista e a conversa versou sobre a revolta. O Almirante criticava o governo; na sua opinião, já devia ter tentado a ocupação da Ilha das Cobras. Não se compreendia que ainda não tivesse sido tentado. Fontes achava que não; seria uma aventura mortal que acabaria em desastre.

– Mas, nós reconhecemos Humaitá e por pouco não a tomamos! exclamou Breves.

– Não a tomaram, disse Fontes. O reconhecimento foi mesmo inútil e custoso em vidas... O senhor sabe, esteve lá!

– Isto é... Adoeci e vim um pouco antes, mas o Camisão disse-me que houve muitos mortos.

Quaresma estava silencioso. Ele procurava ver Ismenia. Ele se interessava pela moça; vagamente já soubera por Fontes de sua loucura e se sentia penalizar e sofrendo nela. Viu todas: D. Maricota, sempre ativa e diligente; Vivi, a arrancar com o olhar o noivo da conversa, e as outras. Por fim não se conteve, perguntou pela moça. Soube então que estava em casa da irmã casada com Genelício.

Eram dez horas quando saiu. Voltou /150vs./ de bonde para a Ponta do Caju. Saltou e recolheu-se ao seu quarto. Ele vinha com a emoção especial que põe em nós o luar. Aquela luz pálida e doce enche-nos de uma grande ternura, parece que nos tira o envoltório material e ficamos só alma, mergulhados nos sonhos e quimeras das razões transcendentes.

Deitou-se um pouco assim mesmo, vestido, para gozar a volúpia daquela embriaguez. Tibullo veio chamá-lo; o Marechal estava aí. Era o seu hábito sair à noite, às vezes à madrugada e ir de posto em posto. O fato se espalhou pelo povo, que gostava do ato: achava-o heróico e o Presidente teve mais esse motivo para ficar sendo grande estadista.

Quaresma veio ao seu encontro. Vestia chapéu mole e trajava sobrecasaca curta. Tinha um ar de malfeitor ou de exemplar pai de família em aventuras extraconjugais. Cumprimentou o Major e esteve a assistir com monossílabos as explicações de Quaresma. Quase ao despedir-se, disse vagarosamente, lentamente:

– Hei de mandar pôr um holofote, aqui.

Quaresma acompanhou-o até ao bonde; iam os dous sós. As velhas mangueiras maltratadas pareciam polvilhadas de prata. O Major teve uma ousadia:

– Vossa Excelência leu o meu memorial?

/151fr./ Floriano respondeu quase sem levantar o lábio inferior pendente:

– Li.

Quaresma entusiasmou-se:

– Vê Vossa Excelência como é fácil erguer este pais... Desde que se cortem todos aqueles empecilhos que eu apontei, desde que se corrijam os erros de uma legislação defeituosa, Vossa Excelência verá que tudo isto muda; que, em vez de país tributário, ficaremos com a nossa independência feita... Se Vossa Excelência quisesse...

À proporção que Quaresma falava mais se entusiasmava. Ele não podia ver o rosto do Presidente, encoberto pelas abas do chapéu de feltro; mas, se o visse, havia de esfriar. Havia nele os sinais do aborrecimento mais mortal. Aquele falatório de Quaresma, aquele apelo à legislação, a medidas governamentais, iam mexer com o pensamento de Floriano; ele se aborrecia. Num dado momento, disse:

– Mas, pensa você, Quaresma, que eu hei de pôr a enxada na mão de cada desses vadios? Não havia exército que chegasse...

– Mas, não é isso, Marechal, fez o Qua/151vs./resma titubeando. Vossa Excelência, com o seu prestígio e poder, favorecia, com medidas enérgicas e próprias, o aparecimento das iniciativas, protegia o trabalho... Bastava, por exemplo...

Eles atravessavam o portão da velha quinta de Pedro I. O luar continuava lindo, plácido e leitoso. Um grande edifício inacabado que havia na rua, parecia terminado com as vidraças, portas feitas de luar. Era como um palácio de sonho. Floriano ouvia Quaresma já muito aborrecido. O bonde chegou; ele se despediu, dizendo com aquela sua flacidez de voz:

– Você é um visionário, Quaresma.

O bonde partiu. A lua povoava os espaços, dava fisionomia às cousas, enchia, enfim a vida com a sua luz emprestada...

* * * * *

Folha 152, frente.

LIVRO III
Capítulo III

... E tornaram logo silenciosos...

_____

– EU TENHO EXPERIMENTADO TUDO, QUARESMA, mas não sei... não há meio.

– Já a levou a um médico especialista?

– Já. Corri médicos, espíritas, até feiticeiros, Quaresma!

Os olhos do velho se orvalharam. Os dous se haviam encontrado na pagadoria do Exército e vinham pelo Campo de Sant'Ana a pé. O General era mais alto que Quaresma, e enquanto este tinha a cabeça sobre um pescoço alto, aquele a tinha metida entre os ombros proeminentes como asas. O General continuou:

– E remédios? Cada um receita uma cousa; os espíritas são os melhores, dão homeopatia; se não curar, não mata; os feiticeiros tisanas, rezas, defumações... Eu não sei, Quaresma.

O General levantou os olhos para o céu, mas não os pôde ter assim muito tempo porque o *pince-nez* impedia.

– Por que não a recolhe a uma casa de Saúde, General?

– Um médico já me aconselhou isso... A mulher não quer e agora mesmo, como ela está, não vale a pena.

/152vs./ Falava da filha, da dolente Ismenia, que, naqueles últimos, piorara sensivelmente não tanto da sua moléstia mental, mas da saúde comum, vivendo de cama com febre, enlanguescendo, definhando, marchando a passos largos para a cova.

Breves dizia a verdade, para curá-la tanto de sua loucura, como da atual moléstia intercorrente, ele lançara mão de todos os recursos. E era de fazer refletir ver aquele homem, general, marcado com o curso governamental, procurar médiuns e feiticeiros para curar a filha. Às vezes levava-os em casa: os médiuns chegavam perto, davam um estremeção, ficavam com os olhos desvairados, e gritavam: sai-te, irmão! e sacudiam a mão esquerda seguidamente sobre a moça, no intuito de lhe descarregar os fluidos milagrosos.

Os feiticeiros tinham outros passes e cerimonial. Em geral eram pretos, africanos. Chegavam, acendiam um fogareiro no quarto, batiam com feixes de ervas pelos cantos, faziam os trejeitos de dança, balbuciavam cousas ininteligíveis. Na saída, a pobre D. Maricota, um tanto já diminuída da sua atividade e diligência, perguntava:

– Então?

O preto olhava a senhora e dizia com toda a /153fr./ sua majestade de africano:

– *Vô vê*, *nhãnhã... Tô crotando a mandinga*.

Ela e o General tinham assistido a cerimônia e o amor de pais levavam a olhá-lo com respeito, quase com fé.

– Então foi feitiço que fizeram à minha filha? perguntava a senhora.

– Foi, sim senhora.

– Quem?

– O Santo não *qué dizê*.

A doente assistia àquilo tudo com um olhar estúpido, sem compreender e se interessar por aqueles trejeitos e passes de tão poderosos homens que se comunicavam com o Desconhecido, com o Inacessível.

Ao lado de Quaresma, andando, o General se lembrava disso tudo e ele teve um pensamento amargo contra a ciência, contra os espíritos, contra os feitiços, contra Deus que lhe ia tirando a filha aos poucos, sem piedade nem comiseração. O Major não sabia que dizer diante daquela imensa dor de pai e parecia-lhe toda e qualquer palavra de consolo idiota e parva.

– General, o senhor permite que eu a faça ver por um médico?

– Quem é?

– É o marido de minha afilhada... o senhor conhece... É moço, quem sabe lá?

/153vs./ O General consentiu e a esperança lhe voltou. Cada médico, cada espírita, cada feiticeiro reanimava-o e de todos ele esperava o milagre. Nesse mesmo dia Quaresma, foi procurar o Doutor Armando e pediu-lhe o favor.

A revolta já tinha quase quatro meses de vida. As vantagens governamentais tinham sido poucas. O Aquidabã saía de quando em quando, mas o Javari tinha ido a pique.

O Javari tinha uma grande reputação na revolta. As forças de terra detestavam-no. Era um monitor, chato, de fabricação francesa. A sua artilharia era temida; mas o que sobremodo enraivecia os seus adversários era ele não ter quase borda acima d'água, ficar raso com o mar e fugir aos tiros incertos de terra. As suas máquinas estavam em mau estado, não funcionavam mesmo, e ele se vinha colocar em posição de combate, com auxílio de um rebocador.

Um dia em que ele estava nas proximidades de Villegagnon, foi a pique. Não soube nunca porque foi. Os legalistas afirmaram que foi uma bala de Gragoatá; os revoltosos que foi a abertura de uma válvula ou um simples naufrágio.

Como o do seu irmão, o Solimões, que desapareceu nas costas do Rio do Uruguai, o fim do Javari ainda está envolvido no mistério.

/154fr./ Quaresma, ainda estava no posto, e viera receber dinheiro. Lá ficara o Possidônio, pois os outros oficiais estavam doentes e licenciados, e Fontes era como um simples inspetor, comissário do Robespierre do Itamarati. Aproveitou o momento e logo foi à casa do seu compadre, cumprir a promessa que fizera a Breves.

Coleoni ainda não decidira a sua viagem à Europa. Hesitava e esperava o fim da revolta para [*ilegível*] próximo. Ele nada tinha com ela, mas aquela exigência de passaporte, tirado na polícia, dava-lhe sustos. Havia tanta má vontade, para com os estrangeiros, tanta arrogância nos funcionários, que ele não se animava a tirar o documento, temendo que uma palavra mal dita o fizesse curtir maus quartos d'hora. É verdade que ele era italiano e a Itália já fizera ver ao ditador o quanto valia; mas tratava-se de um marinheiro, por cuja vida, extinta por uma descarga das forças legais, Floriano pagara cem contos. Ele, Coleoni,

porém, não era marinheiro, e não sabia, caso fosse preso, se os representantes diplomáticos de seu país se interessariam por ele.

Demais, ele não protestara contra a naturalização do governo provisório, e era bem possível que se apegassem a isso, para poder sofrer o martírio da galeria nº. 7como mais autêntico brasileiro. /154vs./ Todos esses temores e esses receios, ele só os dizia à filha, porque o genro cada vez mais se fazia jacobino e florianista. O Doutor já obtivera uma graça governamental. Fôra nomeado médico do Hospital de Santa Bárbara, na vaga de um colega demitido como suspeito. Como o hospital ficasse no ilhéu do mesmo nome, dentro da baia, em frente à Prainha, e a Guanabara ainda estivesse em mãos dos revoltosos, ele nada tinha que fazer, pois não foram aceitos os seus oferecimentos de auxiliar o tratamento dos feridos nos hospitais da cidade.

Quaresma foi encontrar pai e filha em casa, o Doutor tinha saído, ido dar uma volta pelo café do Rio e, se fosse possível, ir até o Itamarati conversar com os ajudantes de ordens e outras pessoas influentes no ânimo de Floriano.

A moça viu entrar Quaresma com o espanto que lhe causava ultimamente, e esse espanto mais aumentava quando o via contar os casos guerreiros do seu posto, a passagem de balas, a aproximação de lanchas, naturalmente, simplesmente, como se fosse feições de uma festa, de uma justa, de um divertimento qualquer.

Tanto mais que o via frio, deixando perceber /155fr./ numa frase e noutra desânimo e desesperança. Na verdade Quaresma tinha um espinho n'alma. Aquela recepção de Floriano às suas lembranças de reformas, não esperavam ver o seu entusiasmo e sinceridade nem tampouco a idéia que ele fazia do ditador. Ele saíra ao encontro de um Henrique IV e de um Sully e encontrava um Presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance de seus projetos, desinteressado daquelas cousas que mais de quaisquer outras fizeram a glória daqueles homens!... Estava inquieto. Era pois para isso que ele saíra de sua casa, e se arriscava nas trincheiras? Era pois por esse homem que tanta gente morria? Um instante, vinha-lhe um desespero mortal, uma raiva de si mesmo; mas logo pensava: o homem não pode agora, talvez, após domar o inimigo. Vivia nessa alternativa que trazia aqueles momentos de frieza, de desânimo , que a sobrinha notava.

– Mas qual delas? perguntou a moça.

– A segunda, a Ismenia.

– Aquela que estava para casar com o dentista?

– Esta mesmo.

– Ahn.

Ela disse o *ahn* muito longo e profundo, como se ele /155vs./ substituísse tudo que ela adivinhava no caso. Via bem o que fazia o desespero da moça, mas via melhor a causa, essa obrigação que se incrusta no espírito das moças, esse dever de casar-se, por todos os meios e sob pena de se sentir menoscaba aos seus próprios olhos. O que ela não via era o modo particular com que o abandono reagiu sobre a menina, graças à sua frouxidão, à pobreza intelectual e de energia vital.

Coleoni enterneceu-se muito, e interessou-se. Sendo bom de fundo, quando lutava pela fortuna se fez duro, mas logo que se viu rico perdeu a dureza com que se revestira, pois percebia bem que só se pode ser bom quando se é forte de algum modo.

O Major tinha diminuído um pouco o interesse pela moça, andava aborrecido com o seu caso e recapitulava as desilusões. Entretanto, se não tinha um forte pensamento pela desdita da moça, abrangia-a com a sua bondade geral, larga e humana.

Não se demorou muito na casa do compadre; ele queria, antes de voltar ao posto, passar pelo quartel. Ia ver se arranjava uma pequena licença, para visitar sua irmã que deixara lá na "Fartura" e de quem tinha notícias, por carta, três vezes por semana. Eram elas satisfatórias, contudo ele tinha necessidade de vê-la, tanto ela como o Anastácio, fisionomias com quem se encontrava diuturnamente há tantos anos e cuja contemplação lhe daria agora mais satisfação de viver e mais desejos de continuar os seus propósitos. /156fr./ A última carta que lhe escrevera, havia uma frase de que se lembrava agora sorrindo: "Não te exponhas muito, Polycarpo. Toma toda a cautela". Pobre Adelaide! Então ela pensa que esse negócio de balas é assim como a chuva...

O quartel ainda ficava no velho cortiço condenado pela higiene, lá para as bandas da cidade nova. Assim que Quaresma apontou, a sentinela deu um grande berro, fez uma grande bulha com a arma e o Major entrou tirando o chapéu de coco, pois agora, que estava à paisana, o usava em vez da cartola, sempre um traje aristocrático que talvez fosse mal visto pelos jacobinos.

No pátio, o instrutor coxo ensaiava novos voluntários e os seus majestosos e demorados gritos: "Om-brô... armas! Mei-a vol-ta volver!" – subiam aos céus e ecoavam pelos muros longamente. Bustamante estava no seu cubículo, denominado também gabinete, usando um livro e logo que o viu entrar, exclamou radiante:

– O Major adivinhou?

Quaresma descansou o chapéu, bebeu um pouco d'água e o Coronel Innocencio explicou a sua alegria:

– Sabe que temos de marchar?

– Para onde?

– Não sei... Recebi ordem do Itamarati.

Ele não dizia nunca do Quartel-General, /156vs./ nem mesmo do Ministro; era do Itamarati, do Presidente. Parecia que isso dava mais importância a seu batalhão, fazia-o assim uma espécie de batalhão da guarda, favorito e amado do ditador.

Quaresma não se admirou. Percebeu que era impossível a licença e também necessário mudar os seus estudos: da artilharia tinha passar à infantaria.

– O Major é que vai comandar o batalhão, sabia?

– Não, Coronel. E o senhor não vai?

– Não, disse Bustamante alisando a barba; tenho que acabar de organizar o corpo e não posso... Mais tarde então...

Ainda não tinha francamente entardecido quando o Major saiu do Quartel. Ainda era posmerídio e ele veio até a cidade. Ia ao Correio escrever à irmã e, de caminho, foi a uma livraria comprar compêndios de infantaria. Para onde ele ia? Para o Sul, para Majé, para Niterói? Não sabia; entretanto, se tudo isso fosse para a realização das medidas que julgava então, vá lá! Mas quem sabe! Talvez... Podia ser... E passou o dia todo atormentado e inquieto de pensamentos.

/157fr./ O marido de Lúcia não fez nenhuma questão em ir ver a filha do General[33]. Ele levava a íntima convicção de que a sua ciência toda nova pudesse fazer alguma cousa; mas assim não deu. A moça continuou a definhar e, se a mania parecia um pouco atenuada, o seu organismo caía. Ela estava magra e fraca, não se levantava da cama há quase um mês.

Era sua mãe quem mais junto dela vivia; as irmãs se desinteressaram um pouco dela e as exigências de sua mocidade davam pouco tempo a gastar com Ismenia.

D. Maricota, entretanto, não mais tinha aquele fervor por festas, todo o seu pensamento era para a filha infeliz. [*ilegível*] a infelicidade; ela não sabia, mesmo porque se julgava um tanto culpada.

Frequentemente, ia ao quarto em que ela se finava, falava, e olhava para aquele pedaço dela mesma que se ia, que se dissolvia, ali, à sua vista.

A moléstia tinha posto mais firmeza nos traços da filha, tinha-lhe diminuído a lassidão, dado brilho aos olhos, e os seus lindos cabelos castanhos com reflexos dourados mais belos se faziam, realçados pela palidez da face.

Raro era falar muito, e assim foi que, naquele dia, se espantou D. Maricota com a sua loquacidade.

– Mamãe, quando se casa Vivi?

– Quando se acabar a revolta, minha filha.

Ela esteve um instante calada, olhando o teto, e disse à mãe:

– Mamãe... Eu vou morrer...

– Não diz isso, minha filha, respondeu D. Maricota, esforçando por sorrir. Qual! Você vai ficar bem, seu pai vai levar você pra Minas, você engorda...

/157vs./ – Qual! Mamãe! fez a filha serenamente. Eu vou morrer e peço uma cousa à senhora.

A mãe ficou espantada com a seriedade e firmeza da filha; quis ainda ver se a dissuadia daquele pensamento; mas a filha continuava a afirmar serenamente:

– Eu sei, mamãe.

– Bem. Suponho que seja verdade: o que é que você quer?

– Eu quero, mamãe, ir vestida de noiva.

A mãe [*ilegível*], passou a distraí-la, contava besteiras, mas a filha já não a ouvia. Deitara-se para o lado, cerrara os olhos e parecia dormir.

D. Maricota saiu do quarto comovida, quase chorando, com a secreta certeza de que a filha ia morrer. Entretanto, passavam-se os dias e ela continuava a parecer melhor, a falar com discernimento,a fazer perguntas. Parecia melhorar e essas melhorias tiveram o sei ápice no dia em que ela morreu. Sua mãe tinha saído, uma visita necessária, indispensável, e a doente ficara muito tempo só no quarto.

Ela sentiu qualquer cousa, levantou-se, abriu o guarda-vestido e esteve vendo o seu vestido de noiva. Deu-lhe vontade de vestir e retirou-o. Vestiu a saia e, vestindo, se lembrou do seu casamento, de seu noivo, com o seu nariz fortemente ósseo e olhos esgotados. /158fr./ Em seguida, lembrou-se da cartomante, em que tinha ido, depois da partida dele. Enganara a mãe e com a criada lá foram as duas à casa de Madame Teti. Como fôra má! Quando ela perguntou, ele volta? as cartas [*ilegível*] disseram: não. E ele não voltava e ela ficara assim sem seu marido, seu destino; maldita.

[33] Ou seja, não se opôs a ir vê-la.

Não acabou de pôr o vestido, quis ver a coroa. Tirou-a da gaveta, colocou-a na cabeça e o véu cobriu o seu colo nu com um afago de borboleta. Teve uma fraqueza, uma cousa, deu um ai e caiu de costas na cama... Quando vieram ver estava morta, meio deitada na cama, com a saia de casamento, coroa de [*ilegível*], [*ilegível*] e um seio a saltar do corpinho [*ilegível*].

O enterro foi feito no dia seguinte e nunca a casa de Breves esteve tão cheia. Quaresma também veio. Ele não gostava muito dessas cerimônias, tinha um terrível medo da morte. Mas veio e foi ver a pobre moça no caixão, inundada de flores, toda de noiva, com o seu ar imaculado de imagem. Se não fosse a palidez de cera dir-se-ia que dormia. [*ilegível*] era ela [*ilegível*] naquele [*ilegível*]. A sua pequena beleza de traços miúdos tinha reaparecido, fixado com a morte; e ela ia para a cova com a sua [*ilegível*] [*ilegível - linha rasgada*] tinha tido com [*ilegível*].

/159fr./ Quaresma contemplou um instante aqueles tristes restos. Viu já dentro do caixão, no coche. [*ilegível*] pelas ruas mal calçadas, atravessando as ruas de túmulos, uma multidão que trepava, tocava-se, lutava por espaço, na estreiteza da várzea e nas encostas das colinas. Algumas sepulturas como se olhavam com afeto, roçando-se amigavelmente; em outras, transparecia repugnância de estarem perto. Havia ali, naquele laboratório mudo de decomposições, solicitações incompreensíveis e também repulsões e antipatias; havia túmulos arrogantes, superiores, vaidosos, orgulhosos e simples e humildes; e, de alguns, ressumava o esforço, um esforço extraordinário, para escapar ao nivelamento da morte, ao apagamento que ela traz às condições e às fortunas.

Quaresma ainda contemplava o cadáver da moça e o cemitério ainda continuava a surgir a seus olhos...

As esculturas que se amontoavam, também vasos, cruzes e inscrições, em alguns túmulos; n'outros eram pirâmides de pedra tosca, caramanchões extravagantes, complicações de ornatos, cousas barrocas e delirantes, para fugir ao último anonimato, o do túmulo.

As inscrições exuberam: são longas, cheias de nomes, de datas, sobrenomes e não trazem à memória nem um homem conhecido, e para que as formas em /159vs./ vida querem morrer deveras?

E lá ia aquela moça por ali afora, para o buraco escuro, para o fim, para o fim?

Quaresma quis afastar essa visão triste e foi ao interior da casa. Na sala de visitas, estava D. Maricota com os olhos inchados de chorar, cercada de amigas que nada lhe diziam. As irmãs iam e vinham. O General estava silencioso, tendo ao lado Fontes e outros conhecidos. O Almirante e Bustamante conversavam baixo, afastados, e quando Quaresma passou, pôde ouvir o Almirante:

– Qual! Os *homens* estão dentro em pouco aqui... O governo está exausto.

O Major não parou, foi até a janela da sala de jantar e esteve vendo a tarde. Tudo estava sereno e calmo. A Estefânia, a doutora, aquela de olhos maliciosos e quentes, passou, tendo ao lado a Vivi, que levava, de quando em quando, o lenço aos olhos já secos; a quem aquela dizia:

– Eu, se fosse você, não comprava lá... É muito caro!... Vai ao *Bonheur des Dames*... Dizem que tem cousas muito boas e baratas.

O Major continuava a ver a tarde por aquele pedaço de céu que cobria a área. Genelício apareceu. Vinha demasiadamente fúnebre. Todo de preto, ele tinha ajustado ao

rosto a mais perfeita máscara de desgosto. O seu *pince-nez* azulado parecia também de luto. Não lhe fôra possível deixar de ir trabalhar; um serviço urgente, indispensável retivera-o todo o dia na sua banca.

/160fr./ – É isto, General, não está lá seu Genelício não se faz...

O General quis responder qualquer cousa que mostrasse a admiração pelo gênio burocrático do genro. Chegou articular os lábios, as palavras não chegaram, veio-lhe qualquer lembrança e lágrimas cobriram-lhe.

Bustamante e Almirante continuavam a conversar baixo...

Ouviu-se um rodar de carruagens na rua. Quinota veio à sala de jantar:

– Papai! Está aí coche.

O velho levantou-se a custo e foi até a sala de visitas. Falou à mulher que se ergueu com a face contraída, toda ela exprimindo uma contensão que sacudiu as suas forças. Não deu um passo, caiu na cadeira, chorando. Todos pararam, por fim, Genelício, tomou um partido, foi tirando os círios... A mãe levantou-se, veio até o caixão e beijou o cadáver: minha filha!

Daí à pouco, estava fechado. Quaresma adiantou-se e foi saindo com o chapéu na mão. No corredor, em frente à escada, ouviu a Estefânia dizer a alguém:

– O coche é bonito.

Saiu. Na rua parecia que havia festa. As crianças da vizinhança, cercavam os coches, e faziam inocentes comentários sobre os dourados e enfeites. As grinaldas foram saindo: "À minha querida filha", "À minha irmã adorada". O caixão saiu, todo de roxo, com galões muito dourados e novos. /160vs./ As janelas se povoaram de um extremo a outro da rua. Um menino até gritou no [*ilegível*]: Mamãe! Lá vai o enterro da moça!

Estava no coche; os cavalos estavam impacientes para sair. A carruagem deu alguns passos. Os carros de acompanhamento se estenderam de um lado ao outro da rua; foram [*ilegível*] o féretro rodou vagarosamente.

Na vizinhança alguns pombos brancos, as amigas aves de Vênus, ruflando as asas estrepitosamente voaram, deram volta em cima do caixão e tornaram silenciosos, quase sem bater as asas, para o pombal que se ocultava nos quintais burgueses...

* * * * *

Folha 161, frente.

TERCEIRA PARTE

Capítulo IV

Boqueirão

O SÍTIO DE QUARESMA EM CURUZU VOLTAVA aos poucos ao estado de abandono em que ele o encontrara. A erva daninha crescia e invadia tudo. As plantações que fizera, tinham desaparecido na invasão do capim, do carrapicho e dos outros arbustos. Os arredores da casa tinham um aspecto desolador, apesar dos esforços de Anastácio. Faltava a este iniciativa e método, continuidade no esforço; uma vez capinava aqui um pedaço, outra vez, ali; e assim ia saltando de trecho em trecho, sem fazer trabalho que se visse e permitindo que as terras adquirissem um aspecto de desleixo que não condizia com o seu trabalho efetivo.

As formigas voltaram mais terríveis, e aquela apoucada inteligência de antigo escravo não se sabia bater com elas senão em escaramuças, queimando formicida hoje num *olho*, amanhã no outro, sem nunca se decidir a sua destruição também enérgica e eficaz.

Entretanto, ele cultivava uma horta e como animais da vizinhança a tivessem um dia invadido, ele a protegeu pacientemente com uma cerca feita de materiais mais inconcebíveis: latas desdobradas, caibros bons, folhas de coqueiros, tábuas de caixão, quando tinha à mão bambus à vontade.

A revolta tinha tido sobre a política local um efeito pacificador, todos os partidos se fizeram mais dedicadamente governistas, de forma que entre os dous poderosos /161vs./ inimigos, o Doutor Justino e o Tenente Antonino, houve um traço de união que os reconciliou e os fez se entender. Ao osso que ambos disputavam encarniçadamente, chegou um outro mais forte que pôs em perigo a segurança de ambos e eles se gruparam em expectativa.

D. Adelaide passava bem longos e tristes dias naquele isolamento. Fazia-lhe companhia desde muito a mulher de Felizardo, a Sinhá Chica uma velha cafuza, espécie de Medeia do local, cuja fama de rezadeira pairava por sobre todo o município. Não havia quem, como ela, soubesse rezar dores, cortar febres, curar cobreiros e conhecesse os efeitos das ervas medicinais: a língua de vaca, a silvina, o cipó chumbo, toda aquela terapêutica que medrava pelos campos, pelas capoeiras, e pelos troncos de árvores.

Além desse saber que a fazia estimada e respeitável, ela tinha também a habilidade de fazer partos, e em toda a redondeza, não havia nascimento a que ela não assistisse e desse os seus cuidados.

Era de ver como ela pegava uma faca e fazia cruzes sobre cruzes, rezando e agitando-a por cima da sede da dor e da ferida, e assim se contavam dela milagres, extraordinárias vitórias denunciadoras do seu poder quase mágico.

Um dos mais curiosos, era de afastamento das lagartas. Tinha dado aos milheiros numa roça de feijão da redondeza e o proprietário já desesperava e tinha tudo por perdido, quando /162fr./ se lembrou da Sinhá Chica. Ela lá foi. Pôs cruzes pelas bordas da roça, assim como se fizesse uma cerca de matéria invisível que nela se apoiasse com tampos [*ilegível*], e ficou numa extremidade da roça a rezar. Não tardou a curar a moita. Os vermes, como se fossem tocados pela vara de um pastor, se enfileiraram e foram saindo lentamente pela extremidade oposta.

O Doutor Justino não tinha absolutamente nenhuma espécie de ciúme dessa sua rival. Tinha um pequeno desdém pelo poder da mulher; mas não apelava para o arsenal de leis que lhe vedava o exercício da sua curiosa medicina.

No interior, e não é preciso afastar-se muito deste nosso Rio, as duas medicinas coexistem sem raiva e ambas atendem às necessidades mentais e econômicas da população.

A da Sinhá Chica, quase grátis, ia ao encontro da população pobre, daquela em cujos cérebros, por contágio, em mistérios de herança, ainda vivem os manitus e os manipansos, sujeitos a fugirem aos exorcismos e benzeduras; a do Doutor Justino, as mais cultas e mais ricas, cuja evolução mental já dá mais crença na medicina governamental. Às vezes, um de um grupo passava para o outro; era nas moléstias graves, nas complicadas, quando as ervas e as rezas da Sinhá Chica nada podiam ou os xaropes e pílulas do Doutor Justino eram impotentes.

Sinhá Chica não era lá uma companhia muito agradável. Vivia sempre mergulhada no seu sonho divino, abismada nos misteriosos poderes dos feitiços, sem esquecer os santos, a santa madre Igreja, os seus mandamentos e as suas orações. /162vs./ Ela rezava várias orações por dia e tinha rosário, tudo muito [*ilegível*] obscuramente. Não sabia ler, mas o catecismo ela tinha de cor e na sua medicina flutuavam prédicas da história sagrada. Com o Apolinário, o célebre rezador de ladainhas, ela era o poder espiritual da terra. O vigário era como uma espécie de funcionário.

Felizardo, o seu marido, aparecia pouco, sempre à noite, pois passava os dias escondido pelos matos com medo do recrutamento, e logo que chegava indagava da mulher se o *barúio* já tinha acabado. Vivia num constante pavor, dormia vestido e, à menor bulha, levantava, galgava a janela e embrenhava-se pela capoeira.

Tinham dous filhos, mas que tristeza de gente; com a depressão moral dos pais, não tinham o vigor físico do Felizardo nem a encantador e inocente [*ilegível*] superstição da mãe.

Eram dous rapazes, o mais velho, o José, já orçava por 20 anos, inertes, moles, sem força e sem crenças, nem mesmo a da feitiçaria que a mãe e o pai tanto respeitavam.

Vaidosos e preguiçosos, não havia quem os fizesse aprender qualquer cousa e mal sabiam pegar na enxada. De quando, assim de vinte em vinte dias, iam ao mato, faziam uma talha de lenha e vendiam ao primeiro taverneiro pela metade do valor e voltavam para casa com um lenço de cores vivas, com um vidro de água de colônia, um espelhinho, bugigangas que faziam surgir neles ainda bastantes gostos selvagens.

Passavam então uma outra semana a dormir em casa, a perambular pelas estradas, e, à noite, saiam com a *harmônica* a tocar *peças* e a procurar bailes em que brilhavam as suas habilidades na gaita de foles.

/163fr./ Embora seus pais vivessem em casa de Quaresma, eles apareciam lá pouco, uma vez ou outra, quando de todo não tinham que comer.

Essa atonia da nossa população, esse desânimo, essa indiferença total por tudo e todas as cousas, cercam de uma caligem de tristeza, de catalepsia os nossos mais belos lugares. Não há nem um dos grandes países oprimidos, a Polônia, a Irlanda, a Índia, que se compare ao nosso interior. Em alguns há revoltas, em outros há uma fuga para o sonho; entre nós não há nada, nada, nada...

A ausência de Quaresma trouxera para o seu sítio essa atmosfera geral da roça. O "Fartura" parecia dormir, dormir de encantamento, à espera que o príncipe o viesse despertar.

As máquinas agrícolas que ainda não haviam servido, enferrujavam com a etiqueta da casa. Aqueles arados de ponta de aço, que tinham chegado com a relha reluzente, de um brilho azulado e doce, estavam hediondos e morriam de tédio no abandono que estavam. De

manhã, não se ouvia mais o cacarejar das aves do galinheiro, o esvoaçar dos pombos, todo esse hino matinal de vida, de trabalho e de fartura, que anima e ajuda a atividade agrícola.

D. Adelaide não tinha nem gôsto nem vontade para superintender aqueles serviços. Ela vivia ali como se estivesse na cidade. Comprava os gêneros na venda, até o milho para as poucas aves que tinha, e não se incomodava com o que acontecia. Ansiava pela volta do irmão, escrevia-lhe cartas desesperadas, às quais ele respondia com calma, fazendo promessas. A última que ela recebera, porém, tinha já outro acento. Não era mais confiante, entusiástica; mas era desanimada, melancólica e como que desesperada. Era assim.

> //163vs./ "Querida Adelaide. Só agora posso responder-te a carta que recebi há uma semana. Justamente quando ela me chegava às mãos, tinha sido ferido, ferido ligeiramente, mas que me levou à cama e vai dar-me uma convalescença longa. Que combate, minha filha! Quando me lembro, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. Fiquei com um horror à guerra que ninguém pode avaliar. Uma confusão, um zunir de balas, clarões sinistros, imprecações _ e tudo isto na treva profunda da noite. Num dado momento todos despojavam as armas de fogo: batiam-se à baioneta, a machado, a facão. Um combate de trogloditas, uma cousa pré-histórica, minha querida irmã. Eu duvido, eu duvido, duvido da justiça disso tudo, duvido seja justo, até, exato e necessário ir tirar do fundo de todos nós aquela ferocidade adormecida, aquela ferocidade que se fez e se depositou em nós nos milenários combates com as feras que nos disputavam durante o tempo a terra... Eu não vi homens de hoje; eu vi homens da [*ilegível*], com o machado de sílex, sem piedade, sem amor, sem sonhos, sem generosidade, naquela batalha encarniçada. Este teu irmão que tu estás vendo, também fez das suas, também foi encontrar dentro de si muita brutalidade, muita ferocidade, muita crueldade... Eu matei, minha; eu matei... E não contente de matar, ainda descarreguei um tiro quando o inimigo arquejava aos meus pés... Perdoa-me, eu te peço perdão, porque /164fr./ preciso de perdão e não sei a quem pedir, a que Deus, a que homem, a alguém... Não imaginas como isso me faz sofrer... Quando caí embaixo de uma carreta, o que me doía não era a ferida; era a alma, a consciência; e Tibullo, que foi ferido e caiu ao meu lado, falando – Major, meu gorro! – parecia que era a minha própria consciência, que era o meu próprio pensamento que ironizava o meu destino...
>
> A vida é absurda e ilógica; eu já tenho medo de viver. Tenho medo, porque não sabemos para onde vamos, o que faremos amanhã, de que maneira nos havemos de nos contradizer de sol para sol...
>
> O melhor é não agir, e desde que o meu dever me livre deste encargo que tenho, irei viver na quietude, na quietude mais absoluta possível, para do fundo de mim ou do mistério das cousas

> não vá a minha ação provocar o aparecimento de energias estranhas e mais que me façam sofrer e me tirem o viço de viver...
>
> Além do que, penso que todo esse meu sacrifício é inútil, tudo que nele pus de pensamento não foi atingido e o sangue que derramei, e o sofrimento de que vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados, foram desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer...
>
> Ninguém compreende o que quero, ninguém sente, eu passo por doido, por tolo... e a vida se vai fazendo."

O ferimento de Quaresma não era grave; mas /164vs./ o de Tibullo o era. E se o sofrimento de Quaresma era profundamente moral, o de Tibullo não tinha essa feição, era sofrimento físico e ele não se cansava de gemer e de imprecar contra a sorte que o arrastara até à posição de combatente. Entretanto, no lugar em que se dera o combate, a sua liberdade era mais ampla. O descanso lhe era permitido, e como havia matas e bosques, era dentro deles que ele continuava a sua atividade poética e musical.

Sem cuidados, sem obrigações, ganhando um vencimento razoável, Coração dos Outros, por um momento, sentia-se satisfeito e quase livre. Nas horas de folga, ele tinha mesmo um sentimento de liberdade completa, perfeita, de estar fora das leis e viver à larga, como um passarinho; mas lá vinham as outras obrigações do seu sargenteamento e o choque era tão forte com a realidade, que ele sofria verdadeiras dores físicas, cruciantes pontadas na sua sensibilidade.[34]

Os dous não se viam há muito tempo; os hospitais em que se tratavam, estavam separados pela baía, agora intransponível, exigindo a viagem de uma margem à outra o gasto de doze horas por estrada de ferro.

Quaresma tanto na ida como na volta, passava pela estação em que morava. O trem, porém, não parava ali, e ele se limitava a deitar pela portinhola um olhar saudoso para aquela "Fartura", aquela sua "Fartura"[35] de terras pobres e árvores velhas, onde sonhara repousar calmamente por toda a vida, e entretanto o lançara na mais terrível das aventuras!

E ele perguntava de si para si, /165fr./ onde, na terra, estava o verdadeiro, onde se poderia encontrar esse repouso de alma e corpo, que ele tanto ansiava, depois dos sacolejamentos por que vinha passando – onde? E o mapa dos continentes, a carta dos países, as plantas das cidades, passavam-lhe pelos olhos e não via, não atinava um lugar, um país, uma cidade, uma rua onde o encontrasse.

A sua sensação era de fadiga, de fadiga não física, mas moral e intelectual; ele tinha vontade de não mais pensar, de não mais ter idéias; queria, contudo, viver, viver por prazer físico, pela sensação pura e simples de viver.

Assim, convalesceu longamente, demoradamente, sem uma visita, sem ninguém que o visse.

Coleoni e família se haviam retirado para fora; o General, por preguiça e desleixo, não viera vê-lo. Vivia só, envolvido naquela atmosfera [*ilegível*] melancólica da

[34] "Entretanto, no lugar em que se dera [...] pontadas na sua sensibilidade". Trecho riscado por Lima Barreto.
[35] Aqui o nome do sítio é já "Sossego": "[...] para aquele "Sossego",aquele seu "Sossego" [...]".

convalescença, a pensar, a pensar, no Destino, na sua vida, nas suas idéias e mais que tudo nas suas desilusões.

Entretanto a revolta na Baía da Guanabara chegava ao fim. Toda gente já notava e queria esse alívio.

O Almirante e Breves, ambos, quase pelos mesmos motivos, observavam esse fim com tristeza. O primeiro via fugir o seu sonho de comandar uma esquadra e a conseqüente volta para o quadro, e o General sentia perder o seu emprego, cujos rendimentos faziam de forma tão notável melhorar a situação da família.

/165vs./ Breves saíra de casa, naquela manhã, aí pelas 8 horas. A impressão da morte da filha já se esvaíra na sua memória. O que o fazia sofrer era a vida dela, aquela semivida, mergulhada na loucura e na moléstia. A morte tem a virtude de ser brusca, brutal, mas passada essa primeira impressão, passados os primeiros efeitos, vai ficando na nossa lembrança uma suave recordação da pessoa amada, uma boa fisionomia sempre presente aos nossos olhos; mas o viver da pobre Ismenia, um viver que não era viver, doente e louca, alheia a tudo e todos, angustiava, deprimia e fazia sofrer muito mais.

Ele saíra de casa de manhã, na tenção de ir à missa de um amigo. Era pessoa importante; e, embora, estivessem em plena revolta, missas dessa ordem se faziam na Igreja de S. Francisco. Chegou a tempo e à hora. Havia uniformes e cartolas e todos se comprimiam para assinar o livro de presença. Não é tanto que quisessem atestar à família do morto esse ato delicado; animava-os a esperança de que os nomes saíssem nos jornais.

Breves não deixou de também atirar-se a uma das listas que andavam pelas mesas da sacristia; e, quando ia assinar, alguém lhe falou: era o Almirante. A missa já tinha começado, mas ambos evitavam entrar na nave da igreja e ficaram a um vão de uma janela e conversaram.

– Então a cousa acaba breve, hein?

– Dizem que a esquadra já saiu há tempos de Pernambuco?

Fôra Caldas quem falara primeiro e essa resposta do General fê-lo sorrir irônico, dizendo:

– Enfim...

– A baía está cercada de canhões e o Marechal já os intimou a renderem-se.

/166fr./ – Já era tempo... Comigo, fez Caldas, a cousa já estava acabada... Levar quase sete meses para dar cabo de uns calhambeques...

– Você exagera, Caldas; a cousa não era tão fácil assim... Havia o mar e falta de navios...

– Que fez a esquadra tanto tempo no Recife... Ah! Se fosse com este seu criado, tinha logo partido e atacado... Eu sou pelas decisões prontas...

O padre lá dentro continuava a rezar o seu latim; o cheiro de incenso, o incenso votivo a Deus, ao Deus da paz e da bondade, vinha até eles e não os fazia esquecer os seus pensamentos guerreiros.

– Entre nós, continuou Caldas, não há mais gente que preste... Isto é um país perdido... Está aqui, está colônia inglesa.

– Agora não, contestou Breves; agora a autoridade está prestigiada, consolidada e uma era de riqueza e prosperidade se abre para nós...

– Qual o quê! Onde é que se viu um governo...

– Fala baixo, Caldas.

– ... onde é que se viu um governo que não aproveita as aptidões, abandona-as, deixa-as por aí vegetar... Dá-se o mesmo que com as nossas riquezas naturais: jazem por aí à toa...

A sineta soou e eles olharam um instante uma porção de homens todos de negro, ajoelhados, compungidos, batendo nos peitos, confessando as *mea culpas*... *Mea culpa, mea maxima culpa*... Insensivelmente, eles levaram a mão ao peito e também se recordaram da sua culpa, da sua *maxima culpa*.

/167fr./ Por fim, a missa acabou e ambos entraram na igreja para dar o abraço da pragmática. A nave recendia a incenso e tinha um ar tranqüilo de imortalidade.

A maioria daquelas pessoas mal conhecia o morto, mas dava na vista ir à sua missa e o ato tinha significação política. Todos então, amigos, parentes, conhecidos e desconhecidos, tinham um ar de compunção igual. Breves e o Almirante, logo que entraram apanharam o ar de sentimento profundo e afivelaram-no ao rosto.

Genelício também viera, ele tinha o vício das missas das pessoas importantes e dos cartões de pêsames. Não havia sogra, prima, tia de homem importante ou que se estava fazendo importante que, por morte, não recebesse as profundas homenagens dos seus mais puros sentimentos. Estava já subdiretor e a giba cada vez mais se acentuava. O traje de luto era de pano grosso, pesado, e, olhando-o, lembravam-nos um instante de um castigo dantesco. Vieram a sair e os três se encontraram. Genelício escovava a cartola com a manga do casaco e dizia ao sogro e ao Almirante:

– A cousa está pra acabar... É pra breve.

– E se eles resistirem? perguntou-lhe Breves.

– Qual, não resistem. Dizem que já propuseram rendição... É preciso arranjar uma manifestação ao Marechal, não acham?

– Não acredito, fez o Almirante. Conheço muito o Saldanha, é orgulhoso e não se entregaria assim...

Genelício ficou um tanto assustado com o tom da fala de Caldas; teve medo que ele o comprometesse e nada respondeu. Breves, porém, adiantou-se:

– Não há orgulho que resista a uma esquadra mais forte...

– Forte! Uns calhambeques...

Caldas falava furioso. O céu estava azul e calmo. Havia nuvens brancas, leves, esgarçadas, que se moviam lentamente naquele mar infinito. Genelício aconselhou:

/168fr./ – Almirante, não fale assim... Olhe que...

– Qual! Você é meu parente, mas é um frouxo... Não tenho nada com isso... Porcaria...

– Bem, fez Genelício, eu tenho que ir ainda em casa...

Despediu-se e saiu com o seu traje de chumbo, curvado, a olhar o chão com o seu *pince-nez* azulado, caminhando com o seu passo miúdo e cauteloso.

Breves e Caldas ainda estiveram instantes conversando, mas não se demoraram muito. Eles tinham razão: a revolta veio a acabar dali a dias. Dentro de oito dias a esquadra legal entrou, os oficiais se refugiaram nos navios portugueses e o Marechal Floriano ficou senhor da baía, que desde meses fugia a seu jugo implacável.

Uma grande parte da população acreditou mesmo que houvesse canhoneio terrível, e abandonando haveres parcos, refugiou-se nos subúrbios, por baixo das árvores ou em galpões construídos adrede pelo Estado. Era de ver o terror que se estampava naquelas

fisionomias, a ânsia e a angústia também. Levavam trouxas, pequenas malas, crianças pequenas a berrar, o papagaio querido, o cachorro de estimação, o passarinho engaiolado que há muito quebrava a tristeza de uma casa. O que mais metia medo, era o famoso canhão de dinamite do Niterói, uma espalhafatosa invenção americana, instrumento terrível, capaz de causar terremotos e de abalar os fundamentos das montanhas graníticas do Rio. As crianças e as mulheres, mesmo fora do alcance de seu poder, temiam ouvir o seu estrondo; entretanto, esse fantasma, esse pesadelo, essa quase força da natureza, foi morrer abandonado num cais, desmanchado mais tarde, pária, e vendido como ferro-velho. O fim da revolta foi um alívio e a vitória do Marechal emprestou-lhe feições sobre-humanas.

/168vs./ Quaresma veio acabar a convalescença pelo fim da revolta. O seu batalhão estava dividido em diversos destacamentos. Innocencio Bustamante continuava a superintendê-lo com zelo do interior do quartel na velha estalagem. A escrituração estava em dia e nunca relações de mostra foram apresentadas com tanta perfeição. Ocupadas as ilhas e fortalezas que tinham estado em poder dos revoltosos, coube à ala que Quaresma comandava guarnecer a Ilha das Enxadas, onde havia centenas de marinheiros presos.

Foi com repugnância que ele aceitou o papel de carcereiro. Os seus tormentos d'alma mais cresceram com exercício de tal função. Ele quase não olhava os seus prisioneiros; tinha quase vergonha deles e parecia-lhe que, dentre eles, pelo menos um o tinha visto matar um companheiro em combate.

De resto, todo o sistema de idéias que o fizera meter-se numa guerra civil se tinha esvaído. Ele não encontrara o Sully nem o Henrique IV. O pensamento que o animava, não animava nenhuma das pessoas que encontrara. Vieram para a guerra civil com pueris propósitos políticos, por interesse, nada de superior os animava. Mesmo, entre os moços que eram muitos, se não havia interesse, existia uma admiração delirosa da forma republicana, um exagero de virtudes dela que os seus estudos e meditações não podiam achar justos.

Debaixo disso tudo havia o tal positivismo tirânico, inquisitorial, presunçoso, estreito, duro e antipático que repugnava os seus sentimentos liberais.

Os prisioneiros se amontoavam nas antigas salas de aulas e alojamentos dos aspirantes.

Havia simples marinheiros; havia inferiores; havia escreventes e operários de bordo. Brancos, pretos, mulatos, /169fr./ caboclos, gente de todas as cores e todos os sentimentos, gente que se tinha metido em tal aventura pelo hábito de obedecer, gente inteiramente estranha à questão que se havia discutido a bala durante meses, gente arrancada à força dos lares ou à calaçaria das ruas, pequeninos, tenros, ou que se haviam alistado por miséria, gente ignara, simples, às vezes cruel, às vezes doce, mas sem responsabilidade, sem anseio político, sem vontade própria, simples autômatos nas mãos dos seus chefes e superiores.

E se lhe era dado contemplar um tão triste rebanho humano, era com piedade que ele se lembrava que todos aqueles homens, sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem amigos, estavam ali à mercê do vencedor.

De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar e vendo a cidade sumir no abraço sangrento do ocaso; e vinha a noite e ele continuava a passear, a meditar, a pensar, a sofrer com aquelas lembranças de ódios, de sangueira e ferocidade. A vida e a sociedade pareceram-lhe cousas horrorosas e pareceu-lhe que vinham dos seus exemplos os crimes indizíveis que esta última punia, castigava e procurava restringir.

Vinha-lhe disso pensar então porque força misteriosa, porque injunção irônica ele se tinha vindo misturar a tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar da pátria e do regime.

/170fr./ E ele então se lamentava de estar sozinho, de não ter um companheiro com quem falasse. Tibullo estava de guarnição na Ilha das Cobras e, mesmo que ali estivesse, os rigores da disciplina não lhe permitiriam uma conversa mais amigável. Vinha a noite de todo, ele ainda fitava a praia, a olhar o fundo da baía, afogada nas trevas, quebrada, aqui e ali, por uma luzinha mais fraca. Parecia ter privado das montanhas, daquelas velhas montanhas, quase tão antigas como a terra, vinham como daquela imensidade dos tempos idos em cujos trabalhos, em cuja atividade, em cujo sentido, mal penetramos.

Fatigado, ia dormir. Nem sempre dormia bem, tinha insônia, e se queria ler a atenção se recusava fixar-se e o pensamento ia vagabundear muito longe do livro.

Uma noite que ia dormindo melhor, vieram acordá-lo pela madrugada.

– Sr. Major, está aí o *home* do Itamarati.

– Que homem?

– O oficial que vem buscar a turma do Boqueirão.

Sem saber do que se tratava, levantou-se e foi ao encontro do visitante. Ele já estava no interior de um dos alojamentos. Seguia-o uma ordenança, com uma lanterna de luz fraca e amarelada. A vasta sala estava cheia de corpos, alguns seminus e havia todo o íris das cores humanas. Uns roncavam, outros sonhavam; e, quando ele entrou, houve quem gemeu em sonho – ai! Uma escolta estava na porta. A lanterna a curto diminuía a treva do salão, ele se chegou ao oficial. Cumprimentaram-se e nada disseram. Foi como se ambos sentissem temerem o ato de que eram comparsas e tiveram medo de falar. O homem do Itamarati despertou um e disse para um soldado:

– Leve este.

/170vs./ Seguiu adiante e despertou outro: Onde você esteve? Eu – respondeu o marinheiro – na Guanabara... Ah! patife... Este também... Leve-o! Passou por uma porção deles e não fez reparo; adiante, deu com um rapaz claro, franzino, que não dormia. O oficial gritou: Levante-se! O rapaz levantou-se a tremer. Onde esteve você? perguntou o oficial. Eu era enfermeiro, respondeu o rapaz. Que enfermeiro! Levem este também...

E assim foi uma dúzia, a esmo, ao acaso, cercada por uma escolta, a embarcar num batelão, que uma lancha logo rebocou para fora das águas da ilha.

Quaresma não atinou logo com o sentido daquela cena, e foi após o afastamento da lancha, que ele encontrou uma explicação.

A embarcação não ia longe. O mar gemia demoradamente de encontro às pedras do cais. A esteira da embarcação estrelejava fosforescente. No alto, num céu negro e tranqüilo, as estrelas brilhavam serenamente.

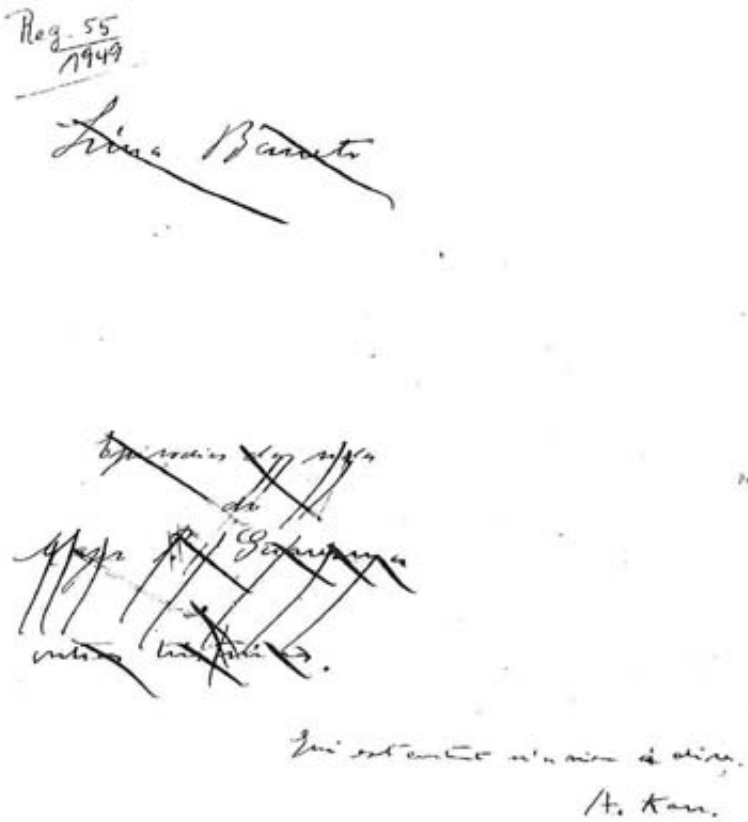
A lancha desapareceu nas trevas. Para onde ia? Para o Boqueirão...

* * * * *

[[Aqui terminam os manuscritos de *Episódios da vida do Major Quaresma*, sem o último capítulo impresso, "A afilhada".]]

b.

Edição diplomática.



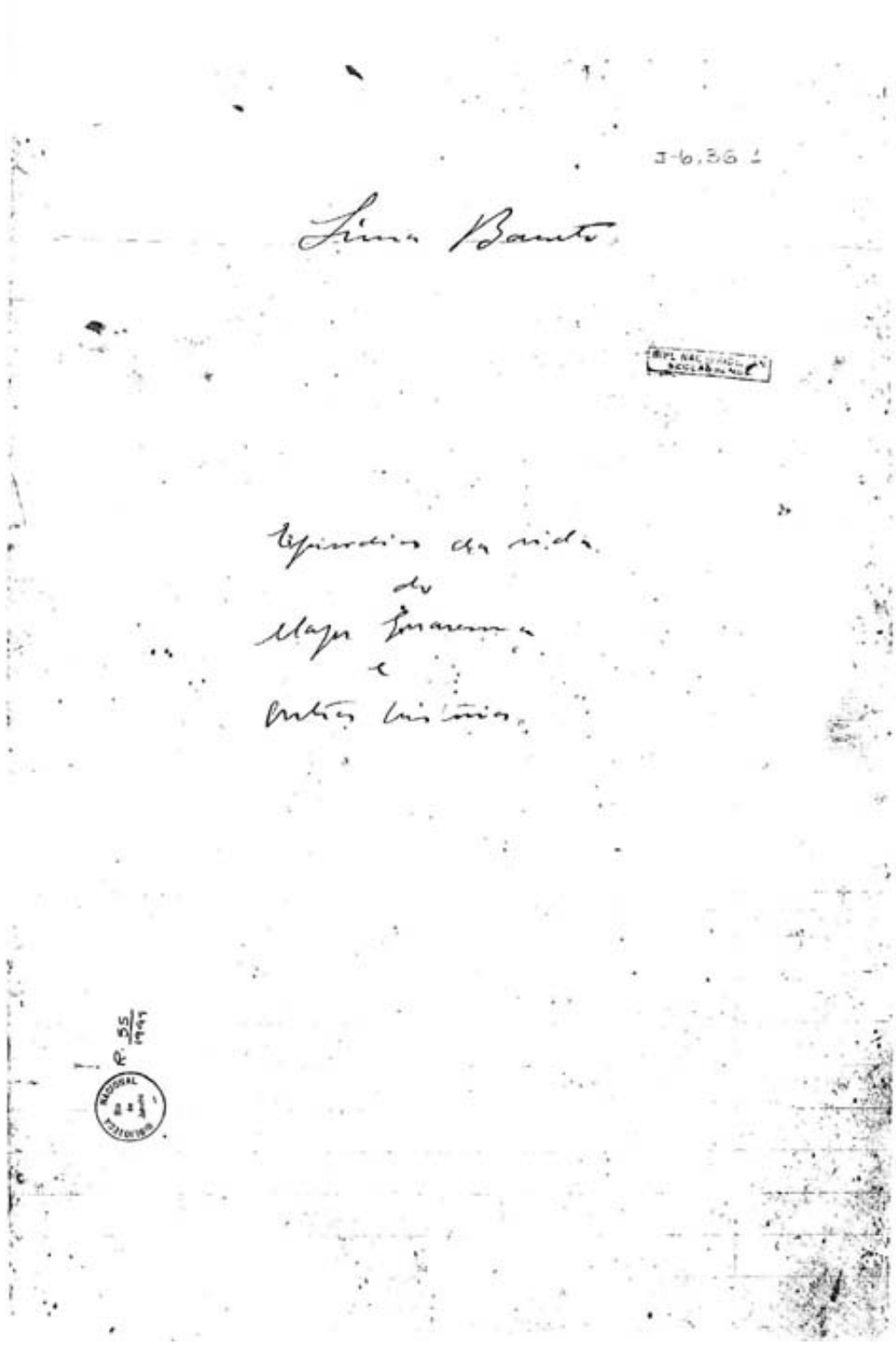
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~Lima Barreto~~

~~Episódios da vida~~
~~do~~
~~Major P. Quaresma~~
~~e~~
~~outras histórias.~~

Qui est content n'a rien à dire.
A. Kan.

Folha 001 (frente).

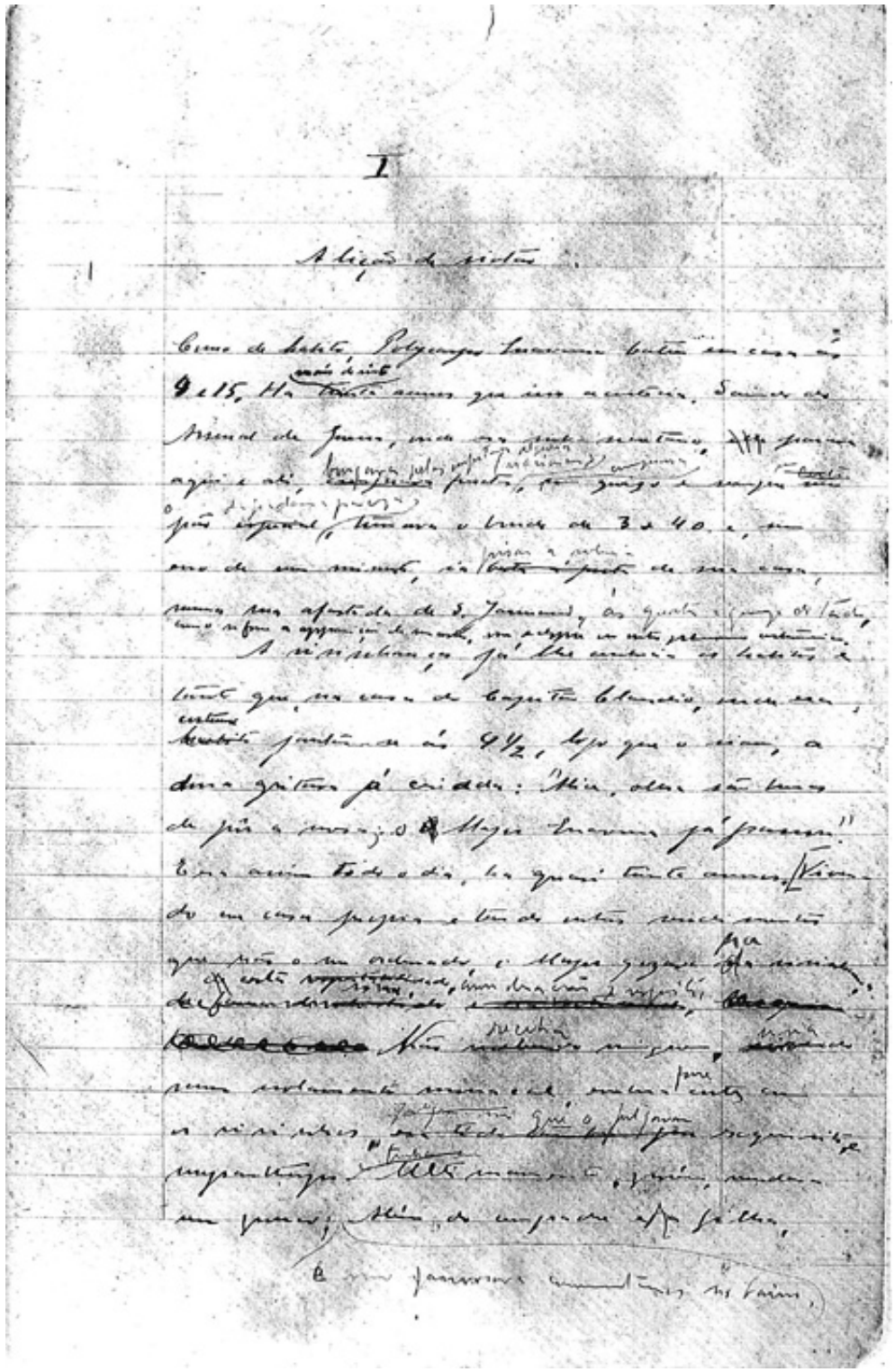


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Lima Barreto

Episódios da vida
do
Major Quaresma
e
outras histórias

Folha 002 (frente).



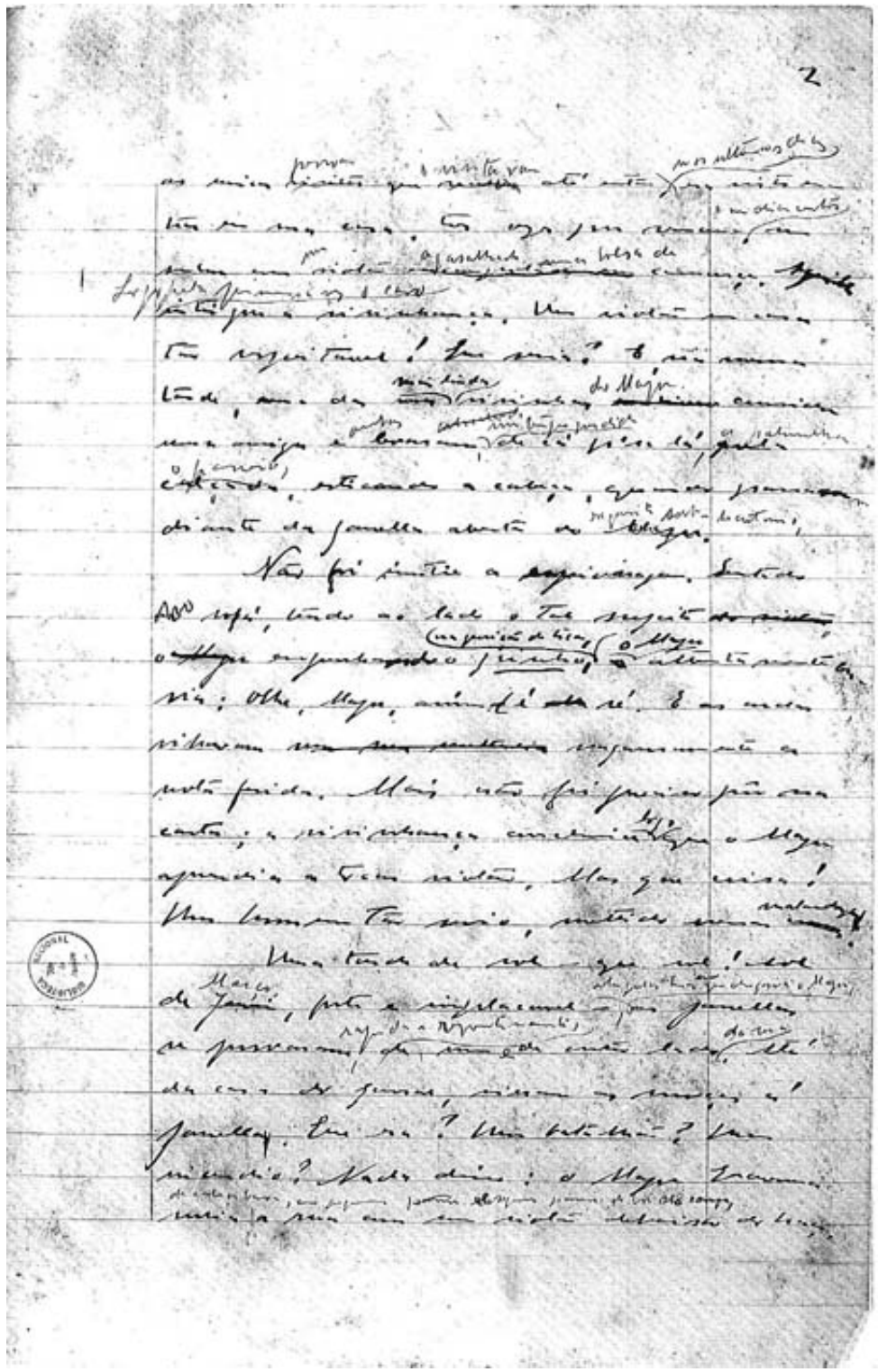
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

I
A lição de violão

Como de hábito, Polycarpo Quaresma bateu em casa às / 4 e 15. Há ~~trinta~~ [[mais de vinte]] anos que isso acontecia. Saindo do / Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, ~~ele~~ parava / aqui e ali, ~~comprava~~ [[bongava pelas confeitarias algumas]] frutas [[(maçãs)]], [[comprava]] um queijo e sempre ~~um~~ [[~~um cesto~~]] / o pão ~~especial~~ [[da padaria francesa]], tomava o bonde de 3 e 40 e, sem / erro de um minuto, ia ~~bater à porta~~ [[pisar a soleira]] de sua casa, / numa rua afastada de S. Januário., às quatro e quinze da tarde, / {{como se fosse a aparição de um astro, um eclipse ou outro fenômeno astronômico.}}

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e / tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era / ~~hábito~~ [[costume]] jantar-se às 4 ½, logo que o viam, a / dona gritava à criada: "Alice, olha são horas / de pôr a mesa: o ~~O~~ Major Quaresma já passou". / Era assim todo o dia, há quase trinta anos. [Viven-/do em casa própria e tendo outros rendimentos / que não o seu ordenado, o Major gozava da [[na]] vizinhança / ~~da fama de abastado~~ ~~e era respeitado~~ [[~~de~~ certa ~~respeitabilidade~~, consideração e respeito]]. ~~Chegan-/do em casa~~. Não ~~recebendo~~ [[recebia]] ninguém, ~~vivendo~~ [[vivia]] / num isolamento monacal, embora [[fosse]] cortês com / os vizinhos, ~~era tido também por~~ [[~~julgavam no~~]] [[que o julgavam]] esquisito, e / misantropo. [[e tinha]] Ultimamente, porém, mudara / um pouco; [[e isso provocara comentários no bairro.]] Além do compadre e a filha,

Folha 003 (frente).



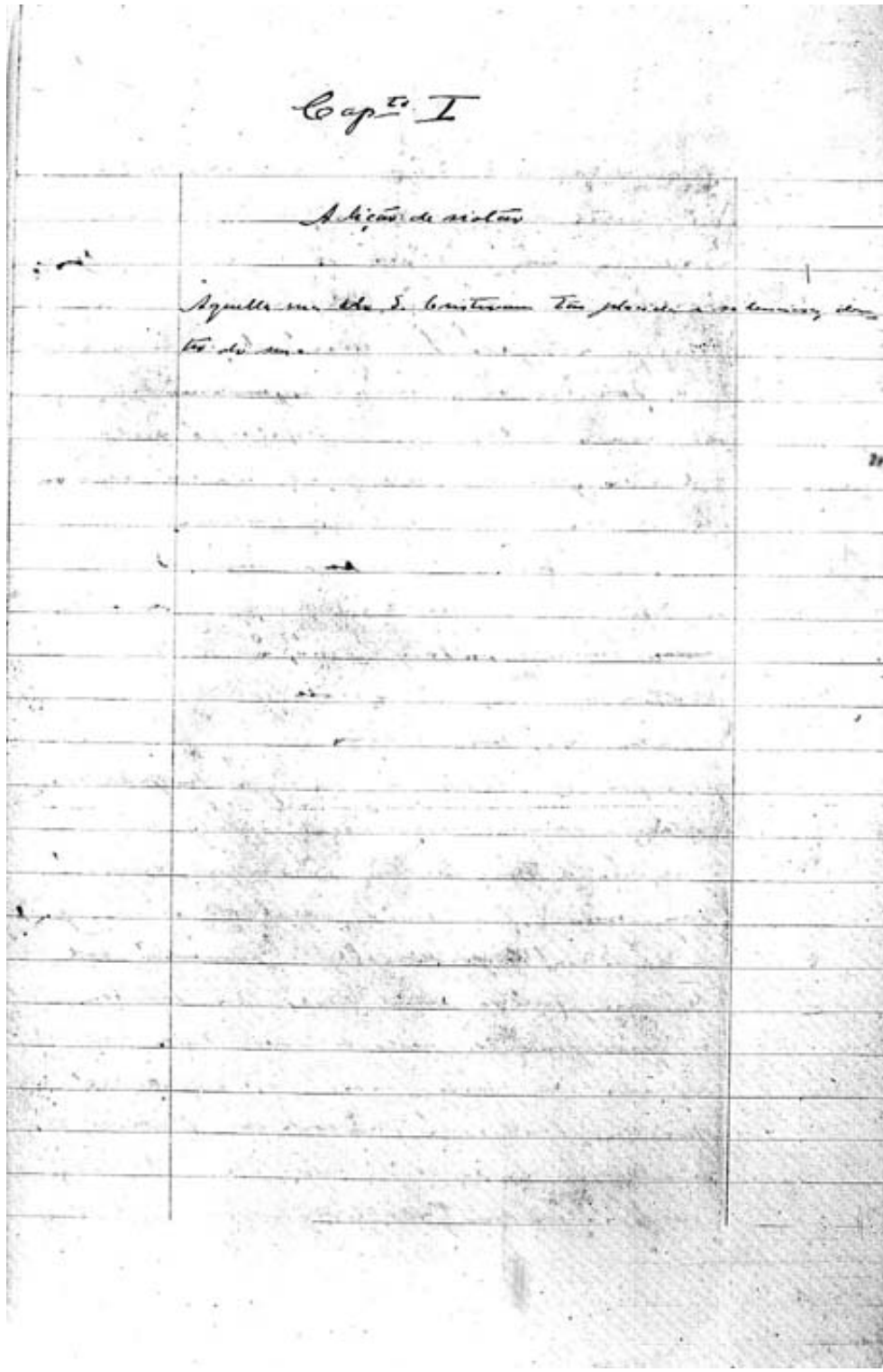
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

as únicas ~~visitas~~ [[pessoas]] que ~~recebia~~ [[o visitavam]] até então, [[nos últimos dias]] era visto en-/trar em sua casa, três vezes por semana, [[em dias certos]] um / senhor com [[um]] violão ~~encapotado em~~ [[agasalhado numa bolsa de]] camurça. ~~Aquilo~~ / [[Logo pela primeira vez o caso]] intrigou a vizinhança. Um violão em casa / tão respeitável! Que seria? E, na mesma / tarde, uma das ~~suas~~ [[mais lindas]] vizinhas [[do Major]] [*rasurado*] convidou / uma amiga e [[ambas]] levaram [[[*rasurado*] um tempo perdidas]] de cá para lá, ~~pela~~ [[a palmilhar]] / ~~calçada~~ [[o passeio]], esticando a cabeça, quando passavam / diante da janela aberta do ~~Major~~ [[esquisito subsecretário]].

Não foi inútil a espionagem. Sentado / ao [[no]] sofá, tendo ao lado o tal sujeito ~~do violão~~, / ~~o Major~~ empunha~~va~~[[ndo]] o <u>pinho</u> [[na posição de tocar]], ~~o~~ [[o Major]] atentamente ou-/via: Olhe, Major, assim é ~~dó~~ ré. E as cordas / vibravam ~~um som~~ [*rasurado*] vagarosamente a / nota ferida. Mais não foi preciso pôr na / carta; a vizinhança concluiu [[logo]] que o Major / aprendia a tocar violão. Mas que coisa! / Um homem tão sério, metido nessas ~~cousas~~ [[malandragens]].

Uma tarde de sol – que sol! claro / de ~~Janei~~ [[Março]], forte e implacável –, [[ali pelas horas em que chegava o Major]] as janelas / se povoaram [[rápida e repentinamente]] de um e de outro lado [[da rua]]. Até / da casa do General, vieram as moças à / janela. Que era? Um batalhão? Um / incêndio? Nada disso: O Major Quaresma / [[de cabeça baixa, em pequenos ~~passos de~~ e seguros passos de boi do campo,]] / subia a rua com um violão debaixo do braço.

Folha 004 (frente).

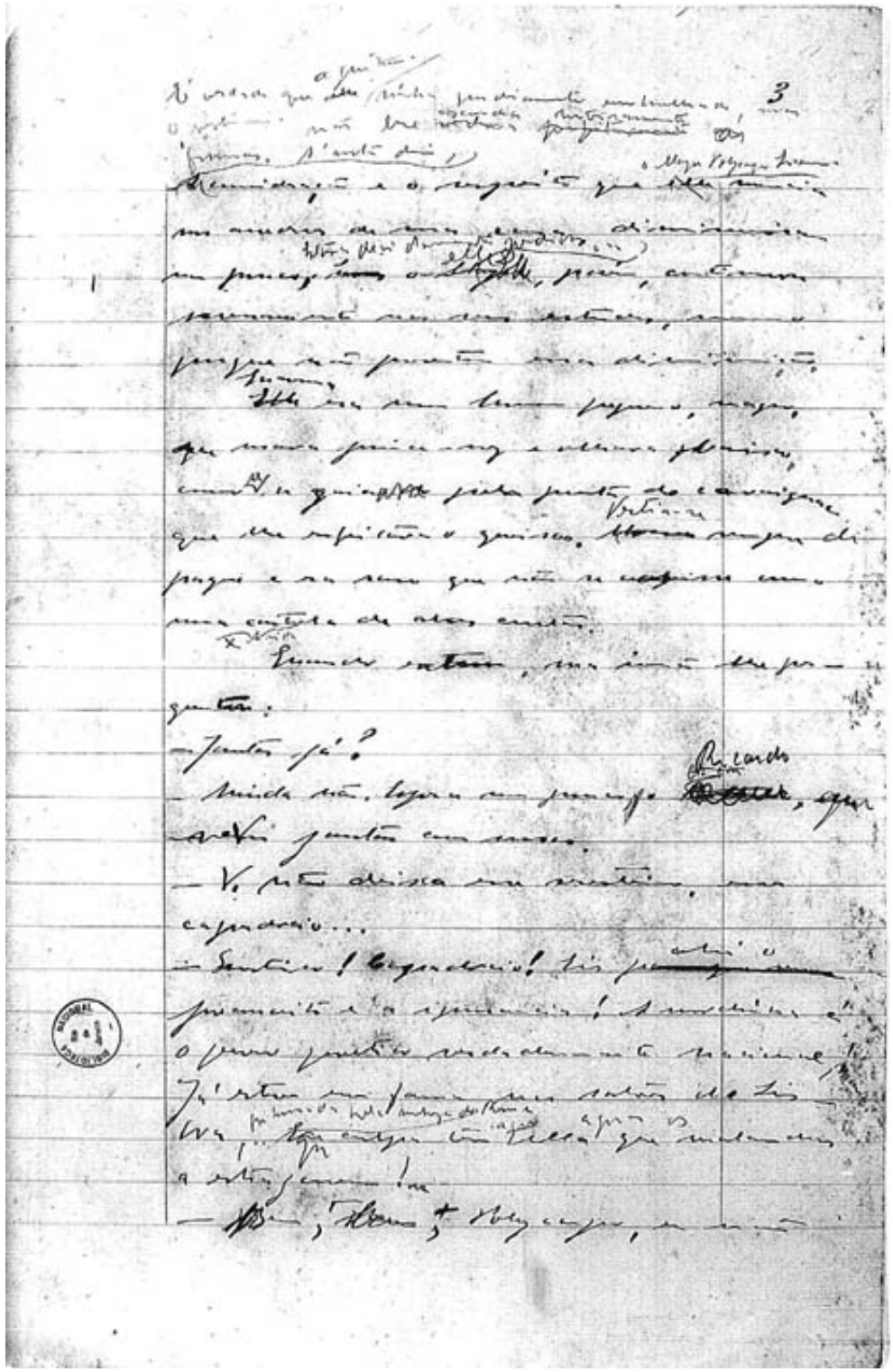


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Cap^{lo} I
A lição de violão

Aquela rua de S. Cristóvão tão plácida e silenciosa, den-/tro do seu.

Folha 004 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

{{É verdade que ~~ele~~ [[a guitarra]] vinha pudicamente embrulhada, mas / o vestuário não lhe ~~vedava perfeitamente~~ [[escondia inteiramente]] as / formas. À vista disso,}} / ~~A~~ [[a]] consideração e o respeito que ~~ele~~ [[o Major Polycarpo Quaresma]] merecia nos arredores de sua casa diminuíram / um pouco~~,~~[[.]] ~~mas o Major~~ [[Estava devidamente [*ilegível*]...]] [[ele]], porém, continuou / serenamente nos seus estudos, mesmo / porque não percebeu essa diminuição.

~~Ele~~ [[Quaresma]] era um homem pequeno, magro, / que usava pince-nez e olhava baixo, / como [[se]] se guia~~va~~[[sse]] pela ponta do cavaignac / que lhe enfeitava o queixo. ~~Usava~~ [[Vestia-se]] sempre de / fraque e era raro que não se cobrisse com / uma cartola de abas curtas.

[[A vida]] Quando entrou, sua irmã lhe per-/guntou:

– Jantas já?

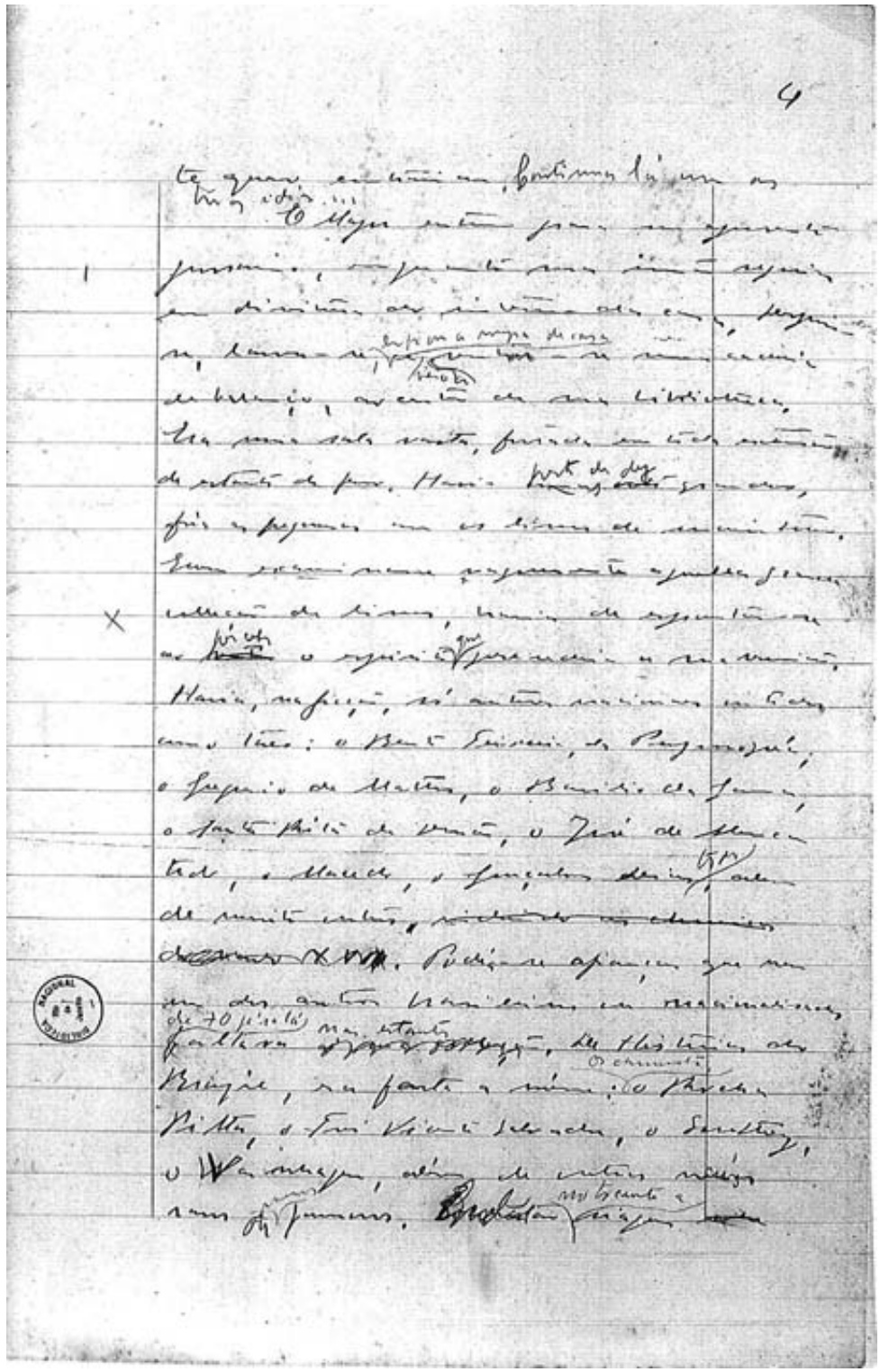
– Ainda não. Espere um pouco, o ~~Tibullo, ele~~ [[Ricardo [*rasurado*], que]] / ~~V.~~ vem jantar conosco.

– V. não deixa esse seresteiro, esse / capadócio...

– Seresteiro! Capadócio! Eis ~~para que serve~~ [[aí o]] / preconceito e a ignorância! A modinha é / o gênero poético verdadeiramente nacional[[, mana]]! / Já esteve em fama nos salões de Lis-/boa,... [[[*ilegível*] pela nobreza de Roma]] Que culpa tem [[~~agora~~]] ela [[agora]] que [[os]] malandros / a estragaram[[!...]]

– ~~Pois bem~~ [[Bem, bem]], Polycarpo, eu não

Folha 005 (frente).

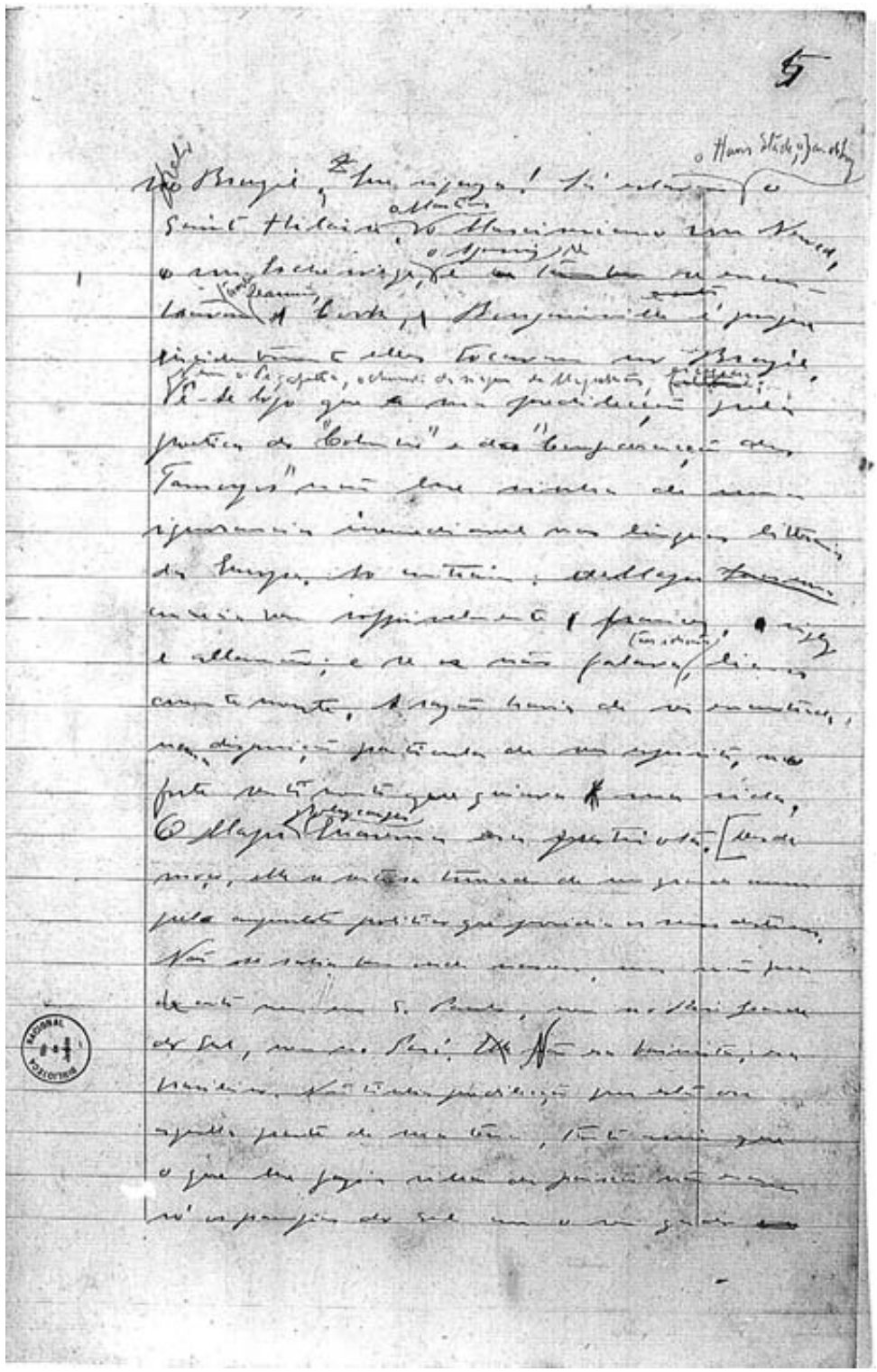


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

te quero contrariar. [[Continua lá com as / tuas idéias...]]

O Major entrou para um aposento / próximo, enquanto sua irmã seguia / em direitura do interior da casa, despiu-/se, lavou-se, [[enfiou a roupa de casa]] e [[veio a]] sent~~ou~~[[ar]]-se numa cadeira / de balanço, no centro de sua biblioteca. / Era uma sala vasta, forrada em toda extensão / de estantes de ferro. Havia ~~umas oito~~ [[perto de dez]] grandes, / fora as pequenas com os livros de maior tomo. / Quem examinasse vagarosamente aquela grande / coleção de livros, havia de espantar-se / ao ~~sentir~~ [[perceber]] o espírito [[que]] presidia a sua reunião. / Havia, na ficção, só autores nacionais ou tidos / como tais: o Bento Teixeira da Prosopopeia; / o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, / o Santa Rita de Durão, o José de Alencar / todo, o Macedo, o Gonçalves Dias [[todo]], além / de muitos outros~~, incluindo as crônicas~~ / ~~do século XVII~~. Podia-se afiançar que nem / um dos autores nacionais ou nacionalizados / [[de 70 para cá]] faltava ~~na sua coleção~~ [[nas estantes]]. De Histórias do / Brasil, era farta a messe: [[os cronistas]] o Rocha / Pita, o Frei Vicente Salvador, o Southey, o ~~W~~[[V]]arnhagen, além de outros mais / raros e [[ou menos]] famosos. ~~Quantas~~ [[Então]] [[no tocante a]] viagens ~~sobre~~

Folha 006 (frente).

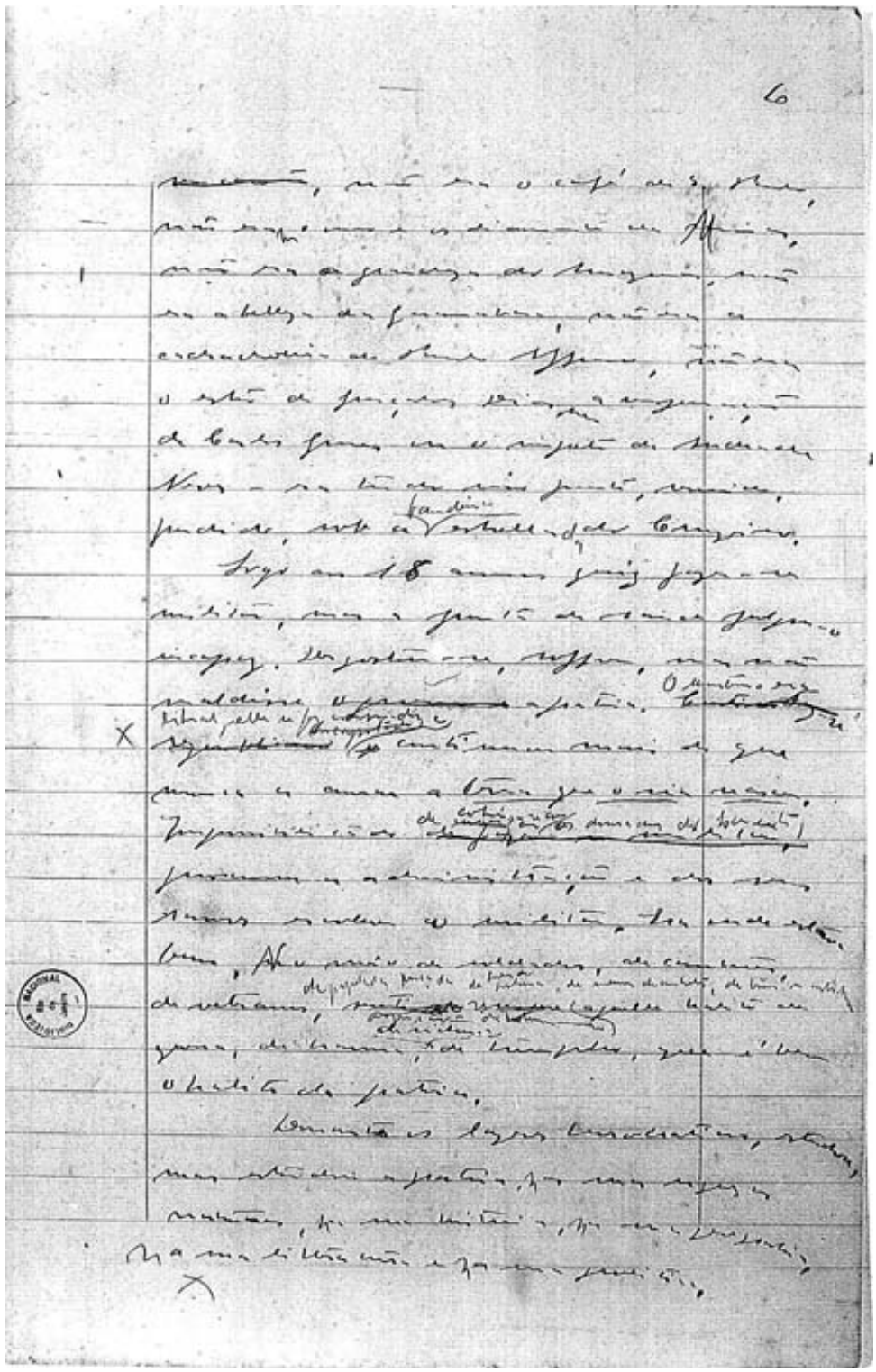


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

4 [[5]]

no [[pelo]] Brasil, * Que riqueza! Lá estavam [[o Hans Staden, o Jean de Léry]] o / Saint-Hilaire, [[o Martius]] o Maximiliano von Neuwied, / o von Eschwege, o Agassiz e ~~se também~~ [[se]] se encon-/travam [[também Darwin]] ~~o~~ Cook, ~~o~~ Bougainville [[~~e outros~~]] é porque / vividamente eles tocaram no Brasil. / {{Nem o Pigafetta, o cronista de viagem de Magalhães, ~~faltou~~ [[escapou]].}} / Vê-se logo que a sua predileção pela / poética do "Colombo" e da "Confederação dos / Tamoios" não lhe vinha de uma / ignorância irremediável nas línguas literárias / da Europa. Ao contrário: ~~ele~~ [[o]] Major ~~Quaresma~~ / conhecia bem sofrivelmente ~~o~~ francês, ~~o~~ inglês / e alemão; e se ~~os~~ não falava [[tais idiomas]], lia-os / corretamente.A razão tinha de ser encontrada / n~~a~~[[uma]] disposição particular de seu espírito, n~~a~~[[o]] / forte sentimento que guiava ~~a~~ sua vida~~.~~[[,]] / ~~O~~ [[o]] Major [[Polycarpo]] Quaresma era patriota. [Desde / moço, ele se sentira tomado de um grande amor / pelo argumento político que presidia os seus destinos. / Não se sabia bem onde nasceu, não fôra / decerto nem em S. Paulo, nem no Rio Grande / do Sul, nem no Pará. ~~Ele n~~[[N]]ão era bairrista; era / brasileiro. Não tinha predileção por esta ou / aquela parte de sua terra, tanto assim que / o que lhe fazia vibrar de paixão não era[[m]] / só os pampas o Sul com o seu gado ~~e o~~

Folha 007 (frente).



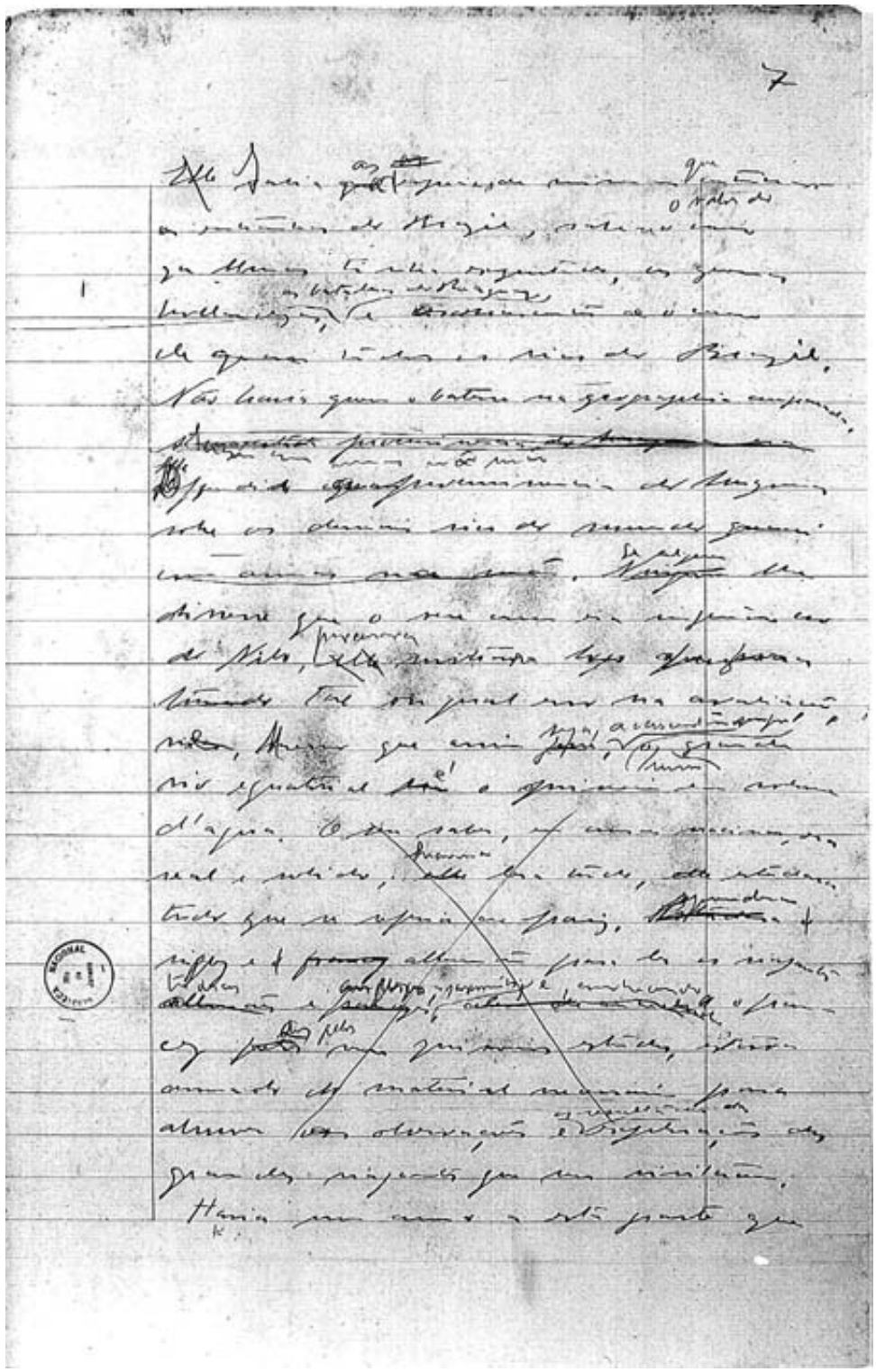
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~seu carvão~~, não era o café de S. Paulo, / não eram o ouro e os diamantes de ~~m~~Minas, / não era a grandeza do Amazonas, não / era a beleza da Guanabara, não era a / cachoeira de Paulo Afonso, não era / o estro de Gonçalves Dias [[nem]] a composição / de Carlos Gomes ou o ímpeto de Andrade / Neves - era tudo isso junto, reunido, / fundido sob a [[bandeira]] estrelada do Cruzeiro.

Logo aos 18[[6]] anos quis fazer-se / militar, mas a junta de saúde julgou-o / incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não / maldisse ~~o governo e~~ a pátria. ~~Continuou~~ ~~Fez-se~~ [[O Ministério era]] / ~~republicano e~~ [[liberal, ele se fez conservador, e [*rasurado*]]] continuou mais do que / nunca a amar a <u>terra que o viu nascer</u>. / Impossibilitado ~~de fazer-se militar~~ {{de ~~envergar~~ [[cobrir-se com]] os dourados do Exército}}, / procurou a administração e de seus / ramos escolheu a militar. Era onde estava / bem, ~~n~~[[N]]o meio de soldados, de canhões, / de veteranos, {{de papelada inçada de [[gôsto de]] pólvora, de nomes de canhões, de termos de artilharia}} ~~metido~~ [*rasurado*] [[aspirava diariamente]] aquele hálito de / guerra, de bravura, [[de vitória]] de triunfo, que é bem/ o hálito da pátria.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, / mas estudou a pátria, [[n]]as suas riquezas / naturais, [[n]]a sua história, [[n]]a sua geografia, / [[n]]a sua literatura e na sua política.

Folha 008 (frente; no verso, a lápis: "Ver o curso do Nilo").



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

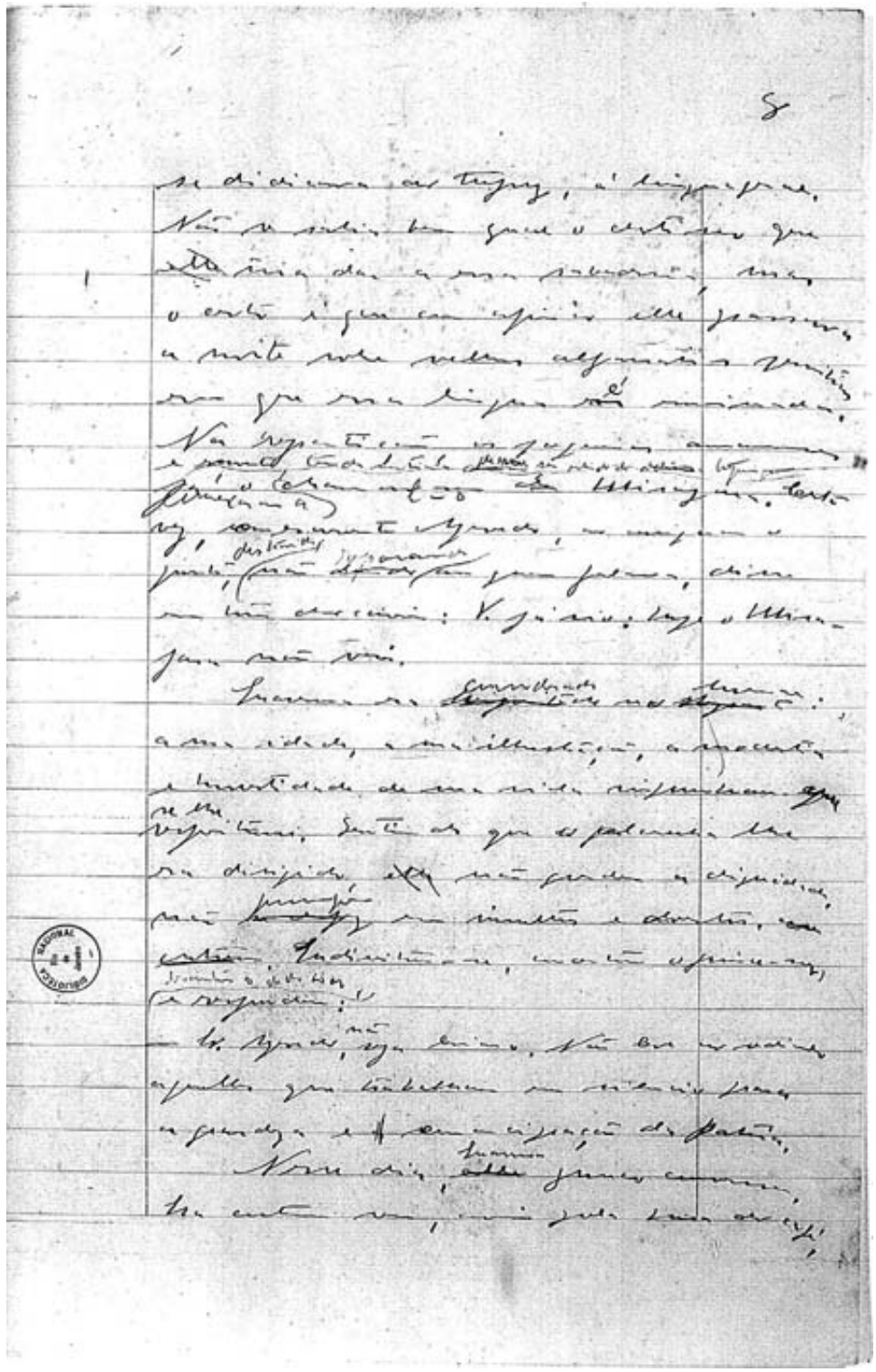
7

~~Ele s~~[[S]]abia ~~qual~~[[~~is~~]] [[as]] [[~~as~~]] espécies de minerais [[que]] existiam / nas entranhas do Brasil, sabia o [[o valor do]] ouro / que Minas tinha exportado, as guerras / holandesas, [[as batalhas do Paraguai]] e as nascentes e o curso / de ~~quase~~ todos os rios do Brasil. / Não havia quem o batesse na geografia comparada. / ~~A~~ [*rasurado*] ~~proeminência do Amazonas era~~ / [[Ele]] ~~d~~[[D]]efendi~~da~~ ~~com~~ [[~~quase~~]] proeminência do Amazonas / sobre os demais rios do mundo ~~quase / como amou sua mãe~~. ~~Ninguém~~ [[Se alguém]] lhe / dissesse que o seu curso era inferior ao / do Nilo, ~~ele~~ [[procurava]] mostra~~va~~[[r]] ~~logo afirmava~~ / ~~tímido~~ tão original em sua avaliação / ~~nisto~~, ~~m~~[[M]]esmo que assim ~~fosse~~ [[seja, acrescentava orgulhoso]], o [[nosso]] grande / rio equatorial ~~era~~ [[é]] o primeiro em volume / d'água. O seu saber, em coisas nacionais, era / real e subido; ~~ele~~ [[Quaresma]] lera tudo, ~~ele~~ estudara / tudo que se referia ao país. ~~Estudara o~~ [[Aprendera]] / inglês e ~~o francês~~ alemão para ler os viajantes / ~~alemães~~ [[tardios]] e ~~franceses~~, ~~além de conhecendo~~ [[[*trecho ilegível*], e, conhecendo]] o fran-/cês ~~pelos~~ [[~~as~~ pelos]] seus próprios estudos, estava / armado de material [*ilegivel*] para / absorver as observações e [[os resultados das]] explicações dos / grandes viajantes que nos visitaram.[36]

Havia um ano a esta parte que

Folha 009 (frente).

[36] O trecho "O seu saber, em coisas nacionais, [...] dos grandes viajantes que nos visitaram" está riscado com um grande xis a lápis.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

se dedicava ao Tupi, à língua geral. / Não se sabia bem qual o destino que / ~~ele~~ iria dar a essa sabedoria, mas / o certo é que com aquilo ele passava / a noite sobre velhos alfarrábios jesuíticos / em que essa língua ~~era~~ [[é]] ensinada. / Na repartição os pequenos amanuenses / {{e escreventes, tendo sabido [*rasurado*] desse seu estudo do ~~idioma~~ tupiniquim}} / já o [[brincavam a]] cham~~avam~~[[á-lo]] de Ubirajara. Certa / vez, ~~um~~ [[o]] escrevente Azevedo, ao assinar o / ponto [[distraído]], não ~~dando~~ [[reparando]] com quem falava, disse / em tom chocarreiro: V. já viu: hoje o Ubira-/jara não veio.

Quaresma era ~~respeitado~~ [[considerado]] n~~a~~[[o]] ~~repartição~~ [[Arsenal]]: / a sua idade, a sua ilustração, a modéstia / e honestidade de sua vida impunham~~-se~~[[que]] / [[se lhe]] respeitasse. Sentindo que a ~~pal~~[[alcunha]] lhe / era dirigida, ~~ele~~ não perdeu a dignidade, / não ~~se desfez~~ [[prorrompeu]] em insultos e doestos., ~~nem / criticou~~. Endireitou-se, consertou o pince-nez, / [[levantou o dedo no ar]] e respondeu:

– Sr. Azevedo, [[não]] seja leviano. Não leve ao ridículo / aqueles que trabalham em silêncio para / a grandeza e ~~a~~ emancipação da pátria.

Nesse dia, ~~ele~~ [[Quaresma]] pouco conversou. / Era costume seu, assim pela hora do café,

Folha 010 (frente).

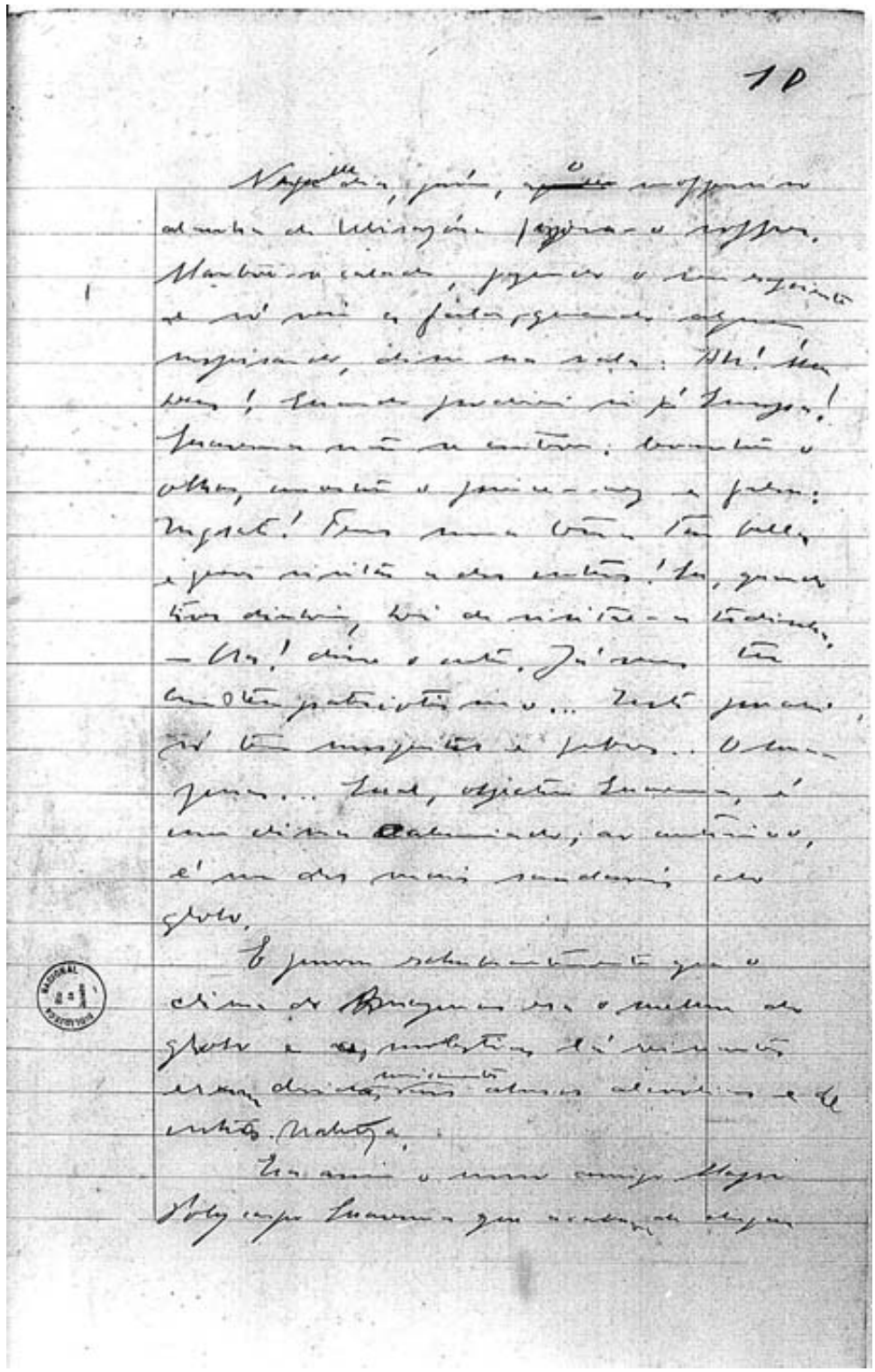


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

transmitir aos companheiros o resultado / de seus estudos, ~~d~~as descobertas feitas / no seu gabinete de trabalho sobre a / riqueza e grandeza do Brasil. Um dia / era o [*ilegível*] [[petróleo]], que ~~soube~~ [[ele]] lera não / sei onde que se encontrava no sertão / d~~o~~[[a]] [*rasurado*] [[Bahia]]; outra vez, era um outro exemplar / de árvore de borracha, existente nas margens / do S. Lourenço, em Mato Grosso; outra era / um sábio, uma notabilidade, cuja bisavó / era brasileira; e quando ~~ele~~ não tinha / descoberta a trazer, contava o curso dos rios, / a~~s~~ sua extensão de navegabilidade, os / melhoramentos insignificantes de que / careciam para se presta~~rem~~[[r]] ~~ao~~ [*rasurado*] [[ao percurso de grandes bacias]] / desde a foz à nascente. {{Ele amava / sobremodo os rios; as montanhas eram-lhe indiferentes. Pequenas.}}

Os outros ouviam-no calados e nin-/guém, a não ser ~~esse~~ [[o]] tal Azevedo, se animava / na sua frente a lhe fazer a mínima / objeção. Ao voltar ele as costas, ~~então se~~ [[~~a~~]] / [[vingavam-se os companheiros da]] cacetada, ~~rebentava em todos~~ [*rasurado*] [[cobrindo-o de imprecações e [*ilegível*]:]] / e [*rasurado*]~~:~~ [[[*rasurado*] ~~a sair de todos os lados:~~]] / Este Quaresma! Que cacete! / Porque não vai ensinar geografia / a meninos! Leva-nos cá a andar / com [*termos ilegíveis*], S. Franciscos!

Folha 011 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

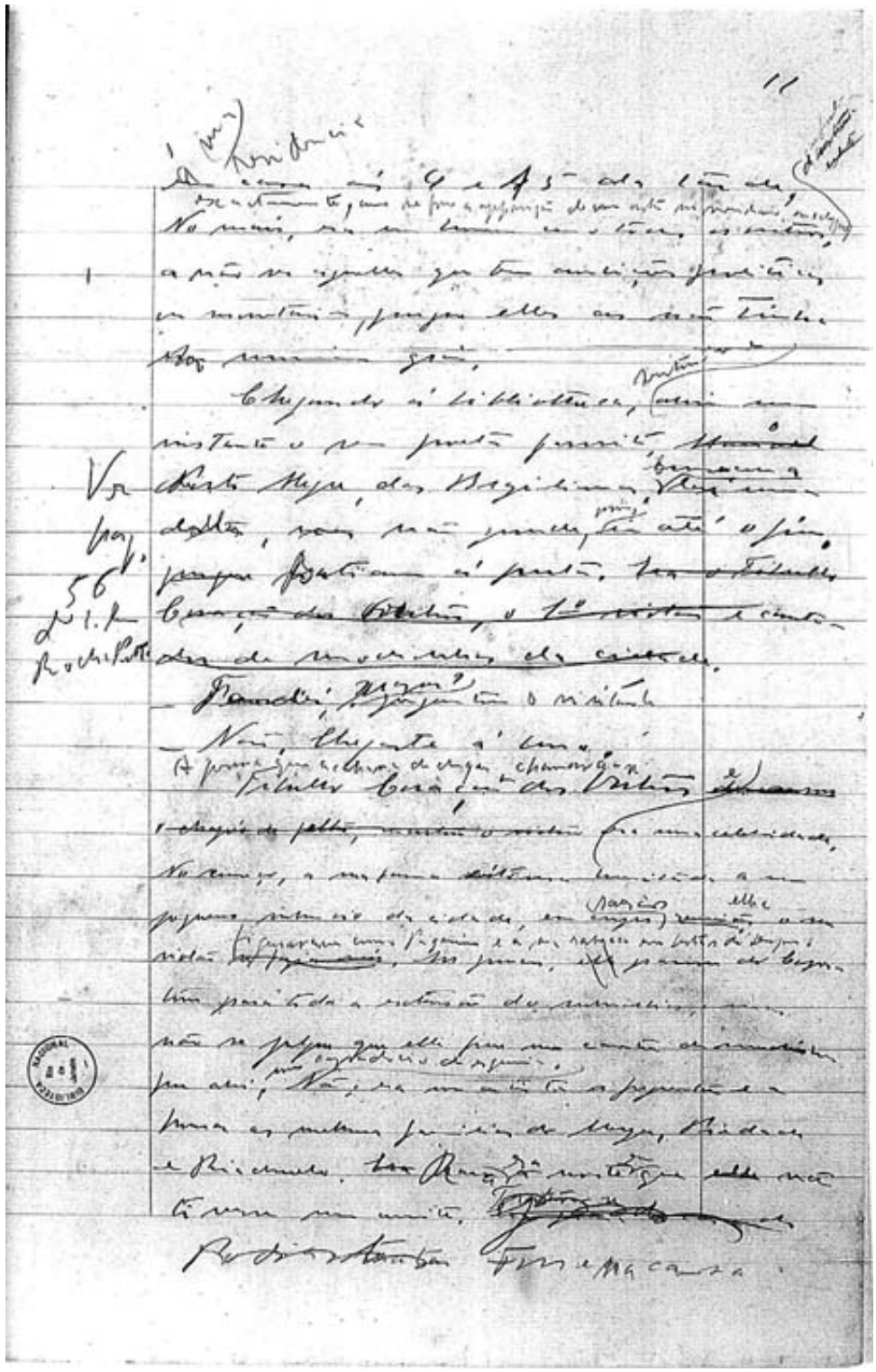
10

N~~esse~~[[aquele]] dia, porém, ~~aquele~~ [[o]] suboficial / chamá-lo de Ubirajara f~~azi~~izera-o sofrer. / Manteve-se calado, fazendo o seu expediente / e só veio a falar quando alguém, / suspirando, disse na sala: Ah! Meu / Deus! Quando poderei ir à Europa! / Quaresma não se conteve: levantou o / olhar, concertou o pince-nez e falou: / Ingrato! Tens uma terra tão bela / e queres visitar a dos outros! Eu, quando / tiver dinheiro, hei de visitá-la todinha. / – Ora! disse o outro. Já vem ter / com o teu patriotismo... Neste país aí / só tem mosquitos e febres... O senhor / pensa... Qual, objetou Quaresma, é / um clima caluniado; ao contrário, / é um dos mais saudáveis do / globo.

E provou exuberantemente que o / clima do ~~B~~[[Amazonas]] era o melhor do / globo e as moléstias lá reinantes / era[[m]] devidas unicamente aos abusos alcoólicos e [[de]] / outra~~s~~ [[natureza]].

Era assim o nosso amigo Major / Polycarpo Quaresma que acaba[[va]] de chegar

Folha 012 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

em casa [[à [[sua]] residência]] às 4 e 415 da tarde.[[,]] / {{exatamente, como se fosse a aparição de um astro ou [*ilegível*] um eclipse.}} / No mais, era um homem como todos os outros, [[[*ilegível*] de instrução ~~culto~~]] / a não ser aqueles que têm ambições políticas / ou monetárias, porque ele as não tinha / ~~em~~ [[no]] mínimo grau.

Chegando à biblioteca, [[sentou-se e]] abriu num / instante o seu poeta favorito, ~~Manoel~~ [[o]] / Porto Alegre, das Brasilianas. [[Começou a]] ler uma / delas, mas não pôde, [[porém,]] ir até o fim, / ~~porque b~~[[B]]atiam à porta. ~~Era o Tibullo / Coração dos Outros, o 1º. violeiro e canta-/dor de modinhas da cidade.~~[37]

– [*rasurado*] [[Tardei?, Major?]] perguntou [[o visitante]].

– Não. Chegaste à hora.

A pessoa que acabava de chegar chamava-se / Tibullo Coração dos Outros ~~tirou seu / chapéu de palha, encostou o violão~~ [[e]] era uma celebridade. / No começo, a sua fama estivera limitada a um / pequeno subúrbio da cidade, em cujas [[saraus]] <u>reuniões</u> [[ele e]] o seu / violão ~~se faziam mais~~ [[figuravam como Paganini e a sua rebeca em festas de Duques.]]. Aos poucos, ~~ele~~ passou dos [*ilegível*]/ para toda a extensão dos subúrbios, mas / não se julgue que ele fosse um cantor de modinhas / por aí, [[um capadócio de engenho.]] Não; era um artista a frequentar e a / honrar as melhores famílias do Méier, Piedade / e Riachuelo. ~~Era r~~[[R]]ara [[era]] a noite [[em]] que ~~ele~~ não / tivesse um convite. [*rasurado*] [[~~Tratasse-se~~]] do / [[~~Podia tratar~~ Fosse na casa]]

Folha 013 (frente).

[37] Na margem esquerda, a lápis, está manuscrito "Vr pág. 56 H. Bras. Rocha Pita".

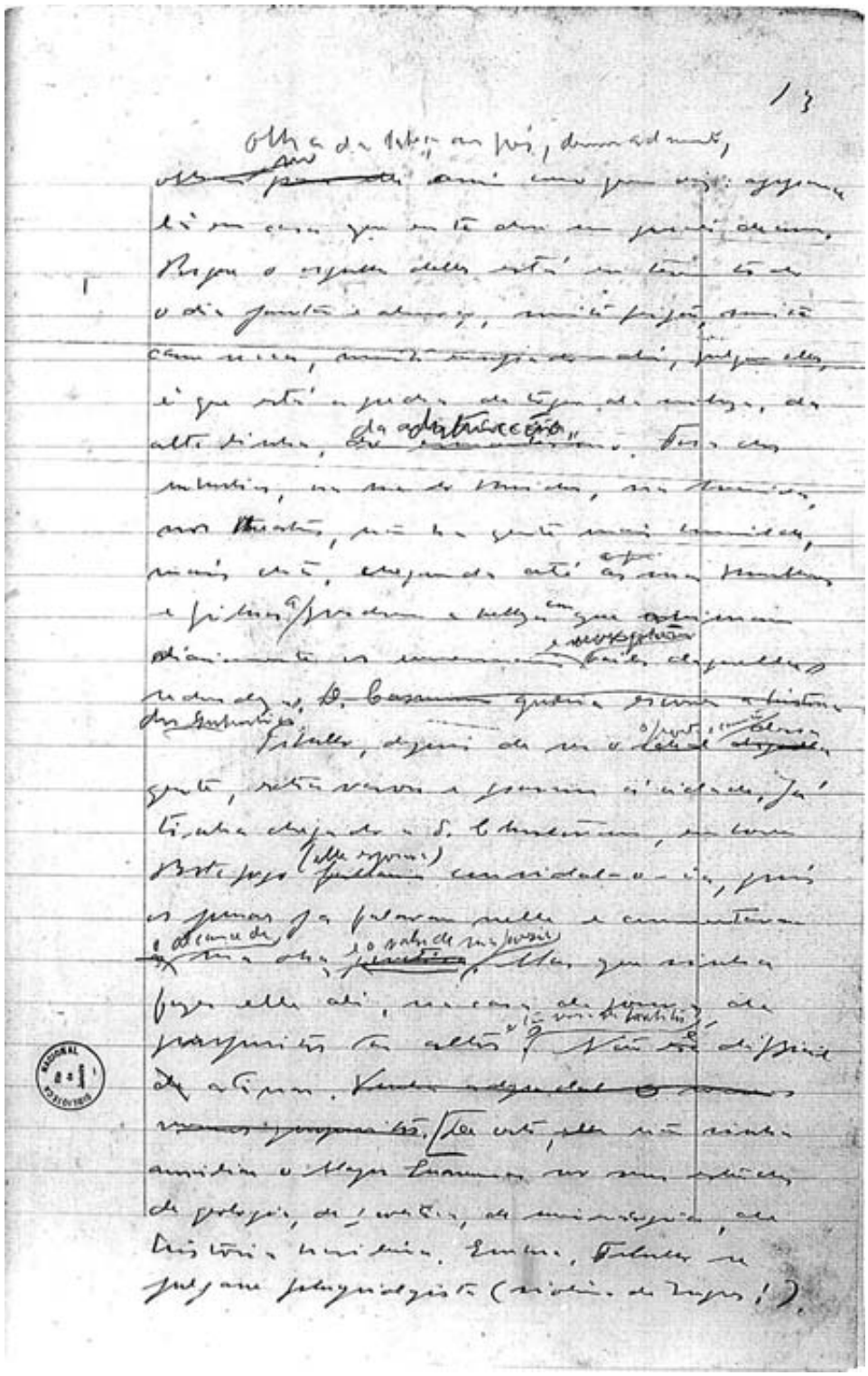


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Capitão Rocha, do T^te^ Gastão, do Dr. / Bulhões; ~~este era mais frequentado~~. {{ele sempre ~~era~~ [[constituía]] um belo [*ilegível*] e era / renomado.}} / O dr. Bulhões [[até]] tinha pelo Tibullo uma / admiração especial, um delírio, um / frenesi; e, quando ~~ele~~ [[o trovador]] cantava, ficava / em êxtase. Gosto muito de canto, dizia / ~~ele~~ [[o doutor,]] mas só duas pessoas me enchem / as medidas: o Camilo e o Tibullo. / Esse doutor tinha uma grande reputação / nos subúrbios; não como médico, porque / nem óleo de rícino receitava; mas como / entendido em coisas do Telégrafo Geral, / de cuja Secretaria era chefe de seção.

[[Dessa forma,]] Tibullo Coração dos Outros gozava / da estima geral da alta sociedade suburbana. / É uma alta sociedade muito especial e que / ~~é~~ só [[é]] alta nos subúrbios. ~~É formada~~ [[Compõe-se]] em geral / de funcionários públicos ~~que têm~~ [[com]] casa própria, / de pequenos negociantes do lugar [[e de fora]], de médicos / com alguma clínica, ~~e [*ilegível*]~~ de proprietários / de [[uma]] avenida; [[~~toda~~ e é]] essa gente que formava a nata, a elite, / o suco dos subúrbios, ~~e em matéria de[*ilegível*]~~ [[em cujas ruas, bailes e festas]] / ~~de importância, e deixa longe~~ [[[*ilegível*] impa tanto [*ilegível*] e com mais força que]] a burguesia de / Botafogo e de Petrópolis. Isto [[é só]] ~~no~~ [*rasurado*] {{lá, nos bailes, / ou nas ruas, na [[e]] festas [[[*ilegível*]]] e nos [*ilegível*],}} onde, ~~se vêem~~ [*rasurado*] [[se algum deles vê]] seu tipo mais ou menos,

Folha 014 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

13

~~olham[[no]] para ele~~ [[olha da cabeça aos pés, demoradamente,]] assim como quem diz: aparece / lá em casa que eu te dou um prato de comida. / Porque o orgulho deles está em ter todo / o dia jantar e almoço, muito feijão, muita / carne-seca, muito ensopado – aí, julgam eles, / é que está a pedra de toque da nobreza, da / alta linha, ~~do [*ilegível*]~~ [[da [*rasurado*] distinção]]. Fora dos / subúrbios, na rua do Ouvidor, na Avenida, / nos teatros, não há gente mais humilde, / mais chata, chegando até [[~~a que~~]]as suas mulheres / e filhas [[a]] perderem a beleza [[com]] que animam / diariamente os inumeráveis [[e [*rasurado*]]] bailes daquelas / redondezas. [[~~D. Casimiro queria escrever a história / dos subúrbios.~~]]

Tibullo, depois de ser o ~~ideal daquela~~ [[o poeta e cantor dessa]] / gente, extravasou e passou à cidade. Já / tinha chegado a S. Cristóvão, em breve / Botafogo ~~faltaria~~ [[(ele esperava)]] convidá-lo-ia, pois / os jornais já falavam nele e comentavam / ~~a~~ [[o alcance de sua]] obra ~~poética~~ [[e o valor de sua poesia]]. Mas que vinha / fazer ele ali, na casa de pessoa de / propósitos tão altos [[e tão severos hábitos]]? Não ~~era~~ [[é]] difícil / ~~de~~ atinar. ~~Vinha ajudá-lo nesses / mesmos propósitos~~. [Decerto, ~~ele~~ não vinha / auxiliar o Major Quaresma nos seus estudos / de geologia, de poética, de mineralogia, de / história brasileira. Embora Tibullo se / julgasse fisiologista (violino de bugres!)

Folha 015 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

14

Porque sabia ~~que o cérebro~~ [[[*rasurado*]]] ~~era o centro do / sistema nervoso~~ que o coração ~~estava do / lado~~ é como uma bomba que irriga de sangue / todo o corpo humano, ~~ele~~ não vinha ali / senão para ensinar ao Major Quaresma a / tocar violão e cantar modinhas. Era / esse o fim de suas visitas. [O Major, conforme / a sua paixão dominante, estivera ultimamente / a estudar a expressão [[poético-]]musical genuinamente brasileira. / Inclinara-se para o recitativo; mas, ~~em horas,~~ [[em poucos dias,]] / adquiriu a certeza que era a modinha / com violão. [[([*ilegível*])]] Não teve dúvidas: procurou saber / quer era o primeiro tocador da cidade e / contratou ~~com ele~~ as musicais lições. / ~~Hoje~~ [[Naquele dia]] Tibullo, ~~além da~~ [[antecedendo a]] lição, ~~tinha ido~~ / [*trecho rasurado*] iria jantar com o / seu discípulo e fôra por isso / que viera mais cedo.

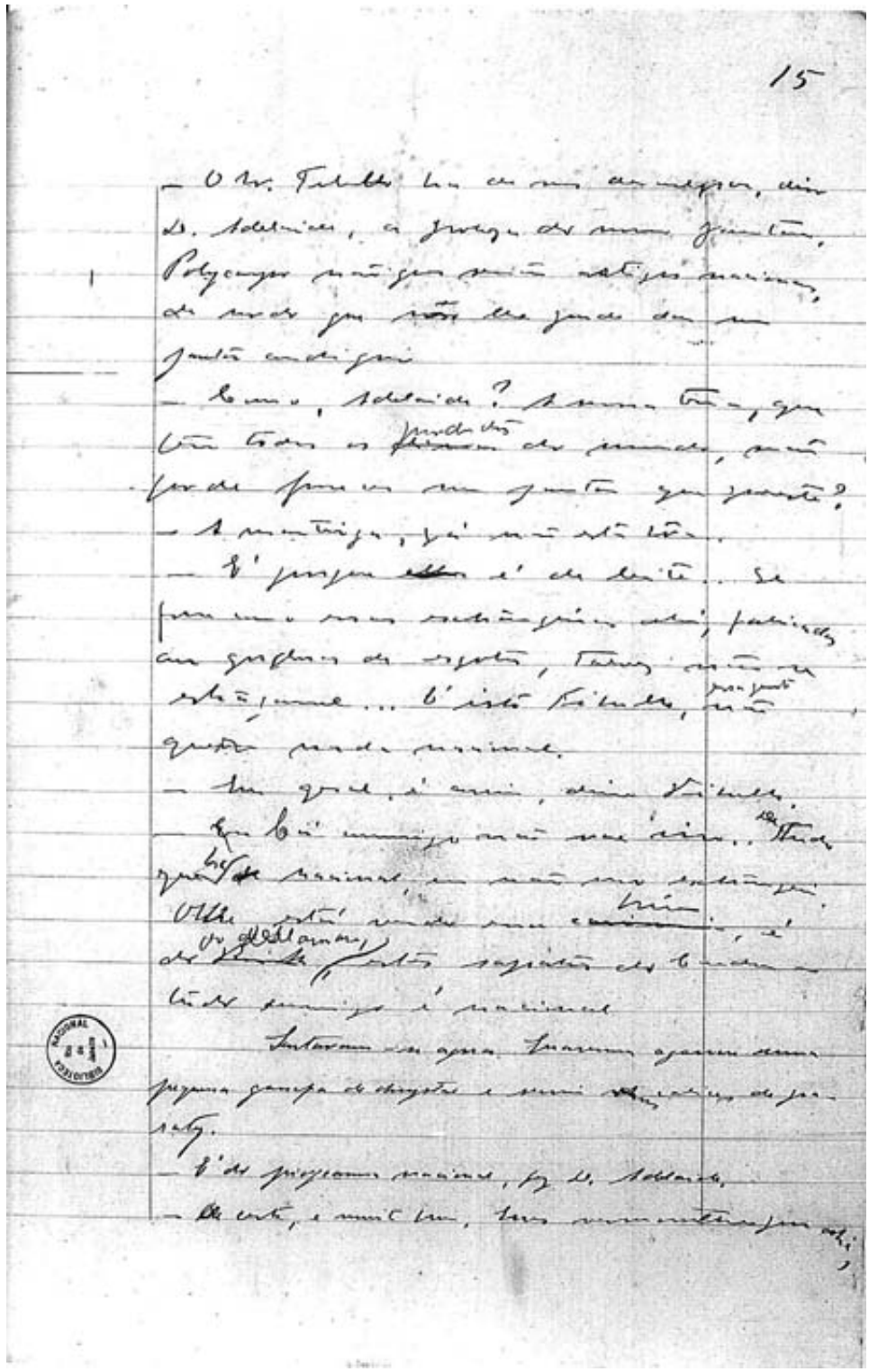
– Já sabe dar o ré sustenido, Ma-/jor?

– Já.

– Vamos ver.

~~Mas n~~[[N]]ão houve tempo. D. Adelaide, / a irmã do Major, ~~veio~~ entr~~ar~~[[ou]], ~~e~~ [*rasurado*] [[convidando-os]] / ~~anunciar que o jantar estava na mesa~~ {{a jantar. A sopa já fumegava na mesa, que / fossem!}}

Folha 016 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

15

– O Sr. Tibullo há de nos desculpar, disse / D. Adelaide, a pobreza do nosso jantar. / Polycarpo não quis senão artigos nacionais, / de modo que não lhe pude dar um / jantar como quis.

– Como, Adelaide? A sua terra, que / tem todos os ~~climas~~ [[produtos]] do mundo, não / pode fornecer um jantar que preste?

– A manteiga, já não está boa...

– É porque ~~ela~~ é de leite... Se / fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas / com gorduras de esgotos, talvez não se / estragasse... É isto Tibullo, [[essa gente]] não / que~~rem~~[[r]] nada nacional.

– Em geral é assim, disse Tibullo.

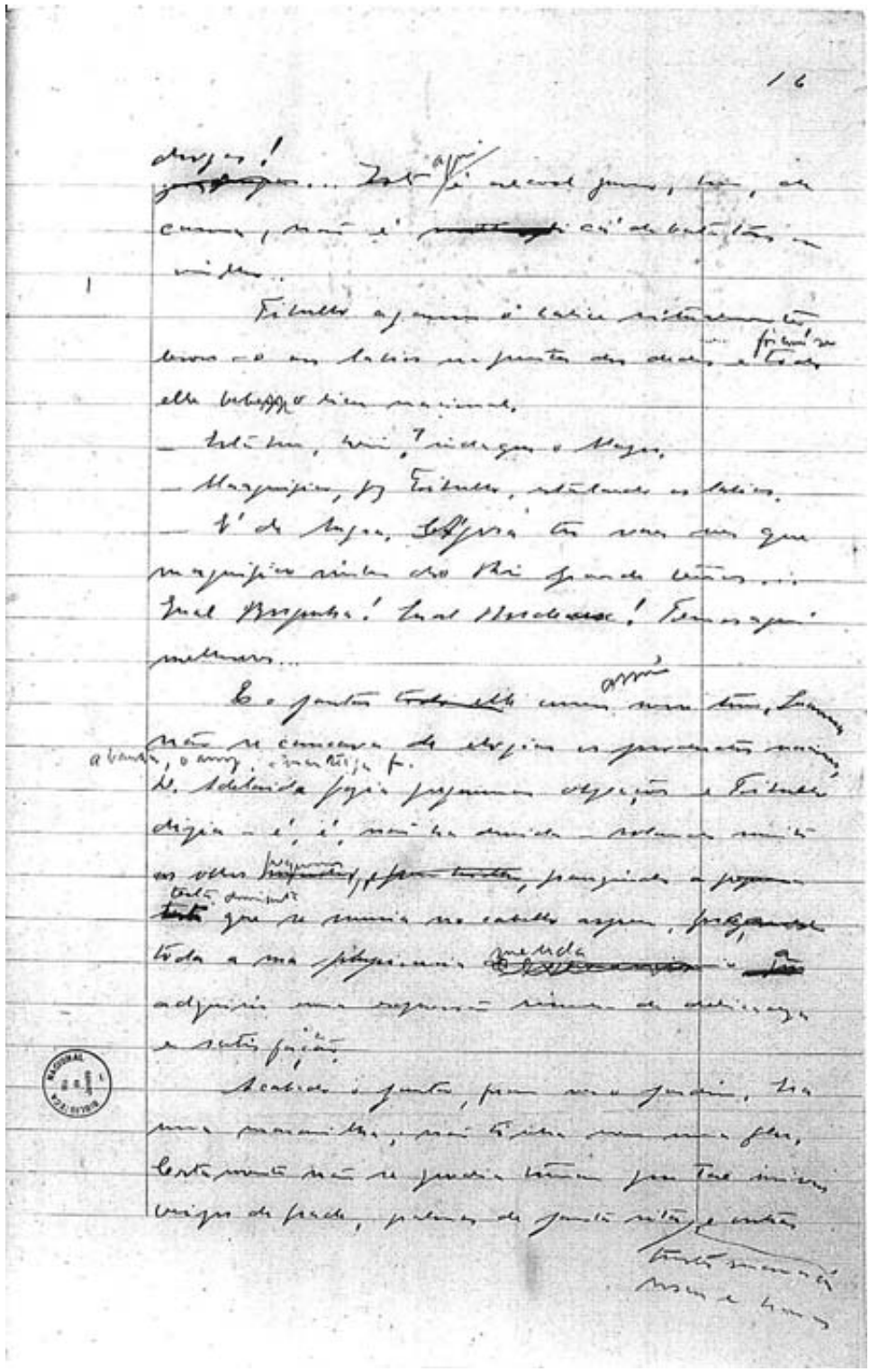
– ~~Em c~~Cá comigo não há isso... [[De]] ~~T~~[[t]]udo / que [[há]] ~~de~~ nacional, eu não uso estrangeiro. / Olhe, está vendo essa ~~camisa~~ [[bota]], é / do [*rasurado*] [[do [*ilegível*]]], estes sapatos do [*ilegível*] – / tudo comigo é nacional.

Sentaram-se agora. Quaresma agarrou uma / pequena garrafa de cristal e serviu ~~um~~[[dous]] cálices de pa-/rati.

– É do programa nacional, fez D. Adelaide.

– Decerto, e muito bom. Esses vermutes por aí,

Folha 017 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[*rasurado*] [[drogas!]]... Isto [[aqui]] é álcool puro, bom, de / cana, não é [*rasurado*] cá de batatas ou / milho...

Tibullo agarrou o cálice naturalmente, / levou-o aos lábios na ponta dos dedos e [[foi como se]] todo / ele bebeu[[sse]] o licor nacional.

– Está bom, hein? indagou o Major.

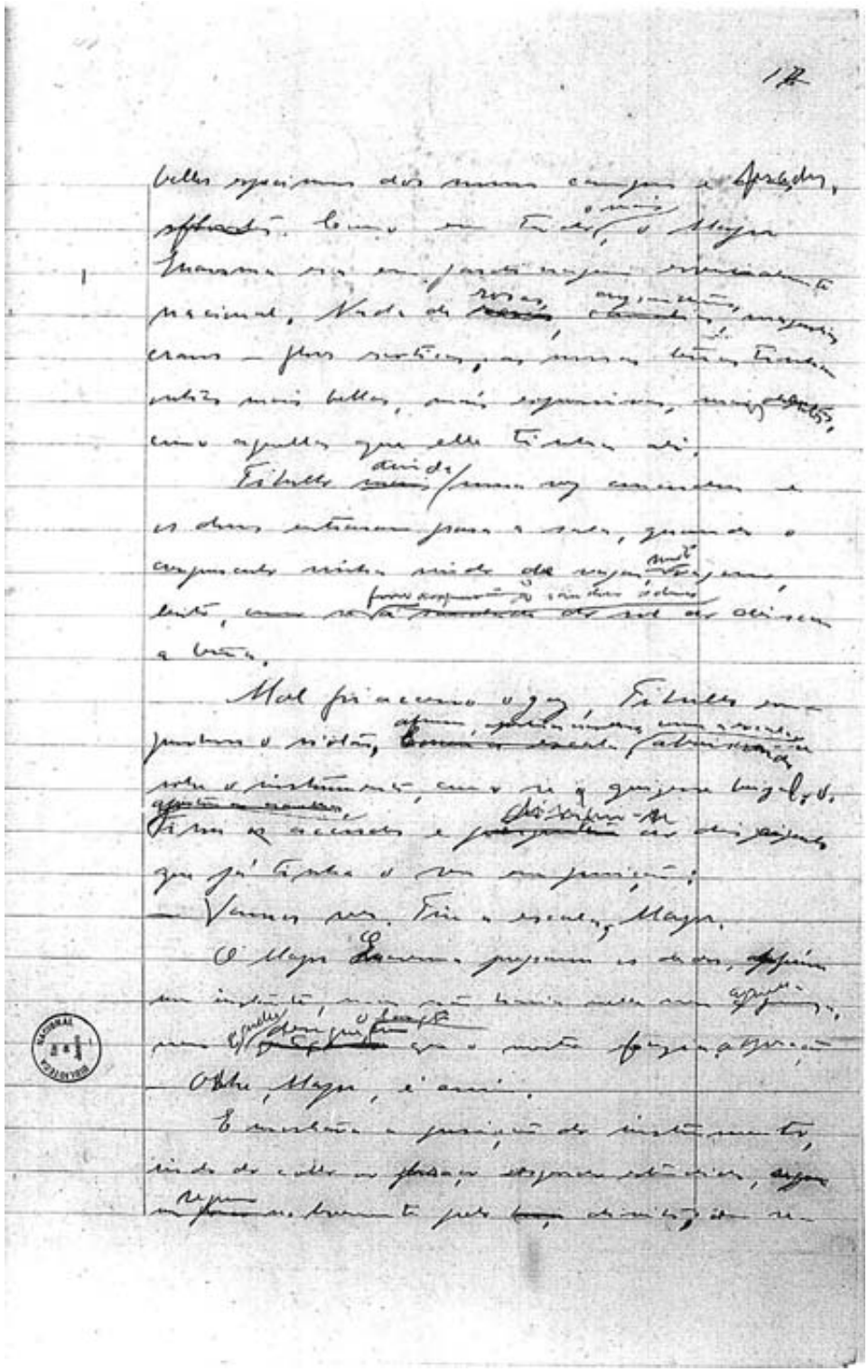
– Magnífico, fez Tibullo, estalando os lábios.

– É de Angra. ~~Cá~~ [[Agora]] tu vais ver que / magnífico vinho do Rio Grande temos... / Qual Borgonha! Qual Bordeaux! Temos aqui / melhores...

E o jantar ~~todo ele~~ correu [[assim]] nesse tom. Quaresma / não se cansava de elogiar os produtos nacionais, / [[a banha, o arroz, a [*ilegível*].]] D. Adelaide fazia pequenas objeções e Tibullo / dizia – é, é, não há dúvida – rolando muito / os olhos [*trecho rasurado*] [[pequenos]], franzindo a ~~pequena / testa~~ [[testa diminuta]] que se sumia no cabelo áspero, forçando / toda a sua fisionomia [*trecho rasurado*] [[medida a]] / adquirir uma expressão sincera de delicadeza / e satisfação.

Acabado o jantar, foram ver o jardim. Era / uma maravilha; não tinha nem uma flor. / Certamente não se podia tomar por tal míseros / beijos-de-frade, palmas-de-santa-rita [[tristes manacás rosas e brancos]] e outros

Folha 018 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

1~~6~~[[7]]

belos espécimes dos nossos campos e ~~das~~ [[prados.]] / ~~florestas.~~ Como em tudo [[o mais]], o Major / Quaresma era em jardinagem essencialmente / nacional. Nada de [*trecho rasurado*]~~,~~ [[rosas, crisântemos,]] magnólias, / cravos – flores exóticas; as nossas terras tinham / outras mais belas, mais expressivas, mais olentes, / como aquelas que ele tinha ali.

Tibullo ~~mais~~ [[ainda]] uma vez concordou e / os dous entraram para a sala, quando o / crepúsculo vinha vindo devagar, [[muito]] vagaroso, / lento, como se a saudade {{fosse [*rasurado*] do saudoso adeus}} do sol ao deixar / a terra.

Mal foi aceso o gás, Tibullo em-/punhou o violão, ~~Correu a escala~~ [[afinou, apertou as cravelhas, correu a escala]], abaix~~ou~~[[ando-se]] / sobre o instrumento, como se ~~o~~ quisesse beij~~ar~~[[á-lo]]. / [[Ajeitou as cravelhas,]] Tirou ~~os~~ acordes e ~~perguntou~~ [[dirigiu-se]] ao discípulo / que já tinha o seu em posição:

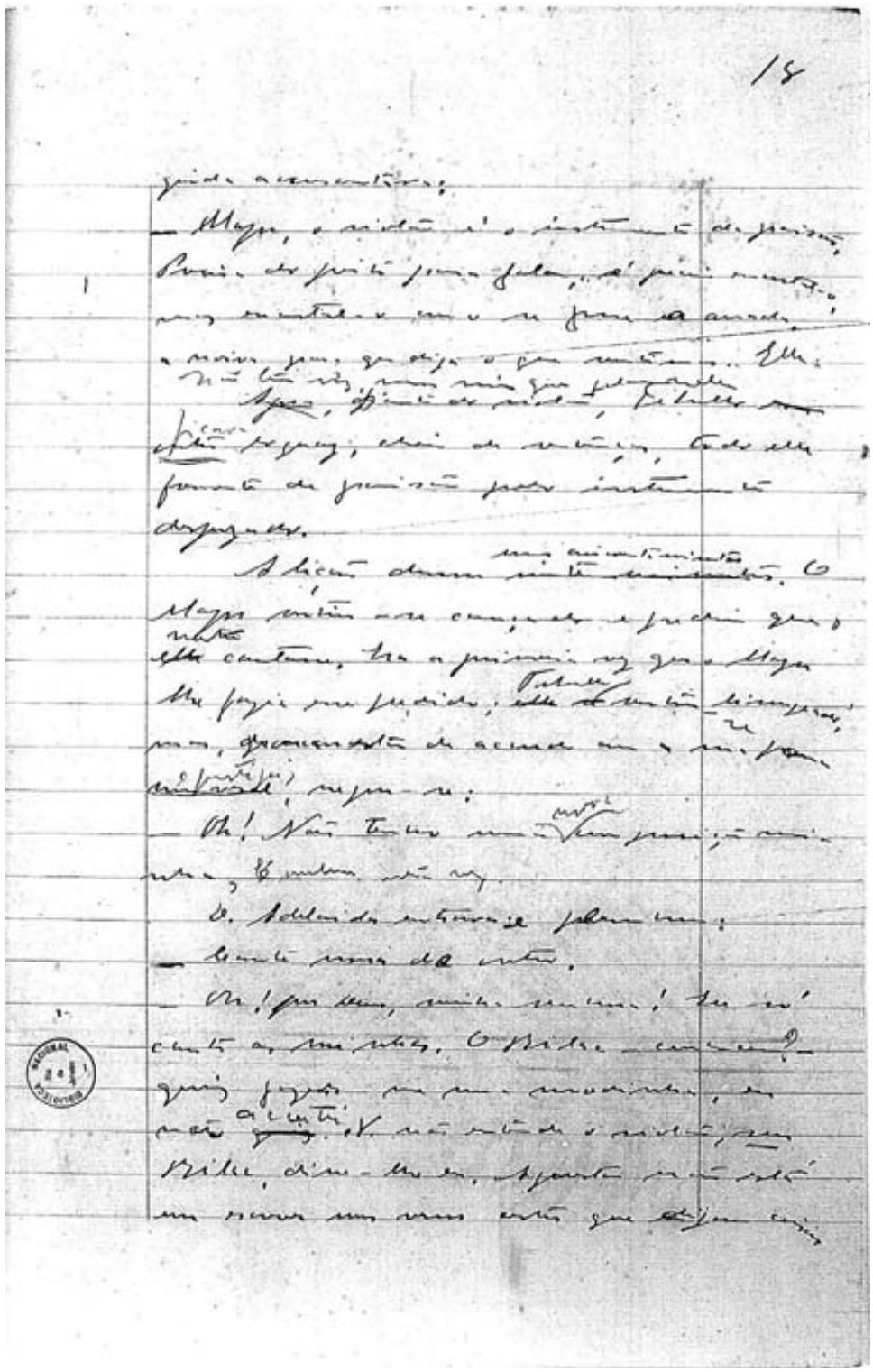
– Vamos ver. Tire a escala[[, Major]].

O Major Quaresma preparou os dedos, afinou / um instante, mas não havia nele nem apuro a firmeza, / nem o [*rasurado*] [[aquele dengue, o langor com]] que o mestre fazia [[a operação]].

– Olhe, Major, é assim.

E mostrava a posição do instrumento, / indo do colo ao braço esquerdo estendido, ~~seguro / um pouco no~~ [[seguro]] levemente pelo ~~braço~~ direito; em se-

Folha 019 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

guida acrescentou:

– Major, o violão é o instrumento da paixão. / Precisa de peito para falar... é preciso encostá-lo, / mas encostá-lo como se fosse a amada, / a noiva, para que diga o que sentimos... {{Ele / não tem voz, somos nós que falamos nele.}}

~~Agora, d~~[[D]]iante do violão, Tibullo ~~era~~ / ficava ~~então~~ loquaz, cheio de sentenças, todo ele / fremindo de paixão pelo instrumento / desprezado.

A lição durou ~~vinte minutos~~ [[uns cinquenta minutos]]. O / Major sentiu-se cansado e pediu que [[o]] / ~~ele~~ [[mestre]] cantasse. Era a primeira vez que o Major / lhe fazia esse pedido; ~~ele se~~ [[Tibullo]] sentiu[[-se]] lisonjeado, / mas, [*ilegível*] de acordo com a sua fama / ~~menestrel~~ [[e prestígio,]], negou-se:

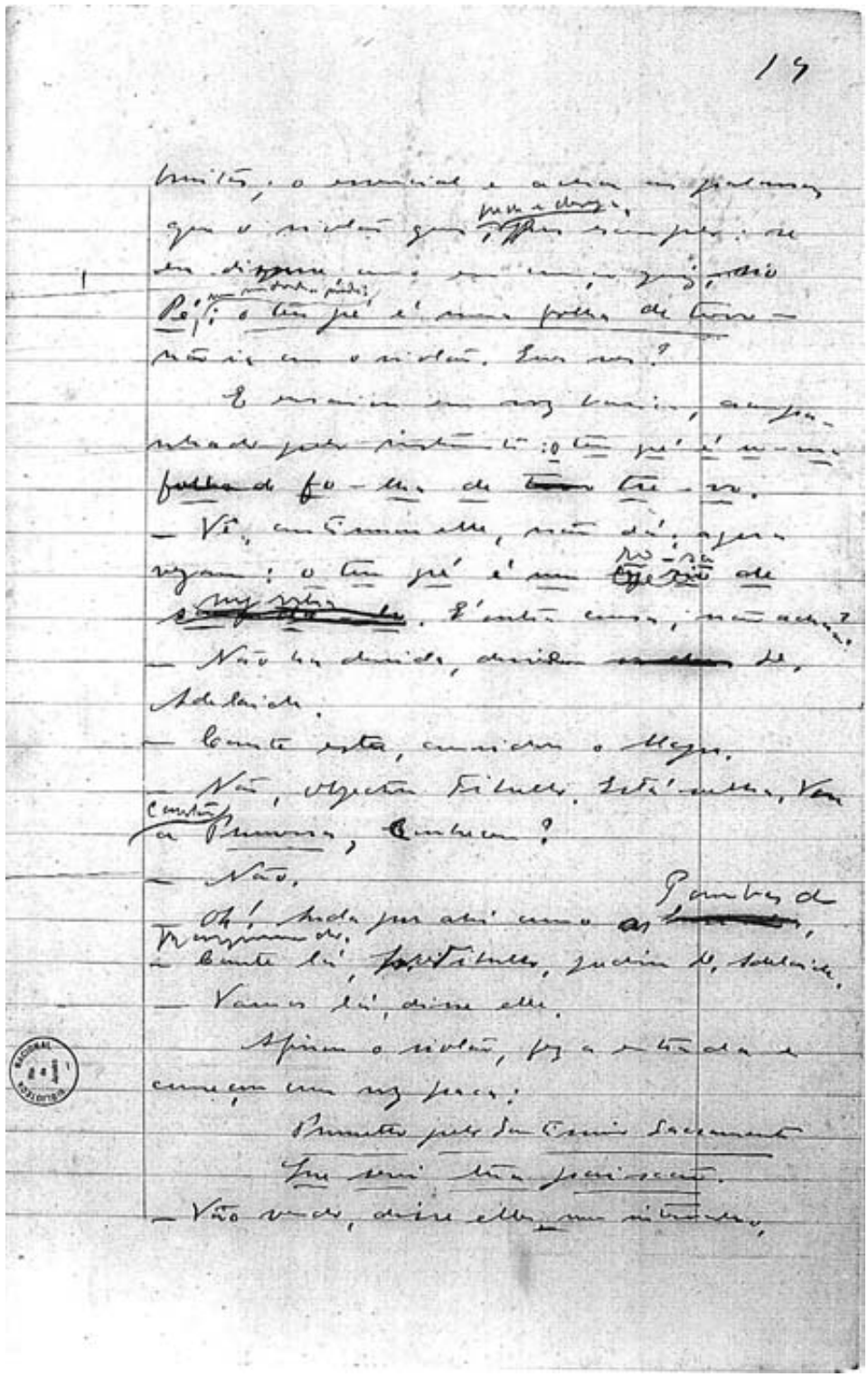
– Oh! Não tenho uma [[nova]] composição mi-/nha. [[É melhor outra vez.]]

D. Adelaide entrava: e falou assim:

– Cante uma de outro.

– Oh! Por Deus, minha senhora! Eu só / canto as minhas. O Bilac – conhecem? – / quis fazer-me uma modinha, eu / não ~~quis~~ [[aceitei]]. V. não entende de violão, <u>seu</u> / Bilac, disse-lhe eu. A questão não está / em escrever uns versos certos que digam coisas

Folha 020 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

bonitas; o essencial é achar as palavras / que o violão quer; [[pede e deseja.]] ~~p~~[[P]]or exemplo: se / eu di~~zia~~[[sesse]], como em começo quis, n'O / Pé, [[uma modinha minha:]] o teu pé é uma folha de trevo – / não ia com o violão. Quer ver?

E ensaiou em voz baixa, acompa-/nhado pelo instrumento: o teu pé é u-ma / ~~folha de~~ fo lha de ~~trevo~~ tre vo.

– Vê, continuou ele, não dá; agora / vejam: o teu pé é um ~~tre vo~~ [[ro sa]] de / [*trecho rasurado*] [[mir ra]]. É outra coisa, não acham?

– Não há dúvida, disse-lhe [*rasurado*] D. / Adelaide.

– Cante esta, convidou o Major.

– Não, objetou Tibullo. Está velha. V[[ou / cantar]] a Promessa, ~~C~~[[c]]onhecem?

– Não.

– Oh! Anda por aí como ~~os~~ [[as]] [*rasurado*]~~.~~ [[Pombas do / Raimundo]].

– Cante lá, Sr. Tibullo, pediu D. Adelaide.

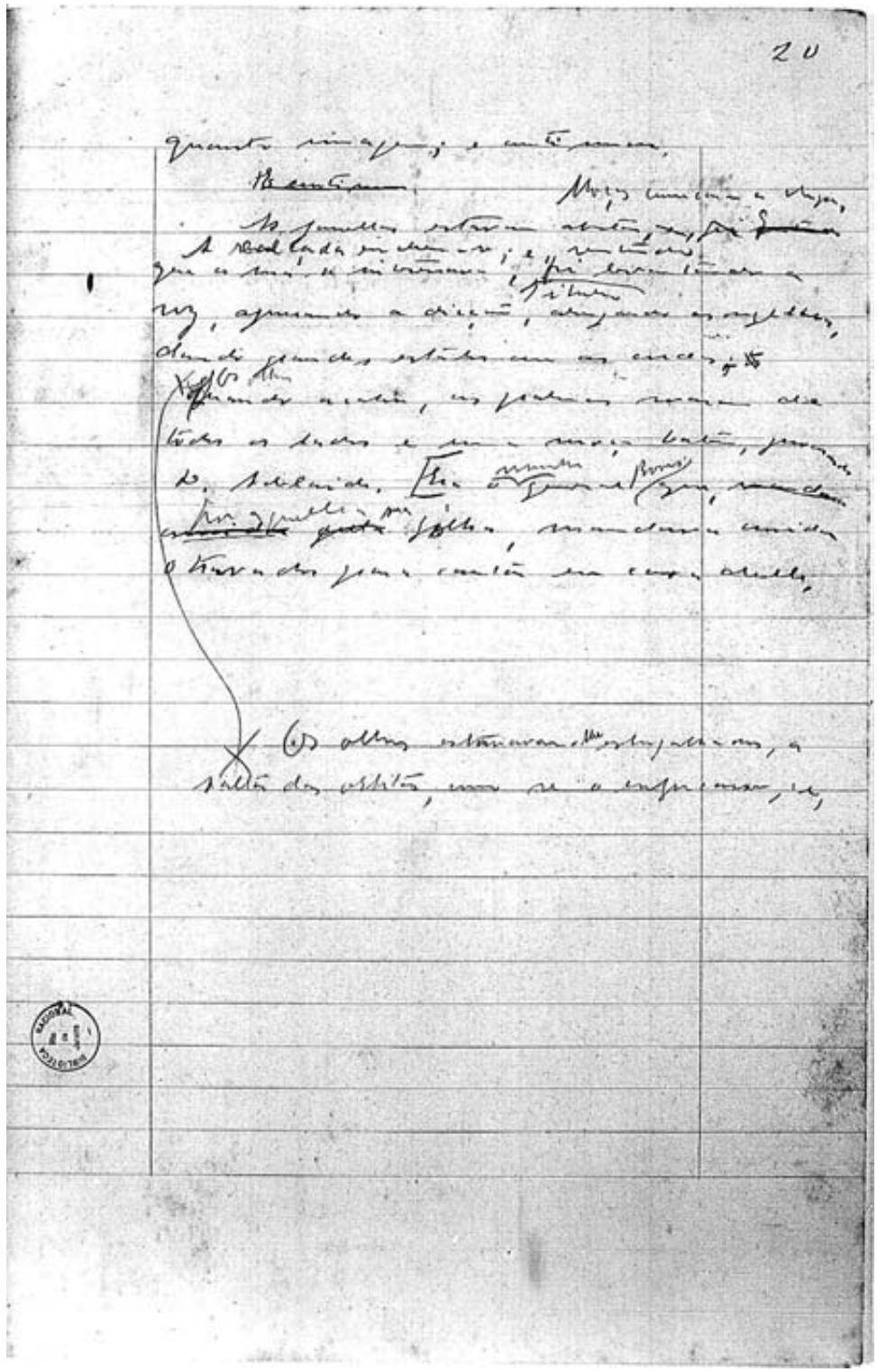
– Vamos lá, disse ele.

Afinou o violão, fez a entrada e / começou em voz fraca:

Prometo pelo Santíssimo Sacramento
Que serei tua paixão.

– Vão vendo, disse ele, num intervalo,

Folha 021 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

quanta imagem; e continuava.

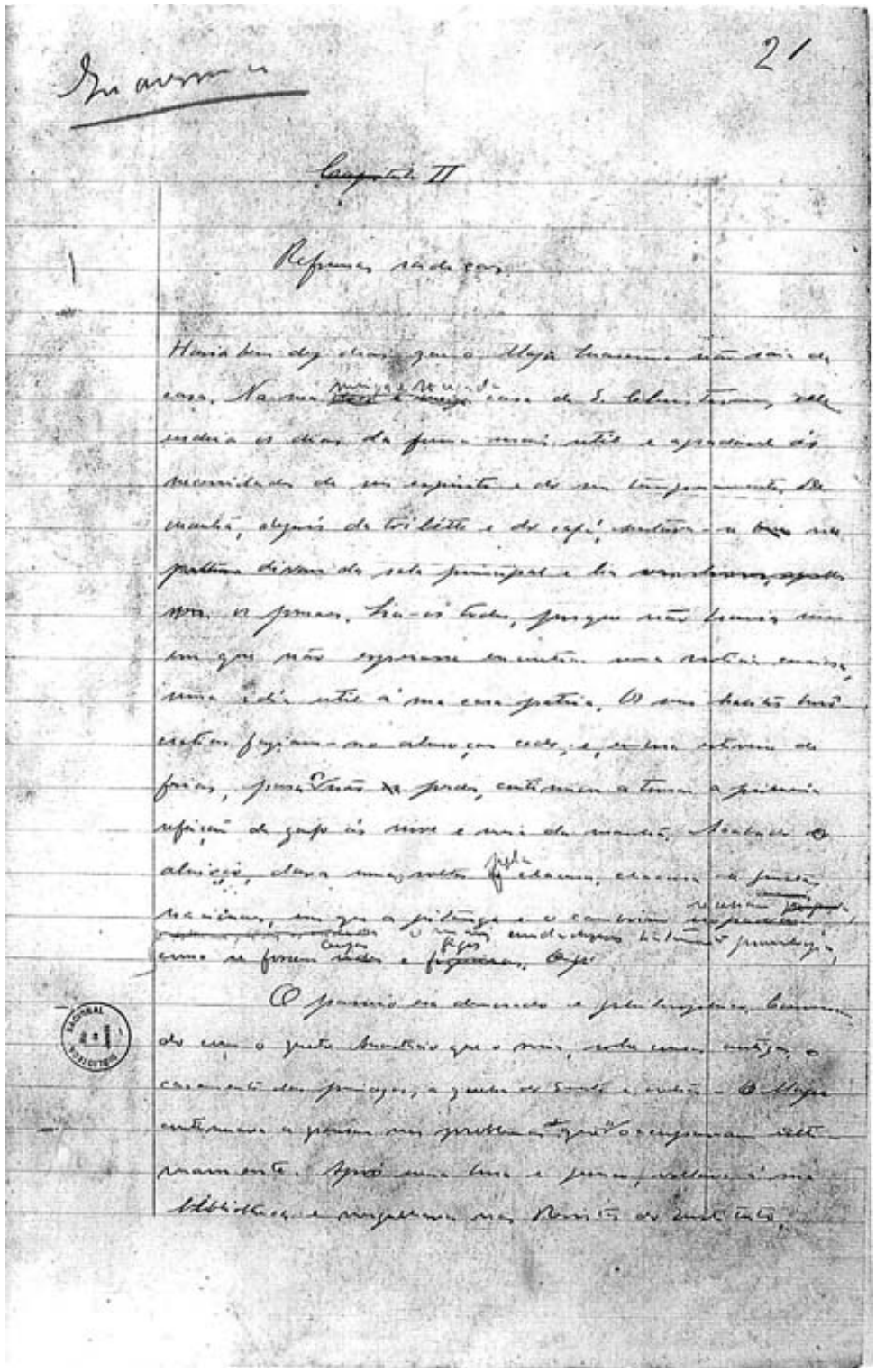
~~As cortinas~~

As janelas estavam abertas, ~~e, foi Sentindo~~ [[Moças começaram a chegar,]] / {{A ~~rua~~ [[calçada]] encheu-se; e, sentindo}} que a rua se interessava, [[Tibullo]] foi levantando a / voz, apurando a dicção, [*trecho ilegível*], / dando grandes estalos com as mãos; ~~to~~

[[Os olhos]] {{Os olhos estacavam-lhe esbugalhados, a / saltar das órbitas, como se o enforcassem; e,}}[38] / ~~Q~~[[q]]uando acabou, as palmas soaram de / todos os lados e uma moça bateu procurando / D. Adelaide. Era o [[vizinho]] general [[Breves]] que, ~~mandava~~ / ~~convidar pela~~ [[por aquela sua]] filha, mandava convidar / o trovador para cantar na casa dele.

Folha 022 (frente).

[38] O trecho entre chaves está manuscrito a lápis abaixo do restante do parágrafo, e unido a ele por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

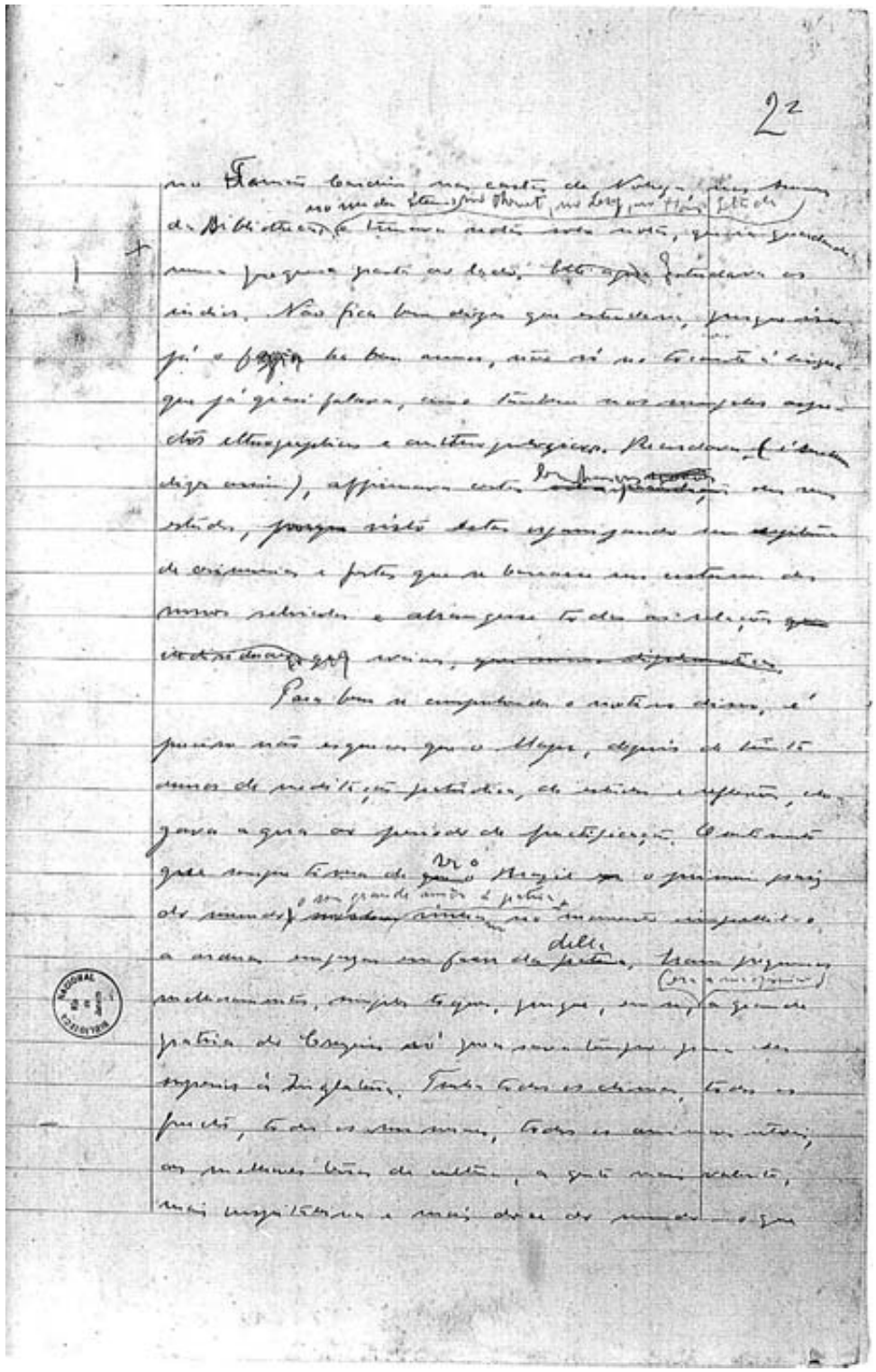
Quaresma Capítulo II [[2]]1

Reformas radicais

Havia bem dez dias que o Major Quaresma não saía de / casa. Na sua ~~doce e meiga~~ [[meiga e sossegada]] casa de S. Cristóvão, ele / enchia os dias da forma mais útil e agradável às / necessidades do seu espírito e do seu temperamento. De / manhã, depois da toilette e do café, sentava-se ~~bem~~ na / ~~poltrona~~ divã da sala principal e lia [*rasurado*] ~~aqueles~~ / [*rasurado*] os jornais. Lia-os todos, porque não havia um / em que não esperasse encontrar uma notícia curiosa, / uma idéia útil à sua cara Pátria. Os seus hábitos buro-/cráticos faziam-no almoçar cedo, e, embora estivesse de / férias, para [[os]] não ~~os~~ perder, continuava a tomar a primeira / refeição de garfo às nove e meia da manhã. Acabado ~~de~~ [[o]] / almoço, dava umas voltas ~~à~~ [[pela]] chácara, chácara de frutas / nacionais, em que a pitanga e o cambuí ~~impavam~~ [[recebiam [*termos rasurados*]]] / {{[*rasurado*] o mais cuidadoso tratamento da pomologia,}} / como se fossem ~~vinhas~~ [[cerejas]] e ~~figueiras~~ [[figos]]. ~~O pa~~

O passeio era demorado e filosófico. Conversan-/do com o preto Anastácio que o servia, sobre coisas antigas, o / casamento das princesas, a quebra do Souto e outras. O Major / continuava a pensar nos problemas [[~~de~~]] que [[o]] ocupavam ulti-/mamente. Após uma hora e pouco, voltava à sua / biblioteca e mergulhava nas Revistas do Instituto,

Folha 023 (frente).



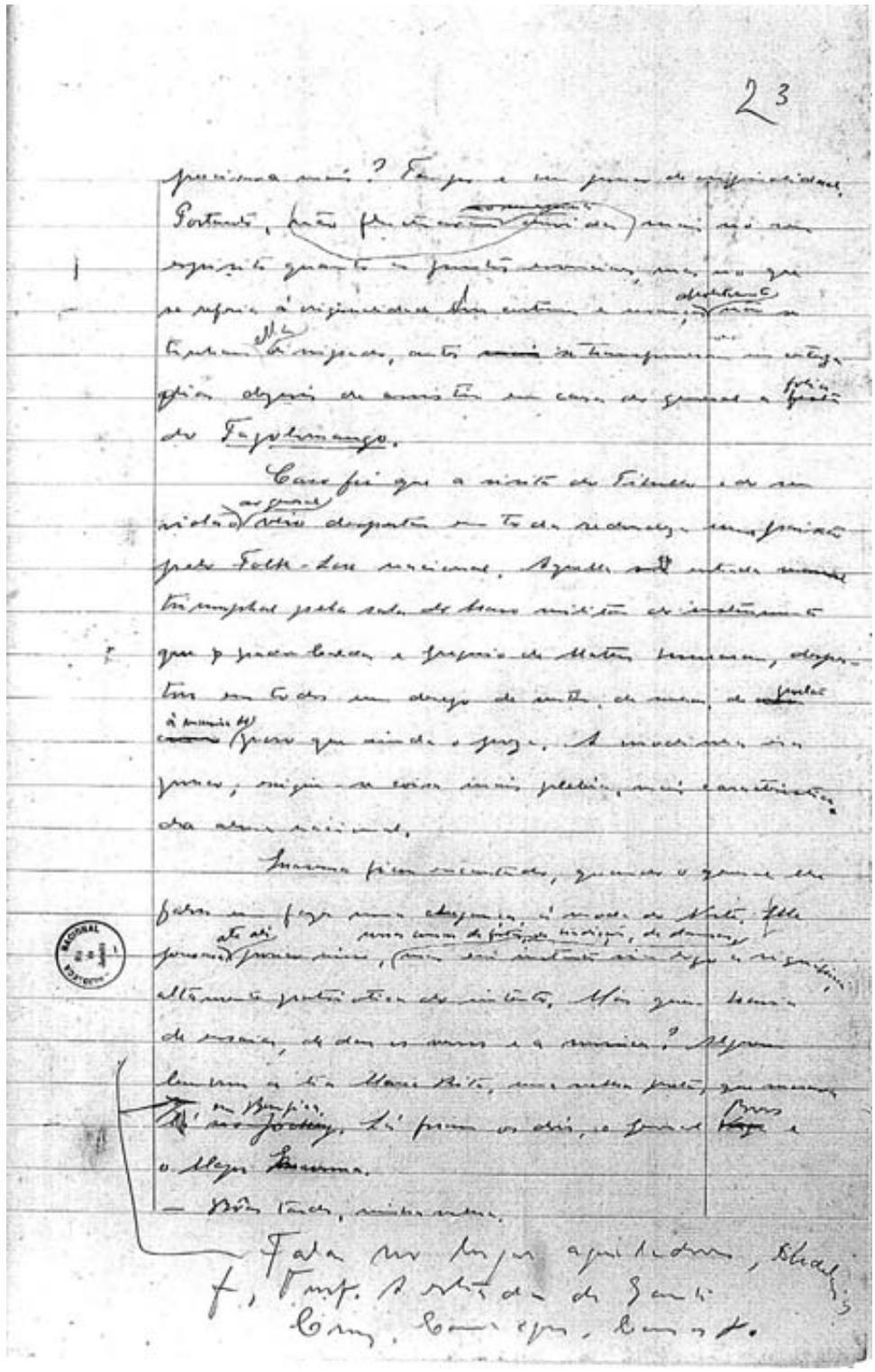
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]2

no Fernão Cardim, nas cartas de Nóbrega, nos Anais / da Biblioteca, {{no von den Stein, no [*ilegível*], no Lévy, no Hans Staden}} e tomava notas sobre notas, que ia guardando / numa pequena pasta ao lado. ~~Ele agora e~~[[E]]studava os / índios, Não fica bem dizer que estudava, porque isso / já o f~~azia~~[[izera]] há bem anos, não só no tocante à língua / que já quase falava, como também nos simples aspe-/ctos etnográficos e antropológicos. Recordava (é melhor / dizer assim), afirmava certas [*rasurado*] [[lembranças [*rasurado*]]] dos seus / estudos, ~~porque~~ visto estar organizando um sistema / de cerimônias e festas que se baseasse nos costumes dos / nossos silvícolas e abrangesse todas as relações ~~quer / individuais, quer~~ sociais~~, quer mesmo diplomáticas~~.

Para bem se compreender o motivo disso, é / preciso não esquecer que o Major, depois de trinta / anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, che-/gava agora ao período da frutificação. O sentimento / que sempre tivera de ~~que o~~ [[ser o]] Brasil ~~era~~ o primeiro país / do mundo, [*rasurado*] [[o seu grande amor à pátria]] vinha[[m]] no momento impeli-lo / a árduas empresas em favor ~~da pátria~~ [[dela]]. Eram pequenos / melhoramentos, simples toques, porque, em si, [[(era a sua opinião),]] a grande / pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser / superior à Inglaterra. Tinha todos os climas, todos os / frutos, todos os minerais, todos os animais úteis, / as melhores terras de cultura, a gente mais valente, / mais hospitaleira e mais doce do mundo – o que

Folha 024 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]3

precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade. / Portanto, não flutuavam [[[*rasurado*]]] dúvidas[39] mais no seu / espírito quanto aos frutos essenciais, mas no que / se referia à à originalidade de costumes e usanças, [[absolutamente]] não se / tinham [[elas]] dissipado, antes [*rasurado*] se transformaram em certeza / dias depois de assistir em casa do general a ~~festa~~ [[folia]] / do Tangolomango.

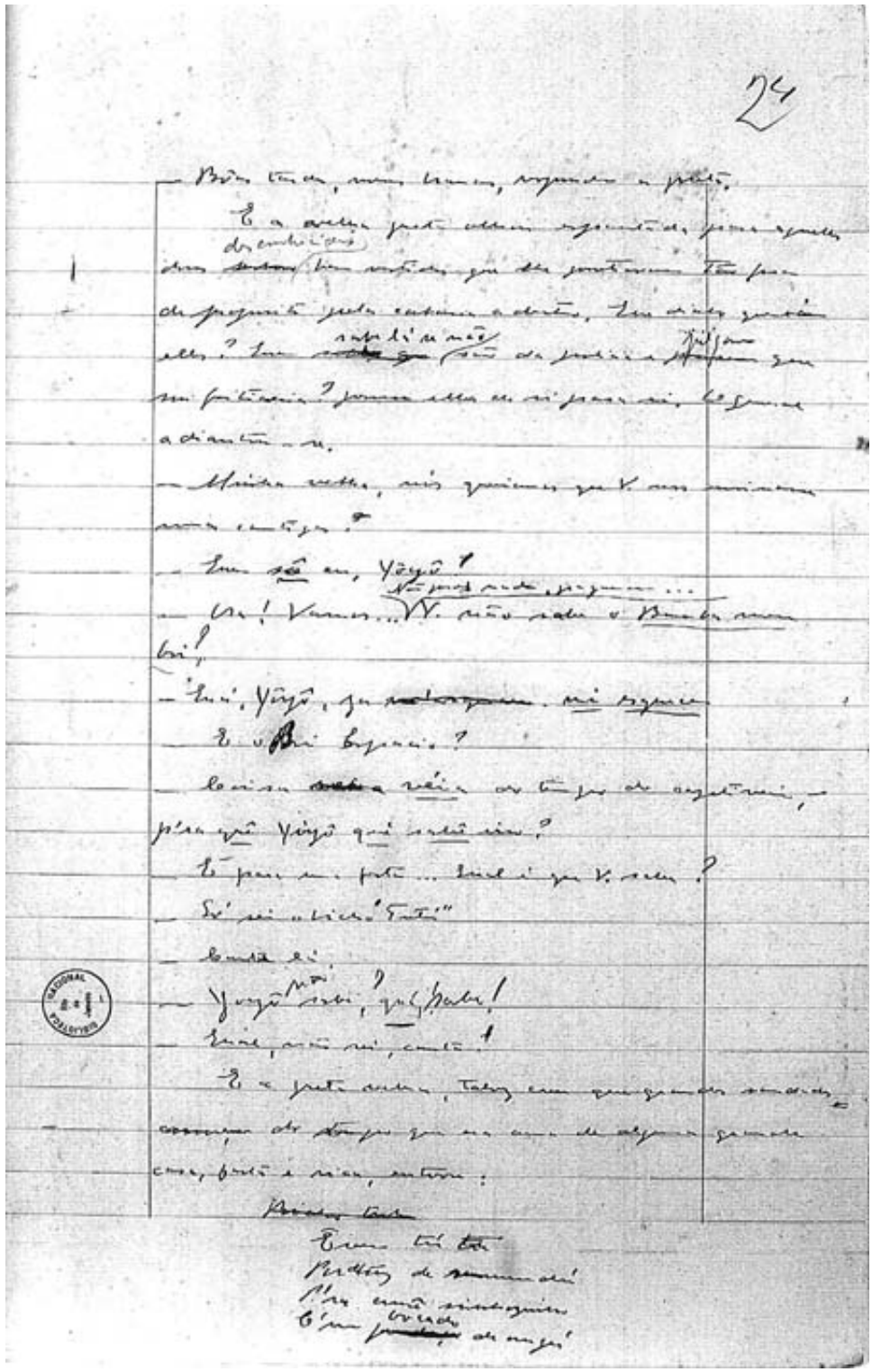
Caso foi que a visita do Tibullo e do seu / violão [[ao general]] veio despertar em toda redondeza uma paixão / pelo Folk-Lore nacional. Aquela ~~sua~~ [[~~a~~]] entrada [rasurado] / triunfal pela sala do bravo militar do instrumento / que o padre Caldas e Gregório de Matos humilharam, desper-/tou em todos o desejo de sentir, de sonhar, de ~~cantar~~ [[poetar]] / ~~como~~ ~~o~~ [[à maneira do]] povo que ainda o fazia. A modinha era / pouco; exigiu-se coisa mais plebeia, mais característica / da alma nacional.

Quaresma ficou encantado, quando o general lhe / falou em fazer uma chegança, à moda do Norte. [Ele / pensara [[até ali]] pouco nisso, [[nessas coisas de festas, de tradições, de danças,]] mas em instantes viu logo a significação / altamente patriótica do intento. Mas quem havia / de ensaiar, de dar os versos e a música? Alguém / lembrou a tia Maria Rita, uma preta velha, que morava / ~~lá no Jockey~~ [[em Benfica]]. {{Falar no lugar aqui [*termos ilegíveis*], / f., Imp. A estrada de Santa / Cruz. [*ilegível*]. Curato.}}[40] Lá foram os dous, o general ~~Vega~~ [[Breves]] e / o Major Quaresma.

– Boas tardes, minha velha.

Folha 025 (frente).

[39] Um sinal gráfico indica a alteração da ordem das palavras para "dúvidas não flutuavam".
[40] Manuscrito a lápis, no pé da página.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]4

– Boas tarde, meus brancos, respondeu a preta.

E a velha preta olhou espantada para aqueles / dous ~~senhores~~ [[desconhecidos]] bem vestidos que lhe penetravam tão fora / de propósito pela cabana adentro. Que diabos queriam / eles? Esses ~~sabia que~~ [[sabe lá se não]] são da polícia e ~~pensam~~ [[julgam]] que / sou feiticeira? falava ele de si para si. O general / adiantou-se.

– Minha velha, nós queríamos que V. nos ensinasse / umas cantigas~~?~~

– Quem sô eu, Ioiô!

– Ora! Vamos... [[Não perde nada, [*ilegível*]...]] V. não sabe o Bumba meu / boi?

– Quá, Ioiô, já ~~me esqueci~~ mi esqueceu.

– E o ~~b~~[[B]]oi Espácio?

– Coisa ~~velha~~ veia do tempo do cativeiro, – / pra que Ioiô qué sabê isso?

– É para uma festa... Qual é que V. sabe?

– Só sei o bicho "Tutu".

– Cante lá.

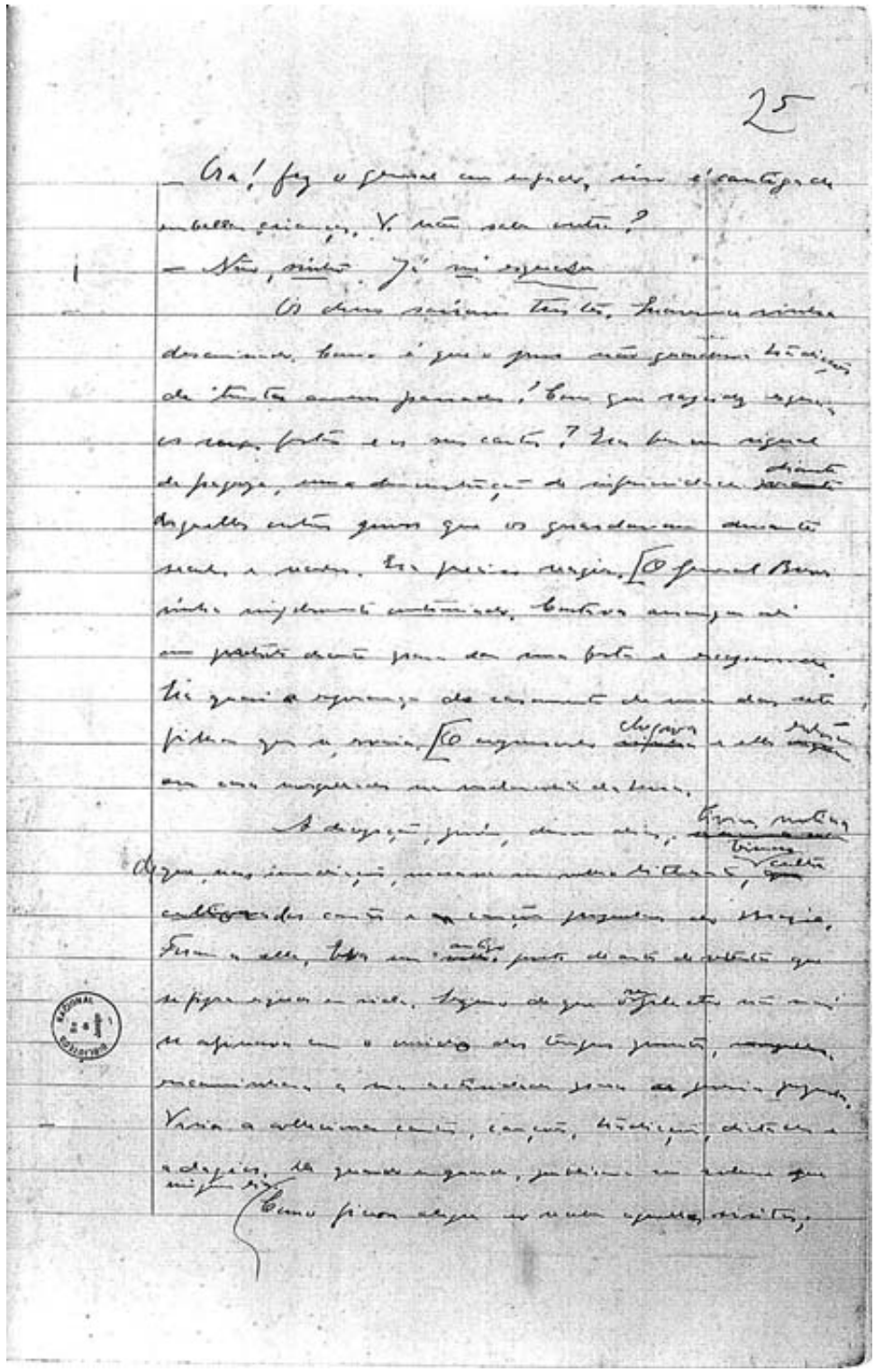
– Ioiô [[não]] sabe? [[quá, sabe!]]

– Qual, não sei, cante~~?~~!

E a preta velha, talvez com que grandes saudades, / ~~começou~~ do tempo que era ama de alguma grande / casa, farta e rica, entoou:

~~Bicho tutu~~ / Ê vêm tu tu / Por detrás de murundu / P'ra cumê sinhozinho / C'um ~~pedaço~~ [[bocado]] de angu.

Folha 026 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]5

– Ora! fez o general com enfado, isso é cantiga de / embalar crianças. V. não sabe outra?

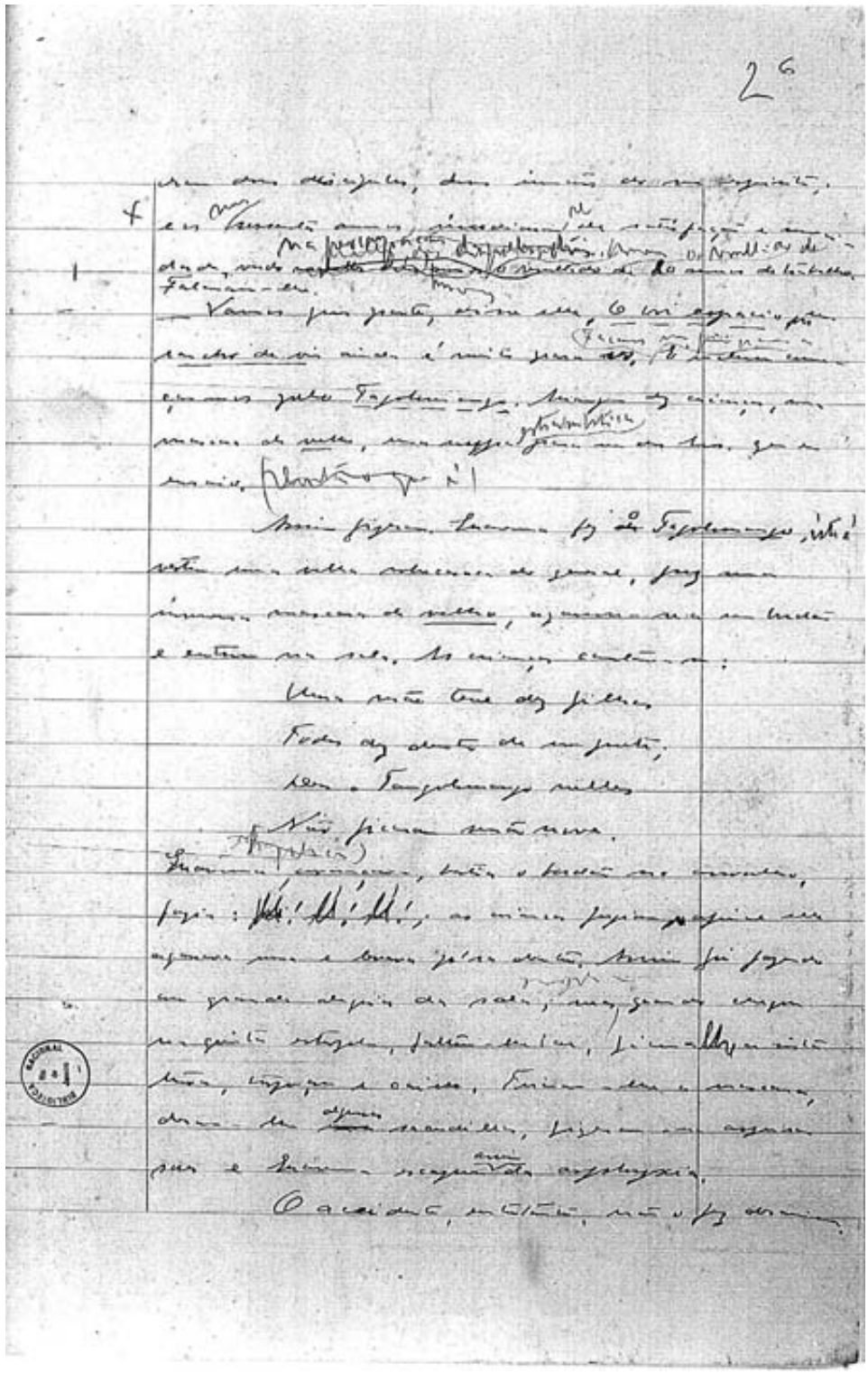
– Não, sinhô. Já mi esqueci[[eu]].

Os dous saíram tristes. Quaresma vinha / desanimado. Como é que o povo não guardava tradições / de trinta anos passados? Com que rapidez esqueciam / as suas festas e os seus cantos? Era bem um sinal / de fraqueza, uma demonstração de inferioridade ~~perante~~ [[diante]] / daqueles outros povos que os guardavam durante / séculos e séculos. Era preciso reagir. [O general Breves / vinha simplesmente contrariado. Contava arranjar aí / um pretexto decente para dar uma festa e escapava-lhe. / Era quase a esperança de casamento de uma das sete / filhas que se esvaia. [O crepúsculo ~~vinha~~ [[chegava]] e eles ~~chegaram~~ [[entraram]] / em casa mergulhados na melancolia da hora.

A decepção, porém, durou dias; ~~vieram a saber~~ [[tiveram notícia]] / [[de]] que, nas imediações, morava um sábio literato, ~~que~~ [[teimoso cultor]] / ~~cultivava~~ dos contos e ~~de~~ canções populares do Brasil. / Foram a ele. Era um ~~velho~~ [[antigo]] poeta de antes de setenta que / se fizera esquecer em vida. Signo de que o [[seu]] intelecto não mais / se aficcionava com o mundo dos tempos presentes, ~~mergulhava~~ / encaminhava a sua atividade para a poesia popular. / Vivia a colecionar contos, canções, tradições, ditados e / adágios. De quando em quando, publicava em volumes~~.~~ [[que / ninguém lia.]]

Como ficou alegre ao receber aquelas visitas;

Folha 027 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]6

eram dous discípulos, dous irmãos do seu espírito; / e os [[seus]] sessenta anos, incendiavam[[-se]] de satisfação e [*ilegível*]/, vendo ~~naquelas duas pessoas~~ [[~~homens~~]] ~~o sentido de~~ {{na pessoa [*termos ilegível*] daqueles dous homens o resultado de}} 20 anos de trabalho. / [[Falaram-lhe.]]

– Vamos por parte, disse ele, O boi espácio ou / ranchos de reis ainda é muito para vs. [[Façamos com paciência.]] É melhor come-/çarmos pelo Tangolomango. Arranjem dez crianças, uma / máscara de velho, uma roupa [[estrambótica]] para um dos srs. que eu / ensaio. (~~Contar o que é~~)

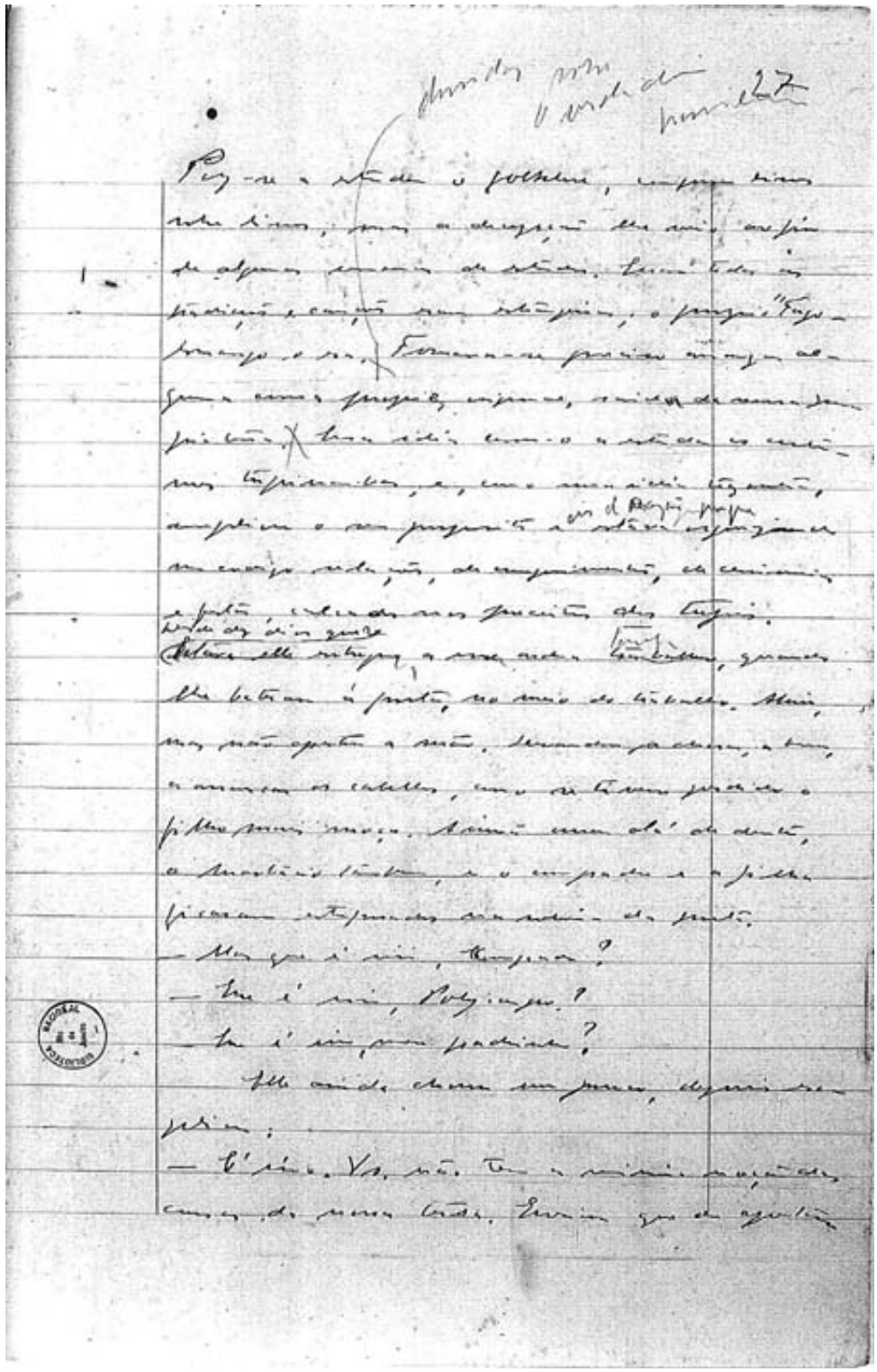
Assim fizeram. Quaresma fez ~~de~~ [[o]] Tangolomango, [[isto é]] / vestiu uma velha sobrecasaca do general, pôs uma / imensa máscara de velho, agarrou-se a um bordão / e entrou na sala. As crianças cantaram:

Uma mãe teve dez filhos
Todos dez dentro de um pote;
Deu o Tangolomango neles
Não ficaram senão nove.

[[[*rasurado*]]] Quaresma avançava, batia o bordão no assoalho, / fazia: ~~u~~[[Ú]]! ~~u~~[[Ú]]! ~~u~~[[Ú]]! ; as crianças fugiam, afinal ele / agarrava uma e levava pra dentro. Assim foi fazendo / com grande alegria da sala [[repleta]]; mas, quando chegou / na quinta estrofe, faltou-lhe o ar, ficou[[-lhe]] a vista / turva, tropeçou e caiu. Tiraram-lhe a máscara, / deram-lhe ~~umas~~ [[algumas]] sacudidelas, fizeram-no aspirar / sais e Quaresma escapou [[assim]] da apoplexia.

O acidente, entretanto, não o fez desanimar.

Folha 028 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]7

Pôs-se a estudar o folklore, comprou livros / sobre livros; mas a decepção lhe veio ao fim / de algumas semanas de estudo. Quase todas as / tradições e canções eram estrangeiras; o próprio "Tango-/lomango o era. {{dúvidas sobre o verdadeiro brasileiro}}[41] Tornava-se preciso arranjar al-/guma coisa própria, original, saída da nossa pró-/pria terra. Essa idéia levou-o a estudar os costu-/mes tupinambás; e, como uma idéia traz outra, / ampliou o seu propósito e [[eis a razão porque]] estava organizando / um código relações, de cumprimentos, de cerimônias / e festas, calcado nos preceitos dos tupis. / [[Desde dez dias que se]] ~~E~~[[e]]stava ele entregue a esse[[a]] árduo ~~trabalho~~ [[tarefa]], quando / lhe bateram à porta, no meio do trabalho. Abriu, / mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, / a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido o / filho mais moço. A irmã correu lá de dentro, / o Anastácio também, e o compadre e a filha / ficaram estupefatos na soleira da porta.

– Mas que é isso, Compadre?

– Que é isso, Polycarpo?

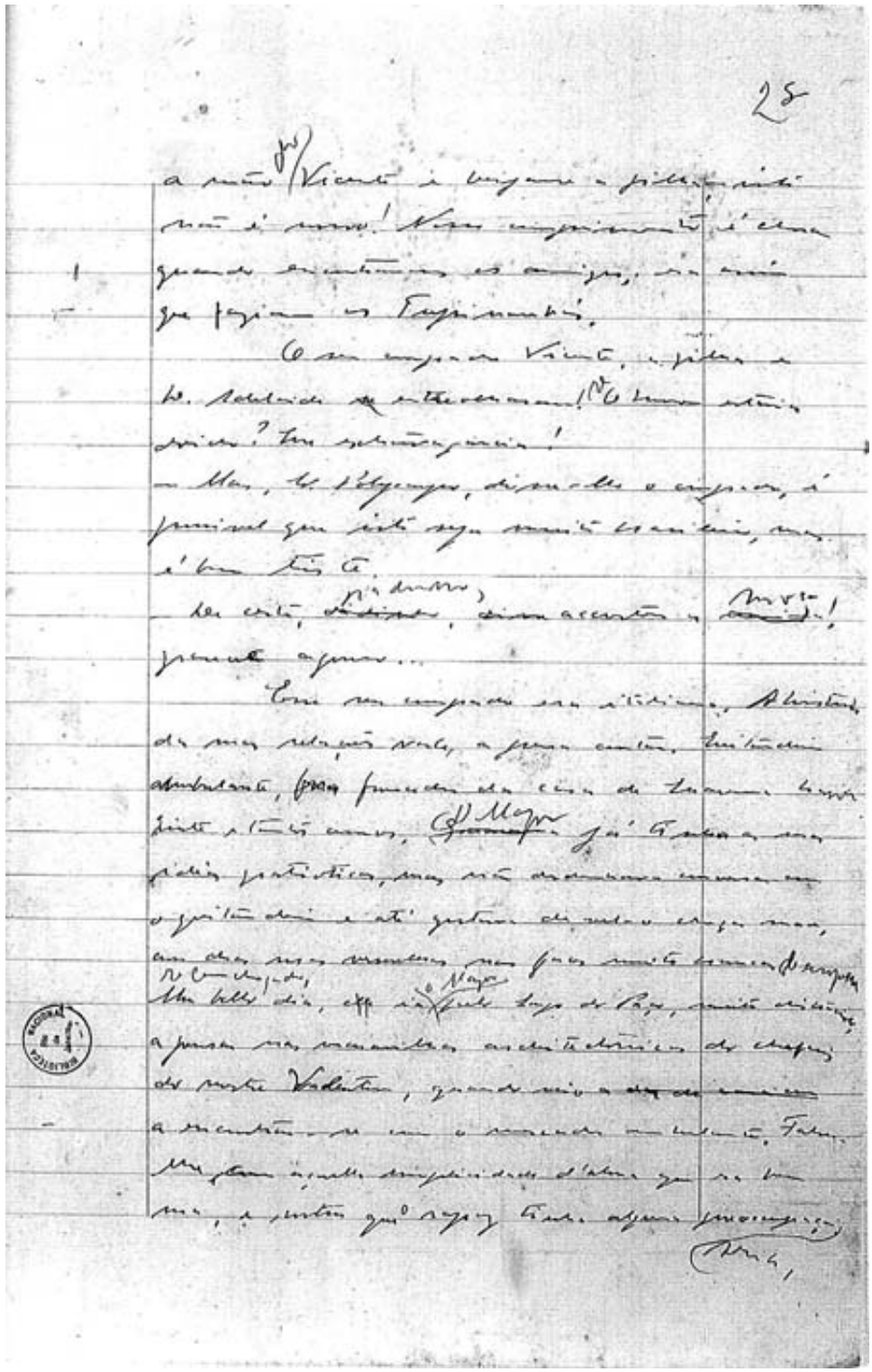
– Que é isso, meu padrinho?

Ele ainda chorou um pouco, depois, ex-/plicou:

– É isso. Vs. não têm a mínima noção das / coisas da nossa terra. Queriam que eu apertasse

Folha 029 (frente).

[41] Manuscrito a lápis, no topo da página.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]8

a mão [[do]] Vicente e beijasse a filha – isto / não é nosso! Nosso cumprimento é chorar / quando encontramos os amigos; era assim / que faziam os Tupinambás.

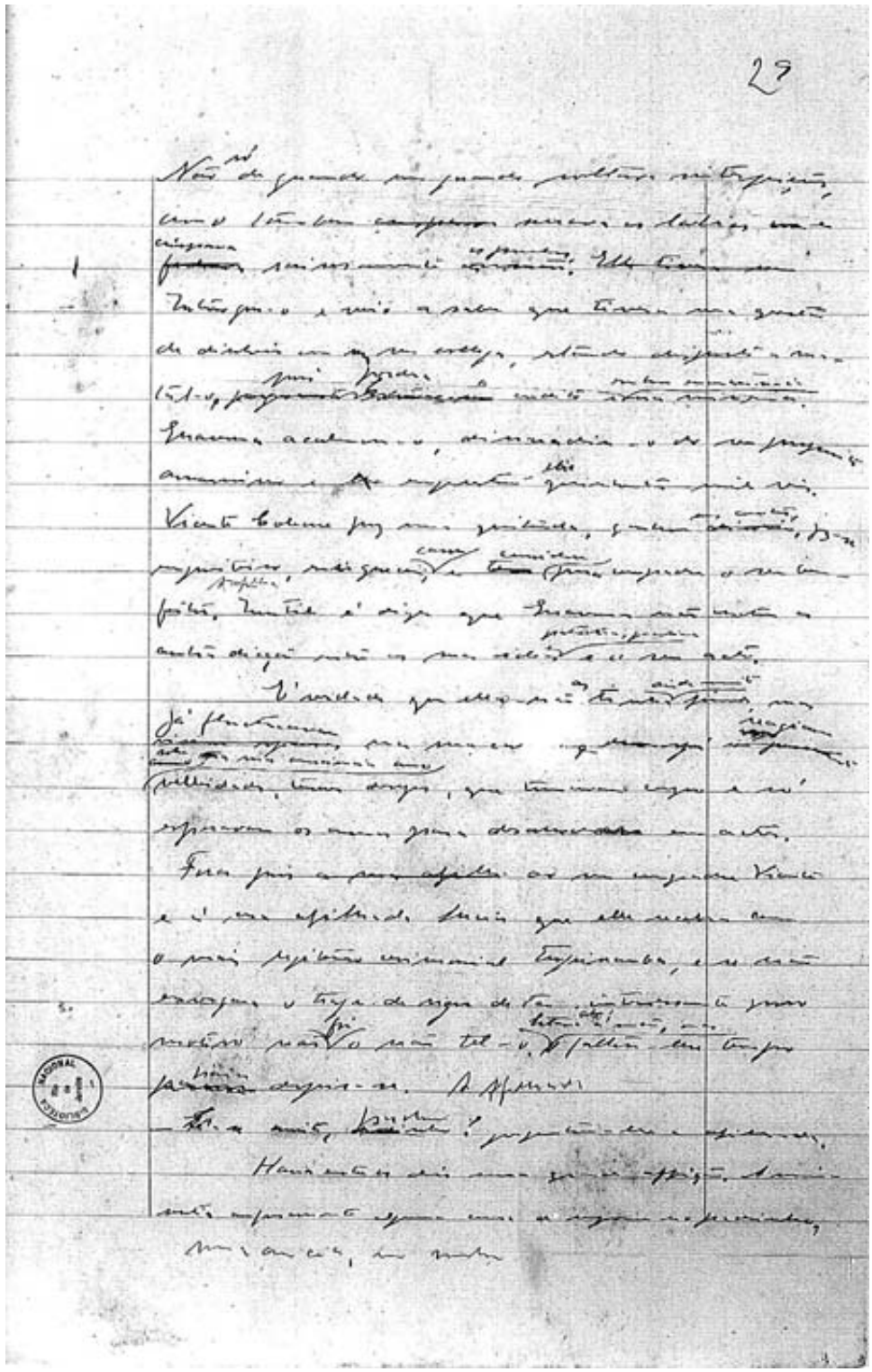
O seu compadre Vicente, a filha e / D. Adelaide ~~se~~ entreolharam[[-se]]. O homem estaria / doido? Que extravagância!

– Mas, Sr. Polycarpo, disse-lhe o compadre, é / possível que isto seja muito brasileiro, mas / é bem triste.

– Decerto, ~~didinho~~ [[padrinho]], ~~disse~~ acrescentou a ~~mocinha~~ [[moça]], / parece agouro...

Esse seu compadre era italiano. A história / das suas relações vale a pena contar. Quitandeiro / ambulante, ~~era~~ [[fôra]] fornecedor da casa de Quaresma havia / vinte e tantos anos. ~~Quaresma~~ [[O Major]] já tinha as suas / idéias patrióticas, mas não desdenhava conversar com / o quitandeiro e até gostava de vê-lo sujo suado, / com duas rosas vermelhas nas faces muito brancas {{de europeu / recém-chegado.}} / Um belo dia, ~~ele~~ [[o Major]] ia pelo Largo do Paço, muito distraído, / a pensar nas maravilhas arquitetônicas do chafariz / do Mestre Valentim, quando veio ~~a dar de cara com~~ / a encontrar-se com o mercador ambulante. Falou-/lhe com aquela simplicidade d'alma que era bem / sua, e notou que o rapaz tinha alguma preocupação [[séria]].

Folha 030 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]9

Não [[só]] de quando em quando soltava interjeições / como também ~~crispava~~ cerrava os lábios ~~em~~ e / ~~fechava~~ [[crispava]] raivosamente ~~as mãos~~ [[os punhos]]. ~~Ele tivera um~~ / Interrogou-o e veio a saber que tivera uma questão / de dinheiro com um seu colega, estando disposto a ma-/tá-lo, ~~porque~~ [*rasurado*] ~~sem~~ [[pois perdera o]] crédito e [[em breve estaria]] na miséria. / Quaresma acalmou-o, dissuadiu-o de seu propósito / assassino e ~~lhe~~ emprestou[[-lhe]] quinhentos mil-réis. / Vicente Coleoni pôs uma quitanda, ganhou ~~dinheiro~~ [[uns contos]], fez-se / empreiteiro, enriqueceu, [[casou]] e ~~teve~~ [[convidou]] para compadre o seu ben-/feitor. [[~~A afilhada~~]] Inútil é dizer que Quaresma não notou a / contradição entre as suas idéias [[patrióticas, políticas]] e o seu ato.

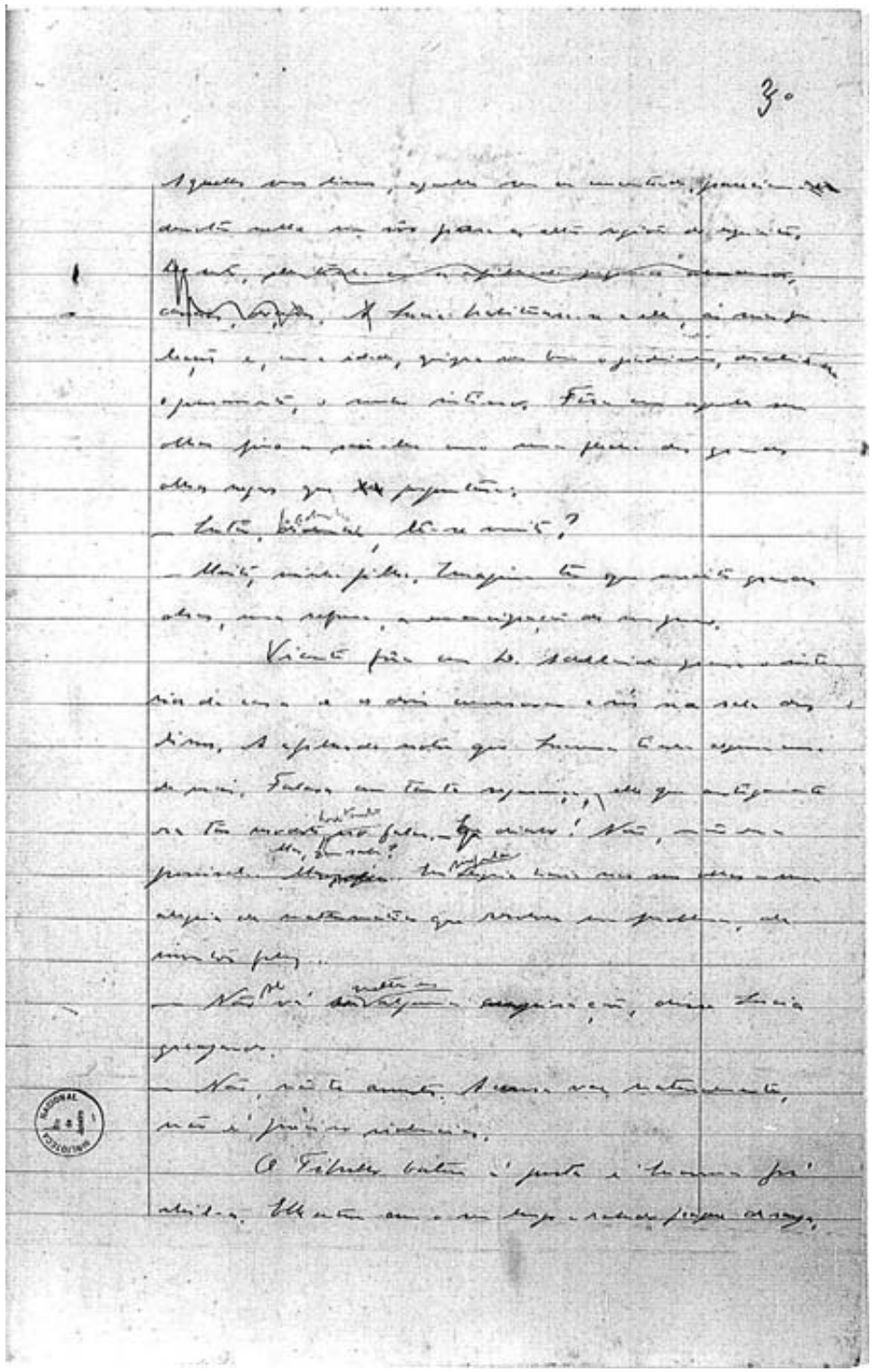
É verdade que ele não [[as]] tinha [[ainda muito]] firmes, mas / ~~viviam esparsas~~ [[já flutuavam]] na sua cabeça e [*rasurado*] ~~já no pensamento~~ [[reagiam]] / {{sobre [*rasurado*] ~~n~~a sua consciência como}} veleidades, tênues desejos, que fincavam raízes e só / esperavam os anos para desabroch~~arem~~[[ar]] em atos.

Fôra pois ~~a sua afilhada~~ ao seu compadre Vicente / e à sua afilhada Lúcia que ele recebera com / o mais legítimo cerimonial Tupinambá, e se não / envergara o traje de rigor de tão interessante povo / motivo não [[foi]] o não tê-lo. {{Estava [[até]] à mão, mas}} faltou-lhe tempo / [*rasurado*] [[para]] despir-se. [[A afilhada]]

– Lê-se muito, ~~didinho~~ [[padrinho]]? perguntou-lhe a afilhada.

Havia entre os dous uma grande afeição. A menina / sentia confusamente alguma coisa de superior no padrinho, / [[uma ânsia, um sonho]]

Folha 031 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~1~~[[3]]0

Aqueles seus livros, aquela sua atividade, parecia ~~lhe~~ / desenvolver nele um vôo para as altas regiões do espírito. / ~~Decerto, ele tinha com a afilhada pequenos abrandamentos, / certas doçuras~~. ~~A~~ Lúcia habituara-se a ele, às suas predi-/leções e, com a idade, quisera ver bem o padrinho, descobrir-lhe / o pensamento, o sonho íntimo. Fôra com aquele seu / olhar frio a sair-lhe como uma flecha dos grandes / olhos meigos que ~~lhe~~ perguntou:

– Então ~~didinho~~ [[padrinho]], lê-se muito?

– Muito, minha filha. Imagina tu que medito grandes / obras, uma reforma, a emancipação de um povo.

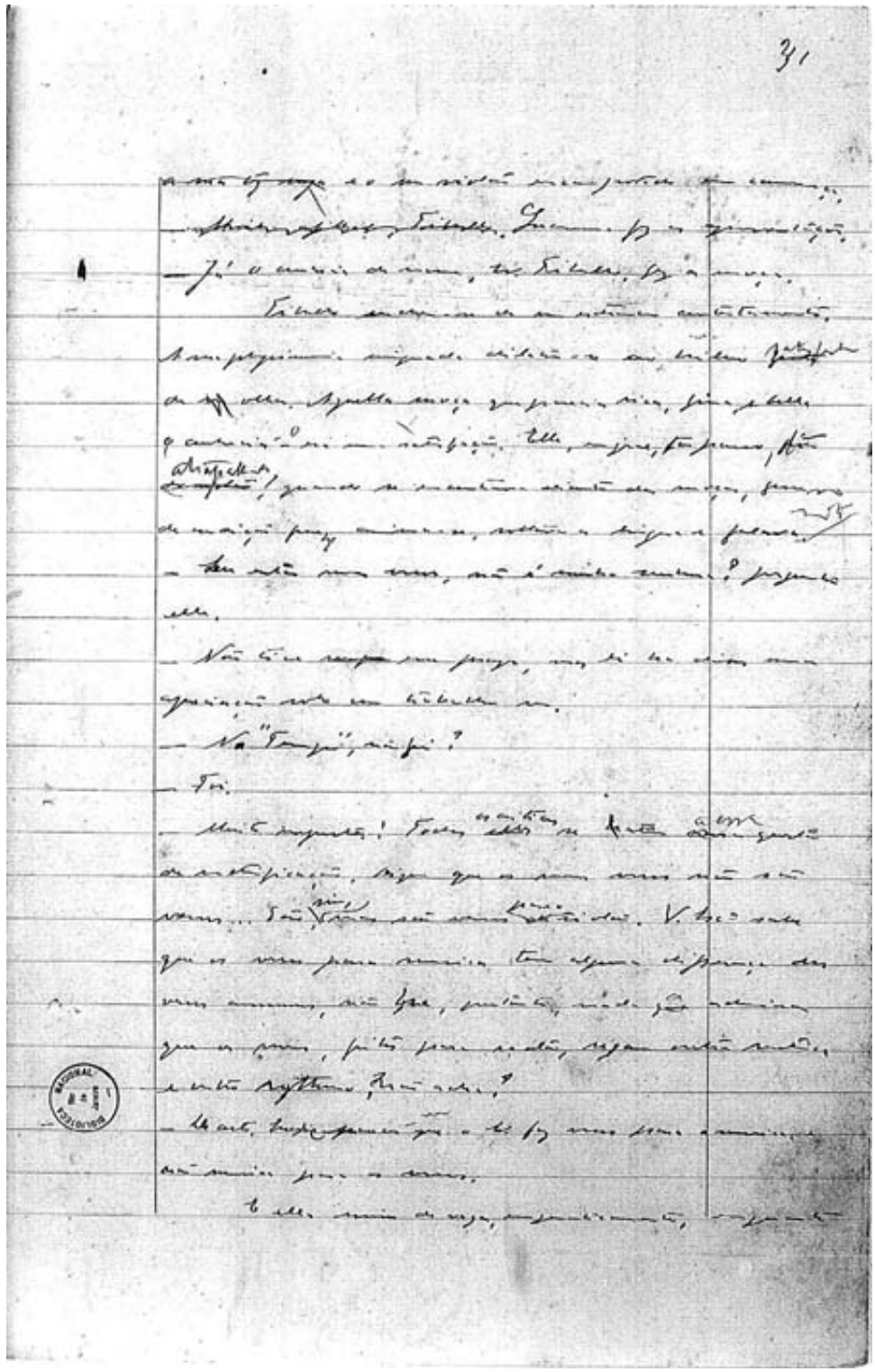
Vicente fôra com D. Adelaide para o inte-/rior da casa e os dous conversavam a sós na sala dos / livros. A afilhada notou que Quaresma tinha alguma coisa / de mais. Falava com tanta segurança, ele que antigamente / era tão modesto, [[hesitante]] no falar. – ~~Que~~ [[que]] diabo! Não, não era / possível... ~~Mas~~ [*rasurado*]~~...~~ [[Mas, quem sabe?]] Que [[singular]] alegria havia nos seus olhos – uma / alegria de matemático que resolveu um problema, de / inventor feliz...

– Não [[se]] vá ~~dar~~ [[meter em]] alguma [*rasurado*] conspiração, disse Lúcia / gracejando.

– Não, não te assustes. A coisa vai naturalmente, / não é preciso violências.

O Tibullo bateu à porta e Quaresma foi / abri-la. Ele entrou com o seu longo e rabudo fraque de sarja,

Folha 032 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~1~~[[3]]1

~~a sua [*ilegível*]~~ e o seu violão encapotado em camurça.

– ~~Minha afilhada, Tibullo~~. Quaresma fez as apresentações.

– Já o conhecia de nome, Sr. Tibullo, fez a moça.

Tibullo encheu-se de um estranho contentamento. / A sua fisionomia minguada dilatou-se ao brilho ~~fixo~~ [[satisfeito]] / do ~~seu~~ olhar. Aquela moça que parecia rica, fina e bela / ~~o~~ conhecia-o – era uma satisfação. Ele, [*ilegível*], tão parvo, [*rasurado*] tão / ~~do violão~~ [[atrapalhado]], quando se encontrava diante das moças, fossem / de condição fina, animava-se, soltava a língua e falava [[muito]].

– Leu então os meus versos, não é minha senhora? perguntou / ele.

– Não tive [*rasurado*] esse prazer, mas li há dias uma / apreciação sobre um trabalho seu.

– No "Tempo", não foi?

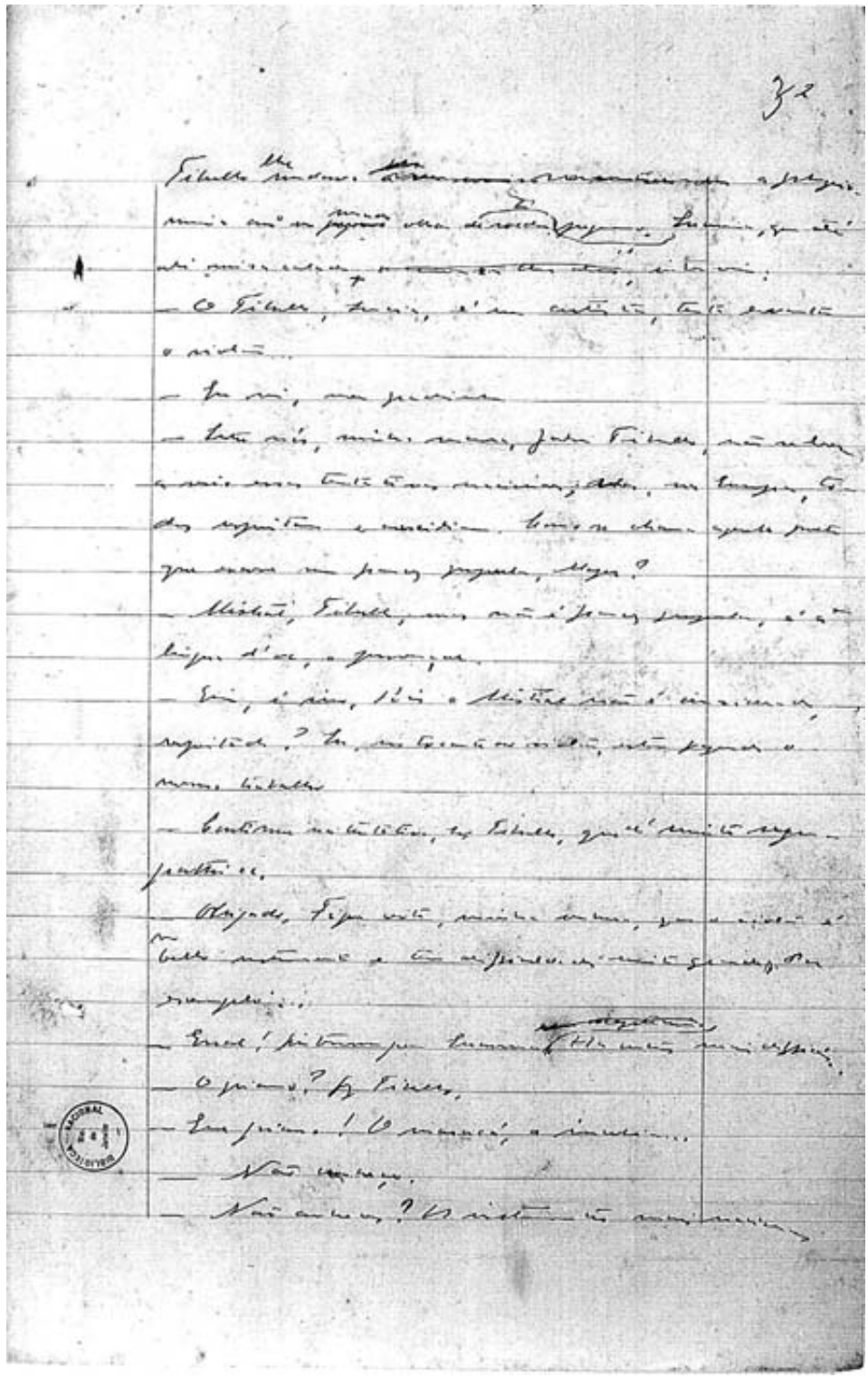
– Foi.

– Muito injusta! Todos ~~eles~~ [[os críticos]] se atêm ~~com a~~ [[a essa]] questão / de metrificação. Dizem que os meus versos não são / versos... São, [[sim,]] mas são versos ~~de~~ [[para]] violão. V. Exª. sabe / que os versos para música têm alguma diferença dos / versos comuns, não há, portanto, nada ~~que~~ [[a]] admirar / que os meus, feitos para violão, sigam outra métrica / e outro ritmo, não acha?

– Decerto. ~~Existe~~ [[Mas]] parece[[-me]] que o Sr. faz versos para a música e / não música para os versos.

E ela sorriu devagar, enigmaticamente, enquanto

Folha 033 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~1~~[[3]]2

Tibullo [[lhe]] sondava ~~[*ilegível*]~~ a fisio-/nomia com o seus ~~pequenos~~ [[miúdos]] olhos de roedor pequeno[42]. Quaresma, que até / ali estava calado~~,~~ [*rasurado*] ~~dos dous~~, interveio:

– O Tibullo, Lúcia, é um artista, tenta levantar / o violão...

– Eu sei, meu padrinho.

– Entre nós, minha senhora, falou Tibullo, não se levam / a sério essas tentativas nacionais; mas, na Europa, to-/dos respeitam e auxiliam. Como se chama aquele poeta / que escreveu em francês popular, Major?

– Mistral, Tibullo; mas não é francês popular; é a / langue d'oc, o provençal.

– Sim, é sim. Pois o Mistral não é considerado, / respeitado? Eu, no tocante ao violão, estou fazendo o / mesmo trabalho.

– Continue na tentativa, Sr. Tibullo, que é muito sim-/pática.

– Obrigado. Fique certa, minha senhora, que o violão é / [[um]] belo instrumento e tem dificuldades muito grandes. Por / exemplo...

Qual! Interroumpeu Quaresma [[[*rasurado*]]]. Há outros mais difíceis...

– O piano? fez Tibullo.

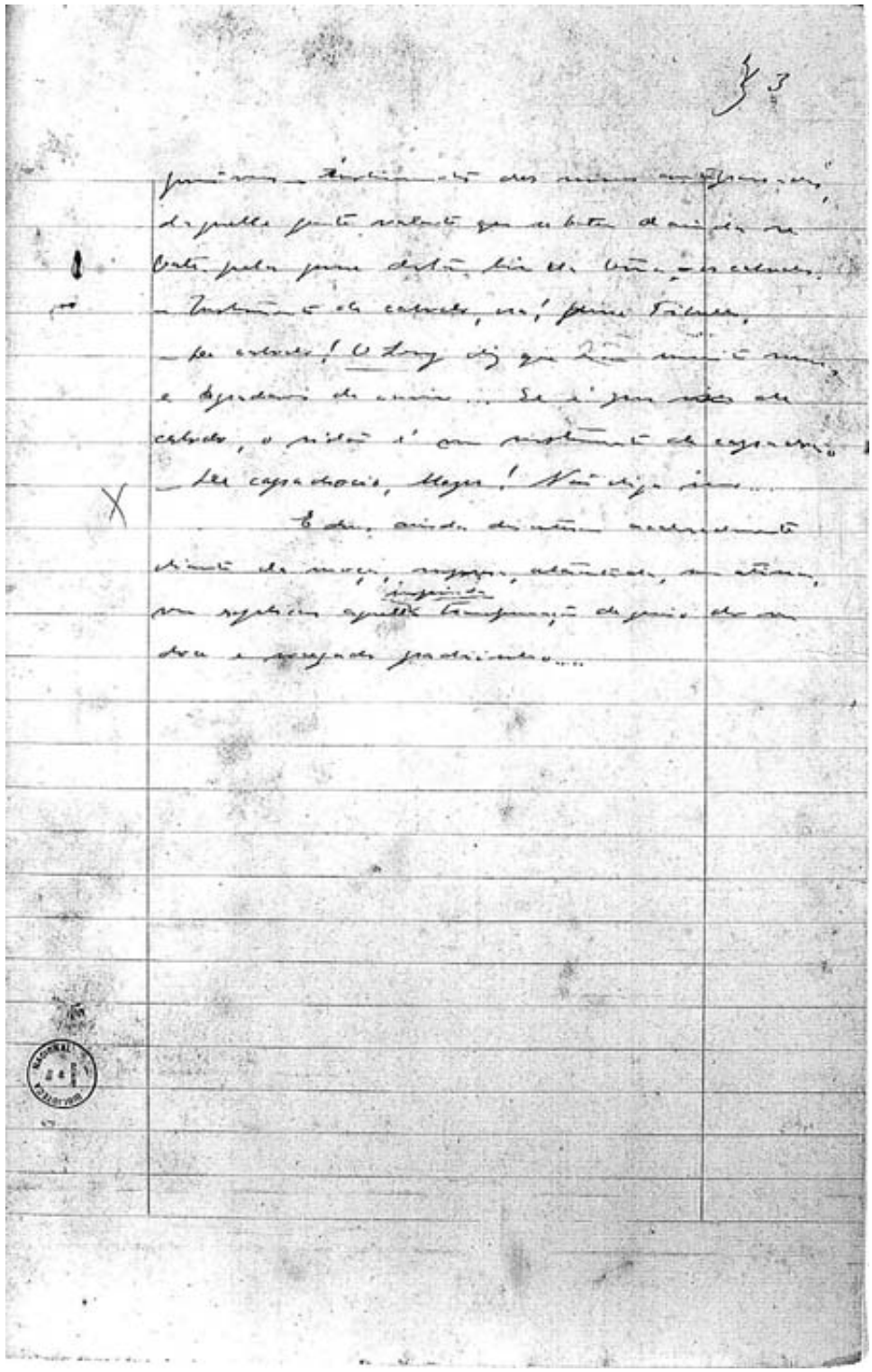
– Que piano! O maracá, a inúbia...

– Não conheço.

– Não conheces? Os instrumentos mais nacionais

Folha 034 (frente).

[42] Um sinal gráfico altera a ordem das palavras para "de pequeno roedor".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~1~~[[3]]3

possíveis – instrumentos dos nossos antepassados, / daquela gente valente que se bateu e ainda se / bate pela posse desta linda terra – os caboclos!

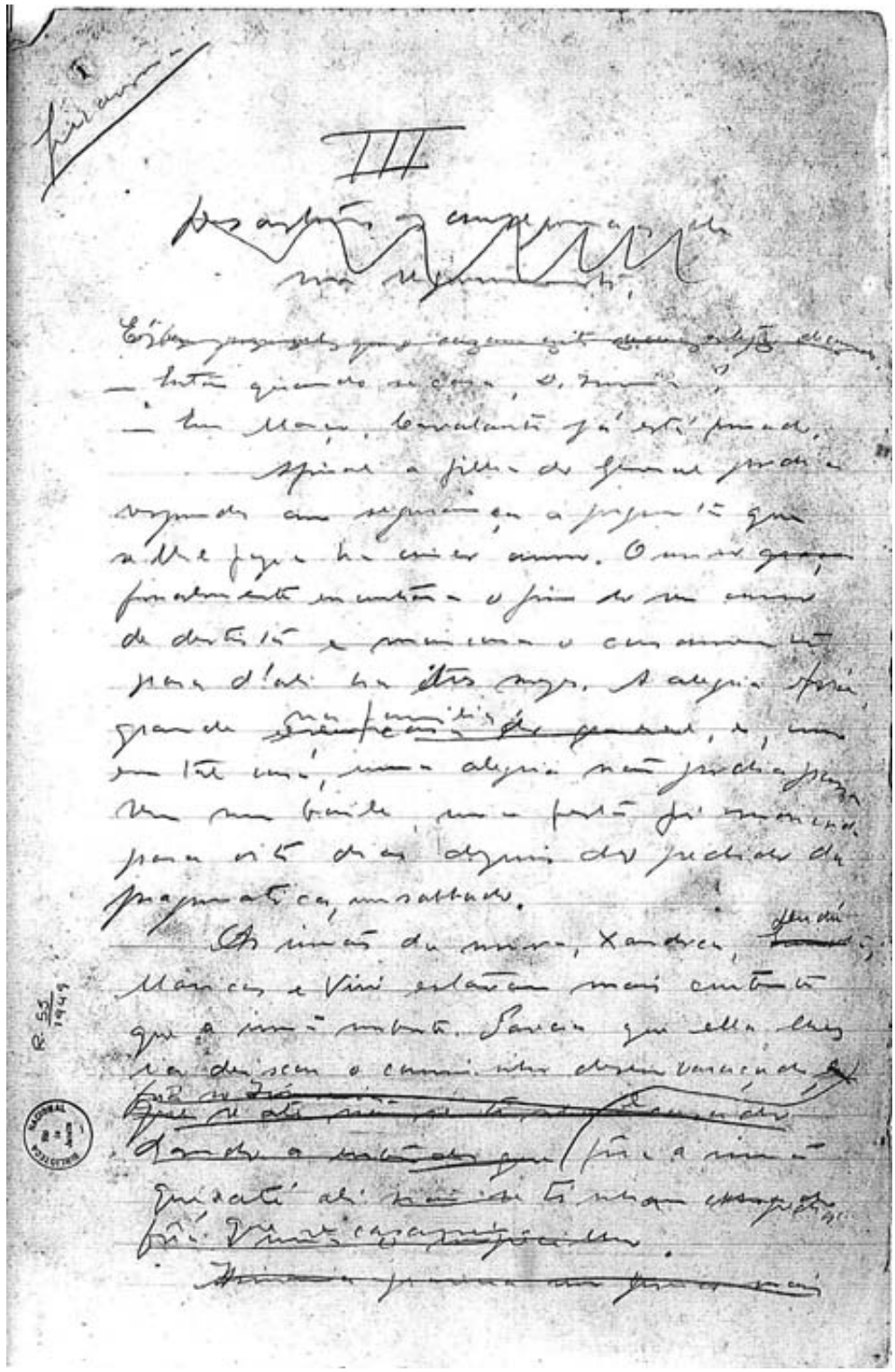
– Instrumento de caboclo, ora! disse Tibullo.

– De caboclo! O Léry diz que ~~eram~~ [[são]] muito sonoros / e agradáveis de ouvir... Se é por ~~isso~~ [[ser]] de / caboclo, o violão é um instrumento de capadócio.

– De capadócio, Major! Não diga isso...

E dous ainda discutiram acaloradamente / diante da moça, surpresa, atarantada, sem atinar, / sem explicar aquela [[inopinada]] transformação de gênio do seu / doce e sossegado padrinho...

Folha 035 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Quaresma

III

~~Desastrosas consequências de um requerimento~~

~~É bem razoável que o~~ [*termos rasurados*]~~.~~

– Então quando se casa, D. Ismenia?

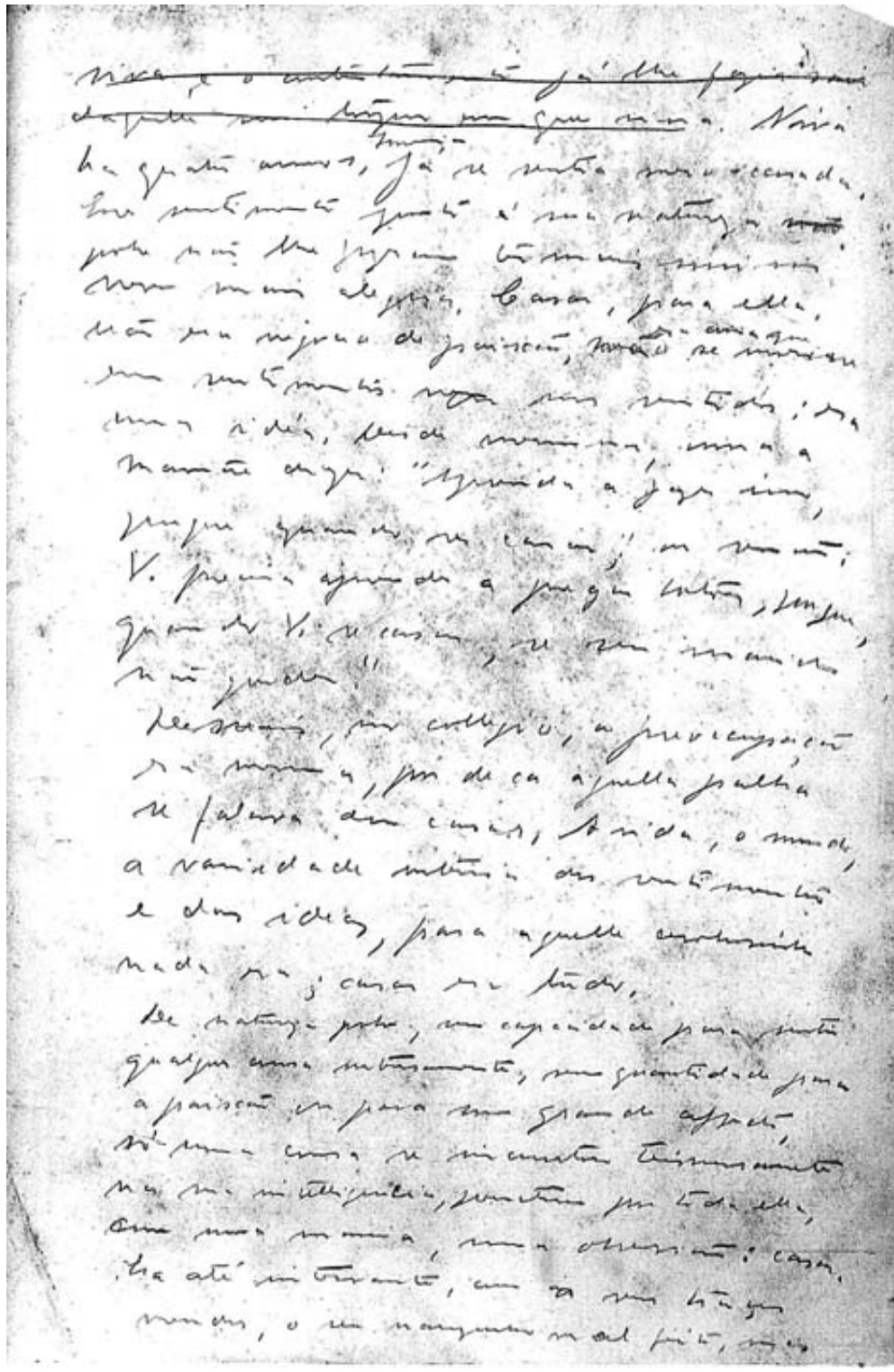
– Em Março. Cavalcanti já está formado.

Afinal a filha do general podia / responder com segurança à pergunta que / se lhe fazia há cinco anos. O noivo ~~graças~~ / finalmente encontrara o fim do seu curso / de dentista e marcara o casamento / para dali a três meses. A alegria ~~era~~ [[foi]] / grande ~~e~~ [*rasurado*] ~~casa do general~~ [[na família]], e, como / em tal caso, uma alegria não podia passar / sem um baile, uma festa foi anunciada / para oito dias depois do pedido da / pragmática, um sábado.

~~O~~ [[As]] irmãs da noiva, Xandoca, [*rasurado*] [[Dudu]], / Maricas e Vivi estavam mais contentes / que a irmã nubente. Parecia que ela lhes / ia deixar o caminho desembaraçado, e / [[~~fôra só Ismenia~~]] ~~que se até não se tinham~~ [[~~e~~]] ~~casado / dando a entender que~~ fôra a irmã / quem até ali ~~não se~~ tinh~~am~~[[a]] ~~casado~~ [[impedido]] / ~~fôra um impecilho.~~ [[que se casassem.]]

~~Ismenia parecia um pouco mais~~

Folha 036 (frente).



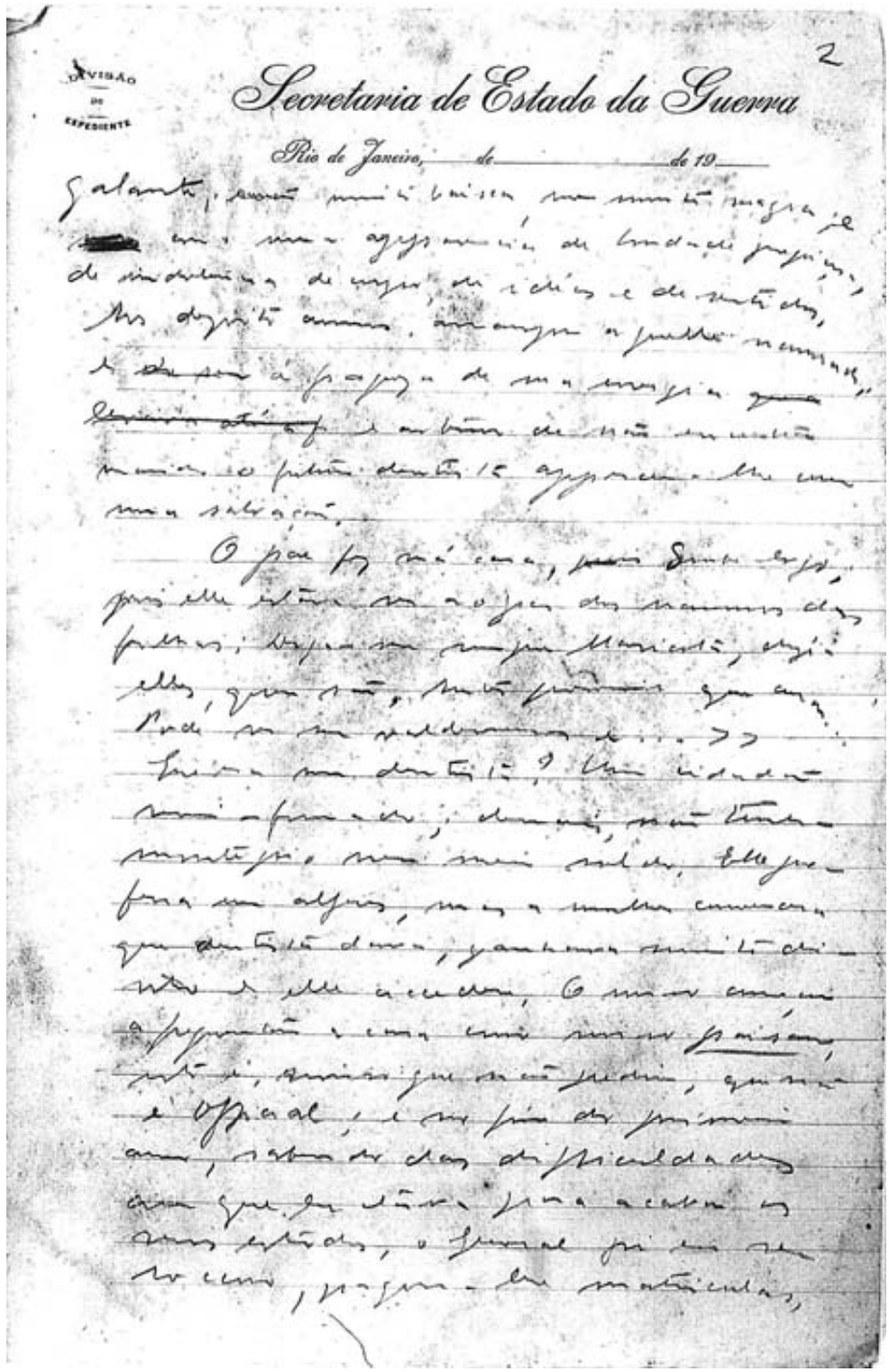
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~noiva, e o contentamento já lhe fazia sair / daquele seu torpor em que vivia~~. Noiva / há quatro anos, [[Ismenia]] já se sentia meio casada. / Esse sentimento junto à sua natureza ~~não~~ / pobre não lhe faziam ter mais [*ilegível*] / nem mais alegria. Casar, para ela, / não era negócio de paixão, ~~mas~~ [[não era cousa que]] se inseria / em sentimento ~~nem~~ [[ou]] em sentidos; era / uma idéia. Desde menina, ouvia a / mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, / porque quando se casar"; ou senão: / V. precisa aprender a pregar botões, porque, / quando V. se casar, se seu marido / não puder."

De mais, no colégio, a preocupação / era mesma, pois de cá àquela palha / se falava de casar. Ainda, o mundo, / a sociedade inteira dos sentimentos / e das idéias, para aquele cerebrozinho / nada era; casar era tudo.

De natureza pobre, sem capacidade para sentir / qualquer coisa intensamente, sem quantidade para / a paixão ou para um grande afeto, / só uma coisa se incrustou teimosamente / na sua inteligência, pontuou por toda ela, / como uma mania, uma obsessão: casar. / Era até instigante, com os seus traços / miúdos, o seu narizinho mal feito, mas

Folha 036 (verso).

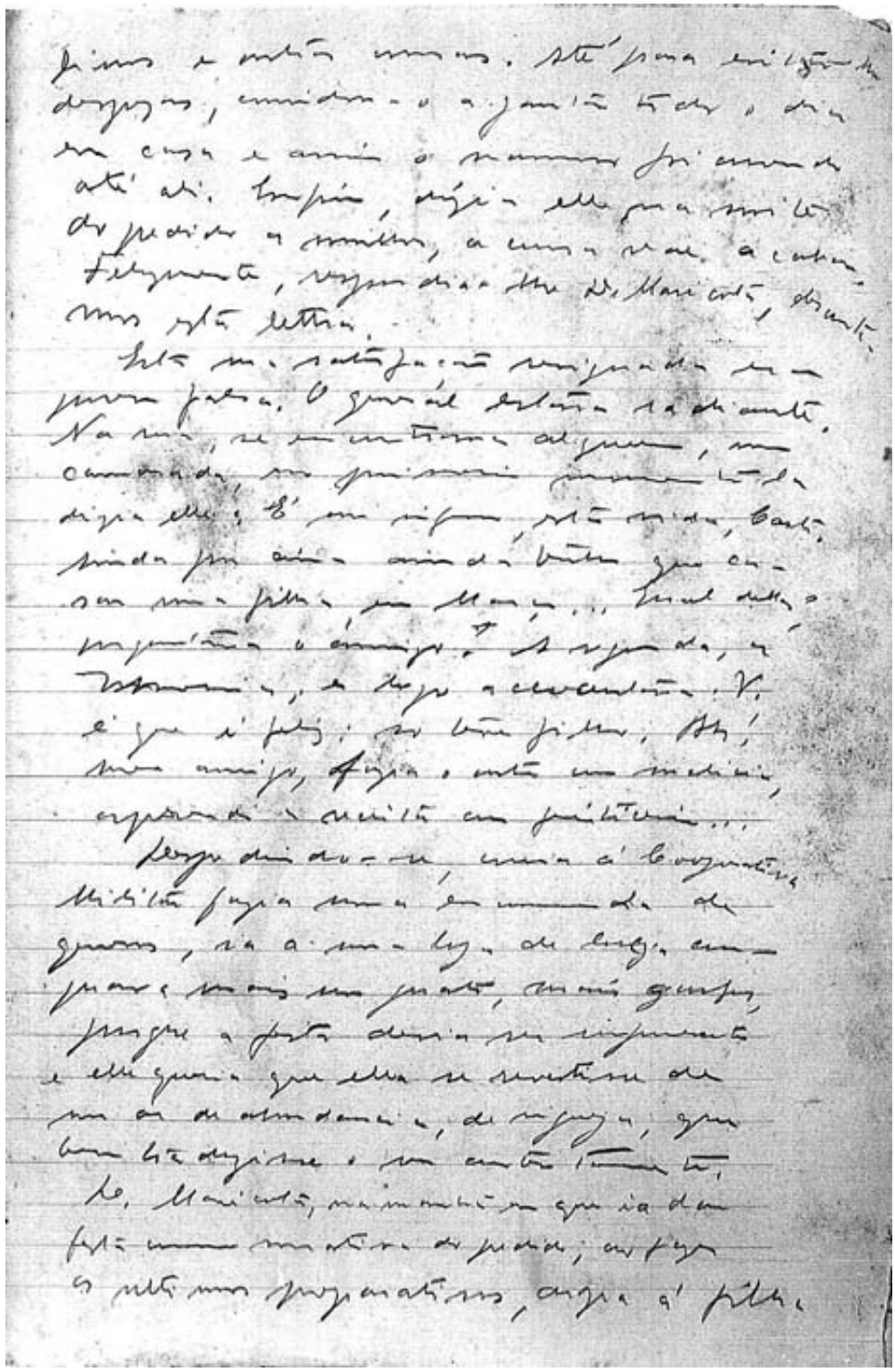


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

galante, não muito baixa, nem muito magra; e / ~~sua~~ com sua aparência de bondade preguiçosa, / de indolência de corpo, de idéia e de sentidos. / Aos dezoito anos arranjou aquele namorado, / e ~~de seu~~ à fraqueza de sua energia ~~que / levava até a fi~~ e ao temor de não encontrar / marido o futuro dentista apareceu-lhe como / uma salvação.

O pai fez má cara, ~~pois s~~[[S]]oube logo, / pois ele estava sempre ao par dos namoros das / filhas: Diga-me sempre Maricota, dizia / eles, quem são, [*ilegível*] quem amam... / Pode ser um valdevinos e...” / Que era um dentista? Um cidadão / semiformado; demais, não tinha / montepio, nem meio soldo. Ele pre-/feria um alferes, mas a mulher convencera / que dentista dava, ganhava muito di-/nheiro e ele acedeu. O noivo começou / a frequentar a casa como noivo paisano, / isto é, ainda que não pediu, que não / é oficial; e no fim do primeiro / ano, sabendo das dificuldades / com que lutava para acabar os / seus estudos, o General foi em seu / socorro, pagou-lhe matrículas,

Folha 037 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

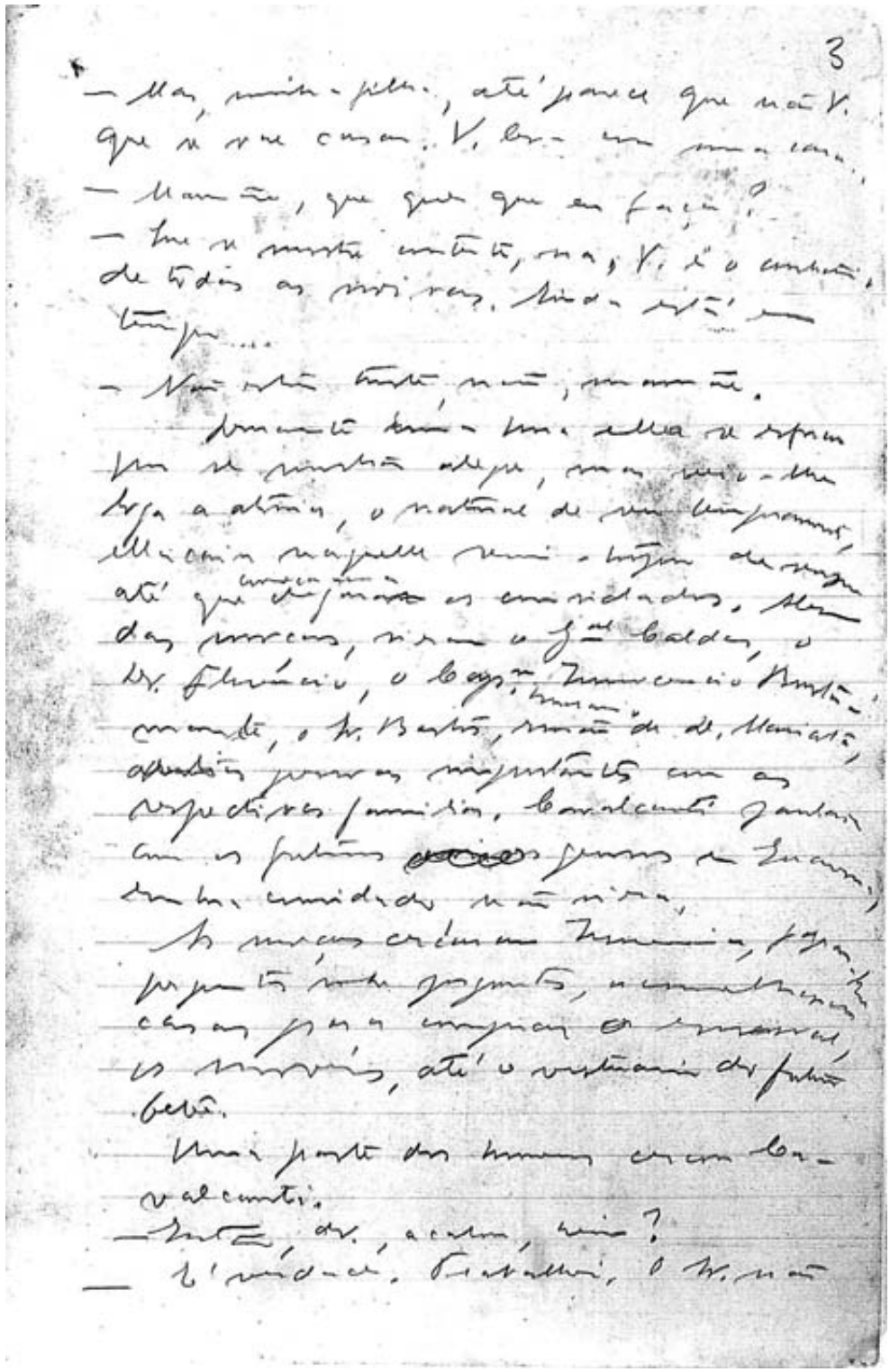
livros e outras coisas. Até para evitar-lhe / despesas, convidou-o a jantar todo o dia / em casa e assim o namoro foi correndo / até ali. Enfim, dizia ele na noite / do pedido à mulher, a coisa vai acabar. / Felizmente, respondia-lhe D. Maricota,desconta-/mos esta letra.

Esta sua satisfação resignada era / porém, falsa. O general estava radiante. / Na rua, se encontrava alguém, um / camarada, no primeiro momento lá / dizia ele: É um inferno, esta vida, Castro. / Ainda por cima ainda tenho que ca-/sar uma filha, em Março... Qual delas? / perguntava o amigo~~?~~. A segunda, a / Ismenia; e logo acrescentava. V. / é que é feliz: só teve filhos. Ah! / meu amigo, fazia o outro com malícia, / aprendi a receita com feiticeira...

Despedindo-se, corria à Cooperativa / Militar fazia uma encomenda de / [*ilegível*], ia a uma loja de louça, com-/prava mais um prato, mais garfos, / porque a festa devia ser imponente / e ele queria que ela se revestisse de / um ar de abundância, de riqueza, que / bem traduzisse o seu contentamento.

D. Maricota, na manhã em que ia dar / festa comemorativa do pedido, ao fazer / os últimos preparativos, dizia à filha

Folha 037 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Mas, minha filha, até parece que não V. / que se vai casar! V. leva com uma cara...

– Mamãe, que quer que eu faça?

– Que se mostre contente, ora. V. é o contrário / de todas as noivas. Ainda está em tempo...

– Não estou triste, não, mamãe.

Durante uma hora ela se esforçou / por se mostrar alegre, mas veio-lhe / logo a [*ilegível*], o natural de seu temperamento, / ela caía naquele semi-torpor de sempre / até que [[começaram a]] chega~~ram~~[[r]] os convidados. Além / das moças, vieram o G$^{\underline{al}}$ Caldas, o / Dr. Florêncio, o Cap$^{\underline{ão}}$ [[honorário]] Innocencio Busta-/mante, o Sr. Bastos, irmão de Dona Maricota, / [*rasurado*] [[outras]] pessoas importantes com as / respectivas famílias. Cavalcanti jantara / com os futuros [*rasurado*] genros e Quaresma, / embora convidado, não viera.

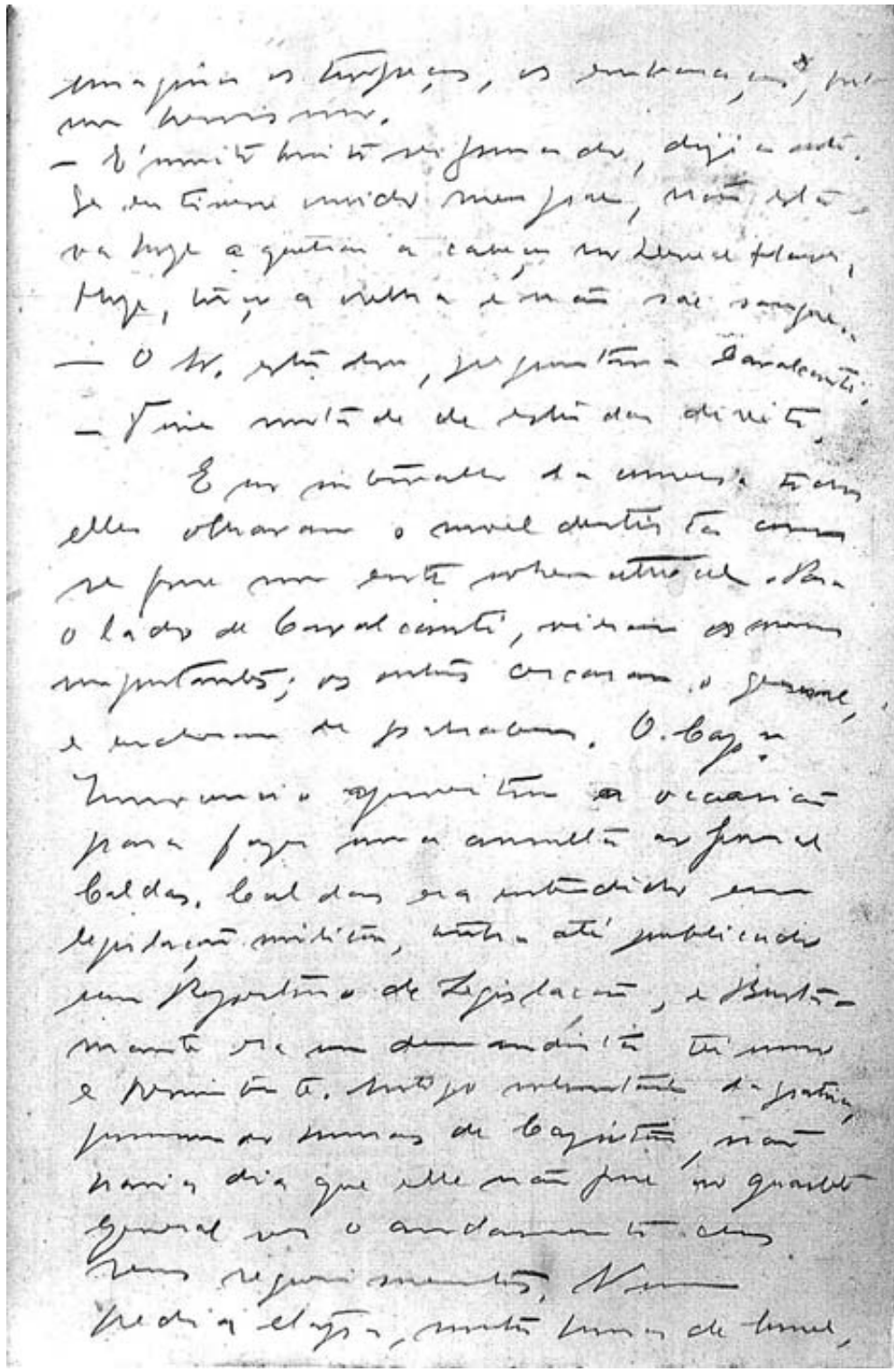
As moças cercavam Ismenia, faziam-lhe / perguntas sobre perguntas, aconselhavam / casas para comprar o enxoval, / os móveis, até o vestuário do futuro / bebê.

Uma parte dos homens cercava Ca-/valcânti.

– Então, dr., acabou, hein?

– É verdade! Trabalhei, o Sr. não

Folha 038 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

imagina os tropeços, os embaraços, fui / um heroísmo.

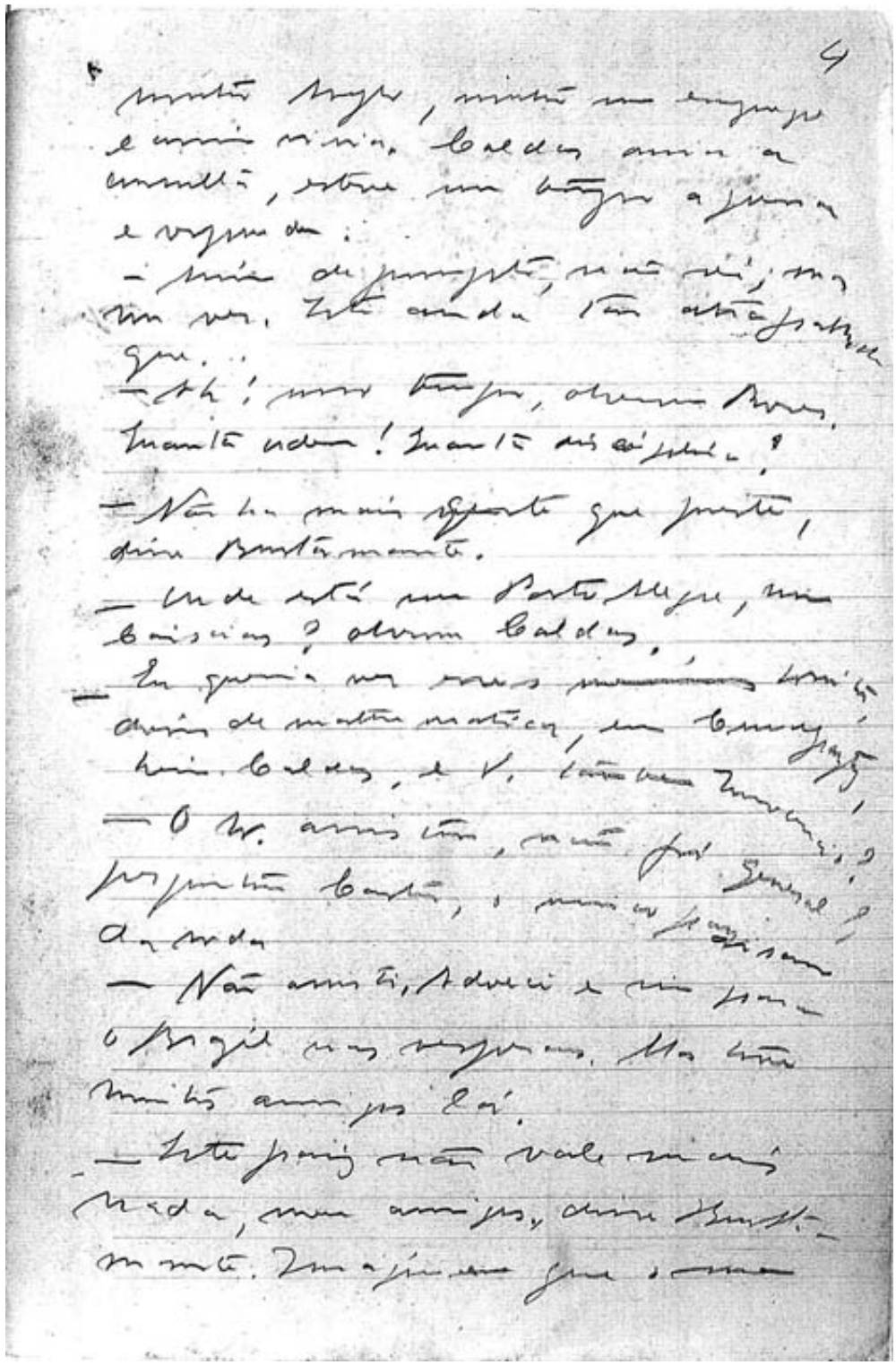
– É muito bonito ser formado, dizia este. / Se eu tivesse ouvido meu pai, não esta-/va hoje a quebrar a cabeça no Deve e Haver. / Hoje, torço a orelha e não sai sangue...

– O Sr. estudou, perguntava Cavalcanti.

– Tinha vontade de estudar direito.

E nos intervalos da conversa todos / eles olhavam o novel dentista como / se fosse um ente sobrenatural. Para o lado de Cavalcanti vinham os menos / importantes; os outros cercavam o general, / e enchiam de parabéns. O Capão / Innocencio aproveitou a ocasião / para fazer uma consulta ao General / Caldas. Caldas era entendido em / legislação militar, tendo até publicado / um Repertório de Legislação, e Busta-/mante era um demandista teimoso / e renitente. Antigo voluntário da pátria, / possuindo honras de Capitão, não / havia dia que ele não fosse ao quartel-/general ver o andamento dos / seus requerimento. Num / pedia etapa, noutro honras de Corone,

Folha 038 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

noutro Asilo, noutro um emprego / e assim vivia. Caldas ouviu a / consulta, esteve um tempo a pensar / e respondeu:

– Assim de pronto, não sei; mas / vou ver. Isto anda tão atrapalhado / que...

– Ah! nosso tempo, observou Breves. / Quanta ordem! Quanta disciplina!

– Não há mais ~~nin~~ [[gente]] que preste, / disse Bustamante.

– Onde está um Porto Alegre, um / Caxias? observou Caldas.

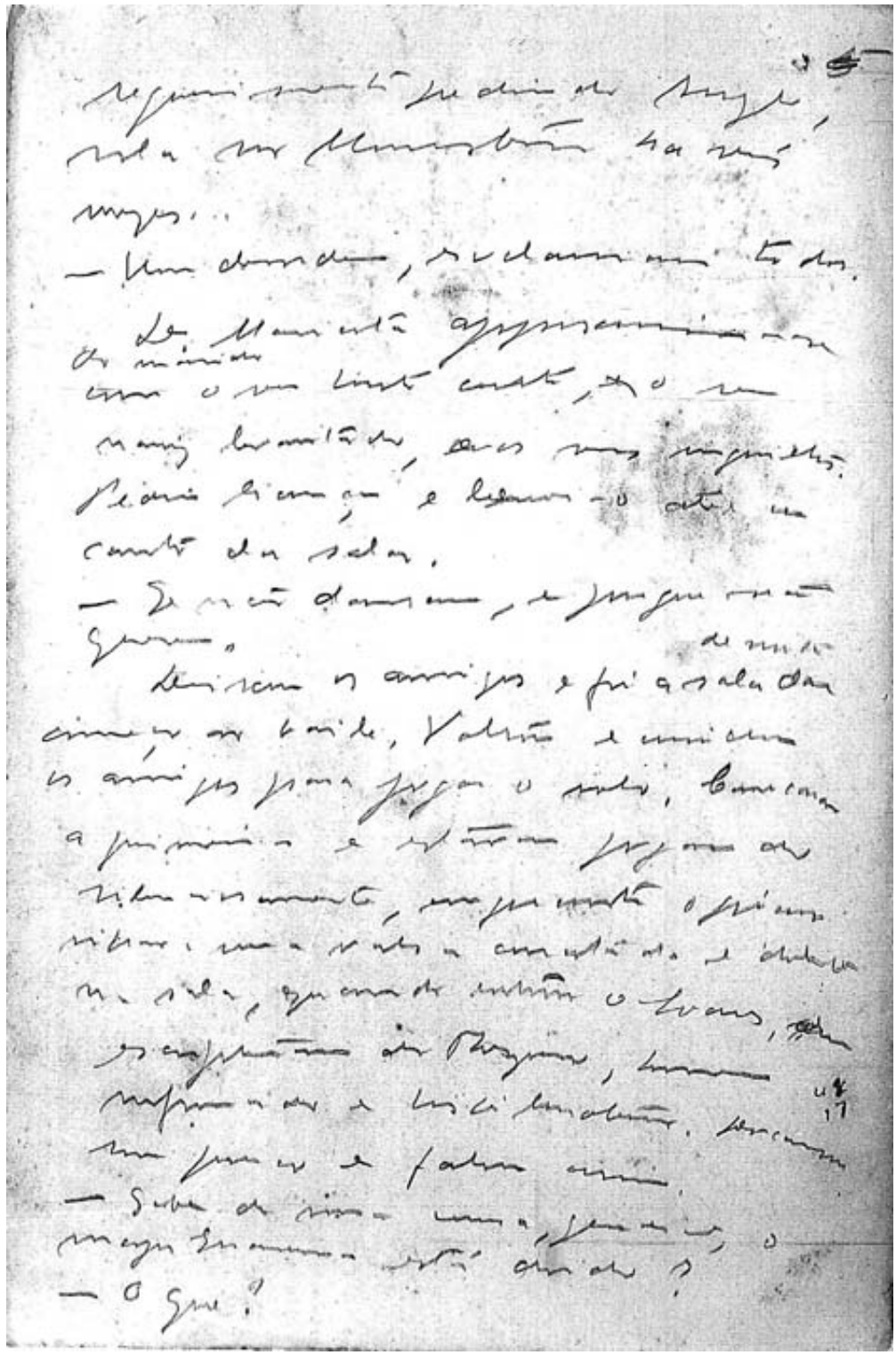
– Eu queria ver esses meninos bonitos, / cheios de matemática, em Curupaiti, / hein Caldas, e V. também Innocencio?

– O Sr. assistiu, não foi, general? / perguntou Castro, o único paisano / da roda

– Não assisti. Adoeci e vim para / o Brasil nas vésperas. Mas tive / muitos amigos lá.

– Este país não vale mais / nada, meus amigos, disse Busta-/mante. Imaginem que o meu

Folha 039 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~5~~

requerimento pedindo Asilo, / está no Ministério há seis / meses...

– Uma desordem, exclamaram todos.

D. Maricota aproximou-se / [[do marido]] com o seu busto curto, ~~e~~ o seu / nariz levantado, [*ilegível*] seus [*ilegível*]. / Pediu licença e levou-o até um / canto da sala.

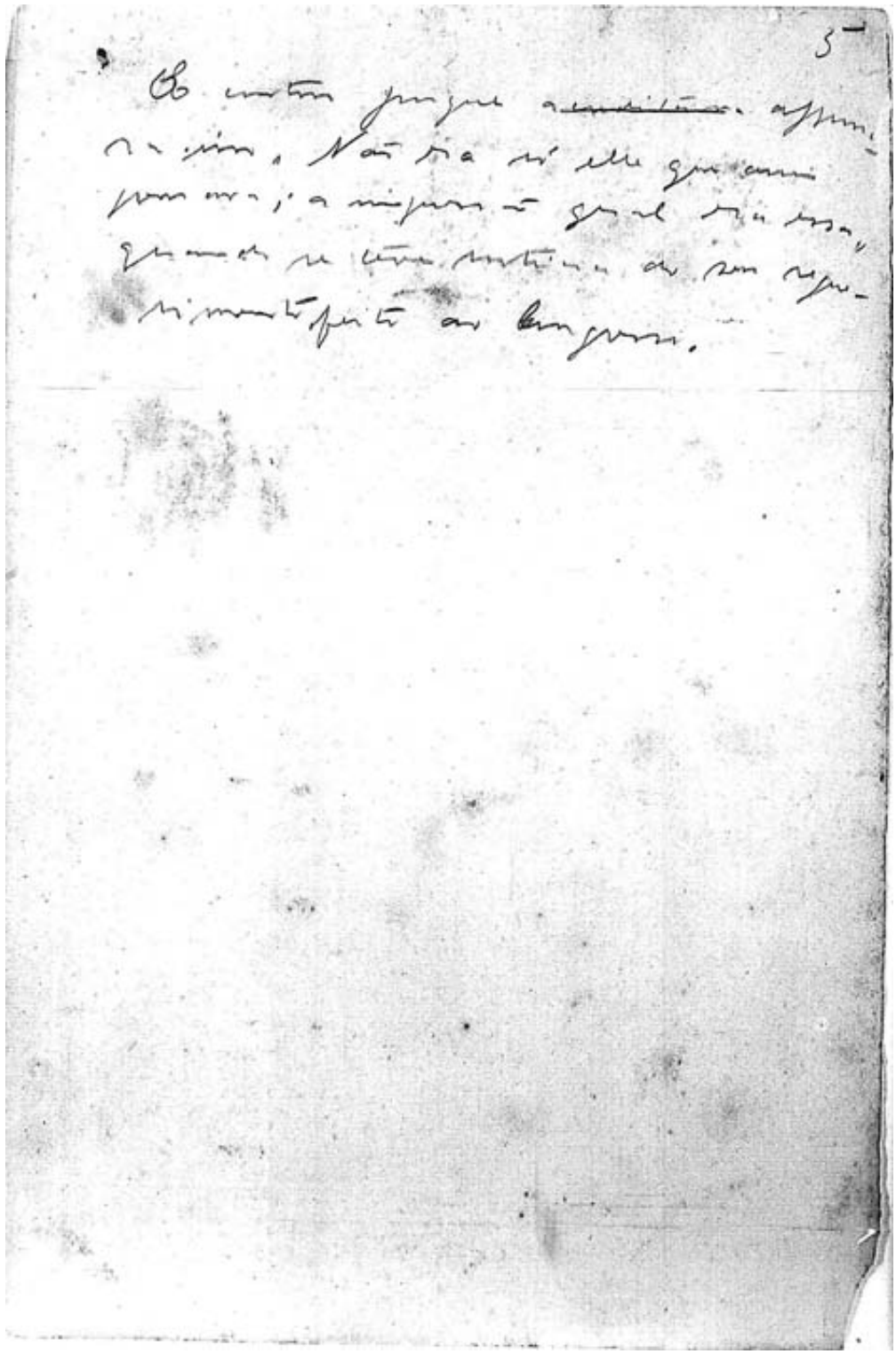
– Se não dançam, é porque não / querem.

Deixou os amigos e foi à sala [[de visita]] dar / começo ao baile. Voltou e convidou / os amigos para jogar o solo. Começaram / a primeira e estavam jogando / silenciosamente, enquanto o piano / vibrava uma valsa cantada e [*ilegível*] / na sala, quando entrou o Evans, o [[um]] / escriturário de Búzios, homem / refinado e [*ilegível*]. Descansou / sua perna e falou assim.

– Sabe de uma cousa, general, o / major Quaresma está doido?

– O quê?

Folha 039 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

5

Só contou porque ~~acreditava~~ afirma-/va isso. Não era só ele que assim / pensava; a impressão geral era essa, / quando se teve notícia do seu reque-/rimento feito ao Congresso.

Folha 040 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Quaresma 43 III [[IV]] ~~1~~[[34]]

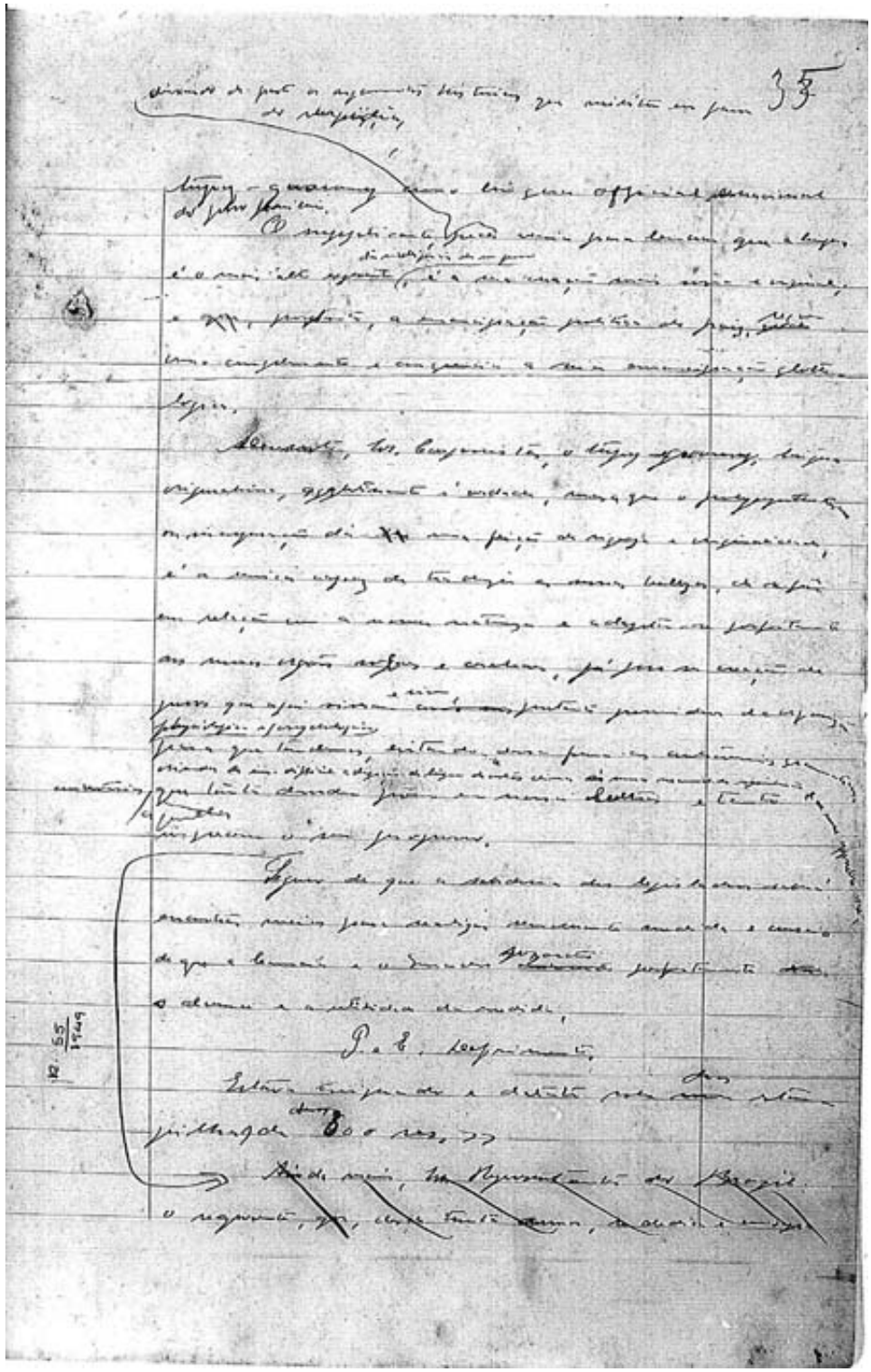
Desastrosas consequências de um requerimento
[*rasurado*] ~~e desgraças~~

Ao abrir-se a sessão da Câmara daquele dia[43], / a mesa teve que proceder à leitura de um requerimento extra-/vagante. O burburinho e a desordem que caracterizam o reco-/lhimento indispensável ao [[elevado]] trabalho de legislar, não per-/mitiram que ~~a maioria dos~~ [[os]] deputados o ouvissem; os jorna-/listas, porém, que estavam ~~bem~~ próximos à mesa, ao ouvi-lo, / prorromperam em gargalhadas, certamente inconvenientes {{[*rasurado*] à majestade [[do]] augusta ~~do~~ lugar}}. A sessão / careceu de importância e por isso as seções dos jornais / referentes à Câmara [*rasurado*] publicaram o requerimento e glosaram-/na em todos os tons. Era assim concebida a petição:

[*borrão*] Polycarpo Quaresma, cidadão brasileiro, / [*borrão*] língua portuguesa é em-/ [*borrão*] por esse fato, as / [*ilegível*] as falam [*borrão*] entre as letras / se vêem na [*borrão*] proprietários / da língua, sabendo [*borrão*] de meu país, os / autores e es[*borrão*] à [*rasurado*] [[consisão]] / gramatical, vendo [*borrão*] agudos problemas / entre os mais [*ilegível*] [*borrão*] de nossa estrutura, / usando do direito que lhe confere a Constituição, / vem pedir ao Congresso Nacional decrete o

Folha 041 (frente).

[43] Um traço indica a alteração da ordem das palavras para "daquele dia da Câmara".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~2~~[[35]]

tupi-guarani, como língua oficial {{e nacional / do povo brasileiro.}}

O suplicante, {{deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor / de sua idéia,}}[44] pede vênia para lembrar que a língua / é o mais alto expoente [[da inteligência de um povo]], é a sua criação mais viva e original; / e ~~que~~, portanto, a emancipação política do país ~~pede~~ [[requer]] / como complemento e consequência a sua emancipação gloto-/lógica.

~~Decerto~~, Sr. Congressistas, o tupi-guarani, língua / originalíssima, aglutinante é verdade, mas a que o polissintetismo / ou [*ilegível*] dá~~-lhe~~ uma feição de riqueza e originalidade, / é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de se pôr / em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente / aos nossos órgãos vo~~g~~[[c]]ais e cerebrais, já por ser criação de / povos que aqui viviam]]e vivem,]] ~~como nós~~ portanto possuidores da organização / [[fisiológica e psicológica]] para que tendemos, evitando[[-se]] dessa forma as controvérsias gramaticais, {{oriundas de uma difícil adaptação da língua de outros climas às nossas [*termos ilegíveis*] e ao nosso aparelho vocal,}} / [[controvérsias aquelas]] que tantas dúvidas põem em nossas letras e tanto / empecem o seu progresso.

{{~~Ainda mais, Srs. Representantes do Brasil, / o requerente, que, desde trinta anos, se dedica e~~ [*rasurado*]}}

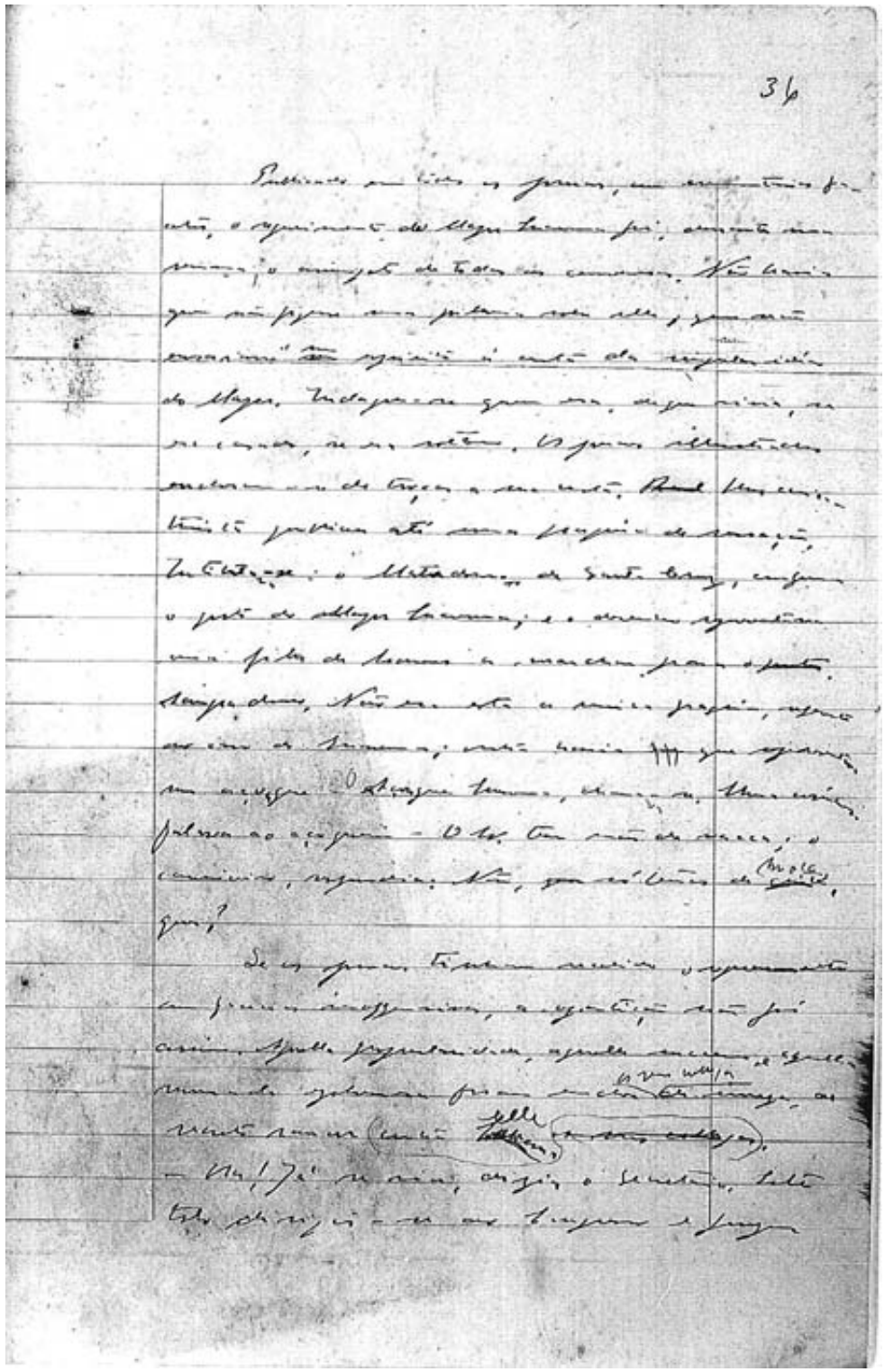
Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá / encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio / de que a Câmara e o Senado ~~saberão~~ [[pesarão]] perfeitamente ~~dar~~ / o alcance e a utilidade da medida,

P. e E. Deferimento.

Estava assinado e datado sobre ~~uma~~ [[duas]] estam-/pilha[[s]] de [[[*rasurado*]]] ~~6~~[[3]]00 réis."

Folha 042 (frente).

[44] O trecho entre chaves duplas está manuscrito no topo da página, ligado a este ponto por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

3[[6]]

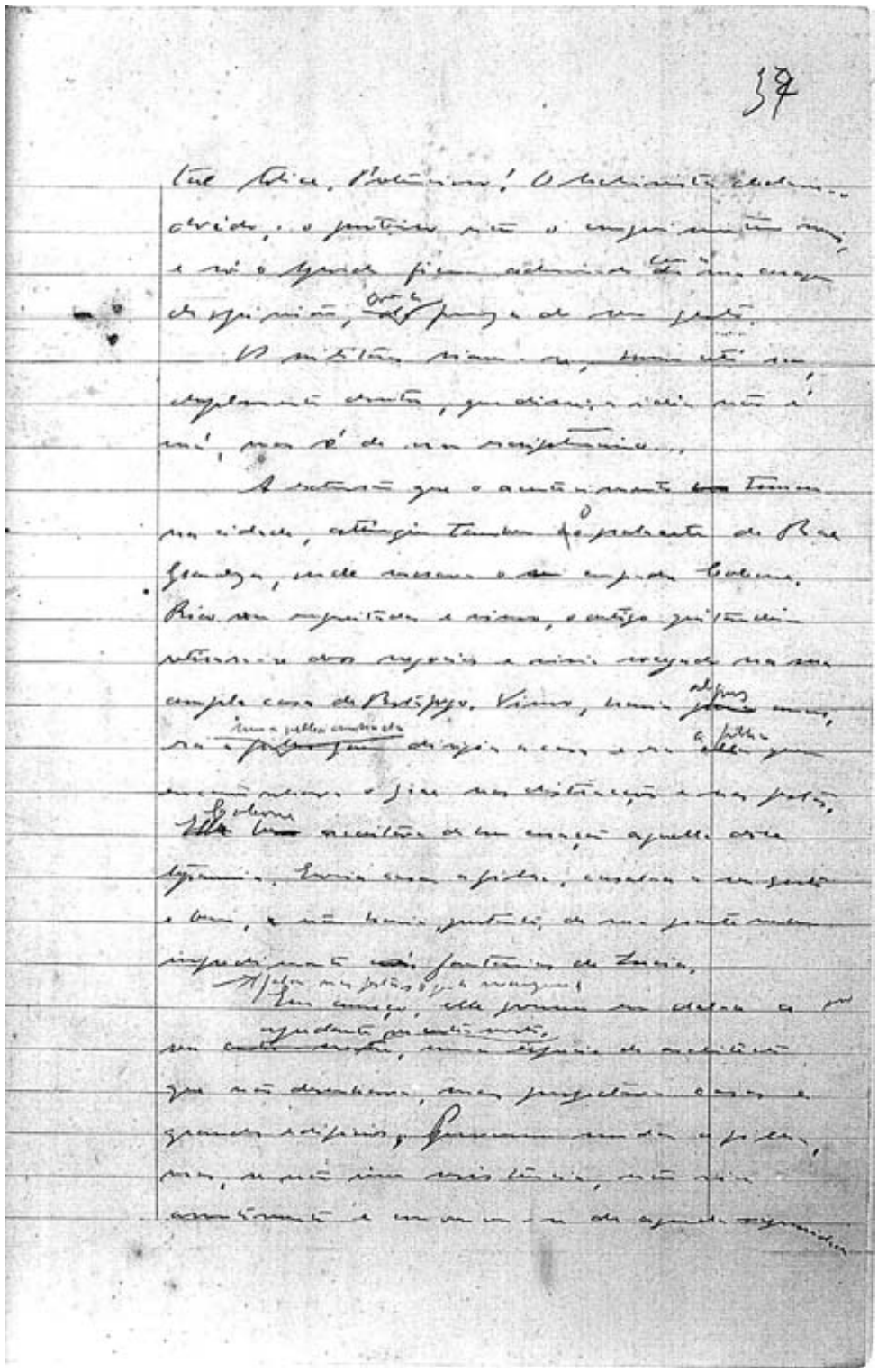
Publicado em todos os jornais, com comentários fa-/cetos, o requerimento do Major Quaresma foi, durante uma / semana, o assunto de todas as conversas. Não havia / quem não fizesse uma pilhéria sobre ele, quem não / ensaiasse ~~seu~~ [[um]] espírito à custa da singela idéia / do Major. Indagou-se quem era, de que vivia, se / era casado, se era solteiro. Os jornais ilustrados / encheram-se de troças à sua custa. ~~Raul~~ Um carica-/turista publicou até uma página de sensação. / Intitula[[va]]-se: o Matadouro de Santa Cruz, conforme / o gesto do Major Quaresma", e o desenho representava / uma fila de homens a marchar para o ~~portão.~~ / sangradouro. Não era esta a única página, referente / ao caso do Quaresma; noutra havia ~~um~~ que apresentava / um açougue – [[O]] ~~A~~[[a]]çougue Quaresma, chama[[va]]-se. Uma cozinheira / falava ao açougueiro – O Sr. tem mão de vaca; o / carniceiro respondia: – Não, ~~que~~ só temos de ~~gente~~ [[moça]], / quer?

Se os jornais tinham recebido o requerimento / com facécias inofensivas, a repartição não foi / assim. Aquela popularidade, aquele sucesso e aquela / nomeada efêmera foram encher [[os seus colegas]] de inveja, ou / secreto rancor contra ~~Quaresma~~ [[ele]] ~~de seus colegas~~[45].

– Rá! Já se viu! dizia o secretário. Este / tolo dirigir-se ao Congresso e propor

Folha 043 (frente).

[45] Um traço indica a alteração dos termos para "~~de seus colegas~~ contra ~~Quaresma~~ [[ele]]".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~4~~[[37]]

tal tolice. Pretensioso! O arquivista declarou-o / doido; o porteiro não o cumprimentava mais, / e só o Agenor ficou admirado da [[com a]] sua coragem / de opinião, ~~da~~ [[com a]] firmeza do seu gesto.

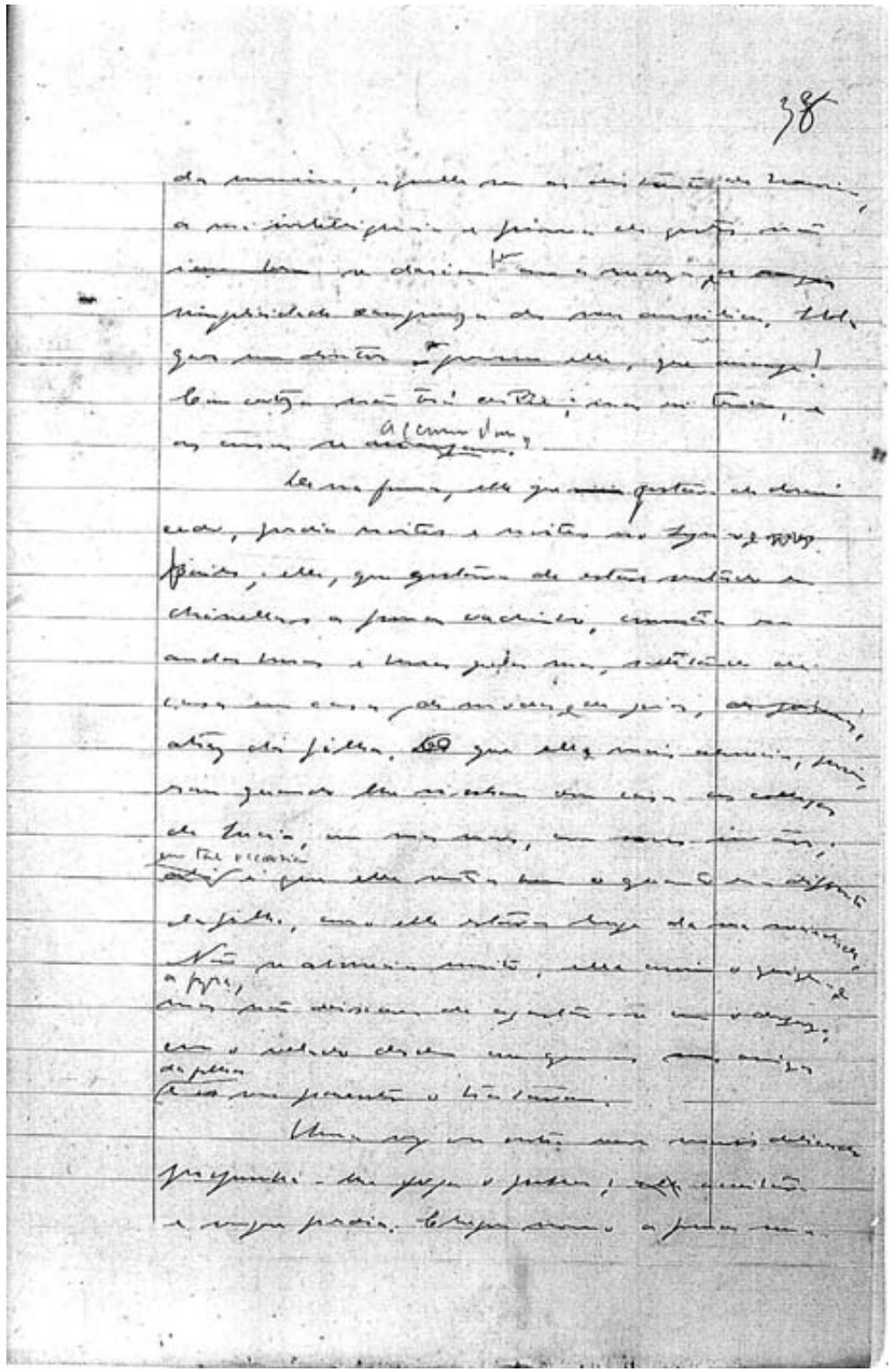
Os militares riram-se; houve até um / diplomata doutor, que disse: a idéia não é / má, mas é de um escriturário...

A extensão que o acontecimento [*rasurado*] tomou / na cidade, atingiu também ~~ao~~ [[o]] palacete de Real / Grandeza, onde morava o seu compadre Coleoni. / Rico sem empreitadas e viúvo, o antigo quitandeiro / retirara-se dos negócios e vivia sossegado na sua / ampla casa de Botafogo. Viúvo, havia ~~poucos~~ [[alguns]] anos, / era ~~a filha~~ [[uma velha cunhada]] quem dirigia a casa e era ~~ela~~ [[a filha]] quem / encaminhava o pai nas distrações e nas festas.

~~Ele levou~~ [[Coleoni]] aceitava de bom coração aquela doce / tirania. Queria casar a filha, casada a seu gôsto / e bem, ~~e~~ não havia, portanto, de sua parte nenhum / impedimento às fantasias de Lúcia. {{(falar nas festas [*termos ilegíveis*])}}

Em começo, ele pensou em dá-la a um / seu ~~contramestre~~ [[ajudante ou contramestre]], uma espécie de arquiteto / que não desenhava, mas projetava casas e / grandes edifícios~~,~~[[.]] ~~p~~[[P]]rimeiro sondou a filha, / mas, se não viu resistência, não viu / assentimento e convenceu-se de aquela vaporosidade

Folha 044 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

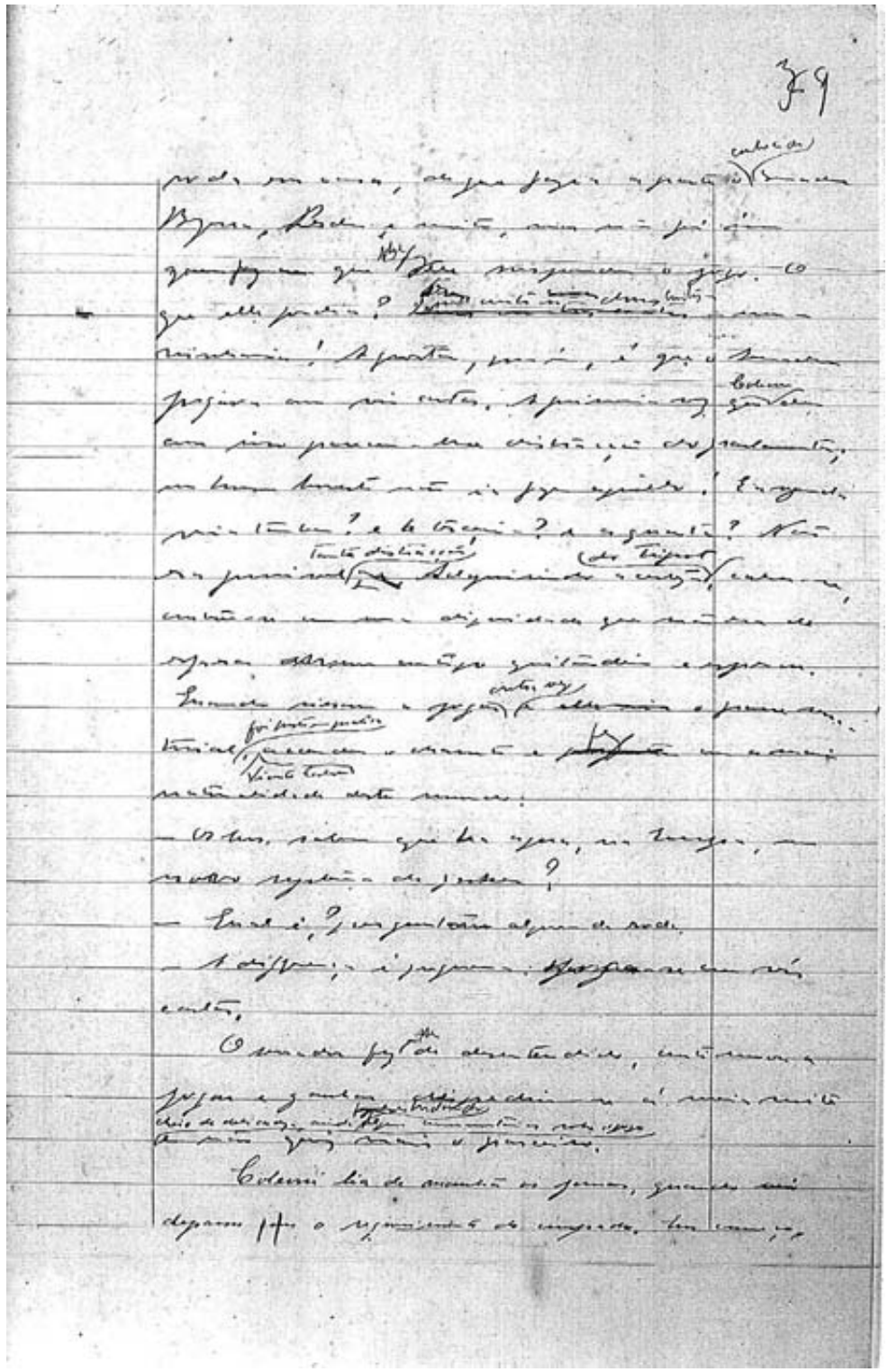
~~5~~[[38]]

da menina, aquele seu ar distante de heroína, / a sua inteligência e fineza de gestos não / ~~iam bem~~ se dariam [[bem]] com a rudeza, [[e]] a [*rasurado*] / simplicidade campônia de seu auxiliar. Ela / quer um doutor~~?~~ pensou ele, que arranje! / Com certeza, não terá ceitil; mas eu tenho, e / as coisas se ~~arranjam~~ [[acomodam]].

Dessa forma, ele que ~~vivia~~ gostava de dormir / cedo, perdia noites e noites no Lírico, e ~~nas~~ [[nos]] / ~~fe~~ [[bailes]]; ele, que gostava de estar sentado em / chinelas a fumar cachimbo, consentia em / andar horas e horas pelas ruas, saltitando de / casa em casa de modas, [[e]] de jóias, de ~~de~~, / atrás da filha. ~~De~~ [[O]] que ele mais aborrecia, porém, / eram quando lhe vinham em casa as colegas / de Lúcia, com suas mães, com suas irmãs; / aí [[em tal ocasião]] é que ele sentia bem o quanto era diferente / da filha, como ele estava longe da sua sociedade. / Não se aborrecia muito, ele assim o quisera [[e]] / [[a fizera]], mas não deixava de afastar-se com o desprezo, / com o velado desdém com que as ~~suas~~ amigas / [[da filha]] e os seus parentes o tratavam.

Uma vez ou outra um mais delicado / propunha-lhe jogar o poker; ~~ele~~ aceitava / e sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma

Folha 045 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~6~~[[39]]

roda em casa, de que fazia a frente o [[conhecido]] Senador / Bezerra. Perdeu e muito, mas não foi isso / ~~que fez com~~ que {{~~lhe~~ [[o]] fez}} ~~ele~~ suspender o jogo. O / que ele perdia? ~~Dous ou três contos~~ {{Eram um conto ou [*rasurado*] dous contos}} – uma / ninharia! A questão, porém, é que o Senador / jogava com seis cartas. A primeira vez que [[Coleoni]] deu / com isso pareceu-lhe distração do parlamentar; / um homem honesto não ia fazer aquilo! E a segunda / seria também? e a terceira? e a quarta? Não / era possível [[tanta distração!]]; ~~e a~~[[A]]dquirindo a certeza [[do Tripot]], calou-se, / conteve-se com uma dignidade que não era de / esperar ~~de~~ [[n]]um antigo quitandeiro e esperou. / Quando vieram a jogar [[outra vez]] e ~~ele viu~~ o passe sena-/torial [[foi posto em prática]], [[Vicente Coleoni]] acendeu o charuto e ~~perguntou~~ [[fez]] com a maior / naturalidade deste mundo:

– Os Srs. sabem que há agora, na Europa, um / novo sistema de poker?

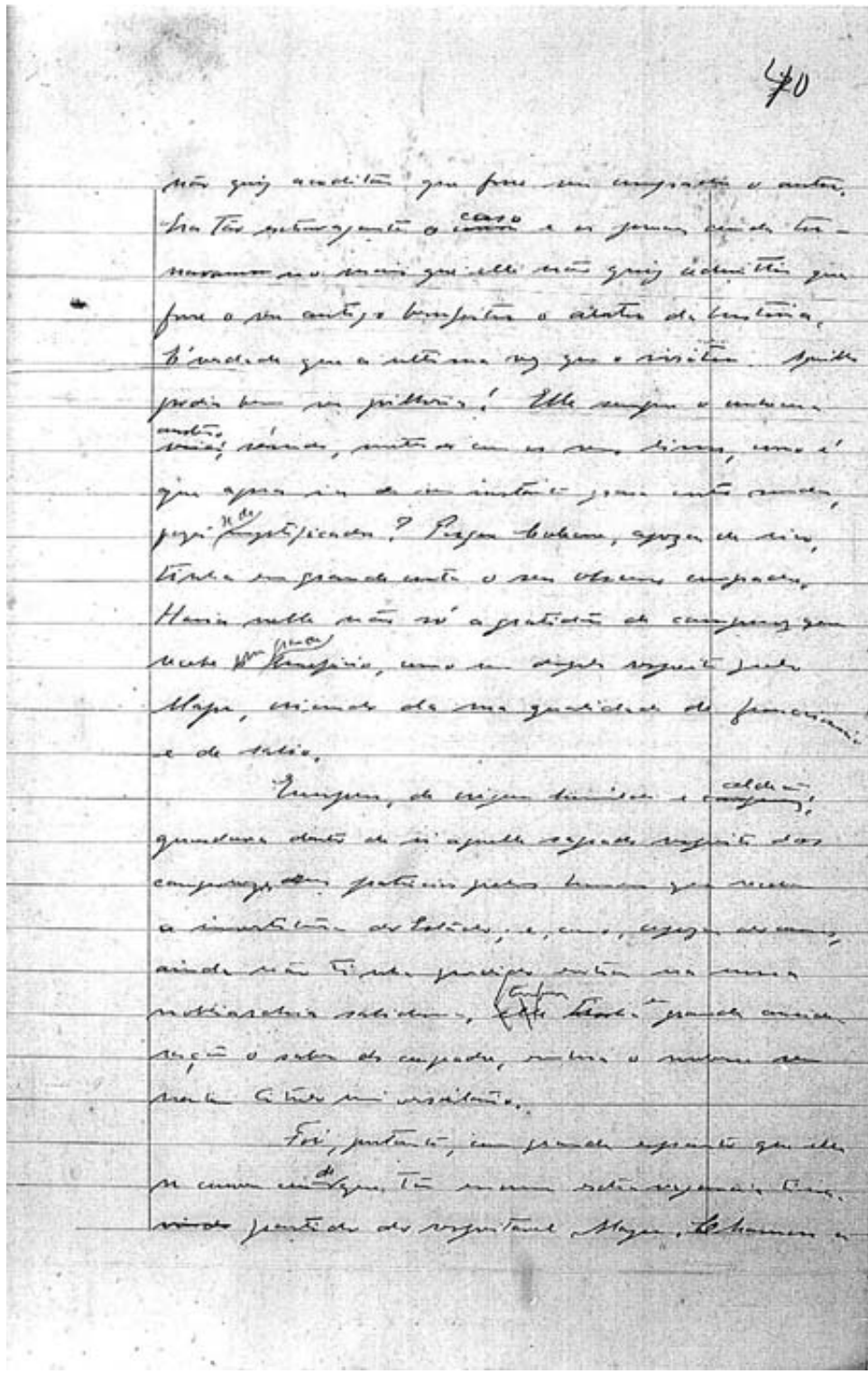
– Qual é? perguntou alguém da roda.

– A diferença é pequena: [*rasurado*] [[joga-se]] com seis / cartas.

O senador fez[[-se]] de desentendido, continuou a / jogar e ganhar, despediu-se à meia noite / {{cheio de delicadeza, ainda fez [*termos ilegíveis*] alguns comentários sobre o jogo}} e não quis mais o parceiro.

Coleoni lia de manhã os jornais, quando ~~se~~ / deparou ~~com~~ o requerimento do compadre. Em começo,

Folha 046 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

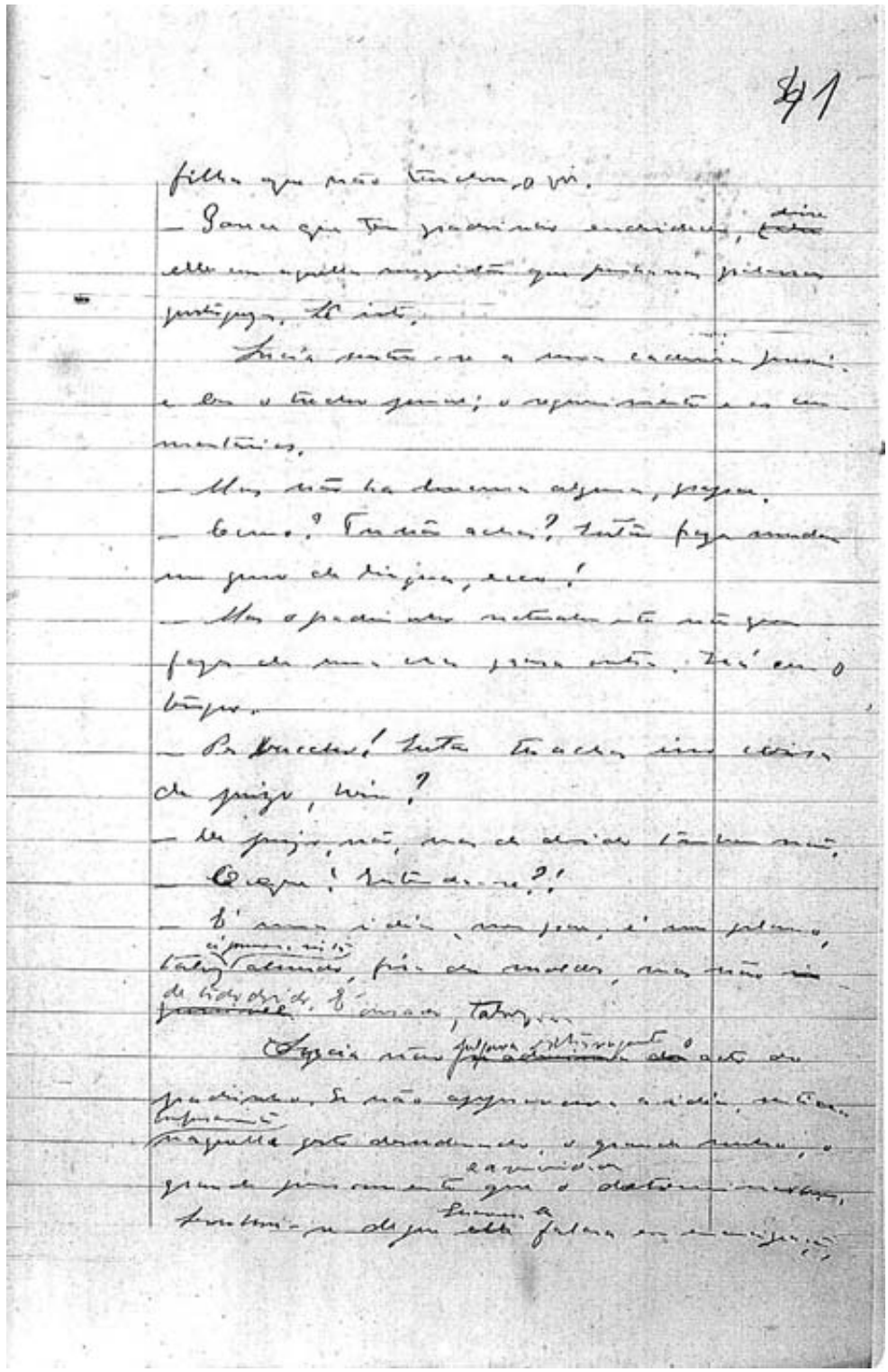
~~7~~[[40]]

não quis acreditar que fosse seu compadre o autor. / Era tão extravagante ~~a coisa~~ [[o caso]] e os jornais ainda tor-/navam-no mais que ele não quis admitir que / fosse o seu antigo benfeitor o autor da história. / É verdade que a última vez que o visitou... Aquilo / podia bem ser pilhéria! Ele sempre o conhecera / ~~sério~~ [[austero]]; sisudo, sentado com os seus livros, como é / que agora ia de um instante para outro sendo, / fazer[[-se de]] mistificador? Porque Coleoni, apesar de rico, / tinha em grande conta o seu obscuro compadre. / Havia nele não só a gratidão de camponês que / recebe ~~o~~ [[um grande]] benefício, como um duplo respeito pelo / Major, oriundo da sua qualidade de funcionário / e de sábio.

Europeu, de origem humilde e ~~camponês~~ [[aldeão]]; / guardava dentro de si aquele sagrado respeito dos / camponeses seus patrícios pelos homens que recebem / a investidura do Estado; e, como, apesar dos anos, / ainda não tinha podido entrar na nossa / nobiliarquia sabedoura, ~~ele~~ [*rasurado*] [[também tinha em]] grande conside-/ração o saber do compadre, embora o soubesse sem / nenhum título universitário.

Foi, portanto, com grande espanto que ele / se convenceu [[de]] que tão enorme extravagância tinha / ~~vindo~~ partido do respeitável Major. Chamou a

Folha 047 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~8~~[[41]]

a filha que não tardou [[a vir]].

– Parece que teu padrinho endoideceu, ~~falou~~ [[disse]] / ele com aquela mansidão que punha nas palavras / portuguesas. Lê isto.

Lúcia sentou-se a uma cadeira próxima / e leu o trecho jornal; o requerimento e os co-/mentários.

– Mas não há loucura alguma, papai.

– Como? Pois não achas? Então fazer mudar / um povo de língua, ecco!

– Mas o padrinho naturalmente não quer / fazer de uma hora para outra. Irá com o / tempo...

– Per Baccho! Então tu achas isso coisa / de juízo, hein?

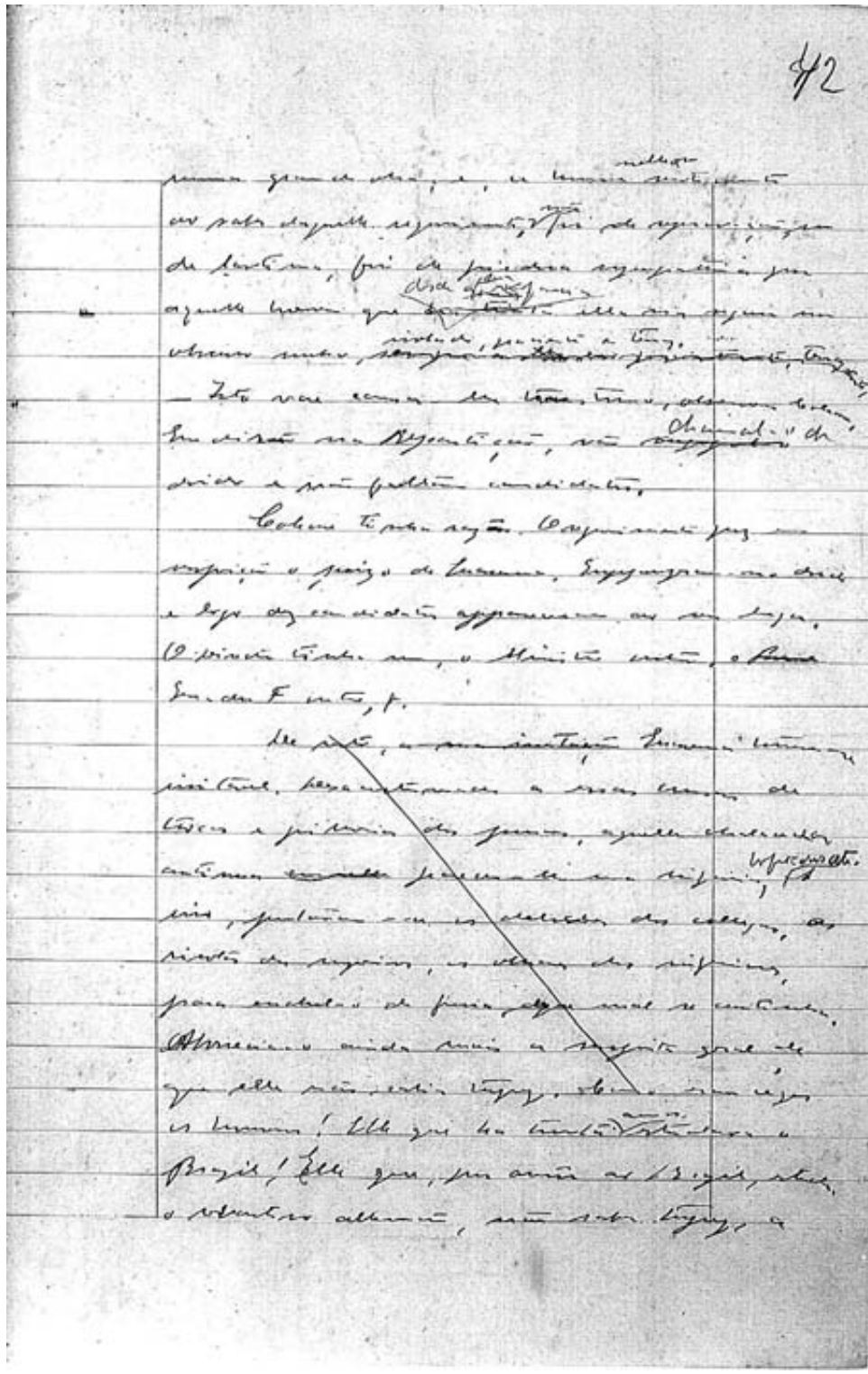
– De juízo, não; mas de doido também não.

– O quê! Entenda-se?!

– É uma idéia, meu pai, é um plano, / talvez [[à primeira vista]] absurdo, fora dos moldes, mas não ~~im-/possível~~ [[de todo doido. É ousado, talvez...]]

~~O q~~ [[Lúcia]] não ~~se admirava do~~ [[julgava extravagante o]] ato do / padrinho. Se não aprovava a idéia, sentia-a / [[confusamente]] naquele gesto desordenado, o grande sonho[*ilegível*], o / grande pensamento [[e a [*ilegível*]]] que o determina[[vam]]. / Lembrou-se de que ~~ele~~ [[Quaresma]] falava em emancipação,

Folha 048 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~9~~[[42]]

numa grande obra; e, se houve [[nela um]] sentimento / ao saber daquele requerimento, [[não]] foi de reprovação, ou / de lástima, foi de piedade simpática por / aquele homem que ~~há trinta~~ {{desde a tenra [[[*ilegível*]]] infância}} ela via seguir um / obscuro sonho, [*termos resurados*] ~~pacientemente, tenazmente~~ [[isolado, paciente e tenaz]].

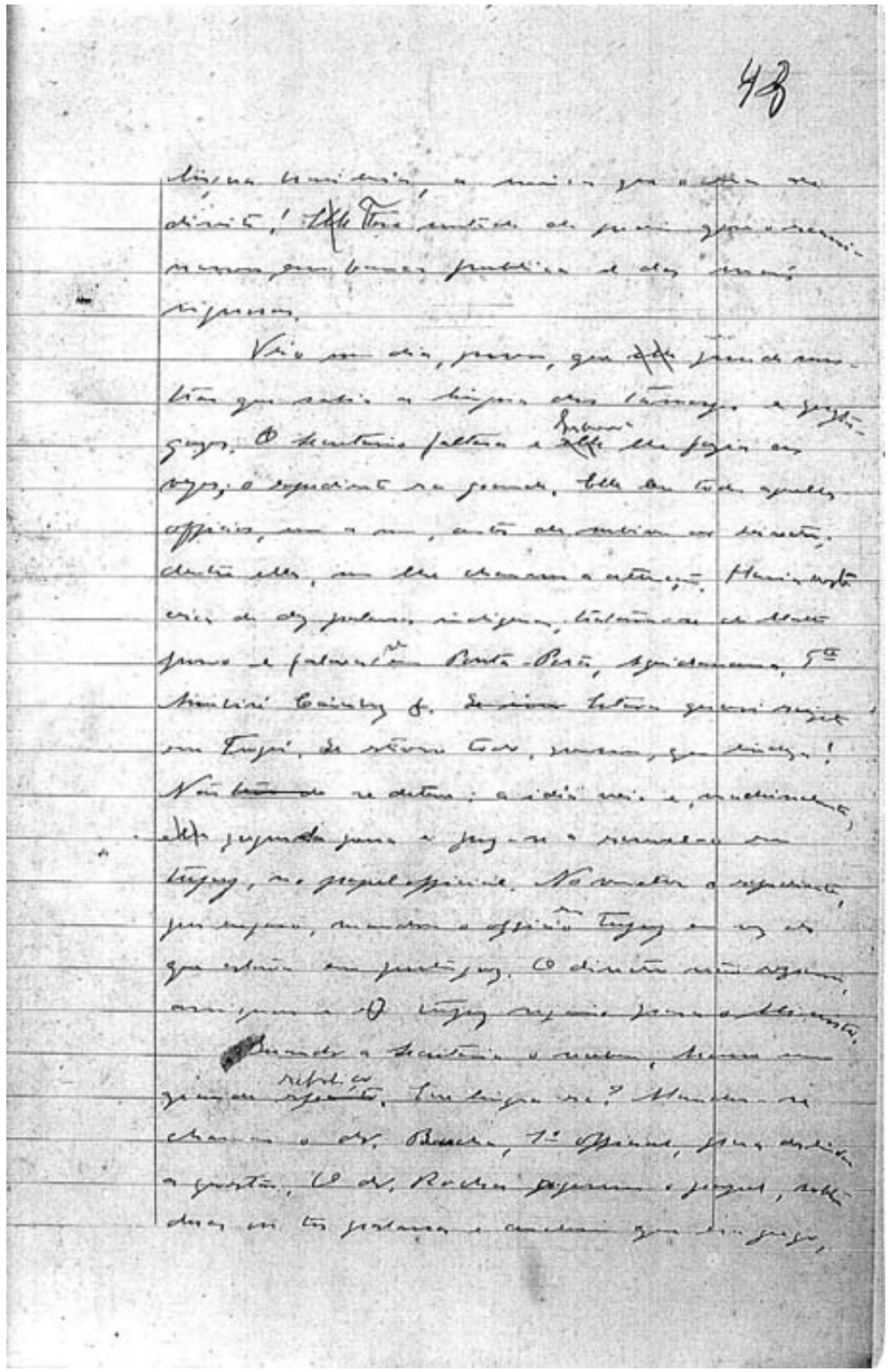
– Isto vai causar-lhe transtorno, observou Coleoni. / Que dirão na repartição, vão ~~suspeitá-lo~~ [[chamá-lo de]] / doido e não faltarão candidatos.

Coleoni tinha razão. O requerimento pôs em / suspeição o juízo de Quaresma. Suspeitaram-no doido / e logo os candidatos apareceram ao seu lugar. / O Diretor tinha um, o Ministro outro, o [*rasurado*] / Senador F outro, p.

De resto, ~~a sua imitação~~ Quaresma tornou-se / imitável. Desacostumado a essas coisas de / troças e pilhérias das pessoas, aquele [*ilegível*] / contínuo ~~com ele~~ pareceu-lhe uma injúria, [[[*ilegível*] até.]] A / isso, juntavam-se as [*ilegível*] dos colegas, as / risotas dos superiores, os olhares dos inferiores, / para enchê-lo de fúria que mal se continha. / ~~O~~ Aborrecia-o ainda mais a suspeita geral de / que ele não sabia tupi.[46] Como eram cegos / os homens! Ele que há trinta [[anos]] estudava o / Brasil! Ele que, por amor ao Brasil, estudou / o rebarbativo alemão, não saber tupi, a

Folha 049 (frente).

[46] O trecho "De resto, ~~a sua imitação~~ [...] que ele não sabia tupi" está riscado por um traço feito à tinta.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

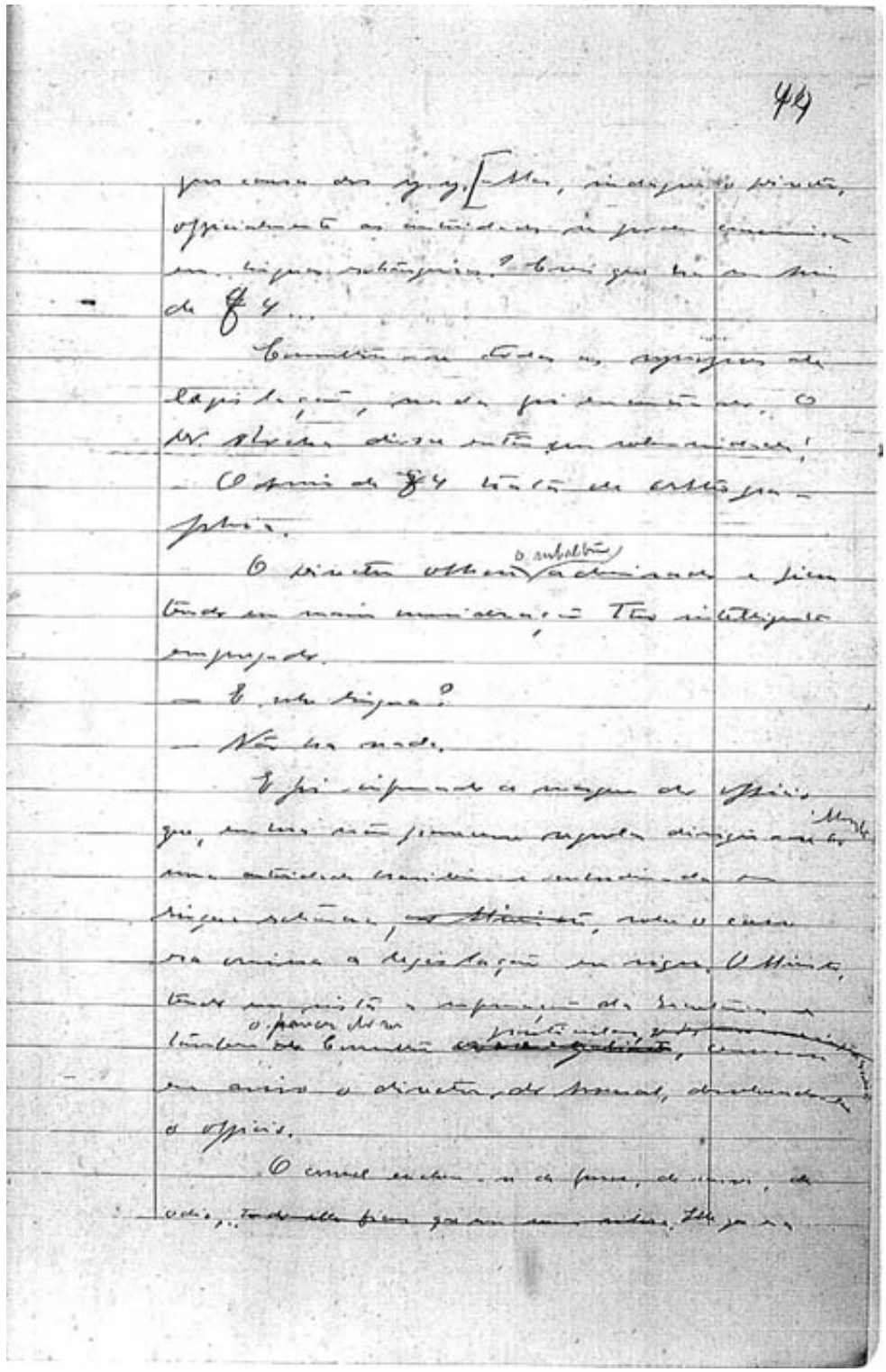
~~10~~[[43]]

língua brasileira, a única que o era de / direito! ~~Ele t~~[[T]]eve vontade de pedir que o exami-/nassem em banca pública e das mais / rigorosas.

Veio um dia, porém, que ~~ele~~ quis demons-/trar que sabia a língua dos tamoios e [*ilegível*]/. O Secretário faltara e ~~ele~~ [[Quaresma]] lhe fazia as / vezes; o expediente era grande. Ele leu todos aqueles / ofícios, um a um, antes de subir ao Diretor; / dentre eles, um lhe chamou a atenção. Havia neste / cerca de dez palavras indígenas; tratava-se do Mato / Grosso e falava[[-se]] em Ponta-Porã, Aquidauana, T^{te} / Arimbiré Caiuby &c. ~~Se isso~~ Estava quase escrito / em Tupi. Se estivesse todo, porém, que língua! / Não ~~teve de~~ se deteve: a idéia veio e, imediatamente, / ~~ele~~ pegou ~~n~~[[d]]a pena e pôs-se a escrevê-lo em / tupi, no papel oficial. No [*ilegível*] o expediente, / por engano, mandou o ofício [[em]] Tupi em vez do / que estava em português. O diretor não reparou, / assinou e ~~em~~O tupi seguiu para o Ministério.

Quando a Secretaria o recebeu, houve um / grande [*rasurado*] rebuliço. Que língua era? Mandou-se / chamar o dr. Rocha, 1º. Oficial, para deslindar / a questão. O dr. Rocha agarrou o papel, soletrou / duas ou três palavras e concluiu que era grego,

Folha 050 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~11~~[[44]]

por causa dos y.y. [– Mas, indagou o Diretor, / oficialmente as autoridades se podem comunicar / em línguas estrangeiras? Creio que há um aviso / de ~~7~~[[8]]4...

Consultou-se todas as sinopses de / legislação, nada foi encontrado. O / dr. Rocha disse então com solenidade:

– O aviso de ~~7~~[[8]]4 trata de ortogra-/fia.

O Diretor olhou [[o subalterno]] admirado e ficou / tendo em mais consideração tão inteligente / empregado.

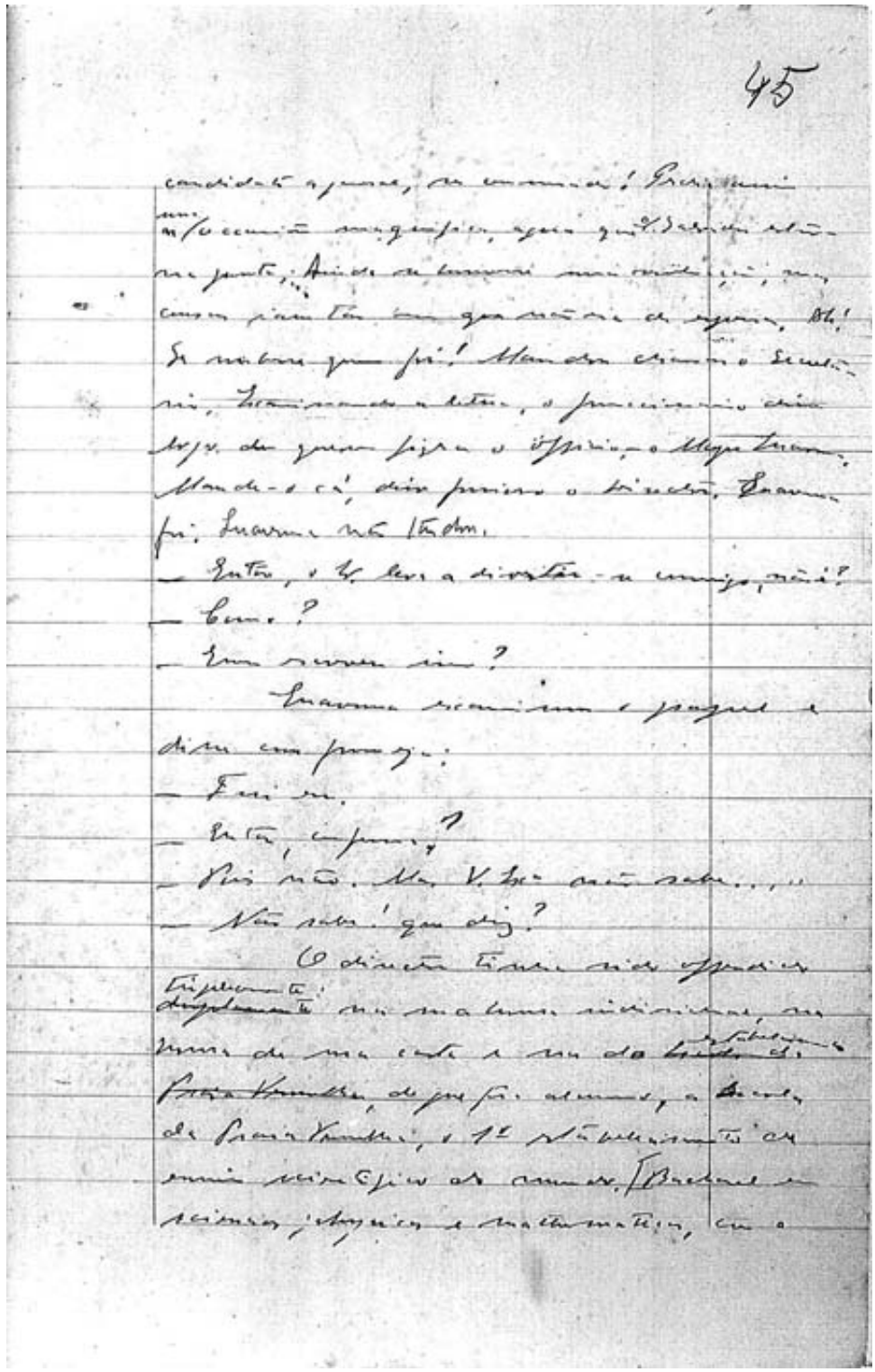
– E sobre língua?

– Não há nada.

E foi informado à margem do ofício / que, embora não parecesse regular dirigir-se [[ao Ministro]] / uma autoridade brasileira e subordinada em / língua estranha / [*ilegível*], ~~ao Ministro~~, sobre o caso / era omissa a legislação em vigor. O Ministro, / tendo em vista a informação da Secretaria e / também ~~do~~ [[o parecer do seu]] Consultor [*rasurado*] {{particular, [*termos rasurados*]}}, censurou / em aviso o diretor do Arsenal, devolvendo-lhe / o ofício.

O coronel encheu-se de fúria, de raiva, de / ódio~~,~~... ~~todo ele ficou que nem uma~~ [*rasurado*]. Ele que era

Folha 051 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~12~~[[45]]

candidato a general, ser censurado! Perdia assim / ~~a~~ [[uma]] ocasião magnífica, agora que o Salvador estava / na [*ilegível*]~~;~~[[...]] ~~a~~[[A]]inda se houvesse uma revolução, mas / cousas iam tão bem que não era de esperar. Ah! / Se soubesse quem foi! Mandou chamar o Secretá-/rio. Examinando a letra, o funcionário viu / logo ~~de~~ quem fizera o ofício – o Major Quaresma. / Mande-o cá, disse furioso o Diretor. Quaresma / foi. [[Quaresma não tardou.]]

– Então, o Sr. leva a divertir-se comigo, não é?

– Como?

– Quem escreveu isso?

Quaresma examinou o papel e / disse com firmeza:

– Fui eu.

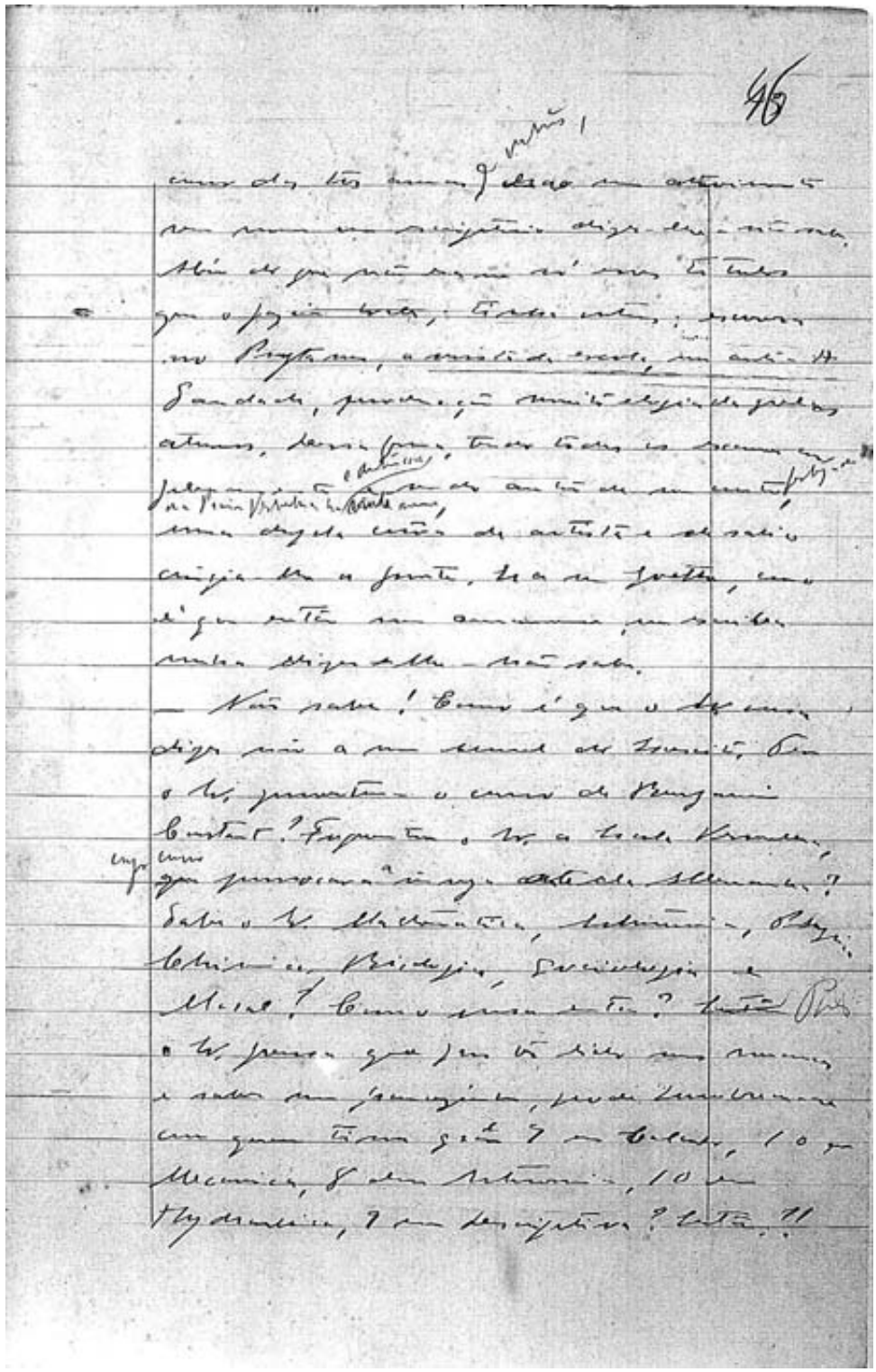
– Então, confessa?

– Pois não. Mas V. Exª. não sabe...

– Não sabe! que diz?

O diretor tinha sido ofendido / ~~duplamente~~ [[triplamente:]] na sua honra individual, na / honra de sua casta e na d~~a~~[[o]] ~~Escola da~~ [[estabelecimento]] / ~~Praia Vermelha~~, de que foi aluno, a Escola / da Praia Vermelha, o 1°. estabelecimento / de ensino científico do mundo. [Bacharel em / ciências físicas e matemáticas, com o

Folha 052 (frente).



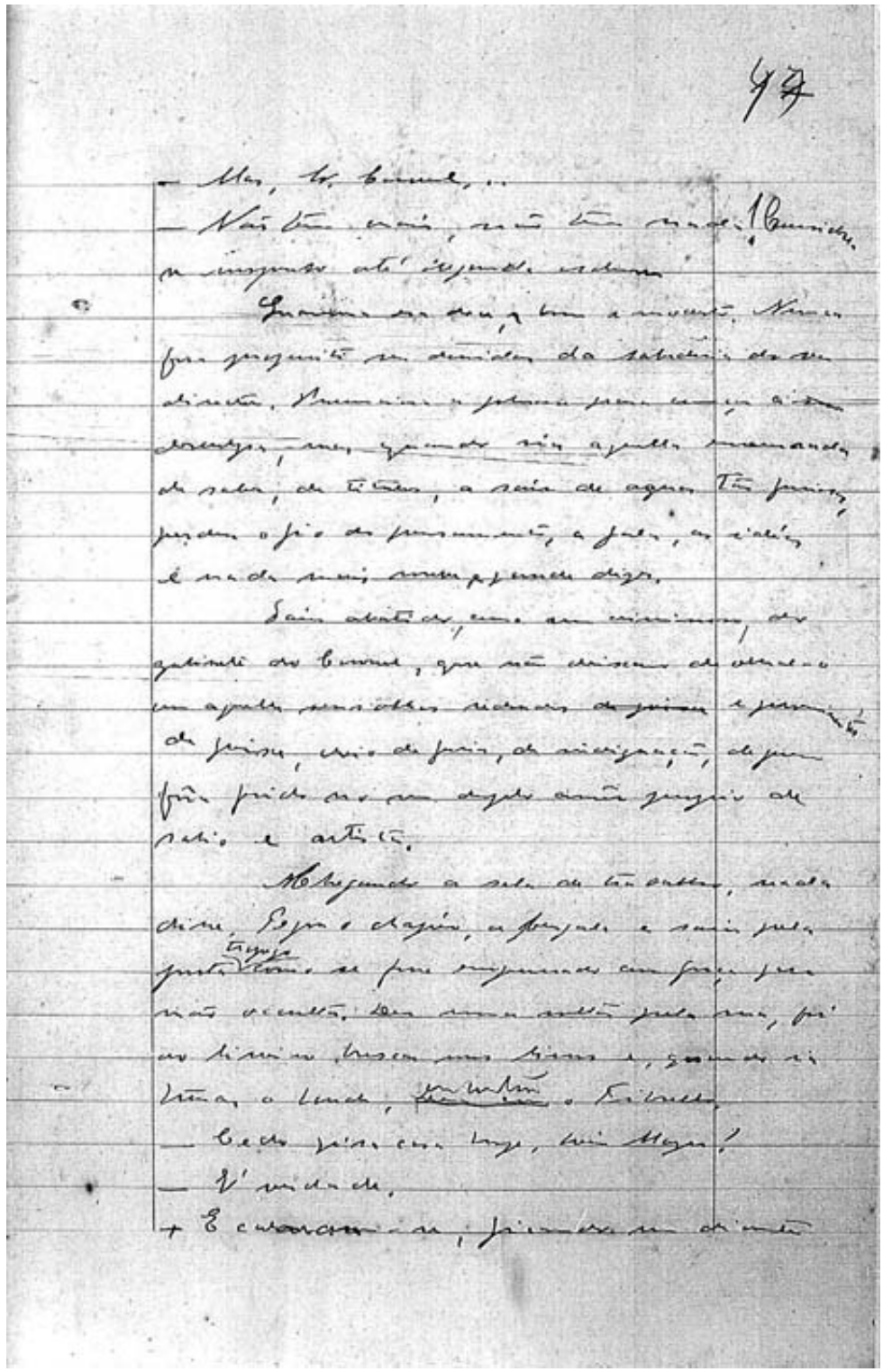
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~13~~[[46]]

curso de três anos~~,~~ [[e meio,]] era um aviltamento / vir um seu escriturário dizer-lhe – não sabe. / Além do que não eram só esse títulos / que o faziam [*ilegível*]; tinha outros: escrevera / no Prytaneu, a revista da escola, um conto – A / Saudade, produção muito elogiada pelos / alunos. Dessa forma, tendo todos os exames [*ilegível*] / [*ilegível*] [[e [*ilegível*]]] e sendo autor de um conto [[festejado]], / {{na Praia Vermelha há vinte anos,}} / uma dupla coroa de artista e de sábio / cingia-lhe a fronte. Era um poeta, como / é que então um amanuense, um escriturário / vinha dizer-lhe – não sabe.

– Não sabe! Como é que o Sr. ousa / dizer isso a um coronel do Exército. Tem / o Sr. porventura o curso de Benjamim / Constant? Frequentou o Sr. a Escola Vermelha, / ~~que~~ [[cujo curso]] provocava [[a]] inveja ~~deste~~ da Alemanha? / Sabe o Sr. Matemática, Astronomia, Física, / Química, Biologia, Sociologia e / Moral? Como ousa então? ~~Então~~ [[Pois]] / o Sr. pensa que por ter lido uns romances / e saber um francesinho, pode ombrear-se / com quem tirou grau 9 em Cálculo, 10 em / Mecânica, 8 em Astronomia, 10 em / Hidráulica, 9 em Descritiva? Então?!

Folha 053 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~14~~[[47]]

– Mas, Sr. Coronel!...

– Não tem mais, não tem nada! Considere/-se suspenso até segunda ordem.

Quaresma era doce, bom e modesto. Nunca / fôra propósito seu duvidar da sabedoria do seu / diretor. Pronunciara a frase para começar a ~~sua~~ / desculpa, mas quando viu aquela enxurrada / de saber, de títulos, a sair de águas tão furiosas, / perdeu o fio do pensamento, a fala, as idéias / e nada mais soube, [[e]] pôde dizer.

Saiu abatido, como um criminoso, do / gabinete do Coronel, que não deixava de olhá-lo / com aqueles seus olhos redondos ~~de peixe~~ e [*ilegível*] / de peixe, cheio de fúria, de indignação, de quem / fôra ferido no seu duplo amor próprio de / sábio e artista.

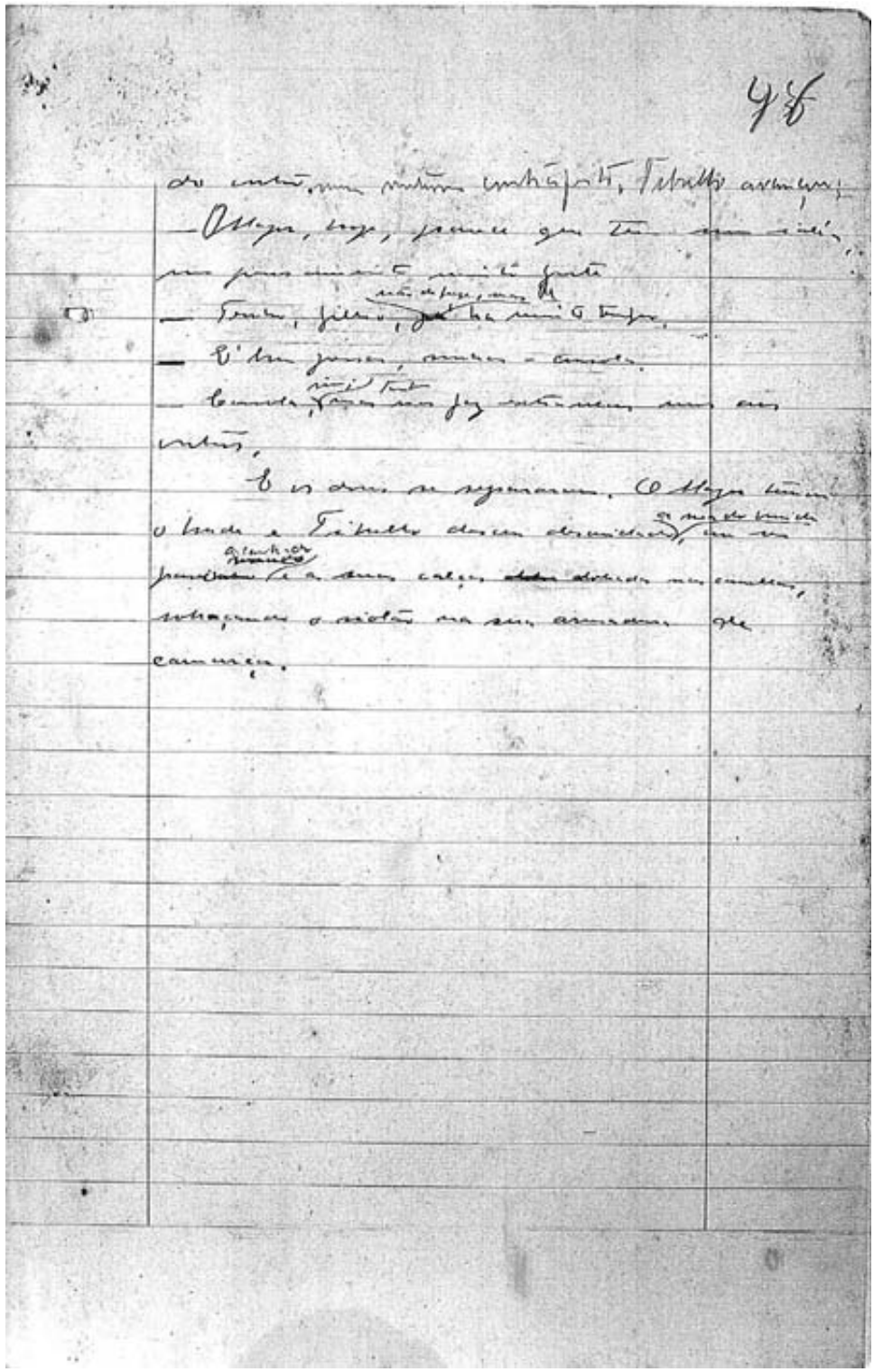
Chegando à sala do trabalho, nada / disse. Pegou o chapéu, a bengala e saiu pela / porta [[trôpego]] como se fosse empurrado com força por / mão oculta. Deu umas voltas pela rua, foi / ao livreiro buscar uns livros e, quando ia / tomar o bonde, ~~deu com~~ [[encontrou]] o Tibullo.

– Cedo para casa hoje, hein Major?

– É verdade.

– E calaram-se, ficando um diante

Folha 054 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~15~~[[48]]

do outro~~.~~ {{num mutismo contrafeito. Tibullo avançou:}}

– [[O]] Major, hoje, parece que tem uma idéia, / um pensamento muito forte.

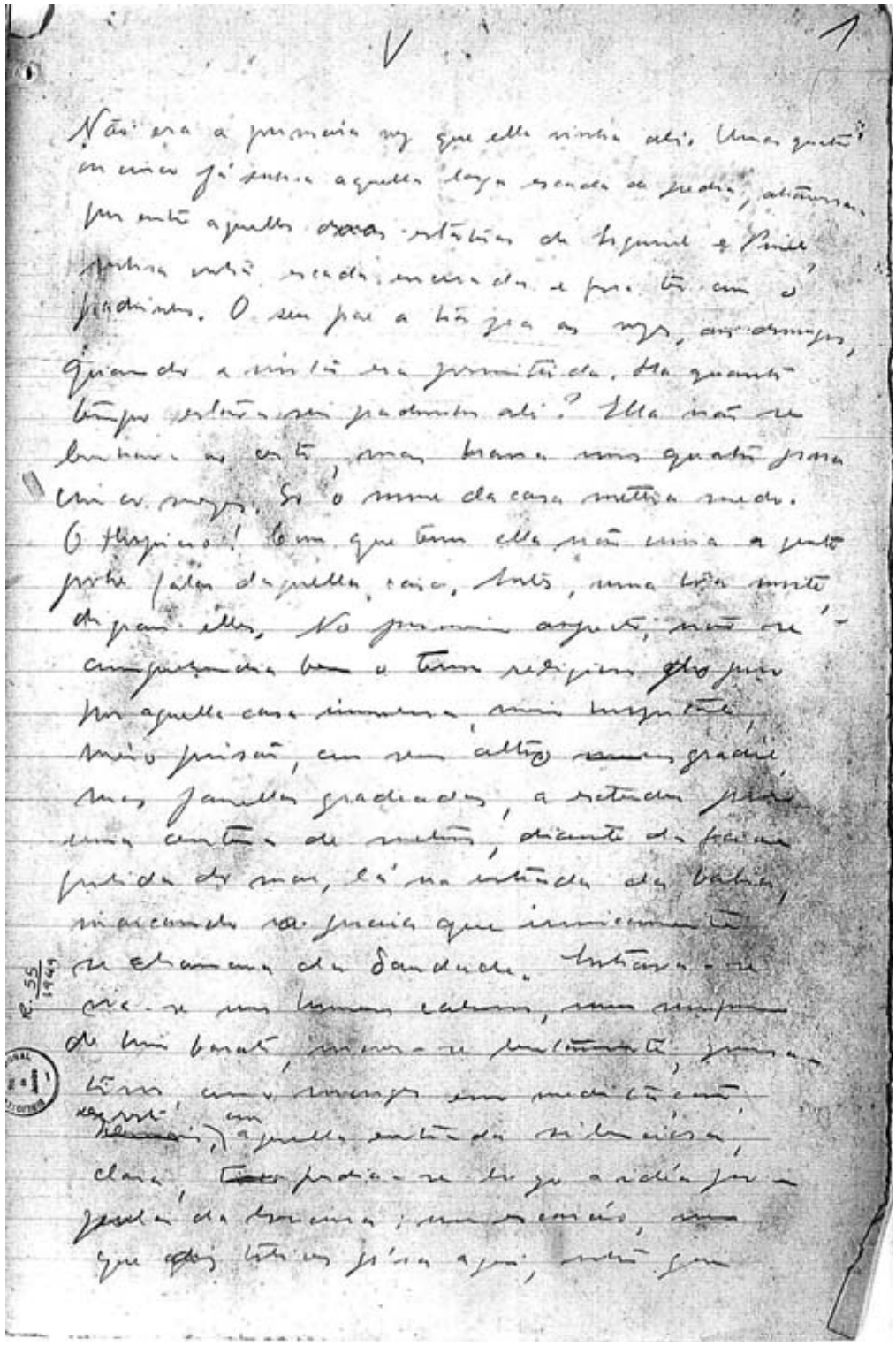
– Tenho, filho, ~~já~~ [[não de hoje, mas de]] há muito tempo.

– É bom pensar, sonhar – consola.

– Consola, [[sim;]] mas [[também]] nos faz estranhos uns aos / outros.

E os dous se separaram. O Major tomou / o bonde e Tibullo desceu descuidado [[a Rua do Ouvidor]], com seu / pass~~inho~~[[o]] {{[*rasurado*] acanhado}}e as suas calças [*rasurado*] dobradas nas canelas, / sobraçando o violão na sua armadura de / camurça.

Folha 055 (frente).



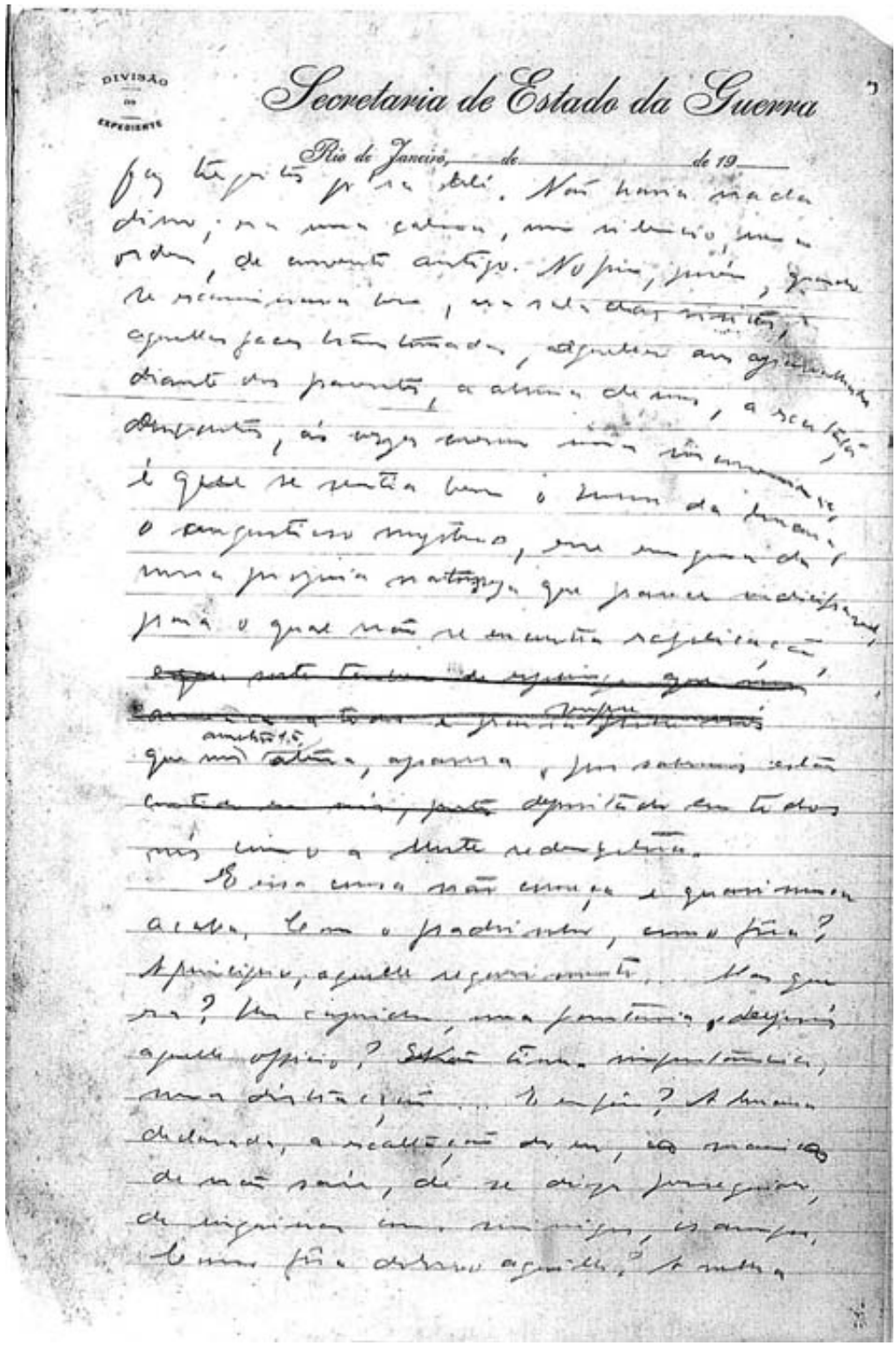
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

1

V

Não era a primeira vez que ela vinha ali. Umas quatro / ou cinco já subira aquela larga escada de pedra, atravessara / por entre aquelas duas estátuas de Esquirol e Pinel, / subira outra escada encerada e fôra ter com o / padrinho. O seu pai a trazia às vezes, aos domingos, / quando a visita era permitida. Há quanto / tempo estava seu padrinho ali? Ela não se / lembrava ao certo, mas havia uns quatro para / cinco meses. Só o nome da casa metia medo. / O hospício! Com que terror ela não ouvia a gente / pobre falar daquela casa. Antes uma boa morte, / diziam eles. No primeiro aspecto, não se / compreendia bem o terror religioso do povo / por aquela casa imensa, meio hospital, / meio prisão, com seus alt~~os~~[[o]] ~~muros~~ gradil, / suas janelas gradeadas, a estender por / uma centena de metros, diante da faixa / partida do mar, lá na entrada da baía, / marcando a praia que ironicamente / se chamava de Saudade. Entrava-se / via-se uns homens calmos, vestes simples / de brim barato, mover-se lentamente, pensa-/tivos, como monges em meditação. / ~~Demais~~ [[De resto]], [[com]] aquela entrada silenciosa, / clara, ~~tinha~~ perdia-se logo a idéia po-/pular da loucura: um escarcéu, um / que ~~q~~ [[diz]] tolices pra aqui, outro que

Folha 056 (frente).


DIVISÃO
DO
EXPEDIENTE

Secretaria de Estado da Guerra

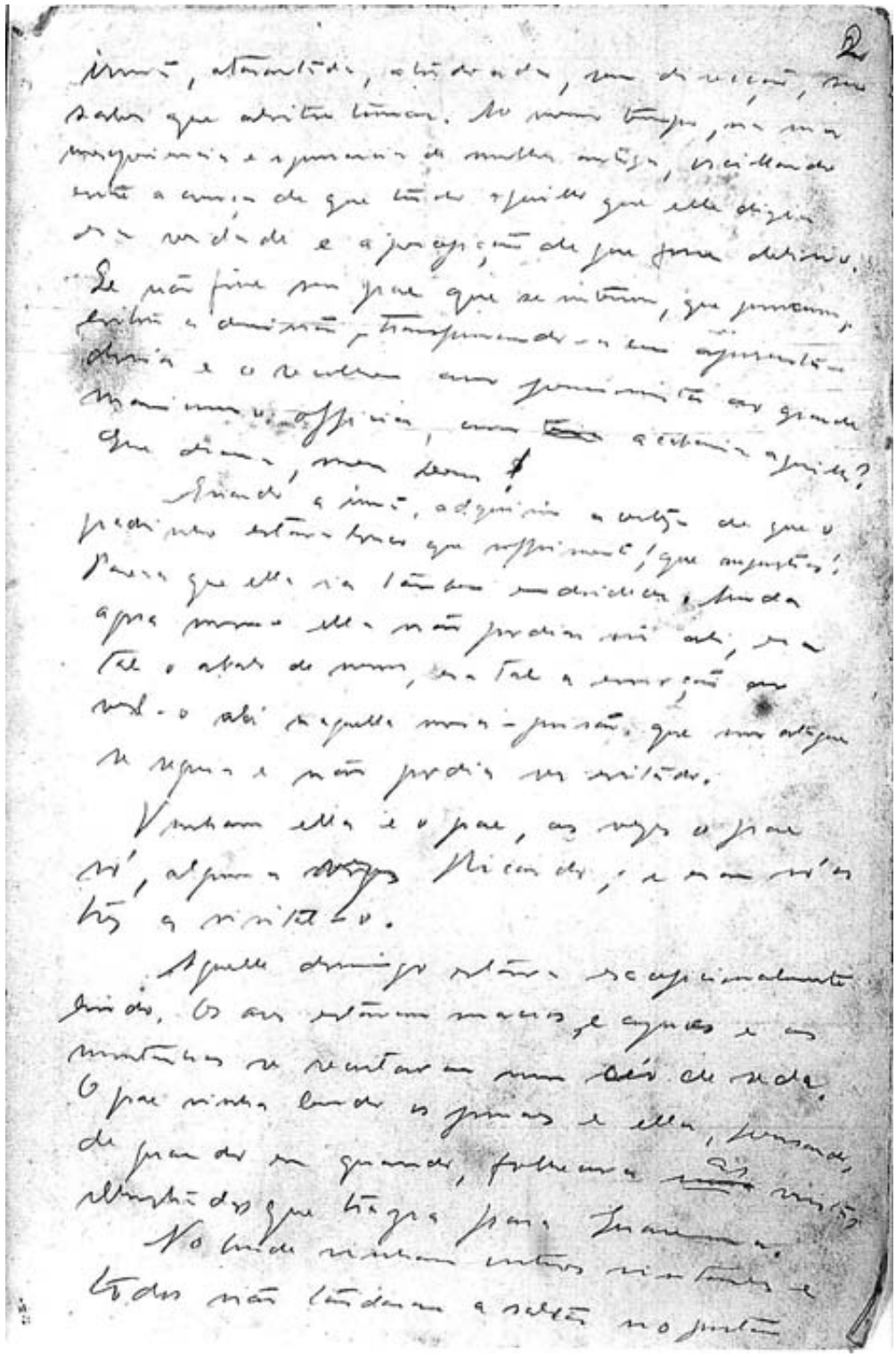
Rio de Janeiro, de de 19

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

faz trejeitos por ali. Não havia nada / disso; era uma calma, um silêncio, uma / ordem, de convento antigo. No fim, porém, quando / se examinava bem, na sala das visitas, / aquelas faces transtornadas, aqueles ares aparvalhados / diante dos parentes, a calma de uns, a excitação / ~~dos~~[[e]] outros, às vezes crescer uma [*ilegível*], / é que se sentia bem o horror da loucura, / o angustioso mistério, esse enigma da / nossa própria natureza que parece indecifrável, / para o qual não se encontra explicação, / ~~e que surte também de~~ [*rasurado*] ~~que nos / amedronta a todos e paira~~ [[~~sempre~~]] ~~sobre nós.~~ / que nos [[amedronta,]] altera, pasma, pois sabemos estar / ~~contido em nós, partes~~ depositado em todos / nós como a mente redentora.

E essa cura não começa e quase nunca / acaba. Com o padrinho, como fôra? / A princípio, aquele requerimento... Mas que / era? Um capricho, uma fantasia. Depois / aquele ofício? ~~Sim~~ [[Não]] tinha importância, / uma distração... E enfim? A loucura / declarada, a exaltação do eu, a mania / de não sair, de se dizer perseguido, / de imaginar como inimigos, os amigos. / Como fôra doloroso aquilo? A velha

Folha 056 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

irmã, atarantada, atordoada, sem direção, sem / saber que alvitre tomar. Ao mesmo tempo, na sua / inexperiência e [*ilegível*] de mulher antiga, oscilando / entre a crença de que tudo aquilo que ele dizia / era verdade e a percepção de que fosse delírio. / Se não fosse seu pai que se interessou, que procurou, / evitou a demissão, transformando-a em aposenta-/doria e o recolheu como pensionista ao grande / manicômio oficial, como ~~teria~~ acabaria aquilo? / Que drama, meu Deus~~?~~[[!]]

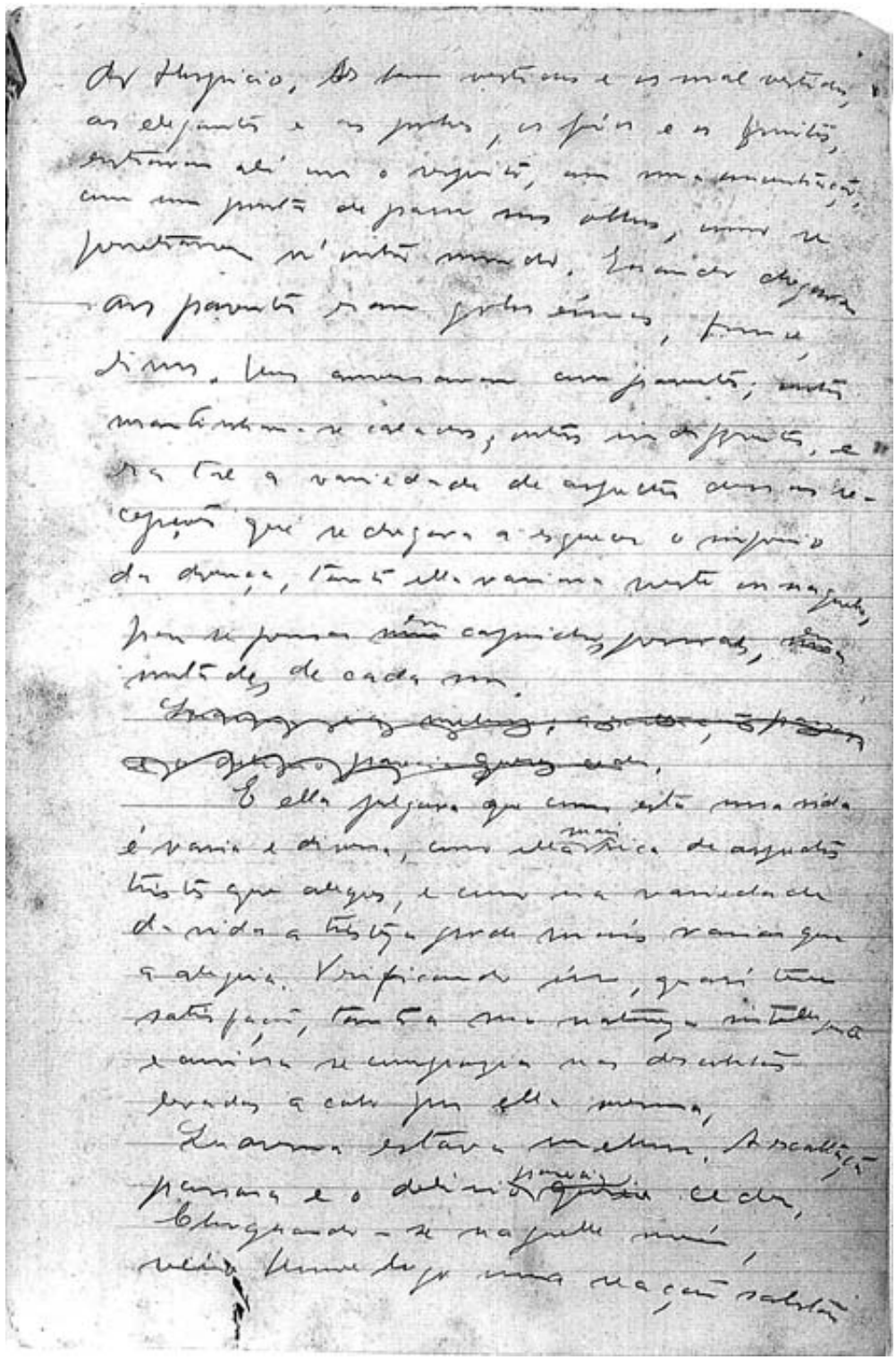
Quando a irmã adquiriu a certeza de que o / padrinho estava louco que sofrimento! que angústia! / Parece que ela iria também endoidecer. Ainda / agora mesmo ela não podia vir ali, era / tal o abalo de nervos, era tal a emoção ao / vê-lo ali naquela meia-prisão que ataque / se seguia e não podia ser evitado.

Vinham ela e o pai, às vezes o pai / só, alguma [*rasurado*] [[vez]] Ricardo; e eram só os / três a visitá-lo.

Aquele domingo estava excepcionalmente / lindo. Os ares estavam macios, e as praias e as / montanhas se recortavam num ~~ar~~ [[céu]] de seda. / O pai vinha lendo os jornais e ela, pensando, / de quando em quando, folheava ~~umas~~ [[as]] revistas / ilustradas que trazia para Quaresma.

No bonde vinham outros visitantes e / todos não tardaram em saltar no portão

Folha 057 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

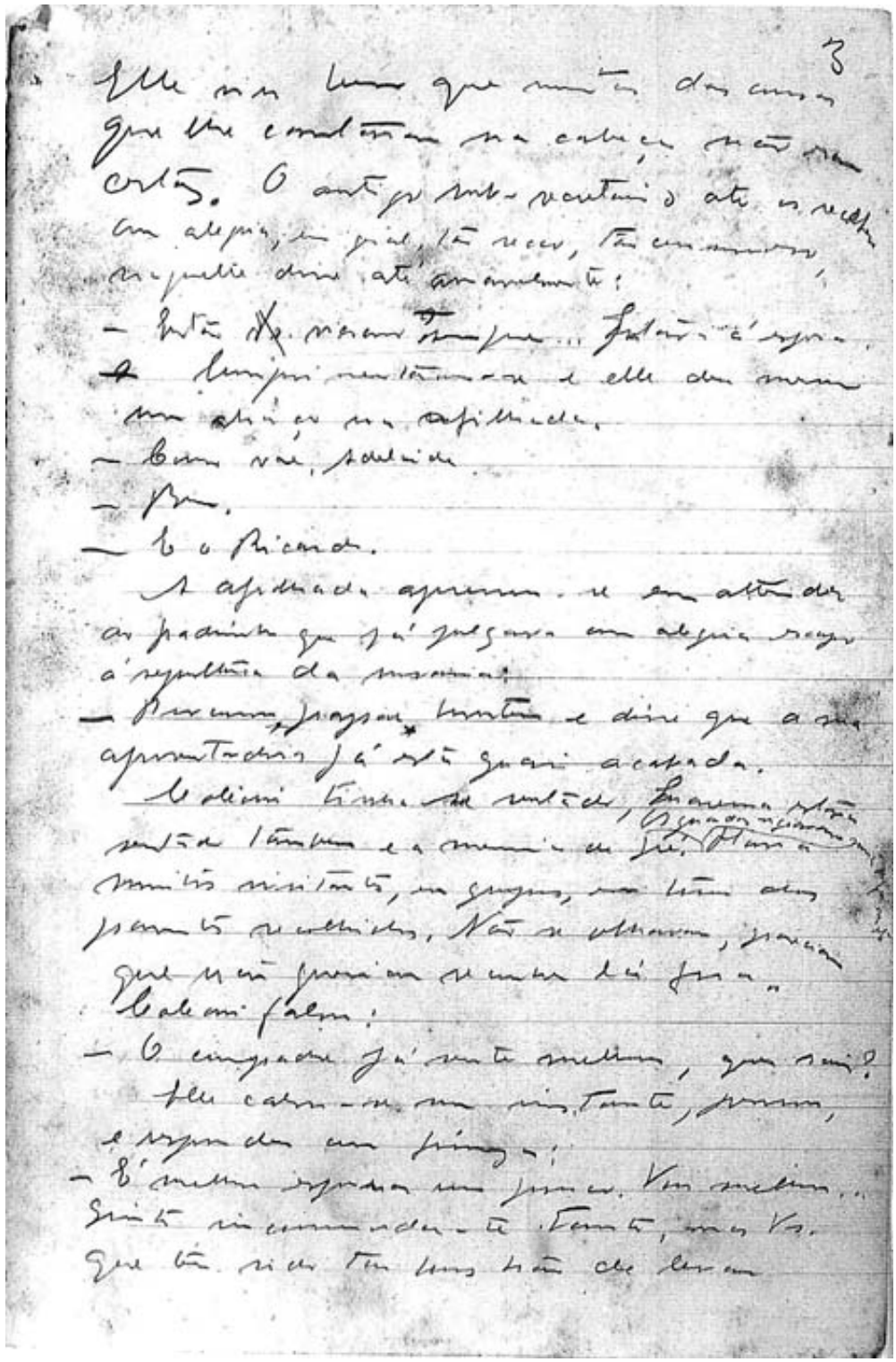
do Hospício. As bem vestidas e as mal vestidas, / as elegantes e as pobres, os feios e os bonitos, / entravam ali com o respeito, com uma concentração, / com uma ponta de pavor nos olhos, como se / penetrassem n'outro mundo. Quando chegavam / aos parentes eram guloseimas, fumo, / livros. Uns conversavam com os parentes; outros / mantinham-se calados; outros indiferentes, e / era tal a variedade de aspectos dessas re-/cepções que se chegava a esquecer o império / da doença, tanto ela variava neste ou naquele, / para se pensar ~~num~~ [[em]] caprichos pessoa~~l~~[[is]], ~~num~~ [[em]] / vontade[[s]] de cada um.

~~Quaresma ia melhor; a exaltação passara / e o delírio parecia querer ceder.~~

E ela pensava que como esta nossa vida / é variada e diversa, como ela [[mais]] rica de aspectos / tristes que alegres, e como na variedade / da vida a tristeza pode mais variar que / a alegria. Verificando isso, quase teve / satisfação, tanto sua natureza inteligente / e curiosa se comprazia nas descobertas / levadas a cabo por ela mesma.

Quaresma estava melhor. A exaltação / passara e o delírio [[parecia]] quer~~ia~~[[er]] ceder. / Chegando-se naquele meio, / ~~veio~~ houve logo uma reação salutar.

Folha 057 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

3

Ele viu bem que muitas das coisas / que lhe entravam na cabeça não eram / certas. O antigo subsecretário até os recebeu / com alegria; em geral, tão seco, tão [*ilegível*], / naquele disse até amavelmente:

– Então ~~Vs.~~ vieram [[~~o~~]] sempre... ~~J~~ [[Estava]] à espera...

– Cumprimentaram-se e ele deu mesmo / um abraço na afilhada.

– Como vai Adelaide.

– Bem.

– E o Ricardo.

A afilhada apressou-se em atender / ao padrinho que já julgava com alegria escapo / à sepultura de insânia:

– Procurou~~,~~ papai~~,~~ ontem e disse que a sua / aposentadoria já está quase acabada.

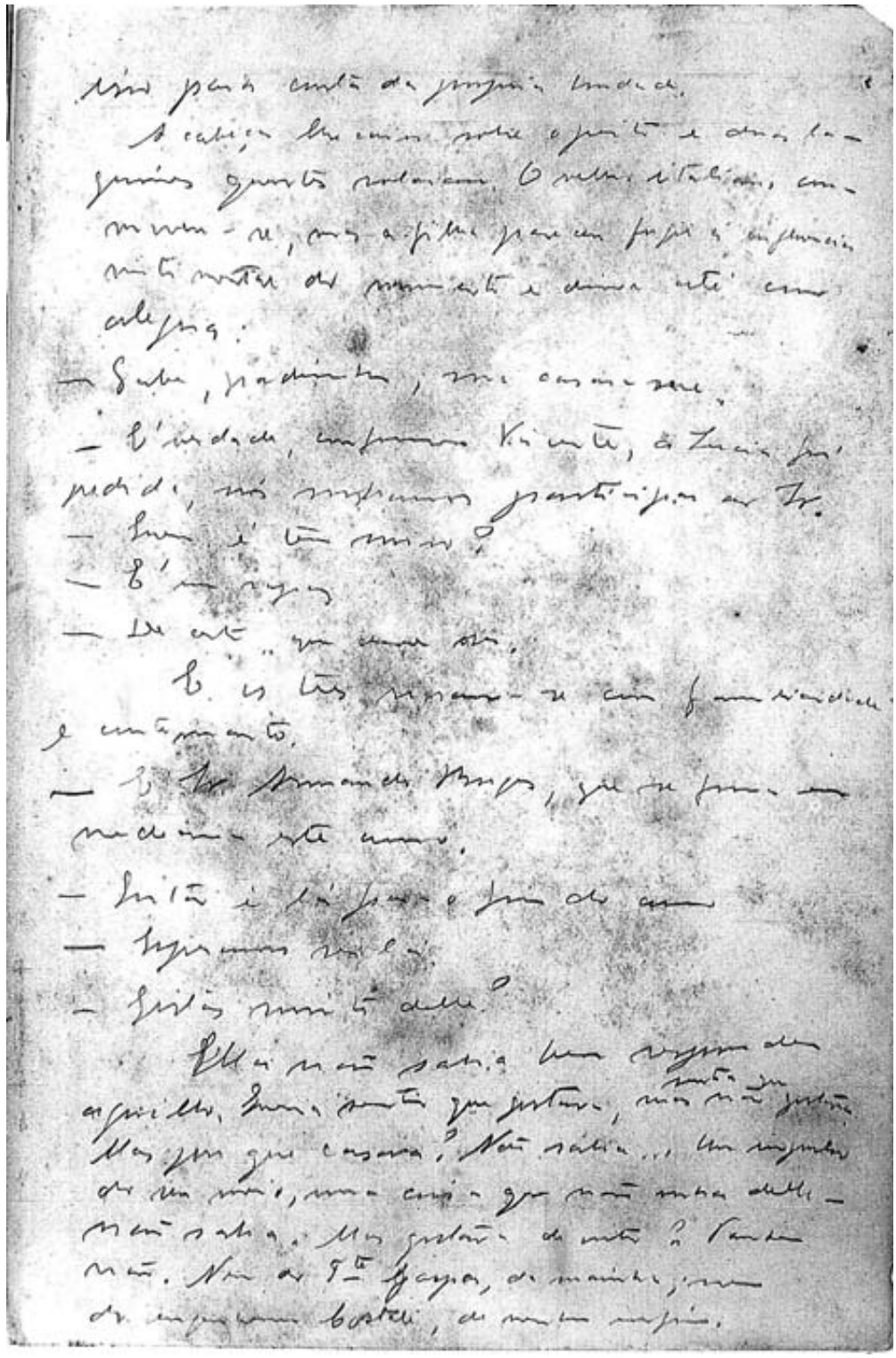
Coleoni tinha se sentado. Quaresma estava / sentado também e a menina de pé. {{Os guardas vigiavam muito os pacientes.}} Havia / muitos visitantes, em grupos, em torno dos / parentes recolhidos. Não se olhavam, pareciam / que não queriam se conhecer lá fora. / Coleoni falou:

– O compadre já sente melhora, quer sair?

Ele calou-se um instante, pensou, / e respondeu com firmeza:

– É melhor esperar um pouco. Vou melhor... / Sinto incomodar-te tanto, mas Vs. / que têm sido tão bons hão de levar

Folha 058 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

isso para conta da própria bondade.

A cabeça lhe caiu sobre o peito e duas lá-/grimas quentes rolaram. O velho italiano co-/moveu-se, mas a filha pareceu fugir à influência / sentimental do momento e disse até com / alegria:

– Sabe, padrinho, vou casar-me.

– É verdade, confirmou Vicente, a Lúcia foi / pedida, nós vínhamos participar ao Sr.

– Quem é teu noivo?

– É um rapaz...

– Decerto que deve ser.

E os três riram-se com familiaridade / e contentamento.

– É o Sr. Armando Borges, que se forma em / medicina este ano.

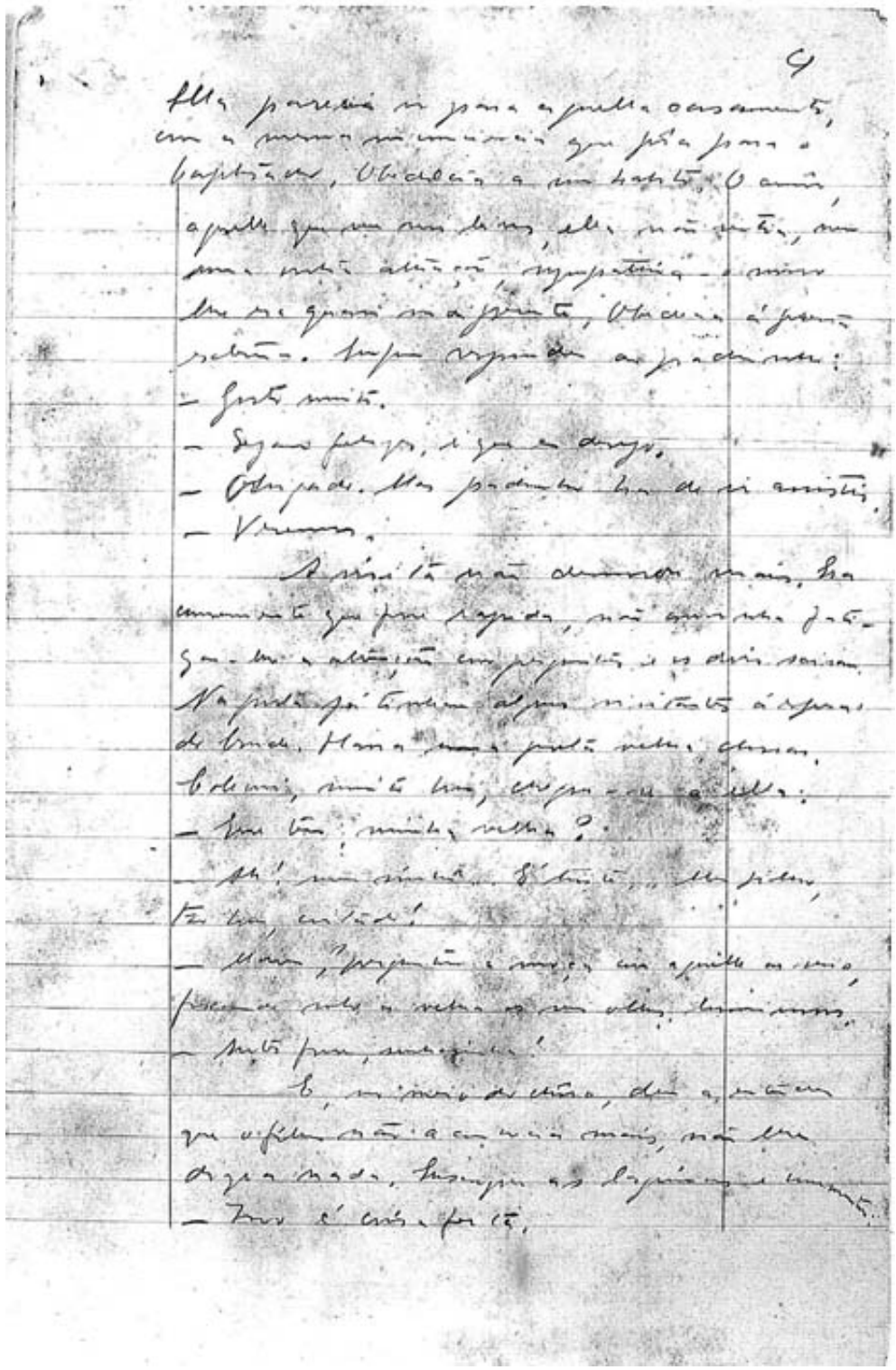
– Então é lá para o fim do ano.

– Esperamos ser lá.

– Gostas muito dele?

Ela não sabia bem responder / aquilo. Queria sentir que gostava, mas [[sentia que]] não gostava. / Mas por que casava? Não sabia... Um impulso / do seu meio, uma coisa que não vinha dela – / não sabia. Mas gostava de outro? Também / não. Nem do T^{te} Gaspar, da marinha; nem / do engenheiro Casteli, de [*termos ilegíveis*].

Folha 058 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

4

Ela parecia ir para aquele casamento, / com a mesma inocência que fôra para o / batismo. Obedecia a um hábito. O amor, / aquele que se via nos livros, ela não sentia, nem / uma outra atração, simpatia – o mesmo / lhe era quase indiferente. Obedecia à pressão / externa. Enfim respondeu ao padrinho:

– Gosto muito.

– Sejam felizes, é que eu desejo.

– Obrigada. Mas padrinho há de ir assistir.

– Veremos.

A visita não demorou mais. Era / conveniente que fosse rápida, não convinha fati-/gar-lhe a atenção com perguntas e os dous saíram. / Na porta já tinham alguns visitantes à espera / do bonde. Havia uma preta velha a chorar. / Coleoni, muito bom, chegou-se a ela:

– Que tem, minha velha?

– Ah! meu sinhô... É triste... Um filho, / tão bom, coitado!

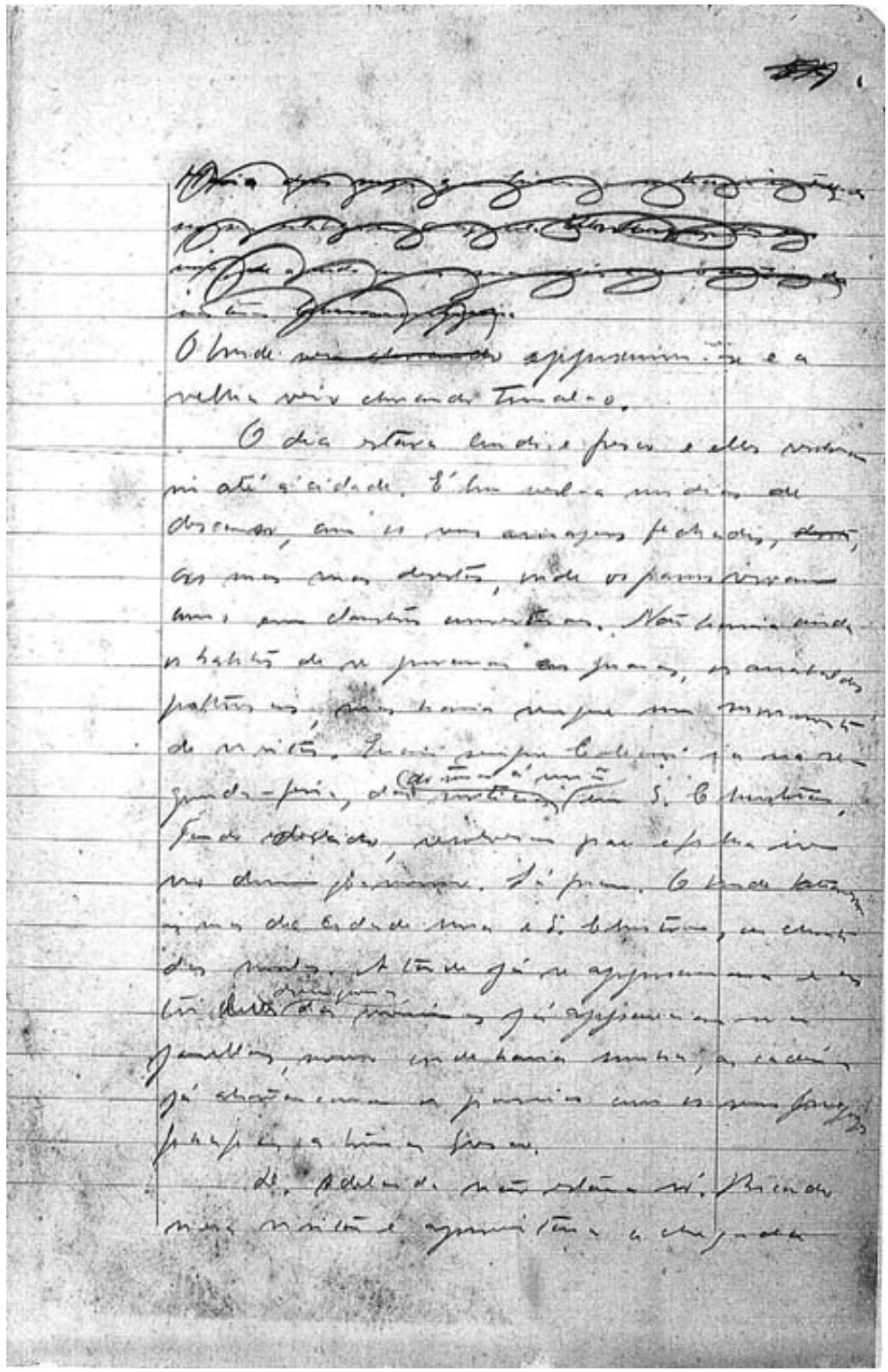
– Morreu? perguntou a moça com aquele ar sério, / fixando sobre a velha os seus olhos luminosos.

– Antes fosse, sinhazinha!

E, no meio do choro, deu a entender / que o filho não a conhecia mais, não lhe / dizia nada. Enxugou as lágrimas e comentou:

– Isso é coisa feita.

Folha 059 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~54~~

~~Havia dous meses que Quaresma se havia instalado / em seu estabelecimento agrícola.~~ [*termos rasurados*] ~~/ muito de acordo com as suas idéias e com o destino das / suas terras.~~ [~~*ilegível*~~][47]

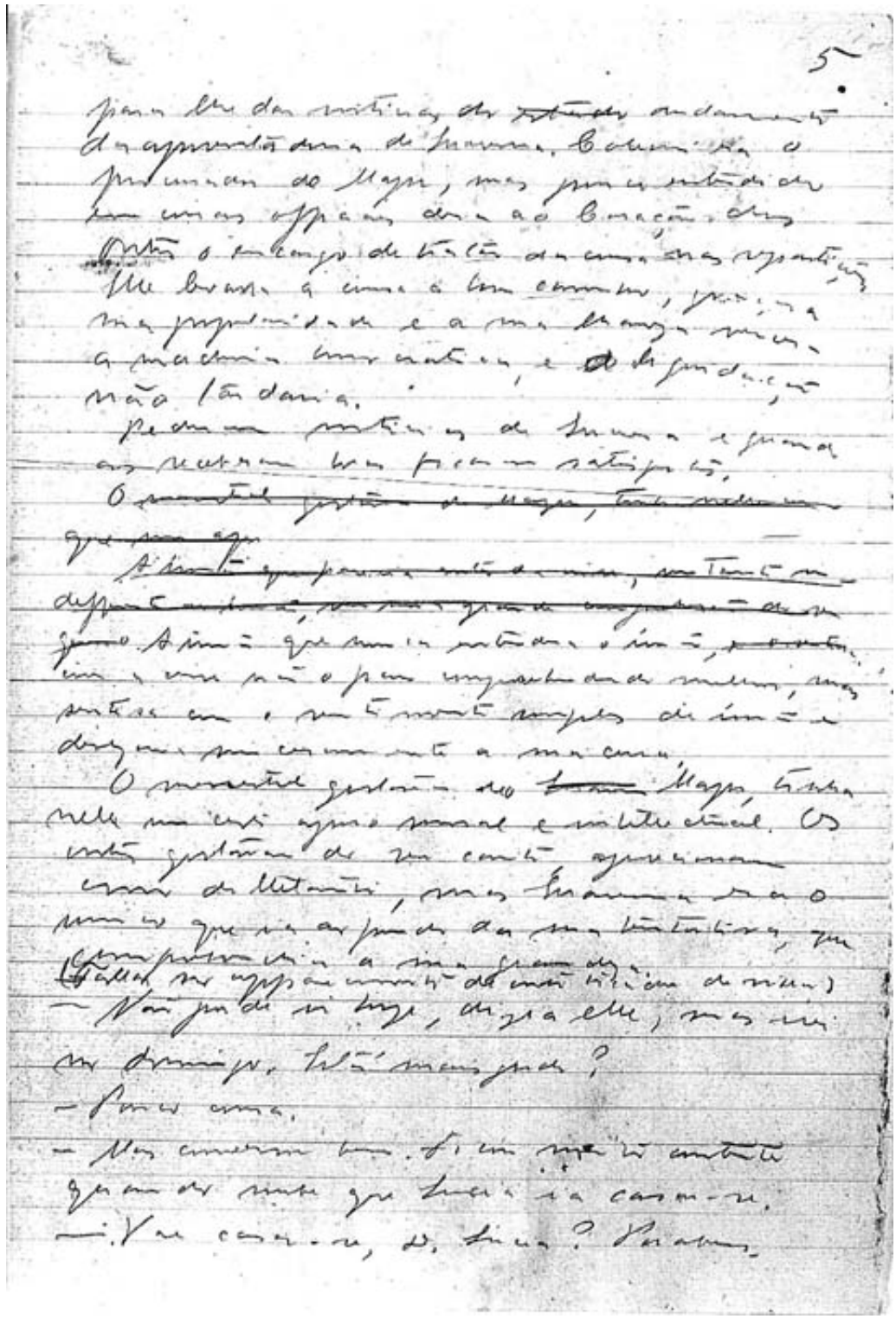
O bonde ~~veio chamando~~ aproximou-se e a / velha veio chamando tomá-lo.

O dia estava lindo e fresco e eles voltavam / m até a cidade. É bom vê-la num dia de / descanso, com os seus armazéns fechados, ~~deste~~, / as suas ruas desertas, onde os passos ressoam / como em claustros [*ilegível*]. Não havia ainda / os hábitos de se procurar as praias, os arrabaldes / pitorescos, mas havia sempre um movimento / de visitas. Quase sempre Coleoni ia na se-/gunda-feira, dar notícias [[do irmão à irmã]] em S. Cristóvão. / Tendo descido, resolveram pai e filha ir / no domingo mesmo. Lá foram. O bonde atravessava / as ruas da cidade nova e S. Cristóvão, ao centro / das [*ilegível*]. A tarde já se aproximava e as / toilettes [[domingueiras]] das meninas já apareciam nas / janelas, mesmo onde havia sombra, as cadeiras / já atravancavam os passeios com os seus [*ilegível*] / [*ilegível*] a teimar [*ilegível*].

D. Adelaide não estava só. Ricardo / viera visitar e aproveitava a chegada

Folha 059 (verso).

[47] O número 54 e todo este parágrafo estão manuscritos à tinta, e riscados a lápis. O restante da página, como todo este capítulo, está a lápis.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

para lhe dar notícias do estado andamento / da aposentadoria de Quaresma. Coleoni era o / procurador do Major, mas nunca entendido / em coisas oficiais dera ao Coração dos / Outros o encargo de tratar da causa nas repartições. / Ele levava a coisa a bom caminho, graças à ; sua popularidade e à sua lhaneza vencera ; a máquina burocrática, e a liquidação / não tardaria.

Pediram notícias de Quaresma e quando / as receberam boas ficaram satisfeitos.

~~O menestrel gostava do Major, tinha nele como / que um apoio~~

~~A irmã que parecia antes da crise um tanto in-/diferente ao irmão, sem uma grande compreensão do seu / gênio~~ A irmã que nunca entendera o irmão, ~~e o sentira~~ / com a crise não o ficou compreendendo melhor, mas / sentira com o sentimento simples de irmã e / desejava unicamente a sua cura.

O menestrel gostava do ~~Quaresma~~ Major, tinha / nele um certo apoio moral e intelectual. Os / outros gostavam de seu canto, apreciavam / como diletantes, mas Quaresma era o / único que ia ao fundo da sua tentativa, que / compreendia a sua grandeza.

– (Falar no aparecimento de outro tocador de violão)

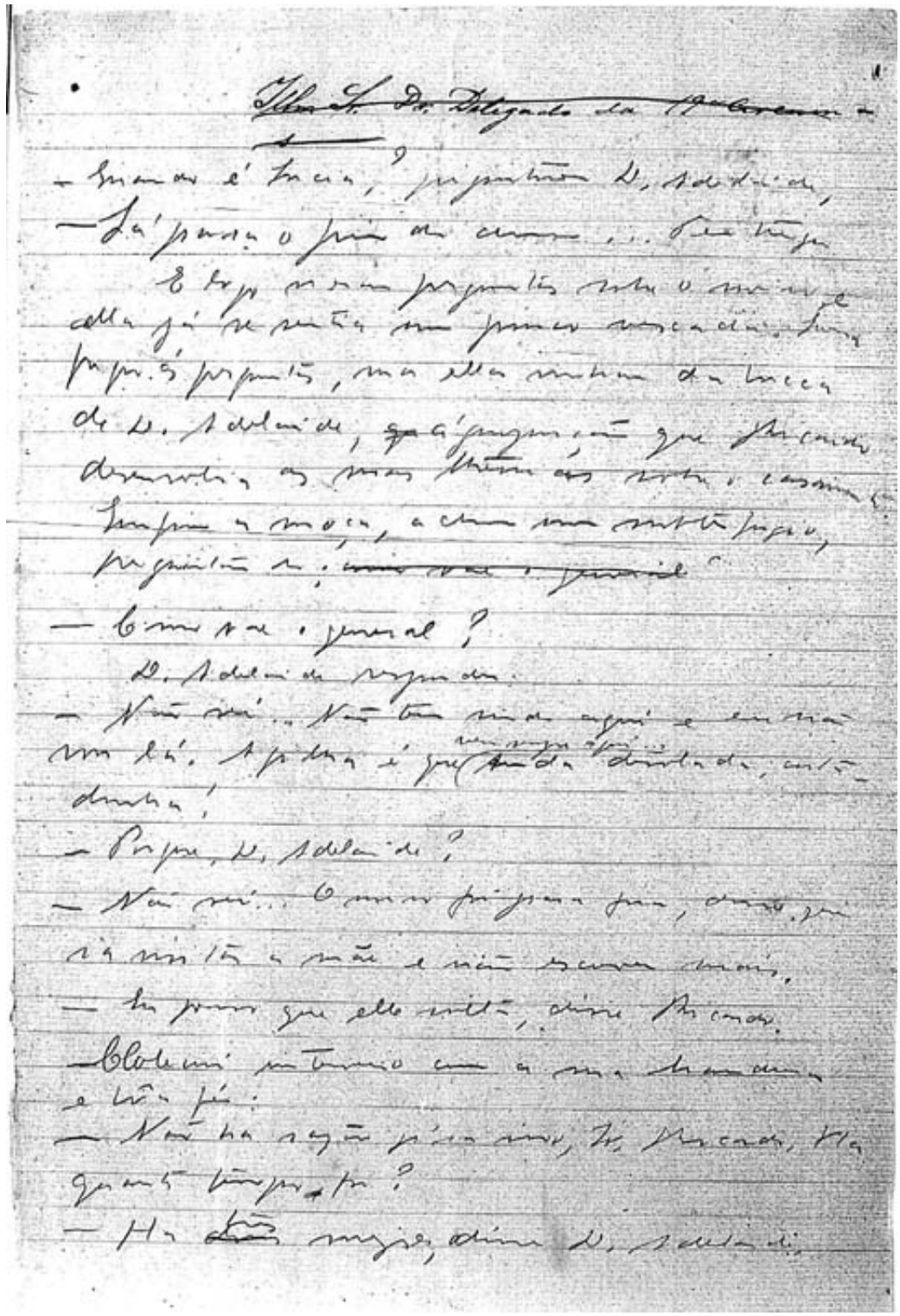
– Não pude ir hoje, dizia ele, mas irei / no domingo. Está mais gordo?

– Pouca coisa.

– Mas conversou bem. Ficou mesmo contente / quando soube que Lúcia ia casar-se.

– Vai casar-se, D. Lúcia? Parabéns.

Folha 060 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~Ilmo. Sr. Dr. Delegado da 19ª Comarca~~

– Quando é Lúcia? perguntou D. Adelaide.

– Lá para o fim do ano... Tem tempo.

E logo vieram perguntas sobre o noivo, e / ~~a~~ [[ela]] já se sentia um pouco vexada. Queria / fugir às perguntas, mas elas saíam da boca / de D. Adelaide, ~~que~~ à [*ilegível*] que Ricardo / desenvolvia as suas teorias sobre o casamento. / Enfim a moça, achou um subterfúgio, / perguntando: ~~como vai o general?~~

– Como vai o general?

D. Adelaide respondeu:

– Não sei... Não tem vindo aqui e eu não / vou lá. A filha é que [[vem sempre aqui...]] ~~a~~[A]nda desolada, coita-/dinha!

– Por que, D. Adelaide?

– Não sei... O noivo foi para fora, disse que / ia visitar a mãe e não escreveu mais.

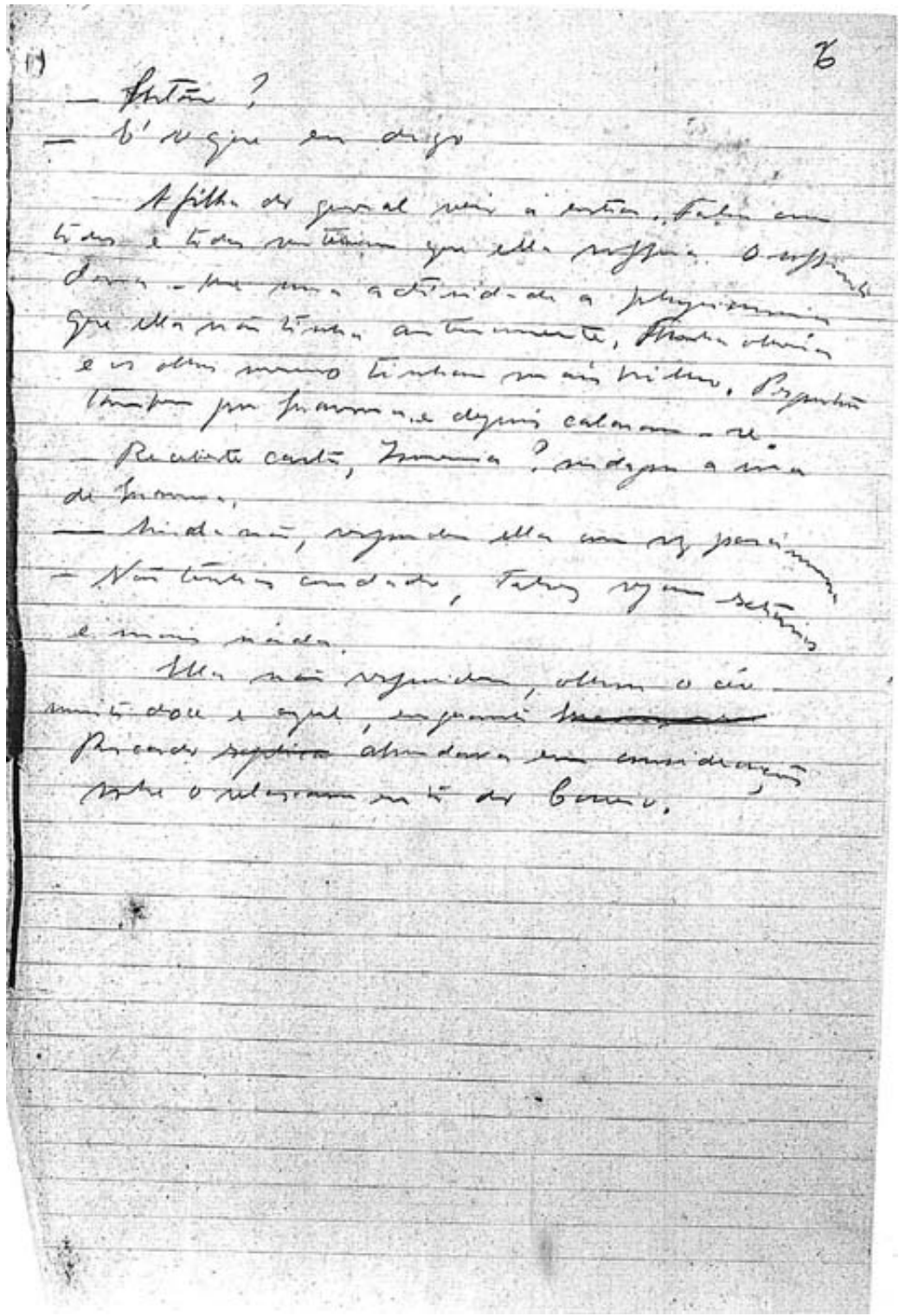
– Eu penso que ele volta, disse Ricardo.

– Coleoni interveio com a sua brandura / e boa fé:

– Não há razão pra isso, Sr. Ricardo. Há / quanto tempo foi?

– Há ~~dous~~ [[três]] meses, disse D. Adelaide.

Folha 060 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

6

– Então?

– É o que eu digo.

A filha do general veio a entrar. Falou com / todos e todos sentiram que ela sofria. O sofrimento / dava-lhe uma atividade à fisionomia / que ela não tinha anteriormente. [*rasurado*] [[Tinha]] olheiras / e os olhos mesmo tinham mais brilho. Perguntou / também por Quaresma e depois calaram-se.

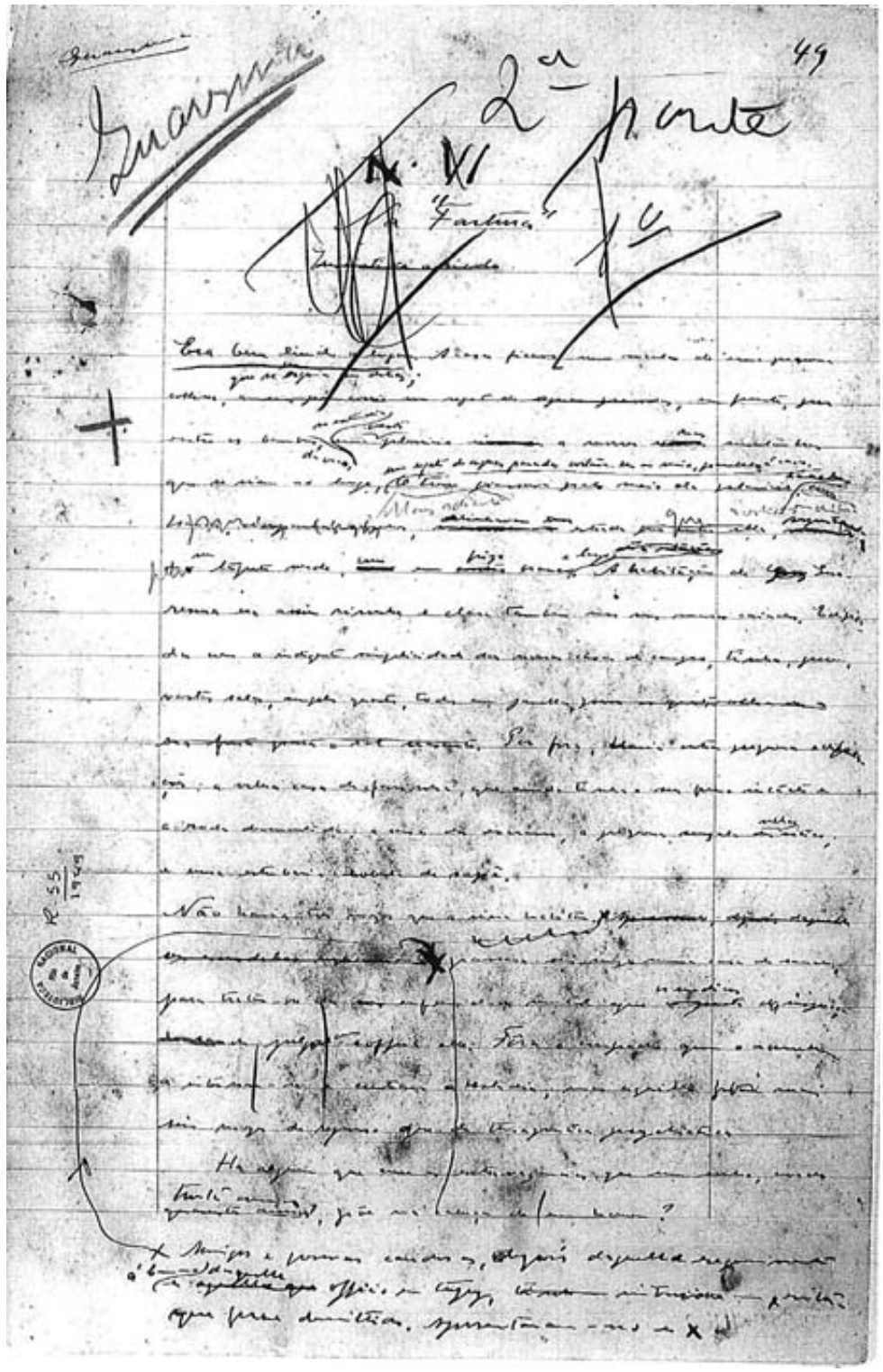
– Recebeste carta, Ismenia? indagou a irmã / de Quaresma.

– Ainda não, respondeu ela, com voz parcimoniosa.

– Não tenhas cuidado, talvez sejam extravios / e mais nada.

Ela não respondeu, olhou o céu / muito doce e azul, enquanto ~~Quaresma ex~~ / Ricardo ~~explica~~ abundava em considerações / sobre o relaxamento do Correio.

Folha 061 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Quaresma [[Quaresma]] ~~IV~~ [[~~VI~~]] [[~~II~~]] [[~~1º.~~]] [[I]] [[2ª. parte]] 49

Na "Fartura"

~~Iniciativa agrícola~~

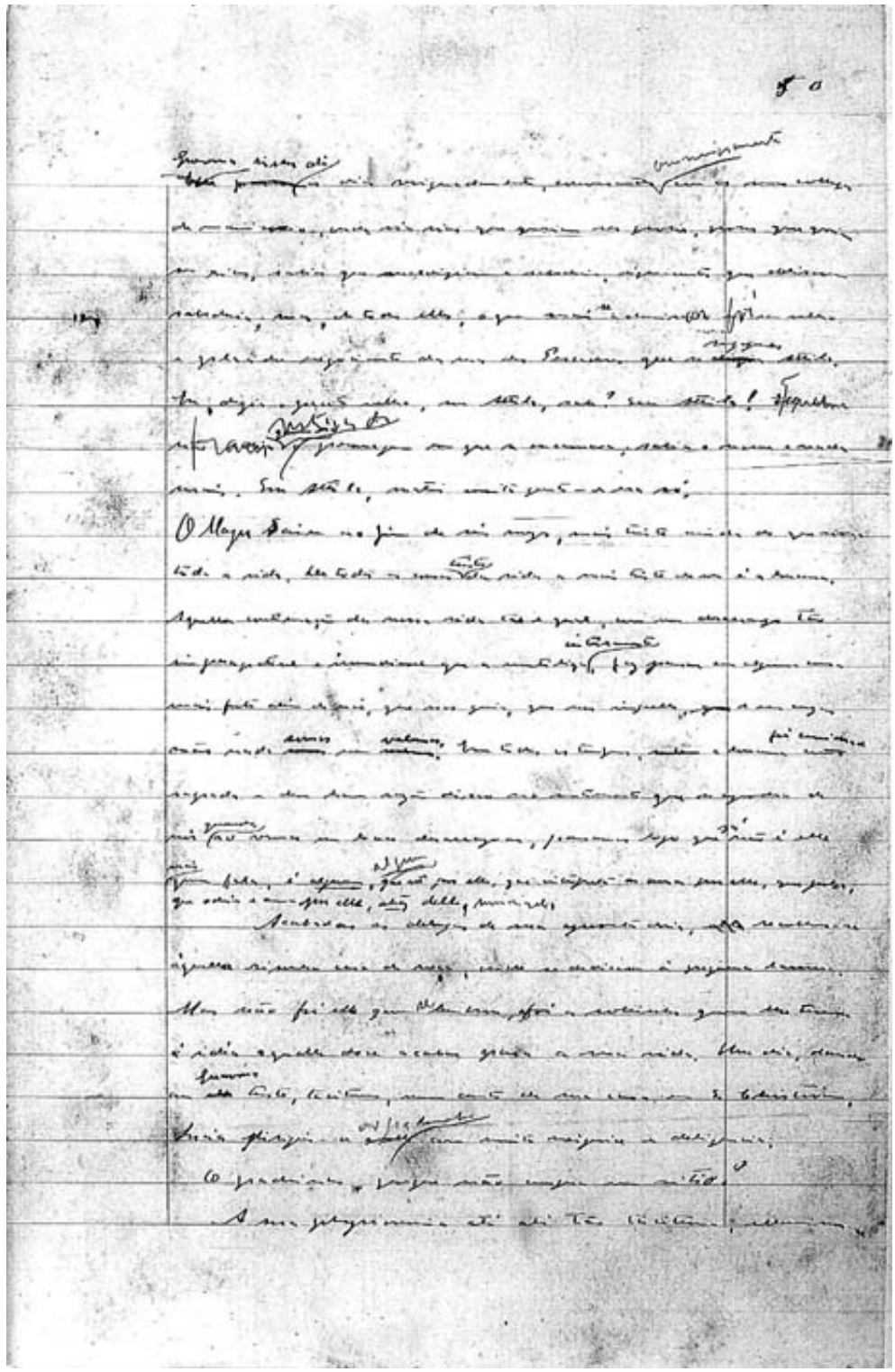
Era bem lindo o lugar. A casa ficava num socalco de uma pequena / colina, [[que se erguia em degraus;]] ~~a seu pé corria um regato de águas [*ilegível*]~~, em frente, por / entre os bambus~~,~~ [[da cerca,]] [[se extendia]] uma [[vasta]] planície ~~[*ilegível*]~~ a morrer ~~[*ilegível*]~~ [[nas]] montanhas / que se viam ao longe, {{um regato de águas paradas cortava-lhe ao meio, paralelo à casa.}} [[Mais adiante]] O trem passava pelo meio da planície. [[[*rasurado*]]] ~~como~~ [[[*rasurado*]]] / ~~trança~~ [*rasurado*]~~,~~[*rasurado*] [[alinhava [*ilegível*]]] a estrada ~~por entre ela~~ [[que a estrada]], [*rasurado*] [[serpenteando]] / ~~no~~ [[feito um]] tapete verde, [*rasurado*] [[com]] um [*rasurado*] [[frizo]] branco [[e largo ~~até a estação~~]]. A habitação de ~~Quares~~ Qua-/resma era assim risonha e clara também nos seus muros caiados. Edifica-/da com a indigente simplicidade das nossas casas de campo, tinha, porém, / vastas salas, amplos quartos, todos com janelas, ~~pois os quartos olhavam à / sua frente para o sol nascente~~. Por fora, havia outras pequenas edifica-/ções: a velha casa de farinha, que ainda tinha seu forno intacto e / a roda desmontada, a casa dos escravos, a pequena senzala dos [[velhos]] sítios; / e uma estrebaria coberta de sapê.

Não havia três meses que a viera habitar. ~~Aposentado, depois daquele /~~ [*trecho rasurado*] {{Amigos e pessoas caridosas, depois daquele requerimento / [[à Câmara]] e ~~aquele que~~ [[daquele]] ofício em tupi, ~~tinham~~ intervi~~do~~[[eram]] – e evitaram / que fosse demitido. Apresentaram-no e}}[48] passara seis meses numa casa de saúde, / para tratar-se de ~~em~~ enfermidade mental que ~~o posto~~ [[os médicos]] d~~e~~[[a]] injustiça / ~~[*ilegível*]~~ julg~~ou~~[[aram]] sofrer ele. Fôra o compadre que o aconselhou / a internar-se e [*termos ilegíveis*]; mas aquilo f~~oram~~[[oi]] mais / seis meses de repouso que de terapia psiquiátrica.

Há alguém que cure as extravagâncias que um sonho, velho / ~~quantos anos,~~ [[trinta anos,]] põe na cabeça de um homem?

Folha 062 (frente).

[48] Trecho manuscrito no pé da folha e ligado, primeiro ao fim de "que a viera habitar", depois a este ponto, por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~Ele passava~~ [[Quaresma viveu ali]] os dias resignadamente, conversando [[[*ilegível*]]] com os seus colegas / de manicômio, onde via ricos que queriam ser pobres, pobres que queriam / ser ricos, sábios que maldiziam a sabedoria, ignorantes que deliravam / sabedoria; mas, de todos eles, o que mais se admir~~ava~~[[ou]], ~~era~~ [[foi]] um velho / e plácido negociante da rua dos Pescadores que se ~~dizia~~ [[supunha]] Átila. / Eu, dizia o pacato velho, sou Átila, sabe? Sou Átila! ~~Ele~~ [[Tinha]] / ~~não conhecia a~~ [[fracas notícias da]] personagem em que se encarnou; sabia o nome e nada / mais. Sou Átila, matei muita gente – e era só.

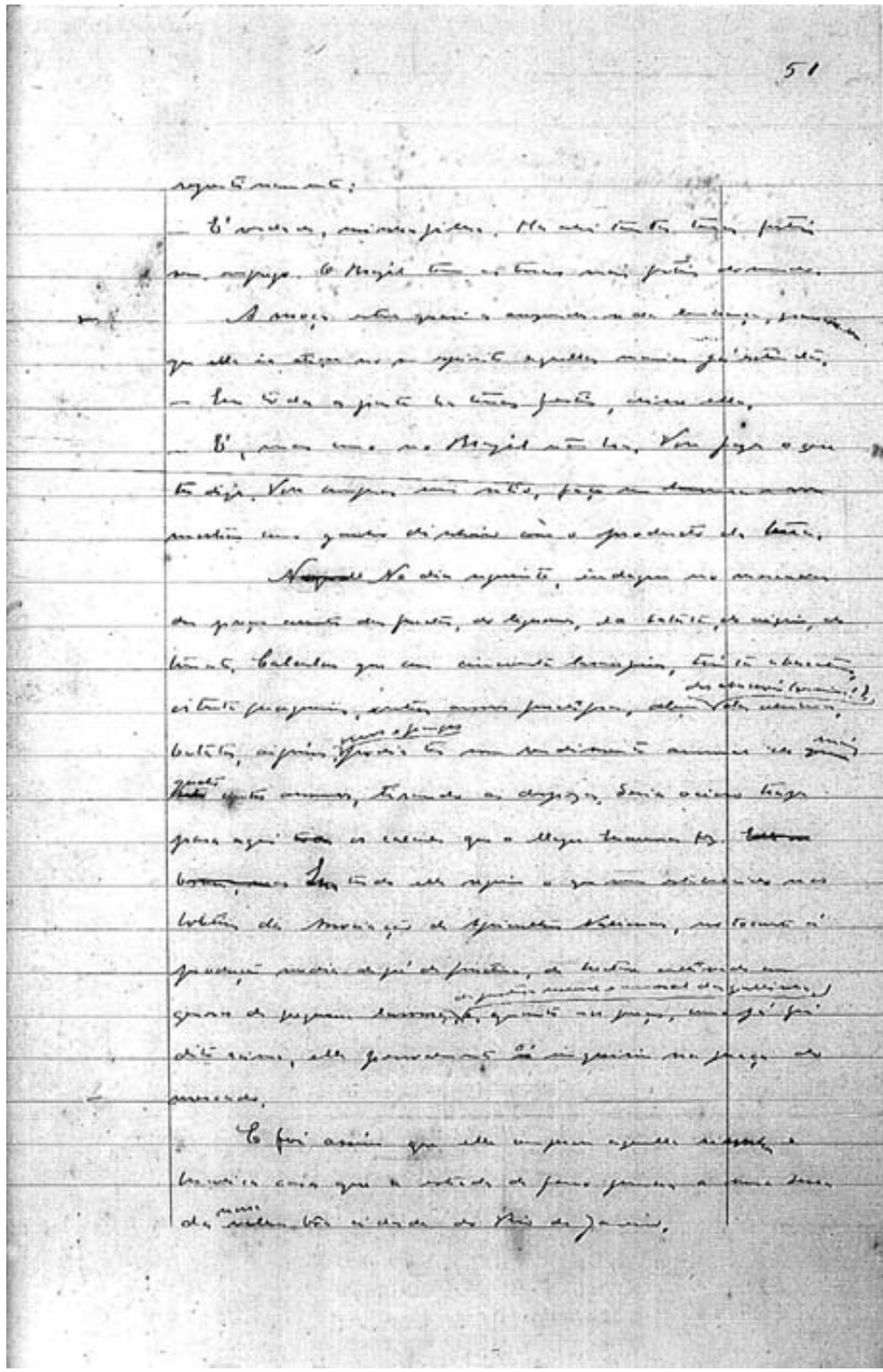
O Major saiu no fim de seis meses, mais triste ainda do que vivera / toda a vida. De todas as coisas [[tristes]] da vida a mais triste de ver é a loucura. / Aquela continuação da nossa vida tal e qual, com um desarranjo tão / imperceptível e insondável que a inutiliza [[inteiramente]], faz pensar em alguma coisa / mais forte além de nós, que nos guia, que nos impele, ~~que~~ e em cujas / mãos nada [*rasurado*] [[somos]] nem [*rasurado*] [[valemos]]. Em todos os tempos, ~~se tem~~ a loucura [[foi considerada]] como / sagrada e deve haver razão disso no sentimento que se apodera de / nós [[quando,]] ao vermos um louco desarrazoar, pensamos logo que [[já]] não é ele / [[mais]] quem fala, é <u>alguém</u>, [[alguém]] que vê por ele, que interpreta as coisas por ele, que julga, / {{que odeia e ama por ele, atrás dele~~.~~[[,, invisível.]]}}

Acabadas as delongas de sua aposentadoria, ~~ele~~ recolhera-se / àquela risonha casa de roça, onde se dedicava à própria lavoura. / Mas não foi ele quem se lembrou, foi a sobrinha quem lhe trouxe / à idéia aquele doce acabar para a sua vida. Um dia, dando / com ~~ele~~ [[Quaresma]] triste, taciturno, num canto de sua casa em S. Cristóvão, / Lúcia dirigiu-se ~~a ele~~ [[ao padrinho]] com muita meiguice e diligência:

– O padrinho, por que não compra um sítio?

A sua fisionomia até ali tão taciturna, iluminou-se

Folha 063 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

repentinamente:

– É verdade, minha filha. Há aí tantas terras férteis / sem emprego. O Brasil tem as terras mais férteis do mundo.

A moça esteve quase a arrepender-se da lembrança, pareceu-lhe / que ela ia atiçar no seu espírito aquelas manias já extintas.

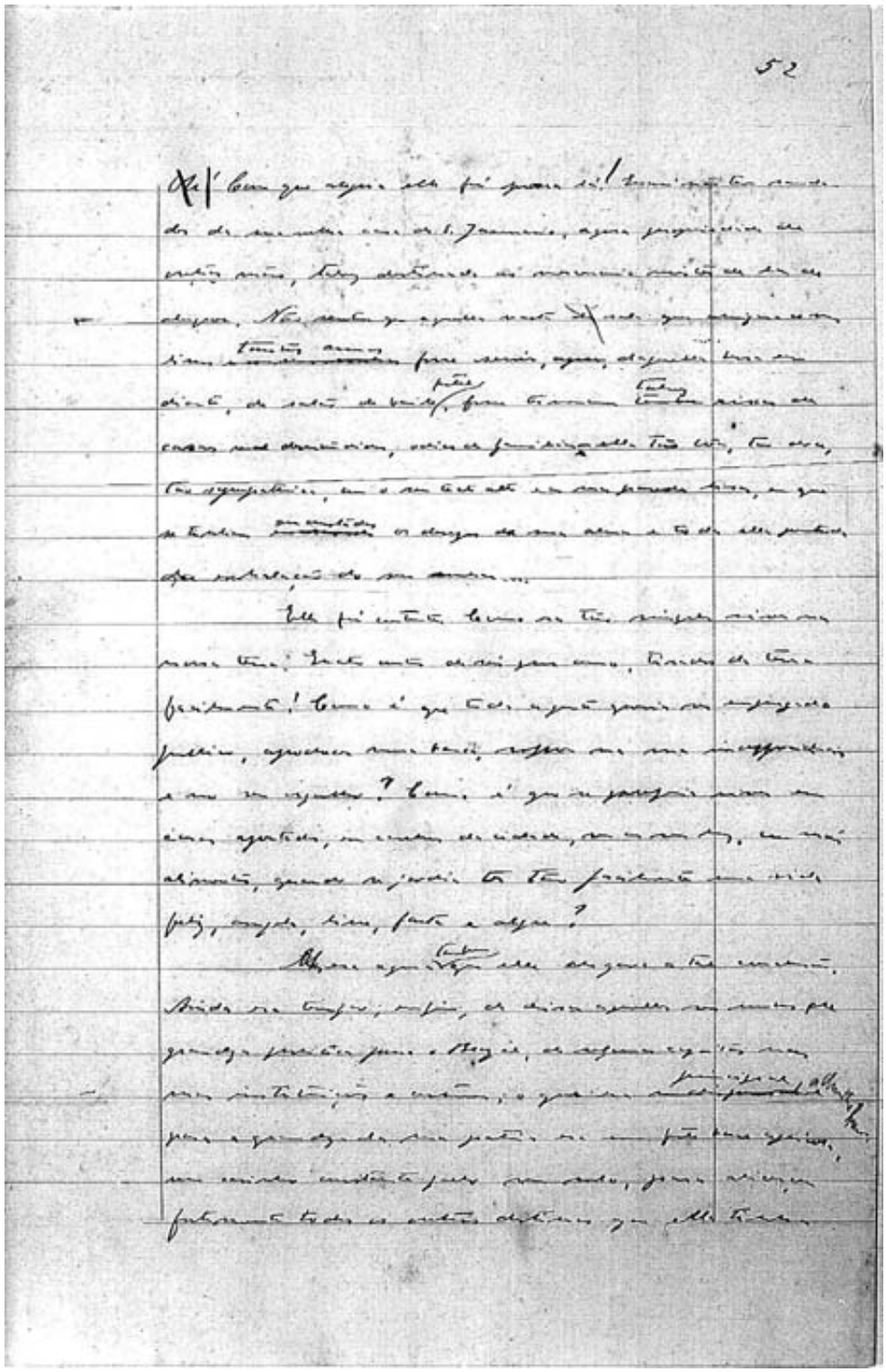
– Em toda a parte há terras férteis, disse ela.

– É, mas como no Brasil não há. Vou fazer o que / tu dizes. Vou comprar um sítio, faço um [*ilegível*] e vou / mostrar como ganho dinheiro com o produto da terra.

~~Naquele~~ No dia seguinte, indagou no mercado / dos preços correntes das frutas, dos legumes, da batata, do aipim, do / tomate. Calculou que com cinquenta laranjeiras, trinta abacateiros, / oitenta pessegueiros, outras árvores frutíferas, além [[dos abacaxis (que mina!),]] das abóboras, / batatas, aipins [[[*ilegível*] e frangos]], podia ter um rendimento anual de ~~quase~~ [[mais]] / [*rasurado*] [[quatro]] contos, tirando as despesas. Seria ocioso trazer / para aqui ~~todos~~ os cálculos que o Major Quaresma fez. ~~Ele~~ [*rasurado*] ~~/~~ [*rasurado*] ~~, mas em~~ [[Em]] tudo ele seguiu o que vem estabelecido nos / boletins da Associação de Agricultura Nacional, no tocante à / produção média de pé de fruteira, de hectare cultivado com / gêneros de pequenas lavouras, {{da [*ilegível*] mensal e anual da galinha,}} e, quanto aos preços, como já foi / dito acima, ele formalmente ~~se~~ inquiriu na praça do / mercado.

E foi assim que ele comprou aquela r~~isonha~~[[ústica]] e / bucólica casa que a estrada de ferro punha a uma hora / da ~~melhor~~ [[nossa]] boa cidade do Rio de Janeiro.

Folha 064 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

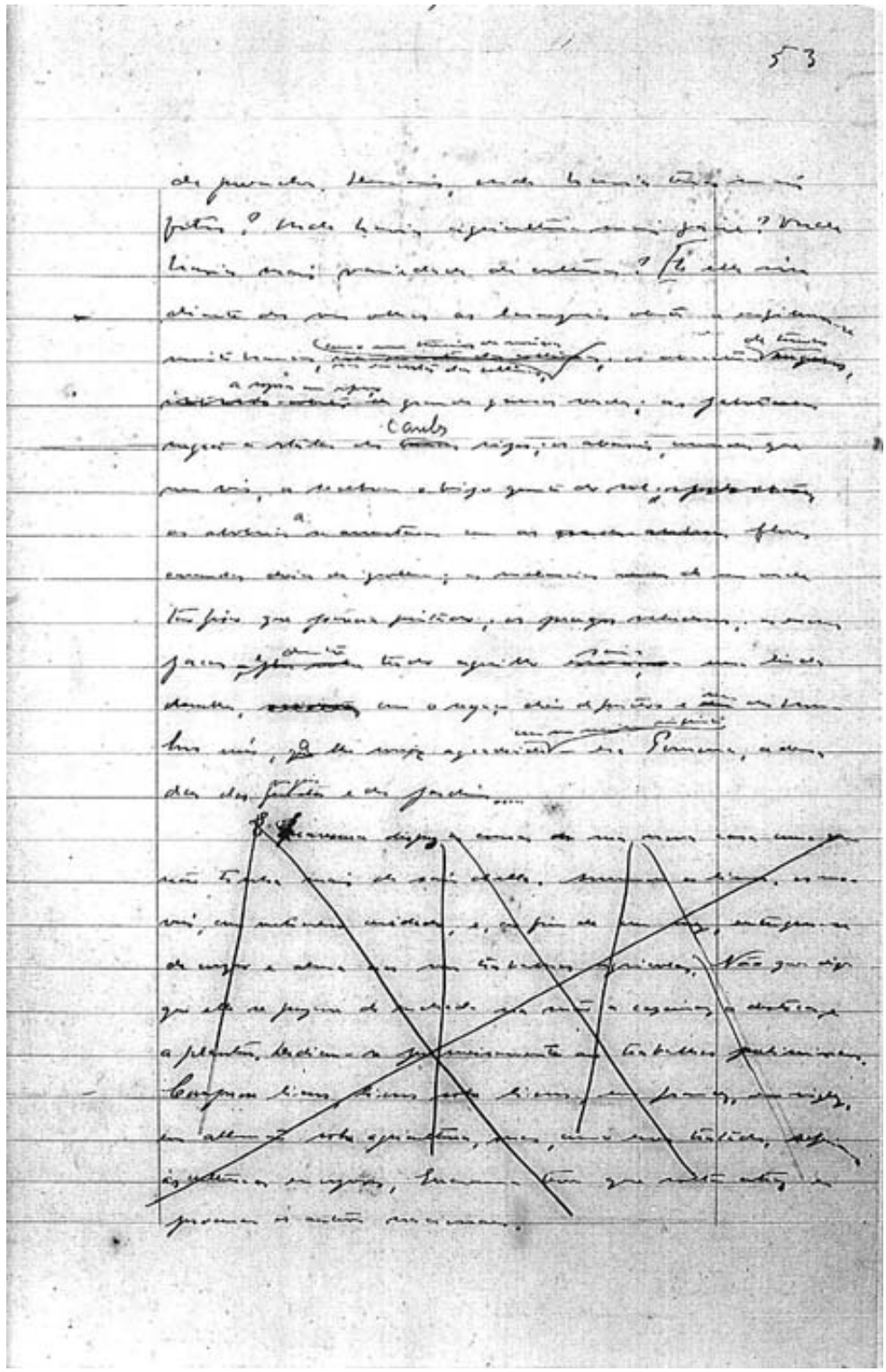
52

~~Oh!~~ Com que alegria ele foi para lá! Quase não teve sauda-/des de sua velha casa de S. Januário, agora propriedade de / outras mãos, talvez destinada ao mercenário mister de lar de / aluguel. Não sentiu que aquela vasta ~~e~~ sala que abrigou os seus / livros ~~e os seus sonhos~~ [[tantos anos]] fosse servir, ~~agora~~, daquela hora em / diante, de salão de baile [[fútil]], fosse testemunhar ~~também~~ [[talvez]] rixas de / casais ~~mal~~ desentendidos, ódios de família – ela tão boa, tão doce, / tão simpática, com o seu teto alto e as suas paredes lisas, em que / se tinham [*rasurado*] [[incrustados]] os desejos de sua alma e toda ela penetrada / da exalação do seu sonho...

Ele foi contente. Como era tão simples viver na / nossa terra! Quatro contos de réis por ano, tirados da terra / facilmente! Como é que toda a gente queria ser empregado / público, apodrecer numa banca, sofrer na sua independência / e no seu orgulho? Como é que se preferia viver em / casas apertadas, no centro da cidade, sustentar-se de maus / alimentos, quando se podia ter tão facilmente uma vida / feliz, ampla, livre, farta e alegre?

~~Mas~~ [[E]] era agora [[também]] que ele chegava a tal conclusão. / Ainda era tempo, enfim, de deixar aqueles seus sonhos de / grandeza política para o Brasil, de reformas capitais nas / suas instituições e costumes; o que era ~~indispensável~~ [[principal [*ilegível*]]] / para a grandeza da sua pátria era uma forte base agrícola, / um carinho constante pelo seu solo, para alicerçar / fortemente todos os outros destinos que ela tinha

Folha 065 (frente).



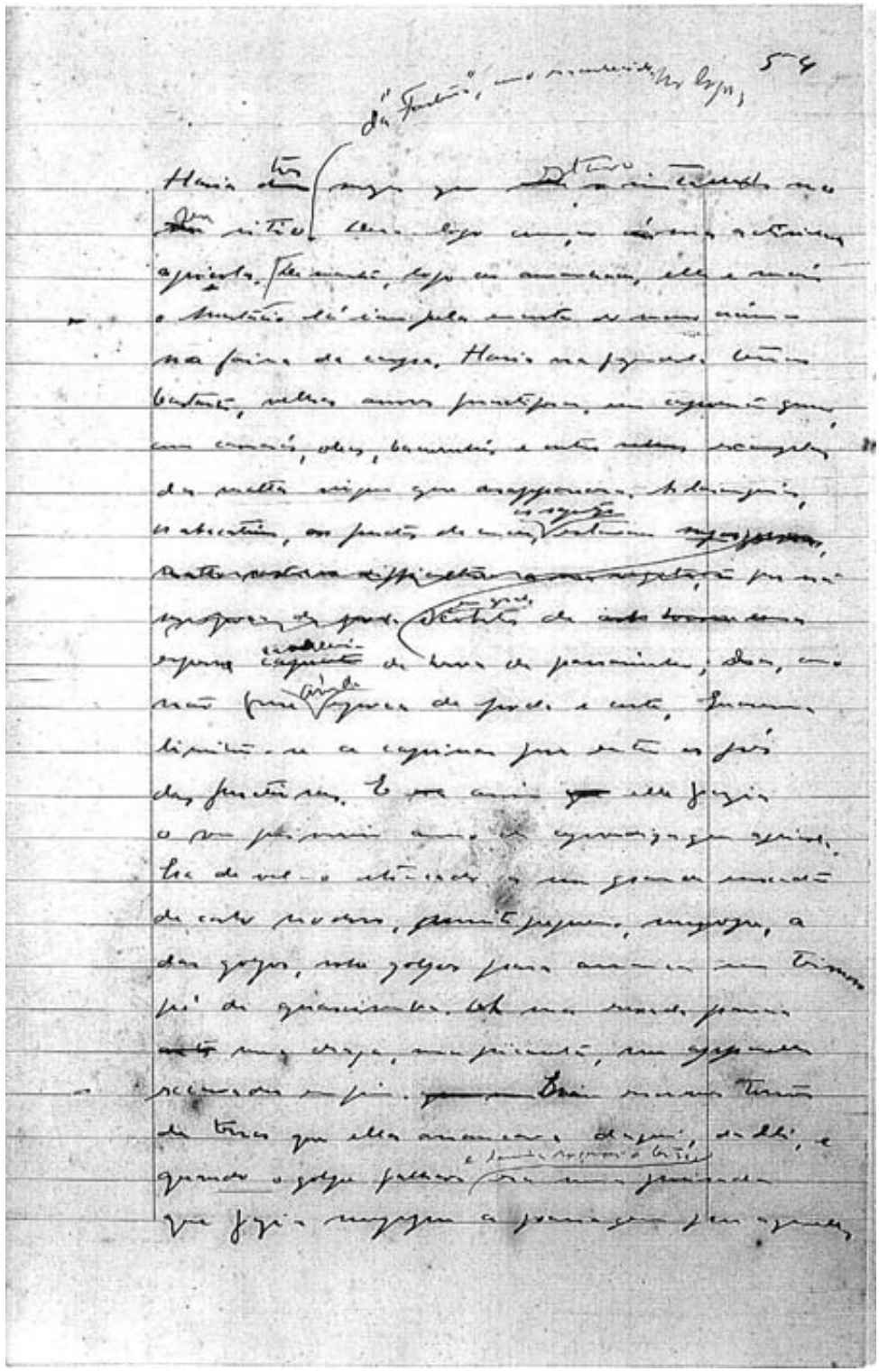
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

de preencher. Demais, onde havia terras mais / férteis? Onde havia agricultura mais fácil? Onde / havia mais variedade de culturas? [E ele viu / diante dos seus olhos as laranjeiras olentes a enfileirar-se / muito brancas, ~~pelas encostas das colinas~~ [[nas encostas das colinas]] [[como umas teorias de noivas]]; os abacateiros [[de troncos]] ~~rugosos~~, / [*termos rasurados*] [[a sopesar com esforço]] os grandes pomos verdes; as jabuticabas / negras a estalar dos ~~troncos~~ [[caules]] rijos; os abacaxis coroados que / nem reis, a receber o beijo quente do sol; [*rasurado*] / as aboboreiras [[a]] se arrastarem com as ~~grandes~~ [*rasurado*] flores / carnudas cheias de pólen; as melancias ~~verdes~~ de um verde / tão fixo que parecia pintado; os pêssegos veludosos; as [*ilegível*] / jacas, ~~por sobre~~ [[e dentre]] tudo aquilo [rasurado] [[saía]] uma linda / mulher, [*rasurado*] com o regaço cheio de frutos e [rasurado] [[um]] dos om-/bros nus, ~~que~~ [[a]] lhe sorri~~a~~[[r]] agradecida [[com seu imaterial sorriso]] – era Pomona, a deusa / das dos ~~frutos~~ [[vergéis]] e dos jardins...

E Quaresma dispôs as coisas na sua casa como quem / não tinha mais de sair dela. Arrumou os livros, os mó-/veis, com meticulosa unidade, e, ao fim de um mês, entregou-se / de corpo e alma aos seus trabalhos agrícolas. Não quer dizer / que ele se pusesse de enxada na mão a capinar, a destocar, e / a plantar. Dedicou-se primeiramente a trabalhos preliminares. / Comprou livros, livros sobre livros, em francês, em inglês, / em alemão sobre agricultura, mas, como esses tratados referiam-se / às culturas européias, Quaresma teve que voltar atrás e / procurar os autores nacionais.[49]

Folha 066 (frente).

[49] Todo este parágrafo foi eliminado com sete grandes traços.



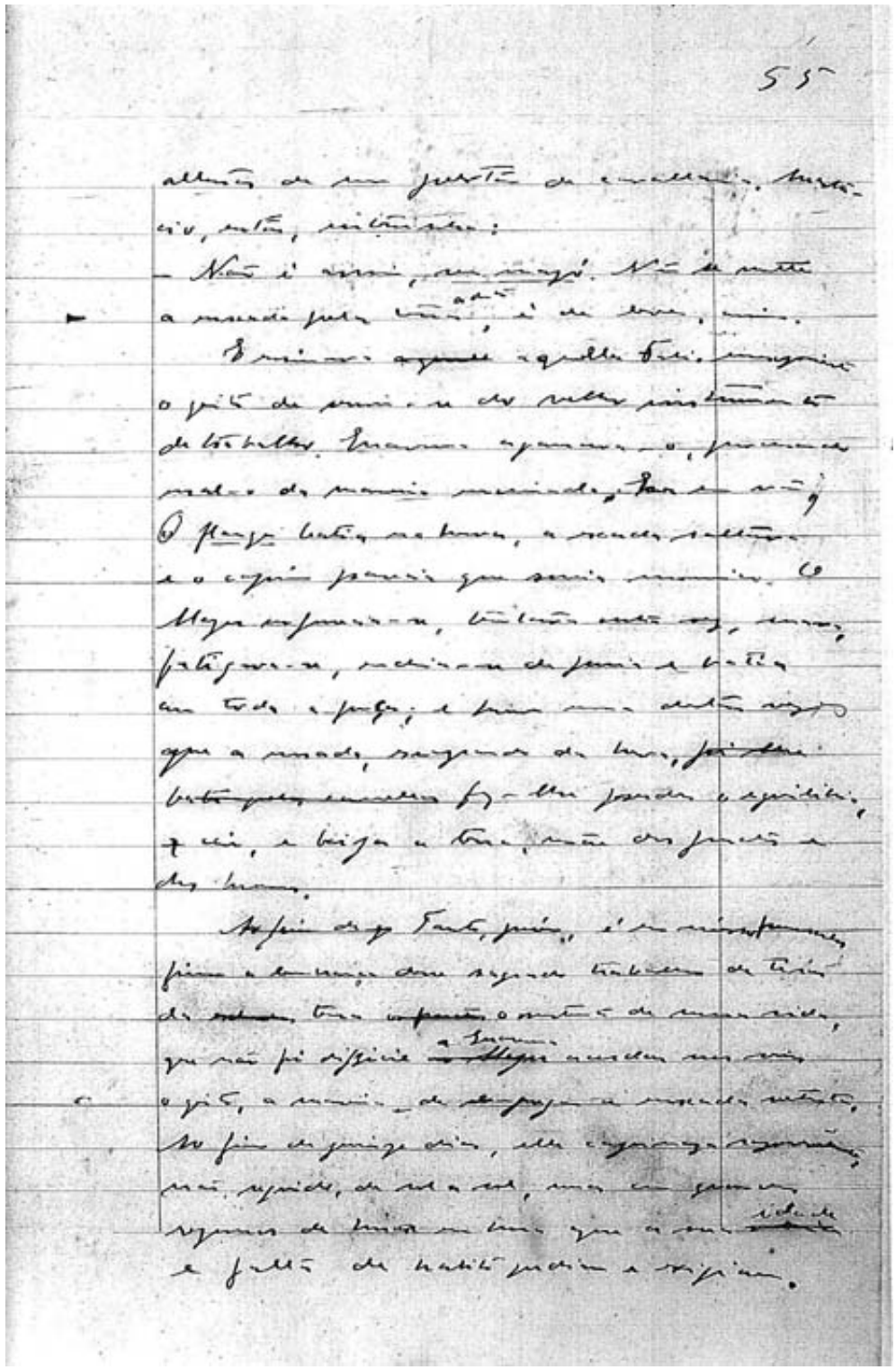
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

54

Havia ~~dous~~ [[três]] meses que [*rasurado*] [[estava]] no / ~~seu~~ [[seu]] sítio {{da "Fartura", como era conhecido [[no lugar]]}}[50]. Deu logo começo à sua atividade / agrícola. [De manhã, logo ao amanhecer, ele e mais / o Anastácio lá iam pela encosta do morro acima / na faixa de campo. Havia na fazenda terras / bastantes, velhas árvores frutíferas, um capoeirão grosso / com camarás, [*ilegível*], bacurubus e outros ~~velhos~~ exemplares / da mata virgem que desaparecia. Os laranjais, / os abacateiros, os frutos do conde, [[os [*ilegível*]]] estavam sujos [*rasurado*], / ~~mato~~ [*rasurado*] ~~dificultar a sua vegetação~~ por não / [*rasurado*] ~~de poda~~ e [[em geral]] cobertos de [*termos rasurados*] uma / espessa ~~[*ilegível*]~~ [[cabeleira]] de erva de passarinho; assim, como / não fosse [[ainda]] época de poda e corte, Quaresma / limitou-se a capinar por entre os pés / das fruteiras. E ~~era~~ assim ~~que~~ ele fazia / o seu primeiro ano de aprendizagem agrícola. / Era de vê-lo atracado a uma grande enxadão / de cabo nodoso, muito pequeno, míope, a / dar golpes sobre golpes para arrancar um teimoso / pé de guaximba. A sua enxada parecia / ~~antes~~ uma draga, uma picareta, um aparelho / escavador enfim. ~~[*ilegível*]~~ [*termos rasurados*] [[Eram enormes]] torrões / de terra que ela arrancava daqui, dali, e / quando o golpe falhava [[e lâmina roçava a terra]], era uma poeirada / que fazia supor a passagem por aquelas

Folha 067 (frente).

[50] Manuscrito na parte superior da folha, unido a este trecho por um traço. O final, "no lugar", está a lápis.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

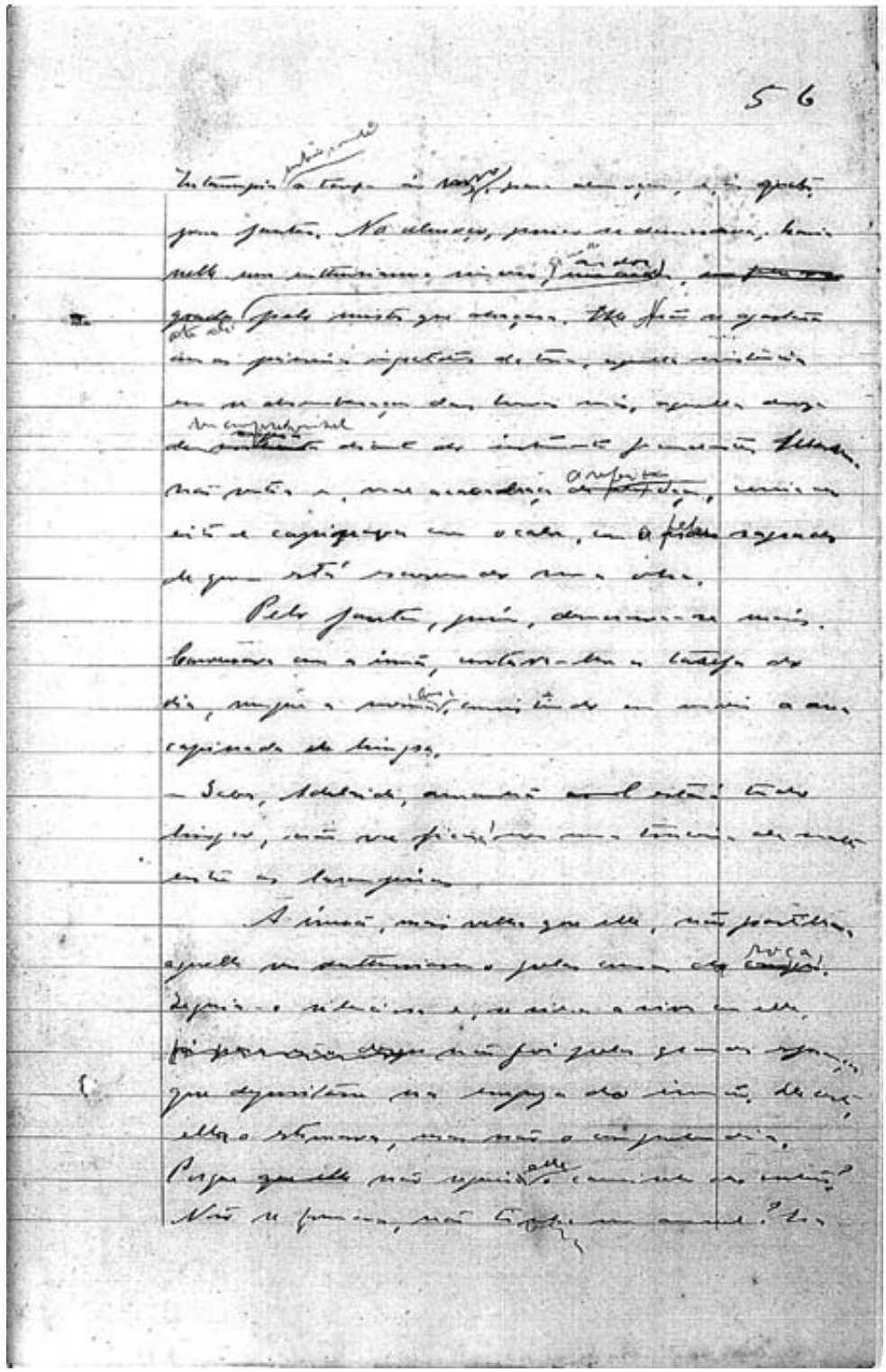
alturas de um pelotão de cavalaria. Anastácio, então, intervinha:

– Não é assim, seu majó. Não se mete / a enxada pela terra [[adentro]], é de leve, assim.

E ensinava ~~aquele~~ aquele Fábio inexperiente / o jeito de servir-se do velho instrumento / de trabalho. Quaresma agarrava-o, procurando / usá-lo da maneira ensinada. Era em vão~~,~~[[.]] / ~~o~~ [[O]] flange batia na erva, a enxada saltava / e o capim parecia que sorria irônico. O / Major enfurecia-se, tentava outra vez, suava, / fatigava-se, enchia-se de fúria e batia / com toda a força; e houve uma destas vezes / que a enxada, escapando da terra, ~~foi lhe / bater pelas canelas~~ fez-lhe perder o equilíbrio, / ~~e~~ cair, e beijar a terra, mãe dos frutos e / dos homens.

~~Ao fim de p~~ Tanto, porém, é em nossos músculos / firme a lembrança desse sagrado trabalho de tirar / da ~~enxada~~ terra ~~os frutos~~ o sustento de nossa vida, / que não foi difícil ~~ao Major~~ [[a Quaresma]] acordar nos seus / o jeito, a maneira, de empregar a enxada vetusta. / Ao fim de quinze dias, ele capinava razoavelmente, / não seguido, de sol a sol, mas com grandes / repousos de hora em hora que a sua [*rasurado*] [[idade]] / e falta de hábito pediam e exigiam.

Folha 068 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

56

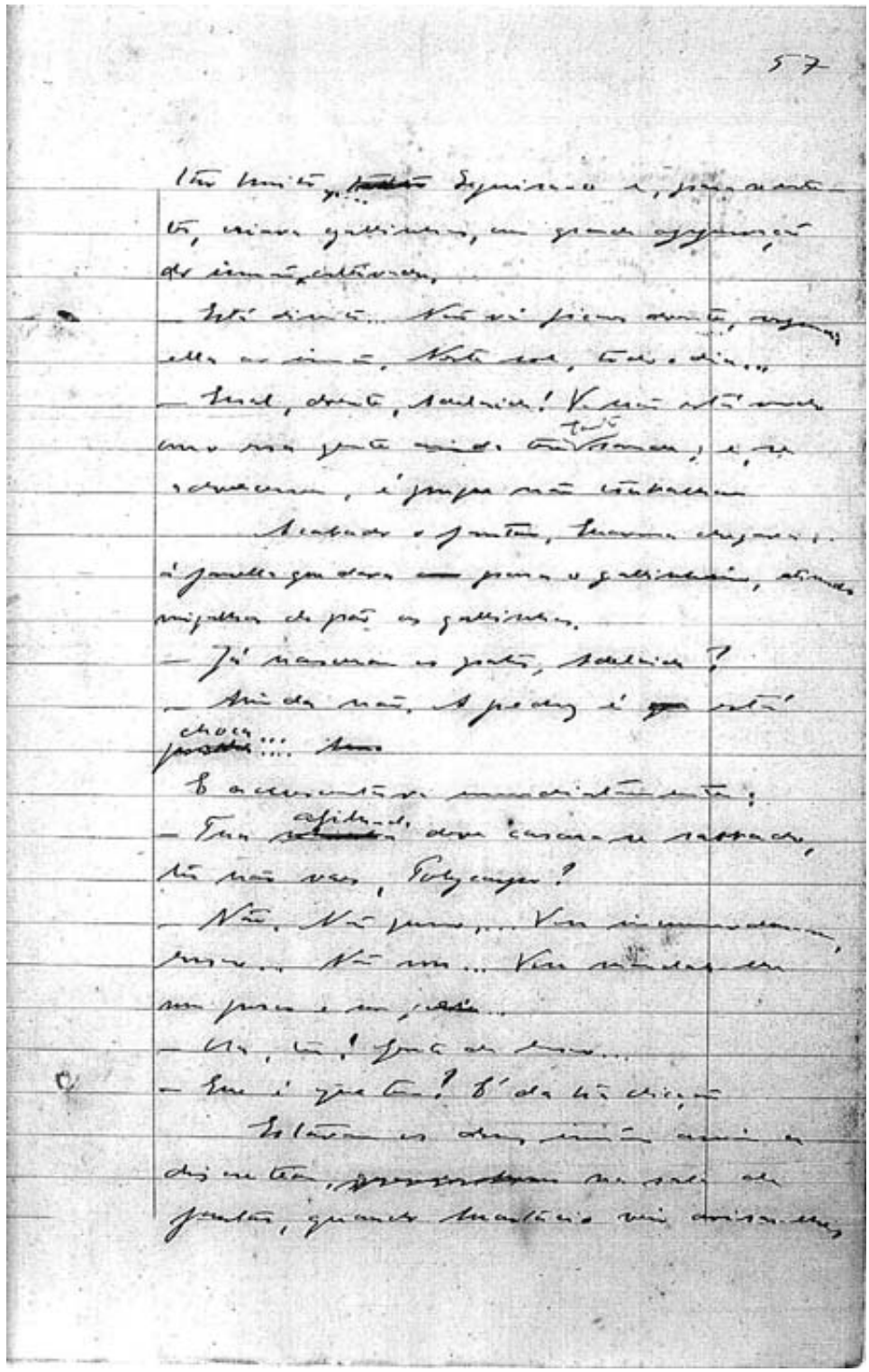
Interrompia [[entretanto]] a tempo à ~~dez~~ [[nove]], para almoçar, e, à quatro, / para jantar. No almoço, pouco se demorava; havia / nele um entusiasmo sincero, ~~um ardor~~ [[aquele ardor]], ~~uma febre~~ [*rasurado*] / grande pelo mister que abraçara. ~~Ele n~~[[N]]ão se agastava / [[até ali]] com as primeiras ingratidões da terra, aquela insistência / em se desembaraçar das ervas más, aquela [*ilegível*] / ~~de~~ [*rasurado*] [[[*ilegível*]]] [[incompreensível]] diante [*ilegível*] Quaresma / não sentia e, mal acabava ~~de almoçar~~ [[a refeição]], corria ao / eito e capinava com o calor, com ~~o ódio~~ [[o fel]] sagrado / de quem está executando uma obra.

Pelo jantar, porém, demorava-se mais. / Conversava com a irmã, contava-lhe a tarefa do / dia, sempre a mesma [[coisa]], consistindo em avaliar a área / capinada e limpa.

– Sabes, Adelaide, amanhã ~~as l~~ estará tudo / limpo, não me ficará nem uma touceira de mato / entre as laranjeiras.

A irmã, mais velha que ele, não partilhava / aquele seu entusiasmo pelas coisas d~~o~~[[a]] ~~campo~~ [[roça]]. / Seguia-o silenciosa, e, se viera viver com ele, / ~~foi para não deixar~~ não foi pelas grandes esperanças / que depositava na limpeza do irmão. Decerto, / ela o estimava, mas não o compreendia. / Por que ~~que ele~~ não seguia [[ele]] o caminho dos outros? / Não se formara, não ti~~nha~~[[vera]] um anel? Era

Folha 069 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

tão bonito~~,~~[[...]] ~~ter tão~~ Seguira-o e, para se entre-/ter, criava galinhas, com grande aprovação / do irmão cultivador.

– Está direito... Não vá ficares doente, respondia / ela ao irmão. Neste sol, todo o dia...

– Qual, doente, Adelaide! V. não está vendo / como essa gente ~~ainda~~ tem [[tanta]] saúde; e, se / adoecem, é porque não trabalham.

Acabado o jantar, Quaresma chegava / à janela que dava ~~com~~ para o galinheiro, atirando / migalhas de pão às galinhas.

– Já nasceram os patos, Adelaide?

– Ainda não. A perdiz é ~~que~~ está / ~~prenha...~~ [[choca...]] ~~Aind~~

E acrescentava imediatamente:

– Tua ~~sobrinha~~ [[afilhada]] deve casar-se sábado, / tu não vais, Polycarpo?

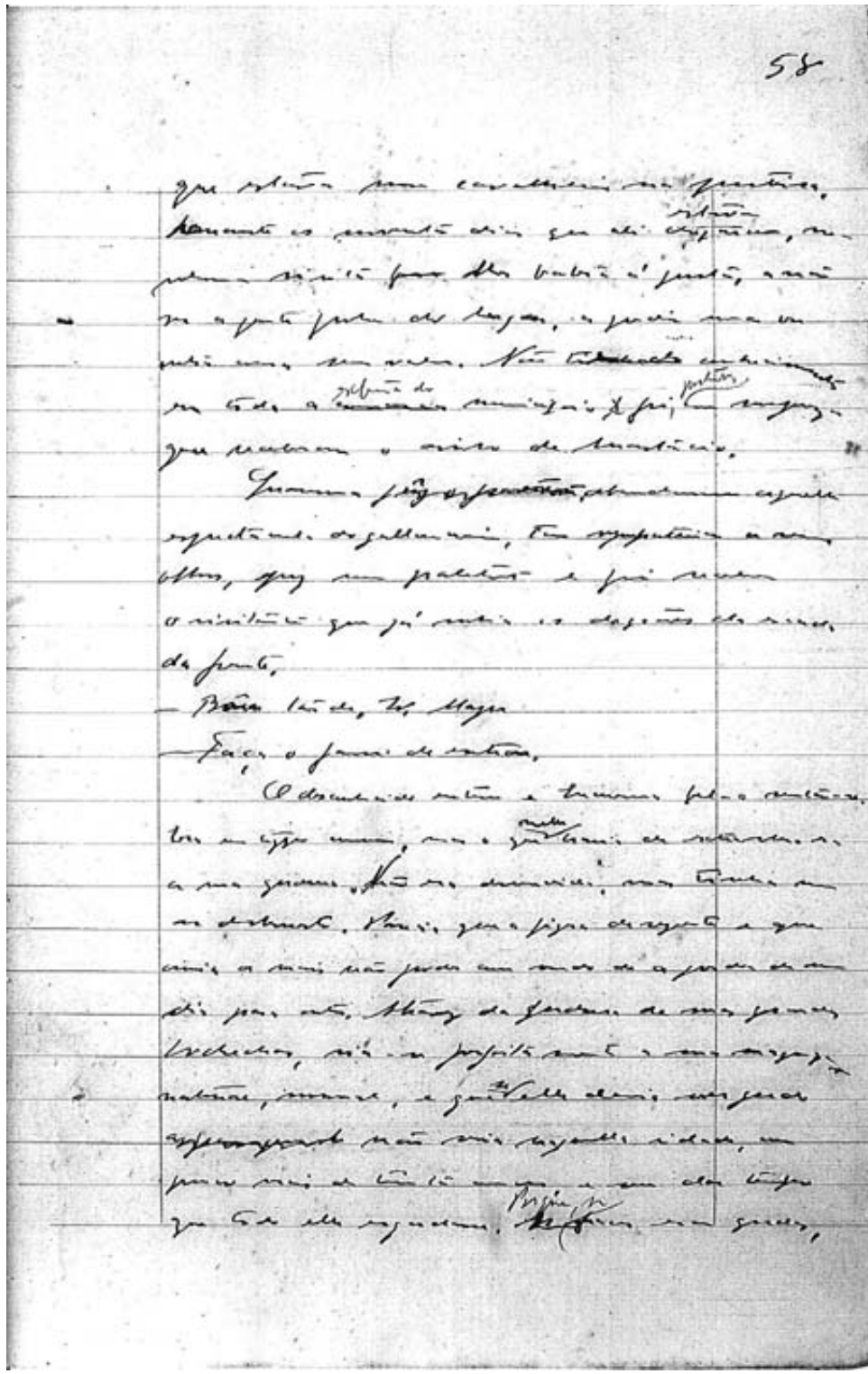
– Não. Não posso... Vou incomodar-me, / luxo... Não vou... Vou mandar-lhe / um porco e um peru...

– Ora, tu! Gente de luxo...

– Que é que tem~~!~~[[?]] É da tradição.

Estavam os dous irmãos assim a / discutir, ~~quando Anas~~ na sala de / jantar, quando Anastácio veio avisar-lhes

Folha 070 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

que estava um cavalheiro na porteira. / Durante os noventa dias que ali ~~chegaram~~ [[estavam]], ne-/nhuma visita fôra lhe bater à porta, a não / ser a gente pobre do lugar, a pedir uma ou / outra coisa sem valor. Não tinha travado conhecimento / em toda a ~~comarca~~ [[extensão do]] município; ~~e~~ foi, [[portanto]] com surpresa / que receberam o aviso do Anastácio.

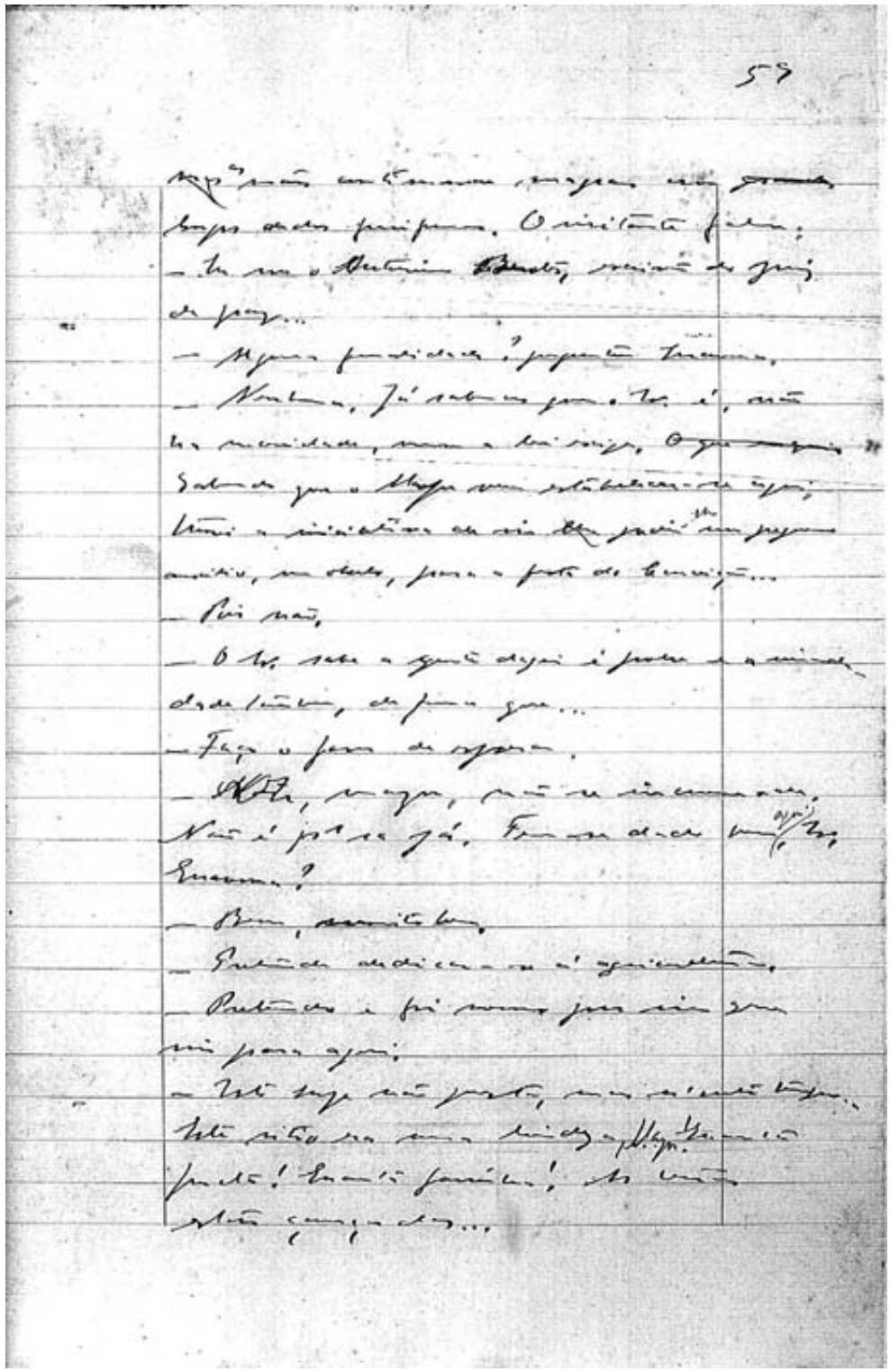
Quaresma ~~pôs o paletó~~ abandonou aquele / espetáculo do galinheiro, tão simpático a seus / olhos, pôs um paletó e foi receber / o visitante que já subia os degraus da escada / da frente.

– Boa tarde, Sr. Major.

– Faça o favor de entrar.

O desconhecido entrou e Quaresma fê-lo sentar-se. / Era um tipo comum, mas o que [[nele]] havia de estranho era / a sua gordura~~,~~[[.]] ~~n~~[[N]]ão era desmedida, mas tinha um / ar desonesto. Parecia que a fizera de repente e que / comia a mais não poder com medo de a perder de um / dia para outro. Através da gordura de suas grandes / bochechas, via-se perfeitamente a sua magreza / natural, normal, e que [[se]] ele devia ser gordo / [*rasurado*] não seria naquela idade, com / pouco mais de trinta anos e sem dar tempo / que todo ele engordasse. [[Porque, se]] ~~A~~[[a]]s faces eram gordas,

Folha 071 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~suas~~ [[as]] mãos continuavam magras com ~~grandes~~ / longos dedos fusiformes. O visitante falou:

– Eu sou o Antonino Bastos, escrivão do juiz / de paz...

– Alguma formalidade? perguntou Quaresma.

– Nenhuma. Já sabemos quem o Sr. é, não / há novidade, nem a lei exige. ~~O que eu queria~~ / Sabendo que o Major veio estabelecer-se aqui, / tomei a iniciativa de vir ~~lhe~~ pedir[[-lhe]] um pequeno / auxílio, um óbulo, para a festa da Conceição...

– Pois não.

– O Sr. sabe a gente daqui é muito pobre e a irman-/dade também, de forma que...

– Faça o favor de esperar.

– ~~Não~~ [[Oh]], major, não se incomode. / Não é pra já. Tem-se dado bem [[aqui]], Sr. / Quaresma?

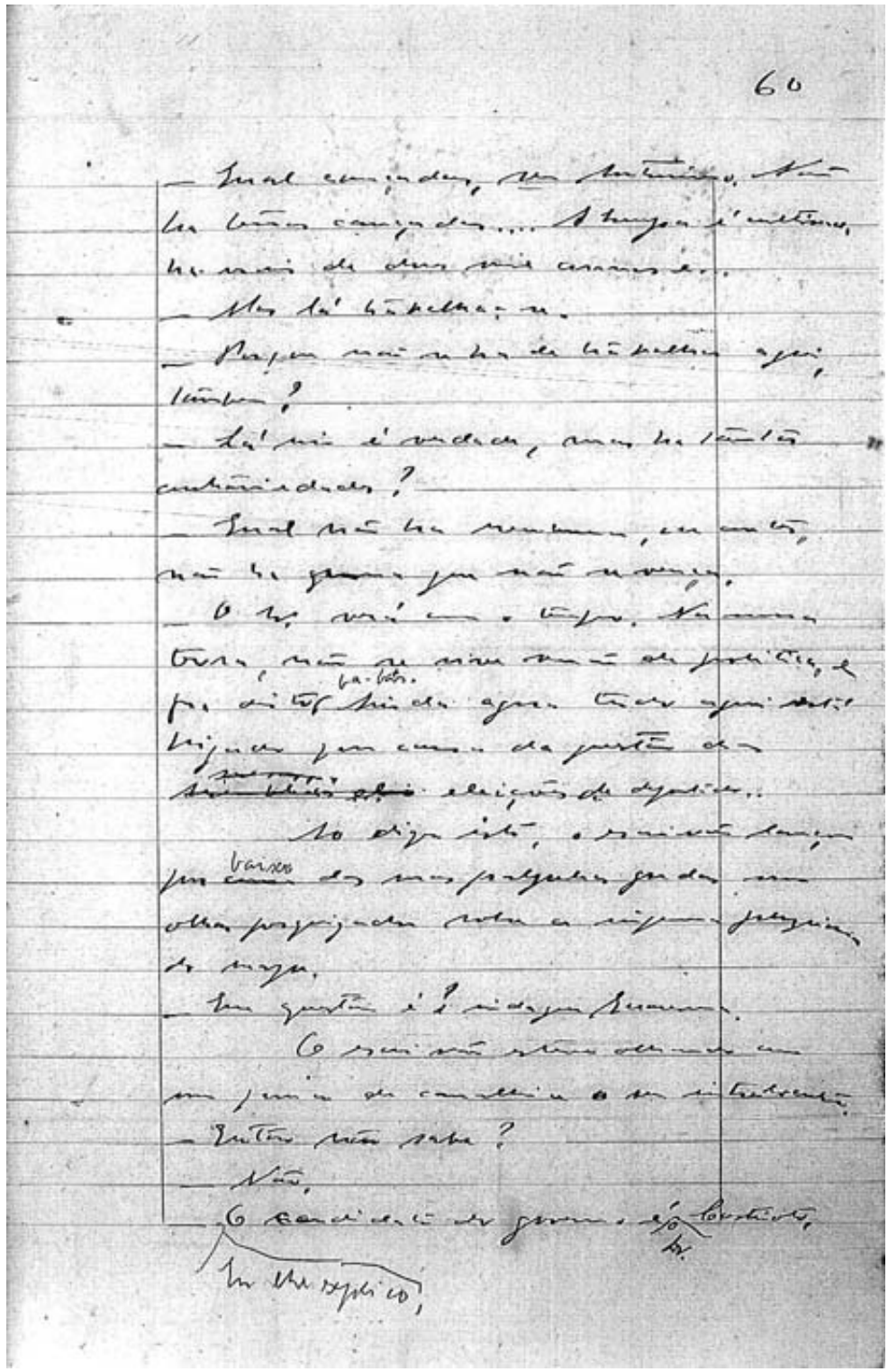
– Bem, muito bem.

– Pretende dedicar-se à agricultura?

– Pretendo e foi mesmo por isso que / vim parar aqui.

– Isto hoje não presta, mas n'outro tempo... / Este sítio era uma lindeza~~.~~[[, Major!]] Quanta / fruta! Quanta farinha! As terras / estão cansadas...

Folha 072 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Qual cansadas, seu Antonino. Não / há terras cansadas... A Europa é cultivada / há mais de dous mil anos e...

– Mas lá trabalha-se.

– Por que não se há de trabalhar aqui, / também?

– Lá isso é verdade, mas há tantas / contrariedades?

– Qual não há nenhuma, ou antes, / não há guerra que não se vença.

– O Sr. verá com o tempo. Na nossa / terra, não se vive senão de política, [[e]] / fora disto. [[babau.]] Ainda agora tudo aqui está / brigado por causa da questão das / [*rasurado*] das elei [[[*rasurado*]]]eleições de deputados...

Ao dizer isto, o escrivão lançou / por cima [[baixo]] das suas pálpebras gordas um / olhar pesquisador sobre a ingênua fisionomia / do major.

– Que questão é? indagou Quaresma.

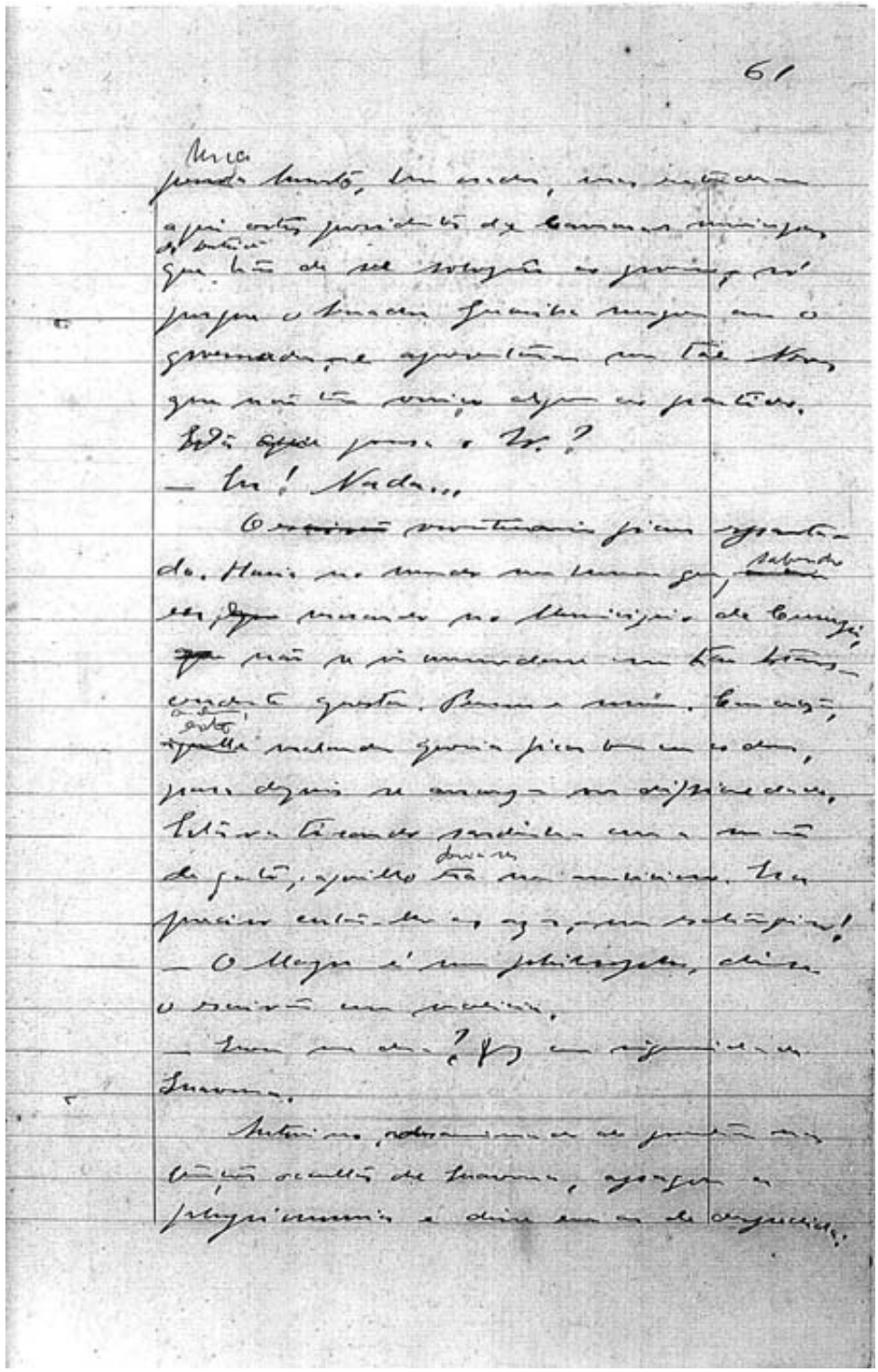
O escrivão esteve olhando com / um [*ilegível*] de canalha o seu interlocutor.

– Então não sabe?

– Não.

– [[Eu lhe explico.]] O candidato do governo é [[o Dr.]] Castrioto,

Folha 073 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~pessoa~~ [[moço]] honest~~a~~[[o]], bom orador; mas entenderam / aqui certos presidentes da[[s]] ~~e~~[[C]]âmaras municipais / [[do Distrito]] que hão de se sobrepor ao governo, só / porque o Senador Guariba rompeu com o / governador – e apresentaram um tal Neves / que não tem serviço algum ao partido. / ~~Está~~ [[O]] que pensa o senhor?

– Eu! Nada...

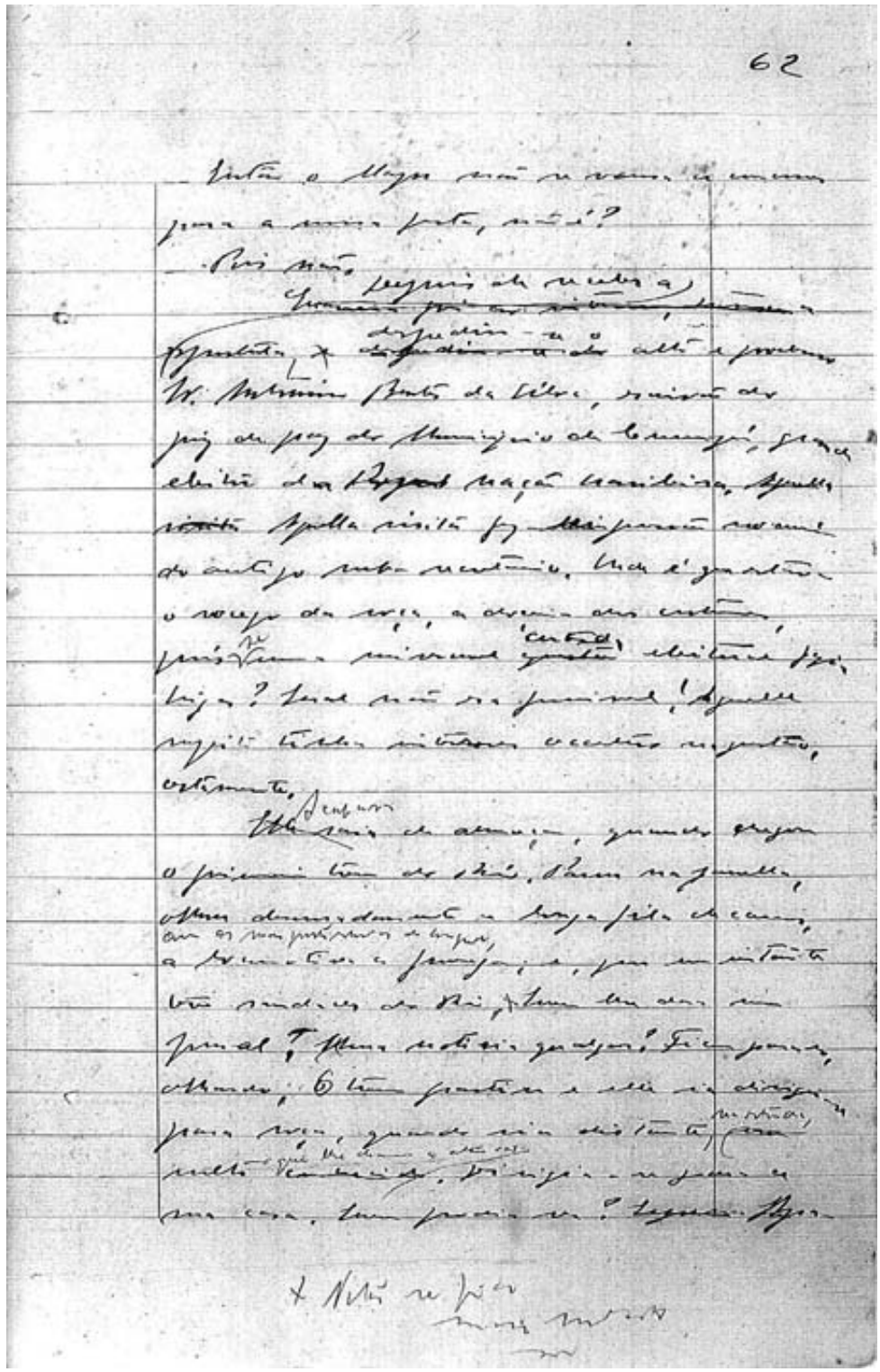
O ~~escrivão~~ serventuário ficou espanta-/do. Havia no mundo um homem que, ~~conhecendo~~ [[sabendo]] / isso, ~~[[e]] que~~ morando no Município de Curuzu, / ~~que~~ não se incomodasse com tão trans-/cendente questão. Pensou e sorriu. Com certeza, / ~~aquele~~ [[achou, este]] malandro queria ficar bem com os dous, / para depois se arranjar sem dificuldade. / Estava tirando sardinha com mão / de gato; aquilo ~~era~~ [[devia ser]] um ambicioso. Era / preciso cortar-lhe as asas, esse estrangeiro!

– O major é um filósofo, disse / o escrivão com malícia.

– Quem me dera? fez com ingenuidade / Quaresma.

Antonino, ~~não~~ [[desanimado]] de penetrar nas / tenções ocultas de Quaresma, apagou a / fisionomia e disse em ar de despedida:

Folha 074 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Então o Major não se recusa a concorrer
para a nossa festa, não é?

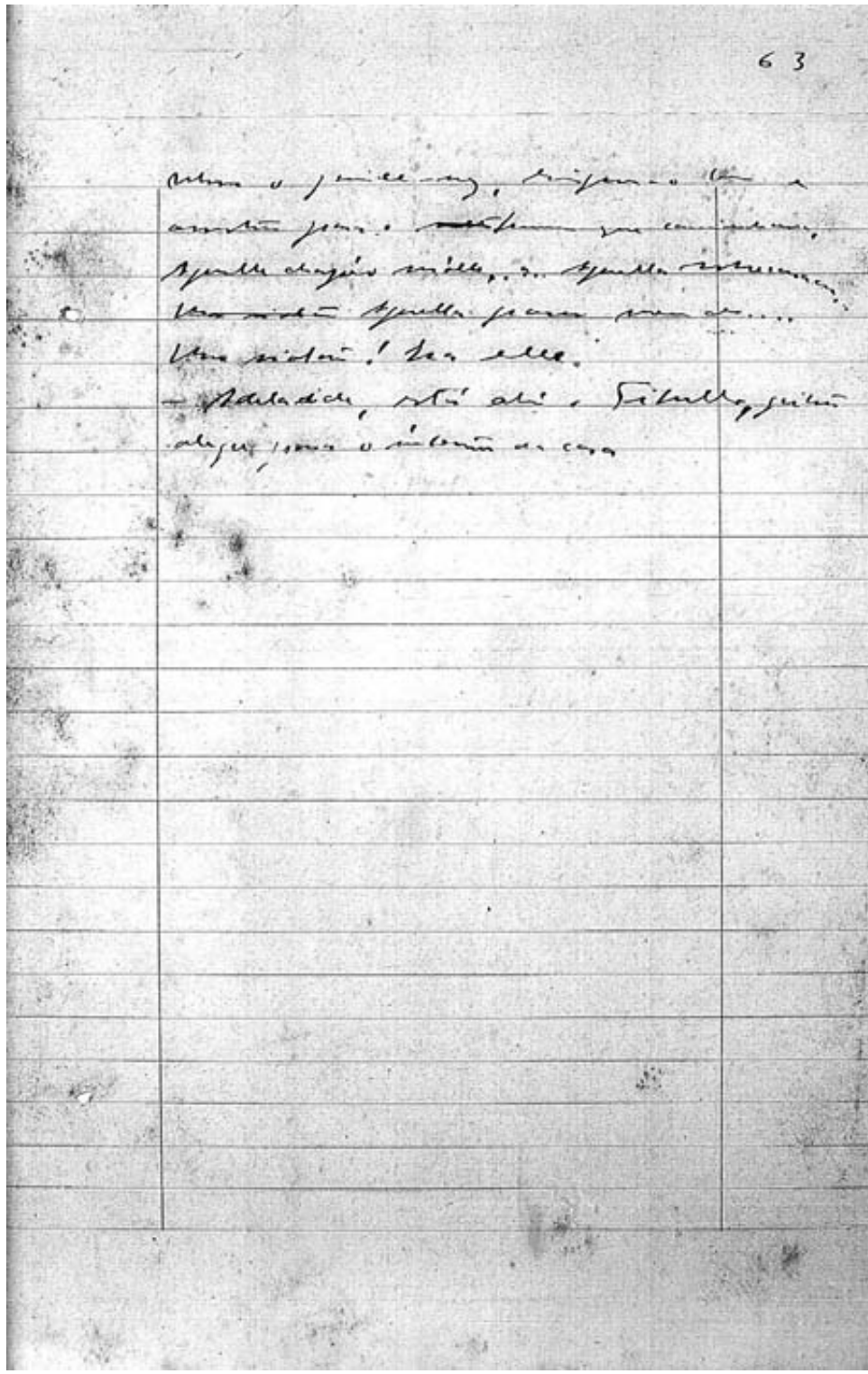
– Pois não.

~~Quaresma foi ao interior, trouxe a~~ [[Depois de receber a]] / [*ilegível*], ~~e despediu-se do~~ [[despediu-se o]] alto e poderoso / Sr. Antonino Bentes da Silva, escrivão do / juiz de paz do Município de Curuzu, grande / eleitor d~~o~~[[a]] ~~Brasil~~ nação brasileira. ~~Aquela / visita~~ Aquela visita fez ~~lhe~~ [[impressão]] no [*ilegível*] / do antigo subsecretário. Onde é que estava / o sossego da raça, a decência dos costumes, / pois [[se]] uma miserável ~~questão~~ [[[*ilegível*]]] eleitoral fazia / brigas? Qual não era [*ilegível*]! Aquele / sujeito tinha intenções ocultas na questão, / certamente.

~~Ele saía~~ [[Acabaram]] de almoçar, quando chegou / o primeiro trem do Rio. Parou na janela, / olhou demoradamente a longa fila de carros, / {{com as suas portinholas de comprido,}} a locomotiva a fumegar; e, por um instante / teve saudades do Rio. {{Nesta se fica / um mês inteiro}}[51] Quem lhe dera um / jornal~~?~~[[,]] ~~U~~[[u]]ma notícia qualquer? Ficou parado, / olhando~~,~~[[.]] ~~o~~[[O]] trem partiu e ele ia dirigir-se / para roça, quando viu distante, [[na estrada,]] um / vulto ~~conhecido~~ [[que lhe chamou a atenção]]. Dirigia-se para a / sua casa. Quem podia ser? ~~Esperou a~~[[A]]pa-

Folha 075 (frente).

[51] Manuscrito a lápis no pé da página, um xis indica ser aqui seu lugar.

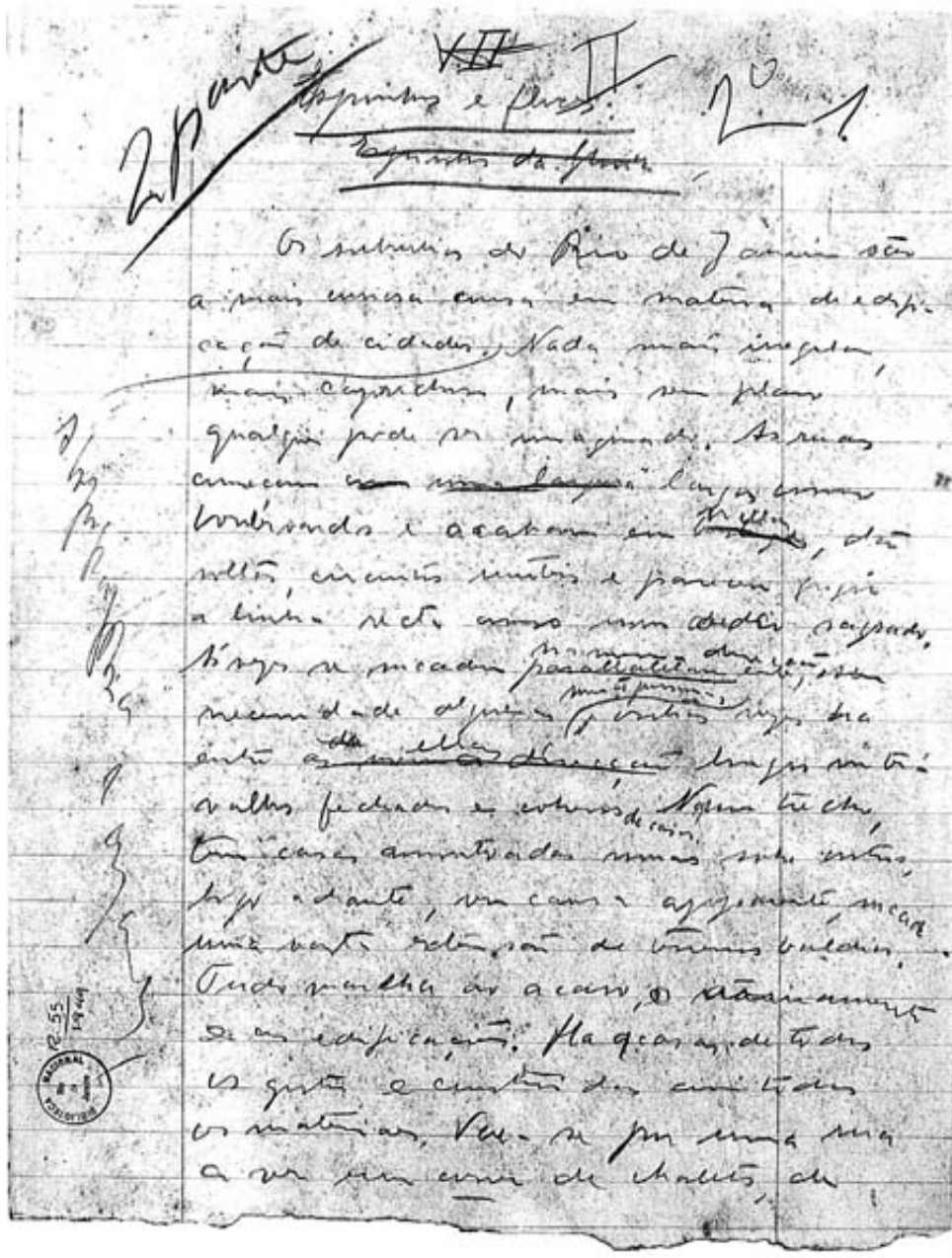


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

nhou o pince-nez, limpou-o bem e / assestou para o ~~vulto~~ homem que caminhava. / Aquele chapéu no alto... Aquela sobrecasaca... / ~~Um violão~~ Aquele passo miúdo... / Um violão! Era ele.

– Adelaide, está aí o Tibullo, gritou / alegre para o interior da casa.

Folha 076 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

2 parte ~~V~~ [[~~H~~]] [[II]] 2º 1

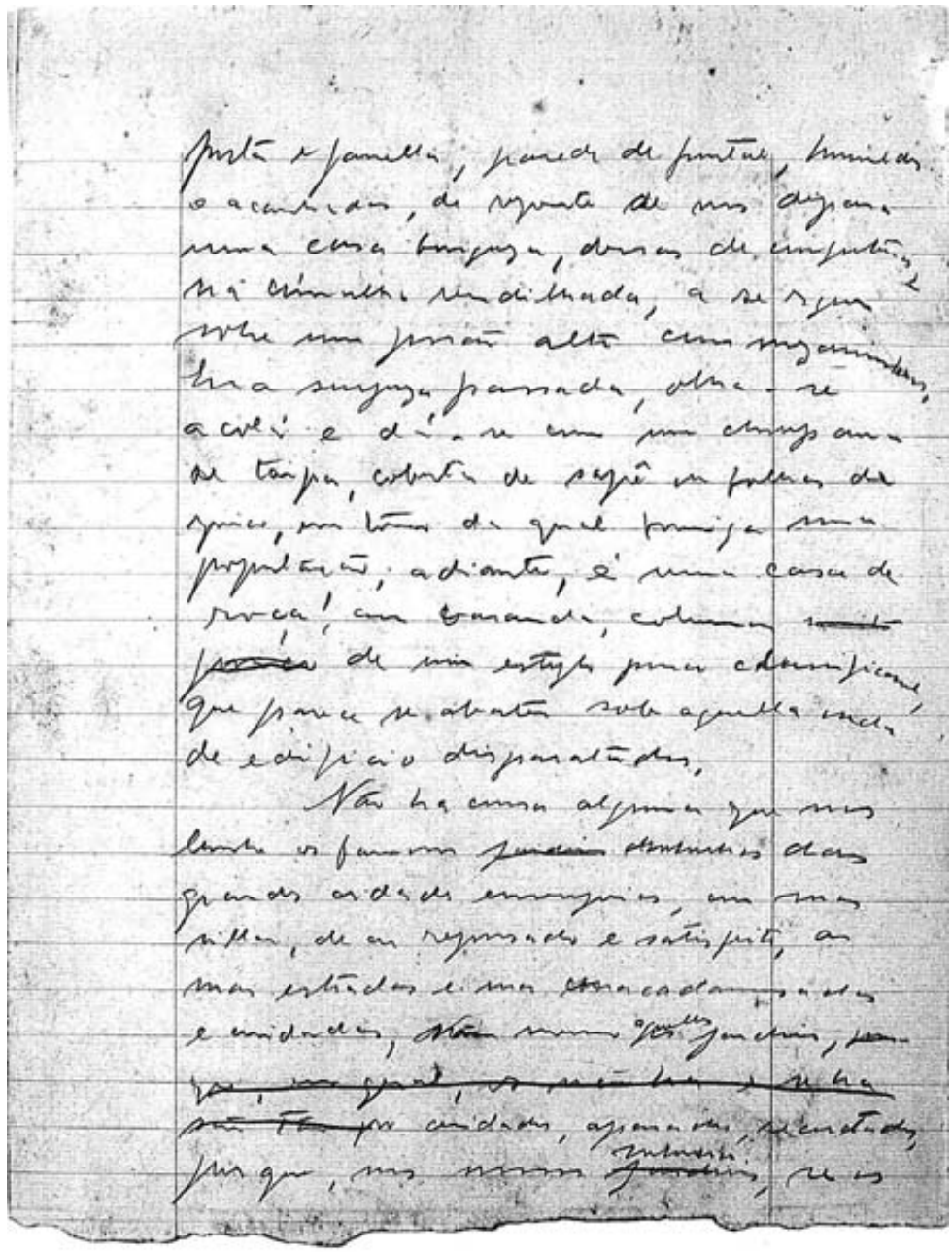
Espinhos e flores

~~Espinhos da Glória~~

Os subúrbios do ~~r~~[[R]]io de Janeiro são / a mais curiosa coisa em matéria de edifi-/cação de cidades. {{A topografia dos subúrbios}}[52] Nada mais irregular, / mais caprichoso, mais sem plano / qualquer pode ser imaginado. As ruas / começam ~~com mais largura~~ largas como / boulevards e acabam em ~~[*ilegível*]~~ [[vielas]], dão / voltas, circuitos inúteis e parecem fugir / à linha reta com um ódio sagrado. / Às vezes se sucedem ~~paralelamente~~ [[na mesma direção]], sem / necessidade alguma [[muito [*ilegível*]]], outras vezes há / entre ~~as~~ [[~~da~~]] ~~mesmas~~[[~~a~~]] ~~direção~~ [[elas]] longos inter-/valos fechados e coesos [[de casas]]. Num trecho, / tem casas amontoadas umas sobre outras, / logo adiante, sem causa aparente, sucede / uma vasta extensão de terrenos baldios. / Tudo marcha ao acaso, ~~e não~~ [*ilegível*] / das edificações. Há casas de todos / os gostos e construídas com todos / os materiais. Vai-se por uma rua / a ver um correr de chalets, de

Folha 077 (frente).

[52] Manuscrito na margem esquerda da folha, ligado a este ponto por um traço.

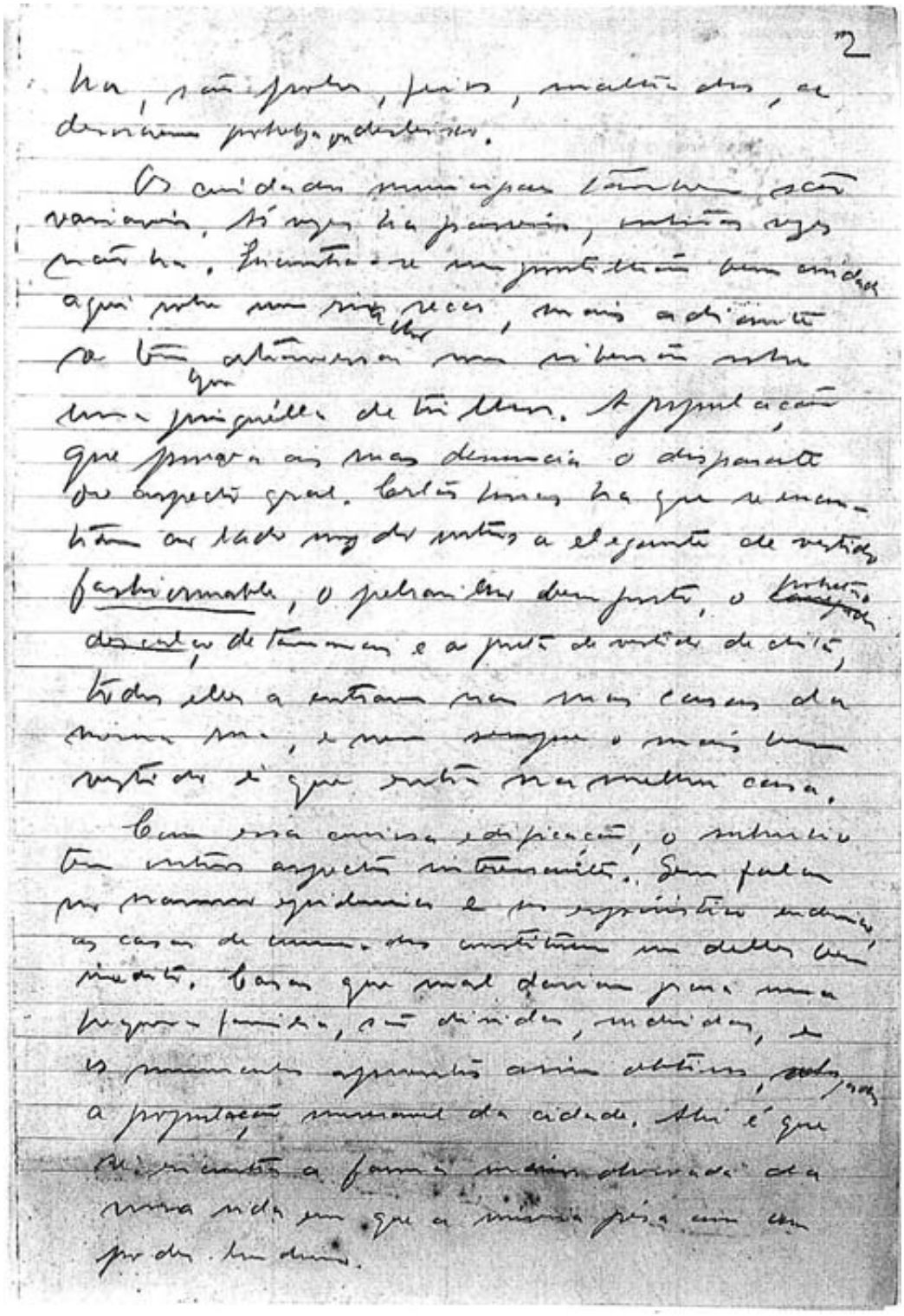


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

porta e janela, parede de frontal, humildes / e acanhados, de repente se nos depara / uma casa burguesa, dessas de compoteiras / na cimalha rendilhada, a se erguer / sobre um porão alto com mezaninos. / Essa surpresa passada, olha-se / acolá e dá-se com uma choupana / de taipa, coberta de sapê ou folhas de / zinco, em torno da qual formiga uma / população; adiante, é uma casa de / roça, com varanda, colunas ~~muito / juntas~~ de um estilo pouco classificável, / que parece se abater sob aquela onda / de edifícios disparatados.

Não há coisa alguma que nos / lembre os famosos ~~jardins~~ subúrbios das / grandes cidades européias, com suas / vilas, de ar repousado e satisfeito, as / suas estradas e ruas macadamizadas / e cuidadas, nem mesmo ~~os~~ [[aqueles]] jardins, ~~por /que, em geral, os não há e se há / são tão po~~ cuidados, aparados, recortados, / porque, nos nossos ~~jardins~~ [[subúrbios]], se os

Folha 077 (verso).



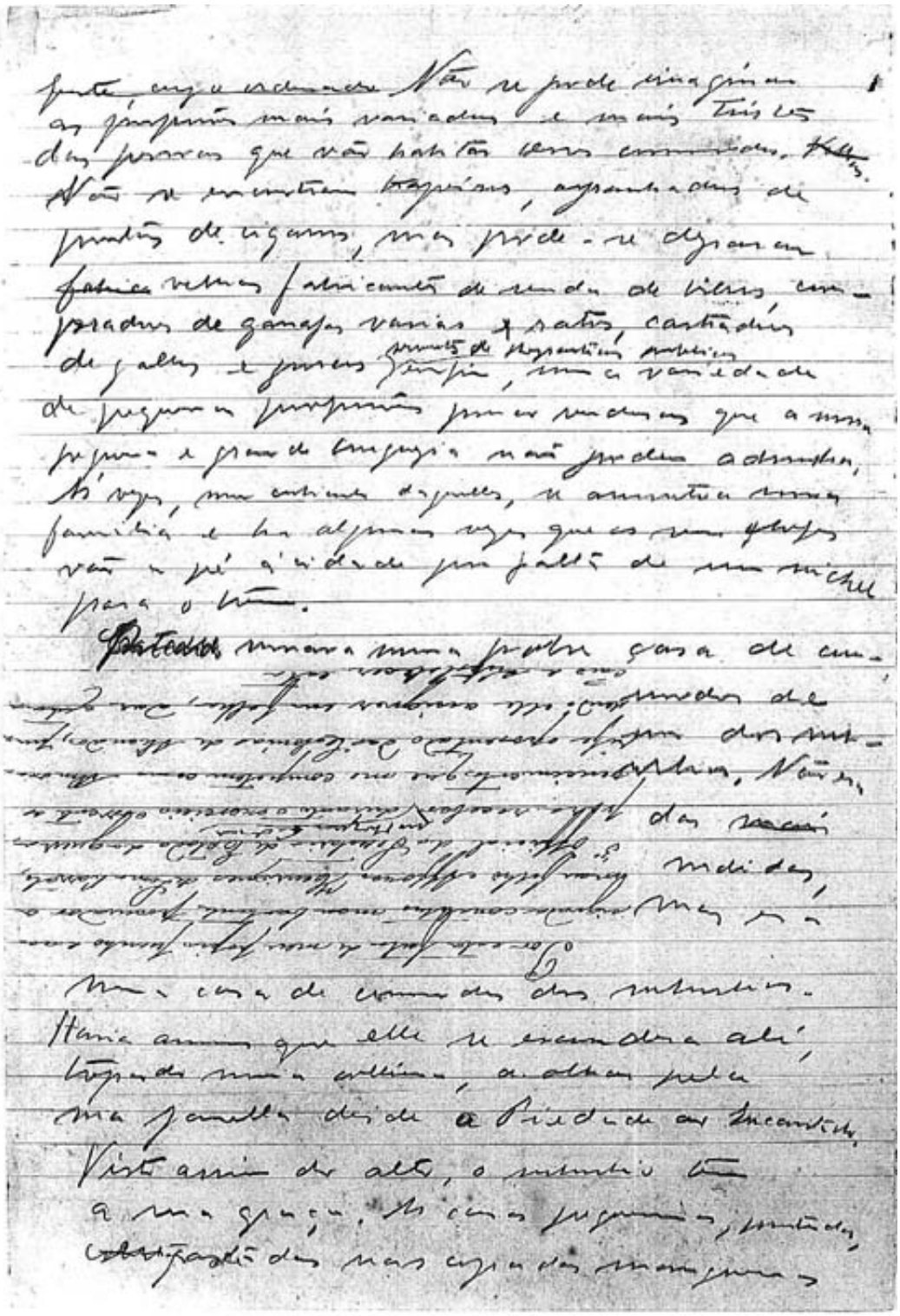
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

há, são pobres, feios, maltratados, e / demonstram pobreza ou desleixo.

Os cuidados municipais também são / variáveis. Às vezes há passeios, outras vezes / não há. Encontra-se um pontilhão bem cuidado / aqui sobre um ri~~o~~[[acho]] seco, mais adiante / se tem que atravessar um ribeirão sobre / uma pinguela de trilhos. A população / que passeava as ruas denuncia o disparate / do aspecto geral. Certas ruas há que se encon-/tram ao lado uns dos outros a elegante de vestido / fashionable, o peralvilho bem posto, o ~~carregador~~ [[pobretão]] / ~~descalço~~ de tamancos e a preta de vestido de chita, / todos eles a entrar nas suas casas da / mesma rua, e nem sempre o mais bem / vestido é que entra na melhor casa.

Com essa curiosa edificação, o subúrbio / tem outros aspectos interessantes. Sem falar / no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico, / as casas de cômodos constituem um deles bem / inédito. Casas que mal dariam para uma / pequena família, são divididas, subdivididas, e / os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados / à população miserável da cidade. Aí é que / se encontra a fauna ~~mais~~ [[menos]] observada da / nossa vida em que a miséria paira com um / poder londrino.

Folha 078 (frente).



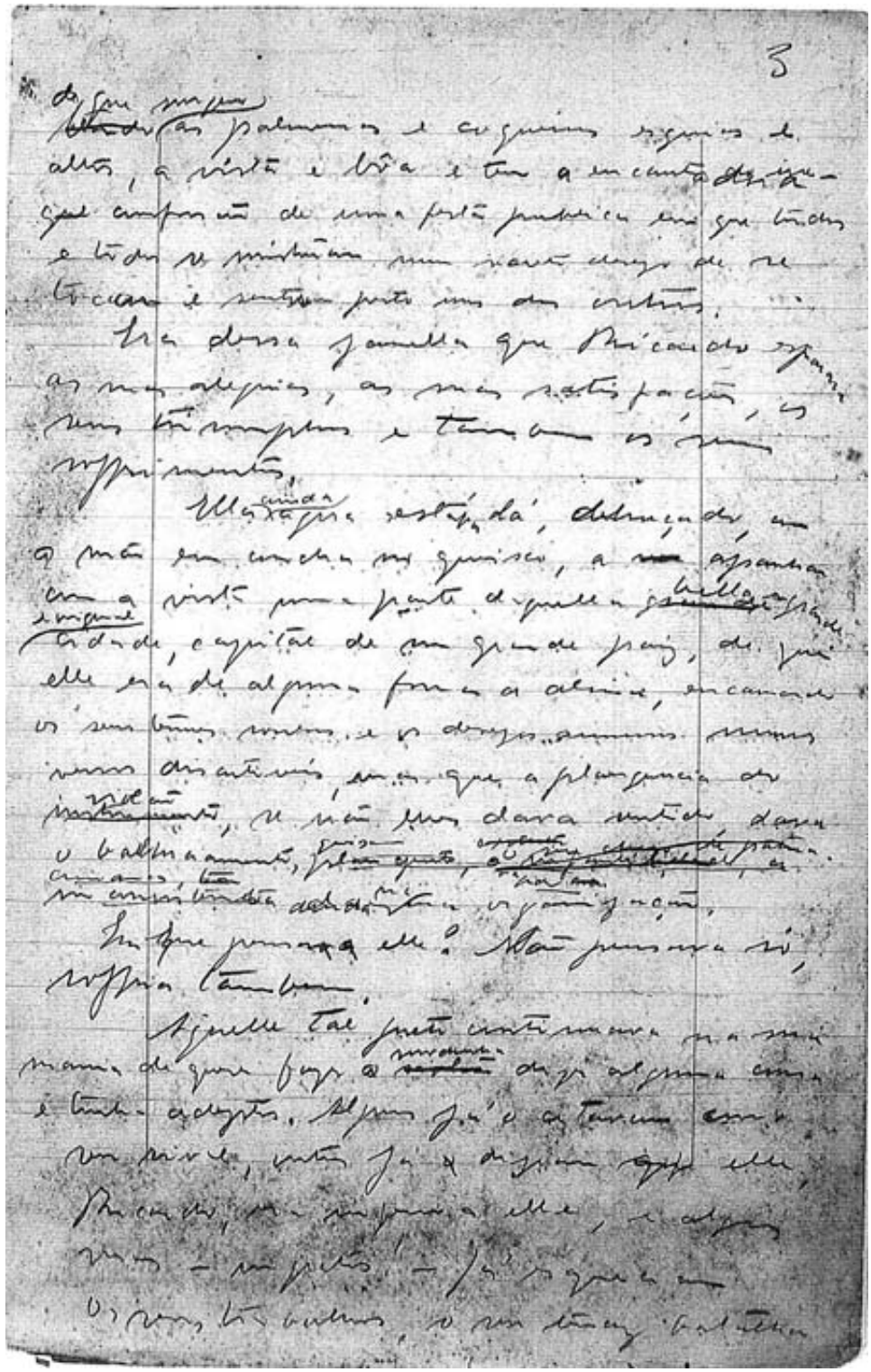
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~frente, cujo ordenado~~. Não se pode imaginar / as profissões mais variadas e mais tristes / das pessoas que vão habitar esses cômodos. ~~Voltam~~ / Não se encontram tropeiros, apanhadores de / pontas de cigarros, mas pode-se deparar / ~~fabrica~~ velhas fabricantes de renda de bilros, com-/pradores de garrafas vazias, ratos, castradores / de galos e porcos [[serventes de repartições públicas]], enfim, uma variedade / de pequenas profissões pouco rendosas que a nossa / pequena e grande burguesia não podem adivinhar. / Às vezes, num cubículo daqueles, se amontoa uma / família e há algumas vezes que os seus chefes / vão a pé à cidade por falta de um níquel / para o trem.

~~Tibullo~~ [[Ricardo]] morava numa pobre casa de cô-/modos[53] de / um dos su-/búrbios. Não era / das ~~mais~~ / sórdidas, / mas era / uma casa de cômodos dos subúrbios. / Havia anos que ele se escondera ali, / trepado numa colina, a olhar pela / sua janela desde a Piedade ao Encantado. / Visto assim do alto, o subúrbio tem / a sua graça. As casas pequeninas, pintadas, / engastadas nas copas das mangueiras

Folha 078 (verso).

[53] A seguinte procuração está manuscrita neste ponto, de ponta-cabeça em relação ao resto da página, ocupando seis linhas da narrativa: "Por esta feita de meu próprio punho e as-/sinada constituo meu bastante procurador a / meu filho Affonso Henriques de Lima Barreto, / 3º. oficial da Secretaria de Estado da Guerra, / para receber [[no Tesouro Federal]] durante o exercício corrente os / vencimentos que me competem como almoxa-/rife aposentado das colônias de alienados, po-/dendo ele assinar em folha, dar quita-/ção e [*ilegível*] esta". A letra não é de Lima Barreto...



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~tendo~~ [[de que surgem]] as palmeiras e coqueiros esguios e / altos, a vista boa e tem o encanto ~~do irre~~ [[dessa]] / ~~gul~~ confusão de uma festa pública em que todos / e tudo se misturam num vasto desejo de se / toca~~rem~~[[r]] e senti~~rem~~[[r]] perto uns dos outros.

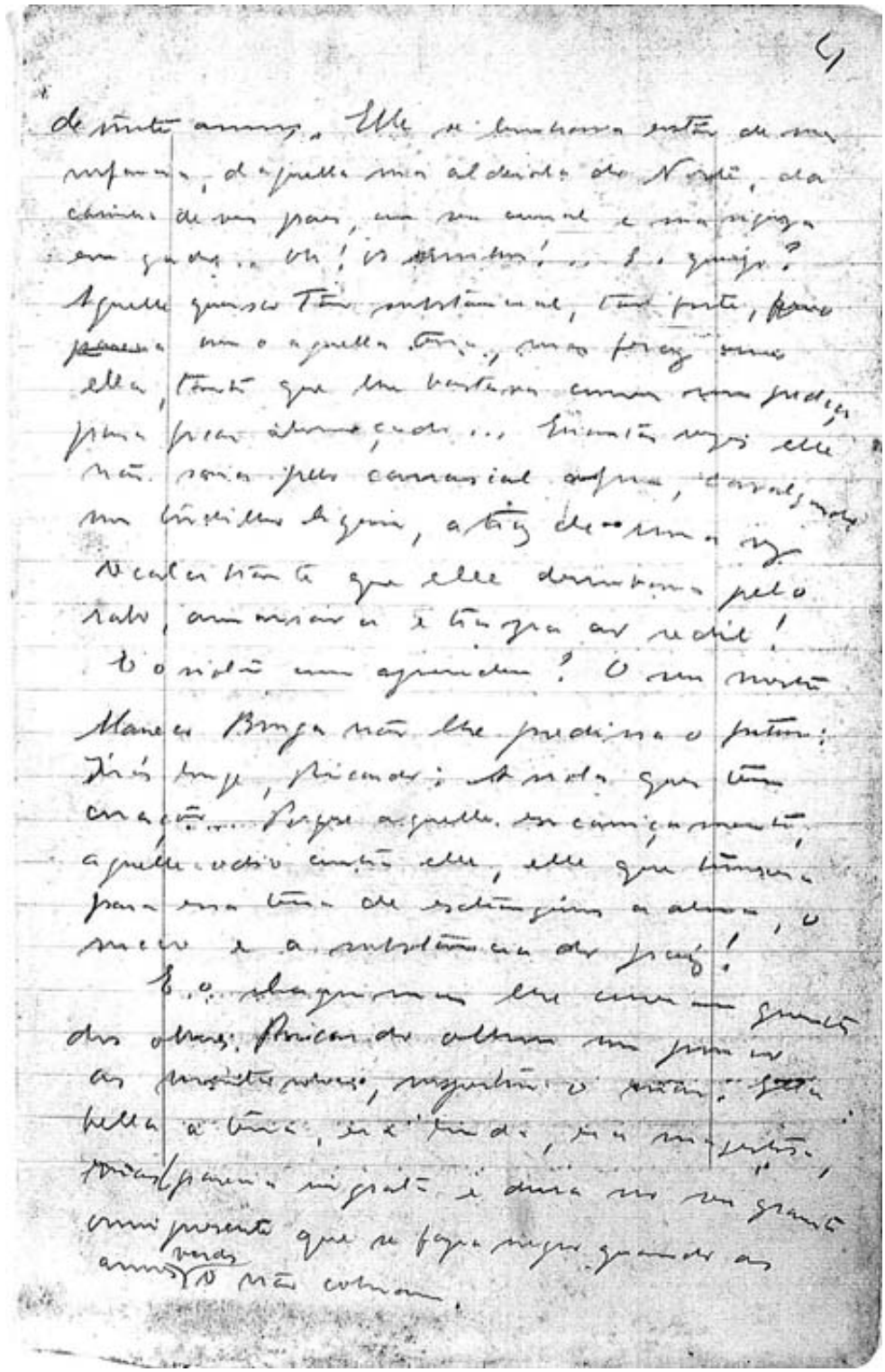
Era dessa janela que Ricardo espraiava / as suas alegrias, as suas satisfações, os / seus triunfos e também os seus / sofrimentos.

Ele [[ainda]] agora está lá, debruçado com / a mão em concha no queixo, a ~~ver~~ apanhar / com a vista uma parte daquela ~~grande~~ [[bela e grande]] / [[e original]] cidade, capital de um grande país, de que / ele era de alguma forma a alma, encarnando / os seus tênues sonhos e os desejos comuns nuns / versos discutíveis, mas que a plangência do / ~~instrumento~~ [[violão]], se não lhes dava sentido, dava / o balbuciamento, [*rasurado*] [[queixume]]~~, a~~ [[[*ilegível*]]] ~~originalidade, a~~ {{[*rasurado*] ~~o seu desejo de pátria~~}} / [[~~criança, tão~~]] inconsisten~~cia~~[[te]] ~~da~~ [[ainda na]] sua organização.

[[Em]] ~~Q~~[[q]]ue pensa~~va~~ ele? Não pensava só, / sofria também.

Aquele tal preto continuava na sua / mania de querer fazer ~~o~~ [[a]] ~~violão~~ [[modinha]] dizer alguma coisa / e tinha adeptos. Alguns já o citavam como / um rival, outros já ~~o~~ diziam ~~que~~ ele, / Ricardo, era inferior a ele, e algumas / vezes – ingratos! – já esqueciam / os seus trabalhos, o seu tenaz batalhar

Folha 079 (frente; no verso, outro texto, manuscrito à tinta).



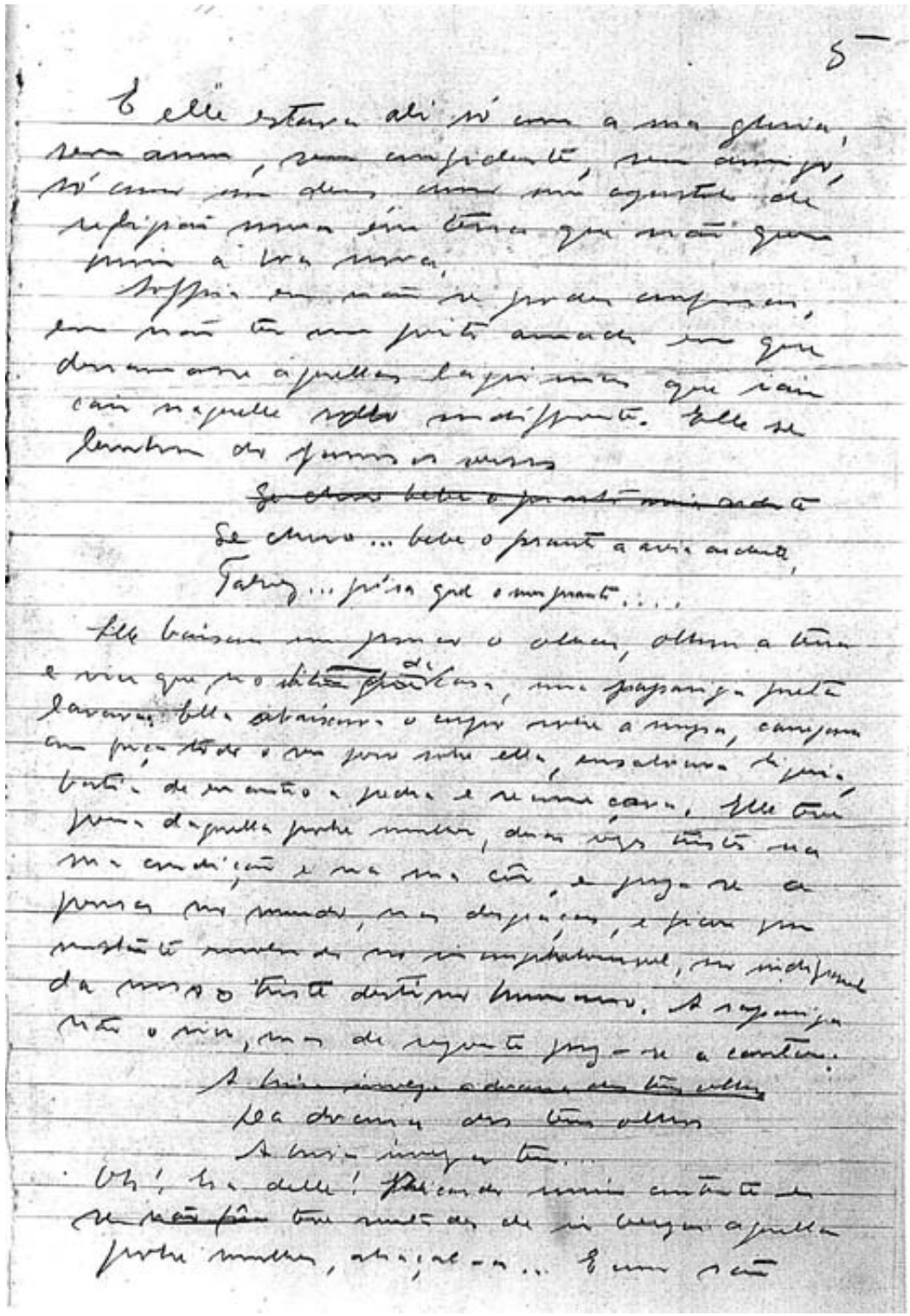
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

de tantos anos. Ele se lembrava então de sua / infância, daquela sua aldeia do Norte, da / casinha de seus pais, com seu curral e sua riqueza / em gado... Oh! os vitelos!... E o queijo? / Aquele queijo tão substancial, tão forte, ~~feio / parecia~~ com[[o]] aquela terra, mas feraz como / ela, tanto que lhe bastava comer um pedaço / para ficar almoçado... Quantas vezes ele / não saía pelo canavial afora, cavalgando / um tordilho ligeiro, atrás de uma rés / recalcitrante que ele derrubava pelo / rabo, amansava e trazia ao redil!

E o violão, como aprendeu? O seu mestre / Maneco Braga não lhe predisse o futuro: / Irás longe, Ricardo: A viola quer teu / coração... Por que aquele encarniçamento, / aquele ódio contra ele, ele que trouxera / para esta terra de estrangeiros a alma, o / suco, a substância do país!

E o ~~imag~~ [[lágrimas]] lhe correram quentes / dos olhos; Ricardo olhou um pouco / as montanhas, [*ilegível*] o mar. Era / bela a terra, era linda, era majestosa, / mas parecia ingrata e dura no seu granito / onipresente que se fazia negro quando as / árvores [[verdes]] o não cobriam.

Folha 080 (frente; no verso, outro texto, manuscrito à tinta).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

5

E ele estava ali só com a sua glória, / sem amor, sem confidente, sem amigo, / só como um deus, como um apóstolo de / religião nova em terra que não quer / ouvir a boa nova.

Sofria em não se poder confessar, / em não ter um peito amado em que / derramasse aquelas lágrimas que iam / cair naquele solo indiferente. Ele se / lembrou dos famosos versos:

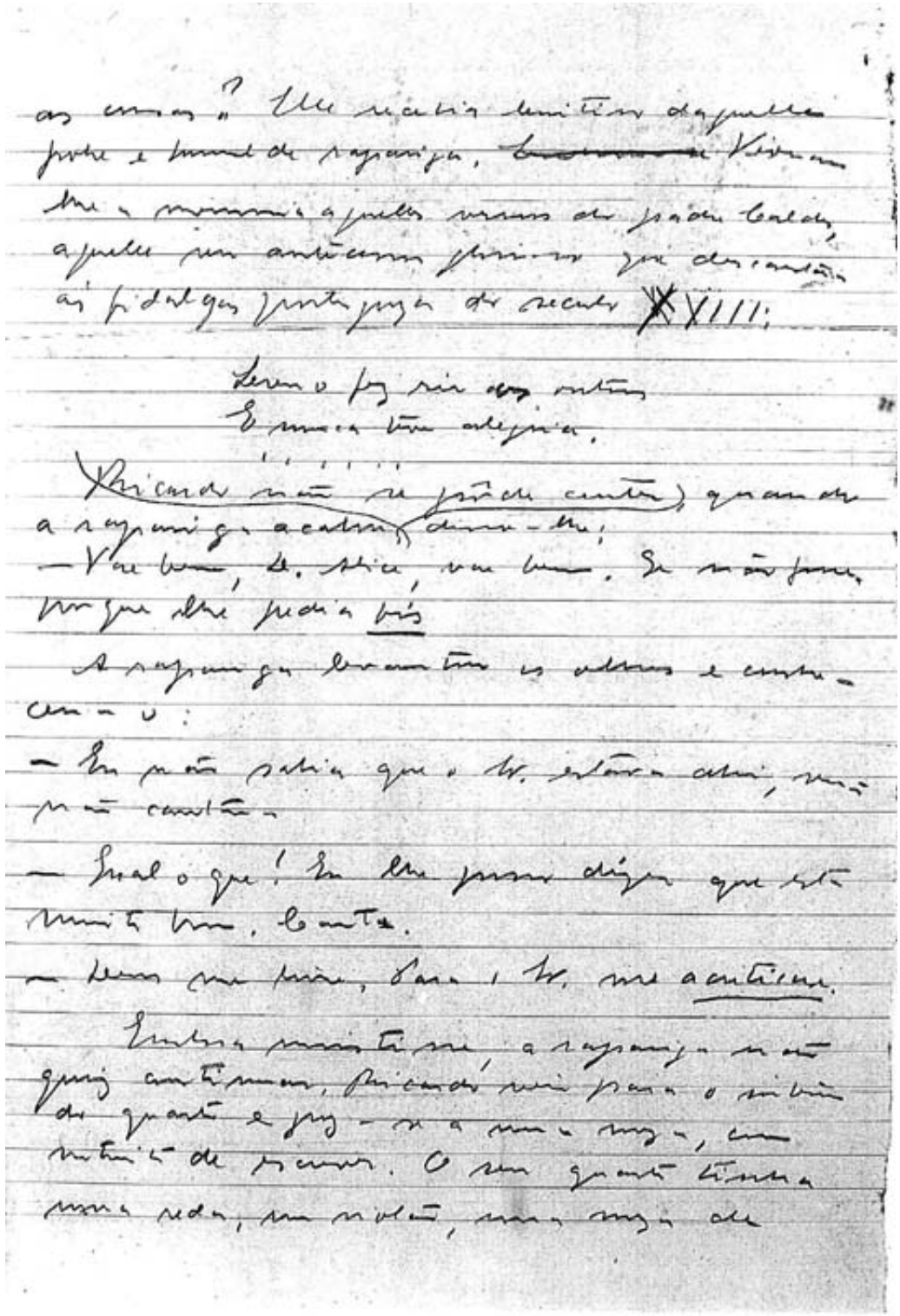
~~Se choro bebe o pranto mais ardente~~
Se choro... bebe o pranto a areia ardente, / Talvez... pra que o meu pranto...

Ele baixou um pouco o olhar, olhou a terra / e viu que, no [*rasurado*] ~~da~~ [[tanque da]] casa, uma rapariga preta / lavava. Ela abaixava o corpo sobre a roupa, carregava / com força todo o seu peso sobre ela, ensaboava ligeira, / batia de encontro à pedra e recomeçava. Ele teve / pena daquela pobre mulher, duas vezes triste na / sua condição e na sua cor, e pôs-se a / pensar no mundo, nas desgraças, e ficou um / instante envolvido no incompreensível, na indiferença / do nosso triste destino humano. A rapariga / não o viu, mas de repente pôs-se a cantar:

~~A brisa inveja a doçura dos teus olhos~~
Da doçura dos teus olhos / A brisa inveja tem...

Oh! Era dele! ~~Que~~ [[Ricardo]] sorriu contente e / ~~se não fosse~~ teve vontade de ir beijar aquela / pobre mulher, abraçá-la... E como são

Folha 081 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

as coisas? Ele recebia lenitivo daquela / pobre e humilde rapariga. ~~Convenceu-se~~ Vieram-/lhe à memória aqueles versos do padre Caldas, / aquele seu antecessor glorioso que decantava / às fidalgas portuguesas do século ~~X~~[[X]]VIII:

Sereno fez rir os outros / E nunca teve alegria.

. . . . . .

Ricardo não se pôde conter, quando / a rapariga acabou[54] disse-lhe:

– Vai bem, D. Alice, vai bem. Se não fosse, / por que lhe pedia bis.

A rapariga levantou os olhos e conhe-/ceu-o:

– Eu não sabia que o Sr. estava aí, senão / não cantava.

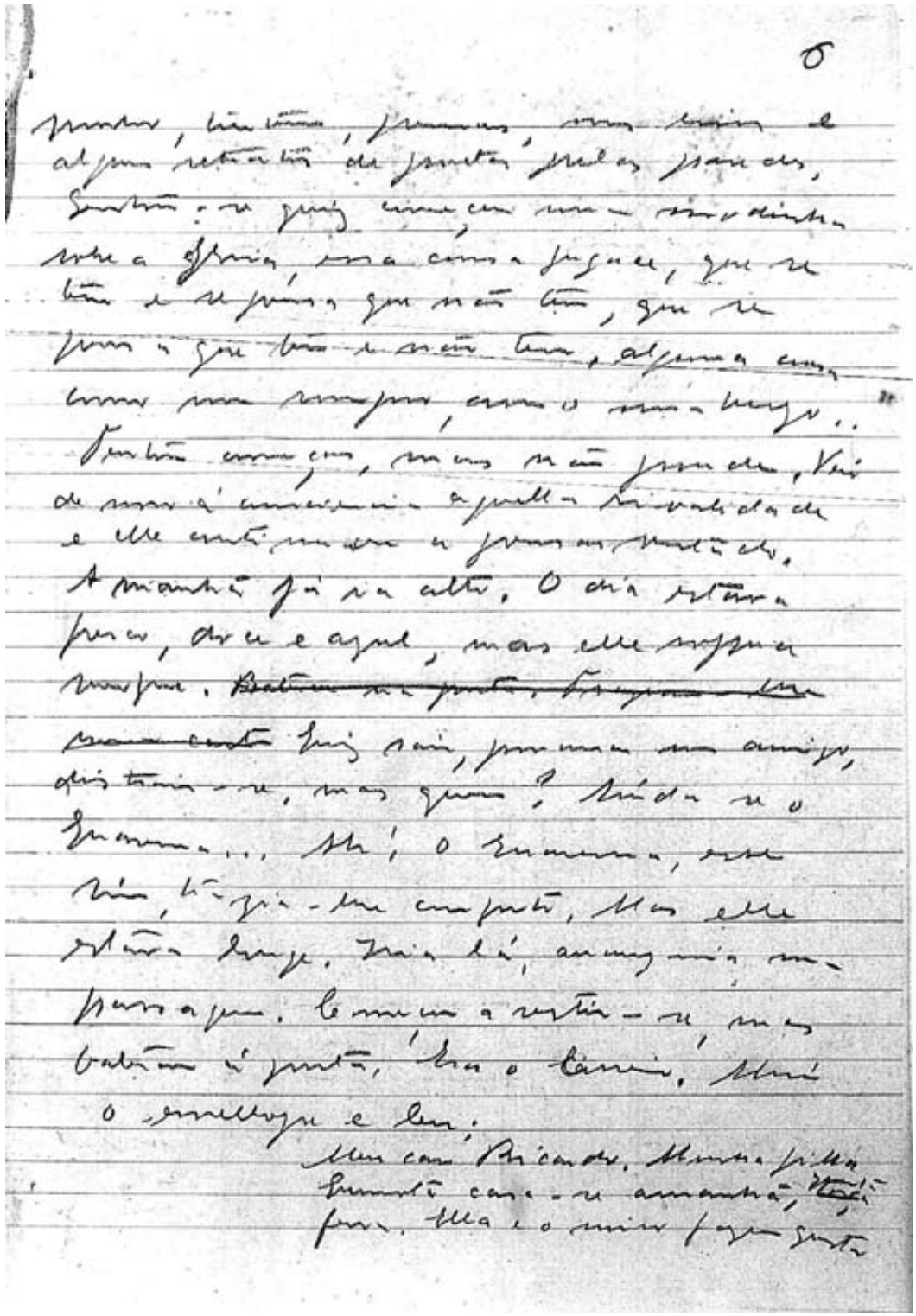
– Qual o quê! Eu lhe posso dizer que está / muito bom. Cante.

– Deus me livre. Para o Sr. me acriticar.

Embora insistisse, a rapariga não / quis continuar. Ricardo veio para o interior / do quarto e pôs-se à sua mesa, com / intento de escrever. O seu quarto tinha / uma rede, um violão, uma mesa de

Folha 081 (verso).

[54] Um sinal gráfico indica a ordem da frase para "Quando a rapariga acabou, Ricardo não se pode conter".

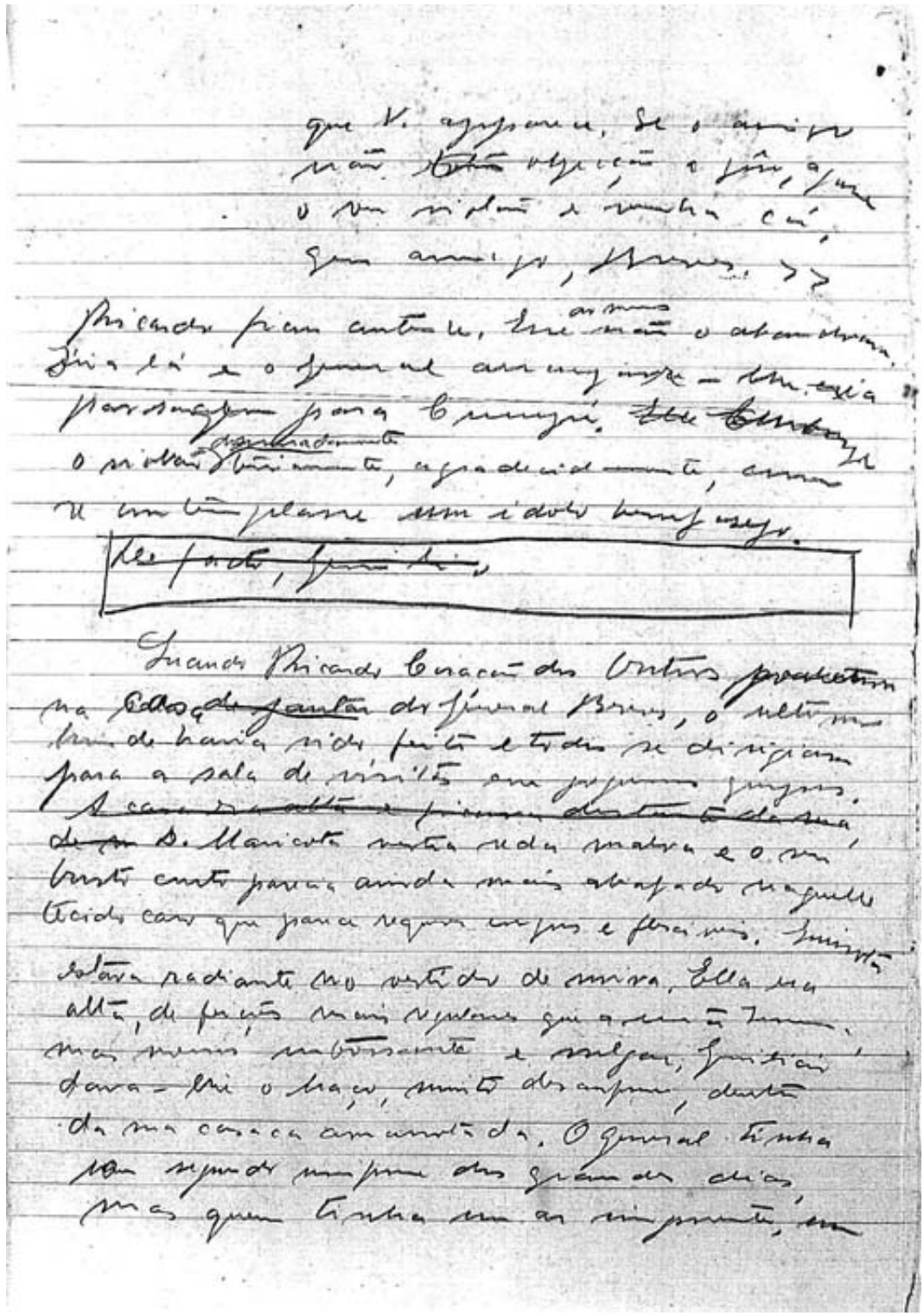


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

pinho, tinteiros, penas, uns livros e / alguns retratos de pretos pelas paredes. / Sentou-se quis começar uma modinha / sobre a Glória, essa coisa fugace, que se / tem e se pensa que não se tem, que se / pensa que tem e não tem, alguma coisa / como um sopro, como um beijo... / Tentou começar, mas não pôde. Veio / de novo à consciência aquela rivalidade / e ele continuava a pensar sentado. / A manhã já ia alta. O dia estava / fresco, doce e azul, mas ele sofria / sempre. ~~Bateram na porta. Traziam lhe / uma carta~~ Quis sair, procurar um amigo, / distrair-se, mas quem? Ainda se o / Quaresma... Ah! o Quaresma, esse / sim, trazia-lhe conforto. Mas ele / estava longe. Iria lá, arranjaria uma / passagem. Começou a vestir-se, mas / bateram à porta. Era o Correio. Abriu / o envelope e leu:

> Meu caro Ricardo. Minha filha / Quinota casa-se amanhã, ~~terça~~ [[quinta]] / feira. Ela e o noivo fazem gôsto

Folha 082 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

que V. apareça. Se o amigo / não ~~estiver~~ [[tiver]] objeção o fôsse, agarre / o seu violão e venha cá. / Seu amigo, Breves."

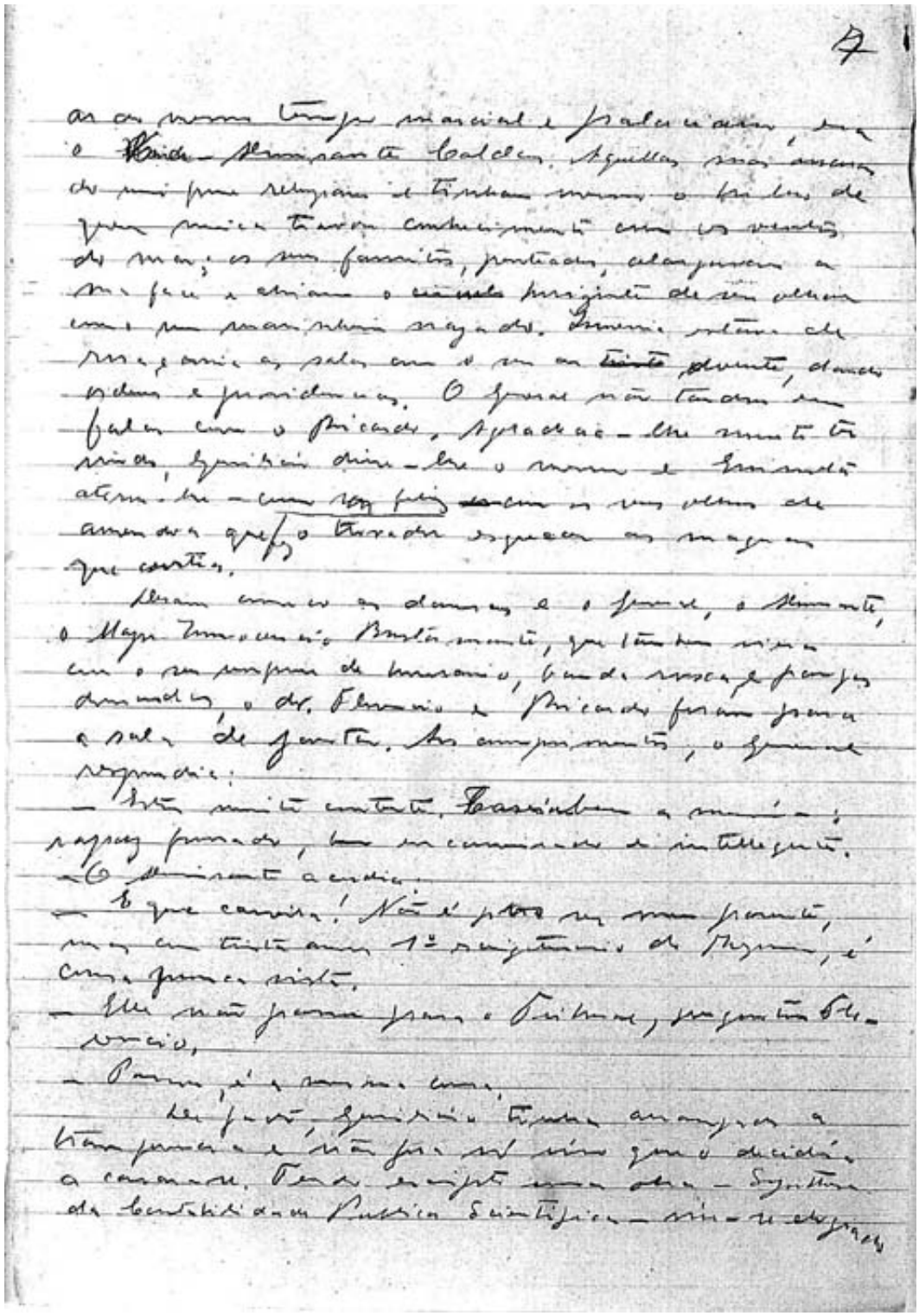
Ricardo ficou contente. Esse [[ao menos]] não o abandonara. / ~~i~~[[I]]ria lá e o General arranja~~ria~~[[r]]-lhe-ia ~~a~~ / passagem para Curuzu. ~~Ele c~~[[C]]ontemplou / o violão [[demoradamente]] ternamente, agradecidamente, como / se contemplasse um ídolo benfazejo.

~~De fato, Genelício~~ [55]

Quando Ricardo Coração dos Outros penetrou / na ~~sala de jantar~~ [[casa]] do General Breves, o último / brinde havia sido feito e todos se dirigiam / para a sala de visitas em pequenos grupos. / ~~A casa era alta e ficava distante da sua, / de seu~~ D. Maricota vestia seda malva e o seu / busto curto parecia ainda mais abafado naquele / tecido caro que parece requerer corpos e flexíveis. Quinota / estava radiante no vestido de noiva. Ela era / alta, de feições mais regulares que a irmã Ismenia, / mas menos interessante e vulgar; Genelício / dava-lhe o braço, muito [*ilegível*], dentro / de sua casaca amarrotada. O General tinha / ~~seu~~ [[o]] segundo uniforme dos grandes dias, / mas quem tinha um ar importante, um

Folha 082 (verso).

[55] Lima Barreto desenhou um retângulo ao redor desta linha.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

ar ao mesmo tempo marcial e palaciano, era / o Contra-Almirante Caldas. Aquelas suas âncoras / do uniforme reluziam e tinham mesmo o brilho de / quem nunca trava conhecimento com os ventos / do mar; os seus favoritos, penteados, alargavam a / sua face e abriam o [*rasurado*] horizonte de seu olhar / como um marinheiro navegado. Ismenia estava de / rosa e corria as salas com o seu ar ~~triste~~ dolente, dando / ordens e providências. O General não tardou em / falar com o Ricardo. Agradecia-lhe muito ter / vindo, Genelício disse-lhe o mesmo e Quinota / atirou-lhe – com sou feliz ~~com~~ [[–]] com os seus olhos de / amêndoa que [[fez]] o trovador esquecer as amarguras / que curtia.

Deram começo às danças e o General, o Almirante, / o Major Innocencio Bustamante, que também viera / com o seu uniforme de honorário, banda roxa, e franjas / douradas, o dr. Florêncio e Ricardo foram para / a sala de jantar. Aos cumprimentos, o General / respondia:

– Estou muito contente. [*rasurado*] Casei bem a menina: / rapaz formado, bem encaminhado e inteligente.

– O almirante acudia:

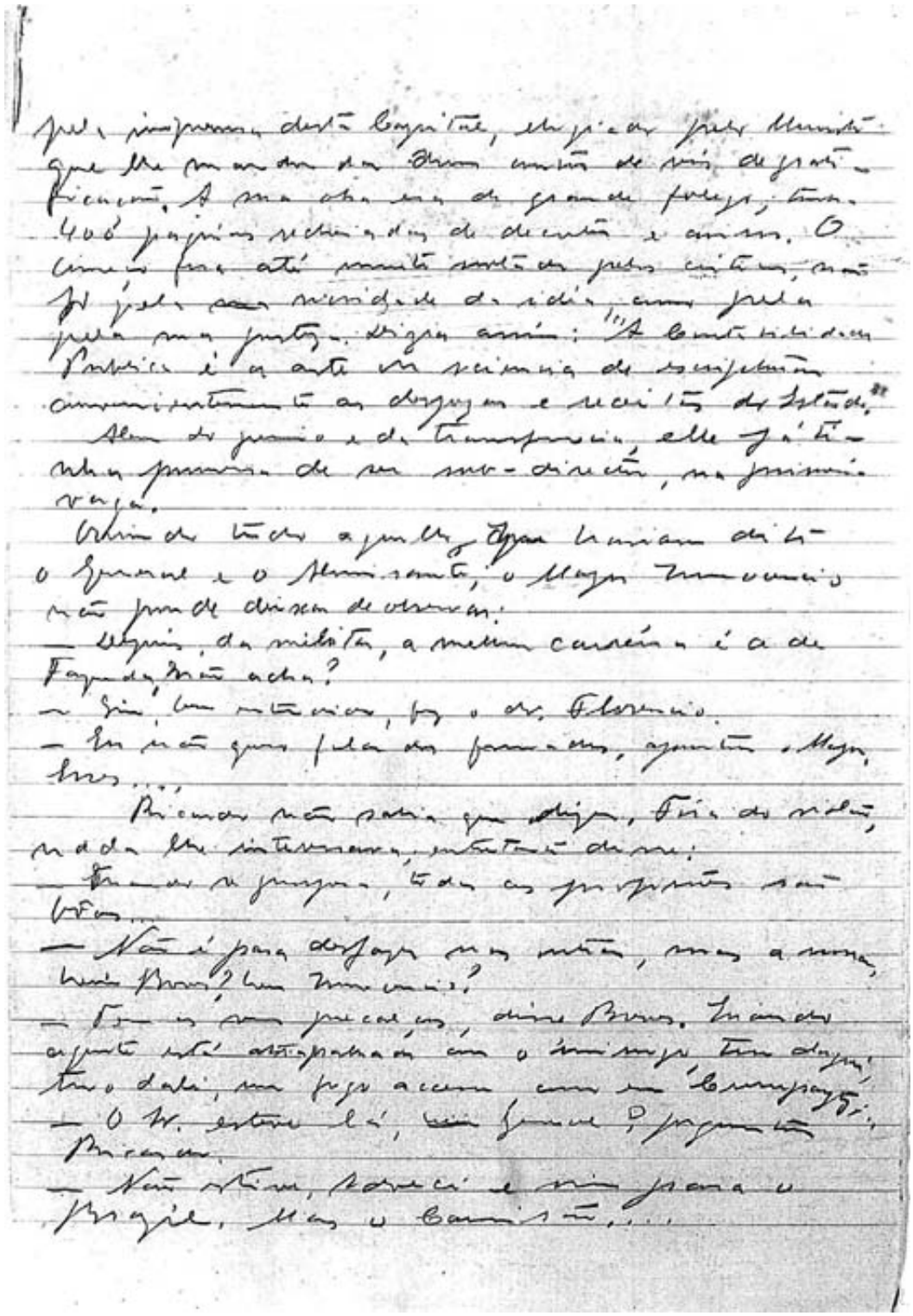
– E que carreira! Não é por ser meu parente, / mas com trinta anos 1º escriturário do Tesouro, é / coisa nunca vista.

– Ele não passou para o Tribunal, perguntou Flo-/rêncio.

– Passou, é a mesma coisa.

De fato, Genelício tinha arranjado a / transferência e não fôra só isso que o decidira / a casar-se. Tendo escrito uma obra – Síntese / de Contabilidade Pública Científica – viu-se elogiado

Folha 083 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

pela imprensa desta Capital, elogiado pelo Ministro / que lhe mandou dar dous contos de réis de grati-/ficação. A sua obra era de grande fôlego; tinha / 400 páginas recheadas de decretos e avisos. O / começo fôra até muito notado pelos críticos, não / só pela ~~sua~~ novidade da idéia, como pela / pela sua justeza. Dizia assim: "A Contabilidade / Pública é a arte ou ciência de escriturar / convenientemente as despesas e receitas do Estado".

Além do prêmio e da transferência, ele já ti-/nha promessa de ser subdiretor, na primeira / vaga.

Ouvindo tudo aquilo [*rasurado*] que haviam dito / o General e o Almirante, o Major Innocencio / não pôde deixar de observar:

– Depois da militar, a melhor carreira é a de / Fazenda, não acha?

– Sim, bem entendido, fez o dr. Florêncio.

– Eu não quero falar dos formados, apontou o Major. / Esses...

Ricardo não sabia que dizer. Fora do violão, / nada lhe interessava; entretanto disse:

– Quando se prospera, todas as profissões são / boas...

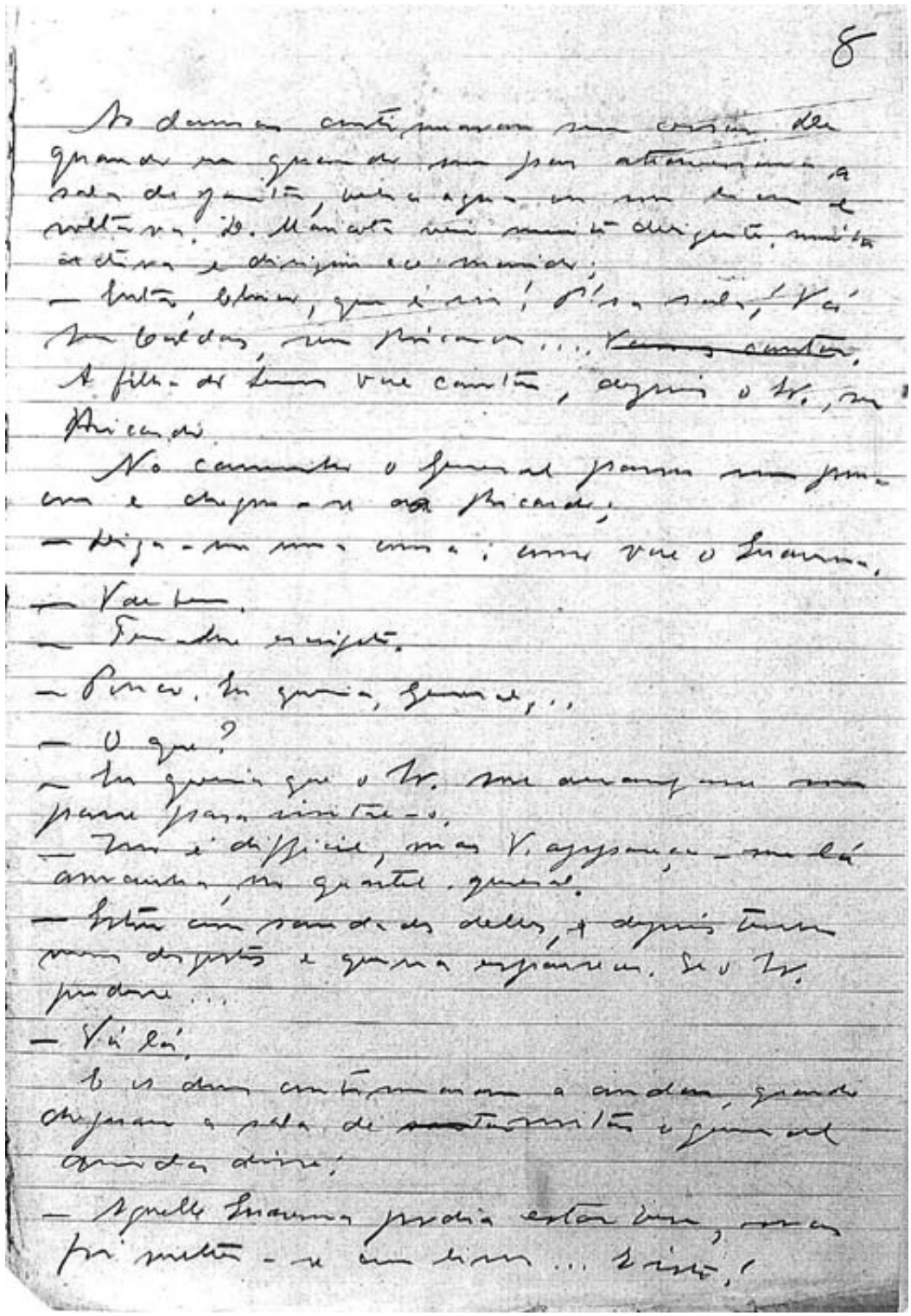
– Não é para desfazer nas outras, mas a nossa, / hein Breves? hein Innocencio?

– Tem os seus precalços, disse Breves. Quando / a gente está atrapalhado com o inimigo, tiro daqui, / tiro dali, um fogo aceso, como em Curupaiti...

– O Sr. esteve lá, ~~hein~~ General? perguntou / Ricardo.

– Não estive. Adoeci e vim para o / Brasil. Mas o Camisão...

Folha 083 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

8

As danças continuavam sem cessar. De / quando em quando um par atravessava, [[a]] / sala de jantar, bebia água ou seu licor e / voltava. D. Maricota veio muito diligente, muito / altiva e dirigiu-se ao marido:

– Então, Chico, que é isso? Pra sala! Vá / seu Caldas, seu Ricardo... ~~Vamos cantar~~. / A filha do Lemos vai cantar, depois o Sr., seu / Ricardo.

No caminho o General parou um pou-/co e chegou-se ao Ricardo:

– Diga-me uma coisa: como vai o Quaresma.

– Vai bem.

– Tem-lhe escrito.

– Pouco. Eu queria, General,[[...]]

– O quê?

– Eu queria que o Sr. me arranjasse uma / passagem para visitá-lo.

– Isso é difícil, mas V. apareça-me lá / amanhã, no quartel-general.

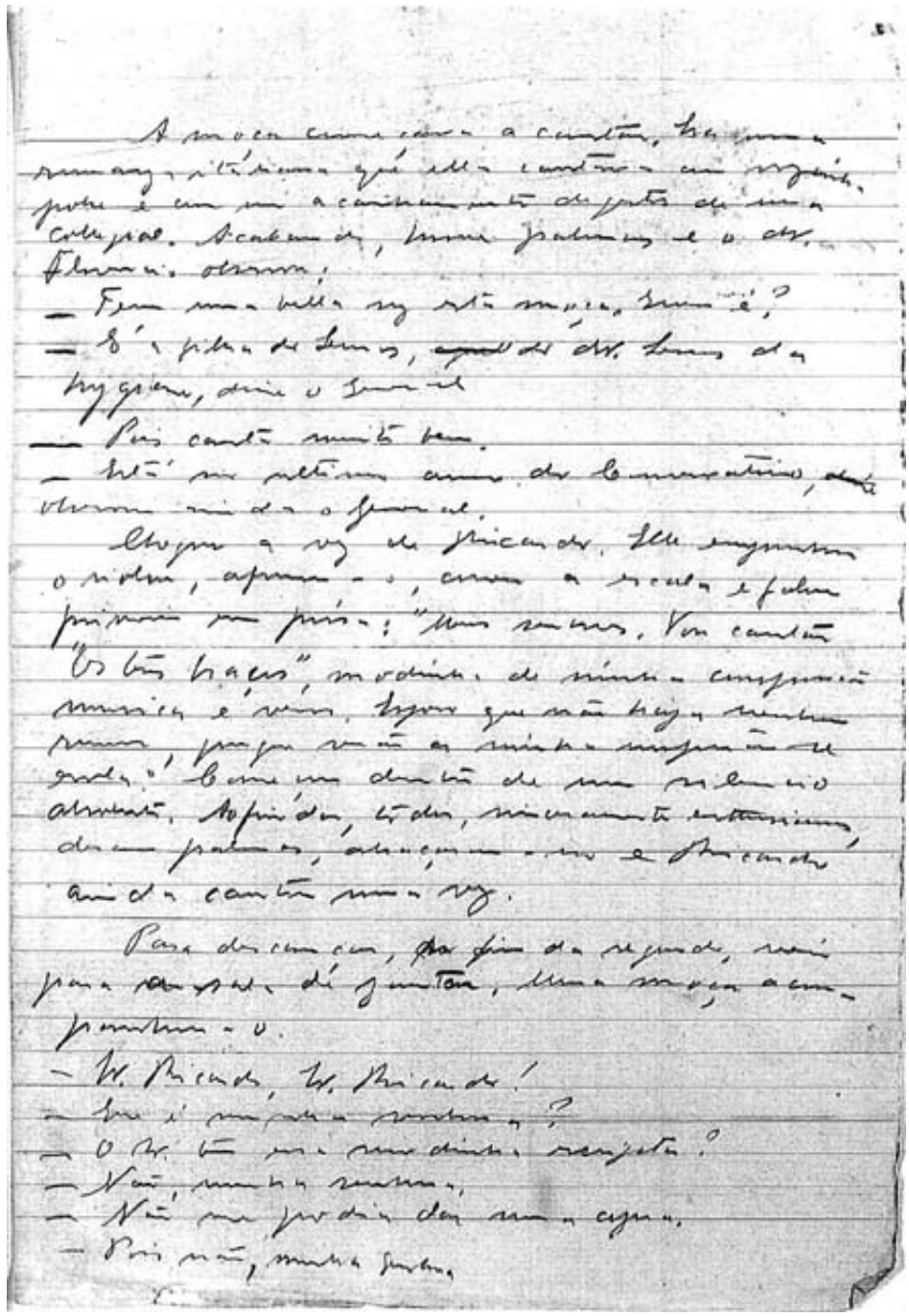
– Estou com saudades deles, ~~e~~ depois tenho / meus desgostos e queria espairecer. Se o Sr. / pudesse...

– Vá lá.

E os dous continuaram a andar, quando / chegaram à sala de ~~jantar~~ visitas o general / ainda disse:

– Aquele Quaresma podia estar bem, mas / foi meter-se com livros... É isto!

Folha 084 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

A moça começava a cantar. Era uma / romanza italiana que ela cantava com vozinha / pobre e com um acanhamento de gestos de uma / colegial. Acabando, houve palmas e o dr. / Florêncio observou:

– Tem uma bela voz esta moça. Quem é?

– É a filha do Lemos, ~~aquele~~ do dr. Lemos da / higiene, disse o General.

– Pois canta muito bem.

– Está no último ano do Conservatório, ~~disse~~ / observou ainda o General.

Chegou a vez de Ricardo. Ele empunhou / o violão, afinou-o, correu a escala e falou / primeiro em prosa: "Meus senhores. Vou cantar / "Os teus braços", modinha de minha composição / música e verso. Espero que não haja nenhum / rumor, porque senão a minha inspiração se / evola". Começou dentro de um silêncio / absoluto. Ao findar, todos, sinceramente entusiasmados, / deram palmas, abraçaram-no e Ricardo / ainda cantou uma vez.

Para descansar, ao fim da segunda, veio / para a sala de jantar. Uma moça acom-/panhou-o.

– Sr. Ricardo, Sr. Ricardo!

– Que é minha senhora?

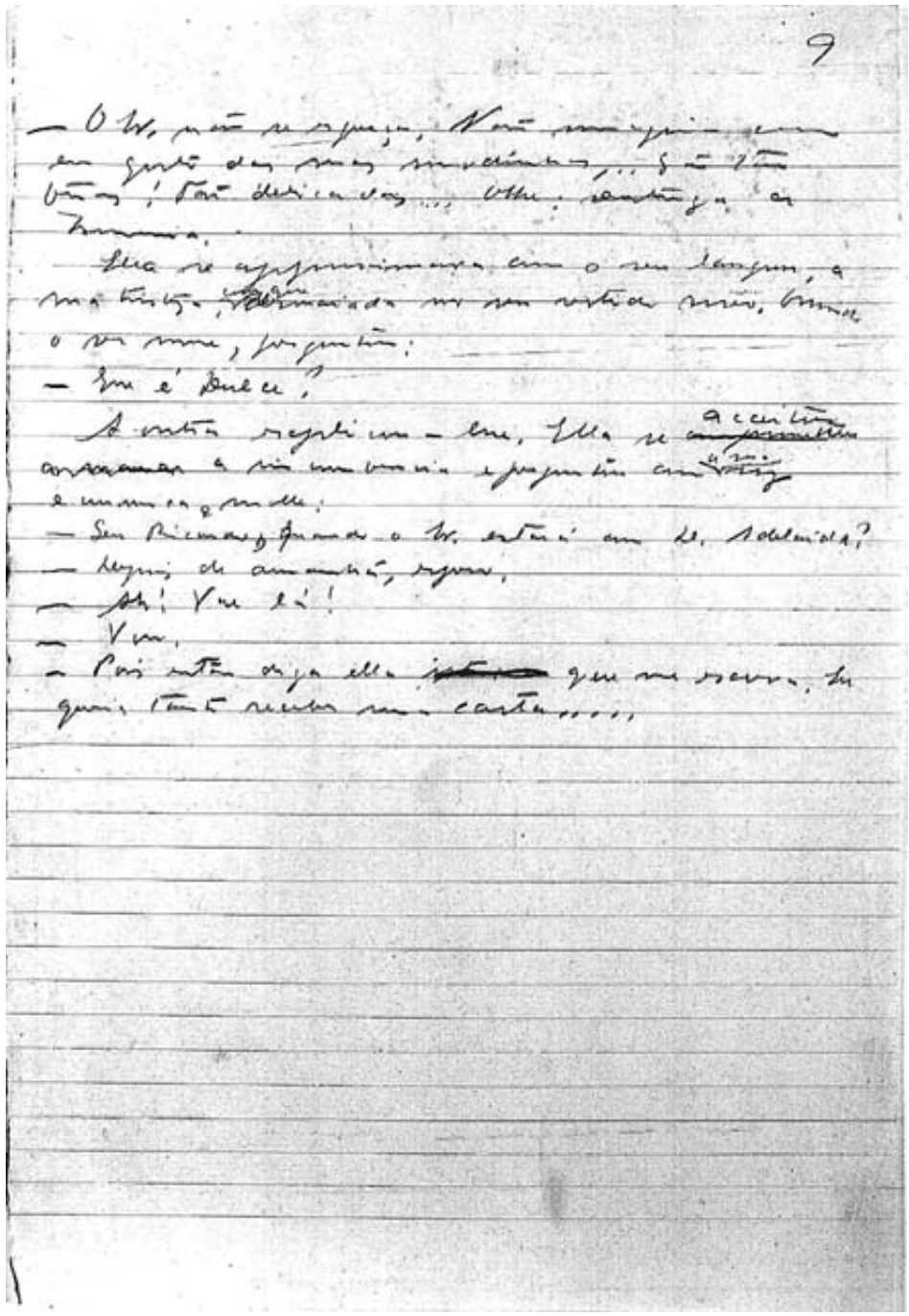
– O Sr. tem essa modinha escrita?

– Não, minha senhora.

– Não me podia dar uma cópia.

– Pois não, minha senhora.

Folha 084 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

9

– O Sr. não se esqueça. Não imagina como / eu gosto das suas modinhas... São tão / ternas! tão delicadas... Olhe: ~~manda~~ [[entrega]] à / Ismenia.

Ela se aproximava com o seu langor, a
sua tristeza, [[como que]] desmaiada no seu vestido novo. Ouvindo / o seu nome, perguntou:

– Que é Dulce?

A outra explicou-lhe. Ela se ~~comprometeu~~ [[aceitou]] / ~~a mandar~~ a incumbência e perguntou com [[a sua]] voz / e [*ilegível*] mole:

– Seu Ricardo~~.~~[[,]] ~~Q~~[[q]]uando o Sr. estará com D. Adelaide?

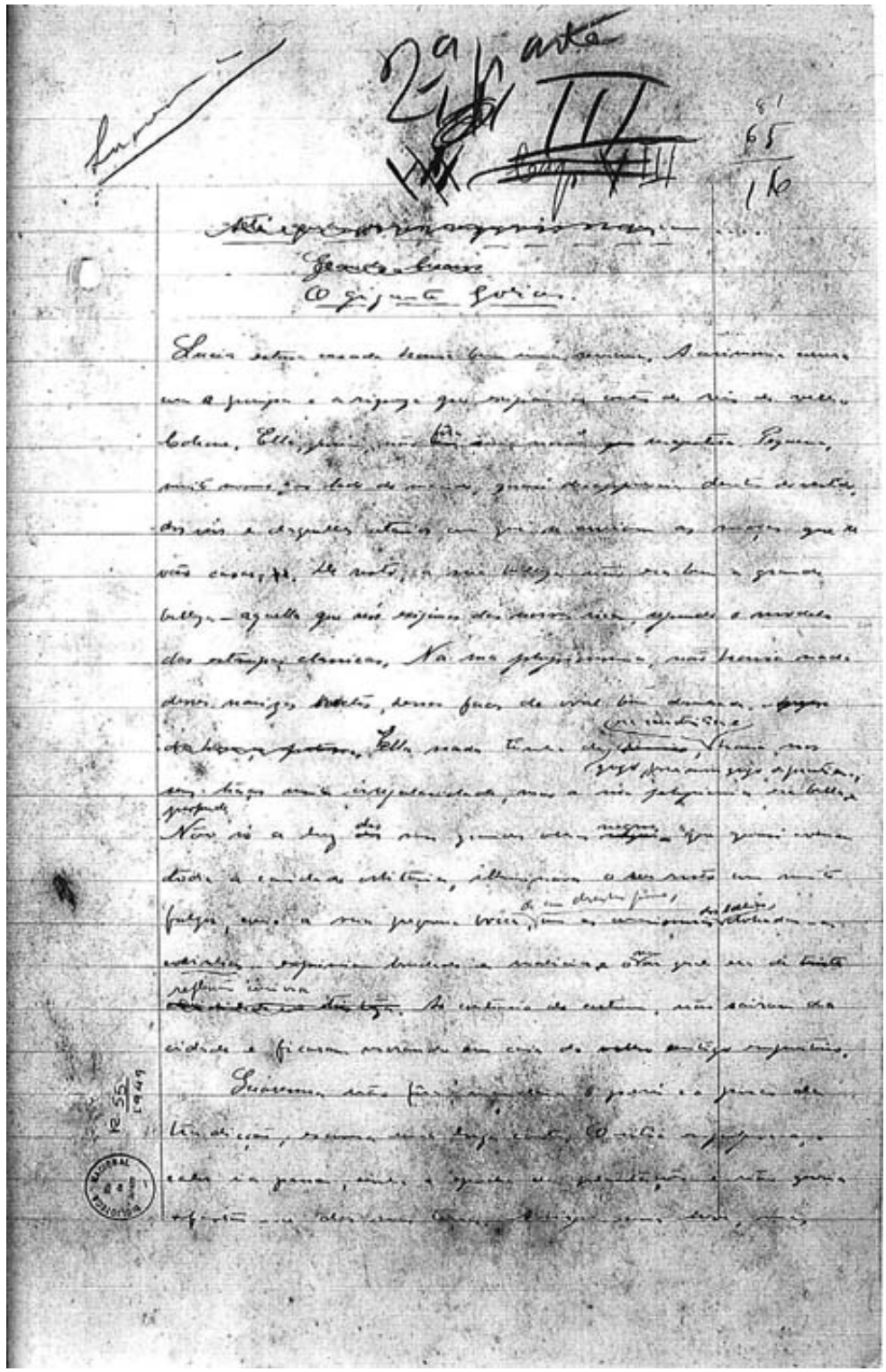
– Depois de amanhã, espero.

– Ah! Vai lá!

– Vou.

– Pois então diga ela ~~isto: o~~ que me escreva. Eu / queria tanto receber uma carta...

Folha 085 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Quaresma ~~III~~ [[~~IV~~]] [[~~Cap.V~~]] [[~~III~~]] [[2ª. parte III]] 65[56]

~~Até quando~~ [*rasurado*]~~...~~

~~Grandes luares~~

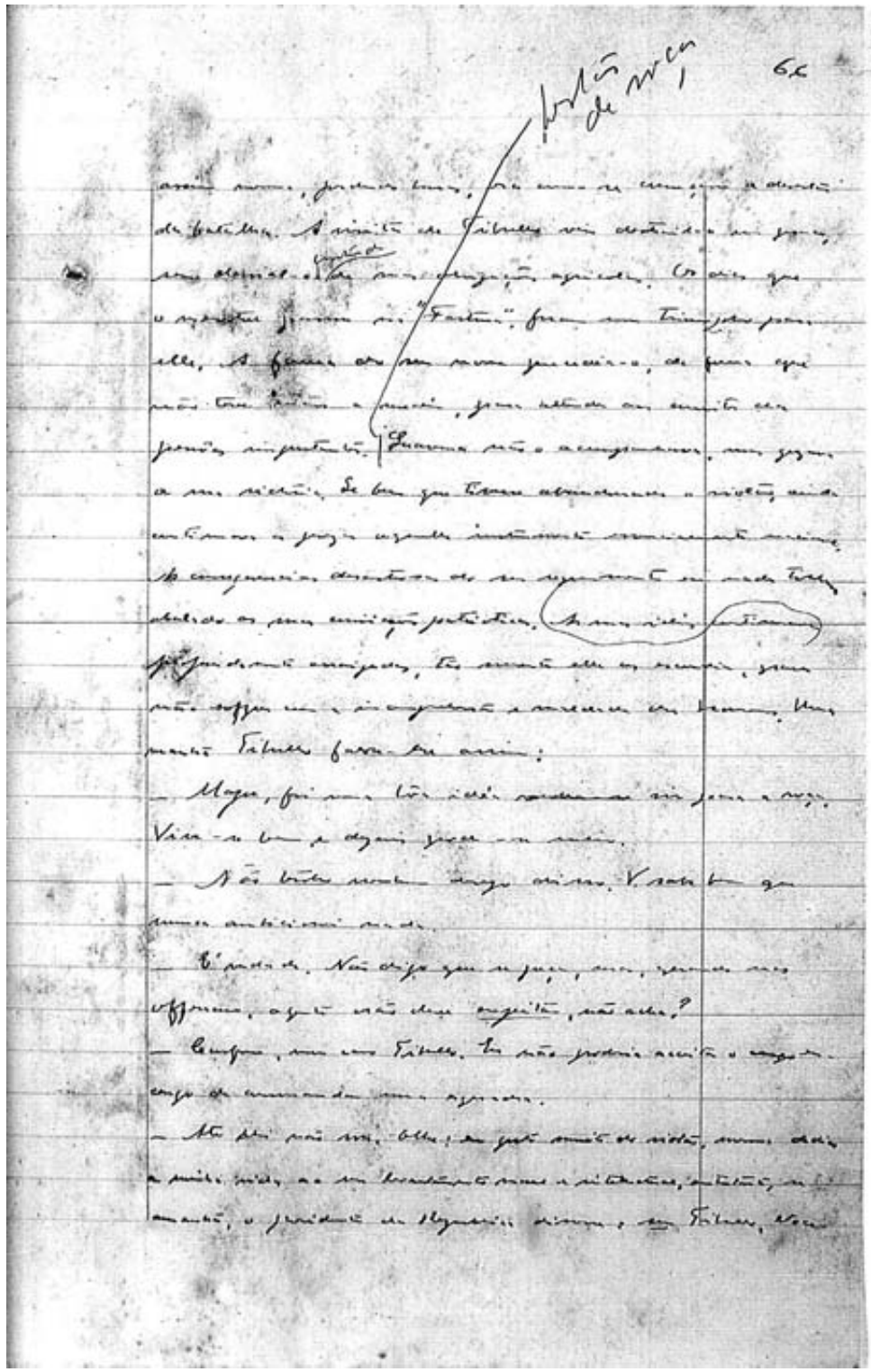
O gigante Golias

Lúcia estava casada havia bem uma semana. A cerimônia correra / com a pompa e a riqueza que exigia as côrtes de reis do velho / Coleoni. Ela, porém, não ~~era~~ [[fôra]] uma noiva ~~que~~ majestosa. Pequena, / muito mesmo, ao lado do noivo, quase desaparecia dentro do vestido, / dos véus e daqueles atavios com que se arreiam as moças que se / vão casar~~-se~~. De resto, a sua beleza não era bem a grande / beleza – aquela que nós exigimos das noivas ricas, segundo o modelo / das estampas clássicas. Na sua fisionomia, não havia nada / desses narizes [*rasurado*] retos, dessas faces de oval bem desenhada. ~~Apesar / da herança paterna, e~~[[E]]la nada tinha de ~~clássico,~~ [[grego, desse grego de pacotilha,]] [[era [*ilegível*] e]] havia nos / seus traços muita irregularidade, mas a sua fisionomia era bela~~.~~ [[e / profunda.]] / Não só a luz ~~de~~ [[dos]] seus grandes olhos [*rasurado*] [[negros]] que quase cobriam / toda a cavidade orbitária, iluminava o seu rosto com muito / fulgor, como a sua pequena boca, [[de um desenho fino,]] com as [*ilegível*] [[dos lábios]] dobrando em / covinhas – exprimiam bondade e malícia e o [[seu]] ar geral era de ~~triste~~ / [*rasurado*]~~-e tristeza~~ [[reflexão curiosa]]. Ao contrário do costume, não saíram da / cidade e ficaram morando em casa do ~~velho~~ antigo empreiteiro.

Quaresma não fôra, mandara o peru e o porco da / tradição; escrevera uma longa carta. O sítio empolgara-o, o / calor ia passar, vinha a época das plantações e não queria / afastar-se de suas terras. A viagem seria breve, mas

Folha 086 (frente).

[56] Há aqui uma verdadeira confusão na numeração do capítulo, indicando a mudança de estrutura por que passou o romance. Infelizmente, é impossível saber a ordem em que cada número foi incluído, ou sequer se o que transcrevi como IV não seria, de fato, um III. Há uma adição realizada com o número de página 65 (81+65=116 [*sic*]) no canto superior direito da folha.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

assim mesmo, perdendo horas, era como se começasse a desertar / da batalha. A visita de Tibullo veio distraí-lo um pouco, / sem desviá-lo [[contudo]] de suas obrigações agrícolas. Os dias que / o mestre passou na "Fartura" foram um triunfo para / ele. A fama do seu nome precedia-o, de forma que / não teve mãos a medir para atender ao convite das / pessoas importantes. [[festas de roça]][57] Quaresma não o acompanhava, mas gozava / a sua vitória. Se bem que tivesse abandonado o violão, ainda / continuava a prezar aquele instrumento essencialmente nacional. / As consequências desastrosas do seu requerimento em nada tinham / abalado as suas convicções patrióticas. As suas idéias continuavam[58] / profundamente arraigadas, tão somente ele as escondia, para / não sofrer com a incompreensão e maldade dos homens. Uma / manhã Tibullo falou-lhe assim:

– Major, foi uma boa idéia ~~mudar-se~~ vir para a roça. / Vive-se bem, e depois pode-se subir.

– Não tenho nenhum desejo disso. V. sabe bem que / nunca ambiciono nada.

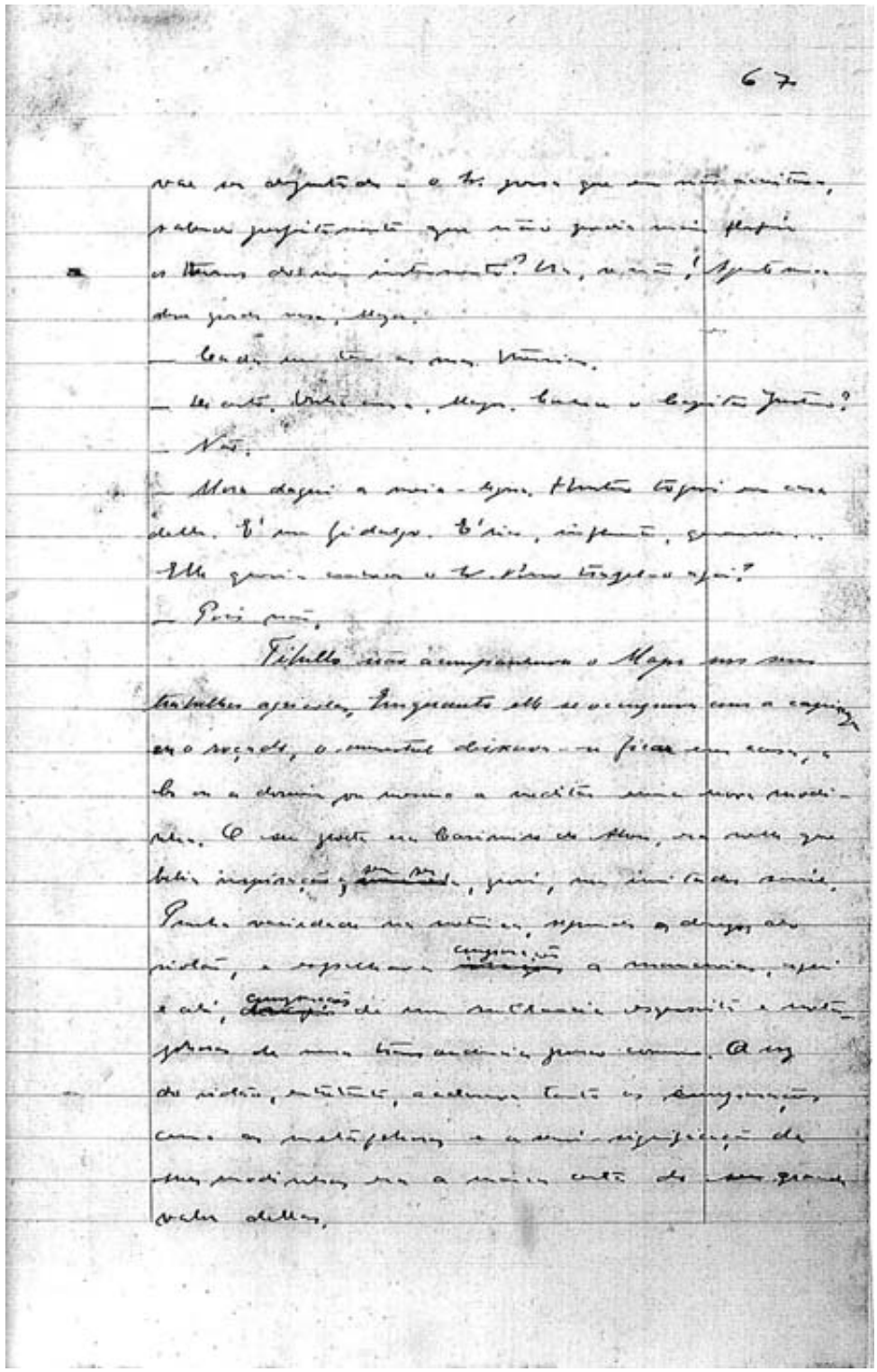
– É verdade. Não digo que se peça, mas, quando nos / oferecem, a gente não deve enjeitar, não acha?

– Conforme, meu caro Tibullo. Eu não podia aceitar o ~~cargo~~ en-/cargo de comandar uma esquadra.

– Até aí não vou. Olhe: eu gosto muito de violão, mesmo dedico / a minha vida ao seu levantamento moral e intelectual, entretanto, se / amanhã, o presidente da República dissesse: seu Tibullo, você

Folha 087 (frente).

[57] Manuscrito no alto da folha, ligado a este ponto por um traço.
[58] Um sinal gráfico indica a alteração da ordem das palavras para "continuavam as suas idéias".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

vai ser deputado – o Sr. pensa que eu não aceitava, / sabendo perfeitamente que não podia mais desferir / os trenos do meu instrumento? Ora, se não! A gente nunca / deve perder vaza, Major.

– Cada um tem as suas teorias.

– Decerto. Outra coisa, Major. Conhece o Capitão Justino?

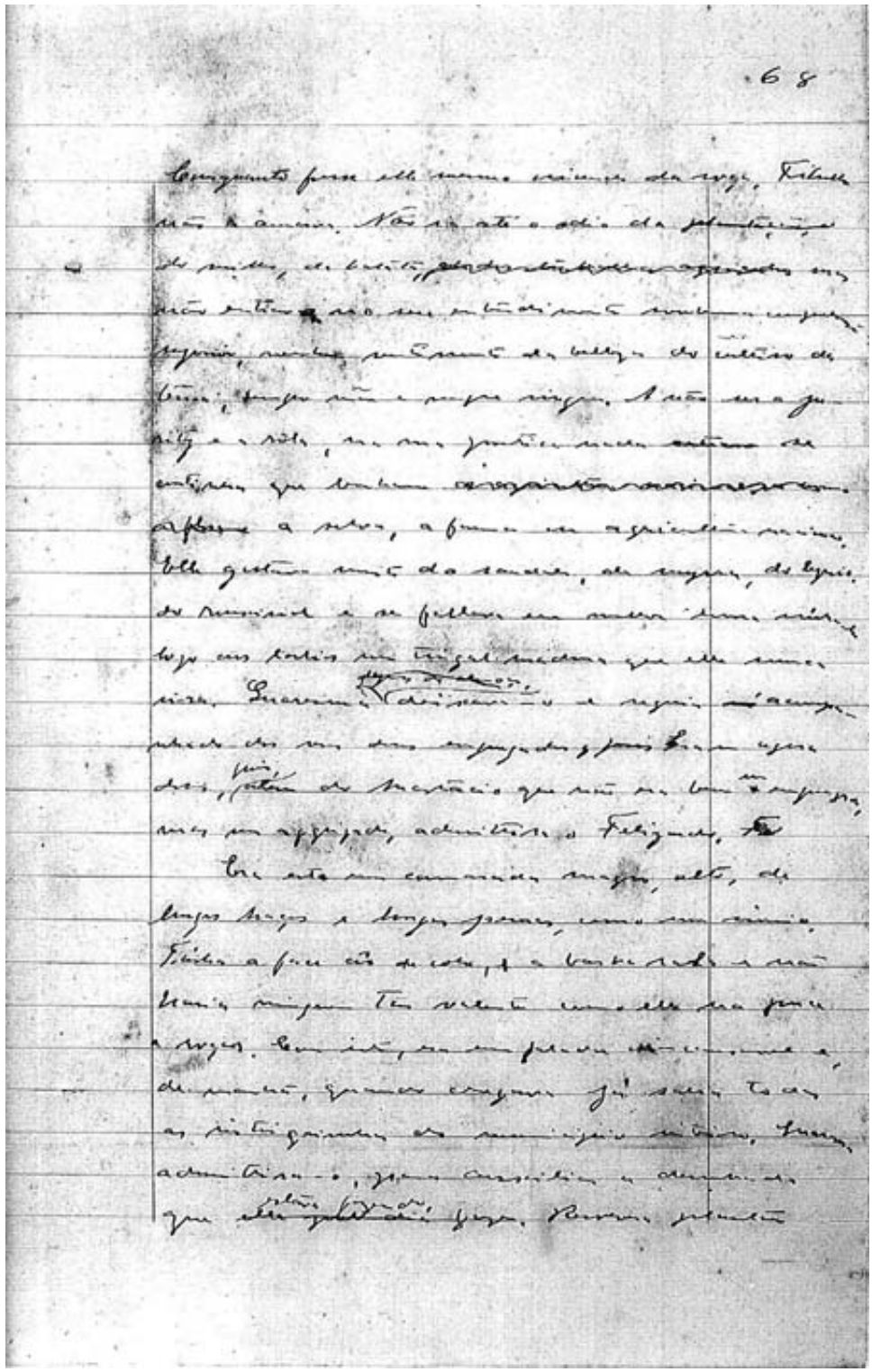
– Não.

– Mora daqui a meia-légua. Ontem toquei em casa / dele. É um fidalgo. É rico, influente, generoso... / Ele queria conhecer o Sr. Posso trazê-lo aqui?

– Pois não.

Tibullo não acompanhava o Major em seus / trabalhos agrícolas. Enquanto ele se ocupava com a capinagem / no roçado, o menestrel deixava-se ficar em casa, a / ler ou a dormir ou mesmo a meditar uma nova modi-/nha. O seu poeta era Casimiro de Abreu, era nele que / bebia inspiração, [*rasurado*] [[sem ser]], porém, um imitador servil. / Punha variedade na métrica, seguindo o desejo do / violão, e espalhava ~~imagens~~ [[comparações]] a mancheias, aqui / e ali, [*rasurado*] [[comparações]] de uma substância esquisita e metá-/foras de uma transcendência pouco comum. ~~a~~ [[A]] voz / do violão, entretanto, aclarava tanto as comparações / como as metáforas e a semi-significação de / suas modinhas era a marca certa do ~~seu~~ grande / valor delas.

Folha 088 (frente).



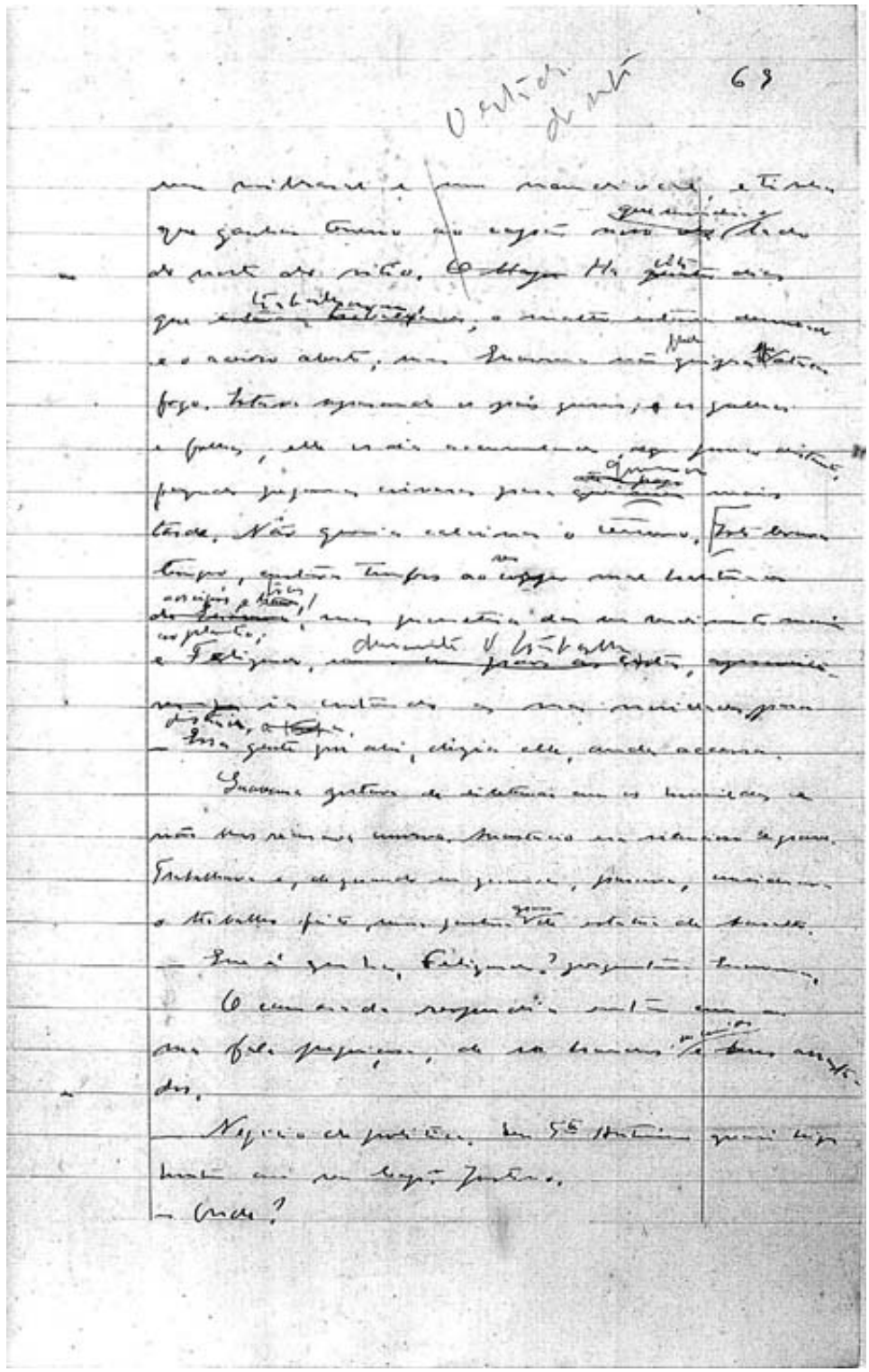
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

68

Conquanto fosse ele mesmo criança da roça, Tibullo / não a amava. Não ia até o ódio da ~~plantação ou~~ / do milho, da batata, [*rasurado*] ~~do trabalho agrícola~~ mas / não entrava no seu entendimento nenhuma [*ilegível*] / superior, nenhum sentimento da beleza do cultivo da / terra, sempre vão e sempre virgem. A não ser a ju-/riti e a rôla, na sua poética nada ~~entrava~~ se / continha que lembrasse [*termos rasurados*] ~~como / as flores e~~ a selva, a fauna ou agricultura nacional. / Ele gostava muito do sândalo, da [*ilegível*], do lírio, / do rouxinol e se falava em mulher loura vinha-lhe / logo aos lábios uma trigal madona que ele nunca / vira. Quaresma [[~~depois do almoço,~~]] deixava-o e seguia ~~[*ilegível*]~~ acompa-/nhado dos seus dous empregados~~,~~[[.]] pois ~~e~~[[E]]ram agora / dous, [[pois,]] além do Anastácio que não era bem ~~o~~ [[um]] empregado, / mas um agregado, admitira o Felizardo. ~~Fel~~

Era este um camarada magro, alto, de / longos braços e longas pernas, como um símio. / Tinha a face cor de cobre, ~~e~~ a barba rala e não / havia ninguém tão valente como ele na [*ilegível*] / a roçar. Com isto, era um falador incansável e, / de manhã, quando chegava já sabia todas / as intriguinhas do município inteiro. Quaresma / admitira-o para auxiliar a [*ilegível*] / que ~~ele pretendia fazer~~ [[estava fazendo]]. Resolvera plantar

Folha 089 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[O estado / do sítio]][59] 69

um milharal e um mandiocal e tinha / que ganhar terreno ao capão novo ~~do~~ [[que invadira o]] lado / do norte do sítio. ~~O Major~~ Há ~~quatro~~ [[oito]] dias / que ~~estava trabalhando~~ [[trabalhava]]; o mato estava derrubado / e o aceiro aberto; mas Quaresma não [[lhe]] quisera [[~~lhe~~]] atiçar / fogo. Estava separando os paus grossos; ~~e~~ os galhos / e folhas; ele os ia acumulando um pouco distante, / fazendo pequenas coivaras para ~~queimar~~ [[~~atar fogo~~]] [[queimar]] mais / tarde. Não queria calcinar o terreno. [Isso levava / tempo, custava tombos ao [[seu]] corpo mal habituado / ~~de Quaresma~~, {{aos cipós e ~~troncos~~ [[tocos]],}} mas prometia dar um rendimento maior / [[ao plantio;]] e Felizardo; ~~[*ilegível*] paus as cestas,~~ [[durante o trabalho;]] ~~aproveita-/va para~~ ia contando as suas novidades~~.~~ {{para / distrair~~.~~ [[~~a tarefa~~.]]}}

– Essa gente por aí, dizia ele, anda acesa.

Quaresma gostava de [*ilegível*] com os humildes e / não lhes recusava conversa. Anastácio era silencioso e grave. / Trabalhava e, de quando em quando, parava, considerava / o trabalho feito, numa postura [[grave]] de estátua de basalto:

– Que é que há, Felizardo? perguntou Quaresma.

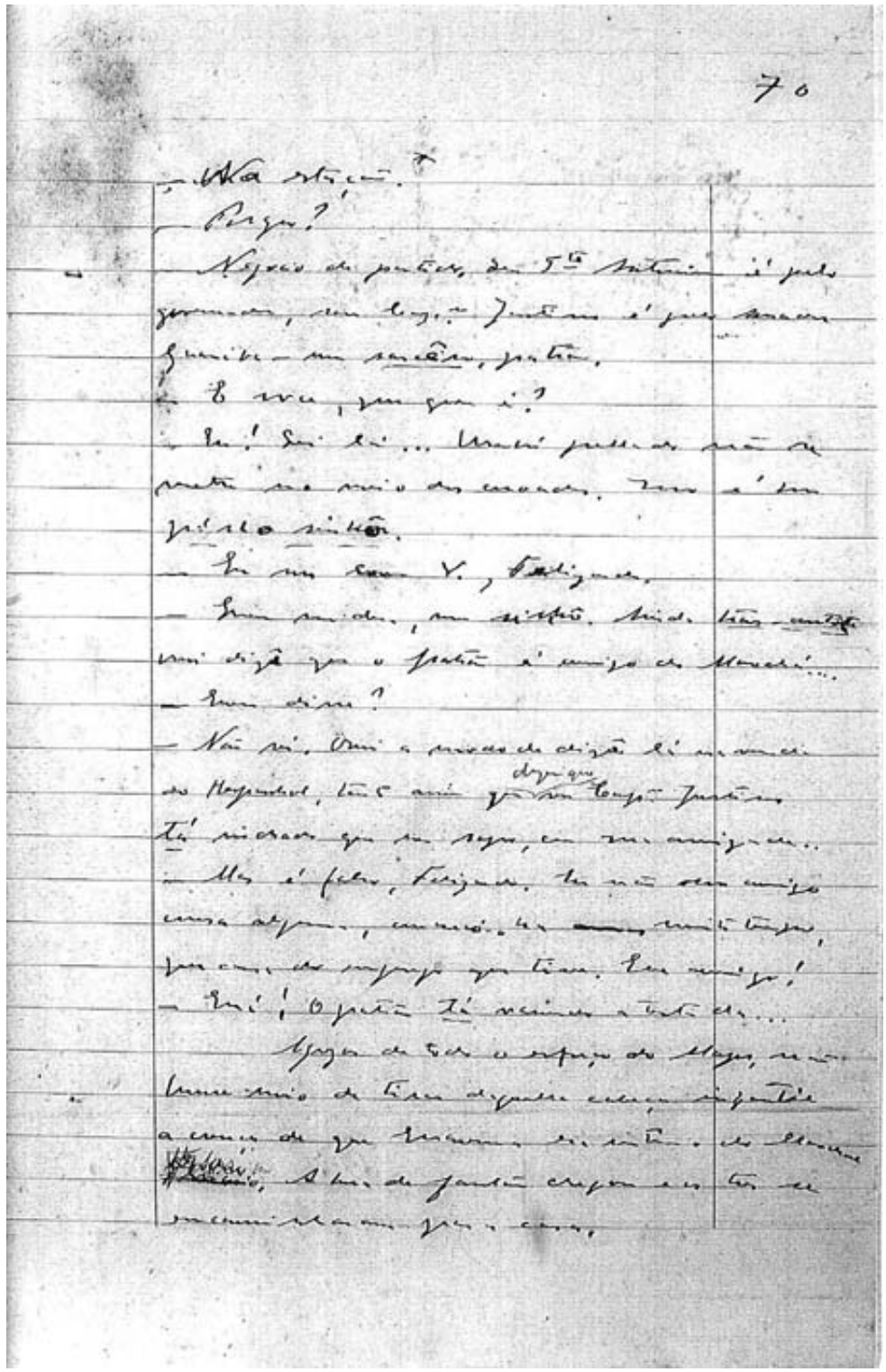
O camarada respondeu então com a / sua fala preguiçosa, de sons brandos [[– com [*ilegível*]]] e sons arrasta-/dos.

– Negócio de política. Seu T$^{\underline{te}}$ Antonino quase briga / ontem com seu Cap$^{\underline{ão}}$ Justino.

– Onde?

Folha 090 (frente).

[59] Não está claro se o traço liga esta nota à metade da quarta linha.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– ~~Or~~[[N]]a estação. *

– Por quê?

– Negócio de partido. Seu T^{te} Antonino é pelo / governador, seu Cap^{ão} Justino é pelo senador / Guariba – um sarcero, patrão.

– E você, por quem é?

– Eu! Sei lá... Urubu pelado não se / mete no meio dos coroados. Isso é bom / pro sinh~~or~~[[ô]].

– Eu sou como V., Felizardo.

– Quem me dera, meu sinhô. Inda trasantonte / ouvi dizê que o patrão é amigo do Marechá...

– Quem disse?

– Não sei. Ouvi a modo de dizê lá na venda / do Espanhol, tanto assim que [[dizem que]] seu Cap^{ão} Justino / tá inchado que nem sapo, com sua amizade...

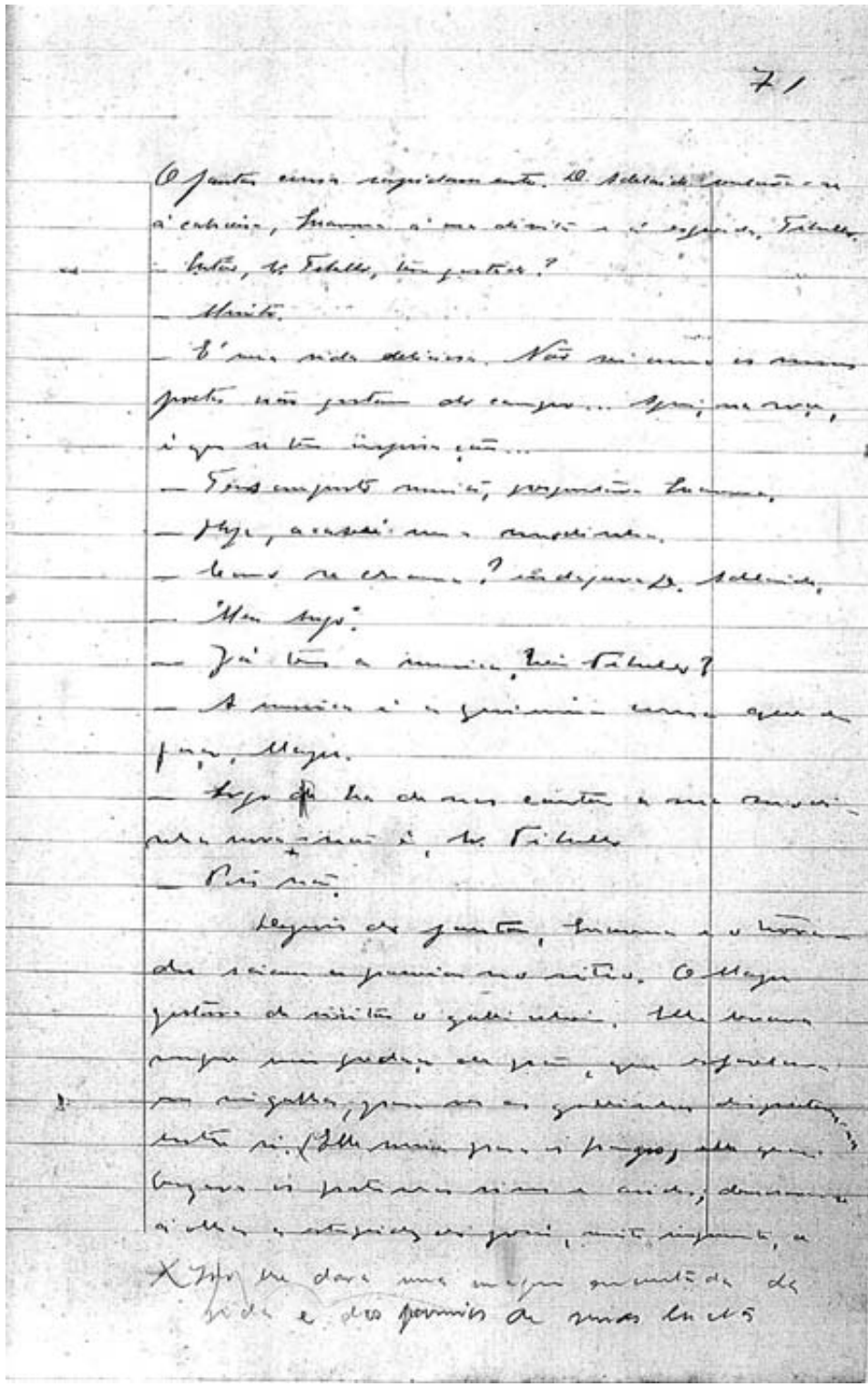
– Mas é falso, Felizardo. Eu não sou amigo / coisa alguma, conheci-o há ~~anos~~ muito tempo, / por causa do emprego que tive. Que amigo!

– Quá! O patrão tá varrendo a testada...

Apesar de todo o esforço do Major, não / houve meio de tirar daquela cabeça infantil / a crença de que Quaresma era íntimo do Marechal / ~~Floriano~~ [[~~Deodoro~~]] [[Floriano]][60]. A hora do jantar chegou e os três se / encaminharam para a casa.

Folha 091 (frente).

[60] Lima Barreto parece aqui incerto sobre a qual Presidente se referir, se a Deodoro da Fonseca ou a Floriano Peixoto. O nome do primeiro aparece uma vez, à tinta, e o do segundo duas, à tinta e, em definitivo, a lápis.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

71

O jantar corria rapidamente. D. Adelaide sentava-se / à cabeceira, Quaresma à sua direita e à esquerda, Tibullo.

– Então, Sr. Tibullo, tem gostado?

– Muito.

– É uma vida deliciosa. Não sei como os nossos / poetas não gostam do campo... Aqui, na roça, / é que se tem inspiração...

– Tens composto muito, perguntou Quaresma.

– Hoje, acabei uma modinha.

– Como se chama? indagava D. Adelaide.

– "Meu Anjo".

– Já tens a música, hein Tibullo?

– A música é a primeira coisa que eu / faço, Major.

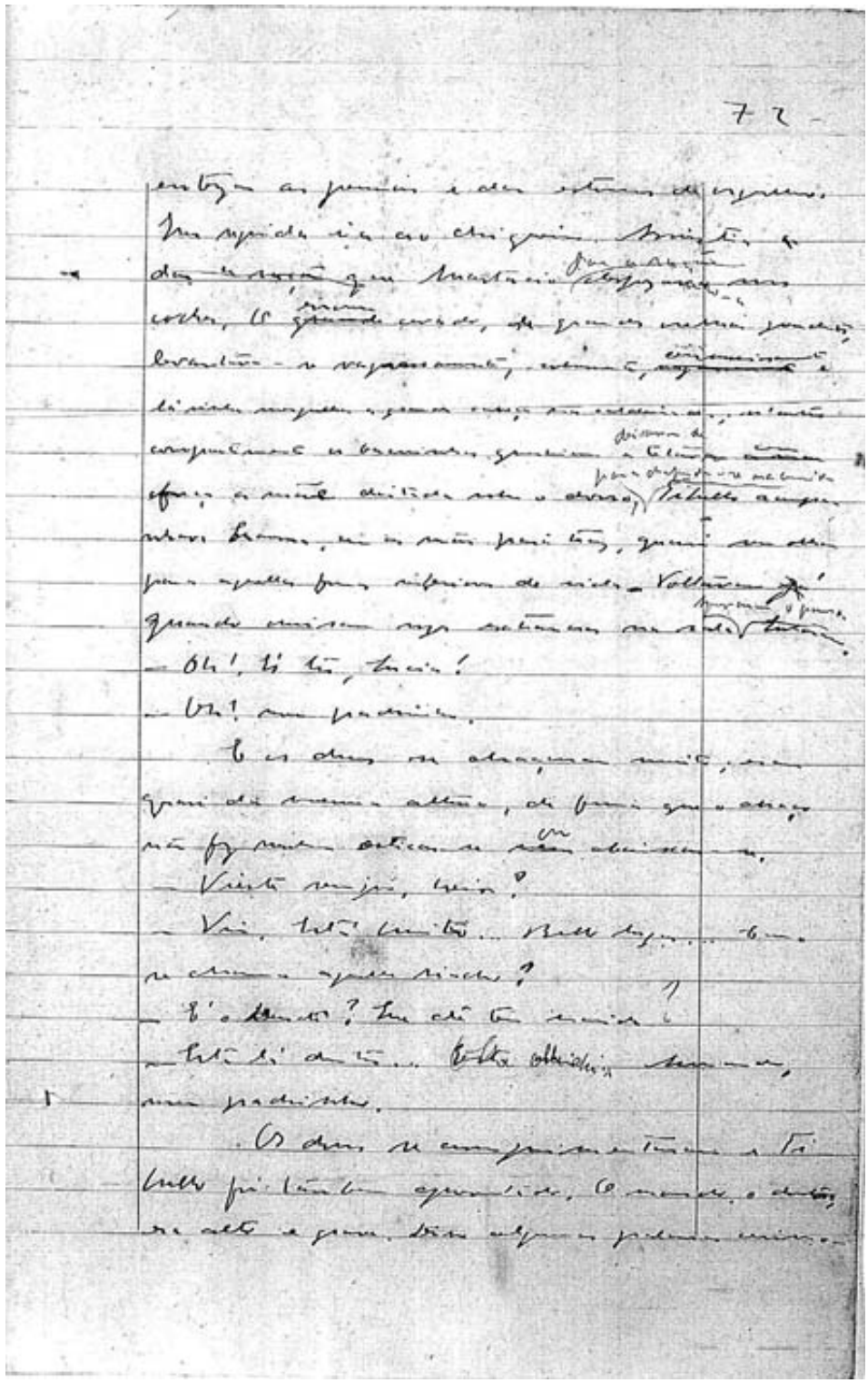
– Logo ~~de~~ há de nos cantar a sua modi-/nha nova – não é, Sr. Tibullo.

– Pois não.

Depois do jantar, Quaresma e o trova-/dor saíam a passear no sítio. O Major / gostava de visitar o galinheiro. Ele levava / sempre o pedaço de pão, que esfarelava / em migalhas, para ver as galinhas disputarem-nas / entre si. {{Isso lhe dava uma imagem encantada da / vida e dos prêmios de suas lutas}}[61] Ele sorria para os frangos, ~~ele~~ quase / beijava os pintinhos vivos e ávidos; demorava- se / a olhar a estupidez do peru, muito imponente, a

Folha 092 (frente).

[61] Manuscrito a lápis no pé da página, e ligado a este trecho por um sinal gráfico (x).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

entesar as penas e a dar estouros de orgulho. / Em seguida ia ao chiqueiro. Assistia ~~o / dar a ração que~~ Anastácio [[dar a ração]] despeja~~va~~[[ndo-a]] nos / cochos. O ~~grande~~ [[enorme]] cevado, de grandes orelhas pendentes, / levantava-se vagarosamente, solenemente, ~~vagarosamente~~ [[[*ilegível*]]] e / lá vinha mergulhar a grande cabeça na caldeira; n'outro / compartimento os bacorinhos grunhiam e [[deixavam de]] [*ilegível*][[r]] ~~a mãe~~ [[com]] / força a mãe deitada sobre o dorso~~.~~[[, para chafurdar-se na comida.]] Tibullo acompa-/nhava Quaresma, com as mãos para trás, quase sem olhar / para aquelas formas inferiores de vida. Voltavam ~~já~~ / quando ouviram vozes estranhas na sala. [[Apertaram o passo.]] Entraram.

– Oh! És tu, Lúcia!

– Oh! meu padrinho.

E os dous se abraçaram muito; eram / quase da mesma altura, de forma que o abraço / não fez nenhum esticar-se ~~nem~~ [[ou]] abaixar-se.

– Vieste sempre, heim?

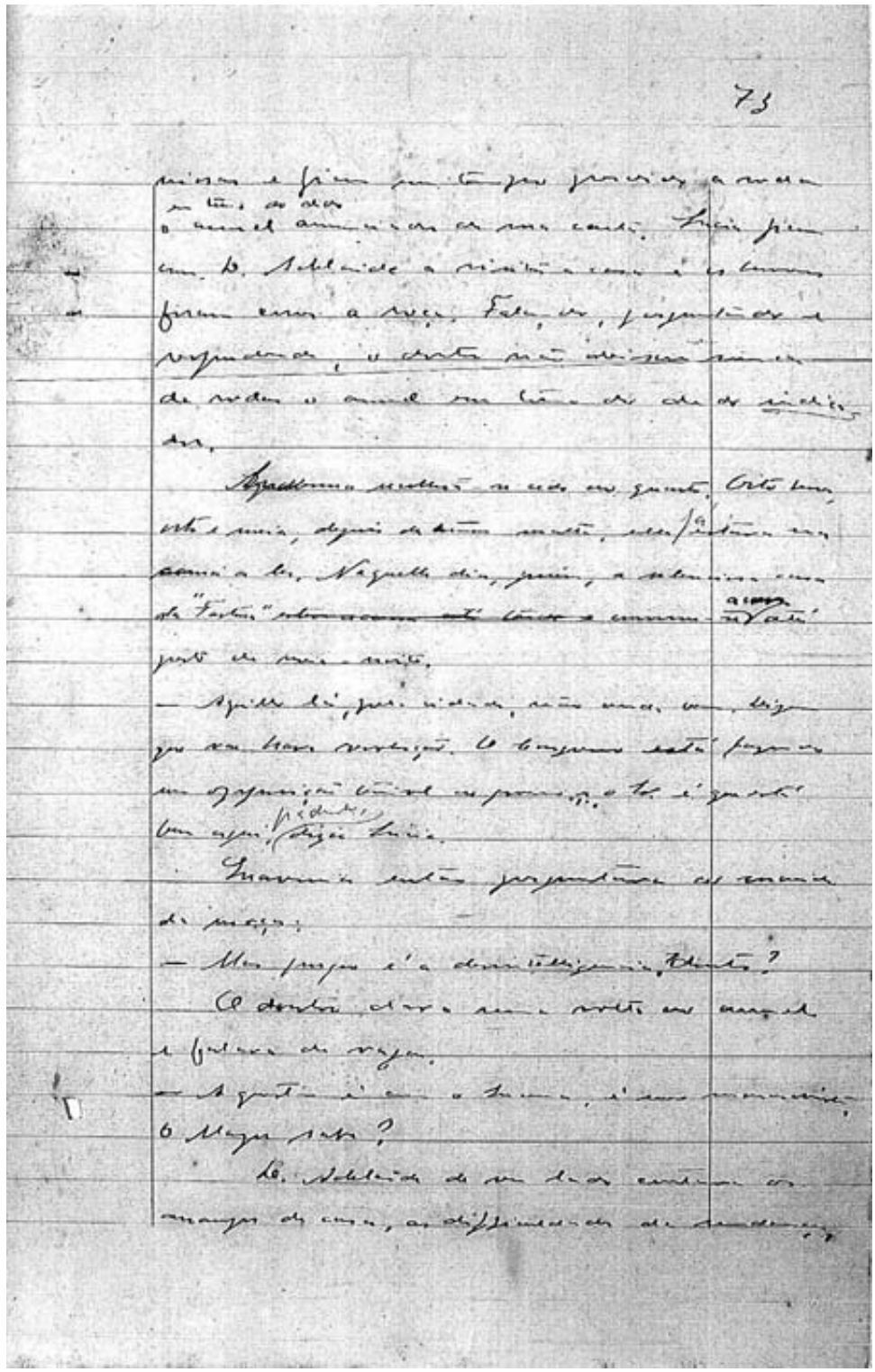
– Vim. Está bonito... Belo lugar... Como / se chama aquele riacho?

– E o Doutô? Quedê teu marido?

– Está lá dentro. ~~E~~ [*termos rasurados*] [[Olha [*ilegível*]]] Armando, / meu padrinho.

Os dous se cumprimentaram e Ti-/bulo foi também apresentado. O marido, o doutor, / era alto e grave. Disse algumas palavras cerimo-

Folha 093 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

niosas e ficou um tempo perdido a rodar / [[em torno do dedo]] o anel anunciador de sua casta. Lúcia ficou / com D. Adelaide a visitar a casa e os homens / foram correr a roça. Falando, perguntando e / respondendo, o doutor não deixava nunca / de rodar o anel em torno do dedo indica-/dor.

~~Ap~~ [[Quaresma]] recolhia-se cedo no quarto. Oito horas, / oito e meia, depois de [*ilegível*], ele [[já]] estava na / cama a ler. Naquele dia, porém, a silenciosa casa / da "Fartura" ~~estava acesa até tarde e~~ conservou-se [[acesa]] até / perto de meia-noite.

– Aquilo lá, pela cidade, não anda bem. Dizem / que vai haver revolução. O Congresso está fazendo / uma oposição terrível ao presidente,[[...]] o Sr. é que está / bem aqui, [[padrinho,]] dizia Lúcia.

Quaresma então perguntava ao marido / da moça:

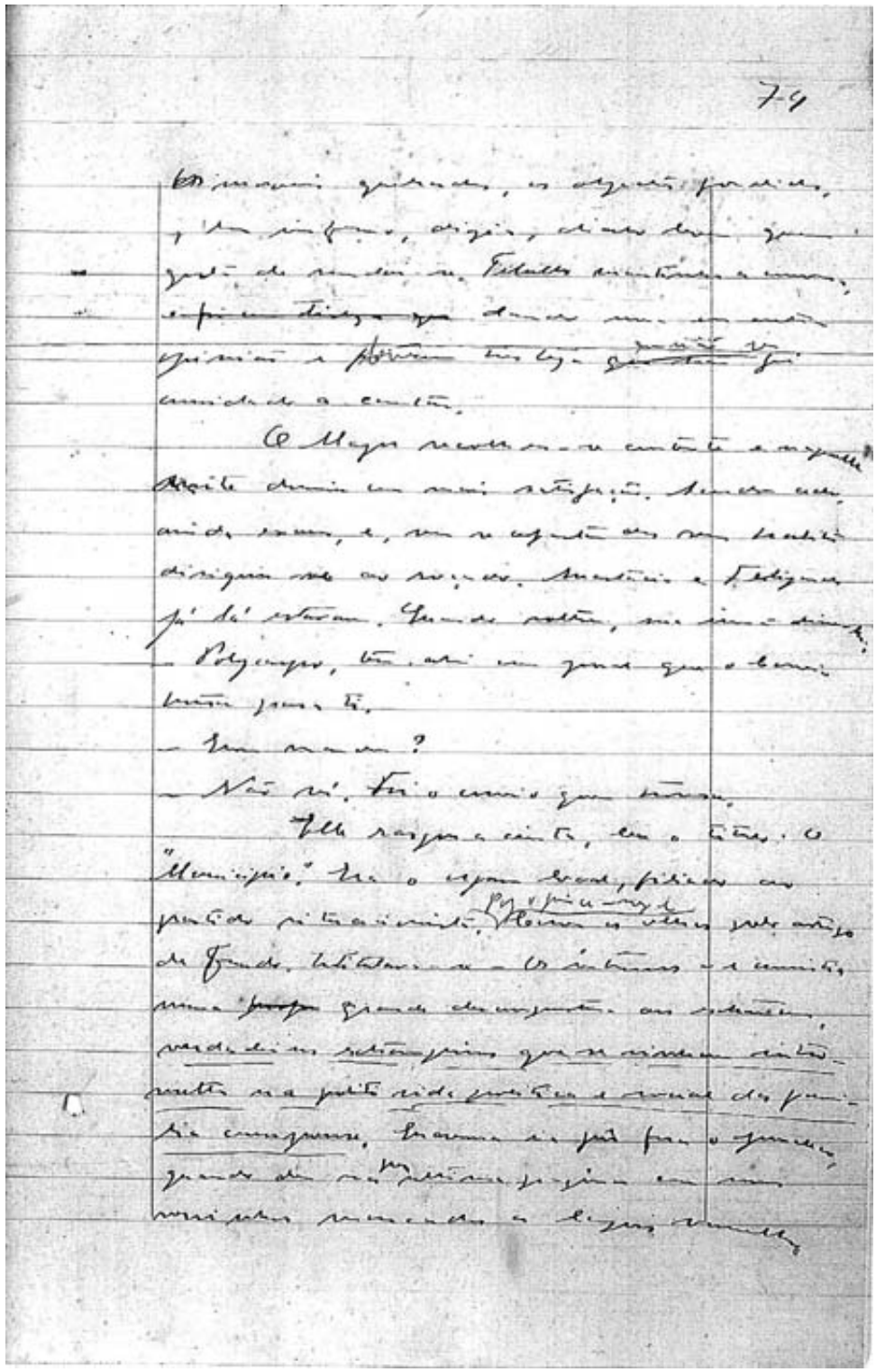
– Mas por que é a desinteligência? doutor?

O doutor dava uma volta ao anel / e falava devagar.

– A questão é com o Lucena, é com monarquistas, / o Major sabe?

D. Adelaide de seu lado contava os / arranjos da casa, as dificuldades da mudança,

Folha 094 (frente)



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

os móveis quebrados, os objetos partidos.

– Um inferno, dizia, diabo leve quem / gosta de mudar-se. Tibullo mantinha a conversa, / ~~e foi com tristeza que~~ dando uma ou outra / opinião e ~~foi com~~ [[teve]] tristeza ~~que não foi~~ [[em não ser]] / convidado a cantar.

O Major recolheu-se contente e naquela / noite dormiu com mais satisfação. Acordou cedo, / ainda escuro, e, sem se apartar dos seus trabalhos / dirigiu-se ao roçado. Anastácio e Felizardo / já lá estavam. Quando voltou, sua irmã disse-lhe:

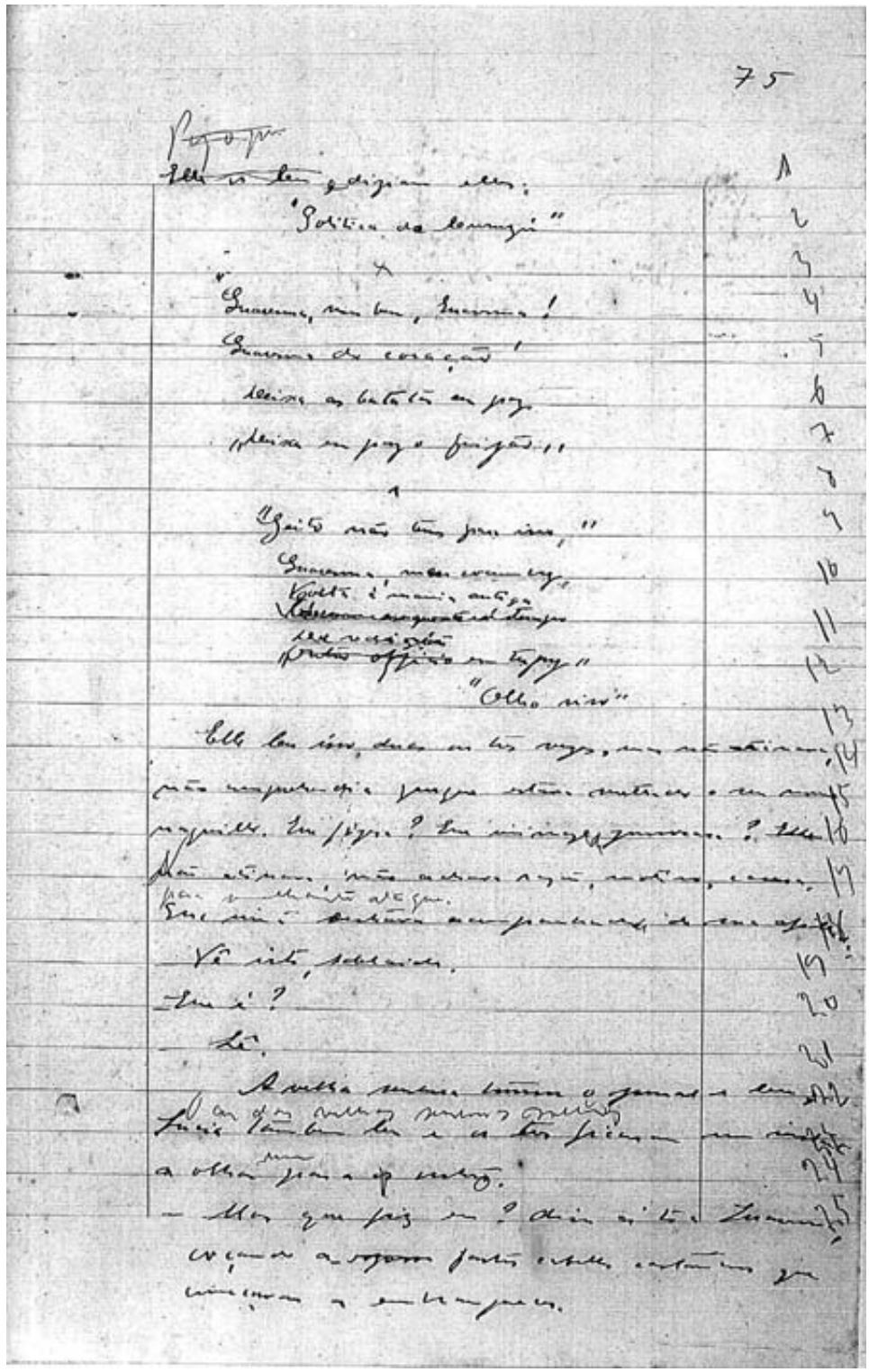
– Polycarpo, tem aí um jornal que o Correio / trouxe para ti.

– Quem mandou?

– Não sei. Foi o correio que trouxe.

Ele rasgou a cinta, leu o título: O / "Município". Era o órgão local, filiado ao / partido situacionista. [[Pôs o pince-nez e]] Correu os olhos pelo artigo / de fundo. Intitulava-se – Os intrusos – e consistia / numa [*rasurado*] grande descompostura aos estranhos, / verdadeiros estrangeiros que se vinham intro-/meter na ~~políti~~ vida particular e social da famí-/lia curuzuense. Quaresma ia pôr fora o jornaleco, / quando deu na [[pen]]última página com uns / versinhos marcados a lápis vermelho:

Folha 095 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[~~Peg o pin~~]] ~~Ele os leu, e~~ diziam eles:

"Política de Curuzu"

"Quaresma, meu bem, Quaresma! / Quaresma do coração! / Deixa as batatas em paz, / "Deixa em paz o feijão."

"Jeito não tens para isso," / Quaresma, meu cocumbi, / ~~Volta enquanto é tempo~~ [[Volta à mania antiga]] / "~~Outro ofício~~ [[De redigir]] em tupi."

"Olho vivo"

Ele leu isso duas ou três vezes, mas não atinava, / não compreendia porque estava metido o seu nome / naquilo. Que fizera? Que inimi~~go~~[[zade]] provocara? ~~Ele / n~~[[N]]ão atinava, não achava razão, motivo, causa. / [[para semelhante ataque.]] Sua irmã voltava acompanhada de sua afilhada.

– Vê isto, Adelaide.

– Que é?

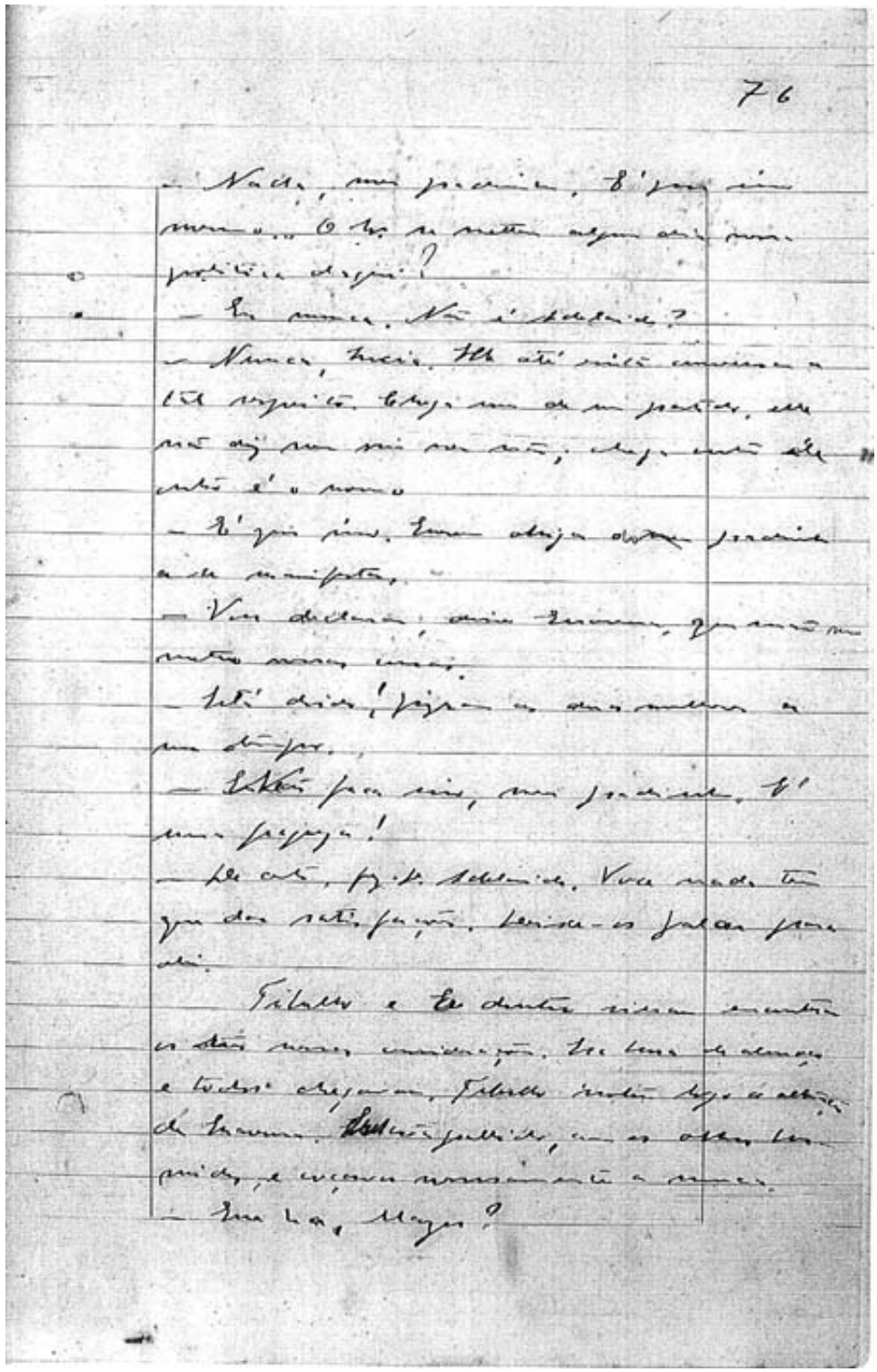
– Lê.

A velha senhora tomou o jornal e leu. / {{O ar das velhas senhoras solteiras}} / Lúcia também leu e os três ficaram um instante / a olhar [[um]] para ~~os~~ outr~~os~~[[o]].

– Mas que fiz eu? disse à toa Quaresma, / coçando a [*rasurado*] fartos cabelos castanhos que / começavam a embranquecer.[62]

Folha 096 (frente).

[62] Lima Barreto numerou as linhas desta página, a lápis, no lado direito, de 1 a 25.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Nada, meu padrinho. É por isso / mesmo... O Sr. se meteu algum dia nessa / política daqui[[?]]

– Eu nunca. Não é Adelaide?

– Nunca, Lúcia. Ele até evita conversar a / tal respeito. Chega um de um partido, ele / não diz nem sim, nem não; chega outro ~~é~~ [[de]] / outro é o mesmo.

– É por isso. Querem obrigar o ~~meu~~ padrinho / a se manifestar.

– Vou declarar, disse Quaresma, que não me / meto nessas coisas.

– Está doido! fizeram as duas mulheres a / um tempo.

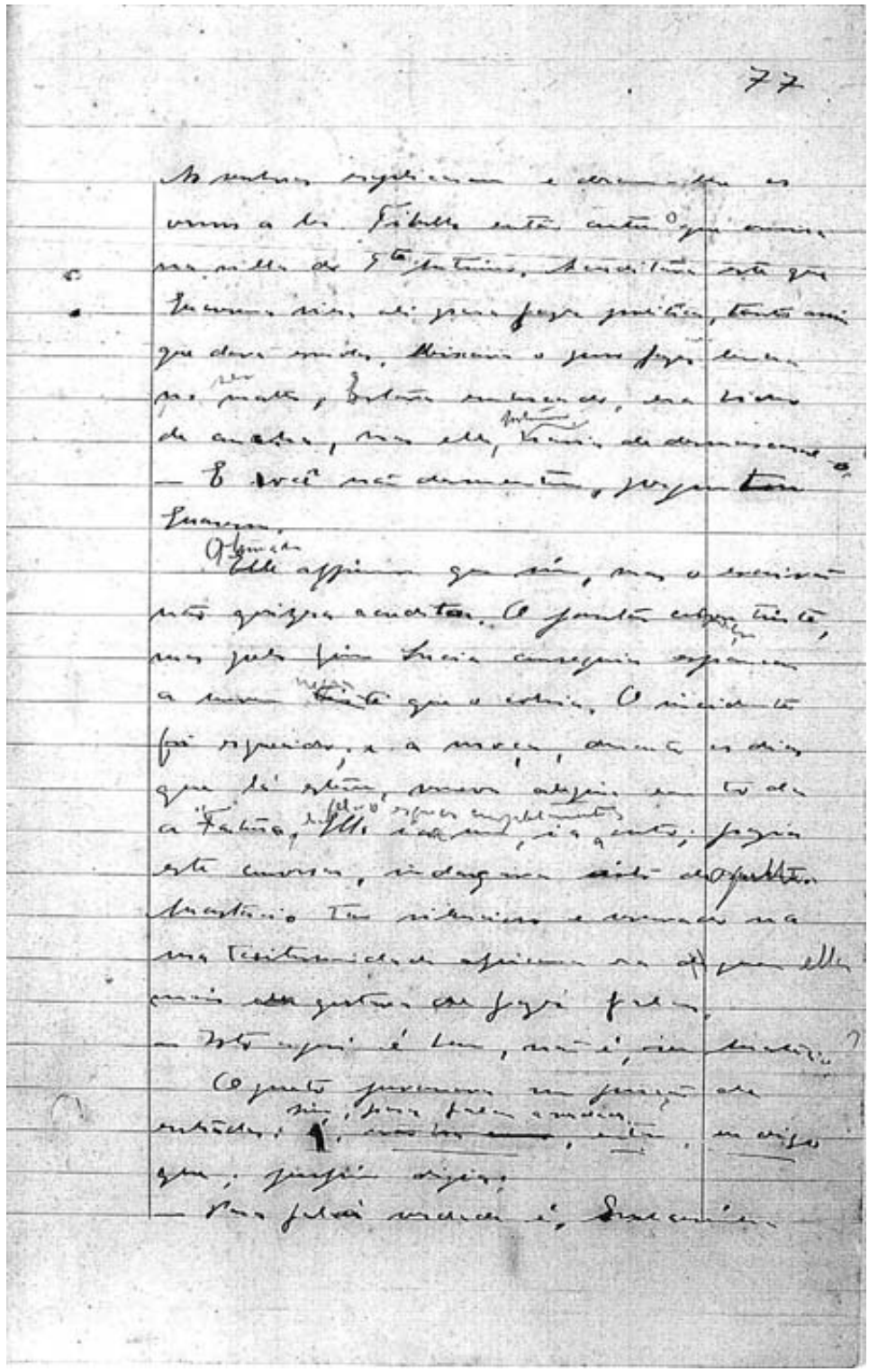
– ~~Eu n~~[[N]]ão faça isso, meu padrinho. É / uma fraqueza!

– Decerto, fez D. Adelaide. Você nada tem / que dar satisfações. Deixe-os falar para / aí.

Tibullo e o doutor vinham encontrar / os três nessas considerações. Era hora do almoço / e todos chegavam. Tibullo notou logo a alteração / de Quaresma. Estava pálido, com os olhos ú-/midos, e coçava sucessivamente a nuca.

– Que há, Major?

Folha 097 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

77

As senhoras explicaram e deram-lhe os / versos a ler. Tibullo então contou o que ouvira / na vila do T^te^ Antonino. Acreditava este que / Quaresma viera ali para fazer política, tanto assim / que dava esmolas, deixava o povo fazer lenha / no [[seu]] mato~~,~~[[.]] ~~e~~[[E]]stava emburacado, era bicho / de concha, mas ele, [[Antonino,]] havia de desmascará-lo.

– E você não desmentiste? perguntou / Quaresma.

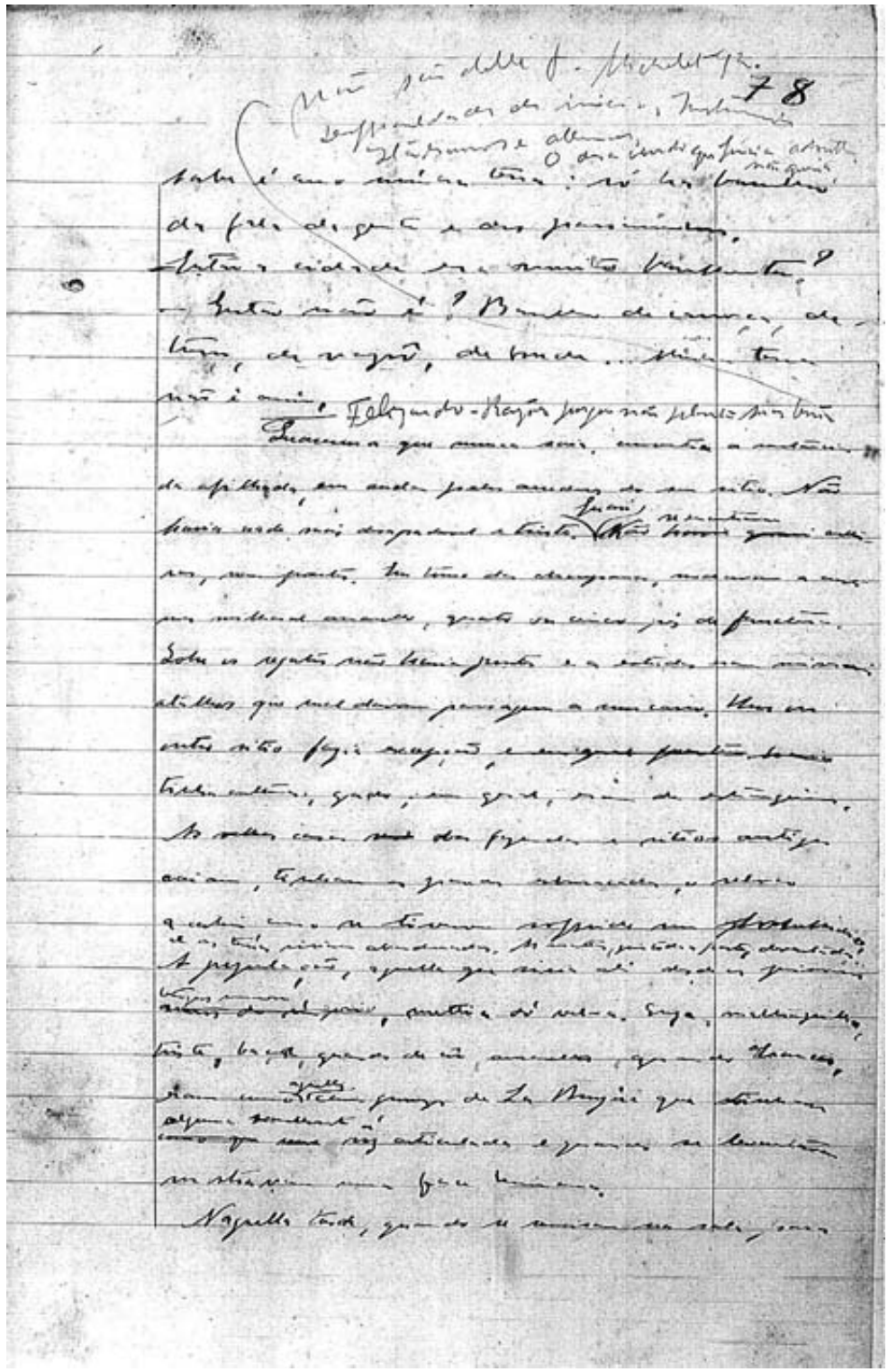
~~Ele~~ [[O trovador]] afirmou que sim, mas o escrivão / não quisera acreditar. O jantar co~~rreu~~[[meçou]] triste, / mas pelo fim Lúcia conseguiu espantar / a nuvem ~~triste~~ [[negra]] que o cobria. O incidente / foi esquecido; ~~e~~ a moça, durante os dias / que lá esteve, [*ilegível*] alegria em toda / a "Fartura'~~.~~[[,]] {{e fê-lo esquecer completamente.}} Ela ia a um, ia a outro; fazia / este conversar, indagava isto [*rasurado*] [[daquele]]. / Anastácio tão silencioso e reservado na / sua taciturnidade africana era ~~de~~ quem [[ela]] / mais ~~ela~~ gostava de fazer falar.

– Isto aqui é [*ilegível*], não é, seu Anastácio?

O preto procurava uma função de / entrada: ~~é, não há como~~, {{sim, para falar a verdade}} então, eu digo / que; por fim dizia:

– Para fal~~ar~~[[á]] verdade é, Sinhazinha.

Folha 098 (frente; no verso, anotações bibliográficas, a lápis).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Sabe é como minha terra: só tem barulho / da fala da gente e dos passarinhos.

– Então a cidade era muito barulhenta?

– Então não é? Bandos de carroça, de / trem, de vapô, de bonde... Minha terra / não é assim.

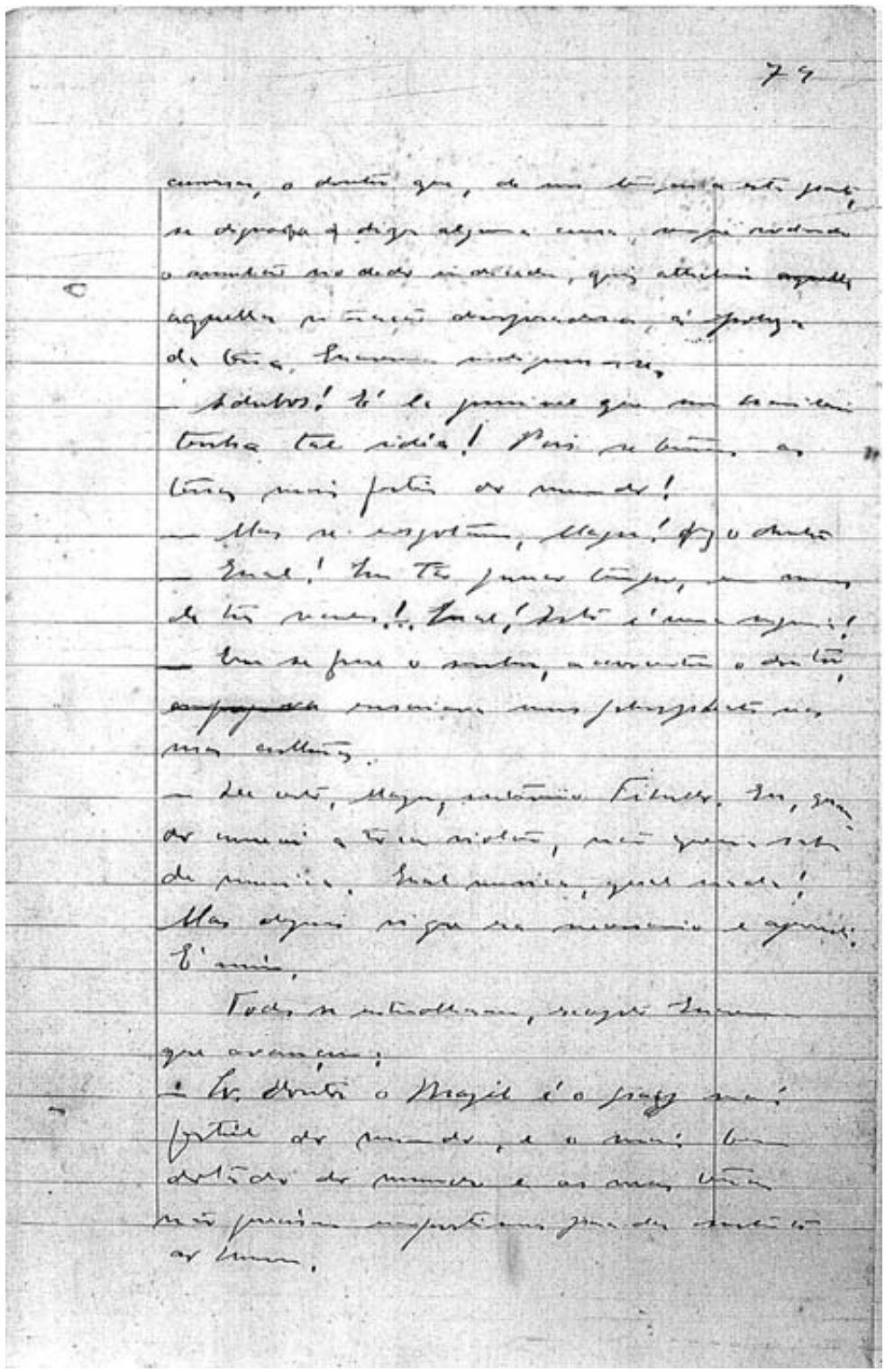
{{— Felizardo - Razões porque não planta suas terras}} {{Não são dele f. Michelet – 92. / Dificuldades do início. Instalando / Italianos e alemães. / O [*ilegível*] que Lúcia admitia / não queria.}}[63]

Quaresma que nunca saía, consentiu a vontade / da afilhada, em andar pelos arredores do seu sítio. Não / havia nada mais desagradável e triste. [[Quase]] ~~N~~[[n]]ão ~~havia quase~~ [[se encontravam]] cultu-/ras, nem pastos. Em torno das choupanas, [*ilegível*] a custo / um milharal amarelo, quatro ou cinco pés de frutas. / Sobre os regatos não havia pontes e as estradas eram míseros / atalhos que mal davam passagem a um carro. Um ou / outro sítio fazia exceção e ~~em geral~~ [*termos rasurados*] / tinha cultura, gado; em geral, era de estrangeiro. / As ~~velhas~~ casas ~~send~~ das fazendas e sítios antigos / caíam, tinham as paredes esburacadas, o [*ilegível*] / a cair como se tivessem sofrido um [*rasurado*] [[bombardeio,]] / {{e as terras viviam abandonadas. As matas, por toda a parte, devastadas.}} / A população, aquela que viva ali desde os primeiros / ~~anos de ocupação~~ [[tempos coloniais]], metia dó vê-la. Suja, maltrapilha, / triste, baça, quando de cor, amarela, quando branca, / eram como [[aqueles]] chimpanzés de La Bruyère que ~~s~~ [[tinham]] / ~~como que uma~~ [[alguma semelhança à]] voz articulada e quando se levantavam / mostravam uma face humana.

Naquela tarde, quando se reuniram na sala, para

Folha 099 (frente).

[63] O segundo trecho entre chaves está manuscrito a lápis no topo da página, e unido a esta nota por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

conversar, o doutor que, de uns tempos a esta parte, / se dispunha a dizer alguma coisa, sempre rodando / o amuleto no dedo indicador, quis atribuir ~~aquilo~~ / aquela situação desesperadora à pobreza / da terra. Quaresma indignara-se.

– Adubos! É lá possível que um brasileiro / tenha tal idéia! Pois se temos as / terras mais férteis do mundo!

– Mas se esgotam, Major! fez o doutor.

– Qual! Em tão pouco tempo, em menos / de três séculos! Qual! Isto é uma injúria!

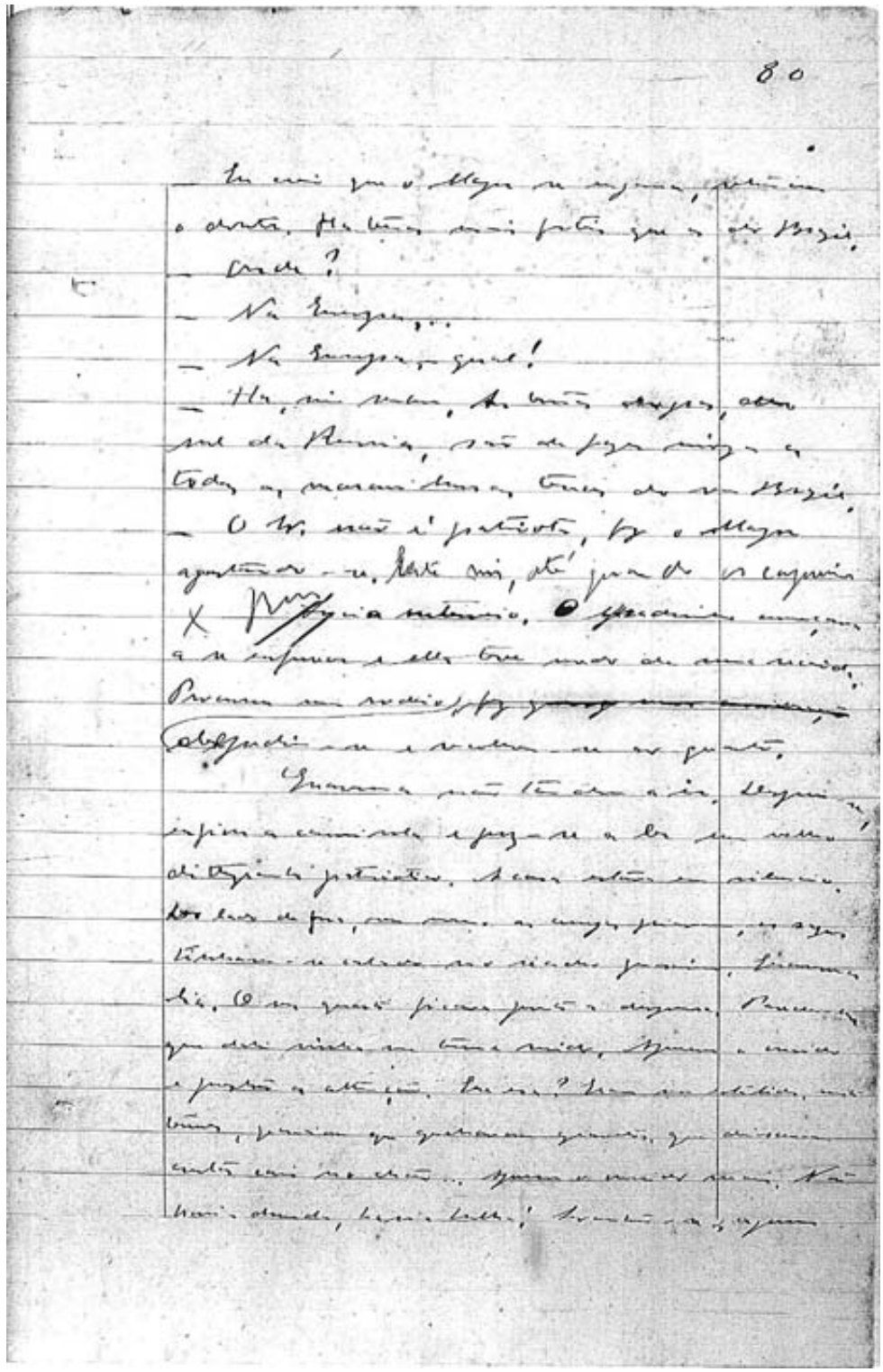
– Eu se eu fosse o senhor, acrescentou o doutor, / ~~empregava~~ ensaiava uns fosfatos nas / suas culturas.

– Decerto, Major, interveio Tibullo. Eu, quan-/do comecei a tocar violão, não queria saber / de música... Qual música, qual nada! / Mas depois vi que era necessário e aprendi. / É assim.

Todos se entreolharam, exceto Quaresma / que avançou:

– Sr. doutor o Brasil é o país mais / fértil do mundo, e o mais bem / dotado do mundo e as suas terras / não precisam empréstimos para dar sustento / ao homem.

Folha 100 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Eu creio que o Major se engana, retrucou / o doutor. Há terras mais férteis que as do Brasil.

– Onde?

– Na Europa...

– Na Europa – qual!

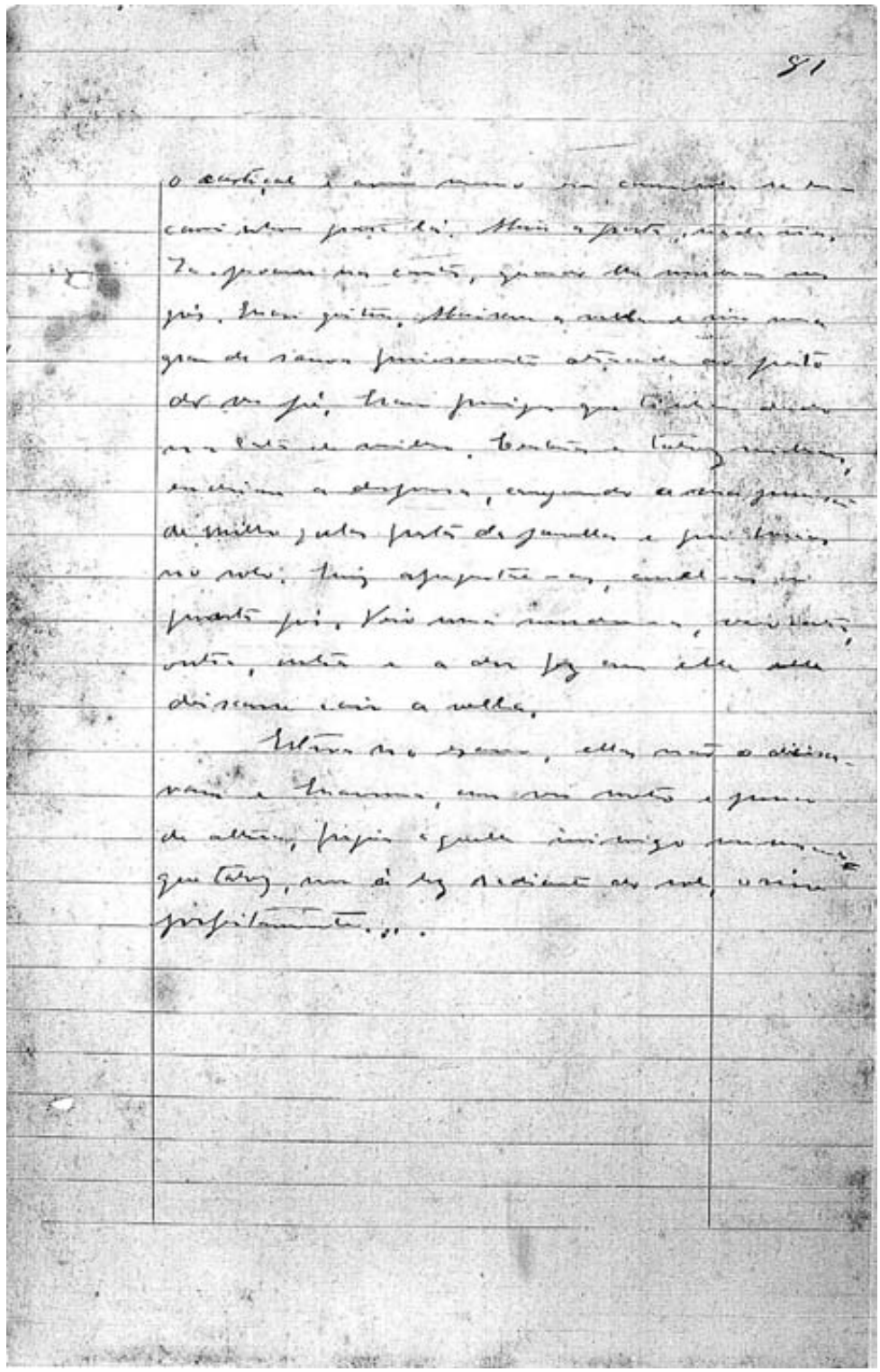
– Há, sim senhor. As terras negras, no / sul da Rússia, são de fazer inveja a / todas as maravilhosas terras do seu Brasil.

– O senhor não é patriota, fez o Major / agastando-se. [[Este sim, até quando os caprichos]]

[[Nem]] Lúcia interveio. O ~~M~~ [[padrinho]] ameaçava / a se enfurecer e ela teve medo de uma recaída. / Procurou um rodeio, ~~fez~~ [*rasurado*] ~~uma consideração / obs~~ [[despediu-se]] e recolheu-se ao quarto.

Quaresma não tardou a ir. Despiu-se, / enfiou a camisola e pôs-se a ler um velho / ditirambo patriótico. A casa estava em silêncio. / Do lado de fora, num morro as corujas piavam, os sapos / tinham-se calado no riacho próximo. Quaresma / lia. O seu quarto ficava perto da despensa. Pareceu-lhe / que dali vinha um [*ilegível*] ruído. Apurou o ouvido / e prestou atenção. Que era? Eram uns estalidos, muito / tênues, pareciam que quebravam gravetos, que deixavam / outros cair no chão... Apurou os ouvidos mais, Não / havia dúvida, havia bulha! Levantou-se, agarrou

Folha 101 (frente).

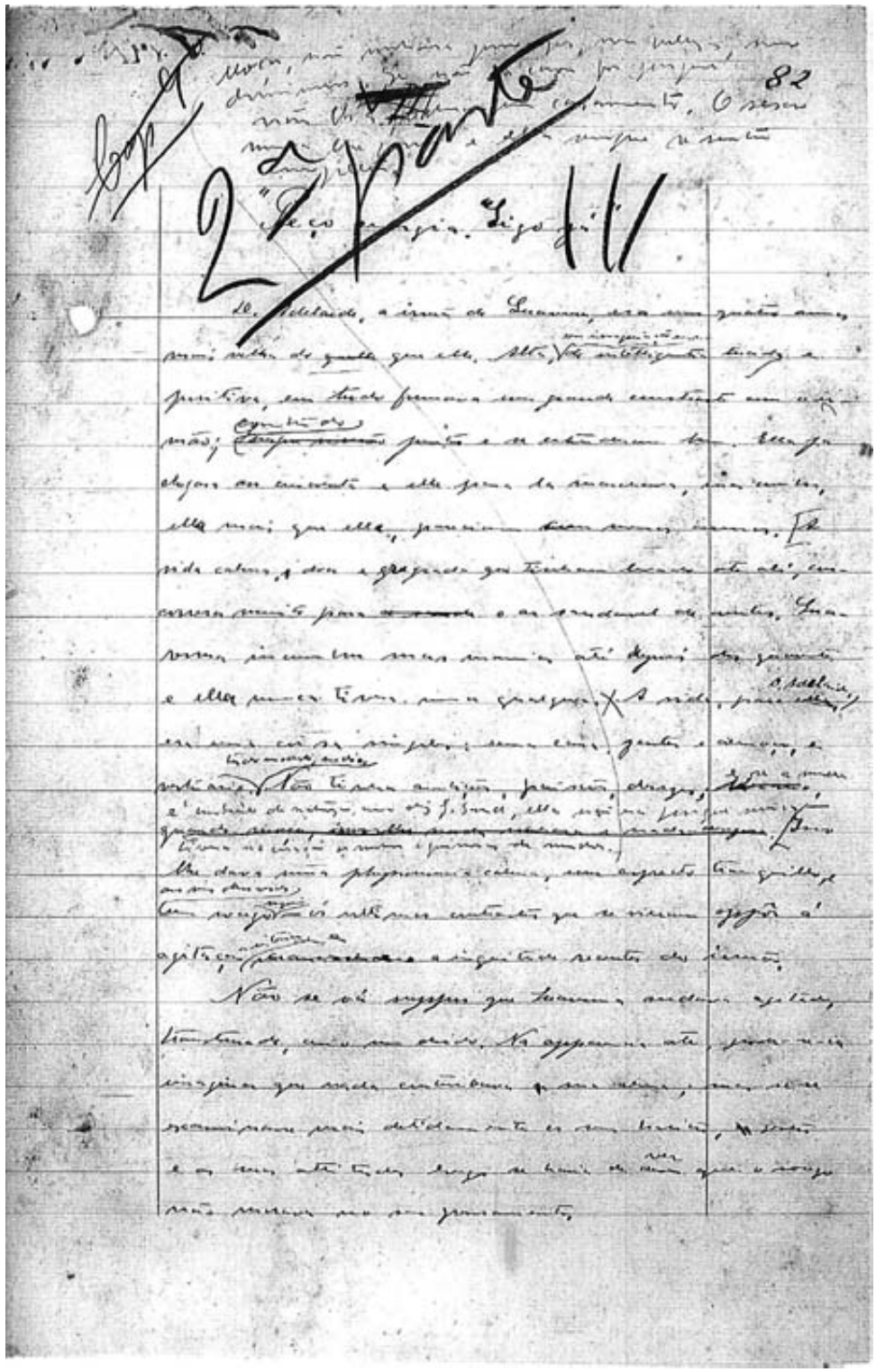


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

o castiçal e assim mesmo em camisola se en-/caminhou para lá. Moveu a porta; nada viu. / Ia procurar nos cantos, quando lhe morderam seus / pés. Quase gritou. Abaixou a vela e viu uma / grande saúva furiosamente atracada ao peito / do seu pé. Eram formigas que tinham dado / na lata de milho. Centenas e talvez milhares, / enchiam a despensa, carregando a sua provisão / de milho pelas frestas da janela e por buracos / no solo. Quis afugentá-las, [*ilegível*] a / pontapés. Veio uma mordeu-o, veio outra, / outra, outra e a dor fez com ele ~~ele~~ / deixasse cair a vela.

Estava no escuro, elas não o deixa-/vam e Quaresma, com seu metro e pouco / de altura, fugiu àquele inimigo minúsculo / que talvez, nem à luz radiante do sol, o visse / perfeitamente...

Folha 102 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

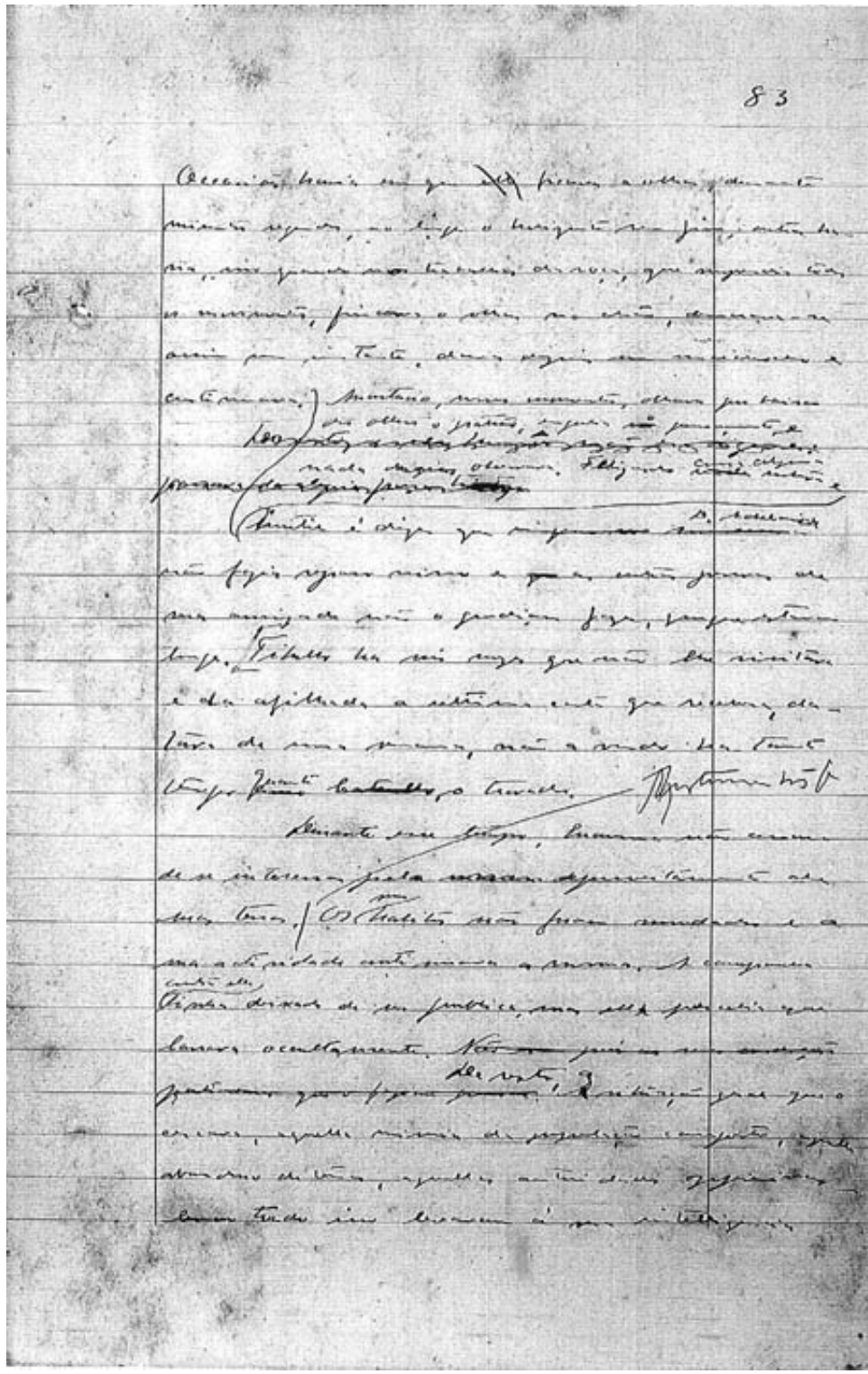
~~Cap 9º.~~ [[2ª. parte IV]]
"Peço energia. Sigo já"

D. Adelaide, a irmã de Quaresma, era uns quatro anos / mais velho do ~~quele~~ que ele. Alta, [[sem imaginação mas]] de inteligência lúcida e / positiva, em tudo formava um grande contraste com o ir-/mão; [[contudo]] ~~sempre viveram~~ juntos e se entenderam bem. Ela já / chegara aos cinquenta e ele para lá marchava, mas ambos, / ela mais que ele, pareciam com menos anos. [A / vida calma ~~e~~[[,]] doce e ~~g~~ [[regrada]] que tinham levado até ali, con-/correra muito para ~~a saúde~~ o ar saudável de ambos. Qua-/resma incubou suas manias até depois dos quarenta / e ela nunca tivera uma qualquer. X A vida, para ~~ela,~~ [[D. Adelaide,]] / era coisa simples: uma casa, jantar e almoço, e / vestuário~~.~~[[, tudo modesto, médio.]] Não tinha ambições, paixões, desejos; ~~[*ilegível*],~~ [[e se a mulher]] / {{é [*ilegível*] da natureza, como diz G. Sand, ela não era porque nunca}} / ~~quando moça,~~ [*rasurado*] ~~nada~~ [*rasurado*] ~~e nada desejara~~. [Isso / {{tivera no coração os sonhos e quimeras de mulher.}} / {{Moça, não sonhara príncipes, nem belezas, nem / [*ilegível*] crianças. Se não se casou foi porque / não [*ilegível*] um casamento. O sexo / nunca lhe pesou e ela sempre se sentiu / completa.}}[64] / lhe dava uma fisionomia calma, um aspecto tranquilo, e / [[aos seus observadores]] um sossego [[seguro]] – os últimos contrastes que se vinham opor à / agitação [*rasurado*] [[[*ilegível*] e]] à inquietude recentes do irmão.

Não se vá supor que Quaresma andava agitado, / transtornado, como um doido. Na aparência até poder-se-ia / imaginar que nada conturbava ~~a~~ sua alma; mas se se / examinasse mais detidamente os seus hábitos, ~~os~~ gestos / e as suas atitudes, logo se havia de [*rasurado*] [[ver]] que o sossego / não morava no seu pensamento.

Folha 103 (frente).

[64] O segundo trecho entre chaves está manuscrito a lápis no topo da página, ligado a esta linha por um traço. Toda esta emenda cortou a frase "Isto / lhe dava uma fisionomia", que obviamente deve vir depois da emenda.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

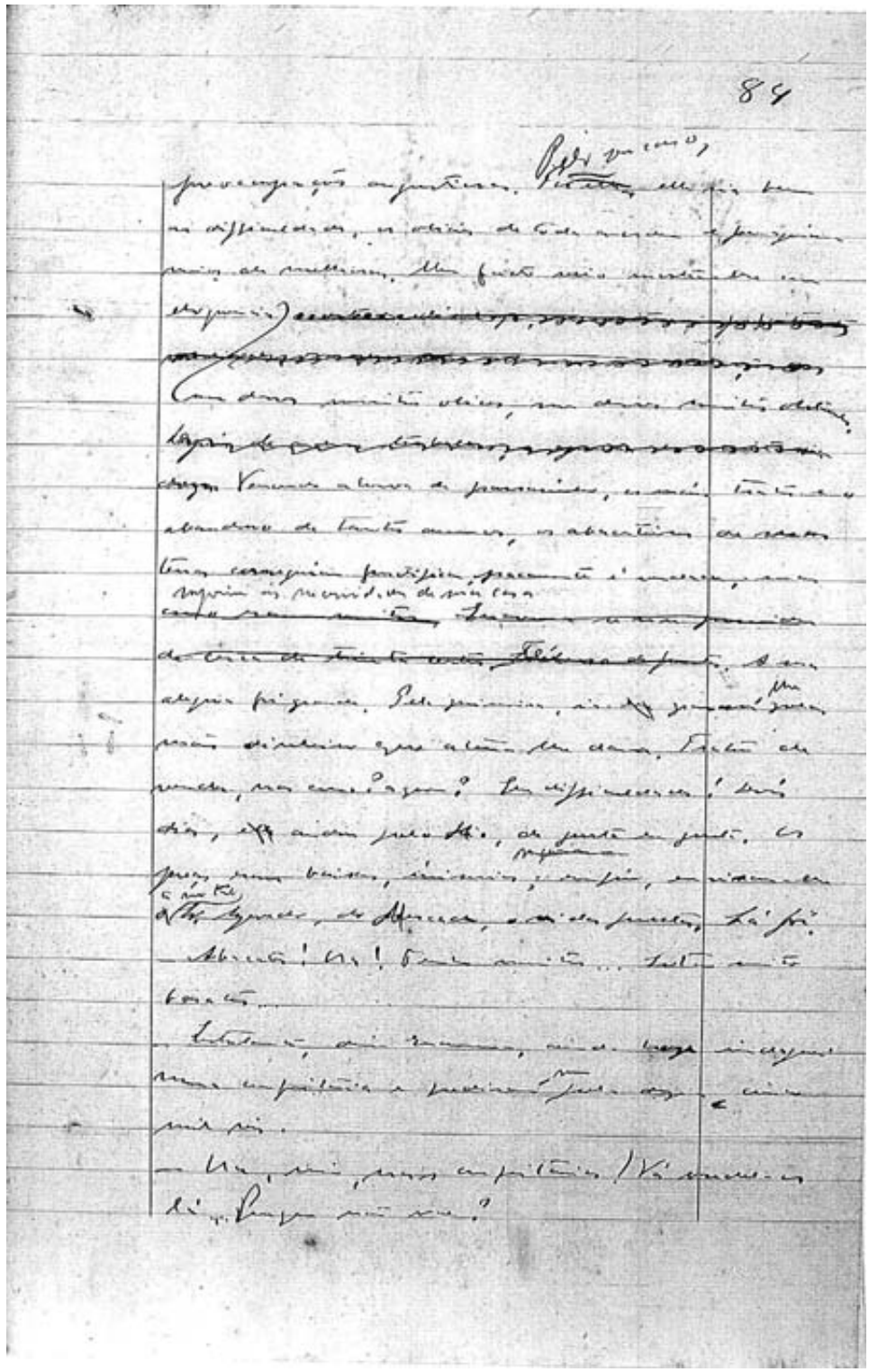
83

Ocasiões havia em que ~~ele~~ ficava a olhar, durante / minutos seguidos, ao longe o horizonte sem fim; outras ha-/via, isso quando no trabalho da roça, que suspendia todos / os movimentos, fincava o olhar rio chão, demorava-se / assim um instante, dava depois um muxoxo e / continuava. {{Anastácio, nesses momentos, olhava por baixo / dos olhos o patrão, engolia ~~seu~~ [[o]] pensamento, e}} / [*linha rasurada*]~~:~~ / {{nada ~~dizia~~ observava. Felizardo ~~nada~~ [[coisa alguma]] notava e}} / [*linha rasurada*]~~.~~[65] / Inútil é dizer que ~~ninguém~~ [*rasurado*] ~~sua irmã~~ [[D. Adelaide]] / não fazia reparo nisso e ~~que~~ as outras pessoas de / sua amizade não o podiam fazer, porque estavam / longe. [Tibullo há seis meses que não lhe visitava / e da afilhada a última carta que recebera, da-/tava de uma semana, não a vendo há tanto / tempo ~~como~~ [[quanto]] ~~Catullo.~~ o trovador.

Durante esse tempo, Quaresma não cessou / de se interessar pelo ~~[*ilegível*]~~ aproveitamento de / suas terras. [[[*ilegível*]][66]] Os [[seus]] hábitos não foram mudados e a / sua atividade continuava a mesma. A campanha / [[contra ele]] tinha deixado de ser pública, mas ele percebia que / lavrava ocultamente. ~~Não eram pois as suas condições / particulares que o faziam pensar. A~~ [[De resto, a]] situação geral que o / cercava, aquela miséria da população campestre, aquele / abandono de terras, aquelas atividades opressoras / ~~levav~~ tudo isso levavam à sua inteligência

Folha 104 (frente).

[65] Estas duas linhas rasuradas formavam um novo parágrafo que as emendas eliminaram.
[66] Manuscrito a lápis duas linhas acima, logo depois "o trovador", e ligo a esta parte por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

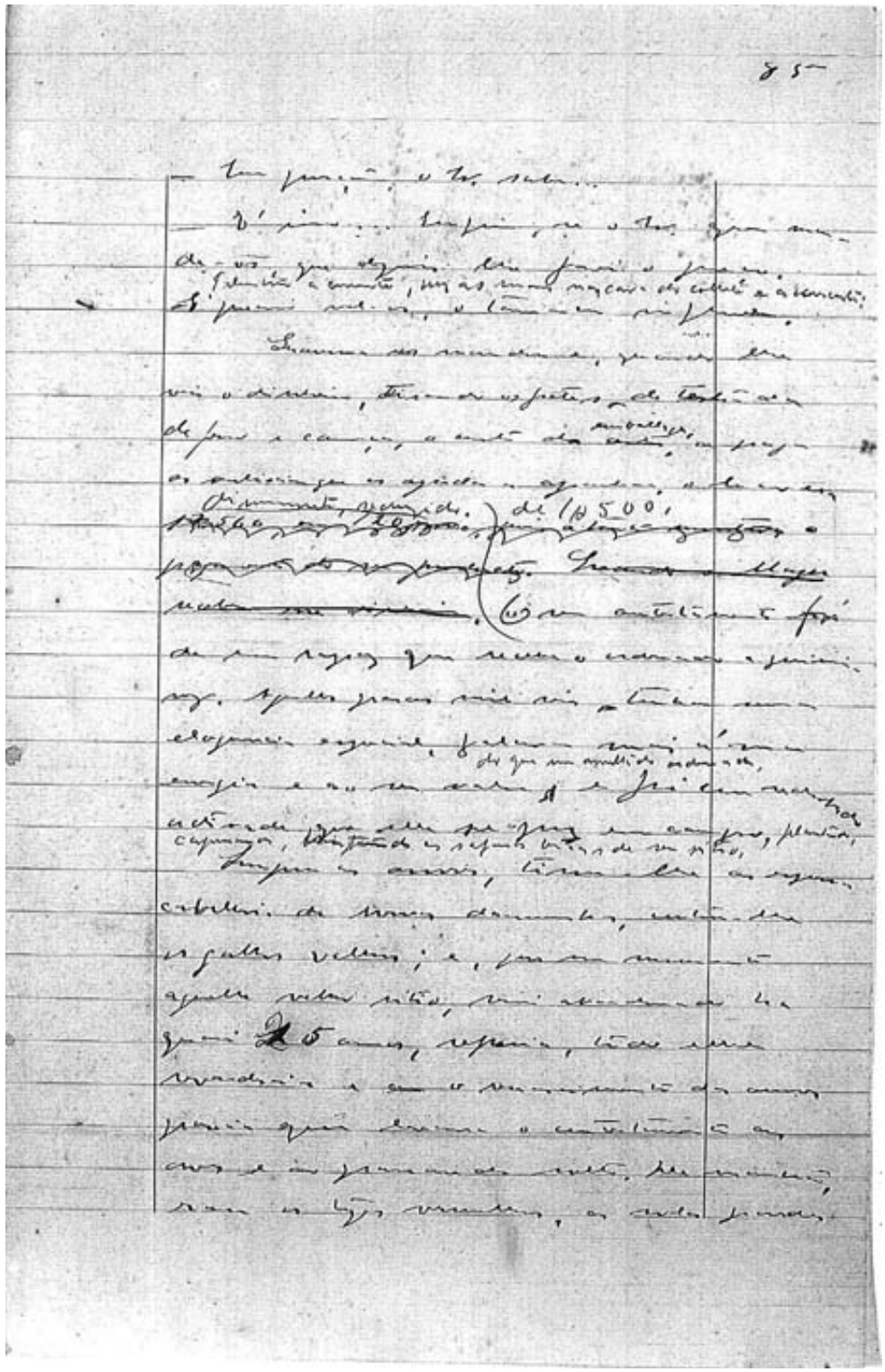
preocupações angustiosas. ~~Por ele,~~ [[Pelo seu caso,]] ele via bem / as dificuldades, os óbices de toda a ordem e perseguia / meios de melhorar. Um fato veio mostrar-lhe com / eloquência [*restante da linha rasurado*]~~ /~~[*linha rasurada*] / um dos muitos óbices, um dos muitos obstáculos. / ~~Depois de andar trabalhando~~ [*restante da linha rasurado*]~~ / chegar~~. Vencendo a erva de passarinho, os maus-tratos e o / abandono de tantos anos, os abacateiros de suas / terras conseguiram frutificar, fracamente é verdade, mas / {{superior às necessidades de sua casa.}} / ~~como eram muitos, Quaresma se viu possuidor / cerca de trinta cestos~~ [*rasurado*]~~ de frutas.~~ A sua / alegria foi grande. Pela primeira, ia ~~lhe~~ passar[[-lhe]] pelas / mãos dinheiro que a terra lhe dava. Tratou de / vender, mas como? a quem? Que dificuldades! Dous / dias, ~~ele~~ andou pelo Rio, de porta em porta. Os / preços eram baixos, míseros; enfim, enviaram-lhe / ~~o~~ [[a um tal]] Sr. Azevedo, do Mercado, o rei das frutas. Lá foi.

– Abacates! Ora! Tenho muitos... Estão muito / baratos...

– Entretanto, disse Quaresma, ainda hoje indaguei / numa confeitaria e pediram-me pela dúzia cinco / mil-réis.

– Ora, sim, nas confeitarias! Vá vendê-los / lá~~,~~[[...]] ~~p~~[[P]]or que não vende?

Folha 105 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Em porção, o senhor sabe...

– É isso... Enfim, se o Sr. quer man-/de-os que depois lhe farei o preço.

{{Tilintou a corrente, pôs as mãos na cava do colete e acrescentou:}}

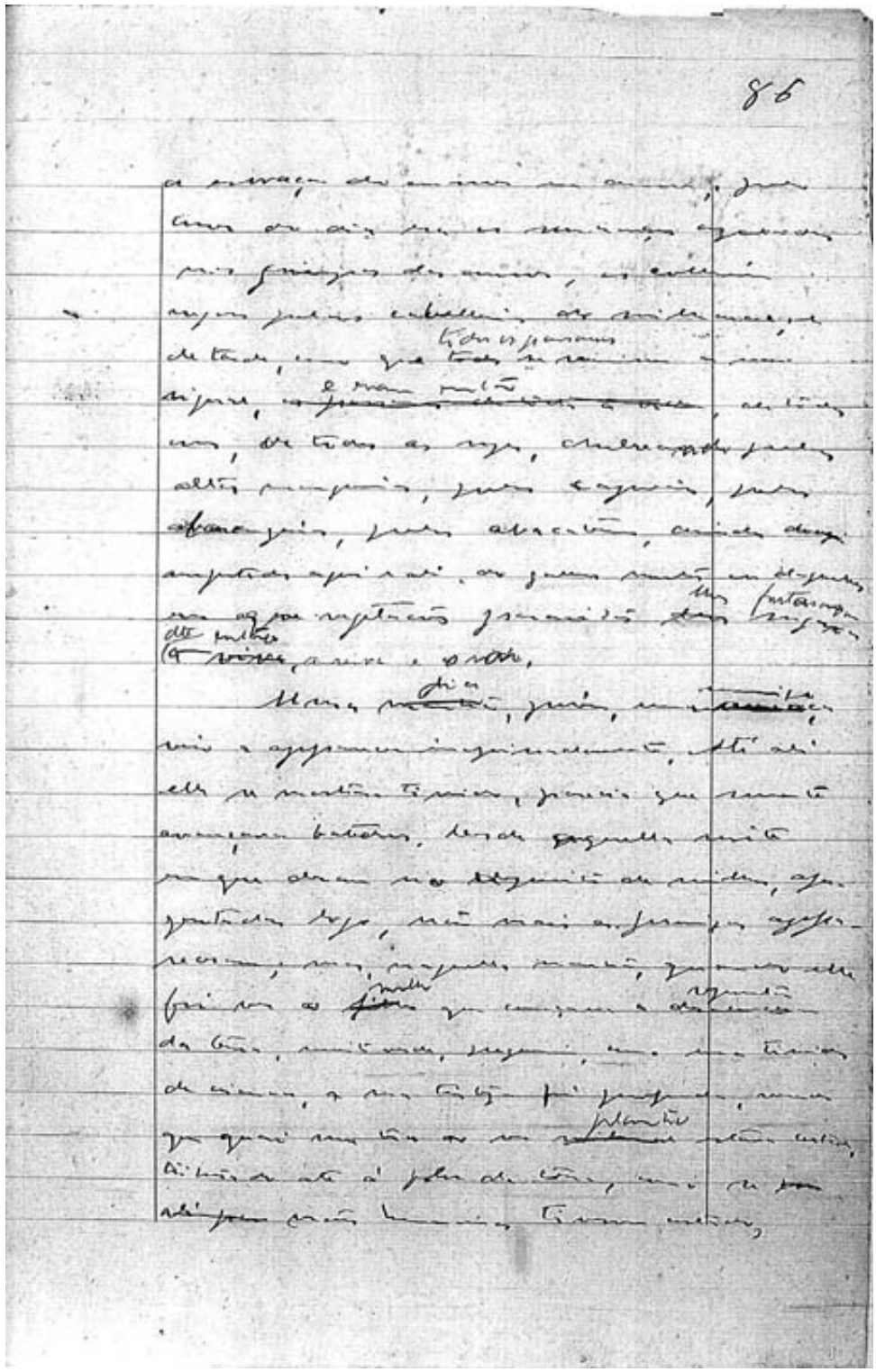
– É preciso vê-los, o tamanho influencia.

Quaresma os mandou e, quando lhe / veio o dinheiro, tirando os fretes, de estrada / de ferro e carroça, o custo dos ~~cestos~~ [[embalagens]], a paga / do auxiliar que os ajudou a apanhar, o lucro era / ~~1$500, em 120~~ [*rasurado*]~~, pois a taxa~~ [*rasurado*]~~ o~~ [[diminuto, reduzido.]][67] [[de 1$500.]] / ~~pagamento do seu produto. Quando o Major / recebeu esse dinheiro, o~~ [[O]] seu contentamento foi / de um rapaz que recebe o ordenado a primeira / vez. Aqueles parcos mil réis, tinham uma / eloquência especial, falavam mais à sua / energia e ao seu valor [[do que um avultado ordenado]], e foi com redobrada / atividade que ele se pôs em campo~~.~~{{, plantando, / capinando, transformando as safrosas terras de seu sítio.}}

Limpou as árvores, tirou-lhes as espessas / cabeleiras de ervas daninhas, cortou-lhes / os galhos velhos; e, por um momento / aquele velho sítio, semi-abandonado há / quase ~~1~~[[2]]5 anos, [*ilegível*], todo ele / reverdaria e ~~ao~~ o renascimento das árvores / parecia que levava o contentamento às / aves e ao passaredo solto. De manhã, / eram os tiês vermelhos, as rolas pardas

Folha 106 (frente).

[67] Um traço liga "diminuto, reduzido." a "O seu contentamento", duas linhas abaixo, o que parece indicar o abandono de "de 1$500.".

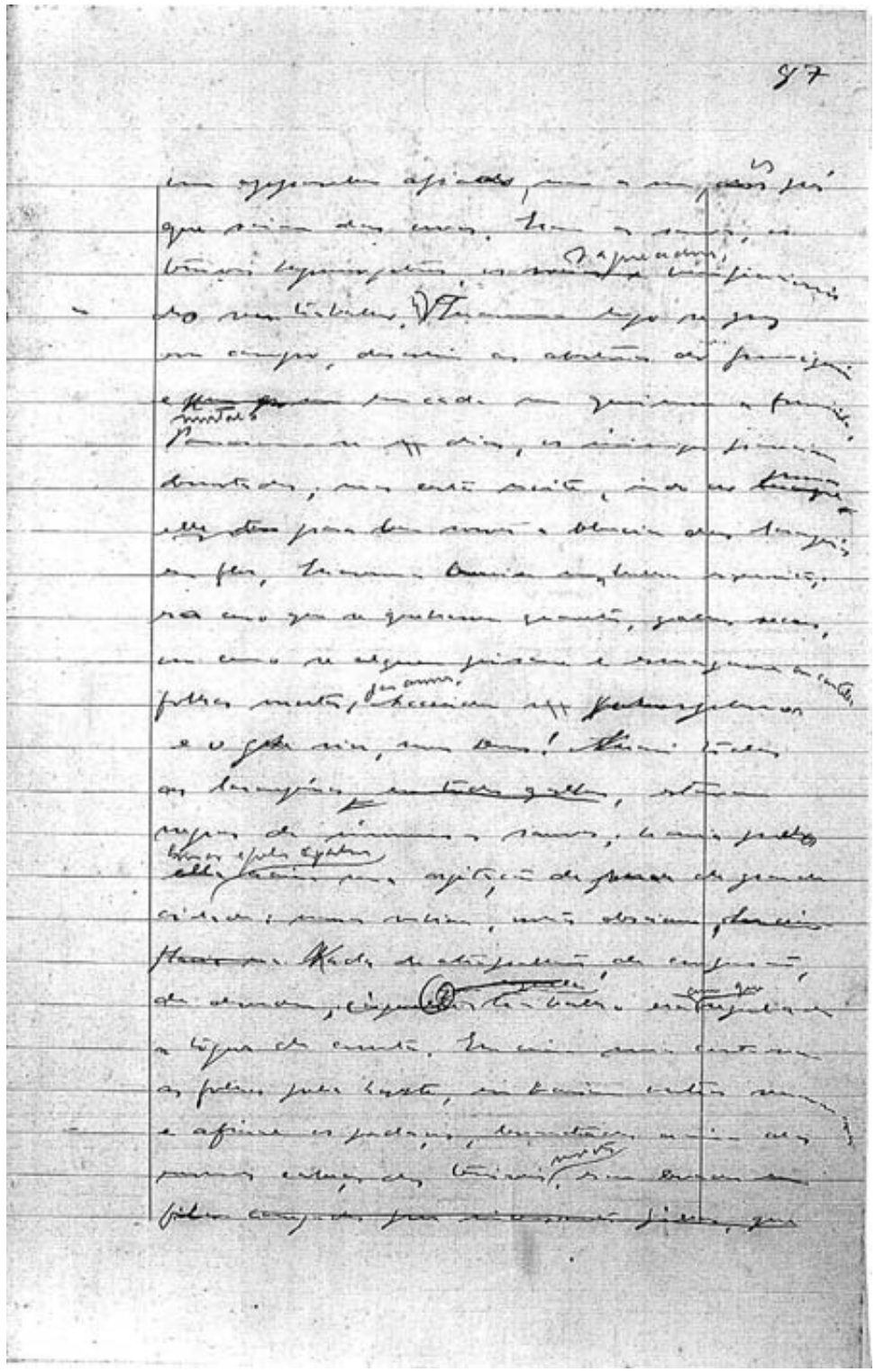


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

a esvoaçar de árvore em árvore; pelo / correr do dia era os sanhaçus azulados / nas grimpas das árvores, os colibris / negros pelas cabeleiras do milharal; e / de tarde, como que ~~todos~~ [[todos os pássaros]] se reuniam a um / sinal, ~~os pássaros de toda a ordem~~, [[e eram então]] de todas / cores, de todas as vozes, chilreando, pelas / altas mangueiras, pelos cajueiros, pelos / ~~abaca~~ [[laranjeiras]], pelos abacateiros, ainda [*rasurado*] / amputados aqui e ali, dos galhos [*ilegível*] ou daqueles / em que vegetações parasitas ~~lhes sugavam~~ [[lhes furtavam]] / [[até então]] ~~a viva~~, a seiva e ~~a vida~~ [[o ar]].

Uma ~~manhã~~ [[dia]], porém, uma ~~ameaça~~ [[inimigo]] / veio a aparecer inopinadamente. Até ali / ele se mostrara tímido, parecia que somente / avançava batedores. Desde aquela noite / em que deram no depósito de milho, afu-/gentadas logo, não mais as formigas apa-/receram; mas, naquela manhã, quando ele / foi ver o ~~filho~~ [[milho]] que começava a ~~deslanchar~~ [[repontar]] / da terra, muito verde, pequenino, com uma timidez / de criança, a sua tristeza foi profunda, vendo / que quase [*ilegível*] todo o seu ~~milharal~~ [[plantio]] estava cortado, / triturado até a flor da terra, como se ~~por / até por~~ mãos humanas tivessem cortado,

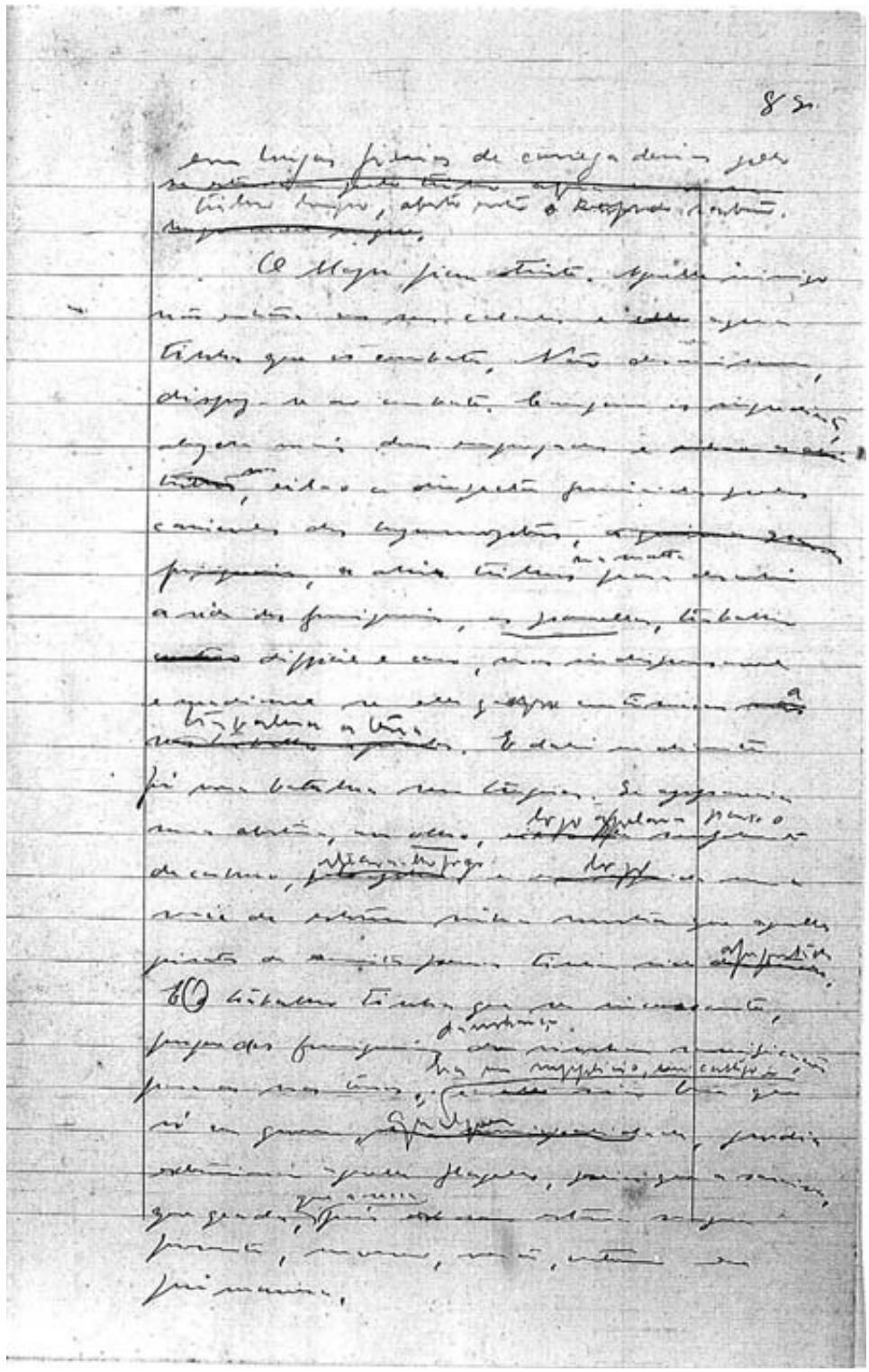
Folha 107 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

com aparelhos afiados, um a um,dos pés / que saíam das covas. Eram as saúvas, os / terríveis himenópteros, as ~~saúvas e~~ [[saqueadores]] e benificiários / do seu trabalho. √Quaresma logo se pôs / em campo, descobriu as aberturas do formigueiro / e ~~um por um~~ em cada uma queimou o formicida~~.~~ [[mortal.]] / Passaram-se ~~uns~~ dias; os inimigos pareciam / derrotados; mas certa noite, indo ao [*rasurado*] [[pomar]] / ~~ele teve~~ para bem sorver a olência das laranjeiras / em flor, Quaresma ouviu uma bulha esquisita; / era como se alguém pisasse e esmagasse com cutela / folhas mortas~~.~~ [[das árvores.]] Acendeu ~~um~~ fósforo[[s]] / e o que viu, meu Deus! Quase todas / as laranjeiras, ~~em todo galho,~~ estavam / negras de imensas saúvas; havia p~~or~~[[elos]] / ~~ela~~ [[troncos e pelos galhos]] acima uma agitação de pessoas de grande / cidade: umas subiam, outras desciam. ~~Em coisa / Havia na~~ Nada de atropelos, de confusão, / de desordem~~,~~. ~~aquele~~ [[O]] [[~~que aquele~~]] trabalho era [[como que]] regulado / a toque de corneta. Em cima umas cortavam / as folhas pela haste, embaixo outras serravam-nas / e afinal os pedaços, levantados acima das / enormes cabeças dos terríveis [[insetos]], eram levadas ~~em / filas carregadas por incessantes filas, que~~

Folha 108 (frente).

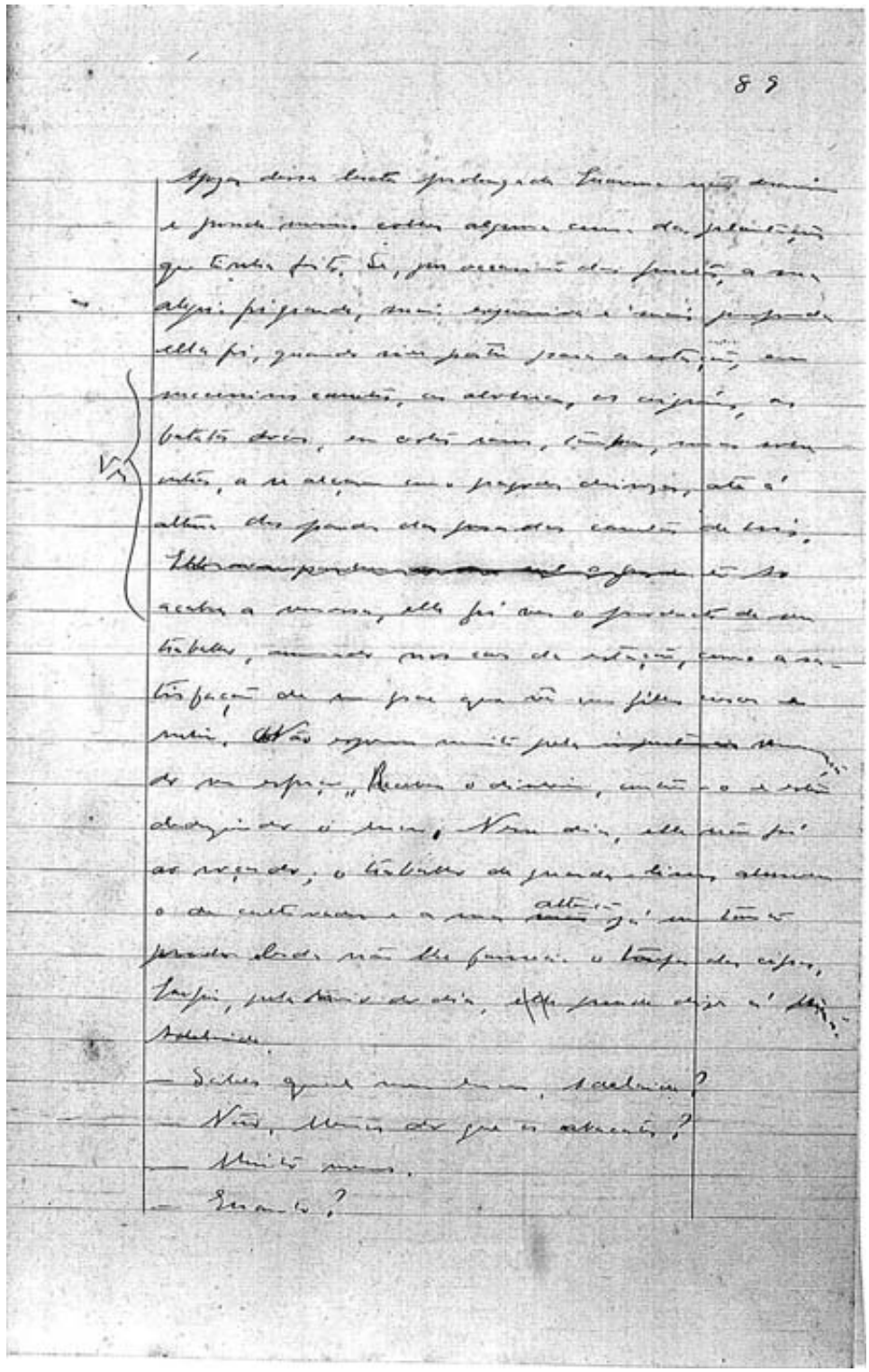


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

{{em longas fileiras de carregadoras pelo}} /~~se estendiam pelo trilho agora~~ [*rasurado*] / {{trilho limpo, aberto entre a erva rasteira.}} / ~~limpo~~ [*rasurado*] ~~negro.~~

O Major ficou triste. Aquele inimigo / não estava em seus cálculos e ~~ele~~ agora / tinha que os combater. Não desanimou, / dispôs-se ao combate. Comprou ingredientes, / alugou mais dous empregados e ~~ei-lo a abrir / trilhas~~ [[~~na~~]], ei-lo a injetar formicida pelos / caminhos dos himenópteros, ~~a queimar grandes / formigueiros~~, a abrir trilhas [[na mata]] para descobrir / a rede dos formigueiros, <u>as panelas</u>, trabalho / [*rasurado*] difícil e caro, mas indispensável / e [ilegível] se ele quisesse continuar ~~com~~ [[a]] / ~~seus trabalhos agrícolas~~ [[trabalhar a terra]]. E daí em diante / foi uma batalha sem tréguas. Se aparecia / uma abertura, um <u>olho</u>, ~~ei-lo de~~ [[logo apelava para o]] sulfato / de carbono, [*rasurado*] [[ateava-lhe fogo]] e ~~em seguida~~ [[logo]] uma / veia da estrada vinha [*ilegível*] que aqueles / piratas de muitas pernas tinham sido ~~derrotados~~ [[afugentados]]. / ~~E o~~ [[O]] trabalho tinha que ser incessante, / porque dos formigueiros ~~dos~~ [[da vizinhança]] vinham ramificações / para as suas terras~~,~~[[.]] [[Era um suplício, um castigo e]] e ~~ele~~ viu bem que / só com guerra [*termos rasurados*] [[qualquer]], podia / exterminar aquele flagelo, pior que a saraiva, / que geada, [[que a seca,]] pois [*rasurado*] estava sempre / presente, inverno, verão, outono ou / primavera.

Folha 109 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

89

Apesar dessa luta prolongada Quaresma não desanimou / e pôde mesmo colher alguma coisa das plantações / que tinha feito. Se, por ocasião das frutas, a sua / alegria foi grande, mais expressiva e mais profunda / ela foi, quando viu partir para a estação, em / sucessivas carretas, as abóboras, os aipins, as / batatas doces, em cestos caros, [*ilegível*], umas sobre / outras, a se alçar como paredes [*ilegível*], até a / altura das paredes dos grandes carretos de bois. / ~~Ele acompanhou~~ [*termos rasurados*] ~~o produto~~ Ao / acabar a remessa, ele foi ver o produto de seu[68] / trabalho, arrumado nos cais da estação, com a sa-/tisfação de um pai que vê um filho crescer e / subir. Não esperou muito pela ~~[*ilegível*]~~ remuneração / de seu esforço~~,~~[[.]] ~~r~~[[R]]ecebeu o dinheiro, contou-o e esteve / deduzindo o lucro. Nesse dia, ele não foi / ao roçado; o trabalho de guarda-livros absorveu / o de cultivador e a sua ~~mão~~ [[atenção]] já um tanto / ~~parada~~ lerda não lhe favorecia a tarefa das cifras. / Enfim, pelo meio do dia, ~~ele~~ pôde dizer à ~~D.~~ [[irmã.]] / ~~Adelaide.~~

– Sabes qual meu lucro, Adelaide?

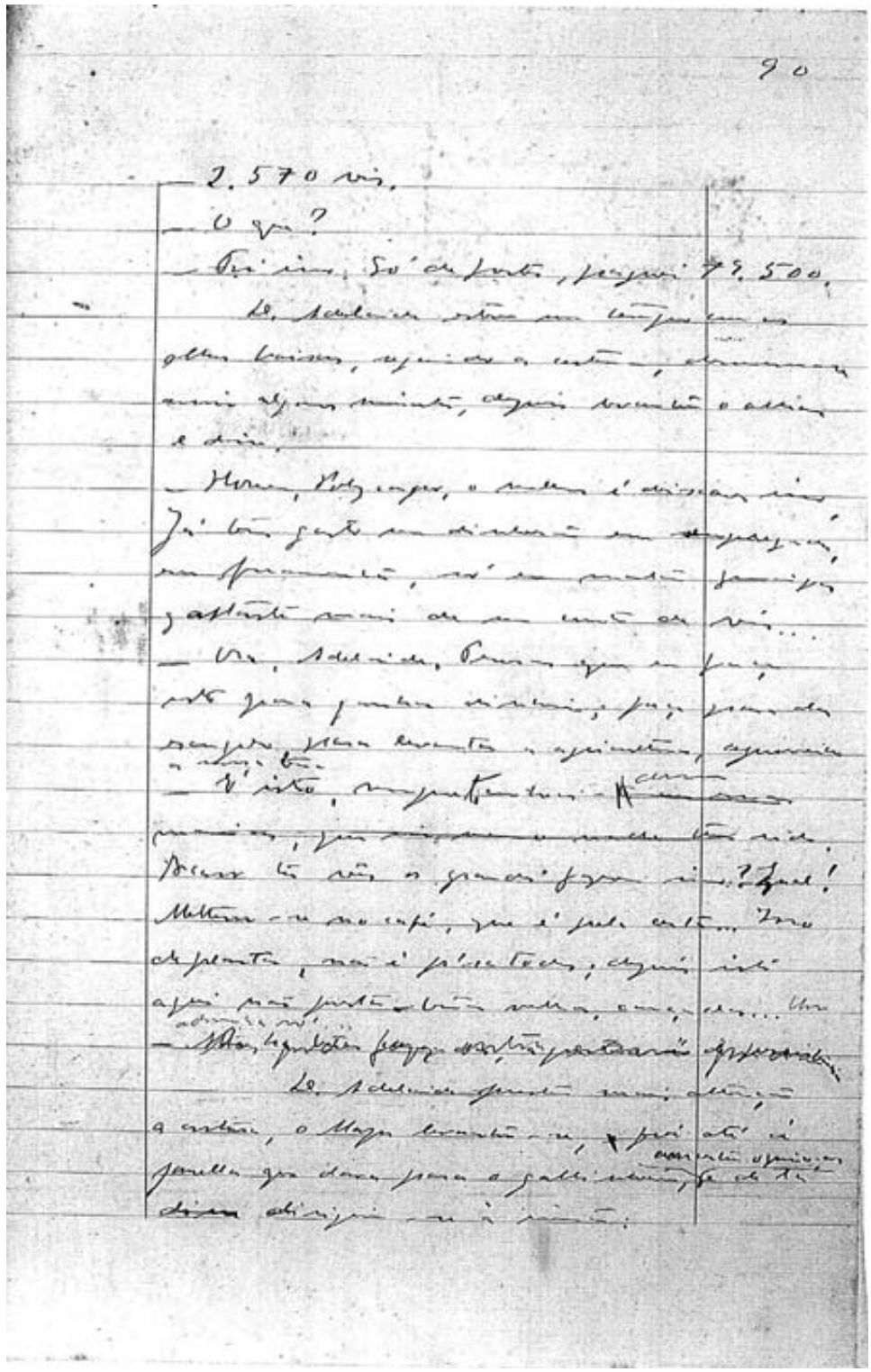
– Não. Menor do que os abacates?

– Muito menos.

– Quanto?

Folha 110 (frente).

[68] Há uma grande chave ao lado das seis linhas anteriores (“sucessivas carretas [...] o produto de seu”), no lado esquerdo da folha, com “Ver” manuscrito junto.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– 2.570 réis.

– O quê?

– Foi isso. Só de frete, paguei 79.500.

D. Adelaide esteve um tempo com os / olhos baixos, seguindo a costura, demorou-se / assim alguns minutos, depois levantou o olhar / e disse.

– Homem, Polycarpo, o melhor é deixares isso. / Já tens gasto um dinheirão em empregados, / em ferramentas, só em mata-formigas / gastaste mais de um conto de réis...

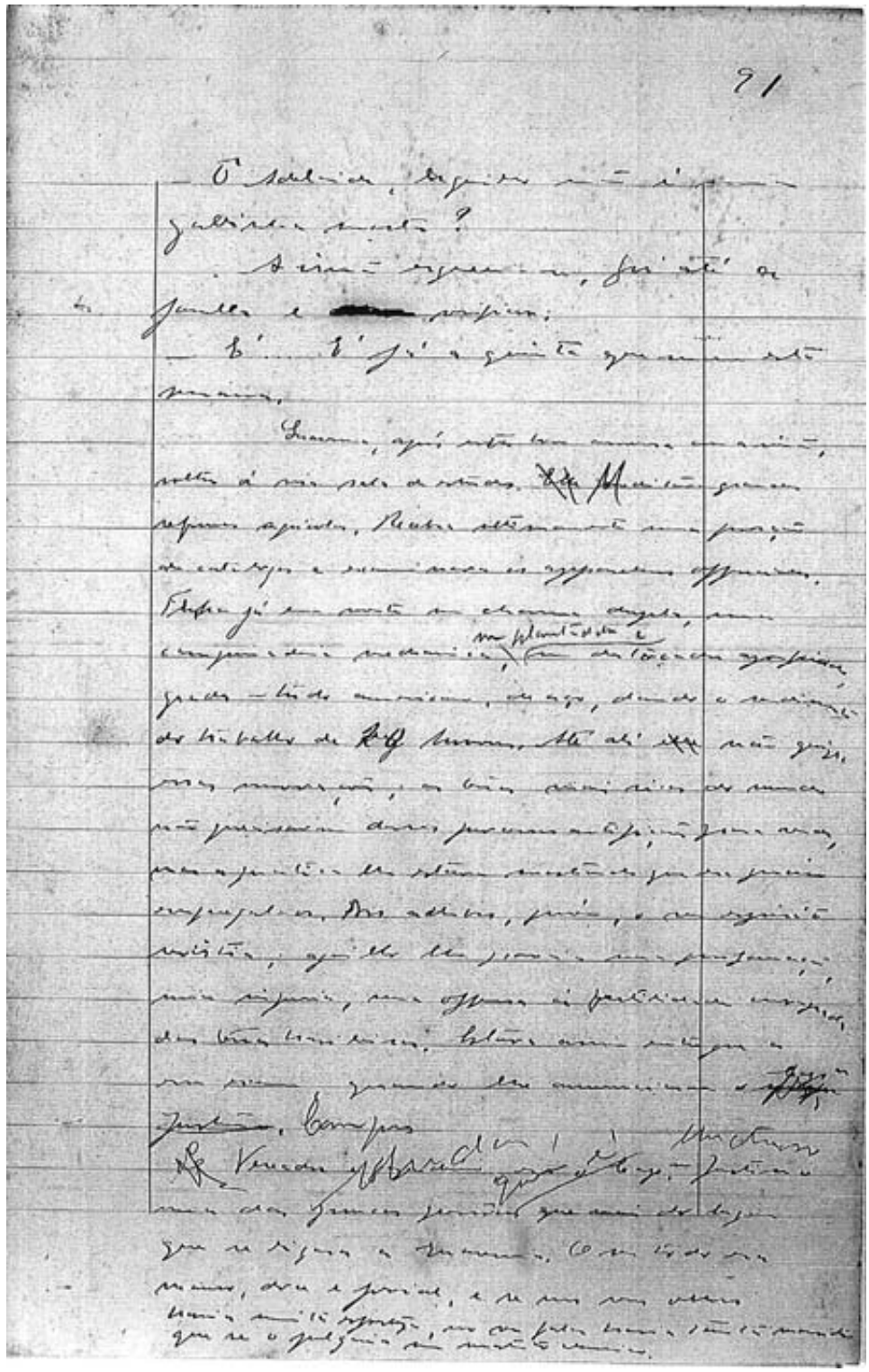
– Ora, Adelaide. Pensas que eu faço / isto para ganhar dinheiro; faço para dar / exemplo, para levantar a agricultura~~.~~{{, aproveitar / a nossa terra.}}

– É isto, sempre teimas – ~~tu com essas~~ [[disso]] / ~~manias, que isso mesmo nada tem sido.~~ / Acaso tu vês os grandes fazerem isso? ~~q~~[[Q]]ual! / Metem-se no café, que é pela certa... Isso / de plantar, não é pra todos; depois isto / aqui não presta – terra velha, cansada... [[Ora / admita isso...]]

– ~~Não há terras cansadas, a questão é de persistência.~~ [[Mas podes fazer outra [*termos ilegíveis*]]].

D. Adelaide prestou mais atenção / à costura, o Major levantou-se, ~~e~~ foi até a / janela que dava para o galinheiro, [[concertou o pince-nez]] e de lá / ~~disse~~ dirigiu-se à irmã:

Folha 111 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Ô Adelaide, aquilo não é uma / galinha morta?

A irmã ergueu-se, foi até a / janela e [*rasurado*] verificou:

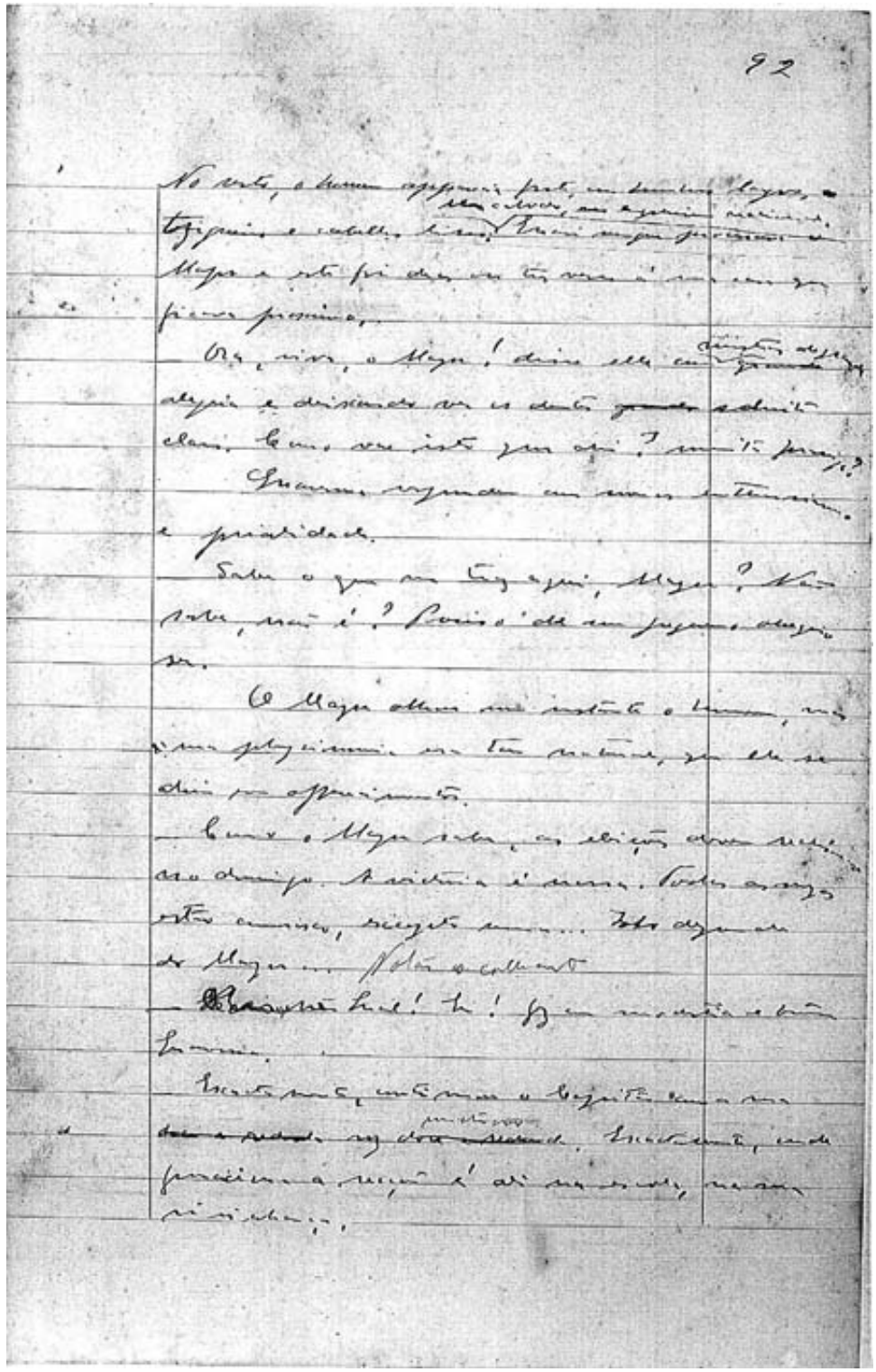
– É... É já a quinta que morre esta / semana.

Quaresma, após esta leve conversa com a irmã, / voltou à sua sala de estudos. ~~Ele m~~[[M]]editava grandes / reformas agrícolas. Recebera ultimamente uma porção / de catálogos e examinava os aparelhos oferecidos. / Tinha já em mente uma charrua dupla, um / capinador mecânico, [[um plantador e]] um destocador apropriado, / grades – tudo americano, de aço, dando o rendimento / do trabalho de ~~dez~~ [[20]] homens. Até aí ~~ele~~ não quisera / essas inovações; as terras mais ricas do mundo / não precisavam desses processos artificiais para render, / mas a prática lhe estava mostrando que era preciso / empregá-los. Aos adubos, porém, o seu espírito / resistia; aquilo lhe parecia uma profanação, / uma infâmia, uma ofensa à fertilidade consagrada / das terras brasileiras. Estava assim entregue a / seu exame, quando lhe anunciaram o ~~senhor~~ [[Cap$\underline{\text{ão}}$]] / ~~Justino~~. [[Campos]]

~~Le~~ Vereador e fazendeiro, era o Cap^{ão} Justino[69] / uma das poucas pessoas que eram do lugar / que se ligara a Quaresma. O seu todo era / manso, doce e jovial, e se nos seus olhos / havia muita esperteza, no seu falar havia tanta mansidão / que se o julgaria um matuto [*ilegível*].

Folha 112 (frente).

[69] A lápis sobre esta linha, está manuscrito "Mudar <u>quem é</u>. Um doutor".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

92

No resto, o homem aparecia forte, com ombros largos, / trigueiro e cabelos lisos. [[Um caboclo, um espécime nacional.]] Quase sempre procurava o / Major e este foi duas ou três vezes à sua casa que / ficava próxima.

– Ora, viva, o Major! disse ele com ~~grande~~ [[mostras de grande]] / alegria e deixando ver os dentes ~~grandes~~ [*rasurado*] [[muito]] / claros. Como vai isto por aí? Muita formiga?

Quaresma respondeu com menos entusiasmo / e jovialidade.

– Sabe o que me traz aqui, Major? Não / sabe, não é? Preciso de um pequeno obséquio / seu.

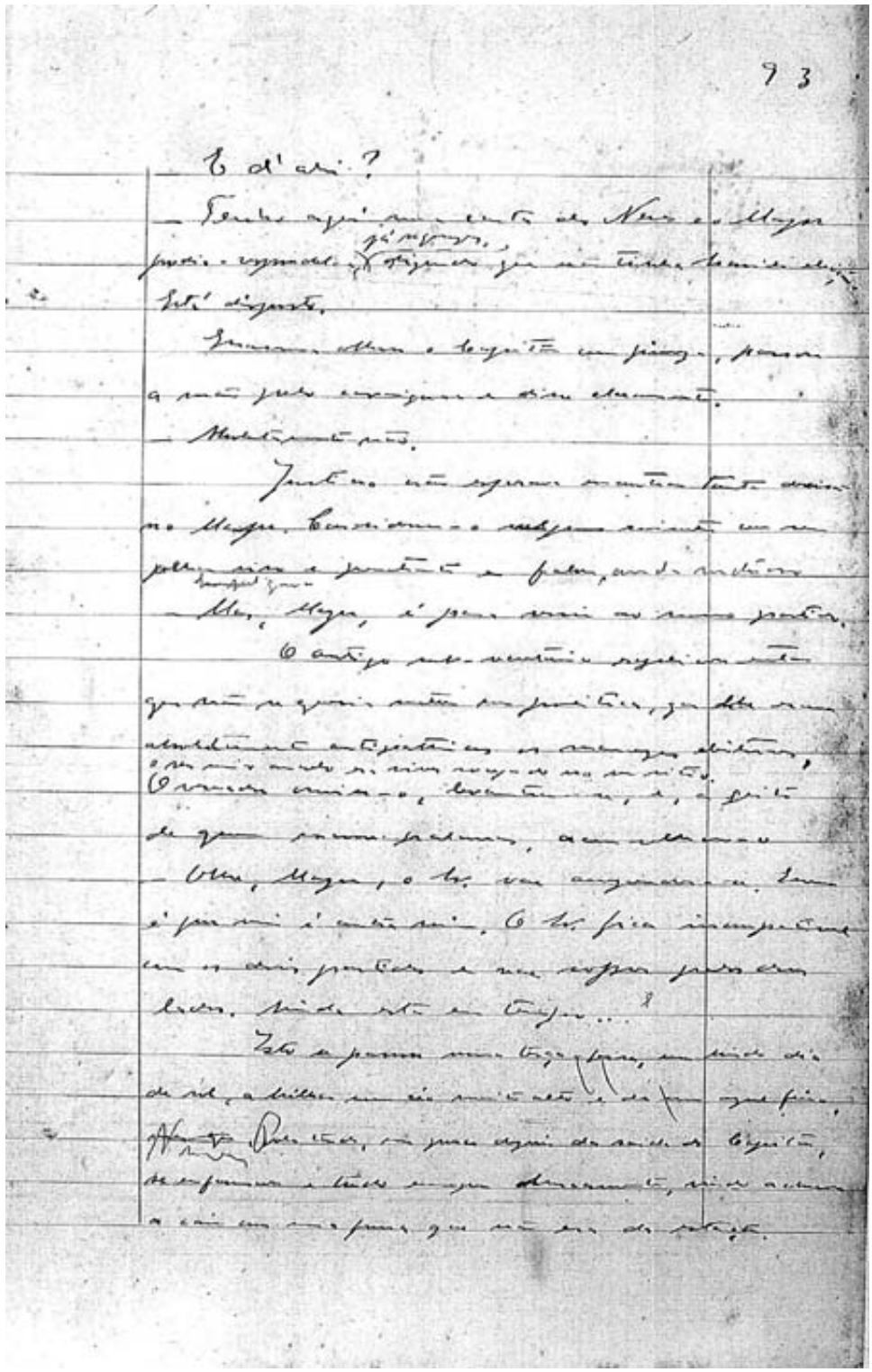
O Major olhou um instante o homem, mas / a sua fisionomia era tão natural, que ele se / abriu em oferecimentos.

– Como o Major sabe, as eleições devem realizar-se / no domingo. A vitória é nossa. Todas as mesas / estão conosco, exceto uma... Isto depende / do Major... [[Notar o [*ilegível*]]]

– ~~Pois não~~ Qual! Eu! fez com modéstia e [*ilegível*] / Quaresma.

– Exatamente, continuou o Capitão com a sua / ~~doce e redonda~~ voz ~~doce e redonda~~ [[[*ilegível*]]]. Exatamente, onde / funciona a seção é ali na escola, na sua / vizinhança.

Folha 113 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– E daí?

– Tenho aqui uma carta do Neves e o Major / podia responder, [[já [*ilegível*]]] dizendo que não tinha havido eleição. / Está disposto.

Quaresma olhou o Capitão com firmeza, passou / a mão pelo cavanhaque e disse claramente:

– Absolutamente não.

Justino não esperava encontrar tanta decisão / no Major. Considerou-o algum minuto com seu / olhar vivo e penetrante e falou.{{, ainda [*ilegível*]. / Que julgava}}

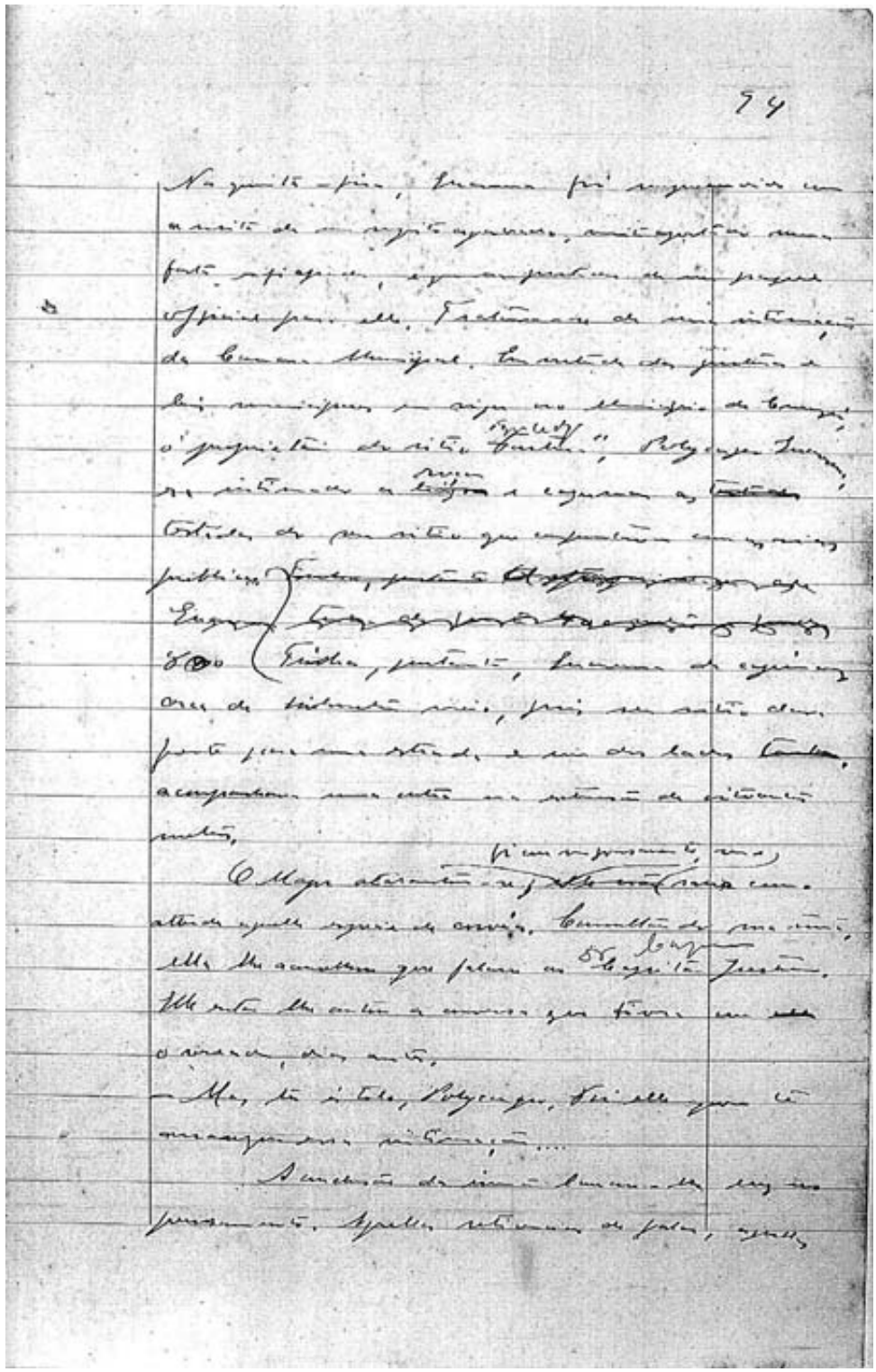
– Mas, Major, é para servir o nosso partido.

O antigo subsecretário explicou então / que não se queria meter em política, que lhe eram / absolutamente antipáticas as [*ilegível*] eleitorais, / {{o seu maior [*ilegível*] era viver sossegado no seu sítio.}} / O vereador ouviu-o, levantou-se, e, a jeito / de quem [*ilegível*], aconselhou-o.

– Olhe, Major, o Sr. vai arrepender-se. Quem / é por mim é contra mim. O Sr. fica incompatível / com os dous partidos e vai sofrer pelos dous / lados. Ainda está em tempo...

Isto se passou numa terça-feira, um lindo dia / de sol, a brilhar num céu muito alto e de um azul fino, / ~~mas que, p~~Pela tarde, um pouco depois da saída do Capitão, / se [*ilegível*] e tendo [*ilegível*] bruscamente, vindo a chuva / a cair com uma força que não era da estação.

Folha 114 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

94

Na quinta-feira, Quaresma foi surpreendido com / a visita de um sujeito apoucado, muito apertado numa / farta [*ilegível*], e que era portador de um papel / oficial para ele. Tratava-se de uma intimação / da Câmara Municipal. Em virtude das posturas e / leis municipais em vigor no Município de Curuzu, / o proprietário do sítio "Fartura" [[Sossego]], Polycarpo Quaresma, / era intimado a ~~limpar~~ [[roçar]] e capinar as ~~testadas~~ / testadas do seu sítio que confrontavam com as vias / públicas. ~~Tinha, portanto~~ [*trecho rasurado*] ~~de / Quaresma tinha de frente 400 metros e fundo, / 800~~ [70] Tinha, portanto, Quaresma de capinar / cerca de quilômetro meio, pois seu sítio dava / frente para uma estrada e um dos lados ~~também~~ / acompanhava uma outra na extensão de oitocentos / metros.

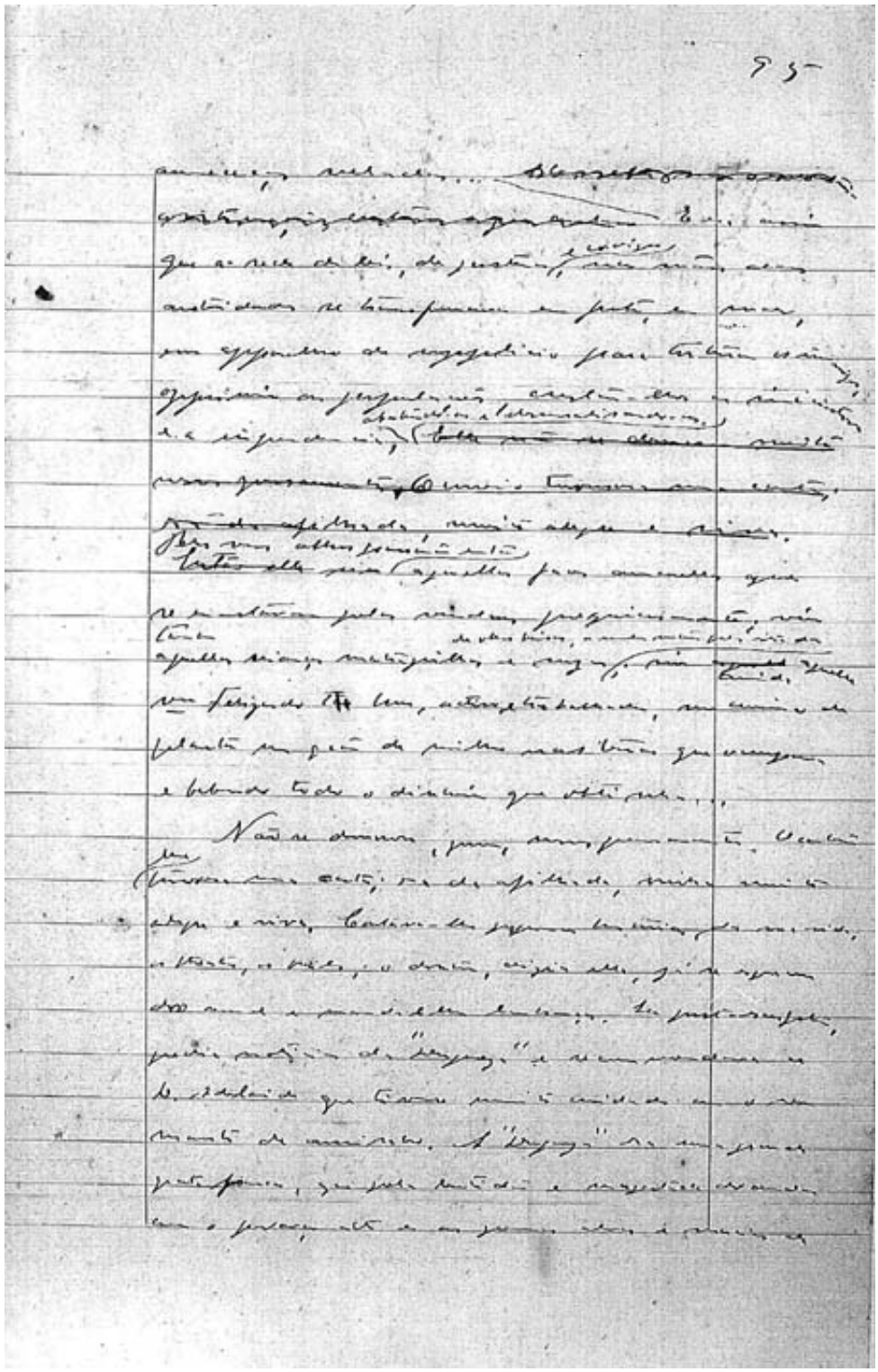
O Major atarantou-se; ~~ele não~~ [[ficou sem pensamento, sem]] sab~~ia~~[[er]] como / atender aquela espécie de corvéia. Consultando sua irmã, / ela lhe aconselhou que falasse ao Capitão Justino [[Dr. Campos]]. / Ele então lhe contou a conversa que tivera com ~~ele~~ / o vereador, dias antes.

– Mas tu és tolo, Polycarpo. Foi ele que te / arranjou essa intimação...

A conclusão da irmã lançou-lhe luz no / pensamento. Aquelas reticências de falar, aquelas

Folha 115 (frente).

[70] Um traço liga "/ públicas", duas linhas acima, e o seguinte "Tinha, portanto, [...]".

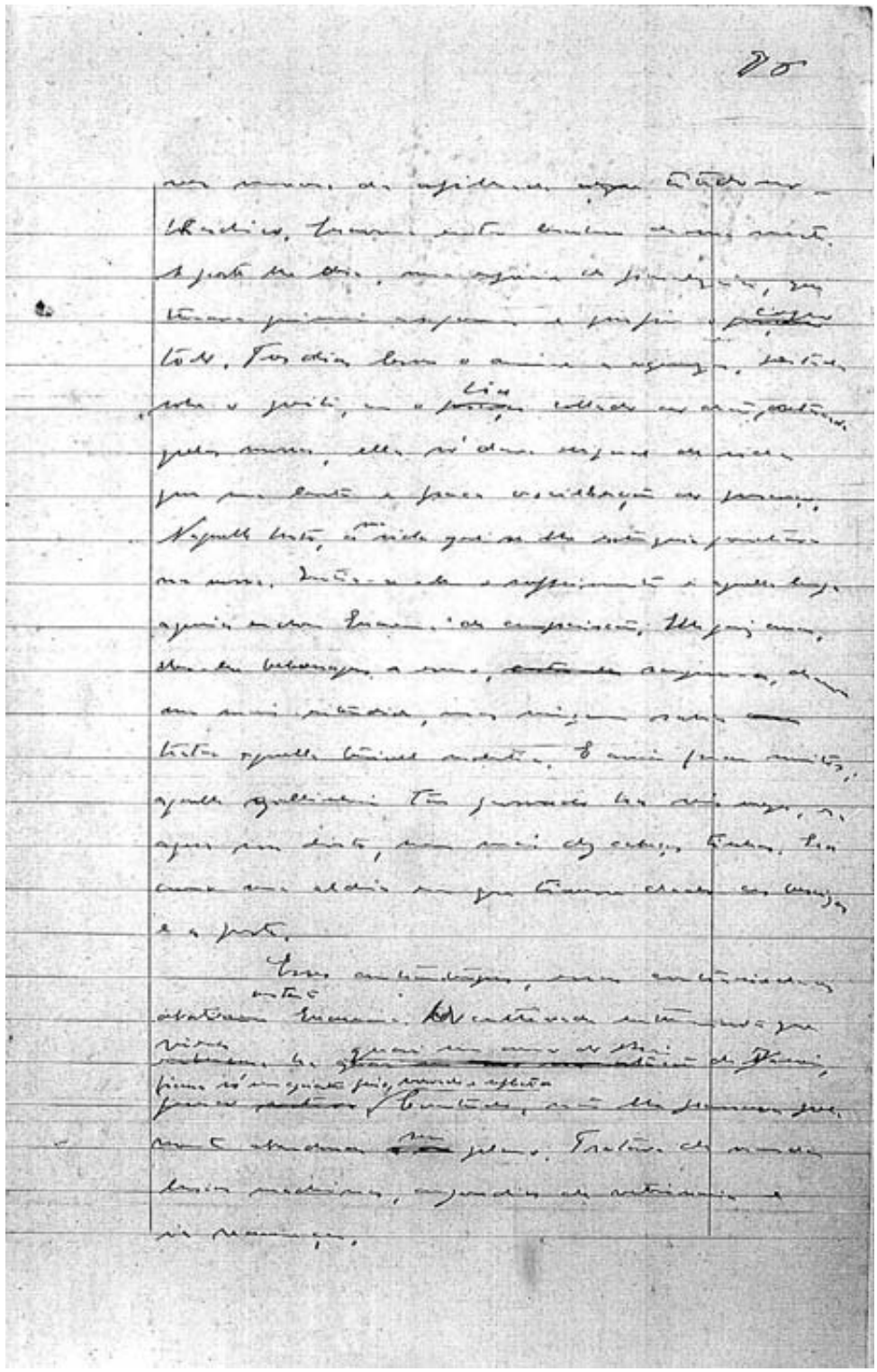


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

ameaças veladas... [*rasurado*] ~~o escriturário / a intimação contava agora~~ [*rasurado*] Era assim / que a rede de leis, de posturas [[e códigos]], nas mãos das / autoridades se transformava em potro, em [*ilegível*] / em aparelho de suplícios para torturar os inimigos, / oprimir as populações, crestar-lhes a iniciativa / e a independência.[[, abatendo-as e desmoralizando-as.]] ~~Ele não se demorou muito~~
~~nesses pensamentos. O correio trouxera uma carta; / era da afilhada, muito alegre e viva. / Então ele viu~~ [[Pelos seus olhos passaram então]] aquelas faces amarelas que / se encostavam pelas vendas preguiçosamente; viu / [[também]] aquelas crianças maltrapilhas e sujas {{de olhos baixos, a esmolar [*ilegível*] pelas estradas}}; viu ~~aquele~~ [[ainda]] aquele / <u>seu</u> Felizardo ~~tão~~ bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de / plantar um grão de milho nas terras que comprara / e bebendo todo o dinheiro que obtinha...

Não se demorou, porém, nos pensamentos. O carteiro / [[lhe]] trouxera uma carta; era da afilhada, vinha muito / alegre e viva. Contava-lhe pequenas histórias da sua vida, / o teatro, os bailes; o doutor, dizia ela, já se esqueceu / do anel e mandava-lhe lembranças. Em post-scripto, / pedia notícias da "Duquesa" e recomendava a / D. Adelaide tivesse muito cuidado com o seu / manto de arminho. A "Duquesa" era uma grande / pata branca, que pela lentidão e majestade do andar / com o pescoço alto e as penas alvas e macias de

Folha 116 (frente).

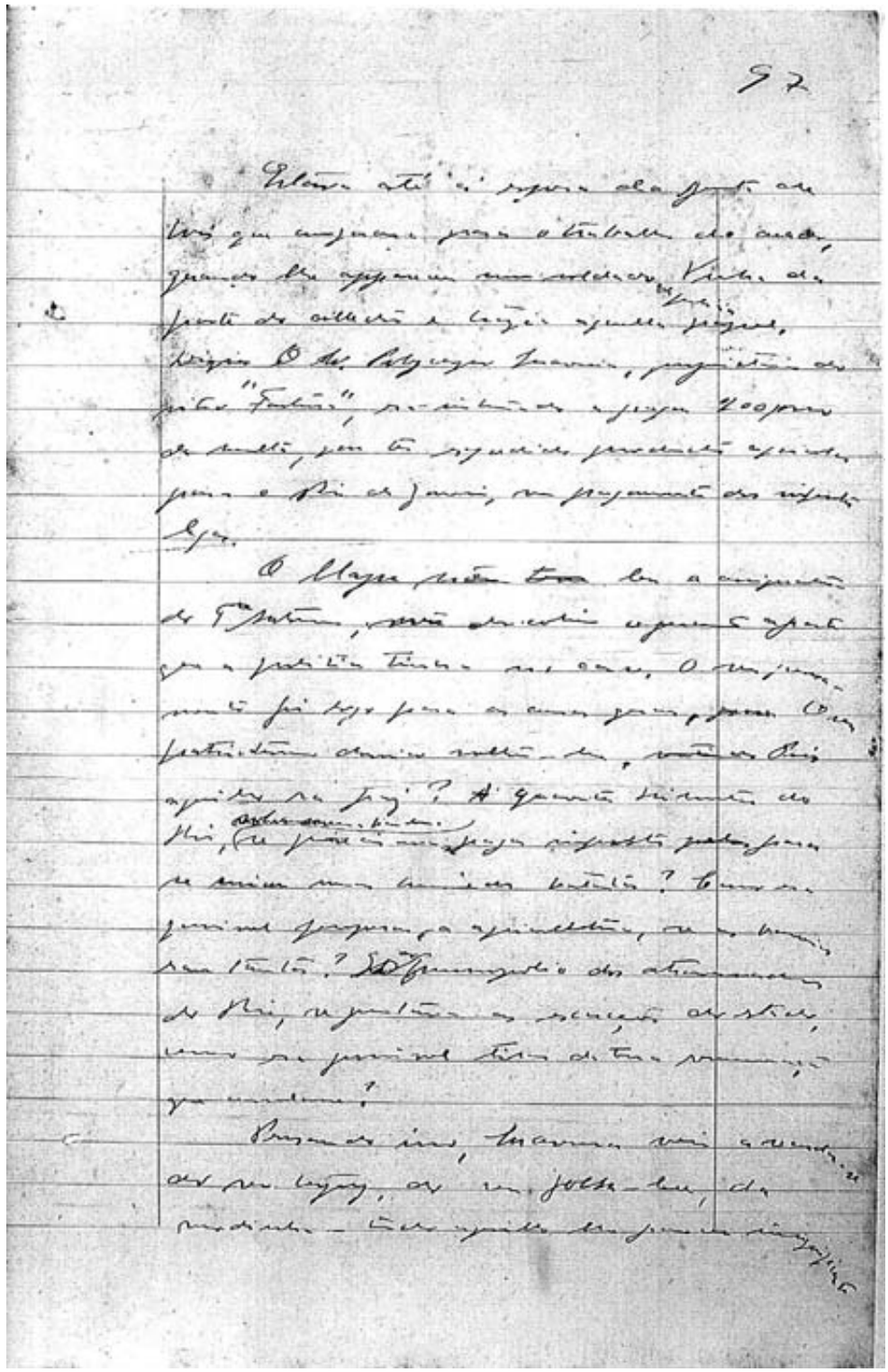


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

ver merecera da afilhada ~~aque~~ título no-/biliárquico. Quaresma então lembrou de sua morte. / A peste lhe levou, uma espécie de paralisia, que / tomava primeiro as pernas e por fim o [*rasurado*] [[corpo]] / todo. Três dias levou o animal a agonizar. Deitada / sobre o peito, com o ~~pescoço~~ [[bico]] colado ao chão, atacada / pelas saúvas, ela só dava sinal de vida / por uma lenta e fraca oscilação do pescoço. / Naquele busto, a [[sua]] vida que se lhe extinguia penetrava / na nossa. Sentia-se-lhe o sofrimento e aquela longa / agonia encheu Quaresma de compaixão. Ele quis curar, / dar-lhe beberagens a esmo, ~~cortar lhe~~ chamou / um mais entendido, mas ninguém sabia ~~como~~ / tratar aquela terrível moléstia. E assim foram muitos; / aquele galinheiro tão povoado há seis meses, era / agora um deserto, nem mais dez cabeças tinha. Era / como uma aldeia em que tivesse dado as [*ilegível*] / e a peste.

Esses contratempos, essas contrariedades / abateram [[um tanto]] Quaresma. O cultivador entusiástico que / ~~embarcara~~ [[viera]] há ~~quase um ano na estação~~ [[quase um ano do Rio]] de Janeiro, / ~~pouco restava~~ {{ficara só um agricultor [*termos ilegíveis*] e refletia}}. Contudo, não lhe passara pela / mente abandonar ~~o seu~~ [[seu]] plano. Tratava de mandar / comprar máquinas, compêndios de veterinária e / ia recomeçar.

Folha 117 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

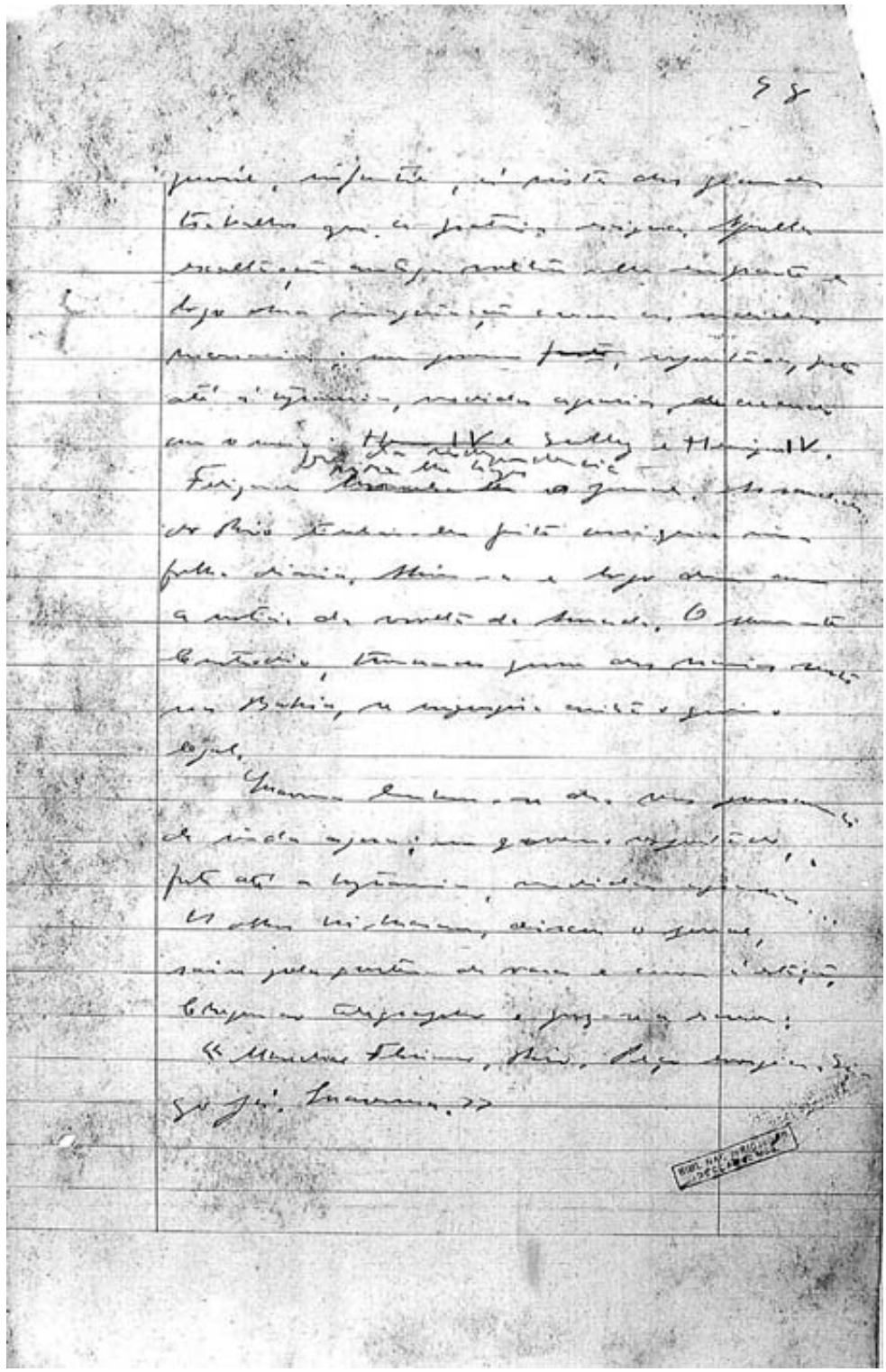
97

Estava até à espera da junta de / bois que compra para o trabalho do arado, / quando lhe apareceu um soldado [[de polícia]]. Vinha da / parte da coletoria e trazia aquele papel. / ~~Dizia,~~ O Sr. Polycarpo Quaresma, proprietário do / sítio "Fartura", era intimado a pagar 200 mil / multa, por ter expedido produtos agrícolas / para o Rio de Janeiro, sem pagamento dos impostos / locais.

O Major não ~~teve~~ leu a assinatura / do T^te^ Justino, mas descobriu ~~o~~ [*rasurado*] a parte / que a política tinha no caso. O seu pensa-/mento foi logo para as coisas gerais, ~~para~~ O seu / patriotismo devia voltar-lhe, ~~sentindo~~ Pois / aquilo era país? A quarenta quilômetros do / Rio, [[[*termos ilegíveis*]]] se precisava pagar impostos ~~pelos~~ para / se enviar umas humildes batatas? Como era / possível prosperar a agricultura, se as barreiras / eram tantas? Se [[ao]] monopólio dos atravessadores / do Rio, se juntava as exações do estado, / como era possível tirar da terra remuneração / que consolasse?

Pensando isso, Quaresma veio a recordar-se / do seu tupi, do seu folk-lore, da / modinha – tudo aquilo lhe pareceu insignificante

Folha 118 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

pueril, infantil, à vista dos grandes / trabalhos que a pátria exigia. Aquela / exaltação antiga nele em parte e / logo sua imaginação criou as medidas / necessárias: um governo ~~forte~~, respeitado, forte / até à tirania, medidas agrárias, de acordo / com o meio: ~~Henrique IV e~~ Sully e Henrique IV.

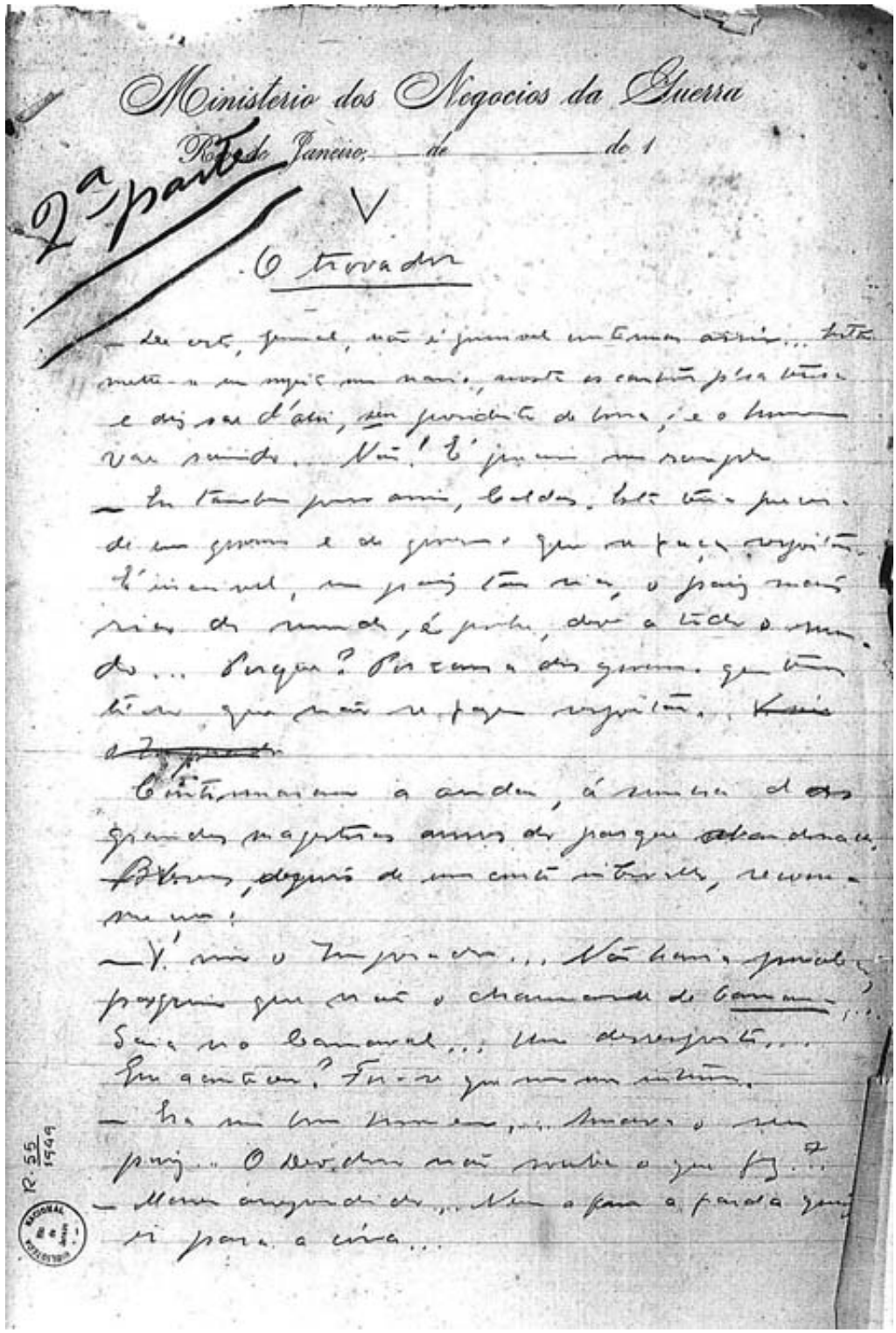
[[Dia da independência]]

Felizardo ~~trouxe lhe~~ [[vinha lhe trazer]] o jornal. As saudades / do Rio tinham-lhe feito comprar uma / folha diária. Abriu-a e logo deu com / a notícia da revolta da Armada. O Almirante / Custódio, tomando posse dos navios [*ilegível*] / na Bahia, se insurgia contra o governo / legal.

Quaresma lembrou-se dos seus pensamentos / de ainda agora: um governo respeitado, / forte até à tirania, medidas agrárias... / Os olhos brilhavam, deixou o jornal, / saiu pela porteira de vacas e correu à estação. / Chegou ao telégrafo e pôs-se a escrever:

"Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Si-/go já. Quaresma."

Folha 119 (frente).



Ministerio dos Negocios da Guerra

Rio de Janeiro, de de 1

2ª parte

V

O trovador

— De certo, general, não é jornal nem coisa assim... Isto
mette-se em mysterio, envolve os contos p'las bandas
e diz-se d'ahi, um funccionario de bons, e o homem
vae sendo... Não! É jornal mesmo
— Ha tambem pessoas, boas, boas pessoas,
de um genio e de genios que se não exigem.
É incrivel, num paiz tão rico, o paiz mais
rico do mundo, é pobre, deve a todo o mundo
do... burgo? Ha tempos a dois generos que têm
bôa vida que não se pagam exigentes... Nada
de luxo.

Continuamos a andar, á sombra dos
grandes magestosos arvores do passeio publico.
Bons, depois de uma conversa interessante, ao cabo
de uma hora!

— V. viu o Ventura... Não houve occasião
propria que eu o chamasse de Cavalcanti!...
Seria no banquete... Uma desconsideração...
Que acha? Fiz-se que não ouvi nada.
— Ha um bom homem... Amigo e um
paiz... O verdadeiro não soube o que fez...
— Mania amigo de... Não o faz a paixão
ri para a cara...

R. 55 1949

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

2ª. parte V
O trovador

– Decerto, General, não é possível continuar assim... Então / mete-se um sujeito num navio, assesta os canhões p'ra terra / e diz sai daí, seu presidente de terra; e o homem / vai saindo... Não! É preciso um exemplo.

– Eu também penso assim, Caldas. Esta terra precisa / de um governo e de governo que se faça respeitar. / É incrível, um país tão rico, o país mais / rico do mundo, é pobre, deve a todo mun-/do... Por quê? Por causa dos governos que temos / tido que não se fazem respeitar. ~~V. viu / o Imperador~~

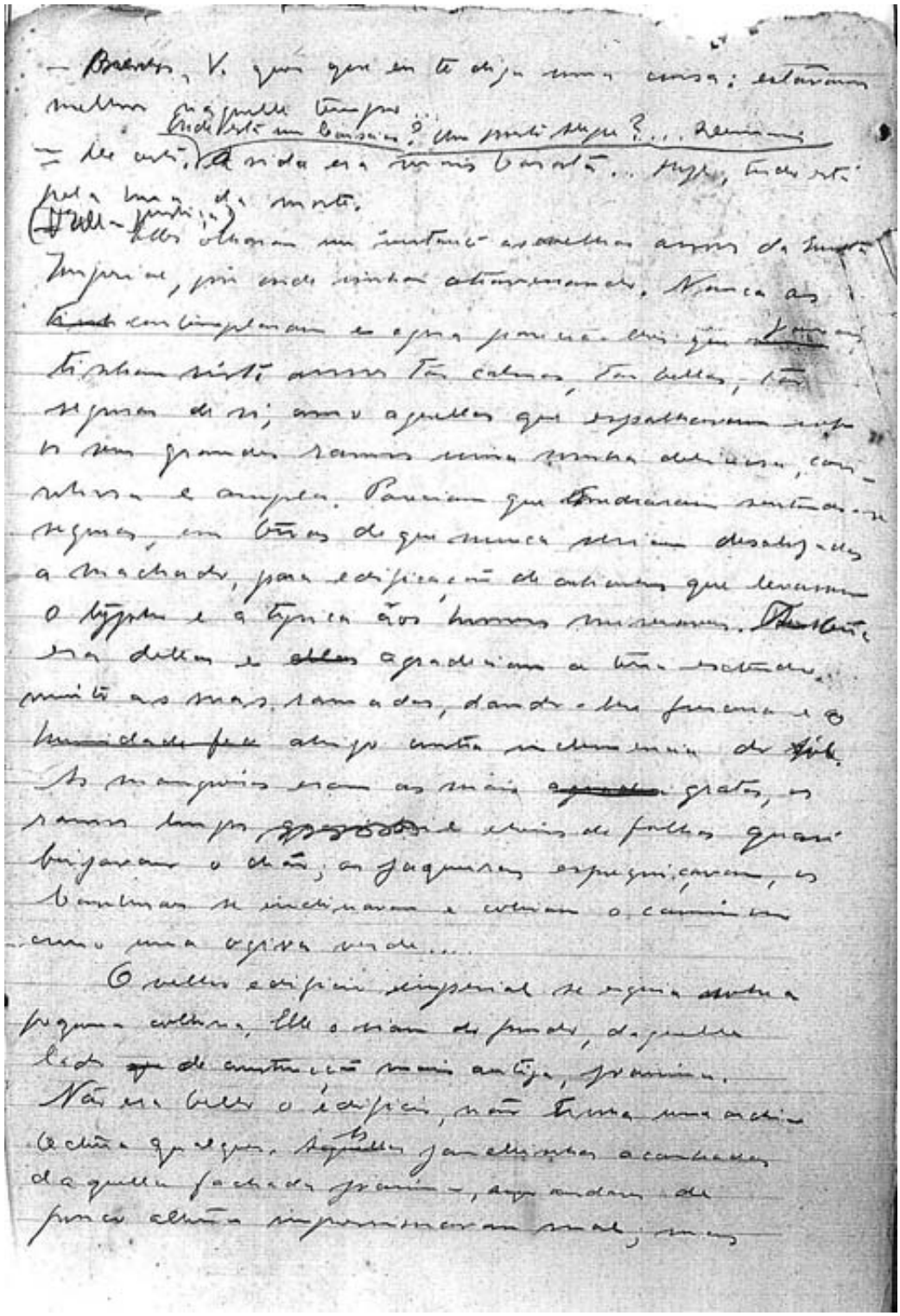
Continuaram a andar, à sombra das / grandes majestosas árvores do parque abandonado. / ~~—V.~~ [[Breves]], depois de um curto intervalo, reco-/meçou:

– V. viu o Imperador... Não havia jornaleco, / pasquim que o não chamasse de banana,... / Saía no Carnaval... Um desrespeito... / Que aconteceu? Foi-se que nem um intruso.

– Era um bom homem... Amava o seu / país... O Deodoro não soube o que fez...

– Morreu arrependido... Nem ~~a farda~~ a farda quis / ir para a cova...

Folha 120 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Breves, V. quer que eu te diga uma coisa: estávamos / melhor naquele tempo...

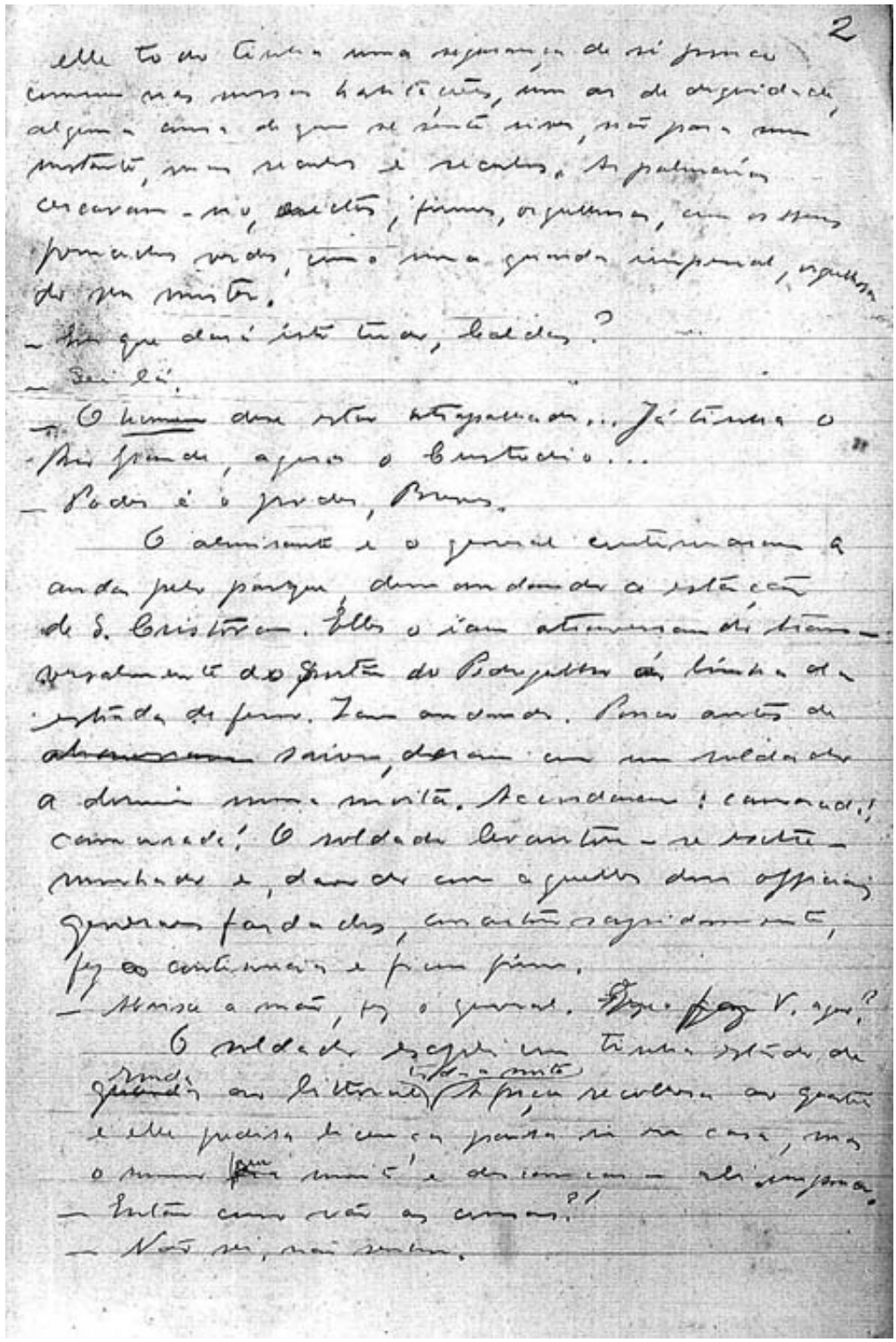
– Decerto. {{Onde está um Caxias? Um Porto Alegre?... [*ilegível*]}} A vida era mais barata... Hoje, tudo está / pela hora da morte.

[[([*ilegível*] justiça)]]

Eles olharam um instante as velhas árvores da Quinta / Imperial, por onde vinham atravessando. Nunca as / ~~tinham~~ contemplaram e agora parecia- lhes que ~~nunca~~ [[jamais]] / tinham visto árvores tão calmas, tão belas, tão / seguras de si, como aquelas que espalhavam sob / os seus grandes ramos uma sombra, deliciosa, ca-/rinhosa e ampla. Pareciam que medravam sentindo-se / seguras, em terra de que nunca seriam desalojadas / a machado, para edificação de casebres que levasse, / o tifo e a [*ilegível*] aos homens miseráveis. [*rasurado*] [[A terra]] / era delas e ~~delas~~ agradeciam a terra estendendo / muito as suas ramadas, dando-lhe frescura e ~~a~~ [[o]] / ~~umidade~~ [*rasurado*] abrigo contra inclemência do [*rasurado*] [[sol]]. / As mangueiras eram as mais ~~agradeci~~ gratas, os / ramos longos [*rasurado*] e cheios de folhas quase / beijavam o chão; as jaqueiras espreguiçavam, os / bambus se inclinavam e cobriam o caminho / como uma ogiva verde...

O velho edifício imperial se erguia sobre a / pequena colina. Eles o viam do fundo, daquele / lado ~~que~~ de construção mais antiga, joanina. / Não era belo o edifício, não tinha uma arqui-/tetura qualquer. ~~Aquelas~~ [[As]] janelinhas acanhadas / daquela fachada joanina, com andares de / pouca altura impressionavam mal; mas

Folha 120 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

ele todo tinha uma segurança de si pouco / comum nas nossas habitações, um ar de dignidade, / alguma coisa de quem se sente viver, não para um / instante, mas para anos e séculos. As palmeiras / cercavam-no, eretas, firmes, orgulhosas, com os seus / penachos verdes, como uma guarda imperial, orgulhosa / do seu mister.

– Em que dará isto tudo, Caldas?

– Sei lá.

– O homem deve estar atrapalhado... Já tinha o / Rio Grande, agora o Custódio...

– Poder é o poder, Breves.

O almirante e o general continuaram a / andar pelo parque, demandando a estação / de S. Cristóvão. Eles o iam atravessando trans-/versalmente do portão do Pedregulho à linha da / estrada de ferro. Iam andando. Pouco antes de / ~~abandonarem~~ saírem, deram com um soldado / a dormir numa moita. Acordaram: camarada! / camarada! O soldado levantou-se estre-/munhado e, dando com aqueles dous oficiais / generais fardados, concertou rapidamente, / fez a continência e ficou firme.

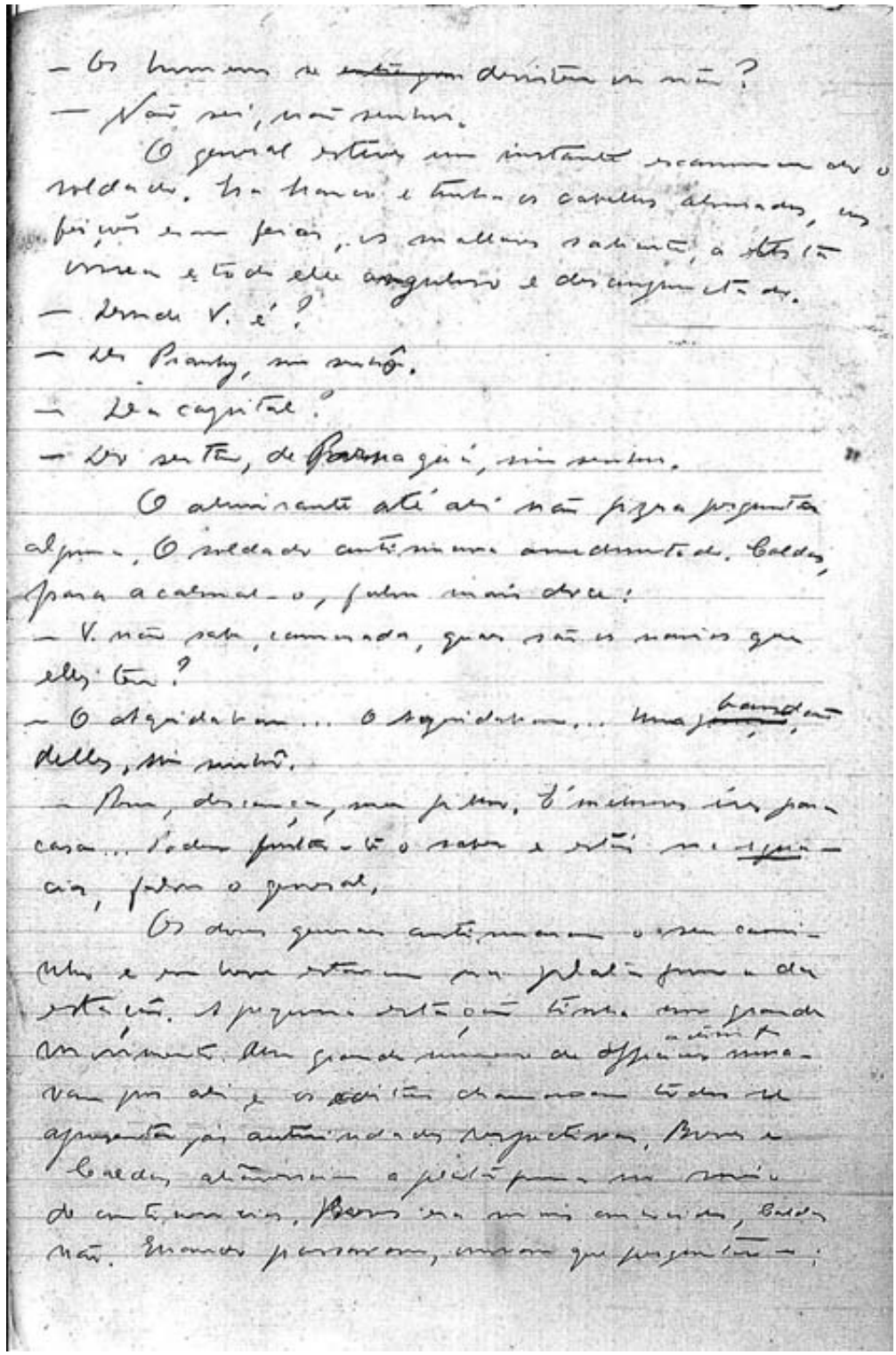
– Abaixe a mão, fez o general. [*rasurado*] [[Que faz]] V. aqui?

O soldado explicou tinha estado de / ~~guarda~~ [[ronda]] ao litoral [[toda a noite]]. A praça recolhera ao quartel / e ele pedira licença para ir em casa, mas / o sono ~~era~~ [[fôra]] muito e descansava ali um pouco.

– Então como vão as coisas?

– Não sei, não senhor.

Folha 121 (frente).



— Os homens de ~~artilharia~~ divisão ou não?
— Não sei, não senhor.
O general estava um instante reconhecendo os soldados. Era baixo e tinha os cabellos alourados, os bigodes e as pernas, os movimentos rapidos, a testa larga e toda elle angulosos e discordantes.
— Donde V. é?
— Do Piauhy, meu senhor.
— Da capital?
— Não senhor, de Boavista, meu senhor.
O almirante até ahi não fizera pergunta alguma. O soldado continuava amedrontado. Caldas, para acalmal-o, falou mais alto:
— V. não pela, commanda, que são os navios que elle tem?
— O dreadnought... O dreadnought... Uma ~~bomba~~ canhoneira delles, meu senhor.
— Bem, disse-lhe, meu filho, é melhor ires para casa... Podes ficar-te o resto é comigo — accrescentou, falando o general.
Os dois guardas continuavam o seu commentario e na bocca estava um pouco de saliva e de estupefacção. A pergunta estava em todos os espiritos. Uma grande curiosidade se accendera. Uma grande anciedade de opposições começava por ahi e os officiaes chamavam todos de aposentadoria já antevendo os projectos, Bento e Caldas abriram a bocca para uma nova serie de contestações, Bento ia ao meio das suas convicções, Caldas não. Ficaram perplexos, sem que pudessem:

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Os homens se ~~entregam~~ desistem ou não?

– Não sei, não senhor.

O general esteve um instante examinando o / soldado. Era branco e tinha os cabelos alourados, as / feições eram feias, os molares salientes, a testa / óssea e todo ele anguloso e desconjuntado.

– Donde V. é?

– Do Piauí, sim sinh~~or~~[[ô]].

– Da capital?

– Do sertão, de ~~pan~~ [[Paranaguá]], sim senhor.

O almirante até ali não fizera pergunta / alguma. O soldado continuava amedrontado. Caldas, / para acalmá-lo, falou mais doce.

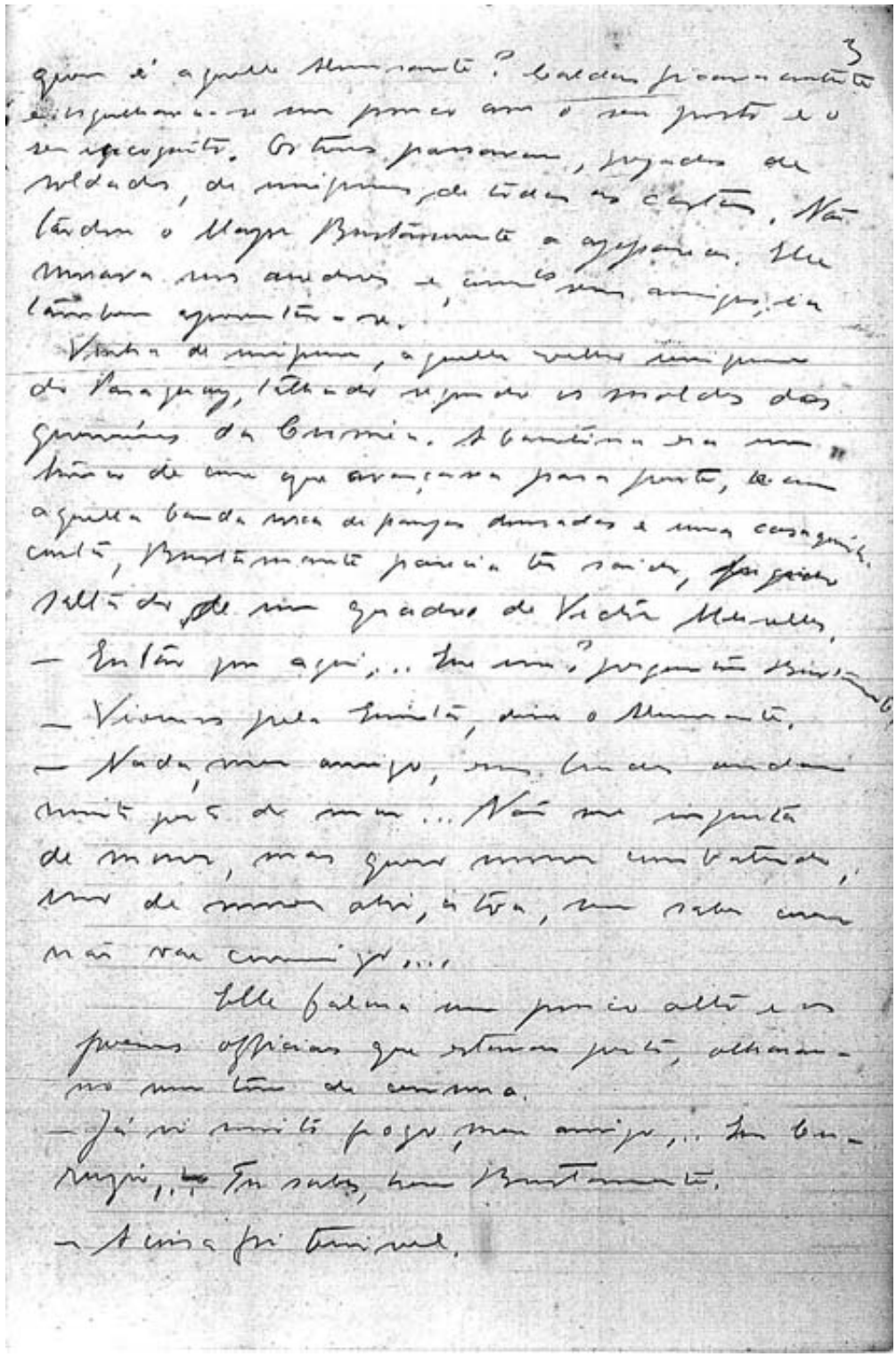
– V. não sabe, camarada, quais são os navios que / eles têm?

– O Aquidabã... O Aquidabã... Uma ~~porção~~ [[bandão]] / deles, sim sinhô.

– Bem, descansa, meu filho. É melhor ires para / casa... Podem furtar-te o sabre e estás na iná-/cia, falou o general.

Os dous generais continuaram o seu cami-/nho e em breve estavam na plataforma da / estação. A pequena estação tinha um grande / movimento. Um grande número de oficiais [[ativos]] mora-/vam por ali e os editais chamavam todos se / apresentar às autoridades respectivas. Breves e / Caldas atravessaram a plataforma no meio / de continências. Breves era mais conhecido, Caldas / não. Quando passavam, ouviam que perguntavam:

Folha 121 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

quem é aquele Almirante? Caldas ficava contente / e orgulhava-se um pouco com o seu posto e o / seu incógnito. Os trens passavam, pejados de / soldados, de uniformes de todas as castas. Não / tardou o Major Bustamante a aparecer. Ele / morava nos arredores e, com os seus amigos, ia / também apresentar-se.

Vinha de uniforme, aquele velho uniforme / do Paraguai, talhado segundo os moldes dos / guerreiros da Crimeia. A barretina era um / tronco de cone que avançava para frente, e com / aquela banda roxa de franjas douradas e uma casaquinha / curta, Bustamante parecia ter saído, fugido / saltado de um quadro de Vítor Meireles.

– Então por aqui... Que isso? perguntou Bustamante.

– Viemos pela Quinta, disse o Almirante.

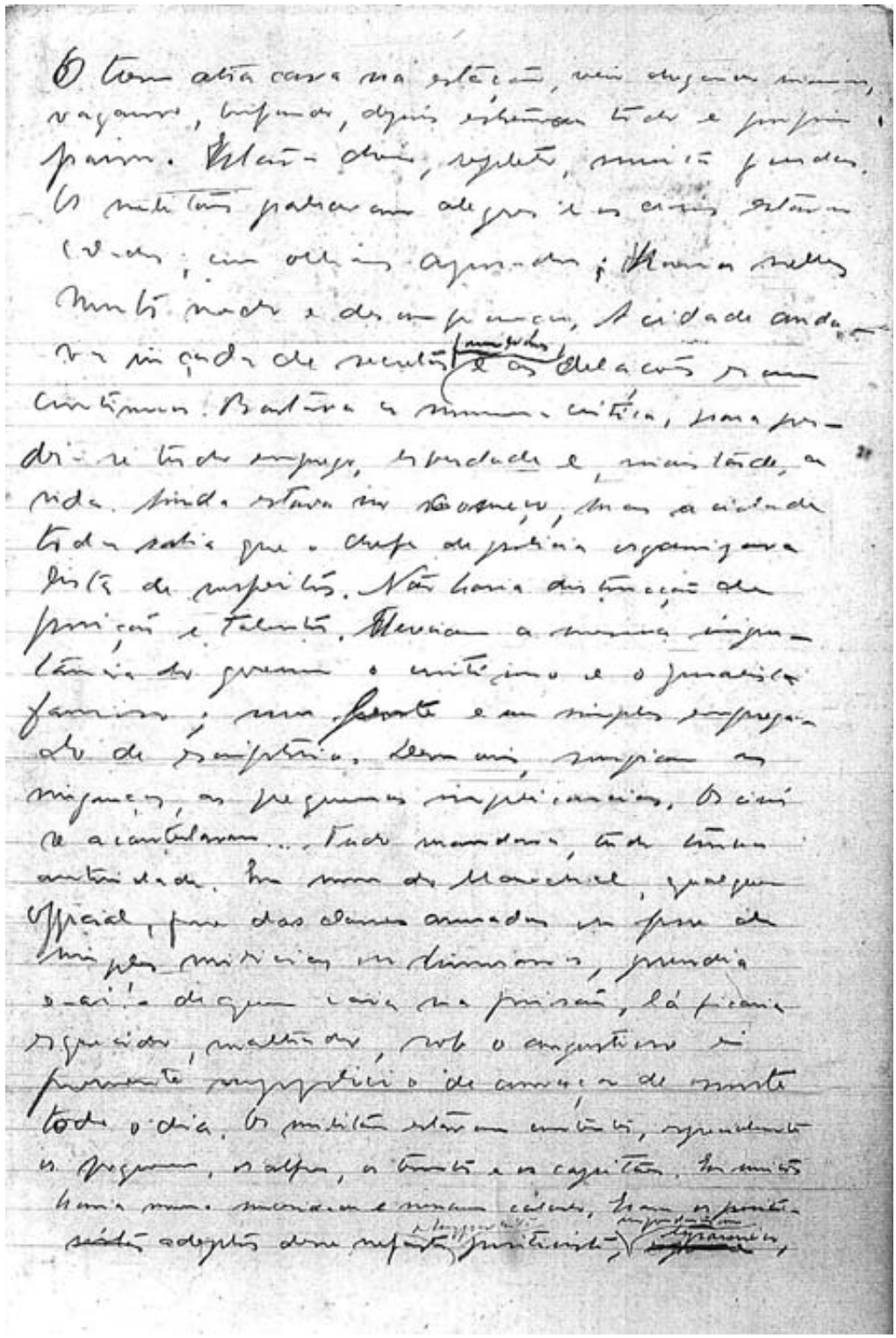
– Nada, meu amigo, esses bondes andam / muito perto do mar... Não me importo / de morrer, mas quero morrer combatendo; / isso de morrer aí, à toa, sem saber como / não vai comigo...

Ele falara um pouco alto e os / jovens oficiais que estavam perto, olharam-/no com tom de censura.

– Já vi muito fogo, meu amigo... Em Cu-/ruzu... Tu sabes, heim Bustamante.

– A coisa foi terrível.

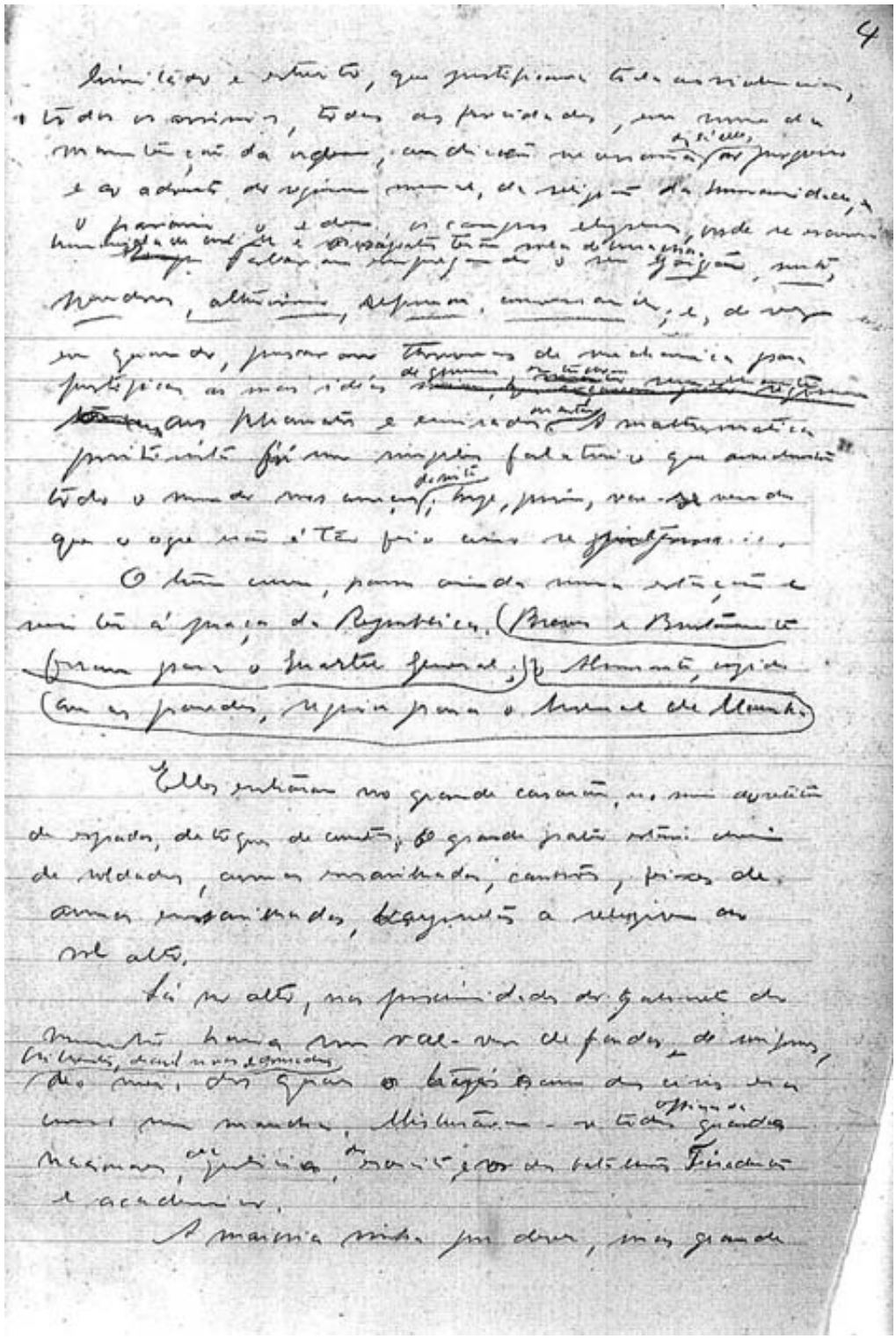
Folha 122 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

~~o~~ [[O]] trem atracava na estação, veio chegando manso, / vagaroso, bufando, depois estremeceu todo e por fim / parou. ~~V~~ [[Estava]] cheio, repleto, muitas fardas. / Os militares palravam alegres e os civis estavam / calados, com olhos apavorados~~,~~[[.]] ~~h~~[[H]]avia neles / muito medo e desconfiança. A cidade anda-/va inçada de secretas [[familiares]] e as delações eram / contínuas. Bastava a mínima critica, para per-/der-se tudo emprego, liberdade e, mais tarde, a / vida. Ainda estava no ~~seu~~ [[começo]], mas a cidade / toda sabia que o chefe de polícia organizava / lista de suspeitos. Não havia distinção de / posição e talentos. ~~E~~ [[Mereciam]] a mesma impor-/tância do governo o contínuo e o jornalista / famoso; um [*rasurado*] [[lente]] e um simples emprega-/do de escritório. Demais, surgiam as / vinganças, as pequenas implicâncias. Os civis / se acautelavam... Tudo mandava, tudo tinha / autoridade. Em nome do Marechal, qualquer / oficial, fosse das classes armadas ou fosse de / simples milícias suburbanas, prendia / e – ai! – de quem caía na prisão, lá ficaria / esquecido, maltratado, sob o angustioso e / permanente suplício da ameaça de morte / todo o dia. Os militares estavam contentes, especialmente / os pequenos, os alferes, os tenentes e os capitães. Em muitos / havia mesmo sinceridade e nenhum cálculo. Eram os ~~positi-/vistas~~ adeptos desse nefasto [[e hipócrita]] positivismo, [*rasurado*] [[um pedantismo tirânico]],

Folha 122 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

limitado e estreito, que justificava todas as violências, / todos os assassínios, todas as ferocidades, em nome da / manutenção da ~~p~~ [[ordem]], condição necessária, [[diz lá ele,]] ao progresso / e ao advento do regime normal, a religião da humanidade, ~~a~~ / o paraíso, o e deus, os campos elíseos.{{, onde se encontrará / humanidade e onde os sapatos terão sola de borracha.}}

[*rasurado*] Falavam empregando o seu jargão, [*ilegível*], / [*ilegível*], altruísmo, reforma, comunidade; e, de vez / em quando, puxavam teoremas de mecânica para / justificar as suas idéias [*trecho rasurado*] {{de governo, em tudo [*rasurado*] semelhantes}} / [*rasurado*] aos canatos e emirados [[orientais]]. A matemática / do positivista ~~é~~ [[foi]] um simples falatório que amedrontava / todo o mundo nos começos [[da seita]]; hoje, porém, vai-se vendo / que o ogre não é tão feio como se pensava...

O trem correu, parou inda numa estação e / veio ter à praça da República. Breves e Bustamante / foram para o Quartel-General; o Almirante, cosido / com as paredes, seguiu para o Arsenal de Marinha.[71]

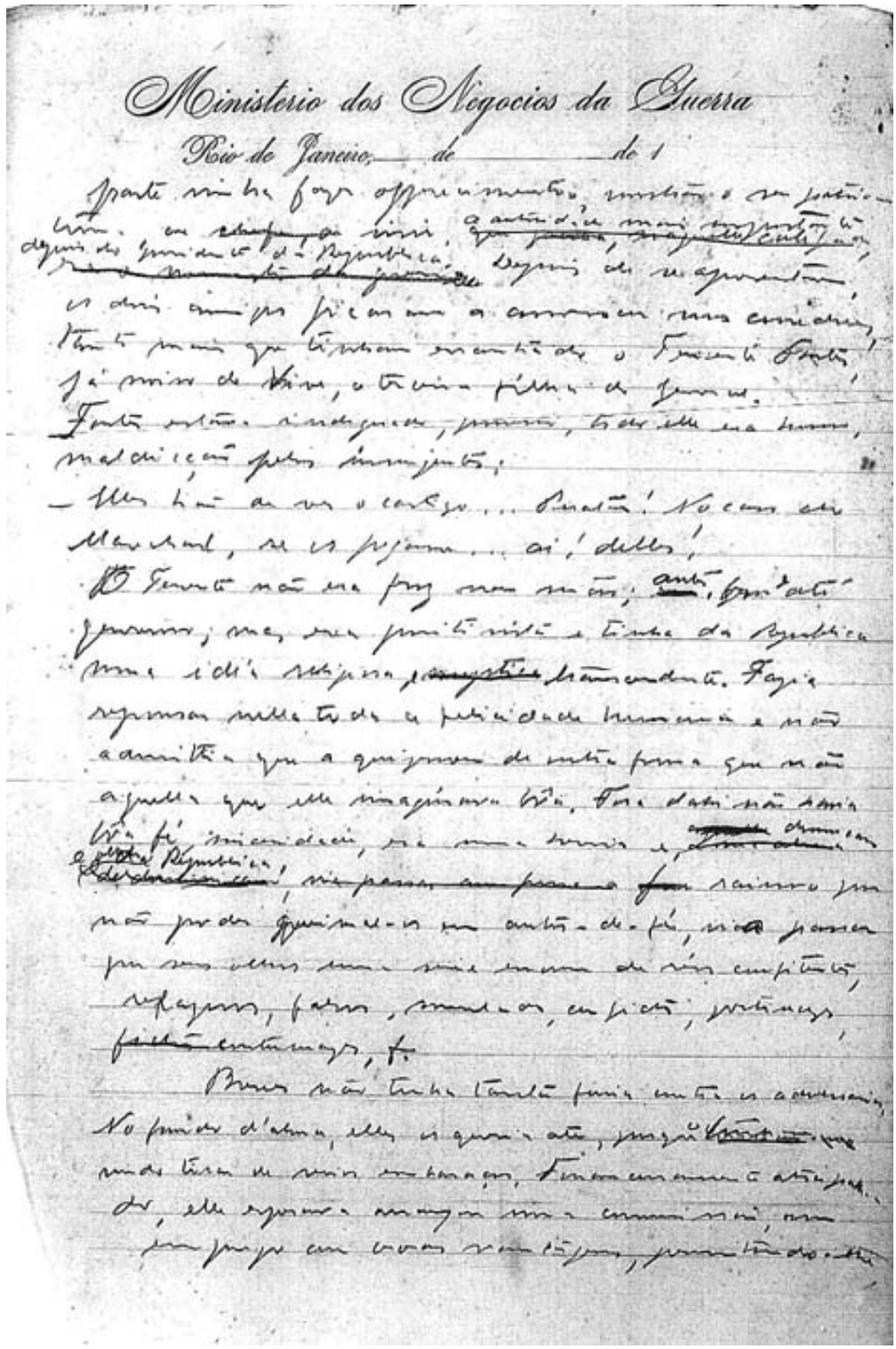
Eles entraram no grande casarão, no meio do retinir / de espadas, de toques de cornetas~~,~~[[.]] ~~o~~ [[O]] grande pátio estava cheio / de soldados, armas ensarilhadas, canhões, feixes de / armas ensarilhadas, baionetas a reluzir ao / sol alto.

Lá no alto, nas proximidades do gabinete do / ministro, havia um vaivém de fardas, de uniformes, / {{brilhantes, de cores vivas e [*ilegível*]}} no meio dos quais os trajes escuros dos civis eram / como uma mancha. Misturavam-se todos [[oficiais da]] guarda / nacional, [[da]] polícia, [[do]] exército e os dos batalhões Tiradentes / e acadêmico.

A maioria vinha por dever, mas grande

Folha 123 (frente).

[71] Duas marcas gráficas separam os períodos "Breves e Bustamante [...] Quartel General" e "o Almirante [...] o Arsenal da Marinha". Aparecem com a ordem invertida no texto impresso.



Ministerio dos Negocios da Guerra

Rio de Janeiro, de de 1

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

parte vinha fazer oferecimento, mostrar o seu patrio-/tismo, ao ~~chefe, ao~~ minis, ~~que~~ [*rasurado*]~~, naquele califado,~~ {{a atividade mais importante / depois do presidente da República.}} / ~~era o ministro da guerra~~. Depois de se apresentarem, / os dous amigos ficaram a conversar nos corredores, / tanto mais que tinham encontrado o Tenente Fontes, / já noivo de Vivi, a terceira filha do General.

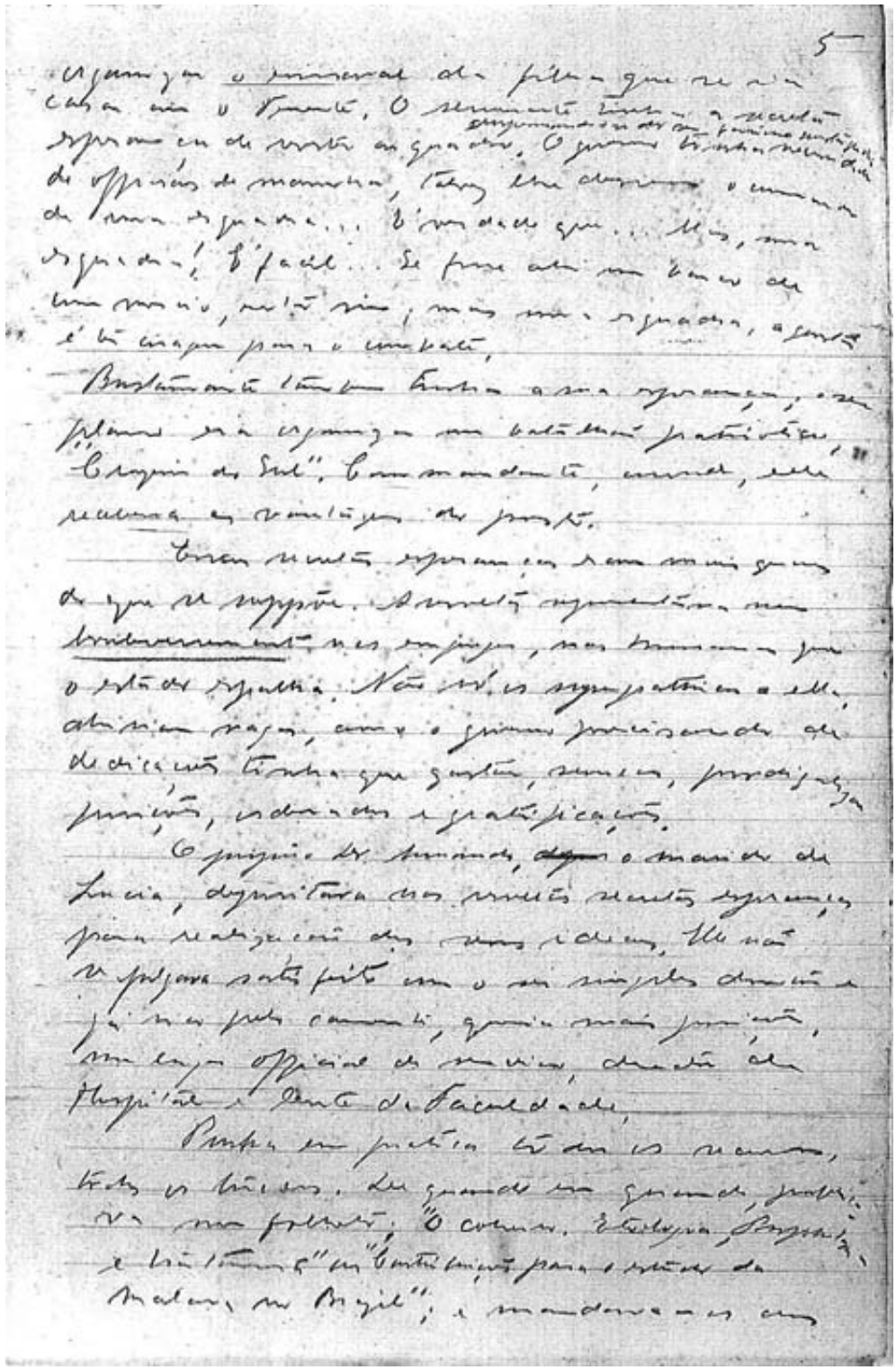
– Fontes estava indignado, pasmo, todo ele era horror, / maldição pelos insurgentes.

– Eles hão de ver o castigo... Piratas! No caso do / Marechal, se os pegasse... ai! deles!

O Tenente não era feroz nem mau, [*rasurado*] [[antes]] ~~gen~~ [[bom e]] até / generoso; mas era positivista e tinha da República / uma idéia religiosa, [[e]] [*rasurado*] transcendente. Fazia / repousar nela toda a felicidade humana e não / admitia que a quisessem de outra forma que não / aquela que ele imaginava boa. Fora daí não havia / boa fé, sinceridade, era uma [*ilegível*] e, ~~de sua alma~~ {{~~aquele~~ dominicano / [[da]] República,}} / [[e ~~olhos~~]]~~ de dominicano, via passar com~~ [*rasurado*]~~ foi~~ raivoso por / não poder queimá-los em autos de fé, vi~~am~~[[a]] passar / por seus olhos uma série enorme de réus confitentes, / relapsos, falsos, simulados,confictos, pertinazes / ~~fictos~~ contumazes, f.

Breves não tinha tanta fúria contra os adversários. / No fundo d'alma, ele os queria até, porque [*rasurado*] [[o tinham]] / vindo tirar de seus embaraços. Financeiramente atrapalha-/do, ele esperava arranjar uma comissão, um / emprego com boas vantagens, permitindo-lhe

Folha 123 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

organizar o enxoval da filha que se ia / casar com o Tenente. O Almirante tinha a secreta / esperança de reverter os quadros [[[*trecho ilegível*]]]. O governo tinha necessidade / de oficiais de marinha, talvez lhe dessem o comando / de uma esquadra... É verdade que... Mas, uma / esquadra! É fácil... Se fosse aí um barco ou / um navio, isto sim; mas uma esquadra, a gente / é ter coragem para o combate.

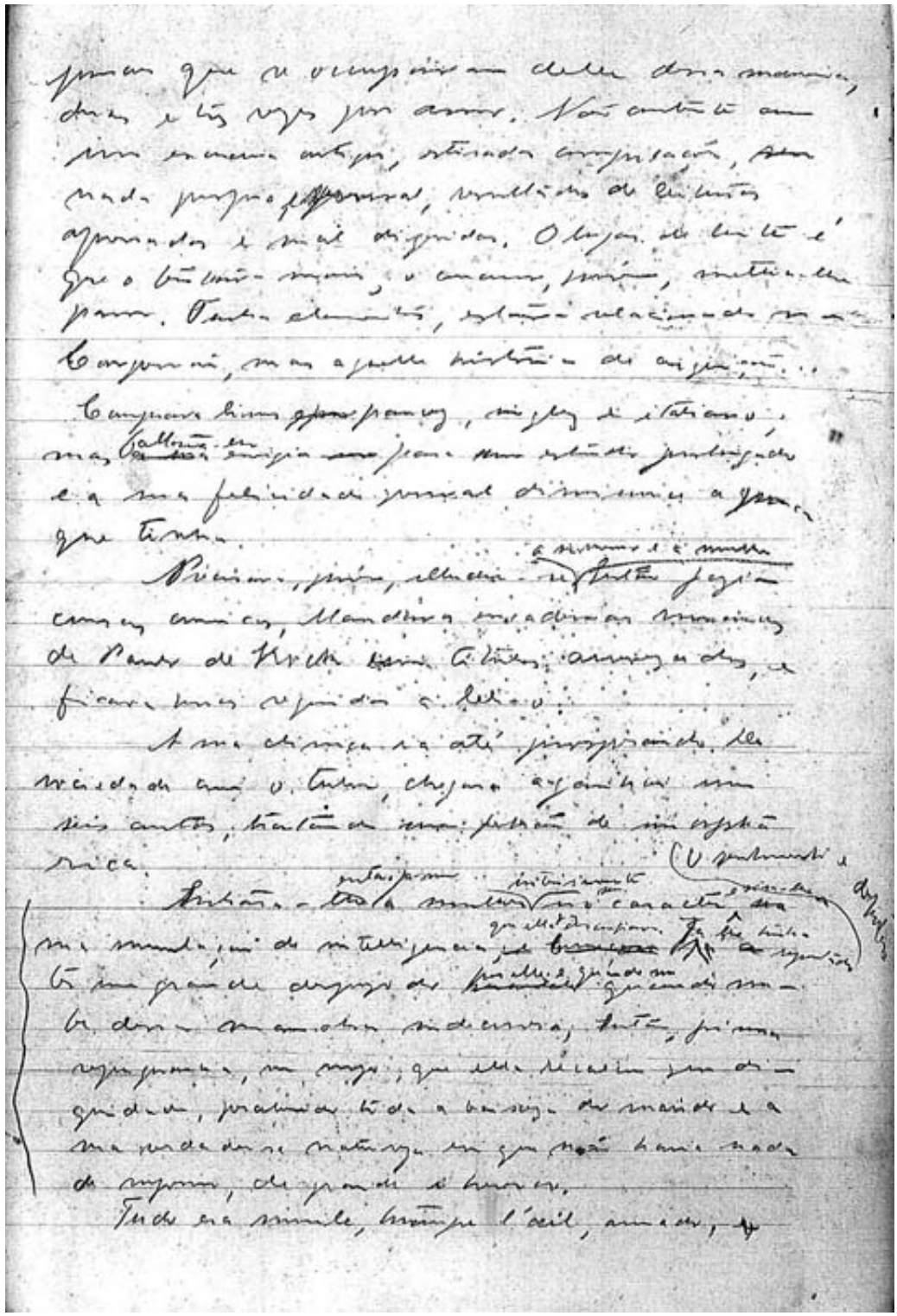
Bustamante também tinha a sua esperança: o seu / plano era organizar um batalhão patriótico, / "Cruzeiro do Sul". Como seu comandante, ainda, ele / receberia as vantagens do posto.

Essas secretas esperanças eram mais gerais / do que se supõe. A revolta representava um / [*ilegível*] nos empregos, nas honrarias que / o estado espalha. Não só os simpáticos a ela, / abririam vagas, como o governo precisando de / dedicações, tinha que gastar, nomear, prodigalizar / funções, ordenados e gratificações.

O próprio Dr. Armando, ~~depois~~ o marido de / Lúcia, depositara nas revoltas secretas esperanças / para realização dos seus ideais. Ele não / se julgava satisfeito com o ser simples doutor e / já rico pelo casamento, queria mais posição, / um cargo oficial de médico, doutor de / Hospital e lente de Faculdade.

Punha em prática todos os recursos, / todos os truques. De quando em quando, publica-/va um folheto, "O Cobreiro. Etiologia, Profilaxia / e tratamento" ou "Contribuição para o estudo da / Malária no Brasil"; e mandava-os aos

Folha 124 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

jornais que se ocupavam dele dessa maneira, / duas e três vezes por ano. Não contente com / isso escrevia artigos, estiradas compilações, ~~sem~~ / nada próprio, [[e]] [*rasurado*], resultado de leituras / aprovadas e mal digeridas. O lugar de lente é / que o tentava mais; o concurso, porém, metia-lhe / pavor. Tinha elementos, estava relacionado na / Congregação, mas aquela história de arguição...

Comprava livros, em francês, inglês e italiano; / mas ~~a sua~~ [[faltava-lhe]] energia ~~sua~~ para um estudo prolongado / e a sua felicidade pessoal diminuiu o prazer / que tinha.

Precisava, porém, iludir-se [[a si mesmo e à mulher]]. Então fazia / cursos clínicos. Mandava encadernar romances / de Paulo de Kock com títulos [*ilegível*], e / ficava horas seguidas a lê-lo.

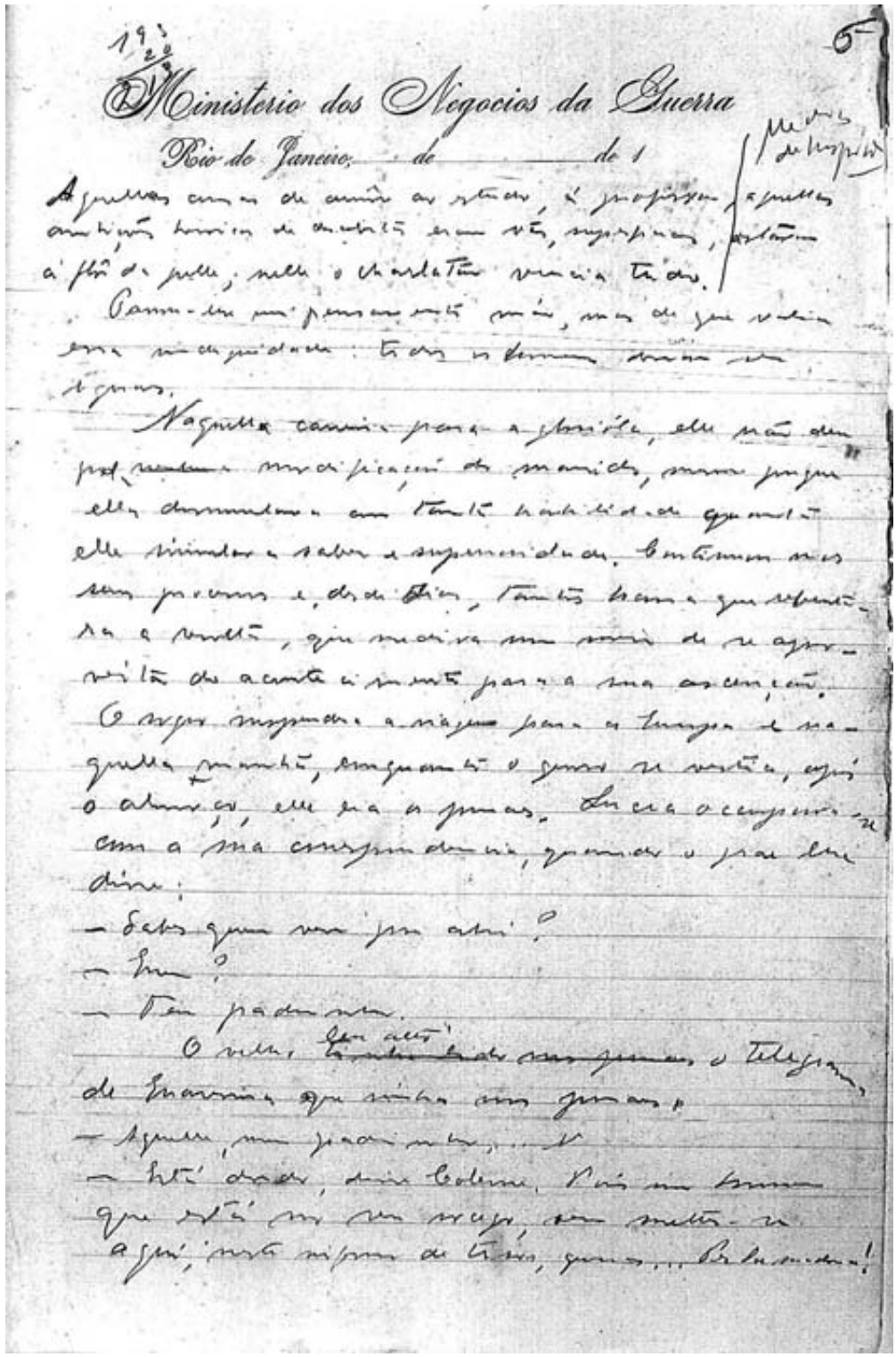
A sua clínica ia até prosperando. De / sociedade com o tutor, chegou a ganhar uns / seis contos, tratando um febrão de uma órfã / rica.

~~A~~ [[Entrara-lhe]] a mulher [[intuitivamente]] no [[seu]] caráter~~, na~~ [[e via-lhe]] / sua simulação de inteligência [[que ela desconfiava]], ~~e c~~[[~~C~~]]~~omeçara já a~~ [[Já lhe tinha]] suspeitado {{O sentimento e despeito}}[72] / ter um grande desprezo do ~~marido~~ quando sou-[[por ele e quando sou-]]/be dessa manobra indecorosa. Então, foi uma / repugnância, um nojo, que ela recalcou por di-/gnidade, percebendo toda a baixeza do marido e a / sua verdadeira natureza em que não havia nada / de superior, de grande ou heróico.

Tudo era símile, trompe l'oeil, armado, ~~e~~

Folha 124 (verso).

[72] Manuscrito no canto superior direito do parágrafo e unido a este ponto por um traço.



Ministerio dos Negocios da Guerra

Rio de Janeiro, de de 1

Acerca de Quaresma

Acerca de Quaresma

Acerca de Quaresma

~~a~~[[A]]quelas coisas de amor ao estudo, à profissão, aquelas / ambições heroicas de descobertas eram vãs, superficiais, estavam / à flor da pele; nele o charlatão vencia tudo. {{Médico / de hospital}}[73]

Passou-lhe um pensamento mau, mas de que valia / essa indignidade: todos os homens deviam ser / iguais.

Naquele caminho para a [*ilegível*], ele não deu / p~~or~~[[ela]] ~~nenhuma~~ modificação do marido, mesmo porque / ela dissimulava com tanta habilidade quanto / ele simulava saber e superioridade. Continuava nos / seus processos e, desde dias, tantos havia que rebenta-/ra a revolta, que meditava num meio de se apro-/veitar do acontecimento para a sua ascensão. / O sogro suspendera a viagem para a Europa e na-/quela, manhã, enquanto o genro se vestia, após / o almoço, ele lia os jornais. Lúcia ocupava-se / com a sua correspondência, quando o pai lhe / disse:

– Sabes quem vem por aí?

– Quem?

– Teu padrinho.

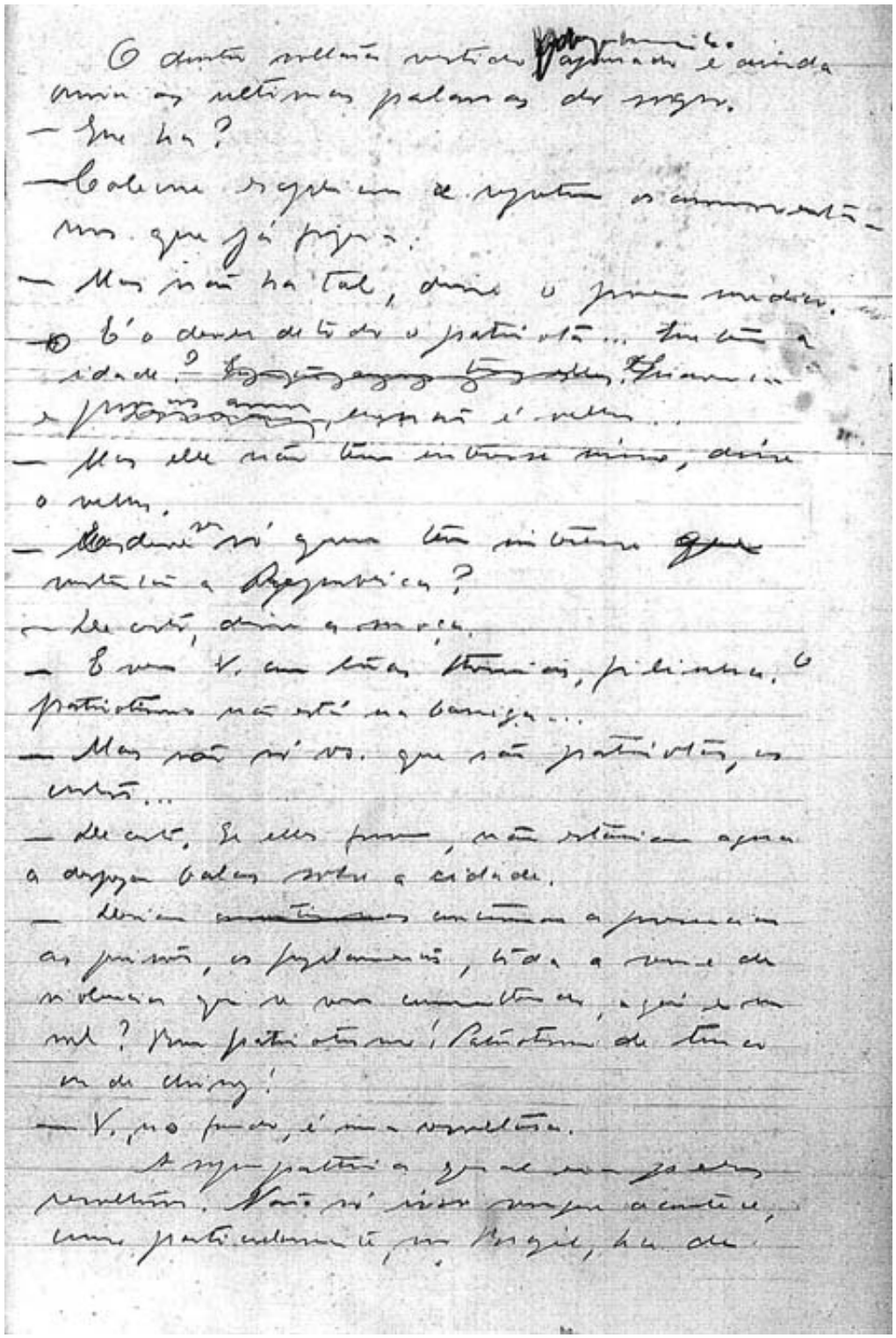
O velho ~~tinha lido nos jornais~~ [[leu alto]] o telegrama / de Quaresma ~~e~~ [[que]] vinha nos jornais.

– Aquele meu padrinho... N

– Está doido, disse Coleoni. Pois um homem / que está no seu sossego, vem meter-se / aqui, neste inferno de tiros, guerras... Per la madona!

Folha 125 (frente).

[73] Manuscrito no canto superior direito da folha, ligado a este ponto por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

O doutor voltara vestido [[[*ilegível*]]], aprumado e ainda / ouviu as últimas palavras do sogro.

– Que há?

– Coleoni explicou e repetiu os comentá-/rios que já fizera:

– Mas não há tal, disse o jovem médico. / – ~~o~~ É o dever de todo patriota... Então a / idade? ~~Quantos anos tem ele?~~ Quarenta / [*rasurado*] [[e poucos anos]] não é velho...

– Mas ele não tem interesse nisso, disse / o velho.

– ~~Mas~~ [[E]] disse [[ser]] só quem tem interesse que / sustenta a República?

– Decerto, disse a moça.

– E vem V. com tuas teorias, filhinha. O / patriotismo não está na barriga...

– Mas são só vs. que são patriotas, os / outros...

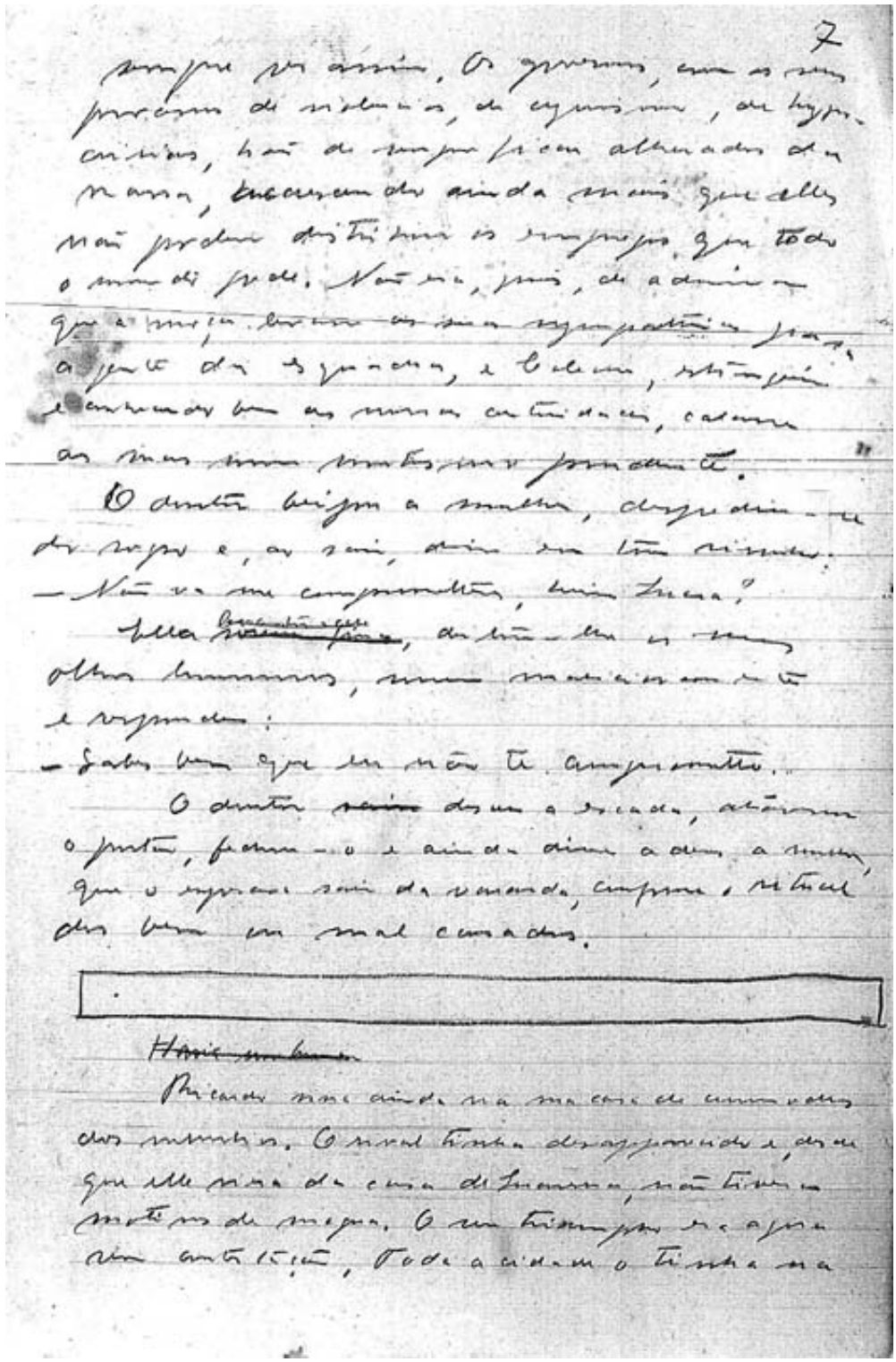
– Decerto. Se eles fossem, não estariam agora / a despejar balas sobre a cidade.

– Deviam [*rasurado*] continuar a presenciar / as prisões, os fuzilamentos, toda a série de / violências que se vêm cometendo, aqui e no / sul? Bom patriotismo! Patriotismo de turco / ou de chinês!

– V., no fundo, é uma revoltosa.

A simpatia geral era pelos / revoltosos. Não só isso sempre acontece, / como particularmente, no Brasil, há de

Folha 125 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

sempre ser assim. Os governos, com os seus / processos de violências, de cinismo, de hipo-/crisias, hão de sempre ficar alheados da / massa, [*ilegível*] ainda mais que eles / não podem distribuir os empregos que todo / o mundo pede. Não era, pois, de admirar / que a moça levasse a sua simpatia para / a gente da esquadra, e Coleoni, estrangeiro / e conhecendo bem as nossas autoridades, calasse / as suas num mutismo prudente.

O doutor beijou a mulher, despediu-se / do sogro e, ao sair, disse em tom risonho:

– Não vá me comprometer, heim Lúcia?

Ela ~~sorriu fria,~~ [[~~levantou~~ [*rasurado*]]] deitou-lhe os seus / olhos luminosos, sorriu maliciosamente / e respondeu:

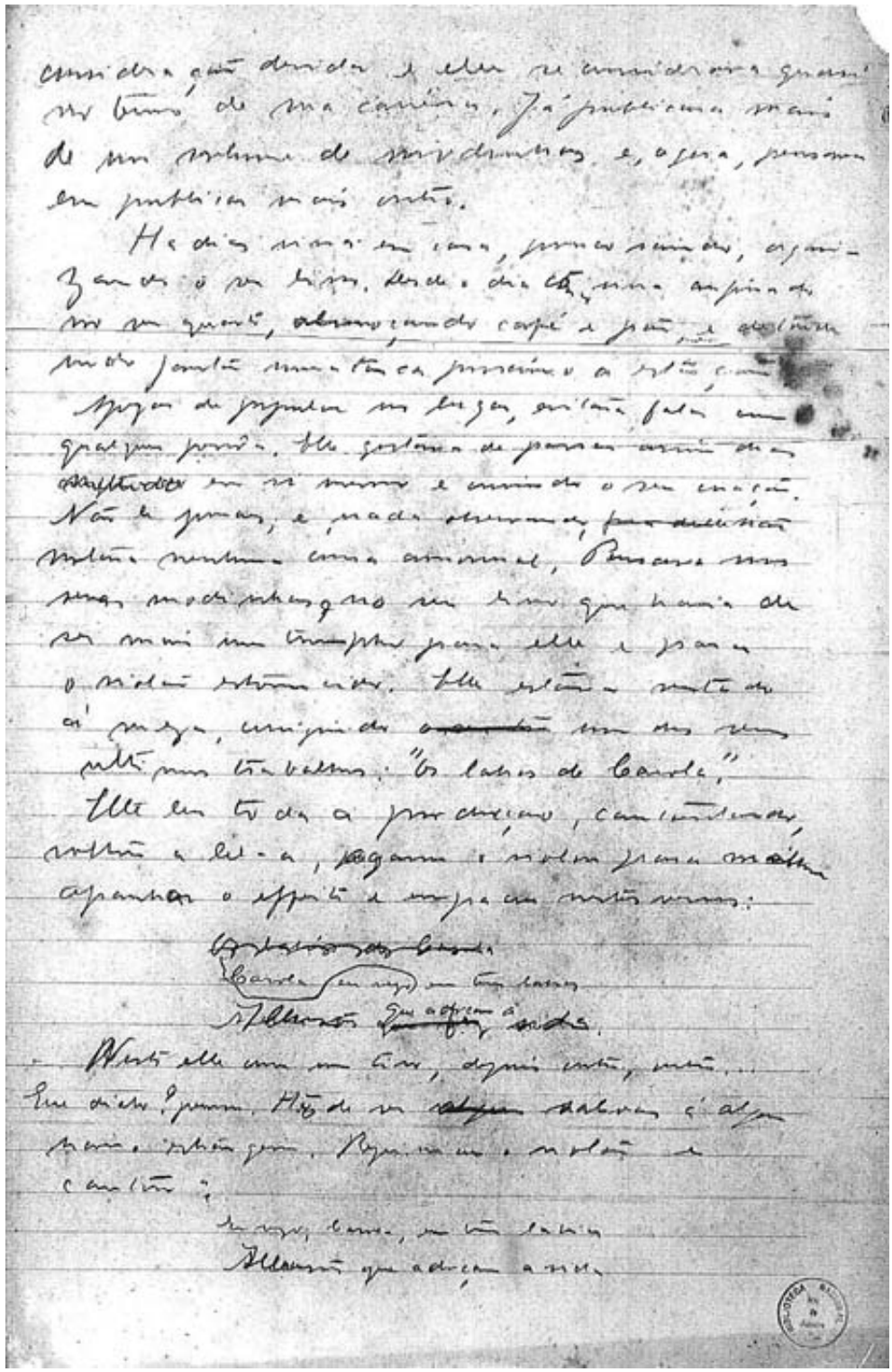
– Sabes bem que eu não te comprometo.

O doutor ~~saiu~~ desceu a escada da varanda, atravessou / portão, fechou-o e ainda disse adeus à mulher, / que o esperava sair da varanda, conforme o ritual / dos bem ou mal casados.

~~Havia um~~ [*rasurado*]

Ricardo vivia ainda na sua casa de cômodos / dos subúrbios. O rival tinha desaparecido e desde / que ele viera da casa de Quaresma, não tivera / motivos de mágoa. O seu triunfo era agora / sem contestação. Toda a cidade o tinha na

Folha 126 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

consideração devida e ele se considerava quase / no termo da sua carreira. Já publicara mais / de um volume de modinhas e, agora, pensava / em publicar mais outro.

Há dias vivia em casa, pouco saindo, organi-/zando o seu livro. Desde o dia ~~5~~ [[cinco]] vivia confinado / no seu quarto, almoçando café e pão, e de tarde / indo jantar numa tasca próxima à estação.

Apesar de popular no lugar, evitava falar com / qualquer pessoa. Ele gostava de passar assim dias / metido em si mesmo e ouvindo o seu coração. / Não lia jornais; e, nada observando, ~~para ele~~ não / notara nenhuma coisa anormal. Pensava nas / suas modinhas, e no seu livro que havia de / ser mais um triunfo para ele e para / o violão estremecido. Ele estava sentado / à mesa, corrigindo [*rasurado*] um dos seus / últimos trabalhos: "Os lábios de Carola". / Ele leu toda a produção, cantarolando, / voltou a lê-la, agarrou o violão para melhor / apanhar o efeito e empacou nestes versos:

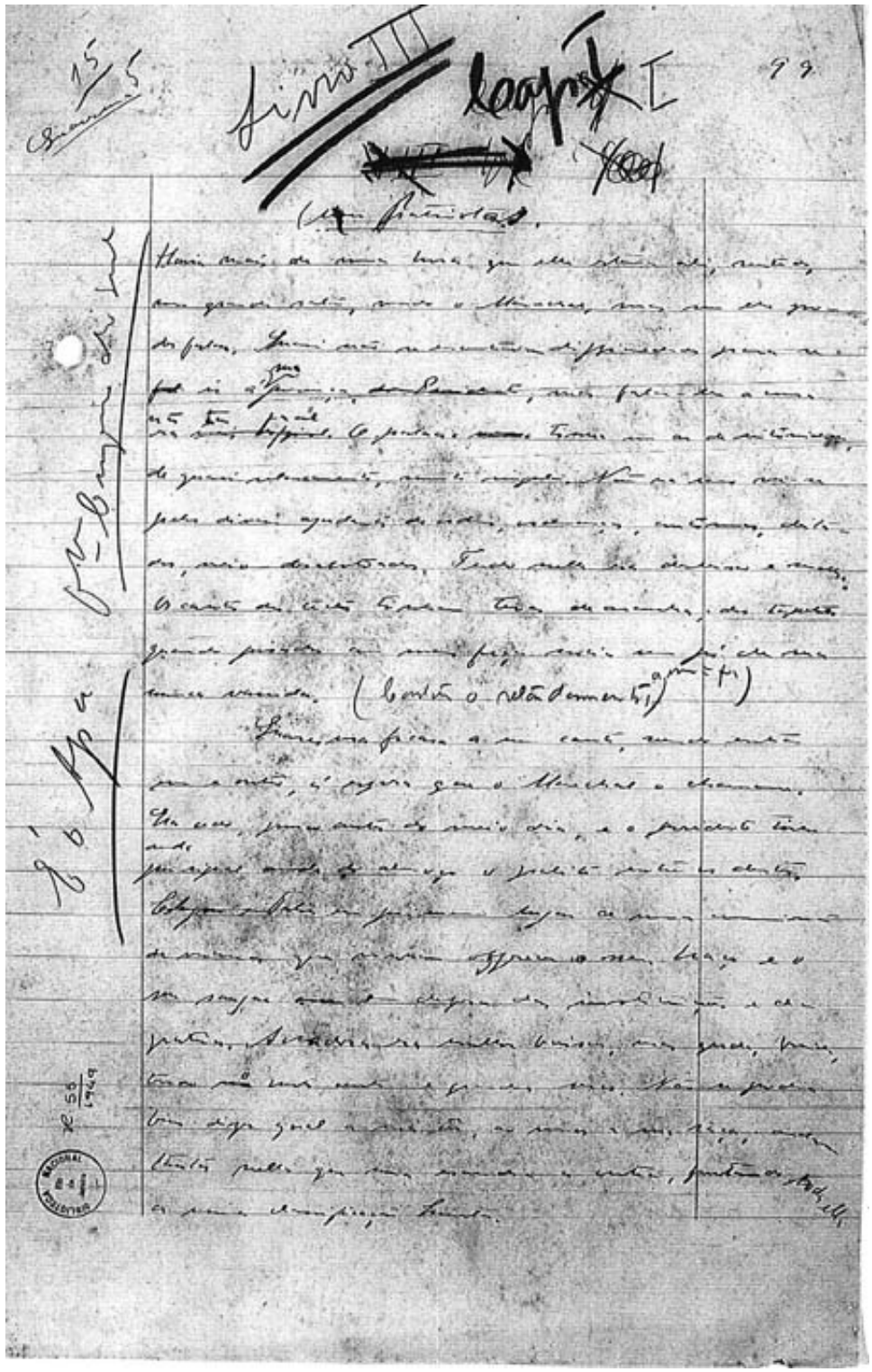
~~Os lábios de Carola~~
Carola eu vejo[74] em teus lábios
[*rasurado*] [[Ilusões]] ~~que faz~~ [[que adoçam a]] [*rasurado*] [[vida]].

[*rasurado*] [[Nisto]] ouviu um tiro, depois outro, outro... / Que diabo? pensou. Hão de ser ~~algumas~~ salvas a algum / navio estrangeiro. Repinicou o violão e / cantou:

Eu vejo, Carola, em teus lábios
Ilusões que adoçam a vida.

Folha 126 (verso).

[74] Um sinal marca a inversão das palavras para "eu vejo, Carola, [...]".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

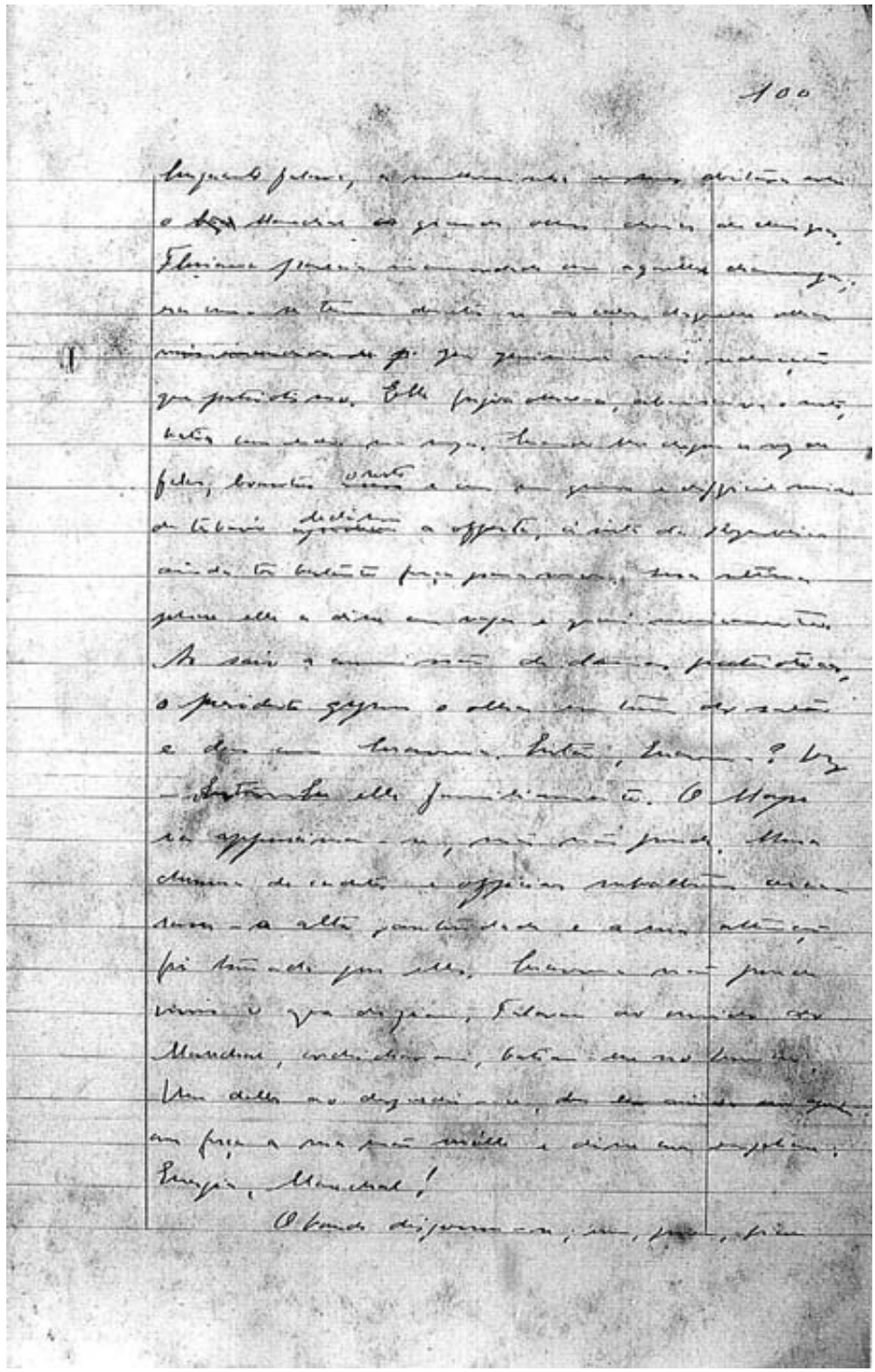
Quaresma [75] [[~~Cap 8~~]] [[~~VIII~~ [*rasurado*]]] [[~~XI~~]] [[Livro III Cap I]] 99
(~~Um p~~[[P]]atriota[[s]].

Havia mais de uma hora que ele estava ali, sentado, / num grande salão, vendo o Marechal, mas sem lhe pô-/der falar. Quase não se encontravam dificuldades para se / ~~falar~~ ir à sua presença ~~do Presidente~~, mas falar-lhe a coisa / [[não]] era ~~mais difícil~~ [[tão fácil]]. O palácio [*rasurado*] tinha um ar de intimidade, / de quase relaxamento, muito singelo. Não era raro ver-se / pelos divãs ajudantes de ordens, ordenanças, contínuos, deita-/dos, meio desabotoados. Tudo nele era desleixo e moleza. / Os cantos dos tetos tinham teias de aranha; dos tapetes / quando pisados com mais força subia um pó de rua / nunca varrida. (Contar o relaxamento, a [[*ilegível*]])[76]

Quaresma ficara a um canto, vendo entrar / um e outro, à espera que o Marechal o chamasse. / Era cedo, pouco antes do meio dia, e o presidente tinha / [[ainda]] por sinal ~~ainda~~ do almoço o palito entre os dentes. / ~~Chegou~~ Falou em primeiro lugar a uma comissão / de senhoras que vinham oferecer o seu braço e o / seu sangue ~~com~~ em defesa das instituições e da / pátria. A oradora era mulher baixa, mas gorda, [*ilegível*], / tendo ~~um~~ [[o]] busto curto e grandes seios. Não se podia / bem dizer qual a sua cor, ao menos a sua raça; andavam / tantas nela que uma escondia a outra, furtando [[toda ela]] / a uma classificação honesta.

Folha 127 (frente).

[75] Acima de "Quaresma" está manuscrito, a lápis, "15/5".
[76] "É o Apa. b^{ão} Cruzeiro do Sul" está manuscrito a lápis na margem esquerda da folha.

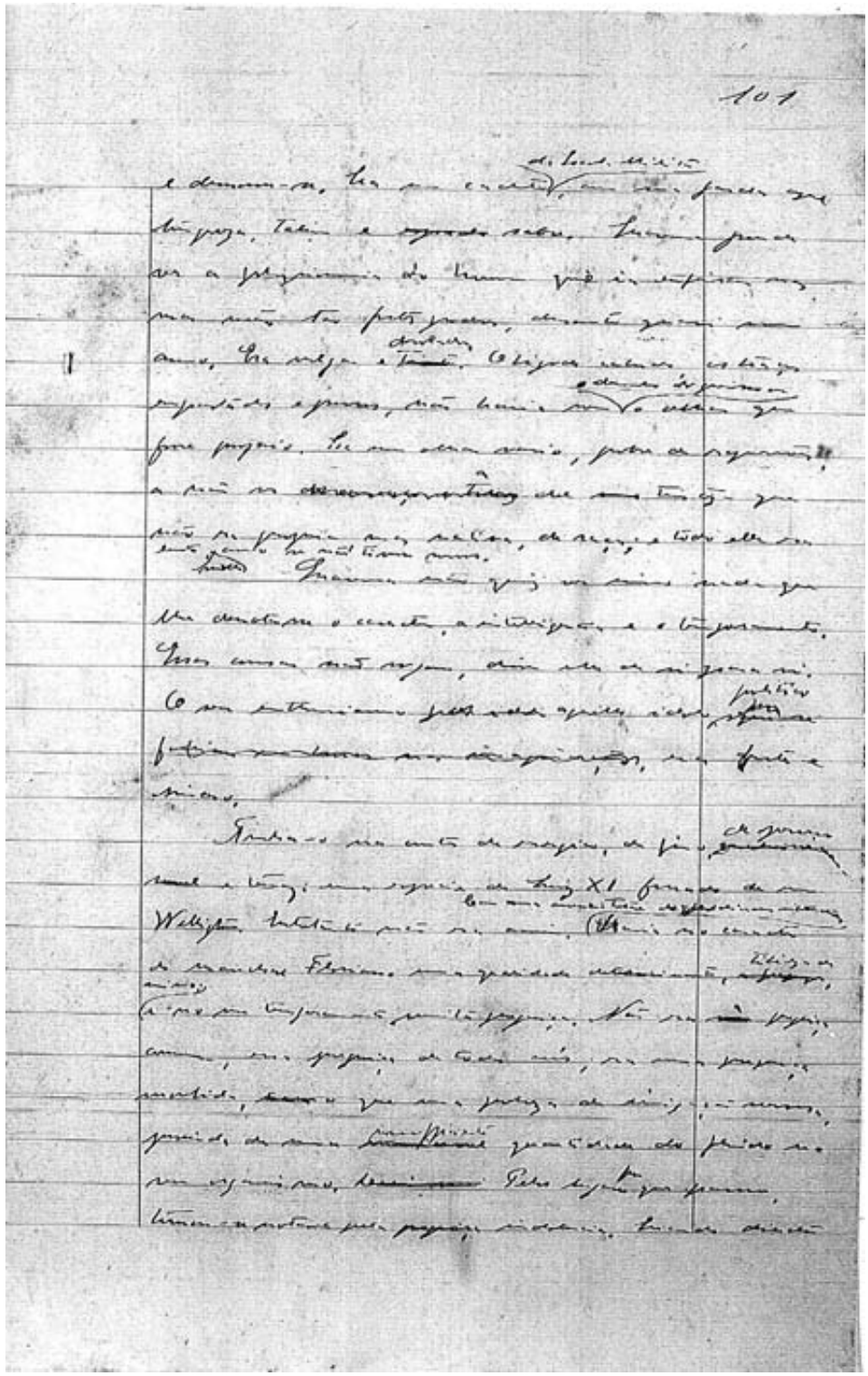


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Enquanto falava, a mulherzinha ~~e suas~~ deitava sobre / o ~~braço~~ Marechal os grandes olhos cheios de chispas. / Floriano parecia incomodado com aquele chamejar; / era como se temesse derreter-se ao calor daquele olhar / ~~mais [*ilegível*] de p~~ que queimava mais sedução / que patriotismo. Ele fingia olhá-la, abaixava o rosto, / batia com os dedos na mesa. Quando lhe chegou a vez de / falar, levantou [*rasurado*] [[o rosto]] e com um grosso e difícil sorriso / de taberneiro, [*rasurado*] [[declinou]] a oferta à vista da República / ainda ter bastante força para vencer. A última / frase ele a disse com vagar e quase ironicamente. / Ao sair a comissão de damas patrióticas, / o presidente girou o olhar em torno do salão / e deu com Quaresma. Então, Quaresma? fez / ~~— Então Qu~~ ele familiarmente. O Major / ia aproximar-se, mas não pôde. Uma / chusma de cadetes e oficiais subalternos cerca-/ram a alta autoridade e a sua atenção / foi tomada por eles. Quaresma não podia / ouvir o que diziam. Falavam ao ouvido do / Marechal, cochichavam, batiam-lhe no ombro. / Um deles ao despedir-se, ~~deu-lhe ainda um~~ apertou / com força a sua mão mole e disse com ênfase: / Energia, Marechal!

O bando dispersou-se; um, porém, ficou

Folha 128 (frente).



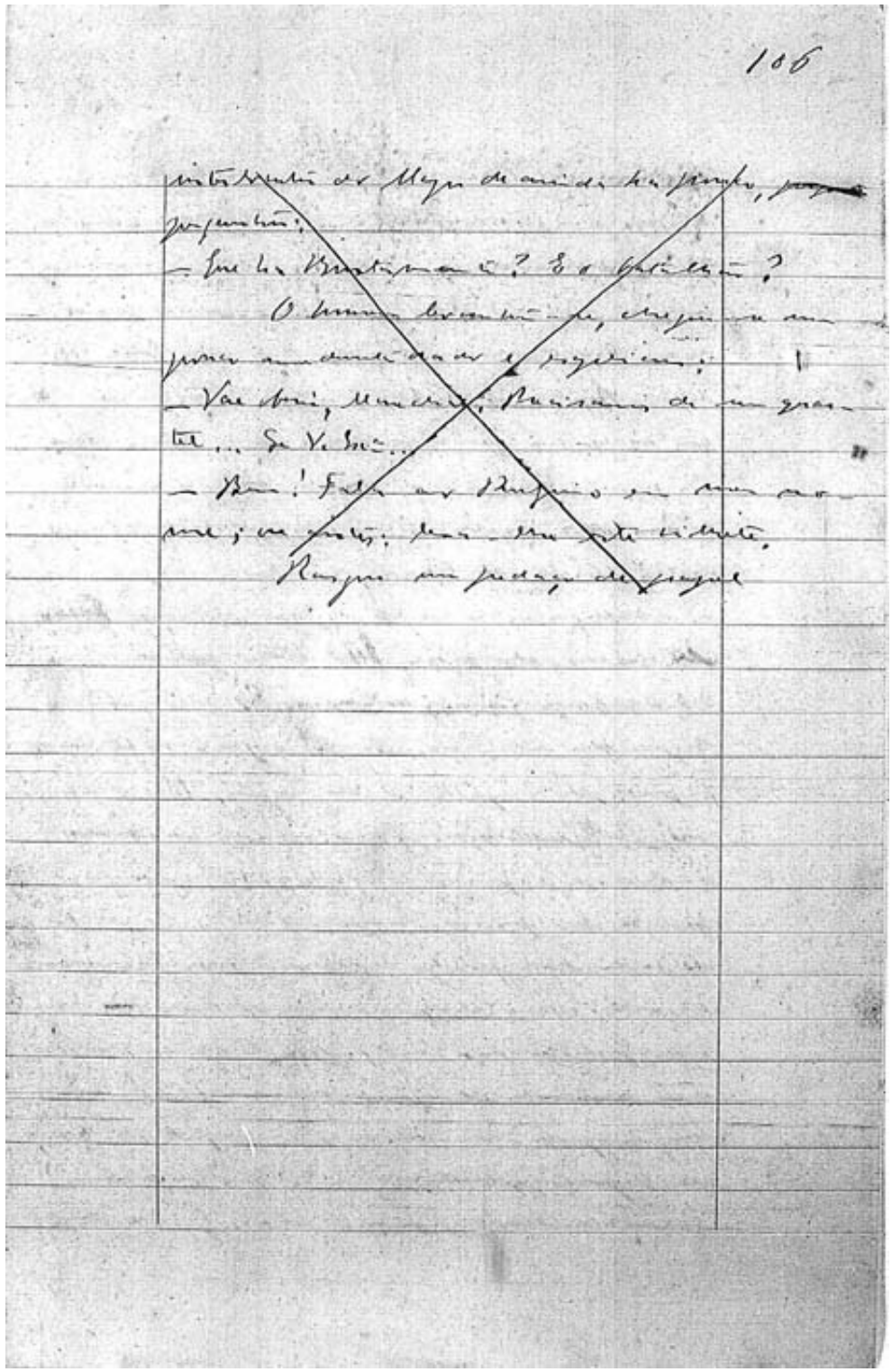
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

e demorou-se. Era um cadete [[da Escola Militar]], com a sua farda azul / turquesa, talim e ~~espada~~ sabre. Quaresma pôde / ver a fisionomia do homem que ia enfeixar nas / suas mãos tão fortes poderes, durante quase um / ano. Era vulgar e ~~triste~~ [[desoladora]]. O bigode caído, os traços / empastados e parcos; não havia nem [[o desenho do queixo ou]] o olhar que / fosse próprio. Era um olhar vazio, pobre de expressões, / a não ser [*rasurado*] [[a]] de ~~uma~~ tristeza que / não era própria, mas nativa, de raça~~.~~{{, e todo ele era / lento, [[e mole]] como se não tivesse nervos.}}

Quaresma não quis ver nisso nada que / lhe denotasse o caráter, a inteligência e o temperamento. / Essas coisas não vogam, disse ele de si para si. / O seu entusiasmo p~~elo~~[[or]] ~~ído~~ aquele ídolo [[político]] ~~no qual se /~~ [*rasurado*] ~~suas bases nas imaginações~~, era forte / e sincero.

Tinha-o na conta de enérgico, de fino, [*rasurado*] [[de [*ilegível*]]] / [*rasurado*] e tenaz; uma espécie de Luís XI forrado de um / Wellington. Entretanto, não era assim. {{Com uma ausência total de qualidades intelectuais}} ~~H~~[[h]]avia no caráter / do Marechal Floriano uma qualidade determinante, ~~a~~ [*rasurado*]~~,~~ [[tibieza de]] / [[ânimo;]] e no seu temperamento muita preguiça. Não era ~~sua~~ [[a]] preguiça / comum, essa preguiça de todos nós; era uma preguiça / mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa, / provinda de uma [*rasurado*] [[insuficiente]] quantidade de fluido no / seu organismo. ~~Demais~~ [*rasurado*] Pelos lugares [[por]] que passou, / tornou-se notável pela ~~preguiça~~ indolência. Quando diretor

Folha 129 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

interlocutor do Major de ainda há pouco, ~~perguntou~~ / perguntou:

– Que há Bustamante? E o batalhão?

O homem levantou-se, chegou-se um / pouco amedrontado e explicou:

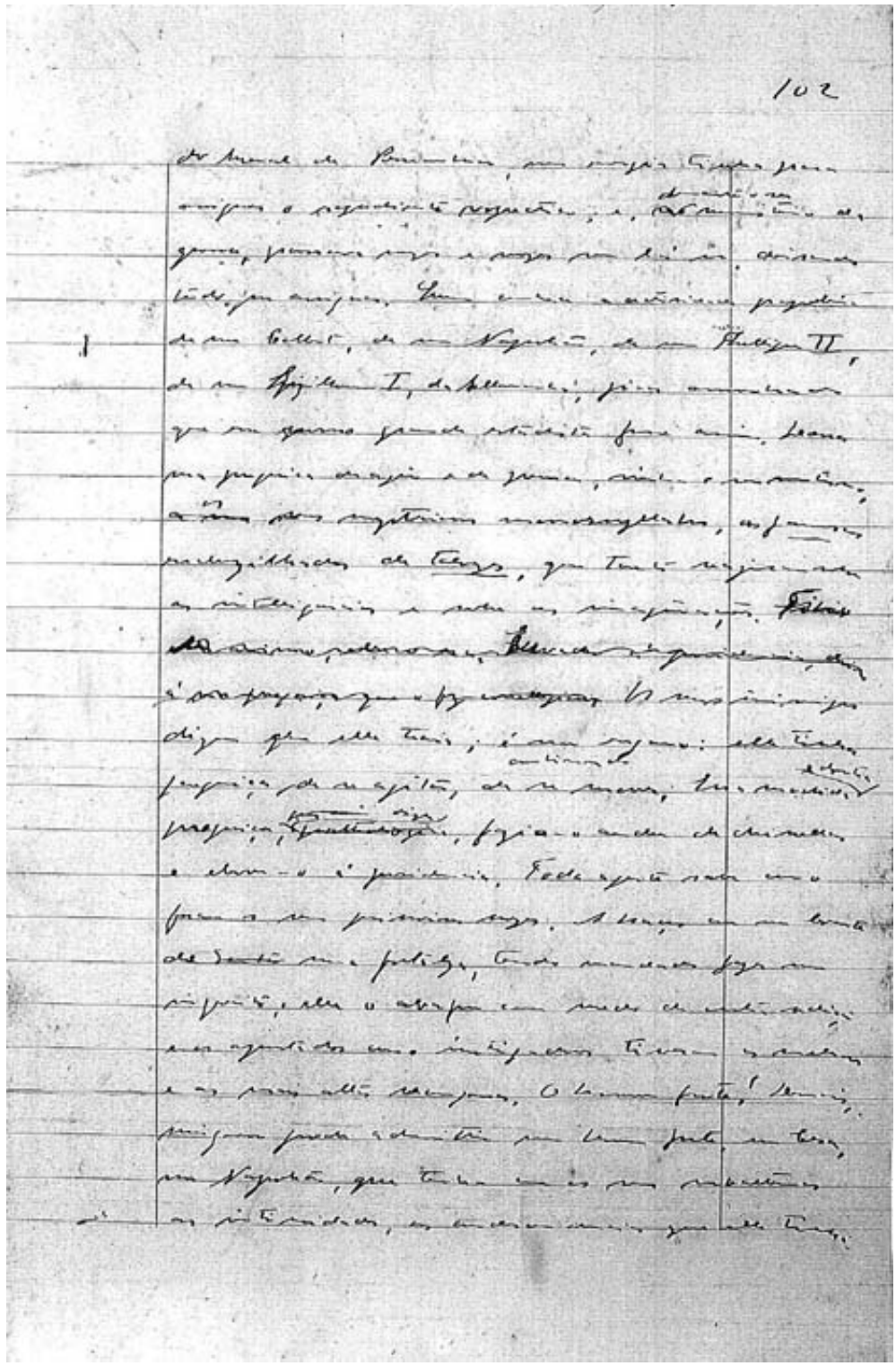
– Vai bem, Marechal. Precisamos de um quar-/tel... Se V, Ex[a]...

– Bem! Fala ao Rufino em meu no-/me; ou antes: leva-lhe este bilhete.

Rasgou um pedaço de papel[77]

Folha 129 (verso).

[77] Todo o texto desta página foi eliminado por dois grandes traços cruzados em xis. Cf. folhas 131 (verso) e 134 (frente).

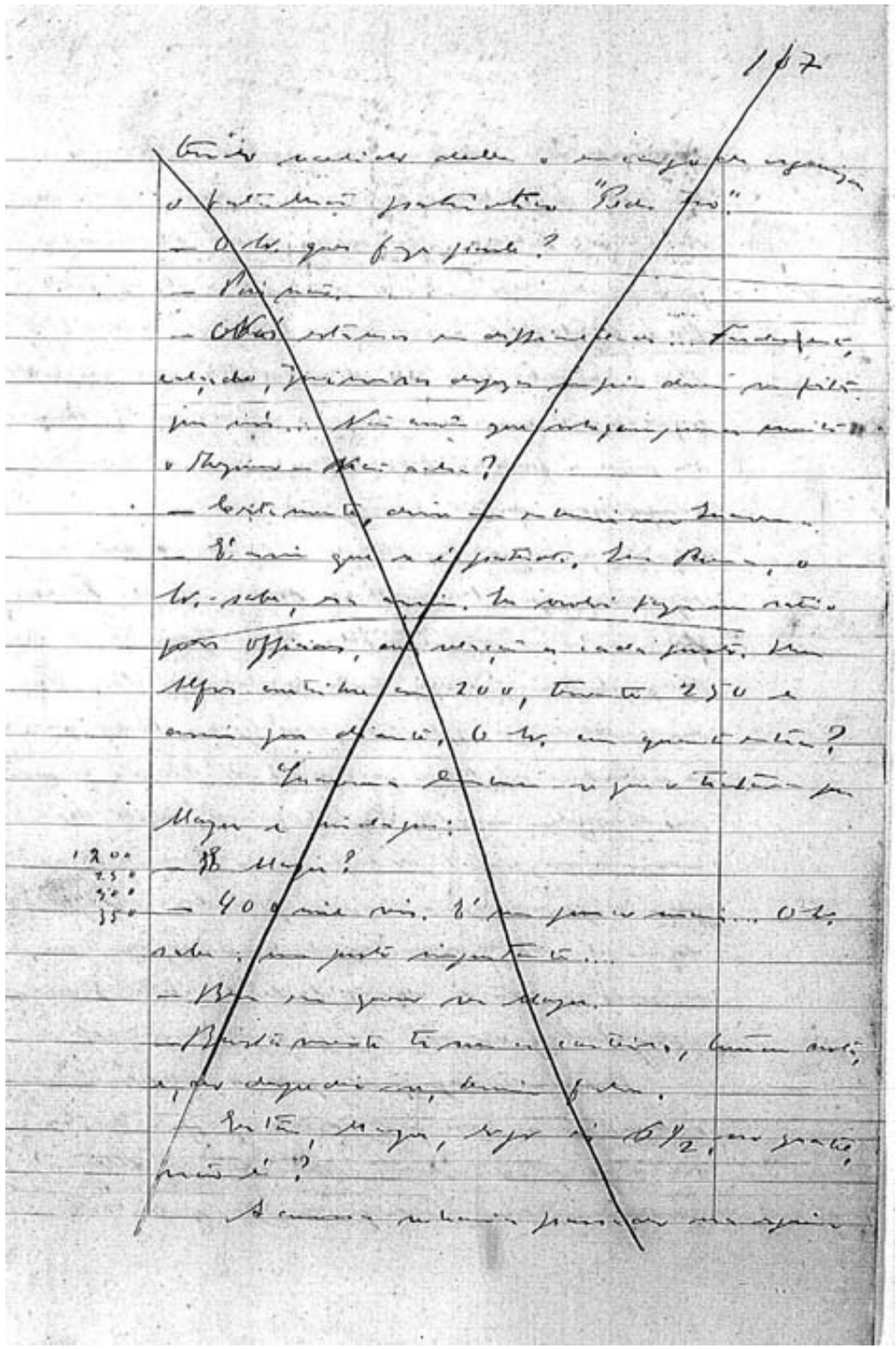


Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

do Arsenal de Pernambuco, nem energia tinha para / assinar o expediente respectivo; e, ~~no~~ [[durante o seu]] ministério da / guerra, passava meses e meses sem lá ir, deixando / tudo por assinar. Quem conhece a atividade papeleira / de um Colbert, de um Napoleão, de um Filipe II, / de um ~~Su~~ [[Guilherme]] I, da Alemanha, fica assombrado / que em nosso grande estadista fosse assim. Dessa / sua preguiça de agir e de pensar, vinha o seu mutismo, / ~~a sua~~ [[os]] seus misteriosos monossílabos, as <u>famosas</u> / encruzilhadas dos <u>talvezes</u>, que tanto reagiram sobre / as inteligências e sobre as imaginações. ~~Tíbio / de ânimo, ele o era.~~ [*rasurado*] ~~à presidência, devia / à sua preguiça que o fez~~ [*rasurado*]. Os seus inimigos / dizem que ele traía; é um [[combinado]][78] engano: ele tinha / preguiça de se agitar, de se mover. Essa medida [[e doentia]] / preguiça, [*termos rasurados*]~~,~~ [[~~por assim dizer~~]] fazia-o andar de chinelos / e elevou-o à presidência. Toda a gente sabe como / foram os seus primeiros meses. A braços com o levante / de [*rasurado*] numa fortaleza, tendo mandado fazer um / inquérito; ele o abafou com medo de outra sedição / e os apontados como instigadores tiveram as melhores / e as mais altas recompensas. O homem forte! Demais, / ninguém pode admitir um homem forte, um César, / um Napoleão, que tenha com os seus subalternos / as intimidades, as condescendências que ele tinha.

Folha 130 (frente).

[78] Não está claro se "combinado" se liga aqui, ou à linha de baixo, "[[combinado]] de se mover".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

tendo recebido dele o encargo de organizar / o batalhão patriótico "Pedro Ivo".

– O Sr. quer fazer parte?

– Pois não.

– Nós estamos em dificuldades... Fardamento, / calçado, primeiras despesas enfim devem ser feitas / por nós... Não convém que sobrecarreguemos muito / o Regime – Não acha?

– Certamente, disse com entusiasmo Quaresma.

– É assim que se é patriota... Em Roma, o / Sr. sabe, era assim. Eu resolvi fazer um rateio / pelos oficiais, em relação a cada posto. Um / Alferes contribui com 200, tenente 250 e / assim por diante. O Sr. em quanto entra?

Quaresma lembrou-se que o tratavam por / Major e indagou:

– E Major?

– 400 mil réis. É um pouco mais... O Sr. / sabe: um posto importante...

– Bem eu quero ser Major.

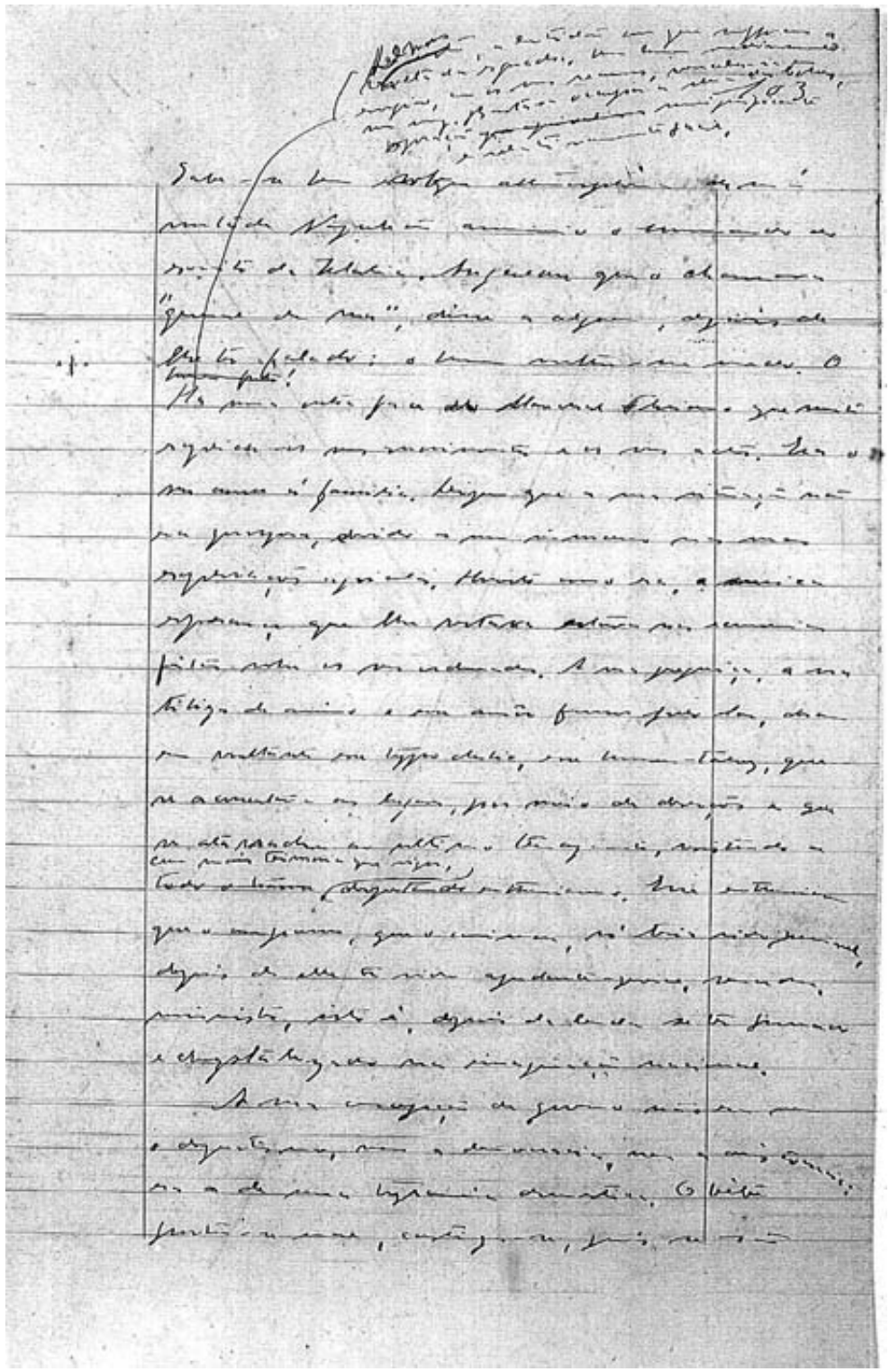
– Bustamante tirou a carteira, tomou nota, / e, ao despedir-se, assim falou:

– Então, Major, Logo às 6 ½ no quartel, / não é?

A conversa se havia passado na esquina[79]

Folha 130 (verso).

[79] Todo o texto desta página está riscado por três grandes traços cruzados. Cf. folha 135 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Sabe-se bem sob que atmosfera de má / vontade Napoleão assumiu o comando do / exército da Itália. Augereau que o chamava / "general de rua", disse a alguém, depois de / lhe ter falado: o homem meteu-me medo. [[O / ~~homem forte!~~]]

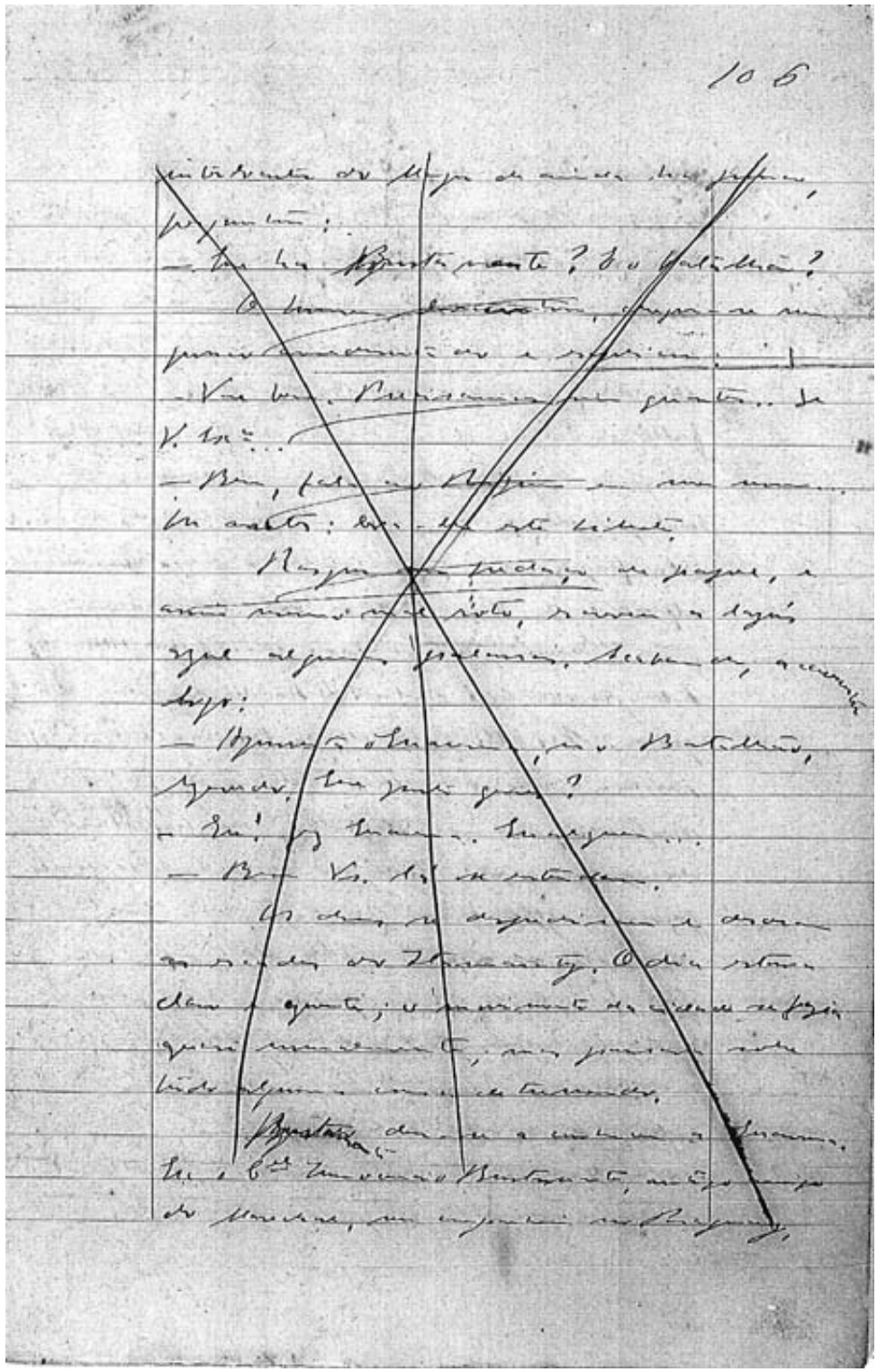
{{~~De resto~~ [[Demais]], a lentidão com que sufocou a / revolta da esquadra, um homem medianamente / enérgico, com os seus recursos, vencê-la-ia em / uma vez. Bastava ocupar a ilha das Cobras / operação [*rasurado*] insignificante / e relativamente fácil.}}[80]

Há uma outra face do Marechal Floriano que muito / explica os seus movimentos e os seus atos. Era o / seu amor à família. Dizem que a sua situação não / era próspera, devido a um insucesso nas suas / explorações agrícolas. Honesto como era, a única / esperança que lhe restava estava nas economias / feitas sobre os seus ordenados. A sua preguiça, a sua / tibieza de ânimo e o seu amor fervoroso pelo lar, deram / em resultado esse tipo dúbio, esse homem-talvez, que / se acorrentava aos lugares, por meio de deserções e que / se atarraxara ao último tenazmente, resistindo a / ~~todo o~~ [*rasurado*], {{com mais teimosia que vigor,}} despertando entusiasmo. Esse entusiasmo / que o amparara, que o animara, só teria sido possível, / depois de ter ele sido ajudante-general, senador, / ministro, isto é, depois da lenda se ter firmado / e cristalizado na imaginação nacional.

A sua concepção de governo não era nem / o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia: / era a de uma tirania doméstica. O bebê / portou-se mal, castiga-se, pois se são

Folha 131 (frente).

[80] Manuscrito no topo da página, unido a este ponto por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

interlocutor do Major de ainda agora, / perguntou:

– Que há, ~~Aze~~ [[Bustamante]]? E o batalhão?

O homem levantou, chegou-se um / pouco amedrontado e explicou:

– Vai bem. Precisamos um quartel... Se / V. Exª...

– Bem, fala ao Rufino em meu nome... / Ou antes: leva-lhe este bilhete.

Rasgou um pedaço de papel, e / assim mesmo mal roto, escreveu a lápis / azul algumas palavras. Acabando, acrescentou / logo:

– Aproveita o Quaresma no Batalhão, / Azevedo. Que posto queres?

– Eu! fez Quaresma. Qualquer...

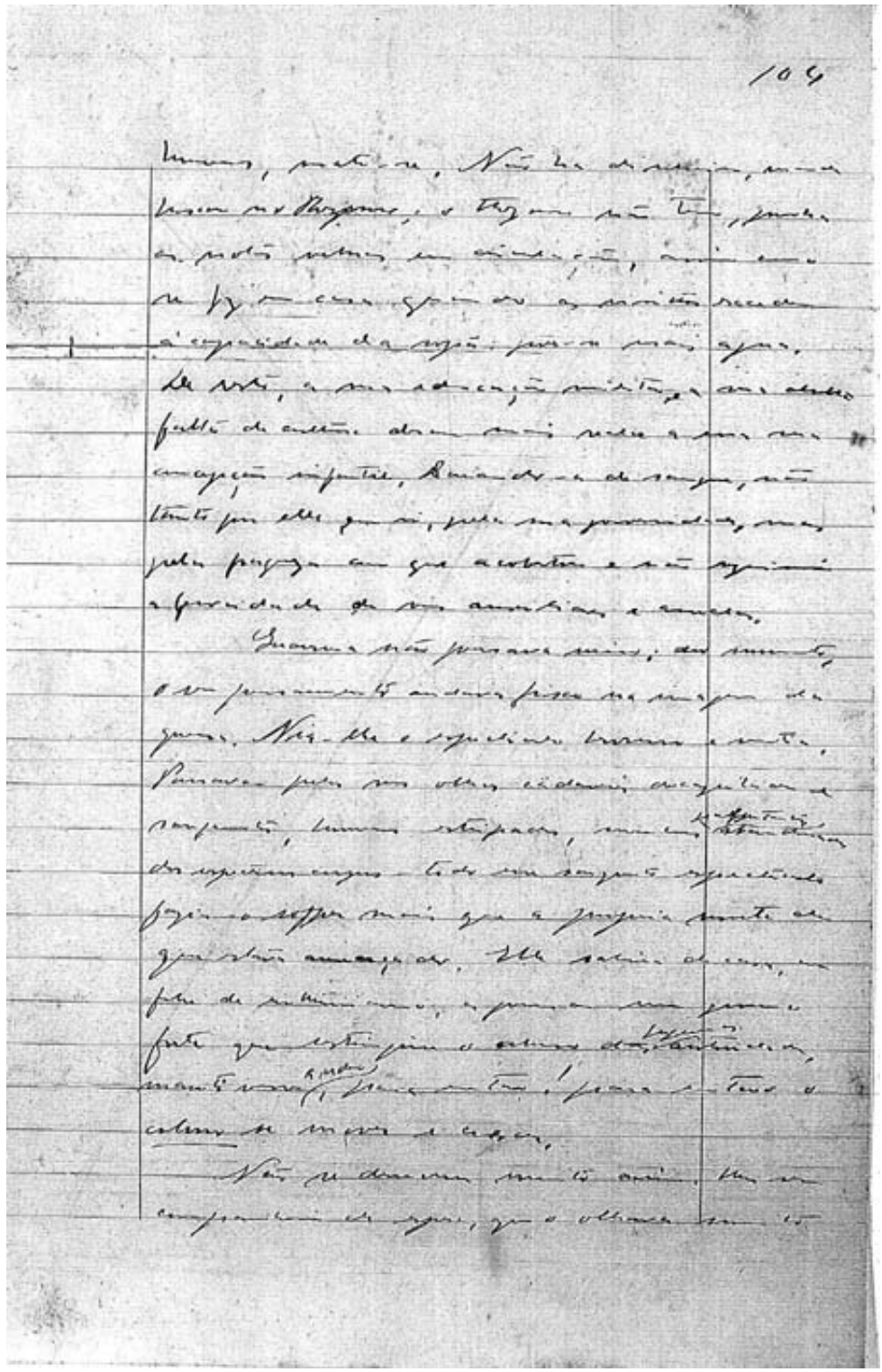
– Bem. Vs. lá se entendem.

Os dous se despediram e desceram / as escadas do Itamarati. O dia estava / claro e quente; o movimento da cidade se fazia / quase normalmente; mas pairava sobre / tudo alguma coisa de tremendo.

[*rasurado*] [[Bustamante]] deu-se a conhecer a Quaresma. / Era o C^{el} Innocencio Bustamante, antigo amigo / do Marechal, seu companheiro no Paraguai.[81]

Folha 131 (verso).

[81] Todo o texto desta página está riscado por três grandes traços cruzados. Cf. folhas 129 (verso) e 134 (frente).



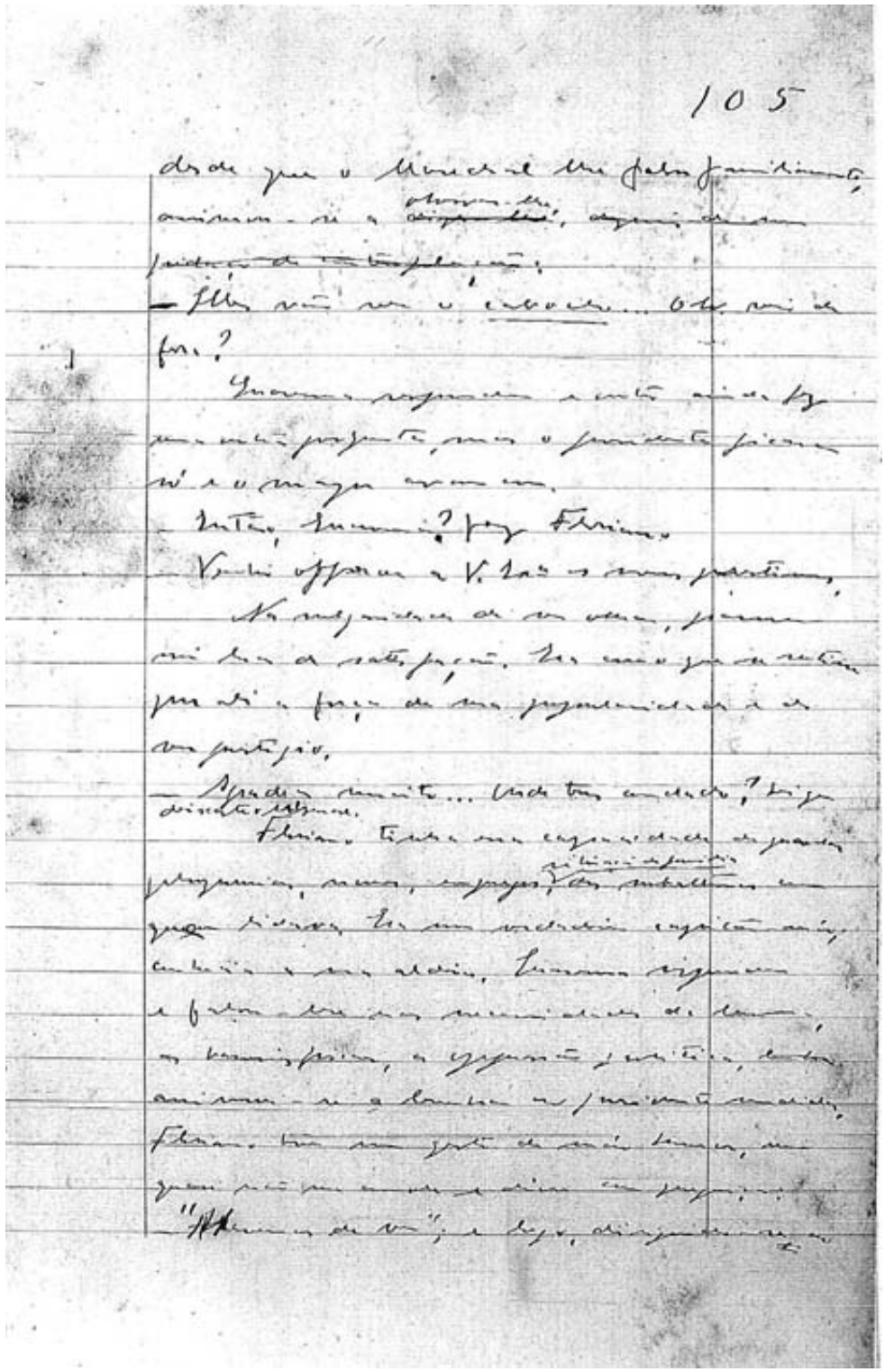
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

homens, mata-se. Não há dinheiro, manda / buscar no Tesouro; o Tesouro não tem, ponha / as notas velhas em circulação, assim como / se faz em casa quando as visitas excedem / a capacidade da sopa: põe-se mais água. / De resto, a sua educação militar, e a sua absoluta / falta de cultura deram mais realce a essa sua / concepção infantil, raiando-a de sangue, não / tanto por ele em si, pela sua perversidade, mas / pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu / a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas.

Quaresma não pensava nisso; no momento, / o seu pensamento andava fixo na imagem da / guerra. Via-lhe o expectado homem e sentia. / Passavam pelos seus olhos cadáveres decapitados e / sangrentos, homens estripados, sonhos [[afugentados,]] abandonados / dos respectivos corpos – todo um sangrento espetáculo / fazia-o sofrer mais que a própria morte de / que estava ameaçado. Ele saíra de casa, com / falta de entusiasmo, a pensar num governo / forte que restringiria o abuso das [[pequenas]] autoridades, / mantivesse [[a ordem]], para então! para então o / colosso se mover e crescer.

Não se demorou muito assim. Um seu / companheiro de espera, que o olhava muito

Folha 132 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

desde que o Marechal lhe falou familiarmente, / animou-se a ~~dizer-lhe, depois de um~~ [[observar-lhe]] / ~~pedaço de interpelação~~:

– Eles vão ver o caboclo... O Sr. veio de / fora?

Quaresma respondeu e outro ainda fez / uma outra pergunta, mas o presidente ficara / só e o major avançou.

– Então, Quaresma? fez Floriano.

– Venho oferecer a V. Exª os meus préstimos.

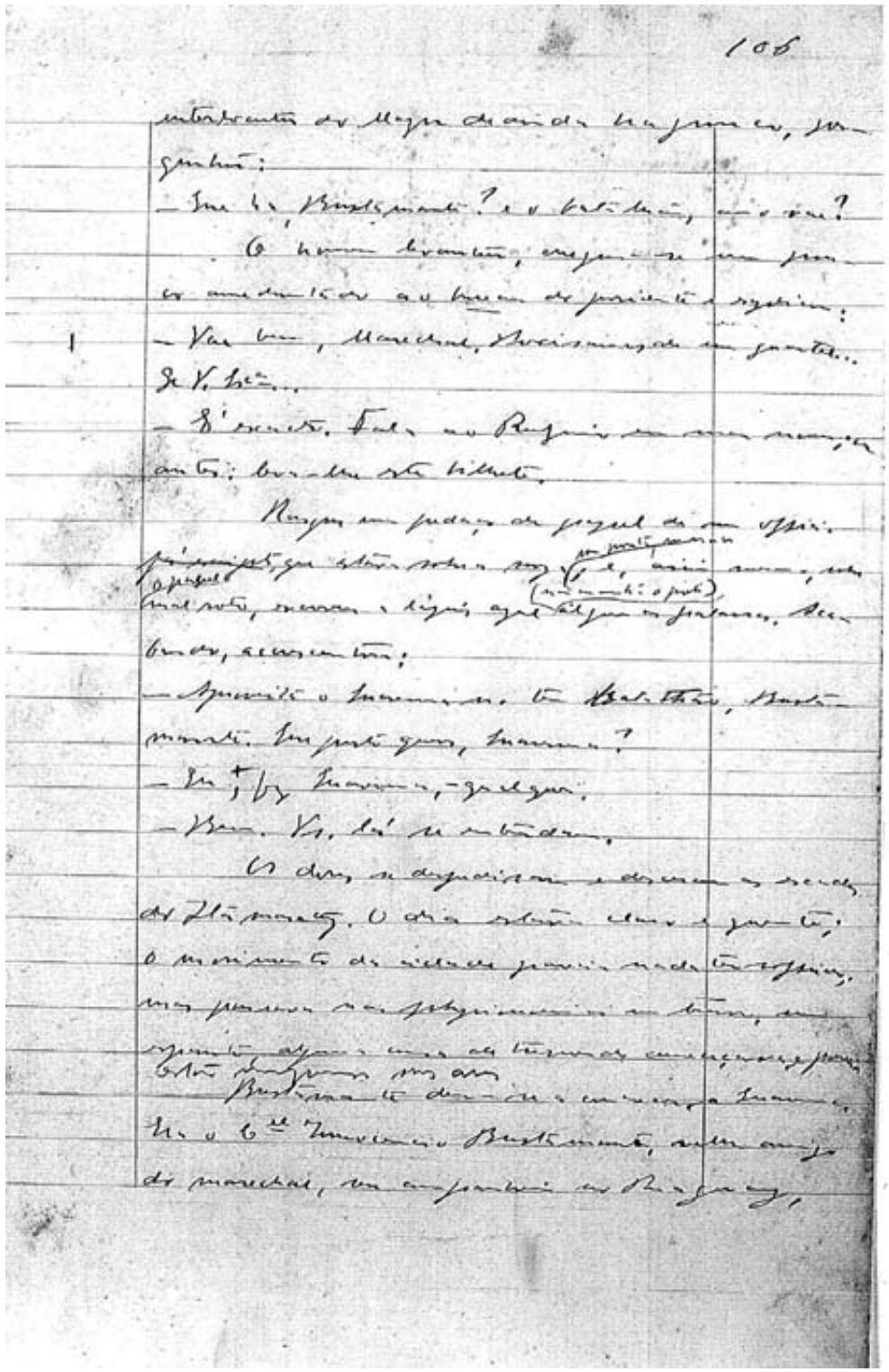
Na vulgaridade de seus olhos, passou / um luar de satisfação. Era como que se sentisse / por aí a força de sua popularidade e de / seu prestígio.

– Agradeço muito... Onde tens andado? {{Sei que / deixaste o Arsenal.}}

Floriano tinha essa capacidade de guardar / fisionomias, nomes, empregos, [[situações da família]] dos subalternos com / quem lidava. Era um verdadeiro capitão-mor; / conhecia a sua aldeia. Quaresma respondeu / e falou-lhe nas necessidades de Curuzu, / as barreiras fiscais, a oposição partidária, ~~lembrou~~ / animou-se a lembrar ao presidente medidas. / Floriano teve um gesto de mau humor, um / quase não amole e disse com preguiça:

– [*rasurado*] [[“Havemos]] de ver”; e logo, dirigindo-se ao

Folha 133 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

interlocutor do Major de ainda agora, per-/guntou:

– Que há, Bustamante? e o batalhão, como vai?

O homem levantou, chegou-se um pou-/co amedrontado ao bureau do presidente e explicou:

– Vai bem, Marechal. Precisamos de um quartel... / Se V. Exª...

– É exato. Fala ao Rufino em meu nome; ou / antes: leva-lhe este bilhete.

Rasgou um pedaço de papel de um ofício / ~~já escrito~~, que estava sobre a mesa [[bem perto, na mão]]; e, assim mesmo, sobre / [[o papel]] mal roto, escreveu a lápis azul [[(não encontra o preto)]] algumas palavras. Aca-/bando, acrescentou:

– Aproveita o Quaresma no teu batalhão, Busta-/mante. Que posto queres, Quaresma?

– Eu, fez Quaresma, qualquer.

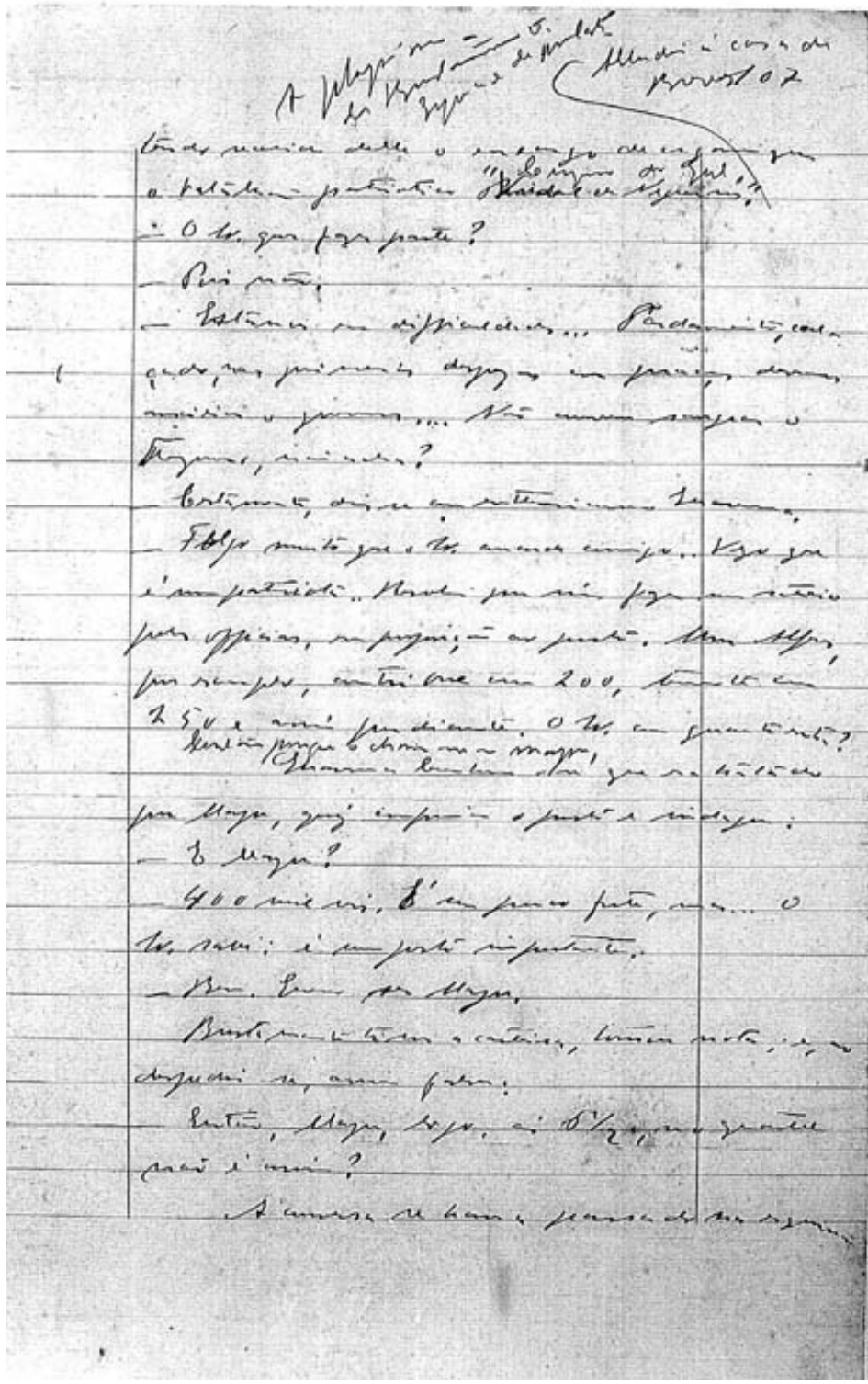
– Bem. Vs. lá se entendam.

Os dous se despediram e desceram as escadas / do Itamarati. O dia estava claro e quente; / o movimento da cidade parecia nada ter sofrido; / mas pairava nas fisionomias um terror, um / espanto, alguma coisa de tremendo ameaçava~~.~~ {{e parecia / estar suspenso nos ares.}}

Bustamante deu-se a conhecer a Quaresma. / Era o Cel Innocencio Bustamante, velho amigo / do marechal, seu companheiro do Paraguai,[82]

Folha 134 (frente).

[82] Cf. folhas 129 (verso) e 131 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

tendo recebido dele o encargo de organizar / o batalhão patriótico "~~Pedro~~ [[Vidal]] de Negreiros" [[Cruzeiro do Sul]]. / {{A fisionomia / de Bustamante. / Espécie de mulato. / Aludir à casa de / Breves}}[83]

– O senhor quer fazer parte?

– Pois não.

– Estamos em dificuldades... Fardamento, cal-/çado, nas primeiras despesas com praças devemos / auxiliar o governo... Não convém sangrar o / Tesouro, não acha?

– Certamente, disse com entusiasmo Quaresma.

– Folgo muito que o Sr. concorde comigo... Vejo que / é um patriota... Resolvi por isso fazer um rateio / pelos oficiais, em proporção ao posto. Um Alferes, / por exemplo, contribui com 200, tenente com / 250 e assim por diante. O Sr. com quanto entra?

{{Então porque o chamavam major,}}

Quaresma lembrou-se que era tratado / por Major, quis conferir o posto e indagou:

– E Major?

– 400 mil réis. É um pouco forte, mas... O / Sr. sabe: é um posto importante.

– Bem. Quero ser Major.

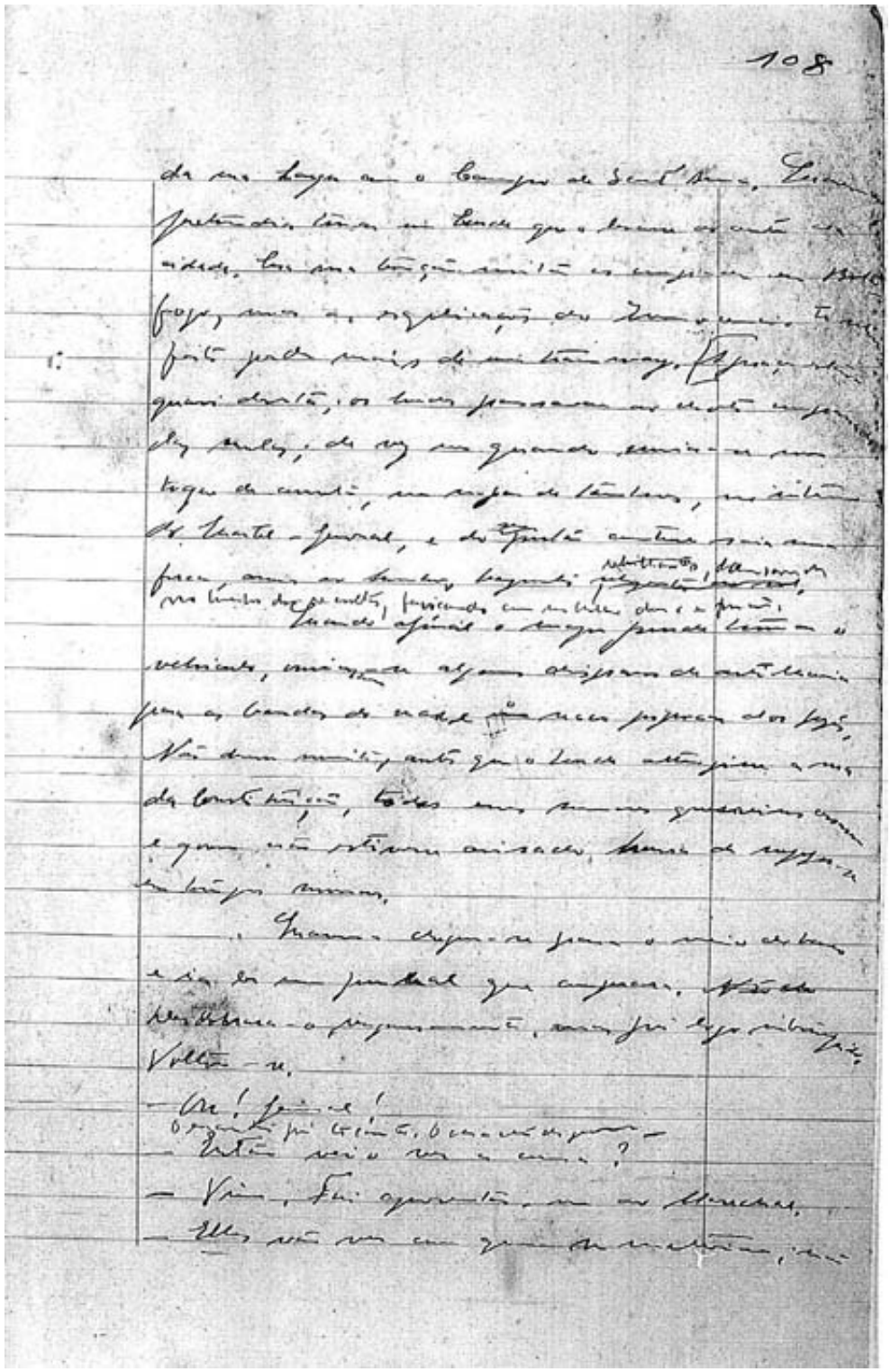
Bustamante tirou a carteira, tomou nota; e, ao / despedir-se, assim falou:

– Então, Major, logo, às 6 ½, no quartel / não é assim?

A conversa se havia passado na esquina

Folha 135 (frente).

[83] O trecho entre chaves duplas está manuscrito no topo da página, ligado a este ponto por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

da rua Larga com o Campo de Sant'Ana. Quaresma / pretendia tomar um bonde que o levasse ao centro da / cidade. Era sua tenção visitar o compadre em Bota-/fogo, mas as explicações do Itamarati o tinham / feito perder mais de um trainway. [A praça estava / quase deserta; os bondes passavam ao chouto compassado / das mulas; de vez em quando ouvia-se um / toque de corneta, um rufar de tambores, no interior / do Quartel-General, e do [[seu]] portão central saía uma / força, armas ao ombro, baionetas ~~reluzentes ao sol.~~ [[~~rebrilhando~~, descansando]] / {{nos ombros dos recrutas, faiscando com um brilho duro e [*ilegível*].}}

Quando afinal o major pôde tomar o / veículo, ouvi~~u~~[[ram]]-se alguns disparos de artilharia / para as bandas do mar, [[e]] ~~um~~ [[o]] seco pipocar de fogos. / Não durou muito; antes que o bonde atingisse a rua / da Constituição, todos esses rumores guerreiros cessaram / e quem não estivesse avisado havia de supor-se / em tempos normais.

Quaresma chegou-se para o meio do banco / e ia ler um jornal que comprara. ~~Não che~~ / Desdobrara-o vagarosamente, mas foi logo interrompido. / Voltou-se.

– Oh! General!

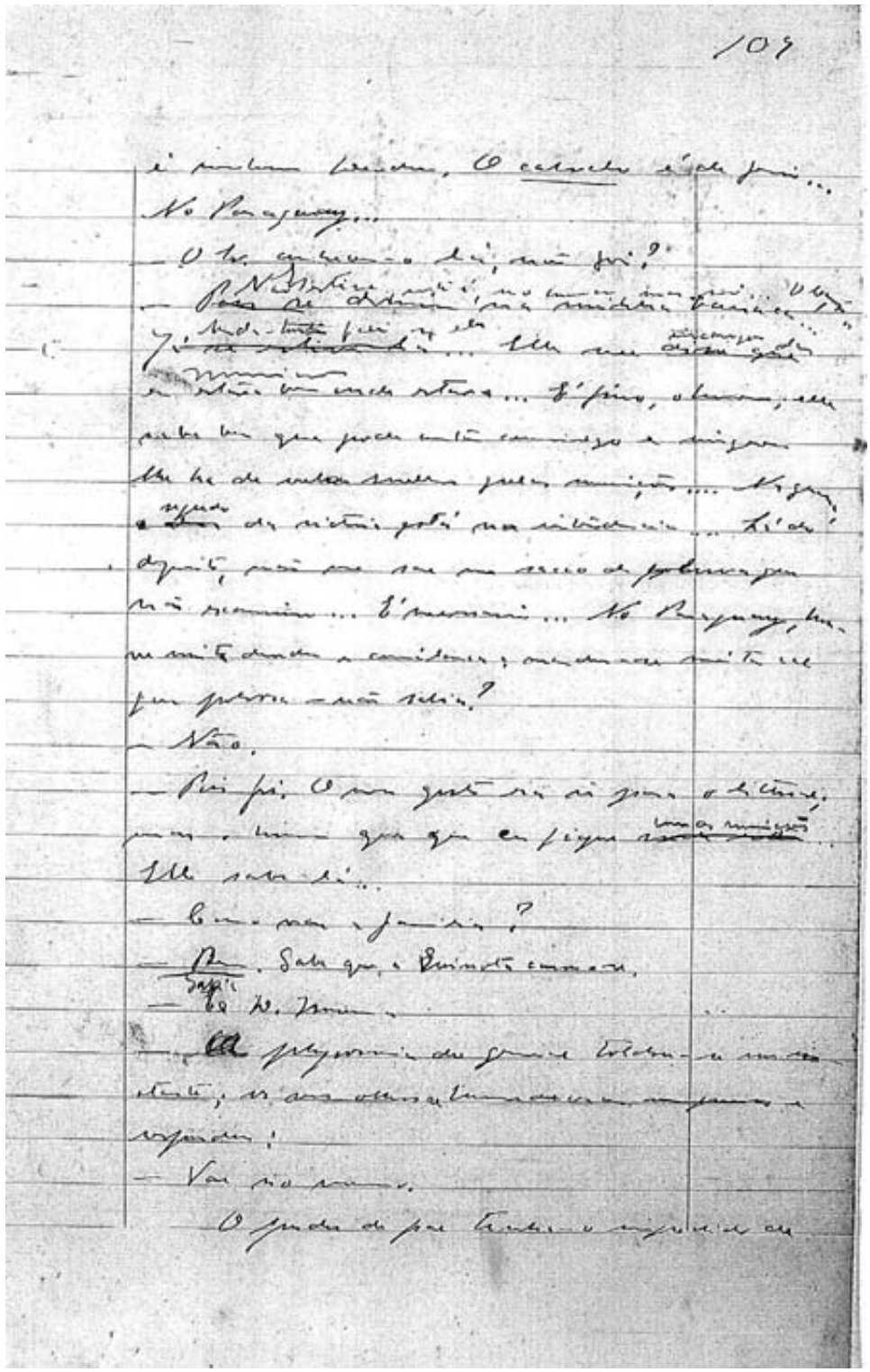
{{O encontro foi tocante. O coração do general

– Então veio ver a cousa?

– Vim. Fui apresentar-me ao Marechal.

– <u>Eles</u> vão ver com quem se meteram; não

Folha 136 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

é nenhum Deodoro. O caboclo é de ferro... / No Paraguai...

– O Sr. conheceu-o lá, não foi?

– ~~Pois se~~ dormiu na minha barraca... {{Não ~~es~~[[Es]]tive, isto é, no começo, mas sei... O Campos...}} / ~~Já se estive lá~~ [[Ainda tento falar com ele]]...Ele me ~~disse que~~ [[encarregou das]] / [[munições]] eu estava bem onde estava... É fino, o homem; ele / sabe bem que pode contar comigo e ninguém / lhe há de velar melhor pelas munições... Na guerra, / ~~a~~ [[o]] ~~alma~~ [[segredo]] da vitória está na intendência... Lá do / depósito, não me sai um saco de pólvora que / não examine... É necessário... No Paraguai, hou-/ve muita desordem e comilança: mandou-se muita cal / por pólvora – não sabia?

– Não.

– Pois foi. O meu gôsto era ir para o litoral; / mas o homem quer que eu fique ~~onde estou~~ [[com as munições]]... / Ele sabe lá...

– Como vai a família?

– Bem. [[Sabe que Quinota casou-se.]]

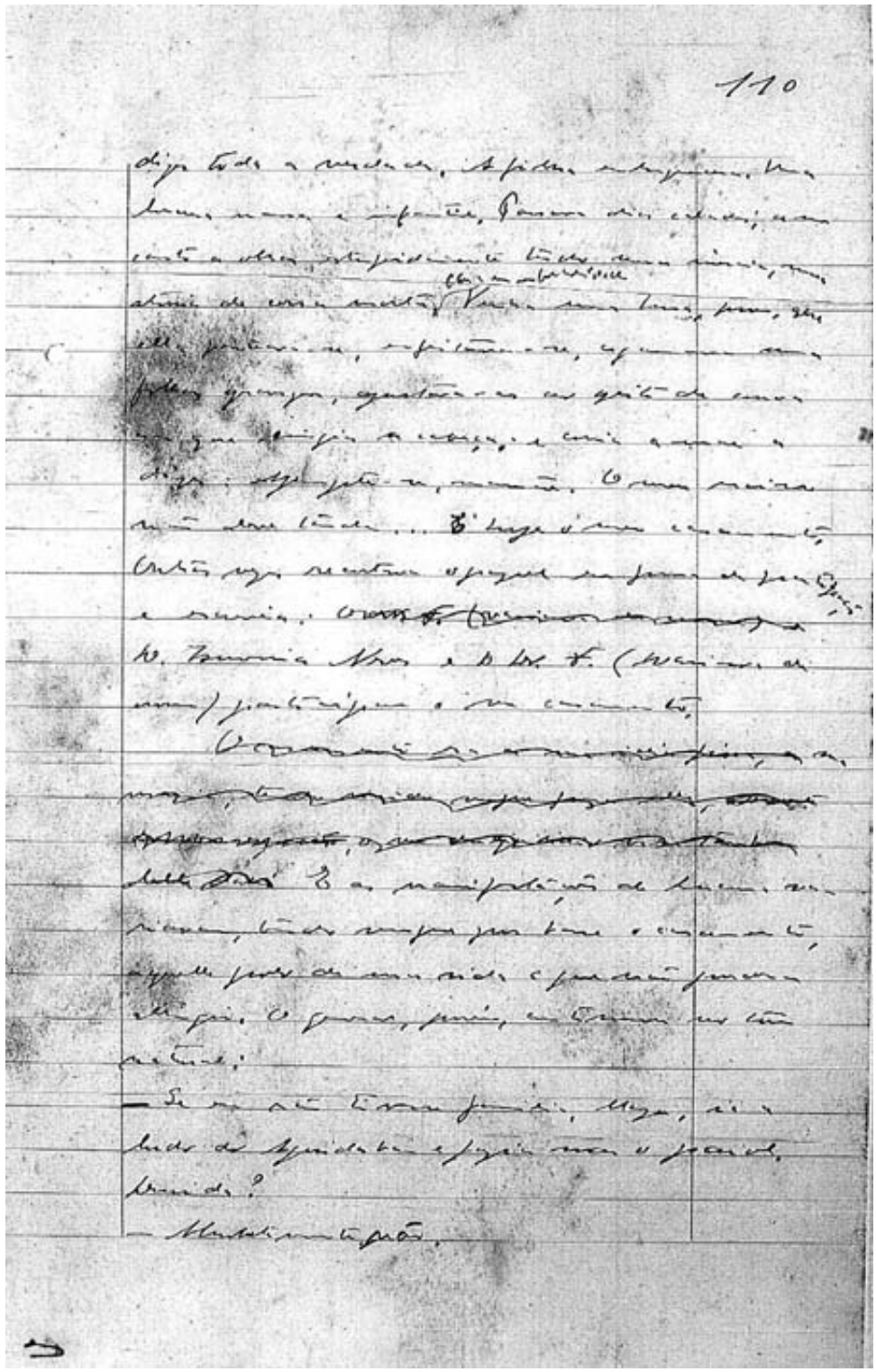
– [[Sabia.]] E D. Ismenia.

– ~~O~~ A fisionomia do general toldou-se um ins-/tante; os seus olhos se iluminaram ~~um pouco~~ e / respondeu:

– Vai no mesmo.

O pudor de pai tinha-o impedido de

Folha 137 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

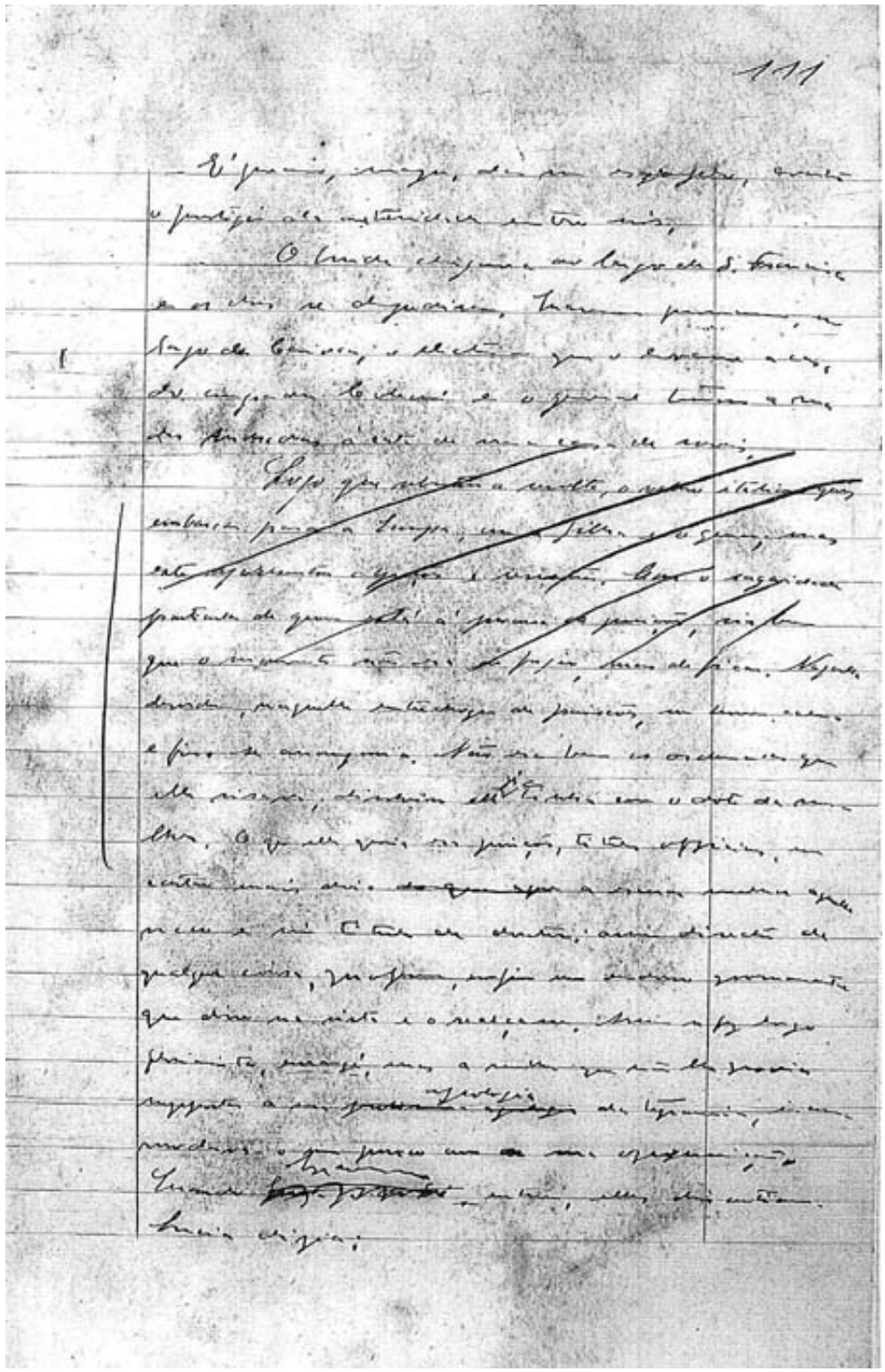
dizer toda a verdade. A filha enlouquecera. Uma / loucura mansa e infantil. Passava dias calada; a um / canto a olhar estupidamente tudo, numa inércia, numa / atonia de coisa morta~~.~~[[, caíra em imbecilidade.]] Vinha uma hora, porém, que / ela penteava-se, enfeitava-se, agarrava umas / folhas, grampos, ajustava-as ao jeito de coroa / com que cingia a cabeça; e corria à mãe a / dizer: Apronta-me, mamãe. O meu noivo / não deve tardar... É hoje o meu casamento. / Outras vezes recortava o papel em forma de participação / e escrevia: ~~O dr. F. (variava de noivo) e~~ / D. Ismenia Neves e o Dr. F. (variava de / noivo) participam o seu casamento.

~~O casamento era a sua idéia fixa, a sua / mania, tendo vivido sempre para ele,~~ [*rasurado*]~~ / ~~[*termos rasurados*]~~, o seu desequilíbrio vinha também / dele, daí~~ E as manifestações de loucura va-/riavam, tendo sempre por base o casamento, / aquele sonho de uma vida que não pudera / atingir. O general, porém, continuou com tom / natural:

– Se eu não tivesse família, Major, ia ao / lado do Aquidabã e fazia voar o paiol. / Duvida?

– Absolutamente~~.~~[[, não.]]

Folha 138 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

111

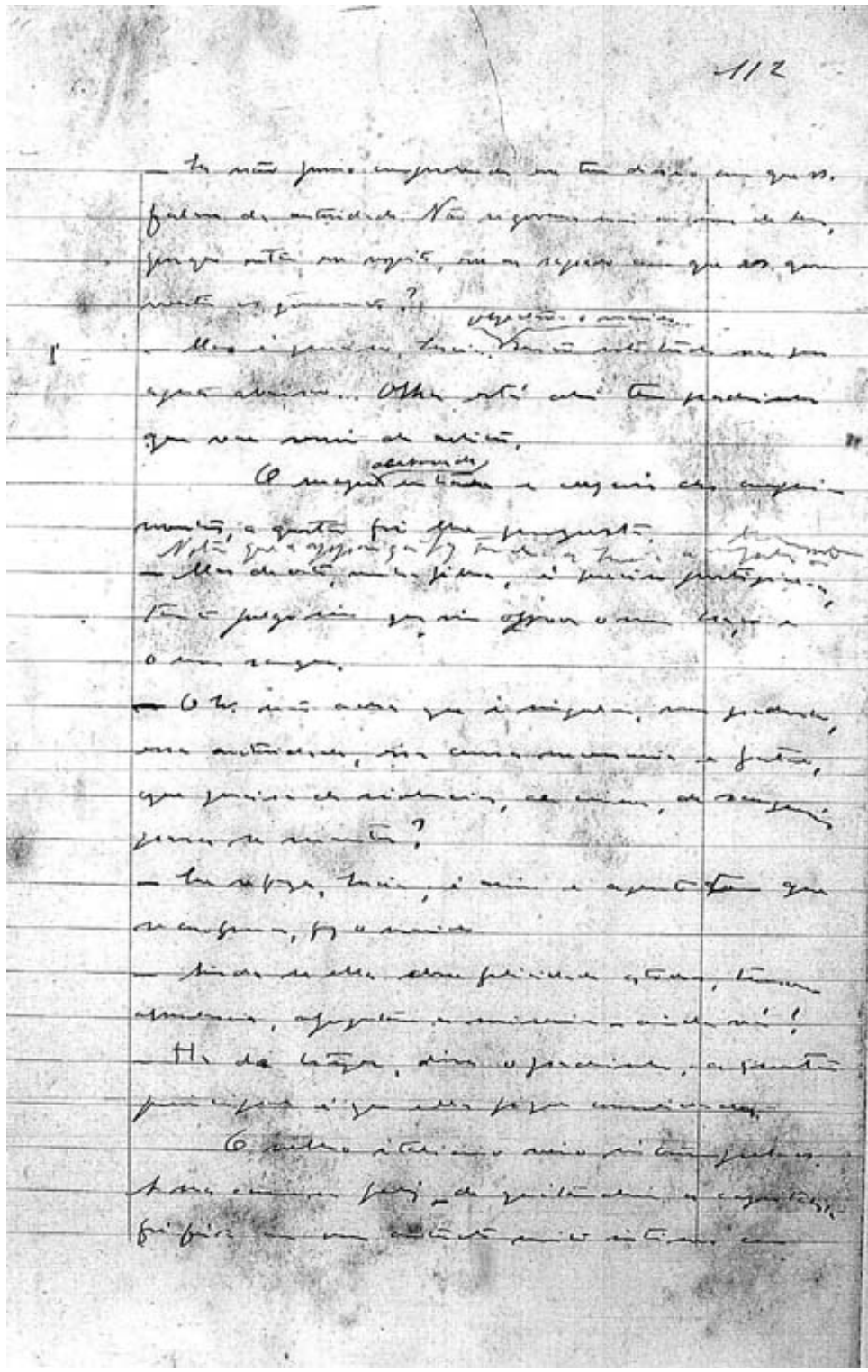
– É preciso, major, dar um exemplo, consertar / o prestígio da autoridade entre nós.

O bonde chegara ao Largo de S. Francisco / e os dous se despediram. Quaresma procurou, no / Largo da Carioca, o elétrico que o levasse à casa / do compadre Coleoni e o general tomou a rua / dos Andradas à cata de uma casa de móveis.

Logo que rebentou a revolta, o velho italiano quis / embarcar para a Europa, com a filha e o genro; mas / este apresentou objeções e resistiu. Com a sagacidade / particular de quem está à procura de posições, via bem / que o momento não era de fugir, mas de ficar.[84] Naquela / desordem, naquele entrechoque de posições, um homem calmo / e frio se arranjaria. Não era bem os ordenados que / ele visava; dinheiro ele [[já]] tinha com o dote da mu-/lher. O que ele queria era posições, títulos oficiais, um / cartão mais óbvio ~~do que aque~~ a [*ilegível*] mulher [[aquela]] / rica e seu título de doutor; assim diretor de / qualquer coisa, professor, enfim um endosso governamental / que desse na vista e o realçasse. Assim se fez logo / florianista, <u>enrangé</u>, mas a mulher que não lhe podia / suportar a sua [*rasurado*] ~~apologia~~ [[apologia]] da tirania, inco-/modava-o um pouco com a sua oposição. / Quando ~~Lúcia~~ [*rasurado*]~~,~~ [[Quaresma]] entrou, eles discutiam. / Lúcia dizia:

Folha 139 (frente).

[84] Todo o parágrafo, até aqui, está eliminado por sete riscos – três riscam a primeira frase, e quatro, a segunda.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Eu não posso compreender esse tom divino com que vs. / falam da autoridade. Não se governa mais em nome de Deus, / por que então esse respeito, esse ar sagrado com que vs. querem / revestir os governantes?

– Mas é preciso, Lúcia... [[objetou o marido.]] Se não isto tudo vai por / água abaixo. Olha está aí teu padrinho / que vai servir de árbitro.

O major [[acabava de]] entra~~va~~[[r]] e depois dos cumpri-/mentos, a questão foi lhe perguntada.

{{Notar que a aparição fez [*ilegível*] a Lúcia a [*termos ilegíveis*]}}

– Mas decerto, minha filha, é preciso prestigiá-la, / tanto julgo assim que vim oferecer o meu braço e / o meu sangue.

– O Sr. não acha que é singular, esse presidente, / essa autoridade, essa coisa necessária e fatal, / que precisa de violências, de crimes, de sangueiras / para se manter?

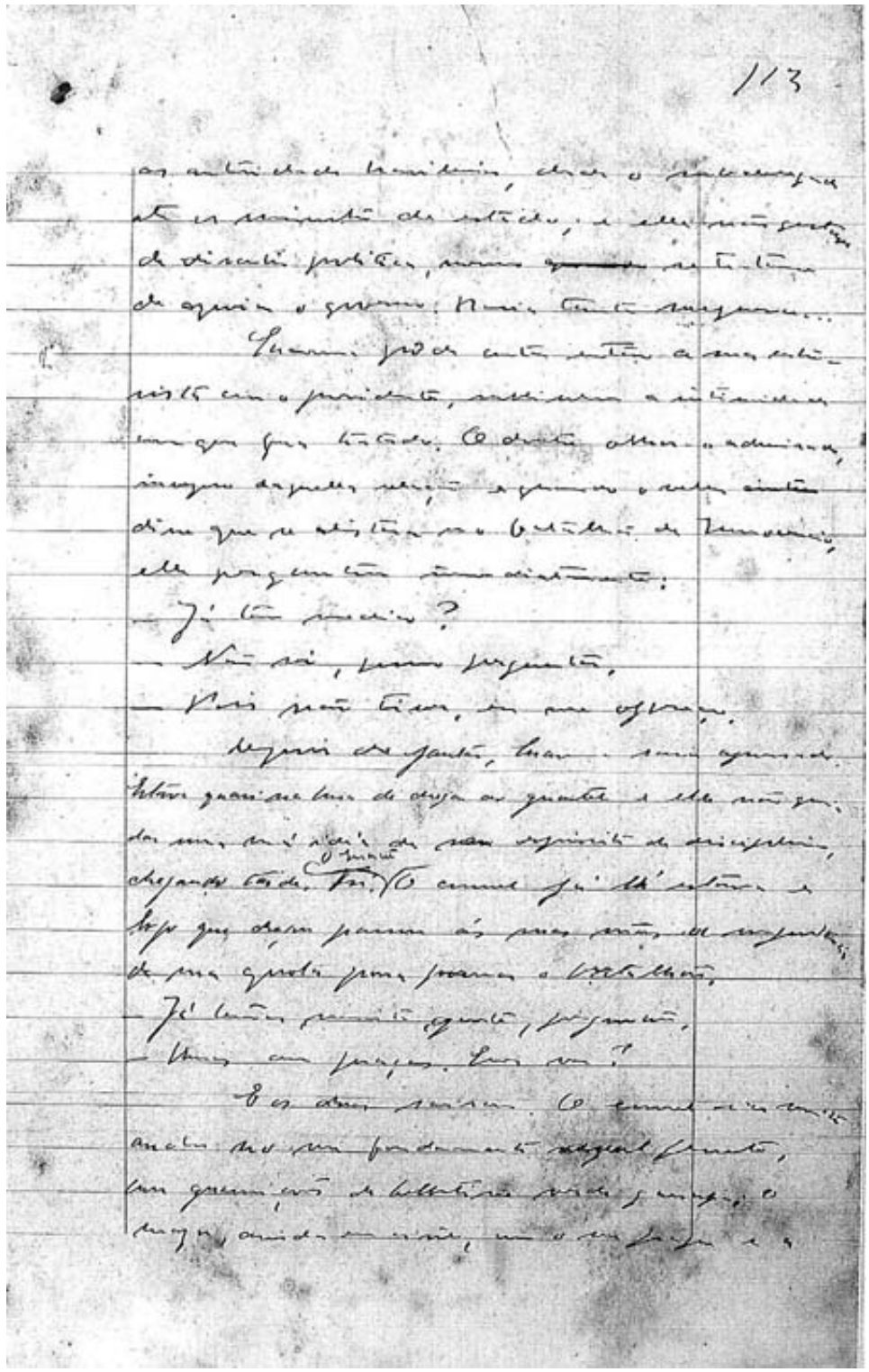
– Que se fazer, Lúcia; é assim e a gente tem que / se conformar, fez o marido.

– Ainda se ela desse felicidade a todos, trouxesse / abundância, afugentasse a miséria – ainda vá!

– Há de trazer, disse o padrinho; a questão / principal é que ela fique consolidada.

O velho italiano veio interrompê-los. / A sua carreira feliz de quitandeiro a capitalista / foi feita com esse contato muito íntimo com

Folha 140 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

as autoridades brasileiras, desde o subdelegado / até os ministros de estado; e ele não gostava / de discutir política, mesmo ~~quando~~ se tratasse / de apoiar o governo. Havia tanta surpresa...

Quaresma pôde contar então a sua entre-/vista como o presidente, sublinhou a intimidade / com que fôra tratado. O doutor olhou-o admirado, / invejoso daquela relação e quando o velho [*rasurado*] / disse que se alistara no batalhão de Innocencio, / ele perguntou imediatamente:

– Já tem médico?

– Não sei, posso perguntar.

– Pois não tiver, eu me ofereço.

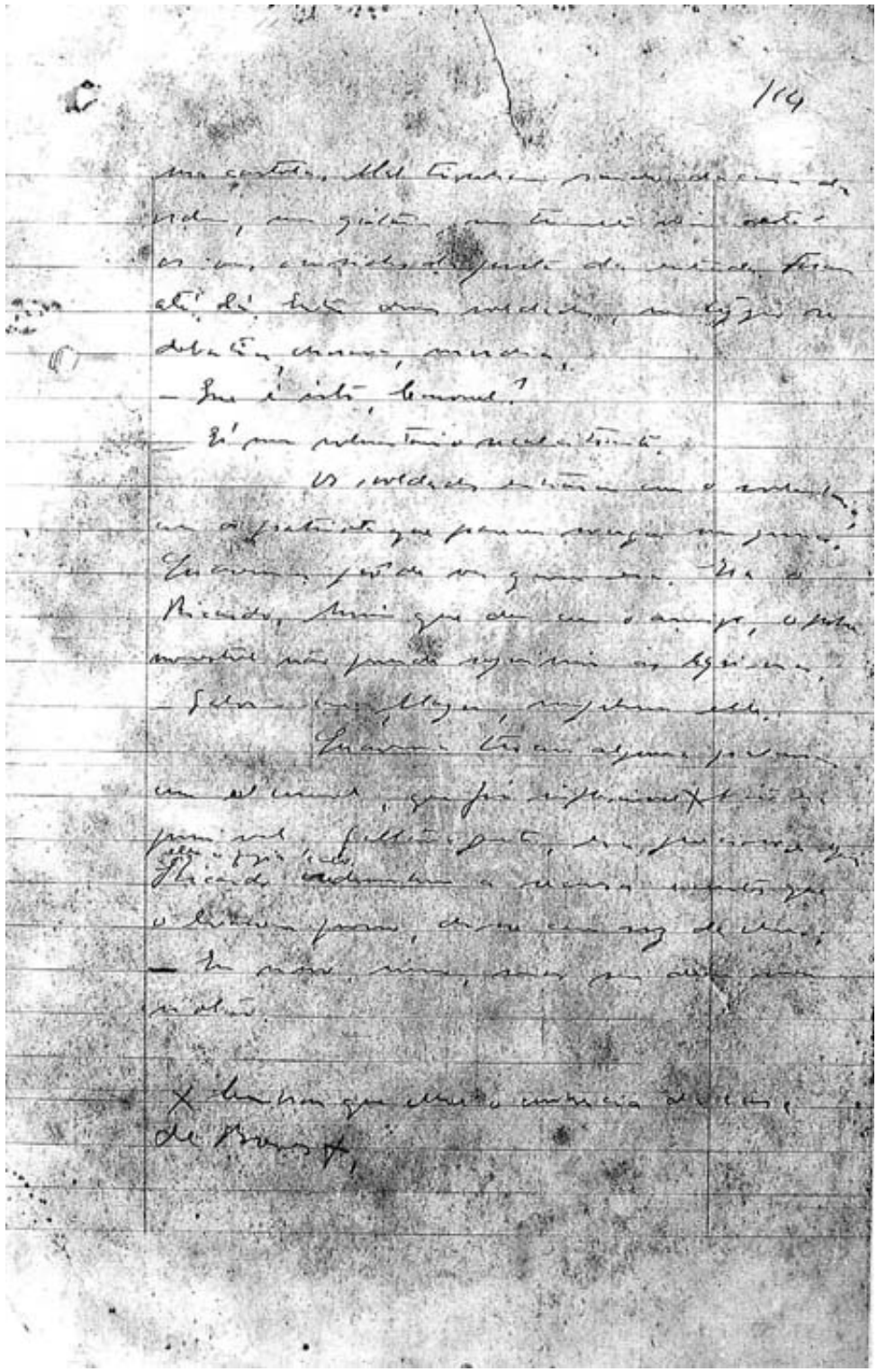
Depois de jantar, Quaresma saiu apressado. / Estava quase na hora de chegar ao quartel e ele não queria / dar uma má idéia de seu espírito de disciplina, / chegando tarde. Foi. [[O Quartel]] O coronel já lá estava e / logo que chegou passou às suas mãos a importância / de sua quota para formar o batalhão.

– Já temos muita gente, perguntou.

– Umas cem praças. Quer ver?

E os dous saíram. O coronel ia muito / ancho no seu fardamento ~~marcial~~ bonito, / com guarnições de brilhantina verde garrafa; o / major, ainda em civil, com o seu fraque e a

Folha 141 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

sua cartola. Mal tinham saído da casa da / ordem, uma gritaria, um tumulto veio até / os seus ouvidos da porta de entrada. Foram / até lá. Entre dous soldados, um tipo se / debatia, chorava, mordia.

– Que é isto, Coronel?

– É um voluntário recalcitrante.

Os soldados entraram com o voluntário, / com o patriota que parecia renegar um pouco. / Quaresma pôde ver quem era. Era o / Ricardo. Assim que deu com o amigo, o pobre / menestrel não pôde segurar as lágrimas.

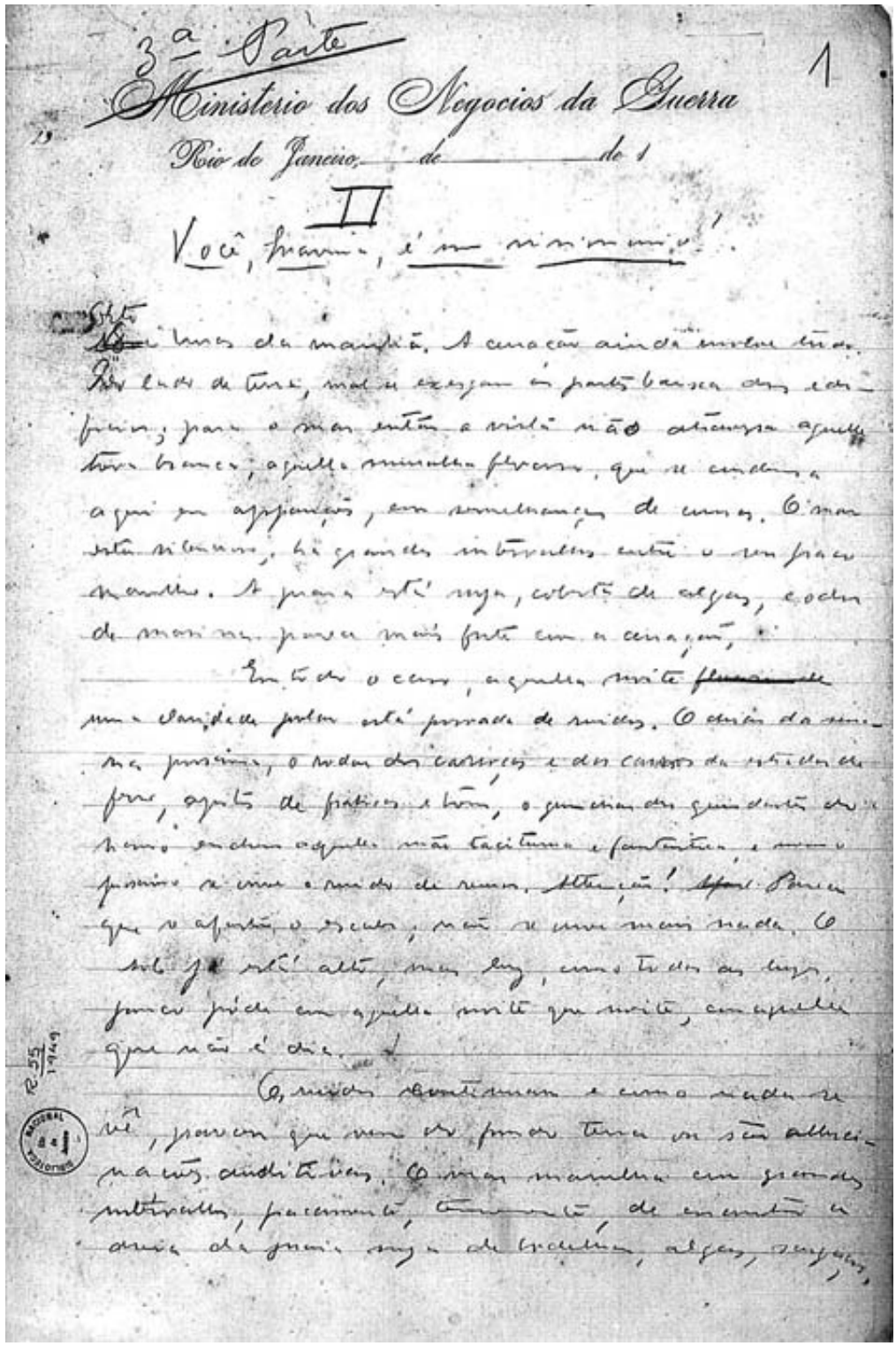
– Salve-me Major, implorou ele.

Quaresma trocou algumas palavras / com o coronel, que foi inflexível. {{lembrar que ele o conhecia da casa / de Breves}}[85] Não era / possível, faltava gente, era preciso. {{e mas / ele o fazia cabo.}} / Ricardo adivinhou a recusa e antes que / o levassem preso, disse com voz de choro:

– Eu sirvo, sim, mas me dêem meu / violão.

Folha 142 (frente).

[85] Manuscrito a lápis abaixo do corpo principal do texto, com indicação gráfica de sua localização.



3ª Parte

Ministerio dos Negocios da Guerra

1

Rio de Janeiro, de de 1

II

Você, Floriano, é um miserável!

Seis horas da manhã. A cerração ainda envolve tudo. Por entre as trevas, mal se enxergam as pardas barracas dos infantes; para o mar então a vista não alcança aquelle fundo branco; aquella immensidade fluctuante, que se confunde aqui em apparições, em semelhanças de cousas. O mar está silencioso, há grandes embrechados entre o nevoeiro e elle. A praia está vasia, coberta de algas, e todos de manhã parece mais forte com a cerração.

Entre o ceu, aquella massa fluctuante e a areia pardacenta jaz ainda parada de muitos. O clarão da manhã punha, o rodar dos carros e dos canhões da artilharia de fora, agitou de pratica a bom, o guarda-marinha guarda-marinha do meio, embora aquelle mau tacitumo e fantastico, e mesmo pusillanime a cima e muito de mais, attenção! Disse Floriano que o apanhou a escutar, mas se cousa mais nada. O sol já está alto, meu boy, como tu vês as luzes, parece já cheia aquella massa que muito, com aquella que não é dia.

R. 55 1949

Os navios abandonaram o meio da bahia, parece que mesmo os fundos tem os seus attractivos, os seus andrajos. O mar mandou com grandes multidões, pacientemente, tranquillo, de encontro a areia das praias suas de bacalhau, algas, sargaços,

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

3ª. Parte II 1

Você, Quaresma, é um visionário!...

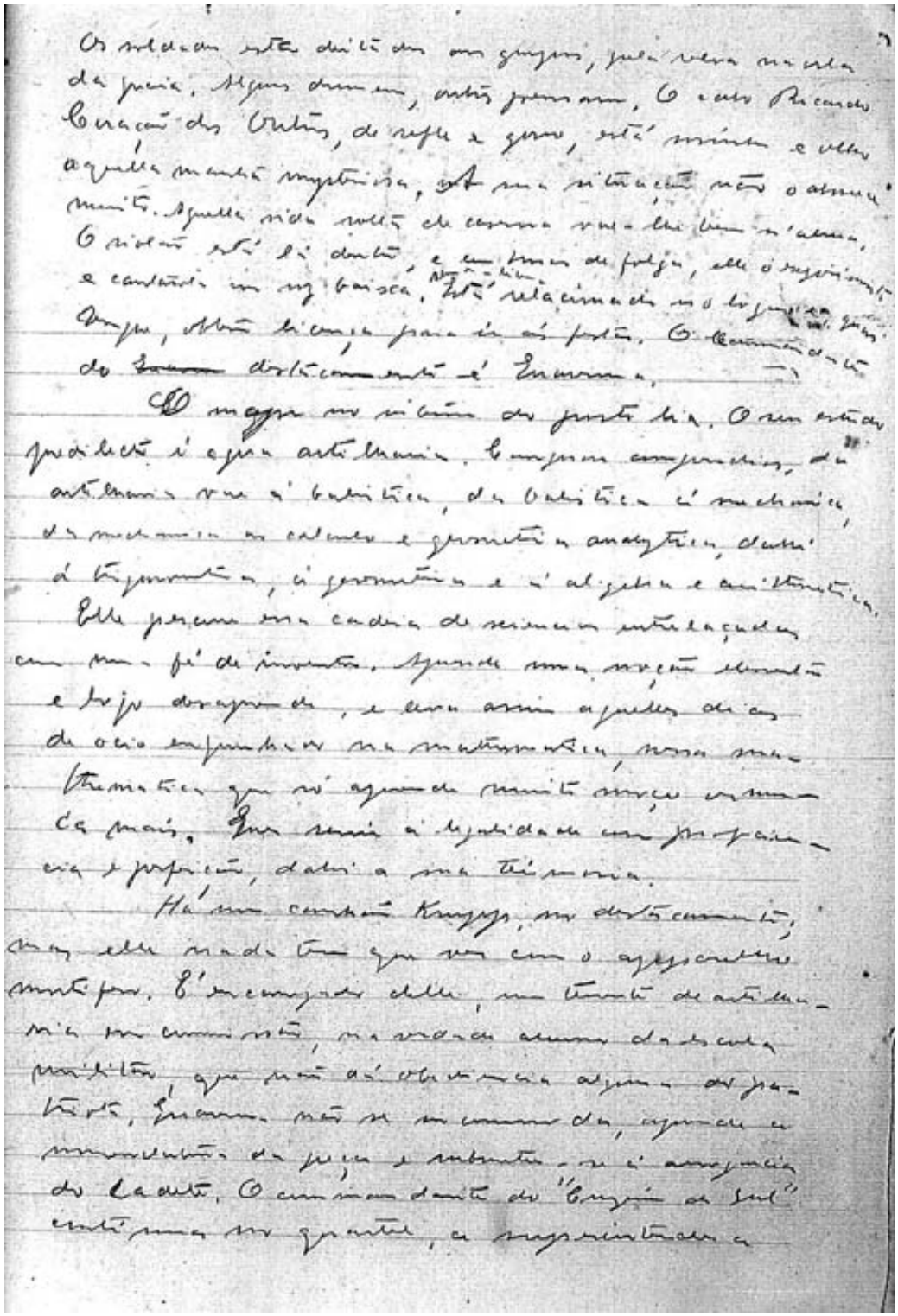
~~Nove~~ [[Oito]] horas da manhã. A cerração ainda envolve tudo. / Do lado da terra, mal se enxergam as partes baixas dos edi-/fícios; para o mar então a vista não atravessa aquela / treva branca, aquela muralha flocosa,[86] que se condensa / aqui em aparições, em semelhanças de coisas. O mar / está silencioso; há grandes intervalos entre o seu fraco / marulho. A praia está suja, coberta de algas, o odor / de marina parece mais forte com a cerração.

Em todo o caso, aquela noite ~~flocosa de~~ / uma claridade polar está povoada de ruídos. O chiar da ser-/ra próxima, o rodar das carroças e dos carros da estrada de / ferro, apitos de fábricas e trens, o guinchar de guindastes do / navio enchem aquela mãe taciturna e fantástica, e mesmo / próximo se ouve o ruído de remos. Atenção! Parece / que se afastou o escaler; não se ouve mais nada, O / sol já está alto, mas luz, como todas as luzes, / pouco pode com aquela noite de morte, com aquela / que não é dia.

Os ruídos continuam e como nada se / vê, parecem que vêm do fundo terra ou são aluci-/nações auditivas. O mar marulha com grandes / intervalos, fracamente, tenuemente, de encontro à / areia da praia suja de bodelha, algas, sargaços.

Folha 143 (frente).

[86] Cf. folha 157 (verso).



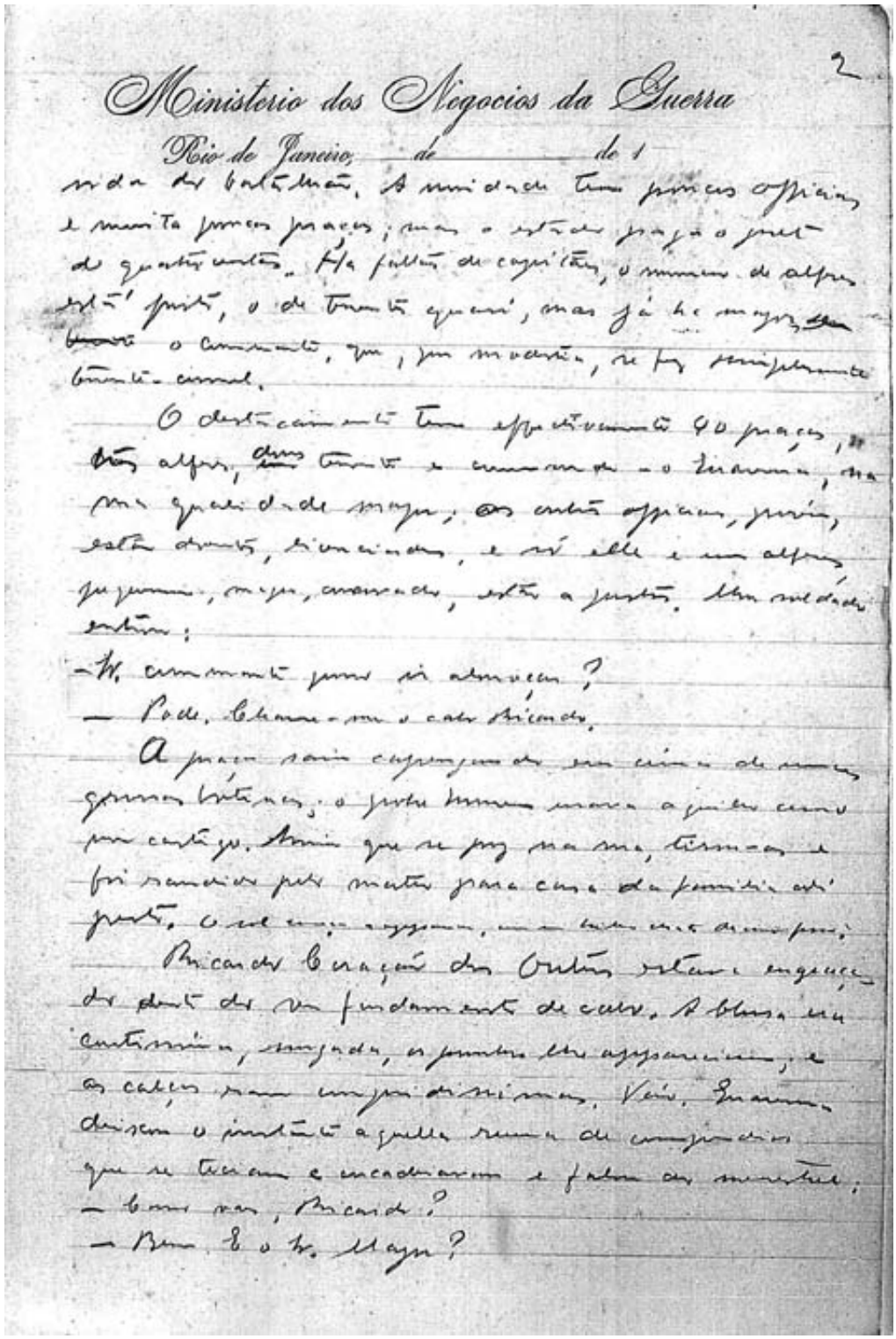
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Os soldados estão deitados em grupos, pela relva na orla / da praia. Alguns dormem, outros pensam. O cabo Ricardo / Coração dos Outros, de rifle e gorro, está sozinho e olha / aquela manhã misteriosa~~,~~. ~~mas~~ [[A]] sua situação não o aborrece / muito. Aquela vida solta da caserna vai-lhe bem n'alma. / O violão está lá dentro, e em horas de folga, ele o experimenta / e cantarola em voz baixa. [[[*termos ilegíveis*] e]] Está relacionado no lugar e, quase / sempre, obtem licença para ir às festas. O ~~C~~[[c]]omandante / do ~~Quaresm~~ destacamento é Quaresma.

~~Qu~~ [[O]] major no interior do posto lia. O seu estudo / predileto é agora artilharia. Comprou compêndios, da / artilharia vai à balística, da balística à mecânica, / da mecânica ao cálculo e geometria analítica, daí / à trigonometria, à geometria e à álgebra e aritmética. / Ele percorre essa cadeia de ciências entrelaçadas / com uma fé de inventor. Aprende uma noção elementar / e logo desaprende, e leva assim aqueles dias / de ócio enfronhado na matemática, nessa ma-/temática que só aprende muito moço ou nun-/ca mais. Quer servir à legalidade com proficiên-/cia e perfeição, daí a sua teimosia.

Há um canhão Krupp no destacamento; / mas ele nada tem a ver com o aparelho / mortífero. É encarregado dele, um tenente de artilha-/ria em comissão, na verdade aluno da escola / militar, que não dá obediência alguma ao pa-/triota. Quaresma não se incomoda, aprende a / nomenclatura da peça e submete-se à arrogância / do Cadete. O comandante do "Cruzeiro do Sul" / continua no quartel, a superintender a

Folha 143 (verso).



Ministerio dos Negocios da Guerra

2

Rio de Janeiro, de de 1

vida de batalhão. A unidade tem poucos officiaes e muitas poucas praças; mas o estado praça é quasi de guerra. Ha falta de capitães, o numero de alferes está justo, o de tenentes quasi, mas já lhe mandei o commando, que, por modestia, se tem simplesmente tenente-coronel.

O destacamento tem effectivamente 40 praças, dous alferes, dous tenentes e commando o tenente-coronel, na mais quasi-de maioridade; os outros officiaes, presos, estão dentro, bem vigiados, e só elle e um alferes, que pouco, muito, avançados, estão a justar. Um soldado entrou:

— O commandante pode ir almoçar?

— Pode. Chamem-me o cabo Ricardo.

A praça saiu cumprindo as suas ordens de modo grosseiro brutal; o justo tornou mando a quem cabe por direito. Ouviu que se pedia na sua, tirou-se e foi sentar-se pelo muito para casa da fornalha até justo, o cabo entrou apressado, um bocado atrapalhado:

Ricardo era o nome dos Outros estava enguiçado dentro de um fundamento de cabo. A blusa em continuação, suja, os punhos lhe apparecendo, e os cabellos em completa desordem. Vejo, Quaresma, disse-me o instante aquella reunião de conjurados que se tinham encadeiado e fabricado os mantas.

— Bons ares, Ricardo?

— Bons. E o Sr. Major?

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

vida do batalhão. A unidade tem poucos oficiais / e muito poucas praças; mas o estado paga o pret / de quatrocentas. Há falta de capitães, o número de alferes / está justo, o de tenentes quase, mas já há major, ~~um~~ [[e]] / ~~tenente~~ o comandante, que, por modéstia, se fez simplesmente / tenente-coronel.

O destacamento tem efetivamente 40 praças, / três alferes, ~~um~~ [[dous]] tenente e comandante – o Quaresma, na / sua qualidade de major; os outros oficiais, porém, / estão doentes, licenciados, e só ele e um alferes, / pequenino, magro, amarrado, estão a postos. Um soldado entrou:

– Sr. comandante posso ir almoçar?

– Pode. Chama-me o cabo Ricardo.

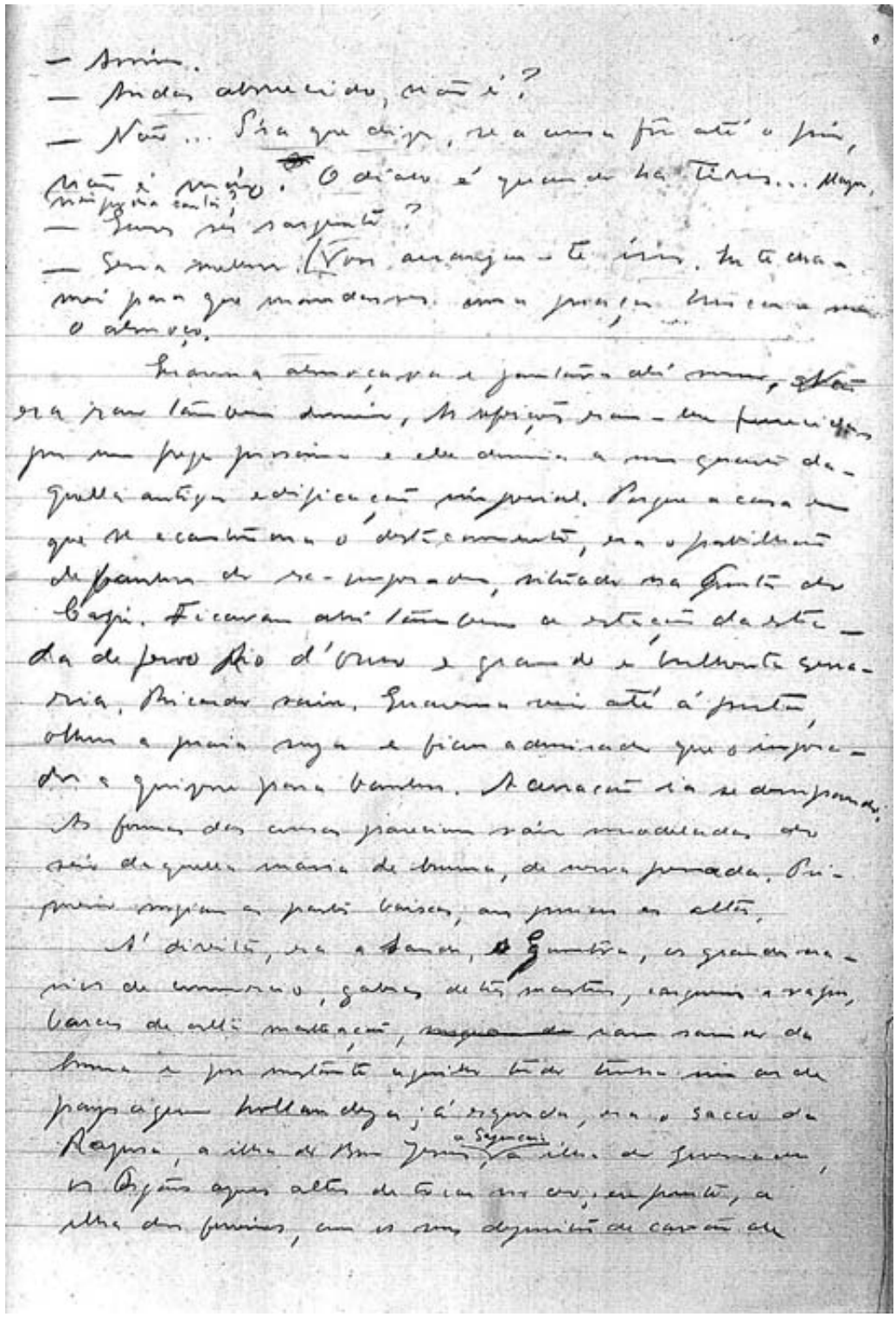
A praça saiu capengando em cima de umas / grandes botinas; o pobre homem usava aquilo como / um castigo. Assim que se pôs na rua, tirou-as e / foi escondido pelo mato para a casa da família aí / perto. {{O sol começa a aparecer, com um brilho chato de ouro fosco.}}

Ricardo Coração dos Outros estava engraça-/do dentro do seu fardamento de cabo. A blusa era / curtíssima, sungada, os punhos lhe apareciam; e / as calças eram compridíssimas. Veio. Quaresma / deixou o instante aquela ruma de compêndios / que se teciam e encadernavam e falou ao menestrel:

– Como vais, Ricardo?

– Bem. E o Sr. Major?

Folha 144 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Assim.

– Andas aborrecido, não é?

– Não... Pra que dizer, se a coisa for até ao fim,
não é mau. ~~O~~ O diabo é quando há tiros... Major,
não podia cantar?

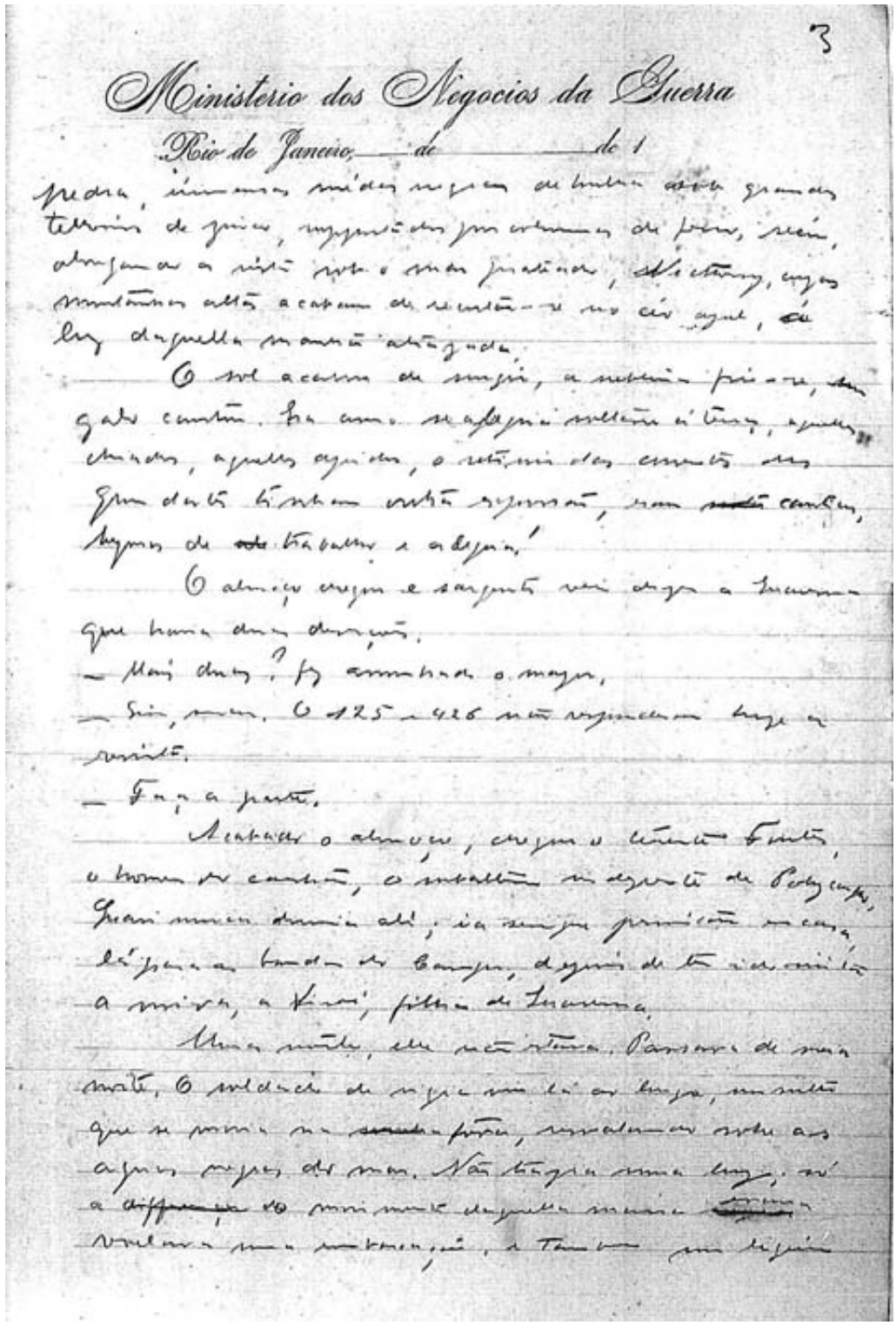
– Queres ser sargento?

– Seria melhor. [Vou arranjar-te isso. Eu te cha-/mei para que mandasses uma praça buscar o meu / o almoço.

Quaresma almoçava e jantava ali mesmo. Não / era raro também dormir. As refeições eram-lhe fornecidas / por um frege próximo e ele dormia a um quarto da-/quela antiga edificação imperial. Porque a casa em / que se acantonara o destacamento, era o pavilhão / de ~~pr~~ [[banhos]] do ex-imperador, situado na ~~p~~[[P]]onta do / Caju. Ficavam aí também a estação da estra-/da de ferro Rio d'Ouro e grande e bulhenta serra-/ria. Ricardo saiu. Quaresma veio até a porta, / olhou a praia suja e ficou admirado que o impera-/dor a quisesse para banhos. A cerração ia se dissipando. / As formas das cousas pareciam sair modeladas do / seio daquela massa de bruma, de névoa pesada. Pri-/meiro surgiam as partes baixas, aos poucos as altas.

À direita, era a Saúde, a Gamboa, os grandes na-/vios de comércio, galeras de três mastros, cargueiros a vapor, / barcos de alta mastreação, ~~surgiam da~~ iam saindo da / bruma e por instantes aquilo tudo tinha um ar de / paisagem holandesa; à esquerda, era o saco da / Raposa, a ilha de Bom Jesus, [[a Sapucaia,]] a ilha do Governador, / os Órgãos azuis altos de tocar no céu; em frente, a / ilha dos ferreiros, com os seus depósitos de carvão de

Folha 144 (verso).



Ministerio dos Negocios da Guerra

Rio de Janeiro ___ de ___ de 1

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

pedra, imensas [*ilegível*] negras de hulha sob grandes / telhados de zinco, suportados por colunas de ferro. Além / alongando a vista sob o mar prateado, ~~n~~[[N]]iterói, cujas / montanhas altas acabam de recortar-se no céu azul, à / luz daquela manhã atrasada.

O sol acabou de surgir, a neblina foi-se, um / galo cantou. Era como se a alegria voltasse à terra, aqueles / chiados, aqueles apitos, o retinir das [*ilegível*] dos / guindastes tinham outra expansão, eram ~~vastos~~ canteiros, / lugares de ~~ale~~ trabalho e alegria.

O almoço chegou e sargento veio dizer a Quaresma / que havia duas deserções.

– Mais duas? fez assustado o major.

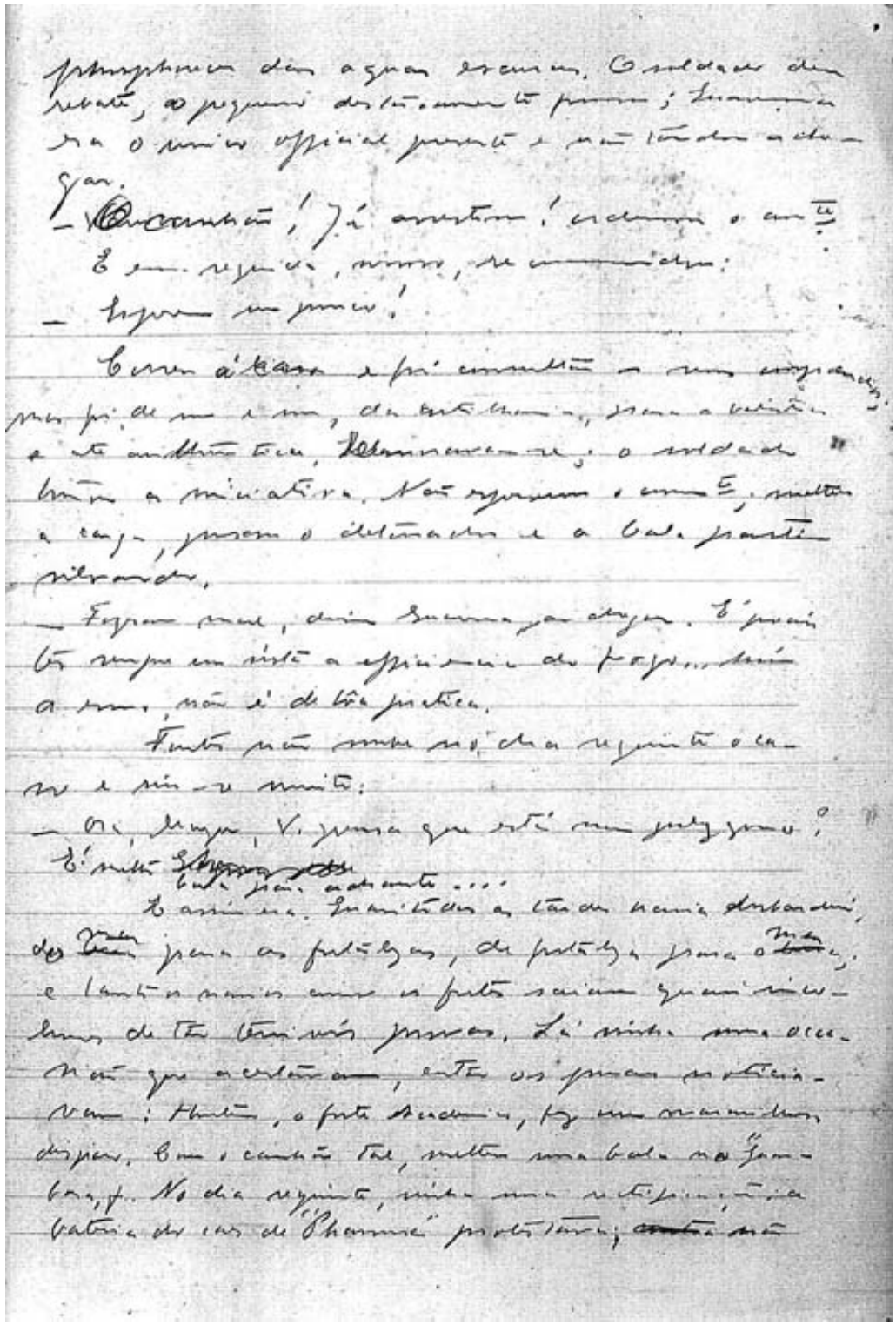
– Sim, senhor. O 125 e 426 não responderam hoje à / revista.

– Faça a parte.

Acabado o almoço, chegou o tenente Fontes, / o homem do canhão, o subalterno indigente de Polycarpo. / Quase nunca dormia ali; ia sempre pernoitar em casa, / lá para as bandas de Campos, depois de ter ido visitar / a noiva, a Vivi, filha de Quaresma.

Uma noite, ele não estava. Passava da meia-/noite. O soldado de vigia viu lá ao longe, um vulto / que se movia na ~~sombra~~ terra, resvalando sobre as águas / negras do mar. Não trazia uma luz; só / ~~a diferença de~~ [[o]] movimento daquela massa ~~negra~~ [[escura]] / revelava uma embarcação, e também uma ligeira

Folha 145 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

fosforescência das águas escuras. O soldado deu / rebate, o pequeno destacamento formou; Quaresma / era o único oficial presente e não tardou a che-/gar.

– ~~Vamos~~ [[O canhão]]! Já assestem! ordenou o com^te^.

E em seguida, nervoso, recomendou:

– Esperem um pouco!

Correu à casa e foi consultar os seus compêndios; / mas foi de um em um, da artilharia, para a balística / e até aritmética. Demorou-se; o soldado / tomou a iniciativa. Não esperou o com^te^; meteu / a carga, puxou o detonador e a bala partiu / silvando.

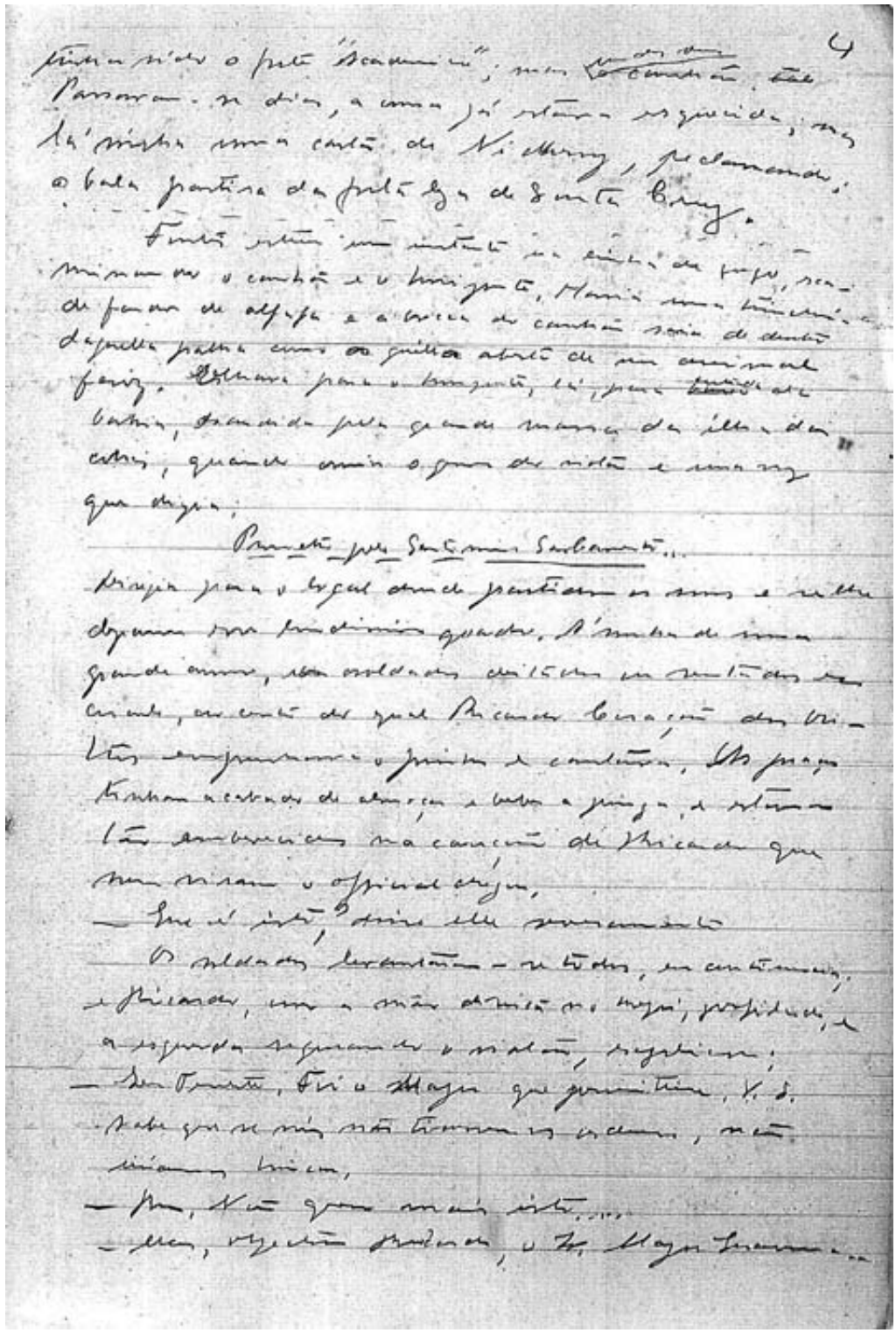
– Fizeram mal, disse Quaresma, ao chegar. É preciso / ter sempre em vista a eficiência do fogo... Assim / a esmo, não é de boa prática.

Fontes não soube no dia seguinte o ca-/so e riu-se muito:

– Ora, Major, V. pensa que está em um polígono? / É melhor ~~Quaresma, ele~~ [[bala para adiante...]]

E assim era. Quase todas as tardes havia bombardeio, / d~~a~~[[o]] ~~terra~~ [[mar]] para as fortalezas, de fortaleza para a ~~terra~~ [[mar]]; / e tanto os navios como os fortes saiam quase incó-/lumes de tão terríveis provas. Lá vinha uma oca-/sião que acertavam, então os jornais noticia-/vam: Ontem, o forte Acadêmico, fez um maravilhoso / disparo. Com o canhão tal, meteu uma bala no "Guana-/bara, f.. No dia seguinte, vinha uma retificação; a / bateria do cais de "Pharoux" protestava; ~~contra~~ não

Folha 145 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

tinha sido o forte "Acadêmico"; mas ~~o~~ [[um dos seus]] canhão ~~tal~~. / Passavam-se dias, a coisa já estava esquecida, mas / lá vinha uma carta de Niterói, reclamando: / a bala partira da fortaleza de Santa Cruz.

. . . . . .

Fontes esteve um instante na linha de fogo, exa-/minando o canhão e o horizonte. Havia uma trincheira / de fardos de alfafa e a boca do canhão saía de dentro / daquela palha como a goela aberta de um animal / feroz. ~~Es~~ [[Olhava]] para o horizonte, lá, para ~~baía~~ [[entrada]] da / baía, estendida pela grande massa da ilha das / cobras, quando ouviu o gemer do violão e uma voz / que dizia:

Prometo pelo Santíssimo Sacramento...

Dirigiu para o local donde partiam os sons e se lhe / deparou esse lindíssimo quadro. À sombra de uma / grande árvore, ~~uns~~ [[os]] soldados deitados ou sentados em / círculo, ao centro do qual Ricardo Coração dos Ou-/tros empunhava o pinho e cantava. As praças / tinham acabado de almoçar e beber a pinga, e estavam / tão embevecidas na canção de Ricardo que / nem viram o oficial chegar.

– Que é isto~~,~~[[?]] disse ele severamente.

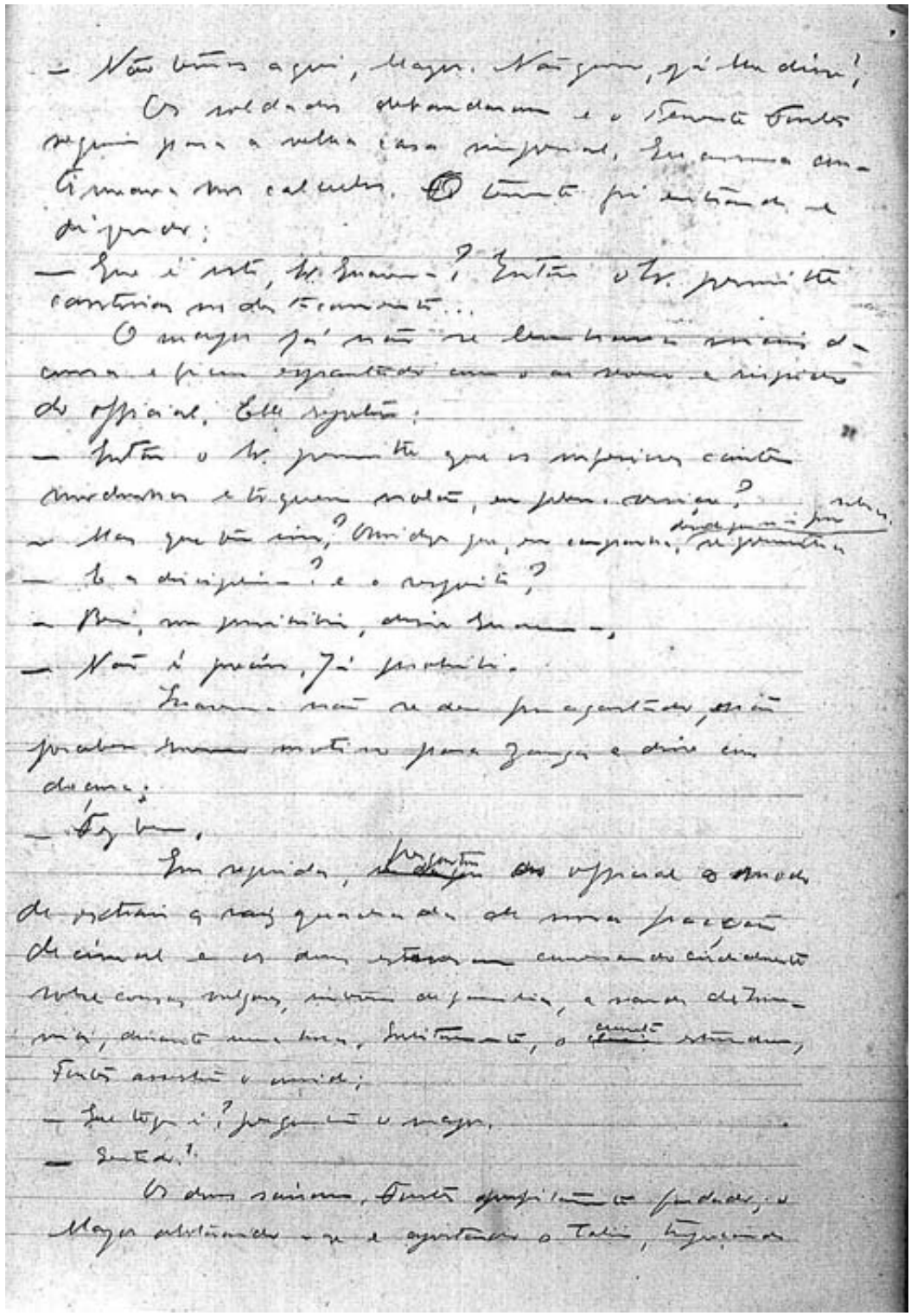
Os soldados levantaram-se todos, em continência; / e Ricardo, com a mão direita no képi, perfilado, e / a esquerda segurando o violão, explicou:

– Seu Tenente. Foi o ~~m~~[[M]]ajor que permitiu. V. S. / sabe que se nós não tivéssemos ordem, não / iríamos brincar.

– Bem. Não quero mais isto...

– Mas, objetou Ricardo, o Sr. Major Quaresma...

Folha 146 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Não temos aqui, Major. Não quero, já lhe disse!

Os soldados debandaram e o Tenente Fontes / seguiu para a velha casa imperial. Quaresma con-/tinuava seus cálculos. ~~F~~ [[O]] tenente foi entrando e / dizendo:

– Que é isto, Sr. Quaresma? Então o Sr. permite / cantorias no destacamento...

O Major já não se lembrava mais da / cousa e ficou espantado com o ar severo e ríspido / do oficial. Ele repetiu:

– Então o Sr. permite que os inferiores cantem / modinhas e toquem violão, em pleno serviço?

– Mas que tem isso? Ouvi dizer que, em campanha, [[desde que não [*termos ilegíveis*]]] se permitia.

– E a disciplina? e o respeito?

– Bem, vou proibir, disse Quaresma.

– Não é preciso. Já proibi.

Quaresma não se deu por agastado, não / percebeu nenhum motivo para zanga e disse com / doçura:

– Fez bem.

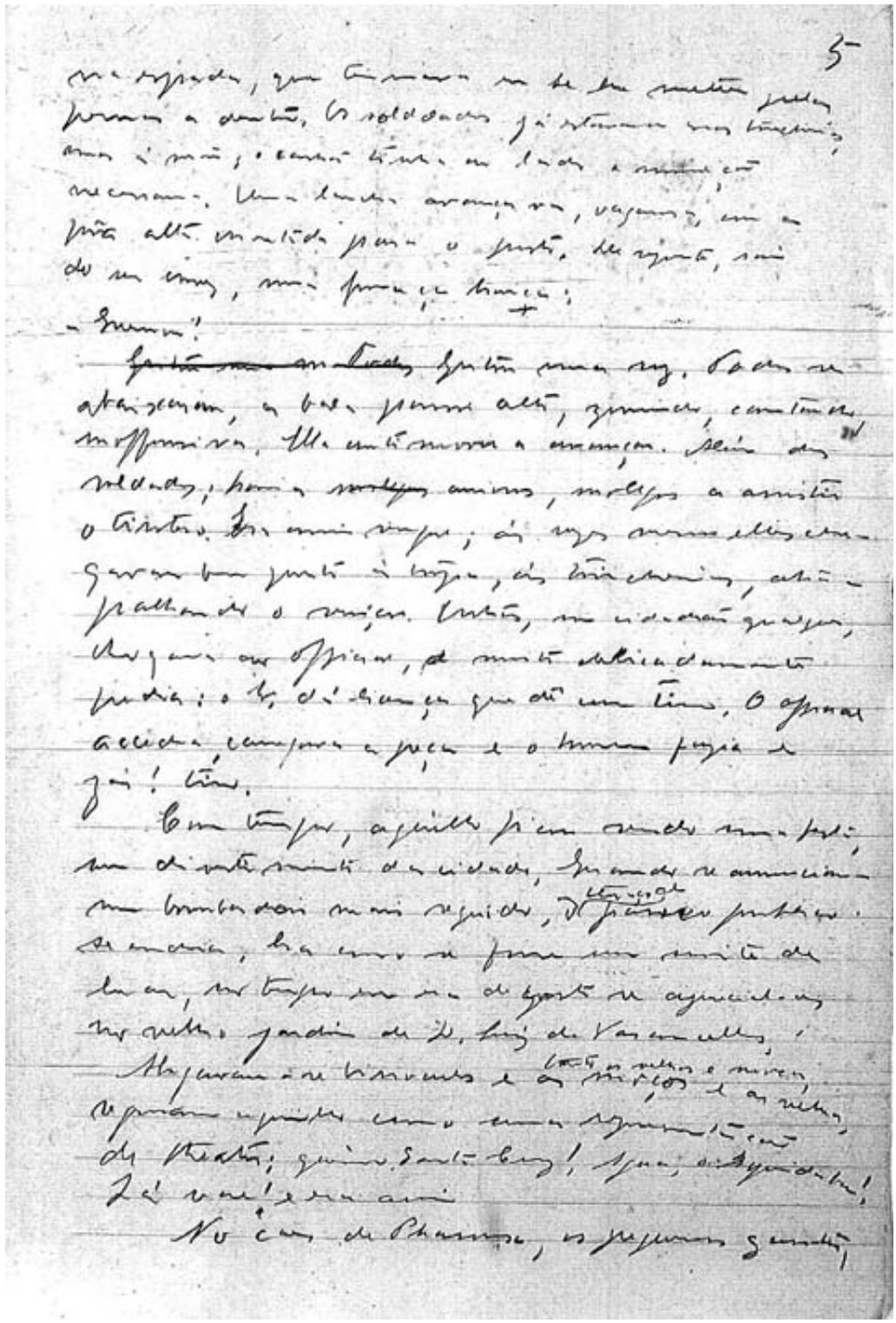
Em seguida, [*rasurado*] [[perguntou]] ~~do~~ [[ao]] oficial o modo / de extrair a raiz quadrada de uma fração / decimal e os dous estiveram conversando cordialmente / sobre coisas vulgares, interesses de família, a saúde de Ismê-/nia, durante uma hora. Subitamente, o ~~clarim~~ [[corneta]] estrondou. / Fontes assestou o ouvido:

– Que toque é? perguntou o major.

– Sentido!

Os dous saíram. Fontes perfeitamente fardado; o / Major abotoando-se e apertando o talim, tropeçando

Folha 146 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

na espada, que teimava em se lhe meter pelas / pernas adentro. Os soldados já estavam nas trincheiras, / armas à mão; o canhão tinha ao lado a munição / necessária. Uma lancha avançava, vagarosa, com a / proa alta assestada para o posto. De repente, saiu / do seu nariz, uma fumaça branca:

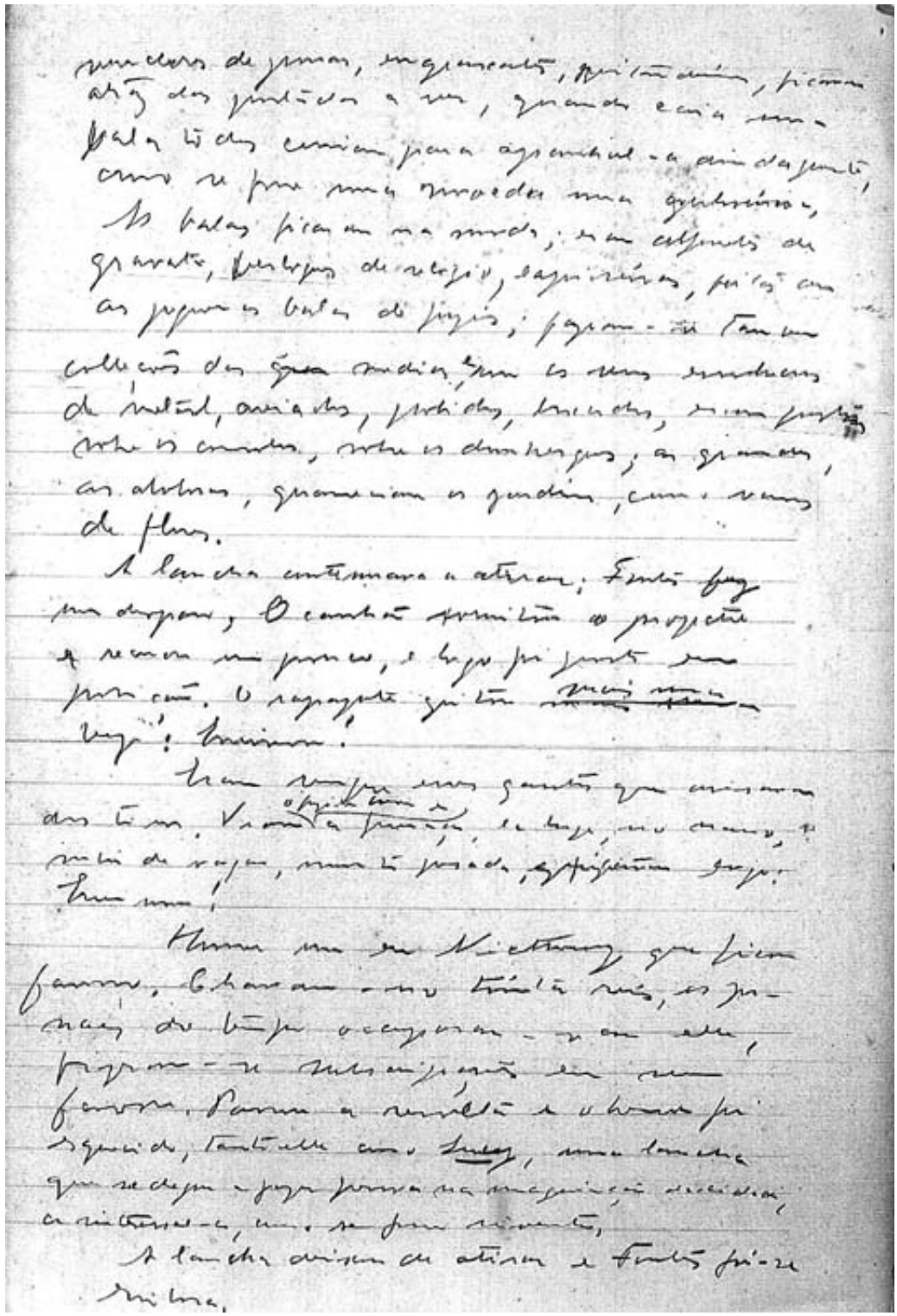
– Queimou!

~~Gritou um mo Todos~~ Gritou uma voz. Todos se / abaixaram, a bala passou alto, zunindo, cantando, / inofensiva. Ela continuava a avançar. Além dos / soldados; havia ~~moleques~~ curiosos, moleques a assistir / o tiroteio. ~~e~~[[E]]ra assim sempre; às vezes mesmo eles che-/gavam bem perto à tropa, às trincheiras, atra-/palhando o serviço. Outras, um cidadão qualquer, / chegava ao oficial, e muito delicadamente / pedia: o Sr. dá licença que dê um tiro. O oficial / acedia, carregava a peça e o homem fazia e / zás! tiro.

Com tempo, aquilo ficou sendo uma festa, / um divertimento da cidade. Quando se anunciava / um bombardeio mais seguido, o [[terraço do]] passeio público / se enchia. Era como se fosse uma noite de / luar, no tempo em que era de gôsto se apreciá-las / no velho jardim de D. Luís de Vasconcelos. / Alugavam-se binóculos e [[tanto os velhos e moças,]] os moços e as velhas, / seguiam aquilo como uma representação / de teatro: queimou Santa Cruz! Agora, o Aquidabã! / Lá vai! e era assim.

No cais de Pharoux, os pequenos garotos,

Folha 147 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

vendedores de jornais, engraxates, quitandeiros, ficavam / atrás das portadas a ver, quando caía uma / bala todos corriam para apanhá-la ainda quente, / como se fosse uma moeda uma guloseima. / As balas ficaram na moda; eram alfinetes de / gravata, berloques de relógio, lapiseiras, feitos com / as pequenas balas de fuzis; faziam-se também / coleções das ~~gran~~ médias, [[e]] com os seus invólucros / de metal, areadas, polidas, lixadas, eram postas / sobre os consolos, sobre os dunkerques; as grandes, / as abóboras, guarneciam os jardins, como vasos / de flores.

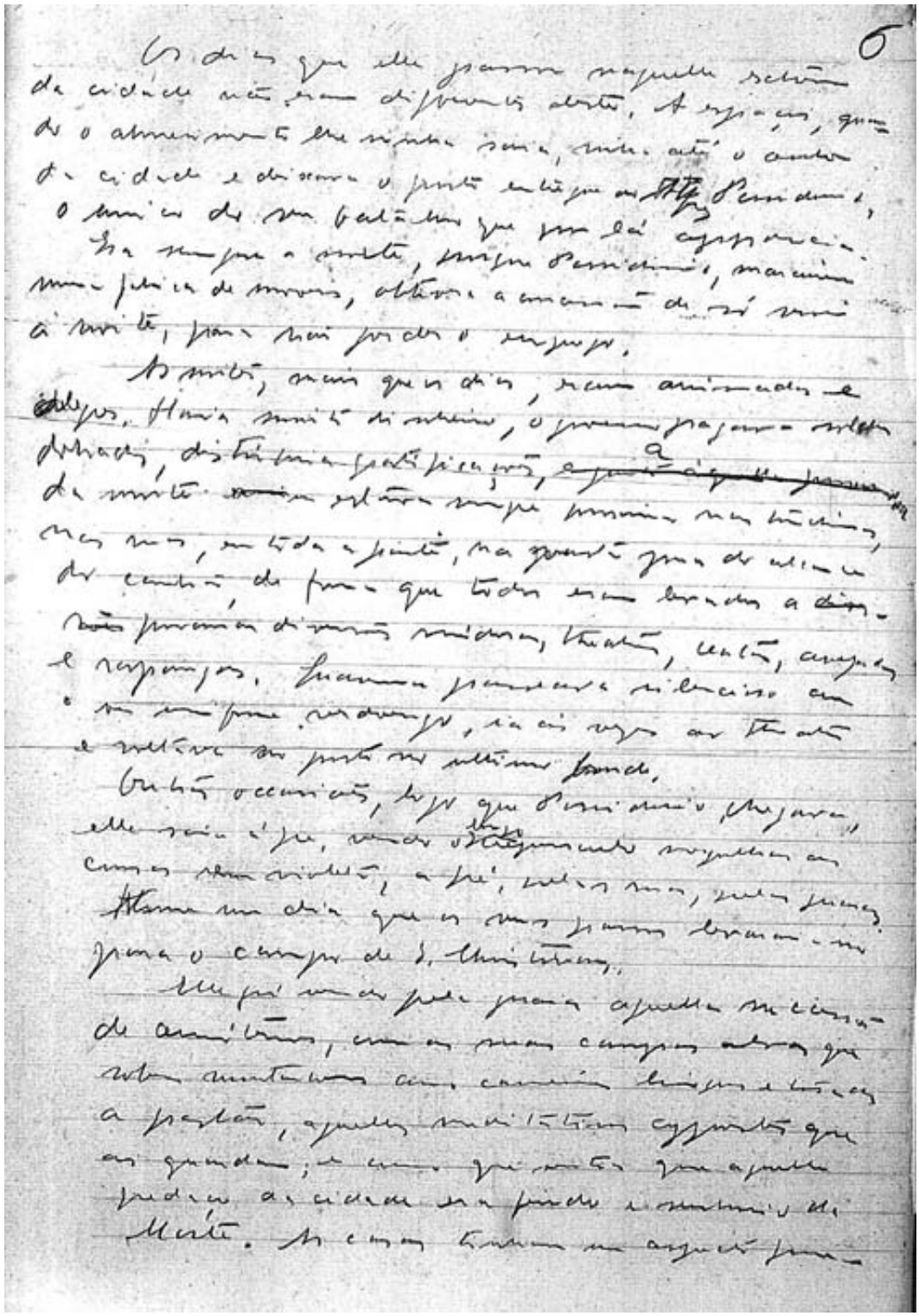
A lancha continuava a atirar; Fontes fez / um disparo~~.~~[[,]] O canhão vomitou o projétil / e recuou um pouco, e logo foi posto em / posição. O rapazote gritou ~~mais uma~~ [[mais uma]] / vez: Queimou!

Eram sempre esses garotos que cuidavam / dos tiros. Viam [[o fuzilar breve e]] a fumaça, lá longe, no navio, / subir devagar, muito pesada, gritavam logo: / Queimou!

Houve um em Niterói que ficou / famoso. Chamam-no trinta réis, os jor-/nais do tempo ocuparam-se com ele, / fizeram-se subscrições em seu / favor. Passou a revolta e o homem foi / esquecido, tanto ele como Lucy, uma lancha / que se chegou a fazer forma na imaginação da cidade, / a interessá-la, como se fosse vivente.

A lancha deixou de atirar e Fontes foi-se / embora.

Folha 147 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

6

Os dias que ele passou naquele extremo / da cidade não eram diferentes deste. A espaços, quan-/do o aborrecimento lhe vinha saía, vinha até o centro / da cidade e deixava o posto entregue ao Alferes Possidônio, / o único do seu batalhão que por lá aparecia.

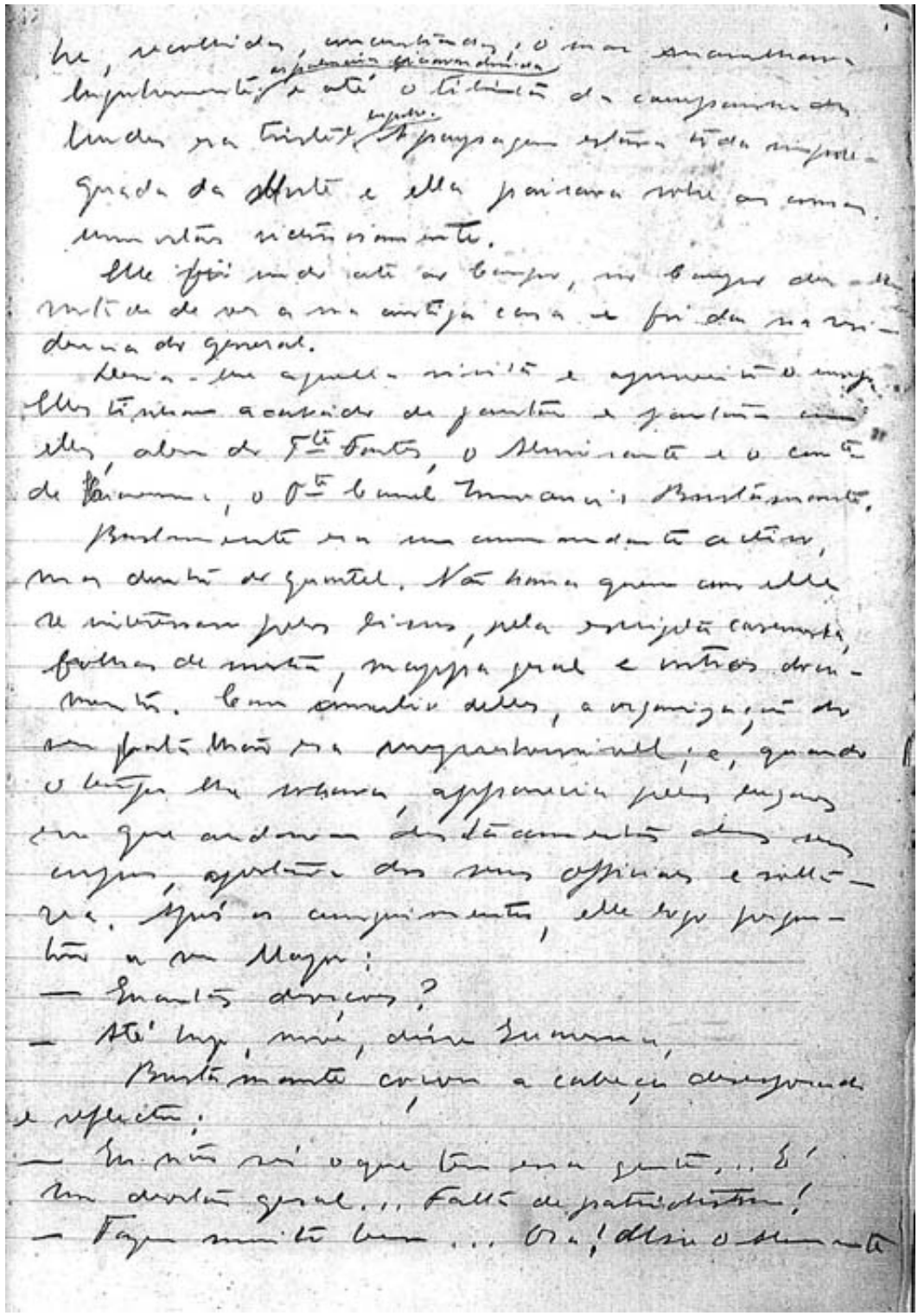
Era sempre à noite, porque Possidônio, marceneiro / numa fábrica de móveis, obtivera a concessão de só servir / à noite, para não perder o emprego.

As noites, mais que os dias, eram animados e / alegres. Havia muito dinheiro, o governo pagava soldos / dobrados, distribuía gratificações, ~~e quanto aquela proximidade~~ [[a]] / da morte [*rasurado*] estava sempre presente nas trincheiras, / nas ruas, em toda a parte, na vasta zona do alcance / do canhão, de forma que todos eram levados a ~~diver-/sões~~ procurar diversões mundanas, teatros, boates, cervejadas / e raparigas. Quaresma passeava silencioso com / o seu uniforme verde musgo, ia às vezes ao teatro / e voltava ao posto no último bonde.

Outras ocasiões, logo que Possidônio~~,~~ chegava, / ele saía a pé, vendo o [[longo]] crepúsculo mergulhar as / casas em violeta, a pé, pelas ruas, pelas praias. / ~~Num~~ [[Houve]] um dia que os seus passos levaram-no / para o campo de S. Cristóvão.

Ele foi vendo pela praia aquela sucessão / de cemitérios, com as suas campas alvas que / sobem montanhas como carneiros limpos e tosados / a pastar, aqueles meditativos ciprestes que / as guardam; e como que sentia que aquele / pedaço da cidade era feudo e senhorio da / Morte. As casas tinham um aspecto fúne-

Folha 148 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

bre, recolhidas, concentradas; o mar marulhava / lugubremente; [[as palmeiras ciciavam doridas]] e até o tilintar da campainha dos / bondes era triste~~.~~ [[e lúgubre.]] A paisagem estava toda impre-/gnada da ~~m~~[[M]]orte e ela pairava sobre as coisas / semimortas vitoriosamente.

Ele foi vindo até ao Campo, no Campo deu-lhe / vontade de ver a sua antiga casa e foi dar na resi-/dência do General.

Devia-lhe aquela visita e aproveitou o ensejo. / Eles tinham acabado de jantar e jantara com / eles, além do T^te^ Fontes, o Almirante e o com^te^ / de Quaresma, o T^te^ Coronel Innocencio Bustamante.

Bustamante era um comandante ativo, / mas dentro do quartel. Não havia quem como ele / se interessasse pelos livros, pela escrita casernista, / folhas de mostra, mapa geral e outros docu-/mentos. Com auxílio deles, a organização do / seu batalhão era irrepreensível; e, quando / o tempo lhe sobrava, aparecia pelos lugares / em que andavam destacamentos dos seus / corpos, apertava dos seus oficiais e volta-/va. Após os cumprimentos, ele logo pergun-/tou ao seu Major:

– Quantas deserções?

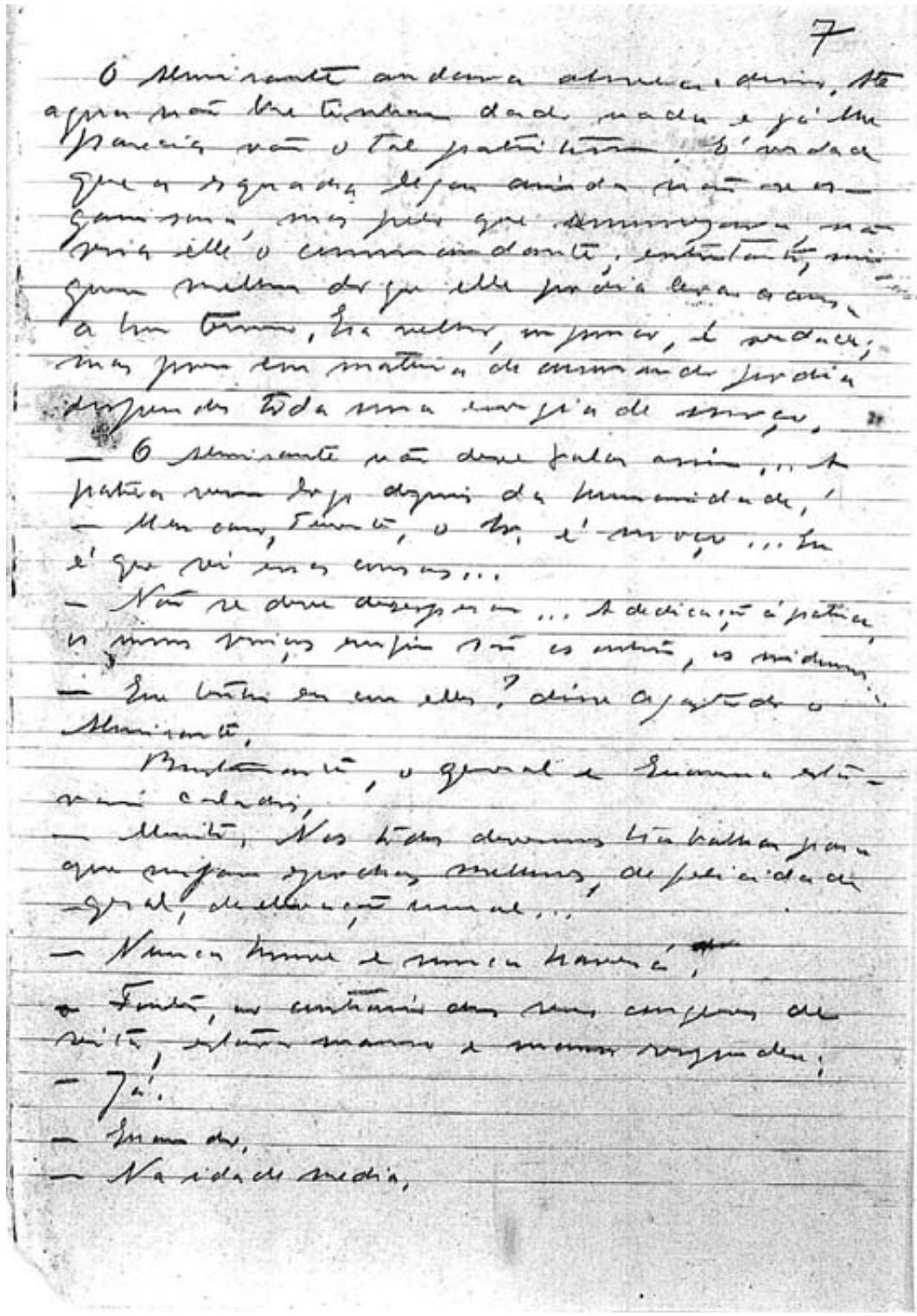
– Até hoje, nove, disse Quaresma.

Bustamante coçou a cabeça desesperado / e refletiu:

– Eu não sei o que tem essa gente... É / um desertar geral... Falta de patriotismo!

– Fazem muito bem... Ora! disse o Almirante.

Folha 148 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

7

O Almirante andava aborrecidíssimo. Até / agora não lhe tinham dado nada e já lhe / parecia vão o tal patriotismo. É verdade / que a esquadra legal ainda não se or-/ganizara, mas pelo que se murmurava, não / seria ele o comandante; entretanto, nin-/guém melhor do que ele podia levar a coisa / a bom termo. Era velho, um pouco, é verdade; / mas jovem em matéria de comando podia / despender toda uma energia de moço.

– O Almirante não deve falar assim... A / pátria vem logo depois da humanidade!

– Meu caro, Tenente, o Sr. é moço... Eu / é que sei essas coisas...

– Não se deve desesperar... A dedicação à pátria, / os nossos serviços enfim são os outros, os vindouros...

– Que tenho eu com eles? disse agastado o / Almirante.

Bustamante, o general e Quaresma esta-/vam calados:

– Muito. Nós todos devemos trabalhar para / que surjam épocas melhores, de felicidade / – geral, de elevação moral...

– Nunca houve e nunca haverá!

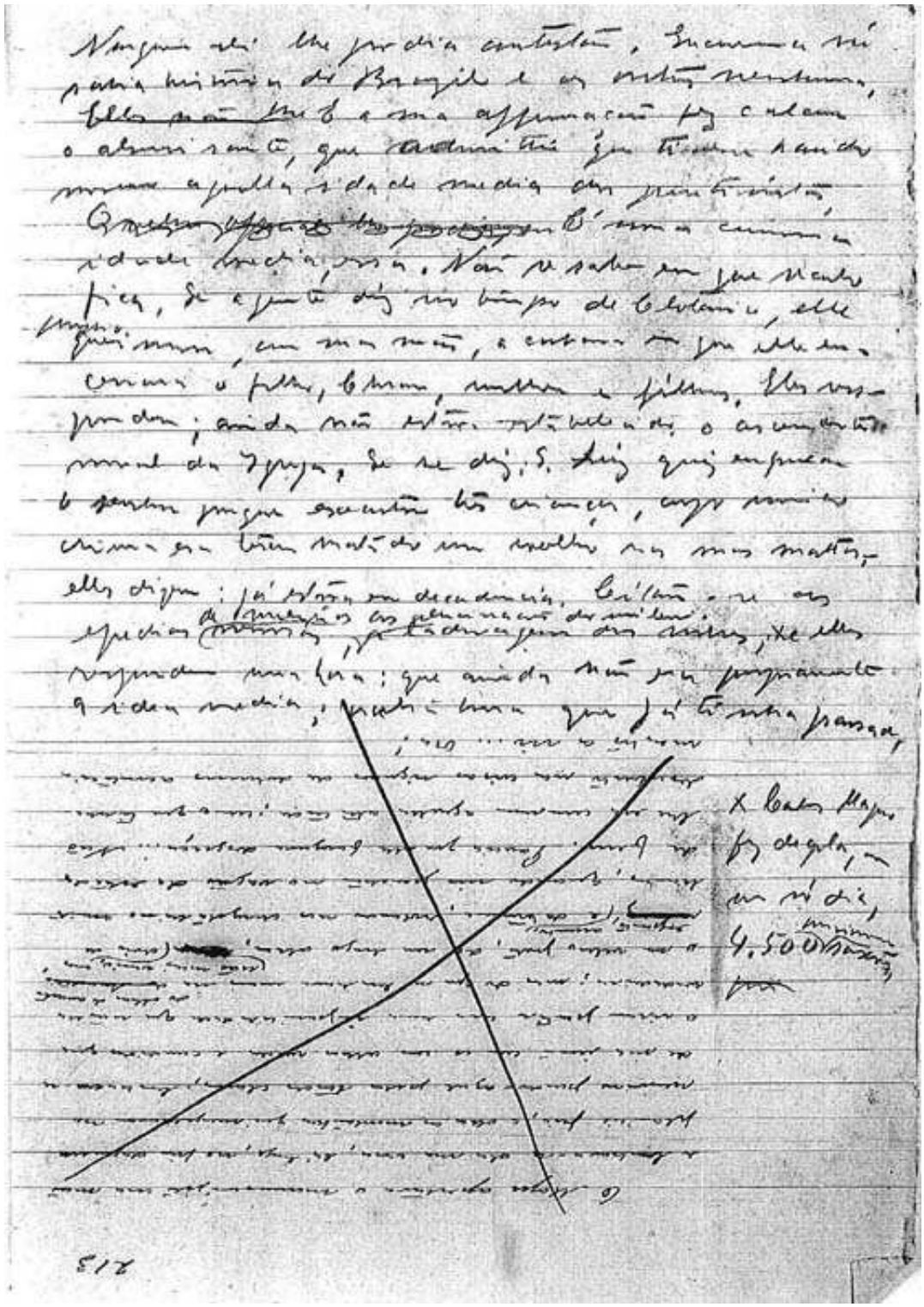
– Fontes, ao contrário dos seus congêneres de / seita, estava manso e manso respondeu:

– Já.

– Quando.

– Na idade média.

Folha 149 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Ninguém ali lhe podia contestar. Quaresma só / sabia história do Brasil e os outros nenhuma. / ~~Eles não lhe~~ E a sua afirmação fez calar / o almirante, que admitiu que tinha havido / mesmo aquela idade média dos positivistas. / ~~O velho oficial lhe~~ [*rasurado*] É uma curiosa / idade média, essa. Não se sabe em qual século / fica. Se a gente diz no tempo de Clotário, ele / [[próprio]] queimou, com suas mãos, a cabana em que ele en-/cerrara o filho, Crame, mulher e filhos. Eles res-/pondem; ainda não estava estabelecido o ascendente / moral da Igreja. Se se diz: S. Luís quis enforcar / o senhor porque executou três crianças, cujo único / crime era terem matado um coelho nas suas matas; / eles dizem: já estava em decadência. Citam-se as / epidemias [[de moléstias]] [*ilegível*], [[as alucinações do milênio]] a ladroagem dos senhores; {{Carlos Magno / fez degolar, em / um só dia, / 4.500 [[invasores]] saxões, ~~por~~}}[87] e eles / respondem na hora: que ainda não era propriamente / a idade média; noutra hora que já tinha passado.

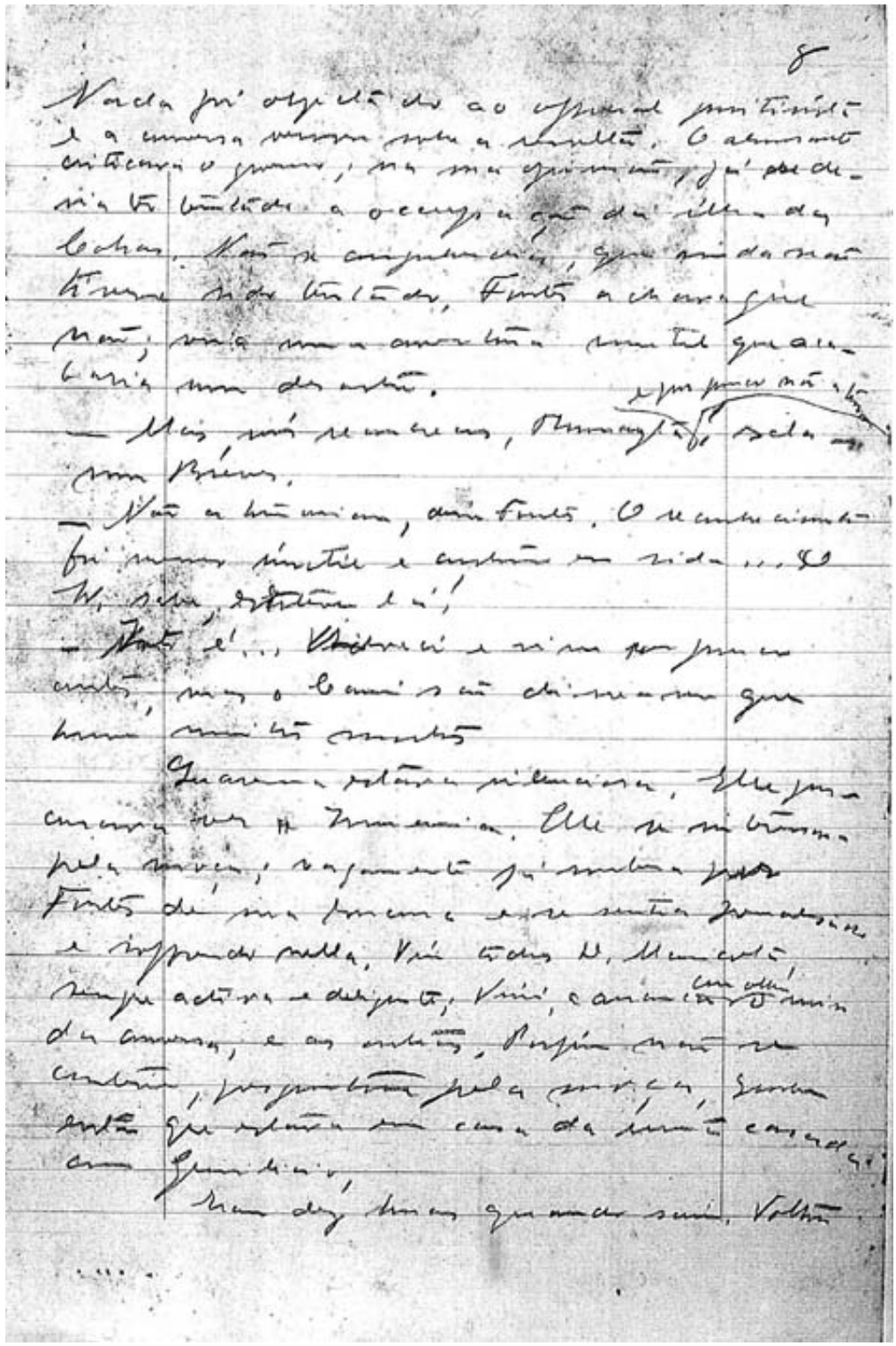
{{ 213

O Major apertava o manuscrito na mão / e lembrava-se da sua casa, lá longe, no fim daquela / planície feia, a olhar as montanhas que mergulhavam no / nevoeiro pardo-azul pelas tardes claras; lembrava-se / de sua irmã com os seus olhos verdes e cândidos que / o viram partir com uma impassibilidade que não era / verdadeira natural; mas do que se lembrava mais era ~~do Anastácio~~ [[do olhar de Anastácio]], / o seu velho preto, do seu longo olhar, [*rasurado*] [[não mais [*ilegível*], mas]] cheio de / [*rasurado*] [[espanto, assombro,]] e de ternura, rolando nas [*ilegível*] muito / brancas, quando viu penetrar no vagão da estrada / de ferro. Parecia que ele farejava desgraça... Não / lhe era comum aquela atitude; como que tinha / descoberto nas coisas sinais de dolorosos aconteci-/mentos a vir... Ora!}}[88]

Folha 149 (verso).

[87] Manuscrito ao lado do texto à tinta, ligado a este ponto por um sinal gráfico (X).

[88] Manuscrito à tinta, de ponta-cabeça em relação ao resto da página. No texto impresso, este trecho localiza-se no início do capítulo "Patriotas", imediatamente antes do parágrafo "Quaresma ficara a um canto, vendo [...]", na folha 127 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

8

Nada foi objetado ao oficial positivista / e a conversa versou sobre a revolta. O almirante / criticava o governo; na sua opinião, já ~~de~~ de-/via ter tentado a ocupação da ilha das / Cobras. Não se compreendia que ainda não / tivesse sido tentado. Fontes achava que / não; seria uma aventura mortal que aca-/baria em desastre.

– Mas, nós reconhecemos, Humaitá [[e por pouco não a tomamos]]! excla-/mou Breves.

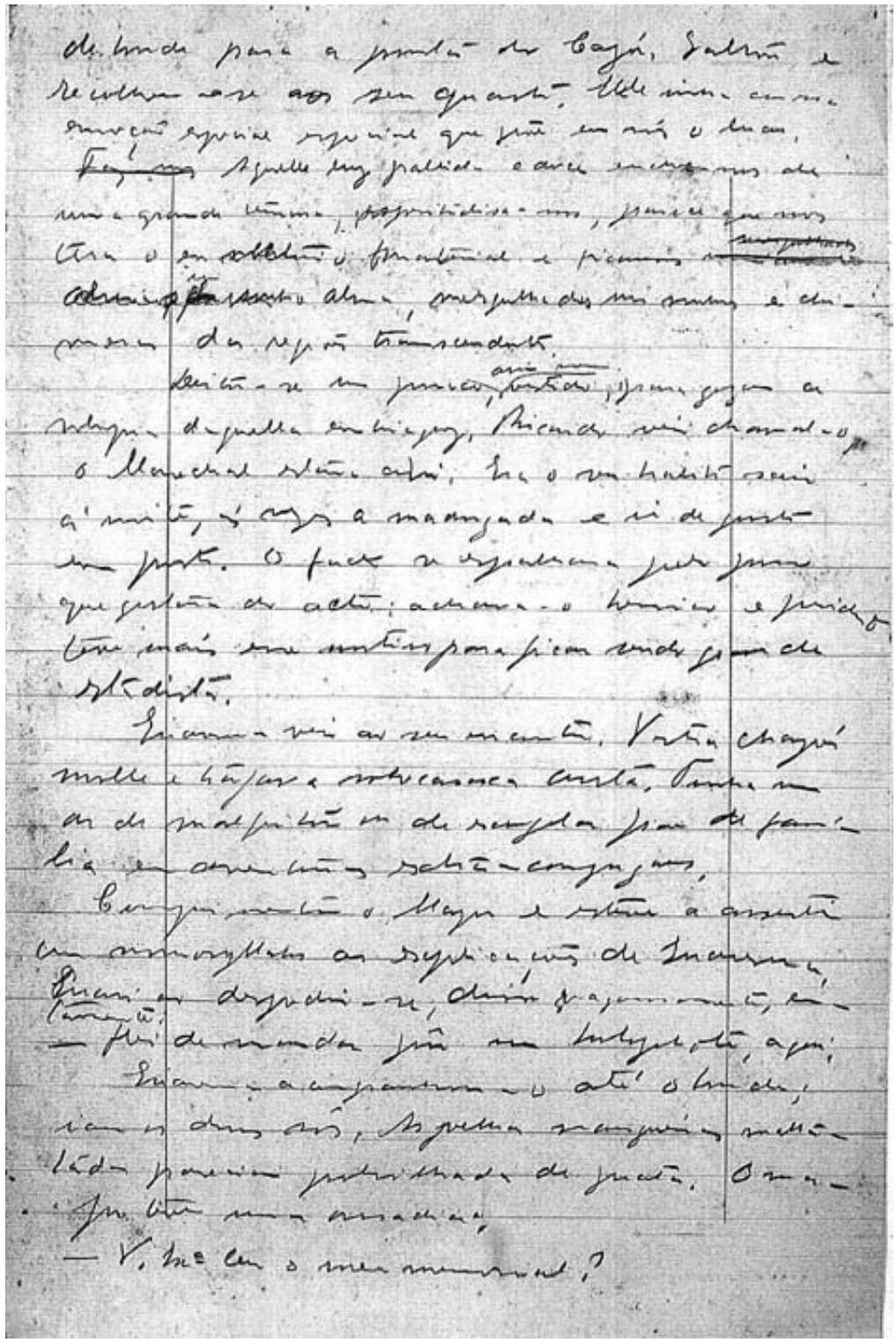
– Não a tomaram, disse Fontes. O reconhecimento / foi mesmo inútil e custoso em vidas... O / Sr. sabe, esteve lá!

– Isto é... Adoeci e vim um pouco / antes, mas o Camisão disse-me que / houve muitos mortos.

Quaresma estava silencioso. Ele pro-/curava ver ~~a~~ Ismenia. Ele se interessava / pela moça; vagamente já soubera por / Fontes de sua loucura e se sentia penalizar / e sofrendo nela. Viu todos D. Maricota, / sempre ativa e diligente; Vivi, a arrancar [[com olhar]] o noivo / da conversa, e as outras. Por fim não se / conteve, perguntou pela moça. Soube / então que estava em casa da irmã casada / com Genelício.

Eram dez horas quando saiu. Voltou

Folha 150 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

de bonde para a ponta do Caju. Saltou e / recolheu-se ao seu quarto. Ele vinha com a / emoção especial especial que põe em nós o luar. / ~~Fez um~~ Aquela luz pálida e doce enche-nos de / uma grande ternura, parece que nos / tira o envoltório material e ficamos [*rasurado*] [[[*rasurado*]]] / [*termos rasurados*] ~~sonho~~ [[só]] alma, mergulhados nos sonhos e qui-/meras das razões transcendentes.

Deitou-se um pouco, [[assim mesmo]] vestido, para gozar a / volúpia daquela embriaguez. Ricardo veio chamá-lo; / o Marechal estava aí. Era o seu hábito sair / à noite, às vezes à madrugada e ir de posto / em posto. O fato se espalhou pelo povo / que gostava do ato: achava-o heróico e presidente / teve mais esse motivo para ficar sendo grande / estadista.

Quaresma veio ao seu encontro. Vestia chapéu / mole e trajava sobrecasaca curta. Tinha um / ar de malfeitor ou de exemplar pai de famí-/lia em aventuras extraconjugais.

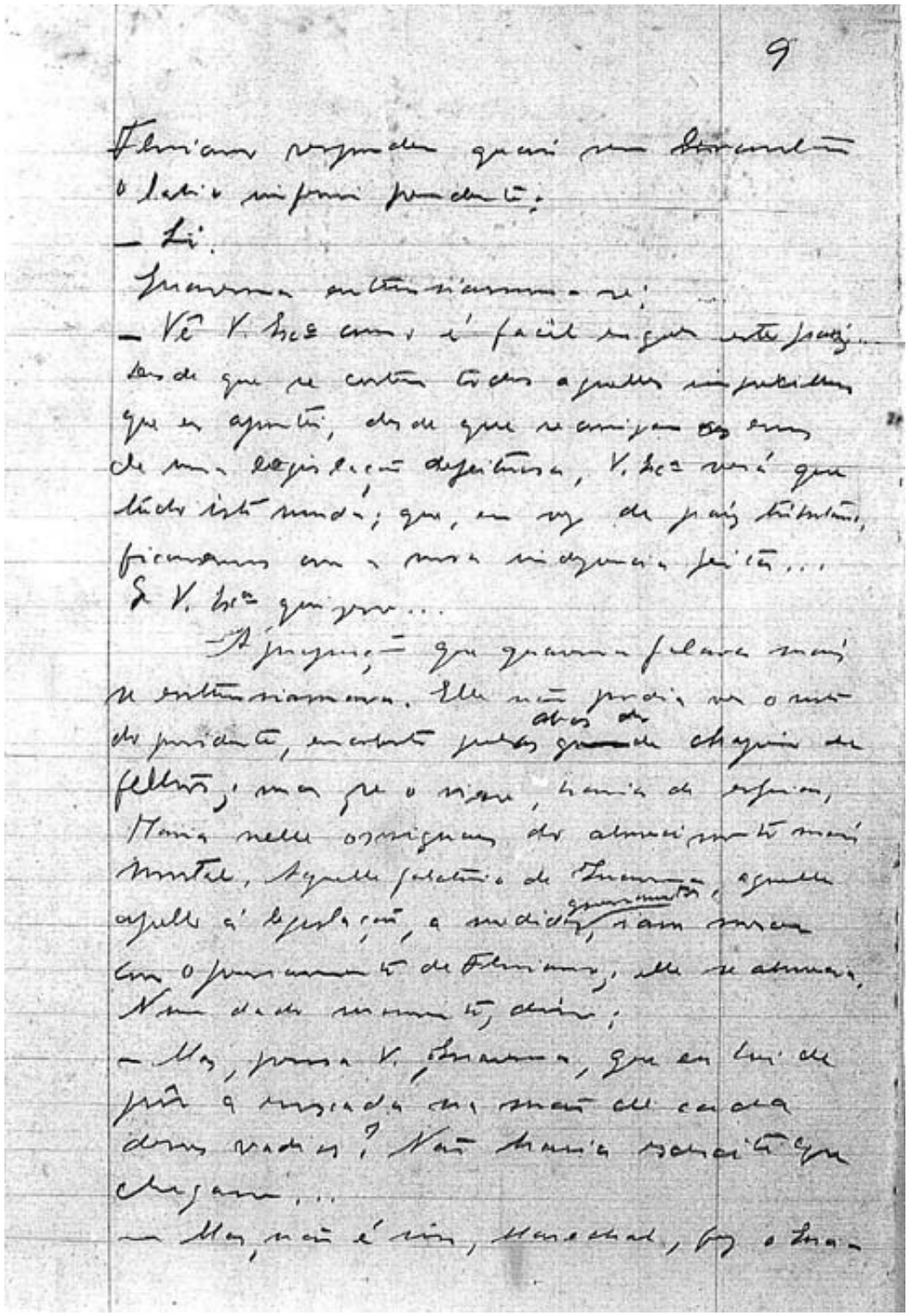
Cumprimentou o Major e esteve a assistir / com monossílabos as explicações de Quaresma. / Quase ao despedir-se, disse vagarosamente, [[len-/tamente:]]

– Hei de mandar pôr um holofote, aqui.

Quaresma acompanhou-o até ao bonde; / iam os dous sós. As velhas mangueiras maltra-/tadas pareciam polvilhadas de prata. O ma-/jor teve uma ousadia:

– V. Exª leu o meu memorial?

Folha 150 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

9

Floriano respondeu quase sem levantar / o lábio inferior pendente:

– Li.

Quaresma entusiasmou-se:

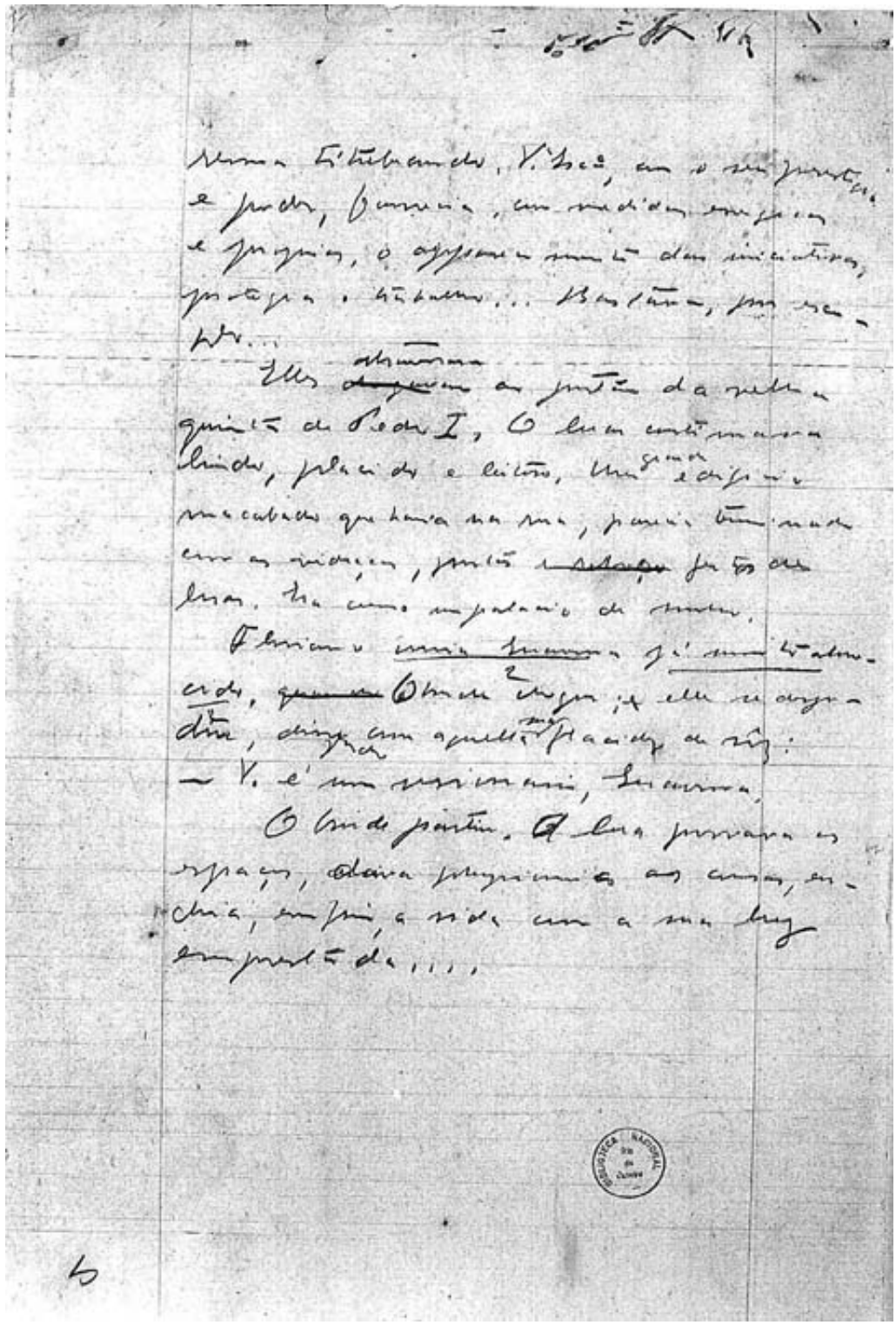
– Vê V. Exª como é fácil erguer este pais... / Desde que se cortem todos aqueles empecilhos / que eu apontei, desde que se corrijam os erros / de uma legislação defeituosa, V. Exª verá que / tudo isto muda; que, em vez de país tributário, / ficaremos com a nossa independência feita... / Se V. Exª quisesse...

À proporção que quaresma falava mais / se entusiasmava. Ele não podia ver o rosto / do presidente, encoberto pel~~o~~[[as]] ~~grande~~ [[abas do]] chapéu de / feltro; mas, se o visse, havia de esfriar. / Havia nele os sinais do aborrecimento mais / mortal. Aquele falatório de Quaresma, aquele / apelo à legislação, a medidas [[governamentais]], iam mexer / com o pensamento de Floriano; ele se aborrecia. / Num dado momento, disse:

– Mas, pensa V., Quaresma, que eu hei de / pôr a enxada na mão de cada / desses vadios? Não havia exército que / chegasse...

– Mas, não é isso, Marechal, fez o Qua-

Folha 151 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

resma titubeando. V. Ex[a], com o seu prestígio / e poder, favorecia, com medidas enérgicas / e próprias, o aparecimento das iniciativas, / protegia o trabalho... Bastava, por exem-/plo...

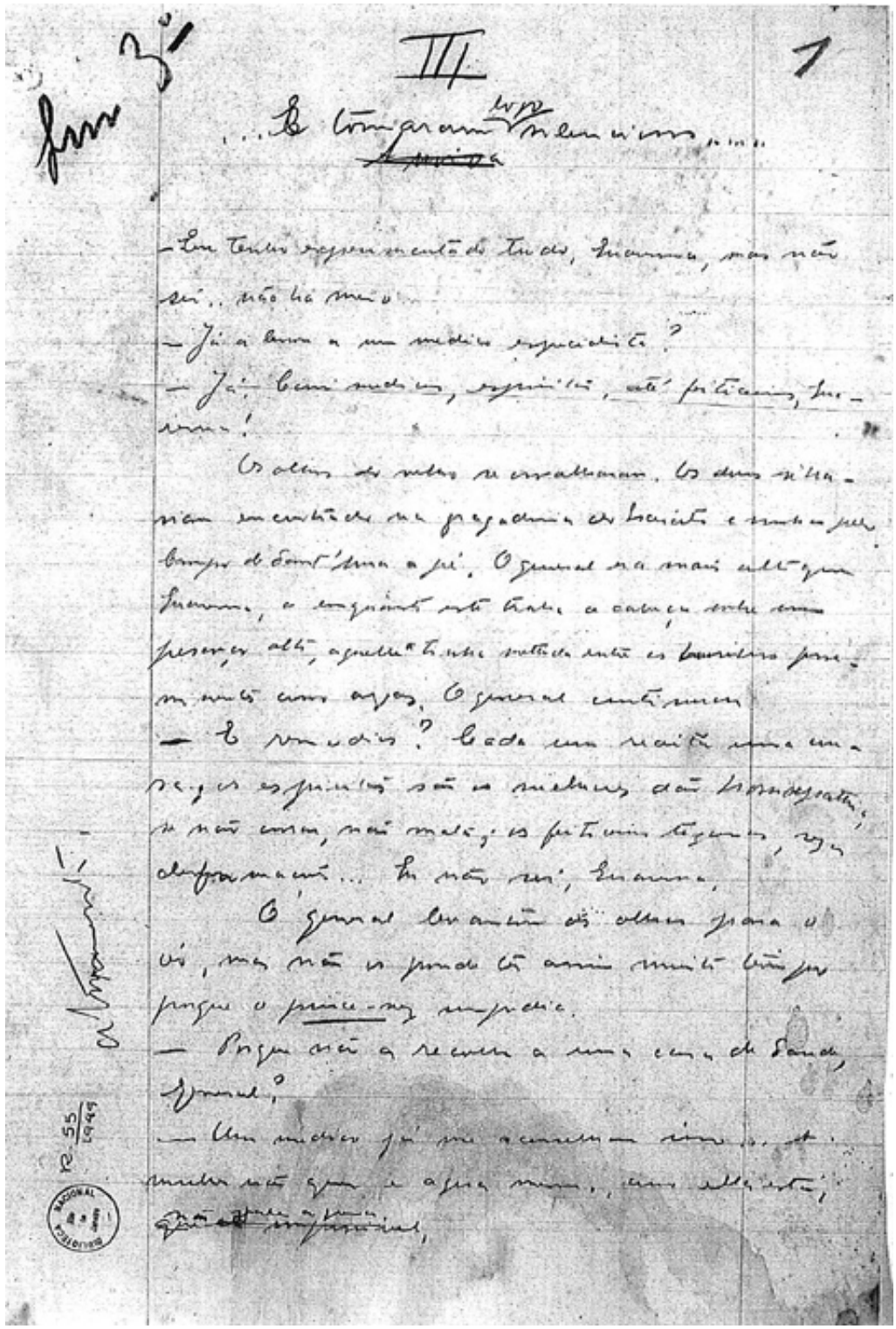
Eles ~~chegavam~~ [[atravessavam]] ao portão da velha / quinta de Pedro I. O luar continuava / lindo, plácido e leitoso. Um [[grande]] edifício / inacabado que havia na rua, parecia terminado / com as vidraças, portas ~~e~~ [*rasurado*] feitas de / luar. Era como um palácio de sonho.

Floriano ouvia Quaresma já muito aborre-/cido, ~~quando o~~ [[O]] bonde chegou; ~~e~~ ele se despe-/diu, di~~sse~~[[zendo]] com aquela [[sua]] flacidez de voz:

– V. é um visionário, Quaresma.

O bonde partiu. A lua povoava os / espaços, dava fisionomia às coisas, en-/chia, enfim a vida com a sua luz / emprestada...

Folha 151 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[Quar 3º.]] III [[1]]

... ~~e~~ [[E]] tornaram [[logo]] silenciosos...

~~A noiva~~

– Eu tenho experimentado tudo, Quaresma, mas não / sei... não há meio.

– Já a levou a um médico especialista?

– Já. Corri médicos, espíritas, até feiticeiros, Qua-/resma!

Os olhos do velho se orvalharam. Os dous se ha-/viam encontrado na pagadoria do Exército e vinham pelo / Campo de Sant'Ana a pé. O general era mais alto que / Quaresma, e enquanto este tinha a cabeça sobre um / pescoço alto, aquele a tinha metida entre os ombros proe-/minentes como asas. O general continuou.

– E remédios? Cada um receita uma coi-/sa; os espíritas são os melhores dão homeopatia, / se não curar, não mata; os feiticeiros tisanas, rezas / defumações... Eu não sei, Quaresma.

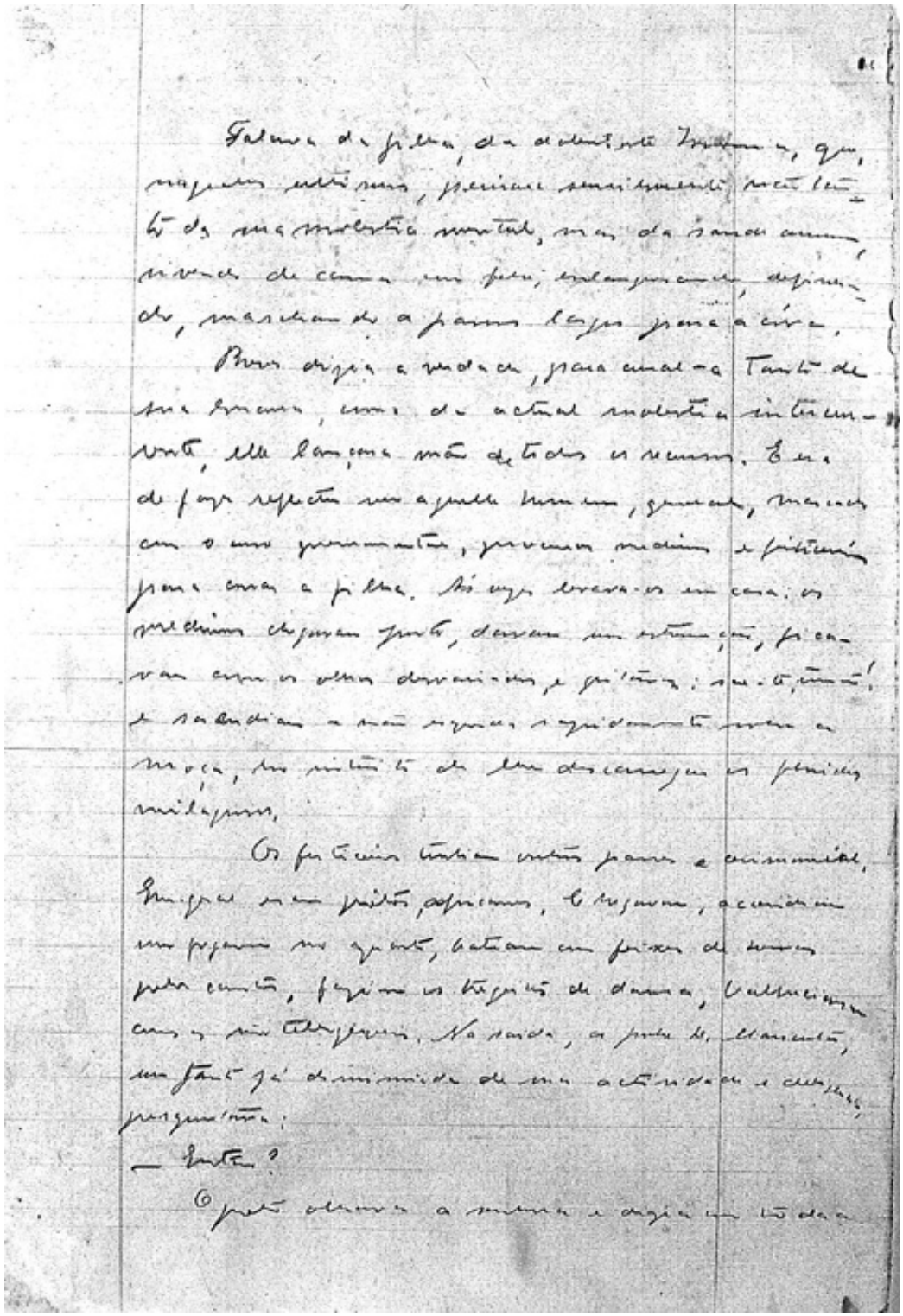
O general levantou os olhos para o / céu, mas não os pôde ter assim muito tempo / porque o pince-nez impedia.[89]

– Por que não a recolhe a uma casa de Saúde, / General?

– Um médico já me aconselhou isso... A / mulher não quer e agora mesmo, como ela está, / ~~que era impossível.~~ [[não vale a pena.]]

Folha 152 (frente).

[89] Na margem esquerda, ao lado deste parágrafo, está manuscrito "a Cartomante".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Falava da filha, da dole~~nte~~nte Ismenia, que, / naqueles últimos, piorara sensivelmente não tan-/to da sua moléstia mental, mas da saúde comum, / vivendo de cama com febre, enlanguescendo, definhan-/do, marchando a passos largos para a cova.

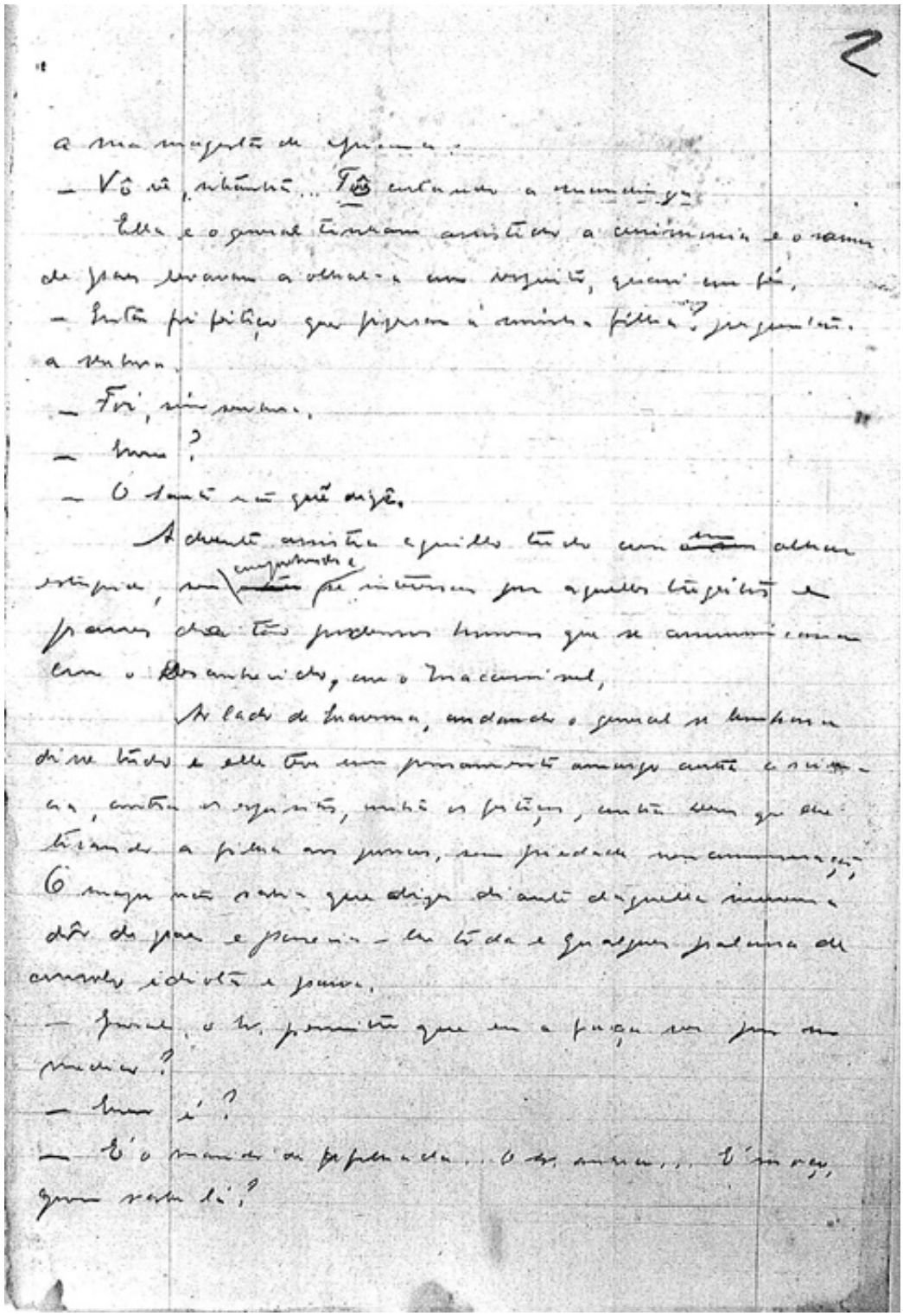
Breves dizia a verdade, para curá-la tanto de / sua loucura, como da atual moléstia intercor-/rente, ele lançara mão ~~a~~de todos os recursos. E era / de fazer refletir ver aquele homem, general, marcado / com o curso governamental, procurar médiuns e feiticeiros / para curar a filha. Às vezes levava-os em casa: os / médiuns chegavam perto, davam um estremeção, fica-/vam com os olhos desvairados, e gritavam: sai-te, irmão! / e sacudiam a mão esquerda seguidamente sobre a / moça, no intuito de lhe descarregar os fluidos / milagrosos.

Os feiticeiros tinham outros passes e cerimonial. / Em geral eram pretos, africanos. Chegavam, acendiam / um fogareiro no quarto, batiam com feixes de ervas / pelos cantos, faziam os trejeitos de dança, balbuciavam / coisas ininteligíveis. Na saída, a pobre D. Maricota, / um tanto já diminuída da sua atividade e diligência, / perguntava:

– Então?

O preto olhava a senhora e dizia com toda a

Folha 152 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[2]]

sua majestade de africano:

– Vô vê, nhãnhã... T~~ou~~ô crotando a mandinga.

Ela e o general tinham assistido a cerimônia e o amor / de pais levavam a olhá-la com respeito, quase com fé.

– Então foi feitiço que fizeram à minha filha? perguntava / a senhora.

– Foi, sim senhora.

– Quem?

– O Santo não qué dizê.

A doente assistia àquilo tudo com ~~o seu~~ [[um]] olhar / estúpido, sem ~~entender~~ [[compreender e]] se interessar por aqueles trejeitos e / passes de tão poderosos homens que se comunicavam / com o ~~d~~[[D]]esconhecido, com o Inacessível.

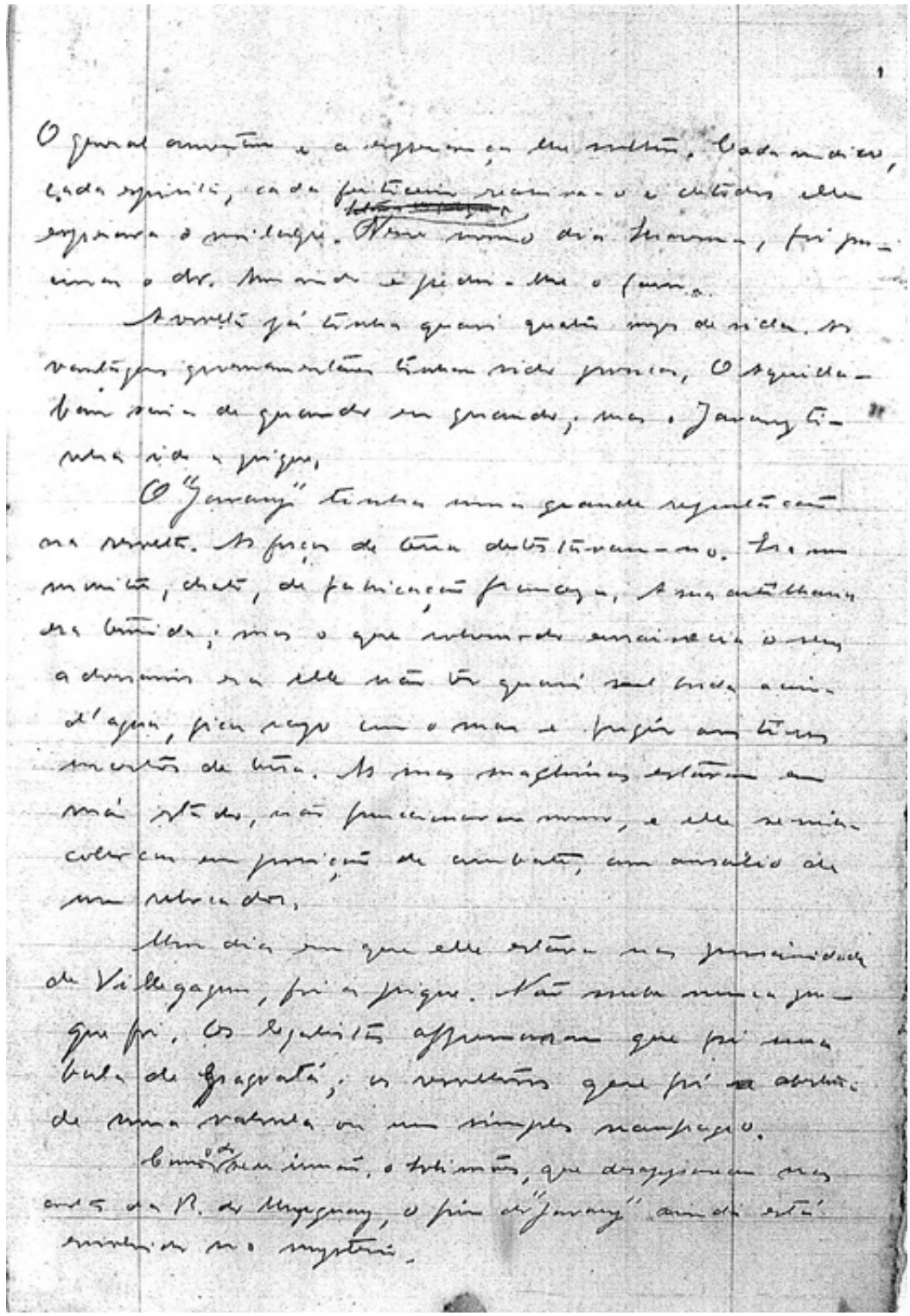
Ao lado de Quaresma, andando o general se lembrava / disso tudo e ele teve um pensamento amargo contra a ciên-/cia, contra os espíritos, contra os feitiços, contra Deus que lhe / tirando a filha aos poucos, sem piedade nem comiseração. / O major não sabia que dizer diante daquela imensa / dor de pai e parecia-lhe toda e qualquer palavra de / consolo idiota e parva.

– General, o Sr. permite que eu a faça ver por um / médico?

– Quem é?

– É o marido de afilhada... o Sr. conhece... É moço, / quem sabe lá?

Folha 153 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

O general consentiu e a esperança lhe voltou. Cada médico, / cada espírita, cada feiticeiro reanimava-o e de todos ele / esperava o milagre. [[[*termos rasurados*]]] Nesse mesmo dia Quaresma, foi pro-/curar o dr. Armando e pediu-lhe o favor.

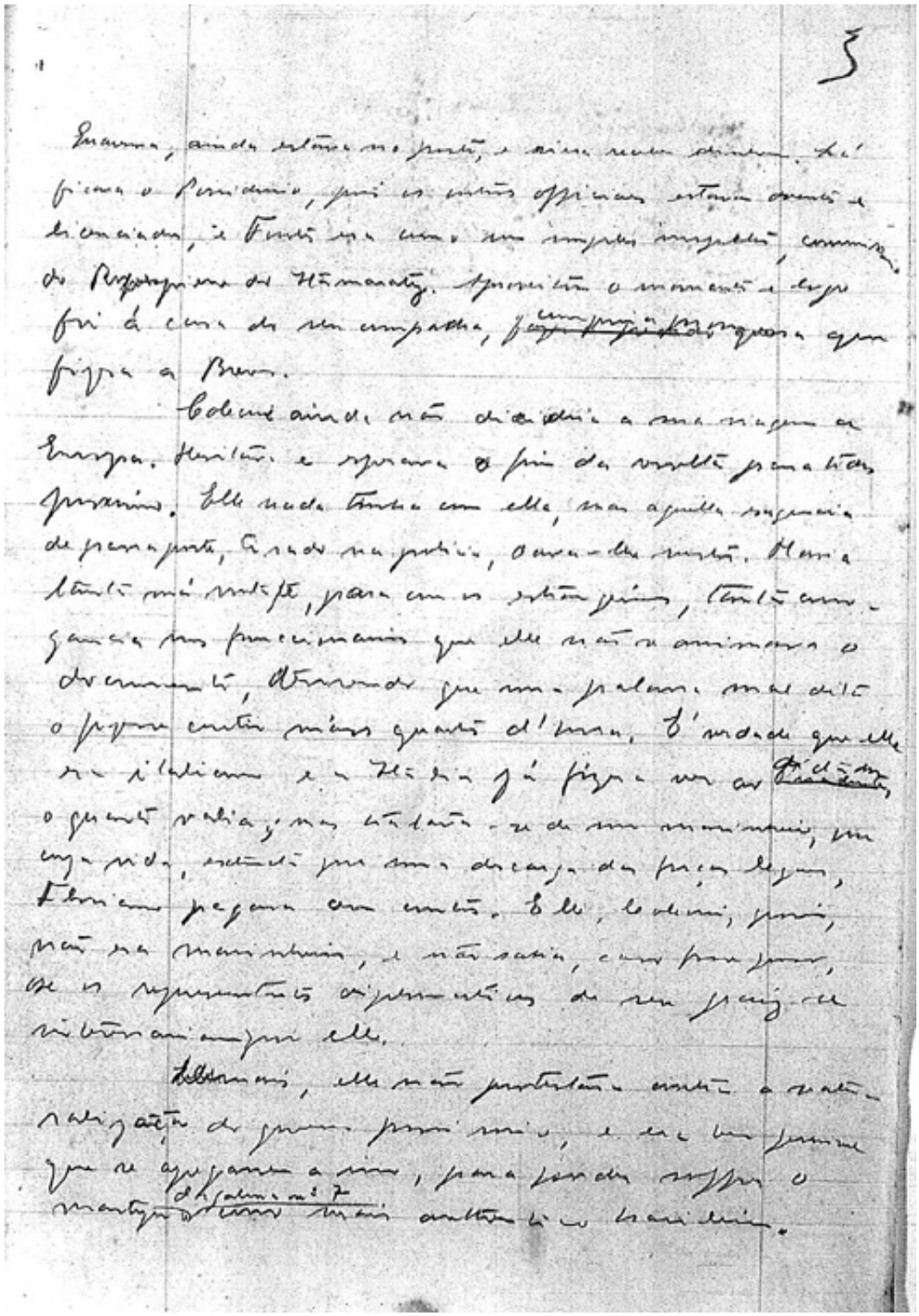
A revolta já tinha quase quatro meses de vida. As / vantagens governamentais tinham sido poucas. O Aquida-/bã saía de quando em quando, mas o Javari ti-/nha ido a pique.

O "Javari" tinha uma grande reputação / na revolta. As forças de terra detestavam-no. Era um / monitor, chato, de fabricação francesa. A sua artilharia / era temida; mas o que sobremodo enraivecia os seus / adversários era ele não ter quase [*rasurado*] borda acima / d'água, ficar raso com o mar e fugir aos tiros / incertos de terra. As suas máquinas estavam em / mau estado, não funcionavam mesmo, e ele se vinha / colocar em posição de combate, com auxílio de / um rebocador.

Um dia em que ele estava nas proximidades / de Villegagnon, foi a pique. Não soube nunca por-/que foi. Os legalistas afirmaram que foi uma / bala de ~~g~~[[G]]ragoatá; os revoltosos que foi a abertura / de uma válvula ou um simples naufrágio.

Como [[o do]] seu irmão, o Solimões, que desapareceu nas / costas da R. do Uruguai, o fim do "Javari" ainda está / envolvido no mistério.

Folha 153 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

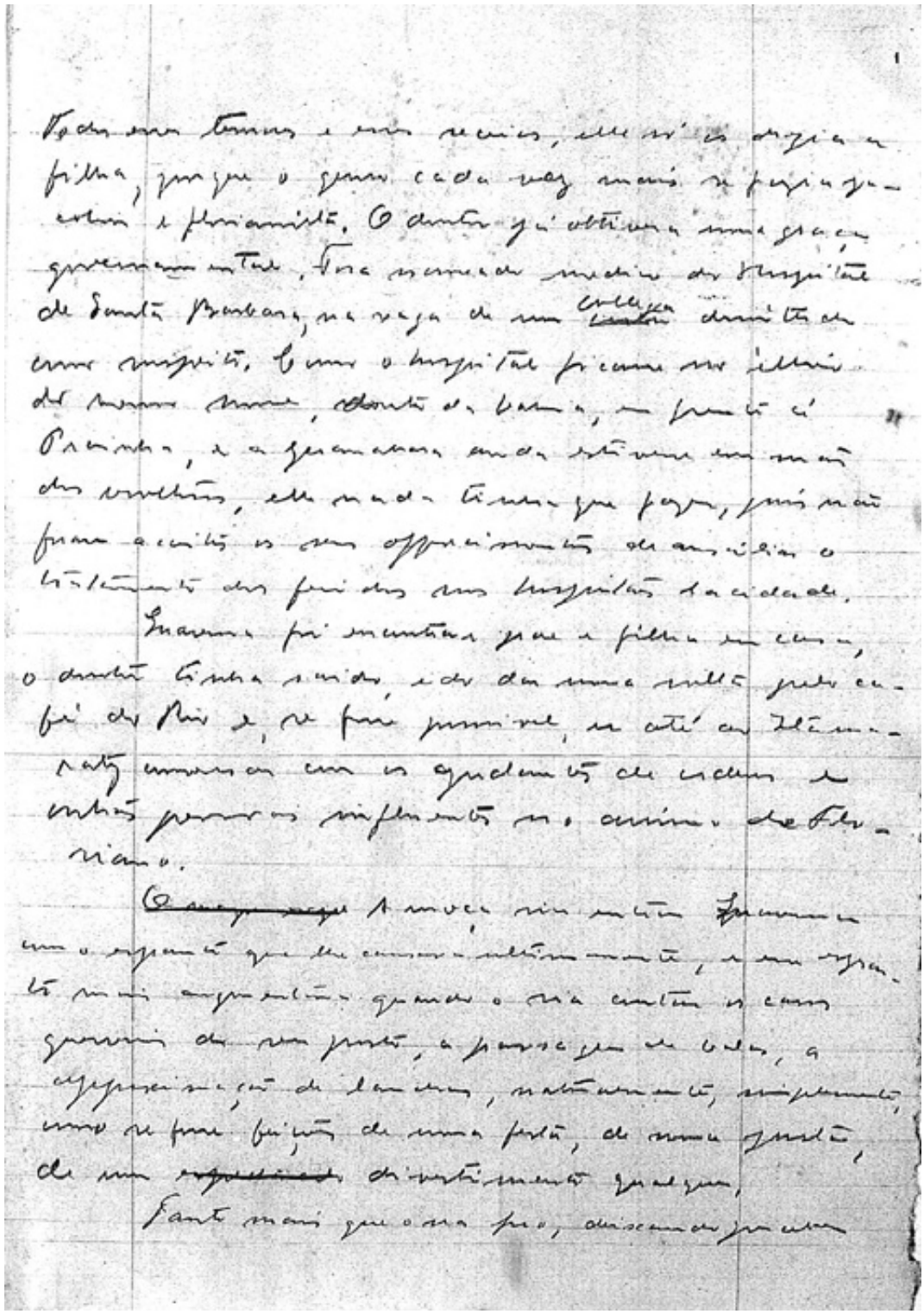
[[3]]

Quaresma, ainda estava no posto, e viera receber dinheiro. Lá / ficara o Possidônio, pois os outros oficiais estavam doentes e / licenciados, e Fontes era como um simples inspetor, comissário / do Robespierre do Itamarati. Aproveitou o momento e logo / foi à casa do seu compadre, ~~fazer o pedido que~~ [[cumprir a promessa]] que / fizera a Breves.

Coleoni ainda não decidira a sua viagem à / Europa. Hesitava e esperava ~~a~~ [[o]] fim da revolta para [*ilegível*] / próximo. Ele nada tinha com ela, mas aquela exigência / de passaporte, tirado na polícia, dava-lhe sustos. Havia / tanta má vontade, para com os estrangeiros, tanta arro-/gância nos funcionários que ele não se animava o / documento, ~~b~~ temendo que uma palavra mal dita / o fizesse curtir maus quartos d'hora. É verdade que ele / era italiano e a Itália já fizera ver ao ~~Presidente~~ [[ditador]] / o quanto valia; mas tratava-se de um marinheiro, por / cuja vida, extinta por uma descarga das forças legais, / Floriano pagara cem contos. Ele, Coleoni, porém, / não era marinheiro, e não sabia, caso fosse preso, / se os representantes diplomáticos de seu país se / interessariam por ele.

[*rasurado*] [[Demais]], ele não protestara contra a natu-/ralização do governo provisório, e era bem possível / que se apegassem a isso, para poder sofrer o / martírio [[da galeria n°. 7]] como mais autêntico brasileiro.

Folha 154 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

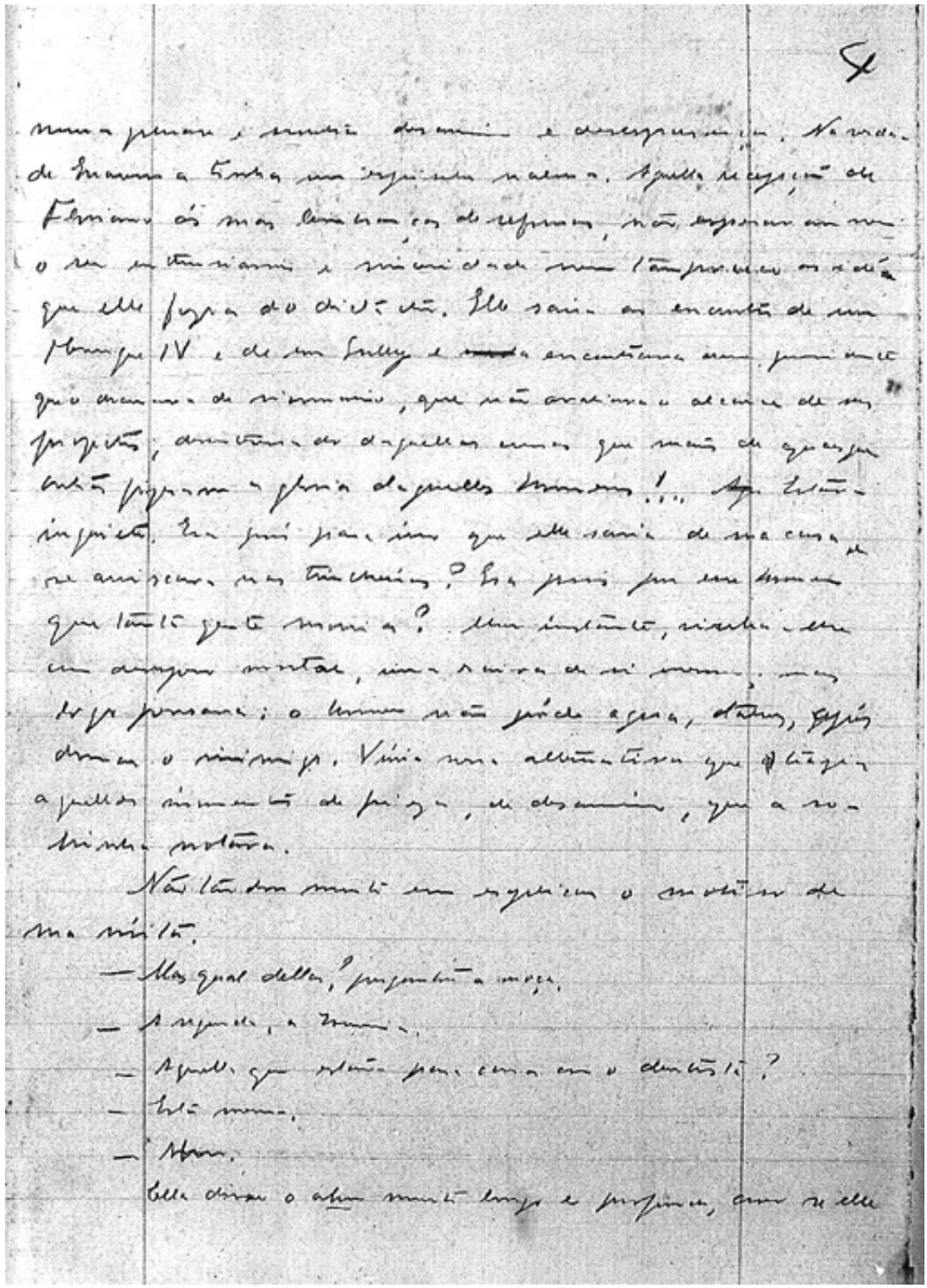
Todos esses temores e esses receios, ele só os dizia à / filha, porque o genro cada vez mais se fazia ja-/cobino e florianista. O doutor já obtivera uma graça / governamental. Fôra nomeado médico do Hospital / de Santa Bárbara, na vaga de um ~~outro~~ [[colega]] demitido / como suspeito. Como o hospital ficasse no ilhéu / do mesmo nome, dentro da baia, em frente à / Prainha, e a Guanabara ainda estivesse em mãos / dos revoltosos, ele nada tinha que fazer, pois não / foram aceitos os seus oferecimentos de auxiliar o / tratamento dos feridos nos hospitais da cidade.

Quaresma foi encontrar pai e filha em casa, / o doutor tinha saído, ido dar uma volta pelo ca-/fé do Rio e, se fosse possível, ir até o Itama-/rati conversar com os ajudantes de ordens e / outras pessoas influentes no ânimo de Flo-/riano.

~~O major expl~~ A moça viu entrar ~~pa~~ [[Quaresma]] / com o espanto que lhe causava ultimamente, e esse espan-/to mais aumentava quando o via contar os casos / guerreiros do seu posto, a passagem de balas, a / aproximação de lanchas, naturalmente, simplesmente, / como se fosse feições de uma festa, de uma justa, / de um [*rasurado*] divertimento qualquer.

Tanto mais que o via frio, deixando perceber

Folha 154 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[4]]

numa frase e noutra desânimo e desesperança. Na verda-/de Quaresma tinha um espinho n'alma. Aquela recepção de / Floriano às suas lembranças de reformas, não esperavam ver / o seu entusiasmo e sinceridade nem tampouco a idéia / que ele fazia do ditador. Ele saíra ao encontro de um / Henrique IV e de um Sully e ~~nada~~ encontrava um presidente / que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance de seus / projetos, desinteressado daquelas coisas que mais de quaisquer / outras fizeram a glória daqueles homens!... ~~Ago~~ Estava / inquieto. Era pois para isso que ele saíra de sua casa, e / se arriscava nas trincheiras? Era pois por esse homem / que tanta gente morria? Um instante, vinha-lhe / um desespero mortal, uma raiva de si mesmo; mas / logo pensava: o homem não pode agora, talvez, ~~q~~ [[após]] / domar o inimigo. Vivia nessa alternativa que ~~o~~ trazia / aqueles momentos de frieza, de desânimo , que a so-/brinha notava.

– Mas qual delas? perguntou a moça.

– A segunda, a Ismenia.

– Aquela que estava para casar com o dentista?

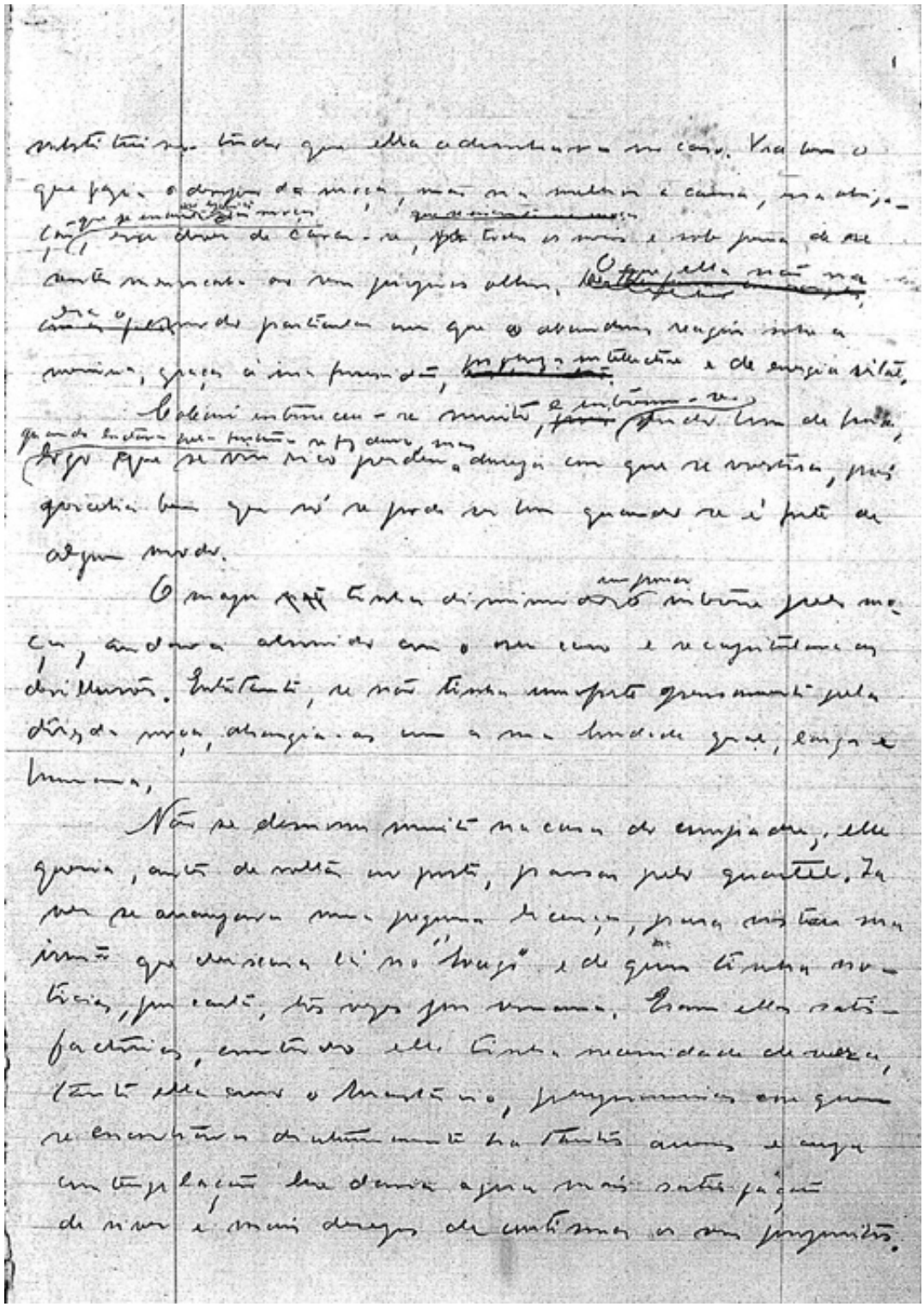
– Esta mesmo.

– Ahn.

Ela disse o <u>ahn</u> muito longo e profundo, como se ele[90]

Folha 155 (frente).

[90] Cf. texto à tinta no verso da folha 170.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

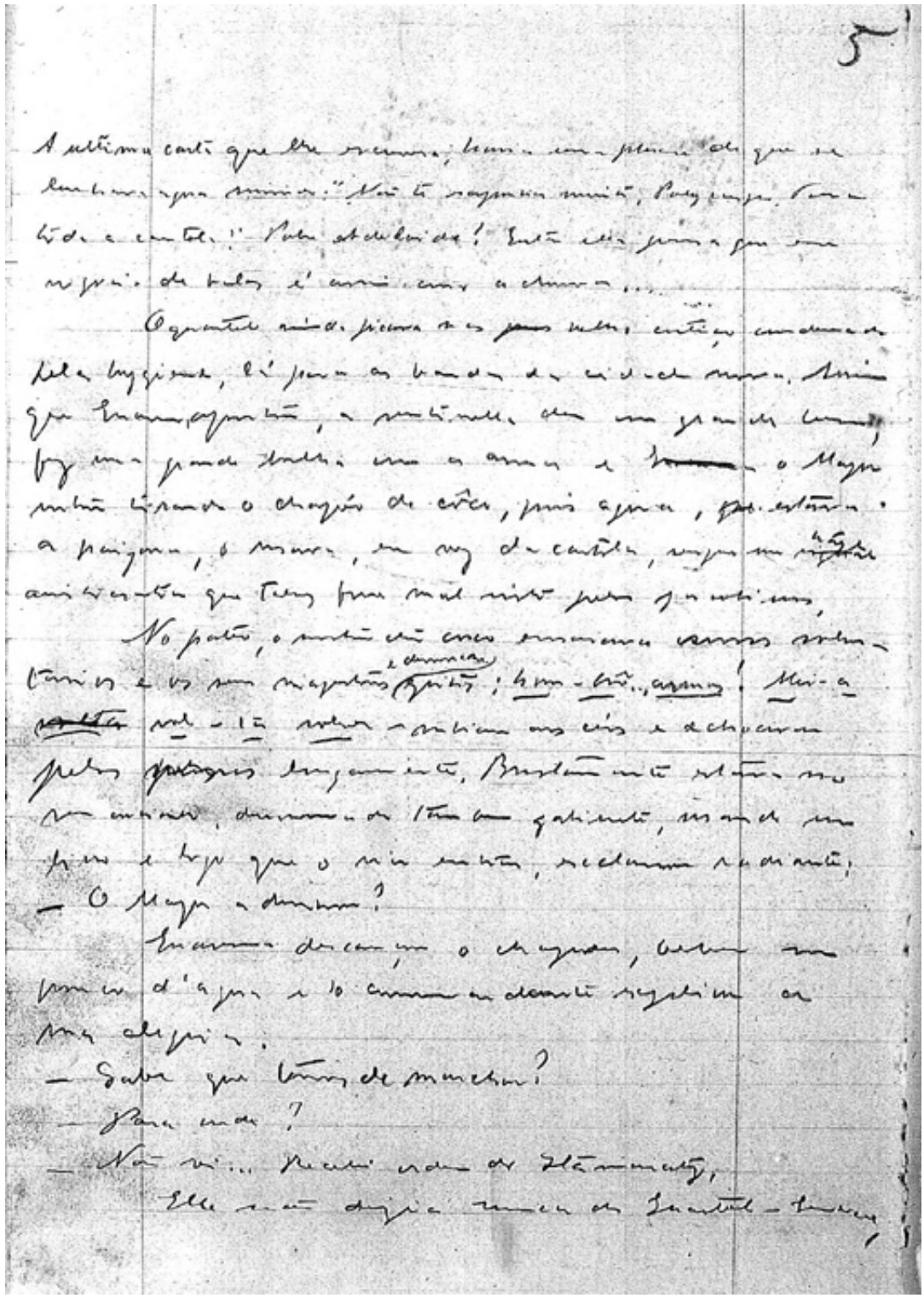
substituísse tudo que ela adivinhava no caso. Via bem o / que fazia o desespero da moça, mas via melhor a causa, essa obriga-/ção {{que se incrusta [[no espírito]] das moças}}, esse dever de casar-se [[~~que se incrusta nas moças~~]], ~~essa~~ [[por]] todos os meios e sob pena de se / sentir menoscabo aos seus próprios olhos. [*termos rasurados*] ~~com exemplos~~ [[O que ela não via]] / ~~com as falas~~ [[era o]] modo particular com que o abandono reagiu sobre a / menina, graças à sua frouxidão, [*rasurado*]~~.~~ [[à pobreza intelectual e de energia vital.]]

Coleoni enterneceu-se muito, ~~pois~~ [[e interessou-se.]] ~~s~~[[S]]endo bom de fundo, / quando lutava pela fortuna se fez duro, mas / logo que se viu rico perdeu a dureza com que se revestira, pois / percebia bem que só se pode ser bom quando se é forte de / algum modo.

O major ~~não~~ tinha diminuído [[um pouco]] o interesse pela mo-/ça, andava aborrecido com o seu caso e recapitulava as / desilusões. Entretanto, se não tinha um forte pensamento pela / desdita da moça, abrangia-a com a sua bondade geral, larga e / humana.

Não se demorou muito na casa do compadre; ele / queria, antes de voltar ao posto, passar pelo quartel. Ia / ver se arranjava uma pequena licença, para visitar sua / irmã que deixara lá no "Sossego" e de quem tinha no-/tícias, por carta, três vezes por semana. Eram elas satis-/fatórias, contudo ele tinha necessidade de vê-la, / tanto ela como o Anastácio, fisionomias com quem / se encontrava diuturnamente há tantos anos e cuja / contemplação lhe daria agora mais satisfação / de viver e mais desejos de continuar os seus propósitos.

Folha 155 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[5]]

A última carta que lhe escrevera, havia uma frase de que se / lembrava agora sorrindo: "Não te exponhas muito, Polycarpo. Toma / toda a cautela". Pobre Adelaide! Então ela pensa que esse / negócio de balas é assim como a chuva...

O quartel ainda ficava nas [*rasurado*] velho cortiço condenado / pela higiene, lá para as bandas da cidade nova. Assim / que Quaresma apontou, a sentinela deu um grande berro, / fez uma grande bulha com a arma e ~~Quaresma~~ o Major / entrou tirando o chapéu de coco, pois agora, que estava / à paisana, o usava, em vez da cartola, sempre um ~~sinal~~ [[traje]] / aristocrático que talvez fosse mal visto pelos jacobinos.

No pátio, o instrutor coxo ensaiava novos volun-/tários e os seus majestosos [[e demorados]] gritos: om-brô... armas! Mei-a / ~~volta~~ vol-ta volver – subiam aos céus e ecoavam / pelos muros longamente. Bustamante estava no / seu cubículo, denominado também gabinete, usando um / livro e logo que o viu entrar, exclamou radiante:

– O major adivinhou?

Quaresma descansou o chapéu, bebeu um / pouco d'água e o Coronel Innocencio explicou a / sua alegria:

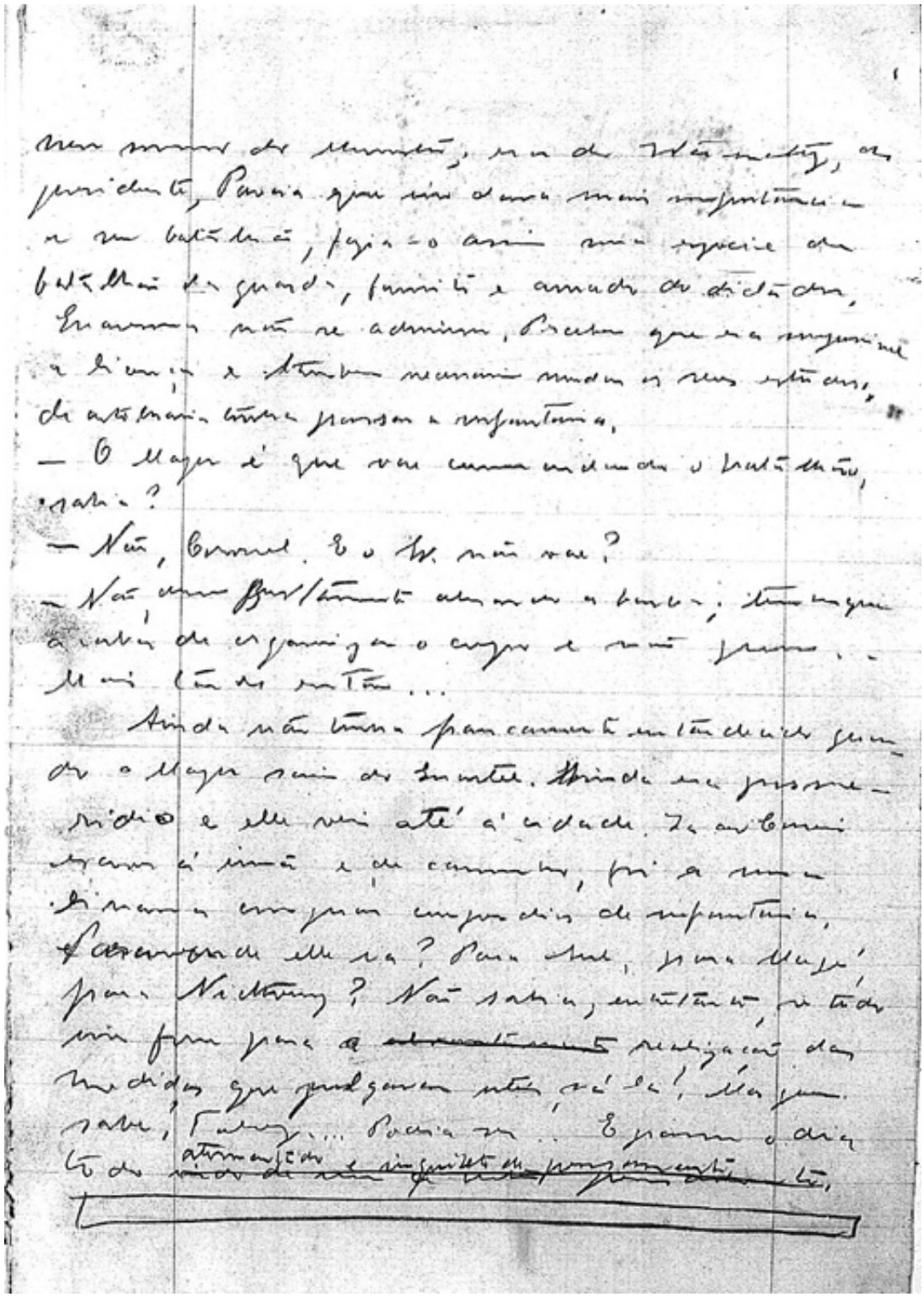
– Sabe que temos de marchar?

– Para onde?

– Não sei... Recebi ordem do Itamarati.

Ele não dizia nunca do Quartel-General,

Folha 156 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

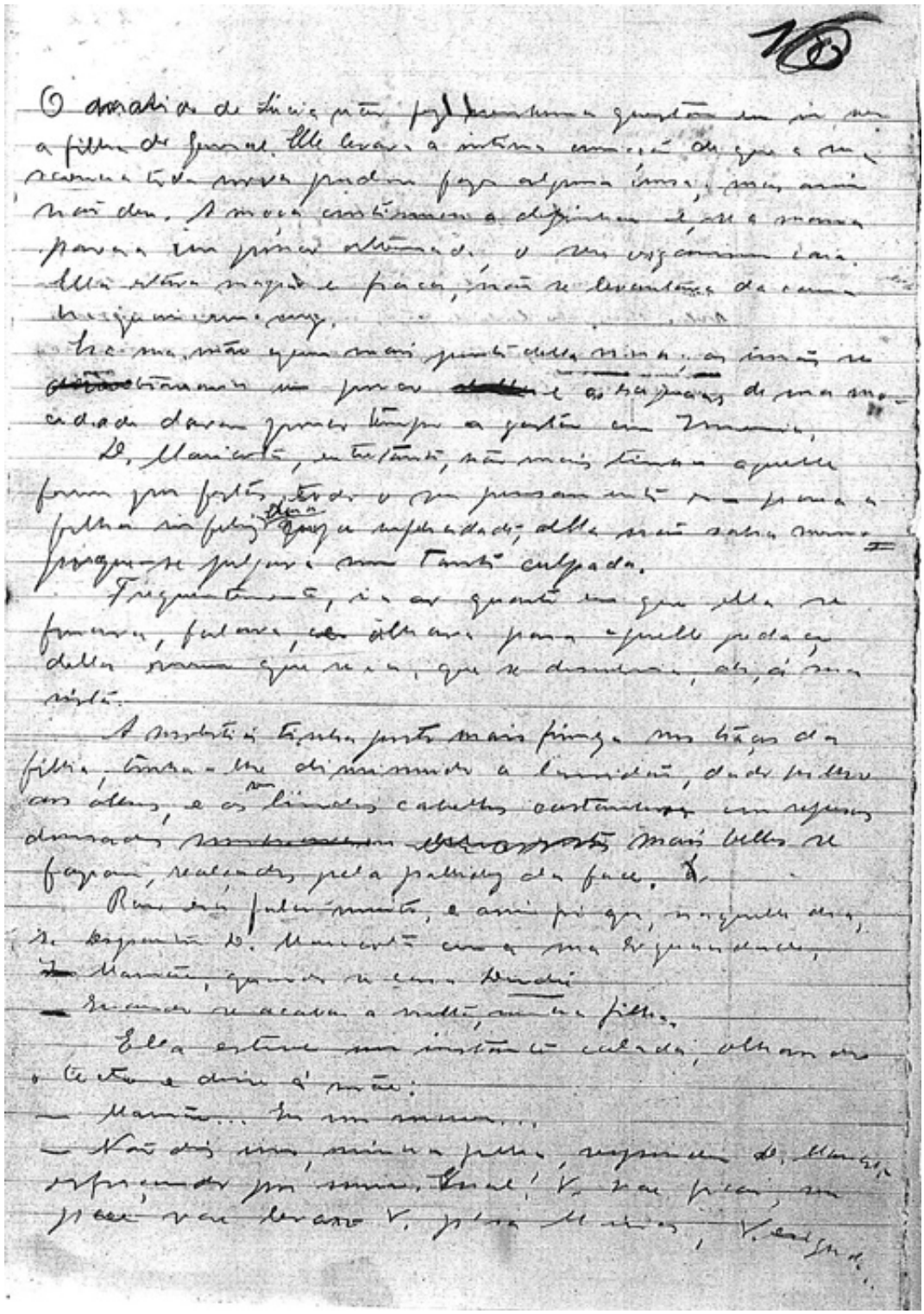
nem mesmo do Ministro; era do Itamarati, do / presidente. Parecia que isso dava mais importância / a seu batalhão, fazia-o assim uma espécie de / batalhão da guarda, favorito e amado do ditador. / Quaresma não se admirou. Percebeu que era impossível / a licença e também necessário mudar os seus estudos: / da artilharia tinha passar à infantaria.

– O Major é que vai comandar o batalhão, / sabia?

– Não, Coronel. E o Sr. não vai?

– Não, disse Bustamante alisando a barba; tenho que / acabar de organizar o corpo e não posso... / Mais tarde então...

Ainda não tinha francamente entardecido quan-/do o Major saiu do Quartel. Ainda era posme-/rídio e ele veio até a cidade. Ia ao Correio / escrever à irmã e, de caminho, foi a uma / livraria comprar compêndios de infantaria. / ~~e escreveu~~ [[Para onde]] ele ia? Para Sul, para Majé, / para Niterói? Não sabia; entretanto, se tudo / isso fosse para ~~o~~ [[a]] [*rasurado*] realização das / medidas que julgava então, vá lá! Mas quem / sabe! Talvez... Podia ser... E passou o dia / todo ~~indo de um a outro pensamento.~~ [[atormentado e inquieto de pensamentos.]]



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[~~100~~]] [[6]]

O ~~dr. Ar~~ [[marido]] de Lúcia não fez nenhuma questão em ir ver / a filha do General. Ele levava a íntima convicção de que a sua / ciência toda nova pudesse fazer alguma coisa; mas assim / não deu. A moça continuou a definhar e, se a mania / parecia um pouco atenuada, o seu organismo caía. / Ela estava magra e fraca, não se levantava da cama / há quase um mês.

Era sua mãe quem mais junto dela vivia; as irmãs se / ~~desin~~teressaram um pouco ~~dela~~ e as exigências de sua mo-/cidade davam pouco tempo a gastar com Ismenia.

D. Maricota, entretanto, não mais tinha aquele / fervor por festas, todo o seu pensamento era para a / filha infeliz [[[*ilegível*]]] ~~que~~ a infelicidade; ela não sabia mesmo~~,~~ / porque se julgava um tanto culpada.

Frequentemente, ia ao quarto em que ela se / finava, falava, ~~com~~ [[e]] olhava para aquele pedaço / dela mesma que se ia, que se dissolvia, ali, à sua / vista.

A moléstia tinha posto mais firmeza nos traços da / filha, tinha-lhe diminuído a lassidão, dado brilho / aos olhos, e os [[seus]] lindos cabelos castanhos com reflexos / dourados [*trecho rasurado*] mais belos se / faziam, realçados pela palidez da face.

Raro era falar muito, e assim foi que, naquele dia, / se espantou D. Maricota com a sua loquacidade.

~~Is~~ – Mamãe, quando se casa Dudu?

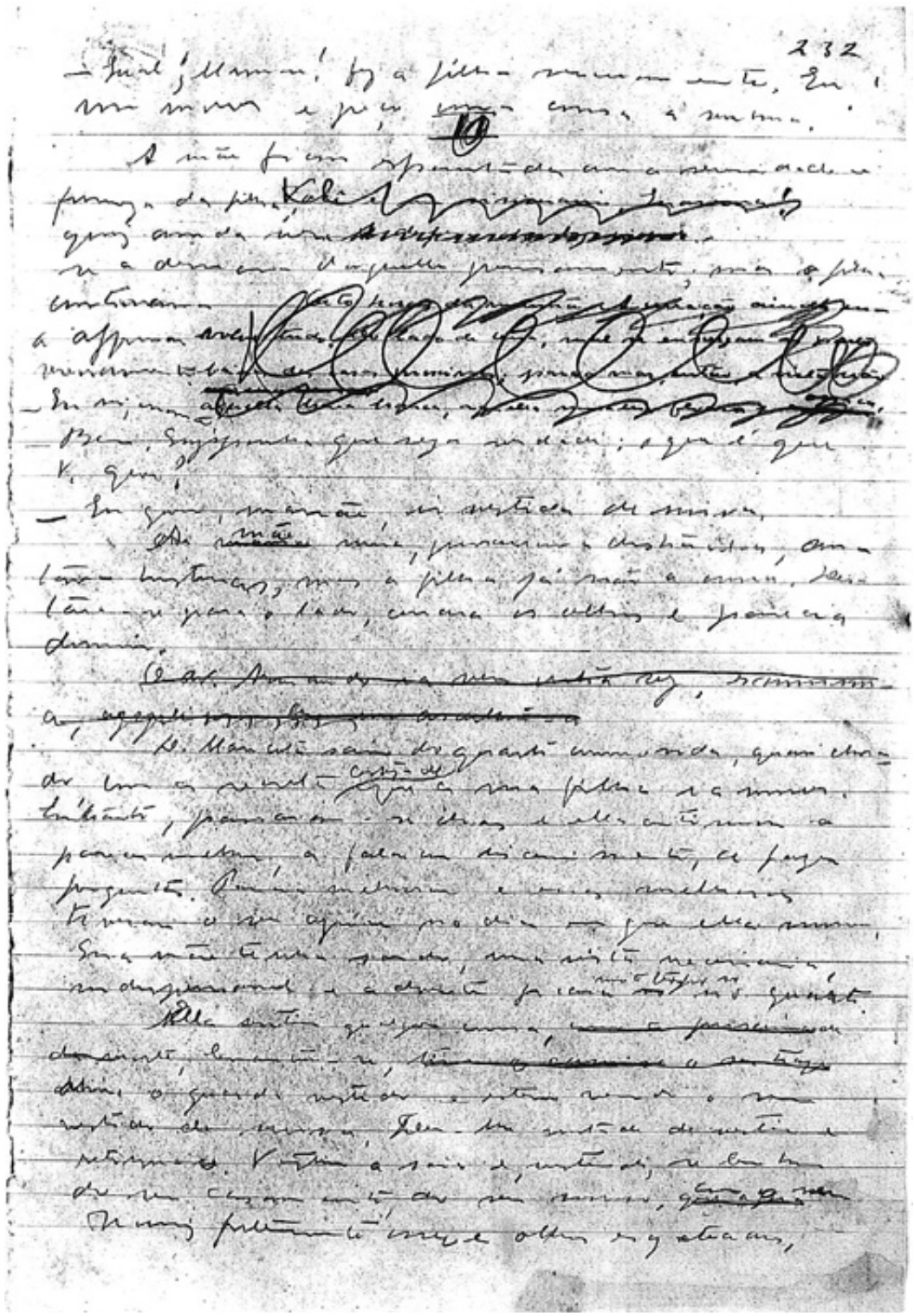
– Quando se acabar a revolta, minha filha.

Ela esteve um instante calada, olhando / o teto e disse à mãe:

– Mamãe... Eu vou morrer...

– Não diz isso, minha filha, respondeu D. Maricota, / esforçando por sorrir. Qual! V. vai ficar, seu / pai vai levar V. pra Minas, V. engorda...

Folha 157 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Qual! Mamãe! fez a filha serenamente. Eu / vou morrer e peço uma coisa à senhora.

A mãe ficou espantada com a seriedade e / firmeza da filha; / quis ainda ver / se a dissuadia daquele pensamento; mas a filha / continuava / a afirmar / serenamente:

– Eu sei, mamãe.

– Bem. Suponho que seja verdade: o que é que / v. quer?

– Eu quero, mamãe, ir vestida de noiva.

A ~~mamãe~~ [[mãe]] [*ilegível*], passou a distraí-la, con-/tava besteiras, mas a filha já não a ouvia. Dei-/tara-se para o lado, cerrara os olhos e parecia dormir.

~~O dr. Armando ia ver outra vez, examinava /a, aplicava~~ [*termos rasurados*]

D. Maricota saiu do quarto comovida, quase choran-/do, com a secreta [[certeza de]] que a filha ia morrer. / Entretanto, passavam-se os dias e ela continuava a / parecer melhor, a falar com discernimento,a fazer / perguntas. Parecia melhorar e essas melhorias / tiveram o sei ápice no dia em que ela morreu. / Sua mãe tinha saído, uma visita necessária, / indispensável e a doente ficara ~~só~~ [[muito tempo só]] no quarto.

~~N~~ [[Ela]] sentiu qualquer coisa, ~~como a proximidade / da morte~~, levantou-se, ~~tirou a camisa o seu traje / de~~ [[abriu]] o guarda vestido e esteve vendo o seu / vestido de noiva. Deu-lhe vontade de vestir e / retirou-o. Vestiu a saia e, vestindo, se lembrou / do seu casamento, de seu noivo, ~~que agora~~ [[com o seu]] / nariz fortemente ósseo e olhos esgotados,

{{ II 232

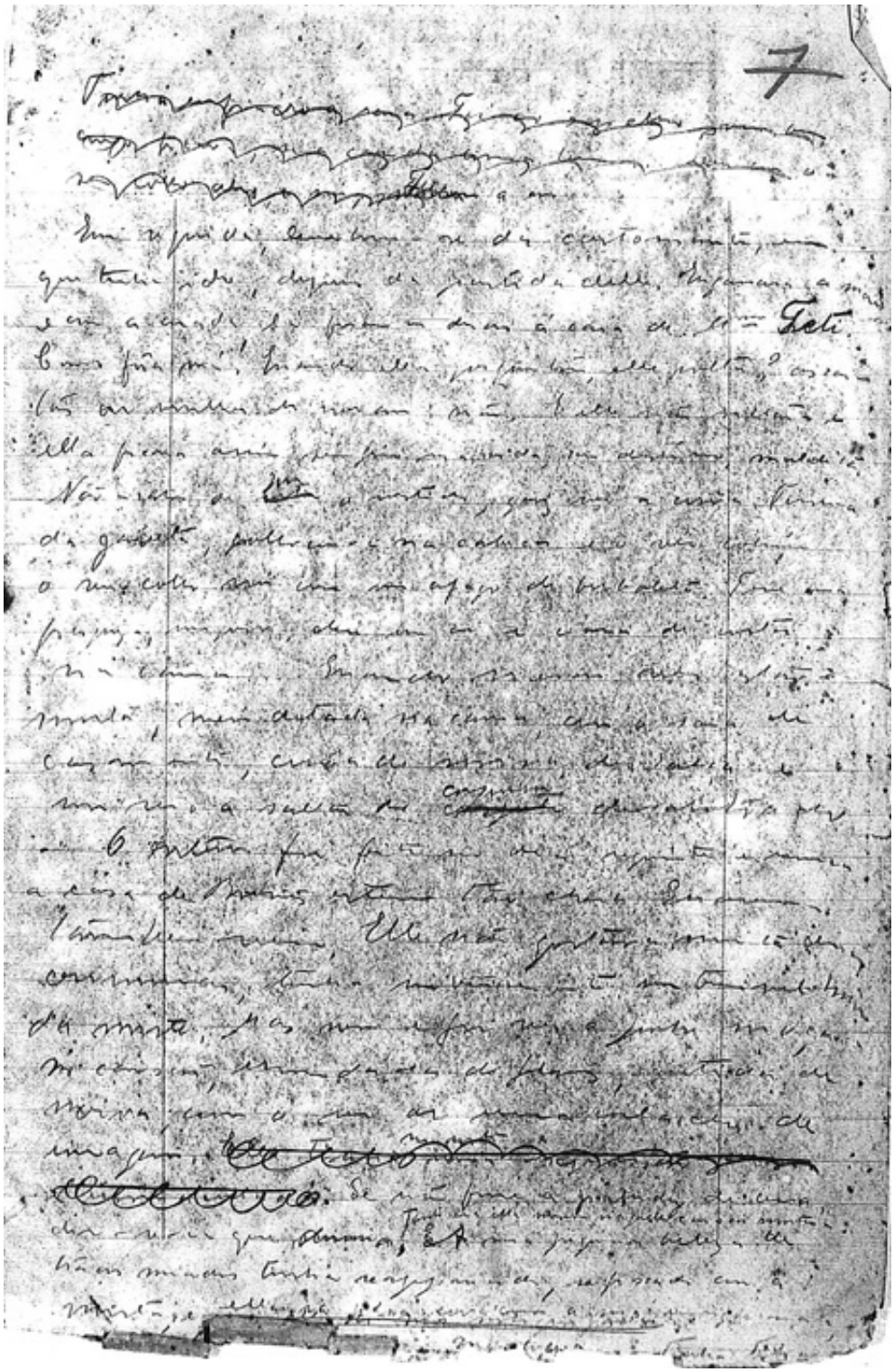
Você é um visionário, Quaresma!

~~A defesa do~~ [*rasurado*]

Oito horas da manhã. A cerração ainda en-/volvia tudo. Do lado da terra, mal se enxergam as partes / baixas das casas próximas; para o mar, então, a vista não / [[[termos rasurados]]] aquela treva branca, aquela muralha flocosa e [rasurado] [[opaca,]]}}[91]

Folha 157 (verso).

[91] Todo este trecho entre chaves duplas está manuscrito à tinta, na metade superior da página, no meio do segundo parágrafo. Cf. folha 143 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

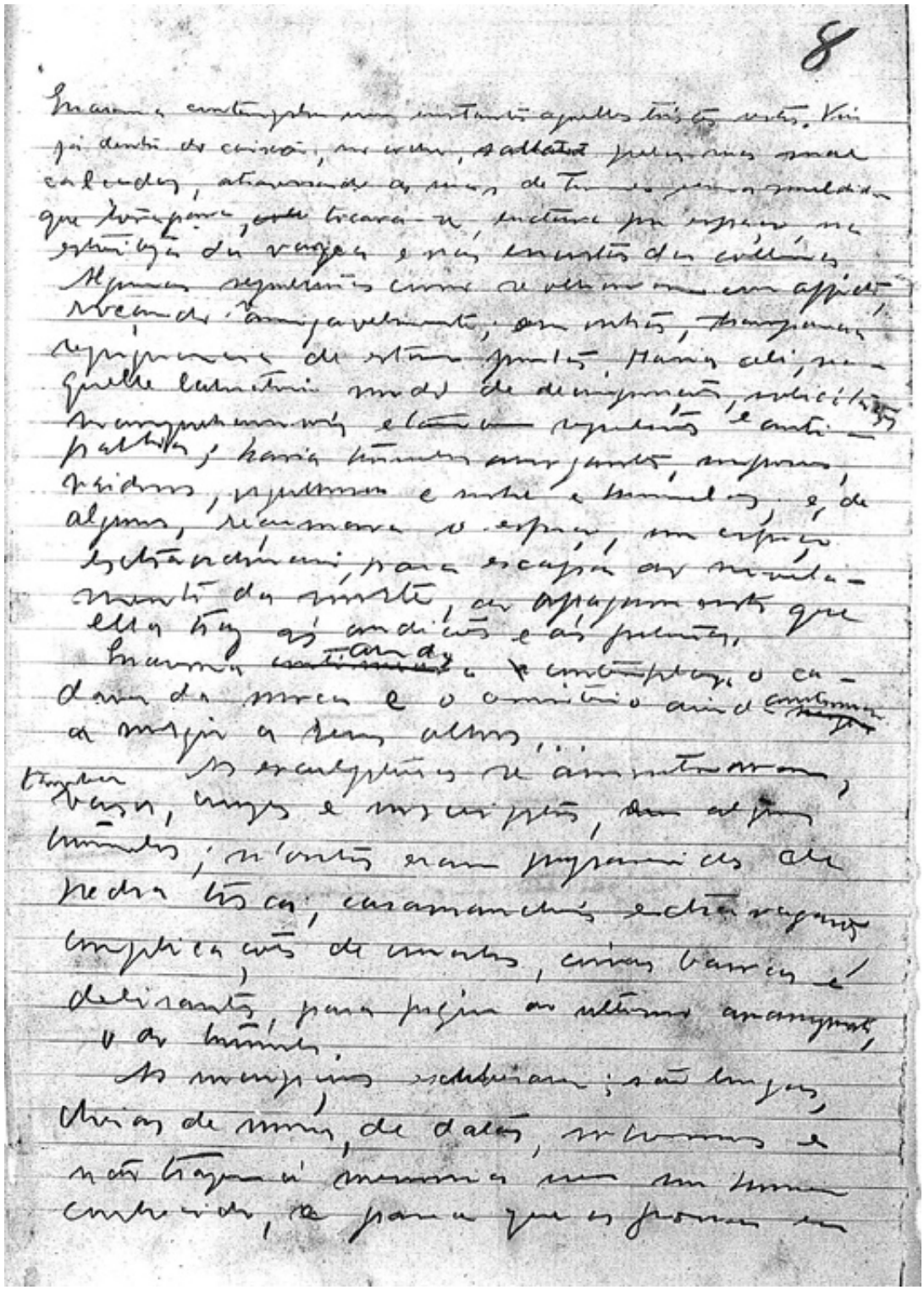
[[7]]

~~Tinha enfiado a saia. Foi ao espelho, viu bem / como ficava, se a causa~~ [*rasurado*] ~~terminava. Deu com o / seu colo alvo, e~~ [*termos rasurados*] ~~a en~~

Em seguida, lembrou-se da cartomante, em / que tinha ido, depois da partida dele. Enganara a mãe / e com a criada lá foram as duas à casa de M$^{\underline{me}}$ Teti. / Como fôra má! Quando ela perguntou, ele volta? as car-/tas [*termos ilegíveis*] disseram: não. E ele não voltava e / ela ficara assim sem seu marido, seu destino; maldita. / Não acabou de ~~vestir~~ [[pôr]] o vestido, quis ver a coroa. Tirou-a / da gaveta, colocou-a na cabeça e o véu cobriu / o seu colo nu com um afago de borboleta. Teve uma / fraqueza, uma coisa, deu um ai e caiu de costas / na cama... Quando vieram ver estava / morta, meio deitada na cama, com a saia de / casamento, coroa de [*ilegível*], [*ilegível*] e / um seio a saltar do ~~corpete~~ [[corpinho]] [*ilegível*].

O enterro foi feito no dia seguinte e nunca / a casa de Breves esteve tão cheia. Quaresma / também veio. Ele não gostava muito dessas / cerimônias, tinha ~~um~~ [*ilegível*] um terrível medo / da morte. Mas veio e foi ver a pobre moça / no caixão, inundada de flores, toda de / noiva, com o seu ar imaculado de / imagem. ~~Ela tinha~~ [[~~no rosto~~]] ~~uma expressão~~ [*rasurado*] ~~/~~ [*termos rasurados*]. Se não fosse a palidez de cera / dir-se-ia que [*rasurado*] [[dormia]] {{Tanto era ela mesma naquele [*termos ilegíveis*]}}. ~~E a~~ [[A]] sua pequena beleza de / traços miúdos tinha reaparecido, fixado com a / morte; e ~~com~~ [*rasurado*] ~~a sua mesma~~ [*rasurado*] {{ela ia pra a cova com a sua [*termos ilegíveis*]}} ; com sua [*termos ilegíveis – linha rasgada*] tinha tido com [*ilegível*].

Folha 158 (frente; no verso, página manuscrita de "Cló").



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[8]]

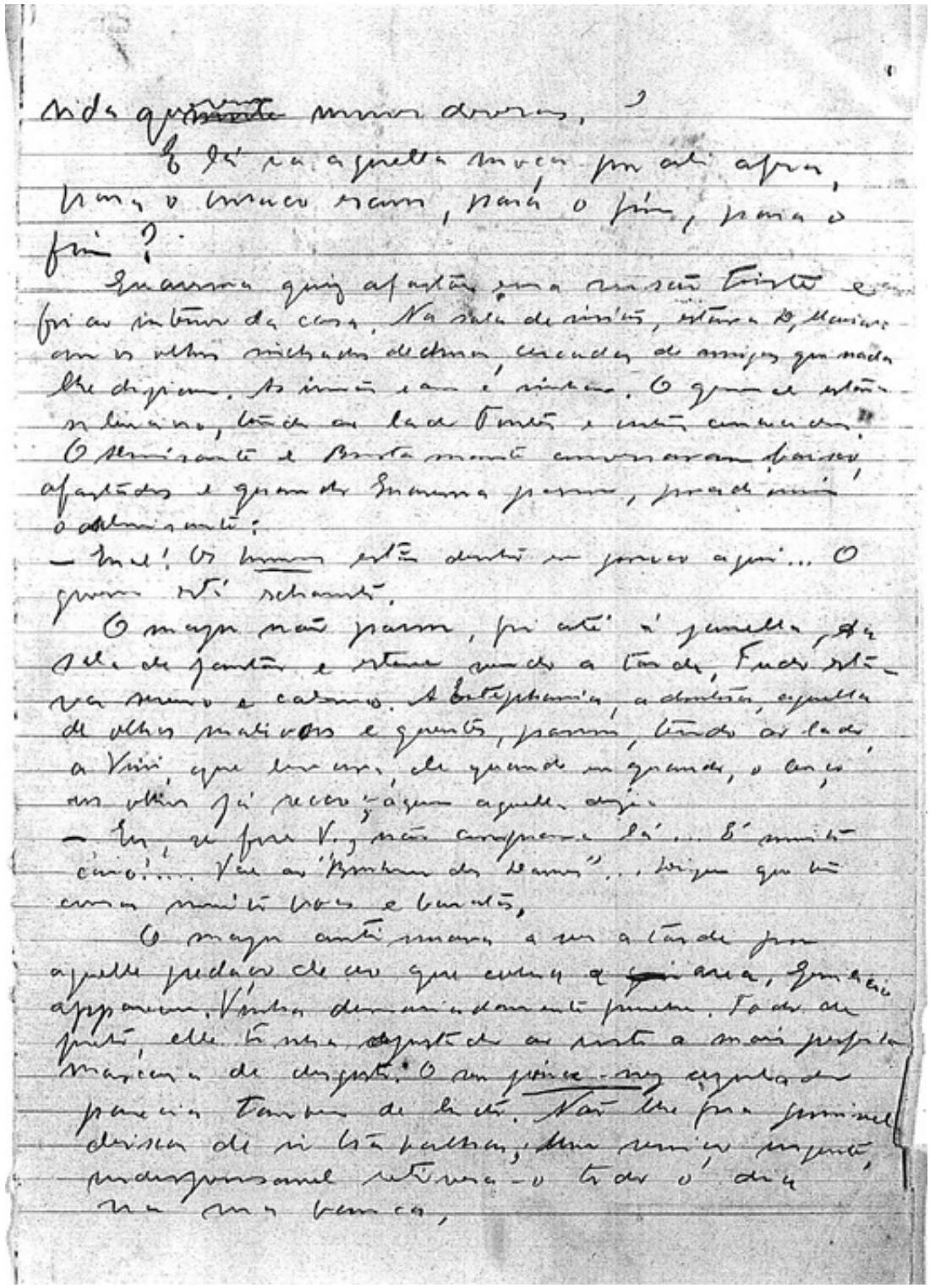
Quaresma contemplou um instante aqueles tristes restos. Viu / já dentro do caixão, no coche. A [*ilegível*] pelas ruas mal / calçadas, atravessando as ruas de túmulos uma multidão / que trepava, [*rasurado*] tocava-se, lutava por espaço, na / estreiteza da várzea e nas encostas das colinas. / Algumas sepulturas como se olhavam com afeto, / roçando-se amigavelmente; em outras, transparecia / repugnância de estarem perto. Havia ali, na-/quele laboratório mudo de decomposições, solicitações / incompreensíveis e também repulsões e anti-/patias; havia túmulos arrogantes, superiores, / vaidosos, orgulhosos e simples e humildes; e, de / alguns, ressumava o esforço, um esforço / extraordinário, para escapar ao nivela-/mento da morte, ao apagamento que / ela traz às condições e às fortunas.

Quaresma ~~continuava a~~ [[ainda]] contempla~~r~~[[va]] o ca-/dáver da moça e o cemitério ainda ~~surgia~~ [[continuava]] / a surgir a seus olhos...

As esculturas que se amontoavam, / [[também]] vasos, cruzes e inscrições, em alguns / túmulos; n'outros eram pirâmides de / pedra tosca, caramanchões extravagantes, / complicações de ornatos, coisas barrocas e / delirantes, para fugir ao último anonimato, / o do túmulo.

As inscrições exuberam: são longas, / cheias de nomes, de datas, sobrenomes e / não trazem à memória nem um homem / conhecido, e para que as formas em

Folha 159 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

vida [[querem]] ~~morte~~ morrer deveras?

E lá ia aquela moça por ali afora, / para o buraco escuro, para o fim, para o / fim?

Quaresma quis afastar essa visão triste e / foi ao interior da casa. Na sala de visitas, estava D. Maricota / com os olhos inchados de chorar, cercada de amigas que nada / lhe diziam. As irmãs iam e vinham. O general estava / silencioso, tendo ao lado Fontes e outros conhecidos. / O Almirante e Bustamante conversavam baixo, / afastados e quando Quaresma passou, pôde ouvir / o ~~a~~[[A]]lmirante:

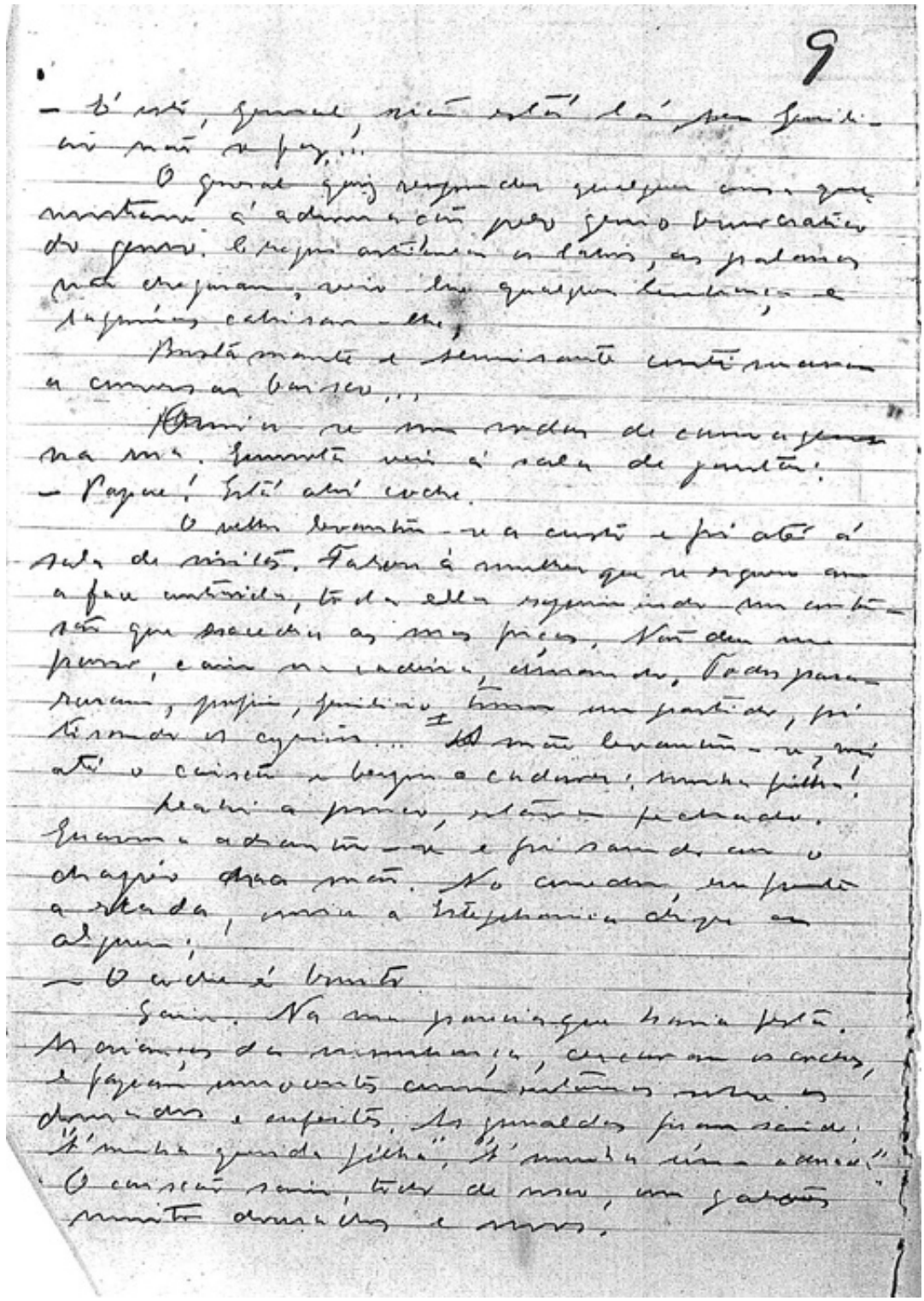
– Qual! Os homens estão dentro em pouco aqui... O / governo está exausto.

O major não parou, foi até a janela da / sala de jantar e esteve vendo a tarde. Tudo esta-/va sereno e calmo. A Estefânia, a doutora, aquela / de olhos maliciosos e quentes, passou, tendo ao lado / a Vivi, que levava, de quando em quando, o lenço / aos olhos já secos; a quem aquela dizia:

– Eu, se fosse V., não comprava lá... É muito / caro!... Vai ao "Bonheur des Dames"... Dizem que tem / cousas muito boas e baratas.

O major continuava a ver a tarde por / aquele pedaço de céu que cobria ~~o~~ [[a]] ~~quin~~ área. Genelício / apareceu. Vinha demasiadamente fúnebre. Todo de / preto, ele tinha ajustado ao rosto a mais perfeita / máscara de desgosto. O seu pince-nez azulado / parecia também de luto. Não lhe fôra possível / deixar de ir trabalhar; um serviço urgente, / indispensável retivera-o todo o dia / na sua banca.

Folha 159 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

[[9]]

– É isto, general, não está lá seu Genelí-/cio não se faz...

O general quis responder qualquer coisa que / mostrasse a admiração pelo gênio burocrático / do genro. Chegou articular os lábios, as palavras / não chegaram, veio-lhe qualquer lembrança e / lágrimas cobriram-lhe.

Bustamante e Almirante continuavam / a conversar baixo...

~~Hou~~ [[Ouviu]]-se um rodar de carruagens / na rua. Quinota veio à sala de jantar:

– Papai! Está aí coche.

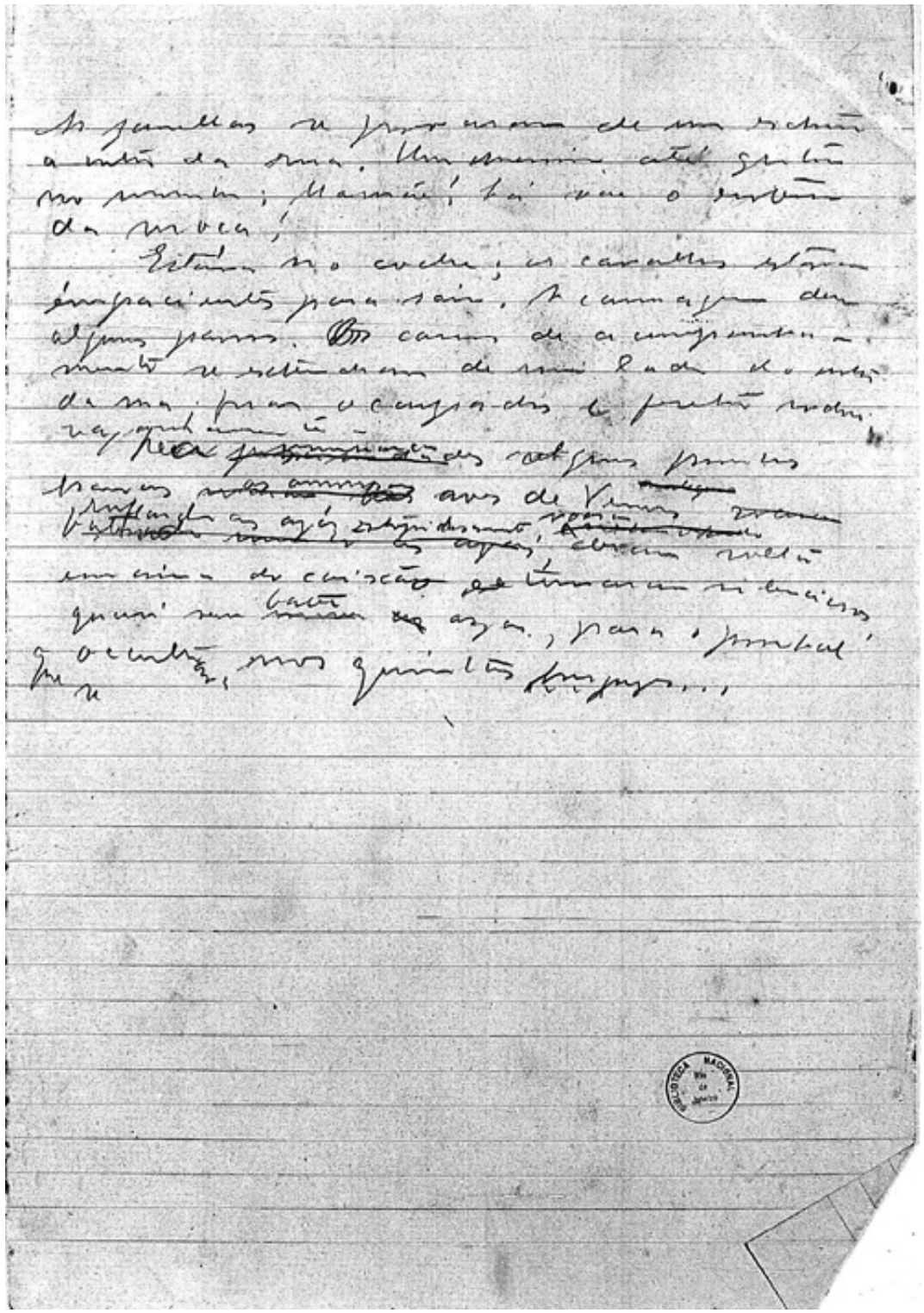
O velho levantou-se a custo e foi até a / sala de visitas. Falou à mulher que se ergueu com / a face contraída, toda ela exprimindo uma conten-/são que sacudiu as suas forças. Não deu um / passo, caiu na cadeira, chorando. Todos para-/ram, por fim, Genelício, tomou um partido, foi / tirando os círios... A mãe levantou-se, veio / até o caixão e beijou o cadáver: minha filha!

Daí à pouco, estava fechado. / Quaresma adiantou-se e foi saindo com o / chapéu na mão. No corredor, em frente / à escada, ouviu a Estefânia dizer a / alguém:

– O coche é bonito.

Saiu. Na rua parecia que havia festa. / As crianças da vizinhança, cercavam os coches, / e faziam inocentes comentários sobre os / dourados e enfeites. As grinaldas foram saindo: / "À minha querida filha", "À minha irmã adorada". / O caixão saiu, todo de roxo, com galões / muito dourados e novos.

Folha 160 (frente).



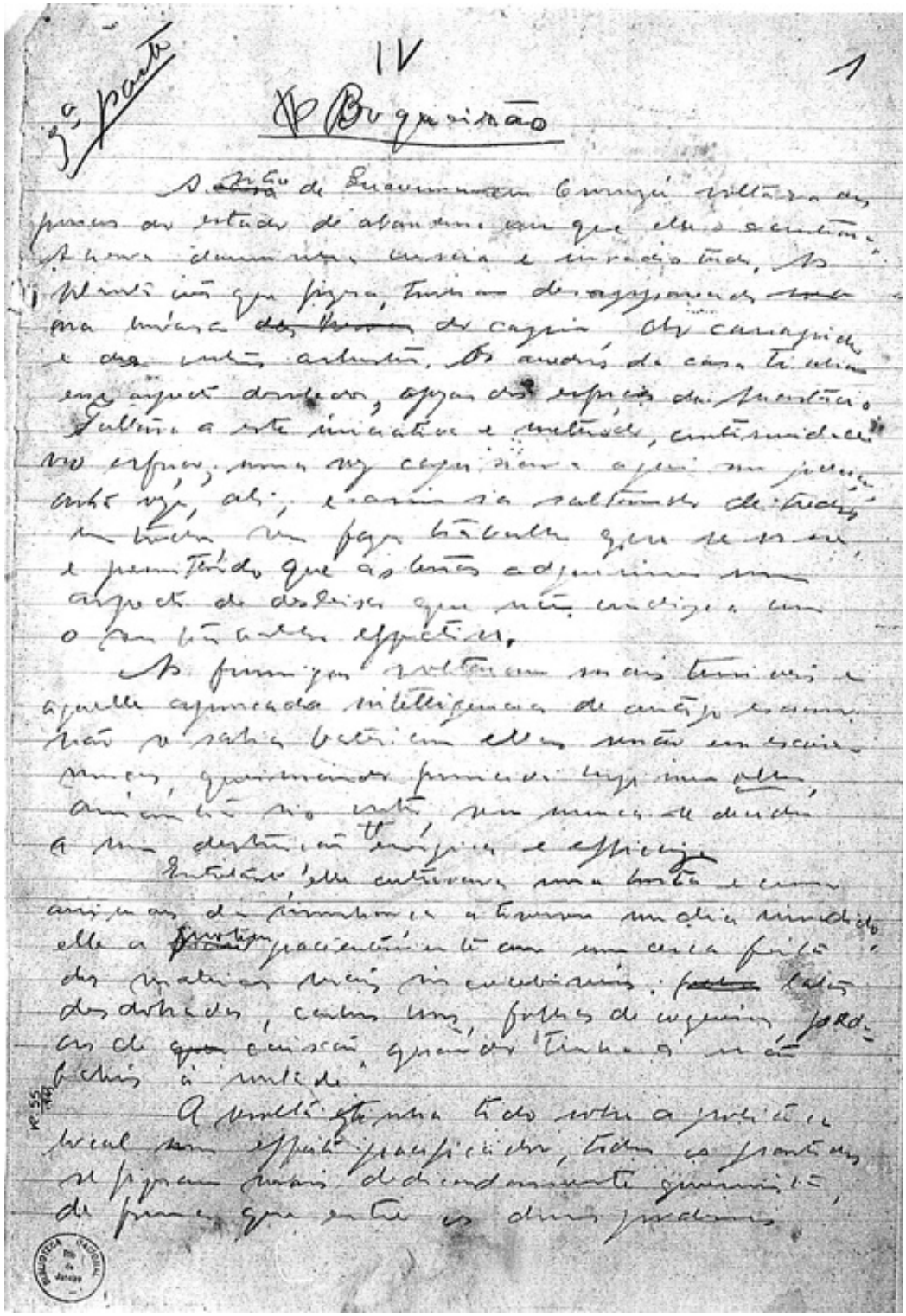
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

As janelas se povoaram de um extremo / a outro da rua. Um menino até gritou / no [*ilegível*]: Mamãe! Lá vai o enterro / da moça!

Estava no coche; os cavalos estavam / impacientes para sair. A carruagem deu / alguns passos. Os carros de acompanha-/mento se estenderam de um lado ao outro / da rua; foram [*ilegível*] o féretro rodou / vagarosamente.

N~~as~~[[a] ~~proximidades~~ [[vizinhança]] ~~voa~~ [[alguns]] pombos / brancos ~~voaram,~~ [*rasurado*] [[as amigas]] aves de Vênus [[~~a alegria~~]] ~~voaram / batendo~~ [*rasurado*] ~~as asas~~; {{ruflando as asas estrepitosamente voaram.}} [[Ao [*termos rasurados*]]] deram volta / em cima do caixão e tornaram silenciosos, / quase sem ~~mover as~~ [[bater]] asas, para o pombal / que se ocultava nos quintais burgueses...

Folha 160 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

3ª. parte IV 1

~~O b~~[[B]]oqueirão

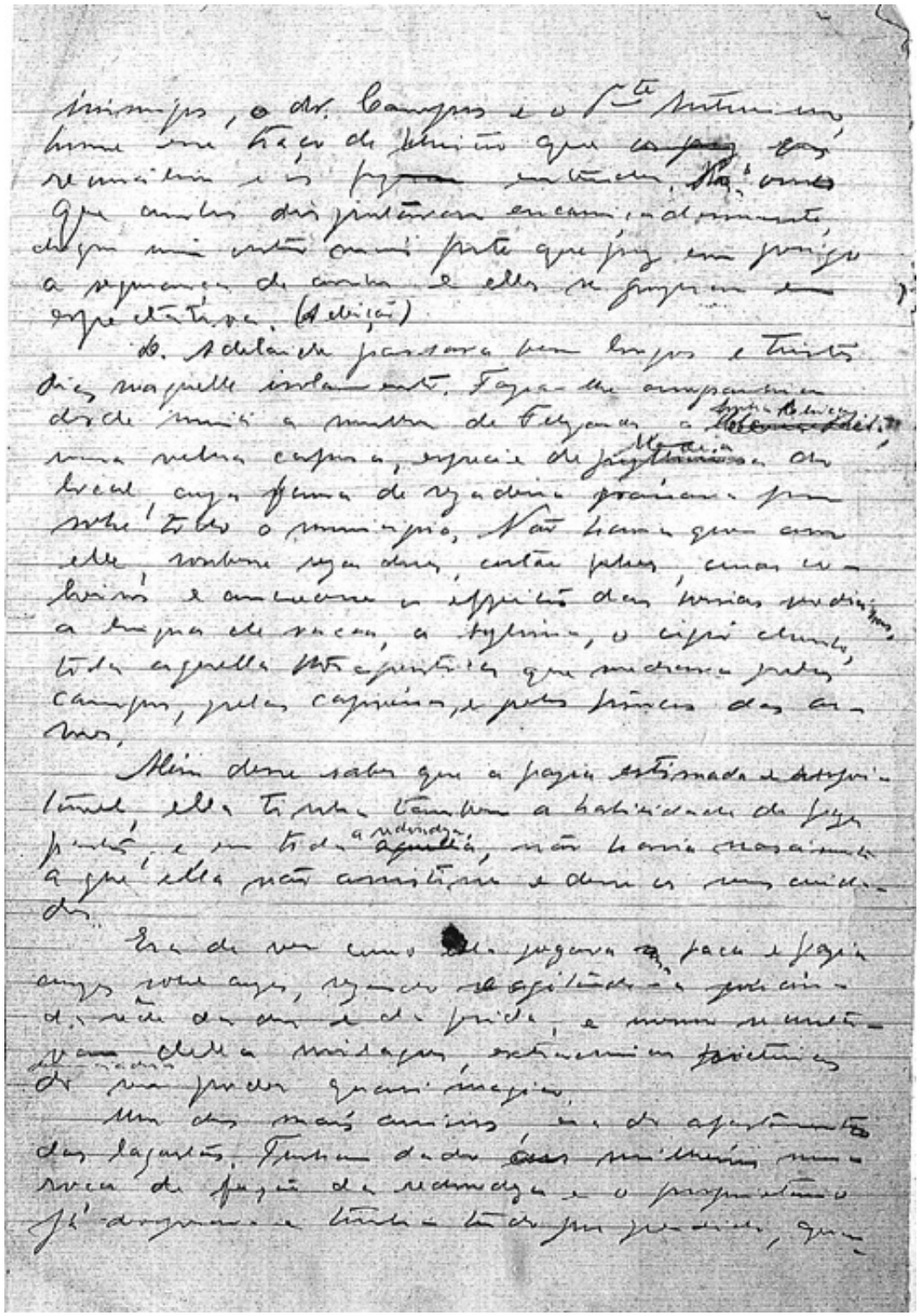
A ~~casa~~ [[sítio]] de Quaresma em Curuzu voltava aos / poucos ao estado de abandono em que ele o encontrara. / A erva daninha crescia e invadia tudo. As / plantações que fizera, tinham desaparecido ~~sob~~ / na invasão ~~das saúvas~~ do capim, do carrapicho / e dos outros arbustos. Os arredores da casa tinham / um aspecto desolador, apesar dos esforços de Anastácio. / Faltava a este iniciativa e método, continuidade / no esforço; uma vez capinava aqui um pedaço, / outra vez, ali; e assim ia saltando de trecho / em trecho, sem fazer trabalho que se visse / e permitindo que as terras adquirissem um / aspecto de desleixo que não condizia com / o seu trabalho efetivo.

As formigas voltaram mais terríveis e / aquela apoucada inteligência de antigo escravo / não se sabia bater com elas senão em escara-/muças, queimando formicida hoje num olho, / amanhã no outro, sem nunca se decidir / a sua destruição [[tb]] enérgica e eficaz.

Entretanto, ele cultivava uma horta e como / animais da vizinhança a tivessem um dia invadido, / ele a ~~cercou~~ [[protegeu]] pacientemente com uma cerca feita / de materiais mais inconcebíveis: ~~pedras~~ latas / desdobradas, caibros bons, folhas de coqueiros, [*rasurado*] [[tábu-]]/as de ~~que~~ caixão, quando tinha à mão / bambus à vontade.

A revolta ~~qu~~ [[tinha]] tido sobre a política / local um efeito pacificador, todos os partidos / se fizeram mais dedicadamente governistas, / de forma que entre os dous poderosos

Folha 161 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

inimigos, o dr. Campos e o T^te^ Antonino, / houve um traço de união que ~~os fez en~~ [[os]] / reconciliou e os fez~~ia~~ entender. ~~No~~ [[Ao]] osso / que ambos disputavam encarniçadamente, / chegou um outro mais forte que pôs em perigo / a segurança de ambos e eles se gruparam em / expectativa. (A eleição)

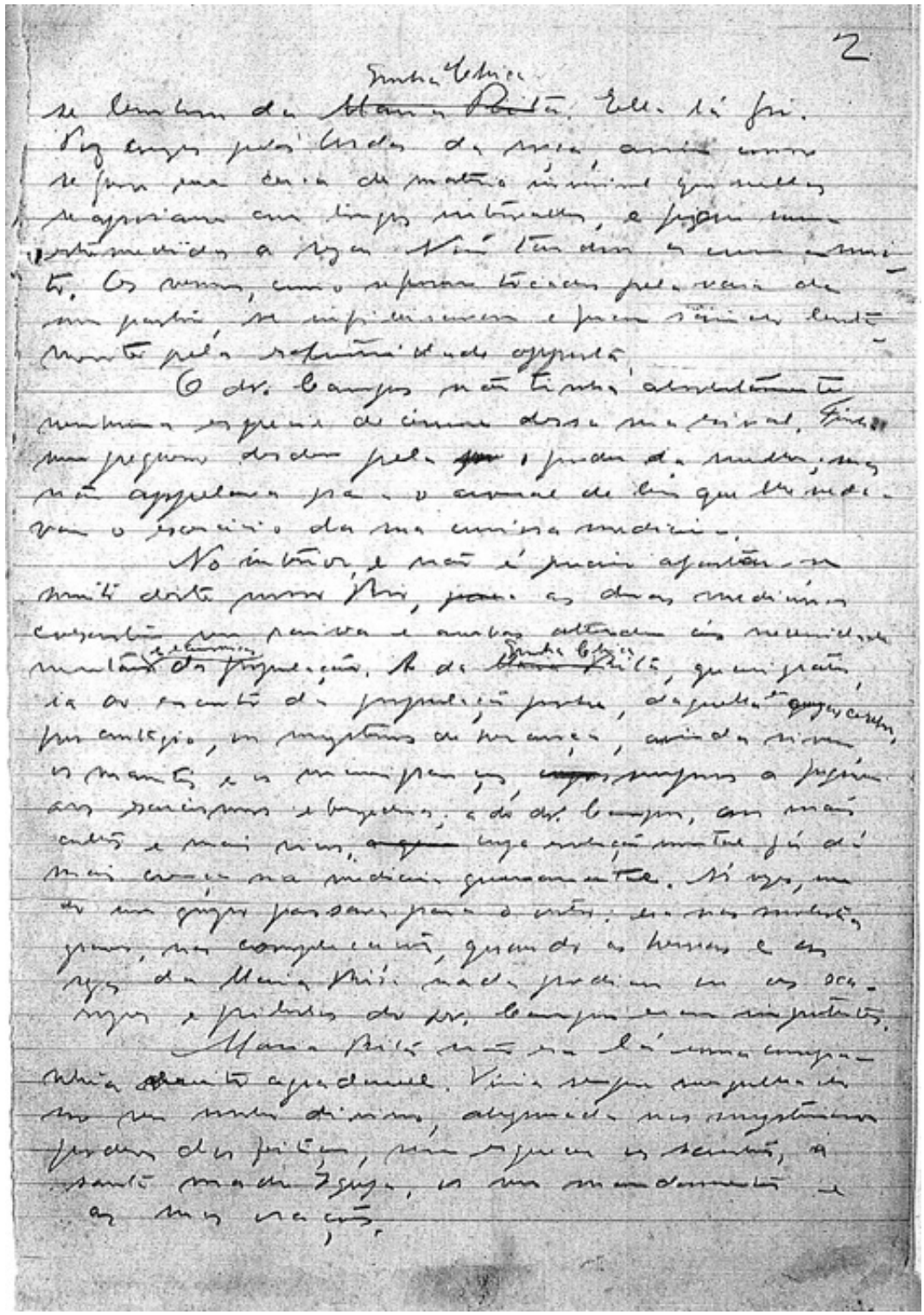
D. Adelaide passava bem longos e tristes / dias naquele isolamento. Fazia-lhe companhia / desde muito a mulher de Felizardo, a ~~Maria Rita~~ [[Sinhá Chica]], / uma velha cafuza, espécie de ~~pitonisa~~ [[Medeia]] do / local, cuja fama de rezadeira pairava por / sobre todo o município. Não havia quem como / ela, soubesse rezar dores, cortar febres, curar co-/breiros e conhecesse os efeitos das ervas medicinais: / a língua de vaca, a silvina, o cipó chumbo, / toda aquela terapêutica que medrava pelos / campos, pelas capoeiras, e pelos troncos de ár-/vores.

Além desse saber que a fazia estimada e respei-/tável, ela tinha também a habilidade de fazer / partos, e em toda ~~aquela~~ [[a redondeza]], não havia nascimento / a que ela não assistisse e desse os seus cuida-/dos.

Era de ver como ela pegava ~~a~~ [[uma]] faca e fazia / cruzes sobre cruzes, rezando e agitando-a por cima / da sede da dor e da ferida, e assim se conta-/vam dela milagres, extraordinárias [*rasurado*] [[vitórias]] / [[denunciadoras]] do seu poder quase mágico.

Um dos mais curiosos, era de afastamento / das lagartas. Tinha dado aos milheiros numa / roça de feijão da redondeza e o proprietário / já desesperava e tinha tudo por perdido, quan-

Folha 161 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

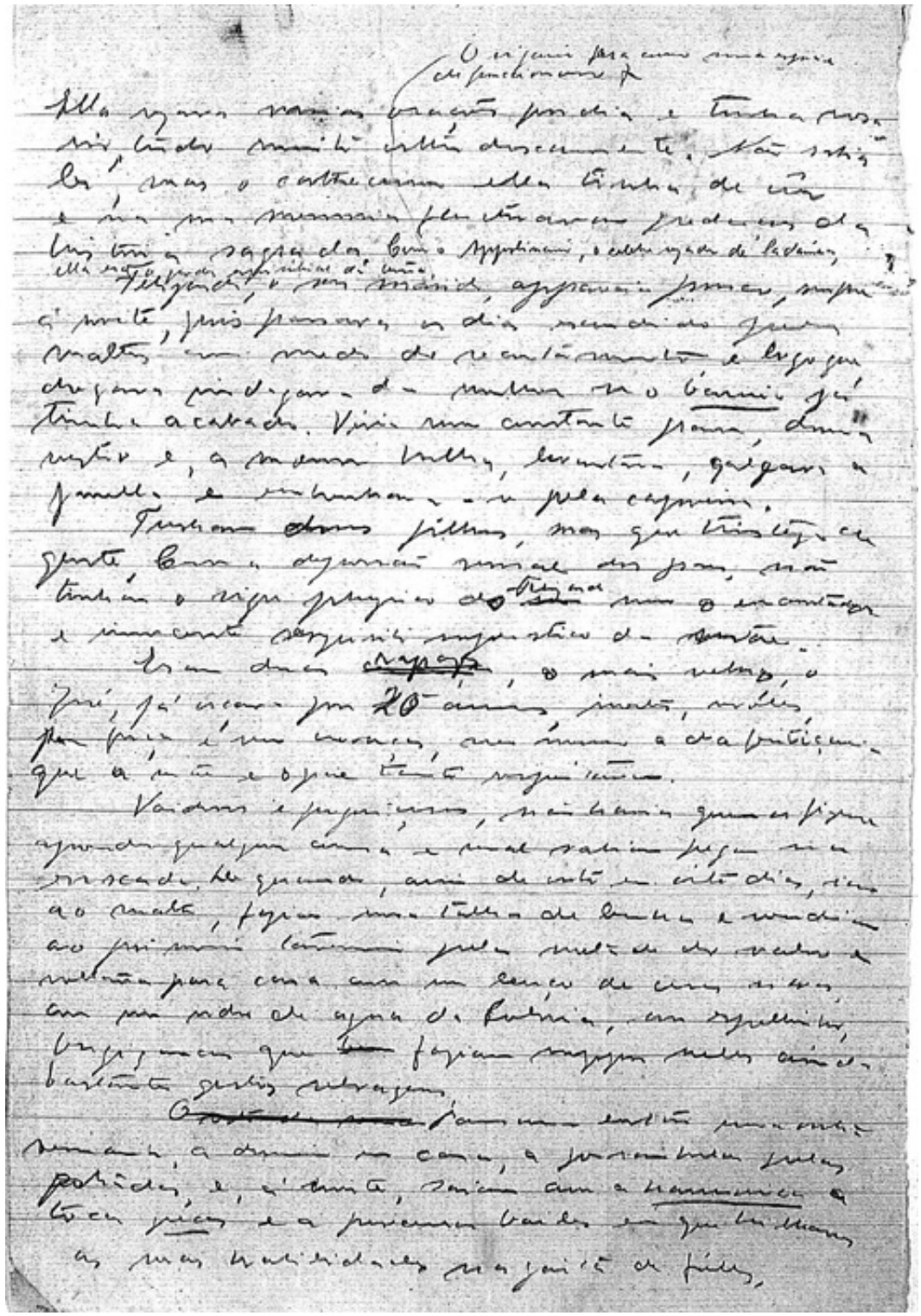
se lembrou da ~~Maria Rita~~ [[Sinhá Chica]]. Ela lá foi. / Pôs cruzes pelas bordas da roça, assim como / se fizesse uma cerca de matéria invisível que nelas / se apoiasse com tampos [*ilegível*], e f~~ez~~[[icou]] numa / extremidade da roça a rezar. Não tardou a curar a moi-/ta. Os vermes, como se fossem tocados pela vara de / um pastor, se enfileiraram e foram saindo lenta-/mente pela extremidade oposta.

O dr. Campos não tinha absolutamente / nenhuma espécie de ciúme dessa sua rival. Tinha / um pequeno desdém pela ~~par~~ o poder da mulher; mas / não apelava para o arsenal de leis que lhe veda-/va o exercício da sua curiosa medicina.

No interior, e não é preciso afastar-se / muito deste nosso Rio, [*rasurado*] as duas medicinas / coexistem sem raiva e ambas atendem às necessidades / mentais [[e econômicas]] da população. A da ~~Maria Rita~~ [[Sinhá Chica]], quase grátis, / ia ao encontro da população pobre, daquela [[em]] ~~que~~ [[cujos]] cérebros, / por contágio, em mistérios de herança, ainda vivem / os manitus e os manipansos, ~~cujos~~ sujeitos a fugirem / aos exorcismos e benzeduras; a do dr. Campos, as mais / cultas e mais ricas, ~~a quem~~ cuja evolução mental já dá / mais crença na medicina governamental. Às vezes, um / de um grupo passava para o outro; era nas moléstias / graves, nas complicadas, quando as ervas e as / rezas da Maria Rita nada podiam ou os xa-/ropes e pílulas do dr. Campos eram impotentes.

Maria Rita não era lá uma compa-/nhia muito agradável. Vivia sempre mergulhada / no seu sonho divino, abismada nos misteriosos / poderes dos feitiços, sem esquecer os santos, a / santa madre Igreja, os seus mandamentos e / as suas orações.

Folha 162 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Ela rezava várias orações por dia e tinha rosá-/rio, tudo muito [*ilegível*] obscuramente. Não sabia / ler, mas o catecismo ela tinha de cor / e na sua medicina flutuavam prédicas da / história sagrada. {{Com o Apolinário, o célebre rezador de ladainhas, / ela era o poder espiritual da terra.}} {{O vigário ~~f~~ [[era]] como uma espécie / de funcionário}}[92]

Felizardo, o seu marido, aparecia pouco, sempre / à noite, pois passava os dias escondido pelos / matos com medo do recrutamento e logo que / chegava indagava da mulher se o barúio já / tinha acabado. Vivia num constante pavor, dormia / vestido e, à menor bulha, levantava, galgava a / janela e embrenhava-se pela capoeira.

Tinham ~~um~~ [[dous]] filhos, mas que tristeza de / gente, com a depressão moral dos pais, não / tinham o vigor físico d~~e~~[[o]] ~~seu~~ [[Felizardo]] nem ~~o~~ [[a]] encantador[[a]] / e inocente [*ilegível*] superstição da mãe.

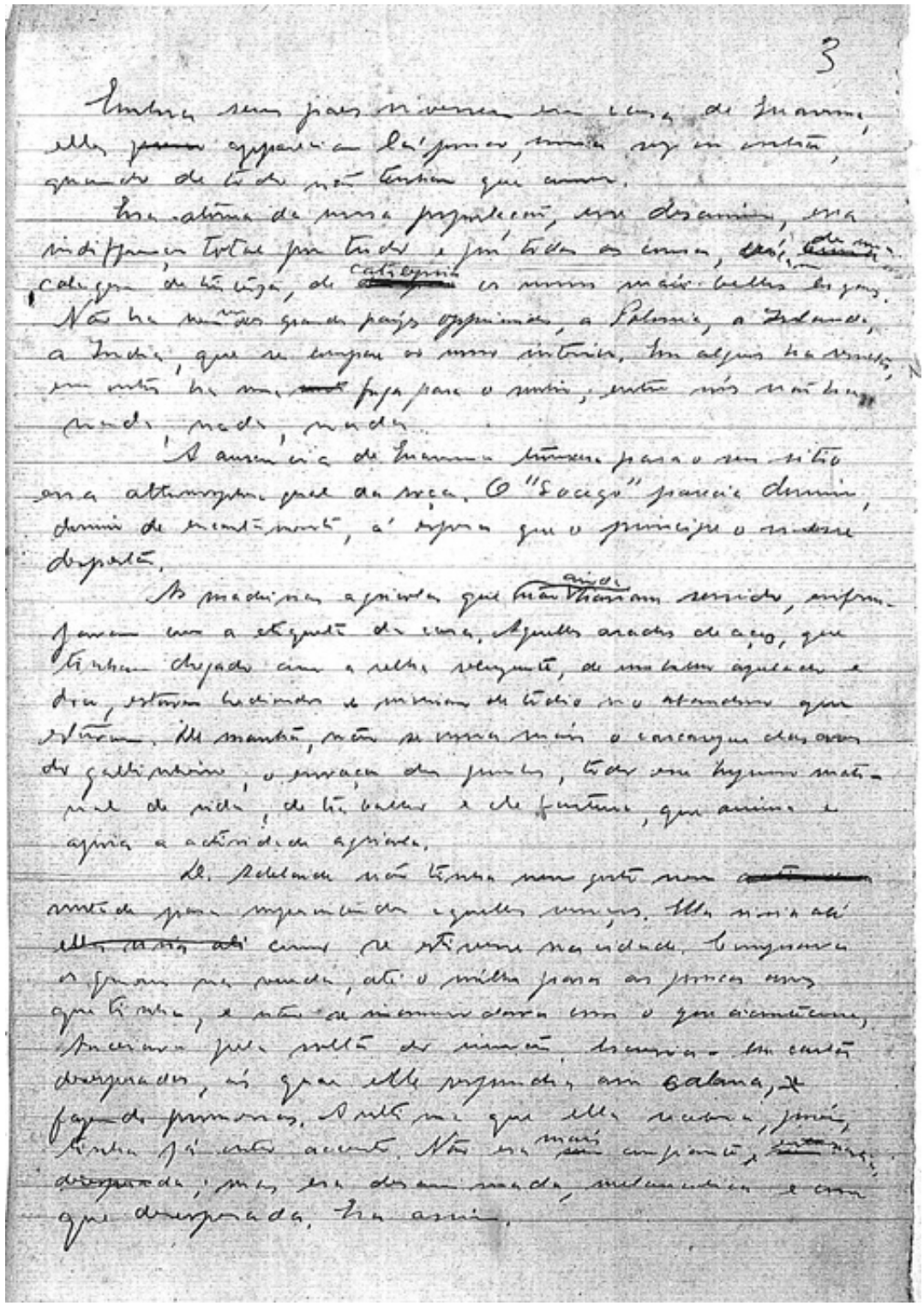
Eram duas ~~crianças~~ [[rapazes]], o mais velho, o / José, já orçava por ~~15~~ [[20]] anos, inertes, moles, / sem força e sem crenças, nem mesmo a da feitiçaria / que a mãe e o pai tanto respeitavam.

Vaidosos e preguiçosos, não havia quem os fizesse / aprender qualquer coisa e mal sabiam pegar na / enxada. De quando, assim de vinte em vinte dias, iam / ao mato, faziam uma talha de lenha e vendiam / ao primeiro taverneiro pela metade do valor e / voltavam para casa com um lenço de cores vivas, / com um vidro de água de colônia, um espelhinho, / bugigangas que ~~bem~~ faziam surgirem neles ainda / bastantes gostos selvagens.

~~O resto da semana~~ Passavam então uma outra / semana, a dormir em casa, a perambular pelas / estradas, e, à noite, saiam com a harmônica a / tocar peças e a procurar bailes em que brilhavam / as suas habilidades na gaita de foles.

Folha 162 (verso).

[92] O último trecho entre chaves duplas está manuscrito no topo da página, unido a este ponto por um traço.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

3

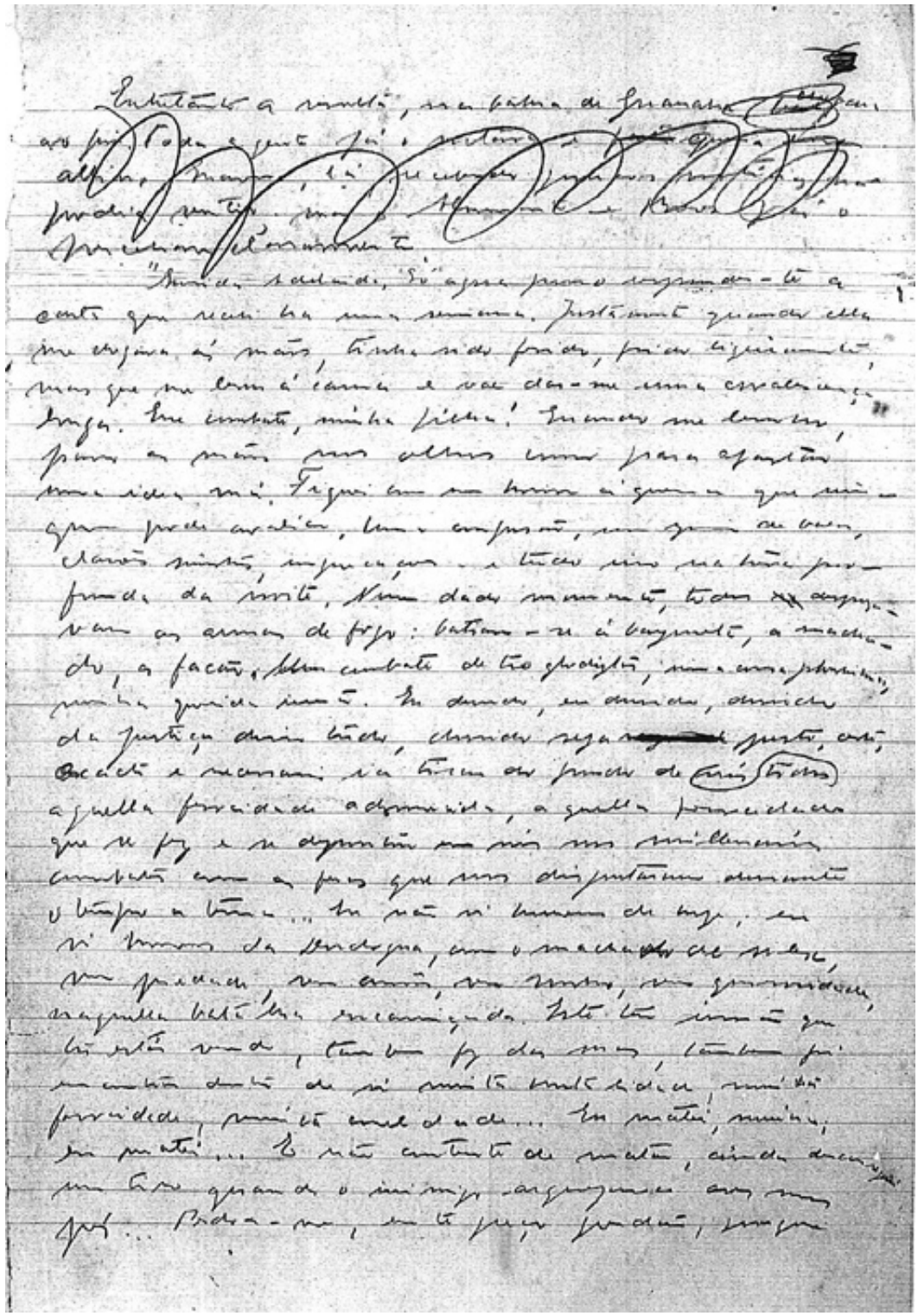
Embora seus pais vivessem em casa de Quaresma, / eles ~~pouco~~ apareciam lá pouco, uma vez ou outra, / quando de todo não tinham que comer. / Essa atonia da nossa população, esse desânimo, essa / indiferença total por tudo e todas as coisas, [*termos rasurados*] [[cercam de uma]] / caligem de tristeza, de [*rasurado*] [[catalepsia]] os nossos mais belos lugares. / Não há nem [[um]] dos grandes países oprimidos, a Polônia, a Irlanda, / a Índia, que se compare ao nosso interior. Em alguns há revoltas, / em outros há uma [*rasurado*] fuga para o sonho; entre nós não há / nada, nada, nada...

A ausência de Quaresma trouxera para o seu sítio / essa atmosfera geral da roça. O "Sossego" parecia dormir, / dormir de encantamento, à espera que o príncipe o viesse / despertar.

As máquinas agrícolas que [[ainda]] não haviam servido, enferru-/javam com a etiqueta da casa. Aqueles arados de ponta de aço, que / tinham chegado com a relha reluzente, de um brilho azulado e / doce, estavam hediondos e morriam de tédio no abandono que / estavam. De manhã, não se ouvia mais o cacarejar das aves / do galinheiro, o esvoaçar dos pombos, todo esse hino mati- / nal de vida, de trabalho e de fartura, que anima e / ajuda a atividade agrícola.

D. Adelaide não tinha nem gôsto nem [*rasurado*] / vontade para superintender aqueles serviços. Ela vivia ali / ~~ela vivia ali~~ como se estivesse na cidade. Comprava / os gêneros na venda, até o milho para as poucas aves / que tinha, e não se incomodava com o que acontecia. / Ansiava pela volta do irmão, escrevia-lhe cartas / desesperadas, às quais ele respondia com [*rasurado*] [[calma]], ~~e~~ / fazendo promessas. A última que ela recebera, porém, / tinha já outro acento. Não era ~~nem~~ [[mais]] confiante, ~~nem~~ [[entusiástica]] / ~~desesperada~~; mas era desanimada, melancólica e como / que desesperada. Era assim.

Folha 163 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

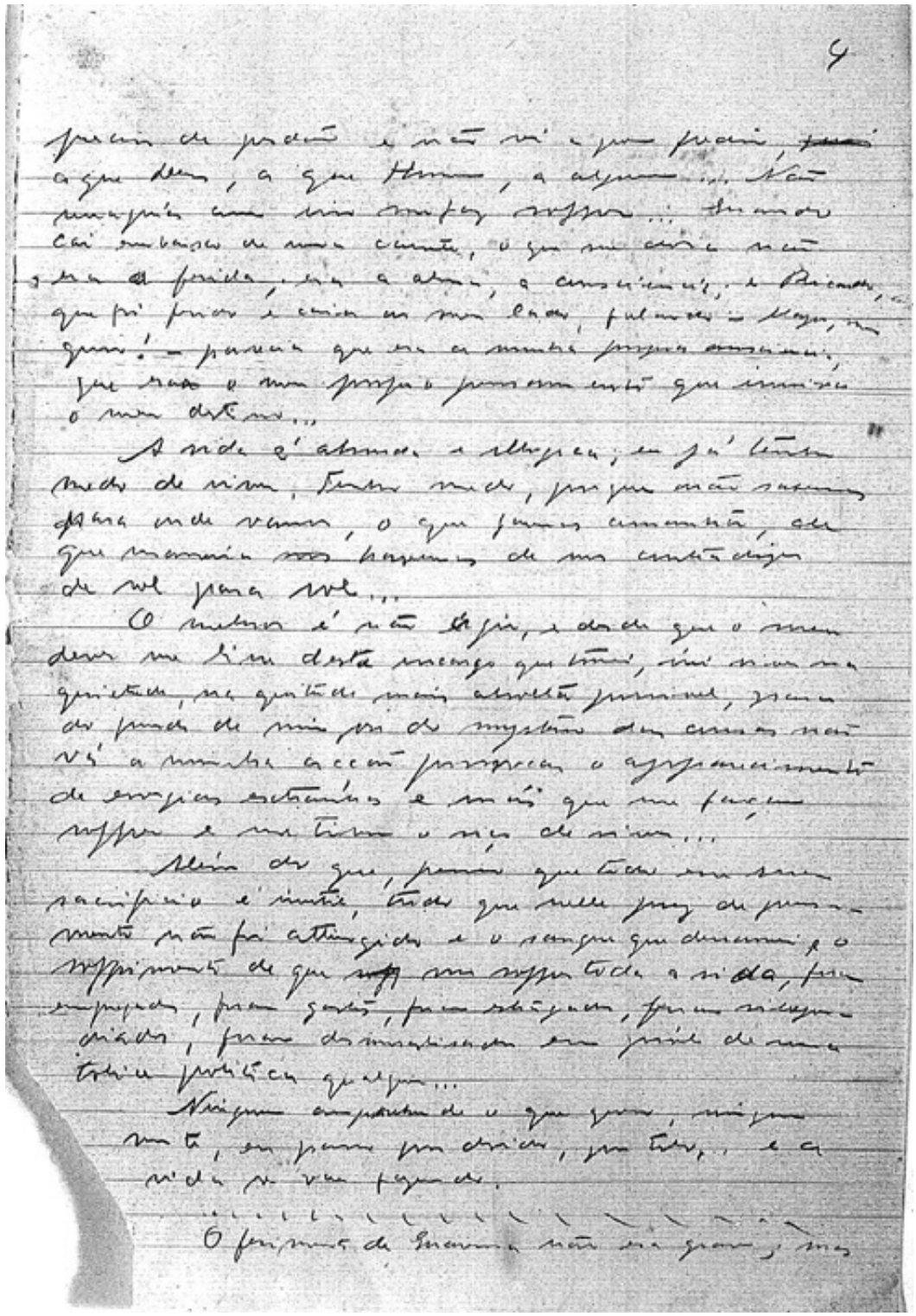
[número rasurado]

Entretanto a revolta, na Bahia do Guanabara, [*rasurado*] [[chegava]] / ao fim. Toda a gente já o notava e [*rasurado*] queria esse / alívio. Quaresma, lá recebendo parcas notícias, não / podia sentir; mas o Almirante e Breves já o / percebiam claramente.[93]

"Querida Adelaide. Só agora posso responder-te a / carta que recebi há uma semana. Justamente quando ela / me chegava às mãos, tinha sido ferido, ferido ligeiramente, / mas que me levou à cama e vai dar-me uma convalescença / longa. Que combate, minha filha! Quando me lembro, / passo as mãos pelos olhos como para afastar / uma visão má. Fiquei com um horror à guerra que nin-/guém pode avaliar. Uma confusão, um zunir de balas, / clarões sinistros, imprecações – e tudo isto na treva pro-/funda da noite. Num dado momento todos ~~se~~ despoja-/vam as armas de fogo: batiam-se à baioneta, a macha-/do, a facão. Um combate de trogloditas, uma coisa pré-histórica, / minha querida irmã. Eu duvido, eu duvido, duvido / da justiça disso tudo, duvido seja ~~razoável~~ justo, até, / exato e necessário ir tirar do fundo de nós todos[94] / aquela ferocidade adormecida, aquela ferocidade / que se fez e se depositou em nós nos milenários / combates com as feras que nos disputavam durante / o tempo a terra... Eu não vi homens de hoje; eu / vi homens da [*ilegível*], com o machado de sílex, / sem piedade, sem amor, sem sonhos, sem generosidade, / naquela batalha encarniçada. Este teu irmão que / tu estás vendo, também fez das suas, também foi / encontrar dentro de si muita brutalidade, muita / ferocidade, muita crueldade... Eu matei, minha; / eu matei... E não contente de matar, ainda descarreguei / um tiro quando o inimigo arquejava aos meus / pés... Perdoa-me, eu te peço perdão, porque

Folha 163 (verso)

[93] Todo este parágrafo está riscado.
[94] Um sinal gráfico indica a alteração da ordem das palavras para "de todos nós".



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

preciso de perdão e não sei a quem pedir, ~~pois~~ / a que Deus, a que homem, a alguém... Não / imaginas como isso me faz sofrer... Quando / caí embaixo de uma carreta, o que me doía não / era a ferida; era a alma, a consciência; e Ricardo, / que foi ferido e caiu ao meu lado, falando – Major, meu / gorro! – parecia que era a minha própria consciência, / que era o meu próprio pensamento que ironizava / o meu destino...

A vida é absurda e ilógica; eu já tenho / medo de viver. Tenho medo, porque não sabemos / para onde vamos, o que faremos amanhã, de / que maneira nos havemos de nos contradizer / de sol para sol...

O melhor é não agir, e desde que o meu / dever me livre deste encargo que tenho, irei viver na / quietude, na quietude mais absoluta possível, para / do fundo de mim ou do mistério das coisas não / vá a minha ação provocar o aparecimento / de energias estranhas e mais que me façam / sofrer e me tirem o viço de viver...

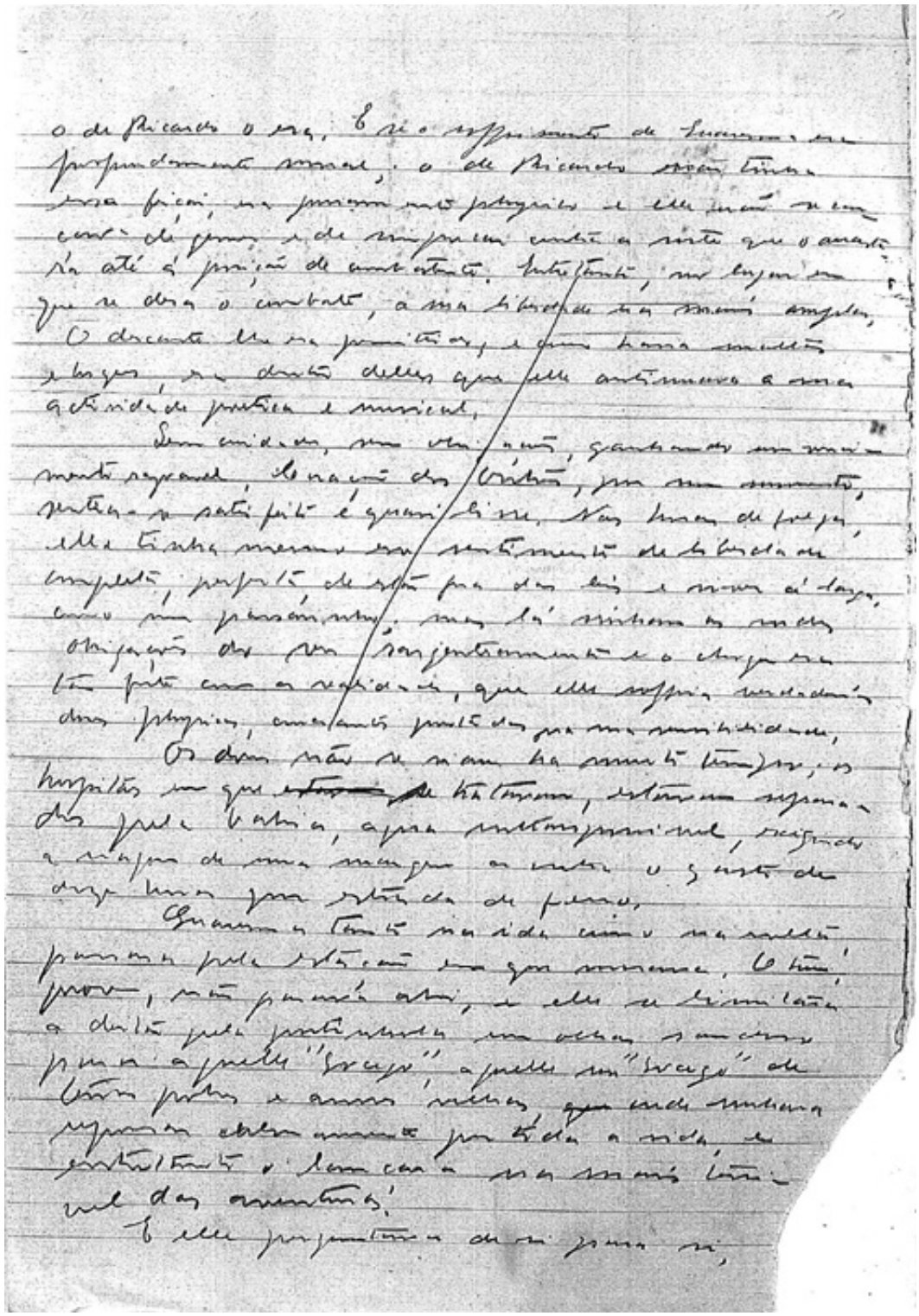
Além do que, penso que todo esse meu / sacrifício é inútil, tudo que nele pus de pensa-/mento não foi atingido e o sangue que derramei, e o / sofrimento de que ~~sofr~~ vou sofrer toda a vi~~a~~[[da]], foram / empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipen-/diados, foram desmoralizados em prol de uma / tolice política qualquer...

Ninguém compreende o que quero, ninguém / sente, eu passo por doido, por tolo,... e a / vida se vai fazendo.

. . . . . .

O ferimento de Quaresma não era grave; mas

Folha 164 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

o de Ricardo o era. E se o sofrimento de Quaresma era / profundamente moral, o de Ricardo não tinha / essa feiçãp, era pensamento físico e ele não se can-/sava de gemer e de imprecar contra a sorte que o arrasta-/ra até à posição de combatente. Entretanto, no lugar em / que se dera o combate, a sua liberdade era mais ampla. / O descanso lhe era permitido, e como havia matas / e bosques, era dentro deles que ele continuava a sua / atividade poética e musical.

Sem cuidados, sem obrigações, ganhando um venci-/mento razoável, Coração dos Outros, por um momento, / sentia-se satisfeito e quase livre. Nas horas de folga, / ele tinha mesmo um sentimento de liberdade / completa, perfeita, de estar fora das leis e viver à larga, / como um passarinho; mas lá vinham as outras / obrigações do seu sargenteamento e o choque era / tão forte com a realidade, que ele sofria verdadeiras / dores físicas, cruciantes pontadas na sua sensibilidade.[95]

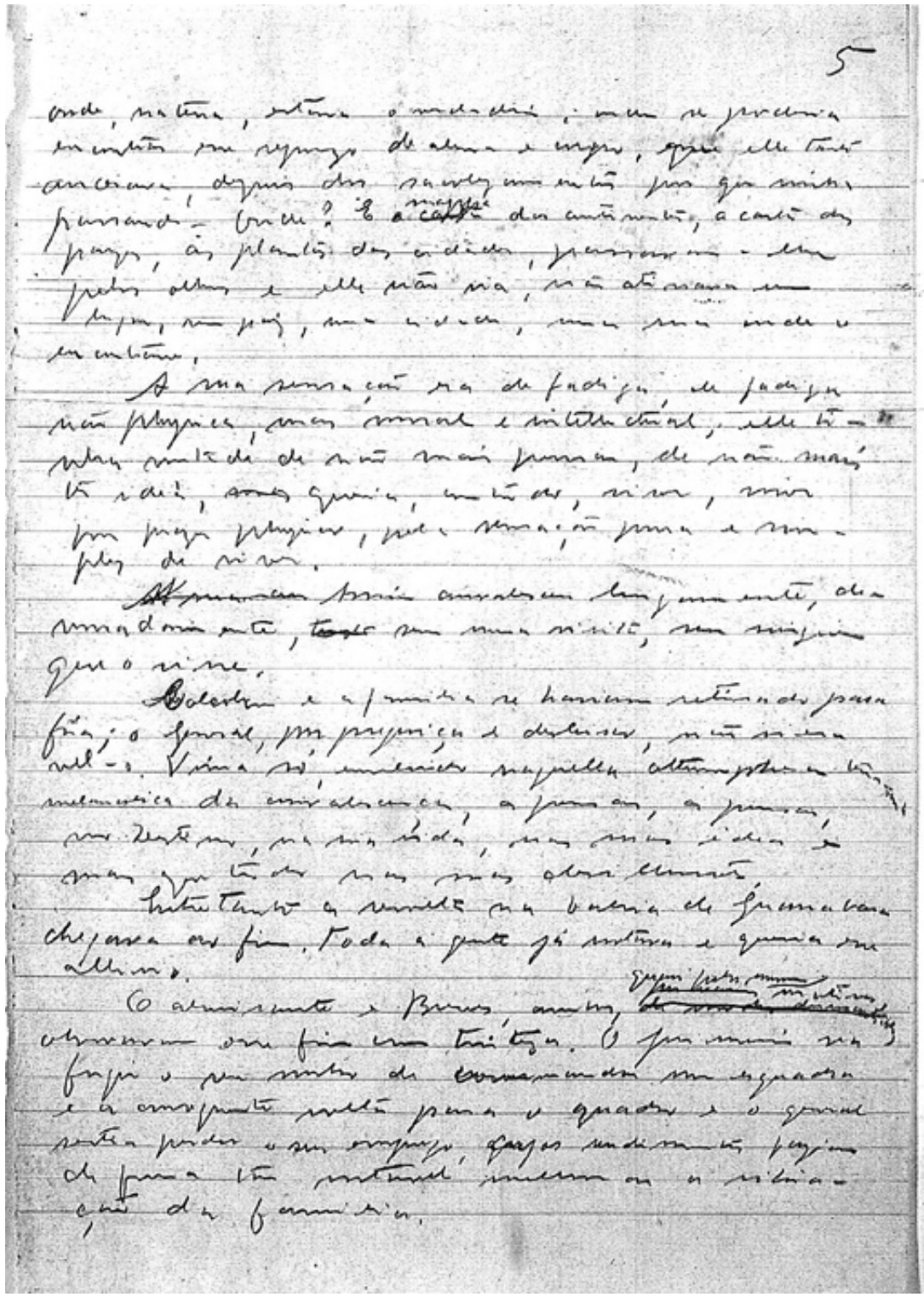
O dous não se viam há muito tempo; os / hospitais em que ~~estavam d~~[[s]]e tratavam, estavam separa-/dos pela baía, agora intransponível, exigindo / a viagem de uma margem à outra o gasto de / doze horas por estrada de ferro.

Quaresma tanto na ida como na volta, / passara pela estação em que morava. O trem, / porém, não parava ali, e ele se limitava / a deitar pela portinhola um olhar saudoso / para aquele "Sossego", aquele seu "Sossego" de / terras pobres e árvores velhas, ~~que~~ onde sonhara / repousar calmamente por toda a vida, e / entretanto o lançara na mais terrí-/vel das aventuras!

E ele perguntava de si para si,

Folha 164 (verso).

[95] Um grande traço à tinta corta este parágrafo e parte do de cima.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

onde, na terra, estava o verdadeiro, onde se poderia / encontrar esse repouso de alma e corpo, que ele tanto / ansiava, depois dos sacolejamentos por que vinha / passando – onde? E ~~a~~ [[o]] ~~carta~~ [[mapa]] dos continentes, a carta dos / países, as plantas das cidades, passavam-lhe / pelos olhos e não via, não atinava um / lugar, um país, uma cidade, uma rua onde o / encontrasse.

A sua sensação era de fadiga, de fadiga / não física, mas moral e intelectual; ele ti-/nha vontade de não mais pensar, de não mais / ter idéias, ~~mas~~ queria, contudo, viver, viver / por prazer físico, pela sensação pura e sim-/ples de viver.

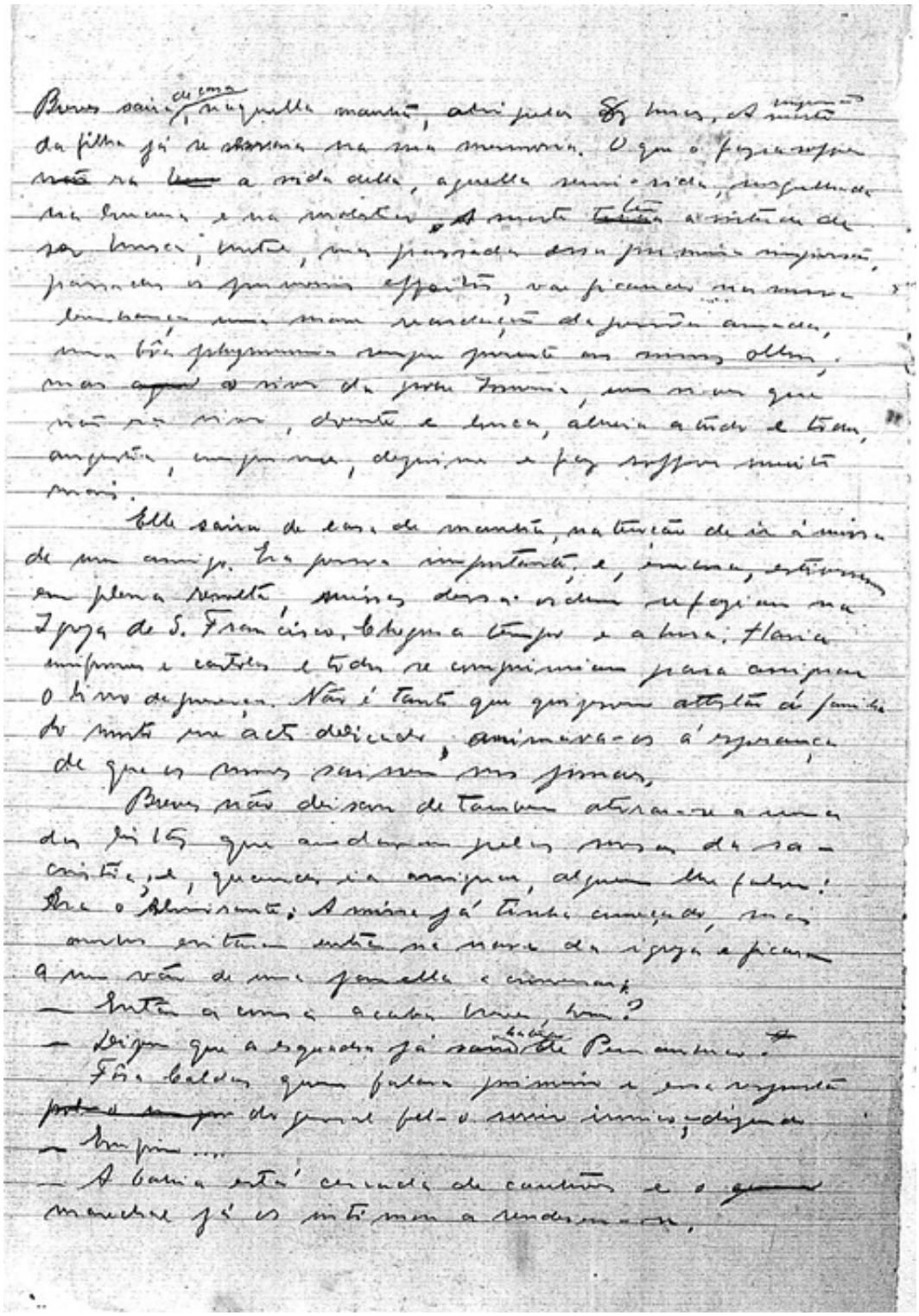
[*rasurado*] Assim, convalesceu longamente, de-/moradamente, ~~tendo~~ sem uma visita, sem ninguém / que o visse.

~~Lúc~~ [[Coleoni]] e família se haviam retirado para / fora; o General, por preguiça e desleixo, não viera / vê-lo. Vivia só, envolvido naquela atmosfera [*ilegível*] / melancólica da convalescença, a pensar, a pensar, / no Destino, na sua vida, nas suas idéias e / mais que tudo nas suas desilusões.

Entretanto a revolta na baía da Guanabara / chegava ao fim. Toda gente já notava e queria esse / alívio.

O almirante e Breves, ambos, ~~de modos~~ [*rasurado*]~~,~~ {{~~por mesmos~~ [[quase pelos mesmos]] motivos,}} / observavam esse fim com tristeza. O primeiro via / fugir o seu sonho de comandar uma esquadra / e a consequente volta para o quadro e o general / sentia perder o seu emprego, ~~que~~ [[cujos]] rendimentos faziam / de forma tão notável melhorar a situa-/ção da família.

Folha 165 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Breves saíra [[de casa]], naquela manhã, aí pelas ~~dez~~ [[8]] horas. A [[impressão]] morte / da filha já se esvaíra na sua memória. O que o fazia sofrer / ~~não~~ era ~~bem~~ a vida dela, aquela semi-vida, mergulhada / na loucura e na moléstia. A morte ~~tinha~~ [[tem]] a virtude de / ser brusca, brutal, mas passada essa primeira impressão, / passados os primeiros efeitos, vai ficando na nossa / lembrança uma suave recordação da pessoa amada, / uma boa fisionomia sempre presente aos nossos olhos; / mas ~~aquele~~ o viver da pobre Ismenia, um viver que / não era viver, doente e louca, alheia a tudo e todos, / angustiava, [*ilegível*], deprimia e fazia sofrer muito / mais.

Ele saíra de casa de manhã, na tenção de ir à missa / de um amigo. Era pessoa importante; e, embora, estivessem / em plena revolta, missas dessa ordem se faziam na / Igreja de S. Francisco. Chegou a tempo e à hora. Havia / uniformes e cartolas e todos se comprimiam para assinar / o livro de presença. Não é tanto que quisessem atestar à família / do morto esse ato delicado; animava-os a esperança / de que os nomes saíssem nos jornais.

Breves não deixou de também atirar-se a uma / das listas que andavam pelas mesas da sa-/cristia; e, quando ia assinar, alguém lhe falou: / ~~o~~ [[Era]] o Almirante~~:~~[[.]] A missa já tinha começado, mas / ambos evitavam entrar na nave da igreja e ficaram / a um vão de uma janela e conversaram.

– Então a coisa acaba breve, hein?

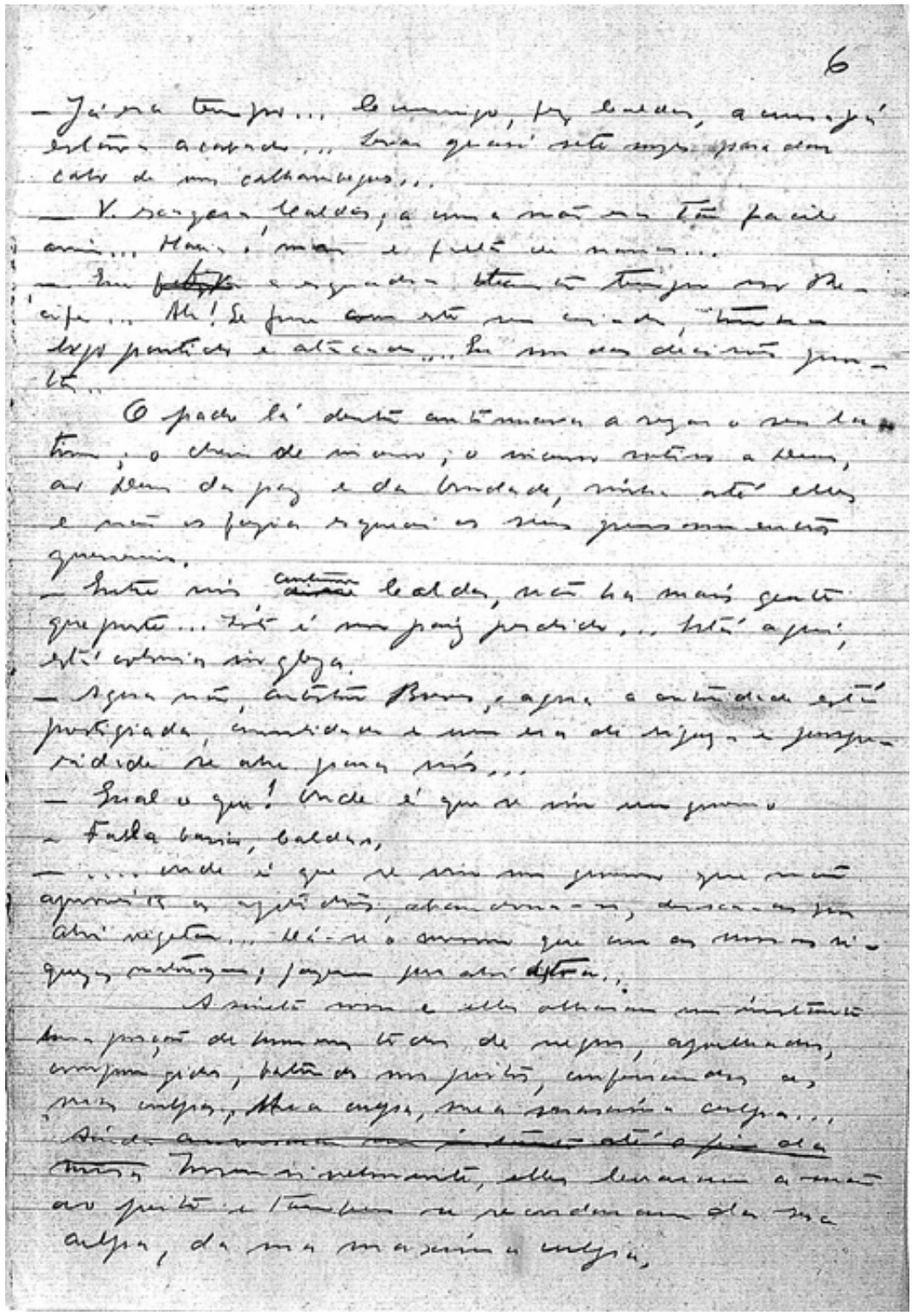
– Dizem que a esquadra já saiu [[há tempos]] de Pernambuco~~?~~

Fôra Caldas quem falara primeiro e essa resposta / ~~pô-lo~~ [*rasurado*] do general fê-lo sorrir irônico, – dizendo.

– Enfim...

– A baía está cercada de canhões e o ~~general~~ / marechal já os intimou a renderem-se.

Folha 165 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

6

– Já era tempo... Comigo, fez Caldas, a coisa já / estava acabada... Levar quase sete meses para dar / cabo de uns calhambeques...

– V. exagera, Caldas; a coisa não era tão fácil / assim... Havia o mar e falta de navios...

– Que ~~fazia~~ [[fez]] a esquadra tanto tempo no Re-/cife... Ah! Se fosse com este seu criado, tinha / logo partido e atacado... Eu sou pelas decisões pron-/tas...

O padre lá dentro continuava a rezar o seu la-/tim; o cheiro de incenso, o incenso votivo a Deus, / ao Deus da paz e da bondade, vinha até eles / e não os fazia esquecer os seus pensamentos / guerreiros.

– Entre nós, ~~disse~~ [[continuou]] Caldas, não há mais gente / que preste... Isto é um país perdido... Está aqui, / está colônia inglesa.

– Agora não, contestou Breves; agora a autoridade está / prestigiada, consolidada e uma era de riqueza e prospe-/ridade se abre para nós...

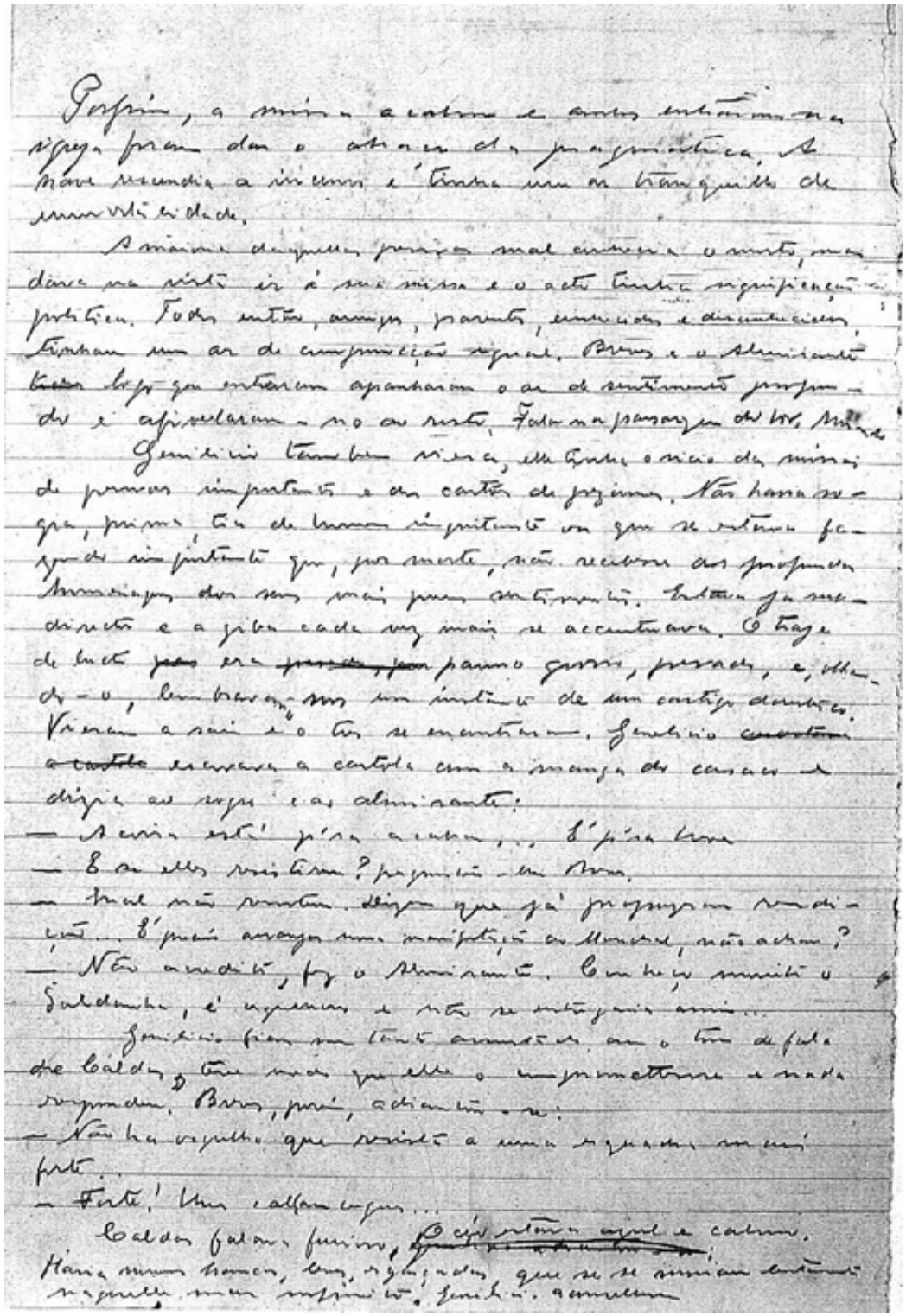
– Qual o quê! Onde é que se viu um governo

– Fala baixo, Caldas.

– ... onde é que se viu um governo que não / aproveita as aptidões, abandona-as, deixa-as por / aí vegetar... Dá-se o mesmo que com as nossas ri-/quezas naturais: jazem por aí [*rasurado*] [[à toa]]...

A sineta soou e eles olharam um instante / uma porção de homens todos de negro, ajoelhados, / compungidos, batendo nos peitos, confessando as / meas culpas~~...~~[[,]] ~~m~~[[M]]ea culpa, mea maxima culpa... / ~~Ainda conversaram um instante até o fim da / missa~~. Insensivelmente, eles levaram a mão / ao peito e também se recordaram da sua / culpa, da sua maxima culpa.

Folha 166 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Por fim, a missa acabou e ambos entraram na / igreja para dar o abraço da pragmática. A / nave rescendia a incenso e tinha um ar tranquilo de / imortalidade.

A maioria daquelas pessoas mal conhecia o morto, mas / dava na vista ir à sua missa e o ato tinha significação / política. Todos então, amigos, parentes, conhecidos e desconhecidos, / tinham um ar de compunção igual. Breves e o Almirante / [*rasurado*] logo que entraram apanharam o ar de sentimento profun-/do e afivelaram-no ao rosto. Falar na passagem do Dr. Armando.

Genelício também viera, ele tinha o vício das missas / das pessoas importantes e dos cartões de pêsames. Não havia so-/gra, prima, tia de homem importante ou que se estava fa-/zendo importante que, por morte, não recebesse as profundas / homenagens dos seus mais puros sentimentos. Estava já sub/diretor e a giba cada vez mais se acentuava. O traje / de luto ~~pesa~~ era ~~pesado, por~~ pano grosso, pesado, e, olhan-/do-o, lembra[[vam]]-nos um instante de um castigo dantesco. / Vieram a sair e os três se encontraram. Genelício ~~consertou / a cartola~~ escovava a cartola com a manga do casaco e / dizia ao sogro e ao almirante:

– A coisa está pra acabar... É pra breve.

– E se eles resistirem? perguntou-lhe Breves.

– Qual não resistem. Dizem que já propuseram rendi-/ção... É preciso arranjar uma manifestação ao Marechal, não acham?

– Não acredito, fez o Almirante. Conheço muito o / Saldanha, é orgulhoso e não se entregaria assim...

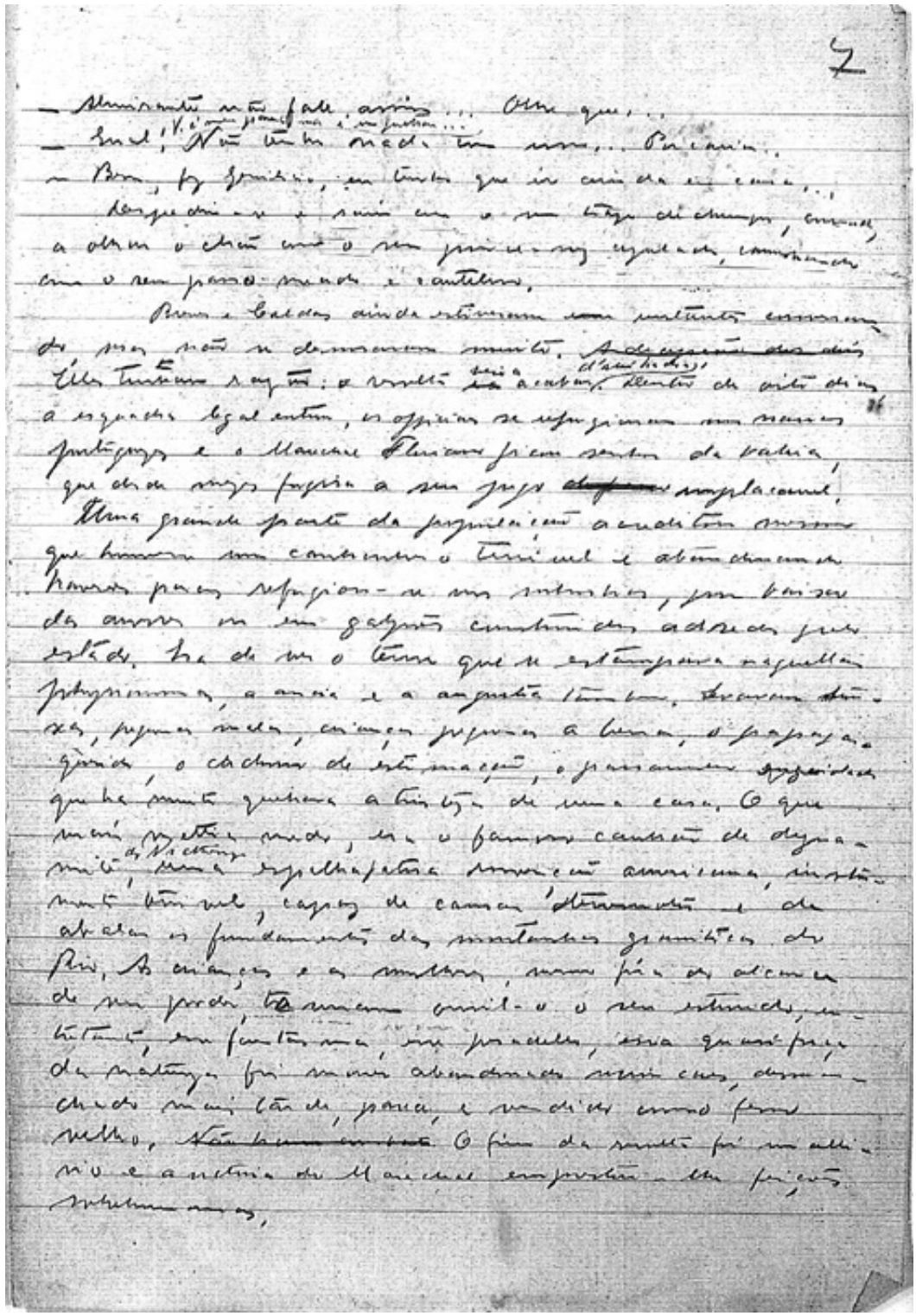
Genelício ficou um tanto assustado com o tom da fala / de Caldas; teve medo que ele o comprometesse e nada / respondeu. Breves, porém, adiantou-se:

– Não há orgulho que resista a uma esquadra mais / forte...

– Forte! Uns calhambeques...

Caldas falava furioso. ~~Genelício adiantou-se~~: [[O céu estava azul e calmo.]] / {{Havia nuvens brancas, leves, esgarçadas, que se moviam lentamente / naquele mar infinito. Genelício aconselhou:}}

Folha 167 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

– Almirante, não fale assim... Olhe que...

– Qual! {{V. é meu parente mas é um frouxo...}} Não tenho nada com isso... Porcaria...

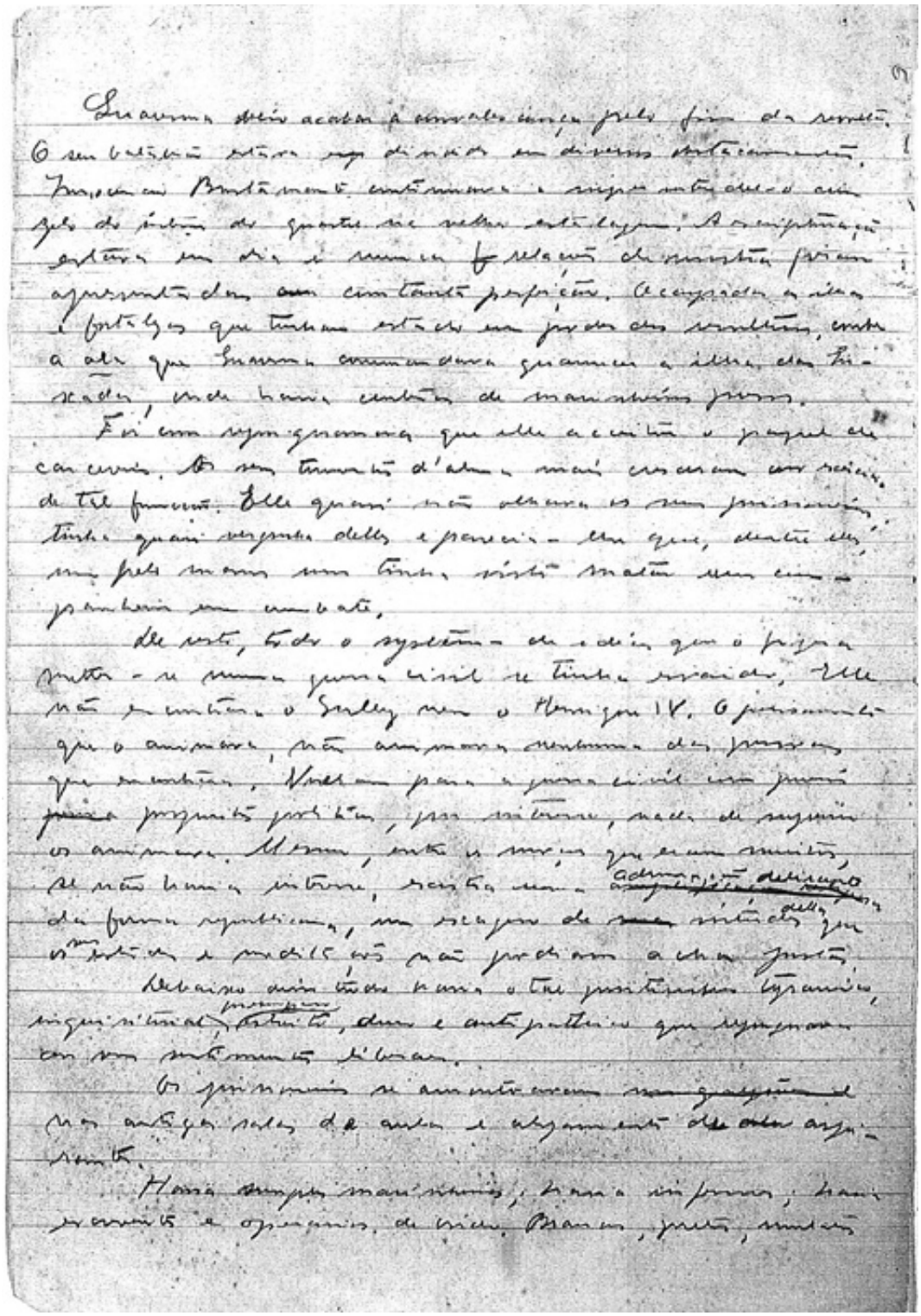
– Bem, fez Genelício, eu tenho que ir ainda em casa...

Despediu-se e saiu com o seu traje de chumbo, curvado, / a olhar o chão com o seu pince-nez azulado, caminhando / com o seu passo miúdo e cauteloso.

Breves e Caldas ainda estiveram ~~um~~ instantes conversan-/do, mas não se demoraram muito. ~~A decepção dos dous~~ / Eles tinham razão: a revolta ~~e a~~ [[veio a]] acabar [[dali a dias]]. Dentro de oito dias / a esquadra legal entrou, os oficiais se refugiaram nos navios / portugueses e o Marechal Floriano ficou senhor da baía, / que desde meses fugia a seu jugo [*rasurado*] implacável.

Uma grande parte da população acreditou mesmo / que houvesse canhoneio terrível e abandonando / haveres parcos refugiou-se nos subúrbios, por baixo / das árvores ou em galpões construídos adrede pelo / estado. Era de ver o terror que se estampava naquelas / fisionomias, a ânsia e a angústia também. Levavam trou-/xas, pequenas malas, crianças pequenas a berrar, o papagaio / querido, o cachorro de estimação, o passarinho ~~que~~ [[engaiolado]] / que há muito quebrava a tristeza de uma casa. O que / mais metia medo, era o famoso canhão de dina-/mite [[do Niterói]], uma espalhafatosa invenção americana, instru-/mento terrível, capaz de causar terremotos e de / abalar os fundamentos das montanhas graníticas / do Rio. As crianças e as mulheres, mesmo fora do alcance / de seu poder, t~~re~~[[e]]miam ouvi-lo o seu estrondo; en-/tretanto, esse fantasma, esse pesadelo, essa quase força / da natureza, foi morrer abandonado num cais, desman-/chado mais tarde, pária, e vendido como ferro / velho. ~~Não houve combate~~ O fim da revolta foi um alí-/vio e a vitória do Marechal emprestou-lhe feições / sobre-humanas.

Folha 168 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Quaresma veio acabar a convalescença pelo fim da revolta. / O seu batalhão estava ~~esp~~ dividido em diversos destacamentos. / Innocencio Bustamante continuava a superintendê-lo com / zelo do interior do quartel na velha estalagem. A escrituração / estava em dia e nunca ~~f~~ relações de mostra foram / apresentadas ~~assim~~ com tanta perfeição. Ocupadas as ilhas / e fortalezas que tinham estado em poder dos revoltosos, coube / à ala que Quaresma comandava guarnecer a ilha das En-/xadas, onde havia centenas de marinheiros presos.

Foi com repugnância que ele aceitou o papel de / carcereiro. Os seus tormentos d'alma mais cresceram com exercício / de tal função. Ele quase não olhava os seus prisioneiros; / tinha quase vergonha deles e parecia-lhe que, dentre eles, / um pelo menos um tinha visto matar um com-/panheiro em combate.

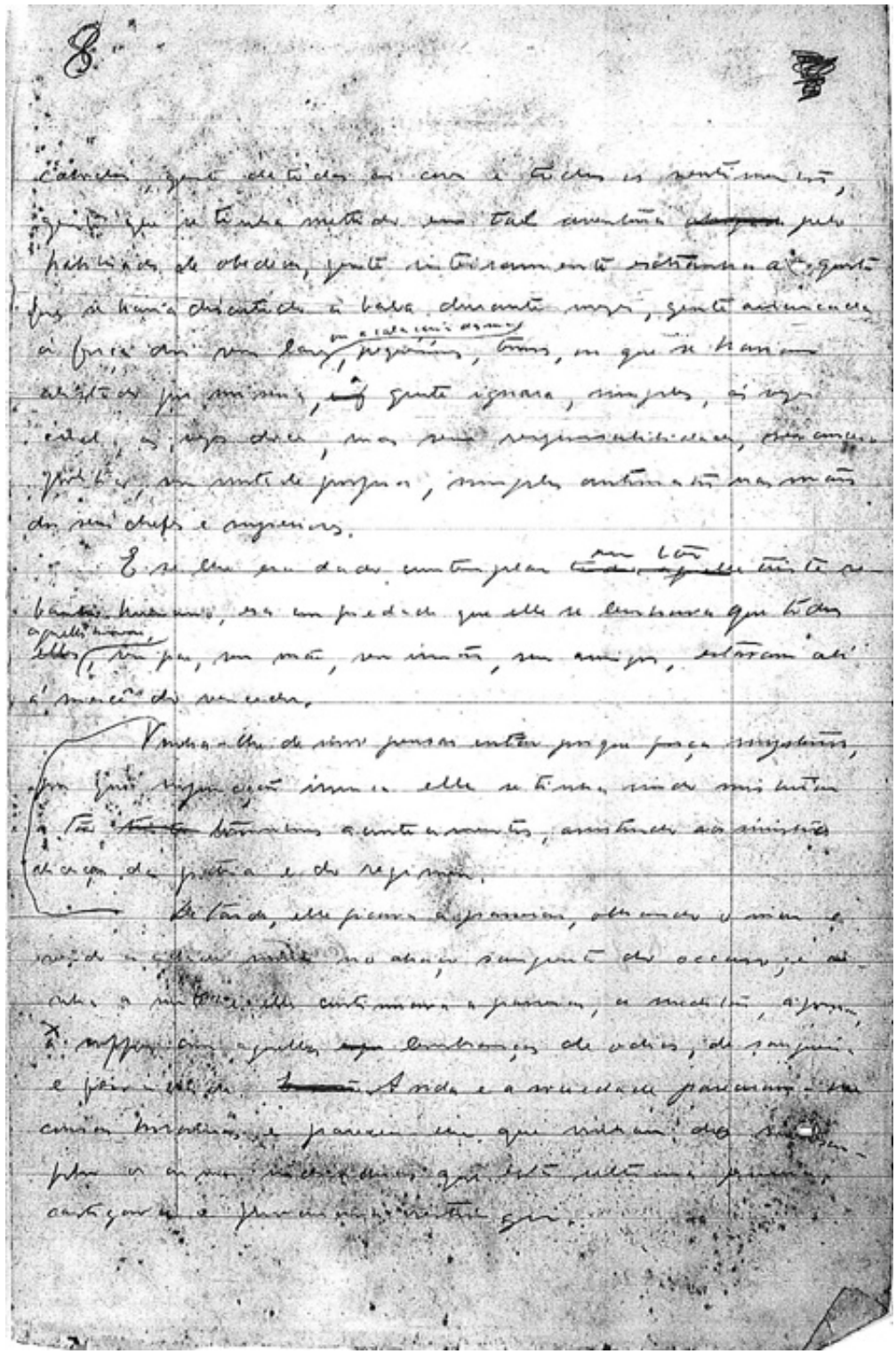
De resto, todo o sistema de idéias que o fizera / meter-se numa guerra civil se tinha esvaído. Ele / não encontrara o Sully nem o Henrique IV. O pensamento / que o animava, não animava nenhuma das pessoas / que encontrara. Vieram para a guerra civil com pueris / ~~pensa~~ propósitos políticos, por interesse, nada de superior / os animava. Mesmo, entre os moços que eram muitos, / se não havia interesse, existia uma ~~amplificação religiosa~~ [[admiração delirosa]] / da forma republicana, um exagero de ~~suas~~ virtudes [[dela]] que / os [[seus]] estudos e meditações não podiam achar justos.

Debaixo disso tudo havia o tal positivismo tirânico, / inquisitorial, [[presunçoso]] estreito, duro e antipático que repugnava / as seus sentimentos liberais.

Os prisioneiros se amontoavam nos ~~galpões e~~ / nas antigas salas de aulas e alojamentos dos ~~alun~~ aspi-/rantes.

Havia simples marinheiros; havia inferiores; havia / escreventes e operários de bordo. Brancos, pretos, mulatos

Folha 168 (verso).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

caboclos, gente de todas as cores e todos os sentimentos, / gente que se tinha metido em tal aventura [*rasurado*] pelo / hábito de obedecer, gente inteiramente estranha à questão / que se havia discutido à bala durante meses, gente arrancada / à força aos lares [[ou à calaçaria das ruas]], pequeninos, tenros, ou que se haviam / alistado por miséria, ~~inf~~ gente ignara, simples, às vezes / cruel, às vezes doce, mas sem responsabilidade, sem anseio / político, sem vontade própria, simples autômatos nas mãos / dos seus chefes e superiores.

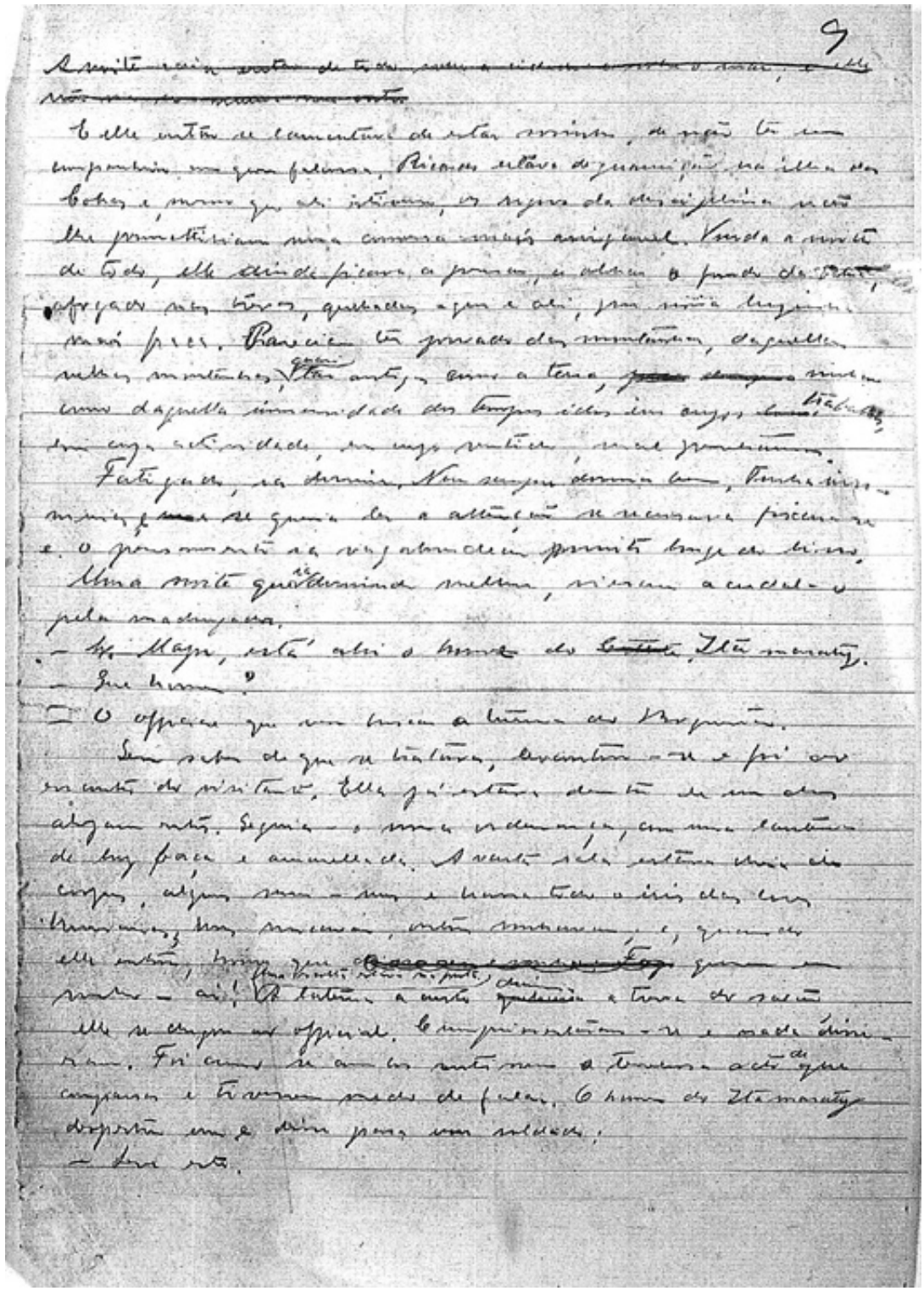
E se lhe era dado contemplar ~~todo aquele~~ [[um tão]] triste re-/banho humano, era com piedade que ele se lembrava que todos / ~~eles,~~ [[aqueles homens,]] sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem amigos, estavam ali / à mercê do vencedor.

Vinha-lhe disso pensar então porque força misteriosa, / porque injunção irônica ele se tinha vindo misturar / a tão ~~tristes~~ tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro / alicerçar da pátria e do regime.[96]

De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar e / vendo a cidade sumir no abraço sangrento do ocaso; e vi-/nha a noite e ele continuava a passear, a meditar, a pensar, / a sofrer com aquelas [*rasurado*] lembranças de ódios, de sangueira / e ferocidade. [*rasurado*] A vida e a sociedade pareceram-lhe / cousas horrorosas e pareceu-lhe que vinham dos seus exem-/plos os crimes indizíveis que esta última punia, / castigava e procurava restringir.

Folha 169 (frente; no verso, manuscrito de "O homem que sabia javanês").

[96] Um sinal gráfico altera a ordem deste parágrafo com o de baixo.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

9

~~A noite caíra então de todo sobre a cidade e sobre o mar; e ele / não via se nesse movimento~~

E ele então se lamentava de estar sozinho, de não ter um / companheiro com quem falasse. Ricardo estava de guarnição na ilha das / Cobras e, mesmo que ali estivesse, os rigores da disciplina não / lhe permitiriam uma conversa mais amigável. Vinha a noite / de todo, ele ainda fitava a praia, a olhar o fundo da baía, / afogada nas trevas, quebrada, aqui e ali, por uma luzinha / mais fraca. ~~Eram~~ [[Pareciam]] ter privado das montanhas, daquelas / velhas montanhas, [[quase]] tão antigas como a terra, [*termos rasurados*] vinham / como daquela imensidade dos tempos idos em cujos [*rasurado*] [[trabalhos,]] / em cuja atividade, em cujo sentido, mal penetravam.

Fatigado, ia dormir. Nem sempre dormia bem, tinha insô-/nia, [[e]] ~~suas~~ se queria ler a atenção se recusava fixar-se / e o pensamento ia vagabundear muito longe do livro.

Uma noite que [[ia]] dormindo melhor, vieram acordá-lo / pela madrugada.

– Sr. Major, está aí o hom~~em~~[[e]] do ~~Catete.~~ [[Itamarati.]]

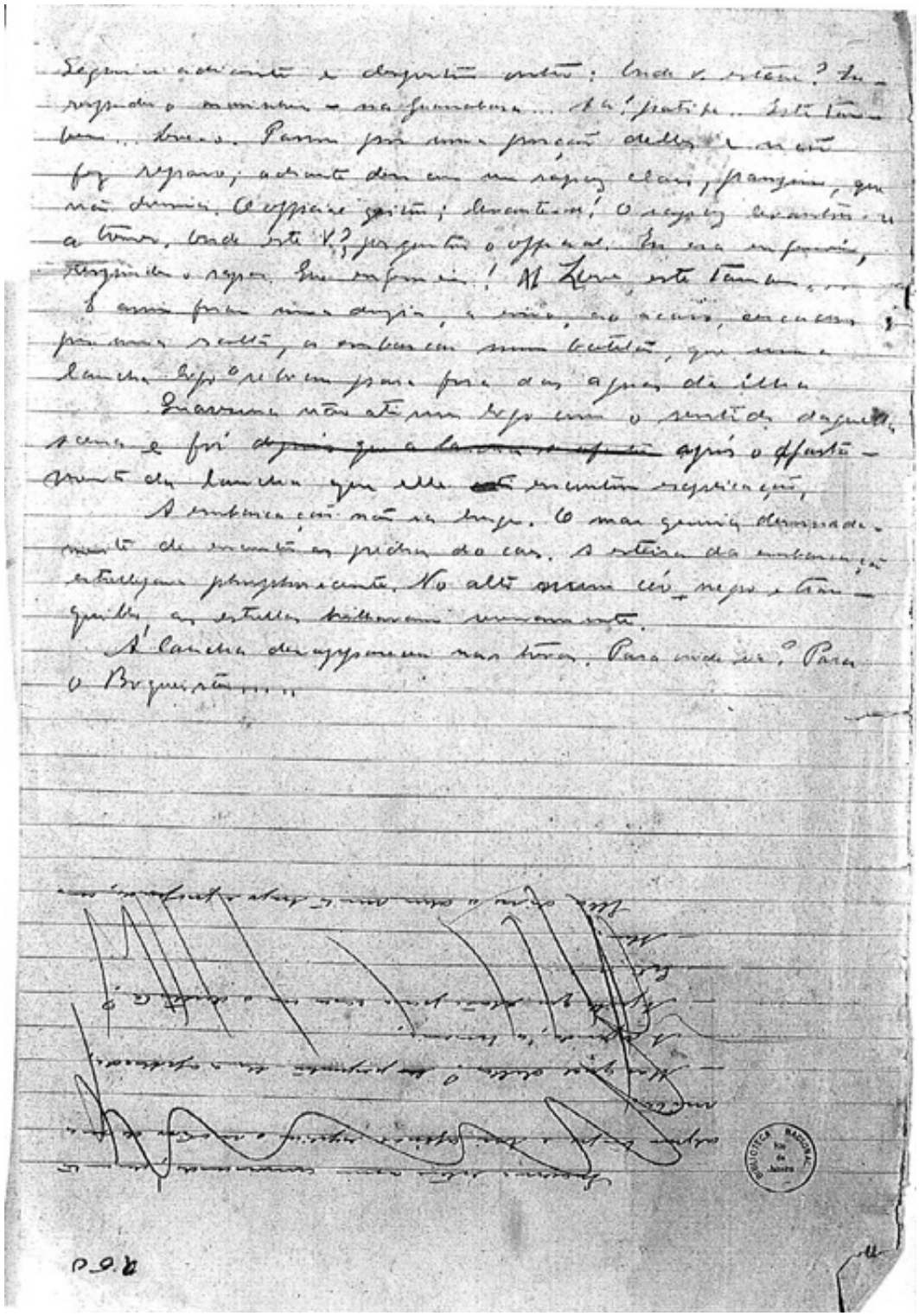
– Que homem?

– O oficial que vem buscar a turma do Boqueirão.

Sem saber do que se tratava, levantou-se e foi ao / encontro do visitante. Ele já estava dentro de um dos / alojamentos. Seguia-o uma ordenança, com uma lanterna / de luz fraca e amarelada. A vasta sala estava cheia de / corpos, alguns semi-nus e havia todo a íris das cores / humanas. Uns roncavam, outros sonhavam; e, quando / ele entrou, houve quem ~~dissesse em sonho: Fogo~~. gemeu em / sonho – ai! [[Uma escolta estava na porta.]] A lanterna a custo ~~queimava~~ [[diminuía]] a treva do salão, / ele se chegou ao oficial. Cumprimentaram-se e nada disse-/ram. Foi como se ambos sentissem ~~a~~ temerem o ato [[de]] que / comparsas e tiveram medo de falar. O homem do Itamarati / despertou um e disse para um soldado:

– Leve este.

Folha 170 (frente).



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Seguiu adiante e despertou outro: Onde v. esteve? Eu – / respondeu o marinheiro – na Guanabara... Ah! patife... Este tam-/bém... Leve-o! Passou por uma porção deles e não / fez reparo; adiante deu com um rapaz claro, franzino, que / não dormia. O oficial gritou: levante-se! O rapaz levantou-se / a tremer. Onde este. v.?, perguntou o oficial. Eu era enfermeiro, / respondeu o rapaz. Que enfermeiro! ~~V~~ Levem este também... / E assim foram uma dúzia, a esmo, ao acaso, cercados / por uma escolta, a embarcar num batelão, que uma / lancha logo rebocou para fora das águas da ilha.

Quaresma não atinou logo com o sentido daquela / cena e foi ~~depois que a lancha se afastou~~ após o afasta-/mento da lancha, que ele [*rasurado*] encontrou explicação.

A embarcação não ia longe. O mar gemia demorada-/mente de encontro às pedras do cais. A esteira da embarcação / estrelejava fosforescente. No alto, ~~o~~ [[num]] céu negro e tran-/quilo, as estrelas brilhavam serenamente.

A lancha desapareceu nas trevas. Para onde ia? Para / o Boqueirão...

{{ 260

Quaresma esteve assim conversando, durante / algum tempo e aí afinal explicou o motivo de sua / visita.

– Mas qual delas? ~~lhe~~ perguntou-lhe a afilhada.

– A segunda, a Ismenia.

– Aquela que estava para casar com o dentista?

– Esta mesma.

– Hum.

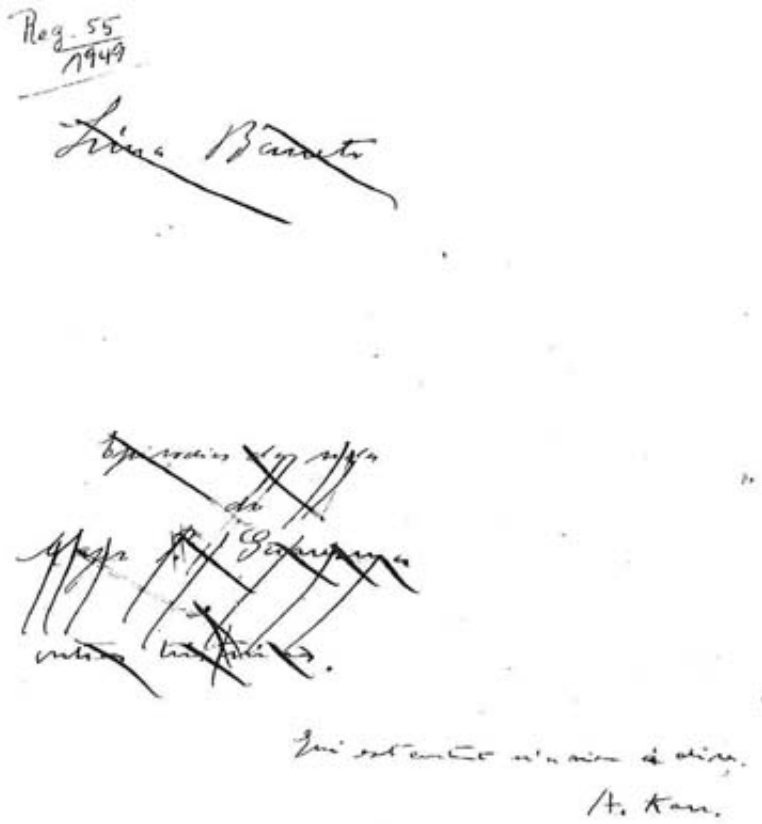
Ela disse o hum muito largo e profundo, como}}[97]

Folha 170 (verso).

[97] O trecho entre chaves duplas está de ponta-cabeça em relação ao restante do texto. Cf. folha 155 (frente).

c.

Exemplos de diagramação da edição diplomática em curso, realizada em programa gráfico.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

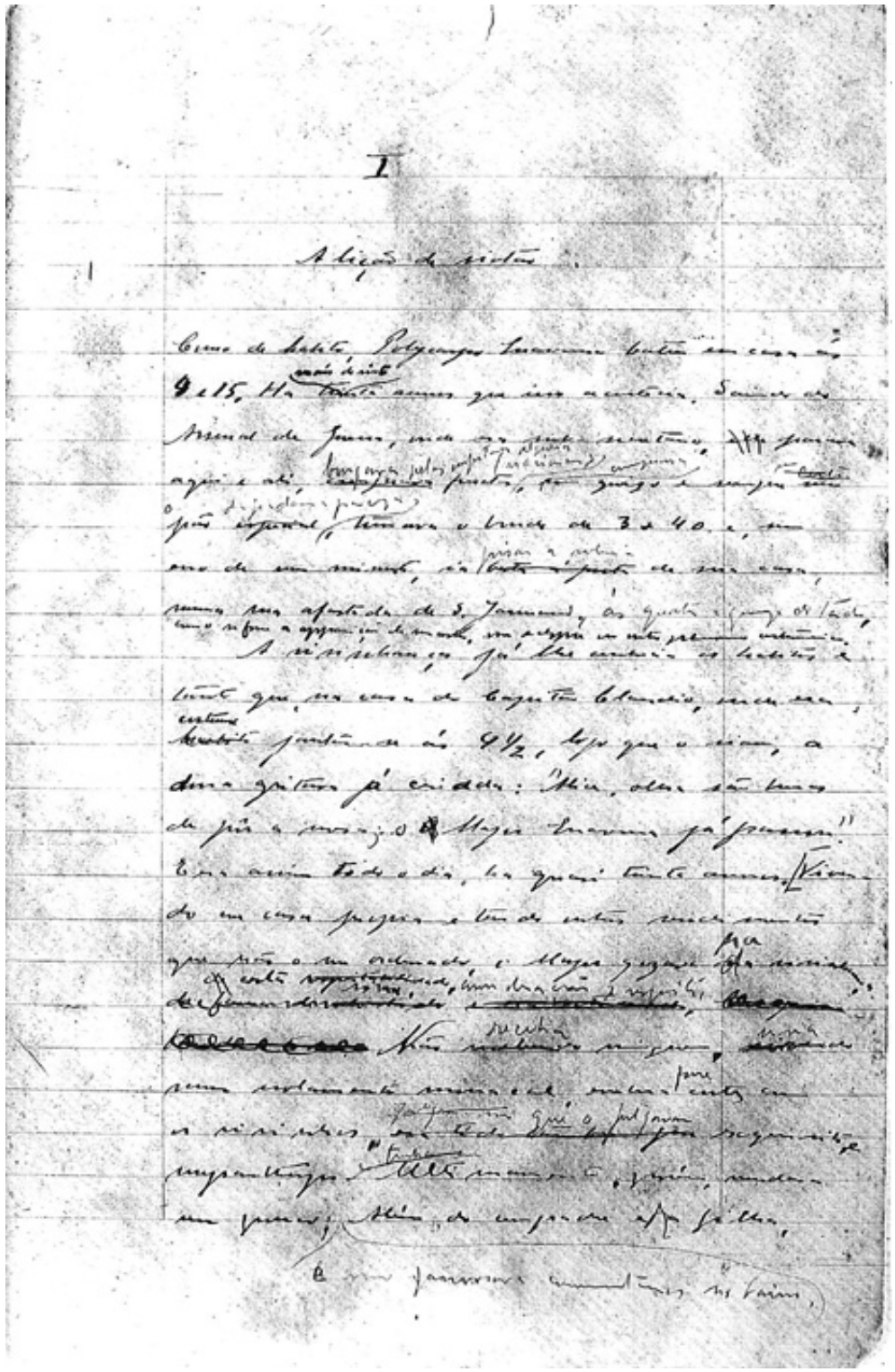
Reg. 55
1949

Lima Barreto

Episódios da vida
do
Major B. Quaresma
e
outras histórias.

Qui est content n'a rien à dire.
A. Kan.

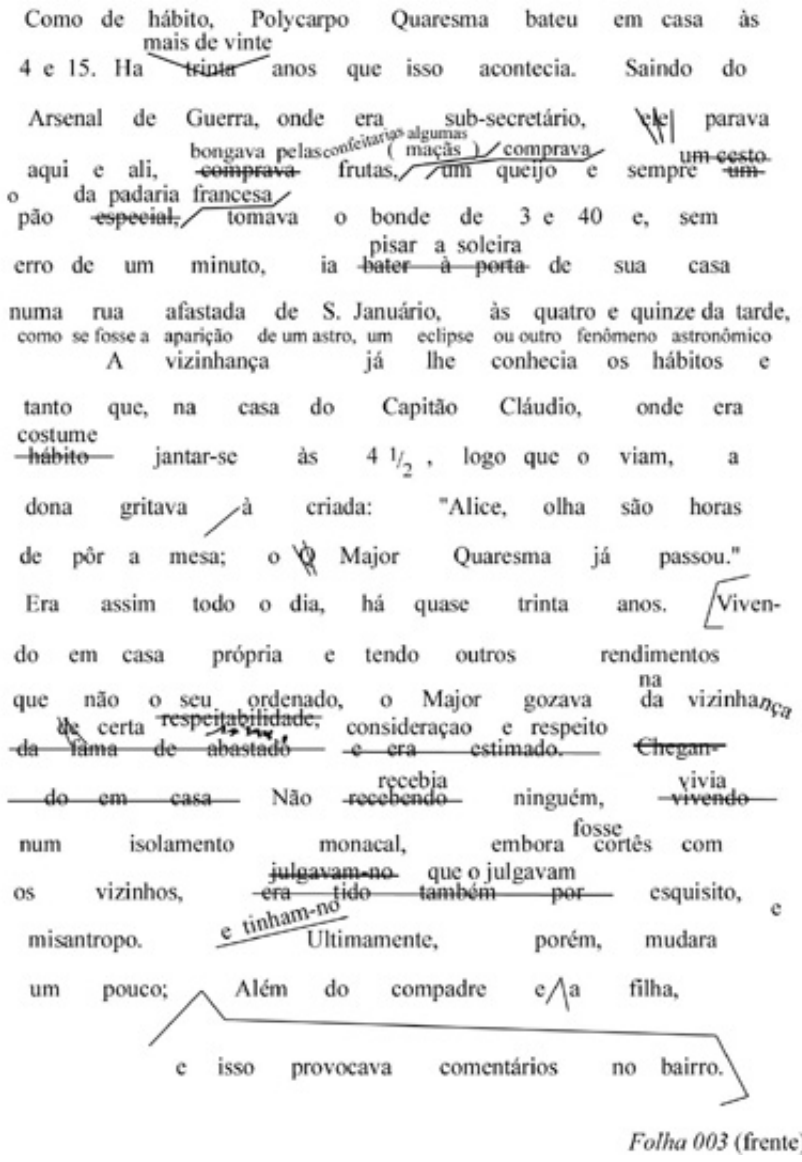
Folha 001 (frente)



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

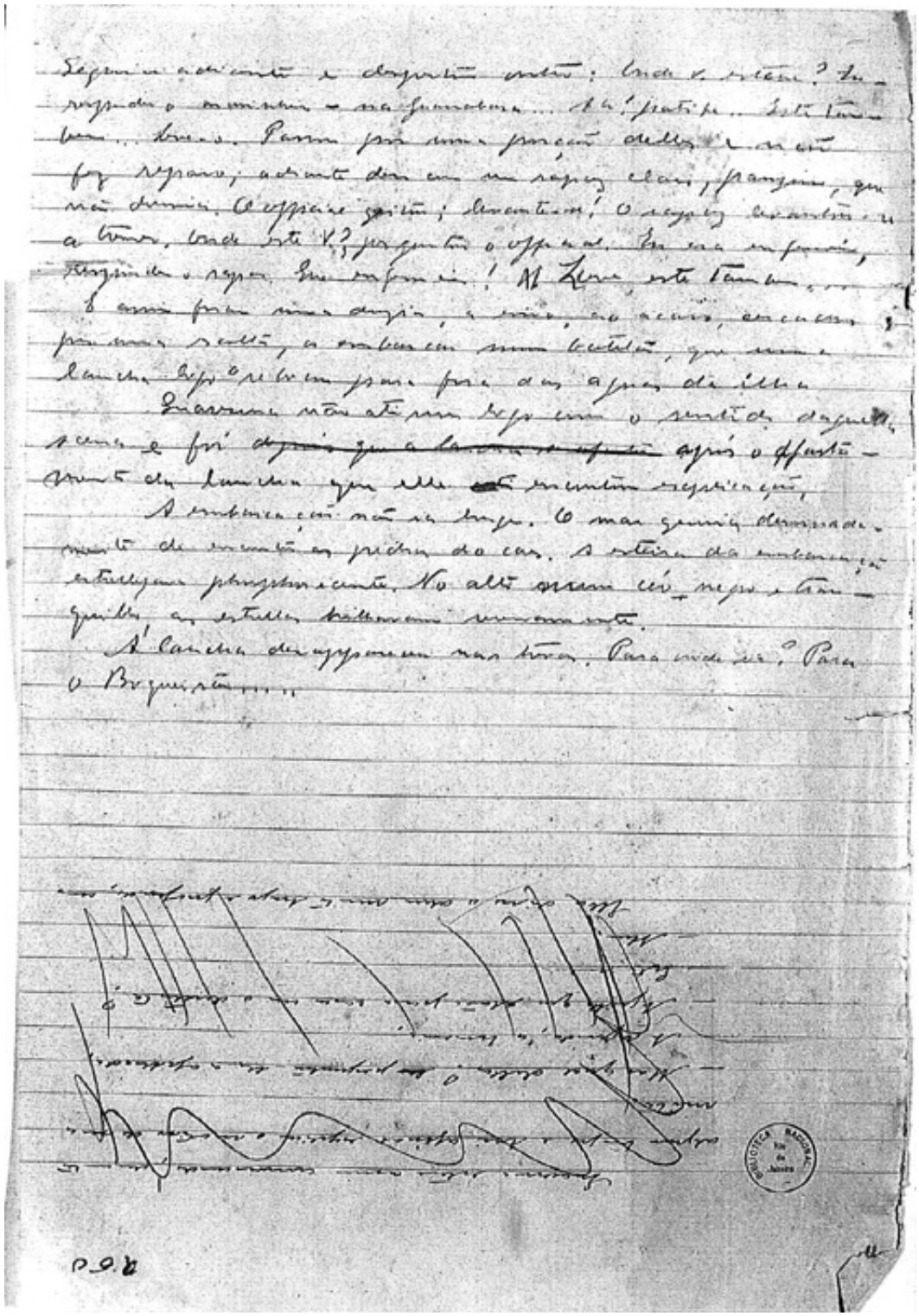
I

A lição de violão



Como de hábito, Polycarpo Quaresma bateu em casa às 4 e 15. Ha ~~trinta~~ mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era sub-secretário, ele parava aqui e ali, ~~comprava~~ bongava pelas confeitarias algumas (maçãs) comprava frutas, um queijo e sempre ~~um~~ o da padaria francesa pão ~~especial,~~ tomava o bonde de 3 e 40 e, sem erro de um minuto, ia ~~bater à porta~~ pisar a soleira de sua casa numa rua afastada de S. Januário, às quatro e quinze da tarde, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse ou outro fenômeno astronômico A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era ~~hábito~~ costume jantar-se às 4 1/2, logo que o viam, a dona gritava à criada: "Alice, olha são horas de pôr a mesa; o Major Quaresma já passou." Era assim todo o dia, há quase trinta anos. Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos que não o seu ordenado, o Major gozava na vizinhança de certa ~~respeitabilidade,~~ consideraçao e respeito ~~da fama de abastado~~ e era estimado. ~~Chegando em casa~~ Não ~~recebendo~~ recebia ninguém, ~~vivendo~~ vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos, ~~julgavam-no~~ que o julgavam ~~era tido também por~~ esquisito, misantropo. e tinham-no Ultimamente, porém, mudara um pouco; Além do compadre e a filha, e isso provocava comentários no bairro.

Folha 003 (frente)



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

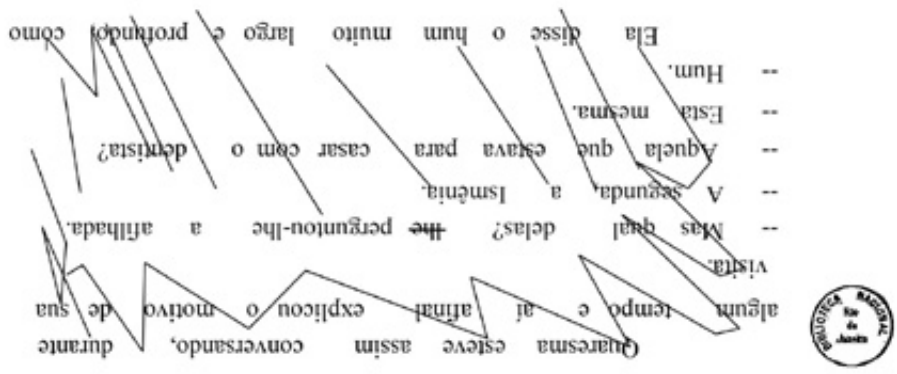
Seguiu adiante e despertou outro: Onde v. esteve? Eu -- respondeu o marinheiro -- na Guanabara... Ah! patife... Este também... Leve-o. Passou por uma porção deles e não fez reparo; adiante deu com um rapaz claro, franzino, que não dormia. O oficial gritou: levante-se! O rapaz levantou-se a tremer. Onde este[ve] v.?, perguntou o oficial. Eu era enfermeiro, respondeu o rapaz. Que enfermeiro! ~~V.~~ Leve este também...

E assim foram uma dúzia, a esmo, ao acaso, cercados por uma escolta, a embarcar num batelão, que uma lancha logo o rebocou para fora das águas da ilha

Quaresma não atinou logo com o sentido daquela cena e foi ~~depois que a lancha se afastou~~ após o afastamento da lancha que ele encontrou explicação.

A embarcação não ia longe. O mar gemia demoradamente de encontro às pedras do cais. A esteira da embarcação estrelejava fosforescente. No alto o num céu negro e tranqüilo, as estrelas brilhavam serenamente.

A lancha desapareceu nas trevas. Para onde ia? Para o Boqueirão.....



260

Folha 170 (verso)

IV.

Triste fim de Polycarpo Quaresma.

Jornal do Commercio – edição da tarde (número 560)
Rio de Janeiro, sexta-feira, 11 de agosto de 1911. Primeira página; segunda coluna.

TRISTE FIM DE POLYCARPO QUARESMA

Romance de Lima Barreto

COMEÇAMOS HOJE NA 4ª. PÁGINA a publicação de um romance nacional sob o título acima, sob a lavra do Sr. Lima Barreto, escritor novo e original, cheio de imprevistos irônicos, cuja reputação não está mais por fazer-se.

Em poucas palavras o romance pode ser assim resumido:

Quaresma, que era conhecido por Major, em virtude de ter sido agraciado com uma patente que não aceitou, é empregado de um Arsenal de Guerra e tem-se ocupado durante vinte anos no estudo profundo do Brasil, em todos os seus aspectos. Leu tudo o que se refere ao Brasil, não só no tocante à sua história e geografia, mas também estudou a sua geologia, a sua zoologia, a sua botânica, além de dedicar-se ao estudo do tupi e dos usos e costumes selvagens.

É um patriota, mas calmo e refletido, e está convencido de que o Brasil é o primeiro país do mundo, tendo as melhores terras, a melhor gente, as maiores riquezas naturais da terra.

Quando começa o dia Polycarpo Quaresma está tomando lições de violão com o célebre tocador e cantador de modinhas Ricardo Coração dos Outros. Levado por severas e patrióticas deduções, o velho funcionário convenceu-se de que a modinha é forma poético-musical profundamente nacional, da qual se pode tirar um forte motivo original de Arte. Daí o estudo.

Cantando em sua casa o célebre trovador, as relações de Quaresma com os vizinhos tornam-se mais perfeitas, sobretudo com o General Albernaz, que muito gosta de modinhas e cousas populares. Os dous, o General e o Major, resolveram fazer uma festa genuinamente nacional, modinhas, cheganças, etc.; e, reconhecendo que todas essas cousas são pouco nacionais, Quaresma resolve formar um vasto código de usanças, cerimônias e festas, baseado nos costumes tupis.

O tupi e a etnografia indígena absorvem-no a tal ponto que, estando certa vez a fazer um ofício, distraído, acaba redigindo-o em tupi. O diretor não repara e assina-o; e a peça oficial vai, em tal estado, parar às mãos do Ministro.

Sendo censurado o diretor e vindo ele a saber que fôra Quaresma quem o redigira, enche o subalterno de punições, quer demiti-lo, mas não o faz devido à intervenção de amigos, que conseguem a aposentadoria para o pacato Polycarpo. O choque fôra grande e Quaresma enlouquece.

Curando-se, a conselho de seus amigos, o antigo empregado do Arsenal comprou um sítio nos arredores do Rio e vai tirar a prova de que as nossas terras são as melhores do mundo.

O sítio estava abandonado e Quaresma, auxiliado pelo seu fiel Anacleto e outro, entrega-se inteiramente aos trabalhos de limpeza das terras e das árvores. Além das suas antigas relações, vêm visitá-los, a ele e à irmã, o Tenente Antonino, escrivão da coletoria, chefe político governista, e, mais tarde, o Dr. Campos, médico e chefe político oposicionista.

Todas as insinuações que fazem, para que entre na política, Quaresma recusa e continua nos seus trabalhos agrícolas.

No fim de algum tempo, consegue vender uma partida de seus produtos, dando-lhe de lucro a quantia de 2$500.

Além desse desastre, há a invasão das formigas, a peste nas aves e outras; por fim, quando se aproximam as eleições, ele vê-se multado pelo Tenente, porque deixou de pagar não sei que imposto; e pelo Dr. Campos, na qualidade de Presidente da Câmara, porque não capinou e roçou as testadas do seu sítio, as quais têm de extensão quilômetro e pouco.

Brigado com o governo e a oposição e sentindo que não pode haver trabalho propício, sem que uma forte autoridade central coíba os abusos dos pequenos; sonhando com um Henrique IV e um Sully, logo que teve notícia de ter rebentado revolta, vem servir o Marechal Floriano.

Nessa passagem de sua vida, também decepções o aguardam. Floriano só crê na força e não tem nenhum interesse por tudo aquilo que é objeto das cogitações de Quaresma. Assiste às violências da época, toma parte num combate que o enche de nojo e rancor; e, estando de guarnição na ilha das Enxadas, vê, alta madrugada, embarcar para ser fuzilada uma leva de marinheiros. Isto revolta-o; escreveu cartas ao Marechal, protestando, pelo que é também fuzilado, apesar dos passos que os amigos dão em seu favor.

Tal é o *triste fim de Polycarpo Quaresma*, pondo de parte episódios secundários e outros personagens que entram e esclarecem a trama do livro.

* * * * *

Sexta-feira, 11 de agosto.

> Le grand inconvénient de la vie réelle et ce qui la rend insupportable à l'homme supérieur, c'est que, si l'on y transporte les principes de l'idéal, les qualités deviennent des défauts, si bien que fort souvent l'homme accompli y réussit moins bien que celui qui a pour mobiles l'egoisme ou la routine vulgaire.
>
> Renan, *Marc-Auréle*.[98]

[98] A epígrafe repete-se sempre antes do texto, no *Jornal do Commercio*; para não cansar o leitor, transcrevo-a esta única vez. No livro, imediatamente antes dela, há a seguinte dedicatória:

A / João Luiz Ferreira / Engenheiro Civil.

* * * * *

LIVRO PRIMEIRO[99]
I

A lição de violão

COMO DE HÁBITO, POLYCARPO QUARESMA, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às 4 e 15 da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa.

Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às 3 e 40, por aí assim, tomava o *bond*[100], sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de S. Januário, bem exatamente às 4 e 15, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito.

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: "Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou".

E era assim todos os dias, há quase trinta anos. Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos que não o[101] seu ordenado, o Major Quaresma podia levar um trem de vida superior aos seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado.

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecia[102], fôra a do Dr. Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: "se não era formado, para quê? Pedantismo!"

O subsecretário não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua se poderiam[103] ver as estantes pejadas de cima a baixo.

Eram esses os seus hábitos; ultimamente, porém, mudara um pouco; e isso provocava comentários no bairro. Além do compadre e da filha, as únicas pessoas que o visitavam até então, nos últimos dias, era visto entrar em sua casa, três vezes por semana e em dias certos, um senhor baixo, magro, pálido, com um violão agasalhado numa bolsa de

[99] Os capítulos estão divididos em *Livro Primeiro*, *Livro Segundo* e *Livro Terceiro*, nos folhetins, e em *Primeira Parte*, *Segunda Parte* e *Terceira Parte*, no livro.
[100] A palavra vem grafada "bond" (plural "bonds") nos folhetins, e "bonde" ("bondes") nos manuscritos e no livro. O itálico aqui e nas demais ocorrências da palavra é meu.
[101] No livro: "além do"
[102] No livro: "merecera".
[103] No livro: "poder-se-iam".

camurça. Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria?

E, na mesma tarde, uma das mais lindas vizinhas do Major convidou uma amiga, e ambas levaram um tempo perdido, de cá pra lá, a palmilhar o passeio, esticando a cabeça, quando passavam diante da janela aberta do esquisito subsecretário.

Não foi inútil a espionagem. Sentado no sofá, tendo ao lado o tal sujeito, empunhando o *pinho* na posição de tocar, o Major, atentamente, ouvia: "Olhe, Major, assim". E as cordas vibravam vagarosamente a nota ferida; em seguida, o mestre aduzia: "é *ré*, aprendeu".

Mais não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o Major aprendia a tocar violão. Mas que cousa? Um homem tão sério metido nessas malandragens!

Uma tarde de sol – que sol! Sol de Março[104], forte e implacável – aí pelas cercanias das quatro horas, as janelas de uma erma rua de S. Januário se povoaram[105] rápida e repentinamente, de um e de outro lado. Até da casa do General vieram moças à janela! Que era? Um batalhão? Um incêndio? Nada disto: o Major Quaresma, de cabeça baixa, com pequenos e seguros passos[106] de boi de carro, subia a rua, tendo debaixo do braço um violão impudico.

É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas. À vista de tão escandaloso fato, a consideração e o respeito que o Major Polycarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa, diminuíram um pouco. Estava perdido, maluco, diziam. Ele, porém, continuou serenamente nos seus estudos, mesmo porque não percebeu essa diminuição.

Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava *pince-nez*, olhava sempre baixo, mas, quando fixava alguém ou alguma cousa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da cousa que fixava.

Contudo, sempre os trazia baixos, como se se guiasse pela ponta do *cavaignac* que lhe enfeitava o queixo. Vestia-se sempre de fraque, preto, azul, ou de cinza, de pano listrado, mas sempre de fraque, e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas muito[107] alta, feita segundo um figurino antigo de que ele sabia com precisão a época.

Quando entrou em casa, naquele dia, foi a irmã quem lhe abriu a porta, perguntando:

– Janta já?

– Ainda não. Espera[108] um pouco o Ricardo que vem jantar hoje conosco.

– Polycarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio – não é bonito!

O Major descansou o chapéu de sol – um antigo chapéu de sol, todo de madeira, e

[104] No livro: "Uma tarde de sol – sol de Março,"
[105] No livro: "povoaram-se".
[106] No livro: "pequenos passos".
[107] No livro: "e muito".
[108] No livro: "Espere".

um[109] cabo de volta, incrustado de pequenos losangos de madrepérola – e respondeu:

– Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já esteve em honra, em Lisboa, no século passado, com o Padre Caldas, que teve um auditório de fidalgas. Beckford, um inglês notável, muito o elogia.

– Mas isso foi em outro tempo; agora...

– Que tem isso, Adelaide? Convém que nós não deixemos morrer as nossas tradições, os usos genuinamente nacionais...

– Bem, Polycarpo, eu não quero contrariar você; continue lá com as suas manias.

O Major entrou para um aposento próximo, enquanto sua irmã seguia em direitura ao interior da casa. Quaresma despiu-se, lavou-se, enfiou a roupa de casa, veio para a biblioteca, sentou-se a uma cadeira de balanço, descansando.

Sábado, 12 de agosto.

Estava num aposento vasto, com janelas para uma rua lateral, e todo ele era forrado de estantes de ferro.

Havia perto de dez, com quatro prateleiras, fora as pequenas com os livros de maior tomo. Quem examinasse vagarosamente aquelas grandes coleções[110] de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião.

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopéia*; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta ora lá faltava nas estantes do Major.

De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handelmann (*Geschichte von Brasilien*), Melo Morais, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, o Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto de Magalhães e se se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente.[111]

Vê-se assim que a sua predileção pela poética de Porto Alegre e Magalhães não lhe vinha de uma irremediável ignorância das línguas literárias da Europa; ao contrário, o Major conhecia bem sofrivelmente francês, inglês e alemão; e se não falava tais idiomas,

---

[109] No livro: "chapéu de sol, com a haste inteiramente de madeira, com um".
[110] No livro, no singular: "aquela grande coleção".
[111] Parágrafo incluído no livro:

Além destes, havia livros subsidiários: dicionários, manuais, enciclopédias, compêndios, em vários idiomas.

lia-os e traduzia-os corretamente[112]. A razão tinha que ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento que guiava sua vida. Polycarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fôra o amor comum, palrador e vazio; fôra um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi um[113] conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.

Não se sabia bem onde nascera, mas não fôra decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo; Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que o que lhe[114] fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de S. Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a grandeza do Amazonas,[115] não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos 18 anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a *terra que o viu nascer*. Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.

Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até julgar crime[116] amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do "seu" rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o Major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos macios[117] abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, *Arte y diccionario de la lengua guarany ó más bien tupy*, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram não

[112] No livro: "correntemente".
[113] No livro: "num".
[114] No livro: "que aquilo que o".
[115] No livro: "Amazonas, os diamantes de Minas".
[116] No livro: "até ao crime de".
[117] No livro: "rosados".

se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"

Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concertou o *pince-nez*, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Sr. Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Nesse dia, o Major pouco conversou. Era costume seu, assim pela hora do café, quando os empregados deixavam as bancas, transmitir aos companheiros o fruto de seus estudos, as descobertas que fazia, no seu gabinete de trabalho, de riquezas nacionais. Um dia era o petróleo que lera em qualquer parte, como sendo encontrado na Bahia; outra vez, era um novo exemplar de árvore de borracha que crescia no rio Pardo, em Mato Grosso; outra, era um sábio, uma notabilidade, cuja bisavó era brasileira; e quando não tinha descoberta a trazer, entrava pela corografia, contava o curso dos rios, a sua extensão navegável, os melhoramentos insignificantes de que careciam para se prestarem a um franco percurso da foz às nascentes. Ele amava sobremodo os rios; as montanhas lhe eram indiferentes. Pequenas talvez...

Os colegas ouviam-no respeitosos e ninguém, a não ser esse tal Azevedo, se animava na sua frente a lhe fazer a menor objeção, a avançar uma pilhéria, um dito. Ao voltar as costas, porém, vingavam-se da cacetada, cobrindo-o de troças: "Este Quaresma! Que cacete! Pensa que somos meninos de tico-tico... Arre! Não tem outra conversa".

E desse modo ele ia levando a vida, metade na repartição, sem ser compreendido, e a outra metade em casa, também sem ser compreendido. No dia em que o chamaram de Ubirajara, Quaresma ficou reservado, taciturno, mudo, e só veio a falar porque, quando lavavam as mãos num aposento próximo à secretaria e se preparavam para sair, alguém suspirando[118], disse: "Ah! Meu Deus! Quando poderei ir à Europa!" O Major não se conteve: levantou o olhar, concertou o *pince-nez* e falou fraternal e persuasivo: "Ingrato! Tens uma terra tão bela, tão rica, e queres visitar a dos outros! Eu, se algum dia puder, hei de percorrer a minha de princípio ao fim!"[119]

O outro objetou-lhe que por aqui só havia febres e mosquitos; o Major contestou-lhe com estatísticas e até provou exuberantemente que o Amazonas tinha um dos melhores climas da terra. Era um clima caluniado pelos viciosos que de lá vinham doentes...

Era assim o Major Polycarpo Quaresma que acabava de chegar à sua residência, às quatro e quinze da tarde, sem erro de um minuto, como todas as tardes, exceto aos domingos, exatamente, ao jeito da aparição de um astro ou de um eclipse.

No mais, era um homem como todos os outros, a não ser aqueles que têm ambições políticas ou de fortuna, porque Quaresma não as tinha no mínimo grau.

Sentado na cadeira de balanço, bem ao centro de sua biblioteca, o Major abriu um livro e pôs-se a lê-lo à espera do conviva. Era o velho Rocha Pita, o entusiástico e gongórico Rocha Pita da *História da América Portuguesa*. Quaresma estava lendo aquele

[118] No folhetim está: "respirando".
[119] Faltam as aspas finais no folhetim.

famoso período: "Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madruga mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados..." mas não pôde ir ao fim. Batiam à porta. Foi abri-la em pessoa.

– Tardei, Major? perguntou o visitante.

– Não. Chegaste à hora.

Segunda-feira, 14 de agosto.

Acabava de entrar em casa do Major Quaresma o Sr. Ricardo Coração dos Outros, homem célebre pela sua habilidade em cantar modinhas e tocar violão. Em começo, a sua fama estivera limitada a um pequeno subúrbio da cidade, em cujos *saraus* ele e seu violão figuravam como Paganini e a sua rebeca em festas de duques; mas, aos poucos, com o tempo, foi tomando toda a extensão dos subúrbios, crescendo, solidificando-se, até ser considerada como cousa própria a eles. Não se julgue, entretanto, que Ricardo fosse um cantor de modinhas aí qualquer, um capadócio. Não; Ricardo Coração dos Outros era um artista a freqüentar e a honrar as melhores famílias do Méier, Piedade e Riachuelo. Rara era a noite em que não recebesse um convite. Fosse na casa do Tenente Cristo[120], do Dr. Bulhões ou do *seu* Castro, a sua presença era sempre requerida, instada e apreciada. O Dr. Bulhões, até, tinha pelo Ricardo uma admiração especial, um delírio, um frenesi e, quando o trovador cantava, ficava em êxtase. Gosto muito de canto, dizia o Doutor no trem certa vez, mas só duas pessoas me enchem as medidas: o Tamagno e o Ricardo. Esse Doutor tinha uma grande reputação nos subúrbios, não como médico, pois que nem óleo de rícino receitava, mas como entendido em legislação telegráfica, por ser chefe de seção da Secretaria dos Telégrafos.

Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas, onde se algum dos seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado – aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.

Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perderem[121] a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas.

Ricardo, depois de ser o[122] poeta e o cantor dessa curiosa aristocracia, extravasou e

---

[120] No livro: "Tenente Marques".

[121] No livro: "perder".

[122] Artigo ausente no livro: "ser poeta".

passou à cidade, propriamente. A sua fama já chegara[123] a S. Cristóvão e em breve (ele o esperava) Botafogo convidá-lo-ia, pois os jornais já falavam no seu nome e discutiam o alcance de sua obra e da sua poética...

Mas que vinha ele fazer ali, na casa de pessoa de propósitos tão altos e tão severos hábitos? Não é difícil atinar. Decerto, não vinha auxiliar o Major nos seus estudos de geologia, de poética, de mineralogia e história brasileiras.

Como bem supôs a vizinhança, o Coração dos Outros vinha ali tão-somente ensinar o Major a cantar modinhas e a tocar violão. Nada mais, e é simples.

De acordo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poética musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a modinha acompanhada pelo violão. Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha. Estava nisso tudo *a quo*, mas procurou saber quem era o primeiro executor da cidade e tomou lições com ele. O seu fim era disciplinar a modinha e tirar dela um forte motivo original de arte.

Ricardo vinha justamente dar-lhe lição, mas, antes disso, por convite especial do discípulo, ia compartilhar o seu jantar; e fôra por isso que o famoso trovador chegou mais cedo à casa do subsecretário.

– Já sabe dar o *ré* sustenido, Major? perguntou Ricardo logo ao sentar-se.

– Já.

– Vamos ver.

Dizendo isto, foi desencapotar o seu sagrado violão; mas não houve tempo. D. Adelaide, a irmã de Quaresma, entrou e convidou-os a irem jantar. A sopa já esfriava na mesa, que fossem.[124]

– O Sr. Ricardo há de nos desculpar, disse a velha senhora, a pobreza do nosso jantar. Eu lhe quis fazer um frango com *petit-pois*, mas Polycarpo não quis.[125] Disse-me que esse tal *petit-pois* é estrangeiro e que eu o substituísse por guando. Onde é que se viu frango com guando?

Coração dos Outros aventou que talvez fosse bom, seria uma novidade e não fazia mal experimentar.

– É uma mania de seu amigo, Sr. Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!

– Qual, Adelaide, você tem certas ojerizas! A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente. Você é que deu para implicar.

– Exemplo: a manteiga que fica logo rançosa.

– É porque é de leite, se fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas com gorduras de esgotos, talvez não se estragasse... É isto, Ricardo! Não querem nada da nossa terra...

– Em geral é assim, disse Ricardo.

– Mas é um erro... Não protegem as indústrias nacionais... Comigo não há disso: de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com pano nacional, calço botas

[123] No livro: "chegava".
[124] No livro, com exclamação: "fossem!".
[125] No livro: "deixou".

nacionais e assim por diante.

Sentaram-se à mesa. Quaresma agarrou uma pequena garrafa de cristal e serviu dous cálices de parati.

– É do programa nacional, fez a irmã, sorrindo.

– Decerto, e é um magnífico aperitivo. Esses vermutes por ai, drogas; isto é álcool puro, bom, de cana, não é de batatas ou milho...

Ricardo agarrou o cálice com delicadeza e respeito, levou-o aos lábios e foi como se todo ele bebesse o licor nacional.

– Está bom, hein? indagou o Major.

– Magnífico, fez Ricardo, estalando os lábios.

– É de Angra. Agora tu vais ver que magnífico vinho do Rio Grande temos... Qual Borgonha! Qual Bordeaux![126] Temos no Sul muito melhores...

E o jantar correu assim, nesse tom. Quaresma exaltando os produtos nacionais: a banha, o toucinho e o arroz; a irmã fazia pequenas objeções e Ricardo dizia: "É, é, não há dúvida" – rolando nas órbitas os olhos pequenos, franzindo a testa diminuta que se sumia no cabelo áspero, forçando muito a sua fisionomia miúda e dura a adquirir uma expressão sincera de delicadeza e satisfação.

Acabado o jantar foram ver o jardim. Era uma maravilha; não tinha nem uma flor... Certamente não se podia tomar por tal míseros beijos-de-frade, palmas-de-santa-rita,[127] manacás melancólicos e outros belos exemplares dos nossos campos e prados. Como em tudo o mais, o Major era em jardinagem essencialmente nacional. Nada de rosas, de crisântemos, de magnólias – flores exóticas; as nossas terras tinham outras mais belas, mais expressivas, mais olentes, como aquelas que ele tinha ali.

Ricardo ainda uma vez concordou e os dous entraram na sala, quando o crepúsculo vinha devagar, muito vagaroso e lento, como se fosse um longo adeus saudoso do sol ao deixar a terra, pondo nas cousas a sua poesia dolente e a sua deliqüescência.

Mal foi aceso o gás, o mestre de violão empunhou o instrumento, apertou as cravelhas, correu a escala, abaixando-se sobre ele como se o quisesse beijar. Tirou alguns acordes, para experimentar; e dirigiu-se ao discípulo, que já tinha o seu em posição:

– Vamos ver. Tire a escala, Major.

Quaresma preparou os dedos, afinou a viola, mas não havia nem aquela firmeza, nem aquele dengue[128] com que o mestre fazia a mesma operação.

– Olhe, Major, é assim.

E mostrava a posição do instrumento, indo do colo ao braço esquerdo estendido, seguro levemente pelo direito; e em seguida acrescentou:

– Major, o violão é o instrumento da paixão. Precisa de peito para falar... É preciso encostá-lo, mas encostá-lo com maciez e amor, como se fosse a amada, a noiva, para que diga o que sentimos...

Diante do violão, Ricardo ficava loquaz, cheio de sentenças, todo ele fremindo de paixão pelo instrumento desprezado.

A lição durou uns cinqüenta minutos. O Major sentiu-se cansado e pediu que o

[126] No folhetim, com ponto de interrogação: "Qual Bordeaux?".
[127] No livro: "palmas-de-santa-rita, quaresmas lutulentas,".
[128] No livro: "não havia na sua execução nem a firmeza, nem o dengue".

mestre cantasse. Era a primeira vez que Quaresma lhe fazia esse pedido; embora lisonjeado, quis a vaidade profissional que ele, a princípio, se negasse.

– Oh! Não tenho nada novo, uma composição minha.

D. Adelaide obtemperou então:

– Cante uma de outro.

– Oh! Por Deus, minha senhora! Eu só canto as minhas. O Bilac – conhecem? – quis fazer-me uma modinha, eu não aceitei; você não entende de violão, *seu* Bilac. A questão não está em escrever uns versos certos que digam cousas bonitas; o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja. Por exemplo: se eu dissesse, como em começo quis, n' *O Pé* uma modinha minha: *o teu pé é uma folha de trevo* – não ia com o violão. Querem ver?

E ensaiou em voz baixa, acompanhado pelo instrumento: *o – teu – pé – é – uma – fo – lha – de – tre – vo*.

– Vejam, continuou ele, como não dá. Agora reparem: *o – teu – pé – é – uma – ro – sa – de – mir – ra*. É outra cousa, não acham?

Terça-feira, 15 de agosto.

– Não há dúvida, disse a irmã de Quaresma.

– Cante esta, convidou o Major.

– Não, objetou Ricardo. Está velha, vou cantar a *Promessa*, conhecem?

– Não, disseram os dous irmãos.

– Oh! Anda por aí como as *Pombas* do Raimundo.

– Cante lá, Sr. Ricardo, pediu D. Adelaide.

Ricardo Coração dos Outros afinal[129] afinou ainda uma vez o violão e começou em voz fraca:

Prometo pelo Santíssimo Sacramento
Que serei tua paixão...

– Vão vendo, disse ele num intervalo, quanta imagem, quanta imagem!

E continuou. As janelas estavam abertas. Moças e rapazes começaram a se amontoar na calçada para ouvir o menestrel. Sentindo que a rua se interessava, Coração dos Outros foi apurando a dicção, tomando um ar feroz que ele supunha ser de ternura e entusiasmo; e, quando acabou, as palmas soaram do lado de fora e uma moça entrou procurando D. Adelaide.

– Senta-te Ismenia, disse ela.

– A demora é pouca.

Ricardo aprumou-se na cadeira, olhou um pouco a moça e continuou a dissertar sobre a modinha. Aproveitando uma pausa, a irmã de Quaresma perguntou à moça:

– Então quando se casa[130]?

---

[129] No livro: "por fim".
[130] No livro: "te casas".

Era a pergunta que se Lhe fazia sempre. Ela então curvava do lado direito a sua triste cabecinha, coroada de magníficos cabelos castanhos, com tons de ouro, e respondia:

– Não sei... Cavalcanti forma-se no fim do ano e então marcaremos.

Isto era dito arrastado, com uma preguiça de impressionar.

Não era feia a menina, a filha do General, vizinho de Quaresma. Era até bem simpática, com a sua fisionomia de pequenos traços mal desenhados e cobertos de umas tintas de bondade.

Aquele seu noivado durava há anos; o noivo, o tal Cavalcanti, estudava para dentista, um curso de dous anos, mas que ele arrastava há quatro, e Ismenia tinha sempre que responder à famosa pergunta: – "Então quando se casa?" – "Não sei... Cavalcanti forma-se para o ano e..."

Intimamente ela não se incomodava. Na vida, para ela, só havia uma cousa importante: casar-se; mas pressa não tinha, nada nela a pedia. Já agarrara um noivo, o resto era questão de tempo...

Após responder a D. Adelaide, explicou o motivo da visita.

Viera, em nome do pai, convidar Ricardo Coração dos Outros a cantar em casa dela.

– Papai, disse D. Ismenia, gosta muito de modinhas... É do Norte; a senhora sabe, D. Adelaide, que gente do Norte aprecia muito. Venham.

E para lá foram.

* * * * *

Terça-feira, 15 de agosto (cont.).

LIVRO PRIMEIRO
II

Reformas radicais

_____

HAVIA BEM DEZ DIAS QUE O MAJOR Quaresma não saía de casa. Na sua meiga e sossegada casa de S. Cristóvão, enchia os dias da forma mais útil e agradável às necessidades do seu espírito e do seu temperamento. De manhã, depois da *toilette* e do café, sentava-se no divã da sala principal e lia os jornais. Lia diversos, porque sempre esperava encontrar num ou noutro uma notícia curiosa, a sugestão de uma idéia útil à sua cara Pátria. Os seus hábitos burocráticos faziam-no almoçar cedo, e, embora estivesse de férias, para os não perder, continuava a tomar a primeira refeição de garfo às nove e meia da manhã.

Acabado o almoço, dava umas voltas pela chácara, chácara em que predominavam as fruteiras nacionais, recebendo a pitanga e o cambuí os mais cuidadosos tratamentos

aconselhados pela pomologia, como se fossem bem cerejas ou figos.

O passeio era demorado e filosófico. Conversando com o preto Anastácio, que lhe servia há trinta anos, sobre cousas antigas – o casamento das princesas, a quebra do Souto e outras – o Major continuava com o pensamento preso aos problemas que o preocupavam ultimamente. Após uma hora ou menos, voltava à biblioteca e mergulhava nas revistas do Instituto Histórico, no Fernão Cardim, nas cartas de Nóbrega, nos anais da Biblioteca, no von den Stein e tomava notas sobre notas, guardando-as numa pequena pasta ao lado. Estudava os índios.[131]

Não fica bem dizer estudava, porque já o fizera há tempos, não só no tocante à língua, que já quase falava, como também nos simples aspectos etnográficos e antropológicos. Recordava (é melhor dizer assim), afirmava certas noções dos seus estudos anteriores, visto estar organizando um sistema de cerimônias e festas que se baseasse nos costumes dos nossos silvícolas e abrangesse todas as relações sociais.

Para bem se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o Major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à Pátria eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas idéias. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (era a sua opinião), a grande Pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra.

Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce do mundo – o que precisava mais? Tempo e um pouco de originalidade. Portanto, dúvidas não flutuavam mais no seu espírito, mas no que se referia à originalidade de costumes e usanças, absolutamente[132] não se tinham elas dissipado, antes se transformaram em certeza após tomar parte na folia do *Tangolomango*, numa festa que o General dera em casa.

Caso foi que a visita do Ricardo e do seu violão ao bravo militar veio despertar no General e na família um gôsto pelas festanças, cantigas e hábitos genuinamente nacionais, como se diz por aí. Houve em todos um desejo de sentir, de sonhar, de poetar à maneira popular dos velhos tempos. Albernaz, o General, lembrava-se de ter visto tais cerimônias na sua infância: D. Maricota, sua mulher, até ainda se lembrava de uns versos de Reis; e os seus filhos, cinco moças e um rapaz, viram na cousa um pretexto de festa[133] e, portanto, aplaudiram o entusiasmo dos progenitores. A modinha era pouco; os seus espíritos pediam cousa mais plebéia, mais característica e extravagante.

Quaresma ficou encantado, quando Albernaz falou em organizar uma chegança, à moda do Norte, por ocasião do aniversário de sua praça. Em casa do General era assim: qualquer aniversário tinha a sua festa, de forma que havia bem umas trinta por ano, não contando domingos, dias feriados e santificados em que se dançava também.

O Major pensara até ali pouco nessas cousas de festas e danças tradicionais, entretanto viu logo a significação altamente patriótica do intento. Aprovou e animou o

[131] No livro, este parágrafo e o de baixo formam apenas um.
[132] Ausência do advérbio no livro: "não se tinham".
[133] No livro, no plural: "festas".

vizinho. Mas quem havia de ensaiar, de dar os versos e a música? Alguém lembrou a tia Maria Rita, uma preta velha, que morava em Benfica[134]. Lá foram os dous, o General Albernaz[135] e o Major Quaresma, alegres, apressados, por uma linda e cristalina tarde de Abril.

O General nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que não possuía[136]. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fôra sempre ajudante-de-ordens, assistente, encarregado disso ou daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em General. Os seus hábitos eram de um bom chefe de seção e a sua inteligência não era muito diferente dos seus hábitos. Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos.

O altissonante título de General, que lembrava cousas sobre-humanas dos Césares, dos Turennes e dos Gustavos Adolfos, ficava mal naquele homem plácido, medíocre, bonachão cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar *pistolões* para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar. Contudo, não era conveniente que se duvidasse das suas aptidões guerreiras. Ele mesmo, percebendo o seu ar muito civil, de onde em onde, contava um episódio de guerra, uma anedota militar. "Foi em Lomas Valentinas", dizia ele... Se alguém perguntava: "O General assistiu a batalha?" Ele respondia logo: "Não pude. Adoeci e vim para o Brasil, nas vésperas. Mas soube pelo Camisão, pelo Venâncio que a cousa esteve preta".

O *bond* que os levava até à velha Maria Rita, percorria um dos trechos mais interessantes da cidade. Ia pelo Pedregulho, uma velha porta da cidade, antigo término de um picadão que ia ter a Minas, se esgalhava para S. Paulo e abria comunicações com o Curato de Santa Cruz.

Quarta-feira, 16 de agosto.

Por aí em costas de bestas vieram ter ao Rio o ouro e o diamante de Minas e ainda ultimamente os chamados gêneros do país. Não havia ainda cem anos que as carruagens d'El-Rei D. João VI, pesadas como naus, a balouçarem-se sobre molas de couro[137], passavam por ali para irem ter ao longínquo Santa Cruz. Não se pode crer que a cousa fosse lá muito imponente; a Côrte andava em apuros de dinheiro e o rei era relaxado. Não obstante os soldados remendados, tristemente montados em *pangarés* desanimados, o préstito devia ter a sua grandeza, não por ele mesmo, mas pelas humilhantes marcas de respeito que todos tinham que dar à sua lamentável majestade[138].

Entre nós tudo é inconsistente, provisório, não dura. Não havia ali nada que

---

[134] No livro: "em Benfica, antiga lavadeira da família Albernaz.".
[135] Por descuido, o folhetim chama o militar, aqui, de "General Breves".
[136] No livro: "que talvez não possuísse".
[137] No livro: "sobre as quatro rodas muito separadas".
[138] No folhetim, falta a palavra "majestade": "à sua lamentável".

lembrasse esse passado. As casas velhas, com grandes janelas, quase quadradas, e vidraças de pequenos vidros, eram de há bem poucos anos, menos de cinqüenta talvez.[139]

Quaresma e Albernaz atravessaram tudo aquilo sem reminiscências e foram até ao ponto. Antes perlustraram a zona do turfe, uma pequena porção da cidade onde se amontoam cocheiras e coudelarias de animais de corridas, tendo grandes ferraduras, cabeças de cavalos, panóplias de chicotes e outros emblemas hípicos, nos pilares dos portões, nas almofadas das portas, por toda parte onde tais distintivos fiquem bem e dêem na vista.

A casa da velha preta ficava além do ponto, para as bandas da estação da estrada de ferro Leopoldina. Lá foram ter. Passaram pela estação. Sobre um largo terreiro, negro de moinha de carvão de pedra, medas de lenha e imensas tulhas de sacos de carvão vegetal se acumulavam; mais adiante um depósito de locomotivas e sobre os trilhos algumas manobravam e outras arfavam sob pressão.

Apanharam afinal o carreiro onde ficava a casa da Maria Rita. O tempo estivera seco e por isso podia andar-se[140] por ele. Para além do caminho, estendia-se a vasta região dos[141] mangues, uma zona imensa, triste e feia, que vai até ao fundo da baía e, no horizonte, morre ao sopé das montanhas azuis de Petrópolis. Chegaram à casa da velha. Era baixa, caiada e coberta com as pesadas telhas portuguesas. Ficava um pouco afastada da estrada. À direita havia um monturo: restos de cozinha, trapos, conchas de mariscos, pedaços de louça quebrada[142] – um sambaqui a fazer-se para gáudio de um arqueólogo de futuro remoto; à esquerda, crescia um mamoeiro e bem junto à cerca, no mesmo lado, havia um pé de arruda. Bateram. Uma pretinha moça apareceu na janela aberta.

– Que deseja[143]?

Disseram o que queriam e aproximaram-se. A moça gritou para o interior da casa:

– Vovó, estão aí dous *moços* que querem falar com a senhora. Entrem, façam o favor – disse ela depois, dirigindo-se ao General e ao seu companheiro.

A sala era pequena e de telha vã. Sobre as[144] paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas acima até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vítor Emanuel com enormes bigodes em desordem; um cromo sentimental de folhinha – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça.

Não tardou vir a velha. Entrou em camisa de bicos de rendas, mostrando o peito descarnado, coberto[145] com um colar de miçangas de duas voltas. Capengava de um pé e parecia querer ajudar a marcha com a mão esquerda pousada na perna correspondente.

– Boas tardes, tia Maria Rita, disse o General.

Ela respondeu, mas não deu mostras de ter reconhecido quem lhe falava. O General

---

[139] Ausência de "talvez", no livro: "menos de cinquenta".
[140] No livro: "se podia andar".
[141] No livro: "de".
[142] No livro: "caseira".
[143] No livro: "desejam".
[144] No livro: "Pelas".
[145] No livro: "enfeitado".

atalhou:

– Não me conhece mais? Sou o General, o Coronel Albernaz.

– Ah! É *sô Coroné*!... Há quanto tempo! Como está *nhã* Maricota?

– Vai bem.

– Minha velha, nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas.

– Quem sou eu, ioiô!

– Ora! Vamos, tia Maria Rita... Você não perde nada... Você não sabe o *Bumba meu boi*?

– Quá, ioiô, já mi esqueceu.

– E o *Boi espácio*?

– Cousa *veia*, do tempo do cativeiro – pra que *sô Coroné qué sabê* isso?

Ela falava arrastando as sílabas, com um doce sorriso e um olhar vago.

– É para uma festa... Qual é a que você sabe?

A neta que até ali ouvira[146] calada a conversa animou-se a dizer alguma cousa, deixando antever[147] rapidamente a fiada reluzente de seus dentes imaculados:

– Vovó já não se lembra.

O General, que a velha chamava Coronel, por tê-la conhecido nesse posto, não atendeu a observação da moça e insistiu:

– Qual esquecida, o quê! Deve saber ainda alguma cousa, não é, titia?

– Só sei o bicho "Tutu", disse a velha.

– Cante lá!

– Ioiô sabe! Não sabe? *Quá*[148], sabe!

– Não sei, cante. Se eu soubesse não vinha aqui. Pergunte aqui ao meu amigo, o Major Polycarpo, se sei.

Quaresma fez com a cabeça sinal afirmativo e a preta velha, talvez com grandes saudades do tempo em que[149] era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica, ergueu a cabeça, como para melhor recordar-se, e entoou:

É vêm tutu
Por detrás do murundu
Pra cumê sinhozinho
C'um bucado de angu.

– Ora! fez o General com enfado, isso é cousa antiga de embalar crianças. Você não sabe outra?

– Não, *sinhô*. Já *mi* esqueceu.

Os dous saíram tristes. Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardam durante

[146] No livro: "ouvia".
[147] No livro: "perceber".
[148] No folhetim, com minúscula: "quá".
[149] Falta o "em" no folhetim: "tempo que era".

séculos! Tornava-se preciso reagir, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes...

Albernaz vinha contrariado. Contava arranjar um número bom para a festa que ia dar, e escapava-lhe. Era quase a esperança de casamento de uma das quatro filhas que se ia, das quatro, porque uma delas já estava garantida, graças a Deus.

O crepúsculo chegava e eles entraram em casa mergulhados na melancolia da hora.

A decepção, porém, demorou dias. Cavalcanti, o noivo de Ismenia, informou que nas imediações morava um literato, teimoso cultivador dos contos e canções populares do Brasil. Foram a ele. Era um velho poeta que teve sua fama ai pelos setenta e tantos, homem doce e ingênuo que se deixara esquecer em vida, como poeta, e agora se entretinha em publicar coleções de cantos, canções, adágios, e ditados populares que ninguém lia[150].

Foi grande a sua alegria quando soube o objeto da visita daqueles senhores. Quaresma estava animado e falou com calor; e Albernaz também, porque via na sua festa, com um número de *folk-lore*, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente e... casar as filhas.[151]

– Os Srs. não sabem, disse o velho poeta, que riqueza é a nossa poesia popular! Que surpresas ela reserva!... Ainda há dias recebi uma carta de Urubu de Baixo[152] com uma linda canção. Querem ver?

O colecionador revolveu pastas e afinal trouxe de lá um papel onde leu:

Se Deus enxergasse pobre
Não me deixaria assim:
Dava no coração dela
Um lugarzinho pra mim.
Um lugarzinho pra mim.[153]
.....
O amor que tenho por ela
Já não cabe no meu peito;
Sai-me pelos olhos afora
Voa às nuvens direito.

– Não é bonito?... Muito! Se os senhores conhecessem então o ciclo do macaco, a coleção de histórias que o povo tem sobre o símio?... Oh![154]

---

[150] No livro: "coleções que ninguém lia, de contos, canções, adágios e ditados populares".

[151] Parágrafo incluído no livro:

A sala em que foram recebidos, era ampla; mas estava tão cheia de mesas, estantes, pejadas de livros, pastas, latas, que mal se podia mover nela. Numa lata lia-se: Santa Ana dos Tocos; numa pasta: São Bonifácio do Cabresto.

[152] No livro: "Urubu, de Baixo".

[153] O verso "Um lugarzinho pra mim" aparece uma única vez no livro.

[154] Trecho incluído no livro:

[...] histórias que o povo tem sobre o símio?... Oh! Uma verdadeira epopeia cômica!

Quaresma olhava para o velho poeta com o espanto satisfeito de alguém que encontrou um semelhante no deserto; e Albernaz, um momento contagiado pela paixão do

Dizendo isto, errava[155] nas suas faces um demorado sorriso de satisfação e nos seus olhos abrolhavam duas lágrimas furtivas.

– Agora, continuou ele, depois de passada a emoção – vamos ao que serve. O *Boi espácio* ou o *Bumba meu boi* ainda é muita cousa para vocês... É melhor irmos devagar, começar pelo mais fácil... Está aí o *Tangolomango*, conhecem?

– Não, disseram os dous.

–[156] É divertido. Arranjem dez crianças, uma máscara de velho, uma roupa estrambótica para um dos senhores, que eu ensaio.

O dia chegou. A casa do General estava cheia. Cavalcanti viera; e ele e a noiva, à

---

folclorista, tinha mais inteligência no olhar com que o encarava,

O velho poeta guardou a canção de Urubu de Baixo, numa pasta; e foi logo à outra, donde tirou várias folhas de papel. Veio até junto aos dous visitantes e disse-lhes:

– Vou ler aos senhores uma pequena história do macaco, das muitas que o nosso povo conta... Só eu já tenho perto de quarenta e pretendo publicá-las, sob o título *Histórias do Mestre Simão*.

E, sem perguntar se os incomodava ou se estavam dispostos a ouvir, começou:

"*O macaco perante o juiz de direito*. Andava um bando de macacos em troça, pulando de árvore em árvore, nas bordas de uma grota. Eis senão quando, um deles vê no fundo uma onça que lá caíra. Os macacos se enternecem e resolvem salvá-la. Para isso, arrancaram cipós, emendaram-nos bem, amarraram a corda assim feita à cintura de cada um deles e atiraram uma das pontas à onça. Com o esforço reunido de todos, conseguiram içá-la e logo se desamarraram, fugindo. Um deles, porém, não o pode fazer a tempo e a onça segurou-o imediatamente.

– Compadre Macaco, disse ela, tenha paciência. Estou com fome e você vai fazer-me o favor de deixar-se comer.

O macaco rogou, instou, chorou; mas a onça parecia inflexível, Simão então lembrou que a demanda fosse resolvida pelo juiz de direito. Foram a ele; o macaco sempre agarrado pela onça. É juiz de direito entre os animais, o jabuti, cujas audiências são dadas à borda dos rios, colocando-se ele em cima de uma pedra. Os dous chegaram e o macaco expôs as suas razões.

O jabuti ouvi-o e no fim ordenou:

– Bata palmas.

Apesar de seguro pela onça, o macaco pode assim mesmo bater palmas. Chegou a vez da onça, que também expôs as suas razões e motivos. O juiz, como da primeira vez, determinou ao felino:

– Bata palmas.

A onça não teve remédio senão largar o macaco, que se escapou, e também o juiz, atirando-se n'água".

Acabando a leitura, o velho dirigiu-se aos dous:

– Não acham interessante? Muito! Há no nosso povo muita invenção, muita criação, verdadeiro material para *fabliaux* interessantes... No dia em que aparecer um literato de gênio que o fixe numa forma imortal... Ah! Então!

[155] No livro: "brincava".

[156] Falta o travessão no folhetim.

parte, no vão de uma janela, pareciam ser os únicos que não tinham interesse pela folia. Ele, falando muito, cheio de trejeitos no olhar; ela, meio fria, deitando de quando em quando, para o noivo, um olhar de gratidão.

Quaresma fez o *Tangolomango*, isto é, vestiu uma velha sobrecasaca do General, pôs uma imensa máscara de velho, agarrou-se a um bordão curvo, em forma de báculo, e entrou na sala. As dez crianças cantaram em coro:

Uma mãe teve dez filhos
Todos os dez dentro de um pote:
Deu o Tangolomango neles[157]
Não ficaram senão nove.

Sexta-feira, 18 de agosto.

Por aí, o Major avançava, batia com o báculo no assoalho, fazia: hu! hu! hu! ; as crianças fugiam, afinal ele agarrava uma e levava para dentro. Assim ia executando com grande alegria da sala, quando, pela quinta estrofe, lhe faltou o ar, lhe ficou a vista escura e caiu. Tiraram-lhe a máscara, deram-lhe algumas sacudidelas e Quaresma voltou a si.

O acidente, entretanto, não lhe deu nenhum desgosto pelo *folk-lore*, Comprou livros, leu todas as publicações a respeito, mas a decepção lhe veio ao fim de algumas semanas de estudo.

Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras; o próprio *Tangolomango* o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma cousa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares.

Essa idéia levou-o a estudar os costumes tupinambás; e, como uma idéia traz outra, logo ampliou o seu propósito e eis a razão por que estava organizando um código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis.

Desde dez dias que se entregava a essa árdua tarefa, quando (era domingo) lhe bateram à porta, em meio de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram eles, ficaram, estupefatos no limiar da porta.

– Mas que é isso, compadre?

– Que é isso, Polycarpo?

– Mas, meu padrinho...

Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade:

– Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das cousas da nossa terra, Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás.

O seu compadre Vicente, a filha e D. Adelaide entreolharam-se, sem saber o que dizer. O homem estaria doido? Que extravagância!

---

[157] No livro: “nele”.

– Mas, Sr. Polycarpo, disse-lhe o compadre, é possível que isto seja muito brasileiro, mas é bem triste, compadre.

– Decerto, padrinho, acrescentou a moça com vivacidade; parece até agouro...

Este seu compadre era italiano de nascimento. A história das suas relações vale a pena contar. Quitandeiro ambulante, fôra fornecedor da casa de Quaresma há vinte e tantos anos. O Major já tinha as suas idéias patrióticas, mas não desdenhava conversar com o quitandeiro e até gostava de vê-lo suado, curvado ao peso dos cestos, com duas rosas vermelhas nas faces muito brancas de europeu recém-chegado. Mas um belo dia, ia Quaresma pelo Largo do Paço, muito distraído, a pensar nas maravilhas arquitetônicas do chafariz do Mestre Valentim, quando veio a encontrar-se com o mercador ambulante. Falou-lhe com aquela simplicidade d'alma que era bem sua, e notou que o rapaz tinha alguma preocupação séria. Não só, de onde em onde, soltava exclamações sem ligação alguma com a conversa atual, como também, cerrava os lábios, rilhava os dentes e crispava raivosamente os punhos. Interrogou-o e veio a saber que tivera uma questão de dinheiro com um seu colega, estando disposto a matá-lo, pois perdera o crédito e em breve estaria na miséria. Havia na sua afirmação uma tal energia e um grande e estranho acento de ferocidade que fizeram com que o Major empregasse[158] toda a sua doçura e persuasão para dissuadi-lo do propósito. E não ficou nisto só: emprestou-lhe também dinheiro. Vicente Coleoni pôs uma quitanda, ganhou uns contos de réis, fez-se logo empreiteiro, enriqueceu, casou, veio a ter aquela filha, que foi levada à pia pelo seu benfeitor. Inútil é dizer que Quaresma não notou a contradição entre as suas idéias patrióticas e o seu ato.

É verdade que ele não as tinha ainda muito firmes, mas já flutuavam na sua cabeça e reagiam sobre a sua consciência como termos, desejos[159], veleidades de rapaz de pouco mais de vinte anos, veleidades que não tardariam[160] tomar consistência e só esperavam os anos para desabrochar em atos.

Fôra, pois, ao seu compadre Vicente e à sua afilhada Olga que ele recebera com o mais legítimo cerimonial guaitacás, e, se não envergara o traje de rigor de tão interessante povo, motivo não foi o não tê-lo. Estava até à mão, mas faltava-lhe tempo para despir-se.

– Lê-se muito, padrinho? perguntou-lhe a afilhada, deitando sobre ele os seus olhos muito luminosos.

Havia entre os dous uma grande afeição. Quaresma era um tanto reservado e o vexame de mostrar os seus sentimentos fazia-no[161] econômico nas demonstrações afetuosas. Adivinha-se, entretanto, que a moça ocupava[162] no coração o lugar dos filhos que não tivera nem teria jamais. A menina vivaz, habituada a falar alto e desembaraçadamente, não escondia a sua afeição tanto mais que sentia confusamente nele alguma cousa de superior, uma ânsia de ideal, uma tenacidade em seguir um sonho, uma idéia, um vôo enfim para as altas regiões do espírito que ela não estava habituada a ver em ninguém do mundo que freqüentava. Essa admiração não lhe vinha da educação. Recebera a comum às moças de seu nascimento. Vinha de um pendor próprio, talvez das proximidades européias do seu

[158] No livro: "que fizeram empregar o Major".
[159] No livro: "como tênues desejos".
[160] No folhetim, o verbo está no singular: "tardaria".
[161] Tanto no livro quanto no folhetim, no plural: "faziam-no".
[162] No livro: "ocupava-lhe".

nascimento, que a fizeram um pouco diferente das nossas bonecas ricas[163].

Fôra com um olhar luminoso e perscrutador que ela perguntara ao padrinho:

– Então padrinho, lê-se muito?

– Muito, minha filha. Imagina que medito grandes obras, uma reforma, a emancipação de um povo.

Vicente fôra com D. Adelaide para o interior da casa e os dous conversavam a sós na sala dos livros. A afilhada notou que Quaresma tinha alguma cousa de mais. Falava agora com tanta segurança, ele que antigamente era tão modesto, hesitante mesmo no falar – que diabo! Não, não era possível... Mas, quem sabe? E que singular alegria havia nos seus olhos – uma alegria de matemático que resolveu um problema, de inventor feliz!

– Não se vá meter em alguma conspiração, disse a moça gracejando.

– Não te assustes por isso. A cousa vai naturalmente, não é preciso violências...

Nisto Ricardo Coração dos Outros entrou com o seu longo e rabudo fraque de sarja e o seu violão encapotado em camurça. O Major fez as apresentações.

– Já o conhecia de nome, Sr. Ricardo, disse Olga.

Coração dos Outros encheu-se de um alvissareiro contentamento. A sua fisionomia minguada dilatou-se ao brilho do seu olhar satisfeito.[164] Aquela moça parecia rica, era fina e bonita, conhecia-o – que satisfação! Ele que era sempre um tanto parvo e atrapalhado, quando se encontrava diante das moças, fossem de que condição fossem, animava-se, soltava a língua, amaciava a voz e ficava numeroso e eloqüente.

– Leu então os meus versos, não é, minha senhora?

– Não tive esse prazer, mas li, há meses, uma apreciação sobre um trabalho seu.

– No "Tempo", não foi?

– Foi.

– Muito injusta! acrescentou Ricardo. Todos os críticos se atêm a essa questão de metrificação. Dizem que os meus versos não são versos... São, sim, mas são versos para violão. Vossa Excelência sabe que os versos para música têm alguma cousa de diferente dos comuns, não é? Não há, portanto, nada a admirar que os meus versos, feitos para o violão, sigam outra métrica e outro sistema, não acha?

– Decerto, disse a moça. Mas parece-me que o senhor faz versos para a música e não música para os versos.

E ela sorriu devagar, enigmaticamente, deixando parado o seu olhar luminoso, enquanto Ricardo, desconfiado, lhe sondava a intenção com os seus olhinhos vivos e miúdos de camundongo.

Quaresma, que até ali se conservava calado, interveio:

– O Ricardo, Olga, é um artista... Tenta e trabalha para levantar o violão.

– Eu sei, padrinho. Eu sei...

– Entre nós, minha senhora, falou Coração dos Outros, não se levam a sério essas tentativas nacionais, mas, na Europa, todos respeitam e auxiliam... Como é que se chama, Major, aquele poeta que escreveu em francês popular?

– Mistral, acudiu Quaresma, mas não é francês popular; é o provençal, uma

[163] No livro: "nossas moças".

[164] No livro: "olhar satisfeito; e a sua cútis que era ressecada e de um tom de velho mármore, como que ficou macia e jovem.".

verdadeira língua.

– Sim, é isso, confirmou Ricardo. Pois o Mistral não é considerado, respeitado? Eu, no tocante ao violão, estou fazendo o mesmo.

Olhou triunfante para um e outro circunstante; e Olga dirigindo-se a ele, disse:

– Continue nas tentativas[165], Sr. Ricardo, que é digno de louvor.

– Obrigado. Fique certa, minha senhora, que o violão é um belo instrumento e tem grandes dificuldades. Por exemplo...

– Qual! Interrompeu Quaresma abruptamente. Há outros mais difíceis.

– O piano? perguntou Ricardo.

– Que piano! O maracá, a inúbia.

– Não conheço.

– Não conheces? É boa! Os instrumentos mais nacionais possíveis, os únicos que o são verdadeiramente; instrumentos dos nossos antepassados, daquela gente valente que se bateu e ainda se bate pela posse desta linda terra. Os caboclos!

– Instrumento de caboclo, ora! disse Ricardo.

– De caboclo! Que é que tem? O Léry diz que são muito sonoros e agradáveis de ouvir... Se é por ser de caboclo, o violão também não vale nada – é um instrumento de capadócio.

– De capadócio, Major! Não diga isso...

E os dous ainda discutiram acaloradamente diante da moça, surpresa, espantada, sem atinar, sem explicação para aquela inopinada transformação de gênio do seu padrinho, até ali tão sossegado e tão calmo.

* * * * *

Sábado, 19 de agosto.

LIVRO PRIMEIRO
III

A notícia do Genelício

– ENTÃO QUANDO SE CASA, D. Ismenia?

– Em março. Cavalcanti já está formado e...

Afinal a filha do General pôde responder com segurança à pergunta que se lhe vinha fazendo há quase cinco anos. O noivo finalmente encontrara o fim do curso de dentista e

[165] No livro, no singular: "na tentativa".

marcara o casamento para dai a três meses. A alegria foi grande na família; e, como em tal caso, uma alegria não podia passar sem um baile, uma festa foi anunciada para o sábado que se seguia ao pedido da pragmática.

As irmãs da noiva, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi, estavam mais contentes que a irmã nubente. Parecia que ela lhes ia deixar o caminho desembaraçado, e fôra a irmã quem até ali tinha impedido que se casassem.

Noiva há[166] quase cinco anos, Ismenia já se sentia meio casada. Esse sentimento junto à sua natureza pobre fez com que não tivesse mais alegria[167]. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos; era uma idéia, uma pura idéia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da idéia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar"... Ou senão: "Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar..."

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele – "porque, quando você se casar..." – e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa cousa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. "Sabe, D. Maricota, a Lili casou-se, não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande cousa"; ou então: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..."

A vida, o mundo, a variedade intensa dos sentimentos, das idéias, o nosso próprio direito à felicidade, foram parecendo ninharias para aquele cerebrozinho; e, de tal forma casar-se se lhe representou cousa importante, uma espécie de dever, que não se casar, ficar solteira, *tia*, parecia-lhe um crime, uma vergonha.

De natureza muito pobre, sem capacidade para sentir qualquer cousa profunda e intensamente, sem quantidade emocional para a paixão ou para um grande afeto, na sua inteligência a idéia de *casar-se* incrustou-se teimosamente como uma obsessão.

Ela não era feia; amorenada, com os seus traços acanhados, o narizinho mal feito, mas galante, não muito baixa nem muito magra e a sua aparência de bondade passiva, de indolência de corpo, de idéia e de sentidos – era até um bom tipo das meninas a que os namorados chamam – *bonitinhas*. O seu traço de beleza dominante, porém, eram seus cabelos: uns fortes[168] cabelos castanhos, com tons de ouro, sedosos até ao olhar.

Aos dezenove anos arranjou namoro com o Cavalcanti, e à fraqueza de sua vontade e ao temor de não encontrar marido não foi estranha a facilidade com que o futuro dentista a conquistou.

O pai fez má cara. Ele andava sempre ao par dos namoros da filhas: "Diga-me sempre, Maricota – dizia ele – quem são. Olho vivo!... É melhor prevenir que curar... Pode ser um valdevinos e..." Sabendo que o pretendente à Ismenia era um dentista, não gostou muito. Que é um dentista? perguntava ele de si para si. Um cidadão semiformado, uma

[166] No livro: "havia".
[167] No livro: "natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria".
[168] No livro: "bastos".

espécie de barbeiro. Preferia um Alferes[169], tinha montepio e meio soldo; mas a mulher convenceu-o de que os dentistas ganham muito, e ele acedeu.

Começou então Cavalcanti a freqüentar a casa na qualidade de noivo *paisano*, isto é, que não pediu, não é ainda *oficial*.

No fim do primeiro ano, tendo notícia das dificuldades com que o futuro genro lutava para acabar os estudos, o General foi generosamente em seu socorro. Pagou-lhe taxas de matrículas, livros e outras cousas. Não era raro que após uma longa conversa com a filha, D. Maricota viesse ao marido e dissesse: "Chico, arranja-me 20$000[170] que o Cavalcanti precisa comprar uma Anatomia".

O General era leal, bom e generoso; a não ser a sua pretensão marcial, não havia no seu caráter a mínima falha. Demais, aquela necessidade de casar as filhas ainda o faziam melhor quando se tratava dos interesses delas.

Ele ouvia a mulher, coçava a cabeça e dava o dinheiro; e até para evitar despesas ao futuro genro, convidou-o a jantar em casa todo dia; e assim o namoro foi correndo até ali.

Enfim – dizia Albernaz à mulher, na noite do pedido, quando já recolhidos – a cousa vai acabar. Felizmente, respondia-lhe D. Maricota, vamos descontar esta letra.

A satisfação resignada do General era, porém, falsa; ao contrário: ele estava radiante. Na rua, se encontrava um camarada, no primeiro momento azado, lá dizia ele:

– É um inferno, esta vida! Imagina tu, Castro, que ainda por cima tenho que casar uma filha!

Ao que Castro interrogava:

– Qual delas?

– A Ismenia, a segunda, respondia Albernaz e logo acrescentava: Tu é que és feliz: só tiveste filhos.

– Ah! meu amigo! falava o outro cheio de malícia, aprendi a receita. Por que não fizeste o mesmo?

Despedindo-se, o velho Albernaz corria aos armazéns, às lojas de louça, comprava mais pratos, mais compoteiras, um centro de mesa, porque a festa devia ser imponente e ter um ar de abundância e riqueza que traduzisse o seu grande contentamento,

Na manhã do dia da festa comemorativa do pedido, D. Maricota amanheceu cantando. Era raro que ela[171] o fizesse: mas nos dias de grande alegria, ela cantarolava uma velha ária, uma cousa do seu tempo de moça e as filhas que sentiam nisto um[172] sinal certo de alegria corriam a ela, pedindo-lhe isto ou aquilo.

Segunda-feira, 21 de agosto.

Muito ativa, muito diligente, não havia dona de casa mais econômica, mais poupada e que fizesse render mais o dinheiro do marido e o serviço das criadas. Logo que se

---

[169] No livro: "oficial".
[170] No livro: "vinte mil-réis".
[171] Ausência do pronome "ela" no livro: "que o".
[172] Ausência do artigo indefinido no livro: "nisto sinal".

acordou[173], pôs tudo em atividade, as criadas e as filhas. Vivi e Quinota foram para os doces; Maricas[174] e Zizi auxiliaram as raparigas na arrumação das salas e dos quartos, enquanto ela e Ismenia iam arrumar a mesa, dispô-la com muito gôsto e esplendor. O móvel ficaria assim galhardo desde as primeiras horas do dia. A alegria de D. Maricota era grande; ela não compreendia que uma mulher pudesse viver sem estar casada. Não eram só os perigos a que se achava exposta, a falta de arrimo; parecia-lhe feio e desonroso para a família. A sua satisfação não vinha do simples fato de ter descontado uma letra, como ele dizia. Vinha mais profundamente dos seus sentimentos maternos e de família.

Ela arrumava a mesa, nervosa e alegre; e a filha fria e indiferente.

– Mas, minha filha, dizia ela, até parece que não é você quem se vai casar! Que cara! Você parece aí uma *mosca morta*.

– Mamãe, que quer que eu faça?

– Não é bonito rir-se muito, andar aí como uma sirigaita, mas também assim como você está?[175] Eu nunca vi noiva assim.

Durante uma hora, a moça se esforçou[176] por parecer muito alegre, mas logo lhe tornava toda a pobreza de sua natureza, incapaz de sentimentos profundos[177], e o natural do seu temperamento vencia-a e ela[178] não tardava a[179] cair naquela doentia lassidão que lhe era própria.

Veio muita gente. Além das moças e as respeitáveis mães, acudiram ao convite do General[180] o Contra-Almirante Caldas, o Dr. Florêncio, engenheiro das águas, o Major honorário Innocencio Bustamante, o Sr. Bastos, guarda-livros, ainda parente de D. Maricota, e outras pessoas importantes. Ricardo não fôra convidado porque a festa era séria[181]; Quaresma o fôra, mas não viera; e Cavalcanti jantara com os futuros sogros,

Às seis horas, a casa já estava cheia. As moças cercavam Ismenia, cumprimentando-a, não sem um pouco de inveja no olhar.

Irene, uma alourada e alta, aconselhava:

– Eu, se fosse você, comprava tudo no Parc[182].

Tratava-se do enxoval. Todas elas, embora solteiras, davam conselhos, sabiam as casas baratas[183], as peças mais importantes e as que podiam ser dispensadas. Estavam ao par.

A Armanda indicava com um requebro feiticeiro nos olhos:

– Eu, ontem, vi na Rua da Constituição um dormitório de casal, muito bonito, você por que não vai ver, Ismenia? Parece barato.

A Ismenia era a menos entusiasmada, quase não respondia às perguntas; e, se as

[173] No livro: "que despertou".
[174] No livro: "Lalá".
[175] Ponto de exclamação, no livro.
[176] No livro: "esforçou-se".
[177] No livro: "de vibração sentimental".
[178] Pronome "ela" ausente no livro: "e não tardava".
[179] No livro: "em".
[180] No livro, há aqui uma vírgula: "General,".
[181] No livro: "porque o General temia a opinião pública sobre a presença dele em festa séria".
[182] No livro: "Parque".
[183] No livro: "barateiras".

respondia, era por monossílabos. Houve um momento em que ela[184] sorriu quase com alegria e abandono. Estefânia, a doutora, a normalista, que tinha nos dedos um anel, com tantas pedras que nem uma joalheria, num dado momento, chegou a boca carnuda aos ouvidos da noiva e fez uma confidência. Quando deixou de segredar-lhe, assim como se quisesse confirmar o dito, dilatou muito os seus olhos maliciosos e quentes, e disse alto:

– Eu quero ver isso... Todas dizem que não... Eu sei...

Ela aludia a resposta que sua confidente Ismenia[185] tinha dado com parcimônia: qual o quê!

Todas elas, conversando, tinham os olhos no piano. Os rapazes e uma parte dos velhos rodeavam Cavalcanti, muito solene, dentro de um grande fraque preto.

– Então, Doutor, acabou, hein? dizia este a jeito de um cumprimento.

– É verdade! Trabalhei. Os senhores não imaginam os tropeços, os embaraços[186] – fui de um heroísmo!...

– Conhece o Chavantes? perguntava um outro.

– Conheço. Um crônico, um pândego...

– Foi seu colega?

– Foi, isto é, ele é do curso de Medicina. Matriculamo-nos no mesmo ano.

Cavalcanti ainda não tinha tido tempo de atender a este e já era obrigado a ouvir a observação de outro.

– É muito bonito ser formado. Se eu tivesse ouvido meu pai, não estava agora a quebrar a cabeça no *Deve* e *Haver*. Hoje, torço a orelha e não sai sangue.

– Atualmente, não vale nada, meu caro senhor, dizia modestamente Cavalcanti. Com essas academias livres... Imaginem que já se fala numa Academia Livre de Odontologia! É o cúmulo! Um curso difícil e caro, que exige cadáveres, aparelhos, bons professores, como é que particulares poderão mantê-lo? Se o Governo mantém mal...

– Pois Doutor, acudia um outro, dou-lhe meus parabéns, Digo-lhe o que disse ao meu sobrinho, quando se formou: vá furando!

– Ah! Seu sobrinho é formado? inquiria delicadamente Cavalcanti.

– Em engenharia. Está no Maranhão, na Estrada de Caxias.

– Boa carreira.

Nos intervalos da conversa, todos eles olhavam o novel dentista como se fosse um ente sobrenatural.[187]

Para o lado de Cavalcanti, que se achava na sala de visitas, vieram os menos importantes. O General ficara na sala de jantar, fumando, cercado dos mais titulados e dos

---

[184] Ausência do pronome "ela" no livro: "que sorriu".

[185] No livro: "Ela aludia à resposta que, à sua confidência, Ismenia".

[186] No livro: "embargos".

[187] Parágrafo incluído no livro:

Para aquela gente toda, Cavalcanti não era mais um simples homem, era homem e mais alguma cousa sagrada e de essência superior; e não juntavam à imagem que tinham dele atualmente, as cousas que porventura ele pudesse saber ou tivesse aprendido. Isto não entrava nela de modo algum; e aquele tipo, para alguns, continuava a ser vulgar, comum, na aparência, mas a sua substância tinha mudado, era outra diferente da deles e fôra ungido de não sei que cousa vagamente fora da natureza terrestre, quase divina.

mais velhos. Estavam com ele o Contra-Almirante Caldas, o Major Innocencio, o Dr. Florêncio e o Capitão de Bombeiros Sigismundo.

Innocencio aproveitou a ocasião para fazer uma consulta a Caldas sobre assunto de legislação militar. O Contra-Almirante era interessantíssimo, Na Marinha, por pouco que não fazia pendant com Albernaz no Exército. Nunca embarcara, a não ser na guerra do Paraguai, mas assim mesmo por muito pouco tempo. A culpa, porém, não era dele. Logo que se viu Primeiro-Tenente, Caldas foi aos poucos se metendo consigo, abandonando a roda dos camaradas, de forma que, sem empenhos e sem amigos nos altos lugares, se esqueciam dele e não lhe davam comissões de embarque. É curiosa essa cousa das administrações militares: as comissões são merecimento, mas só se as dá aos protegidos,

Certa vez, quando era já Capitão-Tenente, deram-lhe um embarque em Mato Grosso. Nomearam-no para comandar o couraçado "Lima Barros". Ele lá foi, mas, ao se apresentar[188] ao comandante da flotilha, teve notícia de que não existia no rio Paraguai semelhante navio. Indagou daqui e dali e houve quem aventurasse que podia ser que o tal "Lima Barros" fizesse parte da esquadrilha do alto Uruguai. Consultou o comandante.

– Eu, no seu caso, disse-lhe o superior, partia imediatamente para a flotilha do Rio Grande.

Ei-lo a fazer malas para o alto Uruguai, onde chegou enfim, depois de uma penosa e fatigante viagem. Mas aí também não estava o tal "Lima Barros". Onde estaria então? Quis telegrafar para o Rio de Janeiro, mas teve medo de ser censurado, tanto mais que não andava em cheiro de santidade. Esteve assim um mês em Itaqui, hesitante, sem receber soldo e sem saber que destino tomar. Um dia lhe veio a idéia de que o navio bem poderia estar no Amazonas. Embarcou na intenção de ir ao extremo norte e quando passou pelo Rio, conforme a praxe, apresentou-se às altas autoridades da Marinha. Foi preso e submetido a conselho.[189] O "Lima Barros" tinha ido a pique, durante a guerra do Paraguai.

Embora absolvido, nunca mais entrou em graça dos Ministros e dos seus generais. Todos o tinham na conta de parvo, de um comandante de opereta que andava à cata do seu navio pelos quatro pontos cardeais. Deixaram-no *encostado*, como se diz na gíria militar, e ele levou quarenta[190] anos para chegar de Guarda Marinha a Capitão de Fragata. Reformado no posto imediato, com graduação do seguinte, todo o seu azedume contra a Marinha se concentrou num longo trabalho de estudar leis, decretos, alvarás, avisos, consultas, que se referiam[191] a promoções de oficiais. Comprava repertórios de legislação, armazenava coleções de leis, relatórios, e encheu a casa de toda essa enfadonha e fatigante literatura administrativa. Os requerimentos, pedindo a modificação da sua reforma, choviam sobre os Ministros da Marinha. Corriam meses o infinito rosário de repartições e eram sempre indeferidos, sobre consultas do Conselho Naval ou do Supremo Tribunal Militar. Ultimamente constituíra advogado junto à justiça federal e lá andava ele de cartório em cartório, acotovelando-se com meirinhos, escrivães, juízes e advogados – esse poviléu rebarbativo do foro que parece ter contraído todas as misérias que lhe passam pelas mãos e pelos olhos.

---

[188] No livro: "quando se apresentou".
[189] No livro, há aqui quebra de parágrafo.
[190] No livro: "quase quarenta".
[191] No livro: "referissem".

Innocencio Bustamante também tinha a mesma mania demandista. Era renitente, teimoso mas servil e humilde. Antigo voluntário da pátria, possuindo honras de Major, não havia dia em que não fosse ao Quartel-General ver o andamento do seu requerimento e de outros. Num pedia etapa para a mulher, noutro honras Tenente-Coronel, noutro emprego[192]; e, quando não tinha nenhum, ia ver o dos outros.[193]

Conhecedor dos estudos meticulosos do Almirante, Bustamante fez a sua consulta.

– Assim de pronto, não sei. Não é a minha especialidade[194], mas vou ver. Isto também anda tão atrapalhado!

Quinta-feira, 24 de agosto.

Acabando de responder coçava um dos seus favoritos brancos, que lhe davam um ar de Comodoro ou de chacareiro português, pois era forte nele o tipo lusitano.

– Ah! meu tempo, observou Albernaz. Quanta ordem! Quanta disciplina!

– Não há mais gente que preste, disse Bustamante.

Sigismundo por aí aventurou também a sua opinião, dizendo:

– Eu não sou militar, mas...

– Como não é militar? fez Albernaz, com ímpeto. Os senhores é que são os verdadeiros: estão sempre com o inimigo na frente, não acha, Caldas?

– Decerto, decerto, fez o Almirante cofiando os favoritos.

– Como ia dizendo, continuou Sigismundo, apesar de não ser militar, eu me animo a dizer que a nossa força está muito por baixo. Onde está um Porto Alegre, um Caxias?

– Não há mais, meu caro, confirmou com voz tênue o Dr. Florêncio.

– Se nós tivéssemos uma guerra, estávamos bem aviados, disse Albernaz.[195]

– Não sei por que, pois tudo hoje não vai pela ciência?

Fôra Caldas que[196] falara, tentando a ironia. Albernaz indignou-se e retrucou-lhe com certo calor:

– Eu queria ver esses meninos bonitos, cheios de *xx* e *yy* em Curupaiti, hein Caldas? hein Innocencio?

O Dr. Florêncio era o único paisano da roda. Engenheiro e empregado público, os anos e o sossego da vida lhe tinham feito perder todo o saber que porventura podia[197] ter tido ao sair da escola, Era mais um guarda de encanamentos do que mesmo um engenheiro. Morando perto de Albernaz, era raro que não viesse toda a tarde jogar o solo com o General. O Dr. Florêncio perguntou:

---

[192] No livro: "Num pedia inclusão no Asilo dos Inválidos, noutro honras de Tenente-Coronel, noutro tal ou qual medalha".

[193] Parágrafo incluído no livro:

Não se pejou mesmo de tratar do pedido de um maníaco que, por ser Tenente honorário e também: da Guarda Nacional, requereu lhe fosse passada a patente de Major, visto que dous galões mais outros dous fazem quatro – o que quer dizer: Major.

[194] No livro: "especialidade o Exército"

[195] Fala inexistente no livro.

[196] No livro: "quem".

[197] No livro: "pudesse".

– O senhor assistiu, não foi, General?

O General não se deteve, não se atrapalhou, não gaguejou e disse com a máxima naturalidade:

– Não assisti. Adoeci e vim para o Brasil nas vésperas. Mas tive muitos amigos lá: o Camisão, o Venâncio...

Todos se calaram e olharam a noite que chegava. Da janela da sala onde estavam, não se via nem um monte. O horizonte estava circunscrito aos fundos dos quintais das casas vizinhas com as suas cordas de roupa a lavar, suas chaminés e o piar de pintos. Um tamarineiro sem folhas lembrava tristemente o ar livre, as grandes vistas sem fim. O sol já tinha desaparecido do horizonte e as tênues luzes dos bicos de gás e dos lampiões familiares começavam a acender-se por detrás das vidraças.

Bustamante quebrou o silêncio:

– Este país não vale mais nada. Imaginem que o meu requerimento, pedindo honras de Tenente-Coronel, está no ministério há seis meses!

– Uma desordem, exclamaram todos.

Era noite. D. Maricota chegou até onde eles estavam, muito ativa, muito diligente e com o rosto aberto de alegria.

– Estão rezando? E logo ajuntou: Dão licença que diga uma cousa ao Chico, sim?

Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi até a um canto da sala, onde a mulher lhe disse alguma cousa em voz baixa. Ouviu a mulher, depois voltou aos amigos e, no meio do caminho, falou alto, nestes termos:

– Se não dançam é porque não querem. Estou pegando alguém?

D. Maricota aproximou-se dos amigos do marido e explicou:

– Os senhores sabem: se a gente não animar, ninguém tira par, ninguém toca. Estão lá tantas moças, tantos rapazes, é uma pena!

– Bem; eu vou lá, disse Albernaz.

Deixou os amigos e foi à sala de visitas dar começo ao baile.

– Vamos, meninas! Então o que é isso?[198] Zizi, uma valsa!

E ele mesmo em pessoa ia juntando os pares: "Não, General, já tenho par", dizia uma moça. "Não faz mal", retrucava ele, "dance com o Raimundinho; o outro espera"[199].

Depois de ter dado início ao baile, veio para a roda dos amigos suado, mas contente.

– Isto de família! Qual! A gente até parece bobo, dizia. Você é que faz bem, Caldas; não se quis casar!

– Mas tenho mais filhos que você. Só sobrinhos, oito; e os primos?

– Vamos jogar o solo, convidou Albernaz.

– Somos cinco, como há de ser? observou Florêncio.

– Não, eu não jogo, disse Bustamante.

– Então jogamos os quatro de garrancho? lembrou Albernaz.

As cartas vieram e também uma pequena mesa de tripeça. Os parceiros sentaram-se e tiraram a sorte para ver quem dava. Coube a Florêncio dar. Começaram. Albernaz tinha um ar atento quando jogava: a cabeça lhe caía sobre as costas e os seus olhos tomavam uma grande expressão de reflexão. Caldas aprumava o busto na cadeira e jogava com a

[198] O folhetim quebra aqui o parágrafo, mas isso é decerto uma gralha.
[199] Faltam no folhetim as cinco últimas aspas.

serenidade de um Lorde Almirante numa partida de *bridge*[200]. Sigismundo jogava com todo o cuidado, com o cigarro no canto da boca e a cabeça do lado para fugir à fumaça. Bustamante fôra à sala ver as danças.

Tinham começado a partida, quando D. Quinota, uma das filhas do General, atravessou a sala e foi beber água; Caldas, coçando um dos favoritos, perguntou à moça:

– Então, D. Quinota, quedê o Genelício?

A moça virou o rosto com faceirice, deu um pequeno muxoxo e respondeu com falso mau humor:

– Ué! Sei lá! Ando atrás dele?

– Não precisa zangar-se, D. Quinota; é uma simples pergunta, advertiu Caldas.

O General que examinava atentamente as cartas recebidas, interrompeu a conversa com voz grave:

– Eu passo.

D. Quinota retirou-se. Este Genelício era o seu namorado. Parente ainda de Caldas, tinha-se como certo o seu casamento na família. A sua candidatura era favorecida por todos. D. Maricota e o marido enchiam- no de festas. Empregado do Tesouro, já no meio da carreira, moço de menos de trinta anos, ameaçava ter um grande futuro. Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha! Enchia os chefes e os superiores de todo incenso que podia. Quando saía, remancheava, lavava três ou quatro vezes as mãos, até poder apanhar o diretor na porta. Acompanhava-o, conversava com ele sobre o serviço, dava pareceres e opiniões, criticava este ou aquele colega, e deixava-o no *bond*, se o homem ia para casa. Quando entrava um Ministro, fazia-se escolher como intérprete dos companheiros e deitava um discurso; nos aniversários de nascimento, era um soneto que começava sempre por – Salve – e acabava também por – Salve! Três vezes Salve!.

O modelo era sempre o mesmo; ele só mudava o nome do Ministro e punha a data.

No dia seguinte, os jornais falavam do seu nome, e publicavam o soneto.

Em quatro anos, tinha tido duas promoções e agora trabalhava para ser aproveitado no Tribunal de Contas, a se fundar, num posto acima.

Na bajulação e nas manobras para subir, tinha verdadeiramente gênio. Não se limitava ao soneto, ao discurso; buscava outros meios, outros processos. Um dos que se servia, eram as publicações nos jornais[201]. No intuito de anunciar aos Ministros e diretores que tinha uma erudição superior, de quando em quando desovava nos jornais longos artigos sobre contabilidade pública. Eram meras compilações de bolorentos decretos, salpicadas[202] aqui e ali com citações de autores franceses ou portugueses.

Interessante é que os companheiros o respeitavam, tinham em grande conta o seu saber e ele vivia na seção cercado do respeito de um gênio, um gênio do papelório e das informações. Acresce que Genelício juntava à sua segura posição administrativa, um curso de direito a acabar; e tantos títulos juntos não podiam deixar de impressionar favoravelmente às preocupações casamenteiras do casal Albernaz.[203]

---

[200] No livro: "*whist*".
[201] No livro: "nas folhas diárias".
[202] Nos folhetins saiu "salpicados".
[203] Parágrafo incluído no livro:

O jogo continuava silenciosamente[204]. No fim das *mãos* fazia-se um comentário ou outro breve e no começo ouviam-se unicamente as *falas* sacramentais do jogo: *solo*, *bolo*, *melhoro*, *passo*. Feitas elas, jogava-se em silêncio; da sala, porém, vinha o ruído festivo das danças e das conversas.

– Olhem quem está aí!

– O Genelício, fez Caldas. Onde estiveste, rapaz?

Deixou o chapéu e a bengala numa cadeira e fez os cumprimentos. Pequeno, já um tanto curvado, chupado de rosto, com um *pince-nez* azulado, todo ele traía a profissão, os seus gostos e hábitos. Era um escriturário.

– Nada, meus amigos! Estou tratando dos meus negócios.

– Vão bem? [205] perguntou Florêncio.

– Quase garantido. O Ministro prometeu... Não há nada, estou bem *cunhado*!

– Estimo muito, disse o General.

– Obrigado. Sabe de uma cousa, General?

– O que é?

– O Quaresma está doido.

– Mas... o quê? Quem foi que te disse?

– Aquele homem do violão. Já está na casa de saúde...

– Eu logo vi, disse Albernaz, aquele requerimento era de doido.

– Mas não é só, General, acrescentou Genelício. Fez um ofício em tupi e mandou ao Ministro.

– É o que eu dizia, fez Albernaz.

– Quem é? perguntou Florêncio.

– Aquele vizinho, empregado do Arsenal; não conhece?

– Um baixo de *pince-nez*?

– Este mesmo, confirmou Caldas.

– Nem se podia esperar outra cousa, disse o Dr. Florêncio. Aqueles livros, aquela mania de leitura...

– Pra que ele lia tanto? indagou Caldas.

– Telha de menos, disse Florêncio.

Genelício atalhou com autoridade:

– Ele não era formado, para que meter-se em livros?

– É verdade, fez Florêncio.

– Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores, observou Sigismundo.

– Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não tivesse[206] um título *acadêmico* ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?

– Decerto, disse Albernaz.

– Decerto, fez Caldas.

Fora da repartição, tinha um empertigamento que o seu pobre físico fazia cômico, mas que a convicção do alto auxílio que prestava ao Estado, mantinha e sustentava. Um empregado modelo!...

[204] No livro: "silenciosamente e a noite avançava".

[205] No folhetim saiu com vírgula: "Vão bem, perguntou Florêncio".

[206] No livro: "possuísse".

– Decerto, disse também Sigismundo.

Calaram-se um instante, e as atenções convergiram para o jogo.

– Já saíram todos os trunfos?

– Contasse, meu amigo.

Albernaz perdeu e lá na sala fez-se silêncio. Cavalcanti ia recitar. Atravessou a sala triunfantemente, com um largo sorriso na face e foi postar-se ao lado do piano. Zizi acompanhava. Tossiu e, com a sua voz metálica, apurando muito os finais em *s*, começou:

A vida é uma comédia sem sentido,
Uma história de sangue e de poeira
Um deserto sem luz...
.....

E o piano gemia.

* * * * *

Sexta-feira, 25 de agosto.

LIVRO PRIMEIRO
IV

Desastrosas consequências de um requerimento

OS ACONTECIMENTOS A QUE ALUDIAM os graves personagens reunidos em torno da mesa de solo, na tarde memorável da festa comemorativa do pedido de casamento de Ismenia, se tinham desenrolado com rapidez fulminante. A força dos sentimentos[207] contidos em Quaresma se havia revelado em atos imprevistos com uma sequência brusca e uma velocidade de turbilhão. O primeiro fato surpreendeu, mas vieram outros e outros, de forma que o que pareceu no começo uma extravagância, uma pequena mania, se apresentou logo em insânia declarada.

Justamente algumas semanas antes do pedido de casamento, ao abrir-se a sessão da Câmara, o secretário teve que proceder à leitura de um requerimento singular e que veio a ter uma fortuna de publicidade e comentário pouco usual em documentos de tal natureza.

[207] No livro: "A força de idéias e sentimentos".

O burburinho e a desordem que caracterizam o recolhimento indispensável ao elevado trabalho de legislar, não permitiram que os deputados o ouvissem; os jornalistas, porém, que estavam próximo à mesa, ao ouvi-lo, prorromperam em gargalhadas, certamente inconvenientes à majestade do lugar. O riso é contagioso. O Secretário, no meio da leitura, ria-se, discretamente; pelo fim, já se ria[208] o Presidente, ria-se o oficial da ata, ria-se o contínuo – toda a mesa e aquela população que a cerca, riram-se da petição, largamente, querendo sempre conter o riso, havendo em alguns tão franca alegria que as lágrimas vieram.

Quem soubesse o que uma tal folha de papel representava de esforço, de trabalho, de sonho generoso e desinteressado, havia de sentir uma penosa tristeza, ouvindo aquele rir inofensivo diante dela. Merecia raiva, ódio, um deboche de inimigo talvez, o documento que chegava à mesa da Câmara, mas não aquele recebimento hilárico, de uma hilaridade inocente, sem fundo algum, assim como se estivesse a rir de uma palhaçada, de uma sorte de circo de cavalinhos ou de uma careta de clown.

Os que riam, porém, não lhe sabiam a causa e só viam nela[209] um motivo de[210] riso franco e sem maldade. A sessão daquele dia fôra fria; e, por ser assim, as seções dos jornais referentes à Câmara, no dia seguinte, publicaram o seguinte requerimento e glosaram-no em todos os tons.

Era assim concebida a petição:

> "Polycarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, especialmente[211] no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.
>
> O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênia para lembrar que a língua é o mais alto expoente[212] da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática.
>
> De resto[213], Srs. Congressistas, o tupi-guarani, língua

[208] No livro: "ria-se".
[209] No livro: "nele".
[210] No livro: "para".
[211] No livro: "sobretudo".
[212] No livro: "a mais alta manifestação".
[213] No livro: "Demais".

> originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem[214] o progresso da mesma[215] cultura literária, científica e filosófica.
>
> Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cônscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade
>
> P. e E. deferimento".

Assinado e devidamente estampilhado, este requerimento do Major foi durante dias assunto de todas as palestras. Publicado em todos os jornais, com comentários facetos, não havia quem não fizesse uma pilhéria sobre ele, quem não ensaiasse um espírito à custa da lembrança de Quaresma. Não ficou[216] nisso; a curiosidade malsã quis mais. Indagou-se quem era, de que vivia, se era casado, se era solteiro. Uma ilustração semanal publicou-lhe a caricatura e o Major foi apontado na rua.

Os pequenos jornais alegres, esses semanários de espírito e troça, então! eram de um encarniçamento atroz para[217] com o pobre Major. Com uma abundância que marcava a felicidade dos redatores em terem encontrado um assunto fácil, o texto vinha cheio dele: O Major Quaresma disse isso; o Major Quaresma fez aquilo.

Um deles, além de outras referências, ocupou uma página inteira com o assunto da semana. Intitulava-se a ilustração: "O Matadouro de Santa Cruz, segundo o Major Quaresma", e o desenho representava uma fila de homens e mulheres a marchar para o choupo que se via à esquerda. Um outro referia-se ao caso pintando um açougue, "O Açougue Quaresma"; legenda: a cozinheira perguntava ao açougueiro:

– O Sr. tem língua de vaca? O açougueiro respondia: Não, só temos língua de moça, quer?

Com mais ou menos espírito, os comentários não cessavam e a ausência de relações de Quaresma no meio de que saíam, fazia com que fossem de uma constância pouco habitual. Levaram duas semanas com o nome do subsecretário.

Como tudo isto irritava Quaresma![218] Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor cousa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade,

---

[214] No folhetim está "imperam".
[215] No livro: "nossa".
[216] No livro: "ficaram".
[217] No livro falta o "para": "atroz com".
[218] No livro: "Tudo isto irritava profundamente Quaresma.".

vivia imerso no seu sonho, chocado[219] e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém; e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo dia, cousas com que a sua alma e o seu coração nada tinham que ver.

Nem mesmo a afilhada o tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos.

Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que de estranho a tudo[220], às competições, às ambições, pois nada dessas cousas que fazem os ódios e as lutas tinha entrado no seu temperamento.

Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a calma[221] e a pureza d'alma que vão habitar esses homens de uma idéia fixa, os grandes estudiosos, os sábios, e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas.

É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se os encontra, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça.

A continuidade das troças feitas nos jornais, a maneira com que o olhavam na rua, exasperavam-no e mais forte se enraizava nele a sua idéia. À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança, pesar-lhe todos os aspectos, examiná-la, detidamente, compará-la a cousas semelhantes, recordar os autores e autoridades; e, à proporção que fazia isso, a sua própria convicção mostrava a inanidade da crítica, a ligeireza da pilhéria, e a idéia o tomava, o avassalava, o absorvia cada vez mais.

Sábado, 26 de agosto.

Se os jornais tinham recebido o requerimento com facécias de fundo inofensivo e sem ódio, a repartição ficou furiosa. Nos meios burocráticos, uma superioridade que nasce fora deles[222], que é feita e organizada com outros materiais que não os ofícios, a sabença de textos de regulamentos e a boa caligrafia, é recebida com a hostilidade de uma pequena inveja.

É como se se visse no portador da superioridade um traidor à mediocridade, ao anonimato papeleiro. Não há só uma questão de promoção, de interesse pecuniário; há uma questão de amor-próprio, de sentimentos feridos, vendo aquele colega, aquele galé como eles, sujeito aos regulamentos, aos caprichos dos chefes, às olhadelas superiores dos Ministros, com mais títulos à consideração, com algum direito a infringir as regras e os preceitos.

Olha-se para ele com um[223] ódio dissimulado com que o assassino plebeu olha para o assassino marquês que matou a mulher e o amante. Ambos são assassinos, mas, mesmo na prisão, ainda o nobre ou[224] o burguês trazem o ar do seu mundo, um resto da sua

[219] No livro: "incubado".
[220] No livro: "não sei que ar de estranho".
[221] No livro: "candura".
[222] Nos folhetins, está no singular, "dele".
[223] No livro, com o artigo definido: "o ódio".
[224] No livro: "e".

delicadeza e uma inadaptação que ferem o seu humilde colega de desgraça.

Assim, quando surge numa secretaria alguém cujo nome não lembra sempre o título de sua nomeação, aparecem as pequeninas perfídias, as maledicências ditas ao ouvido, as indiretas, todo o Arsenal do ciúme invejoso de uma mulher que se convenceu de que a vizinha se veste melhor do que ela.

Amam-se ou antes suportam-se melhor aqueles que se fazem célebres nas informações, na redação, na assiduidade ao trabalho, mesmo os doutores, os bacharéis, do que os que têm nomeada e fama. Em geral, a incompreensão da obra ou do mérito do colega é total e nenhum deles se pode capacitar que aquele tipo, aquele amanuense, como eles, faça qualquer cousa que interesse todo o mundo[225] e dê que falar a uma cidade inteira,

A brusca popularidade de Quaresma, o seu sucesso e nomeada efêmera irritaram os seus colegas e superiores. Já se viu! dizia o Secretário. Este tolo dirigir-se ao Congresso e propor alguma cousa! Pretensioso! O Diretor, ao passar pela secretaria, olhava-o de soslaio e sentia que o regulamento não cogitava[226] do caso para lhe infligir uma censura. O colega arquivista era o menos terrível, mas chamou-o logo de doido.

O Major sentia bem aquele ambiente falso, aquelas alusões e isso mais aumentava o seu desespero e a teimosia na sua idéia. Não compreendia que o seu requerimento suscitasse tantas tempestades, essa má vontade geral; era uma cousa inocente, uma lembrança patriótica que merecia e devia ter o assentimento de todo mundo; e meditava, voltava a idéia, e examinava-a como atentamente...[227]

A extensa publicidade, que o fato tomou, atingiu o palacete de Real Grandeza, onde morava o seu compadre Coleoni. Rico com os lucros das empreitadas de construções de prédios, viúvo, o antigo quitandeiro retirara-se dos negócios e vivia sossegado na ampla casa que ele mesmo edificara e tinha todos os remates arquitetônicos do seu gôsto predileto: compoteiras na cimalha, um imenso monograma sobre a porta da entrada, dous cães de louça, nos pilares do portão da entrada e outros detalhes equivalentes.

A casa ficava ao centro do terreno, elevava-se sobre um porão alto, tinha um razoável jardim na frente, que avançava pelos lados[228]; varanda, um viveiro, onde pelo calor os pássaros morriam tristemente. Era uma instalação burguesa, no gôsto nacional, vistosa, cara, pouco de acordo com o clima e sem conforto.

No interior o capricho dominava, tudo obedecendo a uma fantasia barroca, a um ecletismo desesperador. Os móveis se amontoavam, os tapetes, as sanefas, os *bibelots* e a fantasia da filha, irregular e indisciplinada, ainda trazia mais desordem àquela coleção de cousas caras.

Viúvo, havia já alguns anos, era uma velha cunhada que[229] dirigia a casa e a filha, que[230] o encaminhava nas distrações e nas festas. Coleoni aceitava de bom coração esta doce tirania. Queria casar a filha, bem e ao gôsto dela; não punha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga.

Em começo, pensou em dá-la a seu ajudante ou contramestre, uma espécie de

[225] No livro: “os estranhos”.
[226] No livro: “cogitasse”.
[227] No livro: “e a examinava com mais atenção.”.
[228] No livro: “pelos lados, pontilhado de bolas multicores;”.
[229] No livro: “quem”.
[230] No livro: “quem”.

arquiteto que não desenhava, mas projetava casas e grandes edifícios. Primeiro sondou a filha. Não encontrou resistência, mas não encontrou também assentimento. Convenceu-se de que aquela vaporosidade da menina, aquele seu ar distante de heroína, a sua inteligência, o seu fantástico, não se dariam bem com as rudezas e a simplicidade campônias de seu auxiliar.

Segunda-feira, 28 de agosto.

Ela quer um doutor – pensava ele – que arranje! Com certeza, não terá ceitil, mas eu tenho e as cousas se acomodam.

Ele se havia habituado a ver no doutor nacional, o marquês ou o barão de sua terra natal. Cada terra tem a sua nobreza; lá, é visconde; aqui, é doutor, bacharel ou dentista; e julgou muito aceitável comprar a satisfação de enobrecer[231] a filha com umas meias dúzias de contos de réis.

Havia momentos que se aborrecia um tanto com os propósitos da menina. Gostando de dormir cedo, tinha que perder noites e noites no Lírico, nos bailes; amando estar sentado em chinelas a fumar cachimbo, era obrigado a andar horas e horas pelas ruas, saltitando de casa em casa de modas, atrás da filha, para no fim do dia ter comprado meio metro de fita, uns grampos e um frasco de perfume.

Era engraçado vê-lo nas lojas de fazenda[232] cheio de complacência de pai que quer enobrecer o filho, a dar opinião sobre o tecido, achar este mais bonito, comparar um com outro, com uma falta de sentimento daquelas cousas que se adivinhava até no pegá-las. Mas ele ia, demorava-se e esforçava-se por entrar no segredo, no mistério, cheio de tenacidade e candura perfeitamente paternais.

Até aí ele ia bem e calcava a contrariedade. Só o contrariavam bastante as visitas, as colegas da filha, suas mães, suas irmãs, com seus modos de falsa nobreza, os seus desdéns dissimulados, deixando perceber ao velho empreiteiro o quanto estava ele distante da sociedade das amigas e das colegas de Olga.

Não se aborrecia, porém, muito profundamente; ele assim o quisera e a fizera, tinha que se conformar. Quase sempre, quando chegavam tais visitas, Coleoni se afastava[233], ia para o interior da casa. Entretanto, não lhe era sempre possível fazer isso; nas grandes festas e recepções tinha que estar presente e era quando mais sentia o velado pouco-caso da alta nobreza da terra que o freqüentava. Ele ficava sempre empreiteiro, com poucas idéias além do seu ofício, não sabendo fingir, de modo que não se interessava por aquelas tagarelices de casamentos, de bailes, de festas e passeios caros.

Uma vez ou outra um mais delicado propunha-lhe jogar o *pocker*, aceitava e sempre perdia. Chegou mesmo a formar uma roda em casa, de que fazia parte o conhecido advogado Pacheco. Perdeu e muito, mas não foi isso que o fez suspender o jogo. Que perdia? Uns contos – uma ninharia! A questão, porém, é que Pacheco jogava com seis cartas. A primeira vez que Coleoni deu com isso, pareceu-lhe simples distração do distinto

---

[231] No folhetim falta o "de": "satisfação enobrecer".
[232] No livro, no plural: "fazendas".
[233] No livro: "afastava-se".

parlamentar[234] e famoso advogado. Um homem honesto não ia fazer aquilo! E na segunda, seria também? E na terceira?

Não era possível tanta distração. Adquiriu a certeza da trampolinagem, calou-se, conteve-se com uma dignidade não esperada em um antigo quitandeiro, e esperou. Quando vieram a jogar outra vez e o passe foi posto em prática, Vicente acendeu o charuto e observou com a maior naturalidade deste mundo:

– Os senhores sabem que há agora, na Europa, um novo sistema de jogar o *pocker*?

– Qual é? perguntou alguém.

– A diferença é pequena: joga-se com seis cartas, isto é, um dos parceiros, somente.

Pacheco deu-se por desentendido, continuou a jogar e a ganhar, despediu-se à meia-noite cheio de delicadeza, fez alguns comentários sobre a partida e não voltou mais.

.....

Coleoni[235] lia de manhã os jornais, com o vagar e a lentidão de homem pouco habituado à leitura, quando se lhe deparou o requerimento do seu compadre do Arsenal.

Ele não compreendeu bem o requerimento, mas os jornais faziam troça, caíam tão a fundo sobre a cousa, que imaginou o seu antigo benfeitor enleado numa meada criminosa, tendo praticado, por inadvertência, alguma falta grave,

Sempre o tivera na conta do homem mais honesto deste mundo e ainda tinha, mas daí quem sabe? Na última vez que o visitou ele não veio com aqueles modos estranhos? Podia ser uma pilhéria...

Apesar de ter enriquecido, Coleoni tinha em grande conta o seu obscuro compadre. Havia nele não só a gratidão de camponês que recebe[236] um grande benefício, como um duplo respeito pelo Major, oriundo da sua qualidade de funcionário e de sábio.

Europeu, de origem humilde e aldeão[237], guardava no fundo de si aquele sagrado respeito dos camponeses pelos homens que recebem a investidura do Estado; e, como, apesar dos bastos anos de Brasil, ainda não sabia juntar o saber aos títulos, tinha em grande consideração a erudição do compadre.

Não é, pois, de estranhar que ele visse com mágoa o nome de Quaresma envolvido em fatos que os jornais reprovavam. Leu de novo o requerimento, mas não entendeu o que ele queria dizer. Chamou a filha.

– Olga!

Ele pronunciava o nome da filha à italiana e[238] quando falava português, punha nas palavras uma rouquidão singular, e salpicava as frases[239]de exclamações e pequenas expressões italianas.

– Olga, que quer dizer isto? *Non capisco*...

A moça sentou-se a uma cadeira próxima e leu no jornal, o requerimento e os comentários.

– *Che*! Então?

– O padrinho quer substituir o português pela língua tupi, entende o senhor?

---

[234] No livro: "jornalista".
[235] No livro: "Conforme o seu velho hábito, Coleoni".
[236] No livro: "recebeu".
[237] No livro: "aldeã".
[238] No livro: "da filha quase sem sotaque; mas,".
[239]Falta o substantivo "as frases" no folhetim: " Salpicava de exclamações".

– Como?

– Hoje, nós não falamos português? Pois bem: ele quer que daqui em diante falemos tupi.

– *Tutti*?

– Todos os brasileiros, todos.

– *Ma che* cousa! Não é possível?

– Pode ser. Os tcheques têm uma língua própria, e foram obrigados a falar alemão, depois de conquistados pelos austríacos; os lorenos, franceses...

– *Per la madonna*! Alemão é língua, agora esse acujelê, *ecco*!

– Acujelê é da África, papai; tupi é daqui.

– *Per Bacco*! É o mesmo... Está doido!

– Mas não há loucura alguma, papai.

– Como? Então é cousa de um homem *bene*?

– De juízo, talvez não seja; mas de doido, também não.

– *Non capisco*.

– É uma idéia, meu pai, é um plano, talvez à primeira vista absurdo, fora dos moldes, mas não de todo doido. É ousado, talvez, mas...

Terça-feira, 29 de agosto.

Por mais que quisesse, ela não podia julgar o ato do padrinho sob o critério de seu pai. Neste falava o bom senso e nela o amor às grandes cousas, aos arrojos e cometimentos ousados. Lembrou-se de que Quaresma lhe falara em emancipação; e se houve no fundo de si um sentimento que não fosse de admiração pelo atrevimento do Major, não foi decerto o de reprovação ou lástima; foi de piedade simpática por ver mal compreendido o ato daquele homem que ela conhecia há tantos anos, seguindo o seu sonho, isolado, obscuro e tenaz.

– Isto vai causar-lhe transtorno, observou Coleoni.

E ele tinha razão. A sentença do arquivista foi vencedora nas discussões dos corredores e a suspeita de que Quaresma estivesse doido foi tomando foros de certeza. Em princípio, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente. Como eram cegos! Ele que há trinta anos estudava o Brasil minuciosamente, ele que em virtude desses estudos, fôra obrigado a aprender o rebarbativo alemão, não saber tupi, a língua brasileira, a única que o era – que suspeita miserável!

Que o julgassem doido – vá! Mas que desconfiassem da sinceridade de suas afirmações, não! E ele pensava, procurava meios de se reabilitar, caía em distrações, mesmo escrevendo e fazendo a tarefa quotidiana. Vivia dividido em dous: uma parte nas obrigações de todo dia, e a outra, na preocupação de provar que sabia o tupi.

O Secretário veio a faltar um dia e o Major lhe ficou fazendo as vezes. O expediente fôra grande e ele mesmo redigira e copiara uma parte. Tinha começado a passar a limpo um ofício sobre cousas de Mato Grosso, onde se falava em Aquidauana na Ponta-Porã e quando[240] o Carmo disse lá do fundo da sala, com acento escarninho:

[240] No livro: "Aquidauana e Ponta Porã, quando".

– Homero, isto de saber é uma cousa, dizer é outra.

Quaresma nem levantou os olhos do papel. Fosse pelas palavras em tupi que se encontravam na minuta, fosse pela alusão do funcionário Carmo, o certo é que ele insensivelmente foi traduzindo a peça oficial para o idioma indígena.

Ao acabar, deu com a distração, mas logo vieram outros empregados com o trabalho que fizeram, para que ele examinasse, esqueceu-se[241] e o ofício em tupi seguiu com os companheiros. O Diretor não reparou, assinou e o tupinambá foi dar ao Ministério.

Não se imagina o rebuliço que tal cousa foi causar lá. Que língua era? Consultou-se o Dr. Rocha, o homem mais hábil da secretaria, a respeito do assunto. O funcionário limpou o *pince-nez*, agarrou o papel, voltou-o de trás para diante, pô-lo de pernas para o ar e concluiu que era grego, por causa do *yy*.[242]

– Mas, indagou o chefe, oficialmente as autoridades se podem comunicar em línguas estrangeiras? Creio que há um aviso de 84... Veja, Sr. Dr. Rocha...

Consultaram-se todos os regulamentos e repertórios de legislação, andou-se de mesa em mesa pedindo auxilio à memória de cada um e nada se encontrara a respeito. Enfim, o Dr. Rocha, após três dias de meditação, foi ao chefe e disse com ênfase e segurança:

– O aviso de 84 trata de ortografia.

O Diretor olhou o subalterno com admiração e mais ficou considerando as suas qualidades de empregado zeloso, inteligente e... assíduo. Foi informado de que a legislação era omissa no tocante à língua em que deviam ser escritos os documentos oficiais; entretanto não parecia regular usar uma que não fosse a do país.

O Ministro, tendo em vista esta informação e várias outras consultas, devolveu o ofício e censurou o Arsenal.

Que manhã foi esta[243] no Arsenal! Os tímpanos soavam furiosamente, os contínuos andavam numa dobadoura terrível e a toda hora perguntavam pelo Secretário que tardava em chegar.

Censurado! monologava o Diretor. Ia-se por água abaixo o seu generalato. Viver tantos anos a sonhar com aquelas estrelas e elas se escapavam assim, talvez por causa da molecagem de um escriturário!

Ainda se a situação mudasse... Mas qual!

O Secretário chegou, foi ao gabinete do diretor. Inteirado do motivo, examinou o ofício e pela letra conheceu que fôra Quaresma que o escrevera. Mande-o cá, disse o Coronel. O Major encaminhou-se pensando nuns versos tupis que lera de manhã.

– Então o senhor leva a divertir-se comigo, não é?

– Como? fez Quaresma espantado.

– Quem escreveu isso?

O Major nem quis examinar o papel, viu[244] a letra, lembrou-se da distração e confessou com firmeza:

---

[241] No livro: "examinasse. Novas preocupações afastaram a primeira, esqueceu-se".

[242] Parágrafo incluído no livro:

O Dr. Rocha tinha na Secretaria a fama de sábio, porque era bacharel em Direito e não dizia cousa alguma.

[243] No livro: "essa".

[244] No livro: "papel. Viu".

– Fui eu.

– Então confessa?

– Pois não. Mas Vossa Excelência não sabe...

– Não sabe! Que diz?

O Diretor levantou-se da cadeira, com os lábios brancos e a mão levantada à altura da cabeça. Tinha sido ofendido três vezes: na sua honra individual, na honra de sua casta e na do estabelecimento de ensino que freqüentara, a escola da Praia Vermelha, o primeiro estabelecimento científico do mundo. Além disso escrevera no "Prytaneu", a revista da escola, um conto – "A Saudade" – produção muito elogiada pelos colegas, e dessa[245] forma, tendo em todos os exames plenamente e distinção, uma dupla coroa de sábio e artista cingia-lhe a fronte, Tantos títulos valiosos e raros de se encontrarem reunidos mesmo em Descartes ou Shakespeare, transformavam aquele – não sabe – de um amanuense em ofensa profunda, em injúria.

– Não sabe! Como é que o senhor ousa dizer-me isto! Tem o senhor porventura o curso de Benjamim Constant? Sabe o senhor Matemática, Astronomia, Física, Química, Sociologia e Moral? Como ousa então? Pois o senhor pensa que por ter lido uns romances e saber um francesinho aí, pode ombrear-se com quem tirou grau 9 em Cálculo, 10 em Mecânica, 8 em Astronomia, 10 em Hidráulica, 9 em Descritiva? Então?!

E o homem sacudia furiosamente a mão e olhava ferozmente para Quaresma que já se julgava fuzilado.

– Mas, Sr. Coronel!...

– Não tem mas, não tem nada! Considere-se suspenso, até segunda ordem.

Quaresma era doce, bom e modesto. Nunca fôra seu propósito duvidar da sabedoria do seu Diretor. Ele não tinha nenhuma pretensão a sábio e pronunciara a frase para começar a desculpa; mas, quando viu aquela enxurrada de saber, de títulos, a sobrenadar em águas tão furiosas, perdeu o fio do pensamento, a fala, as idéias e nada mais soube nem pôde dizer.

Saiu abatido, como um criminoso, do gabinete do Coronel, que não deixava de olhá-lo furiosamente, indignadamente, ferozmente, como quem foi ferido em todas as fibras do seu ser. Saiu afinal. Chegando à sala do trabalho nada disse: pegou no chapéu, na bengala e atirou-se pela porta afora, cambaleando como um bêbado. Deu umas voltas, foi ao livreiro buscar uns livros. Quando ia tomar o *bond* encontrou o Ricardo Coração dos Outros.

– Cedo, hein Major?

– É verdade.

E calaram-se ficando um diante do outro num mutismo contrafeito. Ricardo avançou algumas palavras:

– O Major, hoje, parece que tem uma idéia, um pensamento muito forte.

– Tenho, filho, não de hoje, mas de há muito tempo.

– É bom pensar, sonhar consola.

– Consola, talvez; mas faz-nos também diferentes dos outros, cava abismos entre os homens...

E os dous separaram-se. O Major tomou o *bond* e Ricardo desceu descuidado a Rua do Ouvidor, com o seu passo acanhado e as calças dobradas nas canelas, sobraçando o

[245] No livro: "colegas. Dessa".

violão na sua armadura de camurça...

* * * * *

Quarta-feira, 30 de agosto.

LIVRO PRIMEIRO
V

O *bibelot*

NÃO ERA A PRIMEIRA VEZ QUE ELA vinha ali. Mais de uma dezena já subira aquela larga escada de pedras[246], com grupos de mármores de Lisboa de um lado e do outro, a Caridade e Nossa Senhora da Piedade; penetrara por aquele pórtico de colunas dóricas, atravessara o átrio ladrilhado, deixando à esquerda e à direita, Pinel e Esquirol, meditando sobre o angustioso mistério da loucura; subira outra escada encerada cuidadosamente e fôra ter com o padrinho lá em cima, triste e absorvido no seu sonho e na sua mania. Seu pai a trazia às vezes, aos domingos, quando vinha cumprir o piedoso dever de amizade, visitando Quaresma. Há quanto tempo estava ele ali? Ela não se lembrava ao certo; uns três ou quatro meses, se tanto.

Só o nome da casa metia medo. O hospício! É assim como uma sepultura em vida, um semi-enterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. A saúde não depende dela e há muitos que parecem até adquirir mais força de vida, prolongar a existência, quando ela se evola não se sabe por que orifício do corpo e para onde.

Com que terror, uma espécie de pavor de cousa sobrenatural, espanto de inimigo invisível e onipresente, não ouvia a gente pobre referir-se ao estabelecimento da Praia das Saudades! Antes uma boa morte, diziam.

No primeiro aspecto, não se compreendia bem esse pasmo, esse espanto, esse terror do povo por aquela casa imensa, severa e grave, meio hospital, meio prisão, com seu alto gradil, suas janelas gradeadas, a se estender por uns centos de metros, em face do mar imenso e verde, lá na entrada da baía, na Praia das Saudades. Entrava-se, viam-se uns homens calmos, pensativos, meditabundos, como monges em recolhimento e prece.

De resto, com aquela entrada silenciosa, clara e respeitável, perdia-se logo a idéia popular da loucura; o escarcéu, os trejeitos, as fúrias, o entrechoque de tolices ditas aqui e ali.

[246] No livro, no singular: "pedra".

Não havia nada disso; era uma calma, um silêncio, uma ordem perfeitamente naturais. No fim, porém, quando se examinavam bem, na sala das visitas, aquelas faces transtornadas, aqueles ares aparvalhados, alguns idiotas e sem expressão, outros como alheados e mergulhados em um sonho íntimo sem fim, e via-se também a excitação de uns, mais viva em face à atonia de outros, é que se sentia bem o horror da loucura, o angustioso mistério que ela encerra, feito não sei de que inexplicável fuga do espírito daquilo que se supõe o real, para se apossar e viver das aparências das cousas[247].

Quem uma vez esteve diante deste enigma indecifrável da nossa própria natureza, fica amedrontado, sentindo que o gérmen daquilo está depositado em nós e que por qualquer cousa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta numa desesperadora compreensão inversa e absurda de nós mesmos, dos outros e do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após.

E essa mudança não começa, não se sente quando começa e quase nunca acaba. Com o seu padrinho, como fôra? A princípio, aquele requerimento... Mas que era aquilo? Um capricho, uma fantasia, cousa sem importância, uma idéia de velho sem conseqüência. Depois, aquele ofício? Não tinha importância, uma simples distração, cousa que acontece a cada passo... E enfim? A loucura declarada, a torva e irônica loucura que nos tira a nossa alma e põe uma outra, que nos rebaixa... Enfim, a loucura declarada, a exaltação do eu, a mania de não sair, de se dizer perseguido, de imaginar como inimigos, os amigos, os melhores. Como fôra doloroso aquilo! A primeira fase do seu delírio, aquela agitação desordenada, aquele falar sem nexo, sem acordo com que se realizava fora dele e com uns[248] atos passados, um falar que não se sabia donde vinha, donde saia, de que ponto do seu ser tomava nascimento! E o pavor do doce Quaresma![249] Um pavor de quem viu um cataclismo, que o fazia tremer todo, desde os pés à cabeça e enchia-o de indiferença para tudo mais que não fosse o seu próprio delírio.

A casa, os livros e os seus interesses de dinheiro andavam à matroca. Para ele, nada disso valia, nada disso tinha existência e importância. Eram sombras, aparências; o real eram os inimigos, os inimigos terríveis cujos nomes o seu delírio não chegava a criar. A velha irmã, atarantada, atordoada, sem direção, sem saber que alvitre tomar. Educada em casa sempre com um homem ao lado, o pai, depois o irmão, ela não sabia lidar com o mundo, com negócios, com as autoridades e pessoas influentes. Ao mesmo tempo, na sua inexperiência e ternura de irmã, oscilava entre a crença de que aquilo fosse verdade e a suspeita de que fosse loucura pura e simples.

Se não fosse seu pai (e Olga amava mais por isso o seu rude pai) que se interessava, chamando a si os interesses da família e evitando a demissão de que estava ameaçado, transformando-a em aposentadoria, que seria dele? Como é fácil na vida tudo ruir! Aquele homem pautado, regrado, honesto, com emprego seguro, tinha uma aparência inabalável; entretanto bastou um grãozinho de sandice...

Estava há uns meses no hospício, o seu padrinho, e a irmã não o podia visitar. Era tal o seu abalo de nervos, era tal a emoção ao vê-lo ali naquela meia-prisão, decaído dele

[247] No livro: "cousas ou de outras aparências das mesmas".
[248] No livro o artigo é definido: "os".
[249] No livro, com ponto de interrogação.

mesmo que um ataque se seguia e não podia ser evitado.

Vinham ela e o pai, às vezes o pai só, algumas vezes Ricardo, e eram só os três a visitá-lo.

Aquele domingo estava particularmente lindo, principalmente em Botafogo, nas proximidades do mar e das montanhas altas que se recortavam num céu de seda. O ar era macio e docemente o sol faiscava nas calçadas.

O pai vinha lendo os jornais e ela, pensando, de quando em quando, folheando as revistas ilustradas que trazia para alegrar e distrair o padrinho.

Ele estava como pensionista; mas, embora assim, no começo, ela teve um certo pudor em se misturar com os visitantes.

Parecia-lhe que a sua fortuna a punha acima de presenciar misérias; recalcou porém, dentro de si esse pensamento egoísta, o seu orgulho de classe, e agora entrava naturalmente, pondo em mais destaque a sua elegância natural. Amava esses sacrifícios, essas abnegações, tinha o sentimento da grandeza deles, e ficou contente consigo mesma.

No *bond*[250] vinham outros visitantes e todos não tardaram em saltar no portão do manicômio. Como em todas as portas dos nossos infernos sociais, havia de toda gente, de várias condições, nascimentos e fortunas. Não é só a morte que nivela; a loucura, o crime e a moléstia passam também a sua rasoura pelas distinções que inventamos.

Os bem vestidos e os mal vestidos, os elegantes e os pobres, os feios e os bonitos, os inteligentes e os néscios, entravam com respeito, com concentração, com uma ponta de pavor nos olhos como se penetrassem noutro mundo.

Chegavam aos parentes e os embrulhos se desfaziam: eram guloseimas, fumo, meias, chinelas, às vezes livros e jornais, Dos doentes uns conversavam com os parentes; outros mantinham-se calados, num mutismo feroz e inexplicável; outros indiferentes; e era tal a variedade de aspectos dessas recepções que se chegava a esquecer a impressão[251] da doença sobre todos aqueles infelizes, tanto ela variava neste ou naquele, para se pensar em caprichos pessoais, em ditames das vontades livres de cada um.

E ela pensava como esta nossa vida é variada e diversa, como ela é mais rica de aspectos tristes que de alegres, e como na variedade da vida a tristeza pode mais variar que a alegria e como que dá o próprio movimento da vida.

Verificando isso, quase teve satisfação, pois a sua natureza inteligente e curiosa se comprazia nas mais simples descobertas que seu espírito fazia.

Quaresma estava melhor. A exaltação passara e o delírio parecia querer desaparecer completamente. Chocando-se com aquele meio, houve logo nele uma reação salutar e necessária. Estava doido, pois se o punham ali...

Quando veio a ter com o compadre e a afilhada até trazia um sorriso de satisfação por baixo do bigode já grisalho. Tinha emagrecido um pouco, os cabelos pretos estavam mais[252] brancos, mas o aspecto geral era o mesmo. Não perdera totalmente a mansuetude e a ternura no falar, mas quando a mania lhe tomava ficava um tanto seco e desconfiado. Ao vê-los disse amavelmente:

– Então vieram sempre... Estava à espera...

---

[250] No livro: “bonde”.
[251] No livro: “o império”.
[252] No livro: “um pouco”.

Cumprimentaram-se e ele deu mesmo um largo abraço na afilhada.

– Como está Adelaide?

– Bem. Mandou lembranças e não veio porque... adiantou Coleoni.

– Coitada! disse ele, e pendeu a cabeça como se quisesse afastar uma recordação triste; em seguida, perguntou:

– E o Ricardo?

A afilhada apressou-se em responder ao padrinho, com alvoroço e alegria. Via-o já escapo à semi-sepultura de insânia.

– Está bom, padrinho. Procurou papai há dias e disse que a sua aposentadoria já está quase acabada.

Coleoni tinha-se sentado. Quaresma também e a moça estava de pé, para melhor olhar o padrinho com os seus olhos muito luminosos e firmes no encarar. Guardas, internos e médicos passavam pelas portas com a indiferença profissional. Os visitantes não se olhavam, pareciam que não queriam conhecer-se na rua. Lá fôra, era o dia lindo, os ares macios, o mar infinito e melancólico, as montanhas a se recortar num céu de seda – a beleza da natureza imponente e indecifrável.

Sexta-feira, 1º. de setembro.

Coleoni, embora mais assíduo nas visitas, notava as melhoras do compadre com satisfação que errava na sua fisionomia, num franco[253] sorriso. Num dado momento aventurou:[254]

– O Major já está muito melhor; quer sair?

Quaresma não respondeu logo; pensou um pouco e respondeu firme e vagarosamente:

– É melhor esperar um pouco. Vou melhor... Sinto incomodar-te tanto, mas vocês que têm sido tão bons, hão de levar tudo isso para conta da própria bondade. Quem tem inimigos deve ter também bons amigos...

O pai e a filha entreolharam-se; o Major levantou a cabeça e parecia que as lágrimas queriam rebentar. A moça interveio de pronto:

– Sabe, padrinho, vou casar-me.

– É verdade, confirmou o pai. A Olga vai casar-se e nós vínhamos preveni-lo.

– Quem é teu noivo? perguntou Quaresma.

– É um rapaz...

– Decerto, interrompeu o padrinho sorrindo.

E os dous acompanharam-no com familiaridade e contentamento. Era um bom sinal.

– É o Sr. Armando Borges, doutorando. Está satisfeito, padrinho? fez Olga gentilmente.

– Então é para depois do fim do ano.

– Esperamos que seja por aí, disse o italiano.

---

[253] No livro: "ligeiro".

[254] "Coleoni tinha-se sentado. Quaresma [...] num ligeiro sorriso. Num dado momento aventurou:" – formam um parágrafo só no livro.

– Gostas muito dele? indagou o padrinho.

Ela não sabia responder aquela pergunta. Queria sentir que gostava, mas estava que não. E por que casava? Não sabia... Um impulso do seu meio, uma cousa que não vinha dela – não sabia... Gostava de outro? Também não. Todos os rapazes que ela conhecia não possuíam relevo que a ferisse, não tinham o *quê*, ainda indeterminado na sua emoção e na sua inteligência, que a fascinasse ou subjugasse. Ela não sabia bem o que era, não chegava a extremar na percepção das suas inclinações a qualidade que ela queria ver dominante no homem. Era o heróico, era o fora do comum, era a força de projeção para as grandes cousas; mas nessa confusão mental dos nossos primeiros anos, quando as idéias e os desejos se entrelaçam e se embaralham, Olga não podia colher e registrar esse anelo, esse modo de se lhe representar e de amar o indivíduo masculino.

E tinha razão em se casar sem obedecer à sua concepção. É tão difícil ver nitidamente num homem, de vinte a trinta anos, o que ela sonhara que era bem possível tornasse a nuvem por Juno... Casava por hábito de sociedade, um pouco por curiosidade e para alargar o campo de sua vida e aguçar a sensibilidade. Lembrou-se disso tudo rapidamente e respondeu sem convicção ao padrinho:

– Gosto.

A visita não se demorou muito mais. Era conveniente que fosse rápida, não convinha fatigar a atenção do convalescente. Os dous saíram sem esconder que iam esperançados e satisfeitos.

Na porta já havia alguns visitantes à espera do *bond*. Como não estivesse o veículo no ponto, foram indo ao longo da fachada do manicômio até lá. Em meio do caminho, encontraram, encostada ao gradil, uma velha preta a chorar. Coleoni, sempre bom, chegou-se a ela:

– Que tem, minha velha?

A pobre mulher deitou sobre ele um demorado olhar, vazio e doce, como o de um animal doméstico[255], e respondeu:

– Ah! meu *sinhô*!... É triste... Um filho, tão bom, coitado!

E continuou a chorar. Coleoni começou a comover-se; a filha olhou-a com interesse e perguntou no fim de um instante:

– Morreu?

– Antes fosse, sinhazinha.

E por entre lágrimas e soluços contou que o filho não a conhecia mais, não lhe respondia às perguntas; era como estranho, Enxugou as lágrimas e concluiu:

– Foi *cousa feita*.[256]

O dia estava fresco e a viração, que começava a soprar, enrugava a face do mar em pequenas ondas brancas. O Pão de Açúcar erguia-se negro, hirto, solene, das ondas espumejantes e como que punha uma sombra no dia muito claro.

No Instituto dos Cegos, tocavam violino: e a voz plangente e demorada do instrumento parecia sair daquelas cousas todas, da sua tristeza e da sua solenidade,

O *bond* tardou um pouco. Chegou. Tomaram. Desceram no Largo da Carioca. É

[255] No livro: "olhar, úmido e doce, cheio de uma irremediável tristeza".

[256] Parágrafo incluído no livro:

Os dous afastaram-se tristes, levando n'alma um pouco daquela humilde dor.

bom ver-se a cidade nos dias de descanso, com as suas lojas fechadas, as suas estreitas ruas desertas, onde os passos ressoam como em claustros silenciosos. A cidade é como um esqueleto, faltam-lhe as carnes, que são a agitação, o movimento de carros, de carroças e gente. Na porta de uma loja ou outra, os filhos do negociante brincam em velocípedes, atiram bolas e ainda mais se sente a diferença da cidade do dia anterior.

Não havia ainda os hábitos[257] de procurar os arrabaldes pitorescos e só encontravam, por vezes, casais que iam apressadamente a visitas, como eles agora. O Largo de São Francisco estava silencioso e a estátua, no centro daquele pequeno jardim que desapareceu, parecia um simples enfeite. Os *bonds* chegavam preguiçosamente ao largo com poucos passageiros. Coleoni e sua filha tomaram um que os levasse à casa de Quaresma. Lá foram. A tarde se aproximava e as *toilettes* domingueiras já apareciam nas janelas. Pretos com roupas claras e grandes charutos ou cigarros; grupos de caixeiros com flores estardalhantes; meninas em cassas bem engomadas: cartolas antediluvianas ao lado de vestidos pesados de cetim negro, envergados em corpos fartos de matronas sedentárias; e o domingo aparecia assim decorado com a simplicidade dos humildes, com a riqueza dos pobres e a ostentação dos tolos.

D. Adelaide não estava só. Ricardo viera visitá-la e conversavam. Quando o compadre de seu irmão bateu no portão, ele contava à velha senhora o seu último triunfo:

– Não sei como há de ser, D. Adelaide. Eu não guardo as minhas músicas, não escrevo – é um inferno!

O caso era de pôr um autor em maus lençóis. O Sr. Paysandón, de Córdoba (República Argentina), autor muito conhecido na mesma cidade, lhe tinha escrito, pedindo exemplares de suas músicas e canções. Ricardo estava atrapalhado, Tinha os versos escritos, mas a música não. É verdade que as sabia de cor, porém, escrevê-las de uma hora para outra era trabalho acima de sua força.

– É o diabo! continuou ele. Não é por mim; a questão é que se perde uma ocasião de fazer o Brasil conhecido no estrangeiro.

A velha irmã de Quaresma não tinha grande interesse pelo violão. A sua educação, que se fizera vendo semelhante instrumento entregue a escravos ou gente parecida, não podia admitir que ele preocupasse a atenção de gente[258] de certa ordem. Delicada, entretanto, suportava a mania de Ricardo, mesmo porque já começava a ter uma ponta de estima pelo famoso trovador dos suburbanos. Nasceu-lhe essa estima pela dedicação com que ele se houve no seu drama familiar. Os pequenos serviços e trabalhos, os passos para ali e para aqui, ficaram a cargo de Ricardo, que os desempenhara com boa vontade e diligência.

Atualmente era ele o encarregado de tratar da aposentadoria do seu antigo discípulo. É um trabalho árduo, esse de liquidar uma aposentadoria, como se diz na gíria burocrática. Aposentado o sujeito, solenemente por um decreto, a cousa corre uma dezena de repartições e funcionários para ser ultimada. Nada há mais grave do que a gravidade com que o empregado nos diz; ainda estou fazendo o cálculo; e a cousa demora um mês, mais até, como se se tratasse de mecânica celeste.

Coleoni era o procurador do Major, mas não sendo entendido em cousas oficiais,

[257] No livro, no singular: "o hábito".
[258] No livro: "de pessoas".

entregou ao Coração dos Outros aquela parte do seu mandato.

Graças à popularidade de Ricardo, e da sua lhaneza, vencera a resistência da máquina burocrática e a liquidação estava anunciada para breve.

Foi isso que ele anunciou a Coleoni, quando este entrou seguido da filha. Pediram, tanto ele como D. Adelaide, notícias do amigo e do irmão.

Sábado, 2 de setembro.

A irmã nunca entendera direito o irmão, com a crise não o ficou compreendendo melhor; mas o sentira profundamente com o sentimento simples de irmã e desejava ardentemente a sua cura.

Ricardo Coração dos Outros gostava do Major, encontrara nele certo apoio moral e intelectual de que precisava. Os outros gostavam de ouvir o seu canto, apreciavam como simples diletantes; mas o Major era o único que ia ao fundo da sua tentativa e compreendia o alcance patriótico de sua obra.

De resto, ele agora sofria particularmente – sofria na sua glória, produto de um lento e seguido trabalho de anos. É que aparecera um crioulo a cantar modinhas e cujo nome começava a tomar força e já era citado ao lado do seu.

Aborrecia-se com o rival, por dous fatos: primeiro: pelo sujeito ser preto; e segundo: por causa das suas teorias.

Não é que ele tivesse ojeriza particular aos pretos. O que ele via no fato de haver um preto famoso em[259] tocar violão, era que tal cousa ia diminuir ainda mais o prestígio do instrumento. Se o seu rival tocasse piano e por isso ficasse célebre, não havia mal algum; ao contrário: o talento do rapaz levantava a sua pessoa, por intermédio do instrumento considerado; mas, tocando violão, era o inverso: o preconceito que lhe cercava a pessoa, desmoralizava o misterioso violão que ele tanto estimava. E além disso com aquelas teorias! Ora! Querer que a modinha diga alguma cousa e tenha versos certos! Que tolice!

E Ricardo levava a pensar nesse rival inesperado que se punha assim diante dele como um obstáculo imprevisto na subida maravilhosa para a sua glória. Precisava afastá-lo, esmagá-lo, mostrar a sua superioridade indiscutível; mas como?

A *réclame*[260] já não bastava; o rival a empregava também. Se ele tivesse um homem notável, um grande literato, que escrevesse um artigo sobre ele e a sua obra, a vitória estava certa. Era difícil encontrar. Esses nossos literatos eram tão tolos e viviam tão absorvidos em cousas francesas... Pensou num jornal, *O Violão*, em que ele desafiasse o rival e o esmagasse numa polêmica.

Era isso que precisava obter e a esperança estava em Quaresma, atualmente recolhido ao hospício, mas felizmente em via de cura, A sua alegria foi justamente quando soube que o amigo estava melhor.

– Não pude ir hoje, disse ele, mas irei domingo. Está mais gordo?

– Pouca cousa, disse a moça.

– Conversou bem, acrescentou Coleoni. Até ficou contente quando soube que Olga

---

[259] Ausência do "em" no livro: "famoso tocar".
[260] No livro, sem itálico.

ia casar-se.

– Vai casar-se, D. Olga? Parabéns.

– Obrigada, fez ela.

– Quando é, Olga? perguntou D. Adelaide.

– Lá para o fim do ano... Tem tempo...

E logo choveram perguntas sobre o noivo e afloraram as considerações sobre o casamento.

E ela se sentia vexada; julgava, tanto as perguntas como as considerações, impudentes e irritantes; queria fugir à conversa, mas voltavam ao mesmo assunto, não só Ricardo, mas a velha Adelaide, mais loquaz e curiosa que comumente. Esse suplício que se repetia em todas as visitas, quase a fazia arrepender-se de ter aceitado o pedido. Por fim, achou um subterfúgio, perguntando:

– Como vai o General?

– Não o tenho visto, mas a filha sempre vem aqui. Ele deve andar bem, a Ismenia é que anda triste, desolada – coitadinha!

D. Adelaide contou então o drama que agitava a pequenina alma da filha do General. Cavalcanti, aquele Jacó de cinco anos, embarcara para o interior, há três ou quatro meses, e não mandara nem uma carta nem um cartão. A menina tinha aquilo como um rompimento; e ela, tão incapaz de um sentimento mais profundo, de uma aplicação mais séria de energia mental e física, sentia-o muito, como cousa irremediável que absorvia toda a sua atenção.

Para Ismenia, era como se todos os rapazes casadoiros tivessem deixado de existir. Arranjar outro era problema insolúvel, era trabalho acima de suas forças. Cousa difícil! Namorar, escrever cartinhas, fazer acenos, dançar, ir a passeios – ela não podia mais com isso. Decididamente, estava condenada a não se casar, a ser tia, a suportar durante toda a existência esse estado de solteira que a apavorava. Não[261] se lembrava das feições do noivo, dos seus olhos esgazeados, do seu nariz duro e fortemente ósseo; independente da memória dele, vinha-lhe sempre à consciência, quando, de manhã, o estafeta não lhe entregava carta, essa outra idéia: não casar. Era um castigo... A Quinota ia casar-se, o Genelício já estava tratando dos papéis; e ela que esperara tanto, e fôra a primeira a noivar-se, ia ficar maldita, rebaixada diante de todas. Parecia até que ambos estavam contentes com aquela fuga inexplicável de Cavalcanti. Como eles se riam durante o carnaval! Como eles atiraram aos seus olhos aquela viuvez prematura, durante os folguedos carnavalescos! Punham tanta fúria no jogo de confetes e bisnagas, de modo a deixar bem claro a felicidade de ambos, aquela marcha gloriosa e invejada para o casamento, em face do seu abandono.

Ela disfarçava bem a impressão da alegria deles que lhe parecia indecente e hostil; mas o escárnio da irmã que lhe dizia constantemente: "Brinca, Ismenia! Ele está longe, vai aproveitando" – metia-lhe raiva, a raiva terrível de gente fraca, que corrói interiormente, por não poder arrebentar de qualquer forma.

Então, para espantar os maus pensamentos, ela se punha a olhar o aspecto pueril da rua, marchetada de papeluchos multicores, e as serpentinas irisadas pendentes nas sacadas, mas o que fazia bem à sua natureza pobre, comprimida, eram os cordões, aquele ruído de atabaques, e adufes, de tambores e pratos. Mergulhando nessa barulheira, o seu pensamento

[261] No livro: "Quase não".

repousava e como que a idéia que a perseguia desde tanto tempo ficava impedida de lhe entrar na cabeça.

De resto, aqueles vestuários extravagantes de índios, aqueles adornos de uma mitologia francamente selvagem, jacarés, cobras, jabutis, vivos, bem vivos, traziam à pobreza de sua imaginação imagens risonhas de rios claros, florestas imensas, lugares de sossego e pureza que a reconfortavam.

Também aquelas cantigas gritadas, berradas, num ritmo duro e de uma grande indigência sonora[262], vinham como reprimir a mágoa que ia nela, abafada, comprimida, contida, que pedia uma explosão de gritos, mas para o que não lhe sobrava força bastante e suficiente.

O noivo partira um mês antes do carnaval e depois do grande festejo carioca a sua tortura foi maior. Sem hábito de leitura e de conversa, sem atividade doméstica qualquer, ela passava os dias deitada, sentada, a girar em torno de um mesmo pensamento: não casar. Era-lhe doce chorar.

Nas horas da entrega da correspondência, tinha ainda uma alegre esperança. Talvez? Mas a carta não vinha, e, voltava ao seu pensamento: não casar.

D. Adelaide, acabando de contar o desastre da triste Ismenia, comentou:

– Merecia um castigo isso, não acham?

Coleoni interveio com brandura e boa vontade:

– Não há razão para desesperar. Há muita gente que tem preguiça em[263] escrever...

– Qual! fez D. Adelaide. Há três meses, Sr. Vicente!

– Não volta, disse Ricardo sentenciosamente.

– E ela ainda o espera, D. Adelaide? perguntou Olga.

– Não sei, minha filha. Ninguém entende essa moça. Fala pouco, se fala diz meias palavras... É mesmo uma natureza que parece sem sangue nem nervos. Sente-se a sua tristeza, mas não fala.

– É orgulho? perguntou ainda Olga.

– Não, não... Se fosse orgulho, ela não se referia de vez em quando ao noivo. É antes moleza, preguiça... Parece que ela tem medo de falar para que as cousas não venham a acontecer.

– E os pais que dizem a isso? indagou Coleoni.

– Não sei bem. Mas pelo que pude perceber, o incômodo do General não é grande e D. Maricota julga que ela deve arranjar *outro*.

– Era o melhor, disse Ricardo.

– Eu creio que ela não tem mais prática, disse sorrindo D. Adelaide. Levou tanto tempo noiva...

E a conversa já tinha virado para outros assuntos, quando a Ismenia veio fazer a sua visita diária à irmã de Quaresma.

Cumprimentou todos e todos sentiram que ela penava. O sofrimento dava-lhe mais atividade à fisionomia.

As pálpebras estavam roxas e os olhos mesmo[264] tinham mais brilho e expansão.

[262] No livro: "melódica".
[263] No livro: "de".
[264] No livro: "e até os seus pequenos olhos pardos".

Indagou da saúde de Quaresma e depois calaram-se um instante. Por fim D. Adelaide lhe perguntou:

– Recebeste carta, Ismenia?

– Ainda não, respondeu ela, com grande economia de voz.

Ricardo moveu-se na cadeira. Batendo com o braço num *dunkerque*, veio atirar ao chão uma figurinha de *biscuit*, que se esfacelou em inúmeros fragmentos, quase sem ruído.

* * * * *

Terça-feira, 5 de setembro.

LIVRO SEGUNDO
I

No "Sossego"

NÃO ERA FEIO O LUGAR, MAS NÃO era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranqüilo e satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte.

A casa erguia-se sobre um socalco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, se estendia[265] uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-a paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de sua linha capinada; um carreiro, com casas, de um e de outro lado, saia da esquerda e ia ter à estação, atravessando o regato e serpeando pelo plano. A habitação de Quaresma tinha assim um amplo horizonte, olhando para o levante, a *noruega*, e era também risonha e graciosa nos seus muros caiados. Edificada com a desoladora indigência arquitetônica das nossas casas de campo, possuía, porém, vastas salas, amplos quartos, todos com janelas, e uma varanda com uma colunata heterodoxa. Além desta principal, o sítio do "Sossego", como se chamava, tinha outras construções: a velha casa da farinha, que ainda tinha o forno intacto e a roda desmontada, e uma estrebaria coberta de sapê.

Não havia três meses que viera habitar aquela casa, naquele ermo lugar, a duas horas do Rio, por estrada de ferro, após ter passado seis meses no hospício da Praia das Saudades. Saíra curado? Quem sabe lá? Parecia; não delirava e os seus gestos e propósitos eram de homem comum embora, sob tal aparência, se pudesse sempre crer que não se lhe despedira de todo, já não se dirá a loucura, mas o sonho que cevara durante tantos anos.

[265] No livro: "cerca, olhava".

Foram mais seis meses de repouso e útil seqüestração que mesmo de uso de uma terapêutica psiquiátrica.

Quaresma viveu lá, no manicômio, resignadamente, conversando com os seus companheiros, onde via ricos que se diziam pobres, pobres que se queriam ricos, sábios a maldizer da sabedoria, ignorantes a se proclamarem sábios: mas deles todos, daquele que mais se admirou, foi de um velho e plácido negociante da Rua dos Pescadores que se supunha Átila. Eu, dizia o pacato velho, sou Átila, sabe? Sou Átila. Tinha fracas notícias da personagem, sabia o nome e nada mais, Sou Átila, matei muita gente – e era só.

Saiu o Major mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as cousas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente.

Aquela continuação da nossa vida tal e qual, com um desarranjo imperceptível, mas profundo e quase sempre insondável, que a inutiliza inteiramente, faz pensar em alguma cousa mais forte que nós, que nos guia, que nos impele e em cujas mãos somos simples joguetes. Em vários tempos e lugares, a loucura foi considerada sagrada, e deve haver razão nisso no sentimento que se apodera de nós quando, ao vermos um louco desarrazoar, pensamos logo que já não é ele quem fala, é alguém, é alguém que vê por ele, interpreta as cousas por ele, está atrás dele, invisível!...

Quaresma saiu envolvido, penetrado da tristeza do manicômio. Voltou à sua casa, mas a vista das suas cousas familiares não lhe tirou a forte impressão de que vinha impregnado. Embora nunca tivesse sido alegre, a sua fisionomia apresentava mais desgosto que antes, muito abatimento moral, e foi para levantar o ânimo que se recolheu àquela risonha casa de roça, onde se dedicava a modestas culturas.

Não fôra ele, porém, quem se lembrara; fôra a afilhada que lhe trouxe à idéia aquele doce acabar para a sua vida. Vendo-o naquele estado de abatimento, triste e taciturno, sem coragem de sair, enclausurado em sua casa de São Cristóvão, Olga dirigiu-se um dia ao padrinho meiga e filialmente:

– O padrinho por que não compra um sítio? Seria tão bom fazer as suas culturas, ter o seu pomar, a sua horta... Não acha?

Tão taciturno que ele estivesse, não pôde deixar de modificar imediatamente a sua fisionomia à lembrança da moça. Era um velho desejo seu, esse de tirar da terra o alimento, a alegria e a fortuna; e foi lembrando dos seus antigos projetos que respondeu à afilhada:

– É verdade, minha filha. Que magnífica idéia, tens tu! Há por ai tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo... O milho pode dar até duas colheitas e quatrocentos por um...

A moça esteve quase arrependida da sua lembrança. Pareceu-lhe que ia atiçar[266] no espírito do padrinho manias já extintas.

– Em toda a parte – não acha, meu padrinho? – há terras férteis.

– Mas como no Brasil, apressou-se ele em dizer, há poucos países que as tenham. Vou fazer o que tu dizes: plantar, criar, cultivar o milho, o feijão, a batata inglesa... Tu irás ver as minhas culturas, a minha horta, o meu pomar – então é que te convencerás como são fecundas as nossas terras!

A idéia caiu-lhe na cabeça e germinou logo. O terreno estava amanhado e só esperava uma boa semente. Não lhe voltou a alegria que jamais teve, mas a taciturnidade

[266] No livro: "atear"

foi-se com o abatimento moral, e veio-lhe a atividade mental cerebrina, por assim dizer, de outros tempos. Indagou dos preços correntes das frutas, dos legumes, das batatas, dos aipins; calculou que cinqüenta laranjeiras, trinta abacateiros, oitenta pessegueiros, outras árvores frutíferas, além dos abacaxis (que mina!), das abóboras e outros produtos menos importantes, podiam dar o rendimento anual de mais de quatro contos, tirando as despesas. Seria ocioso trazer para aqui os detalhes dos seus cálculos, baseados em tudo no que vem estabelecido nos boletins da Associação de Agricultura Nacional. Levou em linha de conta a produção média de cada pé de fruteira, de hectare cultivado, e também os salários, as perdas inevitáveis; e, quanto aos preços, ele foi em pessoa ao mercado buscá-los.

Planejou a sua vida agrícola com a exatidão e meticulosidade que punha em todos os seus projetos. Encarou-a por todas as faces, pesou as vantagens e ônus; e muito contente ficou em vê-la monetariamente atraente, não por ambição de fazer fortuna, mas por haver nisso mais uma demonstração das excelências do Brasil.

E foi obedecendo a essa ordem de idéias que comprou aquele sítio, cujo nome – "Sossego" – cabia tão bem à nova vida que adotara, após a tempestade que o sacudira durante quase um ano. Não ficava longe do Rio e ele o escolhera assim mesmo maltratado, abandonado, para melhor demonstrar a força e o poder da tenacidade, do carinho, no trabalho agrícola. Esperava grandes colheitas de frutas, de grãos, de legumes; e do seu exemplo, nasceriam mil outros cultivadores, estando em breve a grande capital cercada de um verdadeiro celeiro, virente e abundante a dispensar os argentinos e europeus.

Com que alegria ele foi para lá! Quase não teve saudades de sua velha casa de São Januário, agora propriedade de outras mãos, talvez destinada ao mercenário mister de lar de aluguel... Não sentiu que aquela vasta sala, abrigo calmo dos seus livros durante tantos anos, fosse servir para salão de baile[267] fútil, fosse testemunhar talvez rixas de casais desentendidos, ódios de família – ela tão boa, tão doce, tão simpática, com o seu teto alto e as suas paredes lisas, em que se tinham incrustado os desejos de sua alma e toda ela penetrada da exalação dos seus sonhos!...

Ele foi contente. Como era tão simples viver na nossa terra! Quatro contos de réis por ano, tirados da terra, facilmente, docemente, alegremente! Oh! terra abençoada! Como é que toda a gente queria ser empregado público, apodrecer numa banca, sofrer na sua independência e no seu orgulho? Como é que se preferia viver em casas apertadas, sem ar, sem luz, respirar um ambiente epidêmico, sustentar-se de maus alimentos, quando se podia tão facilmente obter uma vida feliz, farta, livre, alegre e saudável?

E era agora que ele chegava a essa conclusão, depois de ter sofrido a miséria da cidade e o emasculamento da repartição pública, durante tanto tempo! Chegara tarde, mas não a ponto de que não pudesse antes da morte travar conhecimento com a doce vida campestre e a feracidade das terras brasileiras. Então pensou que foram vãos aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e costumes: o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela linha de preencher,

Demais, com terras tão férteis, climas variados, a permitir uma agricultura fácil e rendosa, este caminho estava naturalmente indicado.

E ele viu então diante dos seus olhos as laranjeiras, em flor, olentes, muito brancas,

[267] No folhetim, faltou o "de": "salão baile".

a se enfileirar pelas encostas das colinas, como teorias de noivas; os abacateiros, de troncos rugosos, a sopesar com esforço os grandes pomos verdes; as jabuticabas negras a estalar dos caules rijos; os abacaxis coroados que nem reis, recebendo a unção quente do sol; as abobreiras a se arrastarem com flores carnudas cheias de pólen; as melancias de um verde tão fixo que parecia pintado; os pêssegos veludosos, as jacas monstruosas, os jambos, as mangas capitosas; e dentre tudo aquilo surgia uma linda mulher, com o regaço cheio de frutos e um dos ombros nu, a lhe sorrir agradecida, com um imaterial sorriso demorado de deusa – era Pomona, a deusa dos vergéis e dos jardins!...

As[268] primeiras semanas que passou no "Sossego", Quaresma as empregou numa exploração em regra da sua nova propriedade. Havia nela terra bastante, velhas árvores frutíferas, um capoeirão grosso com camarás, bacurubus, tinguacibas, tibibuias, monjolos, e outros espécimes. Anastácio que o acompanhara, apelava para as suas recordações de antigo escravo de fazenda, e era quem ensinava os nomes dos indivíduos da mata a Quaresma muito lido e sabido em cousas brasileiras.

O Major logo organizou um museu dos produtos naturais do "Sossego". As espécies florestais e campesinas foram etiquetadas com os seus nomes vulgares, e quando era possível com os científicos. Os arbustos, em herbário, e as madeiras, em pequenos tocos, seccionados longitudinal e transversalmente.

Quarta-feira, 6 de setembro.

Os azares de leituras tinham-no levado a estudar as ciências naturais e o furor autodidata dera a Quaresma sólidas noções de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia.

Não foram só os vegetais que mereceram as honras de um inventário; os animais também, mas como ele não tinha espaço suficiente e a conservação dos exemplares exigia mais cuidado, Quaresma limitou-se a fazer o seu museu no papel, por onde sabia que as terras eram povoadas de tatus, cutias, preás, cobras variadas, saracuras, sanãs, avinhados, coleiros, tiés, etc. A parte mineral era pobre, argilas, areia e, aqui e ali, uns blocos de granito esfoliando-se.

Acabado esse inventário, passou duas semanas a organizar a sua biblioteca agrícola e uma relação de instrumentos meteorológicos para auxiliar os trabalhos da lavoura.

Encomendou livros nacionais, franceses, portugueses; comprou termômetros, barômetros, pluviômetros, higrômetros, anemômetros. Vieram estes e foram arrumados e colocados convenientemente.

Anastácio assistia a todos esses preparativos com assombro. Para que tanta cousa, tanto livro, tanto vidro? Estaria o seu antigo patrão dando para farmacêutico? A dúvida do preto velho não durou muito, Estando certa vez Quaresma a ler o pluviômetro, Anastácio, ao lado, olhava-o espantado, como quem assiste a um passe de feitiçaria. O patrão notou o espanto do criado e disse:

– Sabes o que estou fazendo, Anastácio?

– Não *sinhô*.

– Estou vendo se choveu muito.

---

[268] No livro: "Às".

– Pra que isso, patrão? A gente sabe logo *de olho* quando chove muito ou pouco... Isso de plantar é capinar, pôr a semente na terra, deixar crescer e apanhar...

Ele falava com a voz mole de africano, sem *rr* fortes, com lentidão e convicção.

Quaresma, sem abandonar o instrumento, tomou em consideração o conselho de seu empregado. O capim e o mato cobriam as suas terras. As laranjeiras, os abacateiros, as mangueiras estavam sujas, [269] galhos mortos, e cobertos de uma medusina cabeleira de erva de passarinho; mas, como não fosse época própria à poda e ao corte dos galhos, Quaresma limitou-se a capinar por entre os pés das fruteiras. De manhã, logo ao amanhecer, ele mais o Anastácio, lá iam, de enxada ao ombro, para o trabalho do campo. O sol era forte e rijo; o verão estava no auge, mas Quaresma era inflexível e corajoso. Lá ia.

Era de vê-lo, coberto com um chapéu de palha de coco, atracado a um grande enxadão de cabo nodoso, ele, muito pequeno, míope, a dar golpes sobre golpes para arrancar um teimoso pé de guaximba. A sua enxada mais parecia uma draga, um escavador, que um pequeno instrumento agrícola. Anastácio, junto ao patrão, olhava-o com piedade e espanto. Por gôsto andar naquele sol a capinar sem saber?... Há cada cousa neste mundo!

E os dous iam continuando. O velho preto, ligeiro, rápido, raspando o mato rasteiro, com a mão habituada, a cujo impulso a enxada resvalava sem obstáculo pelo solo, destruindo a erva má; Quaresma, furioso, a arrancar torrões de terra daqui, dali, demorando-se muito em cada arbusto e, às vezes, quando o golpe falhava e a lâmina do instrumento roçava a terra, a força era tanta que se erguia uma poeira infernal, fazendo supor que por aquelas paragens passara um pelotão de cavalaria. Anastácio, então, intervinha humildemente, mas em tom professoral:

– Não é assim, *seu majó*. Não se mete a enxada pela terra adentro. É de leve, assim.

E ensinava ao Cincinato inexperiente o jeito de servir-se do velho instrumento de trabalho.

Quaresma agarrava-o, punha-se em posição e procurava com toda a boa vontade usá-lo da maneira ensinada. Era em vão. O *flange* batia na erva, a enxada saltava e ouvia-se um pássaro ao alto soltar uma piada irônica: bem-te-vi! O Major enfurecia-se, tentava outra vez, fatigava-se, suava, enchia-se de fúria[270] e batia com toda a força; e houve várias vezes que a enxada, batendo em falso, escapando ao chão, fê-lo perder o equilíbrio, cair, e beijar a terra, mãe dos frutos e dos homens.[271]

O *pince-nez* saltava, partia-se de encontro a um seixo. O Major ficava todo enfurecido e voltava com mais vigor[272] e energia à tarefa que se impusera; mas, tanto é em nossos músculos firme a memória ancestral desse sagrado trabalho de tirar da terra o sustento de nossa vida, que não foi impossível a Quaresma acordar nos seus o jeito, a maneira de empregar a enxada vetusta.

Ao fim de um mês, ele capinava razoavelmente, não seguido, de sol a sol, mas com grandes repousos de hora em hora que a sua idade e falta de hábito requeriam.

Às vezes, o fiel Anastácio seguia-o no descanso e ambos, lado a lado, à sombra de uma fruteira mais copada, ficavam a ver o ar pesado daqueles dias de verão que enrodilhava

[269] No livro: "sujos, cheios de".
[270] No livro: "raiva".
[271] No livro, o parágrafo não quebra aqui, mas depois de "[...] de encontro a um seixo".
[272] No livro: "rigor".

as folhas das árvores e punha nas cousas um forte acento de resignação mórbida. Então, aí por depois do meio-dia, quando o calor parecia narcotizar tudo e mergulhar em silêncio a vida inteira, é que o velho Major percebia bem a alma dos trópicos, feita de desencontros como aquele que se via agora, de um sol alto, claro, olímpico, a brilhar sobre um torpor de morte, que ele mesmo provocava.

Almoçavam mesmo no eito, comidas do dia anterior, aquecidas rapidamente sobre um improvisado fogão de calhaus, e o trabalho ia assim até à hora do jantar. Havia em Quaresma um entusiasmo sincero, entusiasmo de ideólogo que quer pôr em prática a sua idéia. Não se agastou com as primeiras ingratidões da terra, aquele seu mórbido amor pelas ervas daninhas e o incompreensível ódio pela enxada fecundante. Capinava e capinava sempre até vir jantar.

Esta refeição ele fazia mais demorada. Conversava um pouco com a irmã, contava-lhe a tarefa do dia, consistindo sempre em avaliar a área já limpa.

– Sabes, Adelaide, amanhã estarão as laranjeiras limpas, não ficará nem mais uma touceira de mato.

A irmã, mais velha que ele, não partilhava aquele seu entusiasmo pelas cousas da roça. Seguia-o[273] silenciosa, e, se viera viver com ele, não foi senão pelo hábito de acompanhá-lo. Decerto, ela o estimava, mas não o compreendia. Não chegava a entender nem os seus gestos nem a sua agitação interna. Por que não seguira ele o caminho dos outros? Não se formara e se fizera deputado? Era tão bonito... Andar com livros, anos e anos, para não ser nada, que doideira! Seguira-o ao "Sossego" e, para entreter-se, criava galinhas, com grande alegria do irmão cultivador.

– Está direito, dizia ela, quando o irmão lhe contava as cousas do seu trabalho. Não vá ficar[274] doente... Neste sol todo o dia...

– Qual, doente, Adelaide! Não estás vendo como essa gente tem tanta saúde por aí... Se adoecem, é porque não trabalham.

Acabado o jantar, Quaresma chegava à janela que dava para o galinheiro e atirava migalhas de pão às aves.

Ele gostava desse espetáculo, daquela luta encarniçada entre patos, gansos, galinhas, pequenos e grandes. Dava-lhe uma imagem reduzida da vida e dos prêmios que ela comporta. Depois, fazia indagações sobre a vida do galinheiro:

– Já nasceram os patos, Adelaide?

– Ainda não. Faltam oito dias ainda.

E logo a irmã acrescentava:

– Tua afilhada deve casar-se sábado, tu não vais?

– Não. Não posso... Vou incomodar-me, luxo... Mando um leitão e um peru.

– Ora, tu! Que presente!

– Que é que tem? É da tradição.

Justamente estavam nesse dia assim a conversar as dous irmãos na sala de jantar da velha casa roceira, quando Anastácio veio avisar-lhes que se achava um cavalheiro na porteira.

Desde que ali se instalara, nenhuma visita batera à porta de Quaresma, a não ser a

[273] No livro: "Considerava-o".
[274] No livro: "ficares".

gente pobre do lugar, a pedir isso ou aquilo, esmolando disfarçadamente. Ele mesmo não travara conhecimento com ninguém, de modo que foi com surpresa que recebeu o aviso do velho preto.

Apressou-se em ir receber o visitante na sala principal. Ele já subia a pequena escada da frente e penetrava pela varanda adentro.

– Boas tardes, Major.

– Boas tardes. Faça o favor de entrar.

O desconhecido entrou e sentou-se. Era um tipo comum, mas o que havia nele de estranho, era a gordura. Não era desmedida ou grotesca, mas tinha um aspecto desonesto. Parecia que a fizera de repente e comia, a mais não poder, com medo de a perder de um dia para outro. Era assim como a de um lagarto que entesoura enxúndia para o inverno ingrato. Através da gordura de suas bochechas, via-se perfeitamente a sua magreza natural, normal, e se devia ser gordo não era naquela idade, com pouco mais de trinta anos, sem dar tempo que todo ele engordasse; porque, se as suas faces eram gordas, as suas mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis. O visitante falou:

– Eu sou o Tenente Antonino Dutra, escrivão da coletoria...

– Alguma formalidade? indagou medroso Quaresma.

– Nenhuma, Major. Já sabemos quem o senhor é; não há novidade nem nenhuma exigência legal.

O escrivão tossiu, tirou um cigarro, ofereceu outro a Quaresma e continuou.

– Sabendo que o Major vem estabelecer-se aqui, tomei a iniciativa de vir incomodá-lo... Não é cousa de importância... Creio que o Major...

– Oh! Por Deus, Tenente!

– Venho pedir-lhe um pequeno auxílio, um óbolo, para a festa da Conceição, a nossa padroeira, de cuja irmandade sou tesoureiro.

– Perfeitamente. É muito justo. Apesar de não ser religioso, estou...

– Uma cousa nada tem com a outra. É uma tradição do lugar que devemos manter.

– É justo.

Quinta-feira, 7 de setembro.

– O senhor sabe, continuou o escrivão, a gente daqui é muito pobre e a irmandade também, de forma que somos obrigados a apelar para a boa vontade dos moradores mais remediados. Desde já, portanto, Major...

– Não. Espere um pouco...

– Oh! Major, não se incomode, Não é pra já.

Enxugou o suor, guardou o lenço, olhou um pouco lá fora e acrescentou:

– Que calor! Um verão como este nunca vi aqui. Tem-se dado bem, Major?

– Muito bem.

– Pretende dedicar-se à agricultura?

– Pretendo, e foi mesmo por isso que vim para a roça.

– Isto hoje não presta, mas noutro tempo!... Este sítio já foi uma lindeza, Major! Quanta fruta, quanta farinha! As terras estão cansadas e...

– Qual cansadas, *seu* Antonino! Não há terras cansadas... A Europa é cultivada há

milhares de anos, entretanto...

– Mas lá se trabalha.

– Por que não se há de trabalhar aqui também?

– Lá isso é verdade; mas há tantas contrariedades na nossa terra que...

– Qual, meu caro Tenente! Não há nada que não se vença.

– O senhor verá com o tempo, Major. Na nossa terra não se vive senão de política, fora disso, babau! Agora mesmo anda tudo brigado por causa da questão da eleição de deputados...

Ao dizer isto, o escrivão lançou por baixo das suas pálpebras gordas um olhar pesquisador sobre a ingênua fisionomia de Quaresma.

– Que questão é? indagou Quaresma.

O Tenente parecia que esperava a pergunta e logo fez com alegria:

– Então não sabe?

– Não.

– Eu lhe explico: o candidato do governo é o Dr. Castrioto, moço honesto, bom orador; mas entenderam aqui certos Presidentes de Câmaras Municipais do Distrito que se hão de sobrepor ao governo, só porque o Senador Guariba rompeu com o governador; e – zás – apresentaram um tal Neves que não tem serviço algum ao partido e nenhuma influência... Que pensa o senhor?

– Eu... Nada!

O serventuário do fisco ficou espantado. Havia no mundo um homem que, sabendo e morando no município de Curuzu, não se incomodasse com a briga do Senador Guariba com o governador do Estado! Não era possível! Pensou e sorriu levemente. Com certeza, disse ele consigo, este[275] quer ficar bem com os dous, para depois arranjar-se sem dificuldade. Estava tirando sardinha com mão de gato... Aquilo devia ser um ambicioso matreiro; era preciso cortar as asas daquele *estrangeiro*, que vinha não se sabe donde!

– O Major é um filósofo, disse ele com malícia.

– Quem me dera? fez com ingenuidade Quaresma.

Antonino ainda fez rodar um pouco a conversa sobre a grave questão, mas, desanimado de penetrar nas tenções ocultas do Major, apagou a fisionomia e disse em ar de despedida:

– Então o Major não se recusa a concorrer para a nossa festa, não é?

– Decerto.

Os dous se despediram. Debruçado na varanda, Quaresma ficou a vê-lo montar no seu pequeno castanho, luzidio de suor, gordo e vivo. O escrivão afastou-se, desapareceu na estrada, e o Major ficou a pensar no interesse estranho que essa gente punha nas lutas políticas, nessas tricas eleitorais, como se nelas houvesse qualquer cousa de vital e importante. Não atinava porque uma rezinga entre dous figurões importantes vinha pôr desarmonia entre tanta gente, cuja vida estava tão fora da esfera daqueles. Não estava ali a terra boa para cultivar e criar? Não exigia ela uma árdua luta diária? Por que não se empregava o esforço que se punha naqueles barulhos de votos, de atas, no trabalho de fecundá-la, de tirar dela seres, vidas – trabalho igual ao de Deus e dos artistas? Era tolo estar a pensar em governadores e guaribas, quando a nossa vida pede tudo à terra e ela quer

[275] No livro: "este malandro".

carinho, luta, trabalho e amor...[276]

O trem apitou e ele demorou-se a vê-lo chegar. É uma emoção especial de quem mora longe, essa de ver chegar os meios de transporte que nos põem em comunicação com o resto do mundo. Há uma mescla de medo e de alegria. Ao mesmo tempo que se pensa em boas novas, pensam-se também más. A alternativa angustia...[277] O trem ou o vapor como que vem do indeterminado, do Mistério, e traz, além de notícias gerais[278], também o gesto, um sorriso, a voz das pessoas que amamos e estão longe.

Quaresma esperou o trem. Ele chegou arfando e se estirando como um réptil pela estação afora à luz forte do sol poente. Não se demorou muito. Apitou de novo e saiu a levar notícias, amigos, riquezas, tristezas por outras estações além. O Major pensou ainda um pouco como aquilo era bruto e feio, e como as invenções do nosso tempo se afastam tanto da linha imaginária da beleza que os nossos educadores de dous mil anos atrás nos legaram. Olhou a estrada que levava à estação. Vinha um sujeito... Dirigia-se para a sua casa... Quem podia ser? Limpou o *pince-nez* e assestou-o para o homem que caminhava com pressa... Quem era? Aquele chapéu dobrado, como um morrião... Aquele fraque comprido... Passo miúdo... Um violão! Era ele!

– Adelaide, está aí o Ricardo.

* * * * *

Quinta-feira, 7 de setembro (cont.).

LIVRO SEGUNDO
II

Espinhos e flores

_____

OS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO SÃO a mais curiosa cousa em matéria de edificação da cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influiu decerto para tal aspecto, porém mais influíram[279] os azares das construções.

Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as

[276] Parágrafo incluído no livro:

O sufrágio universal pareceu-lhe um flagelo.

[277] No livro, há aqui quebra de parágrafo.

[278] No livro: "gerais, boas ou más,".

[279] No livro: "mais influíram, porém,".

ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como boulevards e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado.

Às vezes se sucedem na mesma direção com uma freqüência irritante, outras se afastam, e deixam de permeio um longo intervalo coeso e fechado de casas. Num trecho, há casas amontoadas umas sobre outras numa angústia de espaço desoladora, logo adiante um vasto campo abre ao nosso olhar uma ampla perspectiva.

Marcham assim ao acaso as edificações e conseguintemente o arruamento. Há casas de todos os gostos e construídas de todas as formas.

Vai-se por uma rua a ver um correr de *chalets*, de porta e janela, parede de frontal, humildes e acanhados, de repente se nos depara uma casa burguesa, dessas de compoteiras na cimalha rendilhada, a se erguer sobre um porão alto com mezaninos gradeados. Passada essa surpresa, olha-se acolá e dá-se com uma choupana de pau a pique, coberta de zinco ou mesmo palha, em torno da qual formiga uma população; adiante, é uma velha casa de roça, com varanda e colunas de estilo pouco classificável, que parece vexada e se querer ocultar[280] diante daquela onda de edifícios disparatados e novos.

Não há nos nossos subúrbios cousa alguma que nos lembre os famosos das grandes cidades européias, com as suas vilas de ar repousado e satisfeito, as suas estradas e ruas macadamizadas e cuidadas, nem mesmo se encontram aqueles jardins, cuidadinhos, aparadinhos, penteadinhos[281], porque os nossos, se os há, são em geral pobres, feios e desleixados.

Os cuidados municipais também são variáveis e caprichosos. Às vezes, nas ruas, há passeios, em certas partes e outras não; algumas vias de comunicação são calçadas e outras da mesma importância estão ainda em estado de natureza. Encontra-se aqui um pontilhão bem cuidado sobre o rio seco e passos além temos que atravessar um ribeirão sobre uma pinguela de trilhos mal juntos.

Há pelas ruas damas elegantes, com sedas e brocados, evitando a custo que a lama ou o pó lhes empanem o brilho do vestido; há operários de tamancos; há peralvilhos à última moda; há mulheres de chita; e assim pela tarde, quando essa gente volta do trabalho ou do passeio, a mescla se faz numa mesma rua, num quarteirão, e quase sempre o mais bem posto não é que entra na melhor casa.

Além disto, os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodos (quem as suporia lá!) constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino.

Não se podem imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas da gente que habita tais caixinhas. Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos deparar velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias, castradores de gatos, cães e galos, mandingueiros, catadores de ervas medicinais, enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequena e grande burguesias não podem adivinhar.

[280] No livro: “querer ocultar-se”.
[281] No livro: “penteados”.

Às vezes num cubículo desses se amontoa uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta do níquel do trem.

Ricardo Coração dos Outros morava em uma pobre casa de cômodos de um dos subúrbios. Não era das sórdidas, mas era uma casa de cômodos dos subúrbios.

Desde anos que ele a habitava e gostava da casa que ficava trepada sobre uma colina, olhando a janela do seu quarto para uma ampla extensão edificada que ia da Piedade a Todos os Santos. Vistos assim do alto, os subúrbios têm a sua graça. As casas pequeninas, pintadas de azul, de branco, de oca, engastadas nas cores verdejantes[282] das mangueiras, tendo de permeio, aqui e ali, um coqueiro ou uma palmeira, alta e soberba, fazem a vista boa e a falta de percepção do desenho das ruas põe no panorama um sabor de confusão democrática, de solidariedade perfeita entre as gentes que as habitam[283]; e o trem minúsculo, rápido, atravessa tudo aquilo, dobrando à esquerda, inclinando-se para a direita, muito flexível nas suas grandes vértebras de carros, como uma cobra entre pedrouços.

Sexta-feira, 8 de setembro.

Era daquela janela que Ricardo espraiava as suas alegrias, as suas satisfações, os seus triunfos e também os seus sofrimentos e mágoas.

Ainda agora estava ele lá, debruçado no peitoril, com a mão em concha no queixo, colhendo com a vista uma grande parte daquela bela, grande e original cidade, capital de um grande país, de que ele a modos que era e se sentia ser, a alma, consubstanciando os seus tênues sonhos e desejos em versos discutíveis, mas que a plangência do violão, se não lhes dava sentido, dava um quê de balbucio, de queixume dorido da pátria criança ainda, ainda na sua formação...

Em que pensava ele? Não pensava só, sofria também. Aquele tal preto continuava na sua mania de querer fazer a modinha dizer alguma cousa, e tinha adeptos. Alguns já o citavam como rival dele, Ricardo; outros já afirmavam que o tal rapaz deixava longe o Coração dos Outros, e alguns mais – ingratos! – já esqueciam os trabalhos, o tenaz trabalhar de Ricardo Coração dos Outros em prol do levantamento da modinha e do violão, e nem nomeavam o abnegado obreiro.

Com o olhar perdido, Ricardo lembrava-se de sua infância, daquela sua aldeia sertaneja, da casinha dos seus pais, com seu curral e o mugido dos vitelos... E o queijo? Aquele queijo tão substancial, tão forte, feio como aquela terra, mas feraz como ela tanto que bastava comer dele uma pequena fatia para se sentir almoçado... E as festas? Saudades... E o violão, como aprendeu? O seu mestre, o Maneco Borges, não lhe predissera o futuro: "Irás longe, Ricardo. A viola quer teu coração".

Por que então aquele encarniçamento, aquele ódio contra ele – ele que trouxera para esta terra de estrangeiros a alma, o suco, a substância do país!

E as lágrimas lhe saltaram quentes dos olhos afora. Olhou um pouco as montanhas, farejou o mar lá longe... Era bela a terra, era linda, era majestosa, mas parecia ingrata e áspera no seu granito onipresente que se fazia negro e mau quando não era amaciado pela

---

[282] No livro: "comas verde-negras".
[283] No folhetim, está no singular: "habita".

verdura das árvores.

E ele estava ali só, só com a sua glória e o seu tormento, sem amor, sem confidente, sem amigo, só como um deus ou como um apóstolo em terra ingrata que não lhe quer ouvir a boa nova.

Sofria em não ter um peito amado, amigo em que derramasse aquelas lágrimas que iam cair no solo indiferente. Por aí, lembrou-se dos famosos versos: *Se choro... bebe o pranto a areia ardente...*

Com a lembrança, ele baixou um pouco o olhar à terra e viu que, no tanque da casa, um tanto escondida dele, uma rapariga preta lavava. Ela abaixava o corpo sobre a roupa, carregava todo o seu peso, ensaboava-a ligeira, batia-a de encontro à pedra, e recomeçava. Teve pena daquela pobre mulher, duas vezes triste na sua condição e na sua cor. Veio-lhe um afluxo de ternura e, depois, pôs-se a pensar no mundo, nas desgraças, ficando um instante enleado no enigma do nosso miserável destino humano.

A rapariga não o viu, distraída com o trabalho; e se pôs a cantar:

Da doçura dos teus olhos
A brisa inveja já tem
.....

Era dele. Ricardo sorriu satisfeito e teve vontade de ir beijar aquela pobre mulher, abraçá-la...

E como eram as cousas? Ele recebia lenitivo daquela rapariga; era a sua humilde e dorida voz que vinha afagar o seu tormento! Vieram-lhe então à memória aqueles versos do Padre Caldas, esse seu antecessor feliz que teve um auditório de fidalgas:

Sereno alegrou os outros
E nunca teve alegria...

Enfim era uma missão!... A rapariga acabou de cantar e Ricardo não se pôde conter:

– Vai bem, D. Alice, vai bem! Se não fosse, por que lhe pedia bis?

A rapariga estendeu a cabeça, reconheceu quem falava e disse:

– Não sabia que o senhor estava aí, senão não cantava na vista do senhor.

– Qual o quê! Posso garantir-lhe que está bom, muito bom. Cante.

– Deus me livre! Para o senhor me *acriticar*...

Embora insistisse muito, a rapariga não quis continuar. As mágoas pareciam ter passado do pensamento de Ricardo. Veio ao interior do quarto e pôs-se à mesa na tenção de escrever.

O seu quarto tinha o mobiliário mais reduzido possível. Havia uma rede com franjas de rendas, uma mesa de pinho, sobre ela objetos de escrever; uma cadeira, uma estante com livros, e, pendurado a uma parede, o violão na sua armadura de camurça. Havia também uma máquina para fazer café.

Sábado, 9 de setembro.

Sentou-se e quis começar uma modinha sobre a Glória, essa cousa fugace, que se tem e se pensa que não se tem, alguma cousa impalpável, incolhível como um sopro, que nos alanceia, queima, inquieta e abrasa como o Amor.

Tentou começar, dispôs o papel, mas não pôde. A emoção tinha sido forte, toda a sua natureza tinha sido lavrada, baralhada, com a idéia daquele furto que se queria fazer ao seu mérito. Não pôde[284] assentar o pensamento, apanhar as palavras no ar, sentir a música zumbir no ouvido.[285] A manhã ia alta. As cigarras defronte chilreavam no tamarineiro desfolhado; começava a esquentar e o céu estava de um azul ligeiro, tênue, fino. Quis sair, procurar um amigo, espairecer com ele, mas quem? Ainda se o Quaresma... Ah! O Quaresma! Esse, sim, trazia-lhe conforto e consolo.

É verdade que ultimamente esse seu amigo achava-se pouco interessada pela modinha; mas assim mesmo compreendia o seu propósito, os fins e o alcance da obra a que ele, Ricardo, se propunha. Ainda se o Major estivesse perto, mas tão longe! Consultou as algibeiras. Não chegava a dous mil-réis a sua fortuna. Como ir? Arranjaria um passe e iria. Bateram à porta. Traziam-lhe uma carta. Não reconheceu a letra; rasgou o envelope com emoção. Que seria? Leu:

> "Meu caro Ricardo – Saúde – Minha filha Quinota casa-se depois de amanhã, quinta-feira. Ela e o noivo fazem muito gôsto que você apareça. Se o amigo não estiver comprometido com alguém, agarre o violão e venha até cá tomar uma chávena de chá conosco – Seu amigo Albernaz".

O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia. Até então estava carregada e dura; quando acabou de ler o bilhete, um sorriso brincava por toda ela, descia e subia, ia de uma face a outra. O General não o abandonara; para o respeitável militar, Ricardo Coração dos Outros ainda era o rei do violão. Iria e arranjaria passagem com o antigo vizinho de Quaresma. Contemplou um pouco o violão, demoradamente, ternamente, agradecidamente como a[286] um ídolo benfazejo.

Quando Ricardo penetrou em casa do General Albernaz, o último brinde havia sido levantado e todos se dirigiam para a sala de visitas em pequenos grupos. D. Maricota vestia seda malva e o seu busto curto parecia ainda mais abafado, mais socado, naquele tecido caro que parece requerer corpos elegantes e flexíveis. Quinota estava radiante no vestido de noiva. Ela era alta, de feições mais regulares que a irmã Ismenia, mas menos interessante e mais comum de temperamento e alma, embora faceira. Dudu[287], a terceira filha do General, que já se ajeitava a moça, tinha muito pó de arroz, estava sempre a concertar o penteado e o sorrir para o Tenente Fontes. Um casamento bem cotado e esperado. Genelício dava o braço à noiva, encasacado numa casaca larga[288], que punha bem à mostra a sua gibosidade, e caminhava todo atrapalhado nos sapatos de verniz apertados[289].

---

[284] No livro: "conseguiu".
[285] No livro, há aqui quebra de parágrafo.
[286] No livro: "como se fosse".
[287] No livro: "Lalá".
[288] No livro: "casaca mal talhada".
[289] No livro: "nos apertados sapatos de verniz".

Ricardo não os viu passar, pois ao entrar, a fila estava no General, metido num segundo uniforme dos grandes dias, que lhe ia mal como a farda de um guarda nacional endomingado; mas, quem tinha um ar importante, marcial e navegado, ao mesmo tempo palaciano, era o Contra-Almirante Caldas. Fôra padrinho e estava irrepreensível na sua casaca do uniforme. As âncoras reluziam como metais de bordo em hora de revista e os seus favoritos, muito penteados, alargavam a sua face e pareciam desejar com ardor os grandes ventos do vasto oceano sem fim. Ismenia estava de rosa e andava pelas salas com o seu ar dolente, com o seu vagar, com os seus gestos lentos, dando providências. O Lulu, o único filho do General, impava no seu uniforme do Colégio Militar, cheio de dourados e cabelos, tanto mais que passara de ano, graças aos empenhos do pai.

O General não tardou em vir falar com Ricardo; e os noivos, quando o trovador os cumprimentou, agradeceram-lhe muito, e até Quinota disse um – sou muito feliz... – deitando a cabeça de lado e sorrindo para o chão, sorriso que encheu de imenso transporte a cândida alma do menestrel.

Deram começo às danças e o General, o Almirante, o Major Innocencio Bustamante, que também viera de uniforme, com a sua banda roxa de honorário, o Dr. Florêncio, Ricardo e dous convidados outros foram para a sala de jantar palestrar um pouco.

O General estava satisfeito. Sonhava há tantos anos uma cerimônia daquelas em sua casa e enfim pela primeira vez via realizado esse anseio.

A Ismenia foi aquela desgraça... O ingrato!... Mas para que recordar?

Os cumprimentos se repetiram.

– É um rapagão, o seu novo genro, disse um dos convidados novos.

O General tirou o *pince-nez* que era preso por um trancelim de ouro, e enquanto o limpava, respondeu, olhando com aquele jeito dos míopes:

– Estou muito contente.

Por aí pôs o *pince-nez*, endireitou o trancelim e continuou:

– Creio que casei bem minha filha; rapaz formado, bem encaminhado e inteligente.

O Almirante acudiu:

– E que carreira! Não é por ser meu parente, mas com trinta e dous anos primeiro escriturário do Tesouro, é cousa nunca vista.

Terça-feira, 12 de setembro.

– O Genelício não está no Tribunal de Contas, não passou? perguntou Florêncio.

– Passou, mas é a mesma cousa, replicou o outro convidado novo, que era da amizade do recém-casado.

De fato, Genelício tinha arranjado a transferência e não fôra só isso que o decidira a casar-se. Tendo escrito uma – *Síntese de Contabilidade Pública Científica* – viu-se, sem saber como, cumulado de elogios pela *imprensa desta capital*. O Ministro, atendendo ao mérito excepcional da obra, mandou-lhe dar dous contos de prêmio, tendo sido a edição feita à custa do Estado, na Imprensa Nacional. Era um grosso volume de 400 páginas, tipo

12, com uma basta documentação de decretos e portarias[290].

A primeira frase da primeira parte, o quinhão do livro verdadeiramente sintético e científico, fôra até muito notada e gabada[291] pelos críticos, não só pela novidade da idéia, como também pela beleza da expressão.

Dizia assim: "A Contabilidade Pública é a arte ou ciência de escriturar convenientemente a despesa e receita do Estado".

Além do prêmio e da transferência, ele já tinha promessa de ser subdiretor na primeira vaga.

Ouvindo tudo aquilo[292] que tinham dito o Almirante, o General e os convidados novos, o Major não pôde deixar de observar:

– Depois da militar, a melhor carreira é a de Fazenda, não acham?

– Sim... Bem entendido, fez o Dr. Florêncio.

– Eu não quero falar dos formados, apressou-se o Major. Esses...

Ricardo sentia-se na obrigação de dizer qualquer cousa e foi soltando a primeira frase que lhe veio aos lábios:

– Quando se prospera, todas as profissões são boas.

– Não é tanto assim, obtemperou o Almirante, alisando um dos favoritos. Não é para desfazer nas outras, mas a nossa, hein Albernaz? Hein Innocencio?

Albernaz levantou a cabeça como se sonhasse[293] e depois replicou:

– É, mas tem os seus percalços, Quando se está numa trapalhada, fogo daqui, tiro dali, morre um, grita outro como em Curupaiti, então...

– O senhor esteve lá, General? perguntou o convidado amigo de Genelício.

– Não estive, Adoeci e vim para o Brasil. Mas o Camisão... Não imaginam o que foi – você sabe, não é Innocencio?

– Se estive lá...

– Polydoro tinha ordem de atacar Sauce, Flores à esquerda e *nós* caímos sobre os paraguaios. Mas os malandros estavam bem entrincheirados, tinham aproveitado o tempo.

– Foi *seu* Mitre, disse Innocencio.

– Foi. Atacamos com fúria. Era um ribombar de canhões que metia medo, bala por todo canto, os homens morriam como moscas... Um inferno!

– Quem venceu? perguntou um dos convidados novos.

Todos se entreolharam admirados, exceto o General que julgava a sabedoria do Paraguai excepcional.

– Foram os paraguaios, isto é, repeliram o nosso ataque. É por isso que eu digo que a nossa profissão é bela, mas tem as suas *cousas*.

– Isso não quer dizer nada, Também na passagem de Humaitá... ia dizendo o Almirante.

– O senhor estava a bordo?

– Não, eu fui mais tarde. Perseguições fizeram com que eu não fosse designado,

---

[290] No livro: "quatrocentas páginas, tipo doze, escrito em estilo de oficio, com uma basta documentação de decretos e portarias, ocupando dous terços do livro".

[291] No folhetim, estão no masculino: "notado e gabado".

[292] No livro: "tudo isso".

[293] No livro: "como se quisesse apanhar no ar uma lembrança".

porque o embarque equivalia a uma promoção... Mas, na passagem de Humaitá...

Na sala de visitas as danças continuavam com animação. Era raro que alguém viesse lá de dentro até onde eles estavam. Os risos, a música, e o mais que se adivinhava não distraíam aqueles homens das suas preocupações belicosas.

O General, o Almirante e o Major enchiam de pasmo aqueles burgueses pacíficos, contando batalhas em que não estiveram e pugnas valorosas que não pelejaram.

Não há como um cidadão pacato, bem comido, tendo tomado alguns vinhos generosos, para apreciar as narrações de guerra. Ele só vê a parte pitoresca, a parte por assim dizer espiritual das batalhas, dos encontros; os tiros são os de salva e se matam é cousa de somenos. A Morte mesmo, nas narrações feitas assim, perde a sua importância trágica: três mil mortos, só!!!

De resto, contadas pelo General Albernaz, que nunca tinha visto a guerra, a cousa ficava edulcorada, uma guerra "bibliothèque rose", guerra de estampa popular, em que não aparecem a carniçaria, a brutalidade e a ferocidade normais.

Estavam Ricardo, o Dr. Florêncio, o exato empregado como engenheiro das águas, aqueles dous recentes conhecimentos de Albernaz, embevecidos, boquiabertos e invejosos diante das provas[294] imaginárias daqueles três militares, um honorário, talvez o menos pacífico dos três, o único que tivesse mesmo tomado parte em alguma cousa guerreira – quando D. Maricota chegou, sempre diligente, altiva, dando movimento e vida à festa. Era mais moça que o marido, tinha ainda os cabelos pretos inteiramente[295] na sua cabeça pequena, que contrastava tanto com o seu corpo enorme. Ela vinha ofegante e dirigiu-se ao marido:

– Então, Chico, que é isso? Ficam ai e eu que faça sala, que anime as moças... Pra sala todos!

– Já vamos, D. Maricota, disse alguém.

– Não, fez com rapidez a dona da casa, é já. Vamos, *seu* Caldas, *seu* Ricardo, os senhores!

E foi empurrando um a um pelo ombro.

– Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o senhor... Está ouvindo, *seu* Ricardo!

– Pois não, minha senhora. É uma ordem...

E foram. No caminho o General parou um pouco, chegou-se a Coração dos Outros e perguntou:

– Diga-me uma cousa: como vai o nosso amigo Quaresma?

– Vai bem.

– Tem-lhe escrito?

– Às vezes. Eu queria, General...

O General suspendeu a cabeça, levantou um pouco o *pince-nez* que começava a cair, e perguntou:

– O quê?

Ricardo ficou intimidado com o ar marcial com que Albernaz lhe fez a pergunta. Depois de uma ligeira hesitação, respondeu de um jato, com medo de perder as palavras.

---

[294] No livro: "proezas".
[295] No livro: "inteiramente pretos os cabelos".

– Eu queria que o senhor me arranjasse uma passagem, um passe, para ir vê-lo.

O General esteve uns instantes de cabeça baixa, coçou o cabelo e disse:

– Isso é difícil, mas você apareça lá, na repartição, amanhã.

E continuaram a andar. Ainda andando, Coração dos Outros acrescentou:

– Estou com saudades dele, depois tenho certos desgostos... O senhor sabe: um homem que tem nome...

– Vá lá amanhã.

D. Maricota apareceu na frente e falou agastada:

– Vocês não vêm!

– Já vamos, fez o General.

E depois, dirigindo-se a Ricardo, ajuntou:

– Aquele Quaresma podia estar bem, mas foi meter-se com livros... É isto![296]

Chegaram à sala. Era vasta. Tinha dous grandes retratos em pesadas molduras douradas, furiosos retratos a óleo de Albernaz e da mulher; um espelho oval e alguns quadrinhos, e a decoração estava completa. Da mobília não se pode julgar, tinha sido retirada, para dar mais espaço aos dançantes. A noiva e o noivo estavam no sofá sentados a presidir a festa. Havia um ou outro decote, poucas casacas, algumas sobrecasacas e muitos fraques. Por entre as cortinas de uma janela, Ricardo pôde ver a rua. A calçada defronte estava cheia. A casa era alta e tinha jardim; só de lá os curiosos, os *serenos*, podiam ver alguma cousa da festa. Lalá, no vão de uma sacada, conversava com o Tenente Fontes. O General contemplou-os e abençoou-os com um olhar aprovador...

A moça, a formosa[297] filha do Lemos, dispôs-se a cantar. Foi ao piano, colocou a partitura e começou. Era uma *romanza* italiana que ela cantou com a perfeição e o mau gôsto de uma moça bem-educada. Acabou. Palmas gerais, mas frias, soaram.

O Dr. Florêncio que ficara atrás do General, comentou:

– Tem uma bela voz esta moça. Quem é?

– É a filha do Lemos, o Dr. Lemos da Higiene, respondeu o General.

– Canta muito bem.

– Está no último ano do conservatório, observou ainda Albernaz.

Chegou a vez de Ricardo. Ele ocupou um canto da sala, agarrou o violão, afinou-o, correu a escala; em seguida, tomou o ar trágico de quem vai representar o *Oedipo-Rei* e falou com voz grossa: "Senhoritas, senhores e senhoras". Concertou a voz e continuou: "Vou cantar "Os teus braços", modinha de minha composição, música e versos. É uma composição terna, decente e de uma poesia exaltada". Seus olhos, por aí, quase lhe saíam das órbitas. Emendou: "Espero que nenhum ruído se ouça, porque senão a inspiração se evola. É o violão instrumento muito... mui... to *dê li cá dô*. Bem".

A atenção era geral. Deu começo. Principiou brando, gemebundo, macio e longo, como um soluço de onda; depois, houve uma parte rápida, saltitante, em que o violão estalava. Alternando um andamento e outro, a modinha acabou.

Aquilo tinha ido ao fundo de todos, tinha acudido ao sonho das moças e aos desejos dos homens. As palmas foram ininterruptas. O General abraçou-o, Genelício levantou-se e deu-lhe a mão, Quinota, no seu imaculado vestido de noiva, também.

---

[296] No livro: "É isto! Eu, há bem quarenta anos, que não pego em livro...".

[297] No livro: "famosa".

Para fugir aos cumprimentos, Ricardo correu à sala de jantar. No corredor chamavam-no: Sr. Ricardo, Sr. Ricardo! Voltou-se. Que ordena minha senhora? Era uma moça que lhe pedia uma cópia da modinha.

– Não se esqueça, dizia ela com meiguice, não se esqueça. Gosto tanto das suas modinhas... São tão ternas, tão delicadas... Olhe: dê aqui a Ismenia para me entregar.

A noiva de Cavalcanti aproximava-se e, ouvindo falar em seu nome, perguntou:

– Que é, Dulce?

A outra explicou-lhe. Ela aceitou a incumbência e, por sua vez, perguntou a Ricardo com a sua voz dolente:

– *Seu* Ricardo, quando é que o senhor pretende estar com D. Adelaide?

– Depois de amanhã, espero eu.

– Vai lá?

– Vou.

– Pois então diga-lhe que me escreva. Eu queria tanto receber uma carta...

E limpou os olhos furtivamente, com o seu pequenino lenço rendado.

* * * * *

Quarta-feira, 13 de setembro.

LIVRO SEGUNDO
III

Golias

JUSTAMENTE NO SÁBADO[298] DA SEMANA seguinte àquela em que a filha do General recebera como marido o grave e giboso Genelício, glória e orgulho do nosso funcionalismo público, Olga casara-se. A cerimônia correra com a pompa e a riqueza acostumada em pessoas de sua camada. Houve uns arremedos parisienses de *corbeille* de noiva e outros pequenos detalhes *chics*, que não a aborreceram, mas que não a encheram lá de satisfação maior que as noivas comuns. Talvez nem mesmo essa ela tivesse.

Não foi para a igreja em virtude de uma determinação certa de sua vontade. Continuava a não encontrar dentro de si motivo para aquele ato, mas, aparentemente, nenhuma vontade estranha à sua influíra para isso. O marido é que estava contente. Não seria muito com a noiva, mas com a volta que a sua vida ia tomar. Ficando rico e sendo médico, cheio de talento nas notas e recompensas escolares, via diante de si uma larga

[298] No livro: "No sábado".

estrada de triunfos nas posições e na indústria clínica. Não tinha fortuna alguma, mas julgava o seu banal título um foral de nobreza, equivalente àqueles com que os autênticos fidalgos da Europa brunem o nascimento das filhas dos salchicheiros *yankees*. Apesar de ser seu pai um importante fazendeiro por aí, em algum lugar deste Brasil, o sogro lhe dera tudo e tudo ele aceitara sem pejo, com o desprezo de um duque, duque de plenamentes e medalhas, a receber homenagens de um vilão que não *roçou os bancos de uma Academia*.

Julgava que a noiva o aceitara pelo seu maravilhoso título, o pergaminho; é verdade que foi, não tanto pelo título, mas pela sua simulação de inteligência, de amor à ciência, de desmedidos sonhos de sábio. Tal imagem que dele fizera, durara instantes em Olga; depois foi a inércia da sociedade, a sua tirania e a timidez natural da moça em romper que a levaram ao casamento. Tanto mais que ela, de si para si, pensava que se não fosse este, seria outro a ele igual, e o melhor era não adiar.

Era por isso que ela não ia para a igreja, em virtude de uma determinação certa de sua vontade, embora sem perceber o constrangimento de um comando fora dela.

Apesar da pompa, esteve longe de ser uma noiva majestosa. Não obstante as origens puramente européias, era pequena, muito mesmo, ao lado do noivo, alto, ereto, com uma fisionomia irradiante de felicidade; e, desse modo, ela desaparecia dentro do vestido, dos véus e daqueles atavios obsoletos com que se arreiam as moças que se vão casar. De resto, a sua beleza não era a grande beleza – aquela que nós exigimos das noivas ricas, segundo o modelo das estampas clássicas.

No seu rosto, nada de grego, desse grego autêntico ou de pacotilha, ou também dessa majestade de ópera lírica. Havia nos seus traços muita irregularidade, mas a sua fisionomia era profunda e própria. Não só a luz dos seus grandes olhos negros, que quase cobriam toda a cavidade orbitária, fazia fulgurar o seu rosto móbil, como a sua pequena boca, de um desenho fino, exprimia bondade, malícia e o seu ar geral era de reflexão e curiosidade.

Ao contrário do costume, não saíram da cidade e foram morar em casa do antigo empreiteiro.

Quaresma não fôra à festa, mandara o leitão e o peru da tradição e escrevera uma longa carta. O sítio empolgara-o, o calor ia passar, vinha a época das chuvas, das semeaduras, e não queria afastar-se de suas terras. A viagem seria breve, mas mesmo assim, perdendo um dia ou dous, era como se começasse a desertar da batalha.

O pomar estava todo limpo e já estavam preparados os canteiros da horta. A visita de Ricardo veio distraí-lo um pouco, sem desviá-lo contudo, dos seus afazeres agrícolas.

Passou um mês com o Major, e foi um triunfo. A fama do seu nome precedia-o, de forma que todo o município o disputava e festejava.

O seu primeiro trabalho foi ir à vila. Ficava a quatro quilômetros adiante da casa de Quaresma e a estrada de ferro tinha uma estação lá. Ricardo dispensou a estrada e foi a pé, pela estrada de rodagem, se assim se pode chamar um trilho, cheio de caldeirões, que subia e descia morros, cortava planícies e rios em toscas pontes. A vila!... Tinha duas ruas principais: a antiga, determinada pelo velho caminho de tropas, e a nova, cuja origem veio da ligação da velha com a estrada de ferro. Elas se encontravam em T, sendo o braço vertical o caminho da estação. As outras partiam delas, as casas juntavam-se urbanamente no começo, depois iam espaçando, espaçando, até acabar em mato, em campo. A antiga chamava-se Marechal Deodoro, ex-Imperador; e a nova, Marechal Floriano, ex-Imperatriz.

De uma das extremidades da Rua Marechal Deodoro, partia a da Matriz, que ia ter à igreja, ao alto de uma colina, feia e pobre no seu estilo jesuítico. À esquerda da estação, num campo, a Praça da República, a que ia dar uma rua mal esboçada por espaçadas casas, ficava a Câmara Municipal.

Era um grande paralelepípedo de tijolo, cimalha, janela com sacadas de grade de ferro, puro estilo mestre de obras. Compungia essa pobreza de gôsto a quem se lembrasse dos edifícios da mesma natureza das pequenas comunas francesas e belgas da Idade Média.

Ricardo entrou num barbeiro da Rua Marechal Deodoro, Salão Rio de Janeiro, e fez a barba. O fígaro deu-lhe informações sobre a vila e ele se deu a conhecer. Havia certos circunstantes, um deles tomou-o a seu cargo e daí em pouco estava relacionado.

Quando voltou para a casa do Major já tinha convite para o baile do Dr. Campos, Presidente da Câmara, festa que teria lugar na quarta-feira próxima.

Chegara sábado e fôra passear à vila domingo.

Tinha havido missa e o trovador assistiu a saída. A concorrência nunca é grande na roça, mas Ricardo pôde ver algumas daquelas moças do interior, linfáticas e tristes, ataviadinhas, cheias de laços, descendo silenciosas a colina em que se erguia a igreja, espalhando-se pela rua e logo entrando para as casas, onde iriam passar uma semana de reclusão e tédio. Foi na saída da festa[299] que lhe apresentaram o Dr. Campos.

Era o médico do lugar, morava, porém, fora, na sua fazenda, e viera de "aranha" com a sua filha, Nair, assistir o ofício religioso.

O trovador e o médico estiveram um instante conversando, enquanto a filha, muito magra, pálida, com uns longos braços descarnados, olhava com um vexame fingido o solo poeirento da rua. Quando eles partiram, ainda Ricardo considerou um pouco esse[300] rebento dos ares livres do Brasil.

À festa do Dr. Campos, seguiram-se outras a que Ricardo deu a honra de sua presença e a alegria da sua voz. Quaresma não o acompanhava, mas gozava a sua vitória. Se bem que o Major tivesse abandonado o violão, ainda continuava a prezar aquele instrumento essencialmente nacional. As conseqüências desastrosas do seu requerimento em nada tinham abalado as suas convicções patrióticas. Continuavam as suas idéias profundamente arraigadas, tão-somente ele as escondia, para não sofrer com a incompreensão e maldade dos homens.

Gozava, portanto a fulminante vitória de Ricardo, que traduzia[301] bem naquela população um resíduo[302] forte da nossa nacionalidade a resistir às invasões das modas e gostos estrangeiros.

Ricardo recebia todas as honras, todos os favores, por parte de todos os partidos. O Dr. Campos, Presidente da Câmara, era quem mais o cumulava de homenagens. Naquela manhã até esperava um dos cavalos do edil, para dar um passeio ao Carico; e, esperando, foi dizendo a Quaresma, que ainda não tinha partido para o eito:

– Major, foi uma boa idéia vir para a roça. Vive-se bem e pode-se subir...

– Não tenho nenhum desejo disso. Você sabe como me são estranhas todas essas

[299] No livro: "missa".
[300] No livro: "aquele".
[301] No livro: "indicava".
[302] No livro: "naquela população a existência de um resíduo"

cousas.

– Sei... É... Não digo que se peça, mas, quando nos oferecem, não devemos rejeitar, não acha?

– Conforme, meu caro Ricardo. Eu não podia aceitar encargo de comandar uma esquadra.

– Até aí não vou. Olhe, Major: eu gosto muito de violão, mesmo dedico a minha vida ao seu levantamento moral e intelectual, entretanto, se amanhã o Presidente dissesse: "*Seu* Ricardo, você vai ser deputado", o senhor pensa que eu não aceitava, sabendo perfeitamente que não podia mais desferir os trenos do instrumento? Ora se não! Não se deve perder vaza, Major.

– Cada um tem as suas teorias.

– Decerto. Outra cousa, Major: conhece o Dr. Campos?

– De nome.

– Sabe que ele é Presidente da Câmara?

Quaresma olhou um instante para Ricardo com uma ligeira desconfiança. O menestrel não notou o gesto do amigo e emendou:

– Mora daqui a uma légua. Já lhe toquei em casa e hoje vou a cavalo passear com ele.

– Fazes bem.

– Ele quer conhecê-lo. Posso trazê-lo aqui?

– Pode[303].

Um camarada do Dr. Campos, neste instante, entrava pela porteira trazendo o cavalo prometido. Ricardo montou e Quaresma seguiu para a roça ao encontro dos seus dous empregados. Eram agora dous, pois, além do Anastácio, que não era bem um empregado, mas agregado, admitira o Felizardo.

Quinta-feira, 14 de setembro.

Era manhã de verão, mas as chuvas continuadas dos dias anteriores tinham atenuado a temperatura.

Havia uma grande profusão de luz e os ares estavam doces. Quaresma foi caminhando por entre aquele rumor de vida, rumor que vinha do farfalhar do mato e do piar das aves e pássaros. Esvoaçavam tiês vermelhos, bandos de coleiros; anuns piavam[304] e punham pequenas manchas negras no verdor das árvores. Até as flores, essas tristes flores dos nossos campos, no momento, parece que tinham saído à luz, não somente para a fecundação vegetal, mas também para a beleza.

Quaresma e seus empregados trabalhavam agora longe, faziam um roçado, e fôra para auxiliar esse serviço que contratou o Felizardo. Era este um camarada magro, alto, de longos braços, longas pernas, como um símio. Tinha a face cor de cobre, a barba rala e, sob uma aparência de fraqueza muscular, não havia ninguém mais valente que ele a roçar. Com isto era um tagarela incansável. De manhã, quando chegava, aí pelas seis horas, já sabia

---

[303] No livro: "Podes".
[304] No livro: "voavam".

todas as intriguinhas do município.

O roçado tinha por fim ganhar terreno ao mato, no lado do norte do sítio, que o capão invadira. Obtido ele, o Major plantaria obra de meio alqueire ou pouco mais de milho, e no intervalo[305] batatas inglesas, cultura nova em que depositava grandes esperanças. Já se fizera a derrubada e o aceiro estava aberto; Quaresma, porém, não lhe quisera atear fogo. Evitava assim calcinar o terreno, eliminando dele os princípios voláteis ao fogo. Agora o seu trabalho era separar os paus mais grossos, para aproveitar como lenha; os galhos miúdos e folhas, ele removia para longe, onde então queimaria em fogueiras[306] pequenas.

Isso levava tempo, custava tombos ao seu corpo mal habituado aos cipós e tocos; mas prometia dar um rendimento maior ao plantio.

Durante o trabalho, Felizardo ia contando as suas novidades para se distrair. Há quem cante, ele falava e pouco se incomodava que lhe dessem ou não atenção.

– Essa gente anda acesa por aí, disse Felizardo logo que o Major chegou.

Certas vezes Quaresma fazia-lhe perguntas, atendia-lhe a conversa, raras não. Anastácio era silencioso e grave. Nada dizia: trabalhava e, de quando em quando, parava, considerava, numa postura hierática de uma pintura mural tebana. O Major perguntou ao Felizardo:

– Que é que há, Felizardo?

O camarada descansou o grosso tronco de camará no monte, limpou o suor com os dedos e respondeu com a sua fala branda e chiante:

– Negócio de política... *Seu* Tenente Antonino quase briga ontem com *seu dotô Campo*.

– Onde?

– Na estação.

– Por quê?

– Negócio de partido. Pelo que ouvi: *seu* Tenente Antonino é pelo *Governadô*[307] e *seu dotô Campo* é pelo *Senadô*... Um *sarcero*, patrão!

– E você, por quem é?

Felizardo não respondeu logo. Apanhou a foice e acabou de cortar um galho que enleava o tronco a remover. Anastácio estava de pé e considerou um instante a figura do companheiro palrador. Respondeu afinal:

– Eu! Sei lá... Urubu pelado não se mete no meio dos coroados. Isso é bom pro *sinhô*.

– Eu sou como você, Felizardo.

– Quem me dera, meu *sinhô*. Inda *trasantonte* ouvi *dizê* que o patrão é amigo do *Marechá*.

Afastou-se com o pau; e, quando voltou Quaresma indagou assustado:

– Quem disse?

– Não sei, não *sinhô*. Ouvi a modo de *dizê* lá na venda do espanhol, tanto assim que *dotô Campo tá* inchado que nem sapo com a sua amizade.

---

[305] No livro, no plural: "nos intervalos".
[306] No livro: "coivaras".
[307] No folhetim está "Governador".

– Mas é falso, Felizardo. Eu não sou amigo cousa alguma... Conheci-o... E nunca disse isso aqui a ninguém... Qual amigo!

– *Quá*! fez Felizardo com um riso largo e duro. O patrão *tá* é varrendo a testada.

Apesar de todo o esforço de Quaresma, não houve meio de tirar daquela cabeça infantil a idéia de que ele fosse amigo do Marechal Floriano. "Conheci-o no meu emprego" – dizia o Major; Felizardo sorria grosso e por uma vez dizia: "*Quá*! O patrão é fino que nem cobra".

Tal teimosia não deixou de impressionar Quaresma. Que queria dizer aquilo? Demais, as palavras de Ricardo, as suas insinuações pela manhã... Ele tinha o trovador em conta de homem leal[308] e amigo fiel, incapaz de lhe estar armando laços para passar maus momentos; os entusiasmos dele, entretanto, junto à vontade de ser bom amigo, podiam iludi-lo e fazê-lo instrumento de algum perverso. Quaresma ficou um instante pensativo, deixando de remover os galhos cortados; em breve, porém, esqueceu-se e a preocupação dissipou-se. À tarde, quando foi jantar, já nem mais se lembrava da conversa e a refeição correu natural, nem muito alegre, nem muito triste, mas sem sombra alguma de cogitações por parte dele.

D. Adelaide, sempre com a sua *matinée* creme e saia preta, sentava-se à cabeceira; Quaresma à direita e à esquerda, Ricardo. Era a velha quem sempre puxava a língua do trovador.

– Gostou muito do passeio, Sr. Ricardo?

Não havia meio dela dizer *seu*. A sua educação de *senhora* de outros tempos, não lhe permitia usar esse plebeísmo generalizado. Vira os pais, gente ainda fortemente portuguesa, dizerem *senhor* e continuava a dizer, sem fingimento, naturalmente.

– Muito. Que lugar! Uma catadupa... Que maravilha! Aqui, na roça, é que se tem inspiração.

E ele tomava aquele seu ar de[309] arroubo: uma fisionomia de máscara de tragédia grega[310] e uma voz cavernosa que rolava como uma trovoada abafada.

– Tens composto muito, Ricardo? indagou Quaresma.

– Hoje acabei uma modinha.

– Como se chama? indagou D. Adelaide.

– "Os Lábios da Carola".

– Bonito! Já fez a música?

Era ainda a irmã de Quaresma a perguntar. Ricardo levava agora o garfo à boca; deixou-o suspenso entre os lábios e o prato e respondeu com toda a convicção:

– A música, minha senhora, é a primeira cousa que faço.

– Hás de no-la cantar logo.

– Pois não, Major.

Após o jantar, Quaresma e Coração dos Outros saíram a passear no sítio. Fôra essa a única concessão que ao amigo fizera Polycarpo, no tocante ao regime de seus trabalhos agrícolas. Levava sempre o pedaço de pão, que esfarelava em migalhas no galinheiro, para ver a atroz disputa entre as aves. Acabando, ficava um instante a considerar aquelas vidas,

[308] No folhetim, falta a palavra "leal".
[309] No livro: "aquela atitude de".
[310] No livro: "trágico grego".

criadas, mantidas e protegidas para sustento da sua. Sorria para os frangos, agarrava os patinhos[311], ainda implumes, muito vivos e ávidos, e demorava-se a apreciar a estupidez do peru, imponente, fazendo roda, a dar estouros presunçosos. Em seguida ia ao chiqueiro; assistia Anastácio dar a ração, despejando[312] nos cochos. O enorme cevado de grandes orelhas pendentes levantava-se dificilmente, e solenemente vinha mergulhar a cabeça na caldeirada[313]; noutro compartimento os bacorinhos grunhiam e grunhindo vinham com a mãe chafurdar-se na comida.

A avidez daqueles animais era deveras repugnante, mas os seus olhos tinham uma longa doçura bem humana que os fazia simpáticos.

Ricardo apreciava pouco aquelas formas inferiores de vida, mas Quaresma ficava minutos esquecido a contemplá-las numa demorada interrogação muda. Sentavam-se a um tronco de árvore, e Quaresma olhava o céu alto, enquanto Coração dos Outros contava qualquer história.

A tarde ia adiantada. A terra já começava a amolecer, pelo fim daquele beijo ardente e demorado do sol. Os bambus suspiravam; as cigarras ciciavam; as rolas gemiam amorosamente. Ouvindo passos, o Major voltou-se. Padrinho! Olga!

Mal se viram, abraçaram-se, e quando se separaram ficaram ainda a olhar um para o outro, com as mãos presas. E vieram aquelas estúpidas e tocantes frases dos encontros satisfeitos: Quando chegaste? Não esperava... É longe... Ricardo olhava embevecido com a ternura dos dous; Anastácio tirara o chapéu e olhava a "sinhazinha", com o seu terno e vazio olhar de africano.

Passada a emoção, a moça se debruçou sobre o chiqueiro, depois passou a vista pelos quatro pontos e Quaresma perguntou:

– *Quedê* teu marido?

– O Doutor?[314]... Está lá dentro.

O marido tinha resistido muito em acompanhá-la até ali. Não lhe parecia bem aquela intimidade com um sujeito sem título, sem posição brilhante e sem fortuna. Ele não compreendia como o seu sogro, apesar de tudo um homem rico, de outra esfera, tinha podido manter e estreitar relações com um pequeno empregado de uma repartição secundária, e até fazê-lo seu compadre! Que o contrário se desse, era justo; mas como estava a cousa parecia que abalava toda a hierarquia da sociedade nacional. Mas, em definitivo, quando D. Adelaide o recebeu cheia de um imenso respeito, de uma particular consideração, ele ficou desarmado e todas as suas pequenas vaidades foram tocadas e satisfeitas.

D. Adelaide, mulher velha, do tempo em que o Império armava essa nobreza escolar, possuía em si uma particular reverência, um culto pelo doutorado; e não lhe foi, pois, difícil demonstrá-lo quando se viu diante do Dr. Armando Borges, de cujas notas e prêmios ela tinha exata notícia.

Quaresma mesmo recebeu-o com as maiores marcas de admiração e o Doutor, gozando aquele seu sobre-humano prestígio, ia conversando pausadamente,

[311] No livro: "pintinhos".
[312] No livro: "despejando-a".
[313] No livro: "caldeira".
[314] No folhetim, com ponto de exclamação.

sentenciosamente, dogmaticamente[315]; e, à proporção que conversava, talvez para que o efeito não se dissipasse, virava com a mão direita o grande anelão *simbólico*, o talismã, que cobria a falange do dedo indicador esquerdo, como uma[316] *marquise*.

Sexta-feira, 15 de setembro.

Conversaram muito. O jovem par contou a agitação política do Rio, a revolta da fortaleza de Santa Cruz; D. Adelaide a epopéia da mudança, móveis quebrados, objetos partidos. Pela meia-noite todos foram dormir com uma alegria particular, enquanto os sapos levantavam no riacho defronte o seu grave hino à transcendente beleza do céu negro, profundo e estrelado.

Acordaram cedo. Quaresma não foi logo para o trabalho. Tomou café e esteve conversando com o Doutor. O correio chegou e trouxe-lhe um jornal. Rasgou a cinta e leu o título. Era o "O Município", órgão local, hebdomadário, filiado ao partido situacionista. O Doutor se havia afastado; ele aproveitou a ocasião para ler o jornaleco. Pôs o *pince-nez*, recostou-se na cadeira de balanço e desdobrou o jornal. Estava na varanda; o terral soprava nos bambus que se inclinavam molemente. Começou a leitura. O artigo de fundo intitulava-se "Intrusos" e consistia em uma verdadeira[317] descompostura aos não nascidos no lugar que moravam nele – *verdadeiros estrangeiros que se vinham intrometer na vida particular e social*[318] *da família curuzuense, perturbando-lhe a paz e a tranqüilidade*.

Que diabo queria dizer aquilo? Ia deitar fora o jornaleco, quando lhe pareceu ler seu nome entre versos. Procurou o lugar e deu com estas quadrinhas:

POLÍTICA DE CURUZU

* * *

Quaresma, meu bem, Quaresma!
Quaresma do coração!
Deixa as batatas em paz,
Deixa em paz o feijão.

* * *

Jeito não tens para isso
Quaresma, meu cocumbi!
Volta à mania antiga
De redigir em tupi.

---

[315] No folhetim, escrito "digmaticamente".
[316] No livro: "ao jeito de".
[317] No livro: "tremenda".
[318] No livro: "política".

Olho Vivo.

O Major ficou estuporado. Que vinha ser aquilo? Por quê? Quem era? Não atinava, não achava o motivo e o fundo de semelhante ataque. A irmã aproximara-se acompanhada da afilhada. Quaresma estendeu-lhe o jornal com o braço tremendo: "Lê isto, Adelaide".

A velha senhora viu logo a perturbação do irmão e leu com pressa e solicitude. Ela tinha aquela ampla maternidade das solteironas; pois parece que a falta de filhos reforça e alarga o interesse da mulher pelas dores dos outros. Enquanto ela lia, Quaresma dizia: mas que fiz eu? Que tenho com política? E coçava os cabelos já bastante encanecidos.

D. Adelaide disse então docemente:

– Sossega[319], Polycarpo. Por isso só?... Ora!

A afilhada leu também os versos e perguntou ao padrinho:

– O senhor se meteu algum dia nessa política daqui?

– Eu nunca!... Vou até declarar que...

– Está doido! exclamaram as duas mulheres a um tempo, ajuntando a irmã:

– Isto seria uma covardia... Uma satisfação... Nunca!

O Doutor e Ricardo chegavam de fora e encontraram os três nessas considerações. Notaram a alteração de Quaresma. Estava pálido, tinha os olhos úmidos e coçava sucessivamente a cabeça.

– Que há, Major? indagou o troveiro.

As senhoras explicaram o caso e deram-lhe as quadrinhas a ler. Ricardo depois contou o que ouvira na vila. Acreditavam todos que o Major viera para ali no intuito de fazer política, tanto assim que dava esmolas, deixava o povo fazer lenha no seu mato, distribuía remédios homeopáticos... O Antonino afirmara que havia de desmascarar semelhante tartufo.

– E não desmentiste? perguntou Quaresma.

Ricardo afirmou que sim, mas o escrivão não quisera acreditar nele e reiterara os seus propósitos de ataque.[320]

Olga e o marido passaram no "Sossego" cerca de quinze dias. O marido, ao fim de uma semana, já parecia cansado. Os passeios não eram muitos. Em geral, os nossos lugarejos são de uma grande pobreza do pitoresco; há um ou dous lugares célebres, assim como na Europa cada aldeia tem a sua curiosidade histórica.

Em Curuzu, o passeio afamado era o Carico, uma cachoeira distante duas léguas da casa de Quaresma, para as bandas das montanhas que lhe barravam o horizonte fronteiro. O Dr. Campos já travara relações com o Major e, graças a ele, houve cavalos e silhão que também permitissem à moça ir à cachoeira.

Foram de manhã, o Presidente da Câmara, o Doutor, sua mulher e a filha de Campos. O lugar não era feio. Uma pequena cachoeira, de uns 30[321] metros de altura,

---

[319] Mesmo estando no "Sossego", Polycarpo não sossega...

[320] Parágrafo incluído no livro:

O Major ficou profundamente impressionado com tudo; mas, de acordo com seu gênio, incubou nos primeiros tempos a impressão, e, enquanto estiveram com ele os seus amigos, não demonstrou preocupação.

[321] No livro: "quinze".

despenhava-se em três partes, pelo flanco da montanha abaixo. A água estremecia na queda, como que se enrodilhava e vinha pulverizar-se numa grande bacia de pedra, mugindo e roncando. Havia muita verdura e como que toda a cascata vivia sob uma abóbada de árvores. O sol coava-se dificilmente e vinha faiscar sobre a água ou sobre as pedras em pequenas manchas, redondas ou oblongas. Os periquitos, de um verde mais claro, pousados nos galhos eram como as incrustações daquele salão fantástico.

Olga pôde ver tudo isso bem à vontade, andando de um para outro lado, porque a filha do Presidente era de um silêncio de túmulo e o pai desta tomava com o seu marido informações sobre novidades medicinais: Como se cura hoje erisipela? Ainda se usa muito o tártaro emético?

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros[322] idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele "sopapo" que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que, ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar. As populações mais acusadas de preguiça, trabalham relativamente. Na África, na Índia, na Cochinchina, em toda parte, os casais, as famílias, as tribos, plantam um pouco, algumas cousas para eles. Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!...

Pensou em ser homem. Se o fosse passaria ali e em outras localidades meses e anos, indagaria, observaria e com certeza havia de encontrar o motivo e o remédio. Aquilo era uma situação do camponês da Idade Média e começo da nossa: era o famoso animal de La Bruyère que tinha face humana e voz articulada...

Como no dia seguinte fosse passear ao roçado do padrinho, aproveitou a ocasião para interrogar a respeito o tagarela Felizardo. A faina do roçado ia quase no fim; o grande trato da terra estava quase inteiramente limpo e subia um pouco em ladeira a colina que formava a lombada do sítio.

Olga encontrou o camarada cá embaixo, cortando a machado as madeiras mais grossas; Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, a ancinho, as folhas caídas. Ela lhe falou.

– Bons dias, *sá dona*.

– Então trabalha-se muito, Felizardo?

– O que se pode.

– Estive ontem no Carico, bonito lugar... Onde é que você mora, Felizardo?

– É d'outra banda, na estrada da vila.

[322] No singular, no folhetim: "do roceiro".

– É grande o teu sítio[323]?

– Tem alguma terra, sim senhora, *sá dona*.

– Você por que não planta para você?

– *Quá sá dona*! O que é que a gente come?

– O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.

– *Sá dona tá* pensando uma cousa e a cousa é outra. Enquanto planta cresce, e então? *Quá, sá dona*, não é assim.

Deu uma machadada; o tronco escapou: colocou-o melhor no picador e, antes de desferir o machado, ainda disse:

– Terra não é nossa... E *frumiga*?... Nós não *tem* ferramenta... isso é bom para italiano ou *alamão*, que Governo dá tudo... Governo não gosta de nós...

Desferiu o machado, firme, seguro; e o rugoso tronco se abriu em duas partes, quase iguais, de um claro amarelado, onde o cerne escuro começava a aparecer.

Ela voltou querendo afastar do espírito aquele desacordo que o camarada indicara, mas não pôde. Era certo. Pela primeira vez notava que o *self-help* do Governo era só para os nacionais; para os outros todos os auxílios e facilidades, não contando com a sua anterior educação e apoio dos patrícios.

E a terra não era dele? Mas de quem era então, tanta terra abandonada que se encontrava por aí? Ela vira até fazendas fechadas, com as casas em ruínas... Por que esse acaparamento, esses latifúndios inúteis e improdutivos?

A fraqueza de atenção não lhe permitiu pensar mais no problema. Foi vindo para casa, tanto mais que era hora de jantar e a fome lhe chegava.

Encontrou o marido e o padrinho a conversar. Aquele perdera um pouco da sua *morgue*, havia mesmo ocasião em que[324] era até natural. Quando ela chegou, o padrinho exclamava:

– Adubos! É lá possível que um brasileiro tenha tal idéia! Pois se temos as terras mais férteis do mundo!

– Mas se esgotam, Major, observou o Doutor.

D. Adelaide, calada, seguia com atenção o *crochet* que estava fazendo; Ricardo ouvia, com os olhos arregalados; e Olga intrometeu-se na conversa:

– Que zanga é essa, padrinho?

– É teu marido que quer convencer-me que as nossas terras precisam de estrume[325]... Isto é até uma injúria!

Sábado, 16 de setembro.

– Pois fique certo, Major, se eu fosse o senhor, aduziu o Doutor, ensaiava uns fosfatos...

– Decerto, Major, obtemperou Ricardo. Eu, quando comecei a tocar violão, não queria aprender música... Qual música! Qual nada! A inspiração basta!... Hoje vejo que é

---

[323] No livro: "o sítio de você".
[324] No folhetim falta a palavra "em": "ocasião que".
[325] No livro: "adubos".

preciso... É assim, resumia ele.

Todos se entreolharam, exceto Quaresma que logo disse com toda a força d'alma:

– Sr. Doutor, o Brasil é o país mais fértil do mundo, é o mais bem dotado e as suas terras não precisam *empréstimos* para dar sustento ao homem. Fique certo!

– Há mais férteis, avançou o Doutor.

– Onde?

– Na Europa.

– Na Europa!

– Sim, na Europa. As terras negras da Rússia, por exemplo.

O Major considerou o rapaz durante algum tempo e exclamou triunfante:

– O senhor não é patriota! Esses moços...

O jantar correu mais calmo. Ricardo fez ainda algumas considerações sobre o violão. À noite, o menestrel cantou a sua última produção: "Os Lábios da Carola". Suspeitava-se que Carola fosse uma criada do Dr. Campos; mas ninguém aludiu a isso, Ouviram-no com interesse e ele foi muito aclamado. Olga tocou no velho piano de D. Adelaide; e, antes das onze horas, estavam todos recolhidos.

Quaresma chegou a seu quarto, despiu-se, enfiou a camisa de dormir e, deitado, pôs-se a ler um velho elogio das riquezas e opulências do Brasil.

A casa estava em silêncio; do lado de fora, não havia a mínima bulha. Os sapos tinham suspendido um instante a sua orquestra noturna. Quaresma lia.[326] Da despensa, que ficava junto a seu aposento, vinha um ruído estranho. Apurou o ouvido e prestou atenção. Os sapos recomeçaram o seu hino. Havia vozes baixas, outras mais altas e estridentes; uma se seguia à outra, num dado instante todas se juntaram num unisono sustentado. Suspenderam um instante a música. O Major apurou o ouvido; o ruído continuava, Que era? Eram uns estalos tênues; parecia que quebravam gravetos, que deixavam outros cair no chão... Os sapos recomeçaram; o regente deu uma martelada e logo vieram os baixos e os tenores. Demoraram muito; Quaresma pôde ler umas dez[327] páginas. Os batráquios pararam; a bulha continuava. O Major levantou-se, agarrou o castiçal e foi à dependência da casa donde partia o ruído, assim mesmo como estava, em camisa de dormir.

Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no chão[328], lhe tinham invadido a despensa e lhe[329] carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea.

Quis afugentá-las. Matou uma, duas, dez, vinte, cem; mas eram milhares e cada vez mais o exército aumentava. Veio uma, mordeu-o, depois outra, e o foram mordendo pelas pernas, pelos pés, subindo pelo seu corpo. Não pôde agüentar, gritou, sapateou e deixou a

[326] No livro: "lia; e lembrava-se que Darwin escutava com prazer esse concerto dos charcos. Tudo na nossa terra é extraordinário! pensou.".
[327] No livro: "cinco".
[328] No livro: "assoalho".
[329] O pronome "lhe" está ausente no livro.

vela cair.

Estava no escuro. Debatia-se para encontrar a porta; achou e correu daquele ínfimo inimigo que, talvez, nem mesmo à luz radiante do sol o visse distintamente...

* * * * *

Sábado, 16 de setembro (cont.).

LIVRO SEGUNDO
IV

"Peço energia. Sigo já"

D. ADELAIDE, A IRMÃ DE QUARESMA, tinha uns quatro anos mais que ele. Era uma bela velha, com um corpo médio, uma tez que começava a adquirir aquela pátina da grande velhice, uma espessa cabeleira já inteiramente amarelada e um olhar tranqüilo, calmo e doce. Alta[330], sem imaginação, de inteligência lúcida e positiva, em tudo formava um grande contraste com o irmão; contudo, nunca houve entre eles uma separação profunda nem tampouco uma penetração perfeita. Ela não entendia nem procurava entender a substância do irmão, e sobre ele em nada reagia aquele ser metódico, ordenado e organizado, de idéias simples, médias e claras.

Ela já atingira aos cinqüenta e ele para lá marchava; mas ambos tinham ar saudável, poucos achaques, e prometiam ainda muita vida. A existência calma, doce e regrada que tinham levado até ali, concorrera muito para a boa saúde de ambos. Quaresma incubou as suas manias até depois dos quarenta e ela nunca tivera qualquer.

Para D. Adelaide, a vida era cousa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido. Se não casou foi porque não sentiu necessidade disso; o sexo não lhe pesava e de alma e corpo ela sempre se sentiu completa.

O seu aspecto tranqüilo e o sossego dos seus olhos verdes, de um brilho lunar de esmeralda, emolduravam e realçavam naquele interior familiar a agitação e a inquietude, o alanceado do irmão.

Não se vá supor que Quaresma andava[331] transtornado como um doido. Felizmente não. Na aparência até poder-se-ia imaginar que nada conturbava sua alma; porém, se mais

---

[330] No livro: "Fria".
[331] No livro: "andasse".

vagarosamente se examinassem os seus hábitos, gestos e atitudes, logo se havia de ver que o sossego e a placidez não moravam no seu pensamento.

Ocasiões havia em que ficava a olhar, durante minutos seguidos, ao longe o horizonte, perdido em cisma; outras, isso quando no trabalho da roça, em que suspendia todos os movimentos, fincava o olhar rio chão, demorava-se assim um instante, coçando uma mão com a outra, dava depois um muxoxo, continuava o trabalho; e mesmo momentos surgiam em que não reprimia uma exclamação ou uma frase.

Anastácio em tais instantes, olhava por baixo dos olhos o patrão. O antigo escravo não os sabia mais fixar, e nada dizia; Felizardo continuava a contar a fuga da filha do Custódio com o Manduca da venda; e o trabalho marchava.

Inútil dizer que a irmã não fazia reparo nisso, mesmo porque, a não ser no jantar e nas primeiras horas do dia, eles viviam separados. Quaresma na roça, nas plantações, e ela superintendendo o serviço doméstico.

As outras pessoas de suas relações não podiam também notar as preocupações absorventes do Major, pelo simples motivo de que estavam longe.

Ricardo havia seis meses que não lhe visitava e da afilhada e do compadre as últimas cartas que recebera datavam de uma semana, não vendo aquela há tanto tempo, quanto ao trovador, e aquele desde quase um ano, isto é, o tempo em que estava no "Sossego".

Durante esse tempo, Quaresma não cessou de se interessar pelo aproveitamento de suas terras. Os seus hábitos não foram mudados e a sua atividade continuava sempre a mesma. É verdade que deixara de parte os instrumentos de meteorologia.

O higrômetro, o barômetro e os outros companheiros não eram mais consultados e as observações registradas num caderno. Dera-se mal com eles. Fosse inexperiência e ignorância das bases teóricas deles, fosse porque fosse, o certo é que toda a previsão que Quaresma fazia baseado em combinações dos seus dados, saíam erradas. Se esperava tempo seguro, lá vinha chuva; se esperava chuva, lá vinha seca.

Assim perdeu muita semente e Felizardo mesmo sorria dos seus aparelhos, com aquele grosso e cavernoso sorriso de troglodita:

– *Quá* patrão! Isso de chuva vem quando Deus *qué*.

O barômetro aneróide continuava a um canto a dançar o seu ponteiro sem ser apercebido[332]; o termômetro de máxima e mínima, legítimo Casella, jazia dependurado na varanda sem receber um olhar amigo; a caçamba do pluviômetro estava no galinheiro e servia de bebedouro às aves; só o anemômetro continuava teimosamente a rodar, a rodar, já sem fio, no alto do mastro, como se protestasse contra aquele desprezo pela ciência que Quaresma representava.

Ele[333] vivia assim, sentindo que a campanha que lhe tinham movido, embora tendo deixado de ser pública, lavrava ocultamente. Havia no seu espírito e no seu caráter uma vontade de acabá-la de vez, mas como? Se não o acusavam, se não articulavam nada contra ele diretamente? Era um combate com sombras, com aparências, que seria ridículo aceitar.

De resto, a situação geral que o cercava, aquela miséria da população campestre que nunca suspeitara, aquele abandono de terras à improdutividade, encaminhavam sua alma de

[332] No livro: "percebido".
[333] No livro: "Quaresma".

patriota meditativo a preocupações angustiosas.[334]

A tal afirmação de falta de braços pareceu-lhe uma afirmação de má-fé ou estúpida, e estúpido ou de má-fé era o Governo que os andava importando aos milhares, sem se preocupar com os que já existiam. Era como se no campo em que pastavam mal meia dúzia de cabeças de gado, fossem introduzidas mais três, para aumentar o estrume!...

Pelo seu caso, ele via bem as dificuldades, os óbices de toda sorte que havia para fazer a terra produtiva e remunerada. Um fato veio mostrar-lhe com eloqüência um dos aspectos da questão. Vencendo a erva de passarinho, os maus-tratos e o abandono de tantos anos, os abacateiros de suas terras conseguiram frutificar, fracamente é verdade, mas de forma superior às necessidades de sua casa.

A sua alegria foi grande. Pela primeira vez, ia passar-lhe pelas mãos dinheiro que lhe dava a terra, sempre mãe e sempre virgem. Tratou de vender, mas como? A quem? No lugar havia um ou outro que os queria comprar por preços ínfimos. Com decisão foi ao Rio procurar comprador. Andou de porta em porta. Não queriam, eram muitos. Ensinaram-lhe que procurasse um tal Sr. Azevedo no Mercado, o rei das frutas. Lá foi.

– Abacates! Ora! Tenho muitos... Estão muito baratos!

– Entretanto, disse Quaresma, ainda hoje indaguei em uma confeitaria e pediram-me pela dúzia cinco mil-réis.

– Ora, isso nas confeitarias! Vá vendê-los lá... Por que não vai?[335]

– Em porção, o senhor sabe que...

– É isso... Enfim, se quer mande-os...

Depois, tilintou a pesada corrente de ouro, pôs uma das mãos na cava do colete e quase de costas para o Major:

– É preciso vê-los... O tamanho influi...

Segunda-feira, 18 de setembro.

Quaresma os mandou e, quando lhe veio o dinheiro, teve a satisfação orgulhosa de quem acaba de ganhar uma grande batalha imortal. Acariciou uma por uma aquelas notas encardidas, leu-lhes bem o número e a estampa, arrumou-as todas uma ao lado da outra sobre uma mesa e muito tempo levou sem ânimo de trocá-las.

Para avaliar o lucro, descontou o frete, de estrada de ferro e carroça, o custo dos

---

[334] Trecho incluído no livro:

Via o Major com tristeza não existir naquela gente humilde sentimento de solidariedade, de apoio mútuo. Não se associavam para cousa alguma e viviam separados, isolados, em famílias geralmente irregulares, sem sentir a necessidade de união para o trabalho da terra. Entretanto, tinham bem perto o exemplo dos portugueses que, unidos aos seis e mais, conseguiam em sociedade cultivar a arado roças de certa importância, lucrar e viver. Mesmo o velho costume do "moitirão" já se havia apagado.

Como remediar isso?

Quaresma desesperava...

[335] Esta linha está ausente no livro, causando certa confusão no diálogo. Alguns editores, usando apenas o livro, juntam as duas linhas seguintes em apenas uma "fala", atribuindo-a ao Sr. Azevedo.

caixões, o salário dos auxiliares e, após esse cálculo que não era laborioso, teve a evidência de que ganhara mil e quinhentos réis, nem mais nem menos. O Sr. Azevedo tinha-lhe pago pelo cento a quantia com que se compra uma dúzia.

Assim mesmo o seu orgulho não diminuiu e ele viu naquele ridículo lucro objeto para maior contentamento do que se recebesse um avultado ordenado.

Foi, portanto, com redobrada atividade que se pôs ao trabalho. Para o ano, o lucro seria maior. Tratava-se agora de limpar as fruteiras. Anastácio e Felizardo continuavam ocupados nas grandes plantações; contratou um outro empregado para ajudá-lo no tratamento das velhas árvores frutíferas.

Foi, pois, com o Mané Candeeiro que ele se pôs a serrar os galhos das árvores, os galhos mortos e aqueles em que a erva daninha segurava as suas raízes. Era árduo e difícil o trabalho. Tinham às vezes que subir às grimpas para a extirpação do galho atingido; os espinhos rasgavam as roupas e feriam as carnes; e em muitas ocasiões estiveram em risco de vir ao chão serrote e Quaresma ou o camarada.

Mané Candeeiro falava pouco, a não ser que se tratasse de cousas de caça; mas cantava que nem passarinho. Estava a serrar, estava a cantar trovas roceiras, ingênuas, onde com surpresa o Major não via entrar a fauna, a flora locais, os costumes das profissões roceiras. Eram vaporosamente sensuais e muito ternas, melosas até; por acaso lá vinha uma em que um pássaro local entrava; então o Major escutava:

Eu vou dar a despedida
Como deu o bacurau,
Uma perna no caminho
Outra no galho de pau.

Este bacurau que entrava aí satisfazia particularmente às aspirações de Quaresma. A observação popular já começava a interessar-se pelo espetáculo ambiente, já se emocionava com ele e a nossa raça deitava, portanto, raízes na grande terra que habitava. Ele a copiou e mandou ao velho poeta de S. Cristóvão. Felizardo dizia que Mané Candeeiro era um mentiroso, pois todas aquelas caçadas de caitetus, jacus, onças eram patranhas; mas, respeitava o seu talento poético, principalmente no desafio: o moleque é bom!

Ele era claro e tinha umas feições regulares, cesarianas, duras e fortes, um tanto amolecidas pelo sangue africano.[336]

Com auxílio de Mané Candeeiro, foi que Quaresma conseguiu acabar de limpar as fruteiras daquele velho sítio abandonado há quase vinte[337] anos. Quando o serviço ficou pronto, ele viu com tristeza aquelas velhas árvores amputadas, defeituosas[338], com folhas aqui e sem folhas ali... Pareciam sofrer e ele se lembrou das mãos que as tinham plantado há vinte ou trinta anos, escravos, talvez, banzeiros e desesperançados!...

Mas não tardou que os botões rebentassem e tudo reverdecesse, e o renascimento

[336] Parágrafo incluído no livro:

Quaresma procurou descobrir nele aquela odiosa catadura que Darwin achou nos mestiços; mas, sinceramente, não a encontrou.

[337] No livro: "dez".

[338] No livro: "mutiladas".

das árvores como que trouxe o contentamento das aves e do passaredo solto. De manhã, esvoaçavam os tiês vermelhos, com o seu pio pobre, espécie de ave tão inútil e tão bela de plumas que parece ter nascido para os chapéus das damas; as rolas pardas e caboclas em bando, mariscando, no chão capinado; pelo correr do dia, eram os sanhaços a cantar nos galhos altos, os papa-capins, as nuvens de coleiros; e de tarde como que todos eles se reuniam, piando, cantando, chilreando, pelas altas mangueiras, pelos cajueiros, pelos abacateiros, entoando louvores ao trabalho tenaz e fecundo do velho Major Quaresma.

Não durou muito essa alegria. Um inimigo apareceu inopinadamente, com a rapidez ousadíssima de um General consumado. Até ali ele se mostrara tímido, parecia que somente mandava esclarecedores.

Desde aquele ataque às provisões de Quaresma, logo afugentadas, não mais as formigas reapareceram; mas, naquela manhã, quando contemplou o seu milharal, foi como se lhe tirassem a alma, e ficou sem ação e as lágrimas lhe vieram aos olhos.

Terça-feira, 5 de setembro.

O milho que já tinha repontado, muito verde, pequenino, com uma timidez de criança, crescera cerca de meio palmo acima da terra; o Major até mandara buscar o sulfato de cobre para a solução em que ia lavar a batata inglesa a plantar nos intervalos dos pés.

Toda a manhã, ele ia lá e já via o milharal crescido com o seu pendão branco e as espigas de coma cor de vinho, oscilando ao vento; naquela, ele não viu nada mais, Até os tenros colmos tinham sido cortados e levados para longe! "A modo que é obra de gente" disse Felizardo; entretanto, tinham sido as saúvas, os terríveis himenópteros, piratas ínfimos que lhe caíam em cima do trabalho com uma rapacidade turca... Era preciso combatê-los. Quaresma pôs-se logo em campo, descobriu as aberturas principais do formigueiro e em cada uma queimou o formicida mortal. Passaram-se dias; os inimigos pareciam derrotados; mas, certa noite, indo ao pomar para melhor apreciar a noite estrelada, Quaresma ouviu uma bulha esquisita, como se alguém esmagasse as folhas mortas das árvores... Um estalido... E era perto... Acendeu um fósforo e o que viu, meu Deus! Quase todas as laranjeiras estavam negras de imensas saúvas. Havia delas às centenas, pelos troncos e pelos galhos acima e agitavam-se, moviam-se, andavam como em ruas transitadas e vigiadas a população de uma grande cidade: umas subiam, outras desciam; nada de atropelos, de confusão, de desordem. O trabalho como que era regulado a toques de corneta. Lá em cima umas cortavam as folhas pelo pecíolo; cá embaixo, outras serravam-nas em pedaços e afinal eram carregadas por terceiras, levantando-as acima da descomunal cabeça, em longas fileiras pelo trilho limpo, aberto entre a erva rasteira.

Houve um instante de desânimo na alma do Major. Não tinha contado com aquele obstáculo nem o supusera tão forte. Agora via bem que era a uma sociedade inteligente, organizada, ousada e tenaz com quem se tinha de haver. Veio-lhe então à lembrança aquela frase de Saint-Hilaire: se nós não expulsássemos as formigas, elas nos expulsariam.

O Major não estava lembrado ao certo se eram essas as palavras, mas o sentido era, e ficou admirado que só agora ela lhe ocorresse.

No dia seguinte, tinha recobrado o ânimo. Comprou ingredientes e ei-lo mais o Mané Candeeiro, a abrir picadas, a fazer esforços de sagacidade, para descobrir os redutos

centrais, as *panelas* dos insetos terríveis. Então era como se os bombardeassem; os estourava[339], queimava o sulfeto[340] em tiros[341] seguidos, mortíferos, letais!

E daí em diante, foi uma batalha sem tréguas. Se aparecia uma abertura, um *olho*, logo se lhe aplicava o formicida, pois do contrário, nenhuma plantação era possível, tanto mais que extintos os das suas terras, não tardariam os formigueiros das vizinhanças ou dos logradouros públicos a deitar canículos para o seu terreno.

Era um suplício, um castigo, uma espécie de vigilância a dique holandês e Quaresma viu bem que só uma autoridade central, um governo qualquer, ou um acordo entre os cultivadores, podia levar a efeito a extinção daquele flagelo, pior que a saraiva, que a geada, que a seca, sempre presente, inverno ou verão, outono ou primavera.

Não obstante essa luta diária, o Major não desanimou e pôde colher alguns produtos das plantações que tinha feito. Se por ocasião das frutas, a sua alegria foi grande, mais expressiva e mais profunda ela foi, quando viu partir para a estação em sucessivas carretas, as abóboras, os aipins, as batatas-doces, em cestos cobertos com sacos cosidos. Os frutos, em parte, eram de outras mãos; as árvores não tinham sido plantadas por ele; mas aquilo não, vinha do seu suor, da sua iniciativa, do seu trabalho!

Ele ainda foi ver aqueles cestos na estação, com a ternura de um pai que vê partir seu filho para a glória e para a vitória. Recebeu o dinheiro dias depois, contou-o e esteve deduzindo os lucros.

Não foi à roça nesse dia; o trabalho de guarda-livros roubou o de cultivador. A sua atenção, já um tanto gasta, não lhe favorecia a tarefa das cifras, e só pelo meio-dia pôde dizer à irmã:

– Sabes qual foi o lucro, Adelaide?

– Não. Menor do que o dos abacates?

– Um pouco mais.

– Então... Quanto?

– Dous mil quinhentos e setenta réis, respondeu Quaresma, destacando sílaba por sílaba.

– O quê?

– Foi isso. Só de frete paguei cento e quarenta e dous mil e quinhentos.

D. Adelaide esteve algum tempo com os olhos baixos, seguindo a costura que fazia, depois, levantando o olhar:

– Homem, Polycarpo, o melhor é deixares isso...[342] Tens gasto muito dinheiro... Só com as formigas!

– Ora, Adelaide! Pensas que quero fazer fortuna? Faço isso para dar exemplo, levantar a agricultura, aproveitar as nossas terras feracíssimas...

– É isto... Queres sempre ser a abelha-mestra... Já viste os grandes fazerem esses sacrifícios?... Vê lá se fazem! Histórias... Metem-se no café que tem todas as proteções...

– Mas, faço eu.

A irmã prestou mais atenção à costura, Polycarpo levantou-se, foi até à janela que

[339] No folhetim, "o estouvava".
[340] No folhetim: "sulfureto".
[341] No livro: "o sulfeto queimava, estourava em tiros".
[342] O folhetim quebra aqui o parágrafo, em evidente gralha.

dava para o galinheiro. Fazia um dia fosco e irritante. Ele concertou o *pince-nez*, esteve olhando e de lá falou:

– Oh! Adelaide! Aquilo não é uma galinha morta?

A velha senhora ergueu-se com a costura, foi até à janela e verificou com a vista:

– É... É já a segunda que morre hoje.

Após esta leve conversa, Quaresma voltou à sua sala de estudos. Meditava grandes reformas agrícolas. Mandara buscar catálogos e ia examiná-los. Tinha já em mente uma charrua dupla, um capinador mecânico, um semeador, um destocador, grades, tudo americano, de aço, dando o rendimento efetivo de vinte homens. Até então, não quisera essas inovações; as terras mais ricas do mundo, não precisavam desses processos que lhe pareciam artificiais, para produzir; estava, porém, agora disposto a empregá-los como experiência. Aos adubos, no entanto, o seu espírito resistia. Terra virada, dizia Felizardo, terra estrumada; parecia a Quaresma uma profanação estar a empregar nitratos, fosfatos ou mesmo estrume comum, numa terra brasileira... Uma injúria!

Quarta-feira, 20 de setembro.

Quando se convencesse de que eram necessários, parecia-lhe que todo o seu sistema de idéias ia por terra e os móveis de sua vida desapareceriam. Estava assim a escolher arados e outros "Planets", "Bajacs" e "Brabants" de vários feitios, quando o seu pequeno copeiro lhe anunciou a visita do Dr. Campos.

O edil entrou com a sua jovialidade, a sua mansidão e o seu grande corpo. Era alto e gordo, pançudo um pouco, tinha os olhos castanhos, quase à flor do rosto, uma testa média e reta; o nariz, malfeito. Um tanto trigueiro, cabelos corridos e já grisalhos, era o que se chama por aí um caboclo, embora o seu bigode fosse crespo. Não nascera em Curuzu, era da Bahia ou de Sergipe, habitava, porém, o lugar há mais de vinte anos, onde casara e prosperara, graças ao dote da mulher e à sua atividade clínica. Com esta, não gastava grande energia mental: tendo de cor uma meia dúzia de receitas, ele, desde muito, conseguira enquadrar as moléstias locais no seu reduzido formulário.

Presidente da Câmara, era das pessoas mais consideráveis de Curuzu, e Quaresma o estimava particularmente pela sua familiaridade, pela sua afabilidade e simplicidade.

– Ora viva, Major! Como vai isto por aí? Muita formiga? Lá em casa já não há mais.

Quaresma respondeu com menos entusiasmo e jovialidade, mas contente com a alegria comunicativa do Doutor. Ele continuava a falar com desembaraço e naturalidade.

– Sabe o que me traz aqui, Major? Não sabe, não é? Preciso de um pequeno obséquio seu.

O Major não se espantou; simpatizava com o homem e abriu-se em oferecimentos.

– Como o Major sabe...

Agora a sua voz era doce, flexível, sutil; as palavras saíam-lhe[343] da boca adocicadas, dobravam-se, coleavam-se:

– Como o Major sabe, as eleições se devem realizar domingo[344]. A vitória é *nossa*.

---

[343] No livro: "caíam-lhe".

[344] No livro: "por estes dias".

Todas as mesas estão conosco, exceto uma... Aí mesmo, se o Major quiser...

– Mas, como? Se eu não sou eleitor, não me meto, nem quero meter-me em política? perguntou Quaresma ingenuamente.

– Exatamente por isso, disse o Doutor com voz forte; e em seguida brandamente: a seção funciona na sua vizinhança, é ali, na escola, se...

– E dai?

– Tenho aqui uma carta do Neves, dirigida ao senhor. Se o Major quer responder (é melhor já) que não houve eleição... Quer?

Quaresma olhou o Doutor com firmeza, coçou um instante o cavanhaque e respondeu claramente, firmemente:

– Absolutamente não.

O Doutor não se zangou. Pôs mais unção e maciez na voz, aduziu argumentos: que era para o partido, o único que pugnava pelo levantamento da lavoura. Quaresma foi inflexível; disse que não, que lhe eram absolutamente antipáticas tais disputas, que não tinha partido e mesmo que tivesse não iria afirmar uma cousa que ele não sabia ainda se era mentira ou verdade.

Campos não deu mostras de aborrecimento, conversou um pouco sobre cousas banais e despediu-se com o ar amável, com a jovialidade mais sua que era possível.

Isto se passou na terça-feira[345], naquele dia de luz fosca e irritante. À tarde houve trovoada, choveu muito, O tempo só levantou na quinta-feira, dia em que o Major foi surpreendido com a visita de um sujeito com um uniforme velho e lamentável, portador de um papel oficial para ele, proprietário do "Sossego", conforme mesmo disse o tal homem fardado.

Em virtude das posturas e leis municipais, rezava o papel, o Sr. Polycarpo Quaresma, proprietário do sítio "Sossego" era intimado, sob as penas das mesmas posturas e leis, a roçar e capinar as testadas do referido sítio que confrontavam com as vias públicas.

O Major ficou um tempo pensando. Julgava impossível uma tal intimação. Seria mesmo? Brincadeira?[346] Leu de novo o papel, viu a assinatura do Dr. Campos. Era certo... Mas que absurda intimação esta de capinar e limpar estradas na extensão de mil e duzentos metros, pois seu sítio dava de frente para um caminho e de um dos lados acompanhava outro na extensão de oitocentos metros – era possível!?

A antiga corvéia!... Um absurdo! Antes confiscassem-me[347] o sítio. Consultando a irmã, ela lhe aconselhou que falasse ao Dr. Campos. Contou-lhe então Quaresma a conversa que tivera com ele dias antes.

– Mas és tolo, Polycarpo. Foi ele mesmo...

A luz se lhe fez no pensamento... Aquela rede de leis, de posturas, de códigos e de preceitos, nas mãos desses regulotes, de tais caciques, se transformava em potro, em[348] polé, em instrumento de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações, evitar-lhes[349] a iniciativa e a independência, abatendo-as e desmoralizando-as.

---

[345] No folhetim lê-se "ter-feira"...
[346] No livro, com reticências: "Brincadeira...".
[347] No livro: "confiscassem-lhe".
[348] No folhetim lê-se "e".
[349] No livro: "crestar-lhes".

Quinta-feira, 21 de setembro.

Pelos seus olhos passaram num instante aquelas faces amareladas e chupadas que se encostavam nos portais das vendas preguiçosamente; viu também aquelas crianças maltrapilhas e sujas, d'olhos baixos, a esmolar disfarçadamente pelas estradas; viu aquelas terras abandonadas, improdutivas, entregues às ervas e insetos daninhos; viu ainda o desespero de Felizardo, homem bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho em casa e bebendo todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos – este quadro passou-lhe pelos olhos com a rapidez e o brilho sinistro do relâmpago; e só se apagou de todo, quando teve que ler a carta que a sua afilhada lhe mandara.

Vinha viva e alegre. Contava pequenas histórias de sua vida, a viagem próxima do papá[350], à Europa, o desespero do marido no dia em que saiu sem anel, pedia notícias do padrinho, de D. Adelaide e, sem desrespeito, recomendava à irmã de Quaresma que tivesse muito cuidado com o manto de arminho da "Duquesa".

A "Duquesa" era uma grande pata branca, de penas alvas e macias ao olhar, que, pela lentidão e majestade do andar, com o pescoço alto e o passo firme, merecera de Olga esse apelido nobre. O animal tinha morrido havia dias. E que morte! Uma peste que lhe levava duas dúzias de patos, levara "Duquesa" também. Era uma espécie de paralisia que tomava as pernas, depois o resto do corpo. Três dias levou a agonizar. Deitada sobre o peito, com o bico colado ao chão, atacada pelas formigas, o animal só dava sinal de vida por uma lenta oscilação do pescoço em torno do bico, espantando as moscas que a importunavam na sua última hora.

Era de ver como aquela vida tão estranha à nossa, naquele instante penetrava em nós e sentíamos-lhe o sofrimento, a agonia e a dor.

O galinheiro ficou como uma aldeia devastada; a peste atacou galinhas, perus, patos; ora sobre uma forma, ora sobre outra, foi ceifando, matando, até reduzir a sua população a menos de metade.

E não havia quem soubesse curar. Numa terra, cujo governo tinha tantas escolas que produziam tantos sábios, não havia um só homem que pudesse reduzir, com as suas drogas ou receitas, aquele considerável prejuízo.

Esses contratempos, essas contrariedades abateram muito o cultivador entusiástico dos primeiros meses; entretanto não passara pela mente de Quaresma abandonar os seus propósitos. Adquiriu compêndios de veterinária e até já tratava de comprar as máquinas agrícolas descritas nos catálogos.

Uma tarde, porém, estava à espera da junta de bois que encomendara para o trabalho do arado, quando lhe apareceu à porta um soldado de polícia com um papel oficial. Ele se lembrou da intimação municipal. Estava disposto a resistir, não se incomodou muito.

Recebeu o papel e leu. Não vinha mais da municipalidade, mas da coletoria, cujo escrivão, Antonino Dutra, conforme estava no papel, intimava o Sr. Polycarpo Quaresma a pagar quinhentos mil-réis de multa, por ter enviado produtos de sua lavoura sem pagamento dos respectivos impostos.

[350] No livro: "papai".

Viu bem o que havia nisso de vingança mesquinha; mas o seu pensamento voou logo para as cousas gerais, levado pelo seu patriotismo profundo.

A quarenta quilômetros do Rio, pagavam-se impostos para se mandar ao mercado umas batatas? Depois de Turgot, da Revolução, ainda havia alfândegas interiores?

Como era possível fazer prosperar a agricultura, com tantas barreiras e impostos? Se ao monopólio dos atravessadores do Rio se juntaram[351] as exações do Estado, como era possível tirar da terra a remuneração consoladora?

Sexta-feira, 22 de setembro.

E o quadro que já lhe passara pelos olhos, quando recebeu a intimação da municipalidade, voltou-lhe de novo, mais tétrico, mais sombrio, mais lúgubre; e anteviu a época em que aquela gente teria de comer sapo, cobras, animais mortos, como em França os camponeses, em tempos de grandes reis.

Quaresma veio a recordar-se do seu tupi, do seu *folk-lore*, da modinha[352], das suas tentativas agrícolas – tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil.

Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, respeitado, inteligente, removendo todos esses óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador... Então sim! O celeiro surgiria e a pátria seria feliz.

Felizardo entregou-lhe o jornal que toda manhã mandava comprar à estação, e lhe disse:

– Seu patrão, amanhã não venho *trabaiá*.

– Por certo; é dia feriado... A Independência.

– Não é por isso.

– Por que então?

– Há *barúio* na Côrte e dizem que vão *arrecrutá*. Vou pro mato... Nada!

– Que barulho?

– *Tá* nas *fôias*, sim *sinhô*.

Abriu o jornal e logo deu com a notícia de que os navios da esquadra se haviam insurgido e intimado ao Presidente a sair do poder. Lembrou-se das suas reflexões de instantes atrás; um governo forte, até à tirania... Medidas agrárias... Sully e Henrique IV...

Os seus olhos brilhavam de esperança. Despediu o empregado. Foi ao interior da casa, nada disse à irmã, tomou o chapéu, e dirigiu-se à estação.

Chegou ao telégrafo e escreveu: "Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. – Quaresma".

* * * * *

[351] No livro: "juntavam".

[352] No livro, no plural: "das modinhas".

Sexta-feira, 22 de setembro.

LIVRO SEGUNDO
V

O trovador

– DECERTO, GENERAL[353], NÃO É POSSÍVEL continuar assim... Então mete-se um sujeito num navio, assesta os canhões pra terra e diz: sai daí *seu* Presidente; e o homem vai saindo?... Não! É preciso um exemplo...

– Eu penso também da mesma maneira, Caldas. A República precisa ficar forte, consolidada... Esta terra necessita de governo que se faça respeitar... É incrível! Um país como este, tão rico, talvez o mais rico do mundo, é, no entanto, pobre, deve a todo mundo... Por quê? Por causa dos governos que temos tido que não têm prestígio, força... É por isso.

Vinham andando, à sombra das grandes e majestosas árvores do parque abandonado; ambos fardados e de espada. Albernaz, depois de um curto intervalo, continuou:

– Você viu o imperador, o Pedro II... Não havia jornaleco, pasquim por aí, que o não chamasse de "banana" e outras cousas... Saia no carnaval... Um desrespeito sem nome! Que aconteceu? Foi-se como um intruso.

– E era um bom homem, observou o Almirante. Amava o seu país... Deodoro nunca soube o que fez.

Continuavam a andar. O Almirante coçou um dos favoritos e Albernaz olhou um instante para todos os lados, acendeu o cigarro de palha e retomou a conversa:

– Morreu arrependido... Nem com a farda quis ir para a cova!... Aqui para nós que ninguém nos ouve: foi um ingrato; o imperador tinha feito tanto por toda a família, não acha?

– Não há dúvida nenhuma!... Albernaz, você quer saber de uma cousa: estávamos melhor naquele tempo, digam lá o que disserem...

– Quem diz o contrário? Havia mais moralidade... Onde está um Caxias? Um Rio Branco?

– E mais justiça mesmo, disse com firmeza o Almirante. O que eu sofri, não foi por causa do *velho*, foi a canalha... Demais, tudo barato...

– Eu não sei, disse Albernaz com particular acento, como há ainda quem se case... Anda tudo pela hora da morte!

Eles olharam um instante as velhas árvores da Quinta Imperial, por onde vinham atravessando. Nunca as tinham contemplado; e agora parecia-lhes que jamais tinham pousado os olhos sobre árvores tão soberbas, tão belas, tão tranqüilas e seguras de si, como

[353] No livro: "Albernaz".

aquelas que espalhavam sob os seus grandes ramos uma vasta sombra, deliciosa e macia. Pareciam que medravam sentindo-se em terra própria, delas, da qual nunca sairiam desalojadas a machado, para edificação de casebres; e esse sentimento lhes havia dado muita força de vegetar e uma ampla vontade de se expandirem. A terra[354] sobre o qual cresciam, era delas e agradeciam à terra estendendo muito os seus ramos, cerrando e tecendo a folhagem, para dar à boa mãe, frescura e proteção contra a inclemência do sol.

Sábado, 23 de setembro.

As mangueiras eram as mais gratas; os ramos longos e cheios de folhas, quase beijavam o chão. As jaqueiras se espreguiçavam; os bambus se inclinavam, de um lado e outro da aléia, e cobriam a terra com uma ogiva verde...

O velho edifício imperial se erguia sobre a pequena colina, Eles lhe viam o fundo, aquela parte de construção mais antiga, joanina, com a torre do relógio um pouco afastada e separada do corpo do edifício.

Não era belo o palácio, não tinha mesmo nenhum traço de beleza, era até pobre e monótono. As janelas acanhadas daquela fachada velha, os andares de pequena altura impressionavam mal; todo ele, porém, tinha uma tal ou qual segurança de si, um ar de confiança pouco comum nas nossas habitações, uma certa dignidade, alguma cousa de quem se sentia[355] viver, não para um instante, mas para anos, para séculos... As palmeiras cercavam-no, eretas, firmes, com os seus grandes penachos verdes, muito altos, alongados para o céu...

Eram como que a guarda da antiga moradia imperial, guarda orgulhosa do seu mister e função.

Albernaz interrompeu o silêncio:

– Em que dará isto tudo, Caldas?

– Sei lá.

– O *homem* deve estar atrapalhado... Já tinha o Rio Grande, agora o Custódio... Hum!

– O poder é o poder, Albernaz.

Vinham andando em demanda à estação de São Cristóvão. Atravessaram o velho parque imperial transversalmente, desde o portão da Cancela até à linha da estrada de ferro. Era de manhã, e o dia estava límpido e fresco.

Caminhavam com pequenos passos seguros, mas sem pressa. Pouco antes de saírem da quinta, deram com um soldado a dormir numa moita. Albernaz teve vontade de acordá-lo: camarada! Camarada! O soldado levantou-se estremunhado; e, dando com aqueles dous oficiais superiores, concertou-se rapidamente, fez a continência que lhes era devida e ficou com a mão no boné, um instante firme, mas logo bambeou.

– Abaixe a mão, fez o General. Que faz você aqui?

Albernaz falou em tom ríspido e de comando. A praça, falando a medo, explicou que tinha estado de ronda ao litoral toda a noite. A força se recolhera aos quartéis; ele

---

[354] No livro: "O solo".
[355] No livro: "sente".

obtivera licença para ir em casa, mas o sono fôra muito e descansava ali um pouco.

– Então como vão as cousas? perguntou o General.

– Não sei, não *sinhô*.

– Os *homens* desistem ou não?

– Não sei, não *sinhô*.[356]

O General esteve um instante examinando o soldado. Era branco e tinha os cabelos alourados, de um louro sujo e degradado; as feições eram feias: malares salientes, testa óssea e todo ele anguloso e desconjuntado.

– Donde você é? perguntou-lhe ainda Albernaz.

– Do Piauí, sim *sinhô*.

– Da capital?

– Do sertão, de Paranaguá, sim *sinhô*.

O Almirante até ali não interrogara o soldado que continuava amedrontado, respondendo tropegamente. Caldas, para acalmá-lo, resolveu falar-lhe com doçura.

– Você não sabe, camarada, quais são os navios que *eles* têm?

– O "Aquidabã"... A "Luci".

– A "Luci" não é navio.

– É verdade, sim *sinhô*. O "Aquidabã"... Um *bandão* deles, sim, *sinhô*.

O General interveio então. Falou-lhe com brandura, quase paternal, mudando o tratamento de você para tu, que parece mais doce e íntimo quando se fala aos inferiores:

– Bem, descansa, meu filho. É melhor ires para casa... Podem furtar-te o sabre e estás na *inácia*.

Os dous generais continuaram o seu caminho e, em breve, estavam na plataforma da estação. A pequena estação tinha um razoável movimento. Um grande número de oficiais, ativos, reformados, honorários moravam-lhe nas cercanias e os editais chamavam todos a se apresentar às autoridades competentes. Albernaz e Caldas atravessaram a plataforma no meio de continências. O General era mais conhecido, em virtude de seu emprego; o Almirante, não. Quando passavam, ouviam perguntar: "Quem é este Almirante?" Caldas ficava contente e orgulhava-se um pouco do seu posto e do seu incógnito.

Havia uma única mulher na estação, uma moça. Albernaz olhou-a e lembrou-se um instante de sua filha Ismenia... Coitada!... Ficaria boa?

Aquelas manias? Onde iria parar? Vieram-lhe as lágrimas, mas ele as reteve com força.

Já a levara a uma meia dúzia de médicos e nenhum fazia parar aquele escapamento do juízo que parecia fugir aos poucos do cérebro da moça.

A bulha de um expresso, chocalhando ferragens com estrépido, apitando com fúria e deixando fumaça pesada pelos ares que rompia, afastou-o de pensar na filha. Passou o monstro, pejado de soldados, de uniformes e os trilhos, depois de ter passado, ainda estremeciam.

Bustamante apareceu; morava nos arredores e vinha tomar o trem, para apresentar-se. Trazia o seu velho uniforme do Paraguai, talhado segundo os moldes dos guerreiros da Criméia. A barretina era um tronco de cone que avançava para a frente; e, com aquela banda roxa e casaquinha curta, parecia ter saído, fugido, saltado de uma tela de Vítor

[356] Esta linha não existe no livro.

Meireles.

– Então por aqui?... Que é isto? indagou o honorário.

– Viemos pela quinta, disse o Almirante.

– Nada, meus amigos, esses *bonds* andam muito perto do mar... Não me importa morrer, mas quero morrer combatendo; isso de morrer por ai, à toa, sem saber como, não vai comigo...

O General falara um pouco alto e os jovens oficiais que estavam próximo, olhavam-no[357] com mal disfarçada censura. Albernaz percebeu e ajuntou imediatamente:

– Conheço bem esse negócio de balas... Já vi muito fogo... Você sabe, Bustamante, que, em Curuzu...

– A cousa foi terrível, acrescentou Bustamante.

O trem atracava na estação. Veio chegando manso, vagaroso; a locomotiva, muito negra, bufando, suando gordurosamente, com a sua grande lanterna na frente, um olho de ciclope, avançava que nem uma aparição sobrenatural. Foi chegando; o comboio estremeceu todo e parou por fim.

Estava repleto, muitas fardas de oficiais; a avaliar por ali o Rio devia ter uma guarnição de cem mil homens. Os militares palravam alegres, e os civis vinham calados e abatidos, e mesmo apavorados. Se falavam, era cochichando, olhando com precaução para os bancos de trás.

A cidade andava inçada de secretas, *familiares* do Santo Ofício Republicano, e as delações eram moedas com que se obtinham postos e recompensas.

Bastava a mínima critica, para se perder o emprego, a liberdade, – quem sabe? – a vida também. Ainda estávamos no começo da revolta, mas o regime já publicara o seu prólogo e todos estavam avisados. O chefe de polícia organizara a lista dos suspeitos. Não havia distinção de posição e talentos. Mereciam as mesmas perseguições do governo um pobre contínuo e um influente senador; um lente e um simples empregado de escritório. Demais surgiam as vinganças mesquinhas, o revide de pequenas implicâncias... Todos mandavam; a autoridade estava em todas as mãos.

Em nome do Marechal Floriano, qualquer oficial, ou mesmo cidadão, sem função pública alguma, prendia e ai de quem caía na prisão, lá ficava esquecido, sofrendo angustiosos suplícios de uma imaginação dominicana. Os funcionários disputavam-se em bajulação, em servilismo... Era um terror, um terror baço, sem coragem, sangrento, às ocultas, sem grandeza, sem desculpa, sem razão e sem responsabilidades... Houve execuções; mas não houve nunca um Fouquier-Tinville.

Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os Alferes, os Tenentes e os Capitães. Para a maioria a satisfação vinha da convicção de que iam estender a sua autoridade sobre o pelotão e a companhia, a todo esse rebanho de civis; mas, em outros muitos havia sentimento mais puro, desinteresse e sinceridade. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassínios, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso e também ao advento do regime normal, a religião da humanidade, a adoração do grão-fetiche, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso enfim, com inscrições em escritura fonética e

[357] No livro: "olharam-no".

eleitos calçados com sapatos de sola de borracha!...

Os positivistas discutiam e citavam teoremas de mecânica para justificar as suas idéias de governo, em tudo semelhantes aos canatos e emirados orientais.

A matemática do positivismo foi sempre um puro falatório que, naqueles tempos, amedrontava toda gente. Havia mesmo quem estivesse convencido que a matemática tinha sido feita e criada para o positivismo, como se a Bíblia tivesse sido criada unicamente para a Igreja Católica e não também para a Anglicana. O prestígio dele era, portanto, enorme.

O trem correu, parou inda em uma estação e foi ter à Praça da República. O Almirante, cosido com as paredes, seguiu para o Arsenal de Marinha; Albernaz e Bustamante entraram no Quartel-General. Penetraram no grande casarão, no meio do retinir de espadas, de toques de cornetas; o grande pátio estava cheio de soldados, bandeiras, canhões, feixes de armas ensarilhadas[358], baionetas reluzindo ao sol oblíquo...

No sobrado, nas proximidades do gabinete do Ministro, havia um vaivém de fardas, dourados, fazendas multicores, uniformes de várias corporações e milícias, no meio dos quais os trajes escuros dos civis eram importunos como moscas. Misturavam-se oficiais da guarda nacional, da polícia, da armada, do exército, de bombeiros e de batalhões patrióticos que começavam a surgir.

Segunda-feira, 25 de setembro.

Apresentaram-se e, depois de tê-lo feito ao Ajudante-General e Ministro da Guerra, a um só tempo, ficaram a conversar nos corredores, com bastante prazer, pois que tinham encontrado o Tenente Fontes e ambos gostavam de ouvi-lo.

O General porque já era noivo de sua filha Dudu[359], e Bustamante porque aprendia com ele alguma cousa de nomenclatura dos armamentos modernos.

Fontes estava indignado, todo ele era horror, maldição contra os insurretos, e propunha os piores castigos.

– Hão de ver o resultado... Piratas! Bandidos! Eu, no caso do Marechal, se os pegasse... Ai deles!

O Tenente não era feroz nem mau, antes bom e até generoso, mas era positivista e tinha da sua República uma idéia religiosa e transcendente. Fazia repousar nela toda a felicidade humana e não admitia que a quisessem de outra forma que não aquela que imaginava boa. Fora daí não havia boa-fé, sinceridade; eram heréticos interesseiros, e, dominicano do seu barrete frígio, raivoso por não poder queimá-los em autos de fé, congesto, via passar por seus olhos uma série enorme de réus confitentes, relapsos, contumazes, falsos, simulados, fictos e confictos, sem samarra, soltos por aí...

Albernaz não tinha tanta fúria contra os adversários, No fundo d'alma, ele os queria até, tinha amigos lá, e essas divergências nada significavam para a sua idade e experiência,

Depositava, entretanto, uma certa esperança na ação do Marechal. Estando em apuros financeiros, não lhe dando o bastante a sua reforma e a gratificação de organizador do arquivo do Largo do Moura, esperava obter uma outra comissão, que lhe permitisse mais

---

[358] No folhetim está "encruzilhadas".
[359] No livro: "Lalá".

folgadamente adquirir o enxoval de Dudu[360].

O Almirante, também, tinha grande confiança nos talentos guerreiros e de estadista de Floriano. A sua causa não ia lá muito bem. Perdera-a em primeira instância, estava gastando muito dinheiro... O governo precisava de oficiais de Marinha, quase todos estavam na revolta; talvez lhe dessem uma esquadra a comandar... É verdade que... Mas, que diabo! Se fosse um navio, então sim: mas uma esquadra a cousa não era difícil: bastava coragem para combater.

Bustamante cria com força na capacidade do General Peixoto, tanto assim que, para apoiá-lo e defender o seu governo, imaginava organizar um batalhão patriótico, de que já tinha o nome "Cruzeiro do Sul" e naturalmente seria o seu comandante, com todas as vantagens do posto de Coronel.

Genelício, cuja atividade nada tinha de guerreira, esperava muito da energia e da decisão do governo de Floriano: esperava ser subdiretor e não podia um governo sério, honesto e enérgico, fazer outra cousa, desde que quisesse pôr ordem na sua seção.

Essas secretas esperanças eram mais gerais do que se pode supor. Nós vivemos do governo e a revolta representava uma confusão nos empregos, nos honorários[361] e nas posições que o Estado espalha. Os suspeitos abririam vagas e as dedicações supririam os títulos e habilitações para ocupá-las; além disso, o governo, precisando de simpatias e homens, tinha que nomear, espalhar, prodigalizar, inventar, criar e distribuir empregos, ordenados, promoções e gratificações.

O próprio Dr. Armando Borges, o marido de Olga e sábio sereno e dedicado quando estudante, colocava na revolta a realização de risonhos anelos.

Médico e rico, pela fortuna da mulher, ele não andava satisfeito. A ambição de dinheiro e o desejo de nomeada esporeavam-no. Já era médico do Hospital Sírio, onde ia três vezes por semana e, em meia hora, via trinta e mais doentes. Chegava, o enfermeiro dava-lhe informações, o Doutor ia, de cama em cama, perguntando: Como vai? Vou melhor, *seu* Doutor, respondia o sírio com voz gutural. Na seguinte, indagava: Já está melhor? E assim passava a visita; chegando ao gabinete, receitava: Doente no. 1, repita a receita; doente 5... quem é?... É aquele barbado... Ah! Ah![362] E receitava.

Mas médico de um hospital particular não dá fama a ninguém: o indispensável é ser do governo, senão ele não passava de um simples prático. Queria ter um cargo oficial, médico, diretor ou mesmo lente da faculdade.

E isso não era difícil, desde que arranjasse boas recomendações, pois já tinha certo nome, graças à sua atividade e fertilidade de recursos.

De quando em quando, publicava um folheto *O Cobreiro, Etiologia, Profilaxia e Tratamento ou Contribuição para o Estudo da Sarna no Brasil*; e mandava o folheto, quarenta a[363] sessenta páginas, aos jornais que se ocupavam dele duas ou três vezes por ano; *o operoso Dr. Armando Borges, o ilustre clínico, o proficiente médico dos nossos hospitais, etc. etc.*[364]

---

[360] No livro: "Lalá".
[361] No livro: "nas honrarias".
[362] No livro: "Ahn!".
[363] No livro: "e".
[364] Parágrafo incluído no livro:

Não contente com isso escrevia artigos, estiradas compilações, em que não havia nada de próprio, mas ricos de citações em francês, inglês e alemão.

Terça-feira, 26 de setembro.

O lugar de lente é que o tentava mais; o concurso porém, metia-lhe medo. Tinha elementos, estava bem relacionado e cotado na congregação, mas aquela história de argüição apavorava-o.

Não havia dia em que não comprasse livros, em francês, inglês e italiano, tomara até um professor de alemão, para entrar na ciência germânica; mas faltava-lhe energia para o estudo prolongado e a sua felicidade pessoal fizera evolar-se a pequena que tivera quando estudante.

A sala da frente do alto porão tinha sido transformada em biblioteca. As paredes estavam forradas de estantes que gemiam ao peso dos grandes tratados. À noite, ele abria as janelas das venezianas, acendia todos os bicos de gás e se punha à mesa, todo de branco com um livro aberto sob os olhos.

O sono não tardava a vir ao fim da quinta página... Isso era o diabo! Deu em procurar os livros da mulher. Eram romances franceses, Goncourt, Anatole France, Daudet, Maupassant, que[365] o faziam dormir da mesma maneira que os tratados. Ele não compreendia a grandeza daquelas análises, daquelas descrições, o interesse e o valor delas, revelando a todos, à sociedade, a vida, os sentimentos, as dores daqueles personagens, um mundo! O seu pedantismo, a sua falsa ciência e a pobreza de sua instrução geral faziam-no ver, naquilo tudo, brinquedos, passatempos, falatórios, tanto mais que ele dormia à leitura de tais livros.

Precisava, porém, iludir-se, a si mesmo e à mulher. De resto, da rua, viam-no e se dessem com ele a dormir sobre os livros?!... Mandou[366] encomendar algumas novelas de Paulo de Kock em lombadas com títulos trocados e afastou o sono.

A sua clínica, entretanto, prosperava. De comandita com o tutor, chegou a ganhar uns seis contos, tratando de um febrão de uma órfã rica.

Desde muito que a mulher lhe entrara na sua simulação de inteligência, mas aquela manobra indecorosa, indignou-a. Que necessidade tinha ele disso? Não era já rico? Não era moço? Não tinha o privilégio de um título universitário? Tal ato pareceu à moça mais vil, mais baixo, que a usura de um judeu, que o aluguel de uma pena...

Não foi desprezo, nojo que ela teve pelo marido; foi um sentimento mais calmo, menos ativo; desinteressou-se dele, destacou-se de sua pessoa. Ela sentiu que tinham cortado todos os laços de afeição, de simpatia, que prendiam ambos, toda a ligação moral, enfim.

Mesmo quando noiva, verificara que aquelas cousas de amor ao estudo, de interesse pela ciência, de ambições de descobertas, nele, eram superficiais, estavam à flor da pele;

Obtinha isso graças à precaução que tomara em estudante de se relacionar com os rapazes da imprensa.

[365] Falta o "que" no folhetim.

[366] No livro: "Tratou de".

mas desculpou. Muitas vezes nós nos enganamos sobre as nossas próprias forças e capacidades; sonhamos ser Shakespeare e saímos Mal das Vinhas[367]. Era perdoável, mas charlatão? Era demais!

Passou-lhe um pensamento mau, mas de que valeria essa quase indignidade?... Todos os homens deviam ser iguais; era inútil mudar deste para aquele...

Quando chegou a esta conclusão, sentiu um grande alívio, e a sua fisionomia se iluminou de novo como se já estivesse de todo passada a nuvem que empanava o sol dos seus olhos.

Naquela carreira atropelada para o nome fácil, ele não deu pelas modificações da mulher. Ela dissimulava os seus sentimentos, mais por dignidade e delicadeza, que mesmo por qualquer outro motivo; e a ele faltavam a sagacidade e finura necessárias para descobri-los sob o seu esconderijo.

Continuavam a viver como se nada houvesse, mas quanto estavam longe um do outro! ...

A revolta veio encontrá-los assim; e o Doutor, desde três dias, pois há tanto ela rebentara, meditava a sua ascensão social e monetária,

O sogro suspendera a viagem à Europa, e, naquela manhã, após o almoço, conforme o seu hábito, lia recostado numa cadeira de viagem os jornais do dia. O genro vestia-se e a filha ocupava-se com sua correspondência, escrevendo à cabeceira da mesa de jantar. Ela tinha um gabinete, com todo o luxo, livros, secretária, estantes, mas gostava pela manhã, de escrever ali, ao lado do pai. A sala lhe parecia mais clara, a vista para a montanha, feia e esmagadora, dava mais seriedade ao pensamento e a vastidão da sala mais liberdade no escrever.

Ela escrevia e o pai lia; num dado momento ele disse:

– Sabes quem vem ai, minha filha?

– Quem é?

– Teu padrinho. Telegrafou ao Floriano, dizendo que vinha... Está aqui, n'"O País"[368].

A moça adivinhou logo o motivo, o modo de agir e reagir do fato sobre as idéias e sentimentos de Quaresma. Quis desaprovar, censurar; sentiu-o, porém, tão coerente com ele mesmo, tão de acordo com a substância da vida que ele mesmo fabricara, que se limitou a sorrir complacente:

– O padrinho...

– Está doido, disse Coleoni. *Per la madonna*! Pois um homem que está quieto, sossegado, vem meter-se nesta barafunda, neste inferno...

O Doutor voltara já inteiramente vestido, com a sobrecasaca fúnebre e a cartola reluzente na mão. Vinha irradiante e o seu rosto redondo reluzia, exceto onde o grande bigode punha sombras. Ainda ouviu as últimas palavras do sogro, pronunciadas com aquele seu português rouco:

– Que há? perguntou ele.

Coleoni explicou e repetiu os comentários que já fizera:

– Mas não há tal, disse o Doutor. É o dever de todo patriota... Que tem a idade?

[367] No folhetim: "Mal dos Vinhos"; no livro: "Mal dos Vinhas".
[368] No folhetim lê-se: "a "O País"".

Quarenta e poucos anos, não é lá velho... Pode ainda bater-se pela República...

– Mas não tem interesse nisso, objetou o velho.

– E há de ser só quem tem interesse que se deve bater pela República? interrogou o Doutor.

A moça que acabava de ler a carta que tinha escrito, mesmo sem levantar a cabeça, disse:

– Decerto.

– E vem você com as suas teorias, filhinha. O patriotismo não está na barriga...

E sorriu com um falso sorriso que o brilho morto dos seus dentes postiços mais falsificava.

– Mas vocês só falam em patriotismo? E os outros? É monopólio de vocês o patriotismo? fez Olga.

– Decerto. Se eles fossem patriotas não estariam a despejar balas para a cidade, a entorpecer, a desmoralizar a ação da autoridade constituída.

– Deviam continuar a presenciar as prisões, as deportações, os fuzilamentos, toda a série de violências que se vêm cometendo, aqui e no Sul?

– Você, no fundo, é uma revoltosa, disse o Doutor, fechando a discussão.

Ela não deixava de ser. A simpatia dos desinteressados, da população inteira era pelos insurgentes. Não só isso sempre acontece em toda parte, como particularmente, no Brasil, devido a múltiplos fatores, há de ser assim normalmente.

Os governos, com os seus inevitáveis processos de violência e hipocrisias, ficam alheados da simpatia dos que acreditam nele; e demais, esquecidos de sua vital impotência e inutilidade, levam a prometer o que não podem fazer, de forma a criar desesperados, que pedem sempre mudanças e mudanças.

Não era, pois, de admirar que a moça tendesse para os revoltosos; e Coleoni, estrangeiro e conhecendo, graças à sua vida, as nossas autoridades, calasse as suas simpatias num mutismo prudente.

– Não me vá comprometer, hein Olga?

Ela se tinha levantado para acompanhar o marido. Parou um pouco, deitou-lhe o seu grande olhar luminoso, e com os finos lábios um pouco franzidos:

– Você sabe bem que eu não te comprometo.

O Doutor desceu a escada da varanda, atravessou o jardim e ainda do portão disse adeus à mulher, que lhe seguia a saída, debruçada na varanda, conforme o ritual dos bem ou mal casados.[369]

Ricardo vivia ainda na sua casa de cômodos dos subúrbios, cuja vista ia de Todos os Santos à Piedade, abrangendo um grande trato de área edificada, um panorama de casas e árvores.

Já não se falava mais no seu rival e a sua mágoa tinha assentado.

Por esses dias o seu triunfo desfilava sem ostentação[370]. Toda a cidade o tinha na consideração devida e ele quase se julgava ao termo da sua carreira. Faltava o assentimento de Botafogo, mas estava certo de obter...

---

[369] Parágrafo incluído no livro:

Por esse tempo, Coração dos Outros sonhava desligado das contingências terrenas.

[370] No livro: “contestação”.

_____

Quarta-feira, 27 de setembro.

Já publicara mais de um volume de canções; e agora pensava em publicar mais outro.

Há dias vivia em casa, pouco saindo, organizando o seu livro. Passava confinado no seu quarto, almoçando café, que ele mesmo fazia, e pão, indo à tarde jantar a uma tasca próxima à estação.

Notara que sempre que chegava, os carroceiros e trabalhadores, que jantavam nas mesas sujas, abaixavam a voz e olhavam-no desconfiados; mas não deu importância...

Apesar de popular no lugar, não encontrara pessoa alguma conhecida durante os três últimos dias; ele mesmo evitava falar e, em sua casa, limitava-se ao "bom dia" e à "boa tarde" trocados com os vizinhos.

Gostava de passar assim dias, metido em si mesmo e ouvindo o seu coração. Não lia jornais para não distrair a atenção do seu trabalho. Vivia a pensar nas suas modinhas e no seu livro que havia de ser mais uma vitória para ele e para o violão estremecido.

Naquela tarde estava sentado à mesa, corrigindo um dos seus trabalhos, um dos últimos, aquele que compusera no sítio de Quaresma – "Os Lábios de Carola".

Primeiro, leu toda a produção, cantarolando; voltou a lê-la, agarrou o violão para melhor apanhar o efeito e empacou nestes:

É mais bela que Helena e Margarida,
Quando sorri meneando a ventarola.
Só se encontra a ilusão que adoça a vida
Nos lábios de Carola.
.....

Nisto ouviu um tiro, depois outro, outro... Que diabo? pensou. Hão de ser salvas a algum navio estrangeiro. Repenicou o violão e continuou a cantar os lábios de Carola, onde encontrava a ilusão que adoça a vida...

* * * * *

Quarta-feira, 27 de setembro (cont.).

LIVRO TERCEIRO
I

Patriotas

HAVIA MAIS DE UMA HORA QUE ELE estava ali, num grande salão do palácio, vendo o Marechal, mas sem lhe poder falar. Quase não se encontravam dificuldades para se chegar à sua presença, mas falar-lhe, a cousa não era tão fácil.

O palácio tinha um ar de intimidade, de quase relaxamento, representativo e eloqüente. Não era raro ver-se pelos divãs, em outras salas, ajudantes de ordens, ordenanças, contínuos, cochilando, meio deitados e desabotoados. Tudo nele era desleixo e moleza. Os cantos dos tetos tinham teias de aranha; dos tapetes, quando pisados com mais força, subia uma poeira de rua mal varrida.

Quaresma não pudera vir logo, como anunciara no telegrama. Fôra preciso pôr em ordem os seus negócios, arranjar quem fizesse companhia à irmã. Fizera D. Adelaide mil objeções à sua partida; mostrara-lhe os riscos da luta, da guerra, incompatíveis com a sua idade e superiores à sua força; ele, porém, não se deixara abater, fizera pé firme, pois sentia, indispensável, necessário que toda a sua vontade, que toda a sua inteligência, que tudo o que ele tinha de vida e atividade fosse posto à disposição do governo, para então!... Oh!

Aproveitara os dias até para redigir um memorial que ia entregar a Floriano. Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas.

O Major apertava o manuscrito na mão e lembrava-se da sua casa, lá longe, no canto daquela planície feia, olhando, no poente, as montanhas que se alongavam, se afilavam nos dias claros e transparentes; lembrava-se de sua irmã, dos seus olhos verdes e plácidos que o viram partir com uma impassibilidade que não era natural; mas do que se lembrava mais, naquele momento, era do Anastácio, o seu preto velho, o seu longo olhar, não mais com aquela ternura passiva de animal doméstico, mas cheio de assombro, de espanto e piedade, rolando muito nas órbitas as escleróticas muito brancas, quando o viu penetrar no vagão da estrada de ferro, Parecia que farejava desgraça... Não lhe era comum tal atitude e como que a tomava por ter descoberto nas cousas sinais de dolorosos acontecimentos a vir... Ora!...

Ficara Quaresma a um canto vendo entrar um e outro, à espera que o Presidente o chamasse. Era cedo, pouco devia faltar para o meio-dia, e Floriano tinha ainda, como sinal do almoço, o palito na boca.

Falou em primeiro lugar a uma comissão de senhoras que vinham oferecer o seu braço e o seu sangue em defesa das instituições e da pátria. A oradora era uma mulher baixa, de busto curto, gorda, com grandes seios altos e falava agitando o leque fechado na mão direita.

Não se podia dizer bem qual a sua cor, sua raça, ao menos: andavam tantas nela que uma escondia a outra, furtando toda ela a uma classificação honesta.

Enquanto falava, a mulherzinha deitava sobre o Marechal os grandes olhos que despediam chispas. Floriano parecia incomodado com aquele chamejar; era como se temesse derreter-se ao calor daquele olhar que queimava mais sedução que patriotismo, Fingia encará-la, abaixava o rosto como um adolescente, batia com os dedos na mesa...

Quando lhe chegou a vez de falar, levantou um pouco o rosto, mas sem encarar a

mulher, e, com um grosso e difícil sorriso de roceiro, declinou da oferta, visto a República ainda dispor de bastante força para vencer.

A última frase, ele a disse com mais vagar e quase ironicamente. As damas despediram-se; o Marechal girou olhar em torno do salão e deu com Quaresma: Então, Quaresma? fez ele familiarmente.

Quinta-feira, 28 de setembro.

O Major ia aproximar-se, mas logo estacou no lugar em que estava. Uma chusma de oficiais subalternos e cadetes cercou[371] o ditador e a sua atenção convergiu para eles. Não se ouvia o que diziam. Falavam ao ouvido de Floriano, cochichavam, batiam-lhe nas espáduas. O Marechal quase não falava: movia com a cabeça ou pronunciava um monossílabo, cousa que Quaresma percebia pela articulação dos lábios.

Começaram a sair. Apertavam a mão do ditador e, um deles, mais jovial, mais familiar, ao despedir-se, apertou-lhe com força a mão mole, bateu-lhe no ombro com intimidade, e disse alto e com ênfase: Energia, Marechal!

Aquilo tudo parecia tão natural, normal, tendo entrado no novo cerimonial da República, que ninguém, nem o próprio Floriano, teve a mínima surpresa, ao contrário alguns até sorriram alegres por ver o califa, o cã, o emir, transmitir um pouco do que tinha de sagrado ao subalterno desabusado. Não se foram todos imediatamente. Um deles demorou-se mais a segredar cousas à suprema autoridade do país. Era um cadete da Escola Militar, com a sua farda azul-turquesa, talim e sabre de praça de *pret*.[372]

Quaresma pôde então ver melhor a fisionomia do homem que ia enfeixar em suas mãos, durante quase um ano, tão fortes poderes, poderes de Imperador Romano, pairando sobre tudo, limitando tudo, sem encontrar obstáculo algum aos seus caprichos, às suas fraquezas e vontades, nem nas leis, nem nos costumes, nem na piedade universal e humana.

Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande *mosca*, os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortiço, redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa, de raça; e todo ele era gelatinoso – parecia não ter nervos.

---

[371] No fohetim está no plural: "cercaram".

[372] Trecho incluído no livro:

Os cadetes da Escola Militar formavam a falange sagrada.

Tinham todos os privilégios e todos os direitos; precediam Ministros nas entrevistas com o ditador e abusavam dessa situação de esteio do Sila, para oprimir e vexar a cidade inteira.

Uns trapos de positivismo se tinham colado naquelas inteligências e uma religiosidade especial brotara-lhes no sentimento, transformando a autoridade, especialmente Floriano e vagamente a República, em artigo de fé, em feitiço, em ídolo mexicano, em cujo altar todas as violências e crimes eram oblatas dignas e oferendas úteis para a sua satisfação e eternidade.

O cadete lá estava...

Não quis o Major ver em tais sinais nada que lhe denotasse o caráter, a inteligência e o temperamento. Essas cousas não vogam, disse ele de si para si.

O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte, sincero e desinteressado. Tinha-o na conta de enérgico, de fino e supervidente, tenaz e conhecedor das necessidades do país, manhoso talvez um pouco, uma espécie de Luís XI forrado de um Bismarck. Entretanto, não era assim. Com uma ausência total de qualidades intelectuais, havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade predominante: tibieza de ânimo, e no seu temperamento, muita preguiça. Não a preguiça comum, essa preguiça de nós todos; era uma preguiça mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa, provinda de uma insuficiente quantidade de fluido no seu organismo. Pelos lugares que passou, tornou-se notável pela indolência e desamor às obrigações dos seus cargos.

Quando diretor do Arsenal de Pernambuco, nem energia tinha para assinar o expediente respectivo; e durante o tempo em que foi Ministro da Guerra, passava meses e meses sem lá ir, deixando tudo por assinar, pelo que *legou* ao seu substituto um trabalho avultadíssimo.

Quem conhece a atividade papeleira de um Colbert, de um Napoleão, de um Filipe II, de um Guilherme I, da Alemanha, em geral de todos os grandes homens de Estado, não compreende o descaso florianesco pela expedição de ordens, explicações aos subalternos, de suas vontades, de suas vistas. Certamente necessárias deviam ser tais transmissões para que o seu senso superior se fizesse sentir e influísse na marcha das cousas governamentais e administrativas.

Dessa sua preguiça de pensar e de agir, vinha o seu mutismo, os seus misteriosos monossílabos, levados à altura de ditos sibilinos, as famosas *encruzilhadas dos talvezes*, que tanto reagiram sobre a inteligência e imaginação nacionais, mendigas de heróis e grandes homens.

Essa doentia preguiça fazia-o andar de chinelos e deu-lhe aquele aspecto de calma superior, calma de grande homem de Estado ou de guerreiro extraordinário.

Toda a gente ainda se lembra como foram os seus primeiros meses de governo. A braços com o levante de presos, praças e inferiores da fortaleza de Santa Cruz, tendo mandado fazer um inquérito, abafou-o com medo que as pessoas indicadas como instigadoras não fizessem outra sedição, e, não contente com isto, essas pessoas tiveram[373] as melhores e mais altas recompensas.

Demais, ninguém pode admitir um homem forte, um César, um Napoleão, que permita aos subalternos aquelas intimidades deprimentes e tenha com eles as condescendências que ele tinha, consentindo que o seu nome servisse de lábaro para uma vasta série de crimes de toda espécie.

Uma recordação basta. Sabe-se bem sob que atmosfera de má vontade Napoleão assumiu o comando do exército da Itália. Augereau que o chamava "general de rua", disse a alguém, após lhe ter falado: "o homem meteu-me medo", e o corso estava senhor do exército, sem *batidelas* no ombro, sem delegar tácita ou explicitamente a sua autoridade a subalternos irresponsáveis.

De resto, a lentidão com que sufocou a revolta de 6 de setembro mostra bem a incerteza, a vacilação de vontade de um homem que dispunha daqueles extraordinários

[373] No livro: "deu a essas pessoas".

recursos que estavam às suas ordens.

Há uma outra face do Marechal Floriano que muito explica os seus movimentos, atos e gestos. Era o seu amor à família, um amor entranhado, alguma cousa de patriarcal, de antigo que já se vai esvaindo com a marcha da civilização.

Em virtude de insucessos na exploração agrícola de duas das suas propriedades, a sua situação particular era precária, e não queria morrer sem deixar à família as suas propriedades agrícolas desoneradas do peso das dívidas.

Honesto e probo como era, a única esperança que lhe restava, repousava nas economias sobre os seus ordenados. Daí lhe veio essa dubiedade, esse jogo com pau de dous bicos, jogo indispensável para conservar os rendosos lugares que teve e o fez atarraxar-se tenazmente à presidência da República. A hipoteca do "Brejão" e do "Duarte" foi o seu nariz de Cleópatra...

A sua preguiça, a sua tibieza de ânimo e o seu amor fervoroso pelo lar deram em resultado esse *homem-talvez* que, refratado nas necessidades mentais e sociais dos homens do tempo, foi transformado em estadista, em Richelieu e pôde resistir a uma séria revolta com mais tirania[374] que vigor, obtendo vidas, dinheiro e despertando até entusiasmo e fanatismo.

Esse entusiasmo e esse fanatismo, que o ampararam, que o animaram, que o sustentaram, só teriam sido possíveis, depois de ter ele sido Ajudante-General do Império, senador, Ministro, isto é, após se ter *fabricado* à vista de todos e cristalizado a lenda na mente de todos.

A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a cousa ao grande o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no Tesouro; ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água.

Demais, a sua educação militar e a sua fraca cultura deram mais realce a essa concepção infantil, raiando-a de violência, não tanto por ele em si, pela sua perversidade natural, pelo seu desprezo pela vida humana, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas.

Quaresma estava longe de pensar nisso tudo; ele com muitos homens honestos e sinceros do tempo, foram tomados pelo entusiasmo contagioso que Floriano conseguira despertar. Pensava na grande obra que o Destino reservava àquela figura plácida e triste; na reforma radical que ele ia levar ao organismo aniquilado da pátria, que o Major se habituara a crer a mais rica do mundo, embora, de uns tempos para cá, já tivesse dúvidas a certos respeitos.

Decerto, ele não negaria tais esperanças e a sua ação poderosa havia de se fazer sentir pelos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil, levando-lhes estradas, segurança, proteção aos fracos, assegurando o trabalho e promovendo a riqueza.

Não se demorou muito nessa ordem de pensamentos. Um seu companheiro de espera, desde que o Marechal lhe falou familiarmente, começou a considerar aquele homem pequenino, taciturno, de *pince-nez* e foi-se chegando, se aproximando e, quando já perto,

[374] No livro: "teimosia".

disse a Quaresma, quase como um terrível segredo.

– Eles vão ver o *caboclo*... O Major há muito que o conhece?

Respondeu-lhe o Major e o outro ainda lhe fez uma outra pergunta; o Presidente, porém, ficara só e Quaresma avançou.

– Então, Quaresma? fez Floriano.

– Venho oferecer a V– Não sei, não *sinhô*.ossa Excelência os meus fracos préstimos.

O Presidente considerou um instante aquela pequenez de homem, sorriu com dificuldade, mas, levemente, com um pouco de satisfação. Sentiu por aí a força de sua popularidade e senão a razão boa de sua causa.

– Agradeço-te muito... Onde tens andado? Sei que deixaste o Arsenal.

Floriano tinha essa capacidade de guardar fisionomias, nomes, empregos, situações dos subalternos com quem lidava. Tinha alguma cousa de asiático; era cruel e paternal ao mesmo tempo.

Quaresma explicou-lhe a sua vida e aproveitou a ocasião para lhe falar em leis agrárias, medidas tendentes a desafogar e dar novas bases à nossa vida agrícola. O Marechal ouviu-o distraído, com uma dobra de aborrecimento no canto dos lábios.

– Trazia a Vossa Excelência até este memorial[375]...

O Presidente teve um gesto de mau humor, um quase "não me amole" e disse com preguiça a Quaresma:

– Deixa aí...

Depositou o manuscrito sobre a mesa e logo o ditador dirigiu-se ao interlocutor de ainda agora:

– Que há, Bustamante? E o batalhão, vai?

O homem aproximou-se mais, um tanto amedrontado:

– Vai bem, Marechal. Precisamos de um quartel!... Se Vossa Excelência desse ordem...

– É exato. Fala ao Rufino em meu nome que ele pode arranjar... Ou antes: leva-lhe este bilhete.

Sexta-feira, 29 de setembro.

Rasgou um pedaço de uma das primeiras páginas do manuscrito de Quaresma, e assim mesmo, sobre aquela ponta de papel, a lápis azul, escreveu algumas palavras ao seu Ministro da Guerra. Ao acabar é que deu com a desconsideração:

– Ora! Quaresma! Rasguei o teu escrito... Não faz mal... Era a parte de cima, não tinha nada escrito.

O Major confirmou e o Presidente, em seguida, voltando-se para Bustamante:

– Aproveita Quaresma no teu batalhão. Que posto queres?

– Eu! fez Quaresma estupidamente.

– Bem. Vocês lá se entendem.

Os dous se despediram do Presidente e desceram vagarosamente as escadas do

[375] No folhetim lê-se "esta memória".

Itamarati. Até à rua nada disseram um ao outro. Quaresma vinha um pouco frio, O dia estava claro e quente; o movimento da cidade parecia não ter sofrido alteração apreciável. Havia a mesma agitação de *bonds*, carros e carroças; mas nas fisionomias, um terror, um espanto, alguma cousa de tremendo ameaçava todos e parecia estar suspenso no ar.

Bustamante deu-se a conhecer. Era o Major Bustamante, agora Coronel[376], velho amigo do Marechal, seu companheiro do Paraguai.

– Mas nós nos conhecemos! exclamou ele.

Quaresma esteve olhando aquele velho mulato escuro, com uma grande barba mosaica e olhos espertos, mas não se lembrou de tê-lo já encontrado algum dia.

– Não me recordo... Donde?

– Da casa do General Albernaz... Não se lembra?

Polycarpo então teve uma vaga recordação e o outro explicou-lhe a formação do seu batalhão patriótico "Cruzeiro do Sul".

– O senhor quer fazer parte?

– Pois não, fez Quaresma.

– Estamos em dificuldades... Fardamento, calçado para as praças... Nas primeiras despesas devemos auxiliar o governo...[377] Não convém sangrar o Tesouro, não acha?

– Certamente, disse com entusiasmo Quaresma.

– Folgo muito que o senhor concorde comigo... Vejo que é um patriota...Resolvi por isso fazer um rateio pelos oficiais, em proporção ao posto: um alferes concorre com cem mil-réis, um tenente com duzentos... O senhor que patente quer? Ah! É verdade! O senhor é Major, não é?

Quaresma então explicou por que o tratavam por Major. Um amigo, influência no Ministério do Interior, lhe tinha metido o nome numa lista de guardas-nacionais, com esse posto. Nunca tendo pago os emolumentos, viu-se, entretanto, sempre tratado Major, e a cousa pegou. A princípio, protestou, mas como teimassem deixou.

– Bem, fez Bustamante. O senhor fica mesmo sendo Major.

– Qual é a minha quota?

– Quatrocentos mil-réis. Um pouco forte, mas... O senhor sabe; é um posto importante... Aceita?

– Pois não.

Bustamante tirou a carteira, tomou nota com uma pontinha de lápis e despediu-se jovialmente:

– Então, Major, às seis, no quartel provisório.

A conversa se havia passado na esquina da Rua Larga com o Campo de Sant'Ana. Quaresma pretendia tomar um *bond* que o levasse ao centro da cidade. Tencionava visitar o compadre em Botafogo, fazendo, assim, horas para a sua iniciação militar.

A praça estava pouco transitada; os *bonds* passavam ao chouto compassado das mulas; de quando em quando ouvia-se um toque de corneta, rufos de tambor, e do portão central do Quartel-General saía uma força, armas ao ombro, baionetas caladas, dançando nos ombros dos recrutas, faiscando com um brilho duro e mau.

Ia tomar o *bond*, quando se ouviram alguns disparos de artilharia e o seco espocar

[376] No livro: "Tenente-Coronel".
[377] O folhetim quebra aqui o parágrafo, em evidente gralha.

dos fuzis. Não durou muito; antes que o *bond* atingisse à Rua da Constituição, todos os rumores guerreiros tinham cessado, e quem não estivesse avisado havia de supor-se em tempos normais.

Quaresma chegou-se para o centro do banco e ia ler o jornal que comprara. Desdobrou-o vagarosamente, mas foi logo interrompido; bateram-lhe no ombro. Voltou-se.

– Oh! General!

O encontro foi cordial. O General Albernaz gostava dessas cerimônias e tinha mesmo um prazer, uma deliciosa emoção em reatar conhecimentos que se tinham enfraquecido por uma separação qualquer. Estava fardado, com aquele seu uniforme maltratado; não trazia espada e o *pince-nez* continuava preso por um trancelim de ouro que lhe passava por detrás da orelha esquerda.

– Então veio ver a cousa?

– Vim. Já me apresentei ao Marechal,

– *Eles* vão ver com quem se meteram. Pensam que tratam com o Deodoro, enganam-se!... A República, graças a Deus, tem agora um homem na sua frente... O *caboclo* é de ferro... No Paraguai...

– O senhor conheceu-o lá, não, General?

Sábado, 30 de setembro.

– Isto é... Não chegamos a nos encontrar, mas o Camisão... É duro, o homem. Estou como encarregado das munições... É fino o *caboclo*: não me quis no litoral. Sabe muito bem quem sou e que munição que saia das minhas mãos, é munição... Lá, no depósito, não me sai um caixote que eu não examine... É necessário... No Paraguai, houve muita desordem e comilança: mandou-se muita cal por pólvora – não sabia?

– Não.

– Pois foi. O meu gôsto era ir para as praias, para o combate; mas o *homem* quer que eu fique com as munições... Capitão manda, marinheiro faz... Ele sabe lá...

Deu de ombros, concertou o trancelim que já caía da orelha e esteve calado um instante. Quaresma perguntou:

– Como vai a família?

– Bem. Sabe que Quinota casou-se?

– Sabia, o Ricardo me disse. E D. Ismenia, como vai?

A fisionomia do General toldou-se e respondeu como a contragosto:

– Vai no mesmo.

O pudor de pai tinha-o impedido de dizer toda a verdade. A filha enlouquecera de uma loucura mansa e infantil. Passava dias inteiros calada, a um canto, olhando estupidamente tudo, com um olhar morto de estátua, numa atonia de inanimado, como que caíra em imbecilidade; mas vinha uma hora, porém, em que se penteava toda, enfeitava-se e corria à mãe, dizendo: "Apronta-me, mamãe. O meu noivo não deve tardar... é hoje o meu casamento".Outras vezes recortava papel, em forma de participações, e escrevia: Ismenia de Albernaz e Fulano (variava) participam o seu casamento.

O General já consultara uma dúzia de médicos, o espiritismo e agora andava às voltas com um feiticeiro milagroso; a filha, porém, não sarava, não perdia a mania e cada

vez mais se embrenhava o seu espírito naquela obsessão de casamento, alvo que fizeram ser da sua vida, a que não atingira, aniquilando-se, porém, o seu espírito e a sua mocidade em pleno verdor.

Entristecia o seu estado aquela casa outrora tão alegre, tão festiva. Os bailes tinham diminuído; e, quando eram obrigados a dar um, nas datas principais, a moça, com todos os cuidados, à custa de todas as promessas, era levada para a casa da irmã casada, e lá ficava, enquanto as outras dançavam, um instante esquecidas da irmã que sofria.

Albernaz não quis revelar aquela dor de sua velhice; reprimiu a emoção e continuou no tom mais natural, naquele seu tom familiar e íntimo que usava com todos:

– Isto é uma infâmia, Sr. Quaresma. Que atraso para o país! E os prejuízos? Um porto destes fechado ao comércio nacional, quantos anos de retardamento não representa!

O Major concordou e mostrou a necessidade de prestigiar o Governo, de forma a tornar impossível a reprodução de levantes e insurreições.

– Decerto, aduziu o General. Assim não progredimos, não nos adiantamos. E no estrangeiro que mau efeito!

O *bond* chegara ao Largo de São Francisco e os dous se separaram. Quaresma foi direitinho ao Largo da Carioca e Albernaz seguiu para a Rua do Rosário.

Olga viu entrar seu padrinho sem aquela alegria expansiva de sempre. Não foi indiferença que sentiu, foi espanto, assombro, quase medo, embora soubesse perfeitamente que ele estava a chegar. Entretanto, não havia mudança na fisionomia de Quaresma, no seu corpo, em todo ele. Era o mesmo homem baixo, pálido, com aquele cavanhaque apontado e o olhar agudo por detrás do *pince-nez*... Nem mesmo estava mais queimado e o jeito de apertar os lábios era o mesmo que ela conhecia há tantos anos. Mas, parecia-lhe mudado e ter entrado impelido, empurrado por uma força estranha, por um turbilhão; bem examinando, entretanto, verificou que ele entrara naturalmente, com o seu passo miúdo e firme. Donde lhe vinha então essa cousa que a acanhava, que lhe tirara a sua alegria de ver pessoa tão amada? Não atinou. Estava lendo na sala de jantar e Quaresma não se fazia anunciar; ia entrando conforme o velho hábito. Respondeu ao padrinho ainda sob a dolorosa impressão da sua entrada.

– Papai saiu; e o Armando está lá embaixo escrevendo.

De fato, ele estava escrevendo ou mais particularmente: traduzia para o *clássico* um grande artigo sobre "Ferimentos por arma de fogo". O seu último *truc* intelectual era este do *clássico*. Buscava nisto uma distinção, uma separação intelectual desses meninos por aí que escrevem contos e romances nos jornais. Ele, um sábio, e sobretudo, um Doutor, não podia escrever da mesma forma que eles. A sua sabedoria superior e o seu título *acadêmico* não podiam usar da mesma língua, dos mesmos modismos, da mesma sintaxe que esses poetastros e literatos[378]. Veio-lhe então a idéia do clássico. O processo era simples: escrevia do modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía *incomodar* por *molestar*, *ao redor* por *derredor*, *isto* por *esto*, *quão grande* ou *tão grande* por *quamanho*, salpicava[379] *ao invés*, *empós*, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares e ao público em geral.

[378] No livro: "literatecos".
[379] No livro: "sarapintava tudo de".

Gostava muito da expressão – *às rebatinhas*; usava-a a todo o momento e, quando a punha no branco do papel, imaginava que dera ao seu estilo uma força e um brilho pascalianos e às suas idéias uma suficiência transcendente. De noite, lia o padre Vieira, mas logo às primeiras linhas o sono lhe vinha e dormia sonhando-se *físico*, tratado de mestre, em pleno Seiscentos, prescrevendo sangria e água quente, tal e qual o Dr. Sangrado.

A sua tradução estava quase no fim, já estava bastante prático, pois com o tempo adquirira um vocabulário suficiente e a versão era feita mentalmente, em quase metade, logo na primeira escrita. Recebeu o recado da mulher, anunciando-lhe a visita, com um pequeno aborrecimento, mas, como teimasse em não encontrar um equivalente clássico para *orifício*, julgou útil a interrupção. Queria pôr *buraco*, mas era plebeu; *orifício*, se bem que muito usado, era, entretanto, mais digno. Na volta talvez encontrasse, pensou; e subiu à sala de jantar. Ele entrou prazenteiro, com o seu grande bigode esfarelado, o seu rosto redondo e encontrou padrinho e afilhada empenhados em uma discussão sobre autoridade.

Dizia ela:

– Eu não posso compreender esse tom divino com que os senhores falam da autoridade. Não se governa mais em nome de Deus, por que então esse respeito, essa veneração de que querem cercar os governantes?

O Doutor, que ouvira toda a frase, não pôde deixar de objetar:

– Mas é preciso, indispensável... Nós sabemos bem que eles são homens como nós, mas, se não for assim tudo vai por água abaixo.

Quaresma acrescentou:

– É em virtude das próprias necessidades internas e externas da nossa sociedade que ela existe... Nas formigas, nas abelhas...

– Admito. Mas há revoltas entre as abelhas e formigas, e a autoridade se mantém lá à custa de assassínios, exações e violências?

– Não se sabe... Quem sabe? Talvez... fez evasivamente Quaresma.

O Doutor não teve dúvidas e foi logo dizendo:

– Que temos nós com as abelhas? Então nós, os homens, o pináculo da escala zoológica, iremos buscar normas de vida entre insetos?

– Não é isso, meu caro Doutor; buscamos nos exemplos deles a certeza da generalidade do fenômeno, da sua imanência, por assim dizer, disse Quaresma com doçura.

Ele não tinha acabado a explicação e já Olga refletia:

– Ainda se essa tal autoridade trouxesse felicidade – vá; mas não; de que vale?

– Há de trazer, afirmou categoricamente Quaresma. A questão é consolidá-la.

Conversaram ainda muito tempo. O Major contou a sua visita a Floriano, a sua próxima incorporação ao batalhão "Cruzeiro do Sul". O Doutor teve uma ponta de inveja, quando ele se referiu ao modo familiar por que Floriano o tratara. Fizeram um pequeno *lunch* e Quaresma saiu.

Sentia necessidade de rever aquelas ruas estreitas, com as suas lojas profundas e escuras, onde os empregados se moviam como em um subterrâneo. A tortuosa Rua dos Ourives, a esburacada Rua da Assembléia, a casquilha Rua do Ouvidor davam-lhe saudades.

A vida continuava a mesma. Havia grupos parados e moças a passeio; no Café do Rio, uma multidão. Eram os avançados, os *jacobinos*, a guarda abnegada da República, os intransigentes, a cujos olhos, a moderação, a tolerância e o respeito pela liberdade e a vida

alheias eram crimes de lesa-pátria, sintomas de monarquismo criminoso e abdicação desonesta diante do estrangeiro. O estrangeiro era sobretudo o português, o que não impedia de haver jornais *jacobiníssimos* redigidos por portugueses da mais bela água.

A não ser esse grupo gesticulante e apaixonado, a Rua do Ouvidor era a mesma. Os namoros se faziam e as moças iam e vinham. Se uma bala zunia no alto céu azul, luminoso, as moças davam gritinhos de gata, corriam para dentro das lojas, esperavam um pouco e logo voltavam sorridentes, o sangue a subir às faces pouco e pouco, depois da palidez do medo.

Segunda-feira, 2 de outubro.

Quaresma jantou num *restaurant* e dirigiu-se ao quartel, que funcionava provisoriamente num velho cortiço condenado pela higiene, lá pelos lados da Cidade Nova. Tinha o tal cortiço andar térreo e sobrado, ambos divididos em cubículos do tamanho de camarotes de navio. No sobrado, havia uma varanda de grade de pau e uma escada de madeira levava até lá, escada tosca e oscilante, que gemia à menor passada. A casa da ordem funcionava no primeiro quartinho do sobrado e o pátio, já sem as cordas de secar ao sol a roupa, mas com as pedras manchadas das barrelas e da água de sabão, servia para a instrução dos recrutas. O instrutor era um Sargento reformado, um tanto coxo, e admitido no batalhão com o posto de alferes, a gritar[380] com uma demora majestosa: *om – brô*... armas!

O Major entregou a sua quota ao Coronel e este esteve a mostrar-lhe o modelo do fardamento.

Era muito singular essa fantasia de seringueiro: o dólmã era verde-garrafa e tinha uns vivos azul-ferrete, alamares dourados e quatro estrelas prateadas, em cruz, na gola.

Uma gritaria fê-los vir até à varanda. Entre soldados entrava um homem, a se debater, a chorar e a implorar, ao mesmo tempo, levando de quando em quando uma riflada.

– É o Ricardo! exclamou Quaresma. O senhor não o conhece, Coronel? continuou ele com interesse e piedade.

Bustamante estava impassível na varanda e só respondeu depois de algum tempo:

– Conheço... É um voluntário recalcitrante[381].

Os soldados subiram com o *voluntário* e Ricardo logo que deu com o Major, suplicou-lhe:

– Salve-me Major!

Quaresma chamou de parte o Coronel, rogou-lhe e suplicou-lhe, mas foi inútil... Há necessidade de gente... Enfim, fazia-o cabo.

Ricardo, de longe, seguia a conversa dos dous: adivinhou a recusa e exclamou:

– Eu sirvo sim, sim, mas dêeem-me o meu violão.

Bustamante perfilou-se e gritou aos soldados:

– Restituam o violão ao cabo Ricardo!

---

[380] No livro: "que gritava".
[381] No livro: "recalcitrante, um patriota rebelde".

* * * * *

Segunda-feira, 2 de outubro.

LIVRO TERCEIRO
II

Você, Quaresma, é um visionário

OITO HORAS DA MANHÃ. A CERRAÇÃO ainda envolve tudo. Do lado da terra, mal se enxergam as partes baixas dos edifícios próximos; para o lado do mar, então, a vista é impotente contra aquela treva esbranquiçada e flutuante, contra aquela muralha de flocos e opaca, que se condensa ali e aqui em aparições, em semelhanças de cousas. O mar está silencioso: há grandes intervalos entre o seu fraco marulho. Vê-se da praia um pequeno trecho, sujo, coberto de algas, e o odor da maresia parece mais forte com a neblina. Para a esquerda e para a direita, é o desconhecido, o Mistério. Entretanto, aquela pasta espessa, de uma claridade difusa, está povoada de ruídos. O chiar das serras vizinhas, os apitos de fábricas e locomotivas, os guinchos de guindastes dos navios enchem aquela manhã indecifrável e taciturna; e ouve-se mesmo a bulha compassada de remos que ferem o mar. Acredita-se, dentro daquele decoro, que é Caronte que traz a sua barca para uma das margens do Estige...

Atenção! Todos perscrutam a cortina de névoa pastosa. Os rostos estão alterados; parece que do seio da bruma vão surgir demônios...

Não se ouve mais a bulha: o escaler afastou-se. As fisionomias respiram aliviadas...

Não é noite, não é dia; não é o dilúculo, não é o crepúsculo; é a hora da angústia, é a luz da incerteza. No mar, não há estrelas nem sol que guiem; na terra, as aves morrem de encontro às paredes brancas das casas. A nossa miséria é mais completa e a falta daqueles mudos marcos da nossa atividade dá mais forte percepção do nosso isolamento no seio da natureza grandiosa.

Os ruídos continuam, e, como nada se vê, parece que vêm do fundo da terra ou são alucinações auditivas, A realidade só nos vem do pedaço de mar que se avista, marulhando com grandes intervalos, fracamente, tenuemente, a medo, de encontro à areia da praia, suja de bodelhas, algas e sargaços.

Aos grupos, após o rumor dos remos, os soldados deitaram-se pela relva que continuava[382] a praia. Alguns já cochilam; outros procuram com os olhos o céu através do

[382] No livro, no presente: "continua".

nevoeiro que lhes umedece o rosto.

O cabo Ricardo Corado dos Outros, de rifle à cintura e gorro à cabeça, sentado numa pedra, está à[383] parte, sozinho, e olha aquela manhã angustiosa.

Era a primeira vez que via a cerração assim perto do mar, onde ela faz sentir toda a sua força de desesperar. Em geral, ele só tinha olhos para as alvoradas claras e purpurinas, macias e fragrantes; aquele amanhecer brumoso e feio, era uma novidade para ele.

Sob o fardamento de cabo, o menestrel não se aborrece. Aquela vida solta da caserna vai-lhe bem n'alma; o violão está lá dentro e, em horas de folga, ele o experimenta, cantarolando em voz baixa. É preciso não enferrujar os dedos... O seu pequeno aborrecimento é não poder, de quando em quando, soltar o peito.

O comandante do destacamento é Quaresma que talvez consentisse...

O Major estava[384] no interior da casa que servia[385] de quartel, lendo. O seu estudo predileto é agora artilharia. Comprou compêndios; mas, como sua instrução é insuficiente, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e à geometria analítica; desce mais a escada; vai à trigonometria, à geometria e à álgebra e à aritmética. Ele percorre essa cadeia de ciências entrelaçadas com uma fé de inventor. Aprende uma noção elementaríssima após um rosário de consultas, de compêndio por[386] compêndio; e leva assim aqueles dias de ócio guerreiro enfronhado na matemática, nessa matemática rebarbativa e hostil aos cérebros que já não são mais moços.

Há no destacamento um canhão Krupp, mas ele nada tem a ver com o mortífero aparelho; contudo, estuda artilharia. É encarregado dele o Tenente Fontes, que não dá obediência alguma ao patriota Major. Quaresma não se incomoda com isso; vai aprendendo lentamente a servir-se da boca de fogo e submete-se à arrogância do subalterno.

O comandante do "Cruzeiro do Sul", o Bustamante da barba mosaica, continua no quartel, superintendendo a vida do batalhão. A unidade tem poucos oficiais e muito poucas praças; mas o Estado paga o pré de quatrocentas. Há falta de capitães, o número de alferes está justo, o de tenentes quase, mas já há um major, que é Quaresma, e o comandante, Bustamante, que, por modéstia, se fez simplesmente Tenente-Coronel.

Tem quarenta praças o destacamento que Quaresma comanda, três Alferes, dous Tenentes; mas os oficiais pouco aparecem. Estão doentes ou licenciados e só ele, o antigo agricultor do "Sossego", e um Alferes, Polydoro, este mesmo só à noite, estão a postos. Um soldado entrou:

– Sr. Comandante, posso ir almoçar?

– Pode. Chama-me o cabo Ricardo.

A praça saiu capengando em cima de grandes botinas; o pobre homem usava aquela peça protetora como um castigo. Assim que se viu no mato, que levava à sua casa, tirou-as e sentiu pelo rosto o sopro da liberdade.

O comandante chegou à janela. A cerração se ia dissipando. Já se via o sol que brilhava como um disco de ouro fosco.

Ricardo Coração dos Outros apareceu. Estava engraçado dentro do seu fardamento

[383] No livro: "de".
[384] No livro: está".
[385] No livro: "serve".
[386] No livro: "em".

de caporal. A blusa era curtíssima, sungada; os punhos lhe apareciam inteiramente; e as calças eram compridíssimas e arrastavam no chão.

– Como vais, Ricardo?

– Bem. E o Sr. Major?

– Assim.

Quaresma deitou sobre o inferior e amigo, aquele seu olhar agudo e demorado:

– Andas aborrecido, não é?

O trovador sentiu-se alegre com o interesse do comandante:

– Não... Para que dizer, Major, que sim... Se a cousa for assim até ao fim, não é mau... O diabo é quando há tiro... Uma cousa, Major; não se poderia, assim, aí pelas horas em que não há que fazer, ir nas mangueiras, cantar um pouco...

O Major coçou a cabeça, alisou o cavanhaque e disse:

– Eu, não sei... É...

– O senhor sabe que isto de cantar baixo é remar em seco... Dizem que no Paraguai...

– Bem. Cante lá; mas não grite, hein?

Calaram-se um pouco; Ricardo ia partir quando o Major recomendou:

– Manda-me trazer o almoço.

Quaresma jantava e almoçava ali mesmo. Não era raro também dormir. As refeições eram-lhe fornecidas por um *frege* próximo e ele dormia em um quarto daquela edificação imperial. Porque a casa em que se acantonara o destacamento, era o pavilhão do imperador, situado na antiga Quinta da Ponta do Caju. Ficavam nela também a estação da estrada de ferro do Rio Douro e uma grande e bulhenta serraria. Quaresma veio até à porta, olhou a praia suja e ficou admirado que o imperador a quisesse para banhos. A cerração se ia dissipando inteiramente.

Terça-feira, 3 de outubro.

As formas das cousas saíam modeladas do seio daquela massa de névoa pesada; e, satisfeitas, como se o pesadelo tivesse passado. Primeiro surgiam as partes baixas, lentamente; e por fim, quase repentinamente, as altas.

À direita, havia a Saúde, a Gamboa, os navios de comércio: galeras de três mastros, cargueiros a vapor, altaneiros barcos à vela – que iam saindo da bruma, e, por instantes aquilo tudo tinha um ar de paisagem holandesa; à esquerda, era o saco da Raposa, o Retiro Saudoso, a Sapucaia horrenda, a ilha do Governador, os Órgãos azuis, altos de tocar no céu; em frente, a ilha dos Ferreiros, com os seus depósitos de carvão; e alargando[387] a vista pelo mar prateado[388], Niterói, cujas montanhas acabavam de recortar-se no céu azul, à luz daquela manhã atrasada.

A neblina foi-se e um galo cantou. Era como se a alegria voltasse à terra; era uma aleluia. Aqueles chiados, aqueles apitos, os guinchos tinham um acento festivo de contentamento.

---

[387] No livro: “alongando”.

[388] No livro: “sossegado”.

Chegou o almoço e o Sargento veio dizer a Quaresma que havia duas deserções.

– Mais duas? fez admirado o Major.

– Sim, senhor. O 125 e o 326[389] não responderam hoje a revista.

– Faça a parte.

Quaresma almoçava. O Tenente Fontes, o homem do canhão, chegou. Quase nunca dormia ali; pernoitava em casa, e, durante o dia, vinha ver as cousas como iam.

Uma madrugada, ele não estava. A treva ainda era profunda. O soldado de vigia viu lá, ao longe, um vulto que se movia dentro da sombra, resvalando sobre as águas do mar. Não trazia luz alguma: só o movimento daquela mancha escura revelava uma embarcação, e também a ligeira fosforescência das águas. O soldado deu rebate; o pequeno destacamento pôs-se a postos e Quaresma apareceu.

– O canhão! Já! Avante! ordenou o comandante. E, em seguida, nervoso, recomendou:

– Esperem um pouco.

Correu a casa e foi consultar os seus compêndios e tabelas. Demorou-se e a lancha avançava, os soldados estavam tontos e um deles tomou a iniciativa: carregou a peça e disparou-a.

Quaresma reapareceu correndo, assustado e disse, entrecortado pelo resfolegar:

– Viram bem... a distância... a alça... o ângulo... É preciso ter sempre em vista a eficiência do fogo.

Fontes veio e sabendo do caso no dia seguinte riu-se muito:

– Ora, Major, você pensa que está em um polígono, fazendo estudos práticos... Fogo para diante!

E assim era. Quase todas as tardes havia bombardeio, do mar para as fortalezas[390], e das fortalezas para o mar; e tanto os navios como os fortes saiam incólumes de tão terríveis provas.

Lá vinha uma ocasião, porém, que acertavam, então os jornais noticiavam: "Ontem, o forte Acadêmico fez um maravilhoso disparo. Com o canhão tal, meteu uma bala no "Guanabara"". No dia seguinte, o mesmo jornal retificava, a pedido da bateria do cais Pharoux que era a que tinha feito o disparo certeiro. Passavam-se dias e a cousa já estava esquecida, quando aparecia uma carta de Niterói, reclamando as honras do tiro para a fortaleza de Santa Cruz.

.....[391]

O Tenente Fontes chegou e esteve examinando o canhão com o faro de entendedor. Havia uma trincheira de fardos de alfafa e a boca da peça saía por entre os fiapos da palha, como as goelas de um animal feroz oculto entre ervas.

Olhava o horizonte, depois de exame atento ao canhão, e considerava a ilha das Cobras, quando ouviu o gemer do violão e uma voz que dizia:

Prometo pelo Santíssimo Sacramento...

[389] No livro: "320".
[390] No folhetim, no singular: "a fortaleza".
[391] Linha pontilhada inexistente no livro.

Dirigiu-se para o local donde partiam os sons e se lhe deparou este lindíssimo quadro: à sombra de uma grande árvore, os soldados deitados ou sentados em círculo, em torno de Ricardo Coração dos Outros, que entoava endechas magoadas.

As praças tinham acabado de almoçar e beber a pinga, e estavam tão embevecidas na canção de Ricardo que não deram pela chegada do jovem oficial.

– Que é isto? disse ele severamente.

Os soldados levantaram-se todos, em continência; e Ricardo, com a mão direita no gorro, perfilado, e a esquerda, segurando o violão, que repousava no chão, desculpou-se:

– *Seu* Tenente, foi o Major quem permitiu. Vossa Senhoria sabe que se nós não tivéssemos ordem, não iríamos brincar.

– Bem. Não quero mais isto, disse o oficial.

– Mas, objetou Ricardo, o Sr. Major Quaresma...

Quarta-feira, 4 de outubro.

– Não temos aqui Major Quaresma. Não quero, já disse!

Os soldados debandaram e o Tenente Fontes seguiu para a velha casa imperial, ao encontro do Major do "Cruzeiro do Sul". Quaresma continuava no seu estudo, um rolar de Sísifo, mas voluntário, para a grandeza da pátria. Fontes foi entrando e dizendo:

– Que é isto, *seu* Quaresma! Então o senhor permite cantorias no destacamento?

O Major não se lembrava mais da cousa e ficou espantado com o ar severo e ríspido do moço. Ele repetiu:

– Então o senhor permite que os inferiores cantem modinhas e toquem violão, em pleno serviço?

– Mas que mal faz? Ouvi dizer que em campanha...

– E a disciplina? E o respeito?

– Bem, vou proibir, disse Quaresma.

– Não é preciso. Já proibi.

Quaresma não se deu por agastado, não percebeu motivo para agastamento e disse com doçura:

– Fez bem.

Em seguida perguntou ao oficial o modo de extrair a raiz quadrada de uma fração decimal; o rapaz ensinou-lhe e eles estiveram cordialmente conversando sobre cousas vulgares. Fontes era noivo de Dudu[392], a terceira filha do General Albernaz, e esperava acabar a revolta para efetuar o casamento. Durante uma hora a conversa entre os dous versou sobre este pequenino fato familiar a que estavam ligados aqueles estrondos, aqueles tiros, aquela solene disputa entre duas ambições. Subitamente, a corneta feriu o ar com a sua voz metálica. Fontes assestou o ouvido; o Major perguntou:

– Que toque é?

– Sentido.

Os dous saíram. Fontes perfeitamente fardado; e o Major apertando o talim, sem encontrar jeito, tropeçando na espada venerável que teimava em se lhe meter entre as

[392] No livro: "Lalá".

pernas curtas. Os soldados já estavam nas trincheiras, armas à mão; o canhão tinha ao lado a munição necessária. Uma lancha avançava lentamente, com a proa alta assestada para o posto. De repente, saiu de sua borda um golfão de fumaça espessa: Queimou! – gritou uma voz. Todos se abaixaram, a bala passou alto, zunindo, cantando, inofensiva. A lancha continuava a avançar impávida. Além dos soldados, havia curiosos, garotos, a assistir o tiroteio, e fôra um destes que gritara: queimou!

Era[393] assim sempre. Às vezes eles chegavam bem perto à tropa, às trincheiras, atrapalhando o serviço; em outras, um cidadão qualquer, chegava ao oficial e muito delicadamente pedia: O senhor dá licença que dê um tiro? O oficial acedia, os serventes carregavam a peça e o homem fazia a pontaria e – zás – um tiro[394].

Com o tempo, a revolta passou a ser uma festa, um divertimento da cidade... Quando se anunciava um bombardeio, num segundo, o terraço do Passeio Público se enchia. Era como se fosse uma noite de luar, no tempo em que era do tom apreciá-las no velho jardim de D. Luís de Vasconcelos, vendo o astro solitário pratear a água e encher o céu.

Alugavam-se binóculos e tanto os velhos como as moças, os rapazes como as velhas, seguiam o bombardeio como uma representação de teatro: "Queimou Santa Cruz! Agora é o "Aquidabã"! Lá vai". E dessa maneira a revolta ia correndo familiarmente, entrando nos hábitos e nos costumes da cidade.

No cais Pharoux, os pequenos garotos, vendedores de jornais, engraxates, quitandeiros ficavam atrás das portadas, dos urinários, das árvores, a ver, a esperar a queda das balas; e quando acontecia cair uma, corriam todos em bolo, a apanhá-la como se fosse uma moeda ou guloseima,

As balas ficaram na moda. Eram alfinetes de gravata, berloques de relógio, lapiseiras, feitas com as pequenas balas de fuzis: faziam-se também coleções das médias e com os seus estojos de metal, areados, polidos e lixados[395], ornavam os consolos, os *dunkerques* das casas médias; as grandes, os *melões* e[396] *abóboras*, como chamavam, guarneciam os jardins, como vasos de faiança ou estátuas.

A lancha continuava a atirar. Fontes fez um disparo. O canhão vomitou o projétil, recuou um pouco e logo foi posto em posição. A embarcação respondeu e o rapazote gritou: queimou!

Eram sempre esses garotos que anunciavam os tiros do inimigo. Mal viam o fuzilar breve e a fumaça, lá longe, no navio, jorrar devagar, muito pesada, gritavam: – queimou!

Houve um em Niterói que teve o seu quarto de hora de celebridade. Chamavam-no *trinta e seis*[397]; os jornais do tempo ocuparam-se com ele, fizeram-se subscrições a seu favor. Um herói! Passou a revolta e foi esquecido, tanto ele como a "Luci", uma bela lancha que chegou fazer-se entidade na imaginação da *urbs*, a interessá-la, a criar inimigos e admiradores.

---

[393] No livro: "E".
[394] No livro: "e um tiro partia".
[395] No livro, com vírgula: "polidos, lixados".
[396] No livro: "e as".
[397] No livro: "*trinta réis*".

_____

Quinta-feira, 5 de outubro.

A embarcação deixou de provocar a fúria do posto do Caju, e Fontes deu instruções ao seu chefe da peça, e foi-se embora.

Quaresma recolheu-se no seu quarto e continuou os seus estudos guerreiros. Os mais dias que passou naquele extremo da cidade não eram diferentes deste. Os acontecimentos eram os mesmos e a guerra caía na banalidade da repetição dos mesmos episódios.

A espaços, quando o aborrecimento lhe vinha, saía. Descia a cidade e deixava o posto entregue a Polydoro ou a Fontes, se estava.

Raras vezes o fazia de dia, porque Polydoro, o mais assíduo, marceneiro de profissão e em atividade numa fábrica de móveis, só vinha à noite.

No centro da cidade, a noite era alegre e jovial. Havia muito dinheiro, o governo pagava soldos dobrados, e, às vezes, gratificações, além do que havia também a morte sempre presente; e tudo isso estimulava o divertir-se. Os teatros eram freqüentados e os *restaurants* noturnos também.

Quaresma, porém, não se metia naquele ruído de praça semi-sitiada. Ia às vezes ao teatro, à paisana, e, logo acabado o espetáculo, voltava para o quarto da cidade ou para o posto.

Em outras tardes, logo que Polydoro chegava, saía a pé, pelas ruas dos arredores, pelas praias até ao Campo de São Cristóvão.

Ia vendo aquela sucessão de cemitérios, com as suas campas alvas que sobem montanhas, como carneiros tosquiados e limpos a pastar; aqueles ciprestes meditativos que as vigiam; e como que se lhe representava que aquela parte da cidade era feudo e senhorio da morte.

As casas tinham um aspecto fúnebre, recolhidas e concentradas; o mar marulhava lugubremente na ribanceira lodosa; as palmeiras ciciavam doridas; e até o tilintar da campainha dos *bonds* era triste e lúgubre.

A paisagem se impregnava da Morte e o pensamento de quem passava ali mais ainda, para fazer sentir nela tão forte aspecto funéreo.

Foi vindo até ao campo; aí deu-lhe vontade de ver a sua antiga casa e afinal entrou na residência do General Albernaz. Devia-lhe aquela visita e aproveitou o ensejo.

Acabavam de jantar e jantara com o General, além do Tenente Fontes e o Almirante Caldas, o comandante de Quaresma, o Tenente-Coronel Innocencio Bustamante.

Bustamante era um comandante ativo, mas dentro do quartel, Não havia quem como ele se interessasse pelos livros, pela boa caligrafia, com que eram escritos os livros mestres, as relações de mostra, os mapas de companhia e outros documentos. Com auxílio deles, a organização do seu batalhão era irrepreensível; e, para não deixar de vigiar a escrituração, aparecia de onde em onde nos destacamentos do seu corpo.

Havia dez dias que Quaresma o não via. Após os cumprimentos, ele logo perguntou ao Major:

– Quantas deserções?

– Até hoje, nove, disse Quaresma.

Bustamante coçou a cabeça desesperado e refletiu:

– Eu não sei o que tem essa gente... É um desertar sem nome... Falta-lhes patriotismo!

– Fazem muito bem... Ora! disse o Almirante.

Caldas andava aborrecido, pessimista. O seu processo ia mal e até agora o Governo não lhe tinha dado nada[398]. O seu patriotismo se enfraquecia com o diluir-se da esperança de ser algum dia Vice-Almirante. É verdade que o governo ainda não organizara a sua esquadra; entretanto, pelo rumor que corria, ele não comandaria nem uma divisão. Uma iniqüidade! Era velho um pouco, é verdade; mas, por não ter nunca comandado, nessa matéria ele podia despender toda uma energia moça.

– O Almirante não deve falar assim... A pátria está logo abaixo da humanidade.

– Meu caro Tenente, o senhor é moço... Eu sei o que são essas cousas...

– Não se deve desesperar... Não trabalhamos para nós, mas para os outros e para os vindouros, continuou Fontes persuasivo.

– Que tenho eu com eles? fez agastado Caldas,

Bustamante, o General e Quaresma assistiam a pequena discussão calados e os dous primeiros um tanto sorridentes com a fúria de Caldas, que não se cansava de dançar a perna e alisar os longos favoritos brancos. O Tenente respondeu:

– Muito, Almirante. Nós todos devemos trabalhar para que surjam épocas melhores, de ordem, de felicidade e elevação moral.

– Nunca houve e nunca haverá! disse de um jato Caldas.

– Eu também penso assim, acrescentou Albernaz.

– Isto há de sempre ser o mesmo, aduziu ceticamente Bustamante.

O Major nada disse e Fontes, ao contrário dos seus congêneres de seita, estava manso, ouviu com paciência todos e afinal disse com unção:[399]

– Houve já um esboço: a Idade Média.

Ninguém ali lhe podia contestar. Quaresma só sabia história do Brasil e os outros nenhuma.

E a sua afirmação fez calar todos, embora no íntimo duvidosos. É uma curiosa Idade Média, essa de elevação moral, que a gente não sabe onde fica, em que ano? Se a gente diz: no tempo de Clotário, ele próprio, com suas mãos, atacou fogo na palhoça em que encerrava o seu filho Crame mais a mulher deste e filhos – o positivista objeta: ainda não estava perfeitamente estabelecido o ascendente da igreja. S. Luís, diremos logo nós, quis executar um senhor feudal porque mandou enforcar três crianças que tinham morto um coelho nas suas matas. Objeta o fiel: Você não sabe que a nossa Idade Média vai até a publicação[400] da *Divina Comédia*? S. Luís já era a decadência... Citam-se as epidemias de moléstias nervosas, a miséria dos campônios, as ladroagens a mão armada dos barões, as

[398] No livro: “cousa alguma”.

[399] No livro:

O Major nada disse; parecia desinteressado da conversa. Fontes, em face daquelas contestações, ao contrário de seus congêneres de seita, não se agastou. Ele era magro e chupado, moreno carregado e a oval do seu rosto estava amassada aqui e ali.

Com a sua voz arrastada e nasal, agitando a mão direita no jeito favorito dos sermonários, depois de ouvir todos, falou com unção:

[400] No livro: “o aparecimento”.

alucinações do milênio, as cruéis matanças que Carlos Magno fez aos saxões; eles respondem: uma hora que ainda não estava perfeitamente estabelecido o ascendente moral da igreja; outra que ele já tinha desaparecido.

Nada disso foi objetado ao positivista e a conversa resvalou para a revolta. O Almirante criticava severamente o governo.

Não tinha plano algum, levava a dar tiros à toa; na sua opinião, já devia ter feito todo o esforço para ocupar a ilha das Cobras, embora isso custasse rios de sangue. Bustamante não tinha opinião assentada; mas Quaresma e Fontes julgavam que não: seria uma aventura arriscada e de uma improficuidade patente. Albernaz ainda não tinha dado o seu aviso, e veio a fazê-lo assim:

– Mas nós reconhecemos Humaitá, e por pouco!

– Entretanto, não a tomaram, disse Fontes. As condições naturais eram outras e assim mesmo o reconhecimento foi perfeitamente inútil... O senhor sabe, esteve lá!

– Isto é... Adoeci e vim um pouco antes para o Brasil, mas o Camisão disse-me que foi arriscado.

Quaresma voltara ao silêncio. Ele procurava ver Ismenia. Fontes lhe tinha inteirado do seu estado e o Major se sentia por qualquer cousa preso à moléstia da moça. Viu todos: D. Maricota, sempre ativa e diligente; Dudu[401], a arrancar, com o olhar, o noivo da conversa interminável, e as outras que vinham, de quando em quando, da sala de visitas à sala de jantar onde ele estava. Por fim, não se conteve, perguntou. Soube que estava em casa da irmã casada e ia pior, cada vez mais abismada na sua mania, enfraquecendo-se de corpo. O General contou tudo com franqueza a Quaresma e quando acabou de narrar aquela sua desgraça íntima, disse com um longo suspiro:

– Não sei, Quaresma... Não sei.

Eram dez horas quando o Major se despediu. Voltou de *bond* para a Ponta do Caju. Saltou e recolheu-se logo a seu quarto. Vinha cheio da perturbação especial que põe em nós o luar que estava lindo, terno e leitoso, naquela noite. É uma emoção de desafogo do corpo, de delíquio; parece que nos tiram o envoltório material e ficamos só alma, envolvidos numa branda atmosfera de sonhos e quimeras. O Major não colhia bem a sensação transcendente, mas sofria sem perceber o efeito da luz pálida e fria do luar. Deitou-se um pouco, vestido, não por sono, mas em virtude daquela doce embriaguez que o astro lhe tinha posto nos sentidos.

Dentro em pouco Ricardo veio chamá-lo: o Marechal estava aí. Era seu hábito sair à noite, às vezes, de madrugada, e ir de posto em posto. O fato se espalhou pelo público que o apreciava extraordinariamente, e o Presidente teve mais esse documento para firmar a sua fama de estadista consumado.

Quaresma veio ao seu encontro. Floriano vestia chapéu de feltro mole, abas largas, e uma curta sobrecasaca surrada. Tinha um ar de malfeitor ou de exemplar chefe de família em aventuras extraconjugais.

O Major cumprimentou-o e esteve a dar-lhe notícias do ataque que fôra feito ao seu posto, há dias passados. O Marechal respondia por monossílabos preguiçosos e olhava ao redor. Quase ao despedir-se, falou mais, dizendo vagarosamente, lentamente:

– Hei de mandar pôr um holofote aqui.

[401] No livro: "Lalá".

Quaresma veio acompanhá-lo até o *bond*[402]. Atravessaram o velho sítio de recreio dos imperadores. Um pouco afastada da estação uma locomotiva, semi-acesa, resfolegava. Semelhava roncar, dormindo; os carros, pequenos, banhados pelo luar, muito quietos, sossegados como que dormiam. As anosas mangueiras, com falta de galhos aqui e ali, pareciam polvilhadas preciosamente de prata. O luar estava magnífico. Os dous andavam, o Marechal perguntou:

– Quantos homens tem você?

– Quarenta.

O Marechal mastigou um: *não é muito*; e voltou ao mutismo. Num dado momento, Quaresma viu-lhe o rosto inundado pela luz da lua. Pareceu-lhe mais simpática a fisionomia do ditador. Se lhe falasse...

Preparou a pergunta; mas não teve coragem de pronunciá-la. Continuaram a andar. O Major pensou; que é que tem? Não há desrespeito algum. Aproximaram-se do portão. Num dado momento como que houve uma bulha atrás. Quaresma voltou-se, mas Floriano quase não o fez.

Os edifícios da serraria pareciam cobertos de neve, tanto era o branco luar. O Major continuou a mastigar a sua pergunta; urgia, era indispensável; o portão estava a dous passos. Tomou coragem, ousou e falou:

– Vossa Excelência já leu o meu memorial, Marechal?

Floriano respondeu lentamente, quase sem levantar o lábio pendente:

– Li.

Quaresma entusiasmou-se:

– Vê Vossa Excelência como é fácil erguer este país.[403]

Sábado, 7 de outubro.

– Desde que se cortem todos aqueles empecilhos que eu apontei, no memorial que Vossa Excelência teve a bondade de ler; desde que se corrijam os erros de uma legislação defeituosa e inadaptável às condições do país, Vossa Excelência verá que tudo isto muda, que, em vez de tributários, ficaremos com a nossa independência feita... Se Vossa Excelência quisesse...

À proporção que falava, mais Quaresma se entusiasmava. Ele não lhe podia ver a fisionomia encoberta,[404] agora como lhe estava o rosto pelas abas do chapéu de feltro; mas, se a visse, teria de esfriar, pois havia na sua máscara sinais do aborrecimento mais mortal. Aquele falatório de Quaresma, aquele apelo à legislação, a medidas governamentais, iam mover-lhe o pensamento, por mais que não quisesse. O Presidente aborrecia-se. Num dado momento, disse:

– Mas, pensa você, Quaresma, que eu hei de pôr a enxada na mão de cada um desses vadios?! Não havia exército que chegasse...

---

[402] No livro: "até ao bonde".

[403] O folhetim corta esta fala de Quaresma ao meio, separando-a em dois dias; no livro, ela forma um único parágrafo.

[404] No livro: "Ele não podia ver bem a fisionomia do ditador, encoberto".

Quaresma espantou-se, titubeou, mas retorquiu:

– Mas, não é isso, Marechal. Vossa Excelência com o seu prestígio e poder, está capaz de favorecer, com medidas enérgicas e adequadas, o aparecimento de iniciativas, de encaminhar o trabalho, de favorecê-lo e torná-lo remunerador... Bastava, por exemplo...

Atravessavam o portão da velha quinta de Pedro I. O luar continuava lindo, plástico e opalescente. Um grande edifício inacabado que havia na rua parecia terminado, com vidraças e portas feitas com a luz da lua. Era um palácio de sonho.

Floriano já ouvia Quaresma muito aborrecido. O bond chegou; ele se despediu do Major, dizendo com aquela sua placidez de voz:

– Você, Quaresma, é um visionário!...

O *bond* partiu. A lua povoava os espaços, dava fisionomia às cousas, fazia nascer sonhos em nossa alma, enchia a vida, enfim, com a sua luz emprestada...

* * * * *

Sábado, 7 de outubro.

LIVRO TERCEIRO
III

... E tornaram logo silenciosos...

– EU TENHO EXPERIMENTADO TUDO, Quaresma, mas não sei... Não há meio!

– Já a levou a um médico especialista?

– Já. Tenho corrido médicos, espíritas, até feiticeiros, Quaresma!

E os olhos do velho se orvalharam por baixo do *pince-nez*. Os dous se haviam encontrado na pagadoria da Guerra e vinham pelo campo de Sant'Ana, a pé, andando a pequenos passos e conversando. O General era mais alto que Quaresma, e enquanto este tinha a cabeça sobre um pescoço alto, aquele a tinha metida entre os ombros proeminentes, como cotos de asas. Albernaz reatou:

– E remédios! Cada médico receita uma cousa; os espíritas são os melhores, dão homeopatia; os feiticeiros tisanas, rezas e defumações... Eu não sei, Quaresma!

E levantou os olhos para o céu, que estava um tanto plúmbeo. Não se demorou, porém, muito nessa postura; o *pince-nez* não permitia, já começava a cair.

Quaresma abaixou a cabeça e andou assim um pouco olhando as granulações do granito do passeio. Levantou o olhar ao fim de algum tempo, e disse:

– Por que não a recolhe a uma casa de saúde, General?

– Meu médico já me aconselhou isso... A mulher não quer e agora mesmo, no

estado em que a menina está, não vale a pena...

Falava da filha, da Ismenia, que, naqueles últimos meses, piorara sensivelmente, não tanto da sua moléstia mental, mais da saúde comum, vivendo de cama, sempre febril, enlanguescendo, definhando, marchando a passos largos para o abraço frio da morte.

Albernaz dizia a verdade; para curá-la tanto de sua loucura como da atual moléstia intercorrente, lançara mão de todos os recursos, de todos os conselhos apontados por quem quer que fosse.

Era de fazer refletir ver aquele homem, General, marcado com um curso governamental, procurar médiuns e feiticeiros, para sarar a filha.

Às vezes até levava-os em casa. Os médiuns chegavam perto da moça, davam um estremeção, ficavam com uns olhos desvairados, fixos, gritavam: "Sai, irmão!" – e sacudiam as mãos, do peito para a moça, de lá para cá, rapidamente, nervosamente, no intuito de descarregar sobre ela os fluidos milagrosos.

Os feiticeiros tinham outros passes e as cerimônias para entrar no conhecimento das forças ocultas que nos cercam eram demoradas, lentas e acabadas. Em geral, eram pretos africanos. Chegavam, acendiam um fogareiro no quarto, tiravam de um cesto um sapo empalhado ou outra cousa esquisita, batiam com feixes de ervas, ensaiavam passos de dança e pronunciavam palavras ininteligíveis. O ritual era complicado e tinha a sua demora.

Segunda-feira, 9 de outubro.

Na saída, a pobre D. Maricota, um tanto já diminuída da sua atividade e diligência, olhando ternamente aquele grande rosto negro do mandingueiro, onde a barba branca punha mais veneração e certo mistério[405], perguntava:

– Então, titio?

O preto considerava um instante, como se estivesse recebendo as últimas comunicações do que não se vê nem se percebe, e dizia com a sua majestade de africano:

– Vô vê, nhãnhã... Tô crotando mandinga...

Ela e o General tinham assistido a cerimônia e o amor de pais e também esse fundo de superstição que há em todos nós, levavam a olhá-la com respeito, quase com fé.

– Então foi feitiço que fizeram à minha filha? perguntava a senhora.

– Foi, sim, nhãnhã.

– Quem?

– Santo não qué dizê.

E o preto obscuro, velho escravo, arrancado há um meio século dos confins da África, saía arrastando a sua velhice e deixando naqueles dous corações uma esperança fugaz.[406]

---

[405] No livro: "e certa grandeza".

[406] Parágrafo incluído no livro:

Era uma singular situação, a daquele preto africano, ainda certamente pouco esquecido das dores do seu longo cativeiro, lançando mão dos resíduos de suas ingênuas crenças tribais, resíduos que tão a custo tinham resistido ao seu transplante forçado para terras de outros deuses – e empregando-os na consolação dos seus senhores de outro tempo.

A doente assistia a tudo aquilo sem compreender e se interessar por aqueles trejeitos e passes de tão poderosos homens que se comunicavam, que tinham às suas ordens os seres imateriais, as existências fora e acima da nossa.

Andando, ao lado de Quaresma, o General lembrava-se de tudo isso e teve um pensamento amargo contra a ciência, contra os espíritos, contra os feitiços, contra Deus que lhe ia tirando a filha aos poucos, sem piedade e comiseração.

O Major não sabia o que dizer diante daquela imensa dor de pai e parecia-lhe toda e qualquer palavra de consolo parva e idiota. Afinal disse:

– General, o senhor permite que eu a faça ver por um médico?

– Quem é?

– É o marido de minha afilhada... O senhor conhece... É moço, quem sabe lá! Não acha? Pode ser, não é?

O General consentiu e a esperança de ver curada a filha lhe afagou as faces enrugadas. Cada médico que consultava, cada espírita, cada feiticeiro reanimava-o, e[407] de todos ele esperava o milagre. Nesse mesmo dia, Quaresma foi procurar o Dr. Armando.

A revolta já tinha mais de quatro meses de vida e as vantagens do governo eram problemáticas. No Sul, a insurreição chegava às portas de São Paulo, e só a Lapa resistia tenazmente, uma das poucas páginas dignas e limpas de todo aquele enxurro de paixões. A pequena cidade tinha dentro de suas trincheiras o Coronel Gomes Carneiro, uma energia, uma vontade, verdadeiramente isso, porque era sereno, confiante e justo. Não se desmanchou em violências de apavorado e soube tornar verdade a gasta frase grandiloqüente: resistir até a morte.

A Ilha do Governador tinha sido ocupada e Majé tomado; os revoltosos, porém, tinham a vasta baía e a barra apertada, por onde saiam e entravam, sem temer o estorvo das fortalezas.

As violências, os crimes que tinham assinalado esses dous marcos de atividade guerreira do governo, chegavam ao ouvido de Quaresma e ele sofria.

Da Ilha do Governador fez-se uma verdadeira mudança de móveis, roupas e outros haveres. O que não podia ser transportado era destruído pelo fogo e pelo machado.

A ocupação deixou lá a mais execranda memória e até hoje os seus habitantes ainda se recordam dolorosamente de um Capitão, patriótico ou da guarda nacional, Ortiz, pela sua ferocidade e insofrido gôsto pelo sangue[408] e outras vexações. Passava um pescador, com uma tampa de peixe, e o Capitão chamava o pobre homem:

– Venha cá!

O homem aproximava-se amedrontado e Ortiz perguntava:

– Quanto quer por isso?

– Três mil-réis, Capitão.

Ele sorria diabolicamente e familiarmente regateava:

– Você não deixa por menos?... Está caro... Isso é peixe ordinário... Carapebas! Ora!

– Bem, Capitão, vá lá por dous e quinhentos.

Como que os deuses de sua infância e de sua raça, aqueles sanguinários manipansos da África indecifrável, quisessem vingá-lo à legendária maneira do Cristo dos Evangelhos...

[407] No livro: “pois”.

[408] No livro: “saque”.

– Leve isso lá dentro.

Ele falava na porta de casa. O pescador voltava e ficava um tempo em pé, demonstrando que esperava o dinheiro. Ortiz balançava a cabeça e dizia escarninho:

– Dinheiro! hein? Vá cobrar ao Floriano.

Entretanto, Moreira César deixou boas recordações de si e ainda hoje há lá quem se lembre dele, agradecido por este ou aquele benefício que o famoso Coronel lhe prestou.

As forças revoltosas pareciam não ter enfraquecido; tinham, porém, perdido dous navios, sendo um destes o "Javari", cuja reputação na revolta era das mais altas e consideradas. As forças de terra detestavam-no particularmente. Era um monitor, chato, raso com a água, uma espécie de sáurio ou quelônio de ferro, de construção francesa. A sua artilharia era temida; mas o que sobremodo enraivecia os adversários era ele não ter quase borda acima d'água, ficar quase ao nível do mar e fugir assim aos tiros incertos de terra. As suas máquinas não funcionavam, e a grande tartaruga vinha colocar-se em posição de combate com auxílio de um rebocador.

Um dia em que estava nas proximidades de Villegagnon, foi a pique. Não se soube e até hoje não foi esclarecido por que foi. Os legalistas afirmaram que foi uma bala de Gragoatá; mas os revoltosos asseguraram que foi a abertura de uma válvula ou um outro acidente qualquer.

Como o do seu irmão, o "Solimões", que desapareceu nas costas do cabo Polônio, o fim do "Javari" ainda está envolvido no mistério.

Quaresma permanecia de guarnição no Caju, e viera receber dinheiro. Deixara lá Polydoro, pois os outros oficiais estavam doentes ou licenciados, e Fontes, que, sendo uma espécie de inspetor geral, ao contrário de seus hábitos, dormira aquela noite no pequeno pavilhão imperial e ia ficar até à tarde.

Ricardo Coração dos Outros, desde o dia da proibição de tocar violão, andava macambúzio. Tinham-lhe tirado o sangue, o motivo de viver, e passava os dias taciturno, encostado a um tronco de árvore, maldizendo no fundo de si a incompreensão dos homens e os caprichos do destino. Fontes notara a sua tristeza; e, para minorar-lhe o desgosto, obrigara a Bustamante a fazê-lo sargento. Não foi sem custo, porque o antigo veterano do Paraguai encarecia muito essa graduação e só a dava como recompensa excepcional ou quando requerida por pessoas importantes.

A vida do pobre menestrel era assim a de um melro engaiolado; e, de quando em quando, ele se afastava um pouco e ensaiava a voz, para ver se ainda a tinha e não fugira como o fumo dos disparos.

Quaresma sabendo que dessa maneira o posto estava bem entregue, resolveu demorar-se mais, e, após despedir-se de Albernaz, encaminhou-se para a casa do seu compadre, a fim de cumprir a promessa que fizera ao General.

Coleoni ainda não decidira a sua viagem à Europa. Hesitava, esperando o fim da rebelião que não parecia estar próximo. Ele nada tinha com ela; até ali, não dissera a ninguém a sua opinião; e, se era muito instado, apelava para a sua condição de estrangeiro e metia-se numa reserva prudente. Mas, aquela exigência de passaporte, tirado na chefatura de polícia, dava-lhe susto. Naqueles tempos, toda a gente tinha medo de tratar com autoridades. Havia tanta má vontade com os estrangeiros, tanta arrogância nos funcionários que ele não se animava a ir obter o documento, temendo que uma palavra, que um olhar, que um gesto, interpretados por qualquer funcionário zeloso e dedicado, não o levassem a

sofrer maus quartos de hora.

Verdade é que ele era italiano e a Itália já fizera ver ao ditador que era uma grande potência, mas no caso de que se lembrava, tratava-se de um marinheiro, por cuja vida, extinta por uma descarga das forças legais, Floriano pagara a quantia de cem contos. Ele, Coleoni, porém, não era marinheiro, e não sabia, caso fosse preso, se os representantes diplomáticos de seu país tomariam interesse pela sua liberdade.

De resto, não tendo protestado manter a sua nacionalidade, quando o governo provisório expediu o famoso decreto de naturalização, era bem possível que uma ou outra parte se ativessem a isso, para desinteressar-se dele ou mantê-lo na famosa galeria n. 7, da Casa de Correção, transformada, por uma penada mágica, em prisão de Estado.

A época era de susto e temor, e todos esses que ele sentia, só os comunicava à filha, porque o genro cada vez mais se fazia florianista e jacobino, de cuja boca muita vez ouvia duras invectivas aos estrangeiros.[409] E o Doutor tinha razão; já obtivera uma graça governamental. Fôra nomeado médico do Hospital de Santa Bárbara, na vaga de um colega, demitido a bem do serviço público como suspeito por ter ido visitar um amigo na prisão. Como o hospital, porém, ficasse no ilhéu do mesmo nome, dentro da baia, em frente à Saúde e a Guanabara ainda estivesse em mão dos revoltosos, ele nada tinha que fazer, pois até agora o governo não aceitara os seus oferecimentos de auxiliar o tratamento dos feridos.

O Major foi encontrar pai e filha em casa; o Doutor tinha saído, ido dar uma volta pela cidade, dar arras de sua dedicação à causa legal, conversando com os mais exaltados jacobinos do Café do Rio, não esquecendo também de passear pelos corredores do Itamarati, fazendo-se ver pelos ajudantes de ordens, secretários e outras pessoas influentes no ânimo de Floriano.

A moça viu entrar Quaresma com aquele sentimento estranho que o seu padrinho lhe causava ultimamente, e esse sentimento mais agudo se tornava quando o via contar os casos guerreiros do seu destacamento, a passagem de balas, as descargas das lanchas, naturalmente, simplesmente, como se fossem feições de uma festa, de uma justa, de um divertimento qualquer em que a morte não estivesse presente.

Tanto mais que o via apreensivo, deixando perceber numa frase e noutra desânimo e desesperança.[410] Na verdade o Major tinha um espinho n'alma. Aquela recepção de Floriano às suas lembranças de reformas não esperavam nem o seu entusiasmo e sinceridade nem tampouco a idéia que ele fazia do ditador, Saíra ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um Presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance dos seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas cousas de governo como se não o fosse!... Era pois para sustentar tal homem que deixava o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural?

Pensando assim, havia instantes que lhe vinha um mortal desespero, uma raiva de si mesmo; mas em seguida considerava: o homem está atrapalhado, não pode agora; mais tarde com certeza ele fará a cousa...

---

[409] Há quebra de parágrafo aqui, no livro.

[410] Há, no livro, quebra de parágrafo neste ponto.

Vivia nessa alternativa dolorosa e era ela que lhe trazia apreensões, desânimo e desesperança, notados por sua afilhada na sua fisionomia já um pouco acabrunhada.

Não tardou, porém, que, abandonando os episódios da sua vida militar, Quaresma explicasse o motivo de sua visita.

– Mas qual delas? perguntou a afilhada.

– A segunda, a Ismenia.

Terça-feira, 10 de outubro.

– Aquela que estava para casar com o dentista?

– Esta mesmo.

– Ahn! ...

Ela pronunciou este *ahn* muito longo e profundo, como se pusesse nele tudo que queria dizer sobre o caso. Via bem o que fazia o desespero da moça, mas via melhor a causa, naquela obrigação que incrustam no espírito das meninas, que elas se devem casar[411], fazendo do casamento o pólo e fim da vida, a ponto de parecer uma desonra, uma injúria ficar solteira.

O casamento já não é mais amor, não é maternidade, não é nada disso: é simplesmente casamento, uma cousa vazia, sem fundamento nem na nossa natureza nem nas nossas necessidades.

Graças à frouxidão, à pobreza intelectual e fraqueza de energia vital de Ismenia, aquela fuga do noivo se transformou em certeza de não casar mais e tudo nela se abismou nessa idéia desesperada.

Coleoni enterneceu-se muito e interessou-se. Sendo bom de fundo, quando lutava pela fortuna se fez duro e áspero, mas logo que se viu rico, perdeu a dureza de que se revestira, pois percebia bem que só se pode ser bom quando se é forte de algum modo.

Ultimamente o Major tinha diminuído um pouco o interesse pela moça; andava alucinado[412] com o seu caso de consciência; entretanto, se não tinha um constante e particular pensamento pela desdita da filha de Albernaz, abrangia-a ainda na sua bondade geral, larga e humana.

Não se demorou muito na casa do compadre; ele queria, antes de voltar ao Caju, passar pelo quartel do seu batalhão. Ia ver se arranjava uma pequena licença, para visitar a irmã que deixara lá, no "Sossego", e de quem tinha notícias, por carta, três vezes por semana. Eram elas satisfatórias, contudo ele tinha necessidade de ver tanto ela como o Anastácio, fisionomias com quem se encontrava diariamente há tantos anos e cuja contemplação lhe fazia falta e talvez lhe restituísse a calma e a paz de espírito.

A última carta que recebera de D. Adelaide, havia uma frase de que, no momento, se lembrava sorrindo: "Não te exponhas muito, Polycarpo. Toma muita cautela". Pobre Adelaide! Estava a pensar que esse negócio de balas é assim como a chuva?!...

O quartel ainda ficava no velho cortiço condenado pela higiene, lá para as bandas da Cidade Nova. Assim que Quaresma apontou na esquina, a sentinela deu um grande berro,

---

[411] No livro: "casar a todo o custo".

[412] No livro: "atormentado".

fez uma imensa bulha com a arma e ele entrou, tirando o chapéu da cabeça baixa, pois estava à paisana e tinha abandonado a cartola com medo de que esse traje fosse ferir as suscetibilidades republicanas dos jacobinos.

No pátio, o instrutor coxo adestrava novos voluntários e os seus majestosos e demorados gritos: ombroôô... armas! Mei-ããã volta... volver! subiam ao céu e ecoavam longamente pelos muros da antiga estalagem.

Bustamante estava no seu cubículo, mais conhecido por gabinete, irrepreensível no seu uniforme verde-garrafa, alamares dourados e vivos azul-ferrete. Com auxilio de um Sargento, examinava a escrita de um livro quarteleiro.

– Tinta vermelha, Sargento! É como mandam as instruções de 1864.

Tratava-se de uma emenda ou de cousa semelhante.

Logo que viu Quaresma entrar, o comandante exclamou radiante:

– O Major adivinhou!

Quaresma descansou placidamente o chapéu, bebeu um pouco d'água, e o Coronel Innocencio explicou a alegria:

– Sabe que temos de marchar?

– Para onde?

– Não sei... Recebi ordem do Itamarati.

Ele não dizia nunca do Quartel-General, nem mesmo do Ministro da Guerra; era do Itamarati, do Presidente, do chefe supremo. Parecia que assim dava mais importância a si mesmo e ao seu batalhão, fazia-o uma espécie de batalhão da guarda, favorito e amado do ditador.

Quaresma não se espantou, nem se aborreceu. Percebeu que era impossível obter a licença e também necessário mudar os seus estudos: da artilharia, tinha que passar para a infantaria.

– O Major é que vai comandar o corpo, sabia?

– Não, Coronel. E o senhor não vai?

– Não, disse Bustamante, alisando o cavanhaque mosaico[413]. Tenho que acabar a organização da unidade e não posso... Não se assuste, mais tarde irei lá ter...

Começava a tarde, quando Quaresma saiu do quartel. O instrutor coxo continuava, com força, majestade e demora, a gritar: om-brôôô... armas! A sentinela não pôde fazer a bulha da entrada, porque só viu o Major, quando já ia longe. Ele desceu até à cidade e foi ao correio. Havia alguns tiros espaçados; no Café do Rio, os levitas continuavam a trocar idéias para a consolidação definitiva da República.

Antes de chegar ao correio, Quaresma lembrou-se de sua partida. Correu a uma livraria e comprou livros sobre infantaria; precisava também dos regulamentos: arranjaria no Quartel-General.

Para onde ia? Para o Sul, para Majé, para Niterói? Não sabia... Não sabia... Ah! Se isso fosse para realização dos seus desejos e sonhos! Mas quem sabe?... Podia ser... Talvez... Mais tarde...

E passou o dia atormentado pela dúvida do bom emprego de sua vida e de suas energias.[414]

---

[413] No livro: "mosaico e abrindo a boca para o lado esquerdo".

[414] Há um grande espaço, equivalente a umas três linhas, neste ponto do folhetim.

O marido de Olga não fez nenhuma questão em ir ver a filha do General. Ele levava a íntima convicção de que a sua ciência toda nova pudesse fazer alguma cousa; mas assim não se deu.

A moça continuou a definhar, e, se a mania parecia um pouco atenuada, o seu organismo caía. Estava magra e fraca, a ponto de quase não poder sentar-se na cama. Era sua mãe quem mais junto a ela vivia; as irmãs se desinteressavam um pouco, pois as exigências de sua mocidade levavam-nas para outros lados.

D. Maricota, tendo perdido todo aquele antigo fervor pelas festas e bailes, estava sempre no quarto da filha, a consolá-la, animá-la e, às vezes, quando a olhava muito, como que se sentia um tanto culpada pela sua infelicidade.

A moléstia tinha posto mais firmeza nos traços de Ismenia, tinha-lhe diminuído a lassidão, tirado o mortiço dos olhos e os seus lindos cabelos castanhos, com reflexos de ouro, mais belos se faziam quando cercavam a palidez de sua face.

Raro era falar muito; e assim foi que, naquele dia, se espantou muito D. Maricota com a loquacidade da filha.

– Mamãe, quando se casa Dudu[415]?

– Quando se acabar a revolta.

– A revolta ainda não acabou?

A mãe respondeu-lhe e ela esteve um instante calada, olhando o teto, e, após essa contemplação disse à mãe:

– Mamãe... Eu vou morrer...

As palavras saíram-lhe dos lábios, seguras, doces e naturais.

– Não diga isso, minha filha, adiantou-se D. Maricota. Qual morrer! Você vai ficar boa; seu pai vai levar você para Minas; você engorda, toma forças...

A mãe dizia-lhe tudo isso devagar, alisando-lhe a face com a mão, como se se tratasse de uma criança. Ela ouvia tudo com paciência e voltou por sua vez serenamente:

– Qual, mamãe! Eu sei; vou morrer e peço uma cousa à senhora...

A mãe ficou espantada com a seriedade e firmeza da filha. Olhou em redor, deu com a porta semicerrada e levantou-se para fechá-la. Quis ainda ver se a dissuadia daquele pensamento; Ismenia, porém, continuava a repeti-lo pacientemente, docemente, serenamente;

– Eu sei, mamãe.

– Bem. Suponho que é verdade: o que é que você quer?

– Eu quero, mamãe, ir vestida de noiva.

D. Maricota ainda quis brincar, troçar; a filha, porém, voltou-se para o outro lado, pôs-se a dormir, com um leve respirar espaçado. A mãe saiu do quarto, comovida, com lágrimas nos olhos e a secreta certeza de que a filha falava a verdade.

Não tardou muito a se verificar. O Dr. Armando a tinha visitado naquela manhã[416]; ela parecia melhor, desde alguns dias, falava com discernimento, sentava-se à cama e conversava com prazer.

D. Maricota teve que fazer uma visita e deixou a doente entregue às irmãs. Elas foram lá ao quarto várias vezes e parecia dormir. Distraíram-se.

---

[415] No livro: "Lalá".

[416] No livro: "manhã pela quarta vez".

Ismenia despertou: viu, por entre a porta do guarda-vestidos meio aberto, o seu traje de noiva. Teve vontade de vê-lo mais de perto. Levantou-se descalça e estendeu-o na cama para contemplá-lo. Chegou-lhe o desejo de vesti-lo. Pôs a saia; e, por aí, vieram recordações do seu casamento falhado. Lembrou-se do seu noivo, do nariz fortemente ósseo e dos olhos esgazeados de Cavalcanti; mas não se recordou com ódio, antes como se fosse um lugar visto há muito tempo, e que a tivesse impressionado.

De quem ela se lembrava com raiva era da cartomante. Iludindo sua mãe, acompanhada por uma criada, tinha conseguido consultar Mme. Sinhá. Com que indiferença ela lhe respondeu: não volta! Aquilo doeu-lhe... Que mulher má! Desde esse dia... Ah!... Acabou de abotoar a saia em cima do corpinho, pois não encontrara colete; e foi ao espelho. Viu os seus ombros nus, o seu colo muito branco... Surpreendeu-se. Era dela aquilo tudo? Apalpou-se um pouco e depois colocou a coroa. O véu afagou-lhe as espáduas com uma carícia de borboleta[417]. Teve uma fraqueza, uma cousa, deu um ai e caiu de costas na cama, com as pernas para fora... Quando a vieram ver, estava morta. Tinha ainda a coroa na cabeça e um seio, muito branco e redondo, saltava-lhe do corpinho.

O enterro foi feito no dia imediato e a casa de Albernaz esteve os dous dias cheia, como nos dias de suas melhores festas.

Quaresma foi ao enterro; ele não gostava muito dessa cerimônia; mas veio, e foi ver a pobre moça, no caixão, coberta de flores, vestida de noiva, com um ar imaculado de imagem. Pouco mudara, entretanto. Era ela mesma ali; era a Ismenia dolente e pobre de nervos, com os seus traços miúdos e os seus lindos cabelos, que estava dentro daquelas quatro tábuas. A morte tinha fixado a sua pequena beleza e o seu aspecto pueril; e ela ia para a cova com a insignificância, com a inocência e a falta de acento próprio que tinha tido em vida.

Contemplando aqueles tristes restos, Quaresma viu o caixão do coche parar na porta do cemitério, atravessar pelas ruas de túmulos – uma multidão que trepava, se tocava, lutava por espaço, na estreiteza da várzea e nas encostas das colinas. Algumas sepulturas como se olhavam com afeto e se queriam aproximar; em outras transparecia repugnância por estarem perto. Havia ali, naquele mudo laboratório de decomposições, solicitações incompreensíveis, repulsões, simpatias e antipatias; havia túmulos arrogantes, vaidosos, orgulhosos, humildes, alegres e tristes; e de muitos, ressumava o esforço, um esforço extraordinário, para escapar ao nivelamento da morte, ao apagamento que ela traz às condições e às fortunas.

Quarta-feira, 11 de outubro.

Quaresma ainda contemplava o cadáver da moça e o cemitério surgia aos seus olhos com as esculturas que se amontoavam, com vasos, cruzes e inscrições, em alguns túmulos; noutros, eram pirâmides de pedra tosca, retratos, caramanchões extravagantes, complicações de ornatos, cousas barrocas e delirantes, para fugir ao anonimato do túmulo, ao fim dos fins.

As inscrições exuberam: são longas, são breves; têm nomes, têm datas, sobrenomes,

[417] No livro: "as espáduas carinhosamente, como um adejo de borboleta".

filiações, toda a certidão de idade do morto que, lá embaixo, não se pode mais conhecer[418].

E se sente um desespero em não se deparar com um nome conhecido, nem uma celebridade, uma notabilidade, um desses nomes que enchem décadas e, às vezes mesmo, já mortos[419], parece que continuam a viver. Tudo é desconhecido; todos aqueles que querem fugir do túmulo para a memória dos vivos, são anódinos felizes e medíocres existências que passaram pelo mundo sem ser notadas.

E lá ia aquela moça por ali afora para o buraco escuro, para o fim, sem deixar na vida um traço mais fundo de sua pessoa, de seus sentimentos, de sua alma!

Quaresma quis afastar essa visão triste e encaminhou-se para o interior da casa. Ele estivera na sala de visitas, onde D. Maricota também estava, cercada de outras senhoras amigas que nada lhe diziam. O Lulu, fardado do colégio, com fumo no braço, cochilava a uma cadeira. As irmãs iam e vinham. Na sala de jantar, estava o General silencioso, tendo ao lado Fontes e outros amigos.

Caldas e Bustamante conversavam baixo, afastados; e quando Quaresma passou, pôde ouvir o Almirante dizer:

– Qual! Os homens estão dentro em pouco aqui... O governo está exausto.

O Major ficou na janela que dava para o quintal. O tecido do céu se tinha adelgaçado: o azul estava sedoso e fino; e tudo tranqüilo, sereno e calmo.

A Estefânia, a doutora, a de olhos maliciosos e quentes, passou, tendo ao lado Lalá, que levava, de quando em quando, o lenço aos olhos já secos, a quem aquela dizia:

– Eu, se fosse você, não comprava lá... É caro! Vai ao "Bonheur des Dames"... Dizem que tem cousas boas e é pechincheiro.

O Major voltou de novo a contemplar o céu que cobria o quintal.[420] Genelício apareceu demasiadamente fúnebre. Todo de preto, ele tinha afivelado ao rosto a mais profunda máscara de tristeza. O seu *pince-nez* azulado também parecia de luto.

Não lhe fôra possível deixar de ir trabalhar; um serviço urgente fizera-o indispensável na repartição.

– É isto, General, disse ele, não está lá o Dr. Genelício, nada se faz...[421]

O General não respondeu; estava deveras combalido. Bustamante e Caldas continuavam a conversar baixo. Ouviu-se o rodar de uma carruagem na rua. Quinota chegou à sala de jantar:

– Papai, está aí o coche.

O velho levantou-se a custo e foi para a sala de visitas. Falou à mulher que se ergueu com a face contraída, exprimindo uma grande contensão. Os seus cabelos já tinham muitos fios de prata. Não deu um passo; esteve um instante parada e logo caiu na cadeira, chorando. Todos estavam vendo sem saber o que fazer; alguns choravam; Genelício tomou um partido: foi retirando os círios de ao redor do caixão. A mãe levantou-se, veio até ao esquife, beijou o cadáver: minha filha!

Quaresma adiantou-se, foi saindo com o chapéu na mão. No corredor, ainda ouviu Estefânia dizer a alguém: o coche é bonito.

---

[418] No livro: "conhecer e é lama pútrida".
[419] No singular no folhetim: "morto".
[420] No livro: "o quintal. Tinha uma tranquilidade quase indiferente.".
[421] No livro: "se faz... Não há meio da *Marinha* mandar os processos certos... É um relaxamento..."

Saiu. Na rua parecia que havia festa. As crianças da vizinhança cercavam o carro fúnebre e faziam inocentes comentários sobre os dourados e enfeites. As grinaldas foram aparecendo e sendo dependuradas na extremidade[422] das colunas do coche: "À minha querida filha", "À minha irmã". As fitas roxas e pretas, com letras douradas, moviam-se lentamente ao leve vento que soprava.

Apareceu o caixão, todo roxo, com guarnições de galões dourados, muito brilhantes. Tudo aquilo ia pra terra. As janelas se povoaram, de um lado e d'outro da rua; um menino na casa próxima, gritou da rua para o interior: "Mamãe, lá vai o enterro da moça!"

O caixão foi afinal amarrado fortemente no carro mortuário, cujos cavalos, ruços, cobertos com uma rede preta, escarvavam o chão cheios de impaciência.

Aqueles que iam acompanhar até ao cemitério, procuravam os seus carros. Embarcaram todos, e o enterro rodou.

A esse tempo, na vizinhança, alguns pombos imaculadamente brancos, as aves de Vênus, ergueram o vôo, ruflando estrepitosamente; deram volta por cima do coche e tornaram logo silenciosos, quase sem bater asas, para o pombal que se ocultava nos quintais familiares...

* * * * *

Quinta-feira, 12 de outubro.

LIVRO TERCEIRO
IV

Boqueirão[423]

O SÍTIO DE QUARESMA, EM CURUZU, voltava aos poucos ao estado de abandono em que ele o encontrara. A erva daninha crescia e cobria tudo. As plantações que fizera, tinham desaparecido na invasão do capim, do carrapicho, das urtigas e outros arbustos. Os arredores da casa ofereciam um aspecto desolador, apesar dos esforços de Anastácio, sempre vigoroso e trabalhador na sua forte velhice africana, mas baldo de iniciativa, de método, de continuidade no esforço.

Um dia capinava aqui, outro dia ali, outro pedaço, e assim ia saltando de trecho em trecho, sem fazer trabalho que se visse, permitindo que as terras e os arredores da casa

---

[422] No livro, no plural: "nas extremidades".

[423] No livro: "O Boqueirão". É o único título de capítulo que sofreu alguma alteração entre uma impressão e outra.

adquirissem um aspecto de desleixo que não condizia com o seu trabalho efetivo.

As formigas voltaram também, mais terríveis e depredadoras, vencendo obstáculos, devastando tudo, restos de seara, brotos de fruteiras, até os araçazeiros depenavam com uma energia e bravura que sorriam aos fracos expedientes da inteligência crestada do antigo escravo, incapaz de achar meios eficazes de batê-las ou afugentá-las.

Entretanto ele cultivava. Era a sua mania, o seu vício, uma teimosia de caduco. Tinha uma horta que disputava diariamente às saúvas; e, como os animais da vizinhança a tivessem um dia invadido, ele a protegeu pacientemente com uma cerca de materiais mais inconcebíveis: latas de querosene desdobradas, caibros bons, folhas de coqueiros, tábuas de caixão, não obstante ter à mão bambus à vontade.

Na sua inteligência havia uma necessidade do tortuoso, do aparentemente fácil; e, em tudo ele punha esse jeito de sua psique, tanto no falar, com grandes rodeios, como nos canteiros que traçava, irregulares, maiores aqui, menores ali, fugindo à regularidade, ao paralelismo, à simetria, com um horror artístico.

A revolta tinha tido sobre a política local efeito pacificador. Todos os partidos se fizeram dedicadamente governistas, de forma que, entre os dous poderosos contendores, o Dr. Campos e o Tenente Antonino houve um traço de união que os reconciliou e os fez entenderem-se. Ao osso que ambos disputavam encarniçadamente, chegou um outro mais forte que pôs em perigo a segurança de ambos e eles se puseram em expectativa, um instante unidos.

O candidato foi imposto pelo governo central e as eleições chegaram. É um momento bem curioso esse das eleições na roça. Não se sabe bem donde saem tantos tipos exóticos. De tal forma são eles esquisitos que se pode mesmo esperar que apareçam calções e bofes de renda, espadins e gibão. Há sobrecasacas de cintura, há calças boca de sino, há chapéus de seda – todo um museu de indumentária que aqueles roceiros vestem e por um instante fazem viver por entre as ruas esburacadas e estradas poeirentas das vilas e lugarejos. Não faltam também os valentões, com calças bombachas e grandes bengalões de pequiá, à espera do que der e vier.

Para a monótona vida que levava D. Adelaide, esse desfile de manequins de museu, por sua porteira, em direção à seção eleitoral que lhe ficava nas proximidades, foi um divertimento. Ela passava longos e tristes dias naquele isolamento. Fazia-lhe companhia desde muito a mulher de Felizardo, a Sinhá Chica, uma velha cafuza, espécie de Medeia esquelética, cuja fama de rezadeira pairava por sobre todo o município. Não havia quem como ela soubesse rezar dores, cortar febres, curar cobreiros e conhecesse os efeitos das ervas medicinais: a língua de vaca, a silvina, o cipó-chumbo – toda aquela drogaria que crescia pelos campos, pelas capoeiras, e pelos troncos de árvores[424].

Além desse saber que a fazia estimada e respeitável, tinha também a habilidade de assistir partos. Na redondeza, entre a gente pobre e mesmo remediada, todos os nascimentos se faziam aos cuidados de suas luzes.

Era de ver como pegava um faca e agitava o pequeno instrumento doméstico em cruz, repetidas vezes, sobre a sede da dor ou da ferida[425], rezando em voz baixa,

[424] Este trecho está truncado e com repetição de linhas no folhetim: "o cipó-chumbo / va pelos campos, pelas capoeiras e pelos / va pelos campos, pelas capoeiras e pelos / troncos de árvores".
[425] No livro: "tarefa".

balbuciando preces que afugentavam o espírito maligno que estava ali. Contavam-se dela milagres, vitórias extraordinárias, denunciadoras do seu estranho poder quase mágico, sobre as forças ocultas, que nos perseguem ou nos auxiliam.

Um dos mais curiosos, e era contado em toda parte e a toda hora, consistia no afastamento das lagartas, Os vermes haviam dado num feijoal, aos milheiros, cobrindo as folhas e os colmos; o proprietário já desesperava e tinha tudo por perdido quando se lembrou dos maravilhosos poderes de Sinhá Chica. A velha lá foi. Pôs cruzes de gravetos pelas bordas da roça, assim como se fizesse uma cerca de invisível material que nela se apoiasse: deixou uma extremidade aberta e colocou-se na oposta a rezar. Não tardou o milagre a verificar-se. Os vermes, num rebanho moroso e serpejante, como se fossem tocados pela vara de um pastor, foram saindo na sua frente, devagar, aos dous, aos quatro, aos cinco, aos dez, aos vinte, e um só não ficou.

O Dr. Campos não tinha absolutamente nenhuma espécie de ciúme dessa rival. Armou-se de um pequeno desdém pelo poder sobre-humano da mulher, mas não apelou nunca para o Arsenal de leis, que vedava o exercício de sua transcendente medicina. Seria a impopularidade; ele era político.

No interior, e não é preciso afastar-se muito do Rio de Janeiro, as duas medicinas coexistem sem raiva e ambas atendem às necessidades mentais e econômicas da população.

A da Sinhá Chica, quase grátis, ia ao encontro da população pobre, daquela em cujos cérebros, por contágio ou herança, ainda vivem os manitus e manipansos, sujeitos a fugirem aos exorcismos, benzeduras e formigações[426]. A sua clientela, entretanto, não se resumia só na gente pobre da terra, ali nascida ou criada; havia mesmo recém-chegados de outros ares, italianos, portugueses e espanhóis, que se socorriam da sua força sobrenatural, não tanto pelo preço ou contágio das crenças ambientes, mas também por aquela estranha superstição européia de que todo negro ou gente colorida penetra e é sagaz para descobrir as cousas malignas e exercer a feitiçaria.

Enquanto a terapêutica fluídica ou herbácea de Sinhá Chica atendia aos miseráveis, aos pobretões, a do Dr. Campos era requerida pelos mais cultos e ricos, cuja evolução mental exigia a medicina regular e oficial.

Às vezes, um de um grupo passava para o outro; era nas moléstias graves, nas complicadas, nas incuráveis, quando as ervas e as rezas da milagrosa nada podiam ou os xaropes e pílulas do Doutor eram impotentes.

Sinhá Chica não era lá uma companheira muito agradável. Vivia sempre mergulhada no seu sonho divino, abismada nos misteriosos poderes dos feitiços, sentada sobre as pernas cruzadas, olhos baixos, fixos, de fraco brilho, parecendo esmalte de olhos de múmia tanto ela era encarquilhada e seca.

Não esquecia também o santos, a Santa Madre Igreja, os mandamentos, as orações ortodoxas; embora não soubesse ler, era forte no catecismo e conhecia a história sagrada aos pedaços, aduzindo a eles interpretações suas e interpolações pitorescas.

Com o Apolinário, o famoso capelão das ladainhas, era ela o forte poder espiritual da terra. O vigário ficava relegado a um papel de funcionário, espécie de oficial de registro civil, encarregado dos batizados e casamentos, pois toda a comunicação com Deus e o

[426] No livro: “fumigações”.

Invisível se fazia por intermédio de Sinhá Chica ou do Apolinário.[427]

Felizardo, o marido dela, aparecia pouco em casa de Quaresma; e, se aparecia, era à noite, passando os dias pelos matos com medo do recrutamento e logo que chegava indagava da mulher se o barulho já tinha acabado.

Vivia num constante pavor; dormia vestido, galgando a janela e embrenhando-se na capoeira, à menor bulha ouvida.

Tinham dous filhos, mas que tristeza de gente! Ajuntavam à depressão moral dos pais uma pobreza de vigor físico e uma indolência repugnante. Eram dous rapazes: o mais velho, José, orçava pelos vinte anos; ambos inertes, moles, sem força e sem crenças, nem mesmo a da feitiçaria, das rezas e benzeduras, que fazia o encanto da mãe e merecia o respeito do pai.

Não houve quem os fizesse aprender qualquer cousa e os sujeitasse a um trabalho contínuo. De quando em quando, assim de quinze em quinze dias, faziam uma talha de lenha e vendiam ao primeiro taverneiro pela metade do valor; voltavam para casa alegres, satisfeitos, com um lenço de cores vivas, um vidro de água de colônia, um espelho, bugigangas que denunciavam ainda neles gostos bastante selvagens.

Passavam então uma semana em casa, a dormir ou a perambular pelas estradas e vendas; à noite, quase sempre nos dias de festas e domingos, saiam com a *harmônica* a tocar peças, no que eram exímios, sendo a presença deles muito requestada nos bailes da vizinhança.

Embora seus pais vivessem em casa de Quaresma, raramente lá apareciam; e, se o faziam, era porque de todo não tinham que comer. Levavam o descuido da vida, a imprevidência, a ponto de não terem medo do recrutamento. Eram, entretanto, capazes de dedicação, de lealdade e bondade, mas o trabalho continuado, todo o dia, repugnava-lhes à natureza, como uma pena ou um castigo.

Essa atonia da nossa população, essa espécie de desânimo doentio, de indiferença nirvanesca por tudo e todas as cousas, cercam de uma caligem de tristeza desesperada a nossa roça e tira-lhe o encanto, a poesia e o viço sedutor de plena natureza.

Parece que nem um dos grandes países oprimidos, a Polônia, a Irlanda, a Índia, se pode comparar com[428] o aspecto cataléptico do nosso interior. Tudo aí dorme, cochila, parece morto; naqueles há revolta, há fuga para o sonho; no nosso... Oh!... dorme-se...

A ausência de Quaresma trouxera para o seu sítio essa atmosfera geral da roça. O "Sossego" parecia dormir, dormir de encantamento, à espera que o príncipe o viesse despertar.

Máquinas agrícolas, que não haviam ainda servido, enferrujavam com a etiqueta da casa. Aqueles arados de ponta de aço, que tinham chegado com a relha reluzente, de um brilho azulado e doce, estavam hediondos e morriam de tédio no abandono em que jaziam, bracejando angustiosamente para o céu mudo. De manhã, não se ouvia mais o cacarejar das aves no galinheiro, o esvoaçar dos pombos – todo esse hino matinal de vida, de trabalho, de fartura não mais se casava com as auroras rosadas e com o chilreio álacre do passaredo; e

[427] No livro: "com o Apolinário. É de dever falar em casamentos, mas bem podiam ser esquecidos, porque a nossa gente pobre faz uso reduzido de tal sacramento e a simples mancebia, por toda a parte, substitui a solene instituição católica.".
[428] No livro: "Índia apresentará".

ninguém sabia ver as paineiras em flor, com as suas lindas flores rosadas e brancas que, a espaços, caíam docemente como aves feridas.

D. Adelaide não tinha nem gôsto nem atividade para superintender aqueles serviços e fruir a poesia da roça. Sofria com a separação do irmão e vivia como se estivesse na cidade. Comprava os gêneros na venda e não se incomodava com as cousas do sítio.

Ansiava[429] pela volta do irmão; escrevia-lhe cartas desesperadas, às quais ele respondia aconselhando calma, fazendo promessas. A última recebida, porém, tinha de supetão outro acento; não era mais confiante, entusiástica, traía desânimo, desalento, mesmo desespero.

Sexta-feira, 13 de outubro.

Era assim:

> "Querida Adelaide. Só agora posso responder-te a carta que recebi há quase duas semanas. Justamente quando ela me chegou às mãos, acabava de ser ferido, ferimento ligeiro é verdade, mas que me levou à cama e trar-me-á uma convalescença longa. Que combate, minha filha! Que horror! Quando me lembro dele, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. Fiquei com horror à guerra que ninguém pode avaliar... Uma confusão, um infernal zunir de balas, clarões sinistros, imprecações – e tudo isto no seio da treva profunda da noite... Houve momentos que se abandonaram as armas de fogo: batíamo-nos à baioneta, a coronhadas, a machado, facão. Filha: um combate de trogloditas, uma cousa pré-histórica... Eu duvido, eu duvido, duvido da justiça disso tudo, duvido da sua razão de ser, duvido que seja certo e necessário ir tirar do fundo de nós todos a ferocidade adormecida, aquela ferocidade que se fez e se depositou em nós nos milenários combates com as feras, quando disputávamos a terra a elas... E não vi homens de hoje; vi homens de Cro-Magnon, do Neanderthal armados com machados de sílex, sem piedade, sem amor, sem sonhos generosos, a matar, sempre a matar... Este teu irmão que estás vendo, também fez das suas, também foi descobrir dentro de si muita brutalidade, muita ferocidade, muita crueldade... Eu matei, minha irmã; eu matei! E não contente de matar, ainda descarreguei um tiro quando o inimigo arquejava a meus pés... Perdoa-me! Eu te peço perdão, porque preciso de perdão e não sei a quem pedir, a que Deus, a que homem, a alguém enfim... Não imaginas como isto faz-me sofrer... Quando caí embaixo de uma carreta, o que me doía não era a ferida, era a alma, era a consciência; e Ricardo, que foi ferido e caiu ao meu lado, a gemer e pedir – *Capitão, meu gorro, meu*

[429] No folhetim e no livro: "Anseiava".

gorro! – parecia que era o meu próprio pensamento que ironizava o meu destino...

Esta vida é absurda e ilógica; eu já tenho medo de viver, Adelaide. Tenho medo, porque não sabemos para onde vamos, o que faremos amanhã, de que maneira havemos de nos contradizer de sol para sol...

O melhor é não agir, Adelaide; e desde que o meu dever me livre destes encargos, irei viver na quietude, na quietude mais absoluta possível, para que do fundo de mim mesmo ou do mistério das cousas não provoque a minha ação o aparecimento de energias estranhas à minha vontade, que mais me façam sofrer e tirem o doce sabor de viver...

Além do que, penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido, e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer...

Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade."

.....

Como Quaresma dizia na carta, o seu ferimento não era grave, era, porém, delicado e exigia tempo para uma cura completa e sem perigos. Ricardo, este, fôra ferido mais gravemente. E se o sofrimento de Quaresma era profundamente moral, o de Coração dos Outros era físico e não se cansava de gemer e imprecar contra a sorte que o arrastara até à posição de combatente.

Os hospitais em que se tratavam estavam separados pela baía, agora intransponível, exigindo a viagem de uma margem à outra bem doze horas por estrada de ferro.

Tanto na ida como na volta, ferido como estava, Quaresma passara pela estação em que morava. O trem, porém, não parava, e ele se limitou a deitar pela portinhola um longo e saudoso olhar para aquele seu "Sossego", de terras pobres e árvores velhas, onde sonhara repousar calmamente por toda a vida; e, entretanto, o lançara na mais terrível das aventuras.

E ele perguntava de si para si, onde, na terra, estava o verdadeiro sossego, onde se poderia encontrar esse repouso de alma e corpo, pelo qual tanto ansiava, depois dos sacolejamentos por que vinha passando - onde? E o mapa dos continentes, as cartas dos países, as plantas das cidades, passavam-lhe pelos olhos e não viu, não encontrou um país, uma província, uma cidade, uma rua onde o houvesse.

A sua sensação era de fadiga, não física, mas moral e intelectual, Tinha vontade de não mais pensar, de não mais amar; queria, contudo, viver, por prazer físico; pela sensação material pura e simples de viver.

Assim, convalesceu longamente, demoradamente, melancolicamente, sem uma visita, sem ver uma face amiga.

Coleoni e família se haviam retirado para fora; o General, por preguiça e desleixo,

não viera vê-lo. Vivia só, envolvido na suavidade da convalescença, a pensar no Destino, na sua vida, nas idéias e mais que tudo nas suas desilusões.

Entretanto, a revolta na baía chegava ao fim; toda gente já pressentia isso e queria esse alívio.

O Almirante e Albernaz, ambos pelos mesmos motivos, observavam esse fim com tristeza. O primeiro via fugir o seu sonho de comandar uma esquadra e a conseqüente volta para o quadro; e o General sentia perder a sua comissão, cujos rendimentos faziam de forma tão notável melhorar a situação da família.

Naquela manhã, bem cedo, D. Maricota acordara o marido:

– Chico, levanta-te! Olha que tens que ir à missa do Senador Clarimundo...

Ouvindo a recomendação da mulher, Albernaz ergueu-se logo do leito. Era preciso não faltar. A sua presença se impunha e significava muito. Clarimundo fôra um republicano histórico, agitador, tribuno temido, no tempo do Império; após a República, porém, não apresentara aos seus pares do Senado nada de útil e benfazejo. Embora assim, a sua influência ficara sendo grande; e, com diversos outros, era chamado patriarca da República. Durante a comoção[430], o seu prestígio cresceu e já se falava nele para substituir o Marechal. Albernaz conhecera-o vagamente, mas assistir a sua missa era quase uma afirmação política.

A dor da morte da filha já se esvaíra muito na sua memória. O que o fazia sofrer era aquela semivida da moça, mergulhada na loucura e na moléstia. A morte tem a virtude de ser brusca, de chocar, mas não corroer, como essas moléstias duradouras nas pessoas amadas; passado que é o choque, vai ficando em nós uma suave recordação do ente querido, uma boa fisionomia sempre presente aos nossos olhos.

Dava-se isso com Albernaz e a sua satisfação de viver e a sua jovialidade natural foram voltando insensivelmente.

Obediente à mulher, preparou-se, vestiu-se e saiu. Conquanto se estivesse ainda em plena revolta, esses ofícios fúnebres se faziam nas igrejas do centro da cidade. O General chegou a tempo e à hora. Havia uniformes e cartolas e todos se comprimiam para assinar as listas de presença. Não tanto que quisessem atestar à família do morto esse ato delicado; dominava-os, além disso, a esperança de ter os nomes nos jornais.

Albernaz não deixou de atirar-se também a uma das listas que andavam pelas mesas da sacristia; e quando ia assinar, alguém lhe falou. Era o Almirante. A missa ia começar, mas ambos evitavam entrar na nave cheia, e ficaram a um vão de janela, na sacristia, conversando.

– Então acaba breve, hein?

– Dizem que a esquadra já saiu de Pernambuco.

Fôra Caldas quem falara primeiro e a resposta do General fê-lo sorrir irônico dizendo:

– Enfim...

---

[430] No livro:

[...] era chamado patriarca da República. Há nos próceres republicanos uma necessidade extraordinária de serem gloriosos e não esquecidos pelo futuro, a que eles se recomendam com teimoso interesse.

Clarimundo era um desses próceres e, durante a comoção, [...]

– A baía está cercada de canhões, continuou o General, após uma pausa, e o Marechal vai intimá-los a renderem-se.

– Já era tempo, fez Caldas... Comigo, a cousa já estava acabada... Levar quase sete meses para dar cabo de uns calhambeques!...

– Você exagera, Caldas; a cousa não era tão fácil assim... E o mar?

– Que fez a esquadra tanto tempo no Recife, você não me dirá? Ah! Se fosse com este seu criado, tinha logo partido e atacado... Sou pelas decisões prontas...

O padre, no interior da igreja, continuava a pedir a Deus repouso para a alma do Senador Clarimundo. O místico cheiro de incenso vinha até eles e o votivo perfume, votivo ao Deus da paz e da bondade, não os demovia dos seus pensamentos guerreiros.

Sábado, 14 de outubro.

– Entre nós, aduziu Caldas, não há mais gente que preste... Isto é um país perdido, acaba colônia inglesa...

Coçou nervoso um dos favoritos e esteve um instante a olhar o ladrilho do chão. Albernaz avançou, meio sarcástico:

– Agora não; agora a autoridade está prestigiada, consolidada, e uma era de progresso vai abrir-se para o Brasil.

– Qual o quê! Onde é que você viu um governo...

– Mais baixo, Caldas!

– ... onde é que se viu um governo que não aproveita as aptidões, abandona-as, deixa-as por ai vegetar?... Dá-se o mesmo com as nossas riquezas naturais: jazem por aí à toa!

A sineta soou e olharam um pouco a nave cheia. Pela porta, via-se uma porção de homens, todos de negro, ajoelhados, contritos, batendo nos peitos, a confessar de si para si; mea culpa, mea maxima culpa...

Uma réstia de sol coava-se por uma das aberturas do alto e resplandecia sobre algumas cabeças.

Insensivelmente, os dous, na sacristia, levaram a mão ao peito e confessaram também: *mea culpa, mea maxima culpa*...

A missa veio a acabar e ambos entraram para o abraço da pragmática. A nave recendia a incenso e tinha um aspecto tranqüilo de imortalidade.

Todos tinham um grande ar de compunção: amigos, parentes, conhecidos e desconhecidos pareciam sofrer igualmente. Albernaz e Caldas, logo que penetraram no corpo da igreja, apanharam no ar um sentimento profundo e afivelaram-no ao rosto.

Genelício também viera; ele tinha o vício das missas das pessoas importantes, dos cartões de pêsames, dos cumprimentos em dias de aniversário. Temendo que a memória não lhe ajudasse, possuía um caderninho onde as datas aniversárias estavam assentadas e as residências também.[431] Não havia sogra, prima, tia, cunhada, de homem importante, que, em dia de aniversário, não recebesse os seus parabéns, e, por morte, não o levasse à igreja em missa de sétimo dia,

[431] No livro: "também. O índice era organizado com muito cuidado.".

O seu traje de luto era de pano grosso, pesado; e, olhando-o, lembrava-nos logo de um castigo dantesco.

Na rua, Genelício escovava a cartola com a manga da sobrecasaca e dizia ao sogro e ao Almirante:

– A cousa está pra acabar...! Breve...

– E se resistirem? perguntou o General.

– Qual! Não resistem. Corre que já propuseram rendição... É preciso arranjar uma manifestação ao Marechal.

– Não acredito, fez o Almirante. Conheço muito o Saldanha, é orgulhoso e não se entrega assim...

Genelício ficou um pouco assustado com a entonação da voz do seu parente; teve medo que ele falasse mais alto, desse na vista e o comprometesse. Calou-se; Albernaz, porém, avançou:

– Não há orgulho que resista a uma esquadra mais forte.

– Forte! Uns calhambeques, homem!

Caldas continha a custo a fúria que lhe ia n'alma. O céu estava azul e calmo. Havia nele nuvens brancas, leves, esgarçadas, que se moviam lentamente, como velas, naquele mar infinito. Genelício olhou-o um pouco e aconselhou:

– Almirante, não fale assim... Olhe que...

– Qual! Não tenho medo... Porcarias!...

– Bom, fez Genelício, eu tenho que ir à Rua Primeiro de Março e...

Despediu-se e saiu com o seu traje de chumbo, curvado, olhando o chão com o seu *pince-nez* azulado, palmilhando a rua com passo miúdo e cauteloso.

Albernaz e Caldas ainda estiveram conversando um tempo e se despediram sempre amigos, cada um com o seu desgosto e a sua decepção.

Tinham razão: a revolta veio a acabar dai a dias. A esquadra legal entrou; os oficiais revoltosos se refugiaram nos navios de guerra portugueses e o Marechal Floriano ficou senhor da baía.

No dia da entrada, acreditando que houvesse canhoneio, uma grande parte da população abandonou a cidade, refugiando-se nos subúrbios, por baixo das árvores, na casa de amigos ou nos galpões construídos adrede pelo Estado.

Era de ver o terror que se estampava naquelas fisionomias, a ânsia e a angústia também. Levavam trouxas, samburás, pequenas malas; crianças de peito, a chorar, o papagaio querido, o cachorro de estimação, o passarinho que de há muito quebrava a tristeza de uma casa pobre.

O que mais metia medo era o famoso canhão de dinamite, do "Niterói", uma espalhafatosa invenção americana, instrumento terrível, capaz de causar terremotos e de abalar os fundamentos das montanhas graníticas do Rio.

As crianças e as mulheres, mesmo fora do alcance de seu poder, temiam ouvir o seu estrondo; entretanto, esse fantasma *yankee*, esse pesadelo, essa quase força da natureza, foi morrer abandonado num cais, desprezado e inofensivo.

O fim do levante foi um alívio; a cousa já estava ficando monótona e o Marechal ganhou feições sobre-humanas com a vitória.

Quaresma teve alta por esse tempo; e a sua companhia[432] foi destacada para guarnecer a ilha das Enxadas. Innocencio Bustamante continuava a superintender o seu batalhão[433] com muito zelo, do interior do seu gabinete, na estalagem condenada que lhe servia de quartel. A escrituração estava em dia e era feita com a melhor letra.

Polycarpo aceitou com repugnância o papel de carcereiro, pois na ilha das Enxadas estavam depositados os marinheiros prisioneiros. Os seus tormentos d'alma mais cresceram com o exercício de tal função. Quase os não olhava; tinha vexame, piedade e parecia-lhe que dentre eles um conhecia o segredo de sua consciência.

De resto, todo o sistema de idéias que o fizera meter-se na guerra civil se tinha desmoronado. Não encontrara o Sully e muito menos o Henrique IV. Sentia também que o seu pensamento motriz não residia em nenhuma das pessoas que encontrara. Todos tinham vindo ou com pueris pensamentos políticos, ou por interesse; nada de superior os animava. Mesmo entre os moços, que eram muitos, se não havia baixo interesse, existia uma adoração fetíchica pela forma republicana, um exagero das virtudes dela, um pendor para o despotismo que os seus estudos e meditações não podiam achar justos. Era grande a sua desilusão.

Os prisioneiros se amontoavam nas antigas salas de aulas e alojamentos dos aspirantes. Havia simples marinheiros; havia inferiores; havia escreventes e operários de bordo. Brancos, pretos, mulatos, caboclos, gente de todas as cores e todos os sentimentos, gente que se tinha metido em tal aventura pelo hábito de obedecer, gente inteiramente estranha à questão em debate, gente arrancada à força aos lares ou à calaçaria das ruas, pequeninos, tenros, ou que se haviam alistado por miséria; gente ignara, simples, às vezes cruel e perversa como crianças inconscientes; às vezes, boa e dócil como um cordeiro, mas, enfim, gente sem responsabilidade, sem anseio político, sem vontade própria, simples autômatos nas mãos dos chefes e superiores que a tinham abandonado à mercê do vencedor.

De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar. A viração soprava ainda e as gaivotas continuavam a pescar. Os barcos passavam. Ora, eram lanchas fumarentas que lá iam para o fundo da baía; ora pequenos botes ou canoas, roçando carinhosamente a superfície das águas, pendendo para lá e para cá, como se as suas alvas velas enfunadas quisessem afagar a espelhenta superfície do abismo. Os Órgãos vinham suavemente morrendo na violeta macia; e o resto era azul, um azul imaterial que inebriava, embriagava, como um licor capitoso.

Ficava assim um tempo longo, a ver, e quando se voltava, olhava a cidade que entrava na sombra, aos beijos sangrentos do ocaso.

A noite chegava e Quaresma continuava a passear na borda do mar, meditando, pensando, sofrendo com aquelas lembranças de ódios, de sangueiras e ferocidade.

A sociedade e a vida pareceram-lhe cousas horrorosas, e imaginou que do exemplo delas vinham os crimes que aquela punia, castigava e procurava restringir. Eram negras e desesperadas, as suas idéias; muita vez julgou que delirava.

E então se lamentava por estar sozinho, por não ter um companheiro com quem conversar, que lhe fizesse fugir àqueles tristes pensamentos que o assediavam e se estavam

[432] No livro: "e uma ala de seu batalhão".
[433] No livro: "o corpo".

transformando em obsessão.

Ricardo estava de guarnição na Ilha das Cobras; e, mesmo que ali estivesse, os rigores da disciplina não lhe permitiriam uma conversa mais amigável. Vinha a noite inteiramente, e o silêncio e a treva envolviam tudo.

Quaresma ainda ficava horas ao ar livre a pensar, olhando o fundo da baía, onde quase não havia luzes que interrompessem a continuidade do negror noturno.

Fixava bem os olhos para lá, como se os quisesse habituar a penetrar nas cousas indecifráveis e adivinhar dentro da sombra negra a forma das montanhas, o recorte das ilhas que a noite tinha feito desaparecer.

Fatigado, ia dormir. Nem sempre dormia bem; tinha insônias e, se queria ler, a atenção recusava fixar-se e o pensamento vagabundava muito longe do livro.

Certa noite em que ia dormindo melhor, um inferior veio acordá-lo pela madrugada:

– Sr. Major, está aí o *home* do Itamarati.

– Que homem?

– O oficial que vem buscar a turma do Boqueirão.

Sem atinar do que se tratava, levantou-se e foi ao encontro do visitante. O homem já estava no interior de um dos alojamentos. Uma escolta estava à porta. Seguiam-no algumas praças, das quais uma levava uma lanterna que derramava no salão uma fraca luzerna amarelada. A vasta sala estava cheia de corpos, deitados, seminus, e havia todo o íris das cores humanas. Uns roncavam, outros dormiam somente; e, quando Quaresma entrou, houve alguém que em sonho, gemeu – ai! Cumprimentaram-se, Quaresma e o emissário do Itamarati, e nada disseram. Ambos tiveram medo de falar. O oficial despertou um dos prisioneiros e disse para as praças: "Levem este".

Seguiu adiante e despertou outro: onde você esteve? Eu – respondeu o marinheiro – na "Guanabara"... Ah! patife, acudiu o homem do Itamarati... Este também... Levem!...

Os soldados condutores iam até à porta, deixavam o prisioneiro e voltavam.

O oficial passou por uma porção deles e não fez reparo; adiante, deu com um rapaz claro, franzino, que não dormia. Gritou então: levante-se! O rapaz ergueu-se tremendo. – Onde esteve você? perguntou. Eu era enfermeiro, retrucou o rapaz. Que enfermeiro! fez o emissário. Levem este também...

Terça-feira, 17 de outubro.

– Mas, *seu* Tenente, deixe-me escrever à minha mãe, pediu o rapaz quase chorando.

– Que mãe! respondeu o homem do Itamarati. Siga! Vá!

E assim foi uma dúzia, escolhida a esmo, ao acaso, cercada pela escolta, a embarcar num batelão que uma lancha logo rebocou para fora das águas da ilha.

Quaresma não atinou de pronto com o sentido da cena e foi, após o afastamento da lancha, que ele encontrou uma explicação.

Não deixou de pensar então por que força misteriosa, por que injunção irônica ele se tinha misturado em tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar do regime...

A embarcação não ia longe. O mar gemia demoradamente de encontro às pedras do cais. A esteira da embarcação estrelejava fosforescente. No alto, num céu negro e profundo,

as estrelas brilhavam serenamente.

A lancha desapareceu nas trevas do fundo da baía. Para onde ia? Para o Boqueirão...

* * * * *

Terça-feira, 17 de outubro.

LIVRO TERCEIRO
V

A afilhada

COMO LHE PARECIA ILÓGICO COM ELE mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço? Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? Teria sido ele com os seus atos passados, com as suas ações encadeadas no tempo, que fizera com que aquele velho deus docilmente o trouxesse até à execução de tal desígnio? Ou teriam sido os fatos externos, que venceram a ele, Quaresma, e fizeram-no escravo da sentença da onipotente divindade? Ele não sabia, e, quando teimava em pensar, as duas cousas se baralhavam, se emaranhavam e a conclusão certa e exata lhe fugia.

Não estava ali há muitas horas. Fôra preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama; e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-lo à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas.

Por que estava preso? Ao certo não sabia; o oficial que o conduzira, nada lhe quisera dizer; e, desde que saíra da ilha das Enxadas para a das Cobras, não trocara palavra com ninguém, não vira nenhum conhecido no caminho, nem o próprio Ricardo que lhe podia, com um olhar, com um gesto, trazer sossego às suas dúvidas. Entretanto, ele atribuía a prisão à carta que escrevera ao Presidente, protestando contra a cena que presenciara na véspera.

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos a esmo, para uma carniçaria distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; e ele escrevera a carta com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente.

Devia ser por isso que ele estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva,

sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabarei? Como acabarei? E a pergunta lhe vinha, no meio da revoada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. Não havia base para qualquer hipótese. Era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela.

O tempo estava de morte, de carnificina; todos tinham sede de matar, para afirmar mais a vitória e senti-la bem na consciência cousa sua, própria, e altamente honrosa.

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara – todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos seus heróis[434]? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do *folk-lore*, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual,nem a política que julgava existir, havia, A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do Dr. Campos, a do homem do Itamarati.[435]

---

[434] No livro: "dos heróis do Brasil".

[435] Trecho incluído no livro:

E, bem pensado, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma idéia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa idéia nascera da amplificação da crendice dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? Lembrou-se do seu Fustel de Coulanges... Lembrou-se de que essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas... Pareceu-lhe que essa idéia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições...

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos sendo francês, inglês,

Mas, como é que ele tão sereno, tão lúcido, empregara sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falaz ídolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência? Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira!

Nada deixava que afirmasse a sua passagem e a terra não lhe dera nada de saboroso.

Contudo, quem sabe se outros que lhe seguissem as pegadas não seriam mais felizes? E logo respondeu a si mesmo: mas como? Se não se fizera comunicar, se nada dissera e não prendera o seu sonho, dando-lhe corpo e substância?

E esse seguimento adiantaria alguma cousa? E essa continuidade traria enfim para a terra alguma felicidade? Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele, se vinham oferecendo, sacrificando e as cousas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza.

E ele se lembrava que há bem cem anos, ali, naquele mesmo lugar onde estava, talvez naquela mesma prisão, homens generosos e ilustres estiveram presos por quererem melhorar o estado de cousas de seu tempo. Talvez só tivessem pensado, mas sofreram pelo seu pensamento. Tinha havido vantagem? As condições gerais tinham melhorado? Aparentemente sim; mas, bem examinado, não.

Aqueles homens, acusados de crime tão nefando em face da legislação da época, tinham levado dous anos a ser julgados; e ele, que não tinha crime algum, nem era ouvido, nem era julgado; seria simplesmente executado!

Fôra bom, fôra generoso, fôra honesto, fôra virtuoso – ele que fôra tudo isso, ia para a cova sem o acompanhamento de um parente, de um amigo, de um camarada...

Onde estariam eles? Sobre o Ricardo Coração dos Outros, tão simples e tão inocente na sua mania de violão, ele não poria mais os olhos? Era tão bom que o pudesse, para mandar à sua irmã o último recado, ao preto Anastácio um adeus, à sua afilhada um abraço! Nunca mais vê-los-ia, nunca!

E ele chorou um pouco.

Quaresma, porém, enganava-se em parte. Ricardo soubera de sua prisão e procurava soltá-lo. Teve noticia do exato motivo dela; mas não se intimidou. Sabia perfeitamente que corria grande risco, pois a indignação no palácio contra Quaresma fôra geral. A vitória tinha feito os vitoriosos inclementes e ferozes, e aquele protesto soou entre eles como um desejo de diminuir o valor das vantagens alcançadas. Não havia mais piedade, não havia mais simpatia, nem respeito pela vida humana; o que era necessário era dar o exemplo de um massacre à turca, porém clandestino, para que jamais o poder constituído fosse atacado ou mesmo discutido. Era a filosofia social da época, com forças de religião, com os seus fanáticos, com os seus sacerdotes e pregadores, e ela agia com a maldade de uma crença

---

italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

Uma hora, para o francês, o Franco-Condado era terra dos seus avós, outra não era; num dado momento, a Alsácia não era, depois era e afinal não vinha a ser.

Nós mesmos não tivemos a Cisplatina e não a perdemos; e, porventura, sentimos que haja lá manes dos nossos avós e por isso sofremos qualquer mágoa?

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista.

forte, sobre a qual fizéssemos repousar a felicidade de muitos.

Quarta-feira, 18 de outubro.

Ricardo, entretanto, não se amedrontou; procurou influências de amigos. Ao entrar no Largo de São Francisco encontrou Genelício. Vinha da missa da irmã da sogra do Deputado Castro. Como sempre, trajava uma pesada sobrecasaca preta que parecia de chumbo. Já estava subdiretor e o seu trabalho era agora imaginar meios e modos de ser diretor. A cousa era difícil; mas trabalhava num livro: *Os Tribunais de Contas nos Países Asiáticos* – que[436], demonstrando uma erudição superior, talvez lhe levasse ao alto lugar cobiçado.

Vendo-o, Ricardo não se deteve. Correu-lhe ao encalço e falou-lhe:

– Doutor, Vossa Excelência dá licença que lhe dê uma palavra?

Genelício perfilou-se todo e, como tivesse péssima memória das fisionomias[437], perguntou com solenidade e arrogância:

– Que deseja, camarada?

Coração dos Outros estava com a sua farda do "Cruzeiro do Sul" e não ficava bem a Genelício dar-se como conhecido de um soldado. O trovador julgou-o mesmo esquecido e indagou ingenuamente:

– Não me conhece mais, Doutor?

Genelício fechou um pouco os olhos por detrás do *pince-nez* azulado e disse secamente:

– Não.

– Eu, fez com humildade Ricardo, sou Ricardo Coração dos Outros, que cantei[438] no seu casamento.

Genelício não sorriu, não deu mostras de alegria e limitou-se:

– Ah! É o senhor! Bem: que deseja?

– O senhor não sabe que o Major Quaresma está preso?

– Quem é?

– Aquele que foi vizinho do seu sogro.

– Aquele maluco... Ahn!... E daí?

– Eu queria que o senhor se interessasse...

– Não me meto nessas cousas, meu amigo. O Governo tem sempre razão. Passe bem.

E Genelício seguiu com o seu passo cauteloso de quem poupa as solas das botas, enquanto Ricardo ficava de pé a olhar o largo, a gente que passava, a estátua imóvel, as casas feias, a igreja... Tudo lhe pareceu hostil, mau ou indiferente; aquelas caras de homens tinham cataduras de feras e ele quis por um momento chorar de desespero por não poder salvar o amigo.

---

[436] No livro: "o qual".
[437] No livro: "fisionomias humildes".
[438] No livro: "cantou".

Lembrou-se, porém, de Albernaz, e correu a procurá-lo. Não era longe, mas ele[439] ainda não tinha chegado. Ao fim de uma hora o General chegou e, dando com Ricardo, perguntou:

– Que há?

O trovador, bastante emocionado, explicou-lhe com voz dorida todo o fato. Albernaz concertou o *pince-nez*, ajeitou bem o trancelim de ouro na orelha e disse com doçura:

– Meu filho, eu não posso... Você sabe; eu[440] sou governista e parece, se eu for pedir por um preso, que já não o sou bastante... Sinto muito, mas... Que se há de fazer? Paciência.

E entrou para o seu gabinete prazenteiro, muito seguro de si, dentro do seu plácido uniforme de General.

Os oficiais continuavam a entrar e a sair; as campainhas soavam; os contínuos iam e vinham; e Ricardo procurava entre todas aquelas fisionomias uma que lhe pudesse valer. Não havia e ele desesperava. Mas quem havia de ser? Quem? Lembrou-se: o comandante; e foi ter com o Coronel Bustamante, na velha estalagem que servia de quartel ao garboso "Cruzeiro do Sul".

O batalhão ainda continuava em pé de guerra. Embora terminada a revolta no porto do Rio de Janeiro era preciso mandar forças para o Sul; de forma que os batalhões não tinham sido dissolvidos e um dos apontados para partir era o "Cruzeiro".

O Alferes coxo, no ensaboado pátio da antiga estalagem, continuava na sua faina de instrutor dos novos recrutas. Om-broôô... armas! Mei-ãã volta!

Ricardo entrou, subiu rapidamente a oscilante escada do velho cortiço e logo que chegou ao cubículo do comandante, gritou: "Com licença, Comandante!"

Bustamante andava de mau humor. Aquele negócio de partir para o Paraná não lhe agradava. Como é que havia de superintender a escrita do batalhão, no fervor de batalhas, nas desordens de marchas e contramarchas? Isso era uma tolice do comandante marchar; o chefe devia ficar a resguardo, para providenciar[441].

Ele pensava nessas cousas, quando Ricardo pediu licença.

– Entre, disse ele.

O bravo Coronel coçava a grande barba mosaica, tinha o dólmã desabotoado e acabava de calçar um dos pés de botina, para com mais decência receber o inferior.

Ricardo expôs o seu pedido e esperou com paciência a resposta, que custou a vir. Por fim, Innocencio disse sacudindo a cabeça e olhando o inferior cheio de severidade:

– Vai-te embora, senão mando-te prender! Já!

E apontou com o dedo a porta da saída num gesto marcial e enérgico. O cabo não se demorou mais. No pátio o instrutor coxo, veterano do Paraguai, continuava com solenidade a encher a arruinada estalagem com as suas vozes de comando! Om-broô... armas! Mei-ãã... volta... volver!

Ricardo veio andando triste e desalentado, O mundo lhe parecia vazio de afeto e de amor. Ele que sempre decantara nas suas modinhas a dedicação, o amor, as simpatias, via agora que tais sentimentos não existiam. Tinha marchado atrás de cousas fora da realidade,

[439] No livro: "o General".
[440] Não há, no livro, o pronome "eu".
[441] No livro: "providenciar e dirigir a escrituração".

de quimeras. Olhou o céu alto. Estava tranquilo e calmo. Olhou as árvores. As palmeiras cresciam com orgulho e titanicamente pretendiam atingir o céu. Olhou as casas, as igrejas, os palácios e lembrou-se das guerras, do sangue, das dores que tudo aquilo custara. E era assim que se fazia a vida, a história e o heroísmo: com violência sobre os outros, com opressões e sofrimentos.

Logo, porém, recordou que era preciso salvar o amigo e que era necessário dar mais uns passos. Quem poderia? Consultou sua memória. Viu um, viu outro e por fim lembrou-se da afilhada de Quaresma, e foi procurá-la na Real Grandeza.

Chegou, narrou-lhe o fato e as suas sinistras apreensões. Ela estava só, pois o marido cada vez mais trabalhava para aproveitar os despojos da vitória; não perdia um minuto, andando atrás de um e de outro.

Olga lembrou-se bem do padrinho, do seu eterno sonhar, da sua ternura, da tenacidade que punha em seguir as suas idéias, da sua candura de donzela romântica...

Durante um instante uma grande pena tomou-a toda inteira e tirou-lhe a vontade de agir. Pareceu-lhe que era bastante a sua piedade e ela ia de algum modo dar lenitivo ao sofrimento do padrinho; mas bem cedo o viu ensangüentado – ele, tão generoso, ele, tão bom, e pensou em salvá-lo.

– Mas que fazer, meu caro Sr. Ricardo, que fazer? Eu não conheço ninguém... Eu não tenho relações... Minhas amigas... A Alice, a mulher do Dr. Brandão, está fora... A Cassilda, a filha do Castrioto, não pode... Não sei, meu Deus!

E acentuou estas últimas palavras com grande e lancinante desespero. Os dous ficaram calados. A moça, que estava sentada, tomou a cabeça entre as mãos e as suas unhas longas e aperoladas engastaram-se nos seus cabelos negros. Ricardo estava de pé e aparvalhado.

– Que hei de fazer, meu Deus? repetiu ela.

Pela primeira vez, ela sentiu que a vida tinha cousas desesperadoras. Possuía a mais forte disposição de salvar seu padrinho: faria sacrifício de tudo, mas era impossível, impossível! Não havia um meio; não havia um caminho. Ele tinha que ir para o posto de suplício, tinha que subir o seu Calvário, sem esperança de ressurreição.

– Talvez seu marido, disse Ricardo.

Pensou um pouco, demorou-se mais no exame do caráter do esposo; mas, em breve, viu bem que o seu egoísmo, a sua ambição e a sua ferocidade interesseira não permitiriam, que ele desse o mínimo passo.

– Qual, esse...

Quinta-feira, 19 de outubro.

Ricardo não sabia o que aconselhá-la e olhava sem pensamento os móveis e a montanha negra e alta que se avistava da sala onde estavam. Queria encontrar um alvitre, um conselho; mas nada!

A moça continuava a cravar os dedos nos seus cabelos negros e a olhar a mesa em que repousavam os seus cotovelos. O silêncio era augusto.

Num dado momento, Ricardo teve uma grande alegria no olhar e disse:

– Se a senhora fosse lá...

Ela levantou a cabeça; os seus olhos se dilataram de espanto e o rosto lhe ficou rígido. Pensou um pouco, um nada, e falou com firmeza:

– Vou.

Ricardo ficou só e sentou-se. Olga foi vestir-se.

Ele então pensou com admiração naquela moça que por simples amizade se dava a tão arriscado sacrifício, que tinha a alma tão ao alcance dela mesma e a sentiu bem longe desse nosso mundo, deste nosso egoísmo, dessa nossa baixeza e cobriu a sua imagem com um grande olhar de reconhecimento.

Não tardou que ela ficasse pronta e ainda abotoava as luvas, na sala de jantar, quando o marido entrou. Vinha radiante, com os seus grandes bigodes e o seu rosto redondo cheio de satisfação de si mesmo. Nem fez menção de ter visto Ricardo e foi logo direto à mulher:

– Vai[442] sair?

Ela, afogueada pela ânsia desesperada de salvar Quaresma, disse com certa vivacidade:

– Vou.

Armando ficou admirado de vê-la falar daquele modo. Voltou-se um instante para Ricardo, quis interrogá-lo, mas logo, dirigindo-se à mulher, perguntou com autoridade:

– Onde vai[443]?

A mulher não lhe respondeu logo e, por sua vez, o Doutor interrogou o trovador:

– Que faz o senhor aqui?

Coração dos Outros não teve ânimo de responder; adivinhava uma cena violenta que ele teria querido evitar; mas Olga adiantou-se:

– Vai acompanhar-me ao Itamarati, para salvar da morte meu padrinho. Já sabe?

O marido pareceu acalmar-se. Acreditou que, com meios suasórios, poderia evitar que a mulher desse passo tão perigoso para os seus interesses e ambições. Falou docemente:

– Fazes mal.

– Por quê? perguntou ela com calor.

– Vais comprometer-me. Sabes que...

Ela não lhe respondeu logo e mirou-o um instante com os seus grandes olhos cheios de escárnio; mirou-o um, dous minutos; depois, riu-se um pouco e disse:

– É isto! *Eu*, porque *eu*, porque *eu*, é só *eu* para aqui, *eu* para ali... Não pensas noutra cousa... A vida é feita para ti, todos só devem viver para ti... Muito engraçado! De forma que eu (agora digo *eu* também) não tenho direito de me sacrificar, de provar a minha amizade, de ter na minha vida um traço superior? É interessante! Não sou nada, nada! Sou alguma cousa como um móvel, um adorno, não tenho relações, não tenho amizades, não tenho caráter? Ora!...

Ela falava, ora vagarosa[444] e irônica, ora rapidamente e apaixonada; e o marido tinha diante de suas palavras um grande espanto, Ele vivera sempre tão longe dela que não a julgara nunca capaz de tais assomos. Então aquela menina? Então aquele *bibelot*? Quem lhe

[442] No livro: “Vais”.
[443] No livro: “vais”.
[444] No folhetim: “vagamente”.

teria ensinado tais cousas? Quis desarmá-la com uma ironia e disse risonho:

– Estás no teatro?

Ela lhe respondeu logo:

– Se é só no teatro que há grandes cousas, estou.

E acrescentou com força:

– É o que te digo: vou e vou, porque devo, porque quero, porque é do meu direito.

Apanhou a sombrinha, concertou o véu e saiu solene, firme, alta e nobre. O marido não sabia o que fazer. Ficou assombrado e assombrado e silencioso viu-a sair pela porta fora.

Em breve, estava no palácio da Rua Larga. Ricardo não entrou: deixou que a moça o fizesse e foi esperá-la no Campo de Sant'Ana,

Ela subiu. Havia um imenso burburinho, uma agitação de entradas e saídas. Toda a gente queria mostrar-se a Floriano, queria cumprimentá-lo, queria dar mostras da sua dedicação, provar os seus serviços, mostrando-se co-participante na sua vitória. Lançavam mão de todos os meios, de todos os planos, de todos os processos. O ditador tão acessível antes, agora se esquivava. Havia quem lhe quisesse beijar as mãos, como ao papa ou a um imperador; e ele já tinha nojo de tanta subserviência. O califa não se supunha sagrado e aborrecia-se.

Olga falou aos contínuos, pedindo ser recebida pelo Marechal. Foi inútil. A muito custo conseguiu falar a um secretário ou ajudante-de-ordens. Quando ela lhe disse a que vinha, a fisionomia terrosa do homem tornou-se de oca e sob as suas pálpebras correu um firme e rápido lampejo de espada:

– Quem, Quaresma? disse ele. Um traidor! Um bandido!

Depois, arrependeu-se da veemência, fez com certa delicadeza:

– Não é possível, minha senhora. O Marechal não a atenderá.

Ela nem lhe esperou o fim da frase. Ergueu-se orgulhosamente, deu-lhe as costas e teve vergonha de ter ido pedir, de ter descido do seu orgulho e ter enxovalhado a grandeza moral do padrinho com o seu pedido. Com tal gente, era melhor tê-lo deixado morrer só e heroicamente num ilhéu qualquer, mas levando para o túmulo inteiramente intacto o seu orgulho, a sua doçura, a sua personalidade moral, sem a mácula de um empenho que diminuísse a injustiça de sua morte, que de algum modo fizesse crer aos seus algozes que eles tinham direito de matá-lo.

Saiu e andou. Olhou o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, e se lembrou que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos. Fôra há quatro séculos. Olhou de novo o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, as casas, as igrejas; viu os *bonds* passarem; uma locomotiva apitou; um carro, puxado por uma linda parelha, atravessou-lhe na frente, quando já a entrar do campo... Tinha havido grandes e inúmeras modificações. Que fôra aquele parque? Talvez um charco. Tinha havido grandes modificações nos aspectos, na fisionomia da terra, talvez no clima... Esperemos mais, pensou ela; e seguiu serenamente ao encontro de Ricardo Coração dos Outros.

FIM[445]

[445] No livro, no lugar de "FIM", lê-se:

Fac-símiles da edição vespertina do Jornal do Commercio

Todos os Santos (Rio de Janeiro), Janeiro – Março de 1911



RIO DE JANEIRO
Sexta-feira, 11 de Agosto de 1911

JORNAL DO COMMERCIO

Propriedade de Rodrigues & Comp.

EDIÇÃO DA TARDE

RIO DE JANEIRO
Sexta-feira, 11 de Agosto de 1911

NUMERO 160

PREÇO: 100 RÉIS

ASSIGNATURAS PARA O INTERIOR

DIVERSÕES

CINEMA OKEH

REGISTO

JORNAL DO COMMERCIO
EDIÇÃO DA TARDE

«Trinta Fita do Polycarpo Quaresma»
Romance de Lima Barreto

TOPICOS DO DIA

A fundação dos cursos jurídicos
Oitenta e quatro annos — O Decreto de D. Pedro I — Sessão solemne na Faculdade Livre de Direito — A conferencia do Dr. Carvalho Mourão no Instituto dos Advogados

RELAXAMENTO MORAL

"MORTE DE ESTACIO DE SÁ"
A téla do pintor Parreiras — Um exemplo de tenacidade — "A Conquista do Amazonas" — Impressões sobre o novo quadro — Grandeza e recolhimento

BRAHMA
BRAHMINA

CHOPIMA, BOCK-ALE, MALZBIER, MADRID
As cervejas geralmente gelas apreciadoras competentes.

NA SANTA CASA
Entrada e Estatisticas

BEBAM ANTARCTICA

CHOCOLATE SUCHARD

DIABO A QUATRO

PLACIDO DE CASTRO
Anniversario de sua morte

Primeira página da edição da tarde de 11 de agosto de 1911.

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).



Quarta e última página da edição da tarde de 11 de agosto de 1911.

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).



Quarta e última página da edição da tarde de 19 de outubro de 1911.
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro / Brasil).

Índice.

I. Procedimentos de transcrição e edição p. 7

II. "O prêmio" p. 11

III. *Episódios da vida do Major Quaresma*. p. 23

a. Edição corrente: p. 25
Livro I – I. A lição de violão p. 27
II. Reformas radicais p. 33
III. [A notícia do Genelício] p. 38
IV. Desastrosas conseqüências de um requerimento p. 41
V. [O *bibelot*] p. 47
Livro II – I. Na "Fartura" p. 51
II. Espinhos e flores p. 56
III. O gigante Golias p. 62
IV. "Peço energia. Sigo já." p. 68
V. O trovador p. 74
Livro III – I. Patriotas p. 80
II. Voce, Quaresma, é um visionário p. 86
III. ... E tornaram logo silenciosos p. 94
IV. O Boqueirão p. 100

b. Edição diplomática: p. 109
Capas p. 110
I. A lição de violão p. 114
II. Reformas radicais p. 156
III. [A notícia do Genelício] p. 182
IV. Desastrosas conseqüências de um requerimento p. 200
V. [O *bibelot*] p. 230
2ª. parte – I. Na "Fartura" p. 252
II. Espinhos e flores p. 282
III. O gigante Golias p. 312
IV. "Peço energia. Sigo já." p. 346
V. O trovador p. 380
Livro III – I. Patriotas p. 408
II. Voce, Quaresma, é um visionário p. 446
III. ... E tornaram logo silenciosos... p. 482

IV. O Boqueirão p. 516

c. Exemplos da edição diplomática em curso: p. 551

IV. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. p. 559

Resumo p. 561
Livro I – I. A lição de violão p. 563
II. Reformas radicais p. 572
III. A notícia do Genelício p. 582
IV. Desastrosas conseqüências de um requerimento p. 592
V. O *bibelot* p. 602
Livro II – I. No "Sossego" p. 611
II. Espinhos e flores p. 619
III. Golias p. 628
IV. "Peço energia, sigo já" p. 640
V. O trovador p. 650
Livro III – I. Patriotas p. 659
II. Voce, Quaresma, é um visionário p. 670
III. ... E tornaram logo silenciosos... p. 680
IV. Boqueirão p. 690
V. A afilhada p. 701
Fac-símiles do *Jornal do Commercio* p. 709